D. António Caetano de Sousa

Agiológio Lusitano

TOMO IV



PORTO
MMII

D. António Caetano de Sousa

Agiológio Lusitano

Edição Facsimilada

T O M O I V

Porto
MMII

AGIOLÓGIO LUSITANO
EDIÇÃO FACSIMILADA
TOMO IV

da autoria de
D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA

Edição da
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Organização, estudo e índices de
MARIA DE LURDES CORREIA FERNANDES (TOMO V)

Tiragem
500 EXEMPLARES

Depósito legal 181340/02

ISBN 972-9350-69-8

AGIOLOGIO LUSITANO,

DOS

SANTOS, E VARÕES

ILLUSTRES EM VIRTUDE

Do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

AGIOLOGIO LUSITANO,

DOS

SANTOS, E VARÕES

ILLUSTRES EM VIRTUDE

Do Reino de Portugal, e ſuas Conquiſtas;

CONSAGRADO

Á IMMACULADA

CONCEIÇAÕ

DA VIRGEM

MARIA

SENHORA NOSSA,

PADROEIRA DO REINO,

COMPOSTO

POR D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,

C. R. Deputado da Junta da Bulla da Cruzada.

TOMO IV.

Que comprehende os dous mezes de Julho, e Agoſto, e com ſeus Commentarios.

LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XLIV.

Com todas as licenças neceſſarias.

À VIRGEM MARIA SENHORA NOSSA, NA SUA PURISSIMA CONCEIÇAÕ.



ESDE o berço vos reconhece Immaculada, Puriſſima Virgem, a Naçaõ Luſitana; pois (ſe devemos dar cre-

credito ao que publica a tradiçaõ) naquelle feliz tempo, em que déſtes luz ao Mundo com o voſſo ſagrado Naſcimento, declarou em Lisboa a innocencia de huma menina de tres mezes, a original pureza da voſſa Conceiçaõ admiravel. Foy a innocencia de Domilia, venturoſa filha deſta inſigne Cidade, a que nella apregoou milagroſamente os Privilegios da voſſa innocencia, para que ſe viſſe, que já deſde entaõ deſtinava o Ceo eſte ditoſo Emporio da Europa para theatro das voſſas glorias, pois deſde aquelle tempo ſe ouviaõ nella os prodigioſos elogios da voſſa graça. Eſtas vozes ſe introduziraõ taõ altamente nos coraçõens dos Portuguezes, que a piedade ſoberana de ſeus Principes, em religioſa ſatisfaçaõ do ſeu amor, ſugeitou à Pureza da voſſa Conceiçaõ os dilatados Dominios de ſeu Sceptro, fazendo-vos Protectora, e Padroeira de todos os ſeus Reynos. Eſte obſequio univerſal ſegue tambem a minha rendida de-

devoçaõ, conſagrando o Quarto Tomo do Agiologio Luſitano ao Myſterio da voſſa Puriſſima Conceiçaõ. Nem devia de buſcar eſta Obra outro patrocinio; pois além de vós ſerdes a Rainha de todos os Bemaventurados, que vivem na Gloria, era razaõ, que as Vidas daquelles, que foraõ vaſſallos deſte voſſo Reyno, como fundado por voſſo Filho, alcançaſſem o voſſo amparo, e a voſſa protecçaõ: e já que elles mereceraõ na Celeſte Jeruſalem taõ alto premio das ſuas virtudes, lembrayvos, Senhora, de quem (proſtrado na voſſa preſença com o devido acatamento) vos offerece, com hum coraçaõ devotamente obſequioſo, o trabalho deſta Obra, eſperando alcançar pela qualidade da offerta, o que naõ merece pela indignidade da peſſoa.

Nas Vidas de tantos Santos, e Varões inſignes em Santidade, como ſaõ as que comprehende eſte Volume, venera o Mundo a ſagrada ſombra do voſſo patrocinio. E que aſſim como as virtudes

ſe

ſe praticaraõ heroicamente com taõ ſoberano favor; tambem eſta voſſa Monarchia conſegue o premio da voſſa piedade, na glorioſa Peſſoa de ſeu Piiſſimo Monarca, que com publicas, e generoſas demonſtrações venera o dia da Immaculada Pureza da voſſa Conceiçaõ. Sejaõ tantas as ſuas felicidades, que pareça o unico depoſito do voſſo amor; pois naõ póde correſponder com menos grandeza a voſſa gratidaõ à ſua Real, e piiſſima generoſidade. Para que a voſſa gloria foſſe mais dignamente louvada, e engrandecida, fez publica em todo o Reyno a ſua devoçaõ com Cartas firmadas da ſua Real maõ, a 12 de Novembro do anno 1717, eſcritas a todos os Prelados, em que lhes encommenda ſeja celebrada nas ſuas Dioceſis a Feſta da Conceiçaõ com toda a ſolemnidade, que manda a Igreja. Do culto eſpecial com que vos venera eſte Reyno, diremos no dia 8 de Dezembro.

Seja

Seja pois (Puriſſima Senhora) tanto zelo acredor da voſſa Protecçaõ, para que cada dia ſejaõ as grandezas da voſſa graça mais glorioſamente exaltadas; e amim me amparay no trabalho immenſo deſta Obra, para que recebendo do voſſo patrocinio forças para continuar, poſſa dar a conhecer ao Mundo, para gloria de voſſo Filho Santiſſimo, voſſa, e deſte voſſo Reyno de Portugal, as virtudes dos Santos, e Varões juſtos, que nelle floreceraõ.

D. Antonio Caetano de Souſa, C. R.

A QUEM LER.

NO anno de 1666, ſe imprimio o terceiro Tomo do Agiologio Luſitano (oito annos antes, que viſſemos a luz do dia,) e deſde entaõ eſtá ſuſpenſa a continuaçaõ deſta grande Obra. Naõ baſtaõ muitas vezes eſtudos grandes para ſe dar ultimo complemento ao que ſe tem delineado; porque paſſados os annos da idade robuſta, entra a velhice acompanhada ordinariamente de achaques, e faz ſuſpender a mais bem determinada idéa, e o mais glorioſo trabalho. Aſſim ſuccedeo ao Licenciado Jorge Cardoſo, que tendo dado feliz principio a eſta Obra, naõ pode vencer com os ſeus largos eſtudos, e vaſta liçaõ, que teve da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular, e ainda das profanas, como ſe vê dos ſeus eruditos Commentarios, o dar fim ao que tinha prometido, fazendo ponto nos primeiros ſeis mezes; porque falto de ſaude naõ podia adiantar a Obra, ainda que neſte tempo lhe fez a grandeza del Rey D. Affonſo VI. merce de huma tença de cem mil reis, para ter hum Amanuenſe (ſem o que he impoſſivel eſcrever Obras dilatadas) como conſta do Alvará deſta merce, que vimos na Torre do Tombo, no liv. 27. fol. 452, da ſua Chancellaria.

He a Obra do Agiologio Luſitano univerſalmente deſejada, naõ ſó dos devotos, mas ainda dos doutos, e de todos os amantes da Patria, que ſabem, que a Naçaõ Portugueza naõ he menos fecunda de Virtudes, do que de Letras, e Armas; porque em todos os ſeculos produzio Varões inſignes, e Heroes de Santidade, dignos de eterna memoria, como publica (em diverſos Idiomas) de muitos a fama; mas a pouca curioſidade dos noſſos meſmos naturaes, mais dados a obrar, do que a eſcrever, (por naõ dizermos outra couſa) de tudo ſe tem deſcuidado em todo o tempo; porque naõ ſaõ taõ dados como as outras Nações a fazer valer as ſuas memorias, publicando-as, antes que o tempo as ſepulte, queixa taõ irremediavel, que ſempre entre nós ſerá ſentida; porque ainda do noſſo meſmo tempo, tal vez ſe queixáraõ os vindouros, por naõ acharem eſcritas muitas acções, que os noſſos obraraõ, dignas de enveja: e poderá ſer, que outros o façaõ com differente noticia, ou para melhor dizer, affeiçaõ, do que ellas mereciaõ.

Eſte deſejo de ver completo o circulo do anno do Agio-

logio Luſitano, nos levou inconſideradamente a proſeguir os ultimos ſeis mezes, que faltavaõ deſta Obra, negandonos tal vez a outros eſtudos, ſenaõ mais uteis ao publico, ao menos de mais genio noſſo. Arduo empenho foy eſte para as noſſas forças; porque além de ſer largo o eſtudo, e naõ baſtar para o vencer a liçaõ da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular, naõ ſó do noſſo Reyno, mas dos eſtranhos, nos era preciſo indagar noticias, vendo por muitas vezes os Archivos Reaes, e outros particulares das Religioens, e procurar muita gente de genio aveço, e pouco favorecedora da curioſidade; e por eſta cauſa nos ſerá preciſo dizer, naõ ſem magoa, que ſaõ muito poucas as peſſoas, que com noticias nos ajudaraõ para eſta Obra. A alguns Biſpos eſcrevemos; huns ſe eſcuſaraõ com palavras geraes, e outros ſe naõ dignaraõ de nos reſponder, como ſe os importunaſſemos com a petiçaõ de eſmolas, de que o noſſo Inſtituto nos eximio. Em alguns Prelados das Religioens experimentámos pontual cuidado, e em outros nenhum; porque deſta variedade de genios ſe compoem o Mundo.

Diſſemos, que inconſideradamente entrámos na continuaçaõ deſta Obra, porque ao principio naõ foy mais, que curioſidade, ſem reparar no trabalho, que requeria Obra taõ dilatada, pelo que em ſi comprehende, e com pouca tençaõ de lhe darmos fim. Neſta fórma principiámos a ajuntar materiais para a ſua compoſiçaõ. Creſcia com o eſtudo o deſejo de encher todos os dias de peſſoas dignas do Agiologio, com tal exacçaõ, que naõ era da noſſa eleiçaõ darlhe os dias, ſenaõ os que lhe apontavaõ os Authores. Iſto ſobre grande trabalho nos conſumio muito tempo, e deſta ſorte inſenſivelmente quando menos o imaginámos, nos achámos empenhados a haver de proſeguilla, ſem reparar, que o debil do noſſo eſtudo naõ tinha hombros para taõ grande machina. Neſta taõ juſta deſconfiança, nos deu grande animo o ſaber, que era a ſua continuaçaõ do agrado delRey Noſſo Senhor, que Deos guarde, de cujas incomparaveis virtudes, naõ he a menor a applicaçaõ, que tem a todo o genero de eſtudos, pelo verdadeiro conhecimento, que tem alcançado da univerſal Filologia, e por eſta cauſa acha certo amparo todo o curioſo na ſua Real benignidade. A' ſua grandeza deveo a noſſa inſufficiencia entaõ a merce de huma larga penſaõ annual, e na verdade confeſſamos, que a naõ ſer a ſua Real piedade, nos ſeria impoſſivel adiantarmonos; e aſſim ingenuamente confeſſamos, que havendo

vendo alguns annos, que tinhamos dado principio à continuaçaõ deſta Obra, podemos com verdade affirmar, naõ paſſarem de tres os em que formámos eſte Tomo.

Quando nos vimos favorecidos com eſta merce, nos pareceo, que ſó com o trabalho podiamos vencer a Obra, pois tinhamos com que ſupprir as inevitaveis deſpezas, que ſaõ precizas, que ainda que naõ ſaõ grandes, ſaõ mayores, do que a pobreza do Inſtituto, que profeſſamos; mas em breve conhecémos, que nos enganavamos, por naõ ſer poſſivel alcançar às noſſas mãos o peculio, que em trinta annos de eſtudo ajuntou o Licenciado Jorge Cardoſo, ficando no ſeu poder muitos papeis originaes, que allega, e nós depois buſcámos nos Archivos donde eraõ, e os naõ achámos, e temos por ſem duvida, que eſtaõ incorporados nos livros das memorias, que juntou para o Agiologio, e conforme o Catalogo que vimos, fazem hum grande corpo de Volumes, entre livros de folha, de quarto, e de oitavo, que com diverſos titulos teve em ſeu poder, a ſaber: *Luſitaniæ Sanctorum Codices*; *Antiquitas Luſitaniæ*; *Varias noticias de Fundações*; *Varias noticias de Santos Portuguezes*; *Varias de Antiguidades*; *Chronicon Rerum Bracharenſium*; *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Evora*; *Theatro das Igrejas de Portugal*; e muitos papeis, que debaixo de outros titulos ajuntou. Todos eſtes livros de memorias ficaraõ na livraria, que deixou por ſua morte ao Eminentiſſimo Cardeal de Souſa, entaõ Arcebiſpo de Lisboa, que nós naõ tivemos a fortuna de alcançar, depois que emprendemos a continuaçaõ do Agiologio, que como favorecedor dos eſtudioſos, e Prelado pio, podemos crer da liberalidade do ſeu animo, fiaria de nós todos eſtes papeis, que ficaraõ na ſua numeroſa livraria, que com magoa vimos deſpedaçar, e paſſar a diverſos dominios, o que com tanto trabalho, e cuidado, ſe ajuntou. Na parte, que ſe conſerva na Caſa de Arronches, ficaraõ os manuſcritos, e entre elles os de cuja falta nos lamentamos, por naõ podermos achar caminho de os haver às noſſas mãos, nem ainda por empreſtimo, ſendo eſtes papeis por direito noſſos, por huma doaçaõ publica de ſeu dono, que naõ póde padecer duvida; pois o Licenciado Jorge Cardoſo a fez no Prologo do terceiro Tomo, que eſtampou em ſua vida, onde diz as palavras ſeguintes:

E por quanto a Obra he dilatada, e requere muito ocio, e ſaude robuſta, de que nos vemos faltos, e os typos, e pre-

los

los domeſticos nenhum goſto daõ aos AA. antes os diſſabo reaõ, e mortificaõ de tal modo, que a muitos lhes he mais facil compor, que eſtampar, com tudo já paſſaramos por iſto, ſe houvera neſte Reyno premios para elles, como ha nos outros, que os Portuguezes ſaõ laborioſos, de grande engenho, e habilidade, cujos eſcritos ſaõ mais eruditos, e fundamentaes, que muitos dos noſſos viſinhos. Pelo que offerecemos gratuitamente aos zeloſos da Patria, que deſejaõ promover ſuas glorias o peculio, que para os ſeis mezes que faltaõ, temos acquirido em trinta annos com tanto deſvelo, indefeſo eſtudo, e conſideravel diſpendio, ſem alguma eſpectativa, ou emolumento temporal, ſuccedendonos o meſmo, que ao Poeta Ovidio nos ſeus Faſtos.

Deſta publica eſcritura, que outra couſa ſe póde dizer, ſenaõ, que he noſſo todo o peculio do Licenciado Jorge Cardoſo, e que o deixou depoſitado na livraria do Eminentiſſimo Cardeal de Souſa, para no lo entregar, e que eſtá em reſtituiçaõ quem os retém em ſeu poder, naõ ſó a nós, mas a toda a Naçaõ Portugueza em geral, por fazer perecer ſepultadas no eſquecimento aquellas acções, que foraõ glorioſas diante de Deos, e ſeriaõ de grande utilidade à veneraçaõ dos devotos.

Parece, que ſegundo o eſtylo dos Prologos, deviamos conciliar os animos dos Leitores, couſa bem eſcuſada; porque ſe naõ coſtumaõ deixar de cenſurar os erros com pedir perdaõ delles. Quem achar que emmendar, nos fará hum grande favor em no lo communicar, para que nos ſeguintes Tomos o poſſamos ſatisfazer; porque inda, que o compor para imprimir, he como quem ſe confeſſa para morrer (dizia hum homem erudito) nós como naõ acabamos neſte livro a Obra, ſempre nos fica lugar para nos reconciliarmos nos que ſe ſeguem. Neſta conformidade acho por tempo perdido toda a deſculpa, principalmente quando nós naõ pertendemos ſervir à vaidade, em querer oſtentar noticias, nem menos elegancia de eſtylo; porque proſeguimos eſta Obra, ſómente com o deſejo de que aproveite a liçaõ della aos bem inclinados, e devotos dos Santos, e Varões inſignes em virtude noſſos Portuguezes, por cuja gloria eſcrevemos; e aſſim nos ſatisfazemos, que elles aceitem o ſincéro do noſſo coraçaõ, ſem que nos cauſe diſſabor, que ſe tenha o eſtylo por pouco polido, ou menos enfeitado; porque nós ſó pertendemos fallar a noſſa lingua ſem affectaçaõ, e ſem adorno, para que a todos ſeja

per-

perceptivel, accommodandonos com alguns termos proprios do eſtylo de Martyrologio, de que nos foy preciſo uſar, ainda que poucas vezes, como *Obito*, *dormir em o Senhor*, e outros por livrar da repetiçaõ, que em caſos taõ ſemelhantes he inevitavel, como já obſervou o Licenciado Jorge Cardoſo. Aſſim nos perſuadimos, que naõ parecerá bem a todos o noſſo eſtylo, mas tambem que haverá alguns, que o approvem, e com o agrado deſtes nos ſatisfazemos. Da variedade de opiniões, que temos obſervado ſobre varios Authores, que merecem a publica veneraçaõ, ainda fazemos menos caſo do que diraõ; porque do eſtylo de Tito Livio ouvimos dizer, que era acunhado; e paſſando aos noſſos naturaes, que o de Fr. Luiz de Souſa naõ era texto na lingua; que o de Jacinto Freire ſe podia ſofrer por Panegyrico; que Joaõ de Barros já era antigo para ſe ſeguir; e finalmente, ha homens, que o ſeu eſtudo he dizer mal, e applicar a ſua liçaõ para critica, fundada na conſonancia, que lhe fazem as palavras, que dizem, quando a ſi meſmos ſe eſcutaõ, e neſta coſtumada converſaçaõ paſſaõ o tempo, ſem que dos ſeus eſtudos viſſe o publico utilidade alguma, nem darem aos curioſos, que lhes emmendem nos partos dos ſeus entendimentos; porque eſtes nunca ſahiraõ a luz, nem chegaraõ a ſer gerados, por ſerem infecundos. E ſe daquelles Meſtres de eſtylo vejo mal contentes, que poſſo eu eſperar dos meus eſcritos? Tal he a variedade dos genios, como a dos goſtos. Huns me diziaõ, que foſſem as Vidas de que trato muy ſuccintas, e os Commentarios largos, e outros pelo contrario; niſto buſcámos hum meyo, naõ ſey ſe com felicidade, mas certamente com trabalho. A alguns lhes parecia, que naõ tiveſſe Commentarios, e que incorporaſſe no Texto, o que elles contém, allegando às margens os Authores, como ſe quando nos ſugeitámos a eſta continuaçaõ, naõ foſſemos obrigados a obſervar o methodo, com que ſeu primeiro Author lhe deu principio.

No que toca a algumas opiniões, ou ſejaõ de pontos de Hiſtoria, ou de Geografia, ſobre a arrumaçaõ de algumas terras, que nos Commentarios tratámos, como allegamos Authores, que achamos ſerem mais exactos, nos naõ fica eſcrupulo, ainda que em outros ſe ache o contrario. Finalmente, quem tiver a charidade de nos querer emmendar os noſſos erros, lhe tornamos a dizer, que o eſtimaremos; porque com toda a docilidade receberemos as advertencias, como quem reco-

reconhece a critica prudente por materia muy proveitoſa em todo o genero de eſtudos, e ſe emmendarem com ella os defeitos, e ſe conſeguir com as obſervaçõ̃es dos doutos, chegarem as Obras à ſua ultima perfeiçaõ̃, o que de outra ſorte rara vez ſe alcança.

Vále.

LICEN-

LICENÇAS.

Da Religiaõ.

NOs hic ſubſcripti, juſſu Reverendiſſimi P. D. Caietani de Alexandris Congregationis noſtræ Præpoſiti Generalis, perlegimus librum, qui inſcribitur: *Agiologio Luſitano*, Luſitanice ſcriptum à R. P. D. Antonio Caietano de Souſa hujus Domus Præpoſito, & nihil in eo reperimus, vel fidei, vel morum probitati diſſonum, ideoque luce dignum cenſemus. Ulyſſippone in noſtris Ædibus Sanctæ MARIÆ de Divina Providentia, die vigeſima Octobris 1721.

D. Caietanus Barboſa, C. R.

D. Emmanuel Caietanus de Souſa, C. R.

D. Caietanus de Alexandris, Congregationis Clericorum Regularium Præpoſitus Generalis.

HOc Opus inſcriptum: *Agiologio Luſitano*, compoſitum à Patre Præpoſito D. Antonio Caietano de Souſa, Qualificatore Sancti Officii Ulyſſipponis, & noſtræ Congregationis Theologo, & juxta aſſertionem Patrum, quibus id commiſſimus approbatum, ut Typis mandetur, quoad nos ſpectat, facultatem concedimus, in quorum fidem præſentes literas manu propia ſubſcripſimus, & ſolito noſtro ſigillo firmavimus. Romæ die 13 Decembris 1721.

D. Caietanus de Alexandris,
Præpoſitus Generalis, C. R.

D. Joannes Petrus Bergantini,
C. R. Secretarius.

Do Santo Officio.

Cenſura do P. M. Joaõ Col, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria.

EMINENTISSIMO SENHOR.

NEſte Tomo, que Voſſa Eminencia me mandou rever; continùa o erudito P. D. Antonio Caetano de Souſa, Clerigo Regular da Divina Providencia o *Agiologio Luſitano*, de que foy primeiro Author o Licenciado Jorge Cardoſo, a quem podemos applicar o que de ſi dizia o Santo Job: *Ego habui menſes vacuos, & noctes laborioſas enumeravi mihi*; porque ſendo a ſua Obra de grande trabalho, e de muitas noites, e vigilias, ainda deixou nella ſeis mezes vazios; e eſtes ſaõ os que agora vay enchendo de Santos, e Varões inſignes em virtude o P. D. Antonio Caetano de Souſa, com o meſmo zelo com que Adon procurou tambem ſupprir os dias que faltavaõ no Martyrologio de Beda.

No diſcurſo deſte Agiologio reconhecerá o Leitor tiradas dos Annaes Antigos, e notadas pelos ſeus dias as acções ſagradas. Nelle achará as Feſtas proprias do noſſo Reyno, que deve reputar por domeſticas; e algumas vezes poderá lêr com eſpecial goſto as virtudes de ſeus meſmos progenitores. De ſorte, que em recommendaçaõ deſta Obra podera dizer o Author com tanta propriedade como verdade, o que Ovidio em louvor dos ſeus Faſtos diria com razaõ, ſe elles por ſerem Gentilicos, naõ foraõ dignos de deſprezo:

Sacra recognoſces Annalibus eruta priſcis,
Et quo ſit merito quæque notata dies.
Invenies illic & feſta domeſtica vobis:
Sæpe tibi pater eſt, ſæpe legendus avus.

Finalmente, eſta Obra he hum Santuario da Luſitania, em que tudo o que ſe expoem, he naõ ſó veneravel, mas utiliſſimo, para conſervar a pureza da Fé, para conciliar a devoçaõ, e reformar os coſtumes; porque os exemplos, e virtudes dos Santos, tambem tem virtude para fazer Santos. Eſte he o meu parecer. Lisboa Occidental, e Congregaçaõ do Oratorio em 27 de Agoſto de 1736.

Joaõ Col.

Cen-

Cenſura do P. M. Fr. Henrique de Santo Antonio, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESte Volume, que Voſſa Eminencia me manda rever, integra o quarto Tomo do *Agiologio Luſitano*, e comprehende as maravilhoſas Vidas dos Santos, e Varões illuſtres, que nos mezes de Julho, e Agoſto deraõ à Bemaventurança eſta noſſa feliciſſima Monarchia, e as ſuas glorioſas Conquiſtas, em que o valor, e a virtude ſempre contenderaõ: eſta ſobre a multidaõ das palmas, e coroas, que produzio no Ceo; aquella ſobre o cumulo dos triunfos, e victorias, que alcançou na terra. He ſeu Author o P. D. Antonio Caetano de Souſa, eſplendor, e ornamento da Sagrada Familia Theatina da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e digniſſimo Academico do Numero da Academia Real. Goſtoſa foy para mim a obediencia da ſua liçaõ; mas eſcrupuloſa parecerá a da minha cenſura, pondo-lhe ſuſpeições quem conhecer a intima amiſade, que profeſſo com o Author, e a eſtimavel honra do parenteſco, que delle recebo; ſenaõ advertir, que as ſuas Obras tem já no trato do Mundo conſeguido huma taõ geral, e merecida approvaçaõ, que à ſua viſta mais ſe julgará ſer a minha deſneceſſaria, do que ſuſpeitoſa; como já de outra, naõ ſey ſe com menos razaõ, diſſe Caſſiodoro: *Fruſtra ad cenſuram proponitur, qui tantis titulis approbatus eſt.* *Caſſiodor. Enod. lib. 7. ep. 19.*

A Obra do noſſo Agiologio he taõ grande como todo o Mundo; porque a todo encheraõ, e illuſtraraõ as immenſas luzes da ſantidade Portugueza; e por iſſo o pezo deſta machina neceſſitava de dous Athlantes, por quem igualmente ſe repartiſſe, viſto ſer ainda mayor, do que os robuſtos hombros de hum ſó. O primeiro teve a felicidade na primazia de a intentar toda, e no acerto de eſcrever ſó metade della, que apenas coube nos ſeus muitos eſtudos, e annos: eſte ſegundo tem a gloria de pôr fim aos ardentes deſejos, que a todo o Portugal, e ſeus Dominios martyrizaõ ha ſetenta annos, ſuſpirando ſempre nelles a continuaçaõ, e concluſaõ dos ſeguintes ſeis mezes, cujos dias, ſendo atégora hum ſucceſſivo, e exceſſivo tormento para a ſua eſperança, agora he cada hum o ſeu mayor goſto, pela poſſe de tantos annos, e taõ puros eſpelhos

da virtude, que o Author propoem na agradavel liçaõ dos ſeus Santos: *Delectabar per ſingulos dies*: he cada hum o ſeu mayor goſto pela ſeparaçaõ, e diſtincçaõ, que nelle ſe vê dos ſeus doutiſſimos Commentarios: *Delectabar per ſingulas operis diſtinctiones*: he cada hum o ſeu mayor goſto, por ver nelle felizmente continuado eſte ſeu Agiologio, no qual nada ha imperfeito; porque nenhuma noticia ſe póde deſejar nelle por diminuiçaõ, nem arguir por ſuperfluidade: *Delectabar per ſingulos dies, quia nihil imperfectum, nihil mutilum, nihil imminutum; nihil denique, in cujus natura aliquid requiri poſſet, aut ad cujus uſum quidquam minimè neceſſarium redundaret.*

Prov. 8. v. 30.

Hug. Card. hic.

Hyer. Oſſor. hic.

Trinta annos gaſtou o memoravel Jorge Cardoſo neſte taõ louvavel exercicio; e naõ me conſta, que divertiſſe nelles o ſeu grande eſtudo para outros diverſos: porém o ſeu reſpeitavel ſucceſſor applicado, e empenhado ſempre em acreditar a noſſa Naçaõ, e enriquecer as livrarias, e Academias, com os precioſos theſouros de varias Obras ſuas, principalmente com a da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza, para cujo grande edificio baſtando elle ſó, ſeriaõ poucos muitos homens adornados de todo o genero de erudiçaõ, e verſados nas Hiſtorias do Mundo; ainda aſſim confeſſa (o que excede a eſféra da admiraçaõ) naõ ſerem paſſados mais de tres annos, em que proſegue o trabalho deſte Agiologio, faltando-lhe para elle, o que ainda he mais, aquelle copioſiſſimo apparato de noticias, de memorias, de documentos authenticos, e ſobre tudo aquelle taõ avultado corpo de volumes pertencentes a eſte aſſumpto, que como precioſiſſimo legado lhe deixou o ſeu anteceſſor, tendo-ſelhe atégora, ou por malicia, ou por enveja, injuſtamente roubado: ſe acaſo naõ he por induſtria diabolica, para deſta ſorte ſe impoſſibilitar a penna na eſcritura de huma Hiſtoria taõ glorioſa para Deos ſempre admiravel nos ſeus Santos, taõ dignas acçõeſ prodigioſas deſtes, e taõ proveitoſa para imitaçaõ, e refórma das conſciencias: mas toda eſta ſenſivel falta, além da que experimentou na meſma attençaõ dos mais dos Prelados deſte Reyno, como no ſeu Prologo ateſta o Author, venceo a ſua comprehenſaõ a ſua continua liçaõ, e infatigavel deligencia; para moſtrar aſſim a Providencia Divina, que para eſte ſeu filho deſempenhar com mayor perfeiçaõ o ſeu apoſtolico Inſtituto, naõ lhe era neceſſario herdar memorias, nem pedir noticias; porque a meſma Providencia, que como Meſtra enſinou aos Sagrados Apoſtolos o que deviaõ fallar,

lar: *Dabitur enim vobis in illa hora, quid loquamini*, ſubminiſ- *Matth. 10. v. 19.*
traria como Mãy a eſte imitador dos meſmos Apoſtolos, tudo o que havia eſcrever.

Aſſim creyo eu julgará piamente, quem com madura reflexaõ, e mais alta conſideraçaõ, do que a minha, ponderar o referido, e vir brevemente concluida eſta ſuſpirada Obra, que agora ſe continûa ſó com o ſuccinto eſtudo de tres annos, e ſem o ſubſidio das noticias, e memorias, que no dilatado eſpaço de trinta ajuntou quem lhe deu principio: e tambem agora verá nella deſempenhados todos os preceitos da Hiſtoria, e ſobre todos o mais difficil, que he o da verdade, com que o Authior falla, e da rara pureza de eſtylo, com que eſcreve ſempre grave, natural, erudito, e ſummamente claro. A' viſta do que bem póde com o Doutor Maximo dizer a todos: *Ne à me quæras pueriles declamationes, ſententiarum floſculos, verborum lenocinia ... & quæ plauſus, & clamores excitent audientium.* *D. Hyer. ep. ad Nepot:*
Por cuja cauſa deve a noſſa Monarchia toda, dar immortaes graças ao Authior, por lhe dar taõ goſtoſa liçaõ no ſeu Agiologio, e nelle hum Santuario, para a ſua veneraçaõ, e imitaçaõ; e eſtas meſmas, e ainda mayores gratificações receberá em copioſos beneficios de todos aquelles Santos, e Varões de aſſignalada virtude, cujas Vidas eſcreve, que eſtando já eterniſados no livro da vida, torna neſte ſeu livro a eterniſallos na vida da memoria, ſendo eſte o mais condigno premio do ſeu trabalho, todo ordenado à mayor exaltaçaõ da noſſa ſanta Fé, e à pureza dos bons coſtumes; e por iſſo o julgo digno naõ menos da eſtimaçaõ do Mundo, que da licença de Voſſa Eminencia, para ſe mandar ao Prelo. Lisboa Occidental, Convento do Santiſſimo Sacramento da Ordem de S. Paulo I. Eremita, 16 de Novembro de 1736.

Fr. Henrique de Santo Antonio.

VIſtas as informações, póde-ſe imprimir o IV. Tomo do *Agiologio Luſitano*, que comprehende os mezes de Julho, e Agoſto, e de que he Authior o Padre D. Antonio Caetano de Souſa; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 20 de Novembro de 1736.

Fr. R. Alancaſtre. Teixeira. Sylva. Soares. Abreu.

Do

Do Ordinario.

PÓde-ſe imprimir o Livro de que ſe trata; e depois de impreſſo tornará, para ſe conferir, e dar licença, para que corra: ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 21 de Novembro de 1736.

Gouvea.

Do Deſembargo do Paço.

Cenſura de D. Franciſco de Almeida, Deputado do Santo Officio, Arcediago de S. Pedro de Franca no Biſpado de Vizeu, e Academico do Numero da Academia Real da Hiſtoria.

SENHOR.

MUitos annos ha, que em Portugal, e fóra delle ſe deſeja a continuaçaõ do *Agiologio Luſitano*, que o Licenciado Jorge Cardoſo eſcreveo até o fim do mez de Junho. A difficuldade da empreza foy cauſa de que atégora naõ houveſſe quem ſe atreveſſe a continuar huma Obra de tanto credito, e de tanto luſtre, para o Reyno de Portugal, e ſeus Dominios. O Licenciado Jorge Cardoſo, em varios lugares dos ſeus tres Tomos, affirma, que tinha ajuntado os materiaes para os ſeis mezes ultimos; e no Prologo do Tomo III. faz expreſſa doaçaõ do peculio, que tinha para eſta Obra, a quem quizeſſe continualla, o que elle já naõ podia fazer por falta de ſaude: mas atégora naõ appareceraõ eſtes papeis, nem ſe ſabe quem ſeja obrigado a cumprir aquella diſpoſiçaõ, e a dar conta do tal peculio. Por eſta razaõ naõ faltou já quem diſſeſſe, que Jorge Cardoſo naõ deixara couſa alguma, nem fazia tençaõ de continuar a Obra, e por iſſo nos mezes de Mayo, e Junho, em alguns dias referira as Vidas de varios Servos de Deos, que morreraõ nos dias dos mezes ſeguintes. Naõ creyo, que Jorge Cardoſo fallaſſe taõ expreſſamente, ſe lhe faltaſſem as memorias para os ultimos ſeis mezes, e tenho por indubitavel, que elle tinha o que lhe era neceſſario para elles; nem era poſſivel que no eſpaço de trinta annos, que trabalhou neſta materia ſem ſe applicar a outras, ajuntaſſe ſómente o preciſo para os primeiros

ſeis

ſeis mezes. He certo porém, que por naõ apparecerem as ditas memorias, hiaõ os eruditos, os curioſos, e os devotos, perdendo as eſperanças de verem a continuaçaõ de huma Obra, que a todos edifica, inſtrue, e enſina; porque para poder continualla ſe fazia preciſo principiar como de novo, e ajuntar com grande trabalho os materiaes para ella.

Naõ atemoriſaraõ, com tudo, eſtas difficuldades ao Padre D. Antonio Caetano de Souſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, e metendo as mãos à Obra ſem outro ſoccorro mais que a Divina Providencia, a ſua laborioſa, e incanſavel deligencia, e fadiga, ſoube vencer innumeraveis obſtaculos. E depois de ver, e examinar, o que ſe acha nos livros impreſſos, e manuſcritos, e nas memorias reconditas dos Conventos, e Moſteiros do Reyno, e Conquiſtas, entrou a diſpor a Obra, ſeguindo o meſmo methodo de Jorge Cardoſo, e neſte Tomo, que appreſenta, continùa o dito Agiologio Luſitano, nos mezes de Julho, e Agoſto, e promette concluîr de todo eſta grande Obra.

A grande exacçaõ com que eſte doutiſſimo Padre tem eſcrito a Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza, na qual ſe obſerva hum profundo conhecimento da Hiſtoria de Portugal, e de todos os Principes da Europa, huma critica judicioſa, e huma verdade inalteravel, podiaõ ſervir a eſta Obra da melhor cenſura.

Mas ſe com aquella grande Obra ſoube merecer o applauſo univerſal, naõ ſerá menor a gloria, que lhe reſulte deſta nada menos eſtimada compoſiçaõ. E naõ cauſará pequeno eſpanto ver, que hum homem ſó ao meſmo tempo, que eſtava occupado na melhor Hiſtoria Secular, eſcreva com tanta felicidade a parte mais dilatada da Hiſtoria Eccleſiaſtica, na qual propoem os melhores exemplares da virtude para a ſua imitaçaõ: examina com o criſol da mais judicioſa critica, a verdadeira exiſtencia, ou o que ſe deve ter por certo daquelles Santos, que canonizou a indiſcreta piedade de alguns Eſcritores; e apura a verdade, ou falſidade das tradições de muitas Igrejas, ſem que o preoccupaſſe o amor, e affecto à ſua Patria, defeito em que cahiraõ muitos, e graves Authores. E aſſim meſmo declara nos ſeus doutos Commentarios a verdadeira ſituaçaõ de muitas terras, das quaes apenas ſabiamos o nome, e a Provincia onde exiſtiaõ; a entrada de varias Religiões neſte Reyno, ſem as fabulas que coſtumaõ tirarlhe o credito; e a mais certa fundaçaõ de grande parte dos ſeus Conventos.

Final-

Finalmente, Senhor, a melhor cenſura, que pode ter eſta Obra, he ella meſma, pela ſua materia, e pelo ſeu Author. Pelo ſeu Author, por ſer aſſaz conhecida a ſua exacçaõ, verdade, e erudiçaõ. E pela ſua materia; porque ſendo eſtimada a Obra de Jorge Cardoſo, e deſejada a ſua continuaçaõ; ſendo eſta a mais apurada, e ſem aquelles defeitos, de que he arguîda a Obra de Jorge Cardoſo, neceſſariamente ha de ſer eſtimada, e applaudida, e de grande gloria para Portugal.

Por todas eſtas razoens, e porque eſta Obra em nada offende as Leys de Voſſa Mageſtade, me parece naõ ſó que Voſſa Mageſtade lhe dé licença para ſe imprimir, ſenaõ tambem, que conceda ao Author a ſua Real protecçaõ, para que com eſte nobre eſtimulo conclua com a poſſivel brevidade huma Obra, em que igualmente ſe intereſſaõ os curioſos, os eruditos, e os devotos. Voſſa Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Oriental, 28 de Fevereiro de 1737.

D. Franciſco de Almeida.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taxar, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental, 9 de Março de 1737.

Pereira. *Teixeira.*

VIſto eſtar conforme com o Original, póde correr. Liſboa, 18 de Setembro de 1744.

Fr.R.Lancaſtre. *Sylva.* *Soares.* *Abreu.* *Amaral.*

PÒde correr. Lisboa, 19 de Setembro de 1744.

D. J. A. de Lacedemonia.

TAxaõ eſte livro em mil e oito centos reis. Lisboa, 24 de Setembro de 1744.

Vaz de Carvalho. *Coſta.*

AGIO-

AGIOLOGIO LUSITANO

DOS SANTOS, E VAROENS

Illuſtres em virtudes do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

JULHO I.

AM Santarem, no Convento dos Religioſos Prégadores, a Trasladaçaõ de Saõ Frey Gil, Luminoſo Aſtro da Familia Dominicana, o qual por eſpaço de ſeis annos eſteve ſepultado no eſquecimento em commum cemiterio, até que apparecendo a Frey Joaõ de Santarem, lhe diſſe, em como era vontade Divina, que ſeu corpo ſe collocaſſe em ſitio mais decente; mas naõ foy baſtante eſta revelaçaõ a vencer as difficuldades, que ſe opunhaõ, naõ com duvida à verdade do referido, por ſer o Author acreditado, mas com embaraços, que o impediaõ; porém como o Santo queria ſer obedecido, fez ſegundo aviſo, e foy ao Prior, que naõ ſe attrevendo a dilatar mais a obra, deſtinou o dia: acodio gente ſem numero, deu principio à Miſſa com grande ſolemnidade, e entoando o Hymno: *Te Deum Laudamus*, ſe abrio a cova, e tirado hum caixaõ pregado, em que eſtava o ſanto depoſito, e aberto na preſença de todos, foy viſto o Sagrado Corpo inteiro, lançando de ſi hum delicioſo cheiro, que accreſcentou a devoçaõ do povo, o qual entre piedoſas lagrimas, e reverentes acclamações engrandeciaõ, e louvavaõ a Deos em ſeu Santo; e querendo o Senhor, para mayor gloria ſua, que por interceſſaõ de ſeu Servo alcançaſe viſ-

A Trasladaçaõ de Saõ Gil da Ordem dos Prégadores.

ta, diante de todo aquelle grande concurſo, huma mulher cega; e perfeita ſaude hum aleijado, exprimentando milagroſos beneficios outros enfermos. Entre eſtes prodigios foy collocado em huma Capella, que ſua prima Dona Joanna Dias, Senhora de Attouguia, lhe tinha mandado lavrar no arco do cruzeiro, aonde experimentaõ os ſeus devotos grandes maravilhas em todas as ſuas afflições; porque he univerſal remedio em todas as adverſidades, como publicaõ os miraculoſos effeitos do ſeu Patrocinio; já convertendo em generoſo vinho, ao que a corrupçaõ tinha deſtruido, ſó para remediar a vexaçaõ, de quem com viva Fé, colhendo da ſua ſepultura algum pô, o lançou no viciado licor; já remediando a urgente neceſſidade de agua, que exprimentavaõ as Religioſas de Ciſter no Convento de Cellas, por ſe lhe haver ſecado hum poço, cuja falta era irremediavel; e aſſim obrigadas da devoçaõ recorreraõ ao Santo, implorando a vozes o ſeu auxilio; quando de improviſo, aos olhos de todas, ſe encheo o poço de agua, com a circunſtancia de nunca mais experimentar ſecca. A hum pobre tolhido, que havia doze dias eſtava no alpendre do ſeu Convento, perſuadiraõ alguns Religioſos, movidos da piedade, a que foſſe ao Altar do Santo, e ſe encommendaſſe de todo coraçaõ a elle: principiou-ſe a arraſtar com aſſaz trabalho; ſeguiraõ-no os Religioſos com huma Antifona, e Oraçaõ. Caſo maravilhoſo! Principia a gritar o homem, que lhe accodiſſem, porque ſe abrazava em huma viva chama, e logo os que eraõ tolhidos membros, incapazes de operações, tomando vigor, ficaraõ livres, e deſembaraçados, como ſenaõ tiveraõ padecido a minima leſaõ; e finalmente com innumeraveis prodigios eſtá Deos acreditando a interceſſaõ deſte Santo, recorrendo os Fieis ao ſeu Patrocinio, como a prompto remedio para todos os trabalhos; pois aos enfermos dá ſaude, aos neceſſitados acode, e nos partos dá bom ſucceſſo, como experimentaraõ as Sereniſſimas Senhoras a Rainha Dona Leonor, e a Princeza Dona Joanna; eſta no naſcimento da ſaudoſa, e ſempre lamentavel magoa de Portugal, o ſuſpirado Rey Dom Sebaſtiaõ; e aquella no da Infanta Dona Maria; e aſſim, commulado de tanta gloria, he venerado neſte lugar, naõ ſó dos naturaes, mas dos eſtrangeiros, que o acclamaõ, portentoſa maravilha do Altiſſimo.

Na

B Em a inclita Lisboa, ſerá ſaudoſo ſempre eſte dia, em que ſe repete a memoria da precioſa morte de ſeu Illuſtriſſimo Prelado em ſangue, e em virtude Dom Miguel de Caſtro, taõ venerado de todos, que conſerva na tradiçaõ das gentes o glorioſo nome do *Arcebiſpo Santo*, a que deſde os tenros annos ſe começou a encaminhar, dando claros indicios da pureza do ſeu animo; porque livre dos cuidados puerís, e reveſtido de huma natural modeſtia, repugnava aos entertenimentos daquella idade, ſendo todo o ſeu cuidado o empregarſe com diligencia no ſerviço de Deos; e razaõ era que hum homem, que a Divina Providencia tinha decretado para exemplar dos Prelados, e clara luz da Luſitana Igreja, naõ tiveſſe tempo, em que naõ reſplandeceſſe. Entrando na idade competente foy inſtruido nos primeiros rudimentos, de que, como diſpoſiçoens, neceſſita o conhecimento das ſciencias. Acabado o curſo dos ſeus eſtudos na Univerſidade, foy o ſeu primeiro emprego o de Prior da Igreja de Saõ Chriſtovaõ de Lisboa, começando por huma Freguezia, aquelle que era já digno de reger huma Dioceſi, fez o officio de Parocho com a perfeiçaõ, que elle deſejava naquelles, que com o tempo veyo a prover. Depois, ſeguindo o ſerviço do Santo Officio, foy Inquiſidor em Lisboa, lugar que conſervou com gravidade, e amor do proximo. Neſtes empregos vivia applicado Dom Miguel, quando foy nomeado Biſpo de Vizeu; entaõ como quem entendia, de quanto pezo foſſe a nova Dignidade, aſſim lhe applicou as forças do ſeu grande talento. Depois de Sagrado, entrou naquella Cidade a 15 de Setembro de 1579. Logo começaraõ as ſuas ovelhas a exprimentar na brandura do animo do Paſtor a agradavel conduçaõ; porque amava ao rebanho de ſorte, que em utilidade ſua diſpendia tudo quanto poſſuía; naõ ſendo mais, que fiel depoſitario do thezouro dos pobres. Foraõ muitas as eſmollas ſem exceiçaõ de peſſoa; porque nunca olhou mais, que para a neceſſidade. Aqui lhe ſuccedeo com hum Eſcudeiro pobre da Cidade huma acçaõ digna por certo de animo taõ grande, e pio, como o ſeu. Foy o caſo, que mandando dar vinte mil reis a eſte Eſcudeiro, elle com jactancioſa vaidade rejeitou a eſmolla do Biſpo: conhecia o Prelado a ſua pobreza, e como virtuoſo naõ fez caſo do deſ-

D. Miguel de Caſtro Arcebiſpo de Lisboa.

vario, e ſegunda vez lha mandou, accreſcentando, que era reſtituiçaõ; entaõ a aceitou, deixando ao Prelado dobrados merecimentos em huma ſó acçaõ. A ſua charidade exprimentavaõ em ſecretas eſmollas os Cidadãos, e Fidalgos honrados da Cidade, amor, que ſempre lhes conſervou; porque ainda depois de aſſiſtir em Lisboa, por muitas vezes mandou a Vizeu groſſas quantias de dinheiro, para ſe diſpenderem em eſmolas, ſendo eſtas expreſſoens claro teſtemunho da grandeza do ſeu animo, e do amor, que teve à ſua primeira Eſpoſa, quando já deſobrigado della a eſtimava tanto. No anno de 1585, foy promovido à Archiepiſcopal Dignidade da Metropoli de Lisboa; theatro donde ſe viraõ exercitadas por huma ſó peſſoa todo o genero de virtudes; porque os pobres eraõ ſoccorridos, os afflictos tinhaõ conſolaçaõ, os perſeguidos aſylo. Era Paſtor para conduzir as ſuas amadas ovelhas, e era Pay, que amparava a todos, ſem que houveſſe nem donzella, nem viuva, que ſe conſideraſſe deſamparada; porque com liberal maõ previnia os ſoccorros. A ſua porta era franca aos miſeraveis, ſem que houveſſe nunca naquella generoſa piedade diminuiçaõ, e ſó lhe era penoſo naõ ter com que os remediar. Em hum dia, parece, que naõ tendo que dar, lançou pela janella a ſua cama a hum pobre. Quem ſendo Principe da Igreja dá a cama, he certo, que naõ tem alfayas precioſas de que ſe valha, ſe he, que o mendigo lhe naõ pedio cama para algum doente, e a ſua fervoroſa charidade naõ quiz, que ſe dilataſſe na compra o remedio da afflicta neceſſidade, de quem enfermo naõ tinha, em que deſcançar. Em outra occaſiaõ ſe chegou a elle hum Fidalgo, e lhe repreſentou a penuria em que ſe achava, (que ſe naõ offende a nobreza dos progenitores em manifeſtar aos Prelados, obrigados a dar eſmola, e a que a diſtribuaõ com aquelles, que naõ tem meyos de conſervar o decoro das ſuas caſas.) Reſpondeo o Arcebiſpo com animo agradavel, que logo mandaria a ſua caſa o Eſmoler; a eſte o encarregou ſem dillaçaõ. Paſſaraõ-ſe quinze dias, e obrigado do que padecia, tornou o Fidalgo a lembrar a ſua pobreza, ao que o Arcebiſpo voltou, que já a ſua caſa mandara o ſeu Eſmoler, e o Fidalgo, que naõ apparecera nella tal homem; e deſpedindo-ſe deſcontente, chamou o Prelado o Eſmoler, e juſtamente ſentido, lhe

per-

perguntou, como tinha faltado em levar duzentos cruzados, que lhe ordenara, à caſa daquelle Fidalgo? Senhor, aſſim he, que me mandaſtes; mas eu fuy a ſua caſa, e entrando, vi a Senhora della rodeada de Ayas, ſervida de criados, e corrido me retirey ſem dar a eſmola, por me parecer impropria naquelle fauſto; a que o Arcebiſpo reſpondeo: Sem demora lhe levay quinhentos cruzados, e pela ſua cathegoria lhe deputou ordinaria na ſua folha; deixando neſte areſto hum irrefragavel argumento, em que ſe deve medir a eſmola pela peſſoa, e que a naõ deſmerece pelos gaſtos licitos, quem na qualidade os califica. Sendo taõ liberal para os pobres, que nunca negou couſa alguma, que ſe lhe pediſſe pelo amor de Deos, foy com a ſua peſſoa muy parco: della cuidava muy pouco, ou nada; porque todo o ſeu diſvelo era remediar ao proximo. Era de animo taõ ſincero, que nunca cuidou mal de ninguem; taõ candido, que ſempre as ſuas obras foraõ demoſtradoras da pureza da ſua alma. Unio a muito amor de Deos, e do proximo, hum natural deſprezo da ſua peſſoa: de ſorte ſe abatia, que ſendo pelo naſcimento Illuſtre, elle ſe tinha, naõ ſó por humilde, mas por vil; e por mais que o ſeu cuidado pertendia encobrir as ſuas virtudes, ellas meſmas ſe manifeſtavaõ com confuzaõ da ſua humildade. Sendo já velho ſe macerava com jejuns, ſem que os annos o eximiſſem das abſtinencias; tanto pode o coſtume, e a virtude, que dá forças à meſma debilidade da natureza. Era taõ parco no comer, que parecia continuada abſtinencia o ſeu ſuſtento. Açoutava-ſe com tanta crueldade, que rompida com os golpes a carne em feridas corria o ſangue, a querer manifeſtar a ſua tyrannia, a que com advertencia acodia, prevenindo-ſe com hum avental de eſtopa, para que tomando nelle o ſangue, ficaſſe occulto no ſegredo eſte rigoroſo ſacrificio. Depois de açoutado, veſtia hum cilicio inteiro, e com eſta aſpera camiza conſolava as abertas feridas, com que tinha caſtigado o ſeu caſto corpo. Na oraçaõ perſeverava por muito tempo, tratando de continuo com Deos, tendo o ſeu fervoroſo eſpirito as conſolações, que merecem os fieis Servos de Deos. Só aqui tinha a ſua alma jubilos; porque tudo o que naõ era interior trato com Deos, lhe era violento. Finalmente elle tinha diſpoſto a ſua vida como hum dos mais obſervantes Religioſos,

ligioſos, ſem mais deſejos, que o bem das ſuas ovelhas, e o augmento do ſeu eſpirito. Livre de ambiçaõ eſtava o bom Prelado, quando de repente ſe vio metido no governo politico do meſmo Reyno, de que era natural, ſendo hum dos Governadores, que ElRey Filippe nomeou no anno de 1594 a eſte Reyno, quando o Cardeal Archiduque Alberto, largando a purpura, paſſou a dar a maõ de eſpoſo à Infanta Dona Iſabel Clara Eugenia, Condeſſa de Flandes. Foraõ nomeados o Arcebiſpo Dom Miguel, os Condes de Portalegre Dom Joaõ da Sylva, o de Santa Cruz Dom Franciſco Maſcarenhas, o de Sabugal Dom Duarte de Caſtellobranco, e Miguel de Moura Eſcrivaõ da Puridade. Naõ era eſte o genio do Arcebiſpo, por naõ embaraçar com cuidados terrenos as celeſtes contemplações. Vio-ſe livre do governo, reſpirou o eſpirito, naõ era o trabalho, o que lhe canſava o animo, era entender com materia fóra do ſeu eſtado: logo começaraõ a correr as dependencias da Mitra à ſua ſatisfaçaõ, tratando ſómente do governo das ſuas ovelhas, que apaſcentadas do ſeu exemplo, e da ſua doutrina, logravaõ de huma ſuave conſervaçaõ: tudo era paz, e concordia. Os Regulares achavaõ eſtimaçaõ, e honra no Prelado, que diſtinguia os merecimentos, e as virtudes; ſendo mayor o aggrado para aquelles, que ſeguiaõ o deſprezo do Mundo na obſervancia da Regra, que profeſſavaõ. Neſta boa direcçaõ vivia o bom Prelado contente, e ſatisfeito, entre os pobres da ſua Dioceſi, ſem que do Mundo quizeſſe, nem eſperaſſe outra couſa. Quando no anno de 1615, ſe lhe encomendou o governo do Reyno, foy grande a repugnancia, com que acceitou o poſto de Vice-Rey, e o que podera ſer fortuna, em outrem, elle chorava por infelicidade. Via-ſe deſpojado do ſocego, perturbada a direcçaõ da ſua vida, e obrigado a largar o recolhimento do ſeu eſpirito, por attender às confuzas vozes de hum Reyno, em que o largo deſpacho lhe havia de conſumir o tempo. Deſta ſorte conſtrangido, ſe encarregou deſte lugar, fazendo ſacrificio da ſua grande repugnancia; porque em todo o caminho ſabem os Servos de Deos buſcar meyos de o agradar. Com a obrigaçaõ do cargo deu-ſe a conhecer melhor: no exercicio delle luzio: naõ ſe augmentou; porque como havia naſcido para todos os empregos grande, com todos ſe

ajun-

ajuſtava de ſorte, que ſó ſe igualava a ſi meſmo. Para fazer publica a diſplicencia, que tinha do lugar, e o quanto ſatisfeito eſtava na ſua caſa, naõ quiz largar eſta pela habitaçaõ do Real Palacio; e aſſim com animo ſanto deſprezou as grandes prerogativas do poſto, naõ admittio guardas à ſua peſſoa; nem quiz mais acompanhamento do que o dos pobres, que o cercavaõ, quando entrava, e ſahia de caſa. Pela manhãa hia ao Paço, e ſe recolhia à noite a ſua caſa: como naõ cuidava na ſua peſſoa, ſenaõ na utilidade dos pretendentes, fugia de todas as occaſioens magnificas, que inventou a vaidade por decoro dos lugares. Nos dias Santos feſtivos, e publicos de Tribuna, naõ apparecia na Real Capella; como quem queria as devoçõeſ por ſatisfaçaõ do eſpirito, e naõ por mageſtoſo apparato da ſoberania. Frequentava as Audiencias, em que era util à ſua peſſoa, ouvindo com paciencia a todos os pretendentes: deſpachava com juſtiça: naõ havia queixoſos; porque a todos era notorio a inteireza do Vice-Rey: ficavaõ contentes os deferidos: os mais naõ ſe queixavaõ; porque em ſeu tempo naõ foraõ os benemeritos preteridos. Feliz governo em que ſó a juſtiça foy arbitra dos merecimentos! Mas naõ he muito, que as ſuas acçõeſ foſſem acclamadas com voz commua por acertadas, ſe eraõ de hum homem deſpido dos affectos humanos, cujo trato era continuo com Deos, a quem ſó deſejava agradar; e porque eſtas eraõ as maximas da ſua politica, por iſſo ſe calificavaõ nos olhos do Mundo as ſuas acçõeſ. Aos que reconhecia pobres, e benemeritos dava dinheiro, com que podeſſem ir a requerer à Corte. Procurou com muita vigilancia, que a ſua familia viveſſe de ſorte, que naõ mereceſſe nota indigna de criados de Prelado, e com o ſeu exemplo conſtrangia a ſerem graves, honeſtos, e comedidos; e a eſtes ordenou naõ aceitaſſem petiçõeſ de pretendentes, para que os papeis ſeguiſſem a repartiçaõ dos Miniſtros, a quem tocavaõ, por evitar confuſoens, que de ordinario ſaõ no deſpacho univerſal grande embaraço, tirando com eſte methodo as dilaçõeſ, e as queixas. Havia hum Decreto para naõ conſultar commendas; conheceo o quam pernicioſa era eſta reſoluçaõ, por ſer encontrada aos merecimentos daquelles, que aſſinaladamente ſe tinhaõ diſtinguido no ſerviço da Patria; e aſſim conſultou a huns, e deſpachou a outros. Taõ grande

era

era a ſua authoridade, e tanto póde a reſoluçaõ no Miniſtro, onde ſó o norte he a juſtiça, e o amor dos povos. Em poucos dias fez cento e vinte conſultas, de que ſó deſpachou treze a Corte de Madrid; porque com grande ciume deſtribuia as merces. Em tudo o noſſo Vice-Rey obrou de ſorte, que o ſeu governo conhecidamente ſe aventajou ao dos ſeus anteceſſores, ſendo huma perfeita idéa para aquelles, que chegaõ a lugares taõ grandes, e confuſaõ de outros, que naõ tem mais que nomes de Governadores, ſendo ſómente tyrannos dos póvos, e huns aſſoladores do Patrimonio Real. Deſta ſorte manejou os negocios politicos com tanta inteireza, que deixou aos vindouros, ſobre ſolida virtude, honrada memoria. Naõ houve em ſeu tempo obra virtuoſa, em que naõ quizeſſe ter parte. Quando o virtuoſo Varaõ Luiz Alvarez de Andrade, de quem ſe faz honorifica mençaõ a 3 de Abril, inſtituio publica na Cidade a devoçaõ dos Santos Paſſos, naõ ſó lhe deu licença, mas com elle andou correndo as ruas, e demarcando os lugares mais decentes, em que ſe collocaſſem as ſagradas Imagens do noſſo Redemptor. Ardeo em grande zelo do culto Divino; e aſſim com liberal maõ deu groſſas eſmolas para o ornato dos Altares, naõ ſe contentando a ſua generoſa piedade com o precioſo, ſenaõ, que foſſem ſervidos com grandeza. Finalmente cheyo de annos, e merecimentos, recebeo com alegre ſemblante a nova da ſua morte, pela qual entrou em a Bemaventurança a lograr o premio da ſua virtuoſa vida.

Fr. Chriſtovaõ Rangel Dom.

C Em Goa, Corte do Eſtado da India Oriental, no Convento de Saõ Domingos, acabou em o Senhor o Padre Frey Chriſtovaõ Rangel, Miſſionario da dilatada Ilha de Timor, que o Ceo lhe tinha diſtinado para theatro das trabalhoſas fadigas do Evangelho. Embarcou-ſe em demanda deſta Ilha, para ver ſe naquella gentilidade achava caminho de introduzir a prégaçaõ de Jesu Chriſto: aportou com proſpera viagem no Reyno de Silabaõ, onde foy copioſo o fruto do Senhor, que colheo naquellas incultas terras. Perſuadio a verdade a ElRey, e abraçou a Ley do Evangelho, com toda a ſua caſa, e no Reyno deu liberdade de conciencia. Era grande o contentamento do Servo de Deos de ver abertas publicamente as portas para o Evangelho, e aſſim de conſentimento do Rey voltou a Larantuca, donde viera, para trazer os ornamentos neceſſarios

ceſſarios para o culto Divino da nova Igreja, que fabricava, começando eſta obra pela elevaçaõ da Sagrada Cruz, que fez lavrar do precioſo páo de ſandalo. Determinou-ſe dia para eſta ceremonia, que foy hum Domingo: pegou Frey Chriſtovaõ em hum braço da Sacroſanta Cruz, e ElRey de outro, aſſiſtido da ſua Corte, e de hum grande numero de povo; e deſta maneira foy levada ao lugar determinado, e ſe alvorou com grande feſta; ſeguindo-ſe a eſta acçaõ de piedade, dar o Rey, em demonſtraçaõ do ſeu goſto, hum banquete geral. Frey Chriſtovaõ, que naõ perdia tempo, valendo-ſe da occaſiaõ, explicou ao Rey, e mais Neophitos, os principaes Myſterios da noſſa Santa Fé, em que brevemente os inſtruio, e os poz capazes de receberem o Sagrado Bautiſmo. Acabada a obra da Igreja, e ornada com policia, ainda que com pobreza, diſſe nella a primeira Miſſa aos Chriſtãos da ſua companhia, ficando aquella Cidade purificada com a real aſſiſtencia de Chriſto, e aprazou o dia, em que havia de regenerar no Baptiſmo novos filhos à Igreja Catholica. Bautizou a ElRey, pondo-lhe por nome Dom Chriſtovaõ. Seguio a Corte o ſeu exemplo, e grande numero de povo, que o zeloſo Miſſionario tinha já inſtruido nos principaes Artigos da Santa Fé, e com naõ pequeno trabalho, para arrancar daquella Gentilidade os barbaros coſtumes, com que ſe tinhaõ criado na devaſſidaõ das torpezas, na continuaçaõ das ſuperſtições, em que a ſua idolatria os havia ſubmergido. Era grande o amor, que Frey Chriſtovaõ tinha àquellas novas plantas do Chriſtianiſmo: creſcia a olhos viſtos a Seara do Senhor; o que vendo o inimigo commum, o naõ pode ſofrer, ſem que lhe lançaſſe a zizania, tomando por inſtrumento huns Mouros, que reſidiaõ na Ilha; e aſſim procurou de tirar a vida ao Servo de Deos, para que faltando-lhe a doutrina, pereceſſe todo o fruto do ſeu trabalho; para o que lhe deraõ peçonha em hum caldo, e apenas o poz à boca, quando começou a ſentir em agonias os funeſtos effeitos, que lhe promettia a actividade daquelle veneno. Porém como a terra produz ao meſmo tempo maravilhoſos contravenenos, os tomou logo, para o que contribuio a ſua robuſta natureza, reſiſtindo à morte; mas ficou taõ cortado, e deſtituido de forças, que rendido da fraqueza, naõ podia ſeguir os effeitos da

ſua vontade, para continuar com o trabalho da prégaçaõ, que com tanta gloria de Deos tinha principiado; e aſſim foy levado para Larantuca, onde, ainda que melhorou, já mais pode reſtituirſe às antigas forças. Pelo que obrigado por ſeus ſuperiores, foy levado a Goa, com o Padre Frey Gaſpar de Santa Maria, tambem impoſſibilitado por doente; e recebidos os Sacramentos com muita devoçaõ, deu glorioſo fim à ſua vida.

Sor Iſabel dos Reys Franciſcana.

D No Moſteiro da Madre de Deos de Monchique, Comarca do Porto, a ditoſa morte da Madre Sor Iſabel dos Reys, Religioſa taõ obſervante, que em huma ſumma pobreza, amor do proximo, zelo da ſua Religiaõ, e rara humildade, fez os fundamentos da obſervancia Religioſa, com tal perfeiçaõ, que mereceo ter da boca de Chriſto Crucificado novos dictames para a prefeiçaõ do ſeu eſpirito.

O Padre Diogo Alvarez da Companhia.

E No meſmo dia, em Saõ Roque, Caſa Profeſſa da Companhia de JESU, o Padre Diogo Alvarez, Religioſo de elevada contemplaçaõ, em que era continuo, merecendo por ella alcançar do Altiſſimo, por eſpecial favor, ſaude a hum mancebo da primeira nobreza, ſem mais remedio, que recitarlhe o Evangelho de Saõ Joaõ. O meſmo effeito exprimentou outro, que padecendo na garganta o tyranno mal de hum carbunculo, já deſconfiado dos Medicos, ſem eſperança nos remedios humanos, com o final da noſſa Redempçaõ, foy reſtituido por interceſſaõ do Servo de Deos a inteira ſaude.

A Madre Branca Dominica.

F Em o Moſteiro da Roſa de Lisboa, a Madre Sor Branca, ſua ſegunda Prioreſſa, a quem o Senhor chamou ao eſtado de Religioſa, com circunſtancias dignas de admiraçaõ; pois recolhendo-a ſeus pays neſte Moſteiro, para lograr da devota educaçaõ de ſua tia Dona Joanna de Ataide, que era Fundadora, em quanto lhe naõ davaõ digno eſpoſo à ſua qualidade, e com eſta criaçaõ inclinaſſe a vontade da tia, que era rica, a que de ſeus bens fizeſſe mayor o dote. Recolheu-ſe Dona Branca aos Clauſtros do Moſteiro, ſem penſamentos de que foſſem ſua habitaçaõ; antes com firmes eſperanças de lograr o Mundo, ſem as prizões dos votos. Aſſim procurava ter eſtado mais deſembaraçado, ſuppoſto que decente. Naõ faltava quem com inclinaçaõ, e igual naſcimento a pretendia para eſpoſa, e neſta conformidade ſeguia a pretençaõ, fazendo da aſſiſtencia merecimento. Chegou hum dia à roda do

Moſteiro,

Moſteiro, quando neila achou hum frade grave no aſpecto, ſevero no modo, que lhe perguntou, que buſcava naquella caſa? e dizendo-lhe, que a Dona Branca, de quem era parente, nem ella vos póde fallar, nem vós lhe ſois nada. Eſta repoſta ſeca, e cheya de valor, abateo de forte os penſamentos do amante mancebo, que corrido, e confuſo perdeo com eſte ſucceſſo, naõ ſó a inclinaçaõ, mas até a memoria daquelle lugar. Mas Dona Branca, ignorante daquelle myſterioſo encontro, preſiſtia nos ſeus penſamentos, calificando a ſua reſoluçaõ, com o exemplo de tantas Santas, como venera a Igreja Catholica, que do thalamo foraõ conduzidas ao Ceo; e aſſim com devoções, implorava de Deos o caminho deſta pretençaõ, quando no ardor deſtas devotas ſupplicas, lhe appareceo o Redemptor do Mundo, coroado de eſpinhos, com a Cruz às coſtas, e lhe diſſe: que ſe naõ cançaſe, que nenhum outro Eſpoſo teria, ſenaõ a elle. Eſtas ſingulares palavras lhe mudaraõ os penſamentos do Mundo, e a fizeraõ abraçar a Religiaõ, com tal goſto, que moſtrou na ſua vida eſtava vigilante eſperando pelo Eſpoſo; e aſſim acabou, deixando entre as Religioſas opiniaõ de Santa.

A Madre Sor Franciſca da Sylva Dominica.

G Item no meſmo Moſteiro, ſe conſerva com veneraçaõ, a memoria da Madre Sor Franciſca da Sylva, de tanta piedade, e obſervancia, que foy duas vezes Prioreſſa, ſendo tal a doçura, e ſuavidade do ſeu animo, que aquellas primitivas Religioſas a deſejaraõ perpetua no lugar, ſe o naõ encontraraõ as Leys da Ordem, que ſoube obſervar com pontualidade. Foy taõ charitativa com os pobres, que mereceo pela ſua compaixaõ glorioſas recompenſas da Divina Providencia. Hum dia, em que a neceſſidade do Moſteiro era extrema, chegando afflicta à roda a mandar pedir algum dinheiro empreſtado, lhe pedio hum pobre eſmola: compadecida da neceſſidade lhe deu tres moedas de cobre, que com ſigo trazia, com pezar de naõ ſer mais aventajada, por ſer aquelle todo o dinheiro da Communidade. Eſta boa vontade lhe retribuio logo o Senhor liberalmente; porque apenas ſe tinha deſpedido o pobre, quando hum homem deſconhecido, chamando a Prelada à roda, lhe deu vinte mil reis em moedas de ouro; e querendo ella aggradecerlhe com alguns doces, como coſtumaõ as freiras, o recuſou elle, dizendo, que onde ſe padecia ne-

ceſſidade naõ tinha lugar a recompenſa: Era iſto em tempo, que a Cidade de Lisboa padeceo huma terrivel peſte, que inda hoje com horror ſe nomea grande: determinaraõ as Religioſas naõ deſamparar o ſeu Moſteiro, e aſſim padeceraõ muito; porque a Cidade ſe deſpovoara dos que tinhaõ que dar, e aſſim qualquer eſmola parecia ſoccorro do Ceo; pois o meſmo homem, paſſado tempo, voltou com igual quantia, que mandou entregar à Prelada, naõ duvidando as Religioſas que era virtude da Prioreſſa aquella eſmola, fazendo mais irrefragavel eſta opiniaõ, quando vendo-ſe ſem dinheiro pedia em outra neceſſidade ao Capellaõ, lhe procuraſe algum, para remediar a Communidade. Eſtando neſta pratica, chegou a Madre, a cujo cargo eſtava o governo da Caſa, requerendo dinheiro para compra daquelle dia; voltou a Prioreſſa para o Capellaõ, para que eſcutaſſe o que lhe diziaõ; porque ella naõ tinha de ſeu mais que hum toſtaõ; e porque requeria brevidade a Madre, confiada na Providencia, ſe foy ao lugar em que tinha o toſtaõ, e achou nove mil reis em ouro; e dando conta ao Capellaõ, ſe puzeraõ de joelhos a agradecer ao Senhor as miſericordias, que com ella obrava, em ſatisfaçaõ das Divinas promeſſas, as quaes depois foy receber na companhia dos Santos.

Sebaſtiaõ Gomes M.

H Em Arzilla, Cidade de Africa, o glorioſo Certame de Sebaſtiaõ Gomes, o qual ſervindo de Soldado na Praça de Tanger, foy cativo pelos Mouros; e ſendo-lhe perguntado, aſſim que o tomaraõ, ſe era bom ſer Mouro? Como eſtava entre elles, diſſe, que ſim; e pondo-lhe hum barrete vermelho na cabeça, o levaraõ a Arzilla; e fazendo-lhe perguntas, ſe era Mouro, reſpondeo conſtantemente, que naõ; porque era Chriſtaõ: e ſendo levado à preſença de Mahamet Bembucar, lhe perguntou ſe era Mouro, a que reſpondeo o que tinha paſſado, e que nunca quizera ſer Mouro, nem fizera as acções, e ceremonias dos Mouros, que coſtumaõ fazer os apoſtatas da Fé de Jesu Chriſto, a qual elle profeſſava, e por cuja confiſſaõ eſtava prompto para dar a vida entre os mais aſperos tormentos, como quem abominava a falſa ley de Mafamede. Indignado o Mouro, o mandou atar a hum páo, e acanavear pelos rapazes, com canas agudas, eſtando neſte martyrio conſtante, invocando o altiſſimo Nome de Jesus, e Maria, com

grande

grande valor, e Chriſtandade, acabou a vida neſte dilatado martyrio: depois foy o ſeu corpo queimado, e as cinzas lançadas no mar; porém a ſua alma, coroada com a laureola dos Martyres, ſobio a receber o premio eterno.

Commentario ao I. de Julho.

A  OY tanta a erudiçaõ, com que o Licenciado Jorge Cardoſo, deixou tratado os dias 14 de Mayo, e 25 de Junho, eſte da converſaõ, e aquelle do tranſito de Saõ Frey Gil, que apenas nos ficou que dizer no texto da ſua trasladaçaõ, a qual pomos neſte dia, mais por nos conformarmos com a authoridade de taõ erudito Eſcritor, que a promette no Commentario do dia do Santo, para eſte, do que por documento que no lo perſuada; pois das *Chronicas de Saõ Domingos*, ſe collige o contrario, dizendo, que em o primeiro de Julho do anno de 1271, appareceo a Frey Joaõ de Santarem, Porteiro do Convento, para que o manifeſtaſſe ao Prior; e dilatando-ſe eſte na execuçaõ do aviſo, diz aſſim. Paſſaraõ dias, fez o Santo ſegunda lembrança, e que prégou o Prior no Domingo ſeguinte ao povo, e que nelle aprazou o dia em que ſe havia de executar a revelaçaõ, com que claramente ſe vê, que o dia primeiro de Julho, foy o da appariçaõ ao Porteiro; porém a trasladaçaõ ſe ſeguio depois de paſſados dias; e como naõ podeſſe alcançar qual foſſe, por eſſa cauſa tomou o primeiro de Julho, aquelle em que o Santo determinou a ſua trasladaçaõ, o que nós ſeguimos, por nos conformarmos com a authoridade do referido Author. Foy ſolemnizado o ſobredito acto, com grande alegria dos Religioſos, e concurſo do povo; e levado o Santo Corpo por quatro Religioſos graves, ao lugar, em que ſe celebrou a Miſſa, para a qual ſe compuzeraõ as ſeguintes Oraçoes, naõ ponios a primeira, por já andar no Commentario do dia da ſua feſta.

SECRETA.

BEati Ægidii, quæſumus Domine intercedentibus meritis glorioſis munera hac placatus accipias, & gratia tribue offerre dona, quibus tribuiſti, & offerre officia. Per Dominum, &c.

POST COMMUNIONEM.

OBlato, Domine, ſalutis noſtræ exordio ejus concede nos adjuvari ſuffragiis de cujus conſiſi meritis, hæc tibi ſacramenta voce libamus, & mente. Per Dominum, &c.

Depois de metido no ſepulchro, que ſe lhe tinha lavrado com mais veneraçaõ, que grandeza, pois a naõ permettia, nem a eſtreiteza do lugar, nem a moderaçaõ dos tempos antigos. He grande a face de fóra, lavrada de humas folhagens, e por inſcripçaõ huma Imagem do Santo, entalhada de relevo na pedra, que o cobre. Trata deſte Santo, além dos que já traz appontado o terceiro tomo do *Agiologio*, a fol. 252, o Padre Fr. Luiz de Souſa, de cujos admiraveis eſcritos (nunca aſſaz louvados) tiramos o referido, ſe bem com confuſaõ da noſſa inſufficiencia, por vermos reduzido ao deſalinhado della relaçaõ, o que com tanta elegancia de eſtylo, e pureza da noſſa lingua eſcreveo, para eterno padraõ da ſua memoria, na I. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 24. fol. 119, e os Doutiſſimos Padres Daniel Papebrochio, Godefredo Henſchenio, Conrado Janningno, da Companhia de Jeſu, na ſua grande Obra: *Acta Sanctorum*, que em dilatados volumes, corre com univerſal applauſo dos eruditos, no dia 14 de Mayo, no Tomo III. daquelle mez.

B Da preclara familia de Caſtro, naſceo Dom Diogo de Caſtro, chamado o Magro, Capitaõ de Evora, que foy Alcaide môr de Alegrete, Mordomo môr da Princeza Dona Joanna, mulher do Principe Dom Joaõ, filho de ElRey Dom Joaõ III. de cujo Conſelho tambem foy. Caſou com Dona Leonor de Ataide,

de, e deſte matrimonio naſceo filho quinto Dom Miguel de Caſtro, irmaõ de Dom Fernando de Caſtro, I. Conde de Baſto, que foy o Senhor da Caſa, e ſeguindo a vida Eccleſiaſtica, veyo a ſer Arcebiſpo de Lisboa, e hum dos mayores Prelados, que occuparaõ a Cadeira deſta Igreja. Morreo no anno de 1625, em eſte dia, havendo quarenta annos, que em outro ſemilhante tinha tomado poſſe. Inſtituío na Sé ſeis Capellas no anno de 1601, cujos ſuffragios vio logrados por vinte e quatro annos. Tem eſtes Capellaens, com obrigaçaõ de reſidir no Coro. Deſte virtuoſiſſimo Arcebiſpo, achamos muy curtas memorias (queixa que ſem remedio havemos repetir muitas vezes no diſcurſo deſta Obra, pela pouca curioſidade, que tiveraõ os antigos, e ſeguem tambem os modernos) todas ſe reduzem a que era tido por Santo, que a tradiçaõ nos confirmou ſempre, ſem que ſe individuaſſem as ſuas virtuoſas acções, que foraõ muitas em a ſua dilatada vida. Foy a ſua morte geralmente ſentida, naõ ſó porque a morte dos Juſtos a todos cauſa enveja, mas porque na ſua charidade perderaõ os pobres o prompto remedio das ſuas neceſſidades. As Religioens deſta Cidade, foraõ por oito dias, cantarlhe particular Officio à Sé; naõ ſabemos, que com outro algum Prelado fizeſſem as Religioens outra taõ expreſſiva demonſtraçaõ, juſto reconhecimento do que os Regulares lhe deveraõ, e muito bom fora que em todo o tempo experimentaſſem o meſmo; o que ſem duvida ſerá ſe os Prelados das Igrejas Luſitanas, tomarem por exemplar a vida deſte Santo Arcebiſpo, e de outros muitos, que no largo diſcurſo deſta Obra lhes havemos de propôr, em os quaes o zelo das ſuas Igrejas, era igual à virtude que exercitavaõ, ſem que ſe eſqueceſſem das iſençoes alheas, por diantarem a ſua juriſdiçaõ; pois conſervando no ſeu foro o que a Santa Sé Apoſtolica tinha approvado, viviaõ ſem perturbaçaõ, eſtimando aquelles, que tanto os ſervem, ou ſeja no Pulpito, ou no Confeſſionario, ou com o conſelho. He certo, que as Religioens ſaõ huns coadjutores, que os Prelados tem para o bom expediente das afflições eſpirituaes das ſuas ovelhas, ſem que dellas lhe tirem mais, que alguma eſpontanea eſmola. Foy o Arcebiſpo Dom Miguel, LI. na ordem dos Prelados, que governaraõ eſta Igreja, VII. Vice-Rey de Portugal. Era de animo generoſo, com grande amor à Patria: em ſeu obſequio deu dous mil cruzados, para ajuda do ſoccorro, que ſe mandou à Bahia, quando a invadiraõ os Olandezes. O ſeu Retrato ſe conſerva na caſa do Cabido deſta Sé, e foy o primeiro Arcebiſpo, que o Cabido com veneraçaõ mandou retratar. Depois o fez tambem ao Illuſtriſſimo, e virtuoſo Prelado Dom Rodrigo da Cunha, e em noſſos tempos ao Eminentiſſimo Cardeal de Souſa, a cuja generoſidade ſe reconhecia o Cabido ſummamente obrigado; de ſorte, que lhe concedeo faculdade, para abrir de ſua caſa, para a Igreja da Sé huma Tribuna, o que nunca quiz conſentir a outros Prelados (tanto póde o acolhimento dos Principes, que faz amor ao ſubditos) e eſtes ſaõ os unicos tres Retratos, que o Cabido tem na ſua caſa Capitular, como Eſtatuas, que levantou o ſeu agradecimento à memoria deſtes Arcebiſpos. No do Arcebiſpo Dom Miguel, tem hum letreiro, com que o dá a conhecer; nelle ſe diz, que morreo a 30 de Junho, que devia ſer erro do Pintor; mas nelle cahiraõ alguns curioſos, como vimos em ſuas memorias. Conſta, que falecco no dia, em que fazemos delle memoria, às duas horas da tarde, em huma terça feira, do aſſento que o Cabido fez, quando convocou a Sé Vacante, o qual he eſcrito por Joanne Mendes de Tavora, Conego Magiſtral, e depois Biſpo de Portalegre, e Coimbra, e ſe guarda em hum livro, no Archivo do Cabido, que nos moſtrou o Cartorario Franciſco Barreiros de Carvalho, Conego deſta Sé, e depois Prior môr da Ordem de Santiago; como tambem o Martyrologio, que ſe lê no Coro, onde neſte dia tem à margem a memoria ſeguinte. *Hac die obiit Michael de Caſtro, hujus Eccleſiæ Archiepiſcopus anno M.DCXXV. ejus Choro Præsbiteros ſex nutu capituli amobiles, & pro ejuſdem animæ æternum ſacrificaturos addixit, quorum annonæ, piiſque aliis operibus annum ſexcenties, & quinquagies mille Regalium cenſum ſtatuit. Eandem Eccleſiam Pontificali ornamento tredecim mille aureis æſtimato; ex auro à tela trilicis texturæ phrigionis opera laborato, omni ex parte abſoluto donavit. Capitulum verò ſolemne IX. lectionum anni-*

verſa-

niverſarium VI. Idus Januarii celebrandum in tanti muneris gratiam rependit. Eſtá enterrado em ſepultura raza à entrada da porta, com eſte breve Epitafio.

Dom Miguel de Caſtro, Arcebiſpo, que foy de Lisboa, ſe mandou enterrar neſte lugar: pede lhe lancem agua benta, e lhe rezem hum Pater noſter, e huma Ave Maria, faleceo ao 1 de Julho de 1625.

Delle fazem ſuccinta lembrança Fr. Fernando da Soledade, na *Hiſtoria Serafica*, part. 4. liv. 4. num. 766; Frey Simaõ da Luz, Dominico, no *Sermaõ das ſuas Exequias*, impreſſo no anno 1626, em Lisboa; Argaiz, na *Soledade Laureada*, tom. 4. fol. 64, e erradamente poem a ſua morte no anno 1623; Faria, na *Europa Port.* tom. 3. part. 1. cap. 1. n. 34. O Padre Franciſco da Cruz, nas memorias, que tinha junto para a *Bibliotheca Luſitana*, e ſe conſervaõ na livraria de Dom Franciſco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira; Frey Pantaliaõ de Aveiro, na *Dedicatoria do ſeu Itinerario*, impreſſo no anno 1596; Affonſo de Torres, no ſeu *Nobiliario m. ſ.* com mais larga memoria.

C A Ilha de Timor, ſituada no Occeano Oriental, ao Meyo Dia das Malucas, e a mais apartada daquellas, que ficaõ ao Oriente da grande Java, tem ſeſſenta leguas de comprimento, e quinze na ſua mayor largura: he celebre pela produçaõ do páo ſandalo branco, que cria em grande abundancia, eſtimado pela ſuavidade do cheiro, e ſerventia medicinal, a que daõ infinitos uſos todas as Provincias do Oriente: he hum genero de arvores de ramos dilatados, que ſe criaõ nos montes daquella Ilha, em lugares altos, aſperos, e ſecos, em naõ menos abundancia, que o mato ordinario das nſſas terras; mas com tal preſtimo, que a madeira, e rama he ſingularmente eſtimada, ſem que neceſſite de beneficio mais, que o da natureza, para ſe ſervirem delle; e aſſim naõ lhe cuſta mais que cortalo para o vender. Chamaõ-lhe os naturaes *chandava*, e os Perſas, e Arabes com corrupçaõ *ſandal*, e as mais Naſçoẽs *ſandalo*: produz huma baga como de loureiro, mas quadrada, a qual comem as Aves, naſcendo, do que digerem, novas arvores, como acontece ao cravo de Maluco. Os naturaes ſaõ muy barbaros, e pouco polidos; o ſeu comer de ordinario he carne de bufaro, e cabra, com ſangue, e pelle, apenas quente ao fogo; uſo que para elles foy novo, de ſorte, que paſſaraõ ſem elle muitos ſeculos: ſaõ taõ ſimples, que imaginaõ, que os que morrem vaõ viver à Malaca; e aſſim os que vaõ deſta Cidade, lhe tem feito algumas peças gracioſas, porque elles em vendo algum aſſimilhado ao morto lhe entregaõ os bens, que tinha deixado, e alguns os receberaõ com deſembaraço. Pedro Teixeira, nas ſuas *Relações* fol. 111, conta deſtes Gentios muitas couſas, e que neſta Ilha tambem ha canella. Entre elles naõ ha moeda alguma, e aſſim daõ o ſandalo, a troco de outros generos, ainda que vís, de que neceſſitaõ para o uſo quotidiano. He abundante de cera, e mel: os noſſos mercadores de Malaca, vaõ buſcar o ſandalo, e aberto o comercio com a gente deſta Ilha, entraraõ os operarios do Evangelho, da Religiaõ de Saõ Domingos; ſendo o primeiro Frey Antonio Taveira, no anno 1556, a quem a *Hiſtoria de Saõ Domingos*, de Souſa, part. 3. liv. 4. cap. 19. fol. 375, chama o primeiro Apoſtolo della. Depois no anno de 1587, paſſou à dita Ilha Frey Melchior da Luz, de quem faz menção Cardoſo, no *Agiologio Luſitano*, no dia 6. de Junho. Porém paſſados depois muitos annos, movido do zelo da converſaõ das almas, entrou neſta Ilha Frey Chriſtovaõ Rangel, ſendo como primeiro Miſſionario; pois o tempo tornou aquelles Gentios, aos ſeus barbaros coſtumes, que com grande trabalho lhes arrancou do coraçaõ, até que em obſequio da Fé, lhe deraõ peçonha, que foy a cauſa da ſua morte, no anno de 1662, ſendo hum dos mais eſclarecidos Religioſos, que teve a familia de Saõ Domingos no Oriente: merecendo pelos ſeus trabalhos, e zelo da Fé glorioſos elogios. Succedeu-lhe neſta Miſſaõ Frey Bento Serraõ, delle faz memoria neſte dia Soveges, no *Anno Dominicano*. Lima, no *Agiologio Dominico*, e huma Relaçaõ, que ſe imprimio de ordem de Frey Antonio da Encarnaçaõ, no anno de 1665.

He

D He o Moſteiro de Monchique, hum dos amenos jardins da Obſervancia de Saõ Franciſco, pela grande perfeiçaõ das ſuas habitadoras, em que naõ tem menor lugar a Madre Sor Iſabel dos Reys, cuja memoria he muy venerada das ſuas Religioſas, pela tradiçaõ de que lhe fallou o Santo Chriſto da Portaria, Imagem devotiſſima, e milagroſa, a que aquella Communidade tem huma eſpecial devoçaõ. Foy ſua morte no anno de 1643, de que faz mençaõ o Padre Frey Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Serafica*, liv. 3. cap. 28. n. 616, a cujo eſtudo, e incanſavel trabalho deve a Provincia de Portugal lograr em pouco tempo a perfeiçaõ de ſuas Chronicas, eſcritas com elegancia, e erudiçaõ, e todos os amantes da curioſidade achar nelle hum archivo de todas as noticias da ſua Provincia, devendo nós em gratificaçaõ da boa amiſade que lhe devemos, em nos dar de boa vontade todas as memorias, em que o occupamos da ſua Provincia, eſta breve lembrança, que poderá ſer tenhamos encontrado com poucos ſogeitos nas Religioens, que o queiraõ fazer, o que com magoa noſſa repetimos, como ſe fora poſſivel ſernos preſente, o que paſſou dentro nos ſeus Clauſtros, e naõ fora gloria ſua o ſerem as ſuas acções publicas à veneraçaõ do Mundo.

E Naõ temos deſte Servo de Deos mais noticias, que as que deixamos eſcritas no texto, o qual morreo no anno de 1596, e tiramos do Padre Joaõ de Nadaſi, no ſeu livro intitulado: *Annus Dierum memorabilium Societatis Jeſu*, na II. Parte, em eſte dia.

F Naõ apontaõ as Chronicas da Ordem de Saõ Domingos, o anno em que faleceo Dona Branca, nem de nenhuma ſorte póde ſer o que lhe dá o Author do *Agiologio Dominico*, de 1500; porque a fabrica deſte Moſteiro ſe principiou, em o anno de 1519; e eſta Serva de Deos, foy a ſegunda Prioreſſa que elle teve, depois de occupar largos annos eſte lugar, a primeira Prioreſſa Sor Franciſca de Saõ Jeronymo. Tambem lhe naõ damos appellido, ainda que o referido Author, lhe dé o de Ataide; porque o Padre Frey Luiz de Souſa confeſſa ignorarlhe aſſim o do ſeculo, como o da Religiaõ, e ſó a dá a conhecer por ſobrinha da Fundadora Dona Joanna de Ataide, filha de D. Joaõ de Souſa, Capitaõ dos Ginetes do Infante Dom Fernando, pay de ElRey Dom Manoel, Commendador das Commendas de Ferreira, e da Repreza, e de Alvalade na Ordem de Santiago, Fidalgo de conhecida eſtirpe, e eſforçados feitos, como ſe vê do ſeu Epitafio, que tem na Capella môr de Ferreira, foy caſado com Dona Branca de Ataide, filha de Joaõ de Ataide, Senhor de Penacova; e ſuppoſto buſcamos com curioſidade os livros de Familias, a cujo eſtudo nos leva facilmente o genio, naõ podemos ſaber de quem fora filha Dona Branca, deſcuido em que ſem reparo tem cahido os noſſos Genealogicos, eſquecendo-ſe de ordinario dos que profeſſaraõ na Religiaõ, como ſenaõ produziſſem para o Ceo frutos, que mereceſſem a memoria de ſeus Illuſtres avós; e como Dona Joanna de Ataide, teve por irmaõ Manoel de Souſa, que foy Senhor da Caſa, e Commendas de ſeu pay, de quem naſceraõ muitos filhos, como de ſua irmãa a Condeſſa Dona Maria de Ataide, mulher de Dom Joaõ de Vaſconcellos, Conde de Penella, poderá ſer que de algum deſtes irmãos foſſe filha Dona Branca, ao que nos ajuda a conjectura de ſe chamar Branca, como ſua avó, e ſer conhecida por ſobrinha da Fundadora; e por ſe recolher no Moſteiro da Roſa, ſerá a razaõ, porque falta nos Nobiliarios o ſeu nome. A Fundaçaõ deſte Moſteiro, eſcreve o Licenciado Jorge Cardoſo, no *Commentario* do dia 13 de Janeiro, letra F, nelle dá a conhecer Luiz de Brito, e Dona Joanna de Ataide, por peſſoas nobres, ſendo que eraõ Fidalgos de eſclarecido naſcimento; porque Luiz de Brito, era XI. neto por varonia de Dom Pedro de Brito, que ſe achou na tomada de Lisboa, e tinha vindo na Armada, em companhia de ſeus irmãos Martinho, e Valtero, e ſeu tio Dom Lignel, Flamengos; e ElRey Dom Affonſo Henriques, o caſou com Dona Olaya Mendes, filha de Martim Soares, Senhor da terra de Val Longo, e Dona Joanna de Ataide, era V. neta por ſeu pay, de ElRey Dom Affonſo III. de Portugal, por ſeu filho illigitimo Martim Affonſo Chichorro, caſar com Dona Ignez Lourença de Souſa, herdeira de Dom Lourenço Soares de Valadares, e de Dona Maria Mendes de Souſa, da Illuſtriſſima familia dos Souſas, de que ſe conſerva clara deſcendencia.

cendencia. Tambem naõ podemos deixar de eſtranhar o dizer no meſmo lugar Cardoſo, que naõ conſta, de que Convento foſſem as Fundadoras deſte Moſteiro, ſendo que allega a III. Parte da *Chronica de Saõ Domingos*, do Padre Frey Luiz de Souſa, que inda naõ eſtava impreſſa, e a vio m. ſ. Della conſta ſerem Sor Franciſca de Caſtro, que no Convento ſe chamou de Saõ Jeronymo, Sor Brites dos Reys, e Sor Antonia das Chagas, do Moſteiro de Jeſus de Aveiro, e Sor Antonia do Eſpirito Santo de Santarem, donde por conjectura quer, que ſejaõ as Fundadoras deſta Caſa, e com hum argumento negativo refuta a Frey Luiz de Souſa, de naõ ler em Frey Nicolao Dias, na *Vida da Princeza Santa*; e Lopes, na III. Parte, onde trazem eſtes Authores as Religioſas, que ſahiraõ de Aveiro a Fundar, naõ traga o Moſteiro da Roſa; ao que accreſcenta, que naõ póde ſer veroſimel; porque impetrou a Prioreſſa de Aveiro Dona Maria de Ataide hum Breve do Papa Leaõ X. para ſe naõ poderem tirar Religioſas daquelle Moſteiro, ſem conſentimento da Prioreſſa, e mayor parte da Communidade; ao que facilmente ſe reſponde, que, ou foy antes do Breve, ou depois com eſta formalidade, e que a authoridade de Frey Luiz de Souſa, e Frey Luiz de Cacegas, que vio os Cartorios da Provincia, com aſſaz cuidado peſa mais, do que as dos Authores, que os naõ viraõ; pois da *Hiſtoria de Saõ Domingos* ſe vê; que tudo he provado com eſcrituras; e que o que toca ao Moſteiro da Roſa, ha de ſer tirado dos documentos, que vio daquella Caſa. Fazem mençaõ deſta Serva de Deos a III. Parte da *Chronica de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 3; e Frey Thomás Soveges, no grande *Anno Dominicano*, e huma Recopilaçaõ deſta Obra, por hum Terceiro Dominico, ambos na lingua Franceza, e Frey Manoel de Lima, no *Agiologio Dominico*, todos neſte dia.

G Pelos annos de 1590, foy receber os merecimentos das ſuas virtuoſas obras a Madre Sor Franciſca da Sylva, como diz o *Agiologio Dominico* neſte dia, e de quem faz tambem menção Souſa, na III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 3.

H Em o anno de 1646, ſendo Governador, e Capitaõ General da Cidade de Tanger Dom Gaſtaõ Coutinho, depois de ter governado as Armas na Provincia do Minho, onde dos Caſtelhanos, e Galegos, conſeguio repetidas vitorias. Neſta Praça ſervia Sebaſtiaõ Gomes, natural de Alenquer, o qual ſendo cativo, como temos dito, conſeguio pela confiſſaõ da Fé a palma do Martyrio, merecendo deſta ſorte, ſer aliſtado ao immenſo eſquadraõ dos Martyres. Deſte ſucceſſo faz menção o Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes, na *Hiſtoria de Tanger*, liv. 3.

JULHO II.

A Viſitaçaõ de Noſſa Senhora.

A Feſta da Viſitaçaõ da Virgem Santiſſima Senhora Noſſa, celebre em Portugal, alcançou o feliciſſimo Rey Dom Manoel, por eſpecial Breve da Sé Apoſtolica, para ſe feſtejar, como particular do Reyno, e a eſte Myſterio dedicou a Santa Caſa da Miſericordia de Lisboa; e eſte titulo tem todas as Igrejas das Irmandades das Miſericordias do Reyno, cujo devoto Inſtituto ſe acha em todas as Cidades, e Villas principaes delle; e para que foſſe perpetua, e ſolemnemente feſtejada, mandou nas Ordenações do Reyno, que com Prociſſaõ neſte dia celebraſſem os

Senados das Cameras das Cidades, e das Villas, que com os Cabidos das Sés cumprem todos eſta Ley, para teſtemunho perpetuo da devoçaõ, e piedade daquelle grande Monarca.

B Em a Villa de Almeirim, antiga Corte dos noſſos Reys, no Convento de Noſſa Senhora da Serra, da eſclarecida familia Dominica, eſtá muy viva a memoria do Religioſo Padre Frey Thomás da Coſta, inſigne em Letras, e Pulpito, de que ſó ſe ſervia para proveito das almas, ſem que o moveſſe a continuar eſte exercicio o univerſal applauſo de ſer acclamado pelo mayor Orador, naõ ſómente pelo povo, mas pela Mageſtade de El Rey Dom Joaõ o III. que o fez ſeu Prégador, ſendo-lhe taõ agradavel à ſua peſſoa, como aos Infantes ſeus irmãos. Affirma-ſe deſte Padre, que era taõ recolhido, que naõ entrava no Paço a outro effeito mais, que o da Prégaçaõ. Foy taõ humilde, que recuſou o gráo de Meſtre da Ordem, que por ſuas letras, e trabalho tinha bem merecido; taõ pobre, que naõ havia na ſua cella mais alfayas, do que as que podia ter o mais pobre Frade, ſendo que pelas eſtimações da Corte podera adquirir muito, ſe a ſua cobiça ſe dirigiſſe mais, que ao proveito do proximo; e como deſintereſſado reprehendia com Apoſtolico zelo os vicios, ſem exceiçaõ de peſſoa; imprimia de tal ſorte a doutrina, que prégava nos corações dos ouvintes, que ao mais obſtinado coraçaõ deixava convencido; perſuadia com tal elegancia, que de hum unico acto produzia encontrados effeitos. Finalmente cheyo de merecimentos, deu fim ao glorioſo curſo da ſua vida neſte dia.

Frey Thomás da Coſta Dom.

C Em o Convento de Santo Eloy, da Congregaçaõ dos Conegos de Saõ Joaõ Evangeliſta, a felice memoria do Padre Jacobo de Santa Maria, que ſoube acreditar o raro exemplo, com que buſcou a Religiaõ, ſacrificando a vida em utilidade dos proximos, offerecendo-ſe eſpontaneamente com grande animo a ſervir os feridos do mal da peſte, que em aquella occaſiaõ padecia a Cidade de Lisboa, até que ſendo accometido do meſmo mal, com grande pena da ſua charidade, rendeo no mayor fervor do eſpirito a vida, em obſequio de ſeu Creador, de cuja viſta he de crer eſtá gozando.

O Padre Jacobo de Santa Maria da Congreg. do Evangeliſt.

D Em Meliapor, na India Oriental, o felice Tranſito de Frey Antonio Petronio, da Serafica Familia, que pela ſaude das almas paſſou a taõ remotos climas, ſó pela Prégaçaõ do Evan-

Frey Antonio Petronio Franciſc.

Evangelho, de que em pouco tempo tirou copioſo fruto, dando o Sagrado Bautiſmo a mais de mil e trezentos Gentios, que com a ſua doutrina, ſe reduziraõ à Fé de Chriſto, creſcendo cada dia o numero dos convertidos, e mais a piedade nos Fieis, de quem tirou piedoſas eſmolas, com que erigio huma Igreja com o titulo de Saõ Thomé, aonde fazendo muitos ſerviços a Deos, depois com jejuns, e outras abſtinencias, e ſantas orações, ſe foy a lograr do premio merecido na eterna Bemaventurança, como teſtemunha o acharem-no de joelhos morto, orando diante de hum Crucifixo, aos noventa annos de ſua idade.

E Neſte dia no Moſteiro de JESUS de Vianna, na Provincia Tranſtagana, fechou com precioſa morte o curſo de huma innocente vida a Madre Maria dos Anjos, de taõ louvaveis coſtumes, e de taõ grande obſervancia, e Religiaõ, que ſendo muy moça, foy eleita Prioreſſa, officio, que recuſava a ſua humildade, e facilitou a obediencia, ſacrificando a ſua vontade ao preceito do Prelado. Seguio ſempre huma vida penitente, e mortificada; depois que entrou na Religiaõ naõ comeo carne; frequentou a oraçaõ, em que permanecia largo tempo de joelhos, naõ faltando a nada do que a Regra lhe mandava. Eſtas virtudes acriſolou na paciencia, com que ſofreo largos annos huma hydropeſia, que ſe lhe aggravou de ſorte, que feito o corpo em chagas ſe corrompia, gerando da putrefacçaõ bichos; e podendo o horror do mal cauſarlhe deſplicencia, era tal a ſua conformidade, que já mais ſe lhe conheceo diminuiçaõ; porque reſignada na vontade de Deos, nem do que padecia a ouviaõ queixar; e aſſim conſtante no que padecia, como quem era fortalecida com a Divina Graça, deixando huma ſanta enveja nas ſuas companheiras, acabou em paz. *Sor Maria dos Anjos Jeronyma.*

F Item no Convento de Noſſa Senhora da Graça, da Erimitica Familia de Santo Agoſtinho, da Cidade de Lisboa, dormio em o Senhor Frey Manoel de Coina, Religioſo de grande obſervancia, e de muita contemplaçaõ, em que ſe empregava todo o tempo, que lhe reſtava das obrigações de Porteiro, em que a obediencia o pozera, para luzir a ſua charidade: impoſſibilitavaõ-lhe as fadigas do officio o buſcar a quietaçaõ do eſpirito; porque a alma ſuſpirava, aſſim as horas do *Fr. Manoel de Coina Eremita.*

ſilencio, e da noite, que he o tempo, que à vida Religioſa ſe deſtina o deſcanſo; entaõ ſe punha Frey Manoel a meditar, e enlevado nas Celeſtes delicias, que o Senhor communica, aos que perſeveraõ neſte ſanto exercicio da Oraçaõ, o acharaõ muitas vezes arrebatado em extaſi, gozando deſte ſuave ſono em que a alma vigiando alcançava ſoberanas intelligencias. Naõ podia deixar de ſer humilde de coraçaõ, quem tanto converſava com Deos; e aſſim ſe exercitou neſta virtude com eſpanto, e edificaçaõ de todos, os que o conheciaõ; ſendo taõ notoria a ſua charidade com os pobres, que quando lhe faltava com que os ſoccorrer, com lagrimas explicava o ſeu ſentimento, naõ deixando a nenhum deſcontente; porque, ou lhes dava eſmola, ou os edificava com a pena, que tinha, de naõ ter que lhes dar: neſta vida perſeverou, até que foy receber a retribuiçaõ devida na eternidade da Gloria.

Sor Catharina da Encarnaçaõ Dom.

G Em o obſervante Moſteiro do Sacramento, da Cidade de Lisboa, da Dominicana Familia, ſe conſervará ſempre ſaudoſa memoria da Madre Sor Catharina da Encarnaçaõ, de taõ innocentes coſtumes, que ſoube deſde os primeiros annos da ſua florida idade, entre a grandeza do trato da caſa de ſeus pays os Condes de Baſto, conſervar firme o eſpirito da Religiaõ. Tinhaõ eſtes deſtinado a Dona Catharina, para com novas alianças conſervar em glorioſa poſteridade o Illuſtre ſangue dos Caſtros; mas attalhou o ſeu eſpirito eſta prudente politica, fazendo voto de Caſtidade, aos deſaſeis annos da ſua idade, que chegou a cumprir, ſem que por ella paſſaſſem os coſtumados entretenimentos, de que ſe coſtumaõ ornar os tenros annos; porque já nelles foy dotada de hum entendimento prudente, e devoto; e aſſim logo começou a ſe empregar em Celeſtes commercios com o Divino amor. Era de hum eſpirito vivo, a que a curioſidade inclinou à liçaõ da Hiſtoria, de que deu taõ boa conta, que ſoltava todo o ponto, que na ſua preſença ſe duvidava; mas arrependida deſta vaidoſa liçaõ, ſe empregou com todo o cuidado à dos livros eſpirituaes, chorando toda a ſua vida aquelle tempo, que perdera; tendo por inutil todo o que naõ empregou em Celeſte contemplaçaõ. Ainda naõ podia ſocegar no modo de vida, que obſervava; porque lhe faltava o rigor das penitencias, que veyo a conſeguir por meyo do ſeu Confeſſor, recebendo alguns cilicios, e

outros

outros inſtrumentos, com que affligia o delicado corpo, que debilitava com jejuns, e outras mortificações, com que ſuavizava o aborrecimento das galas, que a grandeza da caſa, e eſtado de ſeus pays faziaõ indeſpenſaveis. A eſtes virtuoſos exercicios ajuntava huma ardente compaixaõ do proximo, com quem diſpendia com generoſa charidade, ſentindo naõ poder em ſeu beneficio empregar as opulentas rendas de ſeus pays. Purificou Deos eſta pura alma com doenças taõ repetidas até os vinte quatro annos, que era a ſua vida huma continuada mortificaçaõ, em que acriſolou a paciencia; mas nem por iſſo deixava com viva ancia de deſejar o eſtado de Religioſa, a que ſempre teve eſpecial inclinaçaõ. Creſciaõ as queixas, e quando com penoſos accidentes pareciaõ mais intoleraveis para o eſtado, que pretendia, eraõ eſtas meſmas deſpertadoras da vida, que deſejava. Aſſim reſoluta ſe determinou a fallar a ſeus pays, declarando-lhes, que em voto de Caſtidade tinha conſagrado a Deos a ſua vida, e que com eſta certeza ſe diſperſuadiſſem a lhe dar no Mundo outro eſtado, de que o de Freira Capucha, em cuja pretençaõ a achariaõ firme, até acabar a vida. Eſta pratica ouviraõ os Condes com deſagrado; mas inda aſſim pretenderaõ com razoens convencer a filha, moſtrando-lhe no debil, e delicado da ſua natureza, huma clara prova contra o eſtado, que intentava; pois opprimida dos achaques, que a poſſuiaõ, ſe havia de ver obrigada de eſcrupulo de conſciencia a largar a Religiaõ; pois ſe entre o cuidado, e regalos da ſua caſa naõ podia a ſua natureza vencer os achaques, como ſeria poſſivel ſoportallos entre a auſteridade de huma vida rigoroſa, e penitente? Mas firme Dona Catharina na reſoluçaõ, recorreo a Deos, pedindo-lhe, que com Divina Luz inſpiraſſe em ſeus pays, admittiſſem os ſeus rogos; e em quanto naõ alcançava de Deos feliz deſpacho a eſta ſupplica, aſſentou comſigo viver entre a grandeza de ſeus pays com o humilde traje de Capucha; para o que de repente appareceo veſtida de pano negro, e groſſeiro, com toalha taõ compoſta, que ſe lhe naõ via cabello algum; e com eſte traje começou huma mortificada, e auſtéra vida, gaſtada toda em penitencias, contemplaçaõ, e outros ſantos exercicios. Nove annos tinha empregado D. Catharina, em huma vida taõ perfeita, que podia ſer idéa da mais obſervante Religioſa, ſem que

deſiſtiſſe

deſiſtiſſe de que Deos coincidiria com os ſeus rogos, dando-lhe ſepulchro dentro dos Clauſtros de huma Religiaõ reformada; e para facilitar do Senhor eſta graça, tomou por medianeira à Virgem MARIA, a quem ternamente amava; e em obſequio do Roſario fez voto, de que ſe chegaſſe a ſer Religioſa Capucha, a ſerviria quinze annos, em louvor dos quinze Myſterios, ſendo bem admirada a execuçaõ deſte obſequio, e foy, jejuar todos os dias dos quinze annos (excepto os Domingos) e nas veſperas da Senhora a paõ, e agua, ſendo cada Myſterio o exercicio da virtude daquelle anno, obrigando deſte modo a Deos a ſatisfazer ao ſeu deſejo. Eſte voto repetio toda a vida; e aſſim jejuou quaſi todo o tempo, que viveo. A ſua conſtancia mereceo alcançar de ſeus pays a deſejada licença de ſer Religioſa. Eſcolheo o Moſteiro do Sacramento, onde ajuntando à obſervancia da Caſa, aſperas penitencias, trocou os cilicios por cadeas de ferro: ſobre o peito, e coſtas trazia huma Cruz de penetrantes pontas; e eſte rigor ſuaviſava com oito horas de oraçaõ mental: era muy breve o tempo que dormia, ſendo ſempre veſtida. Na obſervancia da Religiaõ foy taõ pontual, que nos ultimos dias da ſua vida declarou ao Prelado, que com advertencia nunca quebrara as leys da obſervancia; taõ humilde, que os exercicios mais vís da Communidade eraõ a ſua mayor ſatisfaçaõ; de ſorte que nem o lugar, e occupações de Prelada a livraraõ de ſervir a todas, empregando-ſe com mayor cuidado com as enfermas. Todas as ſuas acções eraõ hum continuo deſpertador da Eternidade, e por iſſo tinha a pobre cellinha ornada com ſentenças, e aviſos a eſte ſentido, para que deſta ſorte ſe naõ apartaſſe nunca da preſença de Deos. Finalmente, com trinta e dous annos de ſantos exercicios, prevendo o dia da morte, depois de recebidos os Sacramentos com devotas jaculatorias, tendo edificado a Communidade com novas moſtras de humildade, cerrou com morte precioſa o glorioſo curſo de huma innocente vida.

Fr. Innocencio do Eſpirito Santo Bened.

H No ſumptuoſo Moſteiro de Saõ Bento de Lisboa, dormio felicemente em o Senhor, Frey Innocencio do Eſpirito Santo, o qual tomando o habito da Monacal Familia Benedictina no Moſteiro de Tibaens, ſe portou com tanto exemplo, e reforma da vida, que era idéa de hum perfeito Religioſo. Nos actos da Communidade para a obſervancia da Reli-

Religiaõ era dos primeiros; no Coro tocava Orgaõ; todo o tempo, que lhe reſtava das obrigações do eſtado, que profeſſava, gaſtava utilmente, fogindo à ocioſidade, como recommenda o glorioſo Patriarca Saõ Bento; e aſſim o empregava, trabalhando em fazer Imagens de Santos de vulto, com que ornava os Altares dos Moſteiros da ſua Ordem. Neſte modo de vida perſeverou, até que a obediencia o mandou para Sachriſtaõ do Moſteiro de Lisboa, em que viveo alguns annos, conſervando ſempre a celebre opiniaõ, que ſe tinha da ſua virtude, e exercitando eſta ocupaçaõ com louvor, aſſim na Ordem, como na Cidade; porque nelle luzia a compoſtura, e devoçaõ com humildade Religioſa. Teve taõ grande devoçaõ à Virgem Santiſſima, que ſe affirma, que eſta lhe fallara: era tal o cordeal affecto com que a venerava, que eſtando ſem falla por hum accidente de paralyſia, todas as vezes que lhe perguntavaõ, ſe queria recitar o Officio da Senhora, reſpondia, que ſim; e principiando a Ave Maria, moſtrava animarſe para rezar as Horas: repetiraõ os accidentes; porém como verdadeiro ſervo andava preparado para dar conta a ſeu Senhor, ainda que lhe tiraraõ a falla, ſe lhe reſtituhio para louvar a Deos, antes da ſua morte; porque aos golpes, que dava o ſino, fazendo final de ſe levantar a Hoſtia na Miſſa, ſe lhe ouviaõ eſtas palavras: *Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento;* e com tranquilla morte foy receber o premio de ſuas preclaras acções no Reyno, que naõ tem fim.

Commentario ao II. de Julho.

Depois que o Archanjo S. Miguel, annunciou à Virgem Santiſſima, que de ſuas puriſſimas entranhas naſceria o Verbo, como refere Saõ Lucas no cap. 1. num. 30, e a Senhora com verdadeira humildade acceitou eſta ſolemne embaixada, foy às montanhas de Judéa, e entrando em caſa de Zacharias, ſaudando a Santa Iſabel, o Percurſor de Chriſto dentro no ventre de ſua Mãy, antecipado da luz da razaõ, adorou ao Meſſias promettido; o que conhecendo Santa Iſabel, já cheya do Eſpirito Santo, exclamou dizendo: *Bemdita tu entre as mulheres, e Bemdito o Fruto do teu ventre.* Depois deſtas laudações, proferio a Senhora aquelle celebre Cantico, que todos os dias recita a Igreja às Veſperas: *Magnificat anima mea Dominum.* Era diſtante de Nazareth a Cidade, em que vivia Zacharias; e ſendo o caminho de mais de quarenta milhas, como diz Santo Iſidoro lib. de *Vita Sancti Joſeph.* Salmeron, liv. 3. trat. 10, diz, que foy revelado, que ſendo a jornada de ſeis dias, a Virgem Maria, de innumeraveis Anjos, que viſivelmente lhe aſſiſtiaõ, a vencera em hum dia; e por iſſo o Texto diz: *Cum feſtinatione.* A Madre Sor Maria de Jeſu, na *Myſtica Ciudad de Dios* tom. 2. liv. 3. cap. 16, diz, que a jornada lhe durara quatro dias; mas piamente nos accomodamos com o que refere Salmeron.

Que

Que Cidade foſſe a em que vivia Zacharias, achamos grande variedade nos Padres Expoſitores; Euthimio diz ſe chamava Montana; Beda, o Beato Alberto Magno, Saõ Boaventura, Hugo, e outros, dizem ſer eſta Cidade Jeruſalem; o Cardeal Tolledo, in Evangel. cap. 1. annot. 116, diz, que alguns imaginaraõ ſer Belem, o que naõ póde ſer como advertio eſte Author; porque aſſim nos exemplares Gregos, como Latinos, nomeaõ a Cidade de Juda, que em nenhum dos Doutores antigos ſe interpetra Belem. De mais, que ſe deve reparar no que ſe lê no cap. 21. de Joſué, em que ſe aſſinaraõ quarenta e oito Cidades, com os ſuburbios para os Livitas, que naõ tinhaõ parte certa, e determinada, ſenaõ eraõ divididos por todos, para ſervirem nos ſeus miniſterios a todos. Os que eraõ Sacerdotes de Aron, em tres Tribus, que confinavaõ com elle, lhe eraõ aſſinados treze Lugares em os Tribus de Judá, Simeon, e Benjamin, para que ficaſſem os Sacerdotes viſinhos de Jeruſalem. Entre as Cidades do Tribu de Judá, e Simeon, he numerada pela primeira Cariatharbe, ou Hebron, ou Chebron, da qual diz Chriſtovaõ Cellario, na Geografia antiga: *Vetuſtis nomen erat Kirath Arba olim, Hebronem nuncupatam Kirath Arba fuiſſe traditur, quod nomen per novam Hebron fuit abolitum*, a qual era ſituada no Monte, e a principal para os Sacerdotes; e por iſſo o Evangeliſta Saõ Lucas diz: *In Montana in Civitatem Judá*, indicando ſer Hebron, que era ſita nas Montanhas, huma das aſſinadas no Tribu de Judá para os Sacerdotes, como era Zacharias; o que affirmaõ os Cardeaes, Toledo, *ubi ſupra*; Baronio, *in Apparatu ad Annal Eccleſ.* tom. 1. n. 78; Tirino, e Barradas, tom. 1. liv. 1. queſt. 9; Beaulam Cartagena, que allega Sylveira, *in Evangel.* tom. 1. liv. 1. cap. 6. de *Viſitat.* Martin del Rio, Florida Marianna, *in Paneg.* 7; Nicephoro, na *Hiſt. Eccleſ.* 1. cap. 8; Breid. no 1. cap. de Saõ Lucas; Broc. que allega, e ſegue Alapide, *in Evang.* no 1. cap. de Saõ Lucas: dizem que a caſa de Zacharias, ficava junto a Emaús, e naõ differem niſto da noſſa opiniaõ; porque conforme Chriſtiano Adricomio, no *Theatro da Terra Santa*, na Tab. do Tribu de Judá, ſe vê a Caſa de Zacharias, naõ longe de Emaús, e Cariatharbe. O Eruditiſſimo nas linguas Hebraica, e Grega, Monſieur Simon, em o *Diccionario da Biblia*, na lingua Franceza, diz, que a caſa de Zacharias, em que fora a viſitaçaõ da Senhora a Santa Iſabel, era em Hebron. O meſmo ſegue Lenain de Tillemon, na ſua *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, tom. 1, quando trata da Santa Virgem, art. 3. fol. 106, da impreſſaõ de Bruxellas; e o Padre Calmet, na ſua admiravel Obra do *Dictionario Hiſtorico, Critico, Chronologico, Geografico, e Literal da Biblia, in verbo Hebron.* A Madre Sor Maria de Jeſu, no lugar citado n. 208, diz, que lhe foy revellado, que a Cidade ſe chamava *Judá*, que ſe arruinou depois alguns annos do Naſcimento de Chriſto; e porque os Expoſitores a naõ acharaõ, entenderaõ, que Saõ Lucas pelo nome de Judá havia dito a Provincia. Naõ duvidamos da virtude deſta Serva do Senhor, nem menos que Deos lhe revelou muitas couſas; porém como eſtas ſaõ pela mayor parte myſterios, que tem diverſas intelligencias, e communicados com luz intelectual, que na explicaçaõ naõ póde ſer igual; naõ podemos apartarnos de ſeguirmos a tantos homens doutos na lingua Grega, que lendo no original a Saõ Lucas, naõ percebeſſem, ſe dizia na Cidade de Judá, ſe na Provincia; porque a collocaçaõ das palavras ſaõ differentes do que na lingua Latina. Ainda hoje exiſte eſte lugar da caſa de Zacharias, em que naſceo o Bautiſta, e foy circuncidado, e eſcondido em huma cova, para eſcapar da perſeguiçaõ, que Herodes fez aos innocentes. Neſte lugar foy edificada huma Igreja, que hoje naõ exiſte, e foy fundada no meſmo lugar, em que Zacharias, cheyo do Eſpirito Santo, profeticamente diſſe o Cantico: *Benedictus Dominus Deus Iſrael.*

Eſta ſacratiſſima Feſta da Viſitaçaõ foy inſtituida na Igreja pelo Papa Urbano VI. ſexto Idus Aprilis do anno de 1389, ultimo do ſeu Pontificado, e paſſado o Decreto já nos ultimos dias da ſua vida; e aſſim foy promulgado, e confirmado pelo Papa Bonifacio IX. como refere Frey Natal Alexandre, na *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, no ſeculo XIII. e XIV. no tom. 7. cap. 2. art. 8. fol. 63. da impreſſaõ de Pariz de 1689. O Cardeal Baronio, no Commento ao Martyrologio Romano neſte dia, conta, que eſta Feſta foy inſtituida pela urgente neceſſidade, que a Igreja

a Igreja padeceo com os ſciſmas ; para o que, implorando o ſoccorro da Virgem Santiſſima, ſe alcançou o favor de Deos, manifeſtando com milagres, e revelações, que approvava eſta ſolemnidade. Conſta o Decreto deſta Feſta, do Concilio Faſilienſe ſeſſ. 43, anno de 1441, como refere Azor. part. 2. liv. 2. cap. 23. queſt. 2. Nos Anuaes da Ordem de Saõ Franciſco, ſe mandou celebrar eſta Feſta no duodecimo Capitulo geral, no anno de 1263, ſendo Geral Saõ Boaventura, *Chron. Ordin. Minor.* fol. 27, do que ſe eſqueceo Artur, no *Martyrologio Franciſcano*; pois naõ lhe dá na ſua Ordem mais antiguidade, que depois de ſer eſtabelecida pela Igreja, e que a authoridade do Capitulo geral, a mandou celebrar com Oitava, como a Natividade, e depois com Officio particular. No Concilio Baſilienſe, como fica dito, ſe manda celebrar eſta Feſta, que a Igreja celebrou com Officio proprio, que mudou o Papa Pio V. excepto a Homilia, ſegundo as regras do Breviario Romano, ſem Vigilia. O Papa Clemente VIII. o poz na fórma, que hoje ſe reza, principalmente as Antiphonas, e o declarou Duplex maius anno 1550, como diz Gavanto, e o Padre Dom Caetano Maria Merati, *Theſaurus Sacrorum Rituum*, tom. 3. pag. 521, impreſſo em Roma, no anno de 1738. Os Authores: *Acta Sanctorum, tom. 1. Julii pag. 295.*

Na Igreja de Rens ſe celebra eſta Feſta a 8 de Julho, como diz Carlos Goyeto, *Ortologia, ſive de Feſtis propriis locorum, & Eccleſiarum*, liv. 2. c. 43. nas Cathedraes de Çamora, e Aſturias; e na Ordem dos Carmelitas ſe reza o Officio antigo. Tamayo, no *Martyrolog Hiſpan.* neſte dia; do qual ſe achaõ nos Padres diverſas Homilias, e memorias, além dos que já allegamos. S. Joaõ Chryſoſtomo, *Homil.* 49. Origenes, na *Homil.* 8. Santo Ambroſio, liv. 2. *Comment. in Luc.* Hieroſolymita *ex Cat.* Em Card. Maz. *apud* Combefis *in Feſto Viſitationis tom. 7. Bibliotheca Patrum.* Neſte dia ſe deſcobrio a Ilha da Madeira, ſendo o feliz principio das Conquiſtas deſte Reyno, e poderá ſer, que foſſe eſſa a cauſa, de ſer taõ venerado da Piedade de ElRey Dom Manoel, que mandou foſſe celebrado com Prociſſaõ ſolemne, em todas as Cidades, e Villas do Reyno, e por Ley o traz a Ord. no liv. 1. tit. 66. 48, e por Alvará ſeu paſſado no anno de 1516, que ſe guarda no Cartorio da Camera de Lisboa; manda ao Senado, que vá em Prociſſaõ neſte dia à Santa Caſa da Miſericordia, o que ſe cumpre, ſahindo da Sé, acompanhada do Cabido; e por Alvará de ElRey Dom Joaõ o V. que Deos nos guarde, ſe mandou ao Senado de Lisboa Occidental, antes de ſe unir, ſe fizeſſe a meſma Prociſſaõ, que ſahe da Patriarcal, com o Cabido daquella Santa Igreja, e ſe recolhe na dita Santa Igreja Patriarcal; para que em todas as partes ſe guardaſſe eſta piedoſa Ley, de que faz mençaõ. Peg. *ad Ord.* tom. 5. tit. 66. num. 48. Goes, na *Chron. de ElRey Dom Manoel*, part. 4. cap. 86. Maris, *Dial.* 4. cap. 19. Faria, *Europ. Portug.* tom. 2. part. 4. cap. 1 fol. 552. Parece, que ſomos obrigados a dar alguma noticia da Inſtituiçaõ da Santa Irmandade da Miſericordia, quando tratamos do Orago da ſua Caſa, o que ſerá muy brevemente, por haver deſta materia já hum livro, que compoz Frey Bernardo da Madre de Deos, da Ordem da Santiſſima Trindade, aonde trata da Inſtituiçaõ deſta taõ louvavel Irmandade, ordenada por aquella ſingular piedade da Sereniſſima Rainha Dona Leonor, e por Frey Miguel de Contreras, da meſma Ordem, de quem faz mençaõ o *Agiologio*, no dia 29 de Janeiro, letra D, aonde traz o primeiro aſſento, que teve eſta Illuſtre Irmandade, no Clauſtro da Sé de Lisboa, no anno de 1498; e depois edificandolhe ElRey Dom Manoel a Igreja, que hoje tem, obra digna do ſeu Real animo, a encheo de Privilegios, e izenções; e a piedade dos Catholicos, enriqueceo com grandes legados, que paſſa a renda do dinheiro, que tem, de 120U. cruzados cada anno, como ſe vê das folhas, que todos os annos imprime, das eſmolas applicadas pelos bemfeitores, para dotes de Orfãas, recolhimentos para Donzellas, e reſgate de Cativos, e outras deſpezas, com que ſe acode aos pobres deſamparados, prezos, e juſtiçados; fazendo-ſe viſitas particulares de ordinarias de todos os mezes, e geraes de todos os annos, e outras obras de inſigne charidade, em que ſe exercita a primeira nobreza do Reyno, ſervindo com grande zelo neſta Santa Irmandade: ſuſtenta das portas a dentro huma Enfermaria para entrevados, com a Invocaçaõ

de Santa Anna, com Cura, que lhes adminiſtra os Sacramentos. Tem mais hum decente Recolhimento, com 58 lugares para Orfãas, 40 de hum inſigne bemfeitor, chamado Manoel Rodrigues da Coſta, que fez celebre o ſeu nome, pela piedade, com que empregou os ſeus cabedaes; as deſoito Orfãas ſaõ da Caſa, a quem ſe dá dotes de duzentos mil reis; e às outras de cem. Naõ pode paſſar de quatro annos a ſua aſſiſtencia no Recolhimento, excepto as que entraõ da idade de nove annos, e podem eſtar até os 18. Tem eſte Recolhimento huma Regente, Porteira, Meſtra para enſinar as Recolhidas, ſeis ſerventes, hum Porteiro da parte de fóra; e verdadeiramente ſe vive neſte Recolhimento, como em huma das Clauſuras mais reformadas, conſervando-ſe o decóro da Caſa, e da Inſtituiçaõ, para que nelle foſſem bem criadas em vida, e coſtumes. Eſta Igreja logra ſuas izenções, por modo de Capella Real; e como tal he ſervida de Capellaens, e moços da Capella. No anno de 1594, a 19 de Mayo, dia da Aſcençaõ ſe fez huma ſolemne feſta a deſpeza de Dom Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz, para ſe collocar o Santiſſimo Sacramento, o que fez o Deaõ da Capella Real Lopo Soares de Albergaria, acompanhado dos Capellaens della, e com a aſſiſtencia de Miguel de Moura, hum dos Governadores do Reyno, precedendo licença do Arcebiſpo de Lisboa Dom Miguel de Caſtro; e depois de acabada a Miſſa, e a Hora com grande ſolemnidade, foy levado o Santiſſimo em Prociſſaõ pelo Deaõ à Capella do Eſpirito Santo. Advirta-ſe, que o Deaõ fez eſta Ceremonia; porque aſſiſtia hum dos Governadores do Reyno; porque a Capella Real naõ concorre ſem as Mageſtades, iſto antes de ſer erigida à eminencia, em que hoje a vemos como Patriarcal. He eſta Irmandade governada por hum Compromiſſo, feito com grande cuidado, e zelo; e parece que illuſtrado pela charidade daquelle primeiro Iſtituidor o Veneravel Frey Miguel de Contreras, o qual juraõ guardar todos os Irmãos; e as materias duvidoſas, que occorrem, naõ podem ſer decididas ſenaõ pelos Reys, que ſempre ſaõ Protectores, e Irmãos deſta Santa Caſa; e como taes podem diſpenſar, ſe lhes parecer, em algumas couſas, que a Meſa lhe propoem. Compoem-ſe a Meſa de hum Provedor, e Eſcrivaõ, Recebedor das eſmolas, dous Mordomos dos prezos, hum Nobre, outro Official, ſeis Viſitadores, de que tres ſaõ Officiaes, e hum Irmaõ da Capella, que he para diſtribuir as Miſſas; e ſe faz todos os mezes; e outros mais para o governo, os quaes ſe podem ver no Compromiſſo. O Hoſpital Real ſe governa por hum Theſoureiro, e Eſcrivaõ, cuja Inſtituiçaõ deixamos para o dia primeiro de Novembro de todos os Santos, que he o Orago daquella Igreja.

Depois, que eſta Santa Irmandade teve a Igreja, paſſou da Sé a 25 de Março, do anno de 1534, para o lugar aonde hoje a vemos, era Provedor já do anno antecedente o devoto Dom Pedro de Moura, que aſſim o achamos nos livros dos aſſentos; e como naõ havia ainda Compromiſſo, coſtumavaõ ſer reeleitos, o qual naõ ſe fez ſenaõ no anno de 1541, ſendo Provedor Dom Duarte da Coſta; e nelle ſe determinou, que ſem ſerem paſſados tres annos, naõ podeſſe ſer eleito o meſmo Provedor. Os que o foraõ deſde o anno de 1533, até o preſente ſaõ os ſeguintes.

1 Dom Pedro de Moura, do Conſelho de ElRey.
2 O meſmo Dom Pedro de Moura.
3 Ruy Figueira.
4 O meſmo Ruy Figueira.
5 O meſmo Ruy Figueira.
6 Ruy de Souſa.
7 Dom Alvaro da Coſta.
8 O meſmo Dom Alvaro da Coſta.
9 Dom Duarte da Coſta.
10 Affonſo de Albuquerque.
11 Fernaõ da Sylveira.
12 Bernardim de Tavora.
13 Affonſo de Albuquerque.
14 Ruy de Souſa.
15 Dom Garcia de Sá.
16 Dom Franciſco de Noronha, Conde de Linhares.
17 Manoel de Albuquerque.
18 Fernaõ da Sylveira.
19 Chriſtovaõ de Britto.
20 Affonſo de Albuquerque.
21 Dom Franciſco de Noronha.
22 Dom Luiz de Lencaſtre.
23 Dom Affonſo de Lencaſtre.
24 Dom Affonſo de Noronha.
25 Affonſo de Albuquerque.
26 Dom Alvaro de Mello.
27 Dom Duarte da Coſta.

28 Martim Affonſo de Souſa, e foy o primeiro enfermeiro môr do Hoſpital.
29 Dom Affonſo de Noronha.
30 Dom Sancho de Faro, Conde de Odemira.
31 Affonſo de Albuquerque.
32 Ruy Lourenço de Tavora.
33 Dom Alvaro de Mello.
34 Dom Luiz de Ataide; foy neſte anno para a India por Vice-Rey.
35 Dom Luiz Fernandes de Vaſconcellos.
36 Joaõ Nunes da Cunha, que por ſe auſentar, foy eleito para o meſmo anno, que era o de 1569.
37 Luiz de Brito.
38 Lourenço de Souſa.
39 Affonſo de Albuquerque.
40 Dom Pedro Diniz.
41 Dom Alvaro de Mello.
42 Dom Diniz de Lancaſtre, Commendador môr.
43 Ruy Lourenço de Tavora; foy neſte anno para a India por Vice-Rey, que era o de 1575.
É foy eleito, para acabar o tempo ſeu irmaõ.
44 Bernardim de Tavora.
45 Affonſo de Albuquerque.
46 Dom Alvaro de Mello.
47 Bernardim de Tavora.
48 Dom Diniz de Lancaſtre, Commendador môr.
49 Dom Thomás de Noronha.
50 Franciſco de Sá, Conde de Matoſinhos.
51 Pedro de Alcaçova Carneiro, do Conſelho de Eſtado, Védor da fazenda.
52 Manoel de Mello, Monteiro môr.
53 Diogo de Souſa.
54 Dom Diniz de Lancaſtre, Commendador môr.
55 Dom Joaõ da Coſta.
56 Manoel de Mello, Monteiro môr.
57 Dom Luiz de Lancaſtre.
58 O Commendador môr.
59 Dom Franciſco Maſcarenhas, Conde de Villa Dorta.
60 Fernaõ Telles de Menezes.
61 Manoel de Mello, Monteiro môr.
62 Dom Luiz de Lancaſtre.
63 Franciſco Barreto de Lima Pereira.
64 Fernaõ Telles de Menezes.
65 Manoel de Mello, Monteiro môr.
66 Dom Luiz de Lancaſtre, Commendador môr: morreo ſendo Provedor, e tornou a ſuccederlhe o meſmo acima; e por eſte morrer, o outro.
67 Franciſco Barreto de Lima: morreo ſendo Provedor, e acabou o ſeu tempo Fernaõ Telles de Menezes, que era o immediato, por ſerem mortos os mais.
68 Dom Manoel de Caſtel-branco, Conde de Villa nova.
69 Dom Joaõ da Coſta.
70 Dom Franciſco Manoel, Conde de Atalaya.
71 Matthias de Albuquerque.
72 Dom Gil Annes da Coſta.
73 Ruy Lourenço de Tavora.
74 Dom Jeronymo Coutinho.
75 Dom Chriſtovaõ de Moura, Marquez de Caſtello Rodrigo.
76 O Conde de Villa-nova; e por ſe auſentar, e os dous antecedentes, era imediato Ruy Lourenço de Tavora.
77 O Conde de Redondo Dom Joaõ Coutinho.
78 O Conde de Villa-Franca.
79 Dom Henrique de Portugal.
80 O Conde de Atalaya.
81 O Conde de Portalegre, Mordomo môr.
82 Luiz da Sylva.
83 O Conde de Santa Cruz.
84 Ruy Lourenço de Tavora, faleceo ſendo Provedor.
85 O Conde Almirante.
86 Dom Henrique de Portugal.
87 O Conde de Villa-nova Dom Manoel de Caſtel-branco.
88 O Conde Dom Diogo da Sylva.
89 Dom Franciſco de Caſtel-branco, Conde de Sabugal: neſte anno que foy de 1620, ſe fez a Caſa do Deſpacho, que hoje vemos.
90 Simaõ Gonçalves da Camera, Conde Capitaõ.
91 Dom Affonſo de Lancaſtre, Commendador môr.
92 Dom Affonſo de Noronha, do Conſelho de Eſtado.
93 Dom Franciſco de Caſtel-branco, Conde de Sabugal.
94 Dom Manoel de Caſtel-branco, Conde de Villa-nova, morreo ſendo Provedor.
95 Dom Manoel Alvarez da Cunha.
96 Gonçalo Pires Carvalho.

97 Dom Martinho Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz.
98 Dom Miguel de Almeida.
99 Dom Gonçalo Coutinho.
100 Dom Martinho Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz.
101 Pedro da Sylva.
102 Gonçalo Pires Carvalho.
103 Dom Joaõ da Sylva, Capellaõ môr, morreo ſendo Provedor.
104 Dom Jorge Maſcarenhas, Conde de Caſtel-novo.
105 Luiz da Sylva.
106 O Marquez de Gouvea.
107 Luiz da Cunha.
108 Dom Rodrigo da Cunha, Arcebiſpo de Lisboa.
109 O Conde de Figueiró.
110 O Marquez de Villa Real.
111 O Conde de Saõ Lourenço Pedro da Sylva.
112 O Conde de Villa-Franca Dom Rodrigo da Camera.
113 Dom Antaõ de Almada.
114 Dom Thomás de Noronha.
115 O Marquez de Gouvea.
116 Dom Jorge Maſcarenhas, Conde de Caſtel-novo, Marquez de Montalvaõ.
117 O Conde de Villa-nova.
118 O Conde de Sarzedas Dom Rodrigo da Sylveira.
119 Dom Miguel de Almeida, Conde de Abrantes.
120 Dom Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede.
121 Dom Alvaro de Abranches.
122 Jorge de Mello, General das Galés.
123 O Conde de Odemira Dom Franciſco de Faro.
124 Fernaõ Telles de Menezes, Conde de Villar-mayor.
125 Dom Vaſco da Gama, Marquez de Niza, e Almirante.
126 Dom Antonio de Alcaçova Carneiro, morreo ſendo Provedor.
127 Dom Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva.
128 Ruy de Moura Telles.
129 O Conde de Odemira D. Franciſco de Faro, faleceo ſendo Provedor.
130 Dom Vaſco da Gama, Marquez Almirante.
131 Dom Joaõ da Sylva, Marquez Mordomo môr.
132 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
133 Dom Rodrigo de Menezes.
134 O Conde de Atouguia Dom Jeronymo de Ataide, morreo ſendo Provedor.
135 O Conde de Caſtel-melhor Luiz de Souſa de Vaſconcellos.
136 Dom Joaõ da Sylva, Marquez Mordomo môr.
137 Dom Vaſco da Gama, Marquez Almirante.
138 Dom Diogo de Lima, Viſconde de Villa nova de Cerveira.
139 Dom Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva.
140 Dom Joaõ Maſcarenhas, Marquez de Fronteira.
141 Dom Vaſco da Gama, Marquez Almirante.
142 Luiz de Souſa, Biſpo Capellaõ môr.
143 O Marquez de Arronches Henrique de Souſa Tavares da Sylva.
144 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
145 Garcia de Mello, Monteiro môr.
146 Dom Diogo de Lima, Viſconde de Villa nova de Cerveira.
147 Dom Joaõ Maſcarenhas, Marquez de Fronteira.
148 O Marquez Mordomo môr Dom Joaõ da Sylva.
149 Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-mayor.
150 Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira.
151 Luiz de Souſa, Arcebiſpo de Lisboa, Capellaõ môr.
152 Miguel Carlos de Tavora, Conde de Saõ Vicente.
153 Dom Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas.
154 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
155 Dom Miguel da Sylveira.
156 Manoel da Cunha.
157 Manoel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete.
158 Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, faleceo ſendo Provedor.
159 O Conde Meirinho môr.
160 Dom Miguel da Sylveira.
161 Fernaõ de Souſa Caſtel-branco Coutinho e Menezes.
162 Franciſco de Tavora, Conde de Alvor.
163 Miguel Carlos de Tavora, Conde de Saõ Vicente.
164 Dom Luiz de Lencaſtre, Conde de Villa

Villa-nova, Commendador mór.
165 Dom Franciſco de Souſa, Capitaõ da Guarda de Sua Mageſtade.
166 Diogo de Mendoça Furtado, e Albuquerque, faleceo ſendo Provedor.
167 O Conde de Atalaya.
168 O Marquez das Minas.
169 O Conde Baraõ.
170 O Conde de Saõ Vicente Miguel Carlos.
171 O Conde de Alvor Franciſco de Tavora.
172 O Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello.
173 O Conde dos Arcos Dom Marcos de Noronha.
174 O Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça.
175 O Conde de Vianna Dom Joſeph de Menezes.
176 O Conde de Sarzedas Dom Rodrigo da Sylveira.
177 O Conde de Villa-verde Dom Pedro Antonio de Noronha.
178 O Biſpo Capellaõ mór, Inquiſidor Geral Nuno da Cunha de Ataide.
179 O Marquez de Fronteira Dom Fernando Maſcarenhas.
180 O Conde da Ribeira Grande.
181 O Marquez de Alegrete Fernaõ Telles da Sylva.
182 Dom Filippe de Souſa, morreo ſendo Provedor.
183 O Conde de Aſſumar Dom Joaõ de Almeida.
184 O Marquez de Fronteira Dom Fernando Maſcarenhas.
185 O Conde de Coculim Dom Filippe Maſcarenhas.
186 O Cardeal Nuno da Cunha de Ataide.
187 O Conde de Valadares Dom Carlos de Noronha.
188 O Marquez das Minas Dom Joaõ de Souſa.
189 O Marquez de Abrantes Rodrigo Eannes de Sá.
190 O Marquez de Gouvea Dom Martinho Maſcarenhas.
191 O Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva.
192 O Cardeal da Cunha.
193 Dom Lourenço de Almada.
194 O Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva.
195 O Marquez de Valença Dom Franciſco de Portugal.
196 O Conde de Coculim Dom Filippe Maſcarenhas.
197 O Conde de Aſſumar Dom Joaõ de Almeida.
198 O Conde da Ericeira Dom Franciſco Xavier de Menezes.
199 Nuno da Sylva Telles.
200 O Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva.
201 O Conde de Coculim Dom Filippe Maſcarenhas.
202 O Conde de Valladares Dom Miguel Luiz de Menezes.
203 O Conde de Aſſumar Dom Pedro de Almeida.
204 Dom Affonſo de Noronha.
205 O Conde de Villa-nova Dom Pedro de Lencaſtre.
206 Thomás da Sylva, Viſconde de Villa-nova de Cerveira.
207 Nuno da Sylva Telles.
208 O Conde de Tarouca Dom Eſtevaõ de Menezes.
209 Luiz Ceſar de Menezes.
210 O Conde de Villa nova Dom Pedro de Lencaſtre.
211 O Conde de Aſſumar Dom Pedro de Almeida.

B O Convento de Noſſa Senhora da Serra de Almeirim, foy Fundaçaõ de ElRey Dom Joaõ o III. ſendo Principe; neſte Convento houve em tempos antigos Noviços, e entre elles foy o Padre Frey Thomás da Coſta, taõ conſumado em Letras, e Virtudes, como temos viſto; ſendo taõ verſado nas Eſcrituras, que aquelle grande Letrado Frey Luiz de Sottomayor, o chegou a venerar como Oraculo, dizendo em a explicaçaõ de hum Texto difficultoſo da Eſcritura, na Univerſidade de Coimbra, em preſença daquelle grande concurſo: *Eſte he o verdadeiro ſentido; porque o meſmo lhe ouvi dar ao grande Padre Frey Thomás da Coſta.* Compoz hum Tratado, que naõ ſahio a luz, cujo titulo era: *Tropi Inſignes veteris, ac novi Teſtamenti ejuſdemque phraſes*, que por deſcuido dos ſeus ſe perdeo. Já diſſemos, que teve tal efficacia na Oratoria, que tudo o que intentava, perſuadia. Quando morreo ElRey Dom Joaõ o III. a primeira vez que ſubio ao Pulpito, concorreo toda a Cidade a ouvillo, e medindo o auditorio, que era ſempre o meſmo, que o ſeguia, vendo, que faltava o mayor ouvinte, levan-

tou

tou a voz, e diſſe: *Onde eſtá ElRey Dom Joaõ.* Tal foy o modo de dizer, e taõ grande a compunçaõ nos ouvintes, que em hum geral pranto, naõ permittio ao Prégador poder continuar com o Sermaõ. Eſcreve a ſua Vida Frey Luiz de Souſa, na II. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 6. cap. 18. fol. 261, e o *Agiologio Dominico*, de Lima, Tomo III. neſte dia. *Clauſtro Dom.* liv. 3. pag. 314.

C O Padre Jacobo de Santa Maria, natural da Cidade de Lisboa, de nobre geraçaõ, gaſtou os primeiros annos ſervindo na India, na guerra contra os inimigos do Eſtado; pelo que alcançou poſtos honrados, e voltando ao Reyno ſem querer mais deſpachos, que do Rey do Ceo; e aſſim entrou na Religiaõ dos Conegos de Saõ Joaõ Evangeliſta, aonde permaneceo com grande obſervancia, e humildade, até que na peſte veyo a lograr o ſer Martyr da Charidade. Trata do Padre Jacobo, a *Chronica da ſua Religiaõ*, eſcrita pelo Padre Meſtre Franciſco de Santa Maria, liv. 4. fol. 964.

D Artur, no *Martyrologio Franciſcano*, neſte dia faz mençaõ de Frey Antonio Petronio, ou do Padraõ, que de huma, e outra ſorte o achamos nomeado, por eſtas palavras: *Malipurgi in India Orientali Beati Antonii Petronii Confeſſoris.* Era eſte Santo Religioſo da Obſervancia de Saõ Franciſco, e em o anno de 1503, foy nomeado Prelado da Provincia de Saõ Thomé; e no anno de 1539, foy ſegunda vez Cuſtodio, e Commiſſario Geral, que durou ſeis annos; faleceo no anno de 1545, como diz Frey Amaro de Santo Antonio, no *Vergel de Plantas*, fol. 22. Soledade, na *Hiſtoria Seraphica*, part. 3. liv. 5. cap. 7. §. 885. e cap. 14. §. 939. Maffeo, *Hiſtoriarum Indicarum*, liv. 11. fol. 206. Daça, liv. 1. cap. 50. Rapineo, *in Hiſt. Orig.* Recolect. Decad. 5. part. 1. §. 6. Gonzaga, na *Provincia de Saõ Thomè*, Part. IV. Barezo, part. 4. liv. 3. cap. 17. Os Authores: *Acta Sanctorum*, neſte dia, *in prætermiſſibus.*

E O Moſteiro de Religioſas de Saõ Jeronymo, unico deſte Reyno, de que faremos mençaõ no dia 28 deſte mez, em que faleceo a Madre Brites da Columna, ſua Fundadora, ſerá repetidas vezes nomeado no diſcurſo deſta Obra, por nelle florecerem muitas Religioſas, dignas de que ſe conſerve na memoria das gentes as ſuas virtudes: entre ellas foy a Madre Maria dos Anjos, que com ditoſa morte acabou neſte dia, no anno de 1590. Neſte Moſteiro teve mais duas irmãas de igual virtude, que foraõ Sor Luiza da Aſſumpçaõ, de quem faz mençaõ o *Agiologio*, Tom. III. no dia 29 de Mayo, e Sor Maria da Naſcença, de quem a faremos a 17 de Novembro. Foraõ todas filhas de Thomé Bayaõ, e de Grimaneza Duarte, peſſoas principaes, e nobres da Villa de Beringel, e de vida, e coſtumes muy Catholicos, o que bem parece na boa educaçaõ de taes filhas. O referido tiramos do livro da Fundaçaõ deſte Moſteiro, que tivemos em noſſo poder.

F A *Chronica dos Eremitas de Santo Agoſtinho*, de Frey Antonio da Purificaçaõ, na 2. part. fol. 212, faz mençaõ pelos annos de 1280, de Frey Manoel de Coina, appellido que devia de uſar, por ſer natural deſta terra, por naõ acharmos nas familias ſemelhante, o que devia de tomar por humildade, por conſtar ſer nobre.

G Dom Diogo de Caſtro, Conde de Baſto, do Conſelho de Eſtado de Filippe II. e III. Regedor das Juſtiças, Preſidente do Paço, Governador, e depois Vice-Rey de Portugal, da eſclarecida familia de Caſtro; caſou com Dona Maria de Tavora, filha de Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Morgado de Caparica, e de Dona Catharina de Tavora, da antiga familia dos Tavoras. Deſte matrimonio naſceraõ, entre outros filhos, quatro filhas, chamadas Dona Catharina, Dona Marianna, Dona Filippa, e Dona Franciſca, que todas juntas tomaraõ o Habito no Moſteiro do Sacramento, ſeguindo a ſua irmãa Sor Catharina da Encarnaçaõ, que com generoſa reſoluçaõ deſprezou as dilicias do Mundo, e as eſperanças, que lhe promettia o ſeu Illuſtre naſcimento, e a grandeza em que ſe achava a Caſa de ſeu pay, com o Governo do Reyno, em que naſcera. Como Sor Catharina deſprezou tudo, e os trabalhos, que lhe cuſtou, vimos largamente no texto, ſendo a ſua conſtancia, perfeita idéa para ſe naõ deſanimarem as que deſejaõ ſeguir o caminho da Religiaõ; pois naõ ha obſtaculo, que naõ vença o amor Divino, para mayor gloria da ſua Providencia. Naõ ha muitos dias, que vimos neſte meſmo anno de 1717, em que eſcrevemos,

crevemos, com geral edificaçaõ deſta Corte, huma Dama do Paço, a quem ſeus pays tinhaõ contratado para caſar, com admiravel reſoluçaõ interpor a authoridade da Rainha Noſſa Senhora, para alcançar licença de ſeus pays, para ſer Religioſa no reformadiſſimo Moſteiro da Madre de Deos de Lisboa, onde com effeito ſe recolheo. Morreo Sor Catharina, no anno de 1648. Soveges, no *Anno Dominico*, a poem no primeiro deſte mez. O *Agiologio Dominico*, a quem ſeguimos, por ſabermos, que ſeu Author ajuntou as memorias dos Moſteiros da ſua Ordem com cuidado, a poem neſte dia; devendo-ſe eſte trabalho ao Padre Meſtre Frey Manoel Guilherme, bem conhecido, ajudado do Padre Frey Manoel de Lima, a quem com generoſidade cedeu a gloria, ſendo o mais do trabalho ſeu; o que nos conſta, porque vimos os ultimos ſeis mezes, por ordem do Conſelho Geral, de que poucos cadernos havia, que naõ foſſem da letra do Padre Meſtre Frey Manoel Guilherme, de quem em gratificaçaõ da boa vontade, com que nos communica os papeis, que tocaõ à ſua Provincia, fazemos eſta curta memoria.

H Frey Innocencio do Eſpirito Santo, foy natural de Santa Cruz de Bayaõ, junto a Amarante, na Provincia do Minho, jaz ſepultado no commum cemiterio entre ſeus irmãos. Faleceo no anno de 1636, ſegundo o *Livro dos Obitos, do Moſteiro de Saõ Bento de Lisboa*, que tivemos em noſſo poder.

JULHO III.

Os Santos Marcos, Muciano, e Paulo MM.

A AM Caparra, Cidade Epiſcopal da antiga Luſitania, o glorioſo Martyrio dos Santos Marcos, Muciano, e Paulo, e hum Menino de pouca idade, cujo nome eſtá eſcrito no livro da vida, pela ſingular conſtancia, com que animou aos Santos Martyres Marcos, e Muciano, os quaes foraõ prezos em hum eſcuro, e immundo carcere, por algum tempo, até que apreſentados ao Juiz, prezas as mãos com cadeas, começaraõ a ratificar a glorioſa Fé, que profeſſavaõ; pelo que foraõ poſtos no equuleo, e eſtendidos os corpos, lhe attaraõ os braços às coſtas, e nos pés lhe ſuſpenderaõ por cordas humas maquinas, que lhe faziaõ inſoportaveis dores, com que afflictos deſmaiaraõ os corpos, vacilaraõ os animos, e eſtiveraõ dubios na primeira reſoluçaõ; o que vendo hum Menino Chriſtaõ, gritou em intelligivel voz, perſuadindo-os à conſtancia da Fé de Jesu Chriſto, e ao deſprezo dos Idolos. Enfurecido o Juiz, de ver perdida por hum Menino, a gloria, que naquelle dia podiaõ conſeguir os ſeu falſos Deoſes, o mandou acerbiſſimamente açoutar; e entre as dores do martyrio, que elle deſprezava, confeſſava em altas vozes, ſer ſó Chriſto Deos verdadeiro; o que admirando Paulo, que entre a multidaõ dos Gentios eſtava vendo os Martyres; movi-

movido de ſuperior Luz, confeſſou ſer Chriſtaõ; em cujo obſequio offerecendo a vida, lhe foy cortada a cabeça, com os mais companheiros, e ſuas almas voaraõ ditoſas, a receber a immarcecivel Coroa da Gloria.

S. Tolobeu Arcebiſpo de Braga.

B Na Auguſta Braga, Primacial das Heſpanhas, a memoria de Saõ Tolobeu, ſeu Prelado, que depois de ſe exercitar em louvaveis obras na ſua Igreja, com grande ſentimento das ſuas ovelhas, a renunciou, recolhendo-ſe a hum deſerto, para mais livremente ſe poder empregar todo, na contemplaçaõ das couſas do Ceo. Eraõ neſte tempo muy celebres as virtudes de Saõ Toribio Monge, que nas montanhas de Santilhana, em Aſturias, eſtava fundando hum Convento: neſte tomou o Santo Arcebiſpo o Habito do Patriarca Saõ Bento; e com o ſeu exemplo, ſeguiraõ taõ heroica reſoluçaõ outros muitos Varoens Apoſtolicos. Aqui ſe occupou em admiraveis obras, em que ſe via a efficacia do poder do Altiſſimo; e depois de gaſtar o tempo com Deos, exercitava a ſua humildade com os ſeus companheiros, trazendo aos ſeus hombros os materiaes para a fabrica do edificio, que fundavaõ.

O P. Belchior de Figueiredo da Companhia.

C Em a Famoſa Cidade de Goa, Metropoli do Oriente, a precioſa morte do Padre Belchior de Figueiredo, da Companhia de JESU; o qual depois de exercitar com louvor a occupaçaõ de Meſtre de Noviços, em Goa ſua Patria, foy deſtinado para Miſſionario do largo Reyno do Japaõ, em que ſe empregou por eſpaço de vinte e tres annos, com taõ admiravel aproveitamento das almas, como teſtemunhaõ as ſuas virtuoſas acçõẽs. A Cidade de Omura foy o primeiro emprego do ſeu ardente zelo; e paſſando a Bungo, em menos de dous mezes, converteo à Fé de JESU Chriſto, mais de duzentas almas; como ſe fora exhalaçaõ corria todas as Cidades, Villas, e Lugares circumviſinhos, com grande gloria da Religiaõ Catholica. Em Facata, junto de Funay, foy Deos ſervido livrar por ſua interceſſaõ huma mulher, filha de hum Fidalgo daquella Cidade, que havia muitos annos eſtava endemoninhada: como eraõ eſtupendos os prodigios, naõ podiaõ deixar de naõ ſer obrados à força de conſtancia; porque os Bonzos, malditos Miniſtros da Idolatria, o perſeguiaõ, naõ ſó com injurias, mas com teſtemunhos, chegando a ſua inſolencia a accometerem armados a ſua pobre caſa, a que ſe oppoz a pie-

a piedade de alguns Neofitos, para que naõ perigaſſe aquella vida, de que tanto neceſſitavaõ aquellas tenras plantas da Chriſtandade. No Eſtado de Omura viſitou em hum anno ſete Provincias; em huma converteo o Governador, e em outras toda a gente, que as habitava, em poucos mezes; ſem mais companheiro, que o Padre Gaſpar Coelho; bautizou trinta e cinco mil peſſoas, e ſeſſenta Moſteiros de Bonzos, e algumas peſſoas do ſangue Real; entre ellas a filha primogenita de ElRey de Omura. Em a Ilha de Goto bautizou trezentos Gentios; e alentando com a ſua preſença toda aquella Chriſtandade, os confortou na Fé. Voltando a Facata, converteo familias inteiras, e quatro Bonzos, pertinazes inimigos do Nome de JESU Chriſto, por quem padeceo injurias, e opprobrios daquelles povos indomitos. Foraõ grandes os trabalhos, a que o expoz a ſua charidade, e ſupportou com invicta paciencia: deſtes ſe lhe originou huma grave, e dilatada enfermidade, de que conſultando os Medicos, e naõ achando nelles ſaude aos ſeus males, a deu eſpiritual ao Medico, convertendo-o à verdadeira Fé. Creſciaõ os achaques, que inhabilitavaõ o ſeu fervoroſo eſpirito a ſervir ao proximo, mas ſatisfazendo à obediencia dos ſeus ſuperiores; ſe foy para Goa, a ver ſe nos ares patrios alcançava remedio; porém como o corpo eſtava gaſto dos trabalhos, naõ pode convalecer. Foy a enfermidade taõ larga, e penoſa, que lhe durou dez annos, e a ſua conformidade, e tolerancia, hum exemplar admiravel da paciencia Catholica; e aſſim cerrou a clauſula de huma vida innocente, com morte precioſa.

O P. Gaſpar Moreira da Companhia.

D No Collegio da Companhia, da Cidade de Evora, faleceo cheyo de Santas Obras o Padre Gaſpar Moreira, Varaõ, em quem ſe vio obſervada a obediencia ſem repugnancia; taõ cuidadoſo da ſalvaçaõ das almas, que todo o ſeu emprego era o amor do proximo; taõ zeloſo da Regular Obſervancia, como admiraraõ os ſeus ſubditos, nos lugares de Miniſtro, e Reitor, que occupou nos Collegios de Portalegre, Evora, e Coimbra; mas com tal manſidaõ de animo, que obrigava ſem queixa, e perſuadia mais com o exemplo, do que com as palavras; naõ ſe deſcuidando do temporal officio, como bom Prelado, adiantando, quanto coube no ſeu cuidado, as fazendas, como teſtemunha o Collegio de Portalegre.

Na Ilha da Madeira aſſiſtio quatorze annos, com taõ grande opiniaõ, que era reſpeitado como homem Santo, havendo quem affirmaſſe delle, o vira levantado do chaõ, ao meſmo tempo, que elevava a Sagrada Hoſtia no Sacrificio da Miſſa. Era naquella Ilha o aſylo dos afflictos, e o pay de todos; porque com as ſuas candidas palavras accomodava os deſcontentes, ajuſtando as materias mais arduas, e as conſciencias mais embaraçadas. Todo o tempo, que podia empregar em miſſoens, o fazia com grande conſolaçaõ dos Fieis: a eſtes deſejava ſervir, até em Argel; porque foraõ grandes os deſejos, que teve de ſer cativo, ſó para ter occaſiões de exercitar a paciencia. Nas miſſoens lhe ſuccederaõ caſos maravilhoſos, já livrando a huma mulher deſeſperada, a outra de hum eſpirito maligno, ſobre que Deos lhe deu grande poder, como ſe vio em diverſas occaſiões da ſua vida. Era de huma compleiçaõ debil, gaſtada do exceſſo dos eſtudos nos ſeus principios, e depois das fadigas das miſſoens, pelo que padecia muitos achaques. Foy muy dado à Oraçaõ, em que gaſtava a mayor parte da noite, ſendo a conta que havia de dar a Deos, a ſua ordinaria meditaçaõ. De cuidado taõ continuo, bem ſe deixa ver, qual ſeria o fruto. No Confeſſionario encaminhou muitas almas, de ſorte, que era já conhecido com o renome de Santo; e aſſim recorriaõ a elle como prompto remedio, ſuccedendo-lhe caſos eſpantoſos, como o de hum homem, a quem o demonio em figura humana impedio muitos annos, que ſe naõ confeſſaſſe; mas de medo do Padre ſe retirou, deixando-o livre para ſe confeſſar, e taõ inſtruido, e reformado, que o demonio ſe naõ atreveo mais a perſeguillo. Teve ſempre grande commiſeraçaõ da pobreza; e aſſim ſendo Reytor de Coimbra, foy grande a eſterilidade do anno, e univerſal a neceſſidade nos miſeraveis; pelo que ordenou ao Porteiro, que nenhum pobre ſahiſſe deſconſolado ſem eſmola. Eſta charidade lhe retribuio Deos, multiplicando-lhe o dinheiro; o que lhe ſuccedeo varias vezes com admiraçaõ dos Religioſos, aos quaes perſuadia ſempre, que foſſem liberaes com os pobres, para que com eſta piedoſa uſura alcançaſſem do Ceo copioſos beneficios. Só para ſi queria a pobreza, contentando-ſe com os pedaços de paõ, que ſobejavaõ aos companheiros: os veſtidos interiores, ſobre vís, eraõ

taõ

taõ rotos, que deſta ſorte moſtrava o amor da ſanta pobreza; naõ podia acabar comſigo veſtir couſa nova, dizendo, que elle naõ era de preſtimo à Religiaõ, e aſſim lhe naõ merecia diſpendios. O coraçaõ trazia taõ penetrado do amor de Deos, que em todas as ſuas praticas repetia: *Seja Deos Bemdito, e Louvado.* Nenhum ſucceſſo, ou proſpero, ou adverſo, o apartou da Divina vontade: deſta ſorte ſofreo os penoſos trabalhos das doenças, acriſolando com as dores a ſua paciencia, ſem que as moleſtias lhe embaraçaſſem a cingirſe muitas vezes com huma cadea de ferro, em que o debil corpo ſentia mais penoſo o tormento, naõ ſe queixando nunca; porque a ſua boca foy ſómente para louvores de Deos. Dous mezes lhe durou a ultima enfermidade, em que já naõ conſentia praticas em materias terrenas; todo o tempo gaſtava nas memorias do Ceo, exercitando-ſe em actos de piedade Chriſtãa, com jaculatorias a Chriſto crucificado, e à Virgem Santiſſima, naõ ſem indicios de que lhe fora revelada a hora da morte. Depois de ter recebido os Sacramentos com grande ternura, e igual edificaçaõ, e com ſaudade de ſeus amados Religioſos, entregou a ſua alma, entre os Nomes dulciſſimos de JESUS, e MARIA.

Sor Leonor do Roſario Dom.

E Em a Villa de Santarem, no Moſteiro das Donas da Ordem Dominica, Sor Leonor do Roſario encheo em poucos annos com precioſas obras o glorioſo curſo da ſua innocente vida; naõ teve inſtante na vida, que naõ empregaſſe com Deos. Sendo menina, a achavaõ as companheiras, a quem acaſualidade acordava no mayor ſilencio da noite, poſta de joelhos diante de huma Imagem de Noſſa Senhora. Aſſiſtia com tal devoçaõ no Coro, que edificava a toda a Communidade. Aſſim que fez Profiſſaõ, ſe deſappropriou de todas aquellas alfayas, que a Religiaõ, e o ſexo permitte, com tal generoſidade, que ainda as preciſas entregou a ſua irmãa, de quem a neceſſidade alguma vez a fez valer, como eſmola, ou empreſtimo. Teve huma profunda humildade, que ornou de rigoroſas penitencias, aſſim de jejuns, como de deſciplinas, com que caſtigava o delicado corpo, que rendido ao pezo do trabalho em natureza debil, enfermou gravemente de huma tyſica, doença, que tinha pedido a Deos, logo que profeſſou, que foſſe a vida curta, e a doença dilatada. Aſſim o conſeguio com ſaudade das Religioſas, que entenderaõ lhe fora

revelado o dia da morte, e que lhe aſſiſtiria a Senhora do Roſario, em cuja ſagrada preſença acabou a vida, para a ter eterna na Gloria.

Sor Maria Magdalena Agoſt. Deſcalça.

F No Moſteiro de Santo Agoſtinho de Deſcalças, extra muros da Cidade de Lisboa, a Madre Sor Maria Magdalena, Agoſtinha Deſcalça, em quem reſplandecerão os primores da Graça, com as primeiras luzes da razaõ, começando a maltratar a ſua innocencia com anticipadas aſperezas: ainda a culpa naõ era conhecida, ſenaõ nos ouvidos, quando já com penitencias lhe prevenia remedio. Naõ contava mais que nove annos de idade, quando com heroica reſoluçaõ deſprezava tudo o que era do Mundo, ſem que o tenro da idade, nem o delicado do ſexo tiveſſe horror ao rigor das diſciplinas, e cilicios, com que ſe atromentava, ſabia já o ſeu capricho inventar mortificações, aſſim como outras, vaidades; a ſua cama ſe compunha de huns feixes de vides; e parecendo-lhe que ainda que ruſtica, acommodada ao deſcanço, fazia, que eſte lhe foſſe penoſo, deitando-ſe com a cabeça pendurada, para que naõ houveſſe tempo, em que o ſeu corpo naõ ſentiſſe os effeitos da crueldade, com que o queria mortificado. Já deſta idade ſe abſtinha de comer carne, naõ lhe faltando para a perfeiçaõ da vida Religioſa, que deſejava, ſenaõ viver em Clauſura. Aos deſanove annos entrou na Religiaõ, e começou logo a dilatarſe o eſpirito na Gloria do Eſpoſo, querendo pelos exceſſos merecer a correſpondencia. Dobrou logo com o eſtado as mortificações: eraõ os cilicios taõ crueis, que rompendo a carne, corria o ſangue em fio pelos braços: as diſciplinas taõ aſperas, que competiaõ a todo o rigor da impiedade: a ſua cama humas taboas nuas: o ſeu comer ſobre pouco, inſipido; porque todo temperava com agua fria, para perder o ſazonado, e o goſto, como quem ſó o achava na mortificaçaõ, que augmentava com diverſos artificios, trazendo continuamente na boca humas paſtilhas fabricadas de fel, e farinha; e com eſte regalo, ſe naõ liſonjeava ao goſto, ſatisfazia ao abrazado do ſeu coraçaõ, que ardia em padecer pelo ſeu Creador. Nas mais virtudes era igual a toda a perfeiçaõ: todo o ſeu alivio achava na Oraçaõ Mental: aqui ſatisfeito o eſpirito, recebia de Deos ſingulares favores, com que a conſolava, merecendo chegar ao gráo de Oraçaõ paſſiva, em

que

que a alma goza do ſummo bem, ſem as imperfeições da natureza. Os exercicios da Communidade ſatisfazia de ſorte, que naõ ſó edificava, mas deixava exemplo às companheiras, para ſe animarem à perfeiçaõ; a eſtes unia extraordinarios correndo de joelhos as Eſtações, opprimindo de grandes pezos os delicados hombros, proſtrando-ſe por terra com tal violencia, que parecia ſe queria viva unir com a terra. Continuamente trazia na memoria a Paixaõ de Chriſto; e com eſta dolorosa lembrança ſe affligia de ſorte, que nem no tempo das doenças fazia com o penſamento tregoas o ſeu laſtimado cuidado. A Sacroſanta Cruz amava tanto, que a ella ſe dirigiaõ todos os ſeus rendidos obſequios, como principal inſtrumento da noſſa Redempçaõ. O dia tinha repartido por horas para as ſuas devoções, ſendo cada huma deſpertadora da perfeiçaõ Religioſa. Nunca ſe eximio dos officios, em que a poz a obediencia, em que a ſua humildade fez patente o profundo da ſua virtude, e ſem que faltaſſe às ſuas occupações naõ lhe faltava tempo para tratar com Deos, de cuja beatifica viſaõ piamente cremos eſtá gozando.

Fr. Manoel da Aſſumpçaõ da Ordem Militar de Chriſto.

G Item no Real Convento de Thomar ſe conſerva viva a admiravel charidade do Padre Frey Manoel da Aſſumpçaõ, que ſendo eleito em Dom Prior Geral da inſigne Ordem Militar de Chriſto, em hum anno taõ eſteril de frutos, que era univerſal a falta em todos; e porque a pobreza coſtuma ſentir mais eſtes effeitos, com virtuoſa piedade, compadecido dos pobres, mandou dobrar as eſmolas, ſendo muitas as ordinarias, e extraordinarias, que todos os dias reparte piedoſamente eſte grande Convento, eſta ſingular compaixaõ do proximo, lhe foy retribuida como premio da ſua fé, vendo-ſe multiplicado no celleiro o paõ, como obſervou com admiraçaõ a peſſoa que o deſtribuia. Neſte tempo foy chamado do Eterno remunerador, acabando eſta vida mortal.

Commentario ao III. de Julho.

A Cidade de Caparra, na antiga Luſitania, da qual faz mençaõ Cellario, no livro intitulado: *Notitia Orbis antiqui*, liv. 2. cap. 1. fol. 48, fica no Biſpado de Placencia, entre eſta Cidade, e a de Merida, debaxo de 14 gráos de longitud, e 40 de latitud. Della ſe lembraõ os antigos, e modernos Geografos, e o Licenciado Jorge Cardoſo, no *Commentario* do dia 28 de Abril, letra A. Neſta Cidade padeceraõ Martyrio os Santos Martyres

tyres Marcos, Muciano, e Paulo, pelos annos de 308. Delles ſe lembraõ os *Martyrologios* do Padre Alvaro Lobo, e do Padre Vaſques o m. ſ. do Padre Higuera, o Italiano do Padre Conſtantino Felix, Dom Joaõ Tamayo, Salazar no *Martyrologio Hiſpano*, o *Romano* commentado do Cardeal Baronio, ſe bem ignora a parte aonde padeceraõ; e nelle allega o *Monologio dos Gregos*. Porém nôs ſeguindo as Hiſtorias de Heſpanha, authoriſadas com os annos, e com tantas peſſoas doutas, que a ſeguiraõ, entendemos padecerem em Caparra; principalmente quando naõ temos em contrario fundamento, que nos faça mudar de opiniaõ, em que nos confirma hum antigo m. ſ. que refere Tamayo com o ſeguinte

EPIGRAMMA

Caparra Marcus adeſt Martyr, necnon Mutianus
Unà cum Paulo, Parvulus, & ſocius.
Illos in Cœlum perdulcia pondera mitis
Martyrii, quando Thura Diiſque litas.
Illos de Cœlo poſt tempora multa reducis
Catholica ad proprios, te venerante, lares.
Ergo tui mores, tua ſemper nomina Divi
Servarunt ſæclis, quod ſua corde gerat.
Grates redde tuis memorabilis inclyta ſanctis
Urbs, quos ſedulitas reſtituitque tibi.

Dom Diogo de Arce e Reynoſo, Inquiſidor Geral de Heſpanha, ſendo Biſpo da Igreja de Placencia, mandou feſtejar os Santos Martyres como ſeus naturaes, por toda a ſua Dioceſi, com Officio duples, por hum Edicto, que a 12 de Julho do anno de 1651, mandou publicar, no qual diz, que conſultados Varoens doutos, aſſim Seculares, como Regulares, que diſcutiraõ a materia, viſtas as Hiſtorias Eccleſiaſticas, aſſim antigas, como modernas, e os antigos Archivos, aſſentaraõ, que eraõ ſeus naturaes; e que em virtude do poder ordinario, e Privilegios concedidos pelos Papas Pio V. e Gregorio XIII. às Igrejas de Heſpanha, para poderem nellas feſtejar os ſeus naturaes, declarava a Feſta dos Santos Martyres, como tambem outros. Dom Nicolao Antonio, na *Cenſura de Hiſtorias Fabuloſas*, Obra Poſthuma, que deu a luz o Erudito Dom Gregorio Mayans y Siſcar, lib. 6. cap. 3. §. 50, nega, que eſtes Santos ſejaõ de Caparra.

B O Moſteiro de Saõ Martinho de Lievana eſtá fundado nas montanhas de Santilhana em Aſturias, que pela aſpereza do ſitio, foy ſagrado depoſito de Santas Reliquias, que nelle ſe depoſitaraõ, quando os Mouros ſenhoreavaõ Heſpanha, e com ſacrilegos deſacatos profanavaõ as Sagradas Reliquias, como ſe póde ver em Sandoval, no *Moſteiro de Saõ Turibio*, §. 7. fol. 4, e Yepes, *Cent.* 1. à n. 537. Nelle parece que Saõ Tolobeu teve grande parte na obra material deſta Caſa, e naõ menos na eſpiritual com o ſeu exemplo. O Arcebiſpo Dom Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Hiſtoria de Braga*, cap. 80. fol. 343, debaixo das authoridades de Marco Maximo, e Juliano, tem por certo, que foy Arcebiſpo de Braga Saõ Tolobeu; porém naõ póde ſaber em que tempo viveo, e ao menos diz ſe ſatisfizera, ſe alcançara, a quem eſte Prelado ſuccedeo naquella Igreja, para deſta ſorte ajuſtar o tempo em que a governou. Argaiz, na *Soledade Laureada Theatr. de la Igl. de Braga*, liv. 3. cap. 55. fol. 71, collige de Juliano ſer pelos annos de 598, o que aſſenta como indubitavel; porque em materia de crença de Hiſtoria, era faciliſſimo: mas nôs, que naõ vimos tanto como eſte Author, e duvidamos muito do que elle eſcreveo, temos para nôs, que Saõ Tolobeu, naõ foy Arcebiſpo de Braga; e naſce eſta duvida em affirmar o Illuſtriſſimo Cunha, que eſta noticia a deve aos Chronicoens, de Marco Maximo, e Juliano, que na noſſa opiniaõ, e os mais ſemelhantes a eſtes naõ tem credito algum, como tem moſtrado abundante-

dantemente eruditiſſimos Authores, e ſaõ criticados, e tidos por apocrifos pelos Eſtrangeiros, e neſta conformidade, naõ podemos crer, que eſte Prelado governaſſe a Igreja Bracharenſe, por naõ acharmos tradiçaõ, que nolo affirme, que he huma parte da Hiſtoria, quando faltaõ documentos, com que provar a legalidade: e naõ tem o Leitor, que nos arguir, perguntando-nos a cauſa, para que delle fizemos mençaõ neſte dia, a que reſpondemos, que nos pareceo preciſo ſatisfazer à objecçaõ, que tal vez nos poria, quando lendo no Illuſtriſſimo Cunha, a Vida deſte Santo, e viſſe, que faltava no Agiologio, entenderia foy deſcuido, o naõ fazer delle memoria. Fr. Antonio da Purificaçaõ, debaixo da meſma authoridade, ſegue o meſmo na I. Parte das *Chronicas dos Eremitas*, liv. 3. tit. 3. §. 2, fazendo-o de mais Religioſo Eremita; porque dá à ſua Ordem eſte Moſteiro; no que tambem naõ podemos convir, por ſer contra toda a Hiſtoria noſſa, e de Caſtella, onde ſe lê o contrario: e como eſta materia naõ he do noſſo Aſſumpto, baſta o referido.

C Em o *Commentario* do dia 30 de Abril, faz mençaõ o Licenciado Jorge Cardoſo, da Cidade de Vomura, ou Omura; e conforme a ordem, que ſeguimos do Agiologio, a naõ devemos repetir. Foy eſta Cidade ſingular Theatro, em que repreſentaraõ tantas vezes os Religioſos da Companhia glorioſas tragedias, em que coroaraõ de triunfos a noſſa ſagrada Fé. Do Padre Belchior de Figueiredo nos temos alargado no texto; e conforme o eſtylo, que profeſſamos, nos naõ fica lugar de nos podermos dilatar. Trataõ deſte Virtuoſo Padre, o Padre Joaõ Euſebio de Nieremberg. no IV. Tom. das *Vidas exemplares dos Varoens Claros da Companhia*, fol. 687. O Padre Bernardino Ginnaro, em a II. Parte do *Xavier Oriental*, cap. 39; Alegambe, *Hiſtoria Societatis*, part. 1. liv 8. num. 195. *Oriente Conquiſtado*, part. 2. fol. 583. O Padre Luiz de Guſmaõ, em o II. Tomo.

D Naſceo na Cidade de Lagos, no Reyno do Algarve, o Padre Gaſpar Moreira; foraõ ſeus pays Vicente Moreira, e Cicilia Rodrigues: entrou na Companhia no anno de 1614; e deſde os primeiros paſſos, que deu na Religiaõ, moſtrou os grandes progreſſos, que nella havia fazer: eſtudou letras humanas com felicidade, e depois a teve em ſeus diſcipulos, que ſendo doze, eraõ taõ conſumados, que ſe eſcuſaraõ tres Meſtres de Latim, de lhe preſidirem nas diſputas, dizendo, que naõ tinhaõ, que fazer em occupaçaõ, em que ſó haviaõ de luzir os defendentes; e mandou o Superior, que o fizeſſe o Padre Gaſpar Moreira, e o fizeraõ com grande applauſo. Eſta gloria literaria, diz o Padre Antonio Franco, que naõ tem ſegundo exemplo na Provincia. Foy nomeado para ir para a Ilha da Madeira, ao meſmo tempo, que eſtava propoſto para ler Phyloſophia em Evora, que ſem repugnancia aceitou; porque era tal a ſua humildade, que fugia da eſtimaçaõ, que as Cadeiras lhe poderiaõ dar, dizendo, que ſe contentava com ler caſos; porque deſta liçaõ ſe ſeguiria mais utilidade ao proximo, em beneficio do qual ſe deſejava todo empregar. Morreo no anno de 1669, como refere Franco, na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 48, e no *Anno Santo da Companhia*, a 3 de Julho.

E Da India Oriental veyo Sor Leonor, com outra irmãa de tenra idade, a tomar o Habito de Saõ Domingos na Villa de Santarem, donde ſeu pay era natural, e de nobre gente, ſuppoſto lhe ignoramos o nome, como tambem a Patria de Sor Leonor, que naõ viveo mais, que deſoito annos, e no de 1592, acabou a vida, de que faz mençaõ Souſa, na I. Parte da *Chronica de Saõ Domingos* fol. 300; o *Agiol. Dom.* neſte dia; o *Dietario Virginal*, a 17 de Dezembro; o Biſpo de Monopoli, nas *Chronicas da Ordem*, liv. 2. cap. 35; e Lopes.

F A Sereniſſima Rainha Dona Luiza, em quem o exercicio da virtude, era o eſmalte, que reſplandecia entre as politicas, e o elevado do ſeu entendimento. Depois da morte do glorioſiſſimo Monarca o Senhor Rey D. Joaõ o IV. ficou governando eſte Reyno, na menoridade do victorioſo Rey Dom Affonſo VI. ſeu filho, em que experimentou Portugal felicidades, e acertos naſcidos da vigilancia com que ſe empregava na adminiſtraçaõ da juſtiça, e no culto da Religiaõ Catholica. Via a ſeu filho creſcido na idade, e já com annos de poder ſuſtentar a Coroa, aſſentou comſigo de lhe largar o Governo, e entrou em penſamentos de ſe recolher em hum dos Moſteiros reformados

mados da Cidade de Lisboa, aonde ſem a obrigaçaõ do eſtado Religioſo viveſſe em ſerviço de Deos. A eſte fim tinha deſtinado o Moſteiro do Sacramento das Religioſas Dominicas reformadas, em que com vigilancia ſe obſerva a Regra do Patriarca Saõ Domingos. Defronte deſte Moſteiro, tinha já a Rainha deliberado comprar huma quinta, para com hum paſſadiço ſe communicar com as Religioſas, ſervindo-lhe de Real Tribuna o Coro para as ſuas devoções. Neſta reſolucaõ eſtava a Rainha, quando a Divina Providencia determinou o contrario. E foy o caſo, que communicando com o ſeu Confeſſor eſta materia (era elle o Padre Frey Manoel da Conceiçaõ, Religioſo grave da familia dos Eremitas de Santo Agoſtinho) lhe diſſe: Como Senhora, ſendo Voſſa Mageſtade taõ devota de Santo Agoſtinho, a quem nomea pelo Santo do ſeu coraçaõ, naõ funda hum Moſteiro da ſua Ordem, para viver? A que a Rainha reſpondeo: que como o deſejava reformado, e daquella Ordem o naõ havia no Reyno, donde podeſſe mandar vir Religioſas para o fundar em Lisboa. Venceo o Confeſſor eſta difficuldade, dizendo: que em o Moſteiro de Santa Monica havia Religioſas de virtude, e com eſpirito de reforma, e delle podiaõ ſair cinco, para ſe deſcalçarem, com que ſe déſſe principio ao Moſteiro; e elle acharia no Convento da Graça quatro Religioſos com reſoluçaõ de ſeguirem a vida mais auſtéra, que com elle ſe deſcalçaſſem; e que formaria dous Conventos, hum de Deſcalços, e outro de Deſcalças, em que Sua Mageſtade ſe recolheſſe, e tiveſſe logo Religioſos, para aſſiſtirem às Freiras. Agradou-ſe a Rainha do arbitrio; e logo mandou eſcrever a Roma ao Geral da Ordem, recommendando eſte negocio ao Cardeal Paleoto; e em breve tempo alcançou permiſſaõ para nova reforma; porque a vontade dos Soberanos ſempre ſe executa; porque na preſiſtencia tem certo o vencer as difficuldades.

Tratou a Rainha de eſcolher ſitio accomodado ao ſeu intento para as Fundações; e achando-o com as circunſtancias ao ſeu deſejo em o Valle de Xabregas, comprou huma quinta com grande caſa, bom jardim, com duas fontes, e eſpaçoſa cerca. Aqui ſe accomodou a Rainha, que como naõ buſcava Palacio para a Mageſtade, ſenaõ lugar para ſervir a Deos, facilmente ſe agradou daquella habitaçaõ. Em huma parte da quinta ſe edificou o Moſteiro das Religioſas, e depois da ſua morte ſe alargaraõ, para o que hoje exiſte, feito à Real deſpeza, e he hum lindo Moſteiro, tanto pela fabrica, como pelo ſitio; porque nos ſeus muros eſtaõ todos os dias quebrando-ſe as criſtalinas agoas do venerado Tejo. Da outra parte da terra, ſe levantou em curta diſtancia o Convento dos Religioſos. Foſta a obra em termos de ſer habitada, ſahio a Rainha do Paço no dia 17 de Março de 1663, acompanhada de toda a Corte, em Veſpera de Ramos, para na ſua nova Capella aſſiſtir aos Officios da Semana Santa. Era aſſiſtida dos Religioſos, ainda naõ deſcalços, em quanto naõ chegava o dia determinado, para ſe principiar a Clauſura. Quando a 8 de Abril do meſmo anno, no dia, que celebrava a Igreja a feſta dos Gozos, e Prazeres da Virgem Santiſſima, ſahiraõ do Moſteiro de Santa Monica, cinco Religioſas, acompanhadas de outras tantas Senhoras da primeira eſféra da nobreza do Reyno; e em hum luzido acompanhamento, ſe vieraõ apear à Ermida de Dom Gaſtaõ Coutinho. Della ſairaõ a pé acompanhadas da Communidade do Convento de Noſſa Senhora da Graça, e de ſeus Prelados mayores, Frey Joſeph de Soutomayor, Commiſſario Geral, e Frey Rodrigo de Magalhães, e em Prociſſaõ foraõ à Capella da Rainha; e na ſua preſença veſtiraõ, aſſim os Religioſos, como as Religioſas, o Habito da Reforma.

Eſtava manifeſto o Santiſſimo Sacramento, e Prégou o novo Prelado dos Deſcalços, e Deſcalças o Padre Frey Manoel da Conceiçaõ, Confeſſor da Rainha, e Author deſta reforma, Religioſo de eſpirito, e talento. Poz-ſe a Caſa capaz de receber mais gente, e ſe começou a povoar de Noviças em vida da Rainha. Chamou o Senhor a eſta, para lhe dar o premio das ſuas virtuoſas obras, em hum Sabbado 27 de Fevereiro de 1666, tendo de idade 53, quatro mezes, e quinze dias. Mandou, que ſe acabaſſe o Convento, e que ſeu corpo foſſe enterrado na Igreja delle; e porque eſta naõ eſtava ainda perfeita, ſe depoſitou na dos Religioſos Carmelitas Deſcalços de Corpus Chriſti, até que no anno de 1717, a 17 de Junho, ſe trasladou para eſta Igreja, como

como diſſemos no livro VII. da *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza*, pag. 260 do Tomo VII. e jaz detraz do Altar mór, ſem Epitafio, merecendo pelo Auguſto Solio, que occupou, pelas virtudes, com que reſplandeceo eſta ſoberana Heroina, repetidos Elogios, que declaraſſem o lugar, em que eſtá, e as felicidades, que deveraõ os ſeus vaſſallos à ſua heroica reſoluçaõ, e acertos do ſeu governo, que fará ſempre ſaudoſa a ſua memoria.

Eſte Moſteiro he ſem duvida hum dos de mayor obſervancia, e rigor de vida, dos que ſe conhecem na Europa; porque nelle ſe ſepultaõ em vida todas as que nelle profeſſaõ, por acabarem para o trato, e communicaçaõ das gentes; pois nem fallaõ, nem vem peſſoa alguma de hum, e outro ſexo, e ſómente para aſſiſtencia do culto Divino, ſabem, que ha Religioſos da meſma Reforma, que lhes adminiſtraõ os Sacramentos; ſendo tal o ſeu deſapego, que naõ ſó ſe apartaõ dos pays, e das mãys, mas deſde o dia, que pizaraõ a Clauſura, naõ tiveraõ mais noticia, nem das felicidades, ou infelicidades, que padeceraõ, nem ainda o tempo que viveraõ, pois nem a ſua morte lhes partecipa a Prelada; porque coſtuma dizer, que ſe encommende a Deos o pay, ou a mãy de huma Religioſa, que faleceo, e cada huma o faz entendendo poder ſer o ſeu. Neſte ameniſſimo Jardim de Virgens conſagradas ao culto do Omnipotente Deos, viveo quarenta e hum annos, gaſtados em Religioſa obſervancia a Madre Sor Maria Magdalena, até que neſte dia, no anno de 1714 faleceo. Era natural do Lugar de Bucellas: ſeus pays ſe chamaraõ Manoel da Coſta, e Maria Fernandes. Na Religiaõ occupou os primeiros lugares. Foy de tanta obſervancia, e Oraçaõ, como temos viſto, e de taõ elevado amor de Deos, que lhe ouviraõ em huma occaſiaõ, que entre ella, e Deos, naõ queria mediaſſe nada, nem ainda hum Serafim. Na manga trazia hum papel eſcrito com eſtas palavras: *Na viſta recolhida, no ouvir mortificada, nas palavras manſa, e acautelada.* Deſta prevençaõ foraõ filhas as ſuas ditoſas obras; e ainda que naõ foy das primeiras fundadoras deſte Moſteiro, ſegundo o eſtilo deſta obra, por ſer a primeira vez, que nelle fallamos, demos noticia da ſua Fundaçaõ; o que obſervou muitas vezes Cardoſo. O que referimos, nos conſta de varios documentos, que nos fez merce communicar o Reverendiſſimo Padre Frey Agoſtinho de Santa Maria, Vigario Geral da dita Ordem, ſem cuja authoridade ſeria impoſſivel poder alcançar noticia alguma deſtas Religioſas, que parece ſó querem, que Deos ſeja ſabedor das ſuas virtudes.

G Neſte dia faleceo o Padre Frey Manoel da Aſſumpçaõ, Dom Prior da Ordem de Chriſto, no anno de 1651, como conſta das Memorias m. ſ. que temos do Real Convento de Thomar.

JULHO IV.

A M a Cidade de Coimbra, famoſa Athenas da Luſitana Monarchia, no Moſteiro de Santa Clara da Obſervante Familia, a Feſta da eſclarecida Santa Iſabel, Auguſta Rainha de Portugal. Na Cidade de Çaragoça vio a primeira luz, ſendo o ſeu naſcimento milagroſo Iris, que ſerenou as diſcordias entre os Reys de Aragaõ. Naõ teve eſte portentoſo prodigio da graça tempo, que naõ exercitaſſe em virtude; porque antecipando-ſe os deſejos aos annos, caſtigava ſeu corpo, como ſenaõ fora innocente; e aſ-

Santa Iſabel Rainha de Portugal Terceira de S. Franciſco.

ſim gaſtou os tenros annos em occupações ſantas, ſem que o delicado do ſexo, nem a memoria de Princeza, ſerviſſem de embaraço aos ſeus ſantos exercicios. Era diſcreta ſobre fermoſa; as galas uſava por penſaõ da Mageſtade, e naõ por ornato de vaidade. Já deſde entaõ todo o ſeu cuidado era ſoccorrer os pobres, deſejando poſſuir os theſouros da Coroa de ſeus pays, para remediar os neceſſitados. Creſcia igualmente na idade, que na graça; e aſſim eſpalhada pela Europa a fama das ſuas virtudes, naõ havia Coroa, que a naõ pertendeſſe ſubir ao Throno da Mageſtade. Foraõ as inſtancias de muitos Principes repetidas; porém como o Ceo tinha deſtinado à Monarchia Portugueza, para theatro das ſuas virtudes, ſe effeituaraõ as vodas com ElRey Dom Diniz, unico do nome, Principe de excelſo animo, e de naõ igual fortuna, na gloria de tal eſpoſa. Naõ era o eſtado da inclinaçaõ da Santa, porque deſejava ſer Religioſa; porém fez ſacrificio da obediencia aos pays, acceitando finalmente a Coroa Portugueza, em que a ſua ſingular virtude ſoube deſcobrir tantos incognitos caminhos de humilde, para a fazer mais precioſa diante da Divina Mageſtade. Era admiraçaõ ver huma Rainha na primavera dos annos, toda entregue a aſperas mortificações, trazendo rigoroſos cilicios debaixo das Reaes veſtiduras. Naõ ſó ſe mortificava, abſtendo-ſe dos regalos, mas ainda dos alimentos, que podera admittir ſem dilicia. Jejuava tres dias na ſemana, nas ſeſtas feiras, e Sabbados, Vigilias das Feſtas do Senhor, e de ſua Mãy Santiſſima, dos Sagrados Apoſtolos, dos Santos Anjos, e de outros particulares advogados, a paõ, e agua. Jejuava todo o Advento, e Quareſma, ajuntando a eſta a da Senhora, que principia dia de S. Joaõ, e acaba dia da glorioſa Aſſumpçaõ; a dos Anjos, que começa no meſmo dia, e acaba a trinta de Setembro. Todo o anno ſeria hum continuado jejum, ſe a obediencia aos Directores eſpirituaes lho naõ impedira. O exercicio da humildade, que podia parecer mais difficultoſo à ſoberania do Sceptro, exercitava heroicamente, mandando vir em ſegredo ao Paço treze pobres dos mais miſeraveis, e poſta de joelhos lhes lavava os pés, e depois os ſervia à meſa; e dando a cada hum ſua eſmola, e veſtido, os deſpedia remediados. Succedeo-lhe em ſemelhante exercicio repugnar huma mulher, ou por reſpeito da Mageſtade, ou por

pejo

pejo, meter na bacia hum pé, em que tinha hum cancro (laſtimoſo eſcandalo à viſta, e olfato) e obrigando-a a Santa Rainha a que conſentiſſe, deſcobrindo o pé, ſervio de horroroſa viſta aos aſſiſtentes, que voltando o roſto, chegaraõ a largar a occupaçaõ, fugindo do cancro, como de mal contagioſo; porém a Santa Rainha com fervoroſa charidade, lavou o pé, e depois de o limpar muy brandamente bejou a chaga, e recebeo a mulher (caſo maravilhoſo!) no contacto ſaude perfeita. O ſeu Paço era o aſylo dos pobres; nelle recolhia alguns filhos de ſeus vaſſallos, que naõ tinhaõ com que ſuſtentar o trato da nobreza. Todos os annos dotava muitas orfãas, ſendo ſempre as mais deſamparadas as preferidas. Viſitava naõ ſó nos Hoſpitaes publicos aos enfermos pobres, mas nas ſuas proprias caſas os buſcava; aqui os ſervia, e conſolava, e a muitos dava ſaude. Era já notoria pelo Mundo a fama da ſua charidade; e aſſim concorriaõ, naõ ſó dos proprios, mas dos eſtranhos Reynos, innumeraveis pobres; de modo, que lhe cercavaõ o Paço, ſeguiaõ-na na rua, ſendo eſta a ſua mais luzida comitiva, eſtimando mais o ſequito dos miſeraveis mendigos, do que o obſequio, que a Corte lhe fazia. Sendo ſempre ardente a ſua charidade para com os proximos, excedeo em occaſiaõ, em que ſe achava, naõ ſó o Reyno de Portugal, mas o de Caſtella, em huma rigoroſa eſterilidade; porque naõ ſó os pobres, mas ainda os ricos eraõ neceſſitados, de tal ſorte, que cahiaõ os homens mortos de fome, chegando a andar pelos campos, como ſe foraõ brutos, buſcando com que manter a vida. De taõ extrema neceſſidade compadecida a Santa Rainha, mandou abrir os Reaes celleiros, e com generoſa providencia mandou procurar trigo de partes muy remotas, pro preços taõ ſubidos, que gaſtou conſideraveis ſommas de dinheiro, para o que chegou a desfazer huma boa parte das ſuas joyas. Vendo os Miniſtros, e Officiaes da ſua Caſa, que dava tudo, lho quizeraõ impedir, repreſentando-lhe o aperto, em que ſe podia ver a ſua propria familia, por ſe naõ fazer alguma reſerva; porém mais perſuadida da laſtima, do que da cautela dos Miniſtros, continuaraõ as eſmolas, como quem tinha na ſua fé os inextinguiveis theſouros da Divina Providencia.

Naõ havia dia, em que naõ moſtraſſe a Santa Rainha,

que ardia no amor de Deos. Houve neſte tempo grandes diſſenções, entre ElRey Dom Diniz, e o Principe Dom Affonſo ſeu filho: era eſte, ſobre valente, e esforçado, orgulhoſo; e aſſim com eſcandaloſa guerra, intentou fazerſe Senhor do Reyno: e ajuntando algumas tropas, poz hum exercito em campanha, com que rendeo algumas Cidades. Sentio o pay a deſobediencia do filho, e determinou caſtigalla com ſeveridade. Cauſava à Santa Rainha grande horror a deſatençaõ do Principe, porque fazia mais juſtificada a reſoluçaõ delRey; e aſſim vendo-ſe entre prendas, que o amor, e natureza, fizeraõ taõ eſtreitas, deſejava achar caminho feliz de compoſiçaõ; e armada de ſuperior impulſo, livrou o Principe do imminente perigo, a que eſtava expoſto. Creſciaõ as diſcordias, ſem que ſe attalhaſſem os meyos: chorava a Santa Rainha rios de lagrimas, entendendo ſer caſtigo das ſuas culpas, o que o Reyno padecia: buſcou ElRey, e alcançou perdaõ para o Principe, ſendo o aſtro benigno, que influía a tranquila paz, tantas vezes conſeguida pela ſua virtude. Com eſte beneplacito partio ſem demora à Villa de Pombal, aonde eſtava o Principe acampado, e com amor de mãy, e Mageſtade de Rainha, lhe eſtranhou com heroico animo os indignos penſamentos, com que ſe tinha deixado vencer, pertendendo com eſcandalo do Mundo, e horror da natureza, arrebatar com violencia a Coroa de ſeu pay, quando o Ceo ſem oppoſiçaõ lha tinha deſtinado para ſeu tempo. Depois de convencido, o perſuadio, a que proſtrado com humilde rendimento aos Reaes pés de ſeu pay, lhe pediſſe com publica obediencia o reſtituiſſe à ſua graça. A todos os Reos daquella meſma culpa, prometteo, em nome de ElRey, perdaõ geral, e que ſem mais memoria, ſeriaõ ſepultados naquelle campo os paſſados aggravos. Finalmente, reduzidos a huma amigavel concordia, ficaraõ reconciliados na graça delRey o Principe, e os ſeus parciaes; porém como naõ havia de ſer ditoſo o fim das ſedições civis, quando apparecia o animado Iris da Igreja, que com o brando orvalho das ſuas innocentes lagrimas ſerenava todo o Reyno com benignas influencias?

Já livre das paſſadas afflições reſpirava o ſeu eſpirito em obſequioſos cultos do ſeu Deos, quando por Divina revelaçaõ, edificou hum Templo em honra do Eſpirito Santo na

Villa

Villa de Alem-quer; para que o Ceo lhe deu o riſco, achando já na terra abertos os aliceſſes, que teſtemunhavaõ o milagre, e os merecimentos da Santa Rainha. Aſſiſtia com incrivel devoçaõ a eſta fabrica; e como era do agrado de Deos, pertendia levalla à ultima perfeiçaõ. Aſſiſtia à fabrica, para que com os ſeus olhos luziſſe a obra. Em hum dia já no fim da tarde, paſſou huma moça com hum ramilhete de roſas: offereceo-o à Santa Rainha, e tomando-lhas, quando quiz voltar para o Paço, deu a cada hum dos Officiaes huma roſa, dizendo-lhes: que com ella lhes pagava o dia, e que ſendo a paga ventajoſa o devia merecer o trabalho. Aceitou cada hum, como graça, a roſa, guardando-a em lugar deſtinado. Deu fim o dia, e com elle o trabalho, e buſcando cada hum a ſua flor, achou huma dobra de ouro. Suſpenſos, e incredulos, naõ ſabia a admiraçaõ formar diſcurſos, como quem ignorava, que a virtude ſó tinha o ſegredo da alchimia, taõ curioſamente buſcada da ambiçaõ. Quiz a Santa Rainha encobrir o milagre, mas naõ foy poſſivel; porque foy o caſo publico, e ſe divulgou logo por toda a parte, naõ ſervindo de admiraçaõ aos ſeus vaſſallos a virtude da Santa Rainha, por já terem applaudido milagroſas transformações naquelle meſmo lugar, como ſe vio, quando para preciſo remedio, mudou a ſua virtude a ſubſtancia da agua em generoſo vinho. A taõ publicas maravilhas eraõ repetidas as acclamações da Santidade da Rainha, ſendo toda a ſua vida hum continuado milagre, com que a Omnipotencia manifeſtava os ſeus merecimentos. Coſtumava na meſma Villa de Alem-quer orar nas margens do rio; e para que ſe exercitaſſe na humildade, lavava os panos immundos dos Hoſpitaes, recebendo as aguas, e os panos pelo contacto das ſuas mãos, virtude occulta, com que ſaravaõ aos enfermos de doenças já tidas por incuraveis: a coxos deraõ ſaude, a cegos viſta, ſendo aquellas aguas o remedio univerſal dos afflictos. Neſtes humildes exercicios occupava a ſoberania da Mageſtade, rendendo com humilde coraçaõ diante do conſpecto Divino, tudo quanto fora ſervido concederlhe a liberal maõ do Altiſſimo. Tudo quanto obrava, eraõ ſempre claros prodigios, com que o Ceo teſtemunhava as ſuas virtudes. Fundou o Moſteiro de Santa Clara de Coimbra, cuja primeira pedra lhe lançou a ſua religioſa piedade, acompanha-

da

da de muita nobreza, com aquellas ceremonias, que a Igreja determinou em ſemelhantes actos. Era eſta obra toda da ſua devoçaõ, e por iſſo lhe levava todo o cuidado. Quando tratava deſta fabrica lhe ſuccedeo aquelle ſempre memoravel caſo de levar no regaço o dinheiro, para pagar aos Officiaes por ſua propria maõ; quando encontrando ElRey, lhe perguntou o que levava? A Santa naõ por encobrir o diſpendio, mas o merecimento de humilhar a Mageſtade, diſſe: que levava roſas; e querendo ElRey velas, por ſer fóra da Eſtaçaõ, vio transformadas em flores, o que eraõ moedas, pagando deſta ſorte o ouro em fragancias, o luzimento, que em outra occaſiaõ dera as roſas.

No tempo em que lograva o Reyno huma feliz tranquilidade, eſquecidas as paſſadas diſcordias, morreo ElRey Dom Diniz com grande ſentimento da Rainha; porque amava ternamente a ſeu eſpoſo. Porém como a Santa ſogeitava a propria vontade à diſpoſiçaõ Divina, e com heroica reſoluçaõ deſpio os Reaes adornos, e ſe veſtio do pobre ſayal do Seraſim humano Saõ Franciſco, cingio-ſe com huma aſpera corda, e poz na cabeça hum véo branco: e empregada toda em louvaveis obras, offerecia a Deos repetidos ſacrificios pela alma delRey; por cuja interceſſaõ fez huma romaria a Galiza, a viſitar o corpo do Apoſtolo Santiago, acompanhada ſómente de algumas peſſoas, que eſcolheo, e fóra de fauſtos, e grandezas, para que naõ foſſe conhecida; mas as eſmolas, que fazia, a davaõ a conhecer. Eraõ notorias em todo o Reyno as prodigioſas obras da Santa Rainha: aſſim a veyo eſperar ao caminho huma mulher com huma filha, que lhe havia naſcido cega, e com rogos, e importunações de afflicta, pedia à Santa Rainha lhe pozeſſe as mãos nos olhos: recuſava a Santa; mas as inſtancias foraõ taes, que a obrigaraõ a lhe pôr as mãos nos olhos, e recebeo com o contacto a luz do dia. A mayor parte do caminho foy a pé, exercitando-ſe para quando havia de repetir a meſma devoçaõ, a qual fez, feita peregrina a pé, pedindo eſmola. Foy eſta huma das mais heroicas acções da Santa Rainha, e a mayor, que ſe póde contar de huma Peſſoa Real, o verſe pobre, e neceſſitada voluntariamente aquella meſma, em cujo coraçaõ tinhaõ aſylo os neceſſitados. Viſitado o Santo Apoſtolo com ſingulares jubilos da ſua abraza-

da

da devoçaõ, lhe offereceo generoſos votos a ſua piedade. Recolhida ao Reyno, com nova admiraçaõ das gentes, ſe deſfez de toda a real pompa, mandando, que todos os ornatos da ſua peſſoa, e caſa, aſſim de ouro, como de prata, ſe converteſſem em adornos para o culto Divino, em que ardia aquelle generoſo eſpirito, deſejando pelo ſeu amor obrar exceſſos. Junto ao ſeu Moſteiro de Santa Clara edificou hum Paço para viver, mas com tal cuidado, que tinha porta para o Moſteiro, e para o Hoſpital; e porque o ſeu emprego era ſervir aos doentes, e no Moſteiro orar, era quaſi inutil o Paço, no qual naõ eſtava ſem Religioſas, ou enfermos; e aſſim naõ tinha tempo ocioſo, porque todo empregava em obras dignas do agrado de Deos. Deſejou muito a Santa Rainha largar eſte Real titulo, Profeſſando na Clauſura a Regra de Santa Clara; e conſultando os Varoens mais doutos, que teve aquella idade, reſolveraõ, que naõ convinha: e feito ſacrificio deſta vontade, profeſſou a Terceira Regra de Saõ Franciſco, a qual obſervou com tal vigilancia, que foy a idéa da perfeiçaõ religioſa. Aquelle animo, em que tinha o ſeu centro a piedade, e amor do prôximo, ſe ſacrificou pela utilidade publica a ſahir de Coimbra para Eſtremoz, aonde eſtava ElRey ſeu filho, declarando guerra a Caſtella; e querendo Deos darlhe glorioſo premio, foy acomettida de huma enfermidade. Nella a viſitou a Rainha dos Anjos, e confortada com eſta ſantiſſima viſita, conſervou as dilicias do eſpirito por algumas horas, em claros reſplandores no ſeu roſto; e creſcendo a enfermidade, naõ ſe eſquecia de conferir os meyos da paz; e conhecendo, que morria, rezou em intellegivel voz o Credo, e feita a proteſtaçaõ da Fé, fixos os olhos em huma Imagem da Rainha da Gloria, repetindo o verſo: *Maria Mater gratiæ*, e abraçando-ſe com hum Crucifixo, entregou nos ſeus braços aquelle feliciſſimo eſpirito, para reynar eternamente na gloria, no anno de 1336.

B No meſmo dia em Marrocos, Cidade de Africa, o inſigne Martyrio de ſete reſolutos Mancebos, criados em caſa do Xarife Moley Maluco, com os falſos documentos da barbara ley de Mafamede, os quaes ſouberaõ com heroica reſoluçaõ trocar as vans, e enganoſas eſperanças, que o Rey daquella terra lhe promettia, pelas infaliveis, que o Rey da Gloria

Franciſco da Eſperança com ſeis companheiros MM.

pro-

prometteo aos que o ſeguiſſem. Chamavaõ-ſe eſtes valeroſos ſoldados de Chriſto Franciſco da Eſperança, Simaõ de Freitas, Antonio da Sylva, Joaõ, Domingos de Gouvea, Amaro Gonçalves, e Fernaõ Gines, o qual entre todos os ſeus companheiros gozou applauſos, e eſtimações do Xarife. Naõ chegava a contar nenhum deſtes mancebos vinte annos de idade, quando com o ſeu ſangue teſtemunharaõ a Ley de Jesu Chriſto, que tinhaõ no coraçaõ. Foraõ com infeliz fortuna levados a Marrocos por diverſas caſualidades, e mandados pelo Rey entregar a dous Eunuchos, para os perſuadirem, e inſtruirem em a falſa ley de Mafoma, de que chegaraõ a receber o turbante, mais conſtrangidos do temor, e perſuadidos dos affagos, e promeſſas, do que reſoluta vontade; pelo que ſempre conſervaraõ no coraçaõ as verdades do Evangelho, em cuja obſervancia deſejavaõ morrer; e aſſim com obras de Chriſtãos deſmentiaõ as apparencias do traje, de que uſavaõ. Faziaõ oraçaõ a Deos, tomavaõ diſciplinas, obſervavaõ os jejuns da Igreja, davaõ eſmolas, do que podiaõ reſervar das ſuas moradias, com que ſe accodia aos miſeraveis cativos doentes. Com eſtes, e outros actos de piedade internos ſe exercitavaõ, ſendo cada hum director do outro, para ſe adiantarem na perſeverança da verdadeira Fé, que por temor eſcondiaõ no coraçaõ. Neſtes louvaveis exercicios ſe occupavaõ todo o tempo, que lhes era poſſivel. Tinhaõ por eſpecial Protectora a Virgem Senhora Noſſa, e do ſeu Santiſſimo Roſario, ſe fizeraõ Confrades; he certo, que de taõ ſingular Protecçaõ, ſe lhes haviaõ ſeguir glorioſos fins. A eſta virtuoſa companhia ſe aggregou hum rapaz Elche de doze annos, rogando que o admittiſſem; porque queria abraçar a Ley de Jesu Chriſto, em que pedia o inſtruiſſem. Tomou Simaõ de Freitas à ſua conta enſinarlhe a Doutrina Chriſtãa. Neſta ſanta conformidade viviaõ todos, quando o poder do Altiſſimo quiz moſtrar os eſcondidos ſegredos da ſua Providencia, tomando por inſtrumento a deſconfiança, que teve hum Elche com Simaõ de Freitas, a quem ameaçou, que havia de deſcobrir, que elle, e toda a ſua companhia, eraõ Chriſtãos. Conheceo Simaõ de Freitas o perigo, em que todos eſtavaõ; deu parte aos fieis companheiros, e com ardentes razões os perſuadio à conſtancia, e firmeza na Fé; concluindo, que aquelle, que ſe

atre-

atreveſſe a confirmar em publico a verdade, que tinha no coraçaõ, dando pela ſua confiſſaõ a vida, ſe pozeſſe da ſua parte, e o ſeguiſſe. Foy o primeiro Ale, e logo com toda a preſſa os demais camaradas. Chega a noticia a ElRey deſte caſo, e embravecido de colera, os mandou logo vir à ſua preſença de dous, em dous, e com palavras deſabridas lhes diſſe: como ingratos, e deſconhecidos tendes largado a ley do Profeta? Como deſmentis nas obras o traje de que vos honrou? Como naõ temeis a ſua indignaçaõ? Sem duvida perdeſtes o juizo; porque como loucos naõ reparais no perigo, que eſtá imminente ſobre as voſſas vidas, que póde ſuſpender a minha maõ, ſe com nova conſtancia deteſtares a Ley dos Chriſtãos. A que reſponderaõ todos com magnanimidade Catholica, que aquelles turbantes foraõ recebidos preoccupados do horror dos tormentos, ſem que de coraçaõ ſe diminuiſſe a Fé de Jesu Chriſto, que ſempre profeſſaraõ, em cujo obſequio eſtavaõ promptos para ſacrificar as vidas, emmendando com a conſtancia a puſilanimidade paſſada. Indignado ElRey com a liberdade, e firmeza dos mancebos, e admirado de ver reſoluçaõ tamanha em annos taõ florentes, que podendo amar a vida, a deſprezavaõ com generoſa conſtancia; e que ſendo ſeus eſcravos, contradiziaõ a ſua vontade, cheyo de nova furia, voltou para Ale, dizendo: como tu, naſcendo Mouro, e criado na doutrina do Alcoraõ deſprezas a ley, que te deu o ſer, e em que teus mayores viveraõ honrados? A que reſpondeo o valeroſo ſoldado de Chriſto: Porque reconheci com a luz da Graça, a torpeza deſſe teu adorado Alcoraõ, por iſſo arrependido, buſco de todo o coraçaõ a Jesu Chriſto, em quem creyo, em cuja Fé ſó ſe póde conſeguir a Gloria. E ſendo repreguntados pelo meſmo Rey os demais companheiros, ratificaraõ a ſua perſeverança na Fé; pelo que foraõ mandados logo todos degolar ſecretamente, ficando publicos Martyres de Chriſto.

C Item na meſma Cidade de Marrocos, o glorioſo certame de Antonio Mendes Diacono, Director daquelles ſete mancebos, de que acima fizemos menção, os quaes corobo- rava nos Myſterios da noſſa Santa Fé; para o que lhes dava livros eſpirituaes, Cruzes, e Imagens Santas, para os adiantar na perſeverança; e a eſtes perſuadia, e aconſelhava, naõ ſó com as palavras, mas com o exemplo, à conſtancia, e firmeza

Antonio Mendes Diacono M.

meza da Fé, para que naõ perdeſſem com o habito, o que tinhaõ no coraçaõ, do que inteirado ElRey, mandou, que foſſe o ſeu corpo deſpedaçado aos golpes dos alfanjes Agarenos; o que ſe executou à viſta de todos, na praça do ſeu Palacio, até que deſpedaçado das feridas, entregou a alma ao ſeu Creador: ſeu corpo principiaraõ a queimar os barbaros rapazes, o que de todo conſeguiriaõ, ſe a cautela de alguns Catholicos lho naõ impedira.

Agoſtinho, e Aleixo MM.

D Na Cidade de Dinhtram, no Reyno da Cochinchina, alcançaraõ glorioſas palmas de Martyrio Agoſtinho, e Aleixo, na cruel perſecuçaõ, que contra aquelles povos recem-naſcidos à Fé de JESU Chriſto, levantou a diabolica aſtucia do inimigo commum do genero humano. Foy accuſado Agoſtinho de ſer Chriſtaõ, pelo que o prenderaõ; o que ſabendo Aleixo, ſahio de ſua caſa, e publicamente confeſſou ſer Chriſtaõ, ſem que ninguem lho perguntaſſe; e querendo o Juiz deſta execuçaõ (a que elles chamaõ Mandarins) perſuadir a Aleixo, que retrataſſe a confiſſaõ, que tinha feito, elle lhe reſpondeo, que ainda que lhe cuſtara mil vidas, naõ deixaria de publicar, que de todo o coraçaõ cria na Fé de hum ſó Deos verdadeiro, Creador de todas as couſas, a quem elle devia mayor obediencia, do que a todos os Reys da terra. Enfurecido o Juiz com eſta repoſta, o mandou prezo meter no carcere, aonde já eſtava Agoſtinho, e Simeaõ, e outros companheiros, Ignacio, Paulo, e Joaõ, dos quaes ſó Agoſtinho, e Simeaõ eſtavaõ com o afrontoſo caſtigo, a que chamaõ canga, por ſer poſto no peſcoço, do qual ſe naõ podia uſar ſem Real Decreto; o que vendo Aleixo, rogou ao Juiz o fizeſſe participante daquella afrontoſa moleſtia, que padeciaõ ſeus companheiros; e foraõ taes as inſtancias, que o Juiz corrido da ſua conſtancia, aviſou ao Governador da Provincia, lhe deſſe faculdade, para pôr em Aleixo aquella diviſa de infamia, a qual recebeo com fervoroſo eſpirito, de ſer ultrajado por JESU Chriſto. Foraõ levados os prezos à preſença delRey, e juntamente as Sagradas Imagens, e os livros eſpirituaes, que ſe acharaõ em caſa de alguns Chriſtãos. Vendo o Rey tres prezos com cangas, naõ ſendo a ordem mais, que para dous, perguntou a cauſa, e informado do valeroſo ſoldado de Chriſto, Aleixo, o pertendeo convencer com palavras, dizendo-

lhe:

lhe: como atrevido aprendeſtes a Ley dos Portuguezes, que eu tenho prohibido, ſendo contra os meus Reaes Edictos? Como te atreveſtes a faltar à minha vontade? A que Aleixo reſpondeo ſem temor: A Ley, que eu profeſſo, naõ he dos Portuguezes, mas de Deos, que he o Senhor de todos os Senhores, e Rey de todos os Reys, Creador dos Ceos, e da terra; ſe por ſeu amor me deres a morte, lhe darey infinitas graças; ſe me deixares com vida, farey o meſmo, por ſer aſſim ſua Divina vontade. De taõ reſoluta repoſta ficou ElRey corrido; e voltando-ſe para Agoſtinho, com ſemelhantes perguntas, encontrou com iguaes repoſtas: e vendo a firmeza das confiſſoens os condemnou à morte, e as Sagradas Imagens, e livros, a ſerem queimadas; e porque ſe naõ animaſſem os mais Chriſtãos da conſtancia dos Martyres, ordenou, que foſſe a execuçaõ fóra da Corte: pelo que foraõ levados a Dinhtram, cabeça da Provincia, para que o Governador mandaſſe fazer a execuçaõ determinada. Partiraõ para eſta Cidade alegres, e contentes, pondo em mayor confuſaõ aquelles barbaros povos, quando os viaõ padecer injurioſas afrontas dos ſoldados, que os eſcoltavaõ, que elles com animo pacifico recebiaõ como favores do Ceo. Finalmente chegando à Cidade, deſtinada para o Triunfo da Fé, os mandou o Governador meter no carcere, por ſerem dias, que elle obſervava de feſta; mas eſta demora foy alto myſterio da Providencia Divina; porque acodiraõ innumeraveis Chriſtãos, que ſe confortaraõ na Fé, com a viſta dos Martyres. A mulher de Aleixo o foy ver, levando conſigo hum filhinho de ſete annos, o que reparando hum ſoldado, lhe diſſe: Como naõ tendes amor a voſſa mulher, e filho? A que Aleixo reſpondeo: Pois naõ ſe alegra o filho com ver o pay lograr a dignidade de Mandarim? Pois a muito mayor occupaçaõ me eleva a catana, e quanto mais padecer por Chriſto, mayores ſeraõ as honras, que recebe-rey de premios, que duraõ por toda a eternidade; e voltando-ſe para a mulher, lhe diſſe, que naõ uſaſſe das demonſtraçoes de ſentimento, que pelas faltas dos maridos ſe coſtumavaõ; porque naõ merecia compaixaõ, ſe naõ inveja, a morte, que era precioſa diante do Senhor. Chegado o dia, em que ſe havia de executar o Martyrio, foraõ todos os companheiros ao lugar do ſupplicio, no qual depois de cortarem os cabellos

a Ignacio, Paulo, e Joaõ, os açoutaraõ cruelmente, e naõ lhe tiraraõ as vidas os impios miniſtros, por naõ excederem o Decreto do ſeu Rey. Agoſtinho, que era catequiſta, animava aos companheiros com a infalivel eſperança da Gloria, e exhortando à obſervancia da Ley de Deos, ſe voltou para Aleixo, dizendo: Meu irmaõ mayor, naõ entre em nôs medo, que acobarde, mas a eſperança de que logo hiremos gozar, para ſempre das delicias do Noſſo Creador: e repetindo ambos com grande devoçaõ os Nomes de JESUS, e de MARIA, offereceraõ as cabeças às barbaras catanas, ajuntando-ſe ao innumeravel numero dos Martyres. As ſuas cabeças foraõ poſtas por injuria encima de dous páos, que ſerviaõ de Altares, em que a veneraçaõ dos Catholicos os eſtimava como Santos. Acabada a execuçaõ, chegaraõ alguns Chriſtãos a recolher com piedoſa devoçaõ as veneraveis reliquias dos Martyres, que eſtimavaõ mais, que todos os theſouros precioſos do Oriente.

D P. Diogo de Mattos da Companhia.

E Em a Cidade de Goa, no Collegio de Saõ Paulo, deu fim a huma vida chea de trabalhos, mas glorioſa para a Companhia de JESU, o Padre Diogo de Mattos, que ſendo Miniſtro do meſmo Collegio, foy mandado a inſtancias dos ſeus rogos, para a Miſſaõ da Ethiopia, aonde com incançavel zelo moſtrou o fervor de ſeu eſpirito. Era de animo taõ candido, e de condiçaõ taõ agradavel, que atrahia a ſi os affectos das gentes. O Emperador de Ethiopia Soltam Seghed o eſtimou com eſpecialidade, trazendo-o comſigo, aſſim na Corte, como na Campanha; e como verdadeiro Operario do Evangelho, naõ perdia tempo, prégando em toda a parte, refutando publicamente os erros Alexandrinos, que innumeraveis almas abjuraraõ, ſeguindo pela ſua inſtrucçaõ a verdade, que enſina a Igreja Romana. Naõ ſe conſeguem felices fins, ſenaõ por meyo de graviſſimos trabalhos; padeceo fomes, e frios, que a conſtancia do ſeu animo ſofria, com roſto alegre, ſem que as muitas adverſidades diminuiſſem a ſua paciencia. Foraõ grandes as occaſiões de ſofrimento neſta Miſſaõ; porque mudado o governo com novo Emperador, ſe tornaraõ aos erros do Abuna, que he o ſeu Biſpo, e com caviloſas maquinas expulſaraõ ao Patriarca, e mais Miſſionarios da Companhia, que o ſeguiraõ, ſendo primeiro prezo o

Padre

Padre Diogo de Mattos em Suaqhem, aonde eſteve com o Patriarca Affonſo Mendes, hum anno, em taõ apertado carcere, que com o exceſſivo calor mudou toda a pelle, ficando em huma chaga viva: os pés lhe meteraõ em hum cepo, e ao peſcoço lhe lançaraõ huma cadea de ferro muy groſſa, pezada, e comprida, que ſe fechava com mais prezos. Neſta cruel prizaõ lhe ſeguravaõ eſperaſſe a morte, e nella acabariaõ, ſe alguns Bani-anes amigos da Naçaõ Portugueza, vendo, que partia huma Náo para Dio, e que perdida aquella occaſiaõ, ſe naõ poderia conſeguir outra, foraõ compadecidos ao Patriarca, offerecendo-lhe algum dinheiro, com que ſe podeſſe ſatisfazer a cobiça do Turco, a cujo cargo eſtava a cuſtodia. Fe-lo aſſim o Patriarca, para ver ſe com a liberdade podia alcançar algum meyo, com que podeſſe livremente aſſiſtir ao ſeu afflicto rebanho. Deraõ à véla, e chegaraõ a Goa, foy nomeado em Reytor do Collegio o Padre Diogo de Mattos; cargo, que exercitou com ſatisfaçaõ dos ſubditos. Neſte tempo acomettido de huma febre maligna, deu fim à ſua vida, com grandes ſaudades de ſeus amados companheiros, a quem ſempre com o exemplo edificou; porque na Oraçaõ era pontualiſſimo, tendo-a pela manhãa no Coro de joelhos. A pobreza obſervava como virtude ſanta, ſendo o ſeu veſtido, e calçado ſempre o mais vil, e uſado. O corpo caſtigava com rigoroſas diſciplinas, ſem que houveſſe dia privilegiado para as mortificações. Era taõ ſofrido, que as injurias naõ alteravaõ a ſua paciencia; porque immovel às ſemrazoens, naõ parecia compoſto de natureza humana, ſenaõ Angelica. De taõ precioſas obras, he de crer, eſtá gozando o digno premio, que Chriſto prometteo, aos que o ſeguiſſem neſte Mundo.

F No Real Convento de Santa Cruz, da Cidade de Coimbra, da Canonica Familia Agoſtiniana, deu fim à ſua Religioſa vida Dom Athanaſio, Sacerdote de taõ bons coſtumes, que o ſeu mayor emprego era contemplar, e meditar na Eternidade: foy dotado de boas partes, deſejando empregallas todas em obſequio de Deos; e aſſim cantava no Coro todas as vozes, e ſeguindo com perfeiçaõ a vida Regular, mereceo pela ſua obſervancia a Gloria, que piamente cremos eſtá gozando. *D. Athanaſio C. Reg.*

G Item no Moſteiro de Saõ Bento de Evora, a memoria

Sor Maria Bautiſta Ciſter.

ria da prudente Virgem Sor Maria Bautiſta, Religioſa de véo branco, a que no Moſteiro chamaõ Converſas, mulher de muita oraçaõ, da qual tirava ſoberanos regalos, com que o Senhor a favorecia muitas vezes no dia. Entrou no Clauſtro deſte Moſteiro, para criada de huma Religioſa grave, e o ſeu procedimento, e virtude, a habilitaraõ para o eſtado de Freira; ainda antes de ſua ama lhe paſſar pela imaginaçaõ ſolicitarlhe lugar, já no Moſteiro a acclamavaõ Religioſa, correndo huma voz, que havia de ſer Converſa. Fallaraõ algumas Religioſas a ſeu favor a ama, que ſe inclinou à ſupplica, e tratou de lhe procurar dote, o qual em menos de dous annos o teve junto, naõ tendo grande tença; porque Deos concorria para eſte beneficio. Tomou o habito; e ſendo coſtume naquella ceremonia, fazer ſinaes, como pelos mortos, naõ lembrou a ninguem, e na profiſſaõ ſuccedeo o meſmo; moſtrando o Senhor neſta, ao parecer caſualidade, que deſde que entrara naquella Caſa, em que ſete annos eſteve ſervindo, já deſde entaõ ſe ſepultara para o Mundo. Deſde moça foy bem inclinada, e com as obrigações do eſtado ſubio ao auge da perfeiçaõ Religioſa, ſendo pontualiſſima nas leys da Religiaõ; naõ trazia camiſa ſenaõ de eſtamenha; dormia ſobre huma cortiça breve ſomno, e ſe affligia com extraordinarias mortificações, e penitencias. A ſua conſciencia era hum puro criſtal; pois no diſcurſo da ſua vida, nunca ſe manchou com culpa mortal; o que lhe naſceo de ſer muy dada à Oraçaõ mental, em que conſeguio chegar ao gráo da uniaõ, em que a alma goza das dilicias do ſummo bem, quanto ſofre a groſſaria da mortal vida. Taõ unida andava com o Divino Eſpoſo, por meyo da contemplaçaõ, que o meſmo era porſe a orar, que privarſe do uſo dos ſentidos, e arrebatarſe toda, em a ſua incomprehenſivel fermoſura, o que chegava algumas vezes a durar dias. Paſſado hum anno de profeſſa, entrou no deſejo de ter oraçaõ: naſceo-lhe da liçaõ eſpiritual, que ouvira; porque naõ ſabia ler: e fazendo reflexaõ nas palavras, de que até os Paſtorinhos rudes, que guardavaõ gado, podiaõ exercitarſe na oraçaõ, dizia comſigo abrazada no Divino Amor: Eu tambem poſſo fazer oraçaõ, ainda que ſeja taõ rude como os Paſtorinhos, pois he materia de tanta importancia, para conſeguir o Ceo. Entrou a deſtribuir os dias

da

da ſemana, ſeguindo a meditaçaõ com grande trabalho; porque o penſamento pouco acoſtumado, cuſtava a recolher; mas naõ tardou muito em o Senhor lhe communicar lagrimas, e gozos, de que a alma começou a goſtar taes ſuavidades, de que depois ſe naõ podia apartar. Acabando hum dia de orar antes de Matinas, ficou taõ rendida, e cançada das muitas lagrimas, que eſvaida a cabeça, ſe encoſtou a deſcançar: ao meſmo tempo percebeo o ouvido humas palavras ſeveras, e de efficaz reprehençaõ: levantando-ſe, e ſe poz de joelhos, e chorando dizia: Senhor, que me ordenais que faça? E intelectualmente lhe foy communicado, que rezaſſe as Matinas, e ſe naõ deſcuidaſſe daquelle exercicio, que lhe era agradavel. Em outra occaſiaõ, no dia que tinha acabado de commungar, depois de jantar, ſe recoſtou hum pouco a deſcançar, e pegando no ſomno, deſpertou eſtremecendo ao ſuſto de huma pancada: deſte ſucceſſo ſe ſeguio, naõ repouſar mais em dia que commungava, paſſando o dia em Celeſte contemplaçaõ. Eſtas diſſimuladas finezas do ſeu Eſpoſo foraõ cauſa de ſe abrazar tanto no ſeu amor, que mereceo receber em diverſos effeitos a Divina graça. Meditava hum dia com taõ vehemente ſentimento na Paixaõ de Chriſto, que ſe ſentio penetrada com huma ſetta de fogo, que a enriqueceo ainda mais de amor, ficando como fóra de ſi. Eſte admiravel ſocego, em que vivia, pertendeo o demonio perturbar com huma tentaçaõ ſenſual, a que reſiſtio com tal deſprezo do inimigo, que perſeverou na Oraçaõ por tres dias continuados, ſem comer, nem dormir nas noites, taõ elevada na miſericordia de Deos, que confundio ao meſmo inimigo. Em dia da Epifania do Senhor, cuidando na madrugada no que havia de meditar, ſe elevou tanto no caminho, que os Santos Reys fizeraõ, em taõ breve tempo, que arrebatado o eſpirito, foy como levado a diverſos campos, e terras, que naõ conheceo, e tornando a ſi ficou taõ quebrantada de forças, que por muitos dias ſe naõ pode mover. Em outra occaſiaõ abſorta dos ſentidos corporaes, os quaes tinha ſem uſo, porque naõ via, nem ouvia, foy recreada com a viſaõ da Santiſſima Trindade, e lhe foraõ communicados os Myſterios da Encarnaçaõ, e do Santiſſimo Sacramento, e outros muitos favores do Altiſſimo, com que a ſua alma ſobio aos gráos da perfeiçaõ, que neſte Mundo conſeguem

ſeguem os Santos. Eſta querida Eſpoſa ſe vio com tantas enchentes da graça, communicadas em Celeſtes viſoens, que como a Eſpoſa dos Cantares ſe via desfalecida, ao meſmo tempo, que era taõ recreada; e aſſim querendo pôr pauza a tantas dilicias, ſe occupava nos ſerviços vís da Communidade, e ſe ſuſpenderaõ os gozos: mas tornando à Oraçaõ, começou a reconhecer os maravilhoſos effeitos da miſericordia de Deos, a quem deu palavra de naõ reſiſtir mais à ſua Divina vontade, ainda que lhe cuſtaſſe a vida. Entre amoroſos colloquios da Eſpoſa Santa, eſtava taõ abſorta na Serafica contemplaçaõ, que repetia com Saõ Paulo: *Já eu naõ vivo, mas vive em mim Chriſto.* Finalmente chea de immenſos favores, conſeguidos com o amargo das tribulações, pagou o infalivel tributo à morte, para gozar em eterna ſuavidade das dilicias do Cordeiro immaculado, que tem preparado às prudentes Virgens, que pelo ſeu amor ſe deſvelaraõ.

Sòr Margarida Annes Dom.

H No meſmo dia, no Moſteiro do Salvador da Cidade de Lisboa, a Madre Margarida Annes, de vida, e coſtumes taõ auſtéra, que foy eſcolhida para primeira Prelada daquelle Moſteiro; lugar, que tinha occupado, quando antes de Religioſa vivia com outras Beatas recolhidas em taõ ſantos exercicios, que mereceraõ a attençaõ da Corte, e do Arcebiſpo de Lisboa Dom Joaõ Eſteves, que fundou para ellas o Moſteiro do Salvador, aonde tomando o Habito do glorioſo Patriarca S. Domingos, profeſſaraõ no dia de Natal do anno de 1393, e pouco depois fizeraõ eleiçaõ de Prioreſſa, e foy eleita a Madre Margarida Annes, que no anno do Noviciado preſidio às Noviças: grandes deviaõ ſer os merecimentos deſta Religioſa, que entre tantas de vida taõ perfeita, ſempre mereceo o primeiro lugar.

Commentario ao IV. de Julho.

A NAõ ſofre a brevidade do eſtylo, que ſeguimos, dilatarnos mais nas prodigioſas virtudes da Santa Rainha Dona Iſabel, cuja vida tem eſcrito taõ doutas, e diſcretas pennas, como venera a fama. Era filha de Dom Pedro III. Rey de Aragaõ, e XX. daquella Coroa, e da Rainha Conſtança, filha de Manfredo Rey de Napoles, e Sicilia, e da Rainha Dona Beatriz de Saboya, filho de Fredirico Rey de Napoles, e Sicilia, e depois Emperador dos Romanos a quem pelas ſuas eſcandaloſas acções, o Papa Innocencio IV. tirou o Reyno, e o Imperio; e acabando com adverſa fortuna deixou manchada a ſua memoria, e a gloria do ſeu Imperio, e o teve em

Branca

Branca Lança, Senhora de nobiliſſima geraçaõ, como dizem as Hiſtorias daquelle Reyno. Era ElRey Dom Pedro filho de Dom Jayme Rey de Aragaõ, chamado o Conquiſtador, e da Rainha Dona Violante de Ungria, meya Irmãa de Santa Iſabel Rainha de Ungria. Naſceo a Santa Rainha no anno de 1271 na Cidade de Çaragoça Metropoli do Reyno de Aragaõ, no qual ſe conſerva a tradiçaõ, que o Palacio, em que naſceo, chamado Aljuferia, foy fabrica dos Arabes, e nelle ſe moſtra ainda hoje hum appoſento, a que chamaõ o toucador da Rainha, aonde ſe diz vio a primeira luz do dia. Naõ eraõ os penſamentos da Santa, deſejar outro eſpoſo, que naõ foſſe o Rey do Ceo, mas eſte meſmo a tinha deſtinado para gloria de Portugal, e exemplar das ſuas Rainhas; e aſſim no anno de 1282 em 24 de Junho, ſe celebraraõ as vodas com ElRey Dom Diniz, unico do nome, com quem vivco caſada quarenta e tres annos. Deſte matrimonio foraõ filhos ElRey Dom Affonſo IV. cognominado o Bravo, que he a Varonia dos noſſos Reys, ſendo a Santa Rainha duodecima Avó delRey Dom Joaõ o V. que Deos guarde, e de Dona Conſtança, que foy mulher delRey Dom Fernando o IV. de Caſtella, que foraõ pays delRey Dom Affonſo XI. e por eſtes dous filhos ſe transfundio o ſangue da Santa Rainha a todas as Coroas da Europa, e tambem por alianças participaõ as mais das Caſas Illuſtres de Portugal, e Caſtella. Neſta Santa Heroina reſplandeceraõ as mais heroicas virtudes, que vemos eſpalhadas por muitos Santos; à ſua devoçaõ deve Portugal o eſtabelecerſe a Feſta da Immaculada Conceiçaõ da Virgem Senhora Noſſa. Achava-ſe em Coimbra a Santa Rainha, com grande deſconſolaçaõ, pela civil guerra, que ſeu filho metera no Reyno; e tomando por Protectora a Maria Santiſſima, lhe deſejava augmentar o culto, com Feſta à ſua Puriſſima Conceiçaõ, para que todos ſe empregaſſem na devoçaõ deſte Myſterio. Conſultou o Biſpo da Cidade, que era Dom Raimundo, Varaõ de grandes letras, e inſignes virtudes; pediolhe tempo, para conferir com homens doutos a devota, e pia propoſta; e depois de a haver bem conſiderado, promulgou huma Conſtituiçaõ, em que mandava celebrar naquella Dioceſi a 8 de Dezembro a Immaculada Conceiçaõ. Deſta Cathedral ſe derivou a todo o Reyno, como veremos a 8 de Dezembro, ſe a meſma Senhora, com cujo titulo a temos por eſpecial Protectora, nos derforças, para que adiantemos eſta Obra. Quando ſe promulgou o Decreto, ſe achava a Santa Rainha em Lisboa, e fabricando-ſe naquelle tempo a Igreja da Santiſſima Trindade, para que concorreo com larguiſſimas eſmolas, e por merce ſua ſe erigio, nella mandou edificar huma Capella da Invocaçaõ da Senhora da Conceiçaõ, que com o tempo paſſou a diverſos dominios. Qual foſſe o zelo do bem publico do Reyno, ſe vio em diverſas occaſioens, ſolicitando a paz; e porque a eſte fim chegou às noſſas mãos huma Carta da Santa Rainha, para ElRey, em tempo que eſtavaõ os exercitos à viſta, a trasladarey aqui, como tambem a repoſta delRey, no meſmo eſtylo antigo em que as vi nos originaes, com os ſignetes das Reaes Armas, para ſatisfaçaõ da curioſidade, e da devoçaõ. Nas memorias do Padre Franciſco da Cruz, para a *Bibliotheca Luſitana*, que ſe conſervaõ na livraria do Eruditiſſimo Conde da Ericeira Dom Franciſco Xavier de Menezes, diz eſcrevera duas Cartas a ſeu irmaõ D. Jayme, que ſe imprimiraõ em Çaragoça, com notas do Doutor Diogo Joſeph Domer, e com eſte exemplo, parece, damos ſatisfaçaõ a alguem, que o tiveſſe por eſcuſado; diz a Carta.

Muy Amado e prezado Rey, e Senhor de muy graoõ balor e oõ a Reyna volvo com mas afaoõ peſquizar a que no permitades ber bertida a biſta boſa aquella ſangue de voſſa geraſoõ que ſſ jouve nas minhas entranhas, fagede a que ſoſego hajam as boſas armas o beredes mui azinho o mei finado, porque ſam ſerta que a nõ fageſdelo pello mei pè boi jazer ante bos e o Infante, como a loba no parimento ſe ſe lhe acerca al aos Reſen caxoros nados ante mei corpo ande dar os beſteiros caſe toque na cota boſa ó del porque ſe mi' dedo a bedes maleza havedes magoado o vraſo todo, pidobolo peła bendita Santa Maria, e pelo bento Santo Dinis taõ boſo bem fagedor a que quedo em rogo que me reſponſades meigo aſim ajades do Santo Deos bom guiamento a voſos meſtres e groria no ſanto Ceo. Dante em Odibellas enſete de Auguſto a hora de prima. Da boſa Amadeira.

ILISABET.

Eſta Carta nos eſtá dando a reconhecer, a grande virtude da Santa Rainha, e ainda que o eſtylo he taõ antigo, como ſe vê, nelle moſtra diſcriçaõ no affecto, com que amava a ſeu marido, e penſamento elevado nas frazes de que uſa, e das comparações de que ſe vale, moſtrando-ſe fina com ſeu eſpoſo, e reverente com o ſeu Rey, e o amor, que tinha ao Infante ſeu filho, e a virtude, e humildade nas mais expreſſoens; a que ElRey reſpondeo com a Carta ſeguinte.

Muy amada e preſſada Senhora a que maes, que a todalas femeas muito preſſo, muy graoõ nojo he havido conteer ſabudo la boſa tenſon de forſa: Manda Deos aos fijos, que catem aos Padres reberencia e ſujeſoõ, com amorio carta que o Infante noõ cumpre a ley de Deos aſá ſoõ de fijo con ſujeſoõ e amorio debido, e mal pagado a ſeu Padre i noõ ha fizo taõ matreiro qu con el acave a que volva a enmendar o acaeſido, muitos ſaõ os Padres que por quitarem os caſtigos aos fijos jazem nos infernos con ellos y bem ſabedes bos Senhora o deſenboltorio, ovedeſer noſſo primeiro Padre a molher deo logo a perdiſoõ do mundo, nõ fago eoo delho ermandade por tal guiza: donde quedoo eſta ao paſavante queſdo ja cavalgãdo pera o paſſo porque ſaibades que os boſſos rogares pera mim ſoõ mandamentos de graoõ forſaſoõ pidibos que ſejades Senhora que ſejades hoje comigo com graoõ preſteza ca me congoja mui boſa manzilha a bendita Santa Maria, e noſo Patroõ Saoõ Diniz ſejee ante nos. Dante em Campo graoõ a ſete andados de Agoſto a hora de Veſpora. Muy preſada e amada Senhora muy boſo acareador.

DINIZ REY.

Eſta Carta he hum irrefragavel teſtemunho do reſpeito, e amor, com que ElRey Dom Diniz eſtimava a Santa Rainha, e das expreſſoens, ſe reconhece a diſcriçaõ, de que foy dotado; porém como naõ havia de ſer o reſpeito grande, ſe ajuntava ao amor a veneraçaõ de Santa! Eſtando hum dia em ſua companhia, e em preſença de grande parte da Corte, andando nas margens do celebrado Tejo, defronte de Santarem, aonde a tradiçaõ conſerva ainda hoje marcado com veneraçaõ o ſepulchro da Inclita Virgem, e Martyr Santa Irene, ſe poz a Santa Rainha de joelhos, quando de repente, (caſo maravilhoſo!) dividindo o Rio as cryſtalinas aguas, fez franca a paſſagem, deſcobrindo em as ſuas precioſas areas huma larga rua, por onde a Santa Rainha pode paſſar a venerar o ſepulchro, que os Anjos fabricaraõ à Santa Virgem, como diremos em o ſeu dia 20 de Outubro. Depois deſte prodigioſo caſo, como o Ceo acreditava a virtude da Santa Rainha, permittio, que naquelle meſmo lugar reſtituiſſe a vida a hum menino, que inadvertidamente ſe tinha precipitado no Rio. Muitos outros foraõ os milagres, que obrou, e que a brevidade nos faz ommittir; mas referiremos ſómente o que ſuccedeo com o Papa Urbano VIII. Tinhaõſe mandado os proceſſos authenticados, de que conſtavaõ os muitos prodigios, com que Deos tinha acreditado a virtude da Santa Rainha; e que aberto o ſeu ſepulchro, ſe achara inteiro, e incorrupto o ſeu corpo, e lançando hum ſuaviſſimo cheiro, como veremos a 29 de Outubro, na ſua Trasladaçaõ. Porém o Papa eſtava determinado a naõ celebrar Canoniſaçaõ alguma, e com eſta reſoluçaõ, deſenganou ao Cardeal Farneſio, e ao Doutor Miguel Soares Pereira, Agente dos negocios de Portugal na Curia, dizendo-lhes: Que ſe naõ cançaſſem, porque naõ veriaõ a Rainha Canoniſada. Ainda que deſanimados lhe ſupplicaraõ, que mandaſſe Sua Santidade ver o proceſſo, e que foſſe ſervido aceitar hum retrato da Rainha. Admittio a ſupplica, e o retrato, e nelle o mais efficaz agente da cauſa, pois com incenſiveis vozes lhe inſpirou o coraçaõ, e com milagres o obrigou, livrando-o de huma perigoſa enfermidade. E como eſtes prodigios eraõ os memoriaes mais efficazes, e delles fizeſſe reflexaõ o Pontifice, tendo à viſta ſempre o retrato, como agradecido, confeſſava dever à ſua interceſſaõ ſingulares favores; e aſſim elle meſmo veyo a ſer o Agente para a expediçaõ da cauſa, a qual finda apraſou o dia 25 de Mayo de 1626, em que celebrou a Canoniſaçaõ com Real apparato. Naõ ſe tinha viſto em Roma taõ magnifico luzimento; e porque naõ pareçamos encarecidos com as noſſas couſas, diremos o que eſcreveraõ alguns Eſtrangeiros. O meu Padre Dom Joſeph Silos, natural da Cidade de Bitonto no Reyno de Napoles, na *Hiſtoria dos Clerigos Regulares* part. 3. liv. 1. fol. 2, cujas palavras trasladaremos, por naõ offender a elegancia, erudi-

erudiçaõ, e pureza do ſeu incomparavel eſtylo, com a rudeza do noſſo; pois he ſem duvida a ſua Hiſtoria, huma das mais bem eſcritas, que correm na lingua Latina; e fallando da Canoniſaçaõ da Santa Rainha, diz o ſeguinte: *Adornatus de more huic triumpho ſplendor, ac pompa fuit, non modo quæ Sanctos ſolenni apotheoſi initiandos, ſed quæ Reginam etiam deceret. Viſa profecto eo ambitioſius Sanctiſſimæ Heroinæ honoribus deſerviiſſe magnificentia, quo ipſa regias olim infulas, ampliſſimos aulæ cultus ſceptri beatitatem, amoreſque, ac ſtudia populorum religioſius contempſerat. Ita verò in excitanda ſuperbiſſima Theatri mole Luſitanæ opes deſudarunt, ut inter conſpicua omnigenæ artis ornamenta nihil ſplendidius fuerit, quam ipſum Eliſabethæ nomen, ac ſanctimonia, quæ tum in omnium ore, atque admiratione erat.* Quando chega a eſte ponto na ſua Vida, que eſcreveo na IV. Parte das *Chronicas geraes da Ordem de Saõ Franciſco*, o Illuſtriſſimo Dom Frey Damiaõ Cornejo, Biſpo de Orenſe, com aquella diſcriçaõ, que admiramos em todas as ſuas Obras, diz as palavras ſeguintes: *Porque la Nacion Portugueza ſoltò los diges de ſu devocion, y honradiſſima vanidad, porque la ſabe tener bien, quando la tiene; y una vanidad bien tenida es ayroſo dezempeño de la obligacion, y digna de alabança.* A mageſtoſa pompa daquelle dia, póde vêr o curioſo na ſua Vida, eſcrita na noſſa lingua, em elevado eſtylo pelo Illuſtriſſimo D. Fernando Correa de Lacerda, Biſpo do Porto. Os ornamentos ſagrados, que ſerviraõ neſta grande ſolemnidade, deu o Papa à Caſa de Santo Andrè de la Valle em Roma, aonde ainda hoje ſe conſerva eſta magnifica, e precioſa dadiva, com as Armas Reaes de Portugal. Parece foy generoſa gratificaçaõ da Santa Rainha, para com a noſſa Familia Theatina, inſpirando em o Papa eſta liberalidade, já que do Papa Paulo IV. hum dos Fundadores della, tinha recebido o ſer venerada no Altar, com culto univerſal, em todo o Reyno de Portugal, de que paſſou hum Breve, à inſtancia delRey Dom Joaõ o III. Com muitos milagres confirmou a Santa Rainha, a fé dos circunſtantes neſte ſolemne dia, ſendo o mais memoravel o de reſtituir hum baldado a inteira ſaude. A noticia da Canoniſaçaõ da Santa Rainha, recebeo ElRey Dom Filippe IV. com grande contentamento, eſcrevendo huma Carta a Portugal, ordena, que ſe feſteje com as mayores demonſtraçoens de alegria, que poderem ſer, e que ſe conſultaſſe nos Tribunaes do Reyno, ſe era conveniente, tomarſe a Santa Rainha por Padroeira do Reyno, o que com effeito conſultaraõ os Tribunaes, e que pediſſe ao Papa, fizeſſe a ſua feſta dia Santo de guarda. Foy feita a Carta, a 24 de Junho de 1626, eſtá no livro da Secretaria do Padroado, e Capella Real, que ſe intitula: *Livro de Capitulos de Cartas de Sua Mageſtade*, ordenado pelo Capellaõ môr Dom Joaõ da Sylva, a pag. 672. Em Coimbra aonde eſtá o ſeu corpo, ſe feſteja eſte dia com grande ſolemninade. No anno de 1716, a 10 de Julho, ſendo Reytor da Univerſidade Nuno da Sylva Telles, o II. do nome, e appellido, fez hum Clauſtro pleno, em que ſe reſolveo houveſſe preſtito na veſpora, e dia da Santa Rainha, com propinas dobradas.

A Vida deſta Santa Rainha, eſcreveraõ graves Authores, que já temos allegado acima. Os Martyrologios *Romano*; o *Franciſcano*; o *Luſitano*; e o *Hiſpano de Tamayo*, neſte dia; dos Breviarios, o *Romano*, e *Franciſcano*, e larga, e diffuſamente com a ſua coſtumada eruditaõ os Authores: *Acta Sanctorum, Tom. II. Julii, pag.* 169; as *Chronicas do noſſo Reyno*; Brandaõ na *Monarchia Luſitana*, Parte V. Faria na II. Parte da *Europa*; Vaſconcellos *Anacephaleoſes*, fol. 91; Duarte Nunes de Leaõ, na *Deſcripçaõ de Portugal*, cap. 78. fol. 116; Frey Luiz dos Anjos, no *Jardim de Portugal*, fol. 231; Manoel de Souſa Moreira, no *Theatro Genealogico da Caſa de Souſa*, fol. 267; Monſieur Lequiende Neufville, na *Hiſtoria Geral de Portugal*, em Francez, tom. 1. fol. 192; *Corograf. Port.* 2. part. fol. 24; o Illuſtriſſimo Cunha, *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa*, tom. 1. cap. 27. fol. 121; Eſcobar, na *Fenix de Portugal*, *Vida da Santa Rainha*; Braz de Pina Freire, *Vida da Santa Rainha*, volume em Latim: eſtes livros foraõ feitos por ſeu irmaõ o Padre Franciſco Freire da Companhia, que compoz hum Officio da Rainha Santa; Joaõ de Albuquerque, *Somnia Divina, & Humana V. de Santa Iſabel*; Vaſco Moſinho de Caſtel-branco, *Vida, e Morte de Santa Iſabel*, e varias rimas; Barbuda, nas *Emprezas Militares*; Brito, *Elogios*

dos Reys de Portugal; Albergaria, *Triunfo da Nobreza Luſitana* m. ſ. conſervaſſe na livraria da Congregaçaõ do Oratorio; *Mariana Hiſtoria Geral de Heſpanha*; Cramuel, *Philippus Prudens*, fol. 41; Saõ Baleſdens, em as *Vidas das Illuſtriſſimas Matronas da Igreja*, em Francez; Morery no *Graõ Dictionario Hiſtorico*, em Francez, letra E; Eſperança na *Hiſtoria Seraſica da Provincia de Portugal*, part. 2. fol. 272; Soledade, na IV. Parte da meſma Hiſtoria, num. 254; o *Agiologio*, no dia 26 de Mayo da ſua invençaõ; Dom Joaõ Aſſtonio de Vera e Zuniga, na Vida que traduzio de Toſcano em Heſpanhol; Fr. Natal Alexandre, na *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, tom. 7. ſeculo 13. fol. 310. art. 2; Frey Joaõ de Torres, *Vida, e Milagres da Santa Rainha*, de quem diz o Padre Cruz, nas memorias para a *Bibliotheca Luſitana*, que ſeu Author foy Dom Affonſo, Secretario do Infante Cardeal; Frey Leaõ de Santo Thomás, na *Bened. Luſit.* tom. 1. fol. 481; Baillet, nas *Vidas dos Santos*, em Francez, a 8 de Julho; Joaõ Peres Maya, *Varia Hiſtoria de Santas Illuſtres*, fol. 122; Frey Luiz de Saõ Franciſco, na *Origem da Ordem Terceira*; Abarca, *Annaes de Aragaõ*, 1. part. fol. 322; Tulligati, *Vida de Santa Iſabel*; Jacob Guilherme Imhof. *Stemma Regium Luſitanicum*, fol. 8; Boſch. no *Triunfo dos Santos*; *Chronologia Monaſtica*; *Diatario Virginal*, todos tres neſte dia; Nicolao Cauſino, da Companhia, *Corte Divina*, *Ephemer Hiſt. Julho*; o Doutor Ranucio Pico, *la Principeza Santa*, overo *la Vita de Santa Eliſabetta Regina di Portugallo*, impreſſo em Veneza 1627, e ultimamente a *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza*, liv. 2. pag. 211. do tom. 1.

B Marrocos, Cidade principal do Reyno, a que dá o nome, teve antigamente Cadeira Epiſcopal, depois occupada pelo Agareno poder, teve ſoberbiſſimo Palacio, e grande opulencia, que diminuio o tempo, pelas grandes guerras, que ſofreo. Neſta Cidade padeceraõ Martyrio os noſſos inclitos Martyres, os quaes ainda que ao principio exteriormente negaraõ a Fé, depois valeroſamente ſe lavaraõ deſta macula com o ſangue do Martyrio, a que ſe offereceraõ voluntariamente. Foraõ elles o primeiro Franciſco da Eſperança, de idade de doze annos, filho de pay Elche Caſtelhano, natural de Malega, e de mãy Moura, e naſcido em Marrocos; o ſegundo Simaõ de Freitas, natural de Setubal, filho de Luiz de Freitas, Barbeiro do Duque de Aveiro, e de Joanna Cayada, que acompanhando a ſeu pay na batalha de Alcacere, foy cativo por hum Alcaide de Tetuaõ, ſendo de doze annos; o terceiro Antonio da Sylva, tambem da meſma Villa, era filho de Antonio Eſteves, e de Maria Cardoſa; ſeguia a vida do mar, aonde foy cativo de idade de treze annos, e dado de preſente a ElRey o mandou entregar ao Alcaide Mamude, que governava hum Semminario daquelles, que haviaõ de abraçar a ley de Mafoma, e dizendo-lhe, que havia de ſer Mouro; com valor, naõ eſperado dos ſeus annos, lhe diſſe: Que era Chriſtaõ, o que confeſſaria até dar a vida, em obſequio de Jeſu Chriſto; pelo que foy acoutado, e padeceo crueis martyrios, como foraõ canas toſtadas metidas pelas unhas; e outros diverſos generos de tormentos, com que naõ venceraõ a ſua conſtancia, até que por induſtria, e violencia foy veſtido nos trajes de Mouro, de que elle proteſtava naõ querer uſar; porque aſſim no coraçaõ, como na boca era Chriſtaõ; até que na occaſiaõ referida ſe declarou companheiro de Simaõ de Freitas; o quarto era Joaõ, natural de Pariz, criado em Lisboa, que ſendo de idade de doze annos, foy cativo na Batalha de Alcacere, aonde o levou ſeu pay; quinto Domingos de Gouvea, natural da Villa de ſeu appellido, foy de treze annos cativo na meſma occaſiaõ; ſexto Amaro Gonçalves, natural da Villa de Collares, e filho de Sylveſtre Gonçalves, e Franciſca Jorge, padeceo martyrio, ſendo de idade de deſaſete annos, e foy tambem cativo em Alcacere, e na ſua Patria ſe conſerva memoria dos ſeus primeiros annos; porque era muy curioſo de ler vidas de Santos, principalmente Martyres, e por natureza bem inclinado; o ſetimo Fernaõ Gines, natural de Monçaõ, conforme o Arcebiſpo Dom Rodrigo da Cunha, que o affirma pelas particulares informações que alcançou, ſem embargo de alguem o fazer natural de Bayona, e tambem foy cativo na infelice Batalha de Alcacere, e dos eſcolhidos pelo Xarife, e ſeu mimoſo, o que lhe naõ ſervio de embaraço, para que

naõ

naõ foſſe fiel immitador de ſeus virtuoſos companheiros, que no anno de 1585 foraõ coroados de Martyrio, no tempo em que reſidia por Embaixador a Muley Maluco Rey de Marrocos, Dom Franciſco da Coſta, Commendador de Saõ Vicente da Beira, Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, onde ElRey Dom Henrique o chamou, para o mandar a Africa a tratar o reſgate dos Fidalgos, que foraõ cativos naquella ſempre chorada Batalha; e ſabendo eſte pio Fidalgo, que foraõ lançados os veneraveis corpos em hum poço, os fez tirar, e os recolheo em ſua caſa, com veneraçaõ, e decencia, eſperando occaſiaõ de os poder enviar para Portugal, o que naõ teve effeito em ſua vida; e morrendo o Embaixador Dom Franciſco (depois de aſſiſtir dez annos naquella Cidade em refens, por ſe naõ acabar de ſatisfazer a quantia de quatro centos mil cruzados, em que ſe contrataraõ pelo reſgate dos oitenta Fidalgos, de que levando quaſi trezentos, ficou a ſua peſſoa em penhor do reſto, o que naſceo de haver alguns taõ eſquecidos de ſi, depois de reſgatados, que vendo-ſe em ſua caſa, ſe naõ lembraraõ de deſempenhar a peſſoa de Dom Franciſco) e havendo de trazerſe o ſeu corpo ao Reyno, por ordem de Filippe II. ſe trouxeraõ em ſeu lugar os dos Martyres, e chegando a Lisboa, foraõ levados a caſa de Dona Joanna Henriques, viuva do Embaixador Dom Franciſco da Coſta, que os recebeo com grande piedade, e devoçaõ. Daqui foraõ levados por ordem delRey ao Convento de Saõ Franciſco da Cidade, aonde eſtiveraõ na Sachriſtia muitos annos, até que ſe trasladaraõ para o lugar, em que hoje ſe vem, como diremos a 21 deſte mez. ElRey Filippe mandou pelo Doutor Lourenço Mouraõ, ſeu Dezembargador do Paço, tirar hum inſtrumento authentico, que ſe ajuntou ao que o Embaxador Dom Franciſco da Coſta, e Frey Antonio da Conceiçaõ, tinhaõ mandado ao Cardeal Alberto, e ſe mandaraõ a Roma, em ordem à ſua Canoniſaçaõ. Fazem mençaõ deſtes Martyres Leaõ, na *Deſcr. de Port.* cap. 62; Eſperança, *Chronica de Saõ Franciſco*, part. 1. fol. 202; o Illuſtriſſimo Cunha, *Hiſtoria de Braga*, part. 2. cap. 91. fol. 399; Vaſconcellos, *Anacephaleoſes*, *na Deſcrip. de Port.* num. 8. fol. 559; Albergaria, m. ſ. fol. 71; Mendoça, na *Jornada de Africa*; Faria, *Europa Port.* part. 3. cap. 21. fol. 181; huma Relaçaõ, que fez o Padre Frey Antonio da Conceiçaõ, companheiro de Frey Jeronymo de Jeſu, da Ordem da Santiſſima Trindade, que os tinha doutrinado: anda na III. Parte da *Chronica da Ordem* m. ſ. fol. 81, que ſe conſerva no ſeu Convento de Lisboa, e nos mandou o Padre Frey Simaõ de Brito, Chroniſta da meſma Ordem, a quem devemos as noticias da ſua Provincia.

C A Cidade de Tavira, no Reyno do Algarve, foy Patria do ditoſo Antonio Mendes Diacono, de coſtumes louvaveis, e applicado a ſantos exercicios, em que virtuoſamente ſe occupava, ſendo Meſtre de todos aquelles Santos Mancebos, e foy coroado de Martyrio primeiro, que elles, para que até na morte os perſuadiſſe com o exemplo. Com eſta morte ſe aplacou a raivoſa furia daquelle barbaro Rey, quando neſte dia intentou acabar com os Chriſtãos, que havia naquella Cidade, e ſem duvida ſe executara ſe Abraham Suffiane, Mouro de grande authoridade, por eſtudos, lugares, e privança, lhe naõ perſuadira, que baſtava foſſe caſtigado o mais culpado; e porque Antonio Mendes, era conhecido por meſtre de todos, por iſſo o fizeraõ reo de taõ venturoſa morte, delle faz mençaõ Duarte Nunes, *Deſcripçaõ de Portugal*, cap 62. fol. 101.

D Os Religioſos Padres da Companhia de Jeſu, incanſaveis na Prégaçaõ do Evangelho, entraraõ no Reyno da Cochinchina no anno de 1615, e foraõ os primeiros operarios deſta glorioſa Miſſaõ os Padres Franciſco Buzoni Italiano, e Diogo de Carvalho noſſo Portuguez, como diremos no Supplemento aos primeiros Tomos deſta Obra, a 2 de Fevereiro. He o Reyno de Cochinchina dilatado em dominios, fertil de frutos, abundante de gados; nelle ſe fabricaõ ſedas em taõ grande numero, que veſtem dellas os homens do campo; o que faz mais celebre a eſte Reyno, ſaõ as altiſſimas ſerras, e montes povoados de boſques, e arvoredos, em que ſe produz o páo de Aguila, e o de Calambá, ou Calambuco: eſte precioſo páo ſe acha ſómente nas terras da Cochinchina, e ſe colhe com grande trabalho, e ninguem ſe animara a elle, ſenaõ obrigado

do

do poder do ſeu Rey, que faz a deſpeza deſte trabalho, de que o lucro he ſómente ſeu; na Cochinchina ſe vende por quarenta, até cincoenta patacas o arratel, e já no Japam dobra o valor, mas ſe deſte páo ſe colhe pedaço capaz de huma almofadinha, he o preço a ambiçaõ de quem o vende, por naõ haver valor, que exceda a eſtimaçaõ. Uſaõ delles para perfumes os Japoens, com bem ridiculas ceremonias com os ſeus hoſpedes. Na Europa tem muita eſtimaçaõ, e valor. O curioſo, que quizer ler os coſtumes, e governo deſte Reyno, veja o livro intitulado: *Noticias Summarias da Miſſaõ da Cochinchina*, que ſe imprimio em Lisboa, anno 1700, e o Padre Alexandre de Rodes, Francez Jeſuita. Divideſe eſte Reyno em ſeis Provincias, em que huma he a de Quanhinh, de que he a principal Cidade Dintraham, onde entregaraõ as vidas em obſequio da Fé Agoſtinho, e Aleixo, neſte dia, no anno de 1646, de que faz menção o livro allegado da *Miſſaõ da Cochinchina*, cap. 9. fol. 103.

E A Miſſaõ da Ethiopia, em que tanto tem trabalhado os Religioſos da Companhia, como diremos no dia 29 de Junho, no Supplemento deſta Obra, quando fizermos menção do Virtuoſo Patriarca Affonſo Mendes, companheiro dos trabalhos do Padre Diogo de Mattos, o qual naſceo nas viſinhanças da Cidade de Coimbra, em huma quinta chamada Saõ Joaõ da Ribeira, Freguesia de Barcouço, Religioſo de taõ grande eſpirito, como vimos no Texto, e de tanta opiniaõ para com a Companhia, que nas vias, que ſe abriraõ immediatas à ſua morte, no anno de 1642, era nomeado em Provincial da Provincia de Goa, e da má vontade com que acceitava os governos, diz o Padre Telles, ſe póde crer piamente, que a ſua humildade atalhou aquella honra; *Ethiopia Alta*, fol. 681; Franco, *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 3. cap. 11. fol. 469.

F Era D. Athanaſio de Naçaõ Caſtelhano, e Profeſſo no Convento de Santa Cruz: naõ achamos de que Cidade daquelle Reyno foſſe natural, por ſerem muy ſuccintas as noticias, que alcançamos; morreo no anno de 1585, como refere Dom Marcos da Cruz, no livro dos *Priores môres de Saõ Vicente*, fol. 276. m. f. e ſe guarda no Cartorio deſte Real Moſteiro, aonde o vimos.

G Pouco diſtante da Cidade de Evora, fica o Moſteiro de Saõ Bento da Ordem de Ciſter, no qual Profeſſou Sor Maria Bautiſta: naõ ſabemos donde foſſe natural, e ſómente que era de geraçaõ limpa, e ſeus pays naõ ricos, mas com o que baſtava, para paſſarem honradamente. Teve cinco irmãos, e tres irmãas, de que ella foy a mais velha, e aſſim ajudava a ſua mãy na criaçaõ dos irmãos; governava a caſa, em que lhe naõ faltavaõ exercicios de paciencia; de ſorte, que diz ella em huma Relaçaõ ſua, que fez por preceito do ſeu Confeſſor, que temos em noſſo poder, que naõ tinhaõ lugar os vicios. Foy bem parecida, e gavada de fermoſa, com o cabello louro, e bom, e nunca deu lugar a que o viſſem, trazendo-o cuberto com a toalha, naõ deixavaõ eſtas partes de lhe cauſar alguma vaidade, mas com tal modeſtia, que a naõ dava a entender. Naõ faltaraõ pertendentes, que a deſejaraõ para mulher, a que ſeu pay a perſuadia, e ella recuzou ſempre o eſtado de caſada; porque confeſſava nunca lhe tivera inclinaçaõ, achando na mãy favor, para a ajudar a vencer as inſtancias com que a contraſtavaõ. Sempre foy bem inclinada, e deſde os primeiros annos teve aborrecimento ao peccado, naõ entrando nunca no ſeu peito, nem odio, nem amor deſordenado. Havia em ſua caſa hum parente Clerigo, que a eſtimava; de alguns affectos entendeo ſer deſordenado o amor que lhe moſtrava, mas fazendo-ſe deſentendida, era tal a ſua modeſtia, que cobrando-lhe reſpeito, naõ ſe atreveo a declararſe, e ella trocando em oraçaõ aquelle cuidado, naõ ceſſava de render a Deos as graças a ſua Serva. Teve hum tio na Religiaõ de Saõ Bernardo, que aſſiſtia no Moſteiro de Saõ Bento de Evora, e paſſando à ſua terra lhe encommendou huma Religioſa de qualidade huma criada; teve Maria Bautiſta noticia da commiſſaõ do tio, e entrou na pertençaõ, que a accommodaſſe naquelle Moſteiro, já que naõ podia conſeguir ſer Freira: a eſte fim com valias, e rogos ſupplicava a ſeus pays a licença, que elles difficultavaõ, naõ ſó pela conveniencia, que tinhaõ no ſerviço da caſa, mas tambem com receyos de que naõ perſeveraſſe; ao que ella com admiravel reſoluçaõ

reſoluçaõ, lhe affirmou, que ainda que lhe foſſe muy mal, naõ ſahiria da Caſa de Deos. Finalmente depois de grandes contrariedades o conſeguio, com tanta felicidade, que mereceo receber ſingulares merces de Deos, que parece lhe quiz conceder todos aquelles favores, e mimos, que concedeo aos ſeus mais eſcolhidos, como ſe vê da Relaçaõ, eſcrita por mandado do ſeu Confeſſor: nella ſe admira o profundo da Myſtica, recebida por intelectual communicaçaõ do Altiſſimo, como luz ſuperior, dada ſómente às almas puras, e Santas, pela qual ella mereceo ſer tida no Mundo, pela obſervancia da Religiaõ, e penitencias, que unidas à muita contemplaçaõ, a ſubiraõ ao eminente lugar, que temos dito. Faleceo neſte dia, do anno de 1674, como conſta do aſſento daquelle Moſteiro; e o referido tiramos da Relaçaõ, que eſcreveo por ordem do ſeu Confeſſor: e he bem para admirar, que naõ ſabendo ler, nem eſcrever, o eſpirito, e devoçaõ lhe agenciaraõ eſtas partes.

H A fundaçaõ do Moſteiro do Salvador fica eſcrita na I. Parte do *Agiologio Luſitano*, na Vida do Cardeal Dom Joaõ Eſteves, onde no Commentario do dia 23 de Janeiro ſe faz mençaõ da Madre Margarida Annes; Souſa, *Hiſtoria de Saõ Domingos*, part. 2. cap. 13. fol. 26; o *Anno Dominicano*, em Francez abreviado, neſte dia.

JULHO V.

A AM a Provincia de Tras os Montes, no Lugar de Lamas de Orelhaõ, Santa Comba aquella caſtiſſima Donzella, que eſtando em hum campo com ſeu irmaõ, foy pertendida deshoneſtamente por hum Rey Mouro; e vendo que com rogos, e brandas palavras, naõ podia vencer a conſtancia honeſta da fermoſa Donzella, intentou por violencia reduzir aquelle forte peito, abrazado no amor Divino, que ſem duvida poderia perigar, a naõ ſer ſoccorrida por virtude Divina, ficando inviſivel diante dos olhos do namorado Rey, que cego da torpe laſcivia, em que eſtava abrazado, corrido, e raivoſo, executou a ſua vingança em ſeu irmaõ Saõ Leonardo, e depois na Santa Virgem, que por conſervaçaõ da caſtidade, lhe foy cortada a cabeça, apagando com o ſeu innocente ſangue as impuras chammas do barbaro Tyranno. *Santa Comba V. M. e S. Leonardo M.*

B Na Inclita Cidade de Lisboa, no Real Convento de Saõ Franciſco, eſpera a Reſurreiçaõ univerſal Manoel de Magalhães, aquelle virtuoſo Advogado, que podendo em taõ nobre occupaçaõ conſeguir com applauſo das gentes as riquezas appetecidas do Mundo, largou o exercicio das letras, para em ocio ſanto vagar a Deos, e reformando o eſpirito, com deſprezo da vaidade, veſtio o Habito de Terceiro de Saõ Franciſco, *Manoel de Magalhães Terceiro de Saõ Franciſco.*

ciſco, com tanta ſatisfaçaõ, que mereceo pela ſua humildade chegar ao auge da perfeiçaõ, em que cada dia ſe adiantava pelo rigor das penitencias, com que de continuo ſe affligia; e aſſim ſoube alcançar glorioſas victorias do univerſal inimigo do genero humano, que com horrendas figuras o pertendia intimidar, para que afrouxaſſe de taõ ſantos exercicios; mas premanecendo com admiravel conſtancia nos ſantos exercicios, era taõ vehemente o deſejo de ver a Deos, que ſem horror da morte, ſuſpirava por eſta hora a todos medonha: verdade he, que o criado, que traz limpo o livro do ſeu cargo, pouco recea de ſer chamado a contas; e vendo que era chegada a morte, a ſaudou com palavras alegres, dando-lhe as boas vindas, como porta, por onde havia de entrar a lograr da Eternidade.

Fr. Franciſco de Thomar Capucho da Piedade.

C Em o Convento da Cidade de Lagos, da Provincia da Piedade, acabou em o Senhor Frey Franciſco de Thomar, Leigo de profiſſaõ; mas Religioſo de tal obſervancia, e contemplaçaõ, que a ſua admiravel virtude cauſou huma grande enveja ao demonio, que publica, e declaradamente o perſeguia; e naõ podendo vencer nada com as fantaſias da idéa, paſſou a ſer elle o que viſivelmente lhe appareceſſe, fingindo maquinas, e ciladas, com que podeſſe triunfar do Servo de Deos, que conſtante, humilde, e com coraçaõ ſincéro, ſoube vencello repetidas vezes. Ainda era Noviço, quando huma noite, depois de ter deſpertado a Matinas, baixou à Igreja a buſcar luz; ouvio bater na porta taõ rijamente, que à repetiçaõ dos golpes ſe vio preciſado a ſaber o que queriaõ, quando ouvio huma voz, que lhe perguntava, ſe accaſo era elle o Noviço de Thomar, que havia pouco tempo recebera o Habito? E como lhe diſſeſſe, que ſim, continuou com a arenga ſeguinte: *Sabe pois, que eu ſou hum homem da tua terra, que compadecido de tua mãy, me puz a caminho, para te dizer da ſua parte, que lhe valhas no deſamparo, em que ſe vê; porque morreo teu pay, e com a ſua falta ſe vê em huma miſeravel pobreza, ſem meyos humanos, de que ſe poſſa ſoccorrer. Tambem morreo tua tia Fulana, com quem a fortuna repartio dos ſeus bens, e eſta fazenda ta deixou, ſenaõ permaneceſſes na Religiaõ; agora na tua maõ tens a felicidade de tua mãy, para a poderes remediar, ao que naõ deves faltar por obrigaçaõ da natureza,*

tureza, ſe porventura queres no Mundo ſer numerado com o nome de bom filho, pois de charidade deves acodir ao ſeu deſamparo, ſacrificando o proprio ſocego pela utilidade de obra taõ pia, conſidera no que deves fazer; lembrate de quem te deu o ſer, e naõ ſejas taõ ingrato, que te naõ compadeças da extrema neceſſidade de tua propria mãy, e a deixes perecer nas mãos da miſeria, de que ſe poderá ſeguir hum exemplar caſtigo, que ſirva de horror àquelles, que ſe eſquecem dos beneficios, que receberaõ na criaçaõ de ſeus pays. Eſtas, e outras razoens, repetidas com laſtima, e piedade, poderaõ fazer grande abalo em animo, que naõ eſtiveſſe taõ reſignado na vontade de Deos, como o de Frey Franciſco, que inſpirado ſuperiormente por aquelle Senhor, que ſempre ſoccorre com os ſeus auxilios nas mayores adverſidades, conheceo ſer o demonio; e cheyo de Fé, diſſe: *Da parte do Omnipotente Deos, a quem todo o viſivel, e inviſivel obedece, te mando, vil, e traidor inimigo, que te naõ movas deſſe lugar, e nelle prezo eſpera, até que o Padre Guardiaõ deſte Convento determine o contrario,* e voltou para o Coro; e logo aquelle meſmo, que com voz humana tinha ſido piedoſo menſageiro, ſe tornou em irracional, e em fórma de hum caõ rafeiro, prezo com cadeas as arrojava com eſtrondo, e com latidos, e huyvos fazia temer a toda a Caſa. Cauſava o ruido perturbaçaõ aos Padres, que eſtavaõ rezando Matinas: chama o Guardiaõ a Frey Franciſco, e lhe diz: Irmaõ, hide lançar fóra da porta da Igreja aquelle rafeiro, que nos cauſa embaraço com a ſua impertinente continuaçaõ; a que o Servo de Deos, com ſanta ſimplicidade reſpondeo: Naõ he, Irmaõ, o que grita, rafeiro, ſenaõ o demonio, que pertendeo enganarme; mas agora em caſtigo ſeu eſtá alli prezo, e obediente ao voſſo preceito. Naõ percebeo o Guardiaõ, o que dizia o bom Noviço, e aſſim lhe tornou a dizer: Seja o que for naõ eſteja naquelle lugar, ponde-o fóra delle. Obedeceo Fr. Franciſco, e chegando à porta, da parte de dentro diſſe: Vaite muito embora infame, enganador, que o Padre Guardiaõ te dá licença, e incontinente obedeceo, apartando-ſe como caõ raivoſo, que ſe vê perſeguido, e faz huma grande bulha. Em outra occaſiaõ, que ſervia na coſinha, acabadas Matinas, ſe foy para a ſua officina, a preparar o que havia de dar a comer aos Religioſos, eis que, ſem ſaber como, vio diante de

ſi huma mulher moça, que fingia ter entrado alli eſcondidamente, e ainda que parecia ſe recatava, chegou para o Servo de Deos, e com palavras brandas, e meigas, o provocava a actos torpes, e laſcivos. Conheceo ſer o demonio, e o tratou com o deſprezo, e aborrecimento, que merecia taõ vil companhia, de que ſe vio taõ corrido o tentador, que de raiva lhe lançou os braços para o lançar no fogo. Durou a luta algum tempo, até que faltando as forças, mas naõ o eſpirito a Frey Franciſco, o arrojou na terra junto ao fogo, e aqui eſteve até que pela manhãa foy achado pelo Porteiro, que chamando os Frades, o viraõ todos, como morto, privado dos ſentidos; e tomando-o nos braços o levaraõ à ſua cella, e depois de tornar em ſi, foy obrigado pela obediencia a manifeſtar o que lhe havia ſuccedido. Com outros muitos caſos provou Deos a ſua conſtancia, e confirmou a ſua virtude, de que foy a receber o premio merecido de taõ glorioſos certames na Eterna Bemaventurança.

Sor Catharina de Souſa Dominica.

D Na Villa de Aveiro, no Moſteiro de JESUS, da Familia Dominicana, a Invençaõ do corpo da Madre Sor Catharina de Souſa, de quem ſó havia confuza memoria na tradiçaõ da ſua exemplar Vida; quando depois de paſſados muitos annos, quiz o Ceo declararlhe nova veneraçaõ nas companheiras, com o ſucceſſo ſeguinte. Mandou-ſe abrir huma cova, junto da em que jazia Sor Catharina: deraõ os officiaes com hum caixaõ inteiro, e ainda ſaõ; delle, ſem ſer aberto, ſahia agradavel cheiro de roſas, e violas, taõ activo, que dava a entender nelle naõ haver outra couſa. Mandou-ſe abrir, e foy achado o ſeu corpo inteiro, com os Habitos, e toucados ſem leſaõ, ſem que o tempo nelles fizeſſe mudança; acreditando Deos com eſte prodigio a gloria de que gozava eſta ſua Serva.

Fr. Jacome da Aſcenſaõ Ciſter.

E No Moſteiro de Saõ Joaõ de Tarouca, da Ciſtercienſe Familia, o deſcanço eterno de Frey Jacome da Aſcenſaõ, o qual veyo buſcar o porto ſeguro da Religiaõ, no ultimo quartel da vida, depois de ter ſeguido com varia fortuna o Mundo: foy cativo de Mouros em Berberia, onde padeceo grandes trabalhos; e aſſim julgava por ſuaves todos os da Religiaõ. Era homem bem inclinado, e dado à contemplaçaõ, na qual gaſtava no dia muitas horas, tomando aſperas diſciplinas, e dormindo veſtido. Depois de deſpertar os Religioſos a Matinas,

tinas, viſitava os enfermos, que ſervio ſempre com grande charidade. Ornado de precioſas obras, partio para a Eternidade, deixando na Ordem conſtante fama de Virtuoſo.

Sor Iſabel de Santa Thereſa Carm.

F Em o Moſteiro da Conceiçaõ, da Cidade de Lagos, foy a Deos muy aceita, e agradavel a vida, e morte de Sor Iſabel de Santa Thereſa, em cuja puriſſima alma depoſitou Deos hum theſouro de virtudes, que alcançou na Oraçaõ mental, em que perſeverava muito tempo, recreando-a o Senhor com particulares merces, de que ſe ſeguiaõ extraordinarios effeitos, percebendoſe-lhe huns gemidos interiores, que davaõ hum manifeſto conhecimento do que dentro nella paſſava; o que recatava com todo o cuidado, pois ſempre o teve, de que naõ foſſe publica a ſua virtude. Tanto que profeſſou, ſeguio a Regra de Santa Thereſa, obſervando em todo o rigor os Eſtatutos das Deſcalças. De eſmolas, que adquirio edificou huma Ermida, que dedicou a Santa Maria Magdalena Penitente: nella com licença das Preladas vivia, e aſſiſtia de noite, e todo o tempo, que lhe ficava livre das obrigações da obſervancia do Moſteiro. Tomou por exemplar a Santa Penitente: aſſim affligia o ſeu corpo com taes exceſſos, que a naõ ſer aſſiſtida ſuperiormente, parecia impoſſivel reſiſtir à crueldade das invenções, com que ſe martyriſava, mortificando-ſe em tudo, a ſaber: O ſomno pouco, e ſem cama; porque de ordinario era aſſentada, ou encoſtada no Altar, paſſando as mais das noites em continuas vigias. Os cilicios eraõ continuos, trazendo doze repartidos por todo o corpo, naõ ficando a cabeça, e os pés ſem que participaſſem da mortificaçaõ, com que ſe maltratava. Açoutava-ſe duas vezes no dia com varas de marmeleiro, em que gaſtava os ſete Pſalmos Penitenciaes, cantados com mais fervor do eſpirito, do que harmonia. Outras vezes eraõ as diſciplinas ortigas, e dellas uſava, paſſando-as pelo corpo, e cara, como quem fazia fomentaçaõ, ou remedio muy ſuave. Antes de entrar na oraçaõ ſe preparava com huma extraordinaria penitencia, (e poucas vezes ouvida dos mais mortificados) Tomava duas mechas de enxofre, que ardiaõ ſobre a carne, até que o fogo conſumia a materia. Em huma occaſiaõ pedindo licença ao Confeſſor, para o uſo deſta rigoroſa penitencia, percebeo com equivocaçaõ o que lhe dizia, entendendo, que lhe mandara

foſſem duas duzias: cega à obediencia, naõ reparou no damno, e ſe começou a queimar taõ cruelmente, que deixou no corpo chagas taõ profundas, que a impoſſibilitaraõ a poder andar: foy preciſo chamar o Cirurgiaõ para a curar, a tempo que já era entrada corrupçaõ, e ſarou milagroſamente. Foraõ as ſuas penitencias com tal exceſſo, que naõ era poſſivel, que hum corpo humano delicado ſofreſſe tanto rigor, e tanta abſtinencia, ſenaõ fora auxiliada da Divina Graça. Corria a Via Sacra com tanta devoçaõ, que tomava huma diſciplina, em que gaſtava largo tempo, com alguns Pſalmos em cada huma das Eſtações. Na ſemana tinha certos dias determinados, em que atando-ſe a huma arvore junto da ſua Ermida, deixava os braços livres, para ſe valer da ſua crueldade; porque inimiga do ſeu corpo, alli o martyriſava com diverſos inſtrumentos, que em golpes lhe abriaõ repetidas feridas no corpo, taõ penetrantes, que naõ dava paſſo, que naõ deixaſſe regado o pavimento de ſangue. Sentia a ſua humildade, que ſe percebeſſem os effeitos da tyrannia, com que tratava o ſeu corpo, aſſim o occultava o mais que lhe era poſſivel; e quando a induſtria naõ conſeguia o ſegredo, porque as bocas das feridas o eſtragavaõ, recorria à Imagem do Menino Jesus, com quem era fama fallava, pedindo-lhe devota, e amante, que naõ foſſe publico, o que pelo ſeu amor obrava; e ſem outro beneficio, cerravaõ milagroſamente as chagas. Aos ſeus rogos obrou o Senhor muitas maravilhas em algumas Religioſas, que acreditaraõ a ſolida virtude de ſua Serva. Os exceſſos do ſeu inflammado eſpirito, lhe foraõ debelitando, e enfraquecendo as forças, de que ſe ſeguiraõ naõ menores effeitos nos achaques, que nas penitencias, das quaes nunca afrouxou para vencer valeroſamente as batarias do infernal inimigo, que com todo o genero de tentações a combateo: porém guiada mais da Divina Graça, do que dos Directores Eſpirituaes, de que teve grande falta, venceo com a ſua conſtancia, à força de penitencias, toda a diabolica aſtucia, pois naõ ceſſaraõ os combates, ſenaõ tres dias antes da ſua morte; porque entaõ gozando de huma ſuaviſſima tranquilidade, e confortada com os Sacramentos, foy receber digna recompenſa de ſeu Divino Eſpoſo.

G Em Saõ Bento de Lisboa, deixou da ſua vida ſaudo-

ſa

ſa memoria o Irmaõ Fr. Pedro de Figueiredo, de taõ admiravel charidade, que póde ſervir para exemplo dos que pertendem ſeguir o caminho da perfeiçaõ. Era em ſecular taõ bem inclinado, que os Religioſos daquella Caſa, agradados delle, lhe concederaõ hum modo de Habito, que daõ aos Donatos, que naõ fazem profiſſaõ; porém elle procedeo de ſorte, que os Religioſos intercederaõ com o ſeu Geral, para que o admitiſſe à Religiaõ, que lho concedeo, e lhe foy lançado o Habito de Irmaõ Leigo. Neſte eſtado deu evidentes moſtras da ſua ardente charidade, que edificava geralmente a toda a Communidade. Foy occupado na Portaria do carro, onde naõ chegou pobre, que ſahiſſe deſconſolado, ſuccedendo-lhe muitas vezes privarſe do quotidiano ſuſtento, para ter com que remediar a neceſſidade dos pobres, de quem tanto ſe compadecia, que em muitas occaſioens ſuccedeo darlhe ſeus propios veſtidos para os cobrir; e quando naõ tinha com que os remediar, mendigava elle pelos Religioſos algumas couſas do ſeu uſo, para acodir aos pobres. Com os enfermos foy admiravel a ſua compaixaõ, deſvellando-ſe pelos ſervir com tal cuidado, e amor, que já mais receou o perigo de ſe lhe communicar a doença: de huma contagioſa, a que aſſiſtio, cahio enfermo, de que faleceo com grande ſentimento dos Religioſos.

O Irmaõ Fr. Pedro de Figueiredo Bened.

Commentario ao V. de Julho.

A O Padre Antonio de Vaſconcellos, na *Deſcripçaõ de Portugal*, fol. 451, fazendo mençaõ deſta Santa, a confunde com Santa Comba de Coimbra, de que fazemos mençaõ a 20 de Julho, como já advertio o Padre Frey Luiz dos Anjos, no *Jardim de Port.* fol. 131, moſtrando ſer diverſa com a authoridade de Gaſpar Alvares de Louzada, Eſcrivaõ da Torre do Tombo, e hum dos mayores antiquarios, que teve eſte Reyno, que diz, que Lamas de Orelhaõ, he em Tras os Montes, Comarca Eccleſiaſtica de Villa-Real, no Arcebiſpado de Braga, ao pé da Serra de Orelhaõ, onde elle ainda vio huma Ermida dentro das muralhas, e ruinas da Cidade de Romanos, que alli houve. Deſta Santa eſcreveo Antonio Ferreira, hum Poema, que anda nas ſuas Obras; e bem ſe vê a diferença da outra Santa deſte nome, que morreo crucificada, martyrio, que uſaraõ os Gentios, e naõ os Mouros, como veremos no ſeu dia; della faz tambem mençaõ Dom Thomás Tamayo, nas notas ao *Martyrologio Hiſpano*, a 20 de Julho, fol. 883.

B A Cidade de Lisboa foy Patria de Manoel de Magalhães, que falleceo no anno de 1622. Seis annos depois de ſepultado, abrindo-ſe a cova, foy achado o ſeu corpo inteiro, e incorrupto, manifeſtando Deos por eſta ſorte a ſua admiravel vida. Frey Manoel da Eſperança, *Hiſtoria Seraſica*, part. 1. liv. 2. cap. 27. *Origem da Ordem Terceira* de Frey Luiz de Saõ Franciſco, fol. 432.

C No anno de 1564, tendo quatorze de Religiaõ, acabou Frey Antonio de Thomar, a quem a Villa deſte nome deu o appellido, por ſer patria ſua; coſtume obſer-

obſervado da Provincia da Piedade, de quem faz menção Fr. Manoel de Monforte, na *Chronica da Piedade*, liv. 3. cap. 48. fol. 444.

D Naõ temos mais noticias de Sor Catharina, das que temos referido, e morrer pelos annos de 1500, conforme diz Lima, no *Agiolog. Domin.* neſte dia, della ſe lembra Souſa, na II. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 5. cap. 21, e Soveges, no *Anno Domin.* neſte dia.

E Corria o anno de 1122, em que Albucazan Rey de Badajoz, entrou pelas terras da Beira, com taõ poderoſo exercito, que aſſolou as povoações dos Chriſtãos, ſendo todos os que lhes reſiſtiaõ victimas dos ſeus alfanjes; e já toda a Provincia tinha por infalivel gemer debaixo da dominaçaõ dos Barbaros. Porém deſta conſternaçaõ a livrou a valeroſa conducta do magnanimo Dom Affonſo Henriques, a tempo que ainda naõ tinha empunhado o Sceptro da Monarchia Portugueza. Mandou marchar a ſua gente, que tinha no Minho, determinando abater o orgulho dos Mouros. Paſſava por Lamego, e como Principe pio, recorreo às orações de Deos. Diſtavaõ duas legoas daquella Cidade os Religioſos de Saõ Bernardo, occupados entaõ no edificio material do ſeu Moſteiro: determinou vellos, como quem a Deos ſe queria fazer lembrado pelas ſuas oraçoens. Achou os Religioſos em taõ extrema pobreza, que ſummamente ſe edificou do ſeu modo de vida: pertendeo levar em ſua companhia o Abbade; mas eſte lhe nomeou a Fr. Aldeberto, Prior do Convento, homem de virtude, e de grande valia para Deos; e ſeguindo com elle o que tinha determinado, derrotou o exercito dos Mouros; e em premio de victoria, edificou no meſmo anno o Convento de Saõ Joaõ de Tarouca, em que por ſuas propias mãos lançou a primeira pedra, e lhe fez outras merces em huma honrada Doaçaõ, em que cumprio com a ſua piedade. Eſte foy o illuſtre principio deſte Religioſiſſimo Convento, que mais largamente refere Brito, na *Chronica de Ciſter*, liv. 2. cap. 4. fol. 63; na fachada da Igreja ſe poz em huma pedra eſta curta lembrança.

Fundata Fuit iſta Eera
M.C.LXII.KA.IVlii.

Neſte Convento, faleceo no anno de 1645 Frey Jacome da Aſcenſaõ, natural de Eſpozende, Villa na Comarca de Barcellos, hum quarto de legua da Foz do Rio Cavado, ſegundo a *Corografia Portugueza*, fol. 304. part. 1, emendando o *Agiologio Luſitano*, no Commentario do dia 1. de Fevereiro, letra H, que affirma diſtar tres leguas de Barcellos. O Padre Lima, na ſua *Geografia Hiſt.* tom. 2. de Port. pag. 28, diz, que diſtará da Foz do Rio ſeis centos paſſos. Deſte Servo de Deos faz mençaõ o livro dos *Obitos* de Alcobaça, num. 238.

F Na Provincia da Beira, diſta cinco leguas da Cidade de Vizeu, a Villa de Oliveira do Conde, a quem ElRey D. Diniz deu foral, e no anno de 1517, reformou ElRey Dom Manoel, de que he Donatario Dom Pedro de Lencaſtre, V. Conde de Villa-nova, como Senhor da Caſa de Sortelha. Neſta Villa naſceo Sor Iſabel de Santa Thereſa, que deixando a caſa de ſeus pays, por lhe quererem dar eſpoſo na terra, cuidando ſó ella no do Ceo, movida do que ouvira a huns Miſſionarios, tratou com elles a tiraſſem da caſa de ſeus pays, para donde pudeſſe livremente ſervir a Deos, e caminhando ao Reyno do Algarve, entrou no Moſteiro das Carmelitas de Lagos, por Religioſa Converſa, e profeſſando a Regra das Deſcalças, paſſou em penitente, e auſtéra vida. Em os ſeus principios foy a ſua cama hum enxergaõ, com huma manta: depois nem eſte deſcanço deu ao ſeu corpo, que maltratou com a crueldade, que temos referido: aſſim conſumida das penitencias abreviou a vida, naõ chegando aos quarenta annos, e faleceo no de 1678, deixando de ſuas virtudes ſanta memoria. O referido tiramos de humas memorias, que deſte Moſteiro nos mandou o Padre Preſentado Frey Filippe de Leaõ, no tempo que foy Confeſſor deſta Caſa.

G Naõ tinha ainda acabado o anno do Noviciado, quando o Senhor chamou ao Irmaõ Frey Pedro de Figueiredo no anno de 1641, para lhe dar o premio da ſua charidade. Era natural de hum pequeno Lugar junto à Cidade de Vizeu: delle tivemos noticia no livro dos *Obitos* do Moſteiro de Saõ Bento de Lisboa, fol. 33. verſ.

JULHO VI.

Sor Violante de Jesus Capucha.

AO Mosteiro da Madre de Deos da Cidade de Lisboa, está muy viva a memoria de Sor Violante de Jesus, a qual desde o seu nascimento, deu evidentes sinaes das prodigiosas virtudes, que depois nella se admiraraõ. Nascendo ao Mundo, sem que sua mãy sentisse as molestias precursoras do parto, foy taõ suave a sua criaçaõ, que naõ se conheceraõ nella as pensoens commuas daquella idade; pois se anticipou de tal modo o uso da razaõ, que muito tempo antes foy conhecido. Teve para com os pobres taõ cordeal affecto, que nunca vio pedir algum esmola, que lhe naõ largasse com alegre rosto, o que tinha nas mãos. Quando os naõ podia remediar, hia com brevidade solicitarlhes a esmola. Os annos lhe deraõ a conhecer o inestimavel preço desta virtude, para que nella se exercitasse a sua piedade; pois nunca da sua presença se apartou desconsolado o pobre. Era tanto do seu gosto esta virtude, que com as suas proprias mãos, naõ só lhes cortava os vestidos, mas lhos fazia, para os cobrir. Em todas as mais acçõens mostrava claramente, que só o trato com o Ceo lhe agradava, largando muitas vezes os exercicios puerís, convenientes à sua idade, por se empregar em devoçõens com mais fervor, e piedade, do que se podia esperar dos seus poucos annos. Adiantaraõ-se estes, e com elles a discriçaõ; e considerando, que ainda nos decentes divertimentos de moça, em que gastava algum tempo, lendo livros profanos, em que se exercitava o engenho, padeceria a sua consciencia grande embaraço, os trocou por livros espirituaes, em que tinha a certeza do aproveitamento, e o premio do sacrificio do seu gosto, em que mortificava a propria vontade: abstendo-se daquella liçaõ, succedeo-lhe o mesmo, que à grande Mestra de Espirito Santa Theresa. E lendo depois nas Obras da Santa Madre, que fora sua companheira naquelles descuidos, teve disso huma gostosa consolaçaõ, servindo-se da doutrina desta Santa, para Directora dos seus acertos. Vivia neste tempo fóra da Corte; e conhecendo no rustico trato dos lavradores, e das suas familias, a ignorancia da Doutrina Chris-

tãa,

tãa, empregava muitas horas do dia em inſtruir aquelles ignorantes nos principaes Myſterios da noſſa Santa Fé. Abrazada em hum ſanto zelo continuava eſta occupaçaõ, chamando todos os dias, naõ ſó as peſſoas de caſa, mas as do campo, para que no ſeu Oratorio rezaſſem o terço do Roſario, ſendo ella a Meſtra de taõ louvaveis exercicios. Voltou para a Corte: continuou os meſmos actos de devoçaõ, ſendo taõ mortificada, que ſem ter idade jejuava os dias da obrigaçaõ da Igreja, a que ajuntava outros muitos a ſua devoçaõ. Já o ſeu fervoroſo eſpirito naõ cabia em taõ pequena eſféra; e aſſim aſpirava a mayor perfeiçaõ, deſejando verſe recolhida em algum Moſteiro, para ſeguir a vida Monaſtica. Confuſo o penſamento na eleiçaõ, lhe repreſentou Deos o Moſteiro da Madre de Deos. Difficultava eſte deſejo o ſer ſeu irmaõ herdeiro unico da caſa de ſeus pays; porém determinada na empreza, ſe animou a vencer as difficuldades, que ſe lhe haviaõ de oppôr; e negociando ſecretamente com a Madre Abbadeſſa daquelle Moſteiro, e vencidas as oppoſições, que ſe offereciaõ aos ſeus virtuoſos propoſitos, aſſentou comſigo entrar na Religiaõ. Naõ podia dar conta a ſua mãy, do que determinava; porque ſe fruſtrariaõ irremediavelmente os ſeus intentos, valeo-ſe da oportuna occaſiaõ, que o Ceo lhe offereceo em a Profiſſaõ, que naquelle Moſteiro ſe havia de fazer dia de Santa Anna, de huma Religioſa, de quem era parenta, e muito amiga, que era a Madre Sor Maria Antonia do Sacramento, filha dos Condes de Villar-mayor; e como a Rainha havia de aſſiſtir a eſte acto, ficava franca a entrada do Moſteiro às Senhoras. Neſte dia, acompanhada de ſua mãy, e avó, foy para aquelle Moſteiro, de que ſua mãy receoſa de a ver converſar com algumas Religioſas, temendo a perſuadiſſem a ſer Freira, a naõ quiz apartar de ſi; e já entre deſconfiança, e affliçaõ a reſguardava de todas as mais. Acabado eſte acto, pedio licença a ſua mãy, para ver com algumas parentas o Moſteiro, mas naõ lha concedeo, ſenaõ em ſua companhia, e fruſtrado deſta ſorte o deſignio, que era occultarſe em alguma parte do Convento, para depois dar conta a ſua mãy, ſe determinou a dar conta da reſoluçaõ, que tinha tomado de ficar naquella Clauſura. Oppoz-ſe o carinho da mãy a vencer por violencia aquelle coraçaõ reſoluto, e pegando-lhe por hum braço a poz

fóra

fóra do Coro, para aſſim a pôr na rua. Vendo a devota Eſpoſa do Senhor arruinados os ſeus penſamentos, e que lhe impediaõ o ſacrificio, que de ſi determinava naquelle dia fazer a Deos; como eſte nunca falta, ajudou a Dona Violante a reſiſtir ao impeto das caricias, com que o maternal amor a pertendia vencer; e cada vez mais conſtante o ſeu coraçaõ, deſenganava a ſua mãy, convencendo-a com efficazes razoens. Soou por toda a Caſa a reſoluçaõ de Dona Violante; e chegando àquelle lugar o Biſpo Capellaõ môr, informado do que paſſara, quiz examinar o eſpirito de Dona Violante, e conhecendo o valor ſanto, com que a madureza do ſeu juizo ſabia vencer tantos combates, entendeo ſer a vocaçaõ de Deos, e aſſim o perſuadio a ſua mãy, que admittia mal a efficacia das perſuações; o que vendo D. Violante, fez voto a Deos de naõ ſahir daquella Caſa, ſe as Religioſas a naõ lançaſſem fóra, de que tomou por teſtemunha ao Biſpo Capellaõ môr. Chegou a noticia deſte ſucceſſo à Rainha, a quem a Abbadeſſa pedio licença, para lhe lançar o Habito, o que ſua mãy encontrava, pedindo-lhe com ancia, que a mandaſſe ſahir fóra do Moſteiro. A Rainha reſpondeo: que em conſciencia naõ podia obrar reſoluçaõ taõ violenta, e que quando ſua filha a Infante Dona Catharina tiveſſe eſpirito de viver em Clauſura, ella lho naõ impediria; e a Dona Violante louvou a ſua conſtancia, quando lhe foy beijar a maõ. Ficou finalmente no Convento, donde paſſando dous dias, ſe lhe lançou o Habito. Vendo-ſe aquelle eſpirito de todo ſacrificado a Deos, e já livre dos embaraços do Mundo, e naõ tendo mais, que offerecer em ſacrificio a ſeu Eſpoſo, lho fez das lagrimas, e ſentimentos, que ultimamente ouvira a ſua mãy. De tal ſorte ſe accommodou com a auſteridade daquella religioſa vida, que naõ lhe cuſtou vencer a natureza com a humildade. Em huma occaſiaõ domou as repugnancias do delicado da natureza com a mortificaçaõ mais rigoroſa. Eſtava lavando huma pouca de roupa bem ſuja, e aſqueroſa; perturbouſe-lhe notavelmente o eſtomago; e por naõ parecer fraqueza do eſpirito, o que era debilidade da natureza, com hum fervoroſo ſentimento tomou huma pouca da agua, em que lavava, e a bebeo, fazendo por eſte modo mayor a mortificaçaõ. No Coro era muy aſſiſtente, naõ lhe ſendo neceſſario deſpertalla, pa-

ra ir às Matinas, de que naſcia mortificarem-na algumas vezes as Meſtras, privando-a de aſſiſtir nelle mais tempo. A poucos dias de Noviça começou a ſentir faltas de ſaude, ſobrevindo-lhe febre, e dores de corpo, tendo mayor tormento neſtas moleſtias, por ſerem cauſa de moderar o fervor, com que acodia ao Serviço da Communidade. Era tal o exceſſo da ſua mortificaçaõ, que muitas couſas do Moſteiro naõ chegou a ver; porque ſó eraõ os ſeus cuidados a preſença de Deos, que lhe refreava todo o appetite. Na oraçaõ foy taõ continua, que neſte goſtoſo exercicio gaſtava o mais tempo, que podia. Eſtando hum dia no Coro em oraçaõ, e vendo a Meſtra, que havia já muitas horas, que alli eſtava, a mandou levantar, para lhe dar algum alivio, como cuidou, levando-a a huma Ermida de Saõ Franciſco; mas Sor Violante, que fóra da oraçaõ naõ tinha alivio rompeo em lagrimas, e ſe abſteve da recreaçaõ, tendo-ſe por taõ pouco mortificada, que ſe alegrava com divertimentos. Na obediencia floreceo em gráo heroico de tal ſorte, que ſendo o ſeu goſto obedecer, venceo o ſeu genio, eſcrevendo por obediencia os favores, que recebia de Deos; ſendo finalmente em Sor Violante as virtudes taõ iguaes, que ſe naõ podia diſtinguir, em qual ſe aventajava mais. Eſtando já nos ultimos dias da ſua vida, naõ lhe deixava a doença, e o faſtio comer couſa alguma; mas mandando-lhe a obediencia, abaixava a cabeça, e comia, forçando a natureza, por naõ faltar ao preceito. Padeceo huma larga enfermidade: nunca ſe lhe ouvio queixa, ou palavra menos ſofrida; antes com huma natural eſtimaçaõ da ſua Cruz, ſe entregava na vontade de Deos, julgando por caſtigo das ſuas culpas, tudo o que padecia; avaliando por miſericordia de Deos naõ padecer mais, e por muy pouco tudo o que a martyriſava. A paciencia a golpes das mortificações, lhe lavrou a coroa, que eſtá gozando na Eternidade.

O P. Manoel da Conſolaçaõ da Cõgregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta

B Em o Convento de Santo Eloy da Cidade de Lisboa, o glorioſo tranſito do Servo de Deos o Padre Manoel da Conſolaçaõ, Religioſo de grande obſervancia, e de continua oraçaõ, e meditaçaõ, taõ frequentador do Coro, que ainda opprimido de crueis achaques, naõ faltava nelle. Era muito humilde, e de condiçaõ taõ branda, que nunca as palavras, nem acções, deraõ occaſiaõ à mais leve queixa. Era taõ recolhido,

lhido, que rara vez ſahia do Convento, empregando-ſe ſempre, ou em proveito do proximo no Confeſſionario, ou em profunda meditaçaõ na cella, ou em ſervir aos doentes. Na penitencia foy taõ auſtéro, que trouxe perpetuo cilicio, com que o acharaõ cingido depois de morto; as diſciplinas, com que ſe caſtigava, eraõ rigoroſas, e continuas; a cama, em que dormia, humas taboas nuas. A ſua abſtinencia ſe convertia no proveito dos pobres, com quem repartia a reçaõ da Communidade, ao que juntava a ſua diligencia tudo o que podia. Aſſim ſoccorria aos pobres, igualmente aos enfermos, e ſe alguma vez ſe unia pobreza à enfermidade, ſentia o deſamparo, e ſe empenhava mais no remedio. Foraõ muitos os filhos, e filhas eſpirituaes, que com a ſua direcçaõ acertaraõ o perfeito caminho do Ceo, ſervindo neſte Mundo de exemplariſſima edificaçaõ aos circunſtantes, que os viaõ elevados em profundos raptos. Succedeo, que vendo hum Coriſta a alguns neſta amoroſa ſuſpenſaõ, lhe pareceo, que dormiaõ, e aſſim o diſſe ao virtuoſo Padre, ao que lhe reſpondeo com ſanta alegria, e innocentes lagrimas: *Ah filho, ſe o Senhor fora ſervido de nos participar a todos a ſuavidade daquelle ſomno!* Foy Meſtre dos Noviços, os quaes criava com o exemplo de taõ ſingulares virtudes. Depois de purificada por alguns annos a ſua paciencia com penoſiſſimos achaques, entregou o eſpirito nas mãos de ſeu Creador, em cuja companhia he de crer eſtá gozando o premio da ſua virtuoſa vida.

C No Moſteiro da Villa da Caſtanheira, da Serafica Familia, cerrou neſte dia com louvavel morte as clauſulas de huma innocente vida a Madre Sor Magdalena da Reſurreiçaõ, que deſde a idade de tres annos foy recolhida aos Clauſtros deſte Convento, aonde pelo largo eſpaço de oitenta e cinco annos cumprio com perfeiçaõ todas as obrigações da vida Monaſtica, ſem que lhe ſerviſſem de embaraço, nem as fadigas de Prelada, que exercitou por quatro triennios com univerſal applauſo, e goſto das ſuas ſubditas, que outras tantas vezes a intentaraõ eleger, nem os dilatados achaques, que padeceo, nem outras mortificações muy ſenſivas poderaõ nunca entibiar o elevado do ſeu eſpirito. Foy grande obſervadora do ſilencio, e aſſim era conhecida pelo nome da Senhora muda. Nunca uſou de camiza de linho, mais que de huma groſſeira tunica ſobre hum

A Madre Magdalena da Reſurreiçaõ Franciſc.

meyo corpo de cilicio, a que ajuntava outros extraordinarios, com que repetia os tormentos por diverſas partes do corpo, naõ faltando nunca a caſtigallo com rigoroſas diſciplinas, e grandes abſtinencias, com que acabava de debilitar o delicado da natureza. Naõ recebia ſuſtento, em que pudeſſe achar goſto; porque nas Quareſmas naõ comia peixe. Em as quartas, ſeſtas feiras, e Sabbados de todo o anno, eraõ os jejuns de paõ, e agua; obſervava o Advento da primeira regra. Todos os dias do anno corria os Paſſos da Paixaõ, e na Quareſma com os pés deſcalços. Nos principios da ſua vocaçaõ, quando dava algum repouſo ao corpo, era por breve tempo, veſtida ſobre a cama; depois ſobindo de mortificaçaõ, naõ tinha cama, ſenaõ ſentada no chaõ dormia hum breve eſpaço; e neſte regido modo perſeverou até o fim da vida: e de ordinario, parecendo-lhe ainda grande o regalo, ſe levantava, e velava toda a noite no Coro, empregada em Divinas contemplações. A Paixaõ de Chriſto venerou muy ternamente, tendo eſta meditaçaõ por largo tempo com os braços abertos, cauſando-lhe aquella ſacroſanta memoria huma grande affliçaõ. Na manhãa da Reſurreiçaõ imitava a Magdalena com copioſas lagrimas, quando no Sepulchro naõ achou o Redemptor do Mundo. Todas as ſeſtas feiras, em veneraçaõ da Cruz, rezava proſtrada por terra muitos Pſalmos. Ao Santiſſimo Sacramento da Euchariſtia, tinha tal reſpeito, que naõ ſe atrevia a recebello; porém com o tempo foy o meſmo Senhor ſervido, que em os ultimos annos da ſua vida frequentaſſe aquella ſagrada Meſa, em que recebeo eſpeciaes favores; de ſorte, que chegaraõ a ſer taes as affluencias da graça, que o Divino amor lhe communicou, que chegou a dizer a huma Religioſa, que naõ havia nella lugar, que naõ eſtiveſſe cheyo daquelle Celeſtial amor; do qual mereceo Celeſtiaes viſoens, ainda que à cuſta de muitas lagrimas, vendo a inhumana crueldade, com que o Redemptor foy tyranniſado da barbaridade Judaica. No meſmo acto lhe revelou o Senhor huma grande tribulaçaõ, que havia de padecer, que aceitou com goſto pelo ſeu amor. Na occaſiaõ, que em Africa foy vencido o exercito Portuguez, com ElRey Dom Sebaſtiaõ, ſoube logo da ſua derrota, cujas circunſtacias referio a algumas Religioſas; como tambem a morte de ſeus ſobrinhos, que acabaraõ naquella infelice perda de

Por-

Portugal. Outras muitas couſas lhe revelou Deos, que ella com profunda humildade encobria; mas naõ o pode fazer, quando repentinamente melhorou de huma total ſurdez, que a deſconſolava muito, por naõ ouvir no Coro os louvores Divinos, o que mereceo alcançar por interceſſaõ de Saõ Benedicto. Entre tantas virtudes, reſplandeceo nella a da paciencia com taõ ſingulares demonſtrações, que foy huma perfeita idéa deſta virtude. Nos trabalhos pareceo inſenſivel: nunca ſe lhe ouvio palavra, nem ainda na occaſiaõ da morte de ſeus irmãos. Na ultima doença, que lhe durou dous annos, foy hum exemplar da conformidade: mortificada das dores diſſimulava as queixas, andando de pé, por naõ dar a entender o que padecia, até que obrigada da obediencia ſe ſogeitou ao parecer dos Medicos. Aggravaraõſe-lhe os achaques de naõ uſar de roupa de linho, nem de nunca ſe deſpir, de que exaſperado o figado com o calor da lãa, lhe abrazou todo o corpo, abrindo-o em numeroſas chagas, de que padecia grandes dores, mas com tal reſignaçaõ, que nunca ſe lhe ouvio palavra, que ſignificaſſe queixa. Toda a ſua ancia era de que chegaſſe a ditoſa hora de ir gozar de Deos; e aſſim com diſſimulaçaõ encobria a dor da ſua ſaudade. Recebido o Santiſſimo Viatico, e a Santa Unçaõ, com tantas demonſtrações de goſto, como quem já via chegado o principio da ſuá felicidade, e repetindo os Pſalmos de David, e abraçando as ſuas amadas Religioſas, as exortou à perfeiçaõ da vida, e entre as armonias Angelicas, que foraõ ouvidas de todas as Religioſas, ſubio a merecer o premio das ſuas virtudes, que o Ceo acreditou com reſplandecentes luzes ſobre o Moſteiro, na meſma hora em que eſpirou, para que todos louvaſſem ao Senhor neſta ſua fiel Serva.

Commentario ao VI. de Julho.

A FOy Sor Violante de Jeſus Maria, filha de Henrique Henriques de Miranda, filho mais velho de Luiz de Miranda Henriques Pinto, Senhor dos Concelhos de Ferreiros, e Tendaes, Fidalgo de conhecida nobreza, e de ſua mulher Dona Violante Henriques, filha de Dom Franciſco da Coſta. Foy ſua mãy Dona Maria de Eſpinoſa e Montecer, filha de Dom Gaſpar Montecer, e de Dona Anna de Tapia e Vargas, Fidalgos Caſtelhanos da Provincia de Andaluzia. Naſceo Dona Violante Henriques (que eſte era o ſeu nome antes de entrar na Religiaõ) na Villa de Almada, aos 19 de Dezembro de 1636, em huma feſta feira. Neſte dia deu principio à vida natural, e tambem à de Religioſa, tomando o Habito de Saõ Franciſco, em outro tal dia. Em outra feſta feira deu fim à vida mortal, em que foy lograr da Eterna,

no

no anno de 1657, contando de idade vinte annos, ſeis mezes, e deſanove dias. Sobre a antiguidade da Villa de Almada, achamos alguma variedade, pois alguns lhe daõ principio no anno de 1174, em huns Cavalleiros Inglezes, que ajudaraõ a ElRey Dom Affonſo Henriques na Conquiſta de Lisboa, o que ſegue Rodrigo Mendes Sylva, na *Poblacion de Heſpanha*, cap. 27. fol. 160. verſ. dizendo ſe chamava Vimadel, que quer dizer povoaçaõ de muitos, e depois tomara o nome de Almada. O Author da *Corografia Portugueza*, o Padre Antonio Carvalho da Coſta, que eſcreveo ſem averiguaçaõ alguma; porque era de muy facil perſuaçaõ, como ſe vê da ſua Obra, que encheo de Genealogias, em que naõ merece nenhum credito, por naõ ter noticia deſte eſtudo, e ſó eſcreveo o que lhe ditaraõ, e algumas vezes os meſmos intereſſados, que quereriaõ fazer publica a ſua vaidade naquella Obra, a que ſe corria como a tenda, levando-lhe os ſeus papeis, de que pagavaõ o traslado com pouca deſpeza; porque tambem naõ era difficultoſo de accommodar, porque de tudo ſe contentava; o que com magoa referimos, por haver de ſervir para os tempos futuros de huma grande confuſaõ neſta materia aquella Obra: quando falla de Almada Tom. 3. trat. 7. cap. 4. fol. 309, ſegue a referida opiniaõ, a que accreſcenta, que depois ſe chamara eſta *Villa de Almada*, por ſer conquiſtada por hum Cavalleiro do appellido de Almada. Naõ ſey donde achou eſta noticia; nem os deſte appellido neceſſitaõ, para ſe illuſtrarem, deſta Conquiſta, por ſer a ſua Familia coſtumada a produzir Varões dignos de eterna fama, como ſe lê nas noſſas Hiſtorias, que naõ appontamos por naõ ſer do noſſo aſſumpto eſta materia. E tornando à antiguidade da Villa de Almada, entendemos ſer Conquiſta delRey Dom Affonſo I. com a authoridade do Doutor Fr. Antonio Brandaõ, na III. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 10. cap. 18. fol. 179, que tambem ſeguio Manoel de Faria e Souſa, no II. Tomo da *Europa Portugueza*, part. 1. cap. 4. fol. 52, o que ſe prova claramente da *Hiſtoria dos Godos*, que pela ſua antiguidade merece todo o credito, e lho tem dado a approvaçaõ dos noſſos mayores Hiſtoriadores; ſaõ as ſuas palavras as ſeguintes: *Era M.C.LXXXV. capitur Santarem VIII. idus Maii, eodem anno capitur Ulyſſipo Octobri menſe feria ſexta meridiano tempore, poſt quinque menſes obſidionis per idem tempus, Cepit Sintræ, Almada, e Palmela.* Quer dizer: *que na Era de 1185, ſe tomou Santarem aos 8 de Mayo, e que no meſmo anno ſe ganhou Lisboa no mez de Outubro, em ſeſta feira ao meyo dia, depois de cinco mezes de cerco, e neſte tempo ſe Conquiſtou Sintra, Almada, e Palmela*; com que bem ſe deixa ver, que naõ foy fundada neſte tempo a Villa de Almada; porque já com eſte nome foy conquiſtada, e ſómente ſeria povoada, e ſe nos ajudarmos de conjecturas, o nome nos perſuade a que he fundaçaõ dos Arabes; porque as palavras, que temos na noſſa lingua, que começaõ por *al*, aſſim como Almoxarife, Alcantara, Alicerce, e outras muitas, ſaõ Arabigas. Fica ſituada eſta Villa em huma fermoſa eminencia, que deſce por huma alta rocha ao mar, ſobre a qual tem o ſeu antigo Caſtello, de donde ſe dilata a viſta a hum bem largo, e admiravel Orizonte, vendo-ſe o grande, e ſingular Porto da Cidade de Lisboa, que lhe fica ao Norte, em diſtancia de huma legua, que he a largura do Tejo, neſta parte miſturado já com as aguas do mar Occeano. Logra de voto em Cortes. He a ſua Igreja Matriz de Santiago da Ordem Militar deſte Santo: nella foy bautiſada D. Violante, que he o aſſumpto de que tratamos. E porque ſegundo o noſſo eſtyllo nos he perciſo omittir muita couſa, nos naõ alargamos mais nas virtudes de Sor Violante, e ſó tocaremos algumas couſas tocantes à ſua diſciplinaçaõ. Teve por Meſtra à Madre Sor Maria Magdalena de Jeſus, filha de D. Henrique de Menezes, Senhor do Louriçal, peſſoa de vida taõ ſanta, como diremos no Supplemento aos primeiros ſeis mezes do *Agiologio*, no dia 18 de Março; e como eſta Serva de Deos foy de taõ abaliſada virtude, exercitou o eſpirito de Sor Violante nas occaſioens mais proprias, já na humildade, já na reſignaçaõ, e ſubindo de ponto, mandou Sor Violante eſcreveſſe as jaculatorias, e actos de amor, que o eſpirito lhe ditaſſe para ver onde chegava o ſeu penſamento. Difficultoſo, e arduo empenho foy eſte para a humildade de Sor Violante, mas rendeo a vontade a obediencia. Bem ſey, que agora quizera ver o

Lei-

Leitor os papeis, que eſta Serva de Deos eſcreveo, mas por largos os naõ lancamos aqui, e ſatisfaremos à curioſidade com o diſcreto deſtas oitavas, em que ſe vê o abrazado do eſpirito, e o elevado do ſeu engenho.

OITAVAS.

QUe tyrania es eſta, Eſpoſo amado,
Que deſpues, que me viſtes ya rendida,
Y el pecho de tus llamas abrazado,
Y en tu favor, mi bien, deſvanecida,
Te auzentaſte Señor, y me has dexado
Triſte, lloroſa, amante, y afligida?
Como podrè vivir de aqueſta ſuerte,
Si tardare el alivio de la muerte?

EN quanto con exceſſo nò ſentiere,
En quanto amargamente nò llorare,
En quanto el coraçon nò ſe partiere,
Y el alma en mil ſuſpiros ſe anegare:
Engañaráſe mucho quien creyere,
Que ſi ſentirſe aqueſto me faltare,
Que ſi lo que perdi conſiderara
Ya la vida, ó el juizo me faltara.

Em huma occaſiaõ, rendida do mal, ficou na cama, e a poucos dias de doente commungou a Communidade, e como a naõ podeſſe acompanhar ſaudoſa, e deſconſolada, e abrazado aquelle amante eſpirito, rompeo em lagrimas, e ſuſpiros; e em quanto a Meſtra, e Enfermeira aſſiſtiraõ no Coro, eſcreveo ella o ſeguinte

SONETO.

AGraviada mi Dios, y afligida,
A vós miſmo, de vós vengo a quexarme,
Que mi amor ha podido ſujetarme
A que pida el remedio al homicida.

Vós lo fuiſtes, Señor, quando una herida
De mi pecho fiaſtes, por dexarme
A vueſtro amor ſujeta, que en amarme
Cuidadoſo os moſtraſtes, y yo rendida;

Y deſpues, que como empeñada en mil deſvelos
Me viſtes, me negais vueſtro favor,
Correſpondiendo con deſden, y zelos.

Mas ay de my! ſi es juſto eſte rigor
No lo quiero penſar; valedme Cielos!
Que con razon me acaba eſte dolor.

Eſte

Eſte Soneto manifeſta o grande engenho de Sor Violante, pois reduzio aos preceitos da arte o inflamado do ſeu eſpirito. Outros muitos Verſos ſeus chegaraõ a noſſas mãos, que naõ lançamos aqui, por nos termos já alargado muito; e concluimos com dizer, que todas as alfayas deſta Serva de Deos, ſe repartiaõ como reliquias pelas peſſoas de mayor caracter da noſſa Corte, e algumas ſabemos ſe conſervaõ com veneraçaõ. A ſua Vida eſcreveo ſeu tio Franciſco de Miranda Henriques, Deputado do Santo Officio, e Deſembargador do Paço, peſſoa douta, e exemplar, que rejeitou o Biſpado de Miranda, a qual temos m.ſ.

B A Villa da Ponte da Barca, na Provincia do Minho, foy Patria do Padre Manoel da Conſolaçaõ, ſuppoſto nos conſte, que era de nobre geraçaõ, ignoramos quem foſſem ſeus pays; deſcuido, que de Ordinario lamentamos em os noſſos Portuguezes pelo pouco, que eſtimaõ as ſuas couſas. Foy muy grande o concurſo aos Officios, que a ſua Religiaõ lhe fez de ſepultura, pela grande opiniaõ, que tinha; e aſſim o veneraraõ como a Santo, cortando-lhe o Habito para reliquias, e tocando contas, e outros procurando as pobres alfayas do ſeu uſo, para as eſtimarem como reliquias. O Padre Meſtre Franciſco de Santa Maria, Geral digniſſimo da ſua Congregaçaõ, de que tinha ſido Chroniſta, na Hiſtoria que intitulou: o *Ceo aberto na Terra*, fol. 1041, faz delle menção, allegando ao Padre Jorge de Saõ Paulo.

C Com grandes finaes de predeſtinaçaõ morreo Sor Magdalena da Reſurreiçaõ, tendo de idade 88 annos, no de 1630: era filha de D. Antonio de Ataide, I. Conde da Caſtanheira, do Conſelho de ElRey Dom Joaõ o III. e ſeu valido, Varaõ digno de eterna fama, e de ſua mulher Dona Anna de Tavora, filha de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro; e ſendo de taõ Illuſtre ſangue, ſoube ſer mais eſclarecida pelas ſuas virtudes, reſplandecendo nella a humildade em graõ taõ heroico, que ſe proſtrava com o roſto em terra diante de ſuas ſobrinhas, e lhe pedia perdaõ ſe alguma vez ſe offendiaõ do ſeu zelo, como lhe ſuccedeo com huma, que tinha criado, e deſejava ver no auge da mayor perfeiçaõ. Effeito da ſua devoçaõ, foy o inſtituir naquelle Moſteiro a ſolemnidade, com que hoje ſe feſteja todo o Oitavario do Corpo de Deos. O ſeu eſpirito introduzio os Santos Paſſos, e os medio deſde o Horto, até à Sepultura, pondo Cruzes, e compondo as devotas Orações, que nelles ainda hoje ſe recitaõ. Obra ſua foy tambem a Prociſſaõ, que ſe faz no meyo da Quareſma, na qual vay a Communidade até à Capella do Horto: nella collocou a Imagem de Jeſu Chriſto orando, e junto a ella em tres Nichos, as dos tres Santos Apoſtolos. No Coro debaixo lavrou a Capella dedicada ao Senhor morto, cujo retrato ſe leva na Prociſſaõ do Enterro, que ella meſmo inſtituio; e nella lhe deraõ depois as Religioſas ſepultura. Na Cerca edificou a Capella do Santo Chriſto; parece que o ſer filha dos Padroeiros daquelle Moſteiro, lhe dava mayores deſejos de o aperfeiçoar no eſpiritual, aſſim como ſeus pays o fizeraõ no material. Finalmente, nella tiveraõ principio grande parte dos virtuoſos empregos deſte Moſteiro. Della faz honorifica menção o Padre Frey Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 2. cap. 16, onde refere, que a ſua Vida eſcrevera, obrigada da obediencia, a Madre Sor Anna de de Jeſus.

JULHO VII.

AM Moçambique deu fim à ſua vida, com univerſal ſentimento dos companheiros, Dom Sebaſtiaõ de Moraes, Biſpo do Japaõ, ten do primeiro com o ſeu exemplo, e virtude edificado naõ ſó a Companhia de JESU, de que era filho, mas Italia, que admirou com a ſua doutrina, e letras, quando paſſou ao Ducado de Parma no ſerviço da Sereniſſima Princeza Dona Maria, em quem ſe qualificaraõ os documentos do Meſtre; mas depois que eſta Princeza paſſou à melhor vida, no anno de 1577, voltou o Padre Sebaſtiaõ de Moraes a Portugal, de que logo ſe aproveitou a Religiaõ, occupando-o nos lugares de Prepoſito, e Provincial, que adminiſtrou com rara prudencia, e igual ſatisfaçaõ dos ſubditos. Bem livre de outros cuidados, do que os ſeus eſtudos, ſe achava o Padre Sebaſtiaõ de Moraes, quando a Mageſtade de Filippe II. de Caſtella, que entaõ dominava Portugal, por ſatisfazer às repetidas inſtancias da Chriſtandade do Japaõ, o nomeou Biſpo deſta Igreja; e ſendo confirmado pelo Papa Sixto V. no anno de 1587, e ſagrado em Lisboa em Março do anno ſeguinte, ſe embarcou para a India com ſete companheiros, para dilatarem as ſeáras do Evangelho naquelle grande Imperio; mas a Divina Providencia, pelos inexcrutaveis ſegrédos com que obra, naõ permittio, que lá chegaſſe o Biſpo Dom Sebaſtiaõ de Moraes. Atearaõ-ſe na Náo contagioſas enfermidades, a que com ardente charidade começou a aſſiſtir, ſoccorrendo a todos com Apoſtolico eſpirito. Teve ſempre grande deſprezo da ſua peſſoa, e aſſim ſem memoria da Dignidade ſe abatia, ſervindo ao proximo, ſendo remedio aos miſeraveis enfermos, naõ ſó da alma, mas do corpo, acodindo-lhes com tudo quanto podia. Tanta foy a efficacia, com que ſe empregou na ſua aſſiſtencia, que rendido do trabalho acabou victima da charidade, deixando de ſeu nome ſaudoſa memoria.

D. Sebaſtiaõ de Moraes, Biſpo do Japaõ.

B Em Yendo, Cidade do Japaõ, acabou os glorioſos trabalhos de huma vida mortificada, e cheya do zelo do bem das almas o Padre Pedro Caſſui, da Companhia, naſcido

O Padre Pedro Caſſui da Companhia.

entre as ſuperſtições do Gentiliſmo em Vomura. Tanto que foy inſtruido nos Myſterios da Fé Catholica com mais alta idéa, deixou a ſua patria, em tempo, que a tyranniſava Daifuſama; e com devotos deſejos de reverenciar os Santos Lugares, em que teve principio, e fim a Redempçaõ humana, ſe embarcou para a India; e depois paſſando à Perſia, atraveſſou os Deſertos da Arabia, e chegou a Jeruſalem, e vindo a Roma, foy recebido na Companhia. Voltou à ſua patria alentado com tantos prodigios, como venera a Fé: animado daquella ſagrada viſta, e com vehementes, e ſantos deſejos do bem dos ſeus naturaes andou dous annos deſcalço, com a cabeça deſcuberta, em traje taõ humilde, e abatido, como hum forçado da galé, para deſta ſorte franquear a ſua entrada no Japaõ; mas naõ ſurtindo effeito eſta devota induſtria, excogitou a ſua charidade outro meyo mais terrivel. Em Manilha ſe fez eſcravo, para que na vileza da peſſoa podeſſe ſer deſconhecido, e com a ſervidaõ dos homens ſegurar para Deos tantas almas, quantas neceſſitavaõ de operarios do Evangelho. A' cuſta de tantos trabalhos conſeguio entrar no Japaõ. Em Nangaſachi bautiſou a muitos; confortou a outros, animando-os à conſtancia do martyrio, em que ſe achavaõ tibios, e de medo da agua de enxofre, fluctuavaõ timidos na reſoluçaõ de confeſſarem a Fé: a todos alentou o ſeu eſpirito, até que prezo à violencia dos tormentos, tendo feito a Deos muitos ſerviços, acabou a vida em obſequio da Fé, que enſinava.

Fr. Gonçalo de Almeida Eremita.

C. No Convento de Noſſa Senhora da Graça da Cidade de Lisboa, a precioſa morte de Fr. Gonçalo de Almeida, de vida, e coſtumes taõ eſclarecidos, que mereceo na ultima doença ter duas vezes por enfermeiros os Anjos. He ſem duvida, que acompanhariaõ na morte àquelle, a que ſerviraõ na vida, apoſentando-o na Celeſte Jeruſalem, entre o Coro dos Confeſſores.

Commentario ao VII. de Julho.

AQUando o grande Vaſco da Gama andava no deſcobrimento da India, no anno de 1498, deu viſta da pequena Ilha de Moçambique, que terá de roda huma legua, lançada quaſi de Leſnordeſte, e Sudoeſte, entre duas pontas da terra firme. Seus habitadores eraõ Negros, que viviaõ na terra firme, e ſeus primeiros povoadores Mouros, que fizeraõ eſta povoaçaõ como eſcala da Cidade de Quiloa, da Mina, e Sofalla, como cantou Camoens na Oit. 54. do Canto 1.

Eſta

Eſta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda eſta terra certa eſcala,
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala,
E por ſer neceſſaria procuramos,
Como proprios da terra de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-ſe a pequena Ilha Moçambique.

Eſtá eſta pequena Ilha em terra baixa, e alagadiça, de que naſce ſer muy doentia: o ſitio he como hum cotovello, à maneira de cabo, em altura de quatorze gràos, e meyo, do qual convèm hajaõ viſta os Navios, para irem bem navegados; e eſta he a razaõ, que dá Barros na *Dec.* 1. liv. 4. cap. 4, para os noſſos a ellegerem, ſem embargo de ſer taõ doentia, deixando na meſma coſta outros portos mais nobres: o ſeu porto he admiravel, como diz Goes, na *Chronica delRey D. Manoel*, part. 1. cap. 36. Aqui edificaraõ os noſſos Portuguezes Fortaleza com armas na maõ, lançando fora aos Mouros. Fica eſta na ponta da Ilha: para a banda do Sodoeſte da Fortaleza, eſtá huma Ermida de Santo Antonio, que ſerve de marca, para entrar no porto, como eſcreve o Inſigne Manoel Pimentel, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Coſmografo môr do Reyno, no *Roteiro da India Oriental*, fol. 377. Tem ſido eſte porto ſepulchro de muita gente Portugueza, e algumas vezes refugio. Na Igreja da Fortaleza eſtaõ depoſitadas as cinzas de Joaõ da Sylva Tello de Menezes, I. Conde de Aveiras, do Conſelho de Eſtado dos Reys Pilippe IV. e Dom Joaõ IV. Vice-Rey da India, que governou com prudencia, acerto, e tal felicidade, que depois de voltar ao Reyno, e occupado em empregos dignos da ſua peſſoa, o mandou ſegunda vez à India, ſem embargo dos ſeus annos, ElRey Dom Joaõ IV. para reprimir as inſolencias, que naquelle Eſtado faziaõ os Olandezes; para o que lhe fez merce do titulo de Marquez de Vagos, de que era XI. Senhor, e naõ teve effeito eſta merce: ſem embargo dos grandes ſerviços, com que tanto ſe tinha na ſua vida diſtinguido; faleceo no anno de 1651. Aqui acabou os ſeus dias o Biſpo Dom Sebaſtiaõ de Moraes, no anno de 1588, que tem ſido a cauſa deſta digreſſaõ. Naſceo na Cidade do Funchal, cabeça da famoſa Ilha da Madeira. Sendo menino, eſtando brincando junto a huma levada de agua de hum engenho de aſſucar, deſcuidadamente cahio, e foy levado do impeto da agua, até o lugar donde moía a roda; e parece foy detido por oculta maõ, por ſer o lugar, no qual as aguas impellidas do movimento tem mayor violencia: e aſſim foy tirado com admiraçaõ dos circunſtantes, tendo-o por prodigio. Hum homem dos que ſe acharaõ preſentes a eſte caſo diſſe a ſua mãy, que já o tinha nos braços: *Senhora, criay eſte menino com cuidado; porque ſerá na Igreja de Deos hum Prelado de muita importancia.* O Licenciado Jorge Cardoſo, no dia 7 de Mayo, letra L, diz ſer o terceiro Biſpo da Igreja do Japaõ; porém nós nas *Memorias das Dignidades Eccleſiaſticas, e Militares deſte Reyno, e ſuas Conquiſtas*, o contamos por primeiro; o que tambem affirma Telles, na II. Parte, liv. 6. cap. 20. fol. 592; e Nadaſi diz, que Filippe II. obrigado das inſtancias, que lhe ſe faziaõ do Japaõ, pedira ao Papa déſte Prelado àquelle Reyno, e nomeara a Dom Sebaſtiaõ de Moraes; e Faria, na III. Parte da *Aſia*, fol. 520. no Catalogo dos Biſpos da India. Mas ſe ſe houver de contar a Dom Belchior Carneiro, Biſpo de Nicea, do qual faremos mençaõ a 19 de Agoſto, que foy nomeado Biſpo da China, e Japaõ, a quem ſuccedeo na meſma Dignidade Dom Leonardo de Sá, o qual navegando para a China, foy dar à coſta do Achem, onde eſteve cativo até o anno de 1594, e foy morrer a Macao, fica o Biſpo Dom Sebaſtiaõ de Moraes, ſendo o terceiro. O Padre Bartholomeu Pereira, naquelle admiravel livro, que intitulou *Paciecidos*, naõ inferior a nenhum dos que lhe precederaõ no tempo, na felicidade, e valentia de dizer, no livro X. pag. 183, nomea por ſegundo Biſpo ao noſſo D. Sebaſtiaõ de Moraes.

Quid memorem Heroas, quaſque inclita Roma tiaras,
Pontifices ſque ſacros quondam mihi ſedula miſit
Quos mihi, litoribuſque meis tua fata negarunt
Incolumes! Sic regna meus Japponica nunquam
Melchior aſpexit, ſic invidioſe Sebaſtum
Moçambique tenet, tumuloque ſuperbe recondit.

Porém toda a duvida ſe tira com o acto da Congregaçaõ Conſiſtorial do Papa Xiſto V. paſſado a 19 de Fevereiro, do anno 1588, no anno terceiro do ſeu Pontificado, em que erigio a Igreja do Japaõ, à qual dá por primeiro Biſpo ao noſſo Dom Sebaſtiaõ de Moraes, com o titulo de Biſpo de Funay, o qual neſte tempo era Provincial, a qual anda na *Collecçaõ das Bullas*, que por ordem do Senhor Rey Dom Pedro II. ſe imprimiraõ em Lisboa, no anno de 1700, a fol. 200. Compoz na lingua Italiana o Biſpo Dom Sebaſtiaõ de Moraes, a Vida, e Morte da Princeza Dona Maria de Parma, com o titulo de *Carta eſcrita a huma Senhora*, e depois ſe traduzio em Caſtelhano pelo Padre Franciſco Alvarado, impreſſa em Roma, anno de 1580, de que faremos memoria no Commentario do dia 8; eſcreveo *de Interdicto*, *de Excommunicatione*, *de Irregularitate*, *de Sacramentis in genere Euchariſtia*, *Pœnitentia*, *de Matrimonio*, as quaes Obras ſe conſervaõ m. ſ. no Collegio de Evora, como diz Franco, na *Bibl. Luſit.* m. ſ. Nicolao Antonio, na *Bibl. Hiſp.* e Alegambe, *in Bibl. Societatis*, ſe lembraõ delle com Elogios, e outros Authores, além dos já acima apontados.

B No anno de 1620 foy recebido na Companhia o Padre Pedro de Caſſui; e tendo gaſto ſeis annos na larga peregrinaçaõ, que fez da ſua patria, onde o tornou a levar o amor dos ſeus naturaes, tendo nove annos da Roupeta da Companhia, e cincoenta e hum de idade, no de 1638, acabou glorioſamente em Yendo, huma das mais inſignes Cidades do Imperio do Japaõ, na Ilha Niphonia, a quem faz maiſ celebre a aſſiſtencia da Corte, em que ſe admira hum ſumptuoſo Palacio, ſoberbo pela architectura, e admiravel pela riqueza, ſendo por todas as faces dourado, creſcendo cada dia em grandeza, como teſtemunha Carone, citado por Baudran. Fazem memoria deſte Padre, Cardim, *Elogio 84. fol. 234. dos Martyres do Japaõ.* Nadaſi, nos ſeus *Faſtos*, neſte dia. O *Menologio da Companhia* m. ſ. o poem a 4. Franco, *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 3. cap. 13. e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, a 31 de Julho.

C No anno de 1567 morreo Frey Gonçalo de Almeida, de quem a *Chronica dos Eremitas* de Purificaçaõ, part. 2. liv. 5. trat. 3. §. 22., nos naõ dá mais memorias, do que as que referimos; e o meſmo Author na *Chronologia Monaſtica*, neſte dia. Foy natural da Cidade de Lisboa, da Freguefia de Saõ Juliaõ, como diz o Licenciado Jorge Cardoſo, no Tomo III. no Commentario do dia 19 de Mayo, fol. 328. Seus pays ſe chamaraõ Gabriel de Almeida: e Maria Pereſtrella. Entrou na Religiaõ onde profeſſou, a 15 de Agoſto de 1563, e ſe chamou Frey Gonçalo de Santa Maria: naõ teve mais que ſeis annos de Habito. Foy filho eſpiritual, e muito eſtimado do Padre Montoya, que lhe aſſiſtio à morte, como ſe lê em humas memorias m. ſ. que ajuntou o Doutor Frey Manoel Leal, que ſe conſervaõ em hum livro da ſua maõ, na Livraria de Noſſa Senhora da Graça, que tivemos em noſſo poder.

JULHO VIII.

A A Cidade de Parma a bemaventurada morte da Eſclarecida Princeza Dona Maria, a quem a graça, e a natureza dotaraõ com ſingularidade, dando-lhe hum animo pio, e devoto, condiçaõ branda, e humilde, e hum entendimento taõ elevado, que parecia receber illuſtraçaõ das meſmas virtudes, que praticava. Teve grande genio, e applicaçaõ às boas letras, de que reſultou ſaber a lingua Latina, de tal ſorte, que com elegancia a eſcrevia, e com expediçaõ a fallava. Da lingua Grega teve conhecimento baſtante: a Philoſophia, e Mathematica eſtudou com cuidado: da Poeſia ſe abſtinha por mortificaçaõ, por naõ ler Obras amatorias; como lhe ſuccedeo com as Obras do grande Franciſco Petrarcha, abrindo-as duas vezes, a poucas regras da leitura, como caſtigando-ſe, fechou o livro. Das letras Divinas teve muito uſo, lendo ſcientificamente hum, e outro Teſtamento. Nada era tanto do ſeu goſto, como ter empregado ultimamente o tempo para eſte fim. Eſcrevia ſentenças dos Santos Padres, que abſtrahindo-a do comercio humano, lhe arrebataváõ o eſpirito a Deos: trabalhava quanto lhe era poſſivel pelo agradar, ou foſſe na contemplaçaõ, ou em manufactura, fazendo pelas ſuas mãos algumas obras primoroſamente bordadas, para o culto do Santiſſimo Sacramento. Era tal o fervor do ſeu eſpirito, que ſem ſer ſentida ſe levantava de noite, e ſe punha a trabalhar, para que com o preço da obra livraſſe da prizaõ algum pobre, deſvellando-ſe já em taõ tenra idade no ſoccorro dos miſeraveis, como ſe com ella tivera naſcido a comiſeraçaõ; e fazendo deſta ſorte dous agradaveis ſacrificios a Deos, hum na charidade, outro no humilde modo, que excogitou para remediar os neceſſitados. (Coſtumes taõ admiraveis naõ ſe exercitaõ, ſenaõ com huma conſciencia muito pura, e juſtificada.) Foy grande eſtimadora das virtudes nas mulheres, principalmente da honeſtidade, e authoridade; e aſſim coſtumava dizer, que tudo o mais ſe lhes podia diſſimular. Deſde menina fez todos os dias exame de conſciencia, em que accuſava como delinquente a ſua vida, em que achava

Dona Maria Princeza de Parma.

culpas

culpas no interior, que era centro da meſma innocencia: era o exame taõ exacto, como naſcido do temor de Deos; taõ vivamente entranhado no ſeu coraçaõ, que elle lhe dictou aquelle celebre papel, que eſcreveo dos exercicios, em que todos os dias ſe havia de occupar; e depois de ſua morte ſe lhe achou entre os de mayor ſegredo, taõ uſado, como quem muitas vezes os ratificava; e dobrado de maneira, que facilmente o podeſſe trazer no peito. Eſte papel he hum virtuoſo retrato das ſantas obras deſta Princeza; pois nelle ſe vê eſpirito humilde, e amor de Deos.

Corria a fama por Heſpanha, e eraõ iguaes à fama as virtudes da Senhora Dona Maria; porque tendo o naſcimento da Caſa Real de Portugal, era taõ glorioſa a ſua opiniaõ, como ſoberana a Serie de ſeus Reaes Progenitores. Procurava Filippe II. Rey de Caſtella, à inſtancia de ſua irmãa a Duqueza de Parma Dona Margarida de Auſtria, Governadora de Flandes, mulher para o Principe daquelle Eſtado Alexandre Farneſio: deu-lhe parte como em Portugal havia a Senhora Dona Maria, com cujo deſpoſorio ſe illuſtraria a Caſa Ducal de Parma; pois era prima com irmãa do Principe Dom Joaõ, pay de Dom Sebaſtiaõ, herdeiro da Coroa Portugueza, e da Rainha de Caſtella Dona Maria, ſua mulher, netos todos do grande Rey Dom Manoel. Pareceo bem a inculca: tratou-ſe do ajuſte, e effeituou-ſe o caſamento. Mandaraõ a Portugal por Procurador a Juliaõ Ardinguelo, Fidalgo Florentino, Commendador na Religiaõ de Malta, com poderes de ratificar os contratos do caſamento, que em Madrid tinha aſſinado com o Senhor Dom Theotonio de Bragança, como Procurador da Senhora Dona Maria. Havendo pois de ſer conduzida de Portugal, mandou a Governadora de Flandes apreſtar huma Armada Real, de que foy General Pedro Erneſto, Conde de Mansfelt, que partio de Fleſinga a 4 de Agoſto do anno de 1565, trazendo muitos Fidalgos, e Senhoras para o ſerviço da Princeza. Chegaraõ com feliz viagem à Cidade de Lisboa: nella teve pouca demora a Armada; porque a 14 de Setembro, ſe embarcou a Princeza, acompanhada da ſua Corte, levando o Padre Sebaſtiaõ de Moraes, da Companhia de Jesu (depois Biſpo do Japaõ) para ſeu Confeſſor, e Director, preciſo para terras contaminadas da hereſia.

Deixou

Deixou neſte dia a Real Armada as prayas do Tejo, e feita à véla ſe começou a affaſtar do porto de Lisboa, e ſurcando o mar Occeano, naõ diſtante da Coſta de Portugal, cerrando-ſe de improviſo o dia, creſceo o vento, alterou-ſe o mar, começaraõ os Navios a lutar com montes de ondas, e eſpalhados todos, corriaõ ſem governo à diſcriçaõ do vento, que furioſamente bramia; quando topando hum Navio com a Capitania, padeceo de ſorte, que abrio por diverſas partes, e em ellas as ſepulturas dos que levava, pois ſem remedio ſe perdiaõ. Eſte horroroſo eſpectaculo diſtava pouco da Capitania; e ouvindo a Princeza as afflictas vozes dos miſeraveis naufragantes, cheya de piedade Chriſtãa, mandou ao General da Armada os foſſe ſoccorrer, e recebeſſe na ſua Náo os homens, e mulheres, que eſtavaõ lutando com as ondas, e com a morte. Duvidou o General executar eſta piedoſa ordem; porque o naõ podia fazer ſem evidente perigo de Sua Alteza; e o meſmo lhe affirmaraõ os Pilotos, e os peritos da navegaçaõ; mas a Princeza, que ſem attender aos preceitos da arte, tinha verdadeira fé na Divina Miſericordia, lhes diſſe: *Sabeis o que me pronoſtica o coraçaõ? Que ſe ſoccorrermos aquelles miſeraveis afflictos, que naõ ſó naõ havemos de perigar, mas que Deos nos ha de pagar com bom tempo eſte beneficio.* Eſtas palavras, naſcidas verdadeiramente do amor do proximo, foraõ ditas com tal efficacia, que foy obedecida no meſmo, que parecia impoſſivel. Mandou o General voltar a Capitania em demanda do Navio, que ſe ſubmergia, e lançando fóra lanchas, e bateis, ſalvou os miſeraveis já perdidos de eſperanças, menos hum ſó que pereceo. Apenas ſe tinhaõ embarcado na Real Capitania, quando à viſta de todos ſe foy a pique o Navio, mas logo ſe ſatisfez a palavra da Princeza, com tempo ſereno, e favoravel. Naõ paſſaraõ muitos dias, que naõ exprimentaſſem ſegunda tormenta, que obrigou a arribar a Armada, e tomar hum dos portos de Inglaterra. Pareceo ao General, que devia Sua Alteza, viſto eſtar naquelle Reyno, mandar com as devidas ceremonias viſitar a Rainha Iſabel, que entaõ governava: eſcuſou-ſe a Princeza ao comprimento, proteſtando, que naõ queria commercio com os inimigos da Fé. Para aliviar a Princeza dos diſcommodos da viagem, havia quem lhe aconſelhava, que em quanto o tempo ſegurava, deſembarcaſ-

ſe

ſe; mas a alguns Senhores da ſua comitiva lhes pareceo maduramente o contrario, dizendo naõ convinha a huma Princeza Catholica exporſe a algum deſacato dos hereges, que naquelle tempo andavaõ inſolentes; porém a Princeza reſpondeo com animo ſocegado: *Bemaventurada eu, ſe foſſe Martyr, entregando a vida nas mãos dos ſacrilegos Apoſtatas em obſequio da Fé.* Concorria todo o genero de gente de hum, e outro ſexo, a ver a Armada: entre eſta veyo huma mulher nobre, como moſtrava a diſtinçaõ do ſeu trato, a qual trazia dous filhos de gentil preſença: vio-os a Princeza, e os agaſalhou com carinho; e fallando com a mãy lhos pedio, ſeguran-do-lhe com Real palavra, que os trataria como filhos proprios, e que os havia de aproveitar, de ſorte, que ſe naõ arrependeſſe de lhos ter entregue. Deſeja va conſeguillo pela affliçaõ, que lhe cauſava ver, que creaturas taõ bellas foſſem condemnadas a huma eternidade de fogo, por cauſa da errada Religiaõ, em que ſeus pays os educavaõ. Eſte piedoſo animo lhe gratificou a Divina Providencia; porque paſſados poucos annos, ſe vio mãy de dous filhos, em ſatisfaçaõ dos que o ſeu zelo queria adoptar. Digno he de eterna memoria o que neſte porto lhe ſuccedeo pela piedade, e pela inteireza. Caſualmente ſe atteou o fogo na Capitania, principiou em pouca diſtancia, aonde a Princeza ſe achava. Com eſte accidente começou a confundirſe a gente, acodindo huns a livrar o mais precioſo, que levavaõ, outros a ſalvar as peſſoas. Neſta perturbaçaõ ſahio da camera a Princeza, e parando à porta ſe lembrou de que lhe faltavaõ as reliquias que trazia; e com devota reſoluçaõ, naõ fazendo caſo da viſinhança das chammas, voltou dentro, e trouxe hum cofre, em que as tinha, ſem lançar maõ das joyas, que levava; naõ ſe lembrou mais, que de ſalvar as reliquias, que era o precioſo theſouro da ſua companhia. Neſte conflicto, cheyo de zelo acodio hum criado, e lançando-lhe maõ a hum braço, a queria perſuadir deſta ſorte à preſſa de ſe livrar do incendio; mas a Princeza moſtrando no roſto deſuſada ſeveridade, o reprehendeo, dizendo-lhe aſſim: *Tiray lá a maõ*, como quem naõ temia mais o fogo, do que a falta da authoridade, ſempre conſervada na Real gravidade Portugueza, e ſahindo caminhou ſó, até que extincto o incendio, ſe recolheo ao Navio. Levando ferro daquelle porto a Armada,

nave-

navegaraõ para Flandes; deraõ fundo em Fleſinga no principio de Novembro. Foy conduzida a Princeza com grande pompa à Cidade de Bruxellas, aonde no dia de S. Martinho ſe recebeo com o Principe na fórma, que manda a Igreja, e fez eſta ceremonia Maximiliano de Bergis, Arcebiſpo de Cambray. A eſte acto aſſiſtiraõ o Principe de Naſau, Guilherme, e outros muitos Senhores, Dom Manoel de Almada, Biſpo de Angra, Conductor da Princeza, de que tirou huma certidaõ, que trouxe para o Reyno. Celebraraõ-ſe eſtas vodas na Feſta de Santo André, Padroeiro da Cavallaria do Tuſaõ de ouro, em que aſſiſtiraõ os Cavalleiros deſta Ordem com grande apparato: guardou-ſe para eſte dia, por concorrer o goſto da renovaçaõ da Ordem, que havia cento trinta e quatro annos ſe inſtituira, em obſequio de outra Portugueza a noſſa Infante Dona Iſabel. Com grandes demonſtraçõe de alegria celebrou a Nobreza de Flandes eſtes felices Deſpoſorios, e com repetidos feſtins, e obſequioſos divertimentos entretiveraõ o tempo, que a Princeza aſſiſtio naquelles Eſtados. Partio de Flandes a Princeza, com incrivel ſentimento daquella Naçaõ; porque o genio da Princeza era agradavel, e atractivo: por eſta cauſa ſe conſervou naquellas Provincias huma ſingular, e reverente memoria ſua, como ſe vio nos alvoroços, com que receberaõ a nova, de que as hia governar, quando ſegunda vez foy ſua ſogra a Duqueza Dona Margarida de Auſtria. Paſſou a Italia, e chegando a Parma, foy recebida com geral applauſo dos ſeus naturaes; e foraõ taõ grandes as demonſtraçõe de contentamento nos magnificos, e Reaes apparatos, que excederaõ a tudo o que ſe tinha viſto naquelle Eſtado. Em poucos mezes recebeo aquella Corte da Princeza Dona Maria virtuoſos documentos, vendo-ſe muy reformada de coſtumes. Admiravaõ-ſe na Princeza unidas tantas virtudes, que baſtava ſómente o culto da Religiaõ, e piedade Chriſtãa, para ſer venerada por Santa; da ſua fé lhe naſcia huma taõ grande reverencia às Imagens Sagradas, que tendo na ſua camera huma copia do retrato, que da Virgem Santiſſima fez Saõ Lucas, ſempre o tinha cuberto por decencia, e ſó para orar o deſcobria; e para juſtificaçaõ deſte reſpeito, naõ ſerá razaõ que fique em ſilencio, o que lhe ſuccedeo na ultima enfermidade; pois foy neceſſario perſuadilla o ſeu Confeſſor, a que

 tiveſſe

tiveſſe diante de ſi huma Imagem de Chriſto crucificado, de que com pezar ſe abſtinha; porque a affliçaõ da doença naõ fizeſſe menos attenta a ſua devoçaõ: quando lhe era neceſſario voltarſe na cama, entaõ lhe punha os olhos, com tal ſubmiſſaõ, que eraõ teſtemunhos verdadeiros da pureza da ſua alma. Eſta ſe exercitou ſempre em virtudes heroicas, procurando ter Oraçaõ mental, ao menos tres vezes no dia, repartindo-a em meya hora pela manhãa, outra ao meyo dia, e a noite a terceira, e ſendo-lhe poſſivel a repetia. As Santas Reliquias adorava com grande piedade; aſſim viſitou todos os Santuarios de Italia, Flandes, e Alemanha; principalmente os celebres da Eleitoral Cidade de Colonia. Dormia com o Roſario na maõ, para rezar aſſim como acordaſſe. A primeira couſa, que fazia em ſe levantando, era porſe de joelhos, e repetir fervoroſamente a Oraçaõ, que ſe reza na Prima: *Dignare Domine die iſto.* Ao veſtirſe ſe naõ ſervia mais, que das Damas precias, e com ſilencio ſe lembrava do Cap. 14 de Eſther: *Vós Senhor ſabeis a minha neceſſidade.* Todos os dias ouvia Miſſa, ſendo taõ grande o acatamento àquelles Divinos Myſterios, que todas as vezes, que ſe levantava a Deos, ſe deſejava meter por força de reverencia debaixo da terra: ſempre do Evangelho, que ſe lia, ou cantava tirava fruto de alguma clauſula, de que ſe lembrava todo o dia. As confiſſoens eraõ todos os mezes, as quaes repetia, quando o Principe eſtava na Campanha (além das Feſtas principaes da Igreja:) aſſim antes de commungar tinha meya hora de oraçaõ, e outra depois de receber o Sacramento; porque chegava a eſta Meſa dignamente veſtida de reſpeito, e temor. Ao ſeu Oratorio ſe recolhia de ordinario tres horas; principalmente quando tinha alguma affliçaõ, porque ſó em Deos buſcava remedio, e alivio. Naõ havia dia, em que naõ fizeſſe alguma extraordinaria mortificaçaõ, ainda que foſſe leve, negando-ſe a toda a honeſta recreaçaõ. No comer uſava de notavel temperança, abſtendo-ſe dos guizados, que mais lhe liſonjeavaõ o goſto. Nenhuma novidade, ou accidente a faziaõ faltar aos exercicios eſpirituaes, que todos os dias inviolavelmente obſervava. Diante dos olhos trazia continuamente aquellas palavras de Chriſto: *Que aproveita a hum homem ganhar todo o Mundo, ſe perder a ſua alma.* Continuamente meditava na

Morte

Morte, Juizo, Inferno, e Paraiſo, deſpertadores, que lhe elevavaõ toda a alma a tratar da perfeiçaõ; porque meditando em materias taõ importantes, deſprezava o que o Mundo lhe podia perſuadir; e como agradecida todos os dias, ao menos cinco vezes, proſtrada por terra de joelhos, dava graças a Deos pelos ſingulares beneficios, que havia recebido da ſua liberal maõ. As paixões da natureza viviaõ taõ ſogeitas, que em couſa alguma ſe lhe conheceo apetite. Nunca eſtava ocioſa; e aſſim enriquecendo com as ſuas mãos o Culto Divino, fazia cortinas, e corporaes para adorno do Santiſſimo Sacramento, ſendo eſte o ſeu divertimento, ou a liçaõ da Eſcritura, da qual dizia, que nada a alegrava tanto. Naõ conſentio nas viſitas, que recebia, nem murmurações, nem menos palavras ocioſas, no que moſtrava deſprazer. No Paço impedia quanto lhe era poſſivel danças, e ſemelhantes divertimentos; porém ſe a occaſiaõ o requeria, era com muita decencia; porque reprehendia livremente o contrario. A ſua familia era honeſta, e bem morigerada, como regida pelo ſeu exemplo: ainda aſſim procurava ſaber com vigilancia como viviaõ os ſeus criados; porque ſempre deſejou, que foſſe com temor de Deos. Naõ fazia gaſtos ſuperfluos; e ainda para couſas perciſas ſe naõ fiava do ſeu parecer, tendo por ſoſpeito o amor proprio: tudo o que lhe reſtava deſpendia em eſmolas. Quando reprehendia alguem, era ſem colera; e perſuadia com brandura, o que era razaõ. Uſava dos veſtidos ſem vaidade, e ſó por decencia da peſſoa, encobrindo muitas vezes com a pompa o rigor do cilicio, que a cingia. As penitencias eraõ com tal reſguardo, e ſegredo, que as naõ deixava perceber. Ao eſtado Religioſo teve grande veneraçaõ; mas naõ ſe metia em negocio, que lhe tocaſſe; porque naõ queria impedir aos Religioſos o fruto da obediencia. Com exactiſſima obſervou tudo, o que lhe ordenou o ſeu Confeſſor. Teve a fortuna de o ſer muito tempo aquelle grande Meſtre de eſpirito Santo André Avelino, que entaõ florecia em Italia, e agora poz no Catalogo dos Santos o Papa Clemente XI. Foy eſte Santo a Placencia; e tendo communicaçaõ com o Duque de Parma, ſogro da Princeza, lhe deu conta da prodigioſa vida de Avelino. Affeiçoada a virtuoſa Princeza do que ouvira, começou a accenderſe no deſejo de ver ao Santo, para que

aquella Cidade tiveſſe na ſua doutrina, e exemplo, o proveito, que deſejava ao proximo. Foy grande a conſolaçaõ, que recebeo o ſeu eſpirito nas praticas, que teve com o Santo: com elle tratava os intereſſes da ſua alma: delle recebeo grandes adiantamentos na vida eſpiritual, obſervando os ſeus documentos como regras da perfeiçaõ. Achava-ſe taõ ſatisfeita, que já naõ podia viver ſem a direcçaõ do Santo, que vendo-ſe obrigado da obediencia, ou neceſſidade do proximo ſe auſentou da Corte, com grande ſentimento da Princeza; e lhe pedio, que viſto naõ ſer poſſivel poder ter o deſafogo, que o ſeu eſpirito deſejava, lhe eſcreveſſe duas cartas ao menos cada mez. Naõ faltou o Santo em ſatisfazer o ſeu fervoroſo eſpirito, dando-lhe ſingulares documentos, e admiraveis conſelhos, com que ſuaviſava a ſaudade, e tirava grande aproveitamento. Eſtas cartas eraõ recebidas com taes jubilos de devoçaõ, e goſto, como ſe foſſem recebidas immediatamente da maõ Deos: lia-as com grande reflexaõ, e notava o que lhe parecia mais a propoſito, ou o que lhe feria mais o coraçaõ. A ſeu reſpeito eſcreveo o Santo hum breve Tratado do deſprezo do Mundo, com que muito ſe augmentou na Princeza o amor de Deos: tambem lhe pronoſticou algumas couſas pertencentes ao Principe ſeu marido. Quando eſta virtuoſa Princeza naõ tivera antecedentemente huma vida taõ juſtificada, baſtava para que o foſſe, ter ſogeito o ſeu eſpirito aos dictames, e prudencia de Santo André Avelino, cujas palavras arrebataváõ os corações, e faziaõ eſquecer de tudo o temporal, por amar o Eterno. Eſta doutrina ſe imprimio de modo no coraçaõ da Princeza, que ſe naõ contentava ſómente com fazer obras dignas do agrado de Deos; mas deſejava, que todos ſe empregaſſem no ſeu ſerviço. Com o ſeu exemplo reformou a Cidade de Parma, ſendo eſte zelo do bem das almas hum claro indicio da ſua ardente charidade; pois chegaraõ neſta Princeza os ſeus fervores a gráos heroicos, e ſe lograraõ com felices effeitos. Foy grande abonadora das virtudes; e aſſim as mulheres nobres, e principaes, que ſe davaõ à vida eſpiritual, tratava com tanta eſtimaçaõ, que eraõ as ſuas mayores amigas; accreſcentando-ſe mais a ſua alegria, por ver ſogeitas ao rigor do eſpirito aquellas meſmas, que viveraõ em outro tempo eſcravas da vaidade,

de, e delicias do Mundo. Havia na Cidade huma Confraria de mulheres de diſtinçaõ, cujo exercicio era ſoccorrer aos neceſſitados enfermos; aggregou-ſe com goſto à Confraria, por ter parte em obra de tanta miſericordia, e com muitas, e grandioſas eſmolas tratava da ſua conſervaçaõ. O meſmo fazia com outras; porque para actos de charidade ella meſmo ſe inculcava; pois o ſeu coraçaõ, ardendo no amor Divino, todo ſe abrazava pelo ſervir. Soube introduzir a ſua devoçaõ em todas as horas do dia na Cidade o exercicio da Oraçaõ, a que concorria gente em grande numero, cuja frequencia era huma grande conſolaçaõ para o ſeu eſpirito. Mereceo pela ſua fé, que eſtando deſconfiada dos Medicos ſua filha, lhe alcançaſſe de Deos a ſaude com ſuas fervoroſas ſupplicas, affirmando em o meſmo tempo, que a eſperança dos Medicos já faltava, que ſua filha naõ morria. Deſejava muito deixar ſucceſſor varaõ naquelle Eſtado; pelo que combatia ao Ceo com repetidos rogos: e como com a neceſſidade creſcia o deſejo de dar ao Principe poſteridade, excogitou a ſua devoçaõ hum pio modo de obrigar a Deos. Foy hum dia ao Hoſpital, tomou hum menino dos expoſtos, e levando-o ao Paço o mandou criar, e aſſiſtir, como ſe fora ſeu filho. Eſte terno affecto retribuîo logo, dando-lhe dalli a nove mezes hum filho, que foy o Principe Raynuncio. Contente, e ſatisfeita com ſucceſſor do Eſtado, dava infinitas graças a Deos por taõ ſingular beneficio, e com elles pertendia de Deos ſegundo filho por interceſſaõ de Noſſa Senhora; pelo que lhe fazia varias deprecações na Igreja da ſua Invocaçaõ da Scala. Em huma deſtas occaſiões entrou caſualmente na Igreja o Principe ſeu marido, e voltando para elle, lhe diſſe: Senhor, deprequemos juntos a Deos, para que por interceſſaõ de ſua Mãy Santiſſimâ tenhamos outro filho varaõ. Paſſados nove mezes ſe vio com ſegundo filho, naõ menos fruto do ſeu ventre, do que das ſuas orações, por ſer primeiro concebido na fé, do que gerado pela natureza. Com naõ menos admiraçaõ, que alegria, celebrava o Principe ſeu marido taõ aſſinaladas merces do Altiſſimo, tendo-a juſtamente no conceito, e veneraçaõ de Santa, como teſtemunha o caſo da Batalha naval de Lepanto (junto às Ilhas Echinadas) de que foy Generaliſſimo D. Joaõ de Auſtria; pois advertindo-lhe eſte, que ſe acautellaſſe do inimigo,

inimigo, reſpondeo o Principe Alexandre Farneſio, que tinha confiança nas deprecações de ſua caſa, que lhe faziaõ ſegurar o lugar: e naõ podemos duvidar, que tinha razaõ; porque a Princeza todo o tempo, que ſeu marido aſſiſtia na guerra, o gaſtava em orações, e jejuns, adiantando os exercicios quotidianos com extraordinarias penitencias. Cauſava-lhe grande affliçaõ as injurias de Deos; e por eſta cauſa tinha muito cuidado em livrar do eſtado da culpa as mulheres, que viviaõ entregues à torpeza da laſcivia, ſervindo a ſua Real authoridade de tomarem muitas o eſtado de Religioſas, outras de caſadas, e accommodando a muitas outras no ſerviço de peſſoas honeſtas, e capazes de lhe darem exemplo, amparando univerſalmente a todas; e porque lhe cauſava grande compaixaõ, que as filhas de ſemelhante gente ſeguiſſem o pernicioſo exemplo de ſuas mãys, erigio hum Recolhimento para donzellas, filhas de mulheres de vida depravada, para ſerem educadas no temor de Deos, e na abominaçaõ dos vicios. Confeſſava a Princeza, que huma das mayores ſatisfações, que tivera na vida, foy quando huma moça de vida torpe ſe lhe lançou aos pés em huma Igreja, rogando-lhe a ajudaſſe a livrar da diſſoluçaõ, em que eſtava engolfada, para que deſembaraçada dos laços da ſua má vida podeſſe ſervir a Deos. Tanto a enterneceraõ as lagrimas deſta miſeravel peccadora, que ſem memoria de que era Princeza, publicamente a abraçou, e com ſuaves palavras a conſolou; e mandando-lhe aſſiſtir, até que examinada a reſoluçaõ, ſe approvou o eſpirito, em que ſe achou conſtante, e a recolheo ao eſtado de Freira em hum Moſteiro. Se lhe conſtava, que algum mancebo deſinquietava a moça donzella, ordenava, que o Governador da Cidade evitaſſe o damno, que ſe podia ſeguir. Quantas vezes foy a Princeza medianeira da paz, entre familias, que viviaõ em odio? Quantas vezes interpoz a ſua authoridade, para reconciliar os caſados, para que viveſſem ſem perturbações domeſticas? Era aquelle coraçaõ vigilante Argos do amor do proximo, e da gloria de Deos: naõ houve obra pia, em que ſe naõ exercitaſſe, devendo-lhe os ſeus vaſſallos amor de filhos; pois ſempre deſcobria novas idéas de os utiliſar. A eſte fim tinha nas Parochias mulheres de exemplo, e de virtude, que tinhaõ a incumbencia de enſinar as orações, e inſtruîr nos Myſterios da

Fé,

Fé as meninas da Cidade, ſendo Sua Alteza, a que com a ſua preſença fazia mais util o enſino, deſtribuindo premios pelas que ſe aventajavaõ; fazendo com ſanta emulaçaõ, que creſceſſem os exercios da piedade. Todas eſtas virtuoſas acções ornou de natural prudencia, como ſe vio nas occaſiões, que por auſencia do Duque ſeu ſogro, e do Principe ſeu marido, governou os ſeus Eſtados. Era tanta a equidade, e juſtiça, que admirava ao ſeu Conſelho o acerto das ſuas reſoluções; e com geral applauſo era acclamado dos povos o ſeu governo, pois fazendo juſtiça, naõ deixava queixoſos. Amou terniſſimamente a Infante ſua mãy, Princeza de ſingular piedade, e devoçaõ; mas reveſtida de conſtancia, e de grandeza de animo, recebeo a nova da ſua morte, com tal reſignaçaõ na vontade de Deos, que naõ ſe apartando della, lhe dava graças pelo ſentimento, que lhe dava eſta noticia, para hum animo taõ deſenganado da pouca eſtabelidade do Mundo: fez na Princeza tal impreſſaõ, que começou a entender, que brevemente morreria, e aſſim ſuccedeo. Neſte tempo deſpedia o Duque a Roma hum Gentil-homem, ao qual ordenou, que viſitaſſe ao Cardeal Alexandre Farneſio, tio de ſeu marido, e que em ſeu nome ſe deſpediſſe delle, e que já neſta vida o naõ poderia ſervir; eſperava na Miſericordia de Deos podello fazer na outra. Naõ trazia já diante dos olhos, ſenaõ a morte, e a iſto ſe reduziaõ as ſuas praticas. Ao ſeu Confeſſor, em huma occaſiaõ, tratando com elle, lhe diſſe, que de boa vondade morrera; e eſpecificando-lhe os motivos, era hum delles por ver no Ceo a ſua mãy, e communicarſe muito com ella; porém tornando a ſi, diſſe: He taõ grande couſa ver a Deos, que elevada na ſumma perfeiçaõ, ſerá tal o contentamento deſta gloria, que me hey de eſquecer de minha mãy. O outro motivo de deſejar a morte, era verdadeiramente heroico, pois ſe reduzia a poder eſtar em parte, donde foſſe impoſſivel offender a Deos. O Inferno lhe cauſava grande horror, ſendo o mayor as blasfemeas, com que os condemnados ſacriligamente ſe atrevem à Divindade; e dizia, que quando eſte horrendo lugar naõ tiveſſe outras tantas couſas más, ſó eſta lhe baſtava, para lá naõ querer ir, ſentindo deſta ſorte mais as injurias do Creador, do que os tormentos eternos. Seus filhos, que lhe foraõ concedidos por eſpecial benignidade de

Deos,

Deos, criou em ſanto temor, e em fiel obſervancia dos Divinos preceitos. Quando eſtava já viſinha à morte, nenhuma couſa encommendou tanto ao Principe ſeu marido, como a ſua boa educaçaõ, lembrando-ſe do que já em ſemelhante caſo diſſe a Rainha de França Branca a ſeu filho Saõ Luiz: *Eu vos rogo Senhor em eſta hora, que ſe meus filhos vos haõ de offender gravemente, lhe tireis depreſſa a vida, obviando com a ſua morte os crimes contra a voſſa Divina Mageſtade.* (Oh Matrona digna de eterna veneraçaõ!) Palavras ſaõ eſtas merecedoras da memoria de todos os Catholicos, pois naõ queria deixar ſucceſſores nos Eſtados, ſe haviaõ de ſer inſtromentos das injurias do Soberano Divino. Finalmente ao undecimo anno depois de caſada, tendo illuſtrado com a ſua virtude os ſeus Eſtados, adoeceo mortalmente de huma prolongada enfermidade, que tolerou com paciencia; e ſabendo que huma mulher pobre, e velha padecia a meſma queixa, ordenou aos Medicos da ſua Camera a foſſem viſitar, e que lhe aſſiſtiſſem com o meſmo cuidado, que à ſua peſſoa, e que de todo o neceſſario foſſe provida, aſſim para a ſaude, como para o regalo, o que ſe obſervou até que morreo, e Sua Alteza durou poucos dias depois della; porque lhe queria Deos pagar com a Gloria a charidade, com que ſoccorrera aquella pobre. Nas praticas eſpirituaes ſe havia com tal ternura, quando ſe offerecia fallar do Ceo, ou do Inferno, que com lagrimas as proſeguia. A paciencia foy taõ heroica, que toda reſignada nas mãos de Deos, acriſolando nas dores os quilates do ſeu merecimento, vendo-ſe muy afflicta, recorreo a Chriſto crucificado, e com a memoria da Paixaõ, ſe correo do que padecia; e aſſim quando as dores eraõ em todo o corpo, e a apertavaõ com vehemencia, era o ſeu remedio o ſofrimento, dizendo, que juſto era ſentiſſe todo o corpo o caſtigo das culpas, já que todo elle offendera ao Creador. Quando ſe achava neſte eſtado, chamou o ſeu Confeſſor, e mandou buſcar huma caixa, em que tinha hum cilicio feito pela ſua maõ, e com grande ſegredo lho entregou, que o queimaſſe; porque naõ foſſe reputada por virtuoſa, havendo ella ſido o contrario, e querendo o Confeſſor prudentemente dizerlhe, que ſemelhantes uſos naõ eraõ ſó dos Santos, mas dos peccadores para a ſatisfaçaõ das culpas, e que naõ importava,

que

que depois ſe achaſſe, lhe inſtou, que lhe fizeſſe o goſto de o queimar. Eſtando neſta contenda entrou o Principe, e ſe manifeſtou, o que ella naõ queria ſe ſoubeſſe: ficou taõ ſentida, como quem naõ obrava ſenaõ com humildade, e pedio-lhe palavra de Principe de lhe guardar ſegredo. Taõ recatadamente obrava, que naõ queria, que foſſem publicas as ſuas mortificações. Em tudo moſtrou grande humildade, e o aborrecimento, que tinha à gloria do Mundo. Nos ultimos annos da ſua vida mandou chamar o Abbade, e Preceptor de Santo Antaõ, Monſenhor Matthias Rivarola, que depois foy Arcebiſpo de Genova ſua patria, e lhe recommendou o Recolhimento das Donzellas, dizendo-lhe: A vós toca, como principal author, e bemfeitor deſta ſanta obra, de a conſervar, e amparar; dando-lhe com humildade a elle todo o louvor, ainda que ao ſeu zelo, e charidade ſe devia a mayor parte, e ainda da deſpeza por ſer inſtituido no ſeu teſtamento, onde lhe deixou hum largo legado de eſmola, para que ſe podeſſe acabar. Pedio-lhe a inſtrucçaõ, que lhe havia de ſervir de Eſtatutos para o ſeu governo, a que accreſcentou algumas advertencias perciſas, como ditadas pela ſua ſingular modeſtia. Dilatava-ſe a doença; creſcia na familia o trabalho; e a ſua charidade ſempre compaſſiva prudentemente ordenou, que ſe fizeſſe liſta, pela qual as criadas ſe repartiſſem as noites, para deſta ſorte ſer menos penoſo o trabalho; e de ſeis, em ſeis horas ſe mudavaõ duas das que velavaõ, e ſe ſe via ſem urgente neceſſidade as deſpedia, para que foſſem deſcançar; outras vezes lhe mandava vir à ſua preſença de almoçar, e compadecida do trabalho lhe dizia: *Pobreſinhas, que pareceis eſtareis mortas com trabalho*! agradecendo-lhe como cuidado, o que era obrigaçaõ. Com os Sacerdotes, que lhe tinhaõ aſſiſtido, uſava o meſmo; e por hum mandava ler em Fr. Luiz de Granada, e lhe advertia, que foſſe em tom, que percebeſſem todas as criadas, que alli eſtavaõ, e ſe inflamaſſem no amor de Deos. Deſenganada da vida, para ſatisfazer o affecto, que ſempre teve, mandou pedir às Religioſas de Saõ Franciſco, como por eſmola hum Habito para mortalha, e que foſſe o mais pobre, e vil, que ſe achaſſe, querendo na morte receber, o que tanto deſejou em vida; aſſim o fizeraõ as Religioſas, mandando-lhe hum Habito muito velho, que recebeo com grande gozo, e o

Cordaõ de Saõ Franciſco, tudo beijou com muita devoçaõ; e porque lhe pareceo curto, encommendou à Senhora, que lhe aſſiſtia, que com huma toalha lhe cobriſſe honeſtamente os pés. Pedio a ſeu marido, que naõ conſentiſſe a embalſamaſſem: tanto amou a modeſtia, que inda depois de morta, quiz conſervar a compoſtura, e gravidade. Aggravava-ſe a doença; e confeſſada geralmente (o que fazia muitas vezes) recebeo o Santiſſimo Viatico com grande humildade, e muitas lagrimas: pedio a Extrema-Unçaõ; e dilatando-ſe a doença tornou a commungar com grande fervor de eſpirito, e edificaçaõ, repetindo eſtas palavras: *Deus propitius eſto mihi peccatrici.* Tal era a devoçaõ, que a todos cauſava, que naõ havia animo, que podeſſe ſoffrer a ſua morte. Deſpedio-ſe de ſeus filhos, a quem ternamente amava, e depois de os exortar ao temor, e ſerviço de Deos, lhe deu prudentes conſelhos, e maximas Catholicas, em que os queria bem exercitados. Ordenou-lhe, que naõ entraſſem mais na ſua camera; e mandou rogar ao Duque, que com bom termo impediſſe ao Principe ſeu marido a viſitaſſe, para que livre deſta ſorte das prizões do Mundo, naõ repugnaſſe a natureza à valentia do eſpirito, que todo ſe queria empregar em actos de amor de Deos. Pedio, que nos Conventos ſe continuaſſem deprecações continuas a Deos naquella hora, naõ para implorar ſaude, mas ſim a ſua Miſericordia. Toda ſe empregava em devotos colloquios, e orações; e eſtando taõ fortemente armada, naõ deixou o inimigo infernal de a combater com graviſſimas tentações, rebatidas com eſtas palavras: *Ite maledicti in ignem æternum.* Eſforçava-ſe o infernal inimigo com horrendas viſtas a contraſtar a ſua Fé; mas conſtante Heroina com hum Chriſto crucificado na maõ, a Coroa da Senhora, o Cordaõ de Saõ Franciſco, e outras reliquias, recorria ao ſeu patrocinio, e em voz alta repetia: *Si exurgat adverſum me prælium, in hoc ego ſperabo.* Vencidas taõ medonhas viſoens, pedio huma véla benta pelo Santo Pio V. que já entaõ venerava como tal: cercada de Religioſos, em que tinha grande conſolaçaõ, e em ouvir rezar os Pſalmos, repetindo o doce Nome de Jesus muitas vezes; neſtas palavras: *Domine ſuſcipe ſpiritum meum*, entregou aos pés do ſeu amado Jesu a ſua bendita alma, ficando com roſto agradavel aos circunſtantes, que a reſpeitavaõ

como

como Santa, e ainda que com prantos, e alaridos ſentiaõ a ſua perda, com devoçaõ tocavaõ as contas, deſejando alfayas ſuas, e encommendando-ſe a ella, de ſorte, que naõ ficou em Parma peſſoa alguma, que naõ concorreſſe a veneralla, confeſſando todos com huma voz geral, que a ſua bemdita alma eſtava gozando a Gloria na Patria verdadeira.

B Em a Cidade de Elvas, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Conſolaçaõ, ſe conſerva a memoria da virtuoſa Madre Sor Maria do Roſario, em cujo peito ardeo a charidade com tal exceſſo, que mais parecia ſerva, do que companheira. Naõ adoecia Religioſa, nem ſervente, que lhe naõ procuraſſe a ſaude, por todos os meyos poſſiveis, com mais cuidado do que o fazia à ſua. Era já eſtylo commum no Moſteiro recorrer a ella, toda a que neceſſitava de alguma couſa, ſendo infalivel a ſatisfaçaõ, ſe na ſua poſſibilidade cabia o remedio; porque com entranhas de piedade de tudo ſe compadecia. Eſta candidez de animo dotou Deos de huma ſingular graça, que lhe communicou de curar qualquer chaga, ainda as de peor qualidade, que a Cirurgia deixava já por deſconfiada dos remedios; moſtrando deſta ſorte com clara evidencia, que era obra de virtude, e naõ effeito das mãos. *Sor Maria do Roſario Dom.*

C No Moſteiro da Roſa de Lisboa, da meſma Familia Dominica, a Madre Sor Guiomar da Trindade, em que a vida pareceo mais de Anjo, do que da natureza humana; pois deſde que entrou na Clauſura, naõ teve mais trato, que com Deos, a quem parece encheo eſte Senhor de graça, e amor. Teve grande devoçaõ ao ineffavel Myſterio, que lhe deu o ſobre-nome; e aſſim naõ tinha outro goſto, do que eſtar ſempre aos pés do Altar da Santiſſima Trindade, ſendo eſte Myſterio todas as ſuas praticas; de tal modo, que naõ podia fallar em outra couſa, e com a ſingileza ſanta do ſeu coraçaõ, dizia, que deſejava, que na Antifona, que no ſeu Officio canta a Igreja: *Gloria tibi Trinitas*, e acaba: *Et nunc, & in perpetuum*, ſe terminaſſe, dizendo: *Et ſemper in perpetuum.* Como naõ tinha conſideraçaõ fóra da eternidade, aſſim ſem interrupçaõ queria ſe louvaſſe a Deos, de que foy gozar a ſua innocente alma. *Sor Guiomar da Trindade Dom.*

D Em o Magnifico Moſteiro de Saõ Bento da Saude da Cidade de Lisboa, paſſou deſta vida à eterna o Padre Fr. Theodoſio *Fr. Theodoſio de S. Bento Bened.*

doſio de Saõ Bento, o qual contando deſaſeis annos, foy recebido no Serviço do Arcebiſpo de Braga Dom Joaõ Affonſo de Menezes, que pelo ſeu bom procedimento, e partes o eſtimava; e quando eſte agrado lhe ſegurava grandes augmentos na vida Eccleſiaſtica, que ſeguia, pertendeo a Cogûla de Saõ Bento; e perſeverando na pertençaõ, foy admittido à Religiaõ: nella procedeo ſempre com huma vida taõ auſtéra, e Religioſa, que era hum exemplar vivo da Regra do Principe dos Patriarcas. Principiava entaõ a Provincia do Braſil: o Prelado mayor o deſtinou, para com o ſeu exemplo ir augmentar naquelle Eſtado a Monacal obſervancia na ſua Provincia, que naõ logrou taõ grande dita; naõ por falta de vontade de Fr. Theodoſio, que obedecendo como Religioſo embarcou; e ſeguindo a ſua viagem, exprimentaraõ em pouco ventos taõ contrarios, que ſem poderem ſeguir a ſua derrota, foraõ obrigados a arribar a Indias de Caſtella, donde voltou ao Reyno, e a Religiaõ o occupou em Meſtre dos Noviços, os quaes enſinou com virtude, e exemplo, do qual em todas as occupações, em que a Ordem o encarregou, deu iguaes moſtras, dando a conhecer a interior paz do ſeu eſpirito: e aſſim cheyo de annos naõ ſe eximia das obrigações de bom Religioſo, continuando ſempre à obſervancia Regular, até que chegou o prazo ultimo da vida, para que ſe preparou com devoçaõ, e lagrimas, para receber o Divino Sacramento, e deſta ſorte acabou em paz.

Commentario ao VIII. de Julho.

A PArma, Cidade de Italia, que dá nome a eſte Ducado, he banhada das aguas do Rio Parma, que dividido em tres partes, faz por tres pontes a ſua entrada: he ornada com magnificas obras, e com o ſumptuoſo Palacio dos Duques, cercado de grandioſos jardins. Tem ſoberba Cathedral, ornada de pinturas do celebre Corregîo, excellentes fortificações, com bom Caſtello, e pela ſua obra inexpugnavel. Os campos ſaõ ferteis, e abundantes: nelles ſe fabricaõ os ſingulares queijos, eſtimados em toda a Europa, com o nome de *Parmejanos*. He eſte Eſtado taõ antigo, que antes da ruina do Imperio Romano teve diverſos Senhores: depois de muitas revoluções o teve a Igreja em pacifica ſucceſſaõ, até que no anno 1545, o Papa Paulo III. da familia Farneſia o deu em titulo de Duque a ſeu filho Pedro Luiz Farneſio, que foy pay do Duque Octavio, que caſou com Dona Margarida de Auſtria, filha B. do Emperador Carlos V. em quem cedeo as pertençoens, que o Imperio tinha àquelle Eſtado. Deſte matrimonio naſceo o Principe Alexandre Farneſio, que com glorioſas victorias fez venerada a memoria do ſeu nome; mas ainda foy mais ditoſo por ſua eſclarecida conſorte a Princeza D. Maria, de quem largamente fizemos menção no Texto.

to. Deſte excelſo matrimonio naſceraõ o Duque Raynuncio Farneſio, que lhe ſuccedeo no Eſtado, e naſceo no anno de 1569, verdadeiro filho de taõ virtuoſa mãy; porque foy pio, e devoto, confeſſado tambem de Santo André Avelino, com quem teve grande trato; e paſſando a Flandes ſe communicava por cartas com o Santo. Huma dellas cheya de doutrina, e Apoſtolico eſpirito, fez imprimir, e mandou à Rainha Iſabel de Inglaterra, para a perſuadir com aquella ſãa doutrina à verdade da Religiaõ Romana; porém obſtinada a Rainha, naõ recebeo a luz, que naquella carta lhe queria dar o zeloſo Duque, o qual morreo no anno de 1622. Nas cartas, que ſe imprimiraõ de Santo André Avelino, no anno de 1731 em Napoles, ſe vem algumas para a Princeza no Tomo I. a ſaber numero 62, 72, 77, 87, e 90: e para o Duque ſeu filho no II. Tomo diverſas. Na do numero 87, lhe diz eſtas palavras: *Dico pura liberamente come faceva quella ſanta anima della ſua Signora Madre*: e na carta 105: *Ben ſi dimonſtra, che è figlio vero di ſangue, e di coſtumi di quella ſua grande, e Santa Madre*; e logo mais adiante diz: *Soleva la ſua benedetta, e Santa Madre cercar mi lettere, ſecondo il biſogno dell' anima ſua.* De ſorte, que neſtas, e outras cartas que ſe offerecia fallar a Santo André Avelino na Princeza, em todas a acredita a ſua virtude; e na verdade, que he eſte hum teſtemunho da gloria deſta Santa Princeza. Foy o ſegundo filho Duarte, em memoria de ſeu avó materno: foy Cardeal da Santa Igreja Romana, e Biſpo Tuſculano; morreo a 21 de Fevereiro de 1626. Margarida, que caſando com Vicente Gonzaga, Duque de Mantua, ſe diſſolveo o vinculo pelo grande parenteſco, e ſe recolheo em o Moſteiro de Religioſas de Placencia, onde morreo. Era a Princeza D. Maria, filha do Infante D. Duarte, e da Infante D. Iſabel, filha de D. Jayme, IV. Duque de Bragança, e neta delRey D. Manoel: e naõ filha, como lhe chama Felix Gerardo, no ſeu *Diario*, a 8 de Julho. Vio a primeira luz do dia em Lisboa, a 8 de Dezembro de 1538. Foy bautiſada pelo Arcebiſpo do Funchal D. Martinho de Portugal, em dia de Noſſa Senhora da Expectaçaõ na Capella Real, que entaõ era a Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada, junto a Saõ Domingos: foraõ ſeus Padrinhos ElRey D. Joaõ o III. e a Infante D. Maria, ſua tia; e aſſiſtiraõ o Infante Cardeal D. Henrique, e o Infante D. Luiz, e levaraõ as peças, que ſe uſaõ neſta ceremonia os criados do Infante ſeu pay. Por ella pertenderaõ ſeus deſcendentes ſucceder na Coroa deſte Reyno, por ſer irmãa mais velha da Sereniſſima Senhora D. Catharina, mulher do Duque de Braganca D. Joaõ. Seu filho o Principe Raynuncio pertendeo a Coroa de Portugal, no tempo do Cardea Rey, mas naõ foy attendido o ſeu direito; porque além de lho contraſtar com o poder Filippe II. Rey de Caſtella, ſe tinha já entaõ por melhor a cauſa da Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, como mais propinqua ao ultimo poſſuidor, a quem ſeu pay ſuccedera (conforme as Leys do Reyno, e diſpoſiçaõ do ſeu III. avó ElRey D. Joaõ o I. no ſeu Teſtamento,) e eſta Princeza o repreſentava na linha, gráo, ſexo, e idade, como admiravelmente prova o Doutor Franciſco de Velaſco e Gouvea, Lente de Veſpera de Canones da Univerſidade de Coimbra, e hum dos grandes Letrados, que conheceo aquella inſine Univerſidade, e ſe póde ſem exageraçaõ affirmar, que naõ teve Heſpanha mayor homem no Direito de Juſtiniano, na *Juſta Acclamaçaõ*, 2. part. pont. 1. §. 1. fol. 79, e na *Fidelidade dos Port.* liv. 2. tr. 4. art. 4, porque já era morta a Princeza D. Maria, e naõ podia tranſmittir o direito, que naõ chegou a poſſuir, como com evidentes razões moſtra o inſigne Antonio de Souſa de Macedo, claro por naſcimento, e Illuſtre ainda mais pelas letras, na *Luſitania Liberata*, liv. 1. cap. 6. num. 11. E pelas Cortes de Lamego lhe era eſta acçaõ reprovada pelo ſexo, e por ter caſado fóra do Reyno com Principe Eſtrangeiro; e aſſim ficava preferida pela Senhora D. Catharina, pois tinha caſado no Reyno com Principe nacional, e do meſmo ſangue Real dos Reys Portuguezes. Acabando Antonio de Souſa de Macedo o Livro I. da já allegada Obra diz: *Et per hæc ſatis ſuperque eſt demonſtratum jus indubitabile Catharinæ Sereniſſimæ ad Luſitanam Coronam, nec ſolummodo demonſtratum, ſed & à toto mundo cognitum, imò ab adverſariis confeſſum.* Ultimamente o Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ, hum dos mais inſignes Juriſconſultos, que vio o ſeu tempo, Deſembargador

ſembargador dos Aggravos, e depois hum dos mais exemplares Religioſos, que teve a Congregaçaõ do Oratorio de Saõ Filippe Neri, no *Tratado Analytico, e Apologetico*, offerecido ao Papa Clemente IX. onde com igual eloquencia, que profunda ſciencia, e erudiçaõ, reſponde a D. Franciſco Ramos del Mazano, onde diffuzamente moſtra a preferencia do direito à Coroa Portugueza, da Senhora D. Catharina ao Principe Raynuncio ſeu ſobrinho, filho da Princeza D. Maria ſua irmãa. D. Luiz de Salazar e Caſtro, Chroniſta môr de Caſtella, e de Indias, Commendador de Zurita, e do Conſelho de Sua Mageſtade Catholica, no livro, que intitulou: *Indice de las glorias de la Caſa Farneſe*, eſcrito com a occaſiaõ de ſobir ao Throno Caſtelhano a Sereniſſima Princeza D. Iſabel Farneſe, Rainha Catholica, ſegunda mulher delRey Filippe V. no Cap. XI. fol. 397. deſta bem eſcrita Obra por eſtylo, e noticias, diz, que deve ſer reſpeitada a Caſa de Parma pelos direitos, que tem às Coroas de Portugal, e Inglaterra, dando o direito deſta ao noſſo Infante D. Duarte, em que moſtra como ſciente na Genealogia, em que teve o mayor, e mais eminente lugar, entre todos os Genealogicos de Heſpanha, que a primeira linha da Coroa Ingleza, pertencia a eſte Infante, por ſua III. avó a Rainha D. Filippa, filha de Joaõ de Gante, Duque de Lancaſtre, e irmãa de Henrique IV. Rey de Inglaterra, como ſe vé de fol. 438. §. 2. Para eſtabelecer eſte imaginado direito da Caſa de Parma, taõ eſquecido em toda a Europa, recorda a antiga pertençaõ do Principe Raynuncio, taõ deſprezada em todo o tempo pelos Principes, e Doutores Portuguezes, (e tambem Caſtelhanos,) que com admiraveis razoados, e livros, moſtraõ a preferencia da Sereniſſima Caſa de Bragança, pela accaõ da Princeza D. Catharina, com huma total excluſaõ de ſua irmãa, de que depois da acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. ninguem ſe lembrou mais. Para eſte inſigne Author eſtabelecer eſta ſua opiniaõ, tomou o capricho de negar, que houveſſe Cortes de Lamego, tendo-as por inventadas pelo Doutor Fr. Antonio Brandaõ, Chroniſta môr de Portugal, hum dos mais eruditos, e verdadeiros Hiſtoriadores, que teve toda a Heſpanha. Já D. Nicolao Fernandes de Caſtro, (de quem D. Luiz de Salazar diz, que ſe lhe naõ tivera precedido, mais ſe alargara, naõ nos parecendo, que lhe ficou por dizer nada do que eſte Author tinha dito) que negou reſolutamente as Cortes de Lamego, aſſim fora com razaõ emendando, como elle diz, o deſcuido de Caramuel. Sente D. Luiz de Salazar, que ſendo Caramuel doutiſſimo, de engenho, e viveza admiravel, como teſtemunhaõ os muitos livros, que compoz, e que ſendo Caſtelhano natural de Madrid, que defendendo a cauſa do ſeu Rey, ſe naõ atreveſſe a negar as Cortes de Lamego, o qual naõ ſó as naõ duvidou, mas lhe deu toda a fé no ſeu livro *Philippus Prudens*, liv. 2. art. 4. fol. 104. Era D. Joaõ de Caramuel Lobkowitz, Doutor na Sagrada Theologia, Abbade Melroſenſe, homem de grande juizo, e de muitas letras, e erudiçaõ; ſabia a fé, que ſe devem aos documentos antigos, a que a meſma antiguidade dá força, e vigor, ainda que lhe falte a circunſtancia do original, e que naõ era ſó Fr. Antonio Brandaõ, de quem tinha recebido eſta memoria, como elle confeſſa, ſenaõ que a achara em hum manuſcrito antigo; de que ſe vê, que naõ foy inventado por aquelle Author, como quer D. Nicolao, com huma inſolente audacia, dizendo, que era Brandaõ inventor de patranhas, na Obra que intitulou *Port. Convencida*, para que os erros deſte livro começaſſem logo pelo titulo, 2. part. cap. 8. ſect. 2. fol. 429. ſó hum homem taõ deſcomedido no fallar, como foy eſte, e de taõ eſcura linhagem, como com injuria ſua lhe lembra o Doutor Franciſco de Velaſco e Gouvea, na *Fidelidad de los Port.* liv. 2. trat. 2. art. 3. fol. 225, podia cahir em ſemelhante abſurdo, quando vemos os livros daquelle Author taõ pouco cortezaõ, nos pareceo hum homem de eſtudos, que perdeo o juizo, o qual quando principia a fallar he logo gritando deſentoadamente, como fundando a ſua razaõ nas vozes; e em havendo quem lhe encontre o ſeu diſcurſo, entra em tal furia, e cólera, que a todos os circunſtantes perde o reſpeito, e ſem ſaber com quem falla, naõ faz excepçaõ de peſſoa; porque naõ tem juizo para diſtinguir as peſſoas, nem conhece Principe, nem o decoro das Mageſtades, e tudo mede com huma regra. Deſta claſſe he na opiniaõ dos homens Doutos D. Nicolao, o qual alegando a Joaõ

Jacobo

Jacobo Chifflecio, diz da Ley Salica, que he tyranna, e apocrifa; e como no Reyno de França tem a obſervancia, que todo o Mundo ſabe, muy pouco importa aos Francezes, e aos Portuguezes, que elle negue a Ley Salica, e as Cortes de Lamego; porque humas, e outras ſe praticaõ em hum, e outro Reyno, ſem que pelos eſcritos de D. Nicolao deixaſſem os ſeus Soberanos de as fazer executar, como ſe tem viſto por vezes repetidas. Porém D. Luiz de Salazar e Caſtro, que como Cavalhero de proſapia conſpicua o excede, e tambem como Cortezaõ o excedeo no eſtylo, trata eſta materia com outro termo; porque ainda que ſegue a opiniaõ contraria, he com taes palavras, que ſe naõ obriga, naõ eſcandaliza. Devemos tanta attençaõ aos eſcritos deſte inſigne Author, que delles meſmos tiramos, que naõ deixa de conhecer, que ſaõ verdadeiras as Leys de Lamego; pois em algumas partes as naõ duvida, como ſe vê a fol. 117, onde diz as ſeguintes palavras: *Yo ſin querer rayar tan alto* (falla de Caramuel, Antonio de Souſa de Macedo, Manoel Fernandes de Villa-Real, e outros, que as defenderaõ) *como eſtos dignos Eſcritores dirè, que ni huvo tales Cortes, ni quando las huvieſſe, ſe hizo en ellas, ni ſe pudo hazer Ley, que excluye la hija del Monarca, que nò caſare en Portugal. Nò por eſto entiendo, que nò ay aquella Ley, o que es injuſta; porque ya la veyo authoriſada, y conſentida, y la razon, y la conviniencia de los Reynos pide, que la ſoberania ni paſſe a los eſtraños, ni varie, ſiendo poſible, el linage dominante, en fuerça de lo qual los tres Eſtados del Reyno dieron vida àquella Ley ſin alguna reclamacion, ni contrariedad del Rey, ni de los ſubditos el año 1679 a favor dela Infanta Doña Iſabel, y el de 1698 para el actual Rey, por ſer hijo del Rey D. Pedro, que ſuccediò en la Corona à ſu hermano.* Deſtas palavras, e de outras, que ſe lem neſte diſcurſo, que outra couſa ſe póde inferir, ſe naõ que o capricho de ſeu Author o fez tomar taõ debil parte, que com tanta duvida ſegue, inclinando o entendimento à mais ſegura, que totalmente naõ nega, e aſſim a vem a confeſſar repetidas vezes. Nem D. Luiz de Salazar ſe póde eſcandaliſar de nós dizermos, que elle meſmo reconhece o pouco fundamento, com que impugna as Cortes de Lamego, para fazer bom o direito do Principe Raynuncio; pois com mais ardor do que elle as defendeo o inſigne Antonio de Souſa de Macedo taõ vivamente, como confeſſa, e ſem embargo diz elle a fol. 420: *Bien conociò Antonio de Soſa de Macedo la debilidad deſpreciable de aquel papel, ò relacion de Cortes.* Naõ ſey, que das palavras deſte Author ſe poſſa tirar tal couſa; porque quando combateo com admiravel fortuna com Caramuel, e D. Antonio de Fuentes, e o incognito Inglez, diz na ſua *Luſitan. Liberat.* liv. 1. cap. 9. fol. 310. *Nec ejus allegatio aliud concludit, niſi oſtendere quomodo Caſtellani illas Lamèci leges approbant (quas tamen debuiſſent negare, ſi cauſæ ſuæ concluiſſent) pro quo eis gratulamur.* Deſtas ultimas palavras em que por zombaria lhe dá agradecimento de lhe naõ negarem eſtes Authores as Cortes de Lamego, ſe naõ pode inferir, que lhe conheceſſe debilidade, e muito menos quando a poucas regras acima confeſſa Salazar: *Y las eſtampò en el proemio ſegundo de ſu Luſitania Liberata con la miſma ſatisfacion, que ſi huvieſſe allado ſu original en la Torre del Tombo.* Com que bem podemos affirmar, que D. Luiz de Salazar reconheceo huma debilidade deſprezavel na opiniaõ, que tomou, de que foſſe eſte papel levantado por Brandaõ, como quer D. Nicolao, que elle ſeguio; porque do meſmo, que eſcreve, ſe vê o pouco credito, que merece eſta impoſtura contra hum homem de taõ ſaõ juizo, e verdade. Como podiaõ ſahir todas as copias do Doutor Fr. Antonio Brandaõ, ſe Caramuel confeſſa que as achou em hum manuſcrito antigo, ainda que foſſe dos papeis do Prior do Crato, que no anno de 1581, tinha ſahido de Portugal. Se no tempo delRey D. Joaõ o III. ſe começaraõ a publicar, ſe a Senhora D. Catharina allegou a ſeu favor ſer caſada no Reyno, como diz Salazar a fol. 402: *La Duqueza de Braganca nò eſtava ſin parciales, tanto por el favor del tio, y por ſu inmediacion de parenteſco, como por el conſiderable poder de la caſa del marido, y por la ſingular circunſtancia de ſer Principe, varon del miſmo linage Real*; e a fol. 403. *La Duqueza de Bragança alegava ſer hija del Infante D. Duarte, que ſi fueſſe vivo ſuccediera ſin duda alguna a ſu hermano, &c. Y nò olvidavan ſus defenſores, la apacible circunſtancia de haver caſado en*

Por-

Portugal, y con Principe de la miſma ſangre, por la qual ſegun la Ley de ſucceder, eſtabelicida en las Cortes de Lamego, nunca haſta alli viſta, eran admitidas las hembras a la Corona. Se Brandaõ imprimio a III. Parte da *Monarchia Luſitana* no anno de 1632, como foy inventor? Demais que no meſmo anno eſtampou o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, Arcebiſpo entaõ de Braga, o livro de *Primatu Bracharenſe*, e nelle a fol. 192, faz mençaõ deſtas Cortes; com que em duvida podemos ficar, ſe as teve, ou naõ do Chroniſta môr Brandaõ. He certo, que eſte Prelado, ſobre ſer de taõ ſantos coſtumes, que fazem veneravel a ſua memoria, era Doutiſſimo, e muy verſado na Hiſtoria, como ſe vê das ſuas Obras. Todas eſtas contrariedades, que ſe devem ponderar, como eſcritas por hum homem de taõ grande juizo, como D. Luiz de Salazar, que outra couſa he, ſe naõ huma confiſſaõ ora tacita, ora expreſſa, de que naõ ſeguia à parte contraria mais, que para exornar o ſeu capricho de diſcretas palavras, exaltando a grande Caſa de Parma, a poder lograr as prerogativas, que gozavaõ as de Saboya, e Toſcana? Naõ devemos deixar em ſilencio o reparo, que D. Luiz de Salazar faz, quando falla em D. Lourenço Viegas ſer Procurador delRey, ſentindo, que o naõ fizeſſe D. Nicolao Fernandes de Caſtro, que era mayor do que a exiſtencia que deſte Fidalgo nega eſte Author, e ſaõ tantos os erros de D. Nicolao, que o meſmo Salazar lhos naõ pode diſſimular, como ſe vê a fol. 421, ao meſmo tempo, que faz grande eſtimaçaõ da ſua Obra; e aſſim como os Authores Portuguezes tem razaõ para ſe rir, como diz Salazar, deſte ponto, com verdade póde confeſſar, o pódem fazer de toda aquella Obra; porque o empenharſe hum Author em querer ſubtilizar as materias, em que contende, vem a dar em paradoxos. A fol. 425, hum dos grandes argumentos, que traz Salazar para infirmar as Cortes de Lamego, ou o mayor he o ſeguinte: fallando de D. Lourenço Viegas, Procurador delRey, diz as palavras ſeguintes: *Pero Procurador delRey, aſi en la lengua Latina, como en nueſtro Idioma antigo, y Caſtellano, y Portuguez, que caſi todo es uno, nò ſuena Agente, ò Solicitador, ſinò Tutor, Defenſor, y Regente delRey.* Com que em moſtrando a Salazar, que *Procurator* na lingua Latina, e na noſſa Portugueza, ſignifica Agente, temos ſatisfeito, ſem negarmos, que tambem tem a outra ſignificaçaõ. Seria hum proceſſo infinito produzir exemplos da lingua Latina, em que Procurador he o meſmo, que Agente. Em Tacito liv. 14. cap. 54. *Neronis ad Orationem Senec. Cum opes meas ultra ſuſtinere non poſſim, præſidium peto. Jube eas per procuratores tuos adminiſtrari in tuam fortunam recepi.* Em Alc. liv. 1. de *Offic. Procurat. Cæſ.* diz: *Procurator Cæſaris dictus, quod ab eo acta, geſtaque ſic comprobantur, ac ſi à Cæſare geſta eſſent*; e conſultando a Ducange *in Gloſſario mediæ, & infimæ Latinitatis*, traz muitos exemplos; e o que faz mais ao noſſo intento, hè o que allega o meſmo Salazar de Theobaldo, Conde de Champanha a fol. 426. *Theobaldus Comes Bleſenſis, & Regni Francorum Procurator*, allegando a Rogero Hoveden fol. 524. Vejamos agora o que diz Ducange: *Hinc Procuratorem Regni Francorum ſeſe inſcripſit Theobaldus Comes Bleſenſis in charta an. 1156 in Tabulario Eccleſiæ Carnotenſis n. 66. in Tab. S. Martini de Campis, & apud Rogerum Hovedenum p. 524*, que he a meſma, que allega Salazar, *id eſt, Seneſcallum ſeu Dapiferum; quod Dapiferi Regis manus ſit circa menſam regiam, & ejus apparatum.* Naõ ſey, que poſſa ſer mais clara, nem mais contra Salazar eſta ſignificaçaõ de Ducange; nem póde ſatisfazer com dizer, que expreſſamente ſignifique regente pelo dizerem os Irmãos Santas Marthas; porque havia de conſultar na lingua Latina melhores interpretes. Porém naõ nos ſatisfazemos ainda, ſem lhe moſtrarmos no noſſo Reyno expreſſos teſtemunhos deſta ſignificaçaõ, que nos Juriſconſultos he muito commua, e a podera ver no *Lexicon Magnum Juris Cæſarei ſimul, & Canonici* de Joaõ Kahh, aliás Calvino. Na *Chronica de Ciſter* do Doutor Fr. Bernardo de Brito, liv. 3. cap. 6. fol. 133. ſe achaõ varios exemplos. Em huma carta de quitaçaõ do tempo delRey D. Sancho, de que recebera o fendo, que a Noſſa Senhora do Claraval pagava a devoçaõ dos noſſos Reys, em que o Abbade de Claraval Rudolfo, diz: *Quod nos recepimus à procuratore Domini Sancii Illuſtris Regis Portugalenſis; hoc anno ſalutis* 1230. Em outra Carta de quitaçaõ ſe diz o ſeguinte: *Ego Frater Petrus, Abbas Sancti Joannis de Tarouca,*

affirmo

affirmo quod recepi de vobis Joannes Alvares, Procurator Domini Regis Alfonſi, quinquaginta morabitinos auri boni, &c. e acaba *facio Charta propria manu Calend. Julii anno Domini* 1249. No noſſo Reyno ſe conſerva Procurador da Coroa, que he hum dos mais eminentes lugares da Literatura togada, de que faz menção a *Ord. do Reyno*, liv. 1. tit. 12, a que vulgarmente ſe chama Procurador Regio, e aſſim o nomea o Supremo Senado da Relação de Lisboa, dizendo nos feitos, que fora ouvido o Procurador Regio, e he tal a obrigação do ſeu officio, que póde embargar merce feita por ElRey, por ſer immodica, e exceder a qualidade dos ſerviços, de que he remuneração. Com que parece temos moſtrado, que *Procurator* não ſignifica ſómente o Regente, ou Tutor, nem na lingua Latina, nem na lingua Portugueza; a que poderamos ajuntar muitas eſcrituras, que o affirmaſſem ſe ſobre eſta materia fizeramos eſtudo particular, para reſponder ao que Salazar relata; e aſſim deixamos os mais pontos, que elle toca, por já tratados por melhores pennas, do que a noſſa.

Não podemos deixar de confeſſar, o quanto ſentimos, que D. Luiz de Salazar, ſabio, erudito, e prudente, ſe deixaſſe preoccupar tanto da adulação, quando a pag. 427, referindo o artigo das Cortes, o entendeſſe tão mal, e o truncaſſe; diz elle aſſim: *Et dixit Procurator Regis Laurentius Venegas, vultis, quod Dominus noſter vadat ad Cortes Regis de Leone? vel det tributum illi, aut alicui perſonæ for domini Papæ, qui illum Regem creavit? & omnes ſurrexerunt, & ſpatis nudis in altum dixerunt. Nos liberi ſumus, Rex noſter liber eſt, manus noſtræ nos liberaverunt, & Dominus Rex: qui talia conſenſerit, moriatur, & ſi Rex fuerit, non regnet ſuper nos.* Salazar tirou-lhe as ultimas clauſulas, para entrar em huma declamação, dizendo: *Es uno de los mayores barbariſmos que ya mas ſe eſcrivieron, y el que mas prueba la ſupoſicion y falſedad del papel*; e para iſto acabou o artigo: *Nos liberi ſumus, Rex noſter liber eſt, manus noſtræ nos liberaverunt, & Dominus Rex, qui talia conſenſerit moriatur*; porém eſta não he a verdade do artigo, porque continua, *& ſi Rex fuerit, non regnet ſuper nos*: aſſim anda nas copias das Cortes, em toda a parte que ſe imprimirão; pelo que Cramuel, e outros não as duvidarão; porque a conſtruição deſtas palavras he: *Nos liberi ſumus, Rex noſter liber eſt manus noſtræ nos liberaverunt, & Dominus Rex*; querem dizer. Nós ſomos livres, o noſſo Rey he livre, as noſſas mãos, e do noſſo Rey nos libertarão. *Qui talia conſenſerit moriatur, & ſi Rex fuerit, non regnet ſuper nos*, que vem a dizer: Aquelle, que tal conſentir, morra; porém ſe for Rey, não nos governe, que he o meſmo que não reine. Do que ſe vê a terrivel allucinação, que hum Author tão egregio padeceo, para que preoccupado da ſua imaginação cenſure aos meſmos ſeus, que as approvarão, para que toda a cenſura venha a voltarſe ſobre elle meſmo.

Não he do eſtylo, que ſeguimos, o alargarmonos, principalmente não ſendo eſta materia do noſſo aſſumpto; e por iſſo nem allegamos os Authores, que ſobre eſte ponto eſcreverão, tanto Nacionaes, como Eſtrangeiros, e aſſim o deixamos para a diſputarem os Chroniſtas, que nós não pertendemos reſponder a D. Luiz de Salazar. E nós por agora nos ſatisfazemos com o que temos dito, para moſtrar, que não forão inventadas as Cortes de Lamego pelo Doutor Fr. Antonio Brandão; e concluimos dizendo: que não ſó he verdadeiro o traslado, que elle imprimio; mas que o original deſte acto, ſe conſervava na Collegiada de Santa Maria de Almacave na Cidade de Lamego, onde o vio o Padre Antonio de Faria, da Congregação de S. Filippe Neri, natural da meſma Cidade, que nos affirmou o teve nas ſuas mãos, e o lera, e examinara, e era tão verdadeiro como Douto eſte exemplar Padre, que com toda a certeza nos atrevemos a affirmar, que naquella Collegiada ſe guardarão em algum tempo. Aſſim não devemos cançar o Leitor com diſſertações da ſua firmeza; porque entre os Portuguezes não padece a menor duvida, e com repetidos actos de Cortes ſe tem feito publicas ao Mundo todo, não ſó pela Sereniſſima D. Catharina, e pelo Senhor D. Antonio, como fica dito, ſe não tambem no anno de 1640 da feliz Acclamação do Senhor Rey D. Joaõ o IV. em que ſe confirmarão a rogos dos Tres Eſtados do Reyno, ſem que eſte Monarca ſe lhe deſſe de ver por elle excluidas as Senhoras Infantes D. Joanna, e D. Catharina, depois Rainha da Graõ Bretanha,

nha, e no anno de 1679, quando a petiçaõ dos meſmos Tres Eſtados ſe diſpenſaraõ a favor da Senhora Infante D. Iſabel, em que foy jurada Princeza herdeira do Reyno; e ultimamente no anno de 1698 quando para univerſal utilidade noſſa foy jurado Principe do Braſil, e ſucceſſor do Reyno, o noſſo Auguſto Monarca ElRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, como refere D. Luiz de Salazar no lugar acima citado. Naõ ſe dirigio o largo diſcurſo, que lemos deſte excellente Author, a querer ter por tyrannas as Cortes de Lamego, nem por menos veridica a ſua legalidade, mas ſeguio aquella parte taõ duvidoſa, naõ negando a principal, como temos dito, e ſe vê do fio do diſcurſo daquella Hiſtoria. Quiz delle tirar hum direito, ainda que violentamente, em que podeſſe aſſentar ſer devido o tratamento de Alteza Real para a Caſa de Parma, hoje taõ introduzido nas Cortes do Norte; e para que ſe veja o que affirmamos, referiremos as ſuas meſmas palavras, como ſempre temos obſervado, por naõ lhe fazer perder com o toſco do noſſo eſtylo, a admiravel elegancia, com que as proferio ſeu Author no §. 4. fol. 455: *A la memoria de tantos, tan altos, y tan conocidos derechos, como ya obſervamos, a la Sereniſſima Caſa de Parma, nò ſolo a Provincias, y Eſtados particulares, ſino a grandes Monarquias debemos añadir otro derecho, que aun que nace de aquellos, es mucho mas apacible, menos odioſo, y aſſi regular, y de ningun inconveniente para el publico.* E a fol. 474. conclue. *Por eſto ſin agravio de los Principes de Italia, y ſin perjuizio del Sereniſ. Rey de Portugal* (eſqueceo-ſe do de Inglaterra, pois a eſta Coroa dá o meſmo direito) *querrá ſer tratado de Alt. Real, y que ſe le den los honores Regios, que al gran Duque, y al Duque de Saboya: pues lo que en aquel obrò la Dignidad de Gran Duque, y en eſte unos derechos de ſiertos, y poco fundados al Reyno de Chipre, mejor razon hallará en las firmiſſimas acciones de la Caſa de Parma.* Naõ faz mais D. Luiz de Salazar e Caſtro, que huma allegaçaõ deſtes imaginarios dircitos, como Advogado da Caſa de Parma, como elle meſmo confeſſa, ſem que pertenda tirar, nem adquirir direito contra as partes, de que faz menção; pois ſó refere como Hiſtoriador, o que entaõ ſe eſcreveo, de que ſe valle para o memorial, que offerece naquelle livro aos Soberanos da Europa, a que convenhaõ no tratamento de Alteza Real na Caſa de Parma. He ella taõ grande pela ſua antiga origem, e pelas Reaes alianças, que he merecedora deſta diſtinçaõ, ſem aggravo dos mais Principes de Italia; e porque nós ſeguimos o dictame de hum grande Senhor deſte Reyno Conſelheiro de Eſtado, que perguntandoſe-lhe como votara em cobrir huma Caſa com a grandeza do titulo, reſpondeo, que em materia de graça era muy franco. Porém como eſtes reconhecimentos de mayor diſtinçaõ, naõ os teve o Duque de Toſcana, pela prerogativa de Graõ Duque, nem o de Saboya pelo direito ao Reyno de Chipre, ſenaõ porque houve occaſiões, de que os Reys ſe valeraõ para eſta conceſſaõ, fundada naquelles apparentes pretextos, e começando por huma ſó Corte o reconhecimento depois as conveniencias o facilitaraõ às outras. Em noſſos dias vimos em mayor Dignidade ao Eleitor de Brandeburg Frederico, que ſó com huma convençaõ de ſeis artigos, feita com o Emperador Leopoldo, que ſe acha no II. Volume do Supplemento da *Clef du Cabinet*, fol. 155, ſe fez acclamar Rey de Pruſſia, no anno de 1701, e naõ ſendo reconhecido dos mais Reys da Europa neſta excelſa Dignidade, vieraõ os intereſſes dos Principes a fazerlhe univerſal o reconhecimento de Rey. E aſſim a Caſa de Parma pela nova aliança com a Coroa de Caſtella, alcançara naquella Corte o tratamento de Alteza Real, da meſma ſorte que o goza o Graõ Duque, e com o decurſo do tempo, com eſte exemplo o conſeguira dos mais Soberanos, devendo eſta real honra à penna, e eſtudo de D. Luiz de Salazar e Caſtro, que com tanto trabalho lhe reſuſcitou os imaginarios direitos, em que funda eſta pertençaõ.

Parece-nos, que o Leitor nos deſculpará a digreſſaõ, e ſó nos culpará a brevidade; mas confeſſamos, que ſim tivemos deſejo de reſponder a tudo, mas ſeria demaſiadamente largo o Commentario; e certamente ſeriamos notados de naõ ſer o proprio lugar para tratar diffuſamente eſte ponto. E voltando ao noſſo verdadeiro aſſumpto, morreo a Princeza D. Maria, neſte dia, no anno de 1577, com geral dor dos ſeus vaſſallos, que com extraordinarias demonſtra-

ções

ções manifeſtaraõ o ſeu ſentimento com luto muy pezado, fechando-ſe as logeas, ſe negaraõ naquelle dia a todo o commercio, e finalmente com vozes era acclamada por Santa. Na Sé ſe lhe fizeraõ Exequias com grande pompa. Via-ſe hum Mauſoléo magnifico cheyo de luzes, e ornado de figuras, emblemas, e verſos, em que ſe deſcreviaõ as virtudes da Princeza: no alto ſe lia huma inſcripçaõ, em que ſe narrava a Real Progenie de Sua Alteza, rematando com a ſua virtude, e ſantidade. Cantou a Miſſa o Biſpo de Cremona: aſſiſtio o Duque, e o Principe, o Embaixador de Veneza por ElRey de Heſpanha, e toda a Corte, ſendo o mayor concurſo, que vio Parma; porque como era geralmente amada, todos ſentiaõ a perda de huma Princeza, que veneravaõ como Santa. Camillo Platonio, Academico Parmenſe dos Innominatos, fez huma Oraçaõ na ſua morte a 10 de Agoſto, na Igreja Mayor, em nome dos Cidadãos de Parma, a qual foy impreſſa em Parma, no anno de 1577, com muitos verſos dos meſmos Academicos em Latim, e Italiano: e na Oraçaõ diz Platonio eſtas notaveis palavras.

Liberalibus artibus non mediocriter operam dedit, & in Philoſophia præcipuè Mathematiciſque diſciplinis tantum profecit, ut maiorem inde cognitionem hauſerit, quam facile ſit cuiquam à muliere factum fuiſſe credere.

Eſtá enterrada no Moſteiro dos Capuchinhos, com o Duque ſeu marido, que tomando o exemplo deſta virtuoſa Matrona, ſe mandou amortalhar no Habito dos Capuchinhos, e em ſepultura raza, e humilde, jazem as cinzas, que merecião ſoberbos Mauſoléos; e ſeus filhos lhe puzeraõ a ſeguinte inſcripçaõ.

Alexander Farneſius, Belgis devictis, Francis obſidione levatis, ut humili hoc loco ejus cadaver reponeretur, mandavit III. Non. Decemb. MDXCII. & ut ſecum oſſa Mariæ conjugis optimæ jungerentur annuit, illius teſtamentum ſecutus.

Fr. Franciſco de Madrid, na *Hiſtoria dos Cap.* tom. 3. cap. 17. fol. 119, que traduzio de Latim, de Zacharias Boverio, diz: *Y que ſi truxieſſen los hueſſos de ſu Illuſtre y Sancta muger Maria Luſitana.*

Farneſius Alexander hoc tumulo ſitus,
Parmæque Dux, Placentiæque tertius,
ſacroque Sanctæ Eccleſiæ vexillifer
pietate quo non melior, aut quiſquam fuit
ſumna Imperator arte bellandi prior,
poſt libertam Celticam, poſt Belgicam
Bello receptam, & redditam antiquis ſacris
Oduardus, & Ranuntius mæſtiſſimi
poſuere, ſumma officia ſolventes patri
Heu quale Roma amittis, & quantum decus!

Compoz a Princeza na lingua Italiana, que ſoube tambem com perfeiçaõ, hum livrinho de Meditações, para as ſuas Damas, o qual foy impreſſo muitas vezes em Italia, e depois em França, e traduzido na propria lingua. Della vimos muitas cartas eſcritas para a Senhora D. Catharina ſua irmãa, para ſua mãy, e para o Duque de Bragança, em que ſe vê, inda que em eſtylo antigo, diſcriçaõ

natural, e huma tal modeſtia, que inculca a virtude, de que ſe adornava, e ſe conſervaõ no Cartorio da Caſa de Bragança, com outros papeis, que vimos de memorias da virtude deſta Princeza, mandadas naquelle tempo por peſſoas da ſua Caſa, e familia. Tambem aqui ſe conſerva hum traslado authentico ſellado dos contratos do caſamento, feitos em Madrid a 21 de Março de 1565, por Chriſtovaõ de Riano, ſendo Procurador da Princeza o Senhor D. Theotonio, e do Principe o Commendador Ardinguelo. Dotou-ſe a Princeza com ſetenta mil ducados. Saõ notaveis as clauſulas da eſcritura, a que ſe obrigou o Duque de Parma. Foy jurado eſte contrato pelos Infantes, pays da Princeza, e pelos Duques de Parma: foy aſſignado pelo Principe Alexandre Farneſio, D. Theotonio de Bragança, Fr. Juliano Ardinguelo; e teſtemunhas D. Franciſco Pereira, Embaixador de Portugal, o Principe de Evoli, Ruy Gomes, Mordomo môr do Principe de Heſpanha, Lourenço Pòlo, o Marquez de Oriolo, do Conſelho de Italia.

Tratað deſta Princeza Famiano Strada, *de Bello Belgico*, liv. 4. fol. mihi 160; Marracio, *Heroides Mariana* §. 47. fol. 353. A ſua Vida, que ainda que ſem nome, foy eſcrita pelo Padre Sebaſtiaõ de Moraes, da Companhia, ſeu Confeſſor, a qual eſcreveo em Italiano, e traduzio em Heſpanhol Franciſco Alvarado, e depois illuſtrou com annotações o Doutor Diogo Peres, e traduzio em Italiano Fr. Julio Zanchini; Jacob *Augt. Theuſano Hiſt.* liv. 65. fol. 234; Fr. Luiz dos Anjos, no *Jardim de Port.* fol. 448; o Padre Silos, *Hiſt. Clericor. Regular.* liv. 12. fol. 506; Ró liv. 1. cap. 1. §. 18; e em varios lugares; *Europ. Port.* tom. 2. part. 4. cap. 1; Imhof, *Stemma Reg. Luſitanic. Tab. 2. & in Genealogia Italia Tab. 2. fol.* 16; Moreri, *verbo* Alexandre Farneſio; Maugin, *Abregè del' Hiſtoire de Portugal*, cap. 15. fol. 243; Affonſo Loſchinos, nos ſeus *Compendios*, fol. 443; o Padre Bolvito, na *Vida de Santo André Avelino*, cap. 15. fol. 53; *Compendio de la Vita de Santo André*, cap. 12. fol. 43, e fol. 157; D. Placido Mirto, *Vida de Santo André Avelino*, fol. 14; o Padre Bagata, tambem na *Vida do meſmo Santo*, cap. 14. fol. 80, D. Joaõ Bautiſta Caſtaldo, cap. 12. fol. 119; *Breve Riſtretto Romano*, fol. 12; Goes *Chr. del Rey D. Manoel*, part. 3. cap. 78. fol. 251; Duarte Nunes, na *Deſcripçaõ de Port.* cap. 90. fol. 151; Vaſconcell. *Deſcr. Reg. Luſit.* fol. 527; Antonio de Souſa de Macedo, nas *Flores de Heſpan.* Telles na *Chron. da Comp.* part. 2. liv. 4. cap. 40; Cramuel, *Philip. Prud.* diſp. 6. liv. 5. fol. 388; e diverſos lugares, *Hiſt. Pontif.* 3. part. cap. 27. fol. 78; D. Pedro Paulo Ribeira, *Le Glorie immortali delle Done illuſtri*, fol. 296; Leti, *Hiſtoria de Filippe II.* liv. 18. fol. 436; Wanderhamen *De initiis tum Belg.* liv. 1. cap. 31; Chapuis, *Guerr. de Fland.* liv. 1. fol. 23; Bentivolho, *Guerr. de Fland.* part. 1. liv. 2; Carneir. *Guerr. de Fland.* cap. 5. fol. 13; Paciuchelio, *in Jonam*, tom. 3. lect. 68. num. 13; Ferr. Locro, *Chronic. Belg.* fol. 625; Meteren, *Hiſtoria dos Paizes Baixos*, fol. 39; Joaõ Franciſco le Petit, *Chronica de Holanda*, tom. 2. liv. 9. fol. 88; Miræo, *Chr. Belg.* fol. 421; Hareo, *Ann. Barb.* tom. 3. fol. 35; Ferrareſe, *Hiſtor. de Parma*, liv. 7. fol. 731; Chriſtovaõ da Coſta, *no livro de las Mugueres Illuſtres*; Ranuncio Pico, *Deſegno della Vita della Sereniſſima Infante D. Maria Principeſſa di Parma*, dirigida a ſua filha; Ceſar Campana, *Hiſtoria do ſeu tempo na Genealogia dos Reys de Portugal*; Jeronymo Ozorio, *na Vida de ſeu tio o Biſpo D. Jeronymo Ozorio*; Fr. Paulo Morigi Jeſuato, *Catalogo das Princezas Illuſtres em Santidade*; Franciſco Serdonati Florentino, no accreſcentamento *Alle Donne Illuſtre di Boccacio*; e modernamente eſcreveo a ſua Vida em elegante eſtylo o Eruditiſſimo D. Luiz de Salazar e Caſtro, no cap. 8. fol. 654. *del Indice de las Glorias de la Caſa Farneſe*, donde honra o noſſo nome com mal merecida memoria; o Chroniſta Fr. Manoel dos Santos, na *Hiſtoria Sebaſtica*, fol. 98, e 99; e ultimamente a *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Port.* no liv. 4. cap. 12. pag. 441. do tom. 3.

B Entre as Religioſas de virtude do Moſteiro de Elvas, da Ordem do Patriarca Saõ Domingos, merece grande veneraçaõ Sor Maria do Rolario, que foy a gozar da Gloria, pelos annos de 1544, de que faz menção Souſa, na III. Parte da *Hiſtoria da Ordem*, liv. 2. cap. 14. fol. 140; Soveges, no *Anno Dominico*; e Lima, no *Agiologio Dominico*, e ambos em eſte dia.

C No anno de 1580, morreo Sor Guiomar da Trindade, a quem ignoramos

mos os pays, de quem a *Hiſtoria de Saõ Domingos*, diz, que eraõ muito pobres no Mundo; mas a ſua virtude a fez eſclarecida no Ceo, como viraõ os viſinhos do Moſteiro, quando depois de eſpirar, eſtando a noite muy eſcura, viraõ ſobir dos telhados do Moſteiro para o Ceo huma nuvem muy clara; o que notaraõ com admiraçaõ; e no dia ſeguinte contavaõ eſta maravilha, e foraõ ſaber com curioſidade quem era a defunta; Souſa na III. Parte fol. 103; Soveges, no *Anno Dominicano*, neſte dia.

D Na Comarca de Lamego naſceo Fr. Theodoſio de Saõ Bento. O livro dos *Obitos* deſte Moſteiro, que tivemos em noſſo poder, nos diz, que faleceo neſte dia do anno de 1631, e nos naõ dá mais noticias, que as que ſómente temos referido.

JULHO IX.

AM Mertola Villa da Provincia de Alentejo, he muy celebre a memoria de Saõ Briſſos, Biſpo de Evora, Varaõ de taõ louvaveis virtudes, que mereceo naquelle tempo occupar a Cadeira de taõ Inſigne Dioceſe, na qual foy muy copioſo o fruto da ſua admiravel doutrina, de que reſultou grande converſaõ de almas. Por Divina inſpiraçaõ paſſou aos povos Vacceos, que reduzio à verdadeira Fé, com grande gloria da Religiaõ Catholica. Depois em Segiſamona, foy taõ efficaz a ſua prégaçaõ, que a muitos fez publicamente deteſtar os falſos idolos, ſó por adorarem ao Verdadeiro Deos. E paſſando aos povos Baſtetanos, e Caſtulonenſes, aonde já tinha dado luzes da Ley Evangelica, e corroborando huns com ſãos conſelhos, converteo outros a adorarem os verdadeiros Myſterios da noſſa Fé; e deixando-os enriquecidos de taõ ſaudavel doutrina, voltou à Segiſamona, que foy a que mais lhe opprimio ſeu eſpirito; e ajuſtadas as materias pertencentes à Religiaõ Chriſtãa, voltou para o ſeu Biſpado. Em Mertola (antiga Cidade do Biſpado de Evora) exercitou os fervoroſos impulſos da ſua charidade, aonde colheo louvaveis frutos da prégaçaõ Evangelica, com a qual reduzio a muitos já eſquecidos da Ley de Jesu Chriſto. Era por eſte tempo Preſidente de toda a Luſitania, Marciano inimigo acerrimo da noſſa Santa Fé, que ſabendo como o Santo Prelado, com zelo de verdadeiro Paſtor, apaſcentava o ſeu rebanho com a doutrina da Ley da Graça, e que ſem poupar trabalho viſitava todos os lugares, para induſtriar, e corroborar na Fé as tenras plantas do novo Chriſtianiſmo, e

S. Briſſos Biſpo de Evora.

que

que com impavido ſemblante os animava para a conſtancia no Martyrio, o mandou prender, e com aſpereza o reprehendeo, dizendo-lhe, naõ lhe quizeſſe apartar os ſeus povos da adoraçaõ dos Deoſes, pelos fazer Chriſtãos, deſprezando deſta ſorte temerariamente os edictos do Emperador. Foy grande a conſtancia, com que viveo no carcere, ſoffrendo açoutes, e incriveis tormentos; e como perſiſtiſſe na verdade, que prégava, o mandou o Preſidente pôr no equleo, onde cruelmente foy de novo atormentado, com tal barbaridade, que perdida a figura do corpo, naõ tinha mais fórma, que a de hum deſpedaçado cadaver; e naõ podendo ainda neſte eſtado vencer a ſua conſtancia, o mandou fechar no carcere, novamente intoleravel com aſqueroſos tormentos. Ficou o Santo Biſpo desfigurado com os martyrios; mas taõ firme, que naõ podendo com as vozes, articulava no coraçaõ infinitos louvores a ſeu Creador, rendendo-lhe as graças da fortaleza, que lhe dera, para ſoffrer pelo ſeu amor taõ horriveis tormentos, os quaes lhe gratificou o Senhor com Celeſtes premios. Eſtava o Santo Biſpo em oraçaõ, quando no mayor ſilencio da noite reſplandeceo o carcere, e entre Celeſtes reſplendores, lhe appareceo Saõ Pedro de Rates, acompanhado de Angelicas eſquadras, e fallando ao Santo Martyr Briſſos, o reſtituîo por virtude Divina à inteira ſaude, ſuccedendo naquelle meſmo inſtante (caſo eſpantoſo!) por toda a Cidade, hum taõ grande terremoto, que parece a queria ſobverter, padecendo de ſorte a caſa do Preſidente Marciano, que foy com ella a ſua peſſoa, merecido eſtrago da Juſtiça Divina. Tendo Saõ Pedro ſarado das feridas ao glorioſo Saõ Briſſos, o poz livre do carcere, e entre as meſmas luzes deſappareceo; o que viſto pelo Santo Prelado, deu muitas graças a Deos, e com novos alentos, como quem eſtava animado pelo Ceo, começou com mayor fervor a prégaçaõ em a Betica, e logo por toda a Luſitania, e Tarraconenſe, com incanſavel zelo da ſalvaçaõ das almas; e depois de taõ largos caminhos, voltando para a ſua Igreja, cheyo de boas obras, e annos, ſe foy a gozar da gloria merecida pelos ſeus trabalhos, com o titulo de Confeſſor, cuja alma foy viſta de todos voar, em figura de candidiſſima pomba, para receber na Celeſte Jeruſalem a immarceſſivel Coroa da Gloria.

Em

B Em Santa Cruz de Coimbra, he muy celebre a memoria de D. Pedro Seguino, Varaõ douto, e pio, hum dos primeiros diſcipulos de Saõ Theotonio, em quem a ſua doutrina, e exemplo luzio de ſorte, que exercitado em louvaveis virtudes, e obras da vida commua, foy eſcolhido pelo meſmo Santo para Biſpo da Igreja de Orenſe, quando o Cabido deſta Cathedral lhe pedio hum Religioſo daquella reformada familia para ſeu Prelado. Neſta dignidade ſeguio a vida Clerical, que tinha profeſſado, dando com o ſeu exemplo huma ſingular edificaçaõ a todos os ſeus ſubditos, de quem foy muy amado. *D. Pedro Seguino Biſpo de Orenſe.*

C Neſte dia, na Cidade de Bragança, concluîo a mortal carreira, a virtuoſa Donzella Paula de Antas de Macedo. Criaraõ-na honeſtamente ſeus pays, fazendo mais ſuave o enſino a inclinaçaõ, que tinha à virtude. De tenrros annos fez voto de caſtidade, naõ conſentindo, que ſe lhe fallaſſe em mais Eſpoſo, do que o do Ceo. Deſde menina frequentou os Sacramentos; e da continuaçaõ, com que recebia o da Sagrada Euchariſtia, ſe lhe ſeguio huma ſingular uniaõ com Deos, que a abſtrahio do commercio humano, com hum tal recolhimento, que todo o tempo gaſtava em oraçaõ, ou em eſpirituaes exercicios. Tomou o Habito de Terceira de S. Franciſco, cujo exemplo ſeguio com muita devoçaõ. Naõ conſentia, que na ſua preſença ſe diſſeſſe mal do proximo; porque queria todo o tempo empregado em louvores de Deos: e aſſim moſtrava aos circuſtantes o diſſabor, que lhe cauſavaõ ſemelhantes converſações. Affligia com exceſſo o ſeu corpo com aſperas diſciplinas de ſangue: diante de huma caveira ſe começava a ferir taõ cruelmente, que naõ deſcanſava, ſe naõ depois, que regava o chaõ; e para que naõ foſſe patente a peſſoa alguma os exceſſos da ſua penitencia, tomava hum pano de eſtopa largo, e o punha aos pés, para que nelle ſe enſopaſſe o ſangue, e ſecretamente ella meſma o lavava. Deſte odio, com que tratava o ſeu corpo, naſcia trazello ſempre cheyo de chagas, mas nem eſte exceſſo a obrigava a deixar hum cilicio de ferro de agudas pontas, que trazia à raiz da carne, quebrantando aſſim de toda a ſorte rigoroſamente os brios da idade, e do ſangue. O ſeu apoſento era huma eſtreita caſinha; nella dormia ſobre humas taboas, e forçada da obediencia admittio hum ban- *Paula de Antas de Macedo Terceira Franciſcana.*

banquinho baixo, que lhe ſervia de cabeceira: inda em taõ penoſa cama repouſava muy pouco; porque já nos ultimos annos naõ permittia o ſeu eſpirito, que deſcançaſſe o corpo mais de hùma até duas horas; todo o mais tempo da noite vigiava elevada em profunda oraçaõ, com que ſatisfazia ao abrazado do ſeu amor no continuado do exercicio. O jejum de paõ, e agua, era muy continuo, e taõ rigoroſo, que muitos dias paſſava ſem comer couſa alguma. Nas ſeſtas feiras naõ bebia, por mayor que foſſe a ſede, por compenſar a que Chriſto padeceo na Cruz. Os delicados peitos battia com hum tijolo, à maneira do que na Paleſtina fazia Saõ Jeronymo. Os pés, que naõ trazia deſcalços por decencia, mortificava extraordinariamente, metendo nos ſapatos huns ſeixinhos meudos, que lhos feriaõ. Eſtas crueis invenções, com que ſe mortificava, reprimia a prudencia dos Confeſſores, a que promptamente obedecia; porém como os effeitos do Amor Divino ſe naõ eſcondiaõ, moſtrando a liberal maõ com que favorecia a ſua ſerva, lhe tornavaõ a dar licença para continuar nos ardores do ſeu eſpirito. Vivia abrazada em deſejos de padecer por Chriſto; e aſſim toda a ſua ancia era pelo martyrio. Dizia, que nada obrava no que fazia, por quem taõ finamente padeceo por ella. Daqui lhe naſcia huma grande devoçaõ à Paixaõ, em que ſempre meditava, ſendo as Chagas de Chriſto eſpecial ſatisfaçaõ do ſeu amor. Venerava com extremo o Santiſſimo Sacramento do Altar, ſendo tal a devoçaõ com que commungava, que desfazia o coraçaõ em rios de lagrimas, deixando admirados os Sacerdotes do reconhecimento da ſua Fé; de que ſe ſeguia hum tal acatamento, e reſpeito, que tendo licença para commungar todos os dias, ſe abſtinha, deixando paſſar dous, ou tres, privando das dilicias Celeſtes ao ſeu eſpirito, para conſervar o reſpeito do ſeu Eſpoſo. A charidade com os pobres foy admiravel, ſendo mais ſenſivel ao ſeu compadecido coraçaõ, ver peſſoas honradas, recolhidas, neceſſitadas, e ſecretamente as ſoccorria, ſuccedendo algumas vezes pelas circunſtancias, preſumirſe fora aquelle conhecimento effeito de revelaçaõ Divina. A humildade luzio nella em gráo heroico, com tal deſprezo da ſua peſſoa, que ſe tinha pela mais vil, e indigna creatura, que Deos ſuſtentava no Mundo. Eſte abatido conceito a obrigava a repetir confiſſoens geraes, para chorar

rar com nova dor a memoria das culpas. Muitas vezes dizia, que eſtimara a enterraſſem em hum monturo, como os brutos, para que teſtemunhaſſe a ſepultura, o que merecia o ſeu corpo; e vendo que o naõ poderia conſeguir, pedio, que a enterraſſem no cemeterio commum entre os Terceiros pobres. As injurias ſupportou ſempre com ſocego, e paz interior do eſpirito, ſem que lhe ſerviſſe de embaraço ſer avaliada por hypocrita, e invencioneira da gente da ſua caſa. Tinha grande receyo de offender a Deos, e aſſim lhe pedia a morte, para que naõ cahiſſe na deſgraça de o offender: por eſte fim pedia aos Prégadores huma Ave MARIA. No ultimo dia, que commungou no Collegio da Companhia, diſſe ao ſeu Confeſſor, que aquella ſeria a ultima vez, que naquella Igreja recebeſſe a Communhaõ, e depois moſtrou o ſucceſſo o myſterio das palavras. No dia ſeguinte foy ao Lugar de Saõ Lourenço, onde tinha ſua irmãa: nelle ſe deteve tres dias. No dia de S. Pedro, e Saõ Paulo foy à Igreja a ouvir o Sermaõ, e commungou com a coſtumada devoçaõ: aqui ſe deſpedio das Imagens, a que coſtumava fazer particulares devoçoens. Chegando a caſa lhe deu huma ardente febre, que a obrigou a voltar para a Cidade, e logo ſe lhe declararaõ humas terçans dobres continuas. Era o corpo de ſua natureza debil, e gaſtado das penitencias, e aſſim naõ podia reſiſtir ao mal: durou ſeis dias; nelles foraõ continuos os actos do amor de Deos: commungou duas vezes, huma por Viatico, e outra por devoçaõ: depois de predizer o dia da ſua morte, recebeo a Santa-Unçaõ, dizendo, que era chegado o tempo; e quando pelo achaque naõ podia fallar, dava ſinaes aos Religioſos, para que a abſolveſſem, e lhe rezaſſem o Officio da Agonia: nelle largou as prizões do corpo a ſua alma, ſem fazer movimento algum, de ſorte que naõ foy a morte percebida dos circunſtantes; e deixando-os banhados de ſaudoſas lagrimas, ſe foy a lograr da Eternidade; e ſendo o roſto macilento, e quebrado das continuas mortificações, que parecia o retrato da morte, ficou fermoſo, e taõ agradavel, que moſtrava a gloria, que a ſua alma poſſuía.

D Em Evora, no Moſteiro de Santa Catharina de Sena, mudou o domicilio da terra, pelas eternas moradas do Ceo, Sor Filippa da Madre de Deos, deixando huma glorioſa me- *Sor Filippa da Madre de Deos Dom.*

moria da ſua vida; porque jejuava a paõ, e agua todas as ſeſtas feiras do anno, e nas veſperas dos dias, que commungava, e nas de Noſſa Senhora. Era muy dada à oraçaõ, na qual perſeverava, ficando no Coro depois de Matinas, até pela manhãa. Nas penitencias ſe havia aſpera, e cruelmente, ſendo as diſciplinas quaſi ſempre de ſangue, e a cura mayor mortificaçaõ; porque era de ſal, e vinagre, ſendo eſta cura mais ſenſivel, ainda do que o tormento: e aſſim continuando a vida, a que ajuntava ſer muy exacta na obediencia às Preladas, acabou com opiniaõ de virtude.

Commentario ao IX. de Julho.

FIca Mertola em 12 gráos, e 15 minutos de longitude, e 37, e 5 minutos de latitude, entre as Cidades de Beja, na Provincia de Alentejo, de que diſta nove legoas para o Sul, e da de Silves no Reyno do Algarve: diſta onze legoas do mar Occeano, onde ſe recolhe o rio Guadiana, que corre ao pé della do Norte ao Sul. No II. Tomo do *Agiologio Luſitano*, fol. 206, ſe moſtra, que foy Cidade, e o provaõ as Chronicas do noſſo Reyno: nelle ſe póde ver a ſua antiguidade, e grandeza, onde remetemos o curioſo Leitor; porque nós ſeguindo a meſma ordem, naõ referimos o que já nelle ſe tem eſcrito.

Foy Saõ Briſſos, natural de Mertola, e Biſpo de Evora, e o terceiro no numero dos Prelados, que occuparaõ a Cadeira deſta Dioceſi, como veremos, ſe Deos nos der vida, nas noſſas *Memorias das Dignidades Eccleſiaſticas, e Militares do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.* E ſuppoſto naõ achamos Biſpos na Igreja de Evora deſde Saõ Mancio, que floreceo pelos annos de 90, até os annos de 300, he ſem duvida que os houve, inda que nos faltaõ as noticias dos ſeus nomes; porque a veneravel tradiçaõ deſta Sé, nolo affirma de tempo immemoravel, ſendo Saõ Jordaõ o ſegundo, que contamos, como ſe verá no dia 6 de Agoſto. No termo de Monte mór o novo tem Saõ Briſſos huma Freguefia do ſeu nome, e no de Mertola a Ermida, que a tradiçaõ conſerva ſer habitaçaõ ſua; no que póde haver pouca duvida, por o Santo viver por aquellas partes. O Licenciado Jorge Cardoſo, no lugar citado dia de Saõ Baraõ, que he a 17 de Março, tem para ſi, que Saõ Baraõ, e Santa Barbara, foraõ irmãos de Saõ Briſſos, naturaes deſta Villa, como quer a tradiçaõ dos ſeus moradores, pelo que ſe vem ſeguidas as ſuas Ermidas; a de Saõ Briſſos huma legoa da Villa, a de Saõ Baraõ legoa, e meya; e a de Santa Barbara tres; o que tambem ſegue o Padre Manoel Fialho da Companhia de Jeſus, no ſeu livro, como nos diz por huma carta, que nos fez merce de eſcrever. Nas memorias, que temos viſto do noſſo Santo Biſpo, naõ ſe faz menção de tal irmandade; porém he tal a veneraçaõ que temos à erudiçaõ do Licenciado Jorge Cardoſo, que nos naõ atrevemos a contradizello, nem a ſeguir os Authores, que em differentes annos daõ a Saõ Baraõ; porque ſe houveramos de dar credito ao *Exame de antiguidades* m. ſ. que allega Fr. Antonio da Purificaçaõ, na I. Parte da *Chronica dos Eremitas de Santo Agoſtinho*, diz, que Saõ Baraõ morreo pelos annos de 700. Na *Benedictina Luſitana*, part. 1. fol. 438, ſe faz menção de Saõ Baraõ, ou Varaõ, como lhe chamaraõ outros, e allegando o Author do *Theatro Triunfal*, lhe dá o anno de 630. Ambas eſtas Chronologias ſe affaſtaõ muito do noſſo Santo Briſſos, que morreo pelos annos de 308; porém como Cardoſo vio eſtes Authores, e nos naõ daõ fundamentos, com que deſtruamos aquella tradiçaõ,

tradiçaõ, nella aſſentamos, entendendo que foraõ muito mais antigos, do que elles querem.

No *Martyrologio Romano*, ſe faz menção de outro Santo do meſmo nome de Briſſos, a 13 de Novembro, diſcipulo de Saõ Martinho, Biſpo Turonenſe, a quem ſuccedeo no Biſpado, como eſcreve Surio no meſmo dia, e Baillet; Filippe Ferrario, traz Saõ Briſſos a 9 de Setembro, em Eſpoleto de Italia, que foy Biſpo de *Marta*, o qual naõ póde fazer nenhuma equivocaçaõ com o noſſo Santo, inda que elle o pertenda fazer; porque ao ſeu livro dá eſte titulo: *Cathalogus Sanctorum, qui in Martyrologio Romano non ſunt.* E o noſſo Santo Briſſos refereo o *Martyrologio Romano antigo*, a 9 de Julho, e o moderno: *Martulæ Sancti Brictii Epiſcopi.* E o meſmo referem todos os Authores abaixo allegados. Que *Martula* ſeja a noſſa Mertola, naõ o duvida ninguem, que tem conhecimento da Geografia antiga, onde ſe acha com o nome de *Myrtilis*, de que faz memoria Plinio, no liv. 4. cap. 24; e Cellario no ſeu livro: *Notitia Orbis antiqui*, liv. 2. cap. 1. fol. 51, impreſſo em Cantuaria no anno de 1702, Obra moderna, e muy douta a juizo dos Geografos: nella ſe naõ acha mais do que Martario, e ſuppoſto, que no Lexicon de Baudran ſe ache *Martulana, ſeu Martana, urbs olim Italiæ in Umbria, in qua Sanctus Britius Epiſcopus Spoletanus ſibi Sedem Epiſcopalem conſtituerat*, naõ póde fazer equivocaçaõ com a noſſa Mertola; porque nas Geografias antigas ſe faz menção deſta, e Baudran tirou eſta memoria de Ughello, Author moderno, que tudo quiz meter em Italia. Demais, que em nenhum Author achamos, que Saõ Briſſos foſſe Biſpo de Mertola, ſenaõ de Evora, e natural daquella Villa; e modernamente Martiniere, no grande *Dicionario Geografico, e Critico*, que imprimio em dez volumes, fallando de Mertola Villa de Portugal, diz, que o ſeu nome he corrompido do de *Myrtilis*, que ella teve em outro tempo. O Cardeal Baronio, nas notas ao *Martyrologio*, neſte dia, fallando deſte Santo, naõ diz donde foſſe Biſpo, mas que era natural de Heſpanha, e naõ de Italia, e o affirma com eſtas palavras: *In actis Sanctorum Abundii & Carpophori (qualiacumque ſint) multa de Brictio ſcripta habentur de his, quæ paſſus eſt ſub Marciano Proconſule temporibus Diocletiani Imperatoris.* No dia 10 de Dezembro, quando trata deſtes Santos, diz pertencerem a Sevilha, moſtrando que erradamente ſe eſcreveo *Hiſpalitano* por *Hiſpalenſe*, os quaes padeceraõ na perſeguiçaõ de Diocleciano, ſendo Preſidente Marciano, que foy o meſmo que poz em tormentos Saõ Briſſos, como temos viſto, e ſe vê claramente o pouco fundamento de querer levar eſte Santo a Italia, ſendo da noſſa Villa de Mertola, antiga Cidade, conhecida com o nome de *Julia Myrtilis*. O Eruditiſſimo Padre Conrado Janingo, no *Opuſculo preliminar*, que anda no Tomo I. *Acta Sanctorum Julii*, nega que eſte Santo ſeja Heſpanhol, e Biſpo de Evora, cap. 3. pag. 21, e cap. 7. pag. 39; e depois no dia 9 de Julho. O inſigne D. Nicolao Antonio, Varaõ Doutiſſimo, no livro *Cenſura de Hiſtorias Fabuloſas*, liv. 6. cap. 3. §. 13, &c. nega tambem, que eſte Santo pertença a Mertola, e que foſſe Biſpo de Evora, com o fundamento de que antes dos Chronicoens, naõ havia noticia nos Authores Portuguezes deſte Santo; pois naõ eſqueceria ao Doutiſſimo André de Rezende, nas *Antiguidades de Evora*, que verteo em Latim André Eſcoto, nem no *Breviario Eborenſe*, que imprimio no anno de 1548, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique, entaõ Arcebiſpo: falta de noticia em homens taõ Doutos, nos poem na meſma duvida, ſuppoſto nos naõ perſuadimos totalmente, que naõ foſſe Portuguez, e Biſpo de Evora.

Eſta Igreja o tem por ſeu Biſpo: aſſim nella ſe conſerva memoria, e o ſeu retrato na caſa do Cabido, com letreiro que o diz; e no famoſo Santuario deſta inſigne Metropoli, ſe vê huma Imagem ſua de vulto, veſtida de Biſpo, com reliquia deſte Santo; o que tambem affirmaõ muitos Authores graves, aſſim Portuguezes, como Heſpanhoes, ſem que nos ſeja neceſſario valer da authoridade de Dextro, para corroborar a noſſa opiniaõ; porque reconhecemos o pouco credito, que eſte Author, e os demais Chronicoens, tem hoje entre os Criticos modernos, que os tem por apocrifos, e inventados, e por taes os declarou a noſſa Real Academia da Hiſtoria Portugueza, a 20 de Agoſto de 1721, anda na Collecçaõ do dito anno; porém

naõ podemos negar, que houve eſtes Authores, debaixo de cujos nomes ſe pertendeo dar infalivel authoridade, como a Coetaneos, a Marco, Maximo, Dextro, Luitprando, Juliaõ Peres; e tambem outros inventados, que ſe começaraõ a publicar do anno de 1596, como moſtrou egregiamente o Doutiſſimo D. Nicolao Antonio, na *Cenſura de Hiſtorias Fabuloſas*, Obra poſthuma, que deu a luz o erudito D. Gregorio Mayans e Siſcar, impreſſo em Valença, no anno de 1742. E ſuppoſto os inventores deſtes falſos livros, referem muitas couſas, que naõ merecem credito na Hiſtoria, com tudo da meſma antiga de Heſpanha, ſe valeraõ do que lhe pareceo davaõ mais authoridade, e juntamente corroborando as patranhas, que inventaraõ com ſucceſſos verdadeiros, que ſe naõ devem omittir, por os fabricadores dos Chronicoens o haverem enxerido nelles; aſſim naõ deixaremos de referir algumas, pelo receo de ſe acharem nos falſos Chronicoens; porque naõ he apadrinhado da ſua fé, mas ſim da tradiçaõ da Hiſtoria Eccleſiaſtica do noſſo Reyno, e das Chronicas antigas delle, e dos irrefragaveis teſtemunhos dos Archivos Reaes, e particulares das Cathedraes, e Conventos inſignes, a que ſe deve todo o credito, e quanto cabe na fé humana: pelo que tal vez os allegaremos como hũ Author, e naõ como baze, e fundamento da materia, que tratarmos, como agora fazemos, para dizer, que Saõ Briſſos foy livre do carcere, por Saõ Pedro de Rates, e naõ pelo Apoſtolo Saõ Pedro, como dizem alguns Authores, ſendo a razaõ a de naquelle tempo ſe chamar a Saõ Pedro de Rates o Apoſtolo de Portugual, como advertio Cardoſo no II. Tomo a 26 de Abril, dia deſte Santo, e Tamayo com o primeiro Concilio Bracharenſe, convocado por Pancracio Biſpo daquella Igreja. Da realidade deſte Concilio, ſe veja a Diſſertaçaõ, que fez o erudito Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira, noſſo Academico da Academia Real, e anda no III. Tomo das Collecções da meſma Academia, do anno 1723. Porém materia he eſta, em que naõ nos alargaremos; porque, ou foſſe livre pelo Apoſtolo Saõ Pedro, ou por Saõ Pedro de Rates, Apoſtolo da Luſitania, he certo, que Saõ Briſſos, foy tirado do carcere milagroſamente. Trataõ deſte Santo Biſpo, o *Martyrologio Romano*; Oſuardo; o Biſpo Equilino; Adon; o de Franciſco Maurolico, todos neſte dia; D. Joaõ Tamayo no *Hiſpano*; Manoel de Faria e Souſa, na III. Parte da *Europa Portugueza*, fol. 193. Boſch. *En el Triunfo de los Santos*, neſte dia; Cauſino, *Corte Divina Ephemer.* de Julho.

B A Cidade de Orenſe, no Reyno de Galiza, de que ſe faz menção no Commentario do dia 2 de Janeiro, e no de 18 deſte, letra A, teve por Biſpo a D. Pedro Seguino, de naçaõ Francez, Conego de Santa Cruz de Coimbra, hum dos primeiros, que habitaraõ aquelle Real Convento. Começou a governar eſta Igreja no anno de 1157, e ſe exercitou no Paſtoral Officio, até o anno de 1169, em que acabou ſantamente. Todas as memorias, que achamos deſte Prelado, ſaõ muy breves; mas todas o trataõ por Varaõ Santo. No ſeu tempo, trasladou àquella Igreja o corpo da glorioſa Virgem Martyr Santa Euferia, de quem foy muy devoto, e por iſſo ſentia, que eſtiveſſe taõ precioſo theſouro, em huma taõ pequena Igreja, e pelo ſitio incapaz de obra ſumptuoſa; e para o fim de conſeguir o effeito, que deſejava, ſe apparelhou com orações, jejuns, penitencias, mandando encommendar com orações em todo o ſeu Biſpado eſte negocio; e movido por ſuperior inſpiraçaõ, invocou à meſma Santa, a quem deſejava agradar naquella pertençaõ, tomou-lhe huma Novena, e ſe deixou ficar na ſua Igreja, para que em dia oportuno podeſſe com diſſimulaçaõ dos moradores do Rio Caldo, que já zeloſos guardavaõ com ſintinelas à viſta o corpo da Santa, de que deſcuidando-ſe por vontade de Deos, naõ deraõ fé do piedoſo roubo, ſenaõ a tempo de que era inutil o ſeu cuidado. Levou o Santo Biſpo as Santas Reliquias, e as collocou em Capella propria na Sé, donde ſe veneraõ, e conſervaõ com grande cautela, como veremos a 17 de Agoſto, dia da ſua Trasladaçaõ. Foy o Biſpo D. Pedro, Confeſſor delRey D. Fernando, Rey de Leaõ, como conſta de hum Privilegio, que concedeo àquella Igreja, onde diz: *Amigo, y Maeſtro de ſu conciencia*, como refere Gil Gonçalves de Avila, no *Theatro Eccleſiaſtico das Igrejas de Caſtella*, tom. 3. fol. 386. Delle fallaõ

fallaõ o Licenciado Jorge Cardoſo, no Commentario do dia 14 de Fevereiro, letra A; dizendo, que traduzio em Galego o livro de Servando, Biſpo deſta Igreja. O Padre Franciſco da Cruz, nas memorias m. ſ. que tinha junto para a Bibliotheca Luſitana, faz menção delle... O livro dos *Obitos* de Santa Cruz de Coimbra, ſe lembra delle, como ſeu Religioſo: *Septimo Idus Julii obiit Dominus Petrus Seguinus Aurenſis Epiſcopus Canonicus S. Crucis.* O Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Hiſtoria de Braga*, fol. 139; a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. fol. 499; Tamayo, *Martyrologio Hiſpano*, no dia XVII. de Agoſto.

C Na Cidade de Bragança, naſceo Paula de Antas de Macedo: foraõ ſeus pays Manoel da Coſta Carneiro, e Maria de Antas, das mais nobres familias da Provincia de Traz os montes. Faleceo no anno de 1679, neſte dia. Os ſeus parentes lhe deraõ honorifica ſepultura, junto à Capella dos Borges, ſem embargo de ella pedir a enterraſſem no cemiterio commum dos Irmãos Terceiros; mas com razaõ o fizeraõ, para que ſe naõ perdeſſe a memoria de huma Serva de Deos de vida taõ auſtéra, e penitente, como temos viſto. Foy o ſeu Confeſſor hum Religioſo da Companhia douto, que teſtemunhou, que eſtando bem doente de ſezões, no dia do ſeu tranſito ficou livre dellas, pedindo à Serva de Deos intercedeſſe por elle. A mãy deſta virtuoſa mulher, eſtando com huma febre maligna deſconfiada dos Medicos, já ſacramentada, affirmou, que livraria do mal, e em breve teria ſaude. Aſſim ſuccedeo com admiraçaõ de toda a caſa, que atribuîo aos merecimentos da filha, a ſaude da mãy. Tudo o que della eſcrevemos tiramos de Fr. Luiz de Saõ Franciſco, na *Origem da Ordem Terceira*, fol. 479, a quem o ſeu Confeſſor deu huma Relaçaõ da ſua vida.

D Pelos annos de 1611, faleceo Sor Filippa da Madre de Deos, de quem faz menção Souſa, na III. Parte das *Chronicas da Ordem*, liv. 3. cap. 26. fol. 283; e o *Agiologio Dominico*, neſte dia.

JULHO X.

AM Africa, na Cidade de Ceſaréa, a illuſtre victoria de Saõ Marino, natural da inclita Cidade de Lisboa, oriundo de eſclarecida familia Romana; mas muito mais illuſtre pelo glorioſo Martyrio, com que enobreceo a ſua Patria, a qual deixou por paſſar a Africa, donde acompanhado de eſforçados companheiros, Profeſſores do Sagrado Evangelho, zombaraõ, e eſcarneceraõ dos dilirios, que ſeguiaõ os Arrianos, e Donatiſtas. Foy Saõ Marino, taõ fiel defenſor da noſſa Santa Fé, que com impavido animo, ſe demorou na Cidade de Ceſaréa, donde por aquelle tempo, era rigoroſa a perſeguiçaõ do cruel Juliano Apoſtata, que com inſaſiavel ſede queria extinguir o Nome de Jesu Chriſto, com as vidas dos Fies diſcipulos da ſua Ley, e com publicos edictos, e ſeveras comminações obrigava, a que abjuraſſem todos a Ley Evangelica, o que com generoſo animo deſprezou publicamente Saõ Marino; pelo que foy prezo no carce-

S. Marino Martyr.

re,

re, acompanhado dos Santos Januario, Nabor, e Felix, donde foy levado à preſença do Juiz; e porque perſeverando nos louvores de Chriſto, naõ quizeſſe deteſtar as ſagradas verdades da ſua Ley, depois de ter padecido varios generos de martyrios, lhe cortaraõ a cabeça, e com ella a invencivel palma da Gloria.

Thomé, e Gonçalo Japoens.

B No meſmo dia, em Vomura, foraõ degolados em odio da Fé, Thomé Moguſuk, e Gonçalo Bonſaxi, como valeroſos ſoldados de Chriſto, ſem que o amor da Patria, ou o exemplo dos parentes, lhe tiraſſem do coraçaõ a doutrina do Evangelho, que profeſſaraõ, pela qual mereceraõ ſer coroados com eternos louvores na Bemaventurança.

A Madre Sor Elvira da Cruz Dominic.

C Em o Dominicano Moſteiro da Villa de Monte môr o novo de Noſſa Senhora da Saudaçaõ, acabou, cerrando as clauſulas de huma vida innocente, com morte precioſa, a Madre Sor Elvira da Cruz, de taõ curta idade, que naõ chegou a cumprir dezaſeis annos; mas de coſtumes taõ candidos, que podia ſervir de exemplo às idades mais provectas. A ſua vida naõ foy mais, que hum deſejo da morte, como quem nella eſperava o principio da Gloria. Todo o tempo empregava em Celeſtes conſiderações, abrazada em deſejos de ſe ver unida ao ſeu Divino Eſpoſo, meditando o que lhe devia, e como por ſeu amor fora crucificado na Cruz; e aſſim abſorta em ardentes deſejos, ſuſpirava pela ſua viſta, rompendo em ſentidas jaculatorias, ſendo a mais commua: *Amor meus crucifixus eſt.* Adoeceo, e aggravandoſe-lhe a doença, lhe deraõ conta de que a mandava ungir o Medico: recebeo com alegria eſta nova, e naõ cabendo no coraçaõ, ſe lhe via hum ſemblante aprazivel, e hum animo ſocegado; e pronunciando com a boca cheya de rizo: *Amor meus crucifixus eſt*, lhe entregou a ſua candidiſſima alma.

Frey Jorge dos Santos Abbade Ciſterſienſe.

D No inſigne Moſteiro de Alcobaça, Cabeça da Congregaçaõ Ciſterſienſe neſte Reyno, eſtá muy viva a memoria da Religioſa vida, e ditoſa morte do Padre Fr. Jorge dos Santos, que por ſua muita virtude, e regular obſervancia, foy eleito em D. Abbade Geral da ſua Congregaçaõ. Occupou eſte lugar com notavel zelo da gloria de Deos, e augmento eſpiritual da Monachal Familia, fazendo obſervar as cerimonias da Ordem, com grande perfeiçaõ, e ſervir com grande reverencia

rencia o culto Divino, e todas as mais obrigações da Regra com pontualidade. Ornado de precioſas virtudes, eſperou a ultima hora da vida, aſſiſtido de muitos Religioſos, que o reverenciavaõ como pay, em cuja preſença, com o Santiſſimo Crucifixo, e a véla na maõ, deu a alma ao ſeu Creador, ficando depois de morto com o Santo Chriſto, e véla na maõ, como ſe eſtivera vivo; o que ſervio de mayor veneraçaõ aos Monges, pela grande opiniaõ, que naquella Caſa tinha a ſua virtude.

Fr. Aleixo Cotrim da Ordem Milit. de Chriſto.

E Em o ſumptuoſo Convento de Thomar, Cabeça da inſigne Militar Ordem de Chriſto, pagou o devido, e inexcuſavel feudo à morte, o Padre Fr. Aleixo Cotrim, Religioſo de tantas virtudes, que naõ em huma, mas em todas reſplandecia com igual emulaçaõ: viaſe-lhe na obediencia aos Prelados, junta com voluntaria pobreza; na prudencia dos governos da Religiaõ; na humildade, com que nelles ſe portava. Todos os dias dizia Miſſa, com grande devoçaõ, e recolhimento, tomando por idéa da perfeiçaõ no celebrar, ao Angelico Doutor Santo Thomás. Era obſervantiſſimo das leys, e ceremonias da Ordem, e naõ menos da Terceira Regra de Saõ Franciſco, que de idade de treze annos começou a guardar com tanta pontualidade, como ſe fora preceito, e naõ devoçaõ. Foy por varias vezes Meſtre dos Noviços, os quaes enſinava, mais com obras, e bom exemplo, do que com palavras; e aſſim foraõ admiraveis os frutos, que da ſua criaçaõ colheraõ ſeus diſcipulos. Amava ſobre tudo o recolhimento, e ſilencio; e aſſim nunca o viaõ fóra da cella, ſenaõ caminhando para o Coro, ou Confeſſionario, em que fez a Deos grandes ſerviços; como tambem com os ſeus Sermões, prégando com zelo da ſalvaçaõ das almas, à maneira dos Padres da primitiva Igreja, em que ſe naõ cuidava no concerto da locuçaõ, nem no applauſo do povo, ſenaõ ſómente em reprehender os vicios, e inſtruir na Religiaõ. Era de huma pura conſciencia, que acompanhou de duras penitencias, andando de ordinario cingido de aſperos cilicios, jejuando quaſi todo o anno, e na ſemana tres dias a paõ, e agua. Naõ bebia vinho, e obrigado dos Prelados, ſatisfez obedecendo, uſando delle alguns dias com grande ſobriedade. Finalmente attenuado das penitencias, e do ſerviço da Ordem, cahio enfermo de humas fezões, e

per-

preparando-ſe com grande cuidado, recebidos os Sacramentos com profunda devoçaõ, trocou eſte deſterro, pelas dilicias da Patria Celeſtial, que Deos tem preparado deſde o principio do Mundo aos ſeus eſcolhidos.

Commentario ao X. de Julho.

A Cidade de Ceſaréa Mauritana, cujo primeiro nome foy Jol, e depois em liſonja de Ceſar, ſe chamou Julia Ceſaréa, foy Cidade Archiepiſcopal, e Metropoli de toda a Mauritania Ceſarienſe: fica na borda do mar, em 17 gráos de longitude, e 33, e 20 minutos de latitude: he opulenta pelas prezas de ſeus habitadores, que continuamente infeſtaõ os mares de Heſpanha, e Italia. Alguns Authores entenderaõ, que eſta Cidade era a que hoje chamamos Argel, como foy D. Luiz de Marmol, na *Hiſtoria de Africa*, cap. 50. tom. 2. fol. 215, o que ſeguio Tamayo. Porém nós entendemos ſer outra muito differente, naõ menos, que com a authoridade de Nicolao Sanſon, que na ſua *Deſcripçaõ de Africa*, diz, que Julia Ceſaréa, he Teneſa, ou Tenes, o que tambem ſegue Baudran, no *Lexicon Geografico*; e conſultando nós ſobre eſta materia a Manoel Pimentel, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e Coſmografo môr deſte Reyno, e Senhorios de Portugal, inſigne profeſſor das Geografias, e Mathematicas, e hum dos mais elevados engenhos do noſſo tempo, naõ ſó neſta ſciencia, mas em huma univerſal erudiçaõ, em que he eminente, nos confirmou neſta opiniaõ, de que he Teneſa, na boca do mar Mediterraneo, Cidade do Reyno de Argel, à qual dá nome à Provincia Teneſa, e diſta de Argel 125 milhas para o Occidente, e 90 de Oran. Ultimamente vimos Martiniere, no ſeu grande *Diccionario Geografico*, Tomo III. onde ſegue o meſmo.

Neſta Cidade, padeceo martyrio neſte dia, no anno de 362, na cruel perſecuçaõ do Apoſtata Juliano, Saõ Marino, noſſo compatriota, naſcido na Cidade de Lisboa, muy differente de outro Santo Martyr do meſmo nome, que padeceo em Ceſaréa de Paleſtina, em tempo de Galieno, como já deixou provado D. Joaõ Tamayo, no II. Tomo a 3 de Março, letra B; Argaiz, no I. Tomo da *Poblacion de Heſpanha*, part. 2. fol. 216, diz, que a elle ſe lhe deve, deſcobrirlhe Patria à Segovia, ajudando-ſe do ſeu Auberto, e como já temos dito, que a eſte, e ſemelhantes Authores do Padre Argaiz, naõ damos credito, nem elle o merece, pelas innumeraveis fabulas, que ajuntou. Que ſeja noſſo Portuguez, além de o affirmarem graves Authores, aſſim Portuguezes, como Heſpanhoes, ſe prova com haver na Cidade de Lisboa Familia de Marinhos, taõ antiga, como ſe vê de huma pedra do tempo dos Romanos, que ainda hoje ſe conſerva de traz da Igreja Parochial de Santiago, a qual refere o Illuſtriſſimo Cunha, na Introduçaõ, à *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa.*

D. D.
L. Gaulio. L. F.
GAL. MARINO
AEDILI
VIBIA MAXIMA
AVIA ET
MARIA PROCUL
MATER HONOR
CONTENTÆ
D. S. P.

A ſua traduçaõ, conforme o referido Author, he a ſeguinte. Deu eſta dadiva a Lucio Caulio Galerio Marino Almotacé, ſeu filho Lucio, e ſua avó Vibia Maxima, e ſua mãy Maria Procula, contentes com as honras, que tinhaõ: foy feita à ſua cuſta. No *Nobiliario do Conde D. Pedro*, tit. 73. §. 1, achamos a Familia de Marinhos; o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, diz, que he muy provavel, que eſta Familia deſcendeſſe da Romana, e aſſim o entendem alguns Genealogiſtas de outras muitas, de que ſe ignora o principio, e naõ a antiguidade; e neſta conformidade, naõ o duvidamos:

damos: e naõ deixa de corroborar eſta noſſa opiniaõ, o que refere Tamayo neſte dia, allegando ao Biſpo D. Pedro Seguino, de quem fazemos menção a 9 deſte mez, nas adições a Servando Biſpo de Orenſe, fallando dos Marinhos de Galiza: *Marinos eſtos deſcenden de C. Mario, Governador de Galiza, tienen ſu Solar en la Isla de Salvora, y tierra de Goyas.* Bem poderia ſer huma, e outra a meſma, pela facilidade, com que os Portuguezes caſavaõ com os Galegos, como ſabem os que tem liçaõ de Familias, eſta taõ illuſtre nos tempos antigos, hoje taõ extincta, que della apenas ſe conſervaõ eſtas confuzas memorias da ſua nobreza. Do noſſo Santo Martyr Marinho, fazem mençaõ, o *Martyrologio Romano*; Beda; Uſuardo; Ado; e Baronio; o Hiſpanico de Tamayo; o Portuguez do Padre Alvaro Lobo; Boſchen, *el Triunfo de los Santos*, e outros neſte dia. O Douto André de Reznde, em huma Elegia m.ſ. que eſcreveo de alguns Santos Luſitanos, ſe lembra do noſſo com eſtes verſos.

Addere nunc libet his, quem olim dixere Marinum
Civem Ulyſſiponenſem, cui quoque verbera Maurus
Impegit ſolenſis atrox; quem Numina nobis
Commendant, vibrante ferox Apoſtata cultro
Adverſus Chriſti aſſeclas, quos perdere jurat.

O Padre Joaõ Bautiſta Solero, no Tomo III. de Junho da ſua Obra: *Acta Sanctorum*, pag. 32, naõ convém, que Saõ Marino ſeja noſſo Cidadaõ de Lisboa, imaginando que a inſcripçaõ, de que faz mençaõ Tamayo, ſeja tirada dos Sectarios Dextrarianos, no que ſe enganou; porque a pedra, de que acima fizemos mençaõ, exiſte ainda hoje na Igreja Parochial de Santiago, à viſta de todos, onde muitas vezes a vimos.

B A cruel perſeguiçaõ, que o demonio levantou no Japaõ, ſendo Emperador Daifuſama, encheo o Ceo de Martyres, e nos illuſtra o Agiologio tantas vezes, com a memoria daquellas bemaventuradas almas, entre as quaes he numerada a de Thomé, e Gonçalo, que padeceraõ martyrio no anno de 1624; de que ſe lembra Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, fol. 294.

C Era Sor Elvira da Cruz, filha de D. Violante Henriques, e de D. Martinho, a quem nas *Chronicas da Ordem de Saõ Domingos*, naõ daõ appellido, por ſe perder a memoria (notavel deſcuido, privar huma Familia Illuſtre de huma taõ glorioſa deſcendente!) Porém nós perſuadidos do nome, entendemos poder ſer filha de D. Martinho Soares de Alarcaõ, Alcaide mór de Torres Vedras, e de ſua mulher D. Violante Coutinho, a quem alguns Nobiliarios deraõ o appellido de Henriques, tal vez perſuadidos, de que tomaria o nome inteiro de ſua avó D. Violante Henriques, ſegunda mulher de Fernaõ Martins Maſcarenhas, Senhor de Lavre, e Capitaõ dos Ginetes, de quem foy filho D. Joaõ Maſcarenhas, que caſou com D. Margarida Coutinho, que foraõ pays de D. Violante, mulher de D. Martinho Soares de Alarcaõ, de quem conjecturamos ſer Sor Elvira filha, e fundados em que eſte nome o vemos repetido neſta Caſa; porque ſua viſavó, mulher de D. Martinho Soares de Alarcaõ, ſe chamava D. Elvira de Mendoça, o meſmo nome teve ſua tia, irmãa de ſeu pay, mulher de D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, de quem ſe faz mençaõ no Agiologio a 10 de Fevereiro, recolhida neſte Moſteiro, onde eſtá enterrada: nelle meſmo houve Sor Elvira da Annunciaçaõ, de quem trataremos a 26 de Outubro, que era ſua prima com irmãa, ſuppoſta a noſſa conjectura, a qual ajuda a computaçaõ do tempo, por ſer o meſmo, em que viveo Sor Elvira da Cruz, cuja morte foy pelos annos de 1514, no Reynado delRey D. Joaõ o III. a quem ſerviraõ eſtes Fidalgos. Nem nos faz embaraço, para deixarmos de ſeguir o referido, o naõ acharmos nomeada a Sor Elvira da Cruz, nos filhos que teve ſeu pay, nas Relações Genealogicas da Caſa dos Marquezes do Torcifal, que eſcreveo D. Antonio Soares de Alarcaõ, liv. 4. cap. 3; porque eſte deſcuido experimentamos de ordinario nos Nobiliarios, para com os que ſeguiraõ a vida Religioſa, e no meſmo Author; pois numerando os nomes das mais irmãas de Sor Elvira

da Annunciaçaõ, lhe naõ ſoube o ſeu, nem o de duas irmãas mais, Freiras no meſmo Moſteiro, ſendo todas filhas de D. Vaſco Maſcarenhas, e de D. Maria de Mendoça. Da noſſa Sor Elvira, faz mençaõ o Padre Fr. Luiz de Souſa, na II. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 6. cap. 20, e M. de Vienne, Terceiro de Saõ Domingos, no livro intitulado: *Année Dominicaine*, neſte dia, de que muitas vezes nos havemos de ſervir no diſcurſo deſta Obra.

D Fr. Jorge dos Santos, natural de Alcobaça, tomou o Habito naquelle Real Moſteiro, no anno de 1578; nelle foy Cantor môr, em cujo officio trabalhou muito, e fez huma Collecta, e alguns livros pela ſua maõ. Sendo Secretario do Doutor Fr. Lourenço do Eſpirito Santo, entaõ Geral da Ordem neſte Reyno, fez hum Summario dos milagres das Santas Rainhas Thereſa, e Sancha, do qual faz mençaõ o Doutor Fr. Antonio Brandaõ, na IV. Parte da *Monarch. Luſitan.* liv. 15. cap. 10, em ordem à ſua Beatificaçaõ, a qual vimos em noſſos dias declarada pelo Papa Clemente XI. como diremos em ſeu lugar. A virtude, e obſervancia deſte perfeito Monge o elevaraõ ao primeiro lugar daquella eſclarecida Religiaõ, que attendendo mais à virtude, do que às letras, o elegeraõ em Geral, no anno de 1612, como diz o livro II. dos *Obitos* de Alcobaça, num. 14, donde tiramos o referido.

E Profeſſou a Religiaõ Militar de Chriſto, no Convento de Thomar, o Padre Aleixo Cotrim, no anno de 1613. Era ſua Patria o Lugar de Ribalvia, no termo de Dornes, tres legoas da Villa de Thomar. Foraõ ſeus pays Franciſco Cotrim, e Maria Mendes, peſſoas principaes daquelle Lugar, e de coſtumes louvaveis. Deſde que entrou na Religiaõ, começou a exercitarſe em mortificações, e virtudes, ſem que por iſſo deixaſſe a obrigaçaõ dos eſtudos; e aſſim ſahio das eſcolas bom Letrado. Por muitos annos enſinou latim no Seminario do Convento, de que deitou muitos bons diſcipulos, tanto nas humanas letras, como na virtude. Era taõ elevado o conceito, que naquella Caſa tinhaõ da ſua virtude, que havia hum Religioſo, que todas as vezes, que ouvia tempeſtade de trovoens, e relampagos, ſe acolhia à porta da ſua cella, e alli permanecia encoſtado, em quanto durava a trovoada, julgando-ſe por iſento dos rayos naquelle aſylo da virtude. Faleceo Fr. Aleixo neſte dia, do anno de 1648, tendo ſeſſenta annos de idade. O referido tiramos das Memorias, que da Ordem temos, e alcançamos, pelo cuidado do Reverendiſſimo Padre Fr. Ricardo de Mello, entaõ Procurador Geral da Ordem, e depois ſeu digniſſimo D. Prior Geral.

JULHO XI.

Saõ Bento Eremita.

A JUnto a Ponte de Lima, na Freguеſia de Saõ Mamede, a Feſta de Saõ Bento Eremita, celebre em milagres, e por iſſo venerado com eſpecial culto de todos os póvos viſinhos, que com grande concurſo o buſcaõ Patrono nas ſuas adverſidades.

Fr. Pedro da Carnota Franciſcano.

B Em o Convento de Santo Antonio de Ponte de Lima, o ditoſo fim de Fr. Pedro da Carnota Franciſcano, de humildade taõ extrema, que ſendo Miniſtro Provincial, deixou das ſuas obras glorioſos documentos aos ſeus ſucceſſores. Viſitou a pé a Provincia, ſem mais prevençaõ do que a Divina Providencia. Em chegando à povoaçaõ, ſenaõ achava Conven-

to

to da Ordem, aonde se recolhesse, de porta, em porta mendigava o preciso, para se refazer do trabalho da jornada, naõ tirou do seu officio mais emolumento, do que cansaço, e fadiga. Quando entrava em algum Convento seu, ordenava por obediencia ao Porteiro, que naõ désse conta da sua vinda, e recolhendo-se a huma pobre cella a gozar a satisfaçaõ do seu espirito, se dava por taõ contente, como se lograsse todos os applausos, que a vaidade taõ escandalosamente introduzio nas Religioens. Era taõ observante, que se conta delle, que nunca faltou no Coro, e menos a Matinas, sem que o cansaço do máo trato do caminho, e do rigor do tempo o dispensasse. Acabado o Governo, se retirou ao Convento da Insua, em que se exercitou em todo o genero de humildade, rendendo a Deos graças de o livrar do governo da Religiaõ, e poder livremente darse de todo à contemplaçaõ. Seguia a Communidade, sendo austéro nos jejuns, e frequente no serviço do Convento, ajuntando a estas obrigações voluntarios exercicios, em que recreava o seu espirito com rigorosas penitencias; todas estas virtudes fundava em heroica humildade, empregando-se muitas vezes em cavar a terra descalço, e plantar na horta. Daquí o tirou a santa obediencia, para Guardiaõ de Ponte de Lima, onde o achou o Senhor, para lhe dar o premio, que pelo seu trabalho tinha merecido.

D. Athanasio Conego Regular.

C No Real Convento de Saõ Vicente, a memoria de D. Athanasio, Sacerdote, da esclarecida Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, Varaõ de singular observancia, e edificaçaõ, pelo que mereceo ser honrado nas Memorias daquella Casa por Santo Religioso.

Frey Diogo de Lemos, e Fr. Fernando Apparicio Domin.

D Neste dia, dous Religiosos Dominicos foraõ gozar da Eternidade; mas de diversos Conventos. Do de Bemfica Fr. Diogo de Lemos, Doutor na Santa Theologia, Varaõ de abalizada virtude, que mereceo ficarlhe impresso nas mãos o cheiro dos ossos de Fr. Arnao; porque só o cheiro dos Santos se costuma unir em mãos, que o merecem pela pureza da santidade. Em o de Aveiro Fr. Fernando Apparicio, conhecido entre os seus, por huma alma pura; e assim o occuparaõ por muito tempo os Prelados em Confessor do observante Mosteiro de Jesus de Aveiro, e em Prelasias, que exercitou com observancia da Regra de seu Padre Saõ Domingos.

Teve grande deſprezo do Mundo, que largou com os bens, que nelle tinha, e com aborrecimento, ainda da nobreza do ſeu naſcimento, ſe recolheo à Religiaõ, em que perſeverou com profunda humildade, e vida penitente, ſendo dotado de hum maravilhoſo dom de contemplaçaõ.

Dona Anna de Aragaõ Franciſc.

E Em o Moſteiro de Santa Clara de Evora, a Madre D. Anna de Aragaõ, de taõ ſincéro animo, que mereceo por elle particulares favores do Ceo. A converſaõ das almas foy hum dos ſeus mayores cuidados, deſejando, que todas as nações do Mundo conheceſſem, e adoraſſem ao Verdadeiro Deos. Dizia, que tomara converter as areas do mar, e tudo quanto havia inanimado, em creaturas racionaes, que louvaſſem ao ſeu Creador. Deſte abrazado eſpirito naſcia pedir com ſincéro coraçaõ a Deos, reduziſſe naquelle dia hum certo numero de creaturas à luz da Fé, e eſta petiçaõ repetia todos os dias; e he de crer, que correſpondeſſe o Senhor a taõ devota ſupplica. Era muy dada à contemplaçaõ, em que gaſtava muito tempo, e taõ elevada na grandeza do Altiſſimo, que baſtava huma flor para a ſuſpender, e arrebatar. Aos pés das arvores a achavaõ de ordinario, com as mãos, e olhos no Ceo, taõ extatica, que naõ via as mais Religioſas, que paſſavaõ. O meſmo lhe ſuccedia todas as ſemanas, em que no Clauſtro rezava o Officio da Immaculada Conceiçaõ de Noſſa Senhora, em o dia que naquelle anno tinha ſido a ſua celebridade. Deſte Myſterio foy muy devota, e da Santiſſima Trindade, a quem todos os dias rezava as Veſperas; e elevada em jubilos a ſua alma, gaſtava em contemplaçaõ largo tempo nos ineffaveis ſegredos deſte ſacroſanto Myſterio. Naõ ſoube converſar ſenaõ em Deos; e ſendo dotada de diſcriçaõ, toda empregava em praticas eſpirituaes, que fazia mais devotas com lagrimas, e ſuſpiros, com que engrandecia a Soberana Omnipotencia; de maneira, que, ou cantaſſe, ou choraſſe, tudo ſe dirigia ao Creador; porque o ſeu abrazado eſpirito vivia em continua ſaudade do Divino Eſpoſo. Da pobreza teve grande compaixaõ, deſejando poſſuîr os theſouros do Mundo, para remediar os neceſſitados. Tudo quanto adqueria entregava aos pobres; e houve occaſioens, que ſómente lhe ficou a decencia exterior do Habito, pois até os veſtidos interiores lhe deu. Era muy abſtinente, e naſcia a ſua mor-

mortificaçaõ, para ter mais que dar aos pobres. A' noite ſentia naõ poder repartir com elles da cea. Hum dia ſe vio taõ fraca, que pedindo hum bocado de paõ a huma ſobrinha, lhe diſſe, que o naõ havia, e ella com roſto alegre, ſe foy a hum armario da cella, onde a Divina Providencia lhe poz hum paõ, e eſte como milagroſo repartio por as Religioſas. Occupou muitas vezes o officio de Porteira, em que a ſua ardente charidade deixava ver a piedade do ſeu animo; porque aos meninos enſinava a Doutrina Chriſtãa, e depois lhes dava eſmola. Finalmente cheya de annos, rica de boas obras, e gaſtada das penitencias, pois a ſua cama ſó era ornato; porque ſobre humas taboas tomava o preciſo deſcanço; predizendo o dia da ſua feliz morte, ſubio à Eternidade, como piamente cremos.

Sor Magdalena da Sylva Dom.

F Item no Moſteiro da Roſa de Lisboa, da Familia Dominicana, a Madre Sor Magdalena da Sylva, de taõ auſtéra penitencia, que continuamente affligia o delicado corpo com rigoroſas diſciplinas, de que uſava todas as vezes, que ſe achava ſó. Aſſim como via, que hum quintal, que eſtava cheyo de ortigas, e bem creſcidas, e capazes de moleſtar, ſe deſpia, e lançava ſobre ellas, voltando-ſe muitas vezes com grande fervor de eſpirito. Na ultima enfermidade, de que morreo, tendo já feito termos para eſpirar, lhe eſtavaõ lendo a Paixaõ de Chriſto, e chegando ao Paſſo da bofetada, levantou a maõ já ſem vigor, e a deixou cair ſobre o roſto, com tal modo, que moſtrava ter forças para vingar na ſua peſſoa as injurias do Salvador do Mundo.

Sor Eſcolaſtica de Santa Maria, Agoſt. Deſcalç.

G Em o Moſteiro de Santo Agoſtinho, extra muros da Cidade de Lisboa, a ſaudoſa memoria da Madre Sor Eſcolaſtica de Santa Maria, por ſer hum exemplar vivo da paciencia, e reſignaçaõ na vontade Divina, ſoffrendo habituaes achaques, como ſatisfaçaõ das ſuas culpas; e ainda que lhe faltava a ſaude, nem por iſſo ſe diſpenſou da obſervancia, tirando da meſma debilidade forças, para exercer as obrigações da Religiaõ, em que foy pontual, moſtrando obediencia, e humildade em todas as acções da ſua vida. Chegouſe-lhe o tempo da morte, originada de huma chaga, que ſe lhe abrio no peito, com que deu novas moſtras da ſua conſtancia, e à Communidade huma geral edificaçaõ, vendo-a taõ reſignada nas mãos de Deos, pondo na ſua Miſericordia todas as ſuas eſperanças.

Que-

Queria o demonio perturbar o ſeu animo com o medo da morte, o que venceo com reſoluçaõ, e já livre deſtas tibiezas, e confortada com os Sacramentos, ſe deſpedio das ſuas amadas companheiras, e entregou a alma nas mãos do Eſpoſo, que a eſperava, adornada de virtudes.

Commentario ao XI. de Julho.

A DA Ermida de Saõ Bento, junto a Ponte de Lima, ſe lembra o Author da *Corografia Portugueza*, tom. 1. trat. 3. cap. 2. Nella ſe diz eſtar ſepultado o corpo de Saõ Bento, que neſtes povos circumviſinhos ſeguira a vida ſolitaria, e ſe entende ſer noſſo Portuguez, e como tal he venerado pela tradiçaõ daquelles povos, por ſer admiravel em milagres. Saõ muy curtas as memorias, que achamos ſuas, e ſó ſabemos, que com ſeus dous companheiros Udon, e Ganfem, ſeguiraõ a vida Eremitica, livres do commercio das gentes, e dados ſómente ao do Ceo. O Padre Vaſconcellos, *in Deſcrip. Regn.* fol. 524, com eſtas breves palavras, faz delles lembrança: *Vitam à quovis hominum conſortio avulſam illuſtrarunt in hoc Regno tres admodum abſtruſi Eremitæ, Sancti Benedictus, Onudonius, & Ganfenius.* O tempo, em que viveo Saõ Bento, naõ podemos averiguar; ſe houvermos de dar credito a Juliano Arcipreſte, o poriamos pelos annos de 800, da Redempçaõ; mas he certo, que o mais a que nos pegamos he a immemoriavel tradiçaõ de o feſtejarem neſte dia. Naõ ſabemos ſe por equivocaçaõ de ſer o da Feſta da Trasladaçaõ do Santo Patriarca, ou por outro algum motivo; o que podemos affirmar por certo, que nas noſſas Hiſtorias, achamos no noſſo Reyno muitos Santos, que ſeguiraõ a vida Eremitica, para na ſolidaõ ſe darem a Deos, de que neſta Obra temos muitos exemplos, ſem outra regra mais, que a que ſegue a direcçaõ dos ſolitarios, e naõ a de Santo Agoſtinho, como pertende Purificaçaõ, na *Chronica dos Eremitas*, part. 1. liv. 3. trat. 5. §. 8, onde faz mençaõ deſte Santo, como tambem na *Chronologia Monaſtica*, neſte dia.

B No termo de Alanquer, naſceo Fr. Pedro da Carnota, nas viſinhanças do Convento de Saõ Franciſco, da Obſervancia, que chamaõ da Carnota, que lhe deu o appellido. Morreo no anno de 1571, ſendo Guardiaõ do de Ponte de Lima, e foy ſepultado com reſpeito de virtuoſo, fóra do Cemeterio commum, na Via Sacra, diſpenſando os Prelados, em que tiveſſe Epitafio, contra o coſtume da Religiaõ, e foy elle taõ breve, que ſómente parece final do lugar em que jaz, pois diz: *O Padre Carnota*, querendo que o ſeu appellido, foſſe o Elogio, pois por elle foy conhecido, e venerado em vida; e eternamente o ſerá na memoria da ſua Provincia. Delle faz honorifica mençaõ o Padre Fr. Fernando da Soledade, na III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Franciſco*, liv. 4. cap. 4; Gonzaga, na III. Parte; Barrezo, IV. Parte *Chron. Min.* liv. 7. cap. 35. ad an. 1580; Rapineo, *in Hiſtor. Gen.* decad. 8. part. 1. §. 12; Wandingo, tom. 7. ad an. 1580. §. 17; Artur, no *Martyrologio Franciſcano*, neſte dia; D. Rodrigo da Cunha, na II. Parte da *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Braga*, cap. 63. fol. 222.

C Naõ temos mais noticias deſte Religioſo, do que a que nos dá D. Marcos da Cruz, no *Catalogo dos Priores de Saõ Vicente*, fol. 203. verſ. m. ſ. em que entende morrer no anno de 1549.

D Fr. Diogo de Lemos, foy Varaõ Santo, e Douto, delle temos impreſſo huma vida de Saõ Domingos, no anno 1525, que illuſtrou com doutrinas, e conceitos, e dedicou a Madre D. Joanna da Sylva, primeira Prioreſſa da Annunciada, e ſua Fundadora, que à ſua inſtancia eſcreveo, e o mandou imprimir a Rainha D. Leonor, terceira mulher do feliciſſimo Rey D. Manoel, filha de Filippe I. Rey de Caſtella; delle faz mençaõ, a *Hiſtoria de Saõ Domingos*, de Souſa, part. 2. cap. 11; e o *Anno Dominico em Francez*, neſte dia.

Fr.

Fr. Fernando Apparicio floreceo pelos annos de 1612, na Religiaõ de Saõ Domingos, de que ſe lembraõ os allegados Authores, no *Anno Dominico*; e na II. Parte da *Chronica*, cap. 13. fol. 143.

E D. Anna de Aragaõ, era filha de D. Jorge Manoel, Commendador de Saõ Vicente da Beira, na Ordem de Chriſto, que ſe perdeo vindo da India; e de ſua mulher D. Leonor de Brito, filha de Gaſpar de Brito, Fidalgo de eſclarecido naſcimento; e tendo parentes taõ Illuſtres, e ricos, que a podiaõ facilmente remediar, obſervou ſempre huma voluntaria pobreza; e ſempre Deos lhe acodio, para ſoccorrer aos pobres neceſſitados. Teve huma irmãa, Freira no Moſteiro das Capuchas de Setuval, que lhe coſtumava mandar os oculos de que uſava; e como eſta morreſſe, e ſe lhe quebraſſem os ultimos, e pela ſua grande idade parecia naõ podia deixar de uſar delles, recorreo a Deos, dizendo, que já, que lhe levara, quem lhe ſuppria com os oculos a viſta, foſſe ſervido reſtituirlha; e maravilhoſamente conſeguio eſta graça, alcançando perfeita viſta, que por idade já decrepita tinha perdido. Morreo no anno de 1640, tendo de idade mais de cem annos, conforme as *Memorias* m. ſ. que temos deſte Moſteiro; e os *Nobiliarios deſte Reyno*, em titulo de Manoeis.

F Huma das mais Illuſtres Religioſas, que ornaraõ os Clauſtros do Moſteiro da Roſa, foy D. Magdalena da Sylva, da preclara, e antiga Familia de ſeu appellido, por ſer filha de Ruy Pereira da Sylva, Guarda môr do Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ III. Eſte officio teve com as meſmas preeminencias, que tinha o Camereiro môr; foy Alcaide môr de Sylves; e de ſua mulher D. Iſabel Coutinho da Sylva. Era neta de Joaõ da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Juſtiças, lugar, que ſervio mais de 40 annos, com grande prudencia, e muy eſtimado dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. que veneraraõ as ſuas cans, e o ſeu conſelho. Chegou a ver em ſetenta, e cinco annos de idade dezoito netos. Caſou com D. Joanna de Caſtro, filha deD. Diogo Pereira, II. Conde da Feira. E ſendo D. Magdalena da Sylva, taõ Illuſtre, o foy mais pela ſantidade, pois ſoube com penitencias, e humildade, fazer mais celebre a ſua memoria, tendo por Eſpoſo a Jeſu Chriſto, de que foy a gozar pelos annos 1590, merecendo por ſua morte repartirem entre ſi as Religioſas a correa, com que andava cingida, como refere Souſa, na III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 5. fol. 105; Lima, no *Agiologio Domin.* Soveges, no *Anno Dominico*, ambos neſte dia; e os *Nobiliarios deſte Reyno*, em titulo de Sylvas.

G A Cidade de Coimbra foy Patria da Madre Eſcolaſtica de Santa Maria, filha de Gonçalo de Moraes da Serra, e D. Leonor de Souſa e Lara, peſſoas nobres, e principaes daquella Cidade. Naõ tinha mais, que ſeis annos, quando ficando ſem pay, a recolheo D. Leonor no Moſteiro de Santa Anna, na meſma Cidade, onde tinha outras irmãas. Eraõ grandes os deſejos, que tinha de ſer Religioſa, e ſe lhe difficultava a execuçaõ pelo dote, por ſerem muitos os irmãos. Neſte eſtado ſe achava, quando indo àquella Cidade o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, Fundador da Reforma dos Deſcalços de Santo Agoſtinho, neſte Reyno; e fazendo algumas Praticas no Moſteiro, foy ella huma das que agradadas do ſeu eſpirito ſe confeſſou com o Padre, communicando-lhe a vocaçaõ, que tinha de ſer Religioſa, e como a naõ podia conſeguir; examinando-lhe o eſpirito o Padre compadecido, ſe obrigou a facilitarlhe lugar naquelle Moſteiro, ou nas Agoſtinhas Deſcalças. Recuſou o primeiro, com vontade de abraçar vida mais auſtéra; e entrando neſte Moſteiro de dozanove annos, morreo no de 1708, neſte dia, tendo de idade 53, gaſtados no ſerviço de Deos. Conſta das *Memorias*, que temos deſte Moſteiro já allegadas.

JULHO XII.

S. Proculo, e Hylariaõ MM.

A  M Serpa, Villa da Provincia de Alentejo, o celebre Martyrio dos Santos Proculo, e Hilariaõ ſeu ſobrinho, o qual elle enſinou, e inſtruîo nos Myſterios da Fé, no tempo, que a Igreja Catholica reſpirava das perſeguições dos tyrannos; e deſta ſorte creſcia nas Heſpanhas a verdade do Evangelho, até, que com novas perſecuções, em tempo do Emperador Trajano, começaraõ a ſentir novas tyrannias. Era Preſidente Marco Aurelio Maximo, fiel obſervador dos Edictos do Emperador, e por iſſo mandou prender a Saõ Proculo, e com brandas palavras, e apparentes razões, pertendeo tirar do coraçaõ ao conſtante Proculo a Ley de Jesu Chriſto, que publicamente confeſſara na ſua preſença, pelo que o mandou cruelmente açoutar; e vendo, que com ſanto valor reſiſtia à ſua determinaçaõ, lhe mandou queimar os hombros, e o ventre com tochas acezas, para com fogo lento vencer o ſeu animo; mas entre as acerbas dores preſiſtia a conſtancia do Santo Martyr em louvores Divinos; e depois o mandou pendurar com huma pedra aos pés, e fazer o ſeu corpo alvo de chuveiros de ſettas, com que lhe mandou atirar, entre as quaes voou mais ligeira a ſua bemdita alma ao Ceo. Com a morte de Saõ Proculo, ſeu ſobrinho Hilariaõ publicamente confeſſou, que era Chriſtaõ, confirmando deſta ſorte a doutrina, que recebera do tio, e appreſentado diante do Tyranno, em cuja preſença ratificou a confiſſaõ, que tinha feito do Nome de Jesu Chriſto, pelo que foy barbaramente açoutado; e depois de diverſos generos de Martyrio, foy finalmente degolado, ſubindo a lograr com ſeu tio as eternas palmas do Martyrio.

Santa Marciana V. M.

B Na Cidade de Toledo, Santa Marciana Virgem Martyr, huma das nove irmãas, naſcidas de hum parto, filhas de Attilio Severo, Regulo Bracharenſe, Preſidente dos Romanos em Galiza; e de ſua mulher Calcia, a qual ſe apartou de ſuas irmãas na perſecuçaõ, que aos Chriſtãos fazia o dominio Romano, e paſſou à Provincia Carpentana, e foy parar à Cidade

dade de Toledo, onde reſidio em vida Angelica, empregada toda em amor de Deos, como fiel eſpoſa de Chriſto; pelo que foy acuſada, e levada diante do Preſidente; e vendo ſobre huma fonte o Idolo de Diana, que adoravaõ todos os que hiaõ a buſcar agua, e naõ lhe ſofrendo o coraçaõ ver a cegueira daquella idolatria, invocou o Nome de JESU, e com eſpanto dos-barbaros Gentios, inſperadamente à ſua viſta cahio por terra o Idolo. A' viſta deſte prodigio ſe embraveceo o Preſidente de ſorte, que a mandou açoutar taõ ſevera, e cruelmente, que deſpedaçado o delicado corpo com os golpes, eſteve exhalando o eſpirito, quando a mandou recolher no carcere; e mandando-a voltar à ſua preſença, a vio o Preſidente ſem leſaõ, ou final algum, e taõ fermoſa, como ſenaõ tivera paſſado pelos effeitos da ſua tyrannia. Entaõ ordenou, que expoſta em hum lugar publico, foſſe eſcarnecida por hum gladiador, que atrevido intentou de noite laſcivamente manchar a virginal pureza da Santa Donzella, que milagroſamente lhe conſervou o Divino Eſpoſo, mediando com huma parede a meſma caſa, com que ſeparou o laſcivo mancebo da caſta Virgem, onde depois foy achada intacta, com eſpanto de outros torpes homens, que para o meſmo laſcivo fim a buſcavaõ. Chegou à noticia do Preſidente eſte maravilhoſo caſo; e quando o prodigio devera abrandar o coraçaõ, ſe encheo de mayor colera, mandando, que levada ao Amphiteatro, ſe lhe lançaſſem beſtas féras; e largando-lhe hum leaõ, naõ foy Deos ſervido, que lhe fizeſſe damno; antes para mayor confuſaõ dos circunſtantes, com demonſtrações de rendimentos, e affagos de animal domeſtico, ſe lhe lançou aos pés; e quando podera ſer vencida a cegueira, com a luz da Graça, ſe obſtinou mais a perfidia: e aſſim por conſelho de hum Judeo chamado Budario, ſe lhe lançou hum touro bravo, que ferindo-a nos peitos, deu o ſeu eſpirito a Deos, que logo quiz acreditar a gloria da Inclita Virgem, e Martyr, dando a Budario a recompenſa do preverſo conſelho, com claro evidente caſtigo da Divina Juſtiça, ſendo no meſmo tempo queimada a ſua caſa, perecendo no incendio, naõ ſó o infelice conſelheiro, mas toda a ſua familia; ſendo depois eſte lugar hum irrefragavel teſtemunho da vingança do Ceo; porque pertendendo por algumas vezes reedificar as caſas os parentes

de Budario, o naõ poderaõ conſeguir; porque lhe cahiaõ as paredes por terra, naõ ſem ruina dos fabricadores; acreditando Deos com eſtas maravilhas a gloria da ſua Eſpoſa.

Frey Deſiderio Ciſtercienſe.

C No Real, e ſumptuoſo Convento de Santa Maria de Alcobaça da Familia Ciſtercienſe, acabou em paz Fr. Deſiderio, Irmaõ Converſo, e companheiro dos primitivos Monges, que vieraõ a eſte Reyno, do Moſteiro de Claraval, onde foy recebido à Ordem, depois de ter deſprezado o applauſo, que tinha conſeguido na vida de Soldado, em que procedeo com valor; e aggregado à milicia Celeſte da Religiaõ, veſtido com a Cogûlla de Saõ Bernardo, começou a combater o Ceo, affligindo o ſeu corpo com açoutes, vigilias, e jejuns, exercitando-ſe em todo o genero de piedade, com grande fervor de ſeu eſpirito; e ſendo mandado pela Obediencia a Portugal para a Fundaçaõ de Alcobaça, trabalhou no material edificio com grande diligencia, e cuidado, naõ ſe eſquecendo porém dos exercicios virtuoſos, em que de continuo ſe empregava; pelo que mereceo ſer recreado com celeſtiaes favores, reſplandecendo com milagres. Em huma occaſiaõ andando occupado nas obras da quem do Rio, por ſer veſpera de Noſſa Senhora, ſe inflammou no deſejo de aſſiſtir no Coro às Veſperas no Convento, que entaõ tinhaõ, e por ſer grande a chea, naõ era poſſivel paſſar; o que vendo o bom Religioſo, cheyo de Fé, fez o ſinal da Cruz, e encommendando-ſe a Deos de todo o coraçaõ lançou a capa no rio, que ſervindo-lhe de batel, o transferio à outra parte, ſem que a ſua peſſoa, ou capa moſtraſſe ſinal de agua. Eſta maravilhoſa, e feliz navegaçaõ repetio outras vezes a ſua Fé com o meſmo effeito, até que chèyo de merecimentos, acreditados de maravilhas, dormio em o Senhor.

Fr. Franciſco de Lamego Arrabido

D No Hoſpital Real de Lisboa, acabou o curſo da vida mortal, para gozar a eterna, Fr. Franciſco de Lamego, Frade de Leigo da Provincia da Arrabida, e dos primeiros, que na Cuſtodia tomaraõ o Habito, donde ſe póde colligir, que devia de ſer de coſtumes, e vida digna de taõ ſantos companheiros, como foraõ os ſeus primeiros Fundadores. Foy de taõ extremada pobreza, que eſtando doente na Enfermaria, depois de recebidos os Sacramentos com grande devoçaõ, como quem eſperava nelles conſeguir o premio da Gloria, ſe inquietou,

quietou de ſorte, com tal ancia, que turbados os Frades, que lhe aſſiſtiaõ, lhe perguntaraõ, que couſa era a que tanto o affligia; a que com lagrimas, e ſuſpiros, reſpondeo: que era o motivo ſer quebrantador da ſanta pobreza, occultando huma agulha, cuja culpa naõ tinha confeſſado, e com grande ſubmiſſaõ pedio lha foſſem buſcar, e entregando-a ao Prelado, como inſtrumento do ſeu delicto, confeſſou arrependido publicamente a ſua culpa, de que pedio abſolviçaõ; com que quieto, e ſocegado, rendeo a Deos as graças, e entregou o eſpirito ao ſeu Creador, como piamente ſe póde crer.

E Item em Nangaſachi, Cidade do Japaõ, o felice certame de Matthias Arak, e oito Companheiros, que inſtruidos na Fé pelos Padres da Companhia de JESU, de quem eraõ caſeiros, com valeroſa reſoluçaõ confeſſaraõ ſer Chriſtãos; pelo que foraõ cinco queimados; as mulheres, e Meninos degolados; e porque hum morreo no carcere, foy ſeu corpo queimado com os mais, deixando deſta ſorte gloriosa memoria do ſeu Martyrio. *Matthias Arak M.*

Commentario ao XII. de Julho.

A SErpa, antiga Cidade da Betica, he hoje bem conhecida Villa, na Provincia de Alentejo, na Comarca de Beja, ſituada em huma eminencia em 12 gráos, e 30 minutos de longitude, e 37. de latitude, e 54 minutos, entre Moura ao Septentriaõ, e Mertola ao meyo dia, quatro legoas diſtante de cada huma, e naõ cinco, como diz Baudrand, no ſeu *Lexicon Geografico.* Saõ fertiliſſimos ſeus campos, por ſerem regados do celebre rio Guadiana, cujas margens ſe vem cubertas de dilicioſos junquilhos, muita parte delles dobrados, taõ bons, e odoriferos, como os que eſtimamos tanto de Holanda. Diſta huma legoa da Villa, a qual para ſer mais freſca, he banhada com a ribeira chamada de Chouchou. Foy eſta Villa ganhada aos Mouros, pelo Invictiſſimo Rey D. Affonſo Henriques, no anno 1166, como prova o Chroniſta môr Fr. Antonio Brandaõ, com a Hiſtoria dos Godos, e o livro da Noa de Santa Cruz, na III. Parte da *Monarchia Luſit.* liv. 11. cap. 11; e naõ como diz Garibay, no *Compendio da Hiſtoria de Heſpanha*, liv. 34. cap. 121, onde affirma ſer conquiſtada por eſte Rey entre os annos de 1148, e 1155, ſendo ella ganhada onze annos depois. E ſuppoſto tornou ao dominio dos Arabes, ElRey D. Sancho II. a reſtaurou no anno de 1230; e porque os Caſtelhanos a tinhaõ uſurpado à Coroa de Portugal, ElRey D. Diniz a recuperou; no anno de 1295, por premio da campanha daquelle anno, ainda que por ajuſte, e ſe entregou ſeu Caſtello a Nuno Fernandes Cogominho, Almirante do Reyno, e grande valido do dito Rey, o qual lhe deu foral em Beja; como ſe vê na V. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 17. cap. 27. Foy eſta Cidade fundada muitos annos antes da vinda de Noſſo Redemptor ao Mundo, já em tempo dos Romanos era conhecida pelo nome de Serpa, como ſe vê do Letreiro ſeguinte

D. M. S.
FABIA PRISCA SERPENSIS
C. R. AN. XX. H. S. E. S. T. T. L.
C. GEMINUS PRISCUS PATER.
ET FABIA CADILA MATER.
POSUERUNT.

Fabia Priſca Serpenſe Cidadoa Romana, de vinte annos, eſtá aqui ſepultada, ſeja-lhe a terra leve. Cayo Gemino Priſco ſeu pay, e Fabia Cadila ſua mãy, lhe puzeraõ eſte monumento.

Foy cercada de muros antigos, que deviaõ ſer feitos em tempo delRey D. Diniz, quando de novo a povoou, e lhe deu os fóros da Cidade de Evora, com cinco portas, as quaes lhe demoliraõ os Caſtelhanos, e ao ſeu Caſtello, no anno de 1708, em que a largaraõ, tendo-a ganhado por ſitio, depois de huma porfiada defenſa, no anno antecedente, a 26 de Mayo, com muy honradas capitulações, que elles logo quebraraõ com eſcandalo dos Militares. Foraõ Senhores deſta Villa o Infante D. Fernando, filho delRey D. Affonſo II. a quem chamaraõ *o de Serpa*; depois a poſſuío o Infante D. Luiz, filho delRey D. Manoel, e a teve o Senhor Infante D. Franciſco, filho do Senhor Rey D. Pedro II. como poſſuidor da Caſa do Infantado, que ſeu pay lhe deixou.

Deſta Villa foraõ naturaes os eſclarecidos Martyres Proculo, e Hilariaõ, cujas caſas, em que naſceraõ, ſe conſervaõ na tradiçaõ de ſeus moradores, no bairro do Caſtello velho, em caſas terreas, e humildes. Naõ poſſo deixar de eſtranhar o pouco cuidado, e devoçaõ de ſeus naturaes; pois nem Imagens ſe vem ſuas naquella Villa, donde de razaõ lhe era devido dedicarem-lhe Templos, pois tanta honra recebem de os terem por Patricios. Galeſino os leva à Grecia, de que já ſe queixou Tamayo, por ſer ſem fundamento, mais do que achar memoria deſtes Santos no *Menologio dos Gregos*, com honorifica menção: *Eodem die Sanctorum Martyrum Proculi, & Hilarii. Primum S. Procul Trajano Imperatore comprehenſus in judicio ſiſtitur, fidemque apud Maximum Præfectum libere profeſſus*, &c. no que ſe conforma com os noſſos Martyrologios, em o tempo do Emperador, e do Juiz, e ainda no genero do Martyrio; porém callaõ, como coſtumaõ de ordinario, a parte em que padeceraõ. Que foſſe em Serpa, nenhuma duvida ſe nos offerece; porque nolo affirma a conſtante tradiçaõ daquella Villa, ſucceſſivamente conſervada de pays a filhos, e entre gente ſem eſtudo da Hiſtoria Eccleſiaſtica, como faõ os ruſticos, que eſtaõ moſtrando ainda hoje o lugar do martyrio dos Santos Proculo, e Hilariaõ, extra muros da Villa, junto à horta dos banhos; o que fizemos examinar, e nos conſta de peſſoa digna de todo o credito por ſangue, e lugares, que ſe criou neſta Villa; e nolo affirmou, e mandou buſcar documentos, com que ſeguraſſe a ſua memoria. Que ſe naõ poſſa equivocar eſta Villa com outra deſte nome, nolo perſuadem os Geografos antigos, e modernos, que tratãõ da Villa de Serpa; como ſaõ Antonino Auguſto, no ſeu *Itinerario*, a fol. 426, da impreſſaõ de Anvers 1735.

EBORAM. M. p. XLIIII.
SERPAM. M. p. XIII.
FINES. M. p. XX.

E Chriſtovaõ Cellario, *Notitia Orbis antiqui*, fol. 54: Ripa, *Batica Anæ habet Serpam, & Aruci*; e faz memoria da pedra já acima referida, dizendo ſer eſta Villa, a que hoje conſerva o nome de Serpa. Abrahaõ Ortelio, no ſeu *Theſouro Geografico*; e Baudrand, inſigne Geografo, no ſeu *Lexicon*, fazem menção da noſſa Serpa; e deſta ſorte naõ póde cauſar duvida, o que eſcreve Fr. Franciſco de Bivar, commentando o ſeu *Flavio Dextero*, quando diz: *Ad annum 308, Serpæ in Batica florent Sancti Procul, & Hilarion, quos etiam Graci celebrant ob ſanctitatis gloriam, qui ſub Trajano Imperatore M. Aurelio Preſide paſſi ſunt.* Quer Bivar, que ſe lea em lugar de Serpa, *Sequia*, Lugar entre Cordova, e Alcalá: baſta que agora creamos ao ſeu *Dextero*, neſta parte, que o poem na noſſa Serpa, confirmando a noſſa tradiçaõ; nem nos faz grande duvida, que o ponha na Betica, e hoje eſteja na Luſitania; porque como fica nos confins de huma, e outra, naõ duvidamos tocaria à Provincia de Andaluzia, e o meſmo Cellario, no Mappa, que faz de Heſpanha antiga, arrima na Betica a Villa de Serpa, ditoſa Patria dos noſſos Santos Martyres. Luitprando, fol. 463, dá com elles em Lugo, dizendo: *In Gallecia Civitate Luco Auguſti* memo-

memoria Sanctorum Martyrum Proculi, & Hilarionis ſub Trajano paſſorum, quorum Reliquiæ & acta alio translata dicuntur. A que acode o ſeu Commentador Argaiz, com a ſua coſtumada facilidade, tom. 2. part. 1. fol. 457, que poderia ſer muito bem o martyrio em Galliza, e ſerem as ſuas Reliquias trasladadas a Serpa: tomaramos agora perguntarlhe, qual deſtes ſeus apaixonados textos he o mais verdadeiro? Qual devemos neſta duvida ſeguir? O mais ſeguro he nenhum; e a Argaiz dizemos, que eſcuſamos agora as ſuas conjecturas; porque contra ellas temos tradiçaõ conſtante, e Authores, que ſobre ella eſcreveraõ. Trataõ deſtes Santos, os Martyrologios *Romano*, e o de Baronio, inda que naõ dizem donde eraõ naturaes, nem donde padeceraõ; o *Luſitano* do Padre Alvaro Lobo; o *Caſtelhano* do Padre Vaſques; o de Tamayo, neſte dia, que os fazem de Serpa, e outros. D. Rodrigo Caro, no *Commento a Flavio Dextero*, fol. 112, affirma ſerem da noſſa Serpa, e ſatisfaz ao tempo, em que floreceraõ, por ſalvar deſte erro ao ſeu *Dextero*, que os poem no anno 308, tendo elles padecido dous ſeculos antes, no anno 110, no tempo de Trajano, o que naõ duvida; mas diz, que no anno 308, lhe deraõ culto. O Padre Joaõ Bautiſta Solero, e ſeus companheiros, os Padres Joaõ Pinio, e Guilherme Cupero, na eruditiſſima Obra: *Acta Sanctorum, Tom. III. Julii*, pag. 259, negaõ ſerem eſtes Santos de Serpa, ſeguindo padecerem na Grecia. Naõ tratamos de impugnar a ſua opiniaõ, e ſuppoſto reconhecemos os grandes eſtudos deſtes eruditiſſimos Authores; com tudo naõ nos podemos perſuadir do que referem, para privarmos a Serpa de ſer patria deſtes Santos; porque a tradiçaõ dos ſeus naturaes he muito mais antiga, que os falſos Chronicoens, e tambem nolo affirmaõ os referidos Martyrologios, e o ſilencio do Romano, e de Baronio, que ſem duvida vio o *Menologio Grego*, e nem por iſſo no ſeu poz mais, que: *Eodem die paſſio Sanctorum Proculi, & Hilarionis, qui ſub Trajano Imperatore, & Maximo Præſide per acerbiſſima tormenta ad palmam martyrii pervenerunt.*

℟ De tempos antiquiſſimos celebra a Cidade de Toledo, antiga Corte dos Reys Godos, a Inclita Virgem, e Conſtantiſſima Martyr Santa Marciana, noſſa Portugueza, que com ſeu ſangue illuſtrou aquella Metropoli de Heſpanha, que agradecida a numéra entre os Santos Patronos, e Tutélares daquella Cidade, por mandado delRey D. Affonſo VI. daquella Coroa. Foy ſeu Martyrio pelos annos de 155, imperando Antonino Pio, alguns depois do de ſuas irmãas. Sobre a ſua origem ſe póde ver o *Agiologio*, no dia 18 de Janeiro, tom. 1. fol. 183, em que ſe trata de ſua irmãa Santa Wilgeforte, e tambem de Santa Quiteria, cuja devoçaõ ſe tem extendido por todo o Reyno, e principalmente neſta Cidade, que della ſe faz Novena, e ſe feſteja o ſeu dia em diverſas Igrejas, com grande ſolemnidade, pompa, e deſpeza.

Em o *Martyrologio Romano*, ſe faz mençaõ de outra Santa Marciana, que padeceo quaſi com o meſmo genero de Martyrio em Africa, na Cidade de Ceſaréa Mauritana, a 9 de Janeiro: *In Mauritana Ceſarienſi Sanctæ Marianæ Virginis, quæ beſtiis tradita martyrium conſummavit*; a qual quer o Cardeal Ceſar Baronio, que ſeja a meſma, e que depois fora trasladada para Heſpanha; mas ſe bem repararmos no *Martyrologio Romano*, neſte dia, quando faz mençaõ da noſſa Santa, diz: *Toleti Sanctæ Marlianæ Virginis, & Martyris, quæ pro fide Chriſti beſtiis objecta, atque à tauro diſcerpta, martyrio coronatur.* A noſſa Santa Marciana acabou deſpedaçada por hum touro, como temos dito, e nolo affirma o Martyrologio, e ſe confirma com o Hymno da ſua Feſta, que anda no Breviario Muſarabe.

Taurus dehinc proſiliens
Forma, & mugitu horribili
Sulcabat ejus teneras
Papillas, ictu vulnerans.

A Santa Marciana, de que ſe faz mençaõ a 9 de Janeiro, acabou o ſeu martyrio deſpedaçada por hum leopardo, como refere Franciſco Maurolico, no referido dia, por eſtas palavras: *In Mauritania Cæſarienſi Sanctæ Martianæ Virginis, & Martyris feris expoſitæ, & à leopardo diſcerptæ.* De que ſe vê ſer differente da noſſa Santa Marciana, e ſe prova com a *Hiſtoria de Heſpanha*, de que diz D. Joaõ Tamayo Salazar, naõ teve o Cardeal Baronio demaſiado conhecimento.

to. Trata deſta Santa o referido Author, no ſeu *Martyrologio Hiſpano*, neſte dia, onde cita varios Authores, que provaõ eſta opiniaõ; Cunha na I. Parte da *Hiſtoria de Braga*, fol. 143; o *Agiol.* no lugar citado; Padilha, C. 4. cap. 26. fol. 195; Argaiz, *Poblacion Eccleſiaſtica*, part. 1. tit. 2. fol. 304; Ferreras, *Synop. Hiſt. de Heſpanha*, fol. 142.

C Era Fr. Deſiderio de naçaõ Francez, de quem naõ ſabemos appellido, nem menos o anno da ſua morte, e colligimos ſeria pouco antes do anno de 1157; em que ſe acabou a obra do Moſteiro de Alcobaça, em que ſe viraõ miraculoſos effeitos, com que Deos teſtemunhava, quanto era do ſeu agrado aquelle edificio, em que queria ſer louvado. Aqui ſe vio caminharem os bois com os carros ſem guia, ſem fazerem detença no caminho, até que chegavaõ ao lugar, em que ſe trabalhava, onde os deſcarregavaõ. Neſta obra trabalhou Fr. Deſiderio, moſtrando o grande deſejo, que tinha de ver augmentado o culto Divino, em que muito ſe empregou. Delle faz mençaõ Henriques, no *Menologio da Ordem*, neſte dia; Brito, na *Chronica de Ciſter*, liv. 3. cap. 22. fol. 171. verſ. o *Agiologio Luſitano*, a 16 de Abril; o Illuſtriſſimo Cunha, *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Lisboa*, part. 2. cap. 6.

D A Provincia da Arrabida, que ſempre floreceo em peſſoas de virtude, e muito mais em ſeu principio, pela grande obſervancia, e retiro daquelles Padres, que mais empregados em bem obrar, do que em pôr em memoria as acções dos ſeus virtuoſos companheiros, nos poem agora no ſentimento do pouco, que ſabemos do Irmaõ Fr. Franciſco de Lamego, que adoecendo na Enfermaria, que a Provincia tem no Hoſpital Real deſta Corte, faleceo no anno de 1561, e foy ſepultado no Clauſtro velho, que chamaõ dos Santos de S. Franciſco da Cidade; porque ainda naõ era fundado o Convento de Saõ Pedro de Alcantara. Delle faz mençaõ o livro dos *Obitos* da Provincia, e a *Chronica*, que della tinha principiado Joaõ de Brito de Mello, liv. 4. cap. 9. m. ſ. cujo original temos em noſſo poder.

E Nangaſachi, theatro da crueldade Japonica, he de novo regado com o ſangue de Matthias Arak, e ſeus companheiros, Mancio ſeu irmaõ, que morreo no carcere, Catharina ſua mulher, Pedro Chobioye, Suzana ſua mulher, Joaõ Nanyen, Joaõ Tanaca, Monica ſua mulher, Luiz ſeu filho, que todos padeceraõ glorioſamente, no anno 1625, neſte dia, como refere Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, fol. 299, imp. anno 1660.

JULHO XIII.

AV. D. Maria Ciſtercienſe.

AO Real Moſteiro de Saõ Diniz de Odivellas, repouſou em paz, a Veneravel D. Maria Afonſo, filha delRey D. Diniz, onde floreceo em heroicas virtudes, eſtimando naõ ſó em pouco o eſplendor do Real ſangue, mas tambem as dilicias da Corte, como pompas vãas, e caducas; e deſprezando tudo com generoſa reſoluçaõ, abraçou com grande fervor o ſagrado Inſtituto da Familia Ciſtercienſe; e fazendo o ſeu principal fundamento na humildade, pobreza, e obediencia, executou obras muy dignas do agrado de Deos, a quem ſe dedicara na obſervancia da Religiaõ; pelo que acabou illuſtre em ſantidade, deixando da ſua virtuoſa vida ſaudoſa memoria.

Em

D. Thomé Coneg. Regr.

B Em Coimbra, no Real Convento de Santa Cruz, dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, ſe conſerva ainda hoje a memoria de D. Thomé, Varaõ de abaliſada virtude, em quem reſplandecia em gráo heroico a Humildade, como fundamento de todas as virtudes, que o coſtituío hum perfeito Religioſo. Foy ornado de huma ſingular voz de contrabaixo, com que cantava no Coro taõ ſonoramente, que ſervia de admiraçaõ, empregando-a toda em louvores Divinos, de que foy receber o premio na Gloria.

A Madre D. Leonor de Souſa Franciſcana.

C Na Cidade de Evora, no Moſteiro de Santa Clara, da Serafica Familia, a precioſa morte da Madre D. Leonor de Souſa, claro eſpelho da perfeiçaõ Religioſa, em que toda a vida ſe empregou com todo o cuidado, ſendo hum vivo exemplo à ſua Communidade, que continuamente ſe edificava da ſua devoçaõ, e ſingular humildade. Foy dotada pelo Divino Eſpoſo, com o precioſo bem de dom de lagrimas, em que rompia todas as vezes, que ouvia fallar em materias de devoçaõ. Era o Myſterio da Paixaõ de Noſſo Redemptor, o cuidado, que mais a affligia, e aſſim como ouvia fallar nelle, em ſentidas vozes, e ſuſpiros ſe inquietava de ſorte, que como alienada de ſi, dava com a cabeça no chaõ, verificando com ſemelhantes demonſtraçõeſ a dor, que ſentia no ſeu coraçaõ. Neſte doloroſo Myſterio meditava continuamente, de que ſahia taõ confundida do que Chriſto padecera, e do que ſofrera à perfidia Judaica, que ſe augmentava mais no ſeu amor. Em a Semana Santa, que a Igreja recorda eſta dolorosa memoria, era para ver a devoçaõ, com que aſſiſtia aos Officios Divinos; a vehemente dor, com que ſe affligia ſeu eſpirito, que ſem reparo da Communidade, com deſatino ſanto, ſahia do ſeu lugar ſem ſentidos, e naõ parava ſenaõ na grade do Coro. Todo o tempo que viveo, em Quinta Feira Mayor, depois da diſciplina da Communinade, acompanhada de quatro Religioſas, (que deviaõ ſer de iguaes coſtumes) principiavaõ com particulares exercicios, que era correr nove Capellas do Moſteiro, levando os hombros carregados com grandes pedras; outras vezes attando-ſe, ſe crucificavaõ com a mayor crueldade, que podiaõ; em outras as viſitavaõ de joelhos, fazendo ſempre novos artificios para affligirem os corpos, dando com elles claras demonſtraçõeſ do ſeu abrazado

abrazado eſpirito. Naõ ſe ſatisfazia eſte com tantos exceſſos; tudo lhe parecia pouco: e aſſim deſde a quarta feira, até dia de Paſchoa, naõ largava o Coro, onde a viaõ em huma continuada oraçaõ. Em todos os dias, depois de jantar, tomava huma larga diſciplina, caſtigando deſta ſorte o ſabor da comida, em que foy taõ parca, que da limitada porçaõ, que recebia, ſuſtentava huma pobre entrevada, repartindo igualmente com ella de tudo o que lhe dava a Communidade, da qual teve cuidado por mais de trinta annos. Na veſpera do Naſcimento de Chriſto, lhe mandava tudo quanto a pobre podia deſejar, ou para a commodidade, ou para o regalo; e até fogo para ſe aquentar, naõ querendo, que experimentaſſe falta alguma naquelle dia, em que o genero humano recebeo o mayor beneficio da piedade Divina. Amou taõ ternamente eſte Myſterio, que eraõ grandes os exceſſos com que o applaudia, querendo com todas as expreſſoens poſſiveis, ſignificar os jubilos do ſeu eſpirito. Tomava lugar junto do Preſepio, e lhe offerecia huma caçoula dos aromas mais precioſos, que podia alcançar; até ao carvaõ tinha a ſua induſtria feito cheiroſo, e o meſmo tempo, que ardia ſe abrazava ella em fervoroſos affectos, e colloquios com o Menino Deos, a quem tambem dava a cera daquella noite, com a grandeza a que podia chegar a ſua pobreza, que obſervou muy eſtreitamente. Sempre viveo em deſejos de remediar os pobres; quantas vezes por lhes acodir ficou ſem ter com que ſe alimentar; e com profunda humildade recorria às Religioſas, pedindo pelo amor de Deos hum pedaço de paõ, para ſe desjejuar? Muitas vezes lhes deu os veſtidos interiores, ficando ſómente com o habito ſobre o corpo. Finalmente predizendo a ſua morte, acreditou com maravilhas a ſua vida. Foy o caſo, que havia huma Freira muy doente, a quem ella pedio, que lhe aſſiſtiſſe naquella ultima enfermidade, e que lhe promettia de lhe alcançar de Deos ſaude. Era conhecida a ſua virtude; alegrou-ſe a Freira, e a começou a ſervir com grande goſto. Era taõ leve a queixa, que entrou Sor Leonor na enfermaria a compor a ſua cama, de que admiradas as Religioſas lhe perguntaraõ, para que fazia a cama? E reſpondeo, que para morrer; no que as ſegurou outras vezes. Vieraõ os Medicos, e naõ conheceraõ ſinal de perigo evidente; mas em breve ſe deſenganaraõ, porque

ſe

ſe deſcobrio huma maligna, que com grandes ancias a inquietava, que ella ſoube ſupportar com paciencia, até que chegada a hora, entregou a ſua ditoſa alma ao ſeu Deos; e logo a Freira enferma começou a exprimentar a ſatisfaçaõ da promeſſa, achando-ſe naõ ſó com melhoras, mas com forças de ſeguir a obſervancia da Religiaõ, acreditando deſta ſorte o Senhor a gloria da ſua Serva.

D Item em Deva, Cidade do Japaõ, acabou prezo no carcere Joaquim Omi, o qual em odio da Fé, foy recluzo, para vencerem com o medo do ſupplicio o ſeu animo; mas eſte conſtante eſperava o martyrio, animado do exemplo de ſeus naturaes, que com conſtancia Chriſtãa, tantas vezes illuſtraraõ a ſua patria, fazendo-a famoſa no Mundo, pelo ſangue, com que regaraõ aquella ſeára do Senhor. *Joaquim Omi Japaõ.*

E No Moſteiro da Annunciada de Lisboa, acabou a Madre Sor Cecilia da Aſſumpçaõ, depois de ter ſido Prioreſſa deſte Moſteiro, para donde a mandou a Obediencia do de Aveiro, quanto que deu fim ao trienio de Prelada daquelle Moſteiro, que governou com prudencia, e virtude, valendo-lhe as ſuas orações, naquelle calamitoſo tempo das alterações do Reyno, em que no anno de 1580, ſe vio em perigo de ſer o Moſteiro ſaqueado, e afrontado, e Deos o livrou por interceſſaõ da Santa Prelada. *Sor Cecilia da Aſſumpçaõ Dom.*

F No meſmo dia, e da meſma eſclarecida Familia, no Moſteiro da Roſa de Lisboa, duas Religioſas de ſingulares merecimentos para com Deos, Sor Iſabel da Piedade, taõ devota da Virgem Noſſa Senhora, que mereceo, pagarlhe com hum prodigio a veneraçaõ, que teve ao Santo Roſario. Foy o caſo, que depois de annos da ſua morte, ſe abrio acaſo a ſua ſepultura, e ſe achou ter comido o tempo, quanto à terra ſe entregou, achando-ſe ſómente os oſſos ſecos, e deſcarnados, e entre elles o Roſario, que levara ao peſcoço, inteiro, ſem ſinal de corrupçaõ, nem na madeira das contas, nem no cordaõ, que era de ſeda aleonada, o que parece conſervou milagroſamente a Senhora, para gloria da devoçaõ do Roſario, pelo qual rezou muitos annos huma Madre do meſmo Moſteiro. Nelle naõ foy menos prodigioſa a confiança do Santo Roſario, que teve huma devota Celeireira do Moſteiro, cujo nome eſqueceo o tempo, e deixou na lembrança *Sor Iſabel da Piedade Dom.* *Anonyma Celeireira Dom.*

ſua virtude, eſcrevendo-lho no livro da vida. Padecia a Cidade de Lisboa huma geral fóme, com tal aperto, que muitos pobres morreraõ às mãos da ſua miſeria, e os ricos ſe achavaõ em perigo, de lhe naõ valer a abundancia do ouro, e da prata, vendo-ſe muitas caſas grandes obrigadas, em alguns dias a comer a carne, e peixe ſem paõ. Neſta fatal eſterilidade ſe achava o Moſteiro ſem farinha, mais que para dez, ou doze dias, o que vendo com affliçaõ a Celeireira, e reconhecendo as maravilhas, que MARIA Santiſſima obrava pelo ſeu Roſario, chea de huma ſingular fé, entendeo, que naõ faltaria em ſoccorrer ao Moſteiro, que ſe ornava com o nome do Roſario; e aſſim poſta nos braços da Divina Providencia, poz ſobre a boca de cada ſacco hum Roſario, e outro na arca da farinha, e acompanhando a ſua fé de ardentes orações, alcançou maravilhoſamente multiplicarſe continuamente a farinha, que durou com admiraçaõ de toda a Communidade, por cinco ſemanas, ſendo baſtante para vencer o aperto da fóme.

Commentario ao XIII. de Julho.

A O Magnifico Moſteiro de Odivellas, que o Real animo delRey D. Diniz dotou generoſamente, como ſe vê no Commentario do dia X. de Janeiro, letra H, quiz honrar com a peſſoa de ſua filha a Senhora D. Maria, de quem temos muito curtas noticias; porque as noſſas Hiſtorias paſſaõ em ſilencio as virtudes, em que ſe empregou na vida, ainda que dizem, que acabou ſantamente. Morreo nò anno de 1320, e foy ſepultada no Clauſtro, na parede, que correſponde ao Altar de Saõ Joaõ Bautiſta. Naõ podemos averiguar em quem ElRey tivera eſta filha; o Doutor Fr. Franciſco Brandaõ, diz, que poderá ſer, que foſſe ſua mãy Branca Lourenço, que preſume ſer filha de Lourenço Soares de Valadares. Em o Conde D. Pedro, ſe acha no titulo 25, eſta Branca Lourenço, que caſou com D. Martim Annes de Briteiros, e era filha de Lourenço Soares de Valladares; porém o Conde naõ declara, que foſſe mãy de ſua irmãa D. Maria, nem menos faz della memoria entre os filhos delRey ſeu pay, para mais confirmaçaõ da pouca lembrança, que os Genealogicos tem, dos que ſeguiraõ a vida Religioſa. Fazem della mençaõ Brandaõ, na V. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 17. cap. 6, e na VI. Parte, liv. 19. cap. 21. Faria, na *Europ.* tom. 2. part. 2. cap. 2. Vaſconcellos, *Anacephaleoſis*, fol. 85. n. 11. Maugin, *Abregè del' Hiſtoire de Portugal*, fol. 106. *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Port.* tom. 1. pag. 283.

B Foy D. Thomé, taõ bom Cantor, que indo ElRey D. Joaõ III. ao Convento de Santa Cruz, ficou taõ pago da ſua voz, que diſſe: *Que a naõ ſer profeſſo de Religiaõ taõ reformada, a quem elle tanto eſtimava, ſem duvida o tirara dos Clauſtros, para ſe ſervir delle na ſua Real Capella.* Faleceo no anno de 1559, como diz D. Marcos da Cruz, no *Livro m. ſ. dos Priores móres de Saõ Vicente*, fol. 219, que ſe conſerva no Archivo delle, donde o vimos.

C Do Moſteiro de Santa Clara de Evora, temos humas Memorias m.ſ. que nos vieraõ à maõ entre outros papeis, que ficaraõ por morte da Condeſſa de Penaguiaõ D. Luiza Maria de Faro, que como virtuoſa, tinha grande trato com peſſoas de virtude, e grande ſatisfaçaõ daquel-

daquellas, que ſe empregavaõ em ſervir a Deos, as quaes nos deu ſeu neto o Marquez de Fontes Rodrigo Pedro Eannes de Sá, que foy Embaixador em Roma. Dellas conſta ſer D. Leonor de Souſa, filha de D. Diogo de Souſa, que naõ podemos averiguar quem foſſe; porque achamos muitos deſte appellido, e nome, ſem nos filhos, que tiveraõ, ſe nomear eſta; deſcuido, que continuamente lamentamos aos noſſos Genealogicos, e já ſem remedio nos queixamos. Morreo D. Leonor, no anno de 1612, e foy o ſpolio da ſua cella, os pobres veſtidos de que uſava, humas diſciplinas, hum livro dos Trabalhos de Jeſus, em que tanto meditava; delle lhe devia naſcer, que naõ tendo aprendido latim, entendia o Officio Divino, que rezava. Muitos annos depois da ſua morte, quizeraõ enterrar no meſmo lugar outra Religioſa, e abrindo-ſe a cova, foy tal a fragrancia, que começou a exhalar de ſi, que admiradas as circunſtantes, chamaraõ mais gente, e todos louvaraõ a Deos em ſua Serva. Depois levando o homem, que abria a cova, para ſua caſa a enxada, a poz a hum canto, e era taõ bom o cheiro, que tinha, que ſua mulher chamou gente, para que teſtemunhaſſe o prodigio, com o qual ſe confirmava a virtude de D. Leonor, accendendo nos coraçõeſ huma ſanta inveja da gloria, que poſſuhia.

D No anno de 1624, morreo no carcere Joaquim, de naſcimento Japaõ; e delle faz memoria Cardim, no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, fol. 295.

E Sem duvida foy Sor Cecilia da Aſſumpçaõ, abalizada em virtude, pois a obediencia a tirou do Moſteiro de Aveiro, para o da Annunciada, onde havia Religioſas de grandes virtudes, ſendo eſcolhida para o governo daquella Caſa. Della trata a *Chronica da Ordem*, part. 2. fol. 200, e o *Anno Dominico*, neſte dia.

F Foy Sor Iſabel da Piedade, digna ſobrinha daquelle celebre Varaõ Fr. Luiz de Sottomayor, gloria da Cidade de Lisboa, ſua patria, e ſingular ornamento da Ordem dos Prégadores, do qual faz honorifica menção, o *Agiologio Luſitano*, a 13 de Mayo, acabou primeiro que ſeu ſanto tio, no anno de 1600.

No de 1622, no mez de Mayo, ſuccedeo aquella grande fome na Cidade de Lisboa, que deu motivo ao milagre da devota Celeireira; de ambas faz menção Souſa, na *Hiſtoria de Saõ Domingos*, part. 3. cap. 6. fol. 106; Soveges, *Anno Dominico*, neſte dia; e Lima, no *Agiologio da Ordem.*

JULHO XIV.

S. Torcato Biſpo M.

A Eſte dia, a Trasladaçaõ de Saõ Torcato Biſpo, e Martyr, o qual, ſegundo alguns affirmaõ, foy natural da antiga Villa de Guimarães, e que delle recebera as vozes do Evangelho, e fora regenerada a graça pelo bautiſmo, ella o tem por ſeu Protector, e na inſigne Collegiada deſta Villa ſe celebra a ſua Feſta com Officio ſolemne, aos 15 de Mayo, e ſe conſerva huma inſigne Reliquia ſua com grande veneraçaõ. Foy eſte glorioſo Santo, hum dos Diſcipulos do Apoſtolo Santiago, ao qual com outros ſeis companheiros ſeguiraõ a Jeruſalem, e foy tambem huma das teſtemunhas do ſeu glorioſo Martyrio. E depois trouxeraõ o ſeu ſagrado corpo a Galliza, donde voltaraõ a Roma, e Sagrados Biſpos, foraõ mandados pelo Principe dos

Apoſtolos Saõ Pedro outra vez a Heſpanha, para nella cultivarem as tenras plantas, que haviaõ recebido a Fé de Jesu Chriſto, e promulgarem a ſua Ley, promovendo a gloria do ſeu Nome, a toda a gentilidade deſta vaſta Regiaõ. Eraõ ſeus nomes Torcato, Ceſiphonte, Secundo, Indalecio, Cecilio, Heſychio, e Euphraſio. Entraraõ em Heſpanha, pela parte em que fica o Reyno de Granada; coube a Saõ Torcato, a Cidade de Acci, que hoje ſe chama Guadis: nella aſſentou a ſua Epiſcopal Cadeira; e depois de haver exercitado as obrigações de bom Paſtor, havendo reduzido ao gremio da Igreja grande numero de almas, que inſtruîdas na ſuaviſſima Ley de Jesu Chriſto, o adoravaõ publicamente, pelo que veyo a conſeguir o premio de taõ glorioſos trabalhos, com a coroa do Martyrio. Seu corpo foy ſepultado pelos Chriſtãos, com mais veneraçaõ, que pompa; e aſſim eſteve até o tempo, que os Mouros invadiraõ Heſpanha, no anno de 714, em que pertenderaõ acabar todo o Chriſtianiſmo, principalmente quando entrou o cruel Abderamen, que foy no anno de 760, em que queimaraõ as Imagens, e Reliquias dos Santos, com barbara impiedade. Pelo que alguns devotos Chriſtãos, com notavel piedade, tomavaõ as Reliquias que podiaõ, e fogindo para as partes do Norte, as levavaõ para os lugares mais diſtantes, e as deixavaõ onde lhe parecia, ſeguras, e enterradas em depoſitos incultos, e inhabitados, onde eſtiveſſem eſcondidas, e ſeguras da barbaridade, e lhe punhaõ certas balizas, e ſinaes, para depois conhecerem os lugares daquelles precioſos theſouros. Aſſim permaneceraõ eſcondidas, em quanto durou a barbara perſeguiçaõ daquelle pezadiſſimo dominio, até que paſſados tempos, em que ſacudido o jugo Mauritano pelo eſclarecido Infante D. Pelayo, e por ſeus ſucceſſores, em que reſplandeceo publicamente a Ley Evangelica, foraõ achadas as Santas Reliquias em diverſas partes, entre montanhas, e aſperas ſerras, que os Chriſtãos collocaraõ em diverſas Igrejas, com muita decencia, e veneraçaõ. O corpo de Saõ Torcato he tradiçaõ antiquiſſima ſer achado junto a Guimarães, huma pequena legoa diſtante para o Naſcente, em hum certo lugar donde ſe viaõ reſplandecer luminoſos ſinaes, que obſervando-ſe, ſe tiveraõ por prodigioſos; e aſſim guiados deſtas luzes, rompendo por aſperos matos,

tos, ao pé da ſerra, junto de huma fonte, que depois deu ſaude a muitos enfermos, que com fé uſaraõ da ſua agua, por prodigioſo remedio, que ainda hoje permanece, foy achado o corpo de Saõ Torcato, em huma cova, de que ſe percebeo hum ſuave cheiro, e foy deſenterrado com a veneraçaõ devida. Neſte meſmo lugar ſe levantou huma Ermida, em que ſe conſerva huma Imagem ſua, a que ainda hoje ſe chama *S. Torcato o velho:* nella eſteve muitos annos o corpo deſte Santo, até que foy mudado para o alto do monte, depois que nelle ſe edificou pelos annos de 887, o Moſteiro da invocaçaõ do ſeu nome, que foy Duplex, em que viveraõ Religioſos, e Religioſas do Patriarca Saõ Bento. A eſte Moſteiro foy trasladado o corpo de Saõ Torcato, e poſto em hum ſepulchro de pedra pouco polido, mas grande, aſſentado ſobre quatro columnas toſcas, cercado de grades de ferro, dentro de huma Capella, que eſtá à entrada da porta principal. O Cabido da Real Collegiada de Guimarães, no tempo que governava a Primacial Igreja de Heſpanha o Arcebiſpo D. Sebaſtiaõ de Matos de Noronha, ſendo D. Prior deſta Collegiada D. Bernardo de Ataide, reformou o ſepulchro deſte glorioſo Santo, com nova architetura, em fórma pyramidal: e neſte dia, do anno 1637, o Doutor Ruy Gomes Golias, Meſtre Eſcola da dita Collegiada, e Balthazar de Meira, Arcipreſte, Miguel da Sylva de Mello, Chriſtovaõ Ferraz, Miguel da Fonſeca Arochela, todos Conegos, e Dignidades da dita Collegiada, Antonio Coelho, Cura, Paulo Barreto, e o Licenciado Jeronymo Coelho, Reitor, e Vigario da Igreja, e Moſteiro de Saõ Torcato, com outras muitas peſſoas nobres, e povo, que ſe acharaõ preſentes à collocaçaõ do corpo de Saõ Torcato, que todos viraõ inteiro ſem alguma corrupçaõ, veſtido em Pontifical com Bago, na meſma fórma, que ſe vê a ſua Imagem no ſeu Altar, e louvando todos a Deos em ſeus Santos, ſe fez hum Auto Judicial de teſtemunhas, por Diogo de Barros, Notario Apoſtolico, que ſe guarda no Archivo daquella Collegiada. Neſta meſma occaſiaõ o Doutor Meſtre Eſcola Ruy Gomes Golias, animado da ſua devoçaõ, ſe arrojou a tirar eſcondidamente do corpo do Santo hum tornozello do pé: quando lho arrancaraõ, ſahio ſangue claro, que ainda hoje ſe conſerva, e levando a Reliquia para ſua caſa, começou

çou a exprimentar tantas enfermidades, que entendeo ſer caſtigo da ſua indiſcreta devoçaõ; pelo que a mandou collocar no Santuario da Collegiada de Guimarães, aonde ſe venera em hum relicario grande de prata dourado, metido entre dous vidros, por onde ſe vê o ſagrado oſſo de Saõ Torcato, manchado de ſangue.

Saõ Focato Biſpo. *B* Em Lugo, Cidade do Reyno de Galliza, Saõ Focato, Biſpo da meſma Cidade, o qual depois de exercitado em todo o genero de virtudes, abrazado no amor de Deos, dormio em o Senhor ſendo Confeſſor.

Simeaõ M. *C* Na Cidade de Dinhtraõ, Reyno da Cochinchina, deu fim a ſeus glorioſos trabalhos o bom velho Simeaõ, depois de ſer prezo, ferido, e maltratado, em odio da Fé de Jesu Chriſto, ſofrendo pelo ſeu amor a injuria da canga, que recebeo com grande goſto, junto com Agoſtinho, de que já fizemos mençaõ a 4 deſte mez, de que reciprocamente ſe davaõ os parabens, ſendo Simeaõ louvado de todos os Chriſtãos, pela conſtancia com que ſofria as afrontas, e os tormentos, em que perdeo hum dedo; e inda que a piedade dos amigos lhe aſſiſtia com cuidado, eraõ muitas as dores em hum corpo cheyo de annos, com que rendida a conſtancia dos eſpiritos vitaes, ſe lhe adiantou deſta ſorte o premio, que eſperava lograr pelo Martyrio.

O P. Joaõ Rabello da Companhia. *D* Em a Cidade de Evora, no Collegio da Companhia, a felice morte do Padre Joaõ Rabello, aquelle inſigne Religioſo, que os primeiros paſſos, com que entrou na Companhia, foraõ huma ſingular demonſtraçaõ da ſua humildade, moſtrando na idade de quinze annos o deſprezo do Mundo, e o ſólido da ſua vocaçaõ. Eſtava aceito na Religiaõ, e parecendo-lhe ſer coſtume dos que entravaõ mandar a ſua cama, fez conduzir a em que dormia; o que vendo o Reitor o reprehendeo, dizendo-lhe: que aos proprios hombros a tornaſſe ſem dilaçaõ a levar a ſua caſa; obedeceo ſem repugnancia, e com deſprezo naõ imaginado de idade, em que o brio eſtá em ſeu vigor, poz aos hombros a cama, e ſahindo da Portaria, atraveſſou as ruas mais publicas da Cidade, dando com aquelle raro exemplo, edificaçaõ a huns, e rizo a outros, que ainda as acções heroicas de virtude padecem nota no juizo dos homens, como ſe os Servos de Deos pertenderaõ mais, que o agrado Divino.

vino. Neſte ſólido fundamento da humildade, fez a baſe das mais virtudes, ſendo na oraçaõ admiravel, em que perſeverava com grande fervor de joelhos. Em todos os exercicios era continuo, ſem que a idade, nem as doenças o fizeſſem afroxar. Todo o tempo, que viveo, nenhum dia deixou de tomar diſciplina, algumas vezes taõ aſperas, que em feridas reſgava o corpo; e como as diſciplinas eraõ com roſetas, cada golpe accreſcentava com novas dores mais huma ferida, a que os ſuperiores acodiaõ para remediar os exceſſos. Naõ houve virtude, em que naõ exercitaſſe o ſeu eſpirito: o proveito do proximo lhe deveo hum grande cuidado, ſendo continuo no confeſſionario, e no pulpito. Das almas do fogo do Purgatorio teve grande commiſeraçaõ, e aſſim trabalhava pelas ſoccorrer, naõ ſó com as ſuas orações, mas exhortando com a ſua efficacia aos Fieis, os perſuadia, a que com eſmolas, orações, e jejuns, e outras obras de piedade, livraſſem das penas do Purgatorio as almas daquelles que morreraõ em graça. Deſte zelo receberaõ as almas muitos ſoccorros. Da Virgem Maria foy eſpecial devoto, propagando-lhe o culto, e devoçaõ; e a Chriſto crucificado trouxe taõ preſente na memoria, que a todos aconſelhava eſte aſylo na proſpera, ou adverſa fortuna. Elle foy o remedio com que minorou as dores, que padeceo na operaçaõ, que ſe lhe fez em huma perna, que tinha taõ inchada, e já com receyos de herpes, que ſe naõ podiaõ evitar ſe naõ com botoens de fogo. Antes da cura pedio a Imagem de Chriſto na Cruz, com quem abraçado, ſofreo conſtante a operaçaõ. Deſta ſorte experimentando o ſeu ſofrimento, e exercitado em virtuoſas obras acabou ſantamente.

Mariana do Sacramento Terceira do Carmo.

E No Recolhimento de Noſſa Senhora do Carmo do Lugar de Cuba, na Provincia de Alentejo, a virtuoſa Mariana do Sacramento, Terceira da Ordem Carmelitana, a quem Deos chamou por hum galante modo. Succedeo-lhe, ſeguindo o coſtume da vaidade do ſeu ſexo, em certa occaſiaõ, em que ſe eſtava compondo, e enfeitando-ſe a hum eſpelho, ſe vio taõ desfigurada, e medonha, que aſſuſtada, e corrida de ſi meſmo, mas tocada de ſuperior impulſo, determinou com differente penſamento ſeguir a vida devota, para o que cooperou muito ouvir prégar hum Miſſionario, que fallando-lhe ao coraçaõ

coraçaõ as ſuas vozes, aſſentou nos ſeus bons proprofitos, que depois ſe adiantaraõ ouvindo prégar ao Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, a quem depois tratou, e ſe confeſſou muitas vezes. Com eſte Apoſtolico Director, ſe poz em eſtado, de ſe poder exercitar em todo o genero de virtudes, naõ ſó pela oraçaõ, mas tambem pelo rigor das penitencias; porque era continua nos jejuns, andando ſempre cingida com huma cadea de ferro, e com outras mortificaçõeſ ardia no amor de Deos, e do proximo, de ſorte, que viveo por muito tempo no vehemente deſejo de dar a vida por ſeu Eſpoſo, e conciderando qual podia ſer o caminho, que a levaſſe a terra dos infieis; ao que Deos ſatisfez, revelando-lhe, que ſem iſſo conſeguiria o deſejo do martyrio; porque ſentiria no ſeu corpo todos os tormentos, que na ſua doloroſa Paixaõ padeceo na Cruz o Salvador do Mundo, e aſſim lhe ſuccedeo; porque padeceo exceſſivas dôres de cabeça, os braços ſe lhe deſconjuntaraõ, a boca ſentia crueis amargores, e outras mortificaçõeſ extraordinarias, que tolerou com ſanta conſtancia, taõ conforme, que no ultimo periodo da vida a viraõ rir por tres vezes, e dando fim aos ſeus trabalhos, foy gozar da eternidade glorioſa.

Commentario ao XIV. de Julho.

A Fica o Moſteiro de Saõ Torcato em hum lugar eminente, affaſtado huma pequena legoa da inſigne Villa de Guimarães, para o Norte: teve ſeu Clauſtro, e no meyo huma fonte, cercada de columnas de pedra, e encoſtada da outra parte às paredes de ſeus dormitorios, de que já ſe naõ vem mais, que as ruinas, e huma pequena habitaçaõ dos Vigarios deſta Igreja. Eſte Moſteiro he antiquiſſimo, e naõ ſe acha nas Hiſtorias, quem o fundou; Gaſpar Eſtaço celebre, e cuidadoſo inveſtigador das antiguidades de Portugal, confeſſa o ignorou; porém que do inventario da fazenda do Convento da Condeſſa D. Mumadona conſta, que ElRey D. Ramiro II. lho dera, que devia ſer o que era ſeu ſobrinho. Em diverſos tempos ſe encontraõ memorias deſte Santo, em doações antigas. ElRey D. Fernando de Leaõ, e de Caſtella, em a carta de privilegio, que concedeo ao Moſteiro da Condeſſa D. Mumadona, diz: *Diſcurrant per manus Vicarii ipſius cœnobii, & in omnem terram Sancti Torquati ſimiliter faciant*, foy feita no anno de Chriſto de 1049. Em outra carta de permutaçaõ de Mendo Viegas, diz: *Hæreditatem habemus, quæ jacet inter Sancto Torquato, & illa portella de Morteira*, feita no anno de 1073, das quaes faz menção Eſtaço, no cap. 34. das *Antiguidades de Portugal*, e o Licenciado Jorge Cardoſo, no Tomo I. no *Commentario*, a fol. 532. Depois de eſtar muitos annos eſte Moſteiro annexo ao da Condeſſa D. Mumadona, já era da appreſentaçaõ Real, onde havia Collegiada com Dignidades de ſeu Prior, e Conegos, que nelle parece viveraõ recolhidos, até o tempo delRey D. Affonſo Henriques, que delle o deſmembrou, e deu aos Conegos Regrantes de Santo Agoſti-

Agoſtinho, como ſe vê na Carta de Doação, em que coutou o dito Moſteiro, e refere D. Nicolao de Santa Maria, na *Chronica da ſua Ordem*, part. 1. cap. 13. pag. 134, e della faz menção Cardoſo, no lugar citado, e diz aſſim: *In nomine Patris, &c. Hæc eſt carta cauti, ſive teſtamentii quam Ego Alfonſus Rex Portugalentium una cum filio meo Rege Sancio & filia mea Regina Tharaſia, pro amore Dei, & remiſſione peccatorum meorum facio Eccleſiæ S. Mariæ & S. Torquati, & aliorum Sanctorum, quorum ibi reliquiæ condita ſunt. Et vobis Domno Pelagio ejuſdem Eccleſiæ Priori, & cæteris fratribus, tam præſentibus, quam futuris, qui in prafata Eccleſia bene vixerint, & ſecundum Canonicam Regulam S. Auguſtini in Sancta Converſatione permanſerint do vobis, atque concedo & preſentis ſcriptura munime confirmo eandem Eccleſiam cum adjacentibus villis ſuis, &c. Facta Charta in Era M. CC. XI.* que he anno de Chriſto de 1173. Deu ElRey ao Moſteiro o titulo de Santa Maria, e Saõ Torcato: porém naõ teve effeito a ſua devoçaõ; porque o Moſteiro reteve o nome de Saõ Torcato, que ainda hoje conſerva. Depois para melhor ſuſtentação dos Religioſos D. Lourenço Arcebiſpo de Braga, lhe annexou as Igrejas de Saõ Romaõ, e de Saõ Coſmade: foy feita a Doação na Era de 1412, que he anno de Chriſto de 1374.

Porém com o decurſo do tempo paſſou eſte Moſteiro ao dominio de Priores Seculares, até vir a dar no devoto, e pio Varaõ Joaõ de Barros, Conego na Sé de Braga, que o annexou à Collegiada de Guimarães, por authoridade Apoſtolica do Papa Xiſto IV. no anno de 1475, por Doação confirmada pelo Arcebiſpo de Braga D. Luiz Pires; e juntamente annexou a eſta Igreja a de Saõ Gens de Monte longo, e a de Toloens, as quaes elle largou em ſua vida, reſervando ſómente quarenta mil reis de penſaõ cada anno, que o Cabido lhe pagou em quanto viveo, com que aquella Collegiada recebeo grande accreſcentamento com eſta Doação.

Reynando ElRey D. Manoel, em quem ardeo o augmento, e culto da Religiaõ Chriſtãa, deſejando recolher às Igrejas das Cidades, e Villas populoſas, os Corpos, e Reliquias dos Santos, que jaziaõ em Aldeas, e Lugares pobres, e pouco povoados, onde naõ tinhaõ todo aquelle reſpeito devido aos ſeus merecimentos: e para que o Corpo de Saõ Torcato, foſſe venerado com eſpecialidade, mandou eſcrever ao Cabido de Guimarães a Carta ſeguinte, que ſe guarda no ſeu Cartorio, e diz aſſim.

Conegos da Igreja de Guimarães, eu ElRey vos envio muito ſaudar. Fazemos-vos ſaber, que Nós havemos por bem, que o Corpo do Bemaventurado Saõ Torquato, ſeja treladado à Igreja Collegiada da dita Villa, en logar onde ao Prior parecer bem, o qual levará o Breve, para ſe a dita treladaçaõ fazer, e por tanto havemos por eſcuſadas as deſpezas, que ſe haviaõ de fazer, onde ateora jouve. E porém vos mandamos, que deis ordem como ſe logo aſſi faça. Feita en Lisboa, a 28 de Fevereiro 1501.

Eſta Carta he hum teſtemunho, que confirma o noſſo intento da exiſtencia do Corpo de Saõ Torcato, e depois a continuada tradiçaõ taõ antiga, perſeverada na ſucceſſiva devoçaõ dos Fieis, até o preſente. Determinou o Cabido, e Camera de Guimarães dar ſatisfaçaõ à ordem delRey, aſignando dia para ſer do Moſteiro trasladado para a Collegiada, com toda a ſolemnidade, e grandeza, com que os ſeus naturaes coſtumaõ, em todas as occaſiões de goſto, e devoçaõ, moſtrar o amor, e obediencia ao ſeu Soberano. Tiveraõ noticia os moradores da Freguefia, e Couto, e os das mais viſinhas, do que eſtava aſſentado: tanto que chegaraõ àquella Igreja os Clerigos, Religioſos, e o de mais povo da Villa, os acharaõ armados, para impedirem, e defenderem a Trasladaçaõ do Corpo do Santo: pertenderaõ convencellos, e depois de varias porpoſtas do Cabido, reſponderaõ ultimamente reſolutos: que de nenhuma ſorte deixariaõ levar o Corpo do Santo, ſem perderem as vidas; porque elles tambem eraõ Chriſtãos, e ſabiaõ tambem venerar ao Santo, proteſtando todos os damnos da violencia, diante dos Miniſtros Eccleſiaſticos, e Seculares, com tal ardor, que foy preciſo ceder à multidaõ dos Lavradores amotinados: e aſſim à viſta da ſua deliberada determinaçaõ, por ſe evitar o perigo, em que aquelle negocio havia de romper, entre huns homens ruſticos, ſe recolheraõ todos à Villa, e os Freguezes deſconfiados por muito tempo, com

grande vigilância de dia, e de noite ſe dividiaõ, para guardarem a Igreja.

Depois, ſendo Arcebiſpo de Braga D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, intentou pelos annos de 1597, mudar o Corpo do Santo para a Cathedral daquella Cidade, para o que mandou chamar o Vigario de Saõ Torcato, Jeronymo Coelho, ao qual communicou o intento, e elle declarou aos ſeus Freguezes, o para que o Arcebiſpo o chamara: eſtes participaraõ logo aos moradores das Freguеſias viſinhas, e todos ſe começaraõ a preparar para o impedirem: diſtribuiraõ ſuas ordens, para que ſe tomaſſem as eſtradas, e pontes, por onde poderia ſer a conducçaõ. O Arcebiſpo, que ignorava ſerem os moradores ſabedores do ſeu intento, chegou ao Moſteiro, havendo eſpalhado, que hia abrir o ſepulchro de Saõ Torcato, ſómente para examinar o eſtado, em que eſtava o Corpo do Santo. Aſſim que o Arcebiſpo hia chegando à Igreja, tocaraõ os ſinos, naõ a feſtejar o Prelado, mas em ſinal de rebate, e incontinente chegaraõ os Lavradores das Freguеſias viſinhas, coroando os montes, enchendo os valles, e as eſtradas de gente armada. Vendo-ſe o Arcebiſpo com a ſua familia, e peſſoas, que o ſeguiaõ, cercado daquella multidaõ de povo de hum, e outro ſexo, amotinada deſordenadamente, entendeo ſer revelado o ſegredo do que intentava; e chegando já perto da Igreja, vendo huma mulher entre outras muitas, lhe perguntou pela roca, e ella lhe reſpondeo: Senhor, eſtas ſaõ as maçarocas, (moſtrando-lhe humas poucas de pedras, que levava) para quem nos quizer roubar o noſſo Santo. O Prudente Prelado, vendo toda aquella deſordem, entrou na Igreja, e feita huma breve oraçaõ, ſe retirou, e voltou para Guimarães deſperſuadido da empreza; porém já mais ſe eſqueceo do que lhe havia ſuccedido: aſſim quando por aquellas partes adminiſtrava o Sacramento da Chriſma, perguntava algumas vezes, donde ſois? E dizendo de Saõ Torcato, lhe avivava o golpe da ceremonia, quando lhe punha os dedos na face, dizendo-lhe: Hide tomar huma lança contra o voſſo Prelado; e às mulheres: Ajuntay pedras para apedrejar o voſſo Prelado.

Deſta ſorte ficou ſempre o Corpo de Saõ Torcato na Igreja daquelle Moſteiro do ſeu nome, donde de tempo immemorial, he venerado dos habitadores daquelles montes, e juntamente dos da Villa de Guimarães, eſpecialmente no dia da ſua feſta: e ſe referem muitos milagres, com que o Senhor acredita os merecimentos de ſeu fiel Servo. Do ſeu ſepulchro levaõ os devotos pós, que tem ſido milagroſos em muitas occaſiões. Neſte antigo ſepulchro jazia o Corpo do Santo, até que no anno de 1637, como fica referido no texto, o Cabido de Guimarães reformou o ſepulchro do Santo, que eſtá na dita Capella, onde no alto ſe lhe mandou eſculpir o ſeguinte diſtico, eſcrito neſta fórma.

HIC TVMVLO ILÆSIS. CÕDVTR
CARNIBVS OSSA
TORQVATI. D. PIGNORA. CHARA. DEO.

E por baixo ſe lê a ſeguinte memoria.

AN. 1637. SEGVARE
SEV ESTA SA E ABERTA. SE
ACHOV. O CORPO. E CARNE.
INTO VESTIDO. E PONTIFC
AL. COM BACVLO.

O Licenciado Jorge Cardoſo, pertende que Saõ Torcato, que eſtá na referida ſepultura, ſeja Saõ Torcato Felix, Biſpo de Iria Flavia, Martyr, de quem elle faz menção no dia 26 de Fevereiro. E no dia 15 de Mayo trata do noſſo Saõ Tor-

Torcato, que diz eſtá no Moſteiro de Cella nova. Porém deſejando nós ſempre accommodarmonos com a ſua authoridade, o naõ podemos fazer no preſente caſo; porque todo o fundamento com que pertende deſembaraçarſe dos que referem ſer o noſſo Saõ Torcato o Biſpo de Guadis, he com hunia authoridade do *Pſeudo Chronicon* de Juliano Peres, Arcipreſte de Toledo, o qual meſmo ſe eſtá convencendo de falſo, como já advertio o inſigne Gaſpar Eſtaço, nas *Varias Antigaidades de Portugal*. Diz Juliano, que acompanhando o Arcebiſpo de Toledo D. Bernardo, Legado à Latere neſte Reyno, viſitara naõ longe de Guimarães o Corpo de Saõ Torcato, que foy Biſpo Irenſe, (hoje Padraõ) depois do Porto, e finalmente de Braga, o qual ſe achara no XVI. Concilio Toledano: ſaõ as palavras do Arcipreſte Juliano, as ſeguintes: *Non procul Vimarano in tractu Bracharenſi vidi ſepulchrum Sanctiſſimi Torquati, cognomento Felicis, Epiſcopi Bracharenſis, & Martyris, qui interfuit decimo ſexto Concilio Toletano, & ejus urbis Archipræsbiter, inde Epiſcopus Irenſis, inde Portuenſis, & Bracharenſis. Occiſus eſt fidei cauſa à perfidis Sarracenis ſub Muça. an. DCC. LXXIV. Kal. Martias, ut legi in Martyrologiis. Occiſus eſt, cum aliis XXVII. Civibus Bracharenſibus. Ejus gratia vocatum eſt oppidum prope Complutum, id eſt, Guadalajaram, vicus S. Torquati, & in fine Toletani Epiſcopatus, S. Felicis, & nunc Sahelices, & prope ..... Coloniam S. Felix Gallecorum, celebris eſt tanti viri memoria.*

He certo, que no Concilio XVI. ſe acha aſſinado Felix, Biſpo do Porto, e Braga, e no antecedente Felix de Iria, que o Licenciado Jorge Cardoſo, ſeguindo a Juliano, quer que ſeja o meſmo, e que chamando-ſe Torcato Felix, aſſinava ſómente com o ſegundo nome; porém vendo-ſe os Concilios de Heſpanha, na *Collecçaõ do Cardeal Aguirre*, ſe tira toda a duvida conhecendo-ſe a apocrifica Obra, que ſe attribue a Juliano, com quem Cardoſo ſe enganou. Aſſim he de ſaber, que no Concilio XV. de Toledo, celebrado na Era de 726, que he anno de Chriſto 688, no tempo do Papa Sergio I. que refere o dito Cardeal no ſeu II. Tomo dos *Concilios*, a fol. 728, na ſobſcriçaõ dos Padres ſe vem entre muitos os ſeguintes aſſinando neſta fórma: *Fauſtinus Bracharenſis Metropolitanus Epiſcopus ſubſcripſi. — Froaricus Portucalenſis Epiſcopus ſubſcripſi. — Felix Irenenſis Epiſcopus ſubſcripſi.* De ſorte, que neſte Concilio ſe acharaõ Fauſtino de Braga, Froarico do Porto, e Felix de Iria; e cinco annos depois no XVI. Concilio Toledano, ſe acha já mudado Fauſtino de Braga, para Sevilha, e Felix do Porto, para Braga, o qual devia ſer eleito do Porto, por morte de Froarico, que aſſinou no Concilio XV. acima. Foy celebrado o dito Concilio na Era 731, que he anno de Chriſto 693, do qual faz menção o Cardeal de Aguirre no II. Tomo, fol. 746, onde aſſinaõ neſta fórma: *Ego Fauſtinus, indignus Hiſpalenſis Sedis Epiſcopus, hæc decreta ſynodica à nobis edita ſubſcripſi — Ego Felix in Dei nomine Bracharenſi, atque Portucalenſis Sedium Epiſcopus, hæc decreta ſynodalia à nobis edita ſubſcripſi.* Aqui temos Fauſtino, que era de Braga, em Sevilha, e Felix, que era do Porto, paſſado para Braga, conſervando huma, e outra Igreja, e naõ ſe acha no dito Concilio aſſinado o Biſpo de Iria, cujo lugar ſe deixou em branco. He de ſaber, que no XII. Concilio de Toledo, e no XIII. que refere o dito Cardeal, no II. Tomo, fol. 687, e fol. 702, o qual foy celebrado na Era 721, que he anno de Chriſto de 683, ſe acharaõ ſobſcrevendo Liuba de Braga, Froarico do Porto, e Felix de Iria.

Em todos os referidos Concilios vemos aſinado Felix Biſpo de Iria, o qual depois paſſou para Biſpo de Braga, e que eſte ſeja o Martyr, com os ſeus companheiros poderá ſer; mas que foſſe Torcato, naõ póde ſer; porque ſe convence com o Concilio III. de Braga, celebrado na Era de 713, que he anno de Chriſto 675, no quarto anno do Reynado de Wamba, que traz o meſmo Cardeal, no Tomo II. fol. 678, onde aſſinaõ neſta fórma: *Leodeciſius in Chriſti nomine Epiſcopus, cognomento Julianus, has conſtitutiones ſecundum quod nobis cum ſanctis Coëpiſcopis meis, qui mecum ſubſcripſerunt, Deo inſpirante, complacuit, & relegi, & ſubſcripſi. — Froaricus Deo jubente Portucalenſis Eccleſiæ Epiſcopus ſimiliter. — Ildulfus, qui cognominor Felix Irenſis Eccleſiæ ſimiliter.*

Aqui temos neſte Concilio Leodigio, Biſpo de Braga, Froarico, Biſpo do Porto, e Hildufo, de ſobre nome Felix, Biſpo Irenſe. De ſorte, que eſte Prelado, que foy Biſpo do Porto, e depois de Braga, naõ ſe chamava Trocaco Felix, ſenaõ Hildufo Felix, e por conſequencia naõ he elle o noſſo Saõ Torcato, como já havia advertido o inſigne Antiquario Gaſpar Eſtaço, no livro *Varias Antiguidades de Portugal*, cap. 38. De ſorte, que tudo o que o Licenciado Jorge Cardoſo com a ſua erudiçaõ pertendeo moſtrar, para corroborar a authoridade de ſeu falſo Juliaõ, fica deſtruído com o que fica referido, e que evidentemente ſe convence com o Concilio Bracarenſe, em que Hildufo Felix, Biſpo Irenſe, he o que foy Biſpo de Braga, e naõ ſe chamou Torcato, com que deſta ſorte parece ſer o noſſo o Biſpo de Acci, como ſe vê na *Geografia Antiga* de Cellario, no I. Tomo, fol. 86, onde diz: *Acci in Bætica confinio Colonia, ex plurium Hiſpanorum conſenſu nunc Guadix in regno Granatenſi*, referindo-ſe a Ptlomeo; o que he conſtante em todos os Geografos.

De Saõ Torcato, faz menção com os ſeus companheiros, Cleſiphonte, Secundo, Celio, Heſychio, e Euphraſio, o *Martyrologio Romano*, Baronio, Uſuardo, e outros neſte dia 15 de Mayo; os Breviarios antigos de Heſpanha, e outros Authores, que allega o Licenciado Jorge Cardoſo, no Commentario do dia 15 de Mayo, em que trata de Saõ Torcato, aonde remetemos ao Leitor, e ao Commentario do dia 16 de Fevereiro, e ao do 1 de Mayo, donde pertende, que o noſſo Saõ Torcato diſcipulo de Santiago, eſteja o ſeu Corpo no Moſteiro de Cella-nova em Gallıza. Porém nós ſeguindo ao Conego Gaſpar Eſtaço, no lugar citado, entendemos ſer o noſſo, que eſtá no Moſteiro do ſeu nome, de taõ antiquiſſimo tempo, que conſerva huma tradiçaõ immemorial naquelles póvos, como aſſaz deixa provado Eſtaço, contra o que Ambroſio de Morales deixou eſcrito no liv. 9. cap. 13. Demais, que no Martyrologio Romano, e nos de mais, ſe naõ acha outro algum Santo chamado Torcato, do que o Biſpo de Acci: eſte eſtá inteiro o ſeu corpo, como temos referido, e o de Cella nova, reduzido a cinza, o coraçaõ inteiro, e myrrhado a cabeça com huma ferida, apertada com lenço empapado em ſangue; e nelle ſe naõ vê inſignia nenhuma de que foſſe Biſpo, como no noſſo temos acima dito; e aſſim poderá ſer de outro Santo, que tiveſſe eſte nome, e naõ Saõ Torcato Biſpo. Demais, que o meſmo Cardoſo refere, que quando ſe abrio o ſepulchro daquelle Santo, ſe achara o ſeu corpo cuberto com hum pano de linho, muy delgado, e alvo, lavrado de ſeda encarnada, taõ novo, como ſe naquella hora fora poſto, e o corpo reduzido a cinza, como fica dito; e he certo, que ſe fora Biſpo ſe acharião tambem alguns ſinaes da ſua Dignidade; porque quando, como pertende o meſmo Cardoſo, ſe abrio o ſeu ſepulchro em Cella-nova, no anno de 1170, e ſe lhe tirou o braço, que ſe venera com o ſeu nome no Moſteiro de Santa Maria da Veiga, junto a Carriaõ, parece, que devião compor o corpo do Santo, com as Veſtiduras Epiſcopaes; pois entaõ o corpo ſe achava inteiro, de que ſe lhe tirou o braço, que ſe conſerva illezo da corrupçaõ, no referido Moſteiro, ainda que Morales duvida ſer do tal Santo.

Na verdade me admiro, como Cardoſo, ſendo taõ univerſalmente erudito, lhe naõ fizeſſe pendor, o que Eſtaço eſcreveo; porém como eſtava atado à crença dos falſos Chronicoens, os ſeguio cegamente. Do noſſo Santo faz menção o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Luſitana*, part. 2. liv. 5. cap. 5, dizendo ſer Biſpo, ainda que lhe troca a Cidade, pertendendo, que foſſe de Cinnania, antiga Cidade, que ficava huma legoa aonde hoje eſtá o Moſteiro do Santo, e outra de Guimaraẽs, tendo por erro os que o fazem Biſpo da Cidade de Guadis, antigamente chamada Acci; pois diz, que ſe enganaraõ alguns com o nome antigo de Acci, por verem, que a Lenda do noſſo Santo lhe chama Biſpo Accitano, naõ advertindo ſer derivado de Citania; e na verdade parece, que melhor ſe deriva Accitano, de Acci, do que de Citania. Naõ duvidamos por hora da exiſtencia da Cidade; mas que nella houveſſe Biſpado expreſſamente o negamos. O Bacharel Franciſco Xavier da Serra Craesbeck, Academico Provincial da Academia Real, ſendo Corregedor de Guimaraẽs, no anno

no

no de 1723, remeteo à Academia hum Tomo com eſte titulo: *Memorias Reſuſcitadas da Provincia de Entre Douro, e Minho, eſcritas em ſeis livros, pelas Correições de que ſe compoem, a ſaber: Guimarães, Porto, Vianna, Barcellos, Braga, e Valença.* Neſte Tomo, em que trata de Guimarães, traz huma *Diſſertação Exegitica*, em que pertende moſtrar, que Saõ Torcato, Patrono de Guimarães, he natural daquella Villa: he eſta Obra bem trabalhada, e com muita individuação tratada, como todas as ſuas Memorias; porque foy bem inſtruído na Hiſtoria: faleceo a 26 de Mayo do anno de 1736, ſendo Provedor da Comarca de Eſgueira. Nella ſe refere a hum livro, que eſcreveo com o titulo de *Varias Antiguidades*, o Doutor Simaõ Vaz Barboſa, Conego da dita Collegiada, irmaõ do inſigne D. Agoſtinho Barboſa, Biſpo de Ugento, no qual trata tambem do noſſo Saõ Torcato. Deſte Santo fazem menção tambem os Authores *Acta Sanctorum*, no Tomo III. de Mayo, pag. 442, e Tamayo no ſeu *Martyrologio*, ambos no dia 15 de Mayo.

Foy a Igreja do Moſteiro de Saõ Torcato ſagrada pelo Arcebiſpo de Braga D. Payo Mendes, no anno do Senhor de 1132, como conſta de huma Memoria antiga, que foy achada com as Reliquias, de que logo trataremos: diz aſſim: *Dedicacta eſt Eccleſia iſta à Domino Pelagio Bracharenſi Archiepiſcopo in honore Sancti Salvatoris, Sanctæ Mariæ, S. Michaelis, Sancti Petri Apoſtoli, Sancti Torcati, anno ab Incarnatione Domini milleſimo centeſimo trigeſimo ſecundo.* He de ſaber, que conſervando-ſe huma antiquiſſima tradiçaõ, de que nas paredes do dito Moſteiro eſtavaõ depoſitadas algumas Reliquias, o Cabido deſta Collegiada intentou buſcallas, e havendo alcançado permiſſaõ do Arcebiſpo Primaz D. Luiz de Souſa, no anno de 1685, em o dia 7 de Novembro foraõ a eſta Igreja as Dignidades, e Conegos da dita Collegiada, a ſaber, Nicolao Dias de Mattos, Theſoureiro môr, Domingos Pinto de Araujo, Meſtre Eſcola, Miguel de Freitas da Cunha, Conego, e juntamente o Padre Paulo Gomes, Prothonotario Apoſtolico, e o Padre Joaõ Fernandes Luiz, Notario Apoſtolico do Santo Officio, e precedendo a Miſſa do Eſpirito Santo, que cantou o Conego Miguel de Freitas, ſe ordenou aos Meſtres Pedreiros abriſſem o Altar Mayor, que era de pedraria, e desfazendo hunha pedra, que no meyo ſe achou, que tinha quatro palmos, e meyo de comprido, e dous, e meyo de largo, e de groſſo hum palmo, e dous dedos, pedra que moſtrava já ter ſervido; com molduras pelas cabecas, no meyo da qual havia hum buraco de palmo, e dous dedos em quadro por cada banda, tapado com pano, abetumado com breu; o Notario Paulo Gomes, com hum ferro de aſſentar abrio, e ſe acharaõ as Reliquias de que logo faremos mençaõ: e viſtas por todos, e o povo que ſe achava preſente, poſtos todos de joelhos, cantaraõ o *Te Deum Laudamus*; e depois tomando a ſobredita pedra a puzeraõ ſobre dous bancos com duas tochas accezas, e começando a fazer o exame, acharaõ as Reliquias ſeguintes. A ſaber, oito caixinhas de páo toſco, em que entrava huma lavrada, em que ſe achou eſcrito em papel a memoria da Dedicaçaõ da Igreja, de que acima fizemos mençaõ, e huns fios de ſeda, de que ſe naõ percebia côr, e com certos pedacinhos, ſerem oſſos, que ſenaõ podia diviſar o que era. Na ſegunda ſe achou hum papel, que dizia: *Reliquiæ Sancti Coſmæ & Damiani*, e o meſmo rotulo na caixa, na qual ſe achou embrulhado em ſeda preta dous oſſinhos dos ditos. Na terceira eſtava huma memoria, que dizia: *Reliquiæ de Ligno Domini, & Coſmæ, & Damiani, & Sancti Torcati*, porém eſtavaõ ſómente huns pedacinhos de ſedas de cores, que moſtravaõ ſer de veſtiduras de côr verde, e amarela, hum dentro no outro, e hum bocadinho de ſeda em dobras, atado com hum fio de retroz, que parecia gemado, e outro bocado preto, no qual eſtava hum bocadinho de fita verde. Na quarta tinha tres repartimentos, em hum ſe achou eſcrito em hum papel: *Reliquiæ Sancti Joannis*, e outros que ſe naõ puderaõ ler, no outro repartimento, huma memoria eſcrita, que dizia: *Reliquiæ Sancti Jacobi Apoſtoli*, e juntamente huns bocadinhos de oſſos miudos, com hum panoſinho enrolado com hum ponto, que moſtrava nelle eſtavaõ embrulhados. Na quinta eſtavaõ eſcritas em papel eſtas palavras: *Reliquiæ Sancti Pelagii*, e outros, que ſe naõ puderaõ ler, e hum pedacinho de ſeda velha, e outros fios de ſeda ſem outra couſa. Na

ſexta tinha hum letreiro, que mal ſe pode ler, e de fóra na madeira outro, que parece queria dizer: *S. Maxencio*, e dentro hum pedacinho de ſeda vermelha atada com hum fio branco. A ſetima dizia a memoria: *Reliquiæ Sanctæ Mariæ Virginis*, e hum pedaço de ſeda carmeſim, e dentro outro mais vermelho, que parecia ſer de lãa. Na oitava dizia a memoria: *Reliquiæ Sancti Stephani Martyris*, & *Sanctæ Eulaliæ Virginis & Martyris*, e dentro eſtavaõ dous oſſinhos, hum mayor, que outro, e hum bocadinho de ſeda tecida com lãa, com hum fio de retroz vermelho, e naõ continhaõ mais as referidas caixas, como conſta de huma certidaõ paſſada pelo Notario Joaõ Luiz, que eſtá no Cartorio do Cabido, a qual traz o Padre Antonio Carvalho da Coſta, no I. Tomo da *Corografia Portugueza*, fol. 23, donde trata a Comarca de Guimarães com muita individuaçaõ, ſendo huma das melhores Partes daquella Obra. E as ditas Reliquias, que o tempo tinha taõ damnificado ſe guardaraõ com veneraçaõ.

B Grande duvida ſe nos offerece em Saõ Phocato ſer Biſpo da Cidade de Lugo, em o Reyno de Galliza. Funda-ſe eſta noſſa duvida, em naõ conſtar da tradiçaõ deſta Igreja taõ antiga, que he das primeiras de Heſpanha, onde prégou o Apoſtolo Santiago, e lhe deu por primeiro Biſpo a Saõ Agapito, que viveo pelos annos de 60, e morreo Martyr em Peniſcola. Nem tem lugar para nos perſuadir neſte ponto o douto D. Thomás Tamayo Salazar, no ſeu *Martyrologio Hiſpano*, neſte dia, por ſer a ſua authoridade fundada em Dextro, que affirma viver pelos annos de 385, em que naõ fazemos fundamento, e nos confirma neſta opiniaõ o Meſtre Gil Gonçalves de Avila, Chroniſta môr de Indias, e dos Reys de Caſtella, eruditiſſimo na *Hiſtoria Eccleſiaſtica, e Secular de Heſpanha*, quando no III. Tomo do *Theatro Eccleſiaſtico das Igrejas de Caſtella*, a fol. 173, eſcreve a de Lugo, onde naõ faz memoria de tal Santo; e ſendo taõ larga a liçaõ deſte Author, he certo naõ achou fundamento para o numerar entre os Prelados, que a governaraõ. No *Martyrologio Romano*, ſe achaõ dous Santos deſte nome, hum Martyr em Antioquia, a 5 de Março, e outro no dia em que eſtamos, o qual era Biſpo de Synope em Aſia menor, em Ponto; e padeceo martyrio no tempo de Diocleciano na meſma Cidade. Pedro de Natalibus, Biſpo Equillino, no ſeu *Catalogo dos Santos*, liv. 11. circa fin. n. 193, diz: *Phocatus Epiſcopus ipſe die in Chriſto dormivit*; e como ſeja neſte dia, quer Tamayo ſeja o de que eſcreveo Dextro. Bem poderá ſer eſte Santo de Heſpanha, inda que naõ temos quem nolo affirme; e aſſim com authoridade do Biſpo Equilino, naõ nos fica eſcrupulo de que eſte Santo ſe poſſa venerar; porque ou ſeja o Confeſſor, ou o Martyr, que padeceo em Synope, he ſem duvida, que a Igreja faz menção de Santo deſte nome, e em muitas Cidades de diverſas regiões, achamos Santos do meſmo nome. O Padre Argaiz, feliciſſimo em achar novidades, no Tomo III. da ſua *Soledad Laureada*, a fol. 416, quando trata da Igreja de Lugo, ſeguindo o ſeu Dextro, que confirma com Auberto, numéra a eſtè Santo entre os Biſpos deſta Igreja, e com hum Catalogo muy largo de Prelados ſeus anteceſſores, de que he abundantiſſimo, em todas as que trata; pois ſem fallarmos mais, que nas que tocaõ ao noſſo Reyno, he para admirar, o que eſte Author achou dè Biſpos a Braga, Lamego, e outras Igrejas: e como naõ pertendemos authoriſar a ſua veneravel antiguidade com fabulas, naõ admittimos nada, que ſe naõ conforme com as memorias, que temos das noſſas Cathedraes, ou ſejaõ dos Archivos, ou da antiga, e immemoravel tradiçaõ das gentes, e por eſta razaõ nos naõ valemos dos Authores dos Chronicões, que ſe foſſem reduzidos à primeira verdade, com que foraõ eſcritos, antes de algumas inadvertidas addições, com que ſe fizeraõ de todo ſoſpeitoſos, ſeriaõ muy uteis à Hiſtoria das Heſpanhas, ſe foſſè facil tornarem ao que cada Author eſcreveo: e eſta he a cauſa de naõ fazermos fundamento na ſua authoridade; porém tambem nos naõ conformamos com alguns Criticos modernos, ainda que muy doutos, que pertendem, que eſtes Authores ſaõ apocrifos, e totalmente inventados, para o que nos naõ daõ prova equivalente, para deſtruir a opiniaõ, que temos comprovada com Authores muy graves, que affirmaõ os houve; e baſta que confeſſemos que os adulteraraõ alguns ambicioſos de ſe fazerem celebres no Mundo, por engrandecerem as couſas da

ſua

ſua patria, ſendo que naõ neceſſitava eſta de ſemelhantes liſonjas; pois em todo o tempo, e em todas as idades florceo com peſſoas dignas de eterna memoria.

C Era Simeaõ de naſcimento Gentio, mas taõ inſtruído nos Myſterios da Fé, que foy accuzado por cabeça principal dos que eraõ Chriſtãos, e fiel obſervador da Ley de Jeſus Chriſto; pelo que foy perſeguido, até que morreo no anno 1646, como referem as noticias das Miſſoens dos Padres da Companhia na Cochinchina, cap. 9. fol. 113.

D A Villa de Prado na Provincia do Minho, diſtante huma legoa da Cidade de Braga, fundada em tempo delRey D. Affonſo III. que lhe deu foral no anno de 1260, e hoje anda em ſeus deſcendentes com o titulo de Condado, de que he VII. Conde D. Antonio Caetano de Souſa, em quem a generoſidade, e o valor ſe anticiparaõ tanto, que de muy pouca idade acompanhou a ſeu pay o Marquez das Minas D. Joaõ de Souſa, Gentil-homem da Camera delRey D. Joaõ o V. e General da Cavallaria de Alentejo, e a ſeu avó D. Antonio Luiz de Souſa, Marquez das Minas, e Governador das Armas do Exercito de Portugal, que mandava entaõ tambem o da Liga quando entrou por Caſtella, deixando à poſteridade do ſeu nome huma immortal fama. Deſta Villa foy natural o Padre Joaõ Rabello, e era irmaõ do Padre Fernaõ Rabello, de quem faremos memoria a 20 de Novembro. Entrou na Companhia a 21 de Julho de 1558, e nella viveo mais de quarenta annos, gaſtados todos em ſerviço de Deos, e do proximo no Confeſſionario, no Pulpito, e em outras obras pias, e devotas, inſtituindo Confrarias para augmentar o culto de Noſſa Senhora, que muito deſejou ſe propagaſſe; como tambem o exercicio dos Santos Paſſos de Chriſto, mandando vir de Roma Indulgencias para inflammar a devoçaõ. Morreo de idade de ſeſſenta annos no de 1602. As ſuas Confrarias lhe fizeraõ cada huma ſeu Officio ſolemne. Compoz huma *Hiſtoria dos Milagres do Roſario*, que imprimio no anno de 1599; outro livro, que intitulou *Addiçoẽs*, ou *Commentarios à doutrina do Padre Marcos Jorge*, impreſſos no anno de 1617; hum livro intitulado *Vida de Chriſto*, na lingua Caſtelhana, muito differente da *Vita Chriſti*; hum *Manual de Oraçoẽs*, em Caſtelhano, que depois traduzio em Portuguez, para ſer mais geral, e tambem ſe imprimio; hum *Tratado breve ſobre a Salve Rainha*, e outras Obras, que naõ ſahiraõ a luz, todas cheyas de eſpirito, e devoçaõ. Dellas faz mençaõ Franço, na *Bibl. Luſ.* m. ſ. Nadaſi, e Gerardi, neſte dia.

E No Termo de Beja fica o Lugar da Cuba, onde ſe edificou o Recolhimento da Terceira Ordem do Carmo a 8 de Setembro do anno de 1652, de que foy Authora huma devota mulher, chamada Maria Lopes, que vivia caſada com Pedro Fialho; mas de taõ ſanta vida como veremos a 9 de Novembro, em que ditoſamente faleceo no anno de 1695. Para eſtabelecer eſta virtuoſa Caſa, procurou em Lisboa humas certas Beatas Terceiras da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo; foraõ ellas Mariana do Sacramento, Maria do Naſcimento, Maria de Saõ Joſeph, Andreza das Chagas, Sebaſtiana da Cruz, e Margarida de Jeſus, às quaes fez Doaçaõ do Recolhimento, por eſcritura feita em a Villa de Faro de Alentejo, a 31 de Outubro de 1672, pelo Eſcrivaõ Pedro Dias. Neſta Caſa viveraõ com grande edificaçaõ, e nella morreo neſte dia a virtuoſa Maria do Sacramento, no anno de 1702, o que tiramos das Memorias delle, que devemos à bondade, e zelo do Padre Fr. Franciſco de Oliveira, e temos em noſſo poder.

JULHO XV.

A Trasladaçaõ de Santa Liberata V. M.

AM a Cidade de Siguença, a Trasladaçaõ das Sagradas Reliquias da noſſa Inclita Portugueza Santa Liberata Virgem, e Martyr, huma das nove irmãas, a qual depois de varios tormentos foy coroada de Martyrio, e o ſeu corpo ſepultado pelos Chriſtãos, donde deſcançou por alguns ſeculos, até que foy trasladado para hum Convento de Monges Beneditinos em Galliza, e pelo receyo das continuas guerras, em que ſe via aquella Provincia, foy levado para a Dioceſi de Siguença, e collocado no Moſteiro de Santa Dorotea, onde pelos ſeus frequentes milagres era venerado. Delle foy trasladado para a Cathedral, em tempo do Biſpo D. Bernardo, e daqui ſe levou com grande ſegredo à Cidade de Florença; o que foy muy ſentido dos Cidadãos de Siguença, que com votos pediaõ a Deos a reſtituiçaõ do corpo de Santa Liberata, ſua Padroeira, até que governando eſta Igreja o Biſpo D. Simaõ Giron de Ciſneros, por conceſſaõ do Papa Bonifacio IV. de quem foy muy favorecido, teve licença, para reſtituir as Santas Reliquias à Sé de Siguença, e nella lhe lavrou huma magnifica Capella, aonde em huma arca de prata poz o corpo da Santa. Aqui permaneceo, até que o Biſpo D. Fradique de Portugal, depois de já paſſados mais de dous ſeculos, lhe mandou lavrar huma ſumptuoſa Capella, que ricamente fez adornar, e dotou, e neſte dia ſe fez a ſolemne Trasladaçaõ de que reza aquella Igreja; e ſendo aberto o cofre, foy viſto o ſagrado corpo lançar de ſi fragrante cheiro, e a camiza da Santa Martyr com o ſangue freſco, como ſe naquella hora fora martyrizada; e em preſença de hum grande concurſo de povo, que aſſiſtio a eſta ſolemnidade foraõ metidas as Santas Reliquias em huma arca de prata, que ſe recolheo emoutra de pedra, que fica ſobre o Altar da Santa, onde he acclamada, e venerada com grande devoçaõ de ſeus moradores.

O Veneravel Padre Ignacio de Azevedo, e 39 Companheiros MM.

B Neſte dia, naõ diſtante da Ilha de Palma, no mar Occeano, o glorioſo Martyrio do Padre Ignacio de Azevedo, e trinta e nove Companheiros, de que era Superior, todos da eſclare-

eſclarecida Companhia de JESU, os quaes com o ſeu ſangue fizeraõ glorioſa a confiſſaõ da Fé Catholica, em odio daqual os Hereges Calviniſtas lhe tiraraõ a vida, dando-lhe na Eterna, a immarceſivel laureola de Martyres. Ao Padre Ignacio de Azevedo fez deſprezar o amor da virtude os bens do Mundo; porque deixando a caſa de ſeu pay, o ſolar, e nobreza de ſeus antepaſſados, veſtio a Roupeta da Companhia, que abraçou com tal vontade, que em breves tempos deu claras demonſtrações do ſeu talento, e do ſeu eſpirito; pois com huma voluntaria pobreza naõ ſó naõ tinha, mas naõ queria ter nada do Mundo; com tal abatimento, que naõ ſe contentava com poſſuir pouco, mas eſſe o mais vil, e ainda o deſprezado por inutil de outros, ſendo nelle de eſtima o faltarlhes muitas vezes o preciſo. Creſciaõ os ſeus merecimentos, e em breve tempo chegou a ſer Reytor do Collegio de Santo Antaõ. Era muita a pobreza daquella Caſa, e aſſim padeciaõ os ſubditos grandes faltas, naõ ſó no veſtir, mas ainda no comer; porém como o exemplo do Prelado ſervia de modello à paciencia, naõ havia quem ſe queixaſſe, e ſe eximiſſe de ſe adiantar na virtude. Ardia na charidade, e amor do proximo com tal fervor, que naõ havia para donde naõ acodiſſe com remedio, ou nos Hoſpitaes, ou nas Cadeas: a huns exhortava, a outros ſervia, e a todos remediava a neceſſidade, que padeciaõ: naõ houve doença, que por aſquaroſa lhe fizeſſe voltar a cara, antes com huma nunca viſta charidade ſervia aos doentes mais immundos, e de mais horroroſas enfermidades, ſendo a ſua mortificaçaõ idéa da charidade. Depois de curar aos enfermos os inſtruîa, como lhe parecia neceſſario; e confeſſando-os os ſarava primeiro das feridas da alma, do que das que padeciaõ no corpo. A obediencia o mandou tambem por primeiro Reytor do Collegio, que em Braga tinha Fundado à Companhia o Santo Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, grande eſtimador da virtude do Padre Ignacio. Neſta Cidade continuou os meſmos exercicios, que em Lisboa, livrando a muitas mulheres da torpe vida, em que eſtavaõ, compondo diſcordias, evitando odios capitaes, que havia tempos ſe fomentavaõ, ſem que nem os Arcebiſpos, nem a authoridade do Cardeal Infante D. Henrique o podeſſem remediar. Tendo colhido o ſeu zelo hum copioſo fruto em Braga, começou

a diſcorrer pelo Arcebiſpado, paſſou a Barcellos, onde o tiveraõ como Anjo de luz, que fora abrir os olhos àquelles numeroſos póvos. Prégava todos os dias, e havia dia de tres Sermões; logo confeſſava grande numero de peſſoas, e depois de já cançado, e rendido do trabalho, ſahia a pedir de porta em porta hum pedaço de paõ, a que o obrigava a ſua voluntaria pobreza, deſprezando com Apoſtolico coſtume os regalos, que os moradores daquellas terras lhe offereciaõ, ſem que aceitaſſe, nem a ſua caſa; porque os Hoſpitaes eraõ as ſuas mais eſtimadas hoſpedarias. Naõ pertendia outra couſa, mais do que a obſervancia da Ley de Deos, em que com todo o deſvélo ſe empregava. Eraõ taõ activas as ſuas palavras, que feriaõ os mais empedernidos corações, reduzindo-os ao conhecimento das ſuas culpas: lançava-ſe aos pés dos aggravados, e vencia com a ſua humildade a injuria dos vingativos, e com orações livrava a muitos de eſcandaloſas occaſiões proximas, em que ſem memoria da Eternidade viviaõ; e ſendo o ſeu trabalho igual ao de muitos, naõ podia vencer o numero das peſſoas, que acodiaõ, e lhe foy neceſſario chamar operarios de Braga, para que colheſſem o fruto daquella ſeára do Senhor, que elle com o ſeu zelo tinha taõ cultivada. Era o Apoſtolico eſpirito do Padre Ignacio de Azevedo conhecido em toda a parte com veneraçaõ, e delle fazia grande conceito Saõ Franciſco de Borja, entaõ Geral da Companhia, como quem o tinha tratado, quando eſtivera em Portugal, e reconhecia o fundo da ſua ſolida virtude; e aſſim o nomeou Viſitador do Braſil, e antes de lhe dar fim foy feito Provincial; lugares, que ſervio com prudencia, e perfeiçaõ. Via a neceſſidade, que aquelle vaſto Eſtado tinha de obreiros do Evangelho, e aſſim compadecido, determinou verſe com Saõ Franciſco de Borja, para que informado proveſſe de gente aquella Provincia. Chegou a Portugal, e eſpalhando ſe o motivo da ſua vinda, eraõ tantos os que o queriaõ acompanhar, que ſe via importunado em Evora dos eſtudantes, e dos Irmãos da Companhia: ſe no ſeu arbitrio eſtiveſſe a eſcolha, naõ ficaria nenhum no Reyno; e o meſmo lhe ſuccedia nos mais Collegios, por onde paſſava. Chegou a Roma, e foy grande a conſolaçaõ, que teve o Santo Borja de o ver; e ajuſtado o que foy conveniente à conſervaçaõ da gentilidade do Braſil, e augmento da Provincia,

cia, lhe ordenou, voltaſſe com a meſma occupaçaõ, e que de cada Provincia, por onde paſſaſſe para Portugal, ſe lhe deſſem cinco Religioſos, para levar comſigo para America; baſtantes por entaõ para a neceſſidade, que havia. Deſpedido do Geral com grandes demonſtrações de affecto, e beijando o pé ao Santo Pio V. que com eſpeciaes favores, e graças o animou à empreza, e voltando para Portugal, veyo aliſtando gente para aquella maravilhoſa empreza, onde chegou com ſetenta Companheiros de toda a catagoria de peſſoas; porque na vinha do Senhor todos ſaõ remunerados com o premio devido aos ſeus talentos. Como ainda naõ era tempo de partir a frota para o Braſil, em que havia de embarcar o Governador daquelle Eſtado D. Luiz de Vaſconcellos, mandou o Padre Ignacio de Azevedo fretar metade de hum navio à Cidade do Porto, para nelle ſe embarcar com a ſua companhia. Em quanto eſte naõ chegava a Lisboa, ſe retirou com ſeus Companheiros a Val de Roſal, huma quinta da parte dalém de Lisboa, huma legoa diſtante do lugar de Caſſilhas, aonde por tempo de cinco mezes, fizeraõ huma vida Angelica. Era o ſitio retirado, e muy a propoſito para a contemplaçaõ: neſta ſe gaſtava muito tempo, e em outros ſantos exercicios, como de liçaõ eſpiritual, jejuns, cilicios, e diſciplinas, e outras mortificações, com que ſe armavaõ os valeroſos ſoldados de Chriſto, para a empreza das Miſſões do Braſil, ou para melhor dizer para o Martyrio, para que Deos os hia prevenindo com tanta abundancia de ſuperiores dons. De ſorte ſe gaſtou aquelle tempo, que muitas vezes dizia o Padre Ignacio de Azevedo, que já naõ eſperava melhores dias, que os de Val de Roſal (tal vez que com profetico eſpirito do pouco, que lhe havia de durar a vida,) e aſſim o ſignificava nas cartas, que eſcreveo a diverſos Collegios taõ cheas de amor de Deos, que accendiaõ devoçaõ em quem as lia. Chegado o tempo da partida, e depois de vencidos grandes obſtaculos, que teve, ſe embarcou na náo Santiago, com quarenta e quatro Companheiros; e para que ſe naõ perdeſſem na jornada os exercicios de Val de Roſal, determinou fazer na náo huma ſemelhança de Collegio, de que reſultou univerſal edificaçaõ nos navegantes, acodindo todos às Ladainhas, e doutrinas em que os inſtruîa com grande charidade. Tomou o navio a Ilha

da Madeira, para carregar para a Ilha de Palma; aſſim como o Padre ſoube da derrota do navio, reconheceo o perigo, a que hiaõ expoſtos, por andarem aquelles mares infeſtados de coſſarios Hereges Calviniſtas. Advertio o Padre Ignacio aos Companheiros o perigo, a que hiaõ expoſtos, dando liberdade aos que naõ quizeſſem ſeguir aquella perigoſa viagem: ſómente quatro deſmayaraõ, e pediraõ licença para ficar na Madeira, que liberalmente ſe lhe concedeo, e depois por juſtas razões foraõ deſpedidos da Companhia. Deu a náo à véla em demanda da Ilha de Palma. Eraõ as praticas familiares ſobre o martyrio, de que hum dos Companheiros teve revelaçaõ. Ao Padre Ignacio de Azevedo, ſe lhe ouviraõ huns ſuſpiros naſcidos do intimo da alma, dizendo: *Irmãos em Chriſto, ſe nós foſſemos taõ ditoſos, que com o noſſo ſangue lavaſſemos as noſſas culpas para merecermos a Gloria!* Em ſete dias chegaraõ com ventos de ſervir duas legoas da Ilha de Palma, onde ſe lhe levantou hum temporal taõ rijo, que com trabalho tomaraõ hum ſurgidouro por detraz da Ilha, para depois com o tempo brando poderem lançar ferro no porto da Ilha de Palma. Em hum Sabbado ao romper da Alva, ſe acharaõ tres legoas da Ilha. Andava neſta altura às prezas Jaques Soria, Francez de naçaõ, famoſo coſſario, e criado, que dizia ſer da Rainha de Navarra, Hereje inimigo da Igreja Catholica Romana, com que liſonjeava o falſo reconhecimento da ſua Princeza. Aſſim como vio a náo Santiago, voltou ſobre ella com a ſua eſquadra, que conſtava de cinco navios: conheceraõ todos o perigo, e o Padre Ignacio de Azevedo, em quem o brio era natureza, animou a todos à peleja pela defenſa da honra, e os exhortou à piedade Catholica de darem a vida em obſequio da Fé, e tomando hum retrato de Maria Santiſſima, copia do que fez Saõ Lucas, voltando para os ſeus Irmãos, que em devotas preces combatiaõ o Ceo, lhes diſſe: *Filhos animo, que hoje he o dia em que havemos de entrar todos juntos na Gloria a gozar das promeſſas, que Jeſu Chriſto fez aos que o ſeguiſſem? Naõ vedes o quanto ſe alcança com hum ſó trabalho? e a differença que vay de aportar no Ceo, ou deſembarcar no Braſil? Seja a oraçaõ taõ fervoroſa, como a ultima que temos, que fazer, para merecermos Celeſtes confortos, com que animado o coraçaõ demos a vida pelo noſſo Deos*; e abrazado no ſeu amor levan-

levantou a voz, dizendo: *Cumpra-se Senhor a vossa vontade; porque todos inseparaveis dos vossos preceitos, estamos firmes em obsequio da Fé de confirmar a sua verdade com o nosso sangue.* Já neste tempo tinha chegado a náo de Soria, sobre a de Santiago, ainda que com alguma resistencia, e perda da sua, foy rendida, e entrada. Sabendo Jaques Soria da milicia de Christo, que passava ao Brasil, mandou, que morressem todos, sem excepçaõ, proferindo com colera: *Morraõ estes Papistas, que vaõ a semear a falsa doutrina ao Brasil.* Chegou o Soria a ver da sua náo a numerosa comitiva dos Jesuitas, e logo disse aos seus: *Lançay ao mar esses perros Jesuitas inimigos nossos.* Naõ esperaraõ arrependimento da ordem do seu Cabo, e assim arremeteraõ aquelles apostatas da Igreja aos Padres, despindo-lhe as pobres Roupetas, ferindo a huns, cortando os braços a outros, e a todos maltratando. O Padre Ignacio de Azevedo, como valeroso Capitaõ, tendo nos braços a Imagem da Virgem Nossa Senhora, animava em voz alta a todos, dizendo: *Queridos Irmãos, morramos confessando a publicas vozes a Fé, que temos no coraçaõ, para gloria da Igreja Romana, que os Hereges impugnaõ.* Hum delles descarregou sobre a cabeça do Padre huma grande cutilada, que abrindo-lha chegou até os miolos; porém constante, e firme continuava em exhortar aos Companheiros sem mudar de lugar, até que com tres lançadas cahio no chaõ, ouvindose-lhe estas palavras: *Sejaõ-me os Anjos, e os homens testemunhas, que morro por defender a Santa Igreja de Roma, e tudo, o que ella ensina.* Ainda postrado se ouvia a sua voz, emula do seu espirito, dizendo: *Filhos da minha alma, naõ tenhais medo da morte, aggradecey ao Senhor, que vos dá fortaleza para morrer por elle; e já que temos taõ grande remunerador, naõ sejamos fracos nas batalhas do Senhor*, a quem ditas estas palavras, entregou a sua pura alma coroada com a triunfante palma do martyrio. Quizeraõ os Hereges apartallo da sua amada prenda, tirandolhe dos braços a Imagem da Senhora, mas naõ o poderaõ conseguir. O Irmaõ Bento de Castro com hum devoto Crucifixo nas mãos dizia: *Eu sou Catholico filho da Igreja Romana*, por esta confissaõ foy atravessado com tres balas de mosquete, e vendo-se, que immovel perseverava em pé, depois de varias estocadas, foy lançado ainda vivo ao mar. O Irmaõ Manoel

noel Alvares, abrazado no fogo do amor de Deos, começou a reprehender os Hereges, dizendo-lhe os erros, em que viviaõ; pelo que foy ferido no roſto, e lançado no chaõ, lhe quebraraõ os braços, e pernas, e moendo-lhe até os oſſos, para lhe dilatarem o martyrio, o naõ quizeraõ acabar de matar; porém o Servo do Senhor no meyo deſtas afflições com generoſa reſoluçaõ, voltou para os ſeus Irmãos, dizendo: *Naõ tenhais laſtima do que padeço por Jeſu Chriſto; confeſſo-vos, que nunca mereci ſer taõ favorecido: quinze annos tenho de Roupeta da Companhia, e ha mais de dez, que pertento a jornada do Braſil, e agora ma cumprio com ditoſa morte, pelo que em ſeu ſerviço, e da Companhia tenho obrado.* Neſte diſcurſo foy lançado ao mar. Andavaõ já encarniçados os ferozes miniſtros de Satanás, correndo toda a náo; e vendo dous Irmãos de joelhos fazendo oraçaõ diante de humas Imagens ſagradas, que elles tanto deſprezaõ, cheyos de colera, e com furia infernal, lhes deraõ com os cópos das eſpadas na cabeça, com tal força, que lhe quebraraõ os caſcos. Chamava-ſe hum Braz Ribeiro: eſte ſaltando-lhe os miollos fóra, cahio logo morto: o outro Pedro da Fonſeca, a quem hum Herege deu huma punhalada pela boca, que lhe cortou a lingua, e quebrou o queixo. O Padre Diogo de Andrade, que ſuccedeo ao Padre Ignacio em os animar, vendo que era Sacerdote, e que confeſſara a huns, e a todos exhortava, lhe deraõ muitas punhaladas, e depois ainda vivo o lançaraõ ao mar. No meyo deſte conflicto ſe levantaraõ da cama dous Irmãos, que eſtavaõ doentes, chamados Gregorio Eſcrivano, e Alvaro Mendes, e veſtindo as Roupetas, deſcalços, e deſpidos ſe incorporaraõ entre a Angelica eſquadra de ſeus Irmãos, e com elles alcançaraõ a glorioſa coroa do Martyrio. A hum Irmaõ chamado Simaõ da Coſta, de gentil aſpecto, o levaraõ à náo de Jaques Soria, e perguntando-lhe ſe era Jeſuita, lhe reſpondeo com grande conſtancia? *Naõ ſó ſou Irmaõ dos que morrem, mas da meſma Fé, e Religiaõ Catholica Romana*; o que ſentindo o Soria, o mandou logo degolar, e lançar ao mar. Ficou a náo Santiago maltratada da peleja; e porque fazia muita agua, e era neceſſario alivialla com a bomba, meteraõ ao trabalho os Religioſos, que inda havia: naõ lhes durou muito; porque o Cabo, ſabendo, que ainda naõ eraõ mortos todos os Jeſuitas, ordenou

que

que os lançaſſem ao mar, e ſe acabaſſe com a vida de todos. Começaraõ como de novo os ſoldados a execuçaõ, e deſpindo aos pobres Religioſos, acutilavaõ huns, feriaõ, e matavaõ outros, e finalmente todos lançaraõ ao mar, e com elles o veneravel corpo do Bemaventurado Padre Ignacio de Azevedo, que até aquelle tempo eſteve eſtendido na náo, parece, que com altiſſima providencia, para que ſerviſſe de animar aos ſeus ditoſos diſcipulos. Foy o mar criſtalina arca, em que ſe depoſitaraõ os glorioſos cadaveres dos eſclarecidos Martyres, ſem mais Epitafios, que as ondas, eſtando neſte lugar eſperando a Reſurreiçaõ univerſal. Era couſa admiravel ver o corpo do Veneravel Padrẽ Ignacio ſobre as ondas, taõ compoſto com os braços em fórma de Cruz, e nelles a ſagrada Imagem da Virgem Santiſſima; e deſta maneira com admiraçaõ dos circunſtantes perſeverou até o perderem de viſta. A Divina Providencia, que queria foſſe complecto o numero de quarenta, no lugar, que faltava de hum Irmaõ, que ſervia de coſinheiro, e o levara para o meſmo officio Soria, inſpirou em hum mancebo, por nome Joaõ, ſobrinho do Capitaõ do navio, taõ affeiçoado do Inſtituto da Companhia, que tinha pedido a Roupeta ao Padre Ignacio, e ſuppoſto naõ lha deu, naõ perdeo por iſſo a inclinaçaõ, acompanhando aos Irmãos nos exercicios da virtude. Ao tempo, que os Hereges apartavaõ os Religioſos dos Seculares, elle com ſanta vocaçaõ ſem dizer nada, ſe meteo entre elles para ſer feliz companheiro do martyrio, com que todos ſe viraõ glorioſos no Ceo.

O P. Rodolfo Aquaviva com 4 Companheiros MM. da Companhia.

C Na India Oriental em a Villa de Coculim, a precioſa morte de cinco eſclarecidos Martyres, tambem da Companhia de JESUS, os Padres Rodolfo Aquaviva, Affonſo Pacheco, Antonio Franciſco, Pedro Berno, Sacerdotes, e Franciſco Aranha, Irmaõ Leigo, a quem a Obediencia tinha mandado de Goa às terras de Salcete a animar com a ſua doutrina àquelle Chriſtianiſmo. Feito o caminho com o louvavel coſtume da Companhia, renovaraõ os votos da Religiaõ na Igreja de Santa Cruz de Verna, e foraõ as praticas daquella noite a converſaõ do gentiliſmo. Determinou o Padre Rodolfo Aquaviva, que paſſaſſem a Coculim, para ſocegar os animos dos Gentios, que eſtavaõ ſentidos do deſtroço, que tinha feito nos ſeus Pagodes D. Gil Annes Maſcarenhas, Capitaõ môr da Coſ-

ta

ta do Malavar, quando recolhendo a Armada a Goa, entrou por aquelle rio, e caſtigou aquelles póvos, deſtruindo-os, e aſſolando-os, pelo atrevimento de tomarem hum Correyo, que de Cochim ſe mandava ao Vice-Rey do Eſtado D. Franciſco Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz. Eraõ os intentos dos Padres, edificar huma Igreja em Coculim, de que ſe ſeguia grande utilidade às Miſſoens, e augmento à Religiaõ Catholica. Antes de chegar à Villa, começou com os ſeus Companheiros a obſervar hum ſitio, que lhe pareceo muy a propoſito, para nelle levantar a Igreja. Chegou à noticia dos Gentios, que os Padres eſtavaõ naquelle lugar; e logo aſſentaraõ comſigo, que era boa occaſiaõ de poderem ſatisfazer as injurias dos ſeus idolos. Adiantou-ſe hum Gentio, e chegando aos Padres, com palavras fingidas os entreteve, dizendo, que logo os viriaõ receber os da Villa: com animo ſincéro lhe communicaraõ os intentos, que tinhaõ, de pedirlhe licença para naquelle lugar edificarem huma Igreja, por ſer ſituada em parte donde mais facilmente podiaõ acodir às Aldeas viſinhas. Tendo noticia os Gentios da ſua idéa ſe irritaraõ mais contra elles, accendendo a ſua colera hum Bramane ſeu ſacerdote, que os perſuadia a vingar os ſeus Deoſes, injuriados na ruina dos Pagodes, de que os Padres, dizia elle, tinhaõ ſido cauſa; e naõ contentes do deſprezo da naçaõ, e dos Deoſes, queriaõ edificar huma Igreja, para de todo acabarem com a ſua memoria. Aſſim perſuadidos tomaraõ de improviſo todos as armas; e ſeguidos de toda a ſorte de gente, vieraõ em demanda dos Padres, tomando os caminhos, e paſſos, para que lhe naõ eſcapaſſem, taõ prevenidos, como ſe buſcaſſem a hum inimigo armado. Tanto que aviſtaraõ os Padres, ſe encaminharaõ a elles com grandes alaridos, dizendo: morraõ os crueis aſſoladores dos noſſos templos. Pretenderaõ alguns Chriſtãos deter a furia dos barbaros, ſegurando-lhes a innocencia daquelles Padres: a eſta perſuaçaõ deraõ a repoſta com hum chuveiro de ſettas. Foy o Padre Rodolfo Aquaviva o primeiro, em que ſe cevou a ſua barbaridade; porque de huma cutilada nas curvas das pernas, cahio o bom Padre, e ficou de joelhos; e como valeroſo ſoldado de Chriſto, pondo no Ceo os olhos offereceo a vida a ſeu Creador; e deſabotoando a Roupeta dobrou o cabeçaõ, offerecendo o peſcoço à crueldade do barbaro,

baro, que deſcarregou com diabolica furia duas cutiladas, baſtantes a acabar a vida, a quem naõ eſtiveſſe taõ fortalecido do Ceo, o que vendo o algoz, lhe deu outra em o hombro eſquerdo com tal força, que o ſeparou mais de quatro dedos: finalmente do golpe de huma frecha, que lhe atraveſſou o peito, acabou com eſta quinta ferida, dizendo: *Perdoay lhe Deos meu, Santo Xavier rogay por mim, Jeſu recebey a minha alma.* O que repetindo tres vezes, entregou o ſeu eſpirito ao ſeu Creador, ſendo numerado entre os innumeraveis eſquadroens de Martyres na Gloria. O Irmaõ Franciſco Aranha, foy ferido quaſi ao meſmo tempo com huma cutilada no peſcoço, e huma lançada pelas coſtas, cahindo no chaõ, desfalecido deſtas feridas, naõ ficou morto; porque haviaõ de ſer mais ſenſiveis os tormentos. Ao Padre Pedro Berno, depois de lhe abrirem o caſco com huma cutilada, e lhe darem outra no corpo, lhe tiraraõ hum dos olhos, e rendida a vida nas mãos da crueldade, já morto, ainda o odio perſeguio o veneravel cadaver com barbaras injurias. O Padre Affonſo Pacheco, poſto de joelhos foy atraveſſado pelo peito com huma lança, e cruzando os braços, poſtos no Ceo os olhos, acabou degolado. O Padre Antonio Franciſco, que com notavel ancia pedio ſempre a Deos, lhe concedeſſe o dom do Martyrio, o alcançou agora por huma cutilada na cabeça, e outras feridas, com que perdeo a vida. Naõ ſatisfeita ainda a tyrannia com o ſangue dos Martyres, vendo que ainda eſtava vivo o Irmaõ Franciſco Aranha, o arraſtaraõ duas vezes ao redor do ſeu Pagode, e com grandes alaridos o ameaçavaõ, a que adoraſſe aquelle idolo, ſenaõ queria morrer atormentado. O conſtante ſoldado de Chriſto com animo invencivel lhes reſpondeo: que ſó venerava ao Verdadeiro Deos, a quem adorava, e naõ aos immundos idolos, em que fallava o demonio. Com grande impaciencia foy ouvida eſta repoſta, de que ſe ſeguio ſer poſto em hum lugar alto, onde foy feito alvo de immenſidade de ſettas, com que lhe cobriraõ o corpo; e delle com ſuperſtiçaõ gentilica tirava cada hum a ſua, tinta no innocente ſangue, para offerecer aos ſeus falſos Deoſes; e deſta ſorte foraõ coroados de Martyrio eſtes Santos Religioſos.

O V. P. Simaõ Rodrigues Fundador da Companhia em Portugal.

D Em Lisboa, em Saõ Roque, Caſa Profeſſa da Companhia de Jesu, a precioſa morte do Veneravel Padre Simaõ Rodrigues,

drigues, hum dos primeiros Companheiros de ſeu Santo Patriarca, Varaõ inſigne em piedade, e zelo, e ſaude das almas, gloria da Religiaõ, e pedra fundamental, em que ſe edificou a Provincia de Portugal, de que tem reſultado tantas outras nas ſuas Conquiſtas, com tanta edificaçaõ dos proximos, como proveito da Religiaõ Catholica; e aſſim ſerá ſempre admiravel a memoria deſte Santo Apoſtolico Varaõ, a quem de tenra idade lhe faltou ſeu pay, e criado com o maternal amor, o mandou eſtudar a Pariz em companhia de ſeu irmaõ Sebaſtiaõ Rodrigues de Azevedo: aproveitou muito nos eſtudos, e depois de tomado o gráo de Meſtre, partio com alguns companheiros à Italia, e tendo conhecimento do Apoſtolico modo de vida, que eſtabelecia Santo Ignacio, foy o quinto Companheiro, que ſe aggregou àquella nova Companhia, que ſahia ao Mundo para terror do Inferno, e gloria da Igreja. Com o Santo paſſou a Veneza; e antes de ſaber a idéa de Santo Ignacio, determinou paſſar a Jeruſalem, para empregar toda a vida no beneficio das almas. Em o Eſtado da Republica ſe repartiraõ os Companheiros, e tocou a Cidade de Baſſan para reſidencia do Padre Simaõ Rodrigues, e ſeu Companheiro Claudio Jayo. Aqui foy grande a edificaçaõ, que davaõ com o ſeu modo de vida, exerciaõ a obediencia, ſendo às ſemanas hum Superior do outro. A oraçaõ era continua, o comer hum pouco de paõ duro, e mendigado, o dormir muy pouco, ſendo a ſua cama a terra fria, ou o campo arrimados a hum carvalho, em companhia de hum virtuoſo Anacoreta, que alli reſidia. Neſte ſitio paſſaraõ quarenta dias de jejum de paõ, e agua, e de outros ſantos exercicios, com que ſe encheraõ de Celeſtes dons, e ſahiraõ pelos campos, e lugares publicos até à Cidade, prégando com tal fervor de eſpirito, que a todos cauſava admiraçaõ a novidade; e aſſim chegava a gente levada da curioſidade a ouvillos ſem devoçaõ, mas depois feridos da força do ſeu eſpirito, compungidos, deteſtavaõ as ſuas culpas arrependidos. Neſta glorioſa fadiga, opprimido dos rigores da penitencia, perdeo pela ſaude do proximo, a do ſeu corpo, e já deſconfiado dos Medicos, e ſem eſperança de vida, foy milagroſamente ſoccorrido por ſeu Meſtre Santo Ignacio, e reſtituido com a ſua viſita à perfeita ſaude. Livre já da doença o Meſtre Simaõ, entrou em penſamentos

ſamentos de deixar a vida activa pela contemplativa, levado do amor da ſoledade, e habitaçaõ de Anacoreta. Vacilava o diſcurſo neſta propoſiçaõ, e em hum labyrintho de irreſoluções, determinou communicar eſte negocio com o Anacoreta. Apenas ſahio da pouſada, quando vio diante de ſi hum homem armado, de aſpecto medonho, e formidavel, que com a eſpada nua na maõ o obrigou a retroceder o caminho. Pareceo-lhe effeito da imaginaçaõ, e ſahindo ſegunda vez com o meſmo penſamento, lhe tornou a ſucceder o meſmo; reconheceo o myſterio, e que era de mayor gloria de Deos o caminho, que tinha principiado. Já diſcorria por todo aquelle Eſtado, e paſſando ao Ducado de Ferrara, diſſe neſta Cidade a ſua primeira Miſſa, e depois paſſou a Roma com os mais Padres. Daqui o mandou o Summo Pontifice a Sena, acompanhado do Padre Paſcaſio Broeth, a acodir a hum horrendo engano, com que o demonio atrahia a ſi os moradores daquella Cidade. Era o caſo, que pelo caminho da devoçaõ, ſe deixavaõ enganar do pay da mentira, que os fazia concorrer a huma Ermida, onde acodia grande numero de gente, levada de milagres fingidos, com que o demonio perſuadia aos miſeraveis. Era o modo ſahir da Ermida entre os apertões da gente levados de hum eſpirito phanatico, bradando: *milagre! milagre!* E logo correndo como loucos, ſe hiaõ a hum penedo, que com oculta, e diabolica violencia os arrebatava a ſi, e deitando-ſe de coſtas, ſobre eſta pedra recebiaõ na alma o eſpirito enganoſo, e ficavaõ endemoninhados. Tinha lavrado eſte diabolico mal em toda a ſorte de gente, de que os livrou o Meſtre Simaõ, preparando-ſe com orações, jejuns, e extraordinarias penitencias, para fazer os Exorciſmos, por meyo dos quaes com grande gloria de Deos diſſipou, e arrancou a raiz daquelle diabolico contagio. Eſta foy a primeira miſſaõ, que por ordem da Sé Apoſtolica fez a Companhia, de que tanta gloria coube ao Meſtre Simaõ. Deſte lugar o mandou o Papa a reformar certo Moſteiro de Freiras, que eſquecidas da vida, que profeſſaraõ, a paſſavaõ com eſcandalo, ſem que a authoridade do ſeu Arcebiſpo, nem o zelo de outras peſſoas, a quem ſe encommendou eſte negocio, as podeſſem reduzir, o que com felicidade conſeguio o Meſtre Simaõ Rodrigues, e logo partio para Roma.

Corria neſte tempo com proſpera ſortuna a Conquiſta da India, que ElRey D. Joaõ o III. queria adiantar com o proveito das almas, para que o commercio do Ceo fizeſſe util ao da terra, pois naõ o faziaõ eſquecer as riquezas do Oriente, de que ſe via ſómente Senhor, dos cuidados das Miſſoens; e aſſim pedio ao Papa, e a Santo Ignacio, que da nova Companhia, que ſe tinha erigido em Roma, e gozava Italia, com tanta felicidade de ſeus moradores, lhe enviaſſem ao menos ſeis Padres para Miſſionarios da India. Satisfez o Papa a eſta ſupplica, deixando ao arbitrio, e zelo de Santo Ignacio a eſcolha, e o numero, e que a cada hum delles nomeava por Nuncios Apoſtolicos da India. Foraõ os deſtinados os Padres Simaõ Rodrigues, e Nicolao de Bobadilha, que por cahir em huma grave doença, entrou no ſeu lugar o Padre Franciſco Xavier, a quem as maravilhas, que obrou no Oriente, puzeraõ depois no Catalogo dos Santos. Partio o Padre Simaõ de Italia, e com ventos favoraveis chegou a Lisboa, primeiro que o Santo Xavier, que com o Embaixador de Portugal tinha feito por terra o caminho. Foy recebido delRey com eſpeciaes ſinaes de benevolencia, e amor, e mandou, que foſſe aſſiſtido com Real grandeza de todo o neceſſario, o que o Santo Varaõ recuſou com Religioſa modeſtia, e ſupplicou a ElRey o deixaſſe viver na eſtreiteza do ſeu Eſtatuto, ſendo taõ fervoroſa a inſtancia, que ſe venceo ElRey das ſuas palavras. Aſſim ſe foy hoſpedar no Hoſpital Real de todos os Santos, para ſe curar de humas quartans, que o traziaõ debil, e fraco. Aqui começou a empregarſe em exercicios eſpirituaes com que edificava ao povo, ouvindo a todos de confiſſaõ, e ſervindo-os em outras obras de charidade, ſuprindo o eſpirito a falta de forças, e ſaude. Paſſados tres mezes, no dia, em que ſe eſperava a ſezaõ, chegou o Santo Xavier, e foy taõ poderoſo o goſto, ou o contacto do Santo, que ficou livre da moleſtia que padecia. Em quanto naõ chegava a monçaõ de embarcarem para a India, ſe empregavaõ na boa educaçaõ, e enſino dos meninos, e mais familia do Paço, e de toda a Cidade, ſervindo nas cadeas publicas, onde confeſſavaõ aos prezos, e os inſtruîaõ, fazendo em toda a parte obras dignas do agrado de Deos. Era grande a ſatisfaçaõ delRey com aſſiſtencia dos Padres na Corte; e aſſim tratou de alcançar da Sé Apoſtolica

a con-

a confirmaçaõ do Inſtituto da Companhia, em que teve grande parte, e aſſentou comſigo naõ o deixar paſſar à India, ſobre o que eſcreveo ao Papa, e a Santo Ignacio; e ſuppoſto eſte deixava ao arbitrio Real a determinaçaõ deſte negocio, com tudo lhe apontava, que ſe repartiſſem, embarcando Saõ Franciſco Xavier para a India, e ficando em Portugal o Veneravel Meſtre Simaõ Rodrigues; e deſta ſorte ſatisfez ao Reyno com taõ grande Meſtre, e à India com hum Apoſtolo. Conformou-ſe ElRey com a determinaçaõ, e partio o Santo Xavier para o Oriente; e o Meſtre Simaõ ſe começou a abrazar em o antigo deſejo de converter infieis ao conhecimento do Verdadeiro Deos, e aſſentou comſigo de paſſar ſecretamente à India. Quando pertendia pôr em execuçaõ eſta idéa o chamou ElRey para fundar hum Collegio, e reconheceo o Santo Varaõ ſer da vontade de Deos a ſua aſſiſtencia em Portugal. Era grande o fruto, que o ſeu exemplo obrava, e já muitos os que abraçavaõ o Inſtituto da Companhia, a qual com o favor delRey creſcia a olhos viſtos; pois lhe deu outro Collegio em Coimbra. Por eſte tempo chegou da India hum Embaixador Gentio, peſſoa de qualidade entre os ſeus, e que ElRey deſejava tirar das trevas da idolatria: encarregou ao Padre Simaõ eſta empreza, que conſeguio com felicidade, como illuſtrado pelo Ceo. O meſmo ſucceſſo teve com hum Capitaõ Mouro, a quem inſtruîo com diligencia para receber o ſagrado Bautiſmo. Pouco mais de hum anno contava o Collegio de Coimbra, quando ſe achava habitado com ſeſſenta Religioſos, provados pelo eſpirito do Padre Simaõ, o qual tendo pedido obreiros a Santo Ignacio, lhe eſcreveo, que tinha já tantos de abalizada virtude, e que eraõ tantos os pertendentes, que era impoſſivel recebellos, pelo que lhe naõ mandaſſe mais Religioſos. Neſte eſtado ſe achava o Collegio de Coimbra, quando o Santo Varaõ voltou a Lisboa, onde rendida a natureza ao trabalho, cahio enfermo. Aſſim como ElRey o ſoube, o foy viſitar com o Principe ſeu filho, e a eſte exemplo toda a Corte, que venerava a virtude do Padre Simaõ, que ſuppoſto reconhecia a honra, que ElRey lhe fazia, a ſua humildade tinha feito renuncia de toda a gloria do Mundo. Depois, por morte de D. Jorge de Almeida, Biſpo de Coimbra, e Conde de Arganil, o nomeou ElRey Prelado

deſta

deſta opulenta Dioceſi, que com lagrimas, e ſentimento recuſou, e com taes razões fallou a ElRey, que o diſuadio de tal intento. Foy promovido a eſta Igreja Fr. Joaõ Soares, Religioſo Eremita, que depois do Concilio de Trento tanto illuſtrou eſta Mitra; e como era Meſtre do Principe, fez ElRey eſcolha do Padre Simaõ para eſte emprego, que elle de muito boa vontade recuſara, ſenaõ entendera deſgoſtar niſſo muito à Mageſtade. Naõ mudou o eſtylo de vida com a Aulica occupaçaõ, antes ſe profundou mais na humildade; porque com hum veſtido deſprezivel, roto, e humilde, pizava as antecameras do Paço; e ſendo Meſtre de hum Principe herdeiro da Coroa de Portugal, e Provincial da ſua Religiaõ, o vio a Corte muitas vezes veſtido de pardo, com hum caldeiraõ às coſtas levar o comer aos prezos. Coſtumava dizer, que as mayores mortificações, que teve, fora perder a companhia do Santo Xavier na Miſſaõ da India, e a outra era a eſtimaçaõ da Corte; eſte ſentimento expreſſava em huma carta ao Reytor do Collegio de Coimbra, dizendo: que de melhor vontade fora carreiro do Collegio, do que Meſtre do Principe. Tal era o abatimento do Meſtre Simaõ, e a ſua grande virtude.

Creſceo em taõ pouco tempo o numero das peſſoas na Companhia em Portugal, que já o Padre Simaõ mandava muitos a Roma ao ſeu Santo Patriarca, e outros repartia pelas Miſſoens da India, e da Ethiopia, onde foy taõ copioſo o fruto, como teſtemunha agradecida a Igreja Catholica com ſingulares expreſſoens de mãy da Companhia. Com o numero dos Religioſos ſe augmentava a Obſervancia, creſcia a mortificaçaõ, naõ ſó particular, mas com publicas penitencias, e com univerſal edificaçaõ de todo o Reyno. Eſta eſpiritual ſatisfaçaõ do Padre Simaõ ſe diminuîa com a authoridade do magiſterio do Principe; porque os pertendentes concorriaõ a elle, para informar a ElRey, de que tanto ſe affligia a ſua humildade, que intentou renovar o antigo eſpirito de paſſar às Miſſoens da India, e da Ethiopia, e Braſil, que entaõ começava; porém por mais que o meditava, naõ tinha effeito; porque Deos com a ſua preſença no Reyno queria, que do ſeu exemplo ſe formaſſem os Miſſionarios, com que havia de ſer ſervido em taõ dilatadas partes, ſendo filhas do ſeu eſpirito to-

das

das as Miſſoens de Portugal, e ſuas Conquiſtas. No anno de 1552, o deu o Geral por abſolvido do lugar de Provincial de Portugal, e o mandou exercer o meſmo officio na Coroa de Aragaõ, onde o levou a obediencia, virtude, que teve em gráo heroico, fundada ſobre humildade ſolida, e verdadeira, ſem que as adverſidades fizeſſem aballo na ſua conſtancia, que ſuperior aos contraſtes da fortuna, remetia com reverentes oblações ao Omnipotente Deos, que o illuſtrou de hum profetico eſpirito, como ſe vio em muitas occaſiões. Paſſou depois obrigado de cauſas urgentes a Roma, donde voltou a Portugal, que já governava o Magnanimo, e Deſtemido Rey D. Sebaſtiaõ, que por achar doente ao ſeu Confeſſor o nomeou neſte lugar, honra, que recuſou, allegando os ſeus achaques, e muita idade. Poucos annos ſe tinhaõ paſſado da ſua reſtituiçaõ ao Reyno; e depois de ter viſitado os principaes Collegios da Provincia, com grande conſolaçaõ dos Padres, e Irmãos da Companhia, por verem preſente o Meſtre das ſuas virtudes, a quem rendiaõ as graças, da perfeiçaõ em que ſe via a Provincia, quando foy accomettido de huma febre continua, que por eſpaço de hum anno lhe foy conſumindo a natureza, e aperfeiçoando a ſua paciencia em abrazados actos de amor de Deos, até que conhecendo ſer chegado o ultimo fim da vida, pedio ao Prepoſito, que lhe manda-ſe todos os Padres, e Irmãos ao ſeu cubiculo, para ſe deſpedir delles, o que fez com grande amor; e dando-lhes ſaudaveis, e proveitoſos conſelhos, lhes lançou a ſua bençaõ, e abrazado no Divino amor, com fervoroſas jaculatorias entregou a ſua bemdita alma ao Creador. Deſcuberto o corpo, ſe lhe achou no peito huma Cruz aberta por induſtria, feita com o fervor do eſpirito, em os principios da ſua vocaçaõ, com huma ponta aguda de ferro, com que raſgando o peito, formou aquella Cruz, com que ſeguio verdadeiramente a Chriſto, declarando antes da ſua morte o modo, com que a fez, para que ſe naõ imaginaſſe milagre, o que fora effeito da ſua penitencia, com que ſoube lograr o premio da Gloria.

E Na India Oriental em a Cidade de Sinoa, foy coroado gloriofamente com a precioſa laureola de Martyr hum pobre mancebo, por nome Vicente, filho de pays Chriſtãos, que o criaraõ na Ley de Jesu Chriſto, que elle ſeguio taõ pontualmente, *Vicente M.*

mente, que dava ſinaes claros, de que a Divina graça lhe aſſiſtia; pois deſde menino ſe empregou em ſantos exercicios, fugindo dos inuteis divertimentos daquella idade. Naõ tinha cumprido ſete annos, quando começou a frequentar o Sacramento da penitencia, com tal devoçaõ, que edificava a todos os que o viaõ. Creſcia nos annos, e igualmente na virtude, com inclinações taõ pias, que ſerviaõ de admiraçaõ. Era muy pobre ſeu pay, e por iſſo o poz a ſervir em caſa de hum Gentio ſeu amigo, a quem Vicente ſervio com amor, e cuidado, hum anno, ſendo mayor o zelo, com que deſejava inclinar ſeus amos ao conhecimento da Fé de JESU Chriſto, o que ſoube conſeguir o ſeu eſpirito, reduzindo a deteſtar as gentilicas ſuperſtições pela verdade da Fé, naõ ſó a ſeu amo, mas à mulher, e tres filhas. Como o fim de Vicente era ganhar almas para o Ceo, largou eſta caſa, e ſe poz a ſervir outra, em que experimentaraõ ſeus amos o meſmo beneficio, recebendo no Bautiſmo a luz da Graça, com tres filhos, que no meſmo dia foraõ gozar da Gloria, porque ſaõ inexcrutaveis os juizos de Deos; mas o demonio, que naõ perde occaſiaõ de augmentar o ſeu ſequito, com ſuggeſtões, perſuadio aos pays, fora caſtigo da mudança da Religiaõ; pelo que prevaricando na Fé, tornaraõ à cegueira dos ſeus falſos ritos. Sentio Vicente a mudança, e tanto trabalhou, que reduzindo-os, os poz conſtantes na Fé: quizeraõ pagarlhe eſte ſingular beneficio dandolhe huma irmãa ſua para caſar; porém como Vicente ſeguia o caminho do Ceo, pela eſtreita eſtrada da caſtidade, largou logo aquella caſa, e ſe foy para a de ſeu pay. Naõ eſteve aqui muito tempo, porque abrazado no deſejo da converſaõ das almas, ſe foy a ſervir a caſa de hum Gentio, a qual ſe compunha de numeroſa familia, e della ſoube perſuadir algumas peſſoas a receberem a agua do Bautiſmo.

Neſte theor de vida o achou o Padre Alexandre de Rhodes da Companhia, a quem ſe aggregou, e aſſiſtio dous annos, ſendo grande o fruto, que ſe colheo pela ſua diligencia, a qual por ſer já notoria, mereceo ajuntar às ſuas virtudes o premio das ſuas fadigas, ſendo degolado em odio da Fé.

Ignacio M. F Item na meſma Cidade, o ditoſo certame de Ignacio, que naſcendo de pays Gentios, e nobres, entre as eſpinhas, e cegueiras do gentiliſmo, abraçou com tal fervor, e reſoluçaõ

çaõ a Ley de Chriſto, que mereceo ſer Catequiſta, dilatando as glorias da Fé com o ſeu zelo. Deſde menino ſe applicou às letras, e pela ſua viveza, e ſingular engenho, veyo a occupar, ſendo moço, o primeiro lugar de Mandarim. A ſua curioſidade o fez eſtudar Medicina, para por eſte meyo introduzir a doutrina do Evangelho com mais facilidade na caſa dos ſeus naturaes, de que tirou muitos trabalhos, injurias, e afrontas. Em huma occaſiaõ o levavaõ prezo para a Corte em companhia de tres ladroens, a quem elle logo prégou com tal efficacia, que os reduzio à Fé. Já era commua a fama de Ignacio; porque nas diſputas convencia aos Sacerdotes dos Idolos, com injuria da ſua diabolica ſeita; de ſorte, que eſtes envergonhados, mais da ſua opiniaõ, do que da honra dos Idolos, o acuzaraõ varias vezes; pelo que ſendo prezo, foy açoutado muitas vezes com toda a crueldade, e infamia da ſua peſſoa, e deſtes trabalhos ſahia Ignacio taõ animado, que com nova efficacia começava a prégar, creſcendo-lhe cada dia mais os deſejos de ſacrificar a vida em obſequio da verdade, que promulgava; e ſabendo que de novo o procuravaõ os Miniſtros delRey, quiz voluntariamente offerecerſe ao Tyranno, o que impedio a obediencia, que lhe poz o Padre Alexandre de Rhodes; porque parece guardava Deos eſte holocauſto para occaſiaõ de mayor gloria ſua; porque depois na Corte de Sinoa veyo publicamente a confeſſar o ſeu Divino Nome, prégando a Fé de Chriſto, e abominaçaõ das torpezas, em que os Gentios viviaõ, entregues às diabolicas mentiras dos ſeus falſos Idolos, em preſença dos Tribunaes, e do ſeu meſmo Rey, ſem horror dos ameaços, nem menos dos tormentos, que diante dos olhos lhe offereciaõ; porque o ſeu deſejo era padecer, e aſſim ſentia amargamente, que pertendeſſem alcançarlhe perdaõ da vida, que em obſequio da Fé goſtoſamente offerecia; e finalmente veyo a cumprir taõ ſantos deſejos; e ſendo degolado voou a ſua bemdita alma ao Ceo, a incorporarſe com os eſquadrões dos Santos Martyres.

G No meſmo dia, no Dominicano Convento de Evora, acabou em glorioſa, e ſanta velhice, ferido do mal da peſte, o Meſtre Fr. Franciſco de Bovadilha, Varaõ inſigne em letras, e no zelo da Regular Obſervancia da ſua Religiaõ, em que occupou os lugares de mayor graduaçaõ, ſendo duas ve- *Fr. Franciſco de Bovadilha Dom.*

zes Provincial, officio, que exercitou como pay, havendo-ſe nelle como ſe fora ſubdito, determinando tudo com tal equidade, que as ſuas determinações eraõ geralmente à ſatisfaçaõ de todos, felicidade poucas vezes conſeguida. Foy Fr. Franciſco, fiel obſervador da Regra de ſeu Santo Patriarca, pois nunca veſtio camiza, ſenaõ de eſtamenha: no Coro era continuo, ſem que faltaſſe a Matinas: o Officio Divino fazia ſe cantaſſe com pauſa, e devoçaõ; e neſta aſſiſtencia ſe lhe via o goſto, com que ſe empregava nos louvores Divinos; nos mais actos da Communidade era igual, ſem que admitiſſe no refeitorio couſa alguma de differença, inda que pela graduaçaõ dos lugares lhe foſſe permittida; o veſtido, cama, e cella, tudo era pobre com extremo, mas com aſſeyo, e policia; porque naõ impede o fervor do eſpirito a limpeza, que naõ paſſa a nimiedade. Pelas ſuas letras, e virtude, foy eſtimado dos Reys deſte Reyno, e de todos os Principes, e grandes delle, e lhe encarregaraõ negocios de grande pezo; e ſendo muitos, e diverſos, de todos deu cabal ſatisfaçaõ, ſendo a mayor correſponder ao geral applauſo. A Rainha D. Catharina, querendo ordenar o ſeu teſtamento, deixou na ſua direcçaõ o acerto da ſua conſciencia. Delle naſceo fundar a Rainha a Cadeira de Moral na Ermida de Noſſa Senhora da Eſcada, para eſtudarem Clerigos pobres. O Cardeal Infante D. Henrique, como Legado da Sé Apoſtolica neſte Reyno, ſe ſervio delle, para viſitar o Convento de Thomar da Militar Ordem de Chriſto, o que fez, de maneira, que ſatisfez aos viſitados, e a quem o mandou. No ſeu governo tiveraõ ſegura protecçaõ os bons engenhos; porque como era grande Letrado, deſejava as Sciencias com bons profeſſores. Naõ favoreceo menos aos virtuoſos, do que aos inclinados aos eſtudos; porque nelle reſplandeceo o amor tanto à virtude, como às letras. Finalmente, livre de negocios, e do governo da Religiaõ, em que tanto trabalhou, ſe recolheo ao Convento de Evora, onde ateada a peſte, em que ſervio com charidade, amor, e conſelho aos ſeus Religioſos, levando à cova hum do meſmo mal, ſe recolheo ferido delle, e como velho, e ſem forças ſe rendeo à ſua violencia; e depois de ter recebido todos os Sacramentos, acabou em o Senhor.

Fr. Diogo do Torraõ da Arrabida.

H Em Santarem, no Convento de Saõ Joaõ da Provincia

cia da Arrabida, a depoſiçaõ de Fr. Diogo do Torraõ, cuja penitente vida era huma verdadeira ſemelhança, da que fizeraõ os mais celebres Eremitas da primitiva Igreja, dando com ella hum evidente conhecimento da pureza da ſua alma; porque ſobre profunda obediencia formou o eſpiritual edificio da ſua virtude. Tomou o Habito na Provincia dos Algarves; mas com o deſejo de mais aſpera vida, paſſou para a da Arrabida, onde foy viver na ſerra, que dá o nome à Provincia, com licença dos Prelados, fazendo vida ſolitaria na Ermida antiga, em que eſteve a Senhora da Arrabida. Aqui eſteve ſete, para oito annos, ſem trato, nem cõmercio com as gentes, empregado em oraçaõ, em que ſempre foy continuo, a que ajuntava grande abſtinencia, frequentes jejuns de paõ, e agua, ſem outro algum regalo mais, que em algumas vezes aos Domingos huma eſcudella de caldo, que os Padres de commiſeraçaõ lhe mandavaõ: nunca comeo carne, nem peixe, nem bebia vinho, e ſendo continuo o jejum naõ comia mais que huma vez no dia. Deſte rigoroſo theor de vida, em que eſtava com grande conſolaçaõ, o tiraraõ os Prelados, compadecidos dos ſeus muitos annos, para que na vida commua tiveſſe o debilitado corpo algum alivio, que elle naõ admittio, pois naõ afrouxando nada da rigida aſpereza, com que ſe mortificava, continuou na meſma auſteridade, andando ſempre deſcalço; e tendo já oitenta annos de idade, quebrado das penitencias, e rigores da vida, deixou com ſanta morte huma grande ſaudade das ſuas virtudes a toda a Provincia, em que ſerá ſempre feliz a ſua memoria.

O P. Jorge Rijo da Cõpanhia.

I No Collegio de Coimbra da Companhia de JESU, acabou em ſanta velhice o Padre Jorge Rijo, de idade de oitenta e ſete annos, tendo ſeſſenta e ſete de Roupeta, dos quaes gaſtou cincoenta na occupaçaõ de Miniſtro daquelle Collegio, que exercitou com louvavel charidade, e grande vigilancia, e ſingular ſatisfaçaõ de todos aquelles Religioſos, que o eſtimavaõ pela candidez do ſeu animo, e o veneravaõ como a hum vivo exemplar da ſantidade, pois a modeſtia era tal, que nunca levantava olhos. As palavras eraõ taõ comedidas, que no ſeu idioma faltava o vocabulo feminino, e de taõ Angelica pureza, que conſervou ſempre illeza a caſtidade; e de conſciencia taõ pura, que em toda a ſua vida naõ teve culpa mortal;

e das veniaes, depois de veſtida a Roupeta, com plena deliberaçaõ naõ commetteo alguma; e aſſim era acclamado a huma voz dos de Caſa, e dos Seculares por Santo.

Trinta e dous MM. K Item no meſmo dia, em a Cidade de Deva, as brilhantes laureolas de trinta e dous illuſtres Profeſſores da Ley de Jesu Chriſto, cujos precioſos nomes, ſe eſcreveraõ juntos no Livro da Vida Eterna, porque trocaraõ a temporal, ſacrificando-a em obſequio da Fé, pela qual foraõ queimados, imperando Toxogunſama.

Fr. Dioniſio da Aſcenſaõ Carm. Deſc. L No Religioſo Moſteiro de Santa Cruz de Buſſaco, a prodigioſa morte de Fr. Dioniſio da Aſcenſaõ, Varaõ de louvavel, e ſanta vida, de admiravel obſervancia, rara humildade, e ſanta pobreza. Viveo neſte deſerto quaſi trinta annos, gaſtos em contemplaçaõ nas Ermidas, quando lhe era concedido pela Religiaõ, com prompta obediencia, e ſem vontade propria, dando com a ſua auſtéra vida hum ſingular exemplo, e edificaçaõ aos companheiros. Foy Superior, como ſe fora ſubdito: elegeraõ-no por Prior, officio, que ſervio algum tempo, até que o renunciou, dizendo com humildade aos ſubditos, naõ ter preſtimo para Prelado, que o deixaſſem tratar ſómente da ſua alma; a qual vagando a Deos em continua oraçaõ, fez neſte exercicio grandes progreſſos, ajudado da Divina graça. Mais de dezaſeis annos ſervio de Porteiro, dando na ſua affabilidade, e agrado, huma clara demonſtraçaõ da paz, que gozava o ſeu eſpirito. Era muy compaſſivo, e aſſim achavaõ nelle os pobres certo o agazalho, e muitas vezes o remedio nas enfermidades; pois por ſua interceſſaõ reſtituîo o Senhor inteira ſaude a muitos doentes, aſſim de febres, como de feridas. Teve grande poder contra o demonio, como ſe vio em muitas occaſiões, em que os lançou fóra de corpos obſeſſos: era taõ publica eſta virtude, que da Cidade de Lisboa foy chamado para fazer Exorciſmos a huma peſſoa grande, e ſuppoſto que a ſua humildade fez por ſe excuſar, houve de ſatisfazer à obediencia do Prelado. Neſta jornada, e outra, que fez a Coimbra a curarſe, foraõ ſómente as duas vezes, que ſahio do deſerto de Buſſaco, e de ambas podendo commodamente paſſar pela ſua terra, a ver os parentes, e amigos, o naõ fez; porque vivia em tal deſapego do Mundo, que nem por elles perguntava, quando do tal Lugar vinhaõ algumas peſſoas a viſitar

aquelle

aquelle Santuario. Em huma occaſiaõ lhe diſſe hum homem, que hia para a ſua terra, ſe queria algum recado, lhe reſpondeo: *Que aos ſeus parentes diſſeſſe, que o encommendaſſem a Deos, e que no univerſal Juizo ſe veriaõ todos juntos.* A eſte raro eſquecimento do Mundo ajuntava huma exacta pobreza, naõ podendo acabar com elle os Prelados a receber Habito novo, ſem que o ſeu eſtiveſſe taõ remendado, e já incapaz de uſo. Celebrava com grande devoçaõ, recebendo todos os dias o Santiſſimo Sacramento por Viatico, preparando-ſe para a morte, como ſe aquelle foſſe o ultimo dia da vida: onde as contas eraõ taõ limpas, e ajuſtadas, bem ſe deixa ver, quaes ſeriaõ os candores da alma, toda elevada no ſerviço de Deos, e do proximo. Naõ podia já pelos annos, e achaques com o trabalho da Portaria, por ſer o lugar deſabrido, no Inverno com frios, e neves, a que naõ fazia reſguardo, mas o amor do proximo lhe dava forças para o continuar. Já ſe naõ podia ter em pé, mas naõ faltava à meya noite às Matinas, ainda que os Prelados compadecidos o perſuadiaõ ao deſcanço, elle animado do eſpirito nunca admittio diſpenſa. Coſtumava todos os annos ornar com flores a Capella de Noſſa Senhora do Carmo no ſeu dia, de que foy muy devoto, e dizendo-lhe quem lhas trazia, por ſerem poucas, que no anno futuro ſeria mayor a quantidade, lhe reſpondeo: que entaõ lhe naõ eraõ neceſſarias; porque eſperava recebellas da Senhora. Andava em pé, e ao parecer bom, quando hum dia ſe chegou ao Prelado, e lhe pedio lhe deſſe o Santiſſimo Viatico: naõ duvidava o Prelado da virtude do ſubdito, mas naõ ſe perſuadio do que podia ſucceder, e aſſim lhe aconſelhou diſſeſſe Miſſa, e Commungaſſe por Viatico, aſſim o fez, e no tempo das graças pedio a Santa-Unçaõ, e vendo que o Prelado lhe naõ deferia, ſe recolheo à ſua pobre cella, e diſſe ao Enfermeiro, que tanto que tocaſſe a Veſperas, foſſe logo a ella: deſcuidouſe o Enfermeiro algum tempo, e lembrado do que lhe encommendara o foy buſcar, porém já a tempo que eſtava eſpirando; e deſta ſorte foy a celebrar a feſta de ſua Protectora no Ceo, como ſe póde crer de morte taõ ſanta, e previſta.

Com-

Commentario ao XV. de Julho.

A Cidade de Siguença, que ficava na demarcaçaõ da Provincia Tarraconense, e hoje no Reyno de Castella a nova, debaixo de 18 graos, e 28 minutos de longitude, e 41, e 30 minutos de latitude, conforme os Geografos, está situada em hum pequeno monte, cujas faldas banha o pequeno rio Henares, que a fertiliza com as suas celebradas aguas. Nas Historias de Hespanha, naõ falta quem a dé fundada mil e trezentos annos antes da vinda de Christo, he certo, que della fazem menção Authores antigos; e supposto nós naõ nos accommodamos com a mayor parte das fundações antigas, que achamos das Cidades, e Villas, por terem algumas inverosimilidades, e naõ ser do nosso assumpto o disputarmos esta materia; dizemos, que a Cidade de Siguença he muy antiga, e já no tempo dos Godos era conhecida, e nella tinha havido Cadeira Episcopal. ElRey D. Affonso o VI. de Castella a resgatou do jugo Sarraceno, e lhe poz por Bispo a D. Bernardo, dando-lhe o Senhorio da Cidade, que ficou annexo à Dignidade Episcopal. A sua Sé se orna com numeroso Cabido, que se compoem de quatorze Dignidades, e quarenta Conegos, dos quaes seis saõ de oppoſiçaõ, quatro de Theologos, e dous de Canonistas.

A Cidade he aprasivel pelos nobres edificios, e Conventos que tem, e pela nobreza, que nella assiste; mas muito mais a engrandece o precioso thesouro do corpo da Inclita Martyr, e Virgem Santa Liberata sua Padroeira, nossa Portugueza, filha de Lucio Cayo Attilio Severo, Senhor de Braga sua patria, Varaõ Consular, e de sua mulher Calcia.

O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Historia de Braga*, cap. 26, fol. 122, duvida ser esta Santa Liberata a nossa Portugueza, e cuida poder ser Santa Liberata natural da Cidade de Como, em Italia, fundado em achar a 18 de Janeiro no Martyrologio Romano. *Novocomi Sanctæ Liberatæ Virginis*, e que da nossa Portugueza faz menção a 20 de Julho, para donde reservamos o seu dia. Primeiramente naice esta duvida de ver, que a Igreja de Siguença a festeja a 18 de Janeiro: no qual dia diz Cardoso, no I. Tomo do *Agiologio*, que a venera, e a suas oito irmãas de tempo immemoravel esta Igreja, e outras muitas de Hespanha; e o mesmo affirma Rodrigo Mendes Sylva, como tambem D. Joaõ Tamayo Salazar, onde no mesmo dia faz menção de todas nove, inda que depois trata de cada huma em particular nos seus proprios dias, como fez o Douto Cardoso no *Agiologio*, e nós o fazemos seguindo a ordem, que elle observou. A Santa Liberata, de que faz menção o Martyrologio a 18 de Janeiro, naõ diz, que fosse Martyr, nem o seu Commentador Baronio lhe dá este titulo, e Filippe Ferrario, quando no seu *Catalogo dos Santos*, fol. 24, falla nella, tambem naõ diz, que fosse Martyr, e a de que tratamos, como vimos no texto na ultima trasladaçaõ, se verificou com a vista, o que a tradiçaõ da Igreja de Siguença affirmava; pois se vio o sangue do Martyrio da Santa Virgem fresco, como dissemos no texto; demais, que como diz o mesmo Ferrario, a Santa Liberata de Como, se venera na sua Sé, com sua irmãa Faustina. Esta materia deixa provada abundantissimamente Tamayo, neste dia, e no de 20 de Julho com a tradiçaõ, Cartorios, e Breviarios desta Igreja, dizendo, que se o Illustrissimo Cunha vira as memorias daquella Sé, naõ tivera semelhante duvida. Já temos dito no texto o modo com que o corpo de Santa Liberata foy levado a Siguença; e em cousas de tanta antiguidade, em que as Historias às vezes faltaõ, naõ temos mais probabilidade do que a constante opiniaõ da veneravel tradiçaõ das gentes. O Mestre Fr. Gil Gonçalves de Avila, no *Theatro da Igreja de Siguença*, fol. 146, diz, que Governando aquella Diocesi Simeaõ, ou Sinderedo, se manifestou o corpo da Santa Virgem Martyr Liberata, mas que do anno, em que foy, naõ ha cousa afientada, e certa. Este Prelado succedeo na Dignidade a Gunderico, que morreo no anno de 708, e já desta antiguidade se vê a razaõ, que os moradores de Siguença tem, para venerarem a sua Padroeira com tantas demonstraçoens de affecto. Depois de já restaurada Hespanha, sendo Bispo

D.

D. Bernardo, ſe trasladou do Convento de Santa Dorothea de Monges Bentos, para a Cathedral, donde foy tirado com grande ſegredo, e temeridade, e levado a Florença; e deſta Cidade à inſtancia do Biſpo D. Simaõ Giron de Ciſneros, reſtituido como couſa furtada à Santa Sé de Siguença pelo Papa Bonifacio VIII. no anno de 1300, muitos annos antes, que em a Cidade de Como foſſe achado o de Santa Liberata ſua natural, como prova, com Ferrario, Tamayo, no dia 20 de Julho.

Já haviaõ paſſado mais de dous ſeculos, quando no anno 1512, tomou poſſe deſta Igreja o Biſpo, que tinha ſido deCalahorra, o eſclarecido em ſangue D. Fradique de Portugal, filho quarto de D. Affonſo, Conde de Faro (filho de D. Fernando, I. Duque da Sereniſſima Caſa de Bragança, e da Duqueza D. Joanna de Caſtro,) e de ſua mulher D. Maria de Noronha, filha herdeira do Conde de Odemira D. Affonſo de Noronha. Eſte Illuſtriſſimo Prelado mandou lavrar a Capella, que hoje tem a Santa, e neſte dia reza eſta Igreja da ſua Trasladaçaõ, adonde no Officio, em que a celebra nas liçoẽs diz: *Deinde illuſtris Fedirícus à Portugalia ſub hujus Virginis nomine Regale ſacellum conſtruxit, ubi S. Corpus XV. Julii anno Domini MDXXXVII. honorificè in arca argentea, lapidea introcluſa miraculis editis translatum eſt.* Eſta obra ſe acabou depois de ſer já promovido eſte Prelado para o Arcebiſpado de Çaragoça, pois no anno de 1532, tomou poſſe deſta Igreja; porém era tal a devoçaõ que tinha à Santa Virgem, que ſe mandou enterrar na ſua Capella de Siguença, e no ſeu Altar mandou dizer todos os dias huma Miſſa. Em hum Nicho da meſma Capella ſe vê huma Eſtatua de alabaſtro veſtida de Pontifical, e Miniſtros, que lhe aſſiſtem com eſte Epitafio.

Hoc tegitur lapide Illuſtriſſimus Dominus Fedíricus à Portugal, hujus Almæ Eccleſiæ Præſul, Potentiſſimorum Principum Ferdinandi, & Eliſabethæ Caſtellæ, & Legionis, & Aragoniæ, & utriuſque Siciliæ Regum, Invictiſſimorum ſervus, & Factura.

Teve eſte Prelado grande eſtimaçaõ dos Reys Catholicos, e foy peſſoa de muita authoridade, e Vice-Rey de Catalunha, e de ſeus bens livres, inſtituîo hum morgado em D. Franciſco de Faro, Senhor da Caſa de Vimieiro, em cujos deſcendentes ſe conſerva hoje com o titulo de Conde, por ſer filho de ſeu irmaõ D. Fernando de Faro, Senhor de Vimieiro; *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* liv. 8. part. 2. cap. 21. pag. 209. do tom. 9.

B A Ilha de Palma, he huma das que hoje chamaõ os Geografos as Canarias, e os antigos Fortunadas, na Coſta de Africa, no Occeano Atlantico, foy Conquiſta da Coroa de Caſtella do anno de 1493, tem de rodà dezoito legoas, conforme o Douto Manoel Pimentel, na ſua *Arte de Navegar*, com o que ſe deve de emendar o erro dos que lhe daõ 26. Chama-ſe a Cidade Santa Cruz de la Palma, e he compoſta de muitas Aldeas, nella ſe vê hum Pico, que lança fogo, ſemelhante o da Ilha deſte nome, nas dos Açores, ou Terceiras da noſſa Coroa. Junto a eſta Ilha, como temos dito no texto, padeceo Martyrio no anno de 1570, o Padre Ignacio de Azevedo, com a glorioſa comitiva de trinta e nove Companheiros. Era o Padre Ignacio de Azevedo, natural da Cidade do Porto, irmaõ de Jeronymo de Azevedo, XXII. Vice-Rey da India, onde ſervio com valor ſendo Soldado, e com prudencia ſendo General, e depois governando o Eſtado como Vice-Rey com zelo, e ſempre com liberalidade, ſendo tanta a ſua generoſidade, que em Ceilaõ, em hum ſó preſente de curioſidades deu muitos mil cruzados, e ſendo taõ rico, depois pela inconſtancia da fortuna acabou prezo no Limoeiro de Lisboa, merecendo à ſua patria pela gloria, que lhe adquirio o ſeu nome no Oriente, mais honrado fim; porque foy taõ miſeravel, que à piedade, e zelo da Companhia de Jeſu, deveo o ſuſtentallo na prizaõ, e darlhe ſepultura; pagando-lhe deſta ſorte a benevolencia, e affecto, que na ſua proſperidade lhe deveo eſta Sagrada Familia. Foraõ filhos, entre outros, de D. Manoel de Azevedo, Abbade Commendatario da Alpendorada,

Moſteiro

Moſteiro antigo no Arcebiſpado de Braga, Fidalgo de conhecida nobreza da Familia dos Malafayas, cujos avós tinhaõ ſervido aos Reys deſte Reyno nos lugares de mayor authoridade, e confiança, como ſe vê nas ſuas Chronicas, e nós agora omittimos, por ſómente ſer do noſſo aſſumpto o Padre Ignacio, que eſtudando os primeiros principios da Latinidade com feliz percepçaõ ajuntava a eſta parte todas aquellas, que deve ter hum Fidalgo moço; porque era cortezaõ, na ſua peſſoa, e familia luzido; na arte da Cavallaria deſtro; porém de tudo uſava com tal prudencia, que nas converſações era attento, e comedido, e nas mais acções uſava de modeſtia, moſtrando ſempre Chriſtandade, e Religiaõ. Deſta ſorte paſſava D. Ignacio de Azevedo, muy livre de outros cuidados, que os que póde ter quem vivia entre a vaidade do ſéculo; mas de hum Sermaõ, que ouvio ao Padre Eſtrada da Companhia, ficou taõ ferido, que andava vacilante, e penſativo, e já deſconfiado dos bens do Mundo, conhecia a pouca duraçaõ, que elles podiaõ ter; e aſſim ſe recolhia a huma quinta ſua, buſcando já no retiro o ſocego do eſpirito. Soube Henrique de Gouvea, aquelle Varaõ, de que ſe faz mençaõ no *Agiologio*, no dia 21 de Março, o eſtado, em que ſe achava D. Ignacio, de quem era amigo, e viſinho na Cidade do Porto; e ſe foy à quinta de Barboſa, antigo ſolar dos Azevedos, como a viſitar D. Ignacio, foy a converſaçaõ no Eterno, e della ſe ſeguio o deſprezo do caduco. Perſuadio o amigo a fazer os exercicios de Santo Ignacio, para o que partio para Coimbra; delles ſahio D. Ignacio, taõ outro, que já naõ houve miſter preſuadido; porque abrazado do eſpirito do Santo, ſe determinou a ſeguilo, ſendo ſeu filho na Companhia, e largando a Caſa de que era Senhor, tomou a Roupeta no anno 1547, em tempo que ſe abriraõ as portas para as Miſſoens do Braſil. Parece, que a Providencia Divina o tinha deſtinado para remedio daquella gentilidade, como já notaraõ alguns Authores, por cujo amor, e converſaõ das ſuas almas trabalhou tanto, que conſagrou a vida na empreza. He de notar, que eſtando a frota, em que embarcava o Governador do Braſil, já a pique para partir, tardava de ſorte a náo Santiago, que tinha fretado na Cidade do Porto, que eſtava já quaſi ſem eſperanças de poder chegar a tempo, e por eſta cauſa tinha o Padre Ignacio de Azevedo mandado repartir o fato, e os Companheiros por diverſas embarcações. Porém como Deos o tinha guardado para o Coroar de Martyrio, permittio, que chegaſſe o caminho de o alcançar, e que foſſem ouvidas as orações, jejuns, e diſciplinas, com que ſe lhe pedia, que a náo Santiago entraſſe a tempo de os conduzir. Entrou pelo porto da Cidade de Lisboa eſte navio, com incrivel contentamento do Padre Ignacio, que logo mandou tirar tudo o que tinha accommodado em diverſos navios, e nelle ſe embarcou com os ſeus trinta e nove Companheiros; e ao Padre Pedro Dias fez embarcar na náo do Governador, com vinte Religioſos, e ao Padre Franciſco de Caſtro, com os mais na náo dos Orfãos, aſſim chamada, por irem nella muitos meninos, que tinhaõ ficado ſem pays, na peſte que padeceo Lisboa, e ElRey D. Sebaſtiaõ mandava para povoar aquella dilatada Conquiſta. Eraõ os Religioſos da Companhia em numero ſetenta e nove, além de muitos pretendentes, que eſperavaõ merecer a Roupeta. Apartando-ſe a náo Santiago da conſerva da frota na Ilha da Madeira, como temos viſto, deu glorioſo aſſumpto a eſte dia com o eſclarecido Martyrio de tantos Bemaventurados, cujos nomes, ainda que eſcritos no Livro da Vida, he razaõ ſerem aqui repetidos; pois a mayor parte delles eraõ moços, e ſouberaõ com a ſua conſtancia, na primavera dos annos, regar o ameno Jardim da Igreja, com o ſeu ſangue, em obſequio da Fé.

1 Aleixo Delgado, de 15 annos, Noviço de Elvas.
2 Affonſo de Baena.
3 Alvaro Mendes, de Elvas.
4 Amaro Vaz.
5 André Gonçalves, de Vianna.
6 Antonio Correa, do Porto.
7 Antonio Fernandes, de Monte-mór.
8 Antonio Soares, Miniſtro.
9 Bento de Caſtro.
10 Braz Ribeiro, de Braga, Noviço, de 27 annos.
11 Diogo Peres, de Niza.
12 Domingos Fernandes, Coadjutor, de Villa-Viçoſa.
13 Diogo de Andrade.
14 Fernando Sanches, Caſtelhano.

Fran-

15 Franciſco Alvares Covilho.
16 Franciſco de Magalhães.
17 Franciſco Peres de Godoy, de Torrijos.
18 Gaſpar Alvares, Coadjutor, do Porto.
19 Gonçalo Henriques, Diacono, do Porto.
20 Gregorio Eſcrivano, de Logronho.
21 Joaõ Baeza, Caſtelhano.
22 Joaõ Fernandes, Coadjutor, de Braga.
23 Joaõ Fernandes, de Lisboa.
24 Joaõ de Mavorga, Aragonez.
25 Joaõ de S. Martinho, junto a Ilheſcas.
26 Joaõ de Zafra, de Toledo.
27 Luiz Correa, de Evora.
28 Marcos Caldeira.
29 Manoel Alvares.
30 Manoel Fernandes, de Selorico.
31 Manoel Pacheco, de Ceuta.
32 Manoel Rodrigues, de Valconcte.
33 Nicolao Diniz, de Bragança.
34 Pedro da Fonſeca.
35 Pedro Nunes, Heſpanhol.
36 Pedro de Fontoura, de Braga.
37 Simaõ da Coſta.
38 Simaõ Lopes, de Ourem.
39 Eſtevaõ Zurarire, Biſcainho, a quem Deos revelou, que havia de morrer Martyr, e aſſim o tinha dito a hum ſeu Companheiro, e que por iſſo hia com grande goſto para o Braſil, por haver de morrer Martyr.
40 A eſtes ſe deve numerar, aquelle venturoſo moço N. de S. Joaõ, ſobrinho do Capitaõ, de que fallamos no texto, que entrou no lugar do Irmaõ Leigo, que levou Sorea, por ſaber que era coſinheiro, e ſe chamava Joaõ Sanches, e depois com o tempo voltou a Portugal.

Eſte glorioſo triunfo da Igreja Catholica, revelou Deos à Santa Madre Thereſa de Jeſus, no meſmo dia, em que ſuccedeo, vendo aquellas benditas almas glorioſas, adornadas de coroas, e laureolas de Martyres, conhecendo neſta luzida Companhia hum ſeu parente a Santa Madre, que foy dos que receberaõ a palma do Martyrio, cortada pelas impias mãos dos Hereges, com que a Santa ficou muy conſolada; e agradecendo a Deos eſte favor o participou a ſeu Confeſſor o Padre Balthazar Alvares, como refere na ſua Vida D. Fr. Diogo de Yepes, Biſpo de Tarragona, Confeſſor de Filippe II. e da Santa Madre, liv. 3. cap. 17. fol. 660. A outras peſſoas pias, e devotas, foy Deos ſervido manifeſtarlhes a gloria dos Bemaventurados Martyres, cujas individuaes circunſtancias referio depois o Irmaõ Leigo Joaõ Sanches, que Jaques Soria quiz levar comſigo por ſer coſinheiro, e paſſados tempos ſe reſtituîo à patria; parece, que queria Deos huma teſtemunha muy individual deſte glorioſo ſacrificio, que depois contaraõ muitos dos mercantes, que foraõ preſentes, e pela nova Heſpanha ſe eſpalhou eſta nova com grande credito da Igreja, que em abono ſeu teſtemunhou o Altiſſimo, permittindo, que quatro dos ſoldados, que ſe moſtraraõ mais crueis na execuçaõ, de repente ficaraõ cegos; e acreditando mais o Senhor com outra maravilha, que foy, naõ poderem com nenhuma força os Hereges tirar dos devotos braços do Veneravel Padre Ignacio de Azevedo a Sagrada Imagem da Virgem Santiſſima. Naõ cabe no eſtylo, que ſeguimos, podermonos allargar nas ſuas virtudes, pois o deſprezo do Mundo foy taõ ſingular, como vimos; o zelo da ſalvaçaõ das almas taõ vehemente, como naſcido do Apoſtolico Inſtituto de ſeu Padre Santo Ignacio, de que foy fiel imitador; taõ penitente, que o cilicio era quaſi continuo, e as diſciplinas, que tomava taõ crueis, que trazia as coſtas azuladas, e maltratadas das pizaduras; naõ ſe eximindo nunca das continuas fadigas, em que ſempre andou pelo ſerviço do proximo. Ao Padre Ignacio deve a Companhia o Collegio de Braga, que fundou o Santo Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, vencendo grandes difficuldades. A grande eſtimaçaõ, que eſte Santo Prelado fazia do Padre Ignacio, e o conceito, que tinha da ſua abalizada virtude, ſe vê deſta Carta, que eſcreveo ao Summo Pontifice Pio V. a quem o Papa Clemente XI. em Mayo do anno de 1712, poz no Catalogo dos Santos, canonizando-o ſolemnemente. Diz a Carta.

Beatiſſimo Padre, depois de beijar os Bemaventurados pés de Voſſa Santidade.

Ignacio de Azevedo, Sacerdote da Companhia de Jeſu, Viſitador, e Prepoſito Provincial da meſma Companhia nas partes do Braſil, vay a Roma, tratar com V. Santidade

alguns negocios de muita importancia, tocantes à meſma Companhia; e porque eu tenho bem conhecido ſua grande virtude, e o deſejo, que tem de ſofrer trabalhos, e levar ſobre ſi a Cruz de Chriſto, de que elle (deſprezada a nobreza do Mundo) ſe quiz fazer verdadeiro imitador na pobreza, abnegaçaõ, e deſprezo de ſi meſmo, como tambem no zelo, e aproveitamento das almas, e no augmento da Religiaõ Chriſtãa, de que tem dado a todos boas moſtras, aſſim neſta Dioceſi de Braga, aonde por alguns annos me ajudou muito, como nas partes do Braſil, donde pouco ha vejo; me pareceo couſa muito pia pedir a Voſſa Santidade o quera favorecer, e o receba com aquellas paternaes entranhas, e amoroſo animo, com que coſtuma receber, e abraçar todas aquellas couſas, que ajudaõ o Culto Divino, e a ſalvaçaõ das almas; e aſſim que Voſſa Santidade o póde ter por hum Varaõ Apoſtolico, e cheyo do Eſpirito Santo; porque neſta conta o tem todos aquelles, que neſta Provincia de Portugal o conhecem; pelo qual todo o favor, que Voſſa Santidade lhe moſtrar, e toda ajuda, que lhe der para ſeus Miniſtros, tudo tenho para mim, ſerá muito agradavel, e aceito diante de Noſſo Senhor, cujas vezes Voſſa Santidade tem em a terra; ao qual Clementiſſimo Senhor, peço accreſcente os annos de vida a Voſſa Santidade, com os quaes lhe faça muito ſerviço em a terra. De Braga, 4 de Março de 1569.

O Arcebiſpo Primaz.

Eſta Carta chea do eſpirito daquelle Santo Apoſtolico Prelado, honra, e gloria da naſçaõ Luſitana, moſtra a grande virtude do Padre Ignacio de Azevedo, e eſte teſtemunho por ſi baſtaria, para canonizar as ſuas acções, quando naõ tiveramos tantos documentos, que as acreditaraõ na ſua vida, e depois no glorioſo Martyrio, e de ſeus Bemaventurados Companheiros, de que ſe fez huma informaçaõ authentica, que a Companhia remeteo a Roma, em ordem à ſua Canonizaçaõ, cuja eſperanca ſe naõ dilatará com o novo Decreto do Santiſſimo Padre Benedicto XIV. paſſado em Roma, a 21 de Setembro de 1742, em que declara conſtar do verdadeiro Martyrio dos Veneraveis Servos de Deos, o Padre Ignacio de Azevedo, e ſeus Companheiros; e aſſim eſperamos do ſagrado Oraculo da Igreja eſta declaraçaõ. Do Padre Ignacio, e ſeus Companheiros ſe eſcreveraõ Vidas, e Tratados particulares, e delles fazem mençaõ os ſeguintes. O Padre Pedro Poſſino, *Vida, e Morte do Padre Ignacio de Azevedo*, em Latim, impreſſo em Roma, no anno de 1678, em quarto; o Padre Euſebio de Nieremberg, *Idéas de Virtudes*, tom. 2. fol. 244. *Chronica da Companhia*, de Telles, part. 1. liv. 2. cap. 18, e part. 2. liv. 4. cap. 6; o Padre Ribadaneira, na *Vida do Sancto Borja*, fol. 413; Maffeo, fol. 471; Alegambe, *Mortes Illuſtres*, fol. 49; Guerreiro, *Coroa dos Religioſos da Companhia*, part. 3. cap. 11; Orlandino, liv. 4. fol. 136. n. 129. Scotthus, na *Vida de Saõ Franciſco de Borja*, liv. 3. cap. 10; Nadaſi, *Annus Dierum*, a 15 de Julho; o *Menologio da Companhia*, m. ſ. no meſmo dia; e Purificaçaõ, na *Chronologia Monaſtica*; Souſa, na *Vida do Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, cap. 19. fol. 34; Vaſconcellos, *Anacephalæoſis*, fol. 503; O Illuſtriſſimo Cunha, no *Catalogo dos Biſpos do Porto*, fol. 307; Faria, *Aſia*, part. 3. fol. 322; Franco, *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 1; e no de *Liſboa*, liv. 2. cap. 13; o Padre Joſeph Focio, *Informatio pro venerabili Servo Dei Ignatio de Azevedo, & ſociis ejus*, onde allega noventa e ſeis Authores, impreſſo em Roma, anno 1664; o Padre Daniel Pawlowſki, *Locutio Dei ad cor Religioſi*, fol. 118. penes me; o Padre Franciſco de Mattos, na *Vida Chronologica de Santo Ignacio, das perſeguições da Companhia*, liv. 3. cap. 12. §. 3. n. 38.

C Era o Padre Rodolfo Aquaviva, Napolitano, da Illuſtriſſima Familia do ſeu appellido, huma das mais preclaras, e antigas daquelle Reyno. Foraõ ſeus pays Joaõ Jeronymo de Aquaviva, X. Duque de Atri, e a Duqueza Margarida Pia Carpenſe, de quem inda hoje ſe conſerva eſclarecida deſcendencia em D. Domingos Aquaviva, XVII. Duque de Atri, Grande de Heſpanha, Principe de Teramo, Marquez de Aquaviva, Conde de Goya, e Giula, Capitaõ das Guardas Italianas delRey D. Filippe V. que he irmaõ do Cardeal Trajano de Aquaviva, do titulo de Santa Cicilia, que hoje vive encarregado dos negocios delRey Catholico em Roma. Era o Padre Rodolfo, ſobrinho do Padre Claudio Aquaviva, Geral da Companhia, e irmaõ dos Cardeaes

Julio,

Julio, e Octavio Aquaviva. Foy em Noviço Companheiro do Beato Stanislao Kostka, e Religioso imitador do seu espirito. Teve grande zelo da conversaõ das almas; este o fez esquecer dos parentes, e amigos; e passar a Portugal, para se embarcar para a India. ElRey D. Sebastiaõ lhe fez especiaes honras, estimando tanto a sua pessoa, que mandou a Joaõ Gomes da Sylva, seu Embaixador em Roma, que da sua parte significasse ao Geral da Companhia Everardo Mercuriano, o quanto lhe agradecia, que a Missaõ da India lhe devesse tal cuidado, que merecesse mandarlhe hum sogeito da cathegoria de Redolfo Aquaviva. A obediencia o destinou para a Missaõ do Reyno do Graõ Mogor, com outros Companheiros, este lhe mandou dar huma grande somma de dinheiro, que desprezou com admiraçaõ daquelle poderoso Monarca; mas como faria caso das riquezas do Oriente, quem na delicia de Europa tinha desprezado a grandeza da sua casa, e parentes, com o desejo de conquistar almas sómente para o Ceo? Aqui teve varias disputas com os Cacizes, que com gloria de Deos convenceo, agradando àquelle Principe a pobreza, e castidade, que nelle admirava, com a pratica das mais virtudes. Já naõ era conhecido naquella Corte, senaõ por Anjo; a vida, que fazia era muy austéra; naõ comia mais que hum pedaço de paõ, sem outro algum regallo, senaõ agua; sem mais cama, que a terra dura, vacando sempre a Deos na oraçaõ. Padeceo muitas afflições, e trabalhos, que Deos lhe recompensava com Celestes vizões, em que se augmentava o espirito, e fortalecia; de sorte, que estava prompto para novos trabalhos. Teve licença para formar hum Hospital, para curar os enfermos, o que exercitava com tal charidade, que era universal espanto dos Mouros; e assim se resolveraõ muitos a receber o sagrado Bautismo. A obediencia o mandou voltar a Goa, nomeando-o para a Missaõ de Salsete, onde se lhe estava tecendo a coroa do Martyrio, na Aldea de Coculim, que fica em huma Peninsula, pela parte que se continúa com a terra firme, que hoje com o titulo de Condado he conhecida; sendo o primeiro Conde D. Francisco Mascarenhas, por merce delRey D. Pedro II. no anno de 1676, como a herdeiro de seu tio D. Filippe Mascarenhas, Vice-Rey da India cujos relevantes serviços, feitos naquelle Estado, merecéraõ se conservassem na posteridade com esta Illustre Casa, já que da sua naõ teve geraçaõ. O Padre Affonso Pacheco éra natural de Toledo; filho de Joaõ Pacheco de Alarcaõ, e de D. Catharina de Alarçaõ, Senhores de Minaya, e outros Lugares no Reyno de Castella, foy muito bom Letrado, e taõ humilde na sua pessoa, que se abatia a comer nas portarias com os pobres em a sua mesma escudéla. O seu zelo o levou à India, de que tirou maravilhosos frutos a Religiaõ Catholica, de que se lhe originaraõ algumas perseguições, que o obrigaraõ a voltar a Portugal; para dar razaõ do que obrava, e mostrou; que por nenhum motivo podia consentir aos Gentios de Salcete o uso das suas ceremonias; e assim alcançou o seu zelo; que naõ tivessem os Vice-Reys poder para restituir aos Gentios os ritos, de que estavaõ desapossados, o que algumas vezes por utilidade do Estado se lhes tinha permittido. Era o terceiro Companheiro o Padre Pedro Berno, Italiano; natural de Ascona na Lombardia, junto ao Lago mayor, chamado dos Latinos *Lago Verbano*; seu pay se chamava Joaõ Berno, e sua mãy Anastacia Nicolina. O zelo, que tinha da Exaltaçaõ da Fé, lhe conciliou o odio dos Gentios de Coculim, por lhe destruir hum formigueiro, que adoravaõ; muitas vezes se lhe ouvio, que naõ se adiantaria a Christandade nequella Aldeya, em quanto por ella se naõ derramasse o sangue das veyas em confirmaçaõ das verdades Catholicas. O Padre Antonio Francisco, era natural de Coimbra; e quando entrou na Religiaõ se abrazou de hum desejo do martyrio com as noticias do Padre Ignacio de Azevedo, e seus Companheiros, e a este fim passou à India na companhia do Padre Affonso Pacheco. Todas as vezes, que levantava a Hostia, pedia a Deos graça, para pelo seu amor dar a vida. O ultimo, e quinto foy o Irmaõ Francisco Aranha, natural de Braga, de pays nobres, e ricos, e se chamava Sebastiaõ Aranha. As Memorias da Companhia uniformemente dizem, ser sobrinho do Arcebispo de Goa, e naõ podemos averiguar, quem elle fosse. Foy este glorioso Triunfo da Igreja neste dia, no anno de 1583, Governando o Estado da India D. Francisco

Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz.

No dia, em que eſte Martyrio ſuccedeo em Coculim, o revelou Deos em Lisboa ao Padre Joaõ Fernandes, e foy tambem couſa digna de reparo, que eſtavaõ em Goa os Padres celebrando o Martyrio do Padre Ignacio, e ſeus Companheiros, quando lhes chegou a nova, de que foraõ martyrizados pela Fé o Padre Rodolfo, e ſeus Companheiros; intentaraõ logo aquelles Religioſos dar decente ſepultura aos bemditos corpos dos Martyres, que os Gentios lançaraõ em huma cova immunda, ou cabouco, como elles lhe chamaõ. Depois de terem paſſado tres dias os acharaõ incorruptos, lançando o Padre Rodolfo ſangue das feridas, taõ freſco, como ſe naquelle inſtante foſſem abertas, de que a piedade dos Chriſtãos ſe aproveitou, enſopando panos, e tirando dos veneraveis corpos algumas reliquias, e permittio Deos, que padecendo hum Irmaõ da Companhia huma dor no peito, com fervor pegou em hum dos caixões, para o levar, e ficou livre da queixa. Foraõ Trasladados para o Collegio de Saõ Paulo de Goa, no anno 1597, e no tempo, em que era Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, fez tirar hum inſtromento authentico, em que os matadores confeſſaraõ, que os mataraõ, por ſaberem hiaõ edificar Igreja em Coculim, como elles eſcreveraõ ao Capitaõ de Rachol. Fazem delles mençaõ Jarric. no II. Tomo do *Theſauro Indico*; Orlandino, nas *Annuas da India Oriental*; o Padre Luiz de Guſmaõ, nas *Miſſoens*, liv. 3. cap. 8, até 11, e no cap. 29, até 33; Spinelo, cap. 20; Pedro Ordonhes Zavallos, *Viagem do Mundo*, liv. 3. cap. 16; Jacobo Damiano, *Synopſis*, cap. 20; Thomás Bocio, de *Signis Eccleſ.* liv. 7. fig. 27. em a *Centuria dos Martyres da Companhia*; Vaſconcellos, *in Deſcriptione Regni Luſitani*, fol. 505; Faria, *Aſia*, part. 3. fol. 15; Guerreiro, *Elogio dos que morreraõ pela Fé*, part. 2. cap. 9. fol. 242; Nadaſi, e o *Menologio da Companhia*, m.ſ. neſte dia; o Padre Amador Rabello, em humas *Cartas*, impreſſas no anno 1588; o Padre Euſebio de Nieremberg, *Idéas de Virtudes*, tom. 1. fol. 421; Souſa, no *Oriente Conquiſtado*, part. 2. Conquiſt. fol. 187; Albergaria, *Triunfo da Nob. Luſit.* m.ſ. fol. 95; o Padre Franciſco Bencio, inſigne Poeta, em ſeis livros; e Gerardo Montano, com cinco *Epigrammas* muy elegantes; o Padre Franciſco de Matos, na *Vida Chronologica de Santo Ignacio*, liv. 3; *Perſeguições da Companhia no Japaõ*, cap. 11. §. 2. Na Curia Romana ſe trata da ſua Beatificaçaõ, e no anno de 1713, ſe imprimiraõ proceſſos a eſte fim, e depois outros nos annos de 1717, e 1720, na Impreſſaõ da Camera Apoſtolica.

D Nos glorioſos Faſtos da Companhia de Jeſu, merece eſte dia huma ſingular eſtimaçaõ, em que temos viſto taõ inſignes Varões em Santidade, da Provincia de Portugal, eſpalhados na Aſia, e na America. Parece, que a Providencia Divina os diſtribuio, para acompanharem ao Fundador, e Pay da Companhia neſte Reyno, ſendo-o tambem deſta ſorte das Provincias da India, da China, do Japaõ, e das do Braſil, e de outros Collegios de Hespanha, como o de Gandia, para onde mandou o Padre André de Oviedo, e o Padre Diogo Miraõ, para o de Valença, e outros muitos, para que cooperou o ſeu ardente zelo. Naſceo o Padre Simaõ Rodrigues, na Villa de Vouzella, povoaçaõ pequena, que terá cento e quarenta viſinhos, na Provincia da Beira, no Biſpado de Vizeu, de que diſta tres legoas. Foraõ ſeus pays Gil Gonçalves, e Catharina de Azevedo, gente nobre, e da mais principal da terra, e ſegundo a tradiçaõ, naõ faltou, quem affirmaſſe, ſerem parentes do Santo Fr. Gil; e ſendo aſſim teve illuſtre parente em naſcimento, e ſantidade. Na Igreja Matriz, como diz o Licenciado Jorge Cardoſo, no dia 17 de Fevereiro, letra D, ſe vê pintado o Padre Simaõ, junto com Saõ Fr. Gil, e Fr. Pedro Franciſcano, tambem natural deſta Villa, bem conhecida nas noſſas Hiſtorias, por taõ inſignes filhos. Era o Padre Simaõ, ſobre virtuoſo inſigne Letrado, ſciente da Filoſofia, e Theologia, erudito nas linguas Grega, e Latina; fallava a Italiana, e Franceza com perfeiçaõ, e com conhecimento das Cortes Eſtrangeiras, que tinha viſto, digno Meſtre do Principe, que a ſua humildade recuſava, ſendo tal o ſeu exemplo, que todos ſeguiraõ o meſmo methodo de vida com grande edificaçaõ. Em huma occaſiaõ eſtava ElRey em huma janella do Paço, e vendo paſſar dous voltou para o Marquez de Villa Real, que eſtava com elle, dizendo-lhe: verdadeiramente parecem aquelles homens

homens Apoſtolos, glorioſo nome, porque depois foraõ conhecidos em Portugal, e ſuas Conquiſtas. Muito nos poderamos alargar nas virtudes deſte inſigne Religioſo, mas naõ o permitte a brevidade, que ſeguimos; inda aſſim naõ podemos ommittir algumas couſas dignas de memoria, como a conſtancia, com que ſofreo ás injurias, com que hum homem em publico, e particular o maltratava, por ter deſpido a Roupeta a hum ſeu Irmaõ, ſendo tal o exceſſo da ſua colera, que chegou aos ouvidos delRey, que o quiz mandar caſtigar, e o fizera ſeveramente, ſe o Padre Simaõ lhe naõ pedira o contrario; de que ſe deixa ver a ſua ſolida virtude, que acreditou com prodigios. No Collegio de Coimbra, padecia hum Irmaõ eſtudante, por nome Vicente Rodrigues, taõ crueis dores de cabeça, que lhe impediaõ todas as operações, e o affligiaõ em ſummo gráo, e depois de eſgotados todos os remedios da Medicina, veyo a alcançar ſaude com huma viſita do Padre Simaõ, e dandolhe hum abraço, lhe ſegurou, que naõ havia morrer, e logo experimentou melhoras, e foy depois hum dos grandes operarios da Miſſaõ do Braſil. Ao Padre Gonçalo da Sylveira, eſtando deſconfiado em Coimbra dos Medicos, e já eſpirando, o entrou a ver pela manhãa, e lhe diſſe: tenha animo, Padre Gonçalo, que eu vou dizer Miſſa pela ſua ſaude; e foy caſo maravilhoſo, que no tempo, em que eſtava dizendo Miſſa, gritou o Padre Gonçalo, dizendo ao Reytor, que era o Padre Luiz da Gran, e a outros Religioſos, que eſtava inteiramente ſaõ, e que o Padre Provincial lhe havia dado ſaude. Como foy dotado de eſpirito profetico, ſem duvida lhe revelaria Deos, que ao Padre Gonçalo da Sylveira, o tinha deſtinado para glorioſo Martyr da Igreja, como ſe refere no *Agiologio* a 16 de Março. Morreo o Padre Meſtre Simaõ, no anno de 1579, ſendo univerſal o ſentimento da Corte; as ſuas Exequias ſe celebraraõ com ſaudades, e foraõ aſſiſtidas dos Biſpos Capellaõ môr D. Jorge de Ataide, e de D. Antonio Telles, Biſpo de Lamego; e de grande numero de Nobreza, Religioſos, e povo; devotos do Servo de Deos; e como amigos da Companhia, ſentiaõ a perda de hum inſigne Religioſo, que era Pay da Companhia em Portugal. Foy enterrado na Igreja de Saõ Roque, na Capella môr defronte do Santiſſimo Sacramento. O virtuoſo Arcebiſpo de Evora o Senhor D. Theotonio, de quem faremos mençaõ a 29 deſte mez, que o amou ternamente, prezando-ſe de receber delle os primeiros documentos das ſolidas virtudes, que taõ bem ſoube exercitar; deſejou ornar de precioſos marmores a ſua ſepultura, que com Elogios ſepulchraes declaraſſem a toda a hora a virtude do Padre Meſtre Simaõ; porém ao tempo, que tinha alcançado licença do Geral Claudio Aquaviva, pagou o tributo de naſcido, e aſſim eſteve por muitos annos, até que ſe trasladaraõ ſeus oſſos para huma pequena, e humilde Urna de pedra, aquelles, que mereciaõ deſcançar em ſumptuoſo Mauſoléo, e foy collocado na parede, junto à porta da Sacriſtia, da parte do Evangelho, com eſte breve Epitafio.

OSSA P. M. SIMONIS RODERICI PIÆ RECORDATIONIS, QVI PROVINCIAM HANC LVSITANAM FVNDAVIT, PRIMVS IN EA PROVINCIALIS, VNVS E NOVEM B. P. N. IGNATIJ SOCI. JS. OBIT IN HAC DOMO XIV. JVLIJ Anno Domini MDLXXIX.

A *Chronica da Companhia*, do Padre Telles, na 1. part. liv. 3. cap. 31. diz, que o dia da ſua morte foy a 15 de Julho, às duas horas da manhãa, o que conſta de irrefragaveis documentos, e diligencias, que o confirmaõ; e o meſmo ſeguem outros muitos Authores graves da meſma Companhia: e aſſim talvez ſeria erro de quem abrio na pedra o ſeu Epitafio, que referimos outro mais digno das ſuas virtudes, ſe vê no livro intitulado: *Imago Primi ſæculi Societatis Jeſu*, fol. 292.

ELO-

ELOGIUM SEPULCHRALE SIMONIS RODERICII.

India Debitum,
Sed Luſitaniæ reſervatum
Simonis Rodericii
Ulyſſipponenſis
Mortale depoſitum hic jacet;
Olim inter Primos adjunctum Ignatio
Cum cunctos in Italia ſocios alacriter ſequeretur,
Gravi impeditus ulcere deſtitutus fuiſſet à ſuis
Niſi prodigio repente ſanatus Deoque fretus, ac potens
Præire, quam ſequi ardua maluiſſet,
Regnante Joanne, Imperante Paulo, utroque tertio
Illo Luſitaniæ Rege, hoc Pontifice Maximo,
Gemino, & vindice fidei, & Societatis minimæ defenſore,
Propagandæ cauſâ religionis in Orientales Indias ab Ignatio miſſus,
Expeditionis tam arduæ commilitonem habuit
Franciſcum Xaverium.
Dignus Româ Judice, qui Orientis tanto lumini
In viam tam inviam præluceret
Ulyſſipponem ergo delatus
In Luce urbis clariſſimæ, & aulæ Regiæ ſplendore perpetuo
Socio, & adjutore Xaverio, ita ſe geſſit,
Ut rapti in admirationem hominum tantorum Reges, & populi
Paſſim illos, nec otioſè Apoſtolos nominarent.
Tanto tam præclaræ virtutis encomio.
In nomen poſterorum, appellationemque perpetuam derivato.
Indiam ergo ſpectabat, & Indiæ uterque hic Apoſtolus debebatur,
Et ſane non unum India Xaverium jam haberet,
Niſi reluctantem licet, & cum illo ſuperare maria cupiente Simone,
Sibi, etiam præ Xaverio, commodum Luſitania tenuiſſet
Hac ſpe fruſtratus ineundi pro fide certaminis,
Occaſionem tamen agendi, & patiendi fortia non amiſit,
Jubente Rege, Permitente Ignatio,
Coactus eſſe Luſitano Principi, quod fuerat Ariſtoteles Alexandro,
Non minus periculoſâ omnium gratiâ,
Quam paucorum invidiâ laboravit
Tanto clarior apud omnes,
Quanto in utraque fortuna inventus eſt fuiſſe conſtantior
Mutuis devinxiſſet obſequiis,
Privatis rebus, & publicis
Pro Catholico Europæ, & Indiæ bono prudenter diſpoſitis
Extra Indiam, quam ſemper amavit
Extra Ethiopiam, Braſiliam, cæteraſque terras ultimas,
Quo ſæpius ex aula meditatus eſt fugam:
Extra ictum, ſpemque martyrii, quod impenſè quæſivit
ANNO M.D.LXX.IX.
Ipſo, poſtquam ſecutus Ignatium quadrageſimo quinto
Apoſtolus in Patria, Miles in umbra
Qui alibi violenta maluit, naturali morte deceſſit
DEO SIC VISUM
Cujus providentiæ utrobique promptum eſt
Ibi illuſtrare naturam, hîc occultare virtutem.

Eſte

Eſte elegante Elogio Sepulchral, me pareceo razaõ lançallo aqui; porque inda, que já anda em outras partes, ſempre a ſua repetiçaõ ſerá eſtimavel ao Leitor; além dos já nomeados Authores, tratað deſte inſigne Heroe o Padre Tanner, *Societas Jeſu Apoſtolorum Imitatrix Europæ*, fol. 161, onde eſtá em huma eſtampa arrebatado em huma viſaõ, em que lhe apparece Noſſa Senhora; o *Menologio da Companhia* m. ſ. e Nadaſi, neſte dia; Orlandino, liv. 1. fol. 16. n. 74; Euſebio, *Honor del Grande Patriarca Santo Ignacio*, tom. 1. fol. 538; Souſa, no *Oriente Conquiſtado*, part. 1. fol. 8; Purificaçaõ, na *Chronologia Monaſtica Luſitana*, no dia 14 deſte mez; o Padre Franciſco de Mattos, *Vida de Santo Ignacio*, liv. 5. cap. 2. §. 3. n. 20.

E He a Cidade de Sinoa, a Corte do Reyno da Cochinchina, fica no centro de todo o Reyno, da parte do Sul tem as Cidades de Chacaõ, e Nharum, e da do Norte, as de Dinhcat, e Quanbinh, nas quaes tem Governadores, com Tribunaes de todas as juſtiças. As rayas do Reyno eſtaõ armadas de ſoldados, para a ſegurança das fronteiras. Da ſua fertilidade ſe fallou já no dia 4 de Fevereiro, letra D. Neſta Cidade padeceo Martyrio o zeloſo Vicente, no anno de 1645, Reynando Thaybao. Naſceo na Provincia de Quangnghia, de pays Chriſtãos, como temos viſto, e ſe chamaraõ Thomé, e Magdalena; recebeo o Bautiſmo pelo Padre Franciſco Buzoni da Companhia, Fundador daquella Chriſtandade. Fazem menção delle, as *Noticias das Miſſoens do Reyno da Cochinchina*, cap. 7. fol. 94.

F No meſmo dia, e anno, acabou o valeroſo Soldado da Milicia de Jeſu Chriſto, Ignacio, de idade de 37 annos, glorioſo pelo deſprezo do Mundo; pois tendo chegado a lograr o primeiro gráo de Mandarim, Dignidade entre as do Imperio da China de grande authoridade, ou nas Letras, ou nas Armas, ſendo-lhe por elle devido o governo Militar, ou Politico, que tudo deſprezou Ignacio, por abraçar a Fé de Chriſto, com tal amor, como temos viſto do zelo da converſaõ das almas, ſendo elle o que deſtemidamente naõ fez caſo de tantos perigos; pois quando deſterraraõ a primeira vez o Padre Rhodes para Macáo, ficou toda aquella Chriſtandade em huma grande conſternaçaõ, de ſorte, que todos ſe eſcondiaõ com o temor dos Editos delRey, e aſſim naõ havia, quem ſoccorreſſe aos pobres Chriſtãos perſeguidos; mas Ignacio, deſprezando todo o perigo, andava publicamente pedindo eſmolas, para ſoccorrer os ſeus Compaheiros; e deſtas, e das mais acções, que temos referido, ſe lhe cortou a Palma do Martyrio, que gozará por toda a eternidade. Tudo o referido tiramos das *Noticias da Cochinchina*, acima allegadas, cap. 8. fol. 97.

G Era Fr. Franciſco de Bovadilha, Caſtelhano, de naſcimento claro, e conſpicuo, por ſer filho de D. Pedrarias Davila, Governador da terra firme do Perú, e de D. Iſabel de Bovadilha, filha de Franciſco Fernandes de Bovadilha, Senhor de Pinos, e Bees, e de D. Maria de Penhaloſa, o qual D. Pedrarias, era irmaõ de D. Joaõ Arias de Avila, IV. Senhor, e I. Conde de Punhon-Roſtro; filhos ambos, e outros mais, que naõ ſervem ao noſſo intento, de Pedrarias de Avila, III. Senhor de Punhon-Roſtro, Santo Agoſtinho, e Alcovendas, Regedor de Segovia, Contador môr delRey D. Henrique IV. de Caſtella, e do ſeu Conſelho, e de ſua mulher Elvira Ortiz Cota, filha do Theſoureiro Alonſo Cota, e de Thereſa Ortiz, ſua mulher; e della teve filhos, inda que Haro, no tom. 2. fol. 181. diga o contrario; porque nós ſeguindo a D. Luiz de Salazar e Caſtro, Chroniſta môr de Heſpanha, do Conſelho delRey Filipe V. e Commendador de Zurita, luz de todos os eſtudos Genealogicos, aſſentamos ſerem eſtes os aſcendentes de Fr. Franciſco de Bovadilha, que em Haro achamos confuzos, e em Fr. Luiz de Souſa, taõ diminutos, que valendonos da benevolencia, e amizade, com que eſte Cavalhero nos trata, o conſultámos, e pelas ſuas cartas de 8 de Setembro de 1715, e depois em outra de 29 do meſmo mez, confirma, o que temos referido, com huma Taboa Genealogica deſta Familia, da ſua propria letra, que conſervamos; e deſta ſorte vimos a aſſentar, em quem foraõ os pays de Fr. Franciſco de Bovadilha, que a *Chronica de Saõ Domingos*, diz ſer filho dos Condes de Punhon-Roſtro, o que naõ póde ſer como temos viſto; porque ſeu pay era irmaõ de D. Joaõ Arias de Avila, I. Conde, que caſou duas vezes; a primeira com

com D. Maria de Mendoça, viuva de ſeu irmaõ, filha natural do Duque do Infantado D. Diogo; e ſegunda vez com D. Maria Giraõ, filha de D. Rodrigo Porto Carreiro, I. Conde de Medelhin: e em todas as linhas deſta Familia, ſe naõ acha appellido, ou caſamento com Bovadilha, ſenaõ na mulher de D. Pedrarias Davila, cujo pay foy D. Franciſco Fernandes de Bovadilha, como temos dito, em cuja memoria devia ſer poſto o nome de Franciſco ao neto, de que tratamos o Meſtre Fr. Franciſco de Bovadilha, peſſoa de grande authoridade na ſua Provincia, por Letrado, e Fidalgo; circunſtancias, que unidas com obſervancia, he ouro ſobre azul, pois realça o ſangue com os eſtudos, e muito mais com as virtudes. Tinha lido muitos annos, e occupado lugares graves, e governos na Religiaõ em alguns Conventos, como o de Prior de Piedrahita, e outros; e largando a ſua Provincia, ſe paſſou à de Portugal, cuja mudança para eſte Reyno cauſou naõ pequena admiraçaõ. Foy o motivo della, a ſemrazaõ de Pedrarias Davila, ſeu primo com irmaõ, e naõ de Bovadilha, nem menos ſeu irmaõ; porque era filho de D. Fernando Darias de Avila, irmaõ de ſeu pay, o qual litigou a Caſa de Punhon-Roſtro, com ſeu primo D. Arias Gonçalo de Avila, irmaõ de Fr. Franciſco, cujo pleito veyo a vencer ſeu ſobrinho D. Pedro Arias de Avila, III. Conde de Punhon-Roſtro; e vendo Fr. Franciſco a ſemrazaõ do primo, que litigava mais com o reſpeito, do que com juſtiça, para tirar a Caſa ao ſobrinho, que ficara de pouca idade; tirou hum Reſcripto de Roma, com que rebateo a perſeguiçaõ de Pedrarias de Avila, e em que conſiſtia o remedio do ſobrinho; pelo que aſſentou comſigo perder patria, e parentes, e ſe paſſou a Portugal no anno de 1543. Andava o governo naquelle tempo nos Padres Caſtelhanos; porque ſe perſuadio ElRey D. Joaõ o III. que eſte era o caminho de extinguir as parcialidades, e ſe houveſſe Religioſos como Fr. Franciſco de Bovadilha, muito util ſeria eſta reſoluçaõ no noſſo tempo para o ſocego de muitas Provincias, que repartidas em parcialidades chegaõ a ſer eſcandalo de todo o Reyno, pela ambiçaõ daquelles, que por governar atropellaõ as leys ſantas das ſuas Religioens, conſumindo em demandas os bens da Communidade. Perfilhou-ſe neſta Provincia, no Convento de Bemfica, que logo no Mayo ſeguinte de 1544, o elegeo em Prior, que lhe durou pouco; porque no fim do meſmo anno foy eleito pelos moradores do Convento de Saõ Domingos em ſeu Prior. Inda naõ tinha perfeitos dous annos, quando ElRey lhe mandou huma Patente do Geral da Ordem, em que o fazia Vigario Geral da Provincia de Portugal, e pouco depois foy confirmado em Provincial. Ao ſeu zelo deve a Religiaõ a Congregaçaõ da India Oriental, para onde mandou doze Religioſos, debaixo do Governo de Fr. Diogo Bermudes, no anno de 1548. Delle ſe conta aquella ſingular repoſta, que deu aos Procuradores delRey Filippe II. de Caſtella, quando em tempo do Cardeal Rey D. Henrique tratavaõ da ſucceſſaõ deſte Reyno: que buſcando-o como a natural, e Fidalgo, para negocio taõ importante, por ter adquirido em todo o Reyno grande authoridade com a gente mais principal, e com a Corte, pelos negocios que tratara, lhe ſeguraraõ por eſte recompenſa digna de taõ grande negociaçaõ. Reſpondeo com liberdade, e deſapego, que para Frades naõ era fallar, nem entender em ſucceſſaõ de Reynos, ſenaõ foſſe encomendando-a a Deos no canto da cella, e ao Altar; que iſto fazia, e faria, e outra couſa naõ eſperaſſem delle. Oh Varaõ digno de ſeres perfeita idéa de Religioſos! Se agora viſſes em os noſſos tempos tantos Religioſos, que perderaõ a quietaçaõ dos Clauſtros, por ſe intereſſarem em ſemelhantes materias, como ſe o Religioſo fóra da cella, e do Altar, podeſſe ter modo de tratar taõ ardua empreza, como a ſucceſſaõ de hum Reyno! Quantos vimos de diverſas Religiões, e algumas das mais reformadas, eſpalhados pela noſſa Corte, donde parece os trazia mais o deſejo da liberdade, de que o amor do Principe, que ſeguiaõ, ſenaõ era a ambiçaõ de melhorar de fortuna. Pois he certo, que deſde o anno de 1704, até o de 1713, ſe viraõ muitos taõ diſſolutos, que eraõ hum eſcandalo geral à Religiaõ Catholica! Que reprehenſaõ teriaõ todos eſtes de Fr. Franciſco de Bovadilha ſe os conhecera, pois foy de taõ auſtéro procedimento, que governando a Provincia naquelles annos, em que o Reyno andava embaraçado com ſucceſſaõ, poz em

tod-

toda a Provincia hum preceito, prohibindo aos ſeus Religioſos todo o genero de pratica em ſemelhante materia, que elegantemente refere Fr. Luiz de Souſa, dizendo, que aos Letrados pareceo duro, e ao mais povo dos Frades impoſſivel de obſervar. Naõ lhe durou o governo, porque os Governadores do Reyno, por morte do Cardeal, lhe mandaraõ inſinuar, que deſiſtiſſe do lugar, por haver pertenſores Eſtrangeiros, e tambem ſeus nacionaes, o que logo fez em o Convento de Evora, onde depois de fazer obras de muita charidade, e exemplo, ſervindo aos feridos da peſte, veyo a morrer do meſmo mal, pelos annos de 1580. Nelle jaz enterrado, com eſte breve Epitafio, que lhe mandou pôr, ſendo Prior, o Meſtre D. Fr. Joaõ de Portugal, Biſpo depois de Vizeu.

Magiſter Fr. Franciſcus de Bovadilha hujus quondam Provinciæ bis Prior-Provincialis regulari obſervantia, & in Deum pietate commemorandus. H. S. E.

Delle faz honrada memoria, com a ſua coſtumada elegancia o Padre Fr. Luiz de Souſa, na II. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 13; e o *Anno Dominicano*, de Soveges, neſte dia; Cardoſo, no *Commentario* do dia 6. de Janeiro, letra F.

H A Villa do Torraõ, entendemos devia ſer patria do Padre Fr. Diogo, por lhe dar o appellido, coſtume muy obſervado nas Recolletas deſte Reyno. A ſua vida foy huma continuada mortificaçaõ, como temos viſto, e ſendo taõ aſpera, e tendo licença dos Geraes da Ordem, para viver naquella Ermida ſolitario, ſe vio obrigado a renunciar nas mãos dos Prelados a licença, para que no ſeu arbitrio ficaſſe à deſpoſiçaõ da ſua peſſoa; porque havia diverſas opiniões entre os Religioſos ſobre aquelle theor de vida, taõ aſpero, agreſte, e deſabrido, e tendo ſetenta annos o mudou o Provincial para eſte Convento, onde viveo com tal recolhimento, e ſilencio, que parecia eſtava no Ermo, e nelle veyo a falecer no anno de 1618, e foy ſepultado no Clauſtro. De hum Memorial deſta Provincia m. ſ. que temos em noſſo poder, conſta o que referimos.

I O Lugar de Saõ Joaõ da Talha, defronte de Sacavem, Arrebalde de Liſboa, foy patria do Padre Jorge Rijo, e foraõ ſeus pays de geraçaõ nobre, e o filho hum dos mais raros ſogeitos, que logrou a Companhia, de tal prudencia, e equidade, que ſervindo cincoenta annos de Miniſtro, naõ houve quem com fundamento ſe queixaſſe, ſendo o lugar, como diz a *Chronica da Companhia*, expoſto a queixas; porém como obrava como ſanto, a todos dava ſatisfaçaõ. Morreo no no anno de 1614. Delle faz mençaõ Nadaſi, neſte dia; Telles, na *Chronica da Companhia*, part. 1. cap. 32. §. 8. pag. 375.

K Entre os Reynos de que ſe compoem o largo Imperio do Japaõ, he o de Devano, a que dá nome a Cidade de Deva, na Provincia Niphone, como referem os Geografos. Eſte Reyno, como quaſi todos o deſte Imperio, tem ſido regado com o innocente ſangue dos Martyres, para creſcerem deſta ſorte innumeraveis palmas na Militante Igreja, com que ſubiraõ triunfantes ao Ceo os noſſos valeroſos Soldados de Chriſto, no anno de 1624, cujos nomes foraõ

1 Joaõ Cavay Kiyemon.
2 Pedro Xeizò.
3 Thomé Kitarò.
4 Joaõ Cacunay.
5 Jacob, ſeu filho.
6 Joaõ Unime.
7 Maria, ſua mulher.
8 Joaquim Niyemon.
9 Thomé, ſeu filho.
10 Simeaõ Limboye.
11 Iſabel, ſua mulher.
12 Juliaõ Yaſioye.
13 Candida, ſua mulher.
14 Maria, mãy de Juliaõ.
15 Thomé Yenyemon.
16 Sabina.
17 Filippe Coyemon.
18 Magdalena, ſua mulher.
19 Paulo Numata.
20 Pedro Daigavi.
21 Regina, ſua mulher.
22 Aleixo Moyemon.
23 Sabina, ſua mulher.
24 Franciſco Matazayemon.
25 Lucas Camatſu.
26 Tecla, ſua mulher.

27 Paulo, ſeu filho.
28 Maria, mulher de Paulo.
29 Vicente Kizayemon.
30 Monica, ſua mulher.
31 Secundo Tarobiuye.
32 Jacobo Sanſule.

De todos faz memoria Cardim, nos *Elogios dos Martyres do Japaõ*, pag. 295.

L Pouco mais de tres legoas da Cidade de Coimbra, fica a Serra de Buſſaco, celebre por ſer no alto della edificado o Moſteiro Eremitico dos Carmelitas Deſcalços. Sobre a dirivaçaõ, e antiguidade deſta Serra, ouvimos algumas noticias, que por inverosimeis, e peyoraviriguadas naõ ſeguimos. He coſtume obſervado deſta obſervante Reforma, ter em cada Provincia hum Convento, taõ livre do commercio, e trato das gentes, que propriamente lhe daõ o nome de Deſerto. Deſejava a Provincia de Portugal ter hum lugar accommodado a taõ ſantos intentos, depois de taõ dilatadas eſperanças, e intentado na Serra de Cintra, o vieraõ a conſeguir na Serra de Buſſaco, por huma caſualidade prodigioſa. Caminhavaõ de Aveiro para Coimbra dous Religioſos deſta Provincia, e entretendoſe na pratica dos Deſertos, que a Religiaõ tinha nas Provincias de Heſpanha, ſuavizavaõ o trabalho da jornada; quando lhe ſahio ao encontro hum homem de aſpecto venerando, que ſe fazia ainda mais reſpeitado pelas cãas, que os ſeus annos lhe haviaõ conſeguido, e fallando aos Padres, a poucas palavras lhe diſſe, ſe queriaõ hum ſitio muy accommodado para fundarem o Moſteiro, em hum Deſerto, que a Ordem deſejava, que logo lho moſtraria. Os Religioſos admirados de ſemelhante propoſiçaõ, confuzos do que tinhaõ acabado de praticar, lhe diſſeraõ, que ſim: e guiando à Serra de Buſſaco lhe moſtrou o lugar, que o Ceo deſtinava para a ſua habitaçaõ, e deliniando com a maõ a fabrica, riſcou o ſitio do Moſteiro, (onde hoje ſe vê) e o lugar da horta, moſtrando-lhe donde podiaõ ter agua, e acabada eſta pratica ſe acharaõ ſós, ſem o director da obra, e aſſentaraõ ſer algum Anjo, por quem Deos ſatisfazia os ſantos deſejos de toda a Provincia. Eſtava já o diá muy adiantado, e a noite vinha já cobrindo os montes, e aſſim ſe viraõ obrigados de haver de paſſar a noite na Serra, amanheceo o outro dia, e feita memoria do lugar ſeguiraõ o ſeu caminho, e chegando a Coimbra, deraõ conta ao Reytor do Collegio, do que tinhaõ paſſado Communicaraõ o caſo, examinaraõ o ſitio, e depois de conſeguidas as licenças para a fundaçaõ tomaraõ poſſe delle a 15 de Outubro de 1628, dia da Serafica Madre dos Carmelitas Santa Thereſa. Deraõ ao Moſteiro o titulo de Santa Cruz, em memoria de ſer o appellido do primeiro deſcalço da Reforma Saõ Joaõ da Cruz, que ainda entaõ a Igreja naõ tinha poſto no Catalogo dos Santos, e a quem elles o deſejaraõ dedicar, ſe o naõ encontraraõ as Bullas Apoſtolicas.

Occupa quaſi huma legoa de circuito a cerca; o alto da Serra eſtá coroado com huma grande Cruz de pedra, que de muitas legoas de diſtancia ſe diviza com veneraçaõ dos caminhantes: já eſte lugar de tempos antigos tinha huma Cruz de páo, que alli puzera hum homem por memoria de certo perigo do qual livrara, quando vira na Serra huma Cruz, pelo que prometteo, em gratificaçaõ do beneficio, collocar naquelle ſitio o final da noſſa Redempçaõ. A lembrança deſte ſucceſſo, fazia frequentar com veneraçaõ aquelle lugar, principalmente nas feſtas feiras. Conſervava-ſe na tradiçaõ dos moradores do Lugar de Luſo, verem-ſe, antes de ſer aquelle lugar habitado dos Religioſos, ſcintilantes Eſtrellas, que coroavaõ aquelle ſitio, o que abſortos naõ podiaõ alcançar, até que huma peſſoa de virtude lhe manifeſtou o myſterio, ſegurando-lhe, que aquellas Eſtrellas, as veriaõ vivas, e animadas, e que a Serra produziria, em lugar de frutos, obras ſantas, e virtuoſas de ſeus habitadores, e o tempo veyo a ſer teſtemunha deſta revelaçaõ.

He o Convento pequeno, e de humilde fabrica, pobre, mas aſſeado: nelle ſe ſegue a obſervancia da Regra, com differentes coſtumes, que praticaõ ſómente os ſeus habitadores, para viverem em huma continuada mortificaçaõ; pois ſobre abſtinencias, jejuns, diſciplinas, e continuados actos de humildade, ſe vive em ſilencio perpetuo, parecendo em todos os actos de Communidade mudas eſtatuas, e naõ homens; porque ainda que ſe encontrem, ſe naõ fallaõ, nem lhes he permittido mais que ſinaes externos, com que ſe explicaõ, quando o

pede

pede a neceſſidade. Duas vezes no mez ſe ajuntaõ em lugar deſtinado, à honeſta recreaçaõ, em que fallaõ ſó por tempo de duas horas, mas com tal condiçaõ, que ſe naõ deve praticar em couſas do Mundo, ſob pena de correçaõ do Prelado, para o que tem hum zelador das faltas: naõ comem ſenaõ peixe ſecco, legumes, e frutas, e nas feſtas feiras naõ entra no refeitorio couſa quente, nem em tempo algum couſa que ſeja regalo, daqui ſahem para as Ermidas, que eſtaõ repartidas pela Cerca em proporcionada diſtancia, onde aſſiſtem por tempo determinado vivendo eremiticamente com mortificaçaõ do corpo, e regalo da alma: ſuſtentaõ-ſe com paõ, legumes, fruta, e alguma ortaliça, ſem outra couſa: o Prelado os viſita huma vez cada ſemana: naõ ha tempo do anno, que naõ eſtejaõ habitadas de alguns Religioſos, donde cada hum dos Eremitas paſſa o tempo em ſantos exercicios, como admirámos com confuzaõ noſſa no anno de 1709, que tivemos a felicidade de ver eſte Santuario, onde parece as paredes exhalaõ virtude, as arvores com o movimento do ar, convidando à vida contemplativa, e o todo a quem o vê, accuzando o deſcuido da ſua. He o ſitio agradavel pela eminencia com que deſcobre amenos, e largos campos, e dilatados orizontes: he muy povoado de arvoredos ſylveſtres, cortado de eſpaçoſas ruas, que em aleas de arvores ſaõ caminho para os paſſos da Paixaõ do Noſſo Redemptor, e como os correm deſcalços os Religioſos, provida a natureza alcatifou as ruas de huma certa erva como muſgo, que ſobre agradavel, he commoda: tem muita agua repartida em varias fontes, diſtribuidas em differentes partes, que fazem ameno o lugar.

Augmentou-ſe muito eſte Deſerto, com a devoçaõ de Manoel de Saldanha, Reytor da Univerſidade de Coimbra, e Biſpo eleito daquella Dioceſi, que com grande deſpeza, e cuidado fez muitas obras, com que ſe augmentou a eſtimaçaõ da Caſa, e nella jaz enterrado. Seguio-ſe com igual piedade, e amor nos noſſos tempos, o Illuſtriſſimo, e Virtuoſo Varaõ D. Joaõ de Mello, Biſpo tambem de Coimbra, que adiantou muito a policia das fontes, e de novas Ermidas, com que ſe poz em perfeiçaõ a Cerca com eſtas obras: e aſſim he eſte Deſerto huma das couſas mais dignas de ſe ver, em que nos foy precizo dilatar por ſer a primeira vez, que fallamos neſta Caſa, com occaſiaõ de Fr. Dionyſio da Aſcenſaõ. Ao ſeu cuidado, e trabalho devem os Eremitas deſte ſanto Deſerto dar o Relogio quartos, fabrica das ſuas mãos. Era natural de Manteigas, Biſpo da Guarda, e profeſſo da Caſa de Lisboa, e tendo quarenta e ſete annos de Habito, e ſeſſenta e ſete de idade, faleceo neſte dia, no anno de 1707, como refere o livro da Fundaçaõ deſte ſanto Moſteiro, de que temos copia.

JULHO XVI.

AM a Cidade de Cordova, a Feſta de Saõ Siſenando Diacono, noſſo Portuguez, natural da Cidade de Beja, o qual indo eſtudar à Cidade de Cordova, foy nella laureado com a inſigne palma de Martyr, dando com o ſeu exemplo, huma univerſal conſolaçaõ a todos os Chriſtãos, que viviaõ arraſtando as cadéas do ſeu cativeiro debaixo do dominio Mauritano, conſolando-ſe na ſua eſcravidaõ com verem a conſtancia, com que hum delicado mancebo conſagrava reſolutamente a vida em obſequio do Nome *S. Siſenando Diacono M.*

de Jesu Chriſto. Tinhaõ animado a Siſenando com o ſeu exemplo os Santos Pedro de Ecija, e Walabonſo de Penhaflor, que havia poucos dias tinhaõ pelos fios da eſpada abreviado o caminho do Ceo, e naquella occaſiaõ o convidaraõ a gozar as dilicias da Gloria, lembrando-lhe, que para lograr com ſeguridade aquelle lugar ſeguiſſe o ſeu exemplo, ſem que o florido dos annos lhe ſerviſſe de embaraço; porque quanto mais deſprezaſſe por amor de Deos, mais agradavel faria o ſacrificio, e mayor ſeria a retribuiçaõ. Aceitou o Santo mancebo o conſelho, e deſejoſo de ir lograr o ſummo bem diante do conſpecto Divino, ſe appreſentou voluntariamente ao Juiz, confeſſando naõ ſó ſer Chriſtaõ, mas defenſor da Ley de Jesu Chriſto, e deſprezador das falſas mentiras, que os Mouros criaõ do impio Mafamede. Foy logo Seſinando poſto em rigoroſa prizaõ, que lhe fazia ſuave a memoria da doloroſa Paixaõ de Chriſto ſeu Meſtre, e a lembrança daquelles, que por ſeu amor ſouberaõ padecer crueis martyrios. Era já tanta a ancia, com que deſejava verſe na execuçaõ do ſupplicio, que foy o Senhor ſervido revelarlho ao tempo, que eſtava reſpondendo a huma carta, que recebera de hum ſeu amigo. Naõ tinha eſcrito mais de tres, ou quatro regras, quando illuſtrado de ſuperior luz, de repente largou a penna, e cheo de hum inexplicavel gozo ſe poz em pé, e voltando-ſe ao menſageiro, que trouxera a carta, lhe deu a repoſta por acabar, dizendo em prezença de muita gente: idevos filho com preſſa deſte lugar, porque vos naõ achem nelle os miniſtros da execuçaõ, que já vem a buſcarme. Apenas tinha ſahido, quando de tropel entraraõ pelo carcere com eſtrondo, e vozes a buſcar a Siſenando os infernaes miniſtros, cheos de furor diabolico; e vendo a alegria, com que ſem mudar de cor os eſperava, deſcarregaraõ ſobre o Santo mancebo muitos golpes, e bofetadas, e às pancadas, e empuxoens o levaraõ perante o Juiz. Nada embargava à ſatisfaçaõ, que lhe cauſava a alegria de ver chegado o prazo dos ſeus deſejos, antes com as injurias ſe fortalecia, para conſeguir do certame a victoria, e ratificando diante do Tyranno a conſtante Fé, que profeſſava, ſem que houveſſe outra alguma, em que ſe pudeſſe ſalvar, o mandou degolar. O ſeu ſanto corpo foy deixado à entrada do Alcaçar, lugar deſtinado para patibulo; e pondo-lhe guardas,

para

para o defenderem da piedade dos Chriſtãos, o deixaraõ expoſto para alimento dos brutos; e depois lançando as ſagradas reliquias do ſeu deſpedaçado corpo no rio, foy Deos ſervido, depois de paſſados alguns dias, que foſſem achadas por humas mulheres nas margens do rio entre humas pedras; e dalli foraõ trazidos ſeus oſſos à Cidade, e ſepultados com grande devoçaõ na Igreja de Saõ Aciſclo, donde depois foy trasladado com outras reliquias para a de Saõ Pedro, onde hoje perſeveraõ.

O Venerav. D. Fr. Bartholomeu dos Martyr. Arceb. de Braga.

B Na Villa de Vianna, no Moſteiro de Santa Cruz, acabou com precioſa morte o Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, gloria da Cidade de Lisboa ſua patria, ſingular ornamento da Religiaõ de Saõ Domingos, que juſtamente ſe preza de hum tal filho, cuja admiravel luz reſplandecendo na Primacial de Braga illuſtrou toda a Igreja Catholica, como perfeita idéa de Prelados, e como obſervador do eſpirito daquelles, que venera a Fé na primitiva Igreja, em cujo obſequio trabalhou com zelo Apoſtolico, e com virtudes taõ heroicamente praticadas, que o fizeraõ venerado de todas as naçõeſ, que geralmente com os ſeus Elogios o acclamaõ Heroe, e o appellidaõ Santo. Paſſada a puericia com a innocencia, aprendeo com felicidade de engenho os primeiros rudimentos da Grammatica, em que ſe conſtituîo inſigne, por ter rara habilidade, e feliciſſima memoria. Era tambem inclinado, que nos Domingos, e dias Santos, gaſtava as manhãas com grande devoçaõ na Igreja de Noſſa Senhora dos Martyres, em que fora bautizado, e depois na Religiaõ lhe deu o appellido. Aqui ſe inclinou de ſorte aos Religioſos Dominicos, que determinou ſervir a Deos com o Habito de Saõ Domingos, que veyo a profeſſar com ſingular ſatisfaçaõ, tendo feito ſobre a pontual obſervancia da Regra extraordinarias penitencias. Seguio as eſcolas, em que a viveza do engenho, junta com a applicaçaõ de muitas horas de eſtudo, o conſtituiraõ em breves tempos conſummado Letrado. Ao meſmo tempo ſeguia tambem a eſcola da Contemplaçaõ, que ſó conſiſte em amar, tirando da liçaõ dos Santos Padres tal approveitamento, que foy taõ eminente na Theologia Myſtica, como na Eſpeculativa, a qual reduzia a pratica nos Pulpitos, com taõ grande fruto, que era agradavel aos doutos, e aos ignorantes, à Corte, e ao povo. Por mais de vinte annos ſucceſſivos occupou as Cadeiras de Filoſofia,

loſofia, e Theologia, em que foy graduado Meſtre. Tomou por empreza trazer diante dos olhos eſtas palavras: *Ardere, & lucere*, que depois lhe ſervio de ſingular diviſa, com que tanto ſe illuſtrou. O Infante D. Luiz o elegeo para Meſtre de ſeu filho o Senhor D. Antonio, cuja honra invejada de muitos aceitou com notavel mortificaçaõ. Neſte tempo foy eleito em Prior de Bemfica, que deſejou deſvanecer, naõ ſendo confirmado pelo Provincial, que era Fr. Luiz de Granada, o qual reconhecendo o talento, e virtude do Prior, o confirmou no cargo. Começou logo a entender com o eſpiritual da Caſa, dando aos Noviços admiravel criaçaõ, ſendo o ſeu fim affeiçoalos à virtude, à obſervancia da Regra, e ao exercicio da oraçaõ; e para que ſe adiantaſſem nas ſciencias, ſe reſolveo a ler hum Curſo de Artes, e foy o terceiro. Para cumprir com eſtas obrigações, e com a de enſinar ao filho do Infante, que o mandou para Bemfica, para naõ perder as lições de hum taõ inſigne Meſtre, nem o Convento o Prior, que elegera, ſe levantava de ordinario à meya noite, e depois de rezar Matinas, e o Officio de Noſſa Senhora, ſe recolhia a eſtudar, e depois a orar. Do temporal do Convento ſe naõ deſcuidava, ſuppoſto que pelo ſeu intereſſe ſe naõ deſvelava; porque confiadamente eſperava na Divina Providencia. Dava aos pobres grande quantidade de eſmolas: em hum dia lhe mandou dar o peixe, que eſtava guizado para a Communidade, dizendo, que em tempo de neceſſidade, aos Religioſos, que profeſſavaõ pobreza, baſtavaõ ervas, e fruta. Vagou o Arcebiſpado de Braga, por morte de D. Fr. Balthazar Limpo, Religioſo Carmelita. Deſejava a Rainha D. Catharina prover aquella Santa Igreja de hum digno Prelado; e communicando eſte penſamento, lhe inculcaraõ o Prior de Bemfica. Mandou-o chamar ao Paço, e lhe fez eſta merce em nome delRey ſeu neto. Com grande ſuſto, e affliçaõ ouvio eſta propoſta, que com profunda humildade intentou recuzar, dando razões, que ſe fundavaõ no deſprezo da ſua peſſoa, as quaes naõ podendo a Rainha convencer o deſpedio. Chamou ao Provincial, a quem encomendou eſte negocio: uſou elle da authoridade de Prelado, obrigando-o com obediencia, a que naõ podendo reſiſtir, aceitou o Arcebiſpado com o ſacrificio da propria vontade. Partio para Braga a 22 de Novembro, levando em ſua companhia

panhia a Fr. Joſeph de Leiria, Religioſo grave, que havia ſido ſeu Meſtre de Noviços, a quem ſempre reconheceo como Superior. Corria a fama, e a virtude do Prelado, e aſſim ſe deſpejavaõ os lugares, e ſe povoavaõ as eſtradas, para o ver. A todos recebia com animo alegre, como ſe naõ tivera o coraçaõ taõ pezado com a Dignidade. Chegou a Braga, e entrando no Palacio Pontifical, deu a conhecer aos que o acompanhavaõ, que entrava como eſtranho, naõ da magnificencia da Caſa, mas dos habitadores, que tivera, e com voz ſentida ſe lhe ouvio: *Oh Arcebiſpos Santos, que aqui vos agaſalhaſtes! Oh Arcebiſpo peccador, que aqui te atreves a entrar!* De todo aquelle Palacio ſe naõ ſervia mais, que da Camera, que ornava com huma cama taõ pobre, como a que na Religiaõ tivera; nem uſava de linho, em quanto tinha ſaude, nem teve ornato, que naõ foſſe o do mais pobre, e humilde Religioſo, ſem que a grandeza da Dignidade lhe ſerviſſe mais, que para ſoccorro dos pobres.

Era a ſua vida hum concertado relogio, que ſeguindo as horas do tempo, moſtra todos os dias o que faz em todo hum anno; aſſim o Santo Prelado ſe levantava às tres horas a fazer oraçaõ, e cumpridas as ſuas devoções, e a liçaõ da Eſcritura, dizia Miſſa às oito horas; ſeguia-ſe a Audiencia geral, fazendo primeiro entrar os pobres, e logo ſeparadamente as mulheres, e com eſte principio entrava a deſpachar até o meyo dia, com hum Deſembargador. A meſa ſe enchia com huma reçaõ de vaca, ou de carneiro, e nas quartas feiras comia peixe conforme o eſtylo da Ordem, de que nunca ſe appartou. A baixela era de louça branca, e para as jornadas de páo. Se na meſa achava alguma couſa fóra do coſtume, inteiramente a dava aos pobres, reſervando ſempre da ſua porçaõ alguma parte para elles, coſtume, que obſervou deſde os primeiros annos da Religiaõ. De tarde ſe abriaõ as portas aos pertendentes, e tornava a continuar com o deſpacho até as Ave Marias, em que ſe recolhia, e deſembaraçando-ſe de todos os negocios temporaes, principiava os ſantos exercicios, em que gaſtava huma boa parte da noite. Muitas vezes lhe ouviraõ exhalar a alma em ſuſpiros, e gemidos, em que deſaffogava o impeto da ſua fervoroſa oraçaõ. Continuava exactamente as mortificações, que principiara na Ordem, tomando todas as

manhãas

manhãas huma rigoroſa, e larga diſciplina, trazendo ſempre cilicio, ſuſpendendo eſte coſtume nas viſitas do Arcebiſpado, por naõ arriſcar o ſegredo. Sempre ſe veſtio do Habito de Saõ Domingos, que nunca largou. Teve hum grande cuidado na adminiſtraçaõ da Juſtiça, que aos ſeus Miniſtros perſuadia, e lhe lembrava a benignidade, dizendo-lhe, que as Abbadias, e Beneficios rendoſos haviaõ de ſer premio do ſeu recto procedimento, e aſſim nos provimentos ſe houve com notavel equidade. A ſua caſa ordenou com grande cuidado; dividia-ſe em tres generos de gente, Religioſos de Saõ Domingos, que a experiencia lhe tinha acreditado, Clerigos graves, e ſezudos, para o ſerviço moços modeſtos, dirigidos para a vida Eccleſiaſtica. Era grande o zelo, com que ſe empregava no ſerviço do proximo, prégando com muito fervor, fazendo as viſitas em o Arcebiſpado, ſem que o deſabrido da Eſtaçaõ o fizeſſe afrouxar do bem das almas, premiando aos bons, caſtigando os culpados. Nunca quiz, que ſe levaſſe pena pecuniaria àquelles homens, ou mulheres, que pelo ſeu eſcandalo eraõ comprehendidos na viſita, dizendo, que era ajuntar dinheiro, e naõ extinguir o peccado. Deſpendia tudo quanto tinha em beneficio dos pobres, a quem deu muitas vezes os habitos, a roupa da cama, a cortina de huma porta, que era todo o concerto do ſeu Palacio, ficando muitas vezes padecendo frio, pelo exceſſo da ſua charidade, pois naõ ſe prevenia, até que lhe conheciaõ a falta, e lhe repunhaõ a roupa na cama, que elle com a meſma compaixaõ tornava a dar a algum neceſſitado; porque com entranhas compadecidas ſoccorria a todos eſte grande Prelado, a quem o deſprezo do Mundo, e amor do proximo, lhe teceraõ huma immarçeſivel coroa de Gloria, e igualando-o os merecimentos, e zelo de Religiaõ aos mais celebres, que teve a Igreja Catholica.

Naõ contava mais, que anno, e meyo de reſidencia em Braga, quando novamente aberto o Concilio geral de Trento pelo Papa Pio IV. ſe poz a caminho acavallo em huma mulla, com ſeu Companheiro, que ſervia de Secretario, hum Deſembargador da Relaçaõ, hum Capellaõ, e cinco, ou ſeis criados, e ſem outra comitiva ſahio o Arcebiſpo Primaz das Heſpanhas, e Senhor de Braga, em huma ſegunda feira 24 de Março do anno 1561. Aſſim que chegou aos confins da

ſua

ſua Dioceſi poſto de joelhos em terra, com as mãos levantadas, e os olhos no Ceo, fez huma devota oraçaõ, pedindo a Deos defendeſſe aquella Igreja, e ſem poder reprimir as lagrimas, moſtrou a ſaudade, que lhe cauſava a ſua Eſpoſa. Na jornada obſervou até chegar a Trento, ſaber, ſe em o lugar, em que havia de pouzar, havia Convento de Saõ Domingos, ou de Saõ Franciſco; porque deixada a mulla, e familia, a pé com o ſeu Companheiro, ao uſo Apoſtolico, deſconhecido pedia o agazalhaſſem, e neſte diſfarce lhe ſuccederaõ graciosos caſos, com que a ſua humildade ſe recreava, ſe bem muitas vezes o conheceraõ, o que elle ſentia; porque ſó deſejava ſer tratado como hum frade pobre, edificando-ſe da obſervancia, e rigor, que experimentava nos Prelados. Chegou à Cidade de Trento; o que ſabendo o Papa, o mandou viſitar, agradecendo-lhe o cuidado, por ſer o primeiro Prelado das Heſpanhas, que entrara naquella Cidade. Dilatava-ſe a abertura do Concilio, e valendo-ſe da occaſiaõ, paſſou ao Eſtado da Republica de Veneza a adorar os Santuarios, que nella ſe encerraõ. Paſſados quinze dias ſe reſtituîo a Trento, em que ſe abrio o Concilio a 18 de Janeiro de 1562. Paſſadas as ceremonias daquelle ſanto Congreſſo, começou o Arcebiſpo a entender com os pontos neceſſarios para a conſervaçaõ da Fé, e uſo dos bons conſtumes, que os livros ſoſpeitoſos foſſem examinados, e reviſtos, para que naõ ſe introduziſſe o veneno nos Fieis. Na Quareſma fez com os ſeus Religioſos repetidas prégações, em que a Naçaõ, e a Ordem tiveraõ grande credito. Foy o ſeu primeiro intento, que ſe trataſſe da reformaçaõ do Eſtado Eccleſiaſtico, começando pela parte mais nobre de todo elle, os Cardeaes, e Biſpos, que ſaõ os Prelados, e os Principes da Igreja, cujo exemplo deve perſuadir a todos os Catholicos, e animar a que o ſejaõ, os que vivem ſeparados do gremio da Igreja. Era tanta a ſua efficacia, que deixava ſuſpenſos, e admirados aos Padres do Concilio; porque perſuadia igualmente com a eloquencia, do que com a exemplar vida, que praticava. Era já tanto o ſeu reſpeito, que ſogeitava com as ſuas palavras os entendimentos ao ſeu voto; e lhe ſuccedeo em huma occaſiaõ fazer retratar cincoenta e oito Padres, creſcendo de ſorte na veneraçaõ de todos, que com facilidade o ſeguiaõ. Deſejava o Arcebiſpo ver Roma, achou

boa occaſiaõ em ſe transferir a ſeſſaõ do Concilio, partio para a Curia, beijou o pé ao Papa, que com eſpeciaes favores de benignidade o honrou; quaſi todos os dias o chamava, tendo grande goſto da ſua communicaçaõ, e com a familiaridade lhe appontou algumas couſas pertencentes ao bem univerſal da Igreja, e aos particulares da ſua Dioceſi, para o que lhe pedio algumas graças. Fallando-lhe em certa materia grave, era taõ ſubido o conceito, que o Papa delle tinha formado, que lhe diſſe: *Naõ ſey, que he iſto Bracharenſe, que vos naõ poſſo negar nada.* A elle lhe commetteo a expediçaõ de alguns negocios, que concluîo com ſatisfaçaõ do Papa. Pertendeo, que lhe diſolveſſe o vinculo da Igreja, e lhe aceitaſſe a renuncia, para o que com hum grande relatorio da ſua vida o quiz perſuadir; mas o Papa por acabar com ſemelhantes praticas, lhe mandou por obediencia, que em tal materia lhe naõ fallaſſe mais; e conſeguindo particulares graças, e indultos da Santa Sé Apoſtolica, para o bom governo da ſua Igreja, e alguns Jubileos perpetuos, ſe deſpedio do Papa, que o honrou com novos favores da ſua peſſoa; e viſitados os Santuarios de Roma, ſe recolheo à Cidade de Trento. Foy recebido com grande demonſtraçaõ de alegria de todos os Prelados, e Padres. Diſſolvidas as juntas do Sagrado Concilio, a 3 de Dezembro, do anno de 1563, partio para Braga, depois de ter viſitado todos os Santuarios celebres da Italia, e pelo caminho adorou todos aquelles, que a Religiaõ Catholica venera; e entrando na ſua Dioceſi, foy recebido com incriveis demonſtraçõeſ de alegria de todo aquelle numeroſo povo. No ſeguinte dia foy à Sé aſſiſtir aos Officios Divinos, ſubio ao Pulpito, e prégou o Mandato. Naõ podia perder tempo aquelle vigilante Prelado; porque dados à execuçaõ os Decretos do Sacroſanto Concilio, começou a viſitar a Cidade, e logo todo o Arcebiſpado, começando pelas terras de Barroſo, que por aſperas, e fragoſas nunca tinhaõ ſido viſitadas pelos Arcebiſpos, e aſſim eſtavaõ taõ ruſticos, e incultos os ſeus moradores, como os ſeus montes. Neſta viſita padeceo grandes contradiçõeſ; mas o ſeu animo ſempre invencivel ao inimigo commum, venceo com a conſtancia todos os ſeus ardís; porque aos izentos compoz de ſorte, que ſem prejuizo da Igreja ficaraõ ſatisfeitos; aos poderoſos com a virtude perſuadia, de ſorte, que corridos largavaõ

gavaõ a eſcandaloſa vida, a que eſtavaõ habituados; aos Clerigos, e Dignidades da ſua Igreja com o exemplo, e a todos com heroicos actos de humildade, acabando mais com a prudencia, do que com o rigor. A virtude da charidade exercitou taõ liberalmente, como quem para ſi naõ ſó era parco, mas naõ queria nada, ſendo verdadeiro deſpenſeiro dos pobres, e hum vigilante adminiſtrador do patrimonio da Igreja. O proximo o experimentou taõ benigno, que quando ſentia Braga o violento mal da peſte, ſe naõ apartou da Cidade, por animar, e ſoccorrer aos feridos, e ainda ordenando-lho ElRey, reſiſtio com razoens naſcidas de hum verdadeiro zelo, que confirmaraõ mais o conceito, que tinhaõ da ſua virtude. A ſua prudencia foy firmada na humildade, como ſe vio em huma noite, em que deſemfreada alguma gente de má conſciencia, foy ao ſeu Palacio, ao tempo que elle eſtava deſpachando com os ſeus Miniſtros, e com palavras afrontoſas, lhe chamavaõ Herege Lutherano, e outras injurias ſemelhantes. Ao meſmo tempo começaraõ a abrirſe as portas, e as janellas, e ſoarem as vozes dos viſinhos, que acodindo pela honra de Deos, e do Prelado, gritavaõ, que o Arcebiſpo, naõ ſó era virtuoſo, mas Santo. A eſtes clamores ſe levantou o Arcebiſpo, e chegando à janella diſſe: *Huns, e outros mentem, que pela graça de Deos naõ ſou Lutherano, nem por minha grande culpa ſou virtuoſo, e menos Santo.* Deſte caſo tirou a Juſtiça devaſſa, e prezos os culpados, foy o Santo Arcebiſpo medianeiro da ſua liberdade. Continuamente trabalhava em o ſerviço da ſua Igreja, que amava ternamente; e ſendo grande o amor, que tinha às ſuas ovelhas, era quaſi invencivel o eſcrupulo, com que ſe conſiderava indigno de as apaſcentar, pelo que deſejava com grande ancia verſe livre da Dignidade. Alcançou licença delRey, e à ſua inſtancia lhe aceitou o Papa a renuncia. Quando recebeo eſta graça, foy com demonſtrações do goſto, que ſentia a ſua alma; deſpedindo-ſe de todos com grande ternura, e com affectos naſcidos do paternal amor, ſe recolheo ao ſeu Moſteiro de Vianna, e tornando ao primeiro eſtado, ſem memoria da Primacial Dignidade, vivia taõ abatido, como o mais humilde, e obſervante Religioſo, prégando, e enſinando com fervoroſo eſpirito, fazendo muitas eſmolas, de que Deos tanto ſe agradava, que maravilhoſamente ſe

lhe multiplicava o dinheiro, para que foſſem mais os ſoccorridos. Na Miſſa lhe revelou o Senhor a deſeſperaçaõ de hum homem, que ſe queria enforcar: logo o mandou advertir, que naõ deſconfiaſſe da Miſericordia de Deos, e juntamente darlhe o de que neceſſitava. Todo o tempo paſſava em Celeſtes contemplações, e obras dignas do agrado de Deos, de quem queria o premio. Contava ſetenta e ſeis annos, quando lhe ſobreveyo a ultima enfermidade, com grande ſentimento dos ſeus Religioſos, e dos moradores de Vianna; e tendo recebido no decurſo da doença o Santiſſimo Sacramento muitas vezes por devoçaõ, o naõ pode tomar por Viatico, pelos vomitos, que padecia. Recebida a Santa-Unçaõ, que lhe adminiſtrou ſeu ſucceſſor o Arcebiſpo D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, e elle ajudava com as repoſtas, levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, entregou entre os ſeus a ſua ditoſa alma nas mãos do ſeu Creador.

Antonio Mangoyemon M.

C Em Januqui, triunfou neſte dia, do eſquecimento, Antonio Mangoyemon, que depois de ter ſervido de Soldado, com honrado valor, paſſou a exercitar a mercancia; e porque naõ eraõ eſtes os lucros, que ſatisfizeſſem o ſeu cuidado, determinou abrir commercio com o Ceo, abraçando a Ley de Jesu Chriſto, que publicamente confeſſou. Eſta conſtancia o meteo no carcere, onde perſeverou na ratificaçaõ, ſem que ſe deixaſſe perſuadir dos ſeus amigos, que lhe aconſelhavaõ, que confeſſaſſe com a boca ſómente a ſeita dos ſeus Idolos; porque com eſta publica confiſſaõ ſe ſatisfazia o Rey, e poſto na ſua liberdade ſeguiria a ſua devoçaõ, a que com generoſa reſoluçaõ reſpondeo: que em materia de Religiaõ lhe naõ fallaſſem; porque pela de Chriſto eſtava determinado a dar a vida, e que ſó pedia por favor ao Tono, que publicamente o mandaſſe crucificar, para deſta ſorte ſeguir aquelle Senhor, que pelo reſgatar do cativeiro da culpa, dera em ſeu obſequio a vida. Eſta noticia encheo de infernal raiva ao Tono, que tirando da cinta a catana, a deu a hum criado ſeu, para que ſem demora executaſſe a ſua ordem. Ainda depois deſta determinaçaõ começaraõ a contraſtar o ſeu animo, perſuadindo-o a que deſiſtiſſe da confiſſaõ da Fé; mas o valeroſo Soldado, ſem temor da morte, foy levado ao lugar do ſupplicio; e poſto de joelhos, diſſe em voz alta a Confiſſaõ, e eſperando com o

Nome

Nome de JESUS na boca, o golpe do Tyranno, foy degolado.

Matthias, e Joaquim MM.

D Item na Cidade de Meaco, a morte de Matthias Kiza, e Joaquim Coniya, conſtantes Soldados de Chriſto, que por confeſſarem a Fé do ſeu Nome foraõ prezos, e depois de ſoferem com paciencia glorioſos trabalhos, deraõ fim à vida dentro no carcere.

Catharina de Chaves Terc. de Sãa Franciſco.

E Na Cidade do Porto, vivirá ſempre freſca a memoria de Catharina de Chaves, Terceira da Ordem da Penitencia de Saõ Franciſco, que ſeguio com grande amor de Deos, e do proximo. Todo o ſeu cuidado foy remediar as neceſſidades alheas, e com eſmolas ſecretas a peſſoas honradas, ſendo a mayor applicaçaõ com aquellas orfãas, a que a natureza dotara com liberalidade de fermoſura; pois ſe poderia arriſcar pela avareza, com que lhe eſcondera os bens, que ſem igualdade reparte. Ainda ſe eſtendia a mais o ſeu zelo; porque tirando algumas mulheres da torpe liberdade em que viviaõ, lhes dava eſtado decente, devendo à ſua deſpeza o remedio de ſe livrarem de huma depravada deſenvoltura. Naõ chegou pobre à ſua porta, que naõ foſſe conſolado. Aos defuntos deſemparados dava mortalhas. Aos que morriaõ punidos pela juſtiça mandava dizer Miſſas, parecendo o ſeu animo mais de hum Prelado da Igreja rico, e abaſtado, do que de huma mulher humilde, ſem rendas, nem cabedaes groſſos, com que ſupriſſe taõ continuadas deſpezas. Em toda a obra de charidade pertendia ter parte. Com as Confrarias era liberal, de ſorte, que para tudo, o que podia ſer gloria de Deos, a achavaõ prompta, ſem que lhe ſerviſſe de vaidade; porque aſſentava eſta virtude ſobre hum coraçaõ humilde, e ella ſe tinha pela mayor peccadora do ſeu tempo; o que a affligia de ſorte, que quando ſe confeſſava, teſtemunhava com copioſas lagrimas a ſua dor. Era a Igreja de Saõ Franciſco a ſua continuada aſſiſtencia; aqui buſcava hum cantinho, em que por muito tempo perſeverava em profunda contemplaçaõ, com tal abundancia de lagrimas, que cauſava devoçaõ, a quem a via. Com a idade veyo a perder o ſentido do ouvir, e aſſim fallava muito pouco com a gente, mas converſava muito com Deos o ſeu penſamento. Era conhecida pela Mouca Charitativa; porque como eraõ muitas as eſmolas, ellas meſmas rompiaõ o ſegredo, em que as queria ſepultadas. Veſtia-ſe de hum Habito de ſayal groſſeiro,

ſeiro, cingida com corda de eſparto, touca honeſta, e manto de ſarja negra. Era de roſtro aprazivel, e grave; de animo candido, e ſincéro, de que ſe formava hum agradavel aſpecto, que ſó com a viſta edificava.

Fr. Joaõ da Cõceiçaõ da Terc. Ord.

F No Convento de Noſſa Senhora de JESUS, da Villa de Santarem, eſtá muy viva a memoria do virtuoſo Padre Fr. Joaõ da Conceiçaõ, da Terceira Ordem da Penitencia de Saõ Franciſco, Religioſo de vida inculpavel, acerrimo nas penitencias, continuo nas obrigações da Regra, que profeſſava. Foy muitos annos Meſtre dos Noviços, que criou com tanto zelo da Obſervancia, que he tradiçaõ na Provincia, que todo o que fora ſeu Noviço, viveo depois como bom Religioſo. Poucas vezes fallava com os Religioſos; porque o mais do tempo converſava com Deos, paſſando as noites em vigilias, e continuada oraçaõ: ajuntava a eſte Santo exercicio rigoroſas mortificações; porque o mais do tempo jejuava. Trazia ſempre à raiz da carne aſpero cilicio, e algumas vezes metia pregos nos çapatos, que lhe penetravaõ os pés. Com eſtas, e outras invenções macerava ſeu corpo, para que elevado o eſpirito gozaſſe das ſantas dilicias na oraçaõ. Ornado deſtas virtudes, eſperava a morte; e depois de ter recebido os Sacramentos, acompanhava aos Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, rezando com elles as orações, que ſe coſtumaõ em ſemelhantes occaſiões, e abraçado com hum Santo Crucifixo, entre lagrimas de arrependimento, proferindo eſtas palavras: *Non intres in judicium cum ſervo tuo, Domine, ſed miſerere mei, pie Redemptor*, entregou a ſua bemdita alma nas mãos do Creador.

Fr. Gaſpar de Sá, e Fr. Manoel de Lamnaõ Domin. MM.

G Item na Ilha de Samatra, deraõ fim às ſuas vidas, ſendo victimas da charidade, os Padres Fr. Gaſpar de Sá, e Fr. Manoel de Lamnaõ, do Convento de Saõ Domingos de Goa, ſendo ambos Companheiros nos trabalhos daquellas incultas Ilhas, nas quaes com zelo da ſalvaçaõ das almas, e por exaltaçaõ da Fé, e deſtruiçaõ do paganiſmo, ſofreraõ glorioſas fadigas, expondo-ſe muitas vezes a naõ ſó ſerem prizioneiros, mas mantimento daquelles barbaros ſalvages; vendo-ſe outras vezes já no mar ſoçobrados da furia das ondas, já na terra acomettidos de ferozes animaes, que os pertendiaõ devorar; e eſcapando de tantos perigos, vieraõ finalmente a dar à coſta, e cahirem nas mãos dos barbaros Mouros de Achem, que às

lançadas

lançadas lhe tiraraõ as vidas, e por elles foraõ logo dados por mantimentos dos peixes, lançando-os ao mar, lavrando-lhe nas criſtalinas aguas precioſas coroas de immortal gloria, com que entraraõ a ſer companheiros da numeroſa commitiva dos Martyres.

Commentario ao XVI. de Julho.

A Cidade de Beja, bem conhecida pela ſua antiguidade, naõ ſó nas noſſas Hiſtorias, mas tambem nas de Heſpanha, fica em 12 gráos, e 5 minutos de longitude, e 37 gráos, e 5 minutos de latitude; della foy natural o noſſo Santo Martyr Siſenando, mancebo, que na Cidade de Cordova foy coroado de Martyrio, como temos referido. D. Joaõ Tamayo, no ſeu *Martyrologio Hiſpano*, neſte dia, pertende moſtrar contra Authores graves, que naõ era natural de Beja, ſenaõ de Badajós, o que confirma com Cypriano, Arcediago de Cordova, onde diz, que era natural de Pax Auguſta, hoje Badajós, dizendo, que Beja era Pax Julia; a que reſpondemos ſómente com a authoridade do inſigne Antiquario André de Reſende, luz da Hiſtoria univerſal de Heſpanha, no livro de *Antiquitatibus Luſitaniæ*, liv. 4. pag. 212. *penes me*; porque quando trata deſta Cidade a nomea de huma, e de outra ſorte: *Pacem Juliam, ſive Auguſtam deſcripturus modo eram.* Muitas provas poderamos ajuntar para moſtrarmos, que nunca Badajós nos tempos antigos foy nomeada por *Pax Auguſta*, ſe deſte trabalho nos naõ livrara o Licenciado Jorge Cardoſo, que doutamente no Commentario do dia 3 de Janeiro, tom. 1. pag. 24, deixa aſſaz diſcutida eſta materia, e lá o póde ver o curioſo Leitor; a que ſó ajuntaremos a authoridade de Chriſtovaõ Cellario, na ſua eſtimada Obra: *Notitia Orbis antiqui*, pag. 50, que ſegue, que a noſſa Beja he a Pax Julia Auguſta, &c. O meſmo ſegue nas notas, que Pedro Weſſelingio ajuntou às de outros Authores; o *Itinerario* de Antonino Auguſto, que imprimio em Amſterdaõ, no anno de 1735, pag. 427. Eſta Cidade entende o Padre Fr. Franciſco de Bragança, nas *Antiguidades de Heſpanha*, liv. 3. cap. 3. pag. 179, ſer a meſma, ſobre que foy ElRey D. Ordonho, dizendo: *Entrò à fuerça de armas la Ciudad mas rica, y opulenta, que tenian los Moros, llamada* Regel, *o* Begel, *que algunos quieren, que ſea Beja.* O Padre Martim de Rhoa, nos Santos de Cordova, faz honorifica menção a pag. 118. verſ. do noſſo Santo mancebo, dizendo ſer natural de Beja; e o meſmo affirma Marieta, na *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, liv. 2. cap. 71. pag. 62, e o confirma Morales, pag. 101. impreſſo em 1586, os quaes todos vio Tamayo, como tambem he certo que havia de ver a muitos dos noſſos Portuguezes, que todos affirmaõ ſer de Beja, de que he Padroeiro. Padeceo martyrio no anno de 851, em huma quinta feira, neſte dia, em tempo delRey Abderrameno IV. cruel perſeguidor do nome Chriſtaõ, taõ tyranno, que naõ ſó martyrizava a todos, os que naõ ſeguiaõ a ſua louca ſeita de Mafoma, mas ainda procurava conſumir as ſagradas reliquias; para que deſta ſorte ſe eſqueceſſe a ſua veneravel memoria, e tirar aos Chriſtãos os eſtimulos da veneraçaõ, com que ſe inflammavaõ aos imitar, publicando com injuria de Mafoma o Sacroſanto Nome de Jeſu. Com eſte motivo foraõ lançadas no rio as do Santo mancebo Siſenando, e depois achadas, como temos viſto, e com as barbaras tyrannias dos Mouros, ſe perdeo a memoria donde jaziaõ, até que paſſados muitos annos, foraõ achadas com outras, que hoje ſe guardaõ na Igreja de Saõ Pedro da Cidade de Cordova. No tempo, que era Biſpo deſta Cidade D. Fr. Franciſco de Reinoſo, mandou a de Beja, por ſeus Procuradores, a Jorge Bocarro Pegas, e André Pegas Vilarinho, peſſoas principaes da dita Cidade, com Cartas, repreſentar ao Biſpo, e Governança da de Cordova, o grande direito, que tinha ao corpo do Santo Martyr, ſeu compatriota, e natural, que naquella Cidade era peregrino, e Eſtrangeiro. Bem conheceraõ os Procuradores

de

de Beja a difficuldade da ſua propoſiçaõ, e para eſte fim a modificaraõ, dizendo, que ſe contentavaõ com alguma parte do ſeu corpo; cujo requerimento, para ſe haver de concluir, como deſejavaõ, authorizou a intervençaõ de Filippe II. de Caſtella. A taõ devota ſupplica ſatisfez o Biſpo, e obrigando aos Procuradores por varios termos de levarem a ſanta reliquia à Cidade de Beja, lhes deu huma cana do braço do Santo Martyr, e com cortezes Cartas reſpondeo ao Magiſtrado de Beja; aſſim foy trazida a ſanta reliquia, com grande veneraçaõ, e goſto para a ſua patria, onde foy recebida com grande feſta, e demonſtraçõeſ de contentamento, no anno de 1600., por ſe verem de poſſe de hum tal theſouro, que foy collocado na Igreja de Saõ Salvador, que havia ſido ditoſa Parochia ſua, e alli ſe venera com religioſa piedade dos ſeus naturaes, em hum cofre debaixo do Sacrario, na Capella môr. Depois ſe lhe edificou hum Templo, em cuja fachada o Senado da Camera mandou pôr a inſcripçaõ ſeguinte:

DIVO SISENANDO
PATRONO, AC ALVMNO SVO, PRO XPI NŌE
DIE XVI. IVLII CORDVBÆ IVGVLATO,
HAC EĀDEM DOMO IN QVA NATVS EST,
TEMPLVM HOC IN MEMORIAM TANTI,
NATALIS SEMPITERNAM ERECTVM
PAX IVLIA
VOVET, DICAT, CONSECRAT
ANNO DOMINI MDCLXXIII.

Eſta Igreja, que eſtava principiada, e ſe acabou no referido anno, deu o Senado da Cidade aos Padres da Companhia, quando no anno de 1670, foraõ em Miſſaõ àquella Cidade, em que prégaraõ na Miſericordia, de que edificados, querendo participar de huma taõ boa Companhia, lhe offereceraõ fundar hum Collegio, ſobre que ſe levantaraõ algumas difficuldades, de ſorte, que os Religioſos da Companhia tiveraõ ordem do ſeu Prelado, para ſe retirarem da Cidade, o que chegando à noticia delRey D. Pedro II. com a ſua piedade mandou paſſar huma ordem a 22 de Março de 1687, para que os Padres naõ ſahiſſem da Cidade; pelo que a meſma lhe conſignou as rendas, que tinha a Igreja de Saõ Siſenando, e que a Camera nomearia outras; porém tudo era pouco para ſe adiantar a fabrica. Detriminou a Rainha D. Maria Sofia de Neubourg, fundar hum Collegio debaixo do auſpicio de Saõ Franciſco Xavier, de quem era muy devota, e a cuja protecçaõ era muy obrigada, atribuindo-ſe a felicidade da ſua fecundidade à ſua interceſſaõ; aſſim lhe deu a fundaçaõ em Beja, onde a 12 de Março de 1695, depois de huma ſolemne Prociſſaõ, lançou a primeira pedra o Padre Reytor do Collegio de Evora, o Padre Bento de Lemos, na qual haviaõ aberto a ſeguinte inſcripçaõ: D. MARIA SOPHIA REGINA PORTUGALIÆ XAVERIO SUO. Lotouſe-lhe dezaſeis Padres para a ſua habitaçaõ, e a Rainha o dotou conſignando-lhe renda para a ſua ſubſiſtencia; e porque os moradores quizeraõ foſſe a Igreja da invocaçaõ do ſeu Santo natural, a Rainha o naõ impedio, dando ao Collegio por Patraõ o Santo Xavier. Della faz mençaõ o Padre Franco, *Synopſis Annalium Societatis Jeſu in Luſitania, annus* 1695, *Soc.* 156, impreſ. em Ausbourg, em 1726. O Clero da Cidade de Beja reza de S. Siſenando, o que teve principio pela conceſſaõ de hum Breve do Papa Clemente VIII. paſſado em Roma, no anno de 1597, a favor da Igreja de Saõ Salvador, o qual mandou executar, ſendo Arcebiſpo de Evora o Senhor D. Theotonio, pelo Biſpo de Nicomedia D. Fr. Chriſtovaõ da Fonſeca, ſeu Provizor, a 13 de Fevereiro de 1598, o qual depois por participaçaõ ſe communicou às mais Freguеſias, e Clero da Cidade, de que temos copia, e das mencionadas Cartas, que nos participou, com outras muitas noticias o

M-

M. R. P. Fr. Franciſco de Oliveira, da Ordem dos Prégadores, que ſem embargo de ſeguir o ſeu Inſtituto de frequentar os Pulpitos das principaes Cidades, e Villas da Provincia de Alentejo, com applauſo, que conſeguio em toda a parte, onde eſteve, he o ſeu deſcanço das fadigas Evangelicas a *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, *e Secular* do noſſo Reyno, em que he naõ ſó bem inſtruído, mas erudito; e com eſta curta memoria, gratificamos o muito, que devemos à ſua curioſidade, e bondade; porque eſpontaneamente ſe nos offereceo, eſcrevendonos com a occaſiaõ de ter viſto os primeiros Tomos da noſſa Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza; e he certo, que ſe encontraramos muitos do ſeu genio, poderiamos dar mais individual noticia de muitas couſas das Provincias do Reyno. El-Rey D. Filippe II. mandou por provizaõ de 6 de Junho de 1598, ſe celebraſſe o ſeu dia com Prociſſaõ ſolemne, e feſtas, o que ſe coſtuma fazer todos os annos. A Igreja de Cordova reza de Saõ Siſenando, com Officio proprio, como ſe vê do livro: *Officia propia Cordubenſis Eccleſiæ*, impreſſo em 1687, onde a pag. 143, ſe vem as lições do Santo, e a IV. principia *Levita digniſſimus Siſenandus: ex Pacenſi Colonia Luſitaniæ, cui Beja nomen eſt, Cordubam ſtudiorum cauſa conceſſit, &c.* Tratað deſte Santo, além dos já citados Authores, o *Martyrologio Romano*, e o de Baronio, no meſmo dia, onde allega Eulogio *in Memor Sanct.* liv. 2. cap. 5; o de Ferrario, no dia ſeguinte; o Licenciado Jorge Cardoſo, no *Officio menor dos Santos de Portugal*; Reſende, de *Antiquit. Luſitaniæ, lib. 4. cap. de Pace Julia, ſive Auguſta*; Duarte Nunes; na *Deſcrip. de Port.* Surio, tom. 7. pag. 208, ambos neſte dia; Brito *Monarch. Luſit.* tom. 2. impreſſo em 1690; Marianna *Hiſt. General de Heſp.* tom. 1. pag. 279; a *Corografia Portug.* tom. 2. pag. 470, poem o ſeu Martyrio a 6 deſte mez, o que devia ſer falta na compoſiçaõ; Vaſconcellos *in Deſcript. Reg. Luſit.* pag. 451. num. 21; Boſch. *en el Triunfo de los Santos*; Albergaria, m. ſ. *Origem da Nob. Luſit.* pag. 53; Monſieur Baillet, *les Vies des Saints*, tom. 2. neſte dia, erradamente o faz de Badajos; Cardoſo, tom. 1. nas *Advertencias*, pag. 39; o Padre Joaõ Bautiſta Sollero, e ſeus Companheiros; *Acta Sanctorum Julii*, neſte dia, tom. 4. pag. 181, dizem ſer natural de Beja.

B A Villa de Vianna, conhecida pela Foz do Lima, celebre pela ſua antiguidade, fica deſcripta a 6 de Fevereiro, aonde remetemos o curioſo Leitor. Neſta inſigne Villa eſtá o corpo do Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, conhecido pelo Santo Arcebiſpo, e como tal venerado dos ſeus moradores, que em as ſuas afflições invocaõ o ſeu patrocinio. Naſceo na Cidade de Lisboa, como já diſſemos; ſeus pays ſe chamaraõ Domingos Fernandes, e Maria Correa; peſſoas de grande Chriſtandade, e da gente boa, e limpa do Lugar de Verdelha, abundantes dos bens da fortuna. Delles faz mençaõ Ruy Correa Lucas, em o ſeu *Nobiliario*, moſtrando o parenteſco, que tinha com o Santo Arcebiſpo, por ſua mãy D. Leonor Correa, filha de Franciſco Vaz Tello, que tambem achamos nomeado por Franciſco Vaz Correa, e de Catharina Correa, a quem o Santo tratava por parentes, e como a tal lhe deu a Alcaidaria môr de Braga, e Ervededo. Catharina Correa, que ſe tinha criado com a mãy do Santo Arcebiſpo, era filha de Gonçalo de Figueiredo, e de Maria Correa, filha de Martim Correa. Deſte matrimonio teve dous filhos, e tres filhas, que foraõ Pedro Vaz Correa, que ſervio na India, e morreo na viagem, voltando para eſte Reyno, ſendo caſado com D. Ignez de Souſa, de quem teve Duarte Correa de Souſa, Eſcrivaõ da Camera de Sua Mageſtade, que naõ caſou, e foy ſeu herdeiro, ſeu primo Jeronymo de Caſtro. Diogo Correa, que foy Conego da Sé de Braga, e ſe tinha criado em caſa do Santo Arcebiſpo, como ſobrinho ſeu, foy Biſpo de Ceuta, e depois de Portalegre, Prelado exemplar, como exercitado em taõ ſanta eſcóla. D. Leonor Correa, mulher de Bartholomeu Rodrigues Lucas, Corregedor do Crime da Corte, e Juiz dos Cavalleiros, a quem ſe deu em dote a Alcaidaria môr de Braga, e foraõ pays de Ruy Correa Lucas, Tenente Geral da Artilharia do Reyno, do Conſelho de Sua Mageſtade, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Commendador de Torres Vedras, que caſou com D. Milicia da Sylveira, de quem teve D. Guiomar da Sylveira, primeira mulher de Henrique Henriques de Miranda, que morreo ſem deixar ſucceſſaõ. D. Joanna Correa, que foy mulher de Lopo Soa-

res Laſſo, Secretario de Eſtado de Filippe II. Commendador de Saõ Coſme, e de Santa Maria de Monçaõ, e neſta Villa fundou o Moſteiro de Santa Clara, e Alcaide môr de Ervededo, que rendia naquelle tempo ſete centos mil reis, e lhe foy dado em dote pelo Santo Arcebiſpo: e he bem para admirar, que quando vagou eſta Alcaidaria môr, e a deu a Franciſco Vaz, para caſamento de huma filha, foy com a condiçaõ de lhe ſuſtentar oito annos hum Deſembargador Leigo na Relaçaõ de Braga, e que ſobre eſte encargo lhe naõ dava mais, que ametade da renda, em quanto a filha naõ caſou: deſte matrimonio naõ houve geraçaõ. Foy a terceira D. Luiza de Lacerda, que em huma memoria acho ter ſido Dama da Senhora D. Catharina, Duqueza de Bragança, ainda que o naõ refira o Padre Fr. Luiz de Souſa; pois diz: A terceira, por ultima, naõ ficou deſamparada, e caſou com Fernaõ de Caſtro, Alcaide môr de Melgaço, e Senhor do Reguengo de Freitas, junto a Guimarães. Era eſte Fidalgo de conhecida nobreza, Veador da Senhora D. Catharina; e como ſe naõ falla do dote de ſua mulher na Vida do Santo Arcebiſpo, nos perſuadimos, que teria o de Dama, com as merces, com que aquella Sereniſſima Caſa coſtumava remunerar aos que a ſerviaõ, e por eſta cauſa caſaria com Fernaõ de Caſtro, de quem foy ſegunda mulher, e tiveraõ quatro filhos, e duas filhas, de quem tambem hoje naõ ha ſucceſſaõ. Que o Santo Arcebiſpo foſſe da Familia dos Correas, no lo affirma D. Antonio Alvares da Cunha, Senhor da Tavoa, e Trinchante dos Reys D. Joaõ o IV. e D. Pedro II. que foy muy erudito, e inſigne Genealogico, em huma approvaçaõ ao livro da Vida de Santa Iſabel, Rainha de Portugal, eſcrita por D. Fernaõ Correa de Lacerda, Biſpo do Porto, onde diz as palavras ſeguintes: *E na Familia dos Correas, baſtava para illuſtrar a toda a Europa o inſigne Varaõ em virtudes o Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas, cujas pizadas vay Veſſa Senhoria ſeguindo como ſeu conſanguineo.* Que o Santo Arcebiſpo tiveſſe huma irmãa, conſta da ſua Vida chamada Sor Catharina do Eſpirito Santo, Religioſa de muito merecimento no Moſteiro da Roſa, e ſendo enferma lhe naõ dava mais, que ſeis mil reis de tença, e eſtes ſe affirma mandava gaſtar de menos na ſua meza. Herdou o Santo Arcebiſpo de ſeu pay hum caſal em Torrugem, limite de Oeiras, e deſte dizia podia diſpor à ſua vontade, e naõ dos bens da Igreja, que eraõ dos pobres, que naõ ſabia Theologia, que aconſelhaſſe o contrario. Iſto reſpondia aos que o perſuadiaõ a que com maõ larga deſpendeſſe com os ſeus parentes, a que com ſeveridade accreſcentava, que ſe os ſeus parentes ſe queixavaõ de que lhes dava pouco, ſe lembraſſem de que naſceraõ pobres, e naõ fazia pouco em os igualar aos pobres do Arcebiſpado, a quem era mais obrigado por Prelado, e Paſtor, do que a elles por parentes, e amigos. Eſte zelo lhe pagou Deos, como temos viſto, dando-lhe com que os podeſſe enriquecer, e accreſcentar ſem eſcrupulo, como temos viſto nas Alcaidarias menores, com que dotou as ſobrinhas. Em tudo foy grande, e igual eſte inſigne Prelado da Igreja Catholica, no deſapego da carne, e do ſangue, no zelo da Religiaõ, e na charidade do proximo.

As ſuas ovelhas lhe deveraõ hum entranhavel amor, e deſejo do ſeu bem. A eſte fim mandou traduzir a Summa do Cardeal Caetano em vulgar, por Fr. Domingos do Roſario, a que ajuntou algumas annotações para mayor clareza. A' ſua inſtancia fez o meſmo Religioſo o *Flos Sanctorum*, e à ſua cuſta mandou imprimir hum, e outro. Dentro no Paço Archiepiſcopal, mandou abrir duas cadeiras de Caſos, que liaõ dous Religioſos Dominicos; e para que chegaſſe eſte bem aos de mais eſtudantes do Arcebiſpado, conſignou certa eſmola de dinheiro para os que eraõ pobres, e chegava a quantia a duzentos mil reis (grande para aquelle tempo.) Obra foy ſua o Collegio de Braga, que deu à Companhia, com obrigaçaõ de ter quatro Claſſes de Grammatica, Rhetorica, e Curſo de Artes, e para logo ſe principiar lhe deu das ſuas rendas duzentos mil reis, e lhe annexou *in perpetuum* certas Igrejas de bom rendimento, e foy o ſeu primeiro Reytor o Padre Ignacio de Azevedo, de quem no dia antecedente fizemos larga mençaõ. Era grande o numero de eſmolas ſecretas, e publicas; porque naõ havia neceſſidade occulta, que naõ lhe foſſe preſente, veſtindo, e remediando a todos; e para que foſſem os miſeraveis

mais

mais bem aſſiſtidos, inſtituîo hum Hoſpital geral, tanto que entrou em Braga, provido do neceſſario, com largueza, e regalo para os enfermos. Nada eſquecida a ſua perſpicaz compaixaõ, e aſſim inventou outro genero de hoſpitalidade, que foy para os Religioſos de todas as Ordens, que acodiaõ àquella Cidade a tratar alguns negocios; porque tendo por afronta recolherem-ſe em eſtalagens, buſcou hum lugar commodo, e à ſua cuſta tomou humas caſas, que ſerviaõ para eſta hoſpedagem, providas de todo o neceſſario, encarregando eſta deligencia a hum homem ſizudo, e caſado, de que tinha ſatisfaçaõ, para que tiveſſe camas limpas, roupa lavada, e tudo o mais aſſeadamente, e da ſua coſinha hia com abundancia o comer, mas com prazo limitado de dias, naõ ſendo admittida neſte lugar peſſoa, que naõ foſſe Eccleſiaſtica. Dentro no Paço hoſpedava tres generos de peſſoas, Abbades, Reytores, Curas, e Vigarios da ſua Dioceſi, quando vinhaõ a tratar negocios das ſuas Igrejas; o ſegundo genero eraõ Eccleſiaſticos, que tinhaõ ſido ſeus criados, ou familiares, mas para eſtes tambem havia numero de dias limitados; os terceiros hoſpedes eraõ os ſeus Religioſos, que ternamente amou como irmãos: para eſtes tinha apoſento ſeparado, da meſma ſorte, que ſe foſſe Convento da Ordem. A eſta deu o Moſteiro, que fundou em Vianna com o titulo de Santa Cruz, em que incorporou hum Moſteiro do Patriarca Saõ Bento, chamado Saõ Salvador, que tendo paſſado a Abbadia Commendataria, eſtava annexo à Camera Archiepiſcopal de Braga, e agora com licença da Coroa, de que era Padroado, e tambem de Roma, o deu aos ſeus Religioſos, com obrigaçaõ de lerem todos os dias huma liçaõ de Theologia Moral, e outros encargos a favor dos moradores da Villa. No anno de 1566, convocou Concilio Provincial em Braga, a que aſſiſtiraõ os Biſpos Suffraganeos D. Fr. Joaõ Soares, de Coimbra, D. Rodrigo Pinheiro, do Porto, D. Antonio Pinheiro, de Miranda; Vizeu eſtava ſem Paſtor naquella conjunçaõ. Aqui ſe ordenaraõ materias uteis ao bom governo daquella Igreja, e he o IV. Synodo Provincial Bracharenſe, dos que andaõ impreſſos, e o foy a primeira vez em Braga no anno de 1566, e ultimamente em Coimbra. De ſeu motu proprio appellou à Santa Sé Apoſtolica de alguma parte dos Eſtatutos delle, de que enviou hum traslado ao Papa Saõ Pio V. e tendo avizo do ſeu Agente, que o Papa commettera o exame delle ao Biſpo de Cambray, cheyo de dor, e zelo da ſua authoridade, e da dos Biſpos Suffraganeos, e dos mais Prelados, que tinhaõ concorrido àquelle Synodo, eſcreveo huma carta ao Papa em Latim, que traz o Padre Fr. Luiz de Souſa, traduzida. Diz aſſim.

Beatiſſimo Padre, depois de beijar os pés de Voſſa Santidade, tanto que concluimos o Synodo deſta Provincia de Braga, logo o enviamos a Voſſa Santidade, para ſer viſto, e emendado por eſſa Santa Sé Apoſtolica, e ſoubemos que ficava entregue por mandado de Voſſa Santidade, o exame delle a certos Cardeaes, por onde eſtavamos eſperando a ſentença Apoſtolica da approvaçaõ, ou reprovaçaõ de emenda, ou annullaçaõ; quando ſubitamente chega a minhas mãos, e dos Biſpos meus companheiros, hum Reſcrito de Voſſa Santidade, pelo qual Voſſa Santidade commettia a cenſura do dito Concilio ao Biſpo de Cambray. Nova foy eſta, que me perturbou, e fez paſmar, como couſa, que por nenhum caſo podera crer noutro tempo; e quem havia de cuidar, que ſeria poſſivel paſſarſe tal Breve, em manifeſto deſcredito, por naõ dizer deſprezo, e abatimento dos Synodos Provinciaes, em tempo que Deos nos deu hum Paſtor o mais afervorado na reforma de ſua Igreja, de quantos ella teve, a juizo de toda a Chriſtandade muitos annos ha. Pelo que naõ me poſſo perſuadir a outra couſa, ſenaõ que eſte Reſcrito foy negoceado por alguma grande malicia de enganoſa, e naõ entendida ſubrepçaõ, e obrepçaõ, como tem acontecido muitas vezes. Porque ſe ha de ſer aſſim, que polas gritas, e porfias dos inimigos da virtude, e reformaçaõ, ha de vir a cahir em mãos, e alvidrio de hum Biſpo de outra Provincia, a authoridade, e utilidade dos Concilios da noſſa, naõ ſey mór deſacordo, nem tempo mais mal gaſtado que fazer juntas Provinciaes, e matarmonos, por reformaçaõ de abuzos, e deſordens. Em verdade, Santiſſimo Padre, que ſerá iſto parte para nos perdermos todos de animo, e cahindo em deſeſperaçaõ, darmos por acabada a reputaçaõ dos Synodos, e dizermos a huma voz, que já naõ ha

para que fazer caſo dos proveitos que delles eſperavamos, e que ſem razaõ, nem propoſito, os mandou de novo introduzir o Concilio Tridentino. Mas naõ ſeja aſſim, Padre Santiſſimo, tome fogo, e acenda-ſe voſſo ſanto zelo; tire-ſe do Mundo taõ grave eſcandalo, que por huma parte offende a eſta Provincia, e a todas as orelhas pias, e por outra enche de alegria a gente de vida eſtragada, que já triunfa, e ſalta de prazer, vendo cahida, e atropelada a gravidade, e reſpeito dos Synodos Provinciaes. Tire Voſſa Santidade eſta nodoa dos tempos de ſeu Pontificado, tornando aos ſeus olhos, e à lima de ſeu juizo, a reviſta, e correcçaõ do noſſo Concilio; dahi ſaya emendado, cortado, e eſpedaçado; dahi venha de todo annullado, venha feito em pó. Porque à cenſura de Voſſa Santidade, qualquer que ella for aceitaremos, como he razaõ, por vinda do Ceo. Doutra maneira naõ tenho duvida, ſenaõ que eſte Synodo, aſſim como foy o primeiro depois dos antigos, ſerá tambem o derradeiro, como já entre nós ſe pratica. Porque naõ cumpre, nem eſtá bem a eſta Provincia defender noſſos Decretos com demandas ſem fim. Com brevidade, e confiança de filho tenho dito o que entendo deſte negocio: do atrevimento peço perdaõ. Noſſo Senhor, &c.

Eſta Carta chea de brio, valor, e zelo, he huma fiel teſtemunha do coraçaõ deſte virtuoſo Prelado, e quando na ſua vida naõ houveraõ tantas acções heroicas, que o fizeraõ grande, eſta ſó baſtava para o conſtituîr Heroe, digno de eterna veneraçaõ. O Papa lendo eſta Carta, mudou de parecer, e mandou, que foſſe examinado o Synodo, pela Congregaçaõ dos Cardeaes Deputados, para a declaraçaõ do Sagrado Concilio de Trento, em que foy approvado, e confirmado. Já era conhecido em o Mundo o zelo do Santo Arcebiſpo; já ſe tinha admirado a liberdade, com que naquelle Sagrado Congreſſo do Concilio de Trento, quando ſe tratou da reforma Eccleſiaſtica, perſuadio, que havia de principiar eſta pela mais nobre parte, que eraõ os Prelados, e Principes da Igreja. Tratava-ſe em huma occaſiaõ dos Cardeaes, em que todos os votos aſſentaraõ politica, e cortezmente, que os Illuſtriſſimos, e Reverendiſſimos Cardeaes, naõ haviaõ miſter reformados, e tocando votar ao Arcebiſpo, e uſando dos meſmos termos, com animo Apoſtolico diſſe: *Os Illuſtriſſimos, e Reverendiſſimos Cardeaes, haõ miſter huma Illuſtriſſima, e Reverendiſſima reformaçaõ.* E voltando para onde eſtavaõ os Cardeaes Legados, com huma grande reverencia accreſcentou: *Voſſas Illuſtriſſimas ſaõ as fontes donde todos os Prelados bebemos, e por tanto convém, que eſta agua eſteja limpa, e pura.* Ficou admirado, e ſuſpenſo o Congreſſo, mas naõ eſcandalizados os Cardeaes; porque tanto póde a verdade proferida por hum homem taõ exemplar; que praticava o que dizia. Ainda neſte tempo, e muitos annos depois, naõ tinhaõ os Cardeaes Eminencia, e lhe foy dado eſte tratamento em tempo do Papa Urbano VIII. por reſoluçaõ de 10 de Junho de 1630, em Conſiſtorio Secreto, em que prohibe a todos os mais Eccleſiaſticos ſob graves penas uſarem de titulo de Eminencia, exceptos os Eleitores Eccleſiaſticos do Sacro Romano Imperio, e o Graõ Meſtre da Ordem de Saõ Joaõ, como referem Auguſt. Barboſ. *de Jur. Eccleſiaſt. univ.* liv. 1. cap. 4. num. 87; o Cardeal Laurea, *in Epitome Canon. verbo Cardinalis titulo Cardinalium inſignia, ſeu arma, tituli ac ſigilla*; Dukange, *in Gloſſario mediæ, & infimæ Latinitatis verbo Eminentia.* Muitos outros exemplos de igual reſoluçaõ poderamos referir do Santo Arcebiſpo, que refere em puro eſtylo, e ſingular ordem o Padre Fr. Luiz de Souſa, na ſua *Vida*, e alguns caſos gracioſos, que lhe ſuccederaõ, aonde remettemos o curioſo Leitor, que nos agradecerá a inculca, por ſer eſta Obra, e as *Chronicas de Saõ Domingos*, do meſmo Author, na pureza da lingoagem e na elegancia do eſtylo, hum dos melhores livros, que andaõ no noſſo idioma. Nas Cortes, que convocou em Thomar ElRey Filippe II. chamou ao noſſo Arcebiſpo, o que elle recuzou; mas foraõ taõ repetidas as Cartas delRey, que venceraõ a repugnancia. Partio de Braga, e entrou em Thomar, com a Cruz Primacial diante, e neſta fórma fallou a ElRey, o que ſempre obſervou, mandando tirar de tudo inſtromentos authenticos, que ſe guardaõ no Cartorio de Braga, como refere o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, no Tratado de *Primatu Bracharenſi*, cap. 27. n. 4. e 5; e nelle ſe allega a entrada, que pela Cidade de Toledo fez, quando ſe recolhia do Concilio,

lio, de que foy teſtemunha de viſta D. Joaõ da Sylva, Conde de Portalegre, natural daquella Cidade, o que conta Duarte Nunes de Leaõ, na *Deſcripçaõ de Portugal*. Eſte cuidado da authoridade da ſua Igreja, conſervou ſempre, e em toda a parte, pois no Concilio, em quanto o Papa, por obviar contendas, naõ tinha declarado, que os Biſpos ſe haviaõ de preceder pelo tempo da Sagraçaõ, e naõ pela Dignidade, e prerogativas das ſuas Igrejas, pretendeo preceder a todos os que naõ eraõ Primazes, e da reſoluçaõ do Papa ſe lhe mandou paſſar hum Breve ao Arcebiſpo, em que ſe declarava naõ ſer aquella reſoluçaõ contra as preheminencias da ſua Igreja; porque ficava em todo o ſeu vigor o direito da ſua Primazia. Muy digno caſo por certo de memoria, por ſer hum documento a favor da Primazia de Braga, de que tanto ſe jactou, que imprimindo-lhe o Veneravel Fr. Luiz de Granada, o livro, que tinha eſcrito *Stimulus Paſtorum*, lhe naõ poz mais, que o titulo de Arcebiſpo, entendendo, que a ſua humildade recuzaria o de Primaz de Heſpanha, lho naõ poz; e vendo o Santo Arcebiſpo o livro, lho tornou a mandar, dizendo, que de novo ſe fizeſſe aquella folha. Eſte livro mandou reimprimir em Roma Saõ Carlos Borromeu, que foy grande ſeu amigo, e depois o foy em Lisboa, e Pariz. Compoz muitos livros; a ſaber *Compendium Spiritualis Doctrinæ, ex variis Sanctorum Patrum ſententiis collectum*, e foy impreſſo em Lisboa, anno 1582, e depois em Madrid, e Pariz, e outras partes. Eſte livro, e o *Stimulus Paſtorum*, foraõ tanto do agrado de Saõ Carlos, que os fazia ler à ſua meza. *Catheciſmo da Doutrina Chriſtãa*, que mandou imprimir ElRey D. Sebaſtiaõ, ordenando aos Clerigos das Ordens Militares, o leſſem aos Domingos aos freguezes, e ſe traduzio em lingua Caſtelhana, por Joaõ Ariſtizaval, Cavalleiro da Ordem de Santiago, e ſe imprimio em Madrid, no anno 1654, e já o tinha ſido em Roma, no anno 1603, e em outras partes. Muitos mais compoz, que naõ tiveraõ o beneficio da luz publica, e foraõ: *Collationes Spirituales in Pſalmos, & Cantica feriarum; In Jeremiam, & alios Prophetas. Puncta tangentia jura, & caſus conſcientiæ. Variæ ſententiæ ad Sacram Scripturam pertinentes. Doctrinæ regulæ menſæ religioſæ. Epitome Chronicorum mundi. Compendium Hiſtoriarum Eccleſiaſticarum.* Huma Relaçaõ do Concilio de Trento, que principia: *Concilium apertum eſt decimo octavo die Januarii anni* 1562. Hum *Tratado de Praticas Devotas, para os Prelados quando daõ Ordens. Praticas Eſpirituaes, ſobre os Evangelhos das feſtas de todo o anno*, Obra clara, e capaz de a preceberem os Curas, que naõ ſaõ Letrados: eſta imprimio à ſua cuſta, e tambem ſe traduzio em Caſtelhano. *Epitome das Vidas dos Summos Pontifices*, até o ſeu tempo. *Compendio Geral das Hiſtorias de Heſpanha*, a que ajuntou outro dos *Reys de Aragaõ, e Condes de Barcelona. Dos Reys de Navarra. Hiſtoria do Reyno de Portugal*, ſó fez huma breve Relaçaõ, até o tempo delRey D. Sebaſtiaõ. De todas eſtas Obras ſe chegaraõ a imprimir taõ poucas como com ſentimento referimos. Em França ſe intentaraõ imprimir todas, e a primeira folha com os titulos dellas já impreſſa nos moſtrou o Eruditiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes. Naõ teve tempo ocioſo, e por iſſo compoz tanto; porque ou eſcrevia, ou orava, ou tratava do bem do proximo. Trabalho he ſeu o Indice dos livros prohibidos daquelle tempo, que os Padres do Concilio lhe encarregaraõ, fazendo-o revedor dos livros. Foy eſte inſigne Prelado, ſem duvida, hum dos mayores, que teve a Igreja Catholica, cuja declaraçaõ eſperamos para o ver no Altar, e naõ podemos deixar de accuſar os noſſos naturaes de deſcuidados, e de pouco lembrados da ſua antiga devoçaõ, em naõ empregarem todas as ſuas forças; para o conſeguirem da Santa Sé Apoſtolica, pois Deos acreditou em vida, e depois da morte com maravilhoſos caſos, a Bemaventurança, que goza a ſua bemdita alma. Seu corpo foy enterrado no Moſteiro de Vianna, Fundaçaõ ſua; depois elevado a hum Mauſoleo de jaſpe, para onde o trasladaraõ com grande pompa, e ſolemnidade os moradores da Villa, em que ſe lhe eſcreveo o ſeguinte Epitafio.

Deo Opt. Max.

Frater Bartholomæus de Martyribus Ulyſſiponenſis, Dominicanus

nicanus Hiſpaniarũ Primas, Adam ter magnus hic ſitus eſt, qui ad Bracharenſem Sedem à Cella ut aiebat, tamquam à Regno ad Crucem raptus, cum ſecunda, poſt Apoſtolos diſpenſandæ Eccleſiæ, gratia inter alios, ut Sol inter minores Stellas, divinitus fulſiſſet, Summis Pontificibus, Patribuſque Concilii Tridentini ſpectabilis, probatus, & charus, ingraveſcente ætate, ſponte abdicata Sede, Cellam Monaſterii hujus, quod condiderat, libens repetiit: ubi & ſanctè vixit dilectus Deo, & hominibus, & divina patiens ab oſculo Domini aſſumptus eſt: heu pauperum pater, & religioſorum, amator pudicitiæ, æmulatione Martyr, profeſſione Doctor, ſal terræ, lucerna ardens, & lucens rarum verorum Epiſcoporum exemplar, & velut adeps, ſeparatus à carne. Vixit annos 76 à profeſſione Dominicana 62 à conſecratione Epiſcopi 32 à regreſſu ad Ordinem 8 obiit anno Domini 1590 die decimo ſexto Julii. Requieſcat in pace. Amen.

A ſua Vida eſcreveo, como já diſſemos, o Padre Fr. Luiz de Souſa, em hum Tomo de folha, impreſſo em a Villa de Vianna, à cuſta de ſeus moradores, no anno de 1619, e depois foy traduzida em Caſtelhano, por Luiz Munhoz; Cunha, na II. Parte da *Hiſtoria de Braga*, cap. 83; Duarte Nunes, na *Deſcripçaõ de Portugal*; Vaſconcell. *in Deſcript. Regni*, pag. 520; Faria, na III. Parte da *Europa*, pag. 195; *Corografia Portug.* tom. 1. pag. 179; o Padre Telles, na *Chronica da Companhia*, pag. 31; Purificaçaõ, na *Chronologia Monaſtica*; Lima, no *Agiol. Domin.* ambos neſte dia; Albergaria, *Triunfo da Nobreza Luſitana*, m. ſ. pag. 167; Franco, na *Biblioth. Luſit.* m. ſ. o Padre Cruz, nas *Memorias para a Biblioth. Luſit.*

Dos Eſtrangeiros ſe lembraõ muitos delle; Antonio Godeau, Francez, *Eloges des Eveſques*, pag. 558; Soveges, no *Anno Dominicano*; e o *Compendio do Anno Dominicano*, que erradamente o poem a 17 deſte mez; a ſua *Vida*, impreſſa em Pariz, anno 1664, eſcrita em Francez, pelos Religioſos do Noviciado de Fauxbourg. S. German de Pariz; o *Graõ Diccionario de Morery*, *in verbo Barthelemi des Martyrs*; Fr. Paulo Sarpi, na *Hiſtoria do Concilio de Trento*, traduzida em Francez, pelo Senhor de la Mothe; Joſeval, pag. 446; o Cardeal Pallavicino, *Hiſtoria do Concilio de Trento*, liv. 15. cap. 11. num. 4, e em diverſas partes; Poſſino, na *Vida do Padre Ignacio de Azevedo*, liv. 1. cap. 5. pag. 23; D. Niculao Antonio, na *Bibliotheca Hiſpanica*, *verbo Bartholomæus*; Altamura, na *Bibliotheca Dominica* cent. 4. pag. 398; Sachino, *Hiſtoria da Companhia*, liv. 4. num. 150; Joaõ Bautiſta Beau, da Companhia, *Hiſtoria de Vita, & rebus geſtis Bartholomæi de Martyribus*; David L' Enfant. *Hiſtoria dos Seculos*, tom. 4, neſte dia; Gravina, *Vox Turturis*, part. 2. cap. 23. pag. 65; Rho, *in Variis Virtutum Hiſtoriis*, em diverſas partes; Luiz Tomaſſino, da Congregaçaõ do Oratorio, tom. 1. de *Benefic.* liv. 1. cap. 38; D. Malachias de Inguimbert, Arcebiſpo de Theodoſia, hoje de Carpentraz, na ſua *Vida*, que imprimio no principio do I. Tomo das Obras do Santo Arcebiſpo, em dous tomos de folha, em Roma, no anno de 1734, a qual Vida tinha já impreſſo na lingua Italiana o Padre Joaõ Bautiſta Solero; *Acta Sanctorum*, *tom. 4. die ſexta Julii*, nos pretermiſſos, pag. 122, faz mençaõ do Santo Arcebiſpo; o Abbade de Sever Diogo Barboſa, na *Bibliotheca Luſitana*, tom. 1. letra B.

C Sanuqui, dá nome a hum Reyno, e he hum dos quatro da Ilha de Xiocu, do Imperio do Japaõ: neſſe alcançou a palma do Martyrio, no anno de 1617, Antonio Man-

Mangoyemon, natural do Reyno de Bijen, nobre pelo naſcimento, e muito mais pela conſtancia, com que ſoube reſiſtir às inſtancias dos amigos, e Principaes Cavalheros, que o perſuadiaõ. Delle faz menção o Padre Morejon, na *Hiſtoria dos Reynos do Japaõ, e China*, liv. 2. cap. 20. pag. 98. verſ. Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 272.

D Meaco, Cidade do Japaõ, na Ilha Niphonia, conhecida na regiaõ Jetſenga, foy antigamente cabeça de todo o Imperio, hoje populoſa, e rica: he frequentada das nações do Oriente. Eſta Cidade ſe divide em duas partes, huma ſuperior, que he no alto, onde tinha o Emperador Palacio, e a inferior, que ſe eſtende pelas margens da praya, junto do Porto, que faz reſpeitado a famoſa Fortaleza Fuxima; porém tudo veyo a perder a eſtimaçaõ, depois que a Corte ſe paſſou dalli para Jedo. No anno 1619, acabaraõ os ſeus trabalhos os conſtantes Japoens, de que fallamos no Texto, como diz Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 279.

E Catharina de Chaves, ſendo moça, foy caſada com hum homem de aſpera condiçaõ, que apurou no criſol da ſua paciencia as ſemrazoens, com que a tratava. Embarcou eſte para o Braſil, levando comſigo tudo o bom, que havia na caſa, e lá em torpe vida eſtragou a fazenda, e ſaude, e voltando para ſua caſa pobre, e enfermo, foy recebido de ſua eſpoſa, com tal agrado, como ſe com elle recebera as riquezas da America, e começou a ſervillo de enfermeira, em quanto lhe durou a vida. Foy o ſeu naſcimento, e trato humilde; vivia de huma tenda de louça, e mercearias; nella tinha huma ſobrinha; porque naõ tinha tempo para mais aſſiſtencia, do que a Igreja, como temos dito. He para admirar, que naõ tendo mais cabedaes do que a ſua tenda, fazia as largas eſmolas, que referimos, e deixou cem mil reis de juro à Ordem Terceira, para expor o Santiſſimo Sacramento em quarta feira de Cinza, para cuja Capella comprou huns fóros de azeite. Parece que a Divina Providencia, queria pela ſua maõ deſpender os ſeus inextinguiveis theſouros, para ſatisfazer o zelo, que eſta ſerva de Deos tinha do bem das almas. Neſte dia faleceo, no anno de 1667. Jaz ſepultada no Cemiterio velho da Ordem Terceira. Della ſe lembra Fr. Luiz de Saõ Franciſco, na *Origem da Ordem Terceira*, pag. 507, donde tiramos o referido.

F Na notavel Villa de Santarem, teve principio o Convento de Noſſa Senhora de Jeſus, no anno 1617, em hum Lugar, que chamaõ o *Sitio*, taõ ſalutifero, que na occaſiaõ, que padeceo a Villa o terrivel mal da peſte, ficou eſte Lugar izentò do contagio. Para eſta Fundaçaõ deu o virtuoſo Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, humas caſas da Camera Archiepiſcopal, com huma cerca dilatada, e terra baſtante para edificar o Moſteiro. Depois de alcançada a licença da Sé Apoſtolica, houve ſobre eſta Fundaçaõ alguns embaraços, que duraraõ até o anno de 1620, em que ſe collocou o Santiſſimo Sacramento na ſua Igreja: aqui eſteve até o anno de 1644, em que foy levado para a Igreja nova, concorrendo para a ſua fabrica huma devota Matrona, chamada Joanna Coelho, que vindo da Ilha de Cabo Verde, com deſejos de empregar os ſeus cabedaes em edificar algum Convento, ou ao menos huma Igreja, e tendo muita devoçaõ aos Religioſos deſta Provincia, deu principio a eſta Igreja, no anno de 1640, e em quatro annos ſe poz no eſtado, e perfeiçaõ, que hoje tem, de que os Religioſos lhe deraõ o Padroado da Capella môr, que dotou, e ornou de todo o neceſſario.

Neſte Convento viveo taõ ſantamente, como temos relatado no Texto, Fr. Joaõ da Conceiçaõ, que felizmente deu fim aos ſeus trabalhos, neſte dia, do anno de 1676, como refere o Memorial da ſua Provincia, de que temos copia em noſſo poder.

G No anno de 1599, deraõ fim às ſuas Miſſoens eſtes dous Religioſos da Familia Dominicana, que naquellas Ilhas tem ſido cuidadoſos operarios da vinha do Senhor. Saõ curtas as memorias, que achamos delles; na *Hiſtoria de Saõ Domingos*, part. 3. liv. 4. cap. 15. pag. 356; Gravina, *Vox Turturis*, part. 2. cap. 23. pag. 71; o *Anno Dominicano*, ſem Author, neſte dia.

JULHO XVII.

Vigildo Pires Eremita.

A Villa de Reris deſcanſaõ os oſſos daquelle Santo Ermitaõ Vigildo Pires de Almeida, que os inexcrutaveis ſegredos da Divina Providencia conſervaraõ ſeſſenta annos, debaixo do Dominio Mauritano, em huma Ermida no campo de Ourique, em vida contemplativa, em que fazia a Deos taõ agradavel oraçaõ, que mereceo ſer eſcolhido para Embaixador de JESU Chriſto ao Senhor Rey D. Affonſo Henriques, quando lhe annunciou a victoria, que com o favor do braço Omnipotente, havia alcançar da barbara multidaõ dos Sarracenos, que com formidavel poder o eſperavaõ, e que ſendo acclamado Rey pelos ſeus triunfantes eſquadroens, fundando para ſi, e para ſeus deſcendentes huma Monarchia, exaltaria o Nome de JESU Chriſto, e o levaria às Regioens mais diſtantes do Univerſo; e ainda que na decima ſexta geraçaõ ſe attenuaria a Regia prole, a Omnipotencia Divina poria nella os olhos da ſua Miſericordia, e que para credito da ſua verdade ſahiſſe da ſua tenda ſó, e deſacompanhado, ao tempo que ouviſſe tocar o ſino da ſua Ermida, e que entaõ patente aos ſeus olhos veria, o que naõ podiaõ crer os ſeus ouvidos, e o que naõ cabia nos olhos, e nos ouvidos, e ſómente na fé, com que adorava ao Senhor. Tudo no dia ſeguinte ſe vio cumprido, e depois com o decurſo dos annos o total complemento deſtas Profecias, com tanta gloria da Luſitana Monarchia.

Franciſco M. Japaõ.

B Em Sanuqui, a coroa do Martyrio de Franciſco, menino de quatro annos, a quem ſeu pay criou no amor da Religiaõ Catholica, enſinando-lhe as orações, e o que taõ tenra idade podia perceber, chegando-o para ſi quando ſe punha a orar, para que no coſtume, e reverencia das Sagradas Imagens lançaſſe raizes no amor de Deos, o que elle cumpria com geſtos proprios daquella idade, com tal graça, e propenſaõ, que bem parecia era dirigido pelo ſeu Anjo da Guarda. Quando prenderaõ a ſeu pay pelo crime de Chriſtaõ, eſtava auſente Franciſco; mandou-o buſcar, e na preſença dos Gentios lhe diſſe, que adoraſſe huma Sagrada Imagem, como

quem

quem o inſtruîa para o ſeguir no Martyrio. Depois de ſeu pay ſer degolado, mandou o Tono, que foſſe degolado o innocente menino, e por mais que o pretenderaõ eſconder da ſua tyrannia, naõ foy poſſivel; porque a Alta Providencia o tinha deſtinado, para ſe ajuntar ao numero dos innocentes, que a crueldade de Herodes tinha degolado.

Sor Iſabel da Trindade Franciſc.

C No Moſteiro da Eſperança da Villa de Abrantes, a admiravel morte da Madre Sor Iſabel da Trindade, que logo em os primeiros annos da ſua vida, ſe começou a empregar em louvaveis obras, com que ſe adiantou muito na perfeiçaõ eſpiritual. Sendo ainda Secular, ſe compunha de huma agradavel modeſtia, e de huma notavel frequencia de Oraçaõ, e dos Sacramentos, e Officios Divinos, a que attendia com eſpecial devoçaõ; e ſendo voluntarios eſtes exercicios, era a ſua vida taõ perfeita, que os obſervava como por obrigaçaõ. Deſejava muito acabar os ſeus dias em Clauſura, mas naõ o pode conſeguir, antes de cumprir quarenta annos. Entrou no Noviciado, e foraõ taes as ſuas obras, e o ſeu exemplo, que ſervindo de edificaçaõ commua, aos dous annos de profeſſa a elegeraõ todas em Prelada; officio, que exercitou com tal amor, e charidade, que parecia era ſó Abbadeſſa, para ſervir; porque naõ perſuadia, ſenaõ com o exemplo. Naõ havia materia, em que naõ praticaſſe a mortificaçaõ, ou no jejum, repartindo o anno em Quareſmas, por immitar a ſeu Serafico Patriarca, ou no uſo dos Sacramentos, que frequentava com devoçaõ, vindo a receber daquelle Divino Maná o ſeu abrazado eſpirito Celeſtiaes favores, com que ficava abſorta, e arrebatada, e por largo eſpaço de tempo ſem acordo, nem ſentidos. Em huma occaſiaõ, dia do Doutor Saõ Boaventura, de quem foy muy devota, acabando de commungar, de repente ſe lhe fecharaõ os olhos, e enfraquecido o corpo em hum deliquio, a levaraõ nos braços as Religioſas à cama, em que eſteve tres dias, com grande quietaçaõ, e delicia da ſua alma. No fim delles, encommendando às ſuas Religioſas o exercicio das virtudes, paſſou deſte Mundo, com evidentes ſinaes de predeſtinada, a gozar a Bemaventurança.

Sor Maria de Jeſus Dominica.

D Em o Religioſo Moſteiro do Sacramento da Cidade de Lisboa, da Ordem do Patriarca Saõ Domingos, a Madre Maria de Jeſus, à qual o temor ſanto de Deos penetrou taõ viva-

mente, que toda a ſua vida foy huma continuada mortificaçaõ, taõ cuidadoſa do Divino Amor, que todas as acções dirigio ſempre ao ſeu agrado. Entrou na Religiaõ, contando vinte e dous annos de idade, havendo já empregados muitos em virtuoſos cuidados; porque aos quatorze annos da ſua idade, ferida de humà Divina inſpiraçaõ, deſprezou os adornos, que ao ſeu ſexo coſtuma adminiſtrar a vaidade, e começou a jejuar tres dias na ſemana, e nas Quareſmas muitos a paõ, e agua, a que ajuntava liçaõ eſpiritual, e todas as manhãas quatro horas de Oraçaõ mental, e outras devoções, com que ſe adiantava no eſpirito. Todo o tempo, que lhe era livre das obrigações, a que era ſugeita na aſſiſtencia da Caſa dos Condes de Vimioſo, onde ſervia, empregava em Celeſte contemplaçaõ: quando já a deſoras, ſocegada a familia em o profundo ſilencio, ſe recolhia ao ſeu apozento, naõ a deſcanſar, mas a affligir o corpo com huma diſciplina, a que ſe ſeguia orar até às duas horas da manhãa, dando depois breve deſcanço ao corpo, ſendo de ordinario a cama huma cortiça. Deſta ſorte vivia no eſtado de Secular, ſujeita à preciza obrigaçaõ de ſervir, taõ ajuſtada, que pouco teve, que mudar no eſtado de Religioſa, mais que augmentarſe na perfeiçaõ do Eſtatuto, que profeſſava. Havia em Secular aprendido a cantar à viola, o que fazia de ſorte, que merecia applauſo dos que a ouviaõ; porém abſteve-ſe deſte exercicio, porque naõ queria ſer louvada. Taõ levada foy deſta idéa, que depois de ſer Religioſa, conſtando-lhe que goſtavaõ de a ouvir cantar no Coro à Capucha, ſe preſumio, que alcançara de Deos o perder em huma defluxaõ a voz, no que ſe lhe conheceo huma interior conſolaçaõ, e por naõ ſer inutil em ſervir no Coro, aprendeo a tocar rebecaõ. Era recolhida, e muy zeloſa da obſervancia da Religiaõ. Foy combatida de vehementes tentações do perigo de ſe ſalvar, e fluctuando em horroroſo temor do Inferno por tempo, até que em certa occaſiaõ, dilatado o eſpirito na oraçaõ, rompeo neſtas palavras: *Meu Deos, eu prometto de me naõ affligir; tomay por voſſa conta a minha ſalvaçaõ, que eu tomo a de vos ſervir*; e com eſte concerto ficou livre, e começou com novo ardor novas penitencias. Teve grande horror às penas do Purgatorio, e ſe entendeo, que Deos lho concedera neſta vida, pelo muito que padeceo;

por-

porque além do defluxo da garganta, lhe ſobreveyo febre, com faltas de reſpiraçaõ, e outras queixas taõ complicadas, que laſtimava às que a viaõ, e edificava na conformidade, com que as ſoportava. Padeceo tres dias taõ vehementes dores de cabeça, que em todos elles naõ teve inſtante, que naõ foſſe afflìçaõ, e pretendendo conſolalla os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ, cortezmente lhe diſſe, que os naõ podia attender, por naõ apartar o penſamento da Paixaõ de ſeu amoroſiſſimo JESU, a quem no mayor rigor da queixa pedio, que ſe eſtendeſſem as dores todo o tempo, que o Senhor foſſe ſervido, mas que lhe augmentaſſe a paciencia. Finalmente, recebidos com ſumma devoçaõ os Sacramentos, com alegre ſemblante diſſe às companheiras: *Madres, digaõ a minha irmãa Sor Franciſca, que deixe os receyos; porque me heide ſalvar, pela Miſericordia de Deos.* Neſta occaſiaõ da ſua morte, eſtavaõ praticando as Religioſas eſpiritualmente, ſobre o valor infinito do precioſiſſimo Sangue de Noſſo Redemptor, ſuppondo que já Sor Maria naõ attendia à pratica; com muita alegria acodio, dizendo-lhe: *Quanto eſſe já o Senhor mo tem concedido*, e rezando-lhe o Officio da agonia, lhe chegaraõ à boca o lado do Senhor crucificado, e abrindo os olhos os fixou no Senhor, acabando deſta ſorte a vida, para gozar premios ſem fim.

Commentario ao XVII. de Julho.

AS Hiſtorias geraes, e particulares do noſſo Reyno, fallaõ todas univerſalmente neſte virtuoſo Ermitaõ, a que damos nome de Vigildo Pires de Almeida, com muita duvida, pelas razoens, que diremos abaixo. Saõ taõ curtas as memorias, que delle temos, que todas ſe reduzem ſómente a ſer elle o que entre os cuidados, em que vacilava o Santo Rey D. Affonſo Henriques, o viſitou, animando-o da parte de Deos, como temos referido no Texto, e he materia ſem controverſia, aſſentada pelos Authores Portuguezes, e por muitos, e graves dos Eſtrangeiros, como veremos no Commentario do dia 25 deſte mez, em que Chriſto Senhor Noſſo appareceo no campo de Ourique.

Naõ podemos paſſar em ſilencio a duvida, que temos ſobre o nome, e appellido deſte Santo Ermitaõ, fundada na authoridade das noſſas Chronicas, que o fazem inverofimel. O primeiro, que ſabemos lhe deſcobrio o nome Vigildo Pires de Almeida, he Diogo Pires Cinza, no cap. 9. da *Vida de Saõ Vicente*, que imprimio no anno de 1620, onde naõ allega documento algum, em que o achaſſe. Depois o ſeguio Antonio Paes Viegas, no ſeu livro *Principios do Reyno de Portugal*, liv. 4. pag. 136, e o Licenciado Jorge Cardoſo, no Commentario do dia 17 de Março, letra A, pag. 207, e no do dia 14 de Mayo, letra B, pag. 251, e depois alguns modernos liſonjeiros, e obſequioſos, como ſe a Familia de Almeidas, antiga neſte Reyno, e Illuſtre por ſeus deſcendentes, que a illuſtraraõ com Dignidades Eccleſiaſticas, e Seculares, na paz, e na guerra, neceſſitaſſe do eſplendor de couſas inverofimeis, e

que repugnaõ a razaõ. A que temos, para duvidarmos de ſeu nome, he que Brandaõ, na III. Parte da *Monarch. Luſit.* liv. 8. cap. 32, lho ignora, e a *Chron. antiga delRey D. Affonſo o I.* que allega. A que temos, para duvidar do appellido, he principiar depois o de Almeida, pois Fr. Bernardo de Brito, na *Chronica de Ciſter*, liv. 4. cap. 2, foy o que deu conhecimento da mayor antiguidade deſta Familia, e lhe dá principio em Pelayo Amado, que era hum Fidalgo da geraçaõ dos Gaſcos Monizes, e taõ favorecido do Conde D. Henrique, que pelo valimento veyo a ſer chamado Amado, que tomou por appellido, e eſte foy pay de Sueiro Paes, de quem foy filho Payo Guterres o *Almeidaõ*, appellido, que tomou por recuperar o Caſtello de Almeida, hoje Praça de Armas, na Provincia da Beira, em Riba de Coa, e ſe achou com ElRey D. Sancho, ſendo ainda Principe, na batalha dos campos de Arganhal, hoje Arganhan, e foy muy privado delRey D. Affonſo, o Gordo. Eſte foy o primeiro, que ſe ſabe teve o appellido de Almeida, e ainda que Fr. Bernardo de Brito, naõ apponta eſcrituras, com que corrobore eſta opiniaõ, a ſeguiraõ muitos dos noſſos Genealogicos, em reverencia dos ſeus incanſaveis eſtudos. Mas o tronco certo deſta Familia, de quem todos os livros Genealogicos a ſeguem, he Fernaõ Alvares de Almeida, criado delRey D. Joaõ o I. Vedor de ſua Caſa, e Ayo dos Infantes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique, ſeus filhos, Fidalgo de grande eſtimaçaõ, e valor, como refere a *Chronica delRey D. Joaõ o I.* de Fernaõ Lopes, na 1. part. cap. 9, e 113, e na 2. part. cap. 42. 43. 44, e outros lugares, em que relata os ſinalados ſerviços, que fez àquelle Rey. Brandaõ, na III. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 11. cap. 2. pag. 207, naõ nega eſte principio, que dá Brito; mas diz, que o naõ pode affirmar; porque faltaõ as eſcrituras, e memorias antigas, que authorizaõ as opinioens; mas acha em tempo delRey D. Affonſo III. nomeados os filhos de Joaõ Fernandes de Almeida, que conforme o livro das Inquirições do dito Rey, pag. 34, que ſe guarda na Torre do Tombo, era poſſuidor da quinta do Pinheiro, que ſeu pay comprara em tempo delRey D. Sancho o I. em que já havia eſte appellido, que conforme o que temos dito neſte tempo principiou; e deſta ſorte ſe vê bem claramente a inveroſimilidade de ter o Ermitaõ o appellido de Almeida; porque ainda que foſſe deſta Familia, ella o naõ uſava. Naõ duvidamos, que foſſe de nobre Familia, como dizem alguns Authores; porque em todos os tempos achamos homens de qualidade, que ſe deraõ à vida ſolitaria; e tambem cuido naõ deſagradará ao prudente Leitor eſta averiguaçaõ, para julgar a verdade, que profeſſamos em os noſſos eſcritos.

B Era Franciſco filho de Antonio Mangoyemon, que com o ſeu Martyrio illuſtrou o dia antecedente, para ſe gloriar no Ceo, no de hoje, com ſeu filho no meſmo anno 1617, de que faz mençaõ Morejon, *Hiſtoria do Japaõ*, liv. 2. cap. 21. pag. 101, e Cardim, no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 275.

C A Villa do Sardoal foy patria da Serva de Deos Sor Iſabel da Trindade, que morreo neſte dia, no anno 1636. Ignoramos quem foſſem ſeus pays, mas deviaõ de ſer devotos; porque a criaraõ debaixo da direcçaõ dos Religioſos da Piedade, que hoje pela diviſaõ das Provincias, chamaõ da Soledade, que tem Convento neſta Villa. Della faz mençaõ a *Hiſtoria Serafica da Provincia de Portugal*, part. 4. liv. 5. cap. 6. pag. 618.

D Foy Sor Maria de Jeſus, filha de Manoel Mendes Freire, e de Margarida Pereira; criou-ſe na Caſa de Vimioſo, que pelo tempo entendemos ſer no de D. Affonſo de Portugal, V. Conde de Vimioſo, Marquez de Aguiar, caſado com a Marqueza D. Maria de Mendoça, em cujo ſerviço eſteve, até que foy para a Religiaõ. Della ſe conta, que rogando a Deos ſempre por hum ſeu irmaõ, que lhe deſſe boa morte, ſuccedeo, que ſervindo eſte na Provincia de Alentejo, onde tinha o governo da Villa de Barbacena, a tempo que com poderoſo exercito entraraõ nella os Caſtelhanos na guerra da Acclamaçaõ, e ſendo crime capital nas Ordenanças Militares, reſiſtir ſem poder a Exercito Real, elle o fez; e ſendo entrada a Villa pelos inimigos, o ſentenciaraõ a morrer arcabuziado, e ao tempo da execuçaõ, pedio ao General por elle hum Caſtelhano, que naõ conhecia, e devia ſer peſſoa de reſpeito, que lha concedeo; e depois veyo a morrer com todos os Sacramentos, com felices finaes de predeſtinado. Deſta Religioſa

ligioſa affirmou o ſeu Confeſſor, Religioſo dos mayores da Ordem, que tendo-a confeſſado geralmente, naõ achara materia de peccado mortal, nem ainda venial em toda a ſua vida, com advertencia. Falleceo no anno de 1660; *Agiologio Dominicano*, neſte dia.

JULHO XVIII.

Anjo Cuſtodio de Portugal.

A Anjo Cuſtodio do Reyno de Portugal ſe feſteja em todo elle na terceira Dominga do mez de Julho, com ſolemne Prociſſaõ, em todas as Cidades, e Villas, que ſaõ cabeças de Comarcas, a que o Senado das ſuas Cameras, com o Cabido, ſaõ obrigados aſſiſtir. Foy eſtabelecida eſta Feſta pela devota piedade do invicto Rey D. Manoel, para a qual alcançou Breve da Sé Apoſtolica, e ſe celebra com Officio de Rito *Duplex maius*, em todo o Reyno, e nas Ordenações do ſeu governo incorporou a obrigaçaõ deſta ſolemnidade por Ley a ſeus vaſſallos.

S. Marinha V. e M.

B Em Galliza, a Feſta de Santa Marinha Virgem Martyr, huma das filhas de Cayo Attilio Regulo Bracharenſe, e de ſua mulher Calcia, a qual depois de ſer criada na noſſa Santa Fé, e confortada por hum Anjo com ſuas irmãas, ſe apartou dellas, ſeguindo a ſua vocaçaõ, e foy parar em hum Lugar junto da Cidade de Amphilochia, onde exercitada em jejuns, orações, e outras ſantas obras, ſe fazia agradavel a Deos; e ouvindo a conſtancia, com que os Martyres deſprezavaõ a vida, ſe abrazava em hum vivo deſejo de ſacrificar a ſua vida em obſequio do ſeu amado Eſpoſo Jesu; mas o Senhor, que reſponde aos corações fieis, lhe deu muy brevemente a ſatisfaçaõ da Gloria, que lhe pedia. Succedeo, que fazendo caminho por aquella parte Olybrio, Preſidente entaõ daquella Provincia, encontrou a Santa Virgem, que eſtava guardando humas ovelhas, e nos trajes pobres, e humildes, reſplandeciaõ os dotes da fermoſura; de que namorado, mandou aos criados, que lha foſſem buſcar, e ſoubeſſem della, ſe era livre, ou cativa. Elle o eſtava tanto da fermoſa Virgem, que naõ duvidava reſgatalla do cativeiro, para a eſtimar como eſpoſa. Chegaraõ os criados a Marinha, e lançando maõ della, começou a Santa a invocar o Nome de Jesu Chriſto, a quem

a quem em ardente oraçaõ pedia ſoccorro, para que a ſua alma naõ perigaſſe com a daquelles impios. Voltaraõ os criados aſſegurando ao Preſidente, que aquella moça adorava a Jesu Chriſto, e que naõ era facil reduzilla ao ſeu amor. Cheyo de colera Olybrio, a chamou à ſua preſença, perguntando-lhe, ſe por ventura era eſcrava, ou livre; ao que a Santa chea de modeſtia, e conſtancia reſpondeo: ſou livre por naſcimento, eſcrava por amor de Jesu Chriſto, a quem adoro. Logo foy mandada conduzir ao carcere, e no ſeguinte dia levada à ſua preſença; e naõ podendo com brandura tirarlhe do coraçaõ, nem da boca a Ley, que profeſſava, a mandou pendurar, e com varas groſſas açoutar; o que ſofreo com tanta conſtancia, que nem hum ſuſpiro proferio, antes com roſto alegre moſtrava ſer confortada com Divinos auxilios. Vendo o Tyranno, que naõ ſó perſeverava na ratificaçaõ da Fé de Jesu Chriſto, mas com reſoluçaõ naõ eſperada do ſexo feminil, prégava as excellencias daquelle dulciſſimo Nome, arrebatado de novo furor, e impia crueldade, mandou com unhas de ferro deſpedaçar o delicado corpo da caſta Donzella, de que naõ ſó ſe compadeceo o povo eſpectador daquella barbaridade, mas até o meſmo Tyranno ſe moveo a compaixaõ; porque ſendo aquella fermoſa Virgem lacerada pela ferocidade dos miniſtros, lhe diſſe: *Conſidera, que a poucos annos ajuntas muita fermoſura; muda de opiniaõ, e repara no que te digo, que aſſim unirás aos dotes da natureza muitos da fortuna.* A eſtas palavras reſpondeo a Santa: *Oh perverſo conſelheiro, eſte tormento he a fermoſura da minha alma, e o caminho da minha ſalvaçaõ; o teu poder naõ ſe eſtende a mais, do que martyrizar o corpo; porque a alma hé guardada por Chriſto, que a remio.* Eſtas palavras foraõ ouvidas de Olybrio, com tal ſentimento, como deſprezadoras dos ſeus falſos Deoſes, que a mandou de novo meter em hum eſcuro carcere, e depois em hum forno accezo, com grandes lavaredas, onde com admiraçaõ, e paſmo dos circunſtantes, viraõ a glorioſa Virgem vencer a natureza do fogo, paſſear por cima das brazas, como por brandas roſas, ſem que a arrebatada violencia deſte elemento ſerviſſe mais, que para demonſtrar o poder do Altiſſimo, e confundir a pertinacia do Tyranno, que entre tantas luzes naõ queria acabar de ver a gloria da Fé de Jesu Chriſto, que a San-

ta

ta em altas vozes proferia; de que barbaramente enfurecido, lhe mandou cortar a cabeça, que deſpedida dos hombros, deu tres milagroſos ſaltos na terra, rebentando de cada hum, na preſença de todos, huma ſaudavel fonte de agua, com que o Senhor acreditou a pureza daquella bendita alma, durando ainda hoje nos milagres que obraõ as aguas deſtas fontes, os claros merecimentos de ſua amada Eſpoſa.

Sor Magdalena das Chagas Franc.

C Em o Moſteiro da Madre de Deos de Monchique, Comarca do Porto, a pia commemoraçaõ de Sor Magdalena das Chagas, a quem a Divina Sabedoria, depois de diverſos eſtados trouxe ao da Religiaõ, com tal fervor, que foy hum retrato da verdadeira perfeiçaõ religioſa. Naõ tinha outra cama mais que o duro chaõ, em que paſſava as noites em continuas vigias, macerando o corpo com jejuns, diſciplinas, e cilicios, ſendo de taõ rigida abſtinencia, que ainda quando eſtava doente ſangrada, naõ admittia mayor regalo, do que alguns legumes. Todos os dias na madrugada corria os Paſſos da Paixaõ de Chriſto, ſem que o rigor do tempo lhe ſerviſſe de embaraço, a que deſcalça ſe maltrataſſe com o frio, chegando a tanta perfeiçaõ de eſpirito, que invejoſo o inimigo do genero humano a perſeguia declaradamente, ſem que por iſſo a Serva do Senhor afrouxaſſe dos ſeus propoſitos, e ſantos exercicios. Em huma occaſiaõ lhe pretendeo tirar das mãos as diſciplinas, com que ſe açoutava, ſe com o Nome de Jesus lhas naõ tirara das garras. Em outra, fazendo que os golpes das diſciplinas naõ cahiſſem na Serva de Deos, e ficando no ar ſoavaõ com grande ruido; mas deſtas, e de outras tramoyas, com que a pretendia atemorizar, triunfava a humilde da boa Religioſa; pelo que veyo a conſeguir Celeſtes favores, com que recreado o eſpirito ſe adiantava nos gozos da Bemaventurança, em que vivia abſorta. Finalmente predizendo a algumas Religioſas o dia da ſua morte, depois de ter recebidos os Sacramentos, acabou com tranquilla morte, que o Senhor acreditou, ouvindo-ſe ao meſmo tempo Angelicas melodías, que repetidas vezes ſe ouviraõ no decurſo da noite, em quanto o ſeu corpo eſteve no Coro, final evidente da gloria, que goza a ſua bemdita alma.

Sor Violante da Aſcenſaõ Dom.

D Na Villa de Setuval, acabou em o Senhor Sor Violante da Aſcenſaõ, Religioſa Dominica, muy continua na oraçaõ,

oraçaõ, de que tirava Celeſtes ſuavidades, com que recreava o ſeu fervoroſo eſpirito. Era muy devota de Noſſa Senhora, e neſta devoçaõ ſentia a ſua alma ſingulares gozos, e tal ternura, que quando, ſegundo o coſtume da Religiaõ, começava o Officio Menor de Noſſa Senhora, pela Oraçaõ Angelica, eraõ ſeus olhos rios de lagrimas, que corriaõ, como prodigioſos teſtemunhos da ſua devoçaõ.

D. Bernarda Carm. E Em o Moſteiro de Lagos, da Carmelitana Familia, a Madre D. Bernarda, Religioſa de grande virtude, a qual vivia em ſeu peito taõ ardente, que ſe abrazava em hum vehemente deſejo, de que todas as ſuas Companheiras ſeguiſſem a vida eſpiritual, deſembaraçando-ſe de tudo, o que naõ foſſe amar ao Divino Eſpoſo. Eſte zelo foy cauſa de padecer muitas tribulações, em que ſe purificou a ſua paciencia, e profundou a ſua humildade, para merecer de ſeu Eſpoſo revelarlhe a hora da ſua morte. Era Meſtra das Noviças, ao tempo que parecia boa, e diſtante da morte, e ſe foy à Prelada, pedindo-lhe nomeaſſe no cargo outra Religioſa. Fez eſta pouco caſo da ſupplica; porém dentro de tres dias faleceo D. Bernarda, deixando com o ſucceſſo acreditada a ſua innocente vida.

Commentario ao XVIII. de Julho.

A O Nome de Anjo, ainda que ſeja commum a todos os eſpiritos Bemaventurados, com tudo ſe applica ao infimo Coro dos nove, em que ſe dividem as tres Jerarquias, em que a Divina Sabedoria repartio as ordens dos Eſpiritos Celeſtes, occupando na primeira os Serafins, Cherubins, e Thronos, que de Deos recebem immediatamente o lume da Gloria; na ſegunda Jerarquia as Dominaçoens, Virtudes, e Poteſtades; e na terceira os Principados, Archanjos, e Anjos; de ſorte, que a primeira Jerarquia allumia, e naõ he allumiada; a ſegunda he allumiada, e allumia; e a terceira he allumiada, e naõ allumia, mas tudo iſto por modo taõ occulto a nós, que ſe communicaõ, e ſe declaraõ por conceitos. Anjo quer dizer Nuncio, ou Menſageiro, naõ he nome de natureza, ſenaõ de officio, como ſentem commummente os Theologos com Saõ Gregorio, *Homil.* 34. *ſobre os Evangelhos*; tendo para ſi, que aos Anjos do ultimo Coro da terceira Jerarquia dá Deos a guarda dos homens, com officio eſpecial, e proprio; de tal maneira, que em naſcendo huma creatura, logo Deos lhe dá hum Anjo deſte Coro, para que a guarde, e defenda, e a guie ao fim, para que foy criada. Aos Principados, e Archanjos lhes encarrega a guarda dos Reys, Principes, e Reynos, Provincias, Cidades, a Igreja Univerſal, as Religioens, os Conventos, as Parochias, os Biſpos, e os Prelados, e peſſoas conſtituidas em Dignidade, para que por meyo deſtes Soberanos Directores ſe empreguem no acerto das ſuas obrigações; e aſſim quiz Deos, que naõ ſó os Coros da terceira Jerarquia entendeſſem na guarda, e governo dos homens, e do Mundo, como officio proprio, que immediatamente lhe foy encommendado, mas tambem ambas as primeiras Jerarquias, e os Coros de cada huma dellas; quer

quer Deos concorraõ para o bom governo dos homens, declarando a primeira a vontade de Deos aos da ſegunda, e eſtes ao da terceira, para execuçaõ das couſas; o que ſegue Saõ Dionyſio Areopagita, Saõ Gregorio, Saõ Joaõ Damaſceno, e Santo Thomás, interpretando aquelle Texto de Saõ Paulo, *ad Hebr.* cap. 1. num. 14. *Omnes ſunt adminiſtratorii Spiritus in miniſterium miſſi, propter eos, qui hæreditatem capiunt ſalutis.* Havemos de ſaber, diz Saõ Dionyſio Areopagita, *de Eccleſ. Hierarq.* que aos Principados, Archanjos, e Anjos, coube o officio de Nuncios, e Embaixadores, e a guarda dos homens, o que he commua doutrina, e ſe vê em muitos lugares da Sagrada Eſcritura; como tambem, que ſejaõ Cuſtodios dos Reynos, e Cidades, ſe lê em Iſaias, no cap. 62. num. 6. *Super muros tuos Hieruſalem conſtitui Cuſtodes tota die, ac nocte perpetuò non tacebunt.* Que o ſejaõ das Provincias, e Reynos, o affirma Saõ Joaõ Damaſceno, no liv. 2. de *Fid. Orthod. cap.* 3. *poſt med. fol.* 175. pag. 1. *B. Angeli prout à ſummo opifice deſtinati, & collocati ſunt, certas terræ partes Cuſtodiunt, genteſque, & regiones tuentur, ac res noſtras gubernant, nobiſque opem ferunt.* Sendo os Directores dos acertos das gentes, e por iſſo Santo Anſelmo diz no ſeu *Elucidario*, cap. 54. *Unicuique genti, unicuique Civitati præſunt Angeli, qui jura, leges, juſtos mores, juſtè diſpenſant, & ordinant.* A cada Naçaõ, a cada Cidade preſidem os Anjos, os quaes adminiſtraõ com toda a juſtiça, e ordenaõ os direitos, e as leys, e os bons coſtumes aos homens, para que ſe governem com prudencia, e em ſanto temor de Deos. Naõ faltou, quem aos Anjos lhes aſſignaſſe eſcudos de armas, e emprezas, que lhes ſervem de diviſas, que póde ver o curioſo em o livro intitulado *Il Mercurio Araldico in Italia del Cavalier de Beatino*, pag 223. Naõ permitte o eſtylo, que ſeguimos, alargarnos mais neſta materia, que como indubitavel ſegue a Fé, como ſe póde ver no Padre Soares, *de Angelis*, liv. 6. cap. 17. num. 22, e ſó o referimos para moſtrar o acerto do zelo daquelle feliciſſimo Monarca ElRey D. Manoel, em quem a piedade da Religiaõ Catholica, tinha tanto lugar, que naõ ſey, quando leyo a ſua Vida, ſe foy a mayor de todas as ſuas virtudes. Para fazer perpetua eſta Feſta, alcançou da Sé Apoſtolica hum Breve, para a celebrar na terceira Dominga do mez de Julho ao Anjo Cuſtodio do Reyno, que com Officio particular ſe reza no Arcebiſpado de Lisboa. Ordenou tambem, que com Prociſſaõ ſolemne ſeja eſta Feſta celebrada, o que mandou incorporar por Ley na Ordenaçaõ do Reyno, liv. 1. tit. 66. §. 48. O Senado da Cidade de Lisboa, em obſequio deſta Ley, faz Prociſſaõ, acompanhada do Cabido, e de todas as Communidades, Clero, e das Bandeiras dos Officios, e ſe juntaõ, como no dia de Corpo de Deos, e correm as ruas, naquelle dia; porque aſſim o determinou ElRey D. Manoel, querendo, que foſſe eſte dia taõ ſolemne, como o do Corpo de Deos. Deſta piedoſa acçaõ ſe lembra Goes na *Chronica do dito Rey*, part. 4. cap. 86; e Mariz *Dial.* 4. cap. 19; Faria na *Europa Port.* tom. 2. part. 4. cap. 1. num. 104; o Padre Antonio de Vaſconcellos no *Tratado do Anjo da Guarda*, liv. 1. cap. 1. part. 1. pag. 2; e Pegas no *Tit.* 5. *ad Ord. lib.* 1. *tit.* 66. *n.* 48. Na Villa de Guimaraes, ſe leva em Prociſſaõ hum Anjo grande de prata dourada, que foy tomado na celebre batalha de Aljubarrota, que o invicto Rey D. Joaõ o I. deu à Igreja Collegiada de Noſſa Senhora da Oliveira, a quem deveo eſta inſigne vitoria.

B Da Cidade de Amphilochia, a que deu o nome Amphiloco, Capitaõ Grego, que a edificou, como refere Duarte Nunes de Loaõ na *Deſcripçaõ de Portugal*, cap. 92. pag. 160; e Gil Gonçalves de Avila no tit. 3. do *Theatro Eccleſiaſtico*, pag. 371, ſe lembra Baudrand no ſeu *Lexicon*, dizendo: *Amphilochia urbs Callaicorum in Hiſpania Tarraconenſi, Straboni à Teucro condita, nunc diruta jacens.* Que ſe enganou na arrumaçaõ della, he claro; porque a Cidade de Amphilochia, que nos antigos ſe acha com eſte nome, nos Romanos com o de *Aquæ Callidæ*, e a que os Suevos deraõ o nome de *Orenſe*, pelo ouro, que ſe achava no rio Minho, que a banha, he a meſma, que no 2. tit. no Index, que faz dos nomes proprios, nomea deſta ſorte: *Orenſe Amphilochia Auria Aquæ Callidæ, urbs Hiſpaniæ in Gallecia*, a qual ficava na Provincia Bracharenſe, e naõ na Tarraconenſe, ſegundo as demarcações antigas; porém como ſeguio a Argaiz, naõ podia deixar de cahir

em algum erro; porque he muy coſtumado eſte Author a achar novidades. Deſta Cidade faz larga menção o *Agiologio*, no Commentario de 2 de Janeiro, letr. A. Junto a ella, pelos annos de 138, padeceo Santa Marinha o Martyrio, no Lugar bem conhecido de Aguas Santas, (nome, que lhe deraõ os milagroſos effeitos, que experimentaõ os enfermos, que concorrem a eſte Lugar, ou a beber, ou a banharſe, principalmente os que padecem maleitas) naſceo eſte prodigio, de que como temos viſto, naõ podendo o Tyranno acabar com a Santa Virgem com nenhum genero de martyrio, lhe mandou cortar a cabeça, à qual ſuccedeo o meſmo, que à de Saõ Paulo em Roma, dando tres ſaltos na terra, e de cada hum naſceo huma fonte, e dellas tantas maravilhas, como experimentaõ os moradores de todo o Reyno de Galliza. Neſte meſmo Lugar ſe conſerva debaixo da terra hum forno, para que ſe deſce com eſcadas, e conforme a tradiçaõ, nelle foy lançada a Santa, naõ lhe fazendo mal o fogo, como em outro tempo aos Meninos de Babilonia. Neſte forno ſe vè com admiraçaõ hum buraco muy eſtreito, pelo qual contaõ os moradores, fiados na tradiçaõ, ſahira a Santa, e he digna de reparar a eſtreiteza deſte buraco, que naõ he poſſivel caber nelle corpo algum humano, por mais delicado que ſeja. Parece, que Deos por eſpecial merce ſubtilizou o corpo de Santa Marinha, a modo de Angelico Eſpirito, acreditando deſta ſorte a pureza de ſua Eſpoſa: ſe he, que o tempo, que tambem coſtuma mudar as figuras, naõ apertou de alguma ſorte a fabrica humana deſte buraco, por algum incidente; porém de nenhuma ſorte duvidamos do poder do Altiſſimo, principalmente quando à força de milagres edificou a ſua Igreja.

He grande a variedade, que achamos entre os Authores, aſſim de Heſpanha, como Eſtrangeiros, ſobre as acções de Santa Marinha, confundindo a noſſa Portugueza, com Santa Marinha de Alexandria Virgem ſómente, e com a de Antiochia Virgem, e Martyr, ſendo a primeira, a que com nome de Marinho viveo alguns annos no eſtado de Donato, ſendo Porteiro de hum Convento de Monges, a quem huma mulher levantou o teſtemunho, que a tinha prenhe; pelo que o Abbade lhe ordenou entre outras penitencias, que criaſſe publicamente na Portaria o filho, e por ſua morte ſe vio a falſidade com que a infamaraõ, e a paciencia da Santa Donzella, com que ſofreo o teſtemunho. A outra Santa Marinha de Antiochia, a quem Surio, e outros nomeaõ por Santa Margarida, cujas acçoens ſe parecem mais com a noſſa Santa, ainda que com a differença, que vay de Galliza, a Grecia, e de Antiochia, onde padeceo a Amphilochia, onde a noſſa Santa foy martyrizada. O Meſtre André de Rezende, na douta *Epiſtola*, que eſcreveo a Bartholomeu de Quevedo, ſobre muitos Santos de Heſpanha, pag. 182. *penes me*, no Tomo, em que andaõ as ſuas Obras, cenſura o erro de levarem a noſſa Santa Marinha a Antiochia com eſtas elegantes palavras: *Imitabimur ne bellum illum ſcriptorem, qui pro geſtis Sanctæ Marinæ Virginis, & Martyris, apud Aquicaldenſis ad Limiam paſſæ Sanctæ Margaritæ, à primo, principio, ad extremum uſque finem geſta nobis obſtruxit, ſe Theotimum faciens, & Antiochiam, ad quam Olibrius venerit Tyden Callæciæ Civitatem ſomnians nihil audacius imperitia.* O *Martyrologio Romano*, neſte dia, faz mençaõ da noſſa Santa, dizendo: *Gallæciæ in Hiſpaniæ Sanctæ Marinæ Virginis, & Martyris*; e Baronio nas annotações ao meſmo Martyrologio o ſegue, e a 20 de Julho faz mençaõ de Santa Margarida, a quem os Gregos, diz, que tambem chamaõ Marinha, que he a de Antiochia. Toda eſta confuzaõ naſce, como já repararaõ graves Authores, de que quando Euſebio Ceſarienſe paſſou de Grecia a Heſpanha, e eſcrevendo em Grego as Vidas dos Santos, que achou nella, de quem Methaphraſtes ſe aproveitou, confundio as acções de huma, com outra, atribuindo muitas da noſſa, à outra; erro, que experimentamos com grande pezar em outros muitos pontos da *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Heſpanha*, naõ taõ facil de averiguar, como eſte, (a cujo favor eſtá o Martyrologio Romano) e por iſſo vemos tanta variedade nos noſſos Authores; porque o genio he deſprezador das couſas, parecendo-lhe, que para ſerem grandes, naõ neceſſitaõ de ſe engrandecerem pelos ſeus naturaes. Tambem achamos nomeada a noſſa Santa com o nome de Gemma, que he o meſmo, que

que Perola, de que veyo chamarem-lhe Margarida, e por eſta razaõ vemos no noſſo Reyno de Portugal, e no de Galliza, tantas Margaridas, e Marinhas, em veneraçaõ da noſſa Portugueza Santa Marinha. Suas precioſas Reliquias ſe veneraõ em huma Igreja do ſeu nome, que no meſmo Lugar de Aguas Santas, onde ſe crê padeceo martyrio, lhe erigio ElRey D. Affonſo o Magno; depois por toda Heſpanha ſe lhe edificaraõ muitas, principalmente nas Cidades de Toledo, e Sevilha. No Biſpado de Tuy, ſe vem quinze Igrejas com o nome da noſſa Santa. O Convento da Coſta, no Arcebiſpado de Braga, he da invocaçaõ de Santa Marinha, como diz Eſtaço nas *Antiguidades de Portugal*, cap. 25. num. 18, de quem Garibay diz ſer Fundaçaõ de D. Mafalda. O Convento de Saõ Salvador de Leres, junto a Ponte Vedra, foy dedicado entre outros muitos Santos, a Santa Marinha, como refere Morales, liv. 10. cap. 8, e tambem Yepes, no tom. 4. cent. 4. pag. 55, e tom. 5. pag. 266, ſe lembra de dous Moſteiros da meſma invocaçaõ. Na Cidade de Palencia, he celebre Santa Marinha, da qual na ſua Cathedral, entre muitas Reliquias, tem huma deſta Santa, como refere o Doutor Pedro Fernandes del Pulgar, no *Theatro Clerical das Igrejas de Heſpanha*, part. 1. reſoluçaõ num. 10. Saõ muitas as Igrejas, e Ermidas, com o ſeu nome por todos os Biſpados do noſſo Reyno. No Porto tem dez Igrejas Parochiaes, como diz D. Rodrigo da Cunha: nelle ſe faz feſta com Officio duplex. No de Coimbra, na Serra da Eſtrella, ha huma Villa com o nome de Santa Marinha. Na inclita Cidade de Lisboa, o Priorado de Santa Marinha, que he rendoſo; e em outros muitos Padroens, que teſtemunhaõ a devoçaõ do noſſo Reyno, o poderamos moſtrar, ſe naõ temeramos já canſar ao Leitor. Tratão deſta Santa, além dos já nomeados acima, o *Breviario antigo Palenciano*; D. Joaõ Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*; o *Luſitano* do Padre Alvaro Lobo; o *Caſtelhano* do Padre Vaſques, todos neſte dia; o *Jardim de Portugal*, pag. 45; Sandoval *Igrejas de Tuy*, pag. 36, e pag. 37. verſ. Pedro Henriques de Abreu na *Vida de Santa Quiteria*, pag. 232; *Benedictina Luſitana*, part. 1. pag. 474; Purificaçaõ *Chronica dos Eremitas*, tom. 1. cap. 4. pag. 118; Marieta *Vida dos Santos*, liv. 4. cap. 12. pag. 91; Faria *Europa Portug.* part. 3. pag. 206; Vaſconcellos *in Deſcrip. Reg. Luſit.* pag. 445; Gil Conçalves de Avila *Theat. Eccleſ.* tom. 3. pag. 376; Boſch. no *Triunfo dos Santos*, neſte dia, inda que a faz natural de Bayona; Albergaria *Triunfo da Nob. Luſit.* pag. 60. m.ſ. Pedro de Natalibus *in Cat. SS.* liv. 6. cap. 120; o Padre Bartholomeu Guerreiro na *Coroa dos Religioſos da Companhia*, cap. 5. pag. 228; Cauſino *Corte Divina Ephemer. do mez de Julho*; o Conde de Mora na *Hiſtoria de Toledo*, part. 1. pag. 408. Na Igreja do Porto, e ſeu Biſpado, ſe reza de Santa Marinha, neſte dia, com o Officio *Duplex maius*, ainda que com o Officio do commum das Virgens, e Martyres; Bonardo no ſeu *Poema Heroico*; Bautiſta Mantuano; Jeronymo Vida, que cita Bivar; o Padre Solero, e ſeus Companheiros; no Tomo IV. de Julho *Acta Sanctorum*, pag. 376.

C Banhado com as aguas do Rio Douro, junto à Cidade do Porto, fica o Moſteiro de Monchique, da Obſervancia de Saõ Franciſco; nelle profeſſou Sor Magdalena das Chagas, que naſceo na dita Cidade, e foraõ ſeus pays Gaſpar Vieira, e Bernarda de Souſa, gente de honeſtos, e bons coſtumes, que a educaraõ entre ſanto temor de Deos, que ella ſoube muy bem obſervar, gaſtando os primeiros annos da mocidade com amor à virtude, até que aos vinte cinco annos tomou eſtado de caſada, que lhe durou outros vinte e cinco; e tolerando com paciencia as adverſidades da fortuna, ſe recolheo à Religiaõ, quando entrava nos cincoenta, já deſembaraçada do matrimonio; e entrando neſte Moſteiro, viveo nelle vinte e cinco annos, dando glorioſos documentos de exemplo às ſuas Religioſas, como vimos no Texto, e morreo neſte dia, no anno de 1686, e ao meſmo tempo que faleceo, foy revelada a gloria da ſua alma a huma Religioſa do Moſteiro de Saõ Bento da meſma Cidade. Lembra-ſe della Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Serafica da Provincia de Port.* liv. 3. cap. 24. pag. 350.

D Naõ temos de Sor Violante da Aſcenſaõ mais noticias, que as referidas no Texto, que devemos a Fr. Pedro Martyr, no *Diatario Virginal*, neſte dia; porque na *Hiſtoria de Saõ Do-*

mingos, na part. 3. liv. 2. cap. 9. em que ſe eſcreve a fundaçaõ deſte Moſteiro, que teve principio no anno de 1529, naõ ſe faz menção deſta Religioſa, devia ſer entre aquellas, que confeſſa omittir, pelo muito, que tem que eſcrever.

E Naõ ſabemos de D. Bernarda, nem o appellido, nem mais, que o referido no Texto, e que faleceo neſte dia, no anno de 1674, por naõ ſe alargarem a mais as Memorias, que temos deſte Moſteiro, já outra vez allegadas.

JULHO XIX.

A Rainha D. Filippa.

A O ſumptuoſo, e Real Convento da Batalha, o Anniverſario da Santa Matrona, virtuoſa Heroina, e inclita Senhora a Rainha D. Filippa, de naſcimento Ingleza, e pela Coroa, que logrou na terra Portugueza, ſendo digna conſorte do Feliz, do Grande, do Pay da Patria, D. Joaõ o I. do nome entre os Reys de Portugal. Foy eſta Princeza deſde os primeiros annos da ſua vida inclinada a ſantos exercicios, creſcendo com a idade a perfeiçaõ, de ſorte, que foraõ as ſuas acções reſpeitadas como de Santa, deixando nellas huma ſingular idéa de Excellentes Princezas. Rezava o Officio Divino todos os dias, e em as feſtas feiras o Pſalterio; e em quanto eſtava neſtas occupações, naõ fallava a peſſoa alguma, ſendo nellas taõ indeſpenſavel, que quando a doença lhe impedia podello recitar, na ſua prezença mandava rezar todas aquella devoções, que tinha por coſtume, a que eſtava com grande devoçaõ attenta, o que obſervou ſempre em todos os actos da Religiaõ Catholica, que exercitava. Na oraçaõ, em que era continua, offerecia a Deos glorioſos ſacrificios de humildade. A abſtinencia nos jejuns repetia com grande frequencia, e a punhaõ em ſumma debilidade; porque era de huma delicada natuteza, mas nada a fazia afrouxar do ardor do ſeu eſpirito. Da Real meſa uſava com tal parcimonia, que comia o precizo, para ſuſtentar a vida, ſem que ſe lembraſſe de delicias, para ſatisfazer o goſto. No Culto Divino teve grande cuidado, para que foſſe ſervida a Divina Mageſtade com toda a decencia, e ſumma perfeiçaõ; e aſſim era verſada nas ceremonias da Igreja, taõ ſcientificamente, que muitas vezes as enſinou, e outras advertio a Sacerdotes doutos, e exemplares, de que ſe ſervia. Nunca teve tempo ocioſo, porque ou rezava, ou meditava, ou lia; e o que lhe reſ-

tava

tava deſtas obrigações, e das da Mageſtade, gaſtava trabalhando nos exercicios do ſexo, como ſe naſcera ſómente para eſte emprego, ſem que a Mageſtade lhe fizeſſe horror a ſe occupar, como as de mais mulheres. Dos adornos uſava por penſaõ da ſoberania, e naõ faltando à Real decencia, naõ excedia os limites da modeſtia, ſem que eſta lhe fizeſſe perder o reſpeito; porque nella teve principio a magnificencia do Palacio das Rainhas Portuguezas; pois naõ impedem as obras virtuoſas a policia, e gravidade, que na ſua familia fazia obſervar. Governou a ſua Caſa, como a Mulher Forte, de que falla a Eſcritura Sagrada, toda prudencia, e cuidado; e deſta ſorte criou ſeus filhos em ſanto temor de Deos, e fóra de mimos ſuperfluos, os exhortava ao valor, e os encaminhava a amarem as boas letras, e aſſim ſahiraõ ſcientes, de maneira, que quando empunharaõ a eſpada, já tinhaõ conſeguido os triunfos de Minerva. As ſuas rendas particulares, deſpendia em beneficio das Igrejas, e Moſteiros. Aos pobres ſoccorria com groſſas eſmolas, ſendo preferidas as Donzellas nobres, que dotava com Real grandeza. Da ſua authoridade ſe valia, para patrocinar os ſeus vaſſallos, que amava como mãy, e naõ como Soberana Rainha. Quantas vezes ſe vio aquelle magnanimo coraçaõ afflicto, por naõ poder remediar os miſeraveis neceſſitados? Nunca pedio ſatisfaçaõ de erros commettidos contra a ſua peſſoa, nem eſta deu nunca motivo a ſe eſcandalizar peſſoa alguma. A ſua vida foy hum exemplar da perfeiçaõ do eſtado conjugal, porque amou ternamente a ſeu marido; e era tal a ſua honeſtidade, que a todo o tempo ſerá norma de virtuoſas Donzellas, e taõ diſcreta, que ſendo Santa, era abonadora da Palaciana galantaria, naõ excedendo eſta os limites da decencia cortezãa. Amava tanto a paz, que por ella fazia a Deos continuas ſupplicas, deſejando a uniaõ, e concordia nos Principes Chriſtãos, procurando, que as ſuas forças ſe moveſſem ſómente contra os inimigos da Fé. Finalmente, as ſuas virtudes fizeraõ glorioſo o Reynado delRey ſeu marido, cujo nome ſerá ſempre ſaudoſo na memoria dos Portuguezes, e geralmente venerado na das Nações eſtranhas, como de hum dos Heroes, que empunharaõ Sceptro, que ſoube reger com prudencia, valor, e fortuna. Teve a Rainha grande devoçaõ com a Virgem Senhora Noſſa: ao ſeu patrocinio atribuîo todas

das as felicidades, que experimentou em toda a ſua vida. Adoeceo ferida do horrivel mal da peſte, em que ardia Lisboa, em o Lugar de Sacavem, para donde ſe tinha retirado, e na hora da morte mereceo ſer viſitada pela Rainha dos Anjos, de que chea de gozo, e reſpeito, ſe lhe ouvio dizer: *Grandes louvores vos ſejaõ dados, Soberana Senhora, que do Ceo vos dignaſtes de me viſitar.* Confortada com taõ ſagrado patrocinio, ſe preparou para morrer, e deſpedindo-ſe delRey com varonil conſtancia o animou, e a ſeus filhos exhortou com Chriſtãos, e prudentes conſelhos, e lhe prediſſe o dia da jornada de Ceuta, dividindo entre elles huma reliquia do Santo Lenho, por penhor do ſeu amor. Deu mais a cada hum delles huma eſpada precioſamente ornada, que tinha mandado lavrar, para o dia que foſſem armados Cavalleiros, encommendando-lhes muito, que o ſoubeſſem ſer de Chriſto, e que ſó a deſembainhaſſem por gloria, e exaltaçaõ da Fé; e lançando-lhes a ſua bençaõ, mandou, que naõ voltaſſem à ſua prezença; e pedindolhe deſſem o Santiſſimo Viatico, o recebeo com humilde devoçaõ, e levantando as mãos ao Ceo, com fervoroſas jaculatorias impetrou o Divino auxilio, pedindo com verdadeira humildade perdaõ a Deos das ſuas culpas. Depois de ter recebida a Santa-Unçaõ, mandou chamar os Capellães, e lhes ordenou, que lhe rezaſſem o Officio da Agonia, que ouvia com cuidado, e devoçaõ, e com tal acordo, que ſe algum errava, ella o advertia, e na ultima oraçaõ, compondo-ſe na cama muy brandamente, levantou os olhos ao Ceo, e com muita ſuavidade largou as prizoens do corpo, ficando com roſto alegre, e aprazivel, trocou a Coroa temporal pela Eterna, aos ſeſſenta e quatro annos da ſua idade, deixando glorioſa memoria da ſua innocente vida.

Fr. Jorge da Mota Dom.

B Em a Cidade de Malaca, a memoria do Padre Fr. Jorge da Mota, Dominico, zeloſo operario da propagaçaõ do Evangelho, por cuja honra ſofreo muitos trabalhos: entrando no Reyno de Camboja, foy bem recebido com ſeu Companheiro Fr. Luiz da Fonſeca; porém alterando-ſe em breve o governo pelos mal contentes, ſe armou em ſeu favor o Rey de Siaõ, com hum poderoſo exercito, com que entrou pelo Reyno de Camboja, aſſolando, e deſtruindo todas as povoações, até que ſenhoreando a Cidade de Angor, Corte daquelle

Rey-

Reyno, ſe declarou ſeu Rey, e com injuria do direito das gentes, fez naõ ſó aos contrarios, mas ainda aos mal contentes, em cujo favor ſe armou, ſeus eſcravos. No numero dos mais entrou Fr. Jorge da Mota, e ſeu Companheiro, e foraõ levados a Siaõ, em que ſofreraõ as injurias, e trabalhos do cativeiro, muitas vezes mais duro, do que o ferro do alfanje, como experimentaraõ eſtes Miſſionarios. Mas Deos, que ſempre ſoccorre nas mayores tribulaçoens aos afflictos, e poem na boca as palavras, para perſuadir, e obrigar aos Reys, e Principes da terra ao conhecimento da verdade, inſpirou Fr. Jorge, que fallaſſe ao Rey de Siaõ com tal efficacia, animo, e perſuaſaõ, que convencido das palavras, e rendido da gravidade, e modeſtia dos Religioſos, os melhorou de fortuna, e por ſua interceſſaõ ſe moderou a prizaõ aos mais Portuguezes. Foy admittido Fr. Jorge muitas vezes à prezença del-Rey; e era tal a doçura das ſuas palavras, que lhe teve particular reſpeito. Creſceo tanto no favor, que o deſpachou com commiſſaõ para Malaca, a procurar o reſgate dos Portuguezes, que cativara em Camboja. Aproveitou-ſe eſte ſabio Religioſo da occaſiaõ, e pedio-lhe licença, para levantar huma Igreja, e de poder elle, e ſeu Companheiro prégar a Fé de Jesu Chriſto, o que lhe concedeo. Em quanto Fr. Jorge negociava em Malaca o reſgate, enſinava Fr. Luiz os infieis. A commiſſaõ foy tambem ſuccedida, que ſe deu ElRey por ſatisfeito, e com novas merces moſtrou a ſua ſatisfaçaõ, concedendo-lhe privilegio de poder trazer chapeo alto, preeminencia, que ſó lograõ as peſſoas de qualidade conhecida de ſangue Real. Era já taõ publica a valia de Fr. Jorge, que por ſua interceſſaõ fazia merces aos naturaes, o que cauſava ciume, e inveja nos grandes da ſua Corte, que ſe queixavaõ ao Rey; e finalmente lhe vieraõ a incitar o odio, fazendo-lhe culpa ſua da caſualidade de huma pendencia, que hum Portuguez teve com hum Soldado da Guarda delRey, que ſahio mal ferido. Eſta briga ſe contava como inſolencia, naſcida do atrevimento da confiança, em que os punha a valia de Fr. Jorge; porque com ella naõ ſeriaõ punidos os ſeus crimes, ainda ſendo em injuria, e deſprezo da naçaõ. O demonio, que via ſe augmentava o Culto de Deos, naõ ſatisfeito de tirar a vida a ſeu Companheiro, fez, que Fr. Jorge foſſe reputado por incurſo em crime

contra

contra a Coroa; aſſim determinou ſecretamente largar a Corte. Deparou-lhe Deos huma embarcaçaõ, que viera de Manilha, em que eſtava hum Religioſo da ſua Familia; negociou com elle o embarque, com naõ pouco receyo do Meſtre, e dando à véla, foraõ ſeguidos, logo que ſe ſoube, de que na embarcaçaõ hia Fr. Jorge; e chegando-ſe a aviſtar, pretenderaõ render o navio, que com valor, e reſoluçaõ ſe defendeo, matando grande numero dos Barbaros; do navio ficaraõ muitos feridos, e entre elles Fr. Jorge, taõ mal tratado, que morreo das feridas, aſſim que chegou a Malaca, perdendo a vida em odio da Fé.

Fr. Manoel doBeco Piedoſo. C Na Villa do Sardoal, no Convento de Noſſa Senhora da Charidade, acabou com placida morte o curſo da vida mortal, para a lograr eterna, Fr. Manoel do Beco. Deſde que entrou na Religiaõ, deixou ver na alegria externa a paz, e contentamento do ſeu eſpirito; e ſendo a vida aſpera, e o rigor da obſervancia da Religiaõ grande, aſpirava a mayor perfeiçaõ a ſua alma; para o que deixando muitas noites as pobres mantas, que lhe ſerviaõ de abrigo, as paſſava contemplando diante do Santiſſimo Sacramento. Teve com os enfermos grande charidade; adornava eſta virtude com huma profunda humildade, em que ſe conſervou toda a vida, até que com huma penoſa doença, em que prediſſe entre outras couſas, que depois ſe viraõ verificadas, o dia da ſua morte.

O Padre Fr. Fräciſco de Santo Antonio Arrabido. D No meſmo dia, no Convento do Eſpirito Santo de Loures, da Provincia da Arrabida, ſe deſpedio devotamente deſte Mundo o Padre Fr. Franciſco de Santo Antonio, Religioſo de animo ſincéro, e candido, e de muita penitencia, em quanto as forças lho premittiraõ, ſendo muy continuo nos jejuns de paõ, e agua, e outras penitencias, com que ſe mortificava. Edificou ſempre com o ſeu exemplo, de tal ſorte, que mereceo ſer eleito Guardiaõ, quando ainda era Choriſta: tal era a ſua virtude, e a humildade daquelles Religioſos, dava taõ boa conta dos lugares da Religiaõ, que toda a vida andou occupado nas Prelazias, e ultimamente, tendo dous annos de Provincial, renunciou o Officio, por ſe naõ achar com forças de viſitar a Provincia.

Fr. Mathias daConceiçaõ Arrabido. E Item no Hoſpital Real deſta Cidade, Fr. Matthias da Conceiçaõ, Frade Leigo da meſma Familia, taõ bem inclinado,

do, e devoto, que ſendo Secular paſſou a Jeruſalem a viſitar os Santos Lugares, em que teve feliz complemento a redempçaõ do genero humano. Recolhido à Religiaõ, edificou ſempre com a modeſtia, e compoſtura religioſa, e com a ſua exemplar vida. Elevava-ſe todo em ouvindo fallar de Deos, deſejando ſempre eſta pratica. Foy Enfermeiro alguns annos no Hoſpital, em que ſervia com muita charidade, e canſado do trabalho, por ſerem muitos os enfermos, a quem acodia com grande pontualidade, veyo adoecer de huma ardente febre, e encoſtando-ſe na cama dormio em o Senhor, onde depois foy achado com grande ſentimento de ſeus Companheiros, que o amavaõ pela ſua virtude.

Sor Brites da Cruz Dominica.

F No Moſteiro da Roſa de Lisboa, a ſuave morte de Sor Brites da Cruz, a quem o Senhor quiz acreditar com hum eſpecial favor, ſendo recebida na triunfante Jeruſalem, com evidentes ſinaes do ſeu amor, pois com Celeſtes muſicas foy annunciada a ſua morte. Achava-ſe doente havia mezes, e ainda que debilitada dos achaques, ſe lhe naõ temia fim apreſſado, quando hum dia, depois de ter jantado com goſto, eſtava na caſa do lavor, a tempo que a Communidade ſe achava no refeitorio, começou a ouvir huma voz acompanhada da ſuavidade de muſica, a que ſeguiaõ outras com igual conſonancia, como Angelica; e imaginando, que ſeria a Cantora môr, que dava exercicio às diſcipulas, diſſe a ſua tia, que a acompanhava: muito madruga eſta Madre a eſtudar. Ao meſmo tempo ſahio do refeitorio a Communidade, e reparando na muſica, ſe admiravaõ todas, pois ſe viaõ juntas, e naõ podiaõ ſaber donde procedeſſe tal armonia. Poucas horas depois começou Sor Brites a toſſir, que era parte do ſeu mal, e ſobrevindo-lhe ſangue pela boca, em breve eſpaço largou as prizoens da mortalidade, para receber o premio da ſua virtuoſa vida, tendo na noite antecedente ouvido as meſmas vozes da parte do Coro.

Sor Maria da Encarnaçaõ Domin.

G Item no Moſteiro do Bom Succeſſo, da meſma Familia Dominica, Sor Maria da Encarnaçaõ, que deſde os primeiros annos de ſua idade ſe criou neſta Obſervante Caſa, com taõ admiravel genio, manſidaõ de animo, e ſofrimento, que nunca ſe deſculpou, ainda que foſſe argúida, o que ſervindo de reparo às ſuas Companheiras, lhe perguntavaõ a cauſa daquelle

ſilencio, a que reſpondia, que era melhor ſofrer pelo amor de Deos, e deſta ſorte fazia ſacrificio grato ao Senhor. Foy muy cordeal devota da Rainha dos Anjos, e do Patriarca Saõ Joſeph, a quem ſempre nomeou com o titulo de ſeus Pays, cujos ſagrados merecimentos lhe ſeguraraõ o premio das ſuas virtuoſas obras.

Fr. Ignacio Eremita de S. Agoſtin.

H No Convento de Noſſa Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agoſtinho, ſerá ſempre feliz a memoria do Padre Fr. Ignacio, que exercitando-ſe em todo o genero de virtudes, com que fazia as ſuas obras dignas do Conſpecto Divino, cheyo de glorioſos merecimentos acabou em o Senhor.

Sor Magdalena do Sacramento, Franciſc.

I Em o Moſteiro de Santa Clara da Cidade de Beja, ſerá ſempre faudoſa a memoria da Madre Sor Magdalena do Sacramento, em quem a graça começou a reſplandecer deſde os ſeus primeiros annos em vida ſanta, dando-ſe ao exercicio da oraçaõ, mortificando-ſe com jejuns, e affligindo o ſeu delicado corpo com diſciplinas, e outras aſperezas, que tudo com os annos adiantou, e aperfeiçoou, com tanta edificaçaõ publica, que conſeguio ſer commummente appellidada pelo povo com o nome da *Freira Santa*, o que ſe acredita com o ſucceſſo ſeguinte. Venera-ſe neſte Moſteiro huma Imagem da Virgem Santiſſima, muy antiga, que viera da India no anno de 1519, e mandara o Governador do Eſtado Diogo Lopes de Sequeira, a huma ſua parenta Religioſa, a qual por ſua morte a recommendou à Madre Magdalena do Sacramento, e a duas Religioſas irmãas, peſſoas tambem de grande eſpirito, e devoçaõ, chamadas Marianna dos Serafins, e Anna da Madre de Deos, que viviaõ juntas, e na ſua cella, e nella tinhaõ, e veneravaõ a Senhora; porém querendo as duas augmentarlhe o culto, a mudaraõ para o dormitorio, collocando-a em hum Oratorio, que ficava encoſtado à parede da caſa da Madre Magdalena do Sacramento; porém como o ſitio era eſtreito, que ſe naõ podia alargar, intentaraõ buſcar outro para a collocarem, o que ſe difficultava muito, porque eraõ diverſos os pareceres; e vendo-ſe perplexas, e irreſolutas, tomaraõ o arbitrio, que Deos o inſpiraſſe por ſorte, aſſim fizeraõ diverſas cedulas, com as partes nomeadas, que ſe haviaõ apontado, e tirando a ſorte, ſahio repetidas vezes o meſmo lugar, em que a Senhora de preſente eſtava, onde era impoſſivel

poſſivel alargarſe ; porque dava em huma parede da caſa da Madre Magdalena, embaraçadas aſſim com eſta duvida: acontece adoecer a meſma Religioſa taõ gravemente, que chegando aos ultimos periodos da vida, de ſorte, que acabou na opiniaõ de todos, cuidando que morrera; aſſim lhe fizeraõ os ſinaes coſtumados, e outras demonſtrações de piedade, uſadas com as que morrem; porém (caſo maravilhoſo!) a reputada na opiniaõ de todas por morta, à viſta de todos fallou, dizendo: *Que ella vivia por beneficio da Virgem Santiſſima, que nella obrara aquelle prodigio, e que lhe ordenara lhe deſſe a ſua varanda, para ſe fazer a ſua Capella*, o que ſe executou com grande ſatisfaçaõ da Communidade, que engrandecendo o poder da Senhora, louvavaõ a Serva. Naõ deu aqui fim o prodigio; porque com outros acreditou a meſma Senhora a eſtimaçaõ, que fazia de huma tal Devota. Succedeo depois adoecer a Madre Magdalena do Sacramento, na primeira referio, que eſtando como ſonhando, lhe appareceo a Virgem Santiſſima, e lhe diſſera: *Que deſſe hum lugar, em que ſe puzeſſe hum ſino, para chamar todos os dias as devotas do Terço do ſeu Roſario.* Na ſegunda doença foy tambem recreada com a glorioſa vizaõ, apparecendo-lhe a meſma Senhora, lhe diſſe: *Que deſſe a cera para arder, em quanto ſe aſſiſtia à devoçaõ do Terço.* Melhorou da doença, mas ficou ſem falla, ſem que no decurſo de dezoito annos, que depois viveo, proferiſſe mais que eſtas devotiſſimas palavras *Maria Mãy de Deos*, com as quaes reſpondia a tudo, o que lhe perguntavaõ, cauſando mayor admiraçaõ nas ſuas Companheiras, ouvirem-na clara, e diſtinctamente cantar o Terço, a que muitas vezes fazia a levaſſem em huma cadeira, por eſtar baldada. Era taõ acreditada a ſua virtude naquella Caſa, que ſua irmãa a Madre Feliciana da Cruz, ſendo Abbadeſſa em todas as neceſſidades da Communidade recorria às ſuas orações, para que impetraſſe de Deos o deſpacho, a que ella naõ dava mais repoſta, que as coſtumadas palavras *Maria Mãy de Deos*, e no meſmo inſtante ſe viaõ os prodigioſos effeitos da efficacia, com que as proferia, com admiraçaõ de toda a Communidade, que por muitas vezes experimentou na ſua deprecaçaõ maravilhoſos effeitos do poder Divino. Finalmente, tendo com a ſua exemplar vida edificado as ſuas Companheiras na obſervancia, em que era exactiſ-

ſima das leys da Ordem, que profeſſara, chea de annos, e merecimentos, paſſou a viver como piamente cremos na Bemaventurança.

Commentario ao XIX. de Julho.

A DE Duarte III. e Filippa, Reys de Inglaterra, foy filho quarto Joaõ de Ganti, que caſou com Branca, filha herdeira de Henrique, Duque de Lencaſtre, em que lhe ſuccedeo no titulo, e mais Eſtados. Deſte matrimonio naſceo Henrique, que depois Coroado Rey de Inglaterra, a 13 de Outubro de 1399, foy o quarto do nome, entre os Reys daquella Coroa; e Filippa, que foy Rainha de Portugal, que he o noſſo aſſumpto, e Iſabel, que caſou com Joaõ de Holanda, Conde de Huntingdon, e ſegunda vez com Joaõ Bornwai Baraõ de Fanhope de Millbrook. Morta a Duqueza Branca, paſſou o Duque a ſegundas vodas com D. Conſtança, filha delRey D. Pedro de Caſtella, chamado o Cruel; e da Rainha D. Maria de Padilha, (como dizem alguns Authores) que deſpojada da Coroa, por ſeu irmaõ D. Henrique, paſſou a Inglaterra, com eſta, e mais duas filhas D. Beatriz, e D. Iſabel, onde ficaraõ ſem mayor fortuna, que o ſeu Real naſcimento. Deſte matrimonio naſceo D. Catharina: depois caſou com Henrique III. Rey de Caſtella, que por ſua mãy era herdeira legitima da Coroa Caſtelhana. Com eſte direito paſſou o Duque de Lencaſtre ſeu pay a Heſpanha, perſuadido delRey D. Joaõ o I. e chegando com proſpera viagem a Corunha, a 26 de Julho de 1386, de que ſe fez Senhor, ſe começaraõ a intitular Reys de Caſtella, o Duque, e ſua mulher a Infante D. Conſtança. Deu parte a ElRey D. Joaõ da ſua chegada, e dos progreſſos das ſuas Armas, que ſe achava entaõ em a Cidade de Lamego: aſſinou eſte parte para ſe verem, e das conferencias ſe ajuſtou entre eſtes dous Principes huma liga, que ſe confirmou com os apertados vinculos do parenteſco. Determinou-ſe, que ElRey caſaſſe com huma filha do Duque, ao preſente Rey de Caſtella. Trazia comſigo do primeiro matrimonio, como temos dito, a Filippa; e do ſegundo Catharina, em quem eſtava o direito da Coroa de Heſpanha. Eraõ diverſos os pareceres; porque alguns politicos deſejando alargar os dominios da Coroa Portugueza, lhes parecia boa a occaſiaõ de poder unir a ella a Caſtelhana; mas ElRey que antevia o a que ſe obrigava com as novas pertenções, eſcolheo para eſpoſa a Filippa, e na Cidade do Porto foraõ celebradas com grande pompa, e Mageſtade as vodas, em dia da Purificaçaõ, do anno de 1387, tendo ElRey 29 annos, e a Rainha 28, dotados de fermoſura, diſcriçaõ, e tal modeſtia, que o ſeu modo era andar com os olhos baixos, e o roſto cuberto de hum natural pejo, que nos vaſſallos cauſava reſpeito, o que nella era ſubmiſſaõ: a eſtas partes unio virtude ſolida, pelo que mereceo ſer tida por Santa, como vimos no Texto. Deſte auguſto matrimonio teve a Rainha D. Filippa oito filhos. I. D. Branca, que morreo menina. II. D. Affonſo, que faleceo de dez annos. III. D. Duarte, que foy Rey unico do nome. IV. O Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reyno, que acabou na infelice Batalha de Alfarrobeira, digno de mayor fortuna, e de ſer Senhor de huma Monarchia. V. D. Henrique, Meſtre da Ordem de Chriſto, Valeroſo, Sabio, e Santo, digno de taes pays, devendo aos ſeus eſtudos, e cuidado, naõ ſó Portugal, mas Caſtella, os dilatados Dominios, de que ſaõ Senhores. VI. O Infante D. Joaõ, Meſtre da Ordem de Santiago. VII. D. Fernando, Meſtre da Ordem de Aviz, a quem chamamos o Infante Santo, e delle ſe faz honorifica menção, no *Agiologio*, a 5 de Junho. VIII. A Infante D. Iſabel, que caſou com Filippe o Bom, Duque de Borgonha, de Brabante, e de Limbourg, que em memoria de tal conſorte inſtituîo a preclariſſima Ordem do Tuſaõ de ouro, no dia do ſeu matrimonio, a 10 de Fevereiro do anno 1429; e depois formando-lhe Eſtatutos em Lila, a 27 de Novembro

vembro de 1431, ſe compunha de trinta e hum Cavalleiros, Gentil-homens de Nome, e de Armas, de que elle, e ſeus ſucceſſores ſeriaõ ſempre Chefes, e Soberanos. Neſta Ordem ſe prohibia poderem ter outra alguma de Cavallaria, excepto Emperadores, Reys, e Duques Soberanos, das que forem Meſtres, e Chefes; depois o Emperador Carlos V. com faculdade de Leaõ X. eſtendeo eſte numero ao de cincoenta. Eſtes foraõ os filhos da Rainha D. Filippa, de que por toda a Europa ſe diffundio clara ſucceſſaõ, e ella criou virtuoſamente. Apreſtava-ſe ElRey ſeu marido para a jornada de Ceuta, quando ateando-ſe a peſte em Lisboa, foy preciſo ſahir da Cidade, e ferida delle a Rainha, morreo deſte terrivel mal, neſte dia, do anno de 1415, em o Lugar de Sacavem, duas legoas de Lisboa. (naõ ſey com que razaõ lhe chama Villa o Conde da Ericeira D. Fernando) Seu corpo foy depoſitado em Odivellas, e depois levado para o Convento da Batalha, magnifica obra delRey ſeu marido, como veremos a 9 de Outubro, dia da ſua Trasladaçaõ. Eſcrevem della Faria *Europa Port.* tom. 1. part. 3. cap. 1. pag. 321; o Conde da Ericeira *Vida delRey D. Joaõ o I.* liv. 5. pag. 367; *Chronica delRey D. Joaõ o I.* de Gomes Eannes de Azurara, 3. part. pag. 135; *Chronica de Saõ Domingos*, de Souſa, part. 1. liv. 6. cap. 25. pag. 348; Mariz *Dialog.* 4. cap. 1; Maugin *Abregé de l' Hiſtoire de Portug.* cap. 11; Cramuel Philippus Prudens na *Vida delRey D. Joaõ* pag. 52; *Jardim de Port.* pag. 259; Vaſconcellos *Anacephalæoſis XII.* pag. 154; Neufville *Hiſtoire de Port.* tom. 1. liv. 3. pag. 366; Mariana *Hiſtoria General de Heſpanha*, tom. 2. liv. 18. cap. 10. pag. 117, e liv. 20. cap. 7. pag. 185; Duarte Nunes de Leaõ *Chron. delRey D. Joaõ o I.* cap. 86. pag. 329; Lima *Tabletes Choronologiques, & Hiſtoriques des Rois de Portug.* Imhoff *Hiſt. Geneal.* Brit. *Tab. VII. & Stemma Regum Luſitanicum* Tab. 11.

B Entre os Religioſos da Ordem de Saõ Domingos, que no Oriente dilataraõ o Evangelho, merecem glorioſa memoria Fr. Jorge da Mota, e ſeu Companheiro Fr. Luiz da Fonſeca, de quem a 20 de Março faz mençaõ Cardoſo, no *Agiologio Luſitano*, e Soveges no *Anno Dominico*, a 17 de Abril. Pelos annos de 1599, deraõ fim as ſagradas fadigas de Fr. Jorge, cuja patria ignoramos; porém baſta-nos ſaber o ditoſo fim da ſua vida, em que naſceo para o Ceo, que devemos à *Hiſtoria da Provincia do Santo Roſario das Filippinas*, de Fr. Diogo Duarte, que tambem ſegue Soveges neſte dia, refutando ao Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de Saõ Domingos* part. 3. liv. 5. cap. 7. pag. 419, que diz chegou em paz à Cidade de Malaca, ſendo elle perſeguido no caminho, em que recebeo mortaes feridas, por odio da Fé. Fr. Joaõ dos Santos na *Ethiopia Oriental*, liv. 2. cap. 7; na II. Parte cahio em outro erro, dizendo, que morrera no mar, vindo por Embaixador delRey de Siaõ, da qual voltou, como vimos no Texto, e com eſta negociaçaõ ſe adiantou na graça daquelle Rey. Jorge Cardoſo no Commentario do dia acima appontado, tambem ſeguio o meſmo; porém como a *Chronica das Filippinas*, de que já fizemos mençaõ, como intereſſada neſte ſucceſſo, pela perda de Fr. Joaõ de Saõ Pedro Martyr, ſeu Religioſo, que na meſma occaſiaõ perdeo hum braço, e veyo a morrer das feridas, declara com individuaçaõ eſte caſo; nos pareceo ſeguirmolo. Deſte Servo de Deos trataõ os Authores allegados.

C Naſceo Fr. Manoel do Beco em hum pequeno Lugar, que lhe deu o appellido, no Biſpado de Coimbra, ſeguindo o coſtume da Provincia da Piedade, em que os Religioſos pela mayor parte ſe coſtumaõ cognominar pelas terras, em que naſceraõ. Morreo no anno de 1639, ſendo Provincial Fr. Antaõ de Guimaraães, como refere Fr. Manoel de Monforte, na *Chronica da Provincia da Piedade*, liv. 5. pag. 725.

D O Moſteiro, que tem junto a Loures a Provincia da Arrabida, fica em lugar apraſivel, e eminente, onde chamaõ a Mealhada, cercada de agradavel viſta, que ſe eſpalha por todas as partes em diverſas Quintas, que em verdes boſques faz mais eſtimavel a ſua vivenda. He eſte Convento hum dos mais perfeitos, que tem a Provincia. No Carneirro do Clauſtro foy enterrado Fr. Franciſco de Santo Antonio, no anno de 1588, como diz o Memorial m.ſ. que temos deſta Provincia. Depois vimos a ſua Chronica, que eſcreveo o Padre Fr. Antonio da Piedade, com o titulo *Eſpelho de Penitentes*, e delle faz mençaõ na part. 1. liv. 4. cap. 21.

He

E He taõ curto o Memorial m. ſ. que temos deſta Provincia, que rara vez ſe alarga a individuar as virtudes dos ſeus Religioſos, e aſſim de ordinario, nos naõ podemos dilatar, referindo as acções, que elles exercitaraõ na vida, tanto do agrado de Deos, como foy Fr. Matthias da Conceiçaõ, cuja morte foy no anno de 1597.

F Naõ contava muitos annos Sor Brites da Cruz, quando neſte dia do anno de 1662, deu fim a huma vida toda entregue a Deos, em cuja veneraçaõ fez huma Confraria ao Santiſſimo Sacramento, e outra a Noſſa Senhora. Foy filha de Luiz de Brito, Senhor dos Morgados de Santo Eſtevaõ de Beja, e de Saõ Lourenço de Lisboa, que foy ſexto Viſconde de Villa-nova de Cerveira, por caſar com D. Ignez de Lima, filha de D. Franciſco de Lima, Viſconde de Villanova de Cerveira, e Alcaide môr de Ponte de Lima. Deſta Serva de Deos faz menção a *Hiſtoria de Saõ Domingos*; part. 3. liv. 2. cap. 4. pag. 101; os Nobiliarios deſte Reyno, em titulo de *Britos*; Soveges no *Anno Dominicano*; Lima no *Agiologio Dominico*, ambos neſte dia.

G O Moſteiro do Bom Succeſſo, fica pouco diſtante do Lugar de Belem, para a parte do mar, cujos muros ſaõ banhados das aguas do celebrado Tejo, já miſturadas com as do mar Occeano, em ſitio agradavel, e plaino; fica-lhe a huma viſta a grande Barra de Lisboa, e pela parte da terra Pedrouços, cercado de Quintas, e murado das prayas de toda aquella marinha, que ſe dilataõ até a Villa de Caſcaes, da outra banda Caparica, e toda a parte da Além com as prayas da Trafaria, e ao Naſcente a grande Lisboa, que em ſingular perſpectiva faz huma das mais prodigioſas, e agradaveis viſtas, que ſe póde imaginar. Tem eſte Moſteiro huma Igreja de linda architectura, que as Religioſas ornaõ com primoroſo aſſeyo, ſendo aqui Deos venerado com decente culto. Foy a Fundaçaõ deſta Caſa obra de D. Iria de Brito, Condeſſa de Atalaya, filha de Joaõ de Brito, e de ſua mulher D. Guiomar de Ataide. Caſou D. Iria duas vezes; a primeira com D. Diogo Pereira, Conde da Feira; a ſegunda com D. Franciſco Manoel, primeiro Conde de Atalaya, de quem teve D. Nuno Manoel, que morreo menino Achava-ſe eſta Senhora rica, porque por morte de ſeus irmãos Lopo de Brito, e Chriſtovaõ de Brito, que ſe acharaõ naquella chamada batalha, que perdeo na Ponte de Alcantara o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, e aſſim veyo a herdar a Caſa de ſeus pays; e como naõ tinha ſucceſſaõ, deſejava empregar os ſeus cabedaes em obra do agrado de Deos. A eſte fim edificou a Condeſſa D. Iria eſte Moſteiro, para Religioſas da Ordem de S. Jeronymo, com a Invocaçaõ de Santa Paula, o que naõ teve effeito, e por deſiſtencia dos Religioſos deſta Ordem, ſe deu à de S. Domingos, para a Naçaõ Irlandeza, que perſeguida dos ſeus naturaes, por cauſa da hereſia, andavaõ os Catholicos peregrinando terras eſtranhas, buſcando abrigo na piedade dos devotos. A' induſtria de Fr. Luiz do Roſario, Irlandez, que depois foy Confeſſor da Sereniſſima Rainha D. Luiza, e Biſpo eleito de Coimbra, deve a Ordem de S. Domingos eſte Moſteiro, que alcançou para ſer habitado de Religioſas da ſua meſma Naçaõ, e naõ deixou de parecer miraculoſo o ſucceſſo; porque tendo pretendido Fr. Luiz na Corte de Madrid eſta Fundaçaõ, lhe foy negada; e depois perſuadido de huma mulher, que procurou naquella Corte no Collegio de Santo Thomás, a veyo a alcançar; e no anno de 1639, ſe habitou com algumas Senhoras da primeira qualidade deſte Reyno. He a ſua lotaçaõ de quarenta lugares para Irlandezas, que naõ pagaõ dotes, e nelle ſe provem ſupernumerarias Portuguezas. Naõ tem ſujeiçaõ, ſenaõ immediata ao Geral da Ordem, e he governado pelo Vigario do Collegio de Noſſa Senhora do Roſario, ſito na Corte Real. Demos conta deſte religioſo Moſteiro, por ſer a primeira vez, que nelle fallamos. Delle faz menção Carvalh. na *Corografia Port.* part. 3. pag. 660. Nelle profeſſou Sor Maria da Encarnaçaõ, que morreo no anno de 1664, de idade de vinte annos, e depois de paſſados quarenta, que foy enterrada, abrindo-ſe a ſepultura, manou della hum ſuaviſſimo cheiro de ſeus oſſos, que ainda naõ eſtavaõ totalmente todos deſcarnados, acreditando o Senhor com eſte caſo a gloria de ſua Serva. Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia.

H Naõ temos mais memorias deſte virtuoſo Padre, do que as que referimos no Texto, tiradas de Fr. Antonio da Purificaçaõ *Chronologia Monaſtica Luſitana*, neſte

neste dia, pag. 77, e das Memorias, que o Padre Fr. Manoel Leal, tinha junto da sua Ordem, e se conservaõ em hum livro m.s. na livraria do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Lisboa.

I O antigo Mosteiro de Santa Clara de Beja, teve principio no anno de 1346, em que ElRey D. Affonso IV. com a Rainha D. Brites lhe lancaraõ a primeira pedra, em huma herdade, que o Senado daquella Cidade, entaõ Villa, comprou por quatrocentas e cincoenta livras a Pedro do Porto, dando juntamente fazenda para o dote da Casa, com que pudesse sustentar o numero de doze Religiosas; e crescendo depois com o tempo excessivamente, tem ao presente cento e sessenta e duas Religiosas professas. Sendo o motivo de sahirem da sua primeira lotaçaõ, o augmento das rendas, que teve no anno de 1517, em que se lhe uniraõ as dos Religiosos Claustraes. Com a vontade delRey se impetrou Bulla do Papa Clemente VI. para esta Fundaçaõ, a qual se conserva com outros papeis no Archivo do mesmo Mosteiro, padeceo este em diversos tempos varias ruinas, e se faz memoria da que teve no terremoto do anno de 1370, para cuja reedificaçaõ se applicaraõ as rendas da herdade do pé da Serra, e Hospital do Santo Espirito, que hoje já naõ existe, e se entende, que as suas rendas se uniraõ ao Hospital, que tem a mesma Cidade, com a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, visinha da porta de Evora.

Neste antigo, e sumptuoso Mosteiro, houve em diversos tempos Religiosas de grande virtude, que puderaõ bem serem escritas no Agiologio Lusitano; porém participando do descuido dos nossos, de que tanto nos lamentamos, nadá puzeraõ em lembrança, de sorte, que nem faziaõ assento dos obitos, pois em huma taõ numerosa familia de hum Mosteiro taõ antigo, totalmente se ignoraõ os dias, em que falecerаõ; porque sómente se achaõ desde o anno de 1690, em que era Abbadessa a Madre Feliciana da Cruz, em que se acha a Madre Magdalena do Sacramento, de quem fizemos mençaõ, que falleceo neste dia, do anno de 1694, como se vê das Memorias m. s. qne temos deste Mosteiro, que nos mandou o Padre Fr. Francisco de Oliveira, com toda a exacçaõ, a que sempre nos confessaremos obrigado.

JULHO XX.

Santa Wilgeforte V. e M.

A Este dia sobio triunfante ao Ceo, coroada da immarcessivel palma do Martyrio, a inclita Virgem Santa Wilgeforte, gloria da antiga Lusitania, e singular ornamento da primitiva Christandade, que illustrou com o seu exemplo, e doutrina, animando aos Christãos à constancia da Fé, valendo-se a Divina Sabedoria do fragil sexo de huma Donzella, para fazer mais gloriosa a verdade da sua Igreja, e dando-lhe valor para resistir ao respeito de seu pay Caio Attilio, Presidente dos Romanos em Galliza, ou Regulo Bracharense, e às maternaes caricias de sua mãy Calcia, que pertendia tirarlhe do coraçaõ o amor, com que se consagrara ao Soberano Esposo, pedindo-lhe, que adorasse aos Idolos, e que naõ desgostasse a seu pay, para que naõ usasse com o seu proprio sangue da severidade, com que tyrannizava aos Christãos,

em

em obſervancia dos Edictos dos Emperadores, e que naõ eſcureceſſe a memoria de taõ eſclarecidos pays, de quem recebera o ſer, com taõ indigna cegueira; mas por Divina inſpiraçaõ lhe foy ſuperiormente communicada taõ ſoberana luz, que com admiravel reſoluçaõ deixou a patria, e a caſa de ſeus pays, a quem chamaõ as antigas Memorias, Regulos Brachareníes, e acompanhada de ſuas oito irmãas, ſe eſpalharaõ por diverſas regioens a fazer mais glorioſo o Sacroſanto Nome de Jesu, a quem conſagraraõ as ſuas vidas em perpetua caſtidade. Retirou-ſe Santa Wilgeforte a hum lugar ſolitario, e livre do trato das gentes, e nelle ſeguindo a vida Eremitica, affligia o delicado corpo com rigidas penitencias, naõ comendo mais que manjares ſylveſtres huma vez ao dia, e já na declinaçaõ delle, que era à tarde, tomava o curto alimento, com que alentava a enfraquecida natureza. Era aſſiſtida neſte inculto monte de alguns Chriſtãos, que a acompanharaõ, quando fogio da caſa de ſeu pay, de quem como Tyranno elles tambem ſe eſcondiaõ, e aqui com vigias, e orações ſe preparavaõ para o martyrio. Ainda que o tempo paſſava, naõ ſe afrouxava o odio ao nome Chriſtaõ; e aſſim tendo o Tyranno noticia, que os lugares aſperos, e fragoſos, e ſó dignos de habitaçaõ das féras, eraõ povoados de Chriſtãos, mandou correr os montes por miniſtros da ſua crueldade, com ordem de naõ perdoar a nenhum, e aſſim prenderaõ, e martyrizaraõ hum grande numero de Chriſtãos. Foy tambem achada neſte deſerto a caſta Donzella; e ainda que debilitada das penitencias, moſtrava na fermoſura a liberalidade, com que fora dotada pela natureza. Suſpenſos os algozes de tanta perfeiçaõ, ou por reſpeito da beleza, ou porque na gravidade, e geſto de ſua peſſoa inculcava eſféra mayor, do que a vileza do traje, tiveraõ horror de ſerem tyrannos da fermoſa Donzella, e detiveraõ a execuçaõ da ſua coſtumada crueldade, para ver ſe cauſavaõ eſpanto no ſeu animo com os tormentos, com que affligiaõ os mais Chriſtãos; mas a admiravel Heroina animava aos companheiros à conſtancia do martyrio. Vendo os miniſtros da cruel impiedade, que naõ podiaõ com palavras perſuadir, nem a deſanimar com temor o ſeu coraçaõ, principiaraõ a executar na Santa Virgem o furor da ſua barbara crueldade, deſpedaçando-lhe o delicado corpo com crueis açoutes, e unhas

de

de ferro ; mas entre taõ horriveis tormentos reſplandecia na Santa, huma naõ uſada modeſtia, como quem eſtava confortada pelo Divino Eſpoſo; e aſſim ſe lhe naõ via mais, que quando o permittia a furia dos algozes, pôr os caſtiſſimos olhos no Ceo. Corrida , mas naõ vencida a tyrannia, de ſe ver deſprezada pela invicta paciencia de huma Donzella , com ira diabolica a crucificaraõ; e aſſim ſubio a ſua puriſſima alma ao Ceo, a receber o glorioſo premio merecido. Seu ſagrado corpo tirado da Cruz por alguns Chriſtãos , foy depoſitado em hum lugar occulto , até que depois de muito tempo foy traſladado para a Cidade de Siguença, onde com ſumma Religiaõ, e frequencia do povo, ſe venera.

B Em Coimbra, a Feſta da glorioſa Virgem, e Martyr Santa Comba, natural da meſma Cidade, que por conſervar a pureza virginal , que tinha conſagrado ao Divino Eſpoſo, foy crucificada, e depois aſetteada, e neſte martyrio voou a ſua bemdita alma mais ligeira a gozar das dilicias do thalamo, que ſeu Eſpoſo lhe tinha preparado, deixando com taõ glorioſas palmas illuſtrada a ſua Patria, que ainda hoje ſe preza de conſervar o ſeu ſanto corpo no Real Moſteiro de Santa Cruz, onde em tumulo decente ſe vê, por entre grades douradas, a Imagem da invencivel Martyr, com palma na maõ , e laureola na cabeça , com que ainda eſtá triunfando da barbara gentilidade. *Santa Comba V. e M.*

C No Reyno de Mexico, na povoaçaõ da Santa Fé, ſerá eterna a ſaudade do Veneravel Gregorio Lopes, de vida taõ inculpavel , que he digno objecto da univerſal veneraçaõ daquelle Reyno, e paſſando com eſpanto a fama da ſua virtude aos de Heſpanha , he em toda a parte eſtimada a ſua memoria , principalmente em o noſſo Portugal, que ſe jacta de lhe ter dado o naſcimento na Villa de Linhares. Deſde os primeiros annos da ſua idade, ſuſpirou pela vida ſolitaria , deſejando lugar commodo para o ſocego , e quietaçaõ da alma. Aſſim ſe reſolveo paſſar ao novo Mundo , para o enriquecer com novo , e deſconhecido modo de vida, até entaõ naõ viſto naquellas dilatadas regioens, ſendo deſta ſorte mais venturoſo Colon daquella Conquiſta. Para ella ſe embarcou com bem differentes penſamentos, dos que coſtumaõ ter, os que navegaõ para aquellas partes, de cujas riquezas naõ queria na- *O V. Gregorio Lopes.*

da, ſervindo-lhe de embaraço a abundancia da prata, que a ambiçaõ taõ deſveladamente buſca; porque o ſeu commercio era ſó com Deos, e por iſſo em Celeſtes intereſſes conſeguio dos inexhauſtos Theſouros da Graça precioſos cabedaes. Aportou com boa viagem na Cidade da Vera Cruz, feliz ſurgidouro, para quem ſeguia com a ſua cruz a Chriſto, e para o fazer ſem embaraço, com generoſo deſprezo ſe deſpojou das alfayas, que levava, e ainda da roupa, repartindo com os pobres tudo, ſem que reſervaſſe couſa alguma, ſe arrojou nos braços da Divina Providencia. Voluntariamente feito pobre, começou a caminhar; chegou à Cidade de Mexico, e della ſeguio o caminho por Zatecas, lugar abundante de prata, que com Apoſtolico deſprezo pizava. Aqui ſe compadeceo com huma grande dor das deſordens, que obſervou da avareza de tantas almas, que entregues ao ambicioſo cuidado de ajuntar riquezas, ſem memoria da Eternidade, viviaõ no duro cativeiro da cobiça. Com horror olhava para eſte trafego, e lhe creſceo mais o deſejo de ſe ver livre de homens, que punhaõ todo o ſeu cuidado em couſa, de que ſe naõ podiaõ lograr ſempre. Deſpindo os veſtidos ricos, ſe veſtio de ſayal, ſem camiza, e deſcalço, deſcuberta a cabeça, e cingido com huma corda, e neſte traje humilde, e vil aos olhos do Mundo, começou o ſeu deſprezo a ſeguir a vocaçaõ da ſoledade, que Deos individualmente lhe manifeſtou. Meteo-ſe pelo mais inculto da terra, e oito legoas apartado deſte lugar para o Valle de Amaye, ſituado entre os Chichimecos, gente ſobre pouco ſociavel, feroz, e barbara, e por iſſo temida dos Heſpanhoes. Neſte lugar, à cuſta do ſeu trabalho, e por ſuas proprias mãos, fez huma humilde caſinha, ajudado dos Chichimecos, a quem a ſua natural brandura, e candidez de animo ſe tinha feito agradavel, (tanto póde a virtude, que até dos gentios ſe faz reſpeitada.) Eſtes foraõ os principios da vida ſolitaria de Gregorio Lopes: entrando nos vinte e hum annos da ſua idade, livre de humanos cuidados começou a mortificarſe, ſojeitando o debil corpo às duras leys do ſeu eſpirito. A ſua cama era a terra fria, ou huma dura taboa, com pobre cuberta, e por cabeceira huma pedra, em que tomava taõ curto deſcanſo, que naõ paſſava de tres horas. O comer muy pouco, e do ruſtico que dava o Paiz. Aqui o viraõ trabalhando na ſua hortazinha

aſſiſtido

aſſiſtido de Anjos. Eſtas foraõ as primeiras linhas, que lançou no painel da vida ſolitaria, que depois taõ primoroſamente obrado, foy ſingular original da idéa mais perfeita, em que a Mageſtade Divina lhe concedeo admiraveis dons, para poder reſiſtir às repetidas batarias do demonio, que viſivelmente o chegou a perſeguir, ſendo tal o valor do ſeu eſpirito guiado pela Divina graça, que o maltratou de ſorte, que deſappareceo taõ corrido, que nunca mais ſe atreveo a tentallo viſivelmente, e com medonhas vozes bramindo, como horrivel féra, o pertendia perturbar: outras vezes com interiores tentações intentava derriballo; mas a tudo reſiſtia com valeroſa conſtancia, perſeverando de dia, e de noite na oraçaõ, e tudo era neceſſario, para ſe defender da cruel tempeſtade das ſiladas, que com a aſſiſtencia do Ceo, vencia com eſtas palavras: *Fiat voluntas tua ſicut in Cœlo, & in terra. Amen Jeſu.* Taõ continuamente as repetia, que no eſpaço de tres annos, naõ reſpirou nunca, que as naõ proferiſſe, nem o comer, nem o beber ſerviaõ de parenteſis, a que as naõ repetiſſe. Apenas deſpertava do breve ſomno, quando as paſſava pela memoria, e era o ſinal de eſtar deſperto. Tres annos perſeverou neſte lugar, ſofrendo com grande paciencia as injurias, com que o tratavaõ os Soldados Heſpanhoes, e os que ſentiaõ mal do ſeu modo de vida, por iſſo ſe mudou para ſitio, ſenaõ taõ ſolitario para a vida, que profeſſava, mais proprio para a obſervancia dos preceitos da Igreja. Aqui foy recebido de hum homem rico, Senhor de Lugares, que lhe deu com charidade huma horta para a ſua morada, que aceitou com condiçaõ, de que naõ havia de trabalhar alguma peſſoa no ſeu ſerviço. Neſte lugar paſſou dous annos, ſuſtentando-ſe com leite, e requeijões; e parecendo-lhe muito regalo o deixou. Caminhava Gregorio Lopes guiado da Soberana luz, a buſcar novo cantinho, em que de todo vacaſſe em oraçaõ a Deos; chegando a huma herdade, foy bem recebido do Senhor della, que edificado do ſeu modo, movido do ſeu exemplo, por ſuperior inſpiraçaõ, ſe deſpio das galas, e ſe veſtio de hum ſayal, em tudo ſemelhante ao que via no ſeu exemplar; e eſta foy a primeira peſſoa, em quem as ſuas palavras fizeraõ viſivel effeito. Sete annos gaſtou eſte fervoroſo mancebo em diverſas povoações, mas ſempre penitente, e ſolitario, por naõ lhe impedir trato

humano a preſença de Deos, em que eſtava, e referia elle, que deſde os primeiros annos da ſua mocidade, quando aſſiſtio na Corte Heſpanhola por pajem de hum Grande, que nem o trafego da gente, nem ainda as peſſoas de mayor caracter lhe deveraõ nunca cuidado, inda que as encontraſſe, por eſtar abſorto na Divina preſença, ſendo eſte ſocego do eſpirito taõ elevado, como em os ultimos ſeis annos da ſua vida, moſtrando deſta ſorte, que Deos o ſubira anticipadamente a taõ alto ponto de perfeiçaõ. Naõ pedia eſmola, e conſumindo-lhe o tempo os veſtidos, ſe reſolveo a ſervir algum tempo a hum homem poderoſo, que lhe deu a incumbencia de lhe enſinar a gente de ſua caſa; em dous mezes adquirio o que baſtava para ſe veſtir, e como naõ trabalhava pela cobiça, ſe deſpedio. Correo diverſos caminhos, até que chegou a Guaſteca, ſitio adequado à ſua vocaçaõ, por ſer terra aſpera, ſolitaria, e abundante de frutos ſylveſtres, que era o ſeu ordinario ſuſtento por muito tempo. Era o amor de Deos, e do proximo as bazes ſobre que fundou o profundo da ſua humildade. Tinha edificado hum templo vivo no ſeu coraçaõ a Deos, pelo que mereceo ſingulares favores do Altiſſimo. Deſde os primeiros annos o acompanhava huma deſconſolaçaõ de naõ poder ler na Sagrada Eſcritura, creſcia-lhe o deſejo da liçaõ, e como ignorava a lingoa Latina, mais ſe lhe difficultava o penſamento, até que devoto, ou illuſtrado, ſe reſolveo a tomar de memoria o Sagrado Texto, deſde a primeira até ultima clauſula. Todos os dias lia na Biblia quatro horas, e teve miraculoſamente huma ſoberana inteligencia dos Sagrados Myſterios, ſendo taõ admiravel a ſua comprehenſaõ, que pareceo Angelica. Delle ſe conta, que em vinte horas lera as Obras da glorioſa Madre Santa Thereſa, com tal felicidade, que as repetia de cor. Contente, e ſatisfeito vivia Gregorio Lopes em Guaſteca, quando acommettido de huma acerba enfermidade, ſe começou de novo a martelar a ſua paciencia com os incommodos da doença, que fazia mais perigoſa, naõ ſó a falta dos remedios, mas ainda o mantimento proporcionado à queixa, que padecia; mas a Divina Providencia no mayor deſamparo o ſoccorreo, fazendo ſeu inſtrumento a hum bom Sacerdote, que o levou para ſua caſa, e com elle viveo quatro annos, dando-lhe hum appoſento ſeparado, em que eſtava de

ordinario

ordinario em pé, ou arrimado à parede, com os olhos fitos em huma Cruz, trabalhando a officina da alma na applicaçaõ interior, que foy ſempre o ſeu continuado exercio.

Todo o cuidado de Gregorio Lopes, foy encobrir o elevado do ſeu eſpirito, eſta razaõ o obrigava a mudar de domicilio, naõ o fazendo nunca ſem eſpecial moçaõ. Mas Deos que queria foſſe publica a ſua gloria, pelos meſmos caminhos, que elle a recatava a fazia patente; mas nem o ſeu retiro, nem o admiravel modo de vida ſe livrou de o calumniarem, naõ ſó por hypocrita, mas por homem de dictames erroneos, e pouco ſeguros da doutrina da Igreja Catholica. Delataraõ-no ao Arcebiſpo de Mexico D. Pedro de Moya e Contreras, que com prudencia tirou informações, e mandou repetidas vezes examinar a ſua vida, com deligencia, e cuidado, e da averiguaçaõ ſe reſolveo, que o ſeu modo de proceder era taõ ajuſtado, que excedia ao humano, e era eſpecialmente auxiliado pela Divina graça. Era já commua a fama da virtude deſte prodigioſo Varaõ, e por iſſo a elle recorriaõ os afflictos, e os deſconſolados, acodindo a todos com o conſelho, e com a exhortaçaõ. Teve particular dom para animar os tibios, e deſconfiados em eſpirituaes apertos: creſceo o concurſo, e ſegundo o ſeu coſtume largou o lugar, paſſados dous annos. As alfayas, que deixou na ſua pobre caſa, repartiraõ os ſeus devotos como reliquias. Paſſou daqui ao Hoſpital de Guaſteca, em que ſeguio o meſmo theor de vida. Era o ſitio agradavel pelos amenos campos, cortados de abundantes aguas, que criavaõ elevados arvoredos, e ſó huma vez obrigado mais da importunaçaõ, do que da vontade ſahio a elle. Padecia muito do eſtomago, e a debilidade o impoſſibilitava a frequentar a aſſiſtencia dos doentes, de que com violencia ſe abſtinha: porém a todos ajudava com orações, e aos enfermos, e convalecentes com praticas eſpirituaes. Em todo o retiro ſe naõ negava, a quem o procurava; Religioſos doutos o buſcavaõ, e propondo-lhe Textos da Eſcritura de difficultoſa intelligencia, elle lhes reſpondia com taõ ſólidos fundamentos, que os deixava admirados da ſua altiſſima ſciencia, e atrahidos da ſua virtude. Digno he de admiraçaõ o caſo, que neſte Hoſpital lhe aconteceo: Eſtava ouvindo Miſſa, quando o chamou hum doente, pedindo-lhe, que o encommendaſſe a Deos; porque

eſtava

eſtava para ſofrer huma violenta cura na cabeça, que havia de ſer aberta, para lhe tirarem hum pedaço de caſco, que ſe lhe quebrara, e cahira nos miollos. Reſpondeo-lhe: que tiveſſe confiança em Deos, e que fizeſſe lhe diſſeſſem o Evangelho de S. Joaõ na cabeça antes da operaçaõ. Tomou o enfermo o conſelho, quando (caſo maravilhoſo!) de repente dá hum eſpirro, e lança por huma venta hum pedaço de caſco, taõ grande, que afiançava na grandeza o miraculoſo, por exceder ao meato, porque ſahio, e deſta ſorte ficou livre. Por enfermo o tirou deſte lugar ſeu grande amigo o Padre Franciſco Loſa, e o teve alguns mezes em ſua caſa; porém apertado aquelle dilatado coraçaõ, gritava pela ſoledade; e eſcolhendo-lhe huma caſa apartada da povoaçaõ de Santa Fé, que ficava ſobre as aguas, que vaõ a Mexico, tornou ao ſeu amado retiro. Deſte ſitio naõ ſahia mais, que a algum Jubileo ao Moſteiro de S. Domingos, e proſtrado de joelhos diante de hum Religioſo da meſma Familia, batendo nos peitos, dizia: *Pela Miſericordia de Deos me naõ lembro de o haver offendido, deme o Santiſſimo Sacramento* modo de confiſſaõ, que obſervou; tambem com o Padre Franciſco Loſa; tal era a pureza da ſua vida; mas como era o ſilencio continuo, e a mente eſtava ſempre occupada em Deos, como era poſſivel que fizeſſe couſa, que naõ foſſe do ſeu agrado? Sete mezes viveo ſolitario neſte lugar, até que eſte virtuoſo Clerigo largou o Curado da Cathedral de Mexico, e ſe foy viver na ſua companhia, onde lhe aſſiſtio até à morte.

Foy ſempre a vida deſte prodigioſo homem, como o curſo de hum concertado relogio. Abria Gregorio Lopes a janella antes de rayar o dia, e lavava as mãos, e o roſto; porque inda que pobre, foy muy aſſeado: abria a Biblia, e lia, coſtume taõ obſervado, que poucos dias antes de falecer ſe lhe ouvio, que havia dez dias, que naõ lera na Biblia, e que naõ lhe ſuccedera depois que ſe retirou à ſolidaõ, paſſar nunca tanto tempo. Acabada eſta liçaõ ſe recolhia àquelle taõ interior exercicio da contemplaçaõ, que nunca pode ſer penetrado, mais que para ſe admirar. A's onze ſahia a comer, ſendo ſó o preciſo; porque a todo o regalo ſe negava. Seguia-ſe alguma pratica eſpiritual, e outras vezes lia ſeu Companheiro Vidas de Santos, e neſte modo perſeverou dous annos. Acaba-

do

do eſte breve tempo, que ſervia como recreaçaõ, ſe recolhia a continuar na contemplaçaõ, taõ unida, que nunca a rompeo acto algum externo. Nunca accendeo luz, porque vivia allumiado pela Divina graça. Teve hum ſingular modo de ſe explicar em poucas palavras, mas taõ nervoſas, que perſuadiaõ como naſcidas de luz ſuperior, e com ellas fez grande proveito no proximo. Por varios caſos, que lhe aconteceraõ, ſe entendeo ſer illuſtrado de eſpirito profético. Nunca fallou ſenaõ o que era perciſo, e coſtumava dizer aos que via augmentados na vida eſpiritual, que era melhor fallar com Deos, que fallar de Deos. Era o ſeu eſpirito de Serafim abrazado no amor de Deos, e aſſim ſofria, ſem que pediſſe alivio nas ſuas interiores deſconſolações; porque entregue nas mãos Divinas, fazia ſacrificio do ſeu amor, ſem que a violencia do que padecia o obrigaſſe a pedir remedio. Eſte devia ſer o motivo, porque tendo dom de lagrimas, pedio a Deos lho ſuſpendeſſe. Nas adverſidades foy incontraſtavel por mais, que a ignorancia, ou a malicia o calumniaſſe com accuzações; porque admiravel a ſua conſtancia tolerava com ſocego as provas, ou foſſem dos Prelados, ou dos Miniſtros. Da ſua humildade temos taõ ſingular teſtemunho, como referido pela ſua boca: *Depois que ſahi à ſolidaõ* (dizia) *a ninguem julgey; a todos tive por melhores do que eu, e por mais ſabios; e aſſim a ninguem dey conſelho, ſem que mo pediſſe, nem já mais me fiz Meſtre de outros*, ſentença digna de toda a ponderaçaõ. Era taõ abatido o conceito, que fazia da ſua peſſoa, que nunca deu lugar à vaidade, dizendo: *Nada ſou, nada valho*, e entregue à Divina vontade, ſatisfazia os ſeus preceitos por ſoberana illuſtraçaõ, e por iſſo nunca lhe cauſou goſto couſa alguma temporal, nem menos lhe levou tempo. Teve tal modeſtia, que os olhos lhe naõ ſerviaõ para recreaçaõ, nem ainda para ver as ſingulares produções da natureza; conſtantemente os tinha fixos na terra, ſem os mover. O corpo era taõ extatico, que parecia inſenſivel; porque ſe lhe naõ via movimento. Conſervou illeza a flor da caſtidade. Entre tantas virtudes conſeguio a mais precioſa, que venera a Fé, que foy huma tal uniaõ com Deos, que ſendo humano, pareceo Anjo, pois ſempre aſſiſtia com admiravel acatamento na ſua Real preſença. Neſte prodigioſo modo de vida o achou a ultima enfermidade, em que continuou

todos

todos os heroicos actos de humildade, que exercitava, e com huma verdadeira reſignaçaõ, naſcida do ſeu ardente amor, com que adorava a Deos, ſofreo com grande paciencia as dores da doença, que foraõ taõ crueis, e vehementes, que deſde o alto da cabeça, até a ultima extremidade dos pés, o atormentavaõ, e bem pareciaõ dadas para ultimo criſol daquella puriſſima alma; porque com grande ſatisfaçaõ as padecia por amor de Chriſto, para o imitar na Cruz; e recebendo o Santiſſimo Sacramento do Altar, com eſpecial devoçaõ, acabou em poucos dias de doença com tranquilla morte, deixando de ſua virtuoſa vida glorioſa fama; porque foy acclamado por Santo.

O P. Jorge de Contreiras da Companhia.

D Em a Cidade de Coimbra, no Collegio da Companhia, acabou em paz o Padre Jorge de Contreiras, deixando huma viva ſaudade dos ſeus bons coſtumes, e exemplar vida, pela qual mereceo alcançar do Senhor huma placida morte. Neſta hora, em que tanto atormenta a conſideraçaõ da conta, naõ tinha o bom Padre mais eſcrupulos, do que as imperfeiçõeſ, com que na vida fizera as ſuas devoçõeſ, e exercicios eſpirituaes, por naõ ſerem executados com o fervor, e devoçaõ, que deſejava. Cheyo de actos de amor de Deos, e fervoroſa charidade, abraçado com hum Crucifixo, repetindo muito Pſalmos, e o Credo, cheyo de huma extraordinaria alegria, ſe foy a gozar da Gloria.

O P. Aleixo Alvares da Companhia.

E Na Cidade de Evora, no Collegio do Eſpirito Santo da Companhia, faleceo o Padre Aleixo Alvares, Noviço deſta eſclarecida Religiaõ, onde entrou depois de Sacerdote, e Confeſſor approvado. Neſte eſtado vivia com exemplo, e conhecida inclinaçaõ ao Inſtituto da Companhia, em a Cidade de Bragança ſua patria, a tempo que a ella foy o Provincial da Companhia, e como devoto da Religiaõ o buſcou, e agradecendo-lhe eſte obſequio, lhe perguntou, ſe ainda conſervava os penſamentos de veſtir a Roupeta; a que reſpondeo, que naõ eraõ taõ vehementes de deixar huma vida taõ acommodada, por outra trabalhoſa; porque ſe eſtimava ſempre o menos penoſo. Ainda aſſim, da pratica lhe naſceo a reſoluçaõ de pedir a Roupeta, e alcançada a permiſſaõ, ſahio da Cidade ſem o participar nem a amigos, nem a parentes, e caminhou para Evora, onde a recebeo com tal fervor de eſpirito, que bem ſe via, pelo que obrava, ſer impulſo da Divina graça. Era muy

frequente

frequente nas penitencias de jejuns, cilicios, e diſciplinas, que para conter o deſejo da ſua mortificaçaõ, era neceſſaria toda a prudencia do Meſtre. Na Oraçaõ mental perſeverava com tanto goſto, como quem nella recebia particulares dons, havendo dias, que a tinha ſete horas. Amava tanto eſte ſanto exercicio, que na Quinta de Val Bom, aonde o levavaõ às recreações, o acharaõ ao pé de huma arvore todo banhado em lagrimas. Neſte anno fez por trinta dias continuos os exercicios de Santo Ignacio, de que tirou a ſua alma huma eſpecial luz. Em huma occaſiaõ foy mandado ao campo de Ourique a prégar, e Apoſtolar: era grande a fome, que padecia o povo, de ſorte que o paõ, que comiaõ, era feito de bolotas; e algumas vezes foy tal a fome, que padeceo, que naõ podendo reſiſtir o eſpirito à natureza, as lagrimas lhe brotavaõ pelos olhos por cauſa da debilidade. Era taõ modeſto, e humilde, que edificava; e aſſim deixou o ſeu nome naquelles póvos virtuoſa memoria. Ardia em hum grande deſejo de ſervir aos pobres no Hoſpital, e com repetidas inſtancias o pedia ao Prelado, e finalmente o conſeguio. Aqui fez a ſua charidade taes exceſſos, que davaõ a conhecer o zelo, com que ſervia; porque era igual para todos. Naõ havia miniſterio, de que ſe eſcuzaſſe: lavava aos enfermos, toſquiava a outros, varria-lhes as caſas, fazia-lhes as camas, e conſolava a todos. Aos defuntos amortalhava, e depois de os ter ſervido na vida, tinha licença, para lhes dizer Miſſa pela alma. Entre os doentes havia hum muy opprimido de huma eryſipella maligna, que curou com grande charidade, ſendo o premio deſta darlhe Deos a meſma doença, de que veyo a morrer com todos os Sacramentos, ſendo victima da ſua charidade.

A Madre Sor Ignez do Preſepio Dominica.

F Em o Moſteiro do Sacramento de Lisboa, de Religioſas Dominicas, a Madre Sor Ignez do Preſepio, a quem a Divina Providencia, ſendo Sacriſtãa ſoccorreo, achando dez mil reis no ſeu armario, para ſatisfazer o cuidado, com que andava de fazer hum docel, para a ſolemnidade de Quinta feira mayor. Eſte favor recebeo com lagrimas, e poſta de joelhos rezou o Hymno: *Te Deum Laudamus*, e acabando voltou para a Companheira, que com ella eſtava, dizendo-lhe: *Naõ he eſta a primeira vez, que experimento, inda que indigna, à Miſericordia do Altiſſimo.* Em quanto os achaques lho naõ impedi-

 raõ,

pediraõ era pontualiſſima na obſervancia da Regra, que acompanhava de aſperas diſciplinas de ſangue. Ainda que velha ſe naõ eximio nunca das vigias ao Santiſſimo Sacramento, a que teve tanta reverencia, que ſe naõ atrevia a recebello fóra das vezes, que o mandava a Ordem. Eraõ eſtas vigias entre as tres, e quatro horas, ao romper da manhãa, e ficava orando até Prima, de que Deos ſe agradava tanto, que em huma occaſiaõ com reſplandecente luz, que de huma varanda vio huma Religioſa ſobre o lugar, em que ella eſtava no Coro, acreditou a virtude de ſua Serva. Era de animo candido, e taõ affavel, que todas as Companheiras a amavaõ, e ainda ſendo Prioreſſa conſervou em todas o meſmo amor. Sete annos antes da ſua morte, teve huma grande doença, que a obrigava a cahir em profunda madorna, que muito a affligia: nella padeceo muito; mas como andava na preſença de Deos ſuavizava a affliçaõ com o ſeu amor, e aſſim lhe ouviraõ dizer: *Senhor, eſtimo a voſſa preſença, porque vedes o que padeço; porque de outra ſorte me faltara o ſofrimento.* Teve taõ grande conformidade, e amor a Deos, que até o Inferno queria ſofrer, como Santo Ignacio de Loyola. Todos os dias cuidava ſer o ultimo da ſua vida, para que ſe preparava como infalivel. Teve revelaçaõ de algumas couſas futuras, que acreditou com depois ſe verificarem. Compoſta deſtas, e outras obras dignas do conſpecto Divino, acabou em o Senhor em ſanta velhice, affirmando no dia antecedente a ſua morte, que nunca amanhecera com tantas ſaudades de Deos, e ouvindo-a fallar conſigo, ſe pedia alviçaras de ſer chegada a hora de ir viver eternamente na Bemaventurança.

Sor Mecia Dominica. *G* Item no Moſteiro de Santa Anna da Cidade de Leiria, da meſma Familia Dominica, a Madre Sor Mecia, de vida taõ ajuſtada com a Regular Obſervancia do Eſtatuto, que profeſſara, que mereceo ſer na morte acompanhada de Angelica armonia, deixando com eſte patente favor do Ceo mais vivas as ſaudades das ſuas Companheiras, vendo a Gloria, que aquella ditoſa alma eſtava gozando.

A M. Jeronyma de S. Joaõ Dom. *H* Em Moura, Villa da Provincia de Alentejo, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, acabou em o Senhor a Madre Sor Jeronyma de Saõ Joaõ, em quem a vida foy ſempre huma continuada fadiga no ſerviço da Communidade, em

que

que occupou todos os officios, sendo juntamente Sacristãa, Cantora môr, Mestra de Noviças, e entre tantas obrigações, naõ lhe faltavaõ muitas horas, para se dar à oraçaõ, tirando-as do descanço preciso à conservaçaõ da vida, que sempre mortificou com estreitos jejuns, e asperas penitencias. Sobre as devoções, que todos os dias rezava, que eraõ muitas, accrescentava todos os Domingos, e dias Santos mil Ave Marias, à honra de Maria Santissima, de quem era muy devota. Nos ultimos annos da sua vida servio de Prioressa; e poucos dias antes da sua morte, a tempo que andava rija, e boa, revelou Deos a sua morte a huma virtuosa Religiosa, e no dia seguinte lhe sobreveyo huma aguda dor, que crescendo degenerou em pleurís, que ella recebeo com grande serenidade de animo, agradecendo aos Medicos o desengano da vida. Já na ultima agonia, se lhe vio com admiraçaõ das demais Religiosas, cheyo o rosto de huma singular viveza, e os olhos de sobre natural alegria; obrigadas de taõ desuzada maravilha, lhe perguntaraõ a causa della, a que com confiança respondeo, que tinha diante a Virgem Santissima taõ luzida, e fermosa, que naõ achava a sua rudeza na terra digno objecto para a comparar, e que a vinha servindo S. Domingos seu Padre. Crescia a curiosidade, e a devoçaõ nas Madres, multiplicando-lhe as perguntas, que ella cortou com huma só reposta, que naõ era o estado de perguntar tanto, nem a hora de dizer mais; e assim deu nas mãos do Creador a sua purissima alma.

Commentario ao XX. de Julho.

A NO dia da Trasladaçaõ de Santa Wilgeforte, ou Liberata, que com hum, e outro nome he venerada a 15 deste mez, fizemos mençaõ desta nossa Santa, mostrando ser a que se festeja em Segovia, de tempos antiquissimos, no dia 18 de Janeiro, e huma das nove irmãas, filhas de Cathelio, a quem as Memorias chamaõ Rey, segundo o costume antigo de nomearem Regulos ou Reys, a qualquer Senhor de Cidade. Os Padres Godefredo Henschenio, e Daniel Papebrochio, na sua grande Obra *Acta Sanctorum*, no dia 22 de Mayo, tratando de Santa Quiteria, huma de suas irmãas, trataõ como fabula a *Historia de Cathelio*, e de naõ verdadeira a Santa Quiteria, de que no mesmo dia faz mençaõ o *Agiologio*; tendo-o por cousas dos falsos Dextros, que assim lhe chamaõ, e aos mais Chronicoens: porém nós, que tambem reconhecemos o pouco credito, que merecem aquelles Authores, naõ pelo que elles escreveraõ, que seria muito bom, se existissem; mas pela fabrica, com que se inventaraõ, escrevendo no seu nome o que tinhaõ visto em outra parte, e tambem o que lhes pareceo inventar, nos naõ podemos acommodar com a rigida censura daquelles graves Authores; porque a *Historia de Cathelio* he recebida em Hespa-

nha toda, ha muitos ſeculos, por Authores de grande credito, e que tem conciliado univerſal approvaçaõ aos ſeus eſcritos, merecido da verdade, com que eſcreveraõ. Antes de ſahirem a luz os Chronicoens, achamos eſta Hiſtoria em Marieta, no liv. 4. cap. 14; em Morales, liv. 10. cap. 18, hum dos mayores Eſcritores de Heſpanha; em o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Luſit.* part. 2. liv. 5. cap. 18, e ſeguida nos Breviarios antigos de Siguença, e Placencia, e conſervada a ſucceſſiva tradiçaõ, e grande devoçaõ, que vemos no noſſo Reyno a eſta Santa, feſtejando-a com Novenas, e grandes demonſtraçoens de Fé, que Deos acredita com innumeraveis prodigios; e ainda que neſta Hiſtoria achamos variedade nos accidentes, de ordinario ſuccede aſſim em couſas taõ antigas, principalmente em Heſpanha, e Portugal, onde a aſſolaçaõ foy geral na entrada dos Mouros, contra as ſagradas Reliquias, e livros, perecendo naõ ſó os que havia, mas depois às mãos dos noſſos, os que ſe achavaõ eſcritos, por ſerem na lingua Arabia, que era a univerſal por eſta parte pelo dominio; e aſſim em materia taõ antiga ſuccedida nos primeiros ſeculos da Igreja, que razaõ podemos dar, para nos naõ acommodarmos com a conſtante tradiçaõ dos noſſos naturaes, que Deos eſtá approvando com milagres, principalmente quando os Eſtrangeiros naõ tem conhecimento baſtante das noſſas couſas, de tal maneira, que rara vez lemos livro, que tratando de Portugal, e mais partes de Heſpanha, naõ ſendo de Author della, que na Hiſtoria naõ padeça, e ainda na arrumaçaõ das Cartas Geograficas? D. Joaõ Ferreras, que nos *Synop. da Hiſtoria de Eſpanha*, a pag. 142, poem algumas duvidas a eſta Hiſtoria de Cathelio, affirma, que Santa Quiteria padeceo Martyrio em Heſpanha. Que Santa Wilgeforte ſeja noſſa Portugueza, nenhuma duvida temos. O *Martyrologio Romano* commentado pelo Cardeal Baronio, neſte dia o affirma: *In Luſitania S. Wilgefortis Virginis, & Martyris, quæ pro Chriſtiana fide, ac pudicitia decertans, in Cruce meruit glorioſum obtinere triumphum.* O *Martyrologio* de Uſuardo, accreſcentado por Molano, tambem diz o meſmo: *In Portugalia natalis Sanctæ Wilgefortis Virginis, & Martyris.* O noſſo *Martyrologio Portuguez* do Padre Alvaro Lobo: *Em Portugal a Coroa de Santa Wilgeforte Virgem, e Martyr, a quem os Tudeſcos chamaõ Onteomera, e alguns em Latim Liberata, a qual por defenſaõ da Fé, e amor da caſtidade, ſendo poſta em huma Cruz, alcançou glorioſa Coroa de Martyr.* Com elle concorda o *Caſtelhano* do Padre Vaſques, todos neſte dia. Eſta Santa he a meſma, que veneraõ os Alemaens, com o nome de Onteomera, que he quaſi o meſmo, que *ſem pejo*, como diz Greſero de *Cruce*, liv. 1. cap. 98, onde ſaõ de notar eſtas palavras: *Die XX. Julii in Luſitania S. Wilgefortis, quæ fuit Regis Portugaliæ filia: aliqui Liberatam appellant, Germani Ocuffomer, quaſi abſque mœrore, colitur religioſè multis Germaniæ locis*; e Mulano no lugar citado, dá em Alemanha o meſmo nome à noſſa Santa. E naõ obſta a differença, que pertende fazer Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*, quando neſte dia trata da noſſa Santa. Qual foſſe a Cidade, em que recebeo martyrio, nem o deſerto, que habitou, naõ podemos affirmar, ainda que alguns Authores, ſeguindo a Dextro, digaõ, que em *Amphiloquia*, outros ao Arcipreſte Juliaõ, na Cidade do *Porto*. Porém como para nada nos ſervimos da authoridade de livros taõ infamados da verdade, em que mal ſe póde apartar o verdadeiro do fabuloſo, como ſe póde ver do fragmento de Dextro, que imprimio o eruditiſſimo D. Nicolao Antonio, na ſua *Bibliotheca Hiſpana vetus*, tom. 2. a pag. 274, naõ falta quem diga, que em *Caſtello-branco*. Sobre o tempo, que padeceo martyrio, achamos grande diſcrepancia; porque Fr. Bernardo de Brito corre com a ſua Hiſtoria em o ſegundo ſeculo da Igreja, e Morales na *Hiſtoria de Heſpanha*, liv. 10. cap. 18, o vem a pôr no tempo de Diocleciano; porém entendemos ſer mais antiga a Hiſtoria de Cathelio; porque D. Joaõ de Ferreras no livro *Synopſis Hiſtor. Chronol. de Heſpanha*, a poem no anno 162. Ou ſeja em hum, ou outro tempo, ou ſeja a Santa huma das nove irmãas, o que naõ tem materia de duvida, he, que Santa Wilgeforte he Portugueza, como temos viſto, ſem que nos embarace para o contrario, o que eſcreveo o Padre Guilherme Cupero *Acta Sanctorum*, *tom. 5. Julii*, pag. 50; porque já como ſeus anteceſſores toda a força he contra os falſos Dextro, Luitprando, Juliano, e outros,

que

que nós naõ ſeguimos, porque já antes do ſeu inventor o Padre Higuera, temos veneradas em Heſpanha eſtas Santas. D. Nicolao Antonio na *Cenſura de Hiſtorias Fabuloſas*, liv. 3. cap. 1. §. 8. 15, e 19, o naõ nega. O Licenciado Jorge Cardoſo, no *Officio dos Santos Portuguezes*, a Veſp. pag. 9.

Wilgefortis vetus illa Luſa
Excitans verbis animos ſororum.
Dextera ſævi periit Parentis.
in Cruce fixa.

E tambem em ſuave metro ſe lembra da noſſa Santa Joſeph do Couto Peſtana, no ſeu *Poema Sacro de Quiteria Santa*, no Canto 6. Out. 8.

Liberata a primeira, que illuſtrara
Europa nos deſertos Eremita
As almas, que prodigios convocara
A verdadeira Ley anima, e incita;
Depois que a ſingular trofeo triunfara
De torpe aſſalto, amante a Chriſto imita
No Martyrio da Cruz, onde extremoſa
Como eſpoſo a buſcou, o buſca eſpoſa.

Tratað da noſſa Santa, além dos Authores acima mencionados D. Lourenço Ramires de Prado, pag. 54; Vaſconcellos na *Deſcrip. de Portug.* pag. 445; Duarte Nunes de Leað na *Deſcrip. de Portug.* cap. 43; Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* cap. 6. pag. 33; Padilh. *Hiſtor. Eccleſiaſt.* tom. 1. cent. 4. cap. 26; *Officio dos Santos novos*, impreſſo em Barcelona, anno 1710, em oitavo, neſte dia; o Breviario Saguntino *in lectionibus, & miſſa propia*; Cauſino *Corte Divina Ephemer. Julho*; *Hiſtor. de Heſp* de Mariana, part. 1. liv. 4. cap. 14; o Conde de Mora *Hiſtoria de Toledo*, part. 1. pag. 402; Quintana Dueñas *Santos de Toledo*, pag. 186.

B Fóra dos muros da Cidade de Coimbra, em pouca diſtancia, fica o celebrado Moſteiro de Cellas, da Ordem do Patriarca Saõ Bernardo, junto do qual pouco apartado ſe vê ainda hoje huma Ermida de Santa Comba, ou Columba, muito antiga, a qual ſe reedificou no anno 1612, e neſte lugar ſe diz padecer martyrio a Santa. Naõ podemos averiguar o tempo, e algumas Memorias dizem ſer no dos Sarracenos, o que tem improbabilidade, por naõ ſer eſte genero de martyrio uſado por aquelles barbaros, e achamos ſer muy commum em o tempo do Gentiliſmo, como acabamos de vér em Santa Wilgeforte, que o Padre D. Nicolao de Santa Maria, na II. Parte da *Chron. dos Coneg. Regr.* cap. 18. pag. 73, entende ſer a meſma, que Santa Comba, equivocado de achar neſte dia no *Martyrologio Romano*, e no Uſuardo com o meſmo genero de martyrio, ſendo totalmente diverſa, nem nos nomes, que em diverſas linguas ſe lhe tem dado, foy nunca o de Comba, que elle diz, que na lingoa Teutonica he Wilgeforte. Eſta he conhecida com o de Santa Liberata, como temos dito, e ſuas reliquias ſe guardaõ na Sé de Siguença; as de Santa Comba, no Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra. Na dita Ermida eſteve muitos annos o ſeu corpo, até que foy trasladado para a Igreja de Santa Juſta, pelos annos de 1130, junto do Convento de Santa Cruz, onde ainda ſe conſerva huma pedra na parede da parte do Evangelho, com huma abertura, de que ſe ſervia a devoçaõ para meter alguns paninhos, quando nelle eſtava o corpo da Santa, que ſahiaõ molhados de hum certo oleo, com que recebiaõ ſaude os enfermos.

No anno de 1207, ſendo Prior deſta Igreja D. Miguel, Conego Regrante do Moſteiro de Santa Cruz, a que era ſobordinada, e da ſua viſitaçaõ, depois que dos Monges da Charidade paſſou a Collegiada de doze Clerigos, ſe trasladou o corpo da Santa para a Igreja do Convento

vento de Santa Cruz; e poſto em huma urna de pedra branca bem lávrada, quanto permittia o tempo, e metida na parede com eſte letreiro: *Hic requieſcit corpus Beatæ Columbæ.* Neſte lugar eſteve, até que por ordem delRey D. Manoel foy demolida eſta Igreja, e ſe edificou, a que hoje exiſte de huma ſó nave. Entaõ ſe trasladou o corpo da Santa terceira vez, para o grande Santuario de Reliquias daquelle Convento, e ſe meteo em hum cofre dourado por fóra, e por dentro forrado de veludo, em que eſteve até o anno de 1593, em que ſendo Prior Geral o Padre Doutor D. Chriſtovaõ de Chriſto, ſe mudou para a Capella de Santo Antonio da meſma Igreja, onde hoje ſe venera em hum Relicario doutrado cercado de huma tarje de prata, por donde ſe vê o corpo da Santa. Na Sé de Coimbra ſe conſerva huma parte da cana de hum braço da Santa, que a rogos do Cabido deraõ os Religioſos de Santa Cruz, e foy levado em ſolemne Prociſſaõ àquella Cathedral, pelo ſeu Cabido, acompanhado de todo o Clero, e povo, no anno de 1624. O Reverendo Manoel de Campos, no livro da ſolemnidade com que ſe receberaõ as reliquias, que ſe levaraõ à Igreja de S. Roque, traz huma collecçaõ de algumas Obras Latinas, e Portuguezas, que ſe fizeraõ em louvor das Santas Reliquias, a pag. 177. verſ. *penes me*, traz o ſeguinte Epigramma.

Dum vitam offerret pro virginitate Columbæ,
Si poſſet, tales ederet ore ſonos.
Purpureum tortor de corpore funde cruorem,
Ut ſponſo occurram ſanguinolenta meo.
Eſt ruber, eſt niveus, ſic concolor alba Columba
Si cruor hanc rubro murice tingat, erit.

E o noſſo ſempre venerado Jorge Cardoſo no *Officio dos Santos Portuguezes*, *ad Veſperas*, pag. 8. verſ.

Felix expertum genuit Columbam
terra quæ doctos creat.

Della ſe lembra Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* pag. 96, e D. Theotonio dos Martyres em huma *Vida de S. Theotonio*, a que juntou outras de Santos, e Santas, a pag. 169; a *Corografia Portug.* part. 2. pag. 29; Duarte Nunes de Leaõ na *Deſcrip. de Portug.* cap. 50. pag. 81. verſ. e poem a ſua feſta ao ultimo de Dezembro; e o meſmo ſuccedeo ao Padre Alvaro Lobo no *Martyrologio Portuguez*, equivocando-ſe com outra Santa do meſmo nome, de que naquelle dia faz menção o *Martyrologio Romano*, em a Cidade Sens de França, devendo polla neſte dia, que he, o em que ſe feſteja a noſſa Portugueza.

C A Villa de Linhares fica na Provincia da Beira, Biſpado de Coimbra, como diz o Author da *Corografia Portugueza*, part. 2. pag. 376, ſituada em lugar eminente, e fragoſo, nas faldas da Serra da Eſtrella, cercada de criſtalinas ribeiras, e fermoſas hortas, com que ſe faz apraſivel à viſta, e proveitoſa a ſeus moradores pela abundante copia de frutos, caça, gado, e algum paõ. Naõ falta quem diga, foy fundada pelos Turdulos 580 annos antes da Redempçaõ do Mundo, e que na dominaçaõ da Coroa Gotica tivera Cadeira Epiſcopal, e que arruinada a edificou ElRey D. Affonſo de Leaõ III. pelos annos de 900. O que he certo, he que pelos annos de 1196, a mandou povoar o Magnanimo Rey D. Affonſo Henriques, dando-lhe honrados privilegios. ElRey D. Fernando a deu em dote à Senhora D. Iſabel ſua filha, mulher de D. Affonſo, Conde de Gijon e Noronha, de quem procedem por varonia Illuſtriſſimas Caſas de Portugal, dos Marquezes de Caſcaes, de Angeja, Marialva, os Condes dos Arcos, e Valadares, e outras muy conſpicuas, ainda que naõ tenhaõ a grandeza de ſerem titulos. ElRey D. Manoel fez Conde de Linhares a D. Antonio de Noronha, filho ſegundo de D. Pedro de Menezes, Marquez de Villa-Real, e ſe acabou eſta Caſa na peſſoa de D. Miguel de Noronha,

Noronha, que ficou em Castella com seu pay, que se intitulou Duque de Linhares, como já tinha feito seu pay D. Fernando de Noronha, que foy o ultimo Conde de Linhares; e por naõ ter filhos, herdou a sua Casa D. Joanna de Noronha, tambem sua filha, e casou com D. Agostinho de Lencastre, Duque de Abrantes, de quem nasceo D. Fernando de Lencastre e Noronha, Vice-Rey de Mexico, que se intitulava Duque de Linhares. Tem esta Villa por Armas cinco Estrellas, e meya Lua, tomadas pela mesma occasiaõ, que a Villa de Celorico, de quem dista duas legoas, quando com o favor da sua luz deu lugar à vitoria, que no anno de 1187, alcançaraõ D. Gonçalo, e D. Rodrigo Mendes de Sousa, filhos do Conde D. Mendo, contra os Castelhanos, e Leonezes. Toda a antiga nobreza, que estimaõ os naturaes da Villa de Linhares, recebe mayor esplendor de ser Patria do Santo Varaõ Gregorio Lopes, bautizado na Parochia desta Villa. Nasceo no anno de 1542, a 4 de Julho. Foraõ seus pays Paulo Lopes, natural da Villa de Fornos, na Comarca de Pinhel, e Maria Affonso do Pombal, nome, que se lhe derivou de hum, que tinha em casa, e era natural da mesma Villa, pessoas nobres, e limpas, e da principal gente da terra. Deste matrimonio tiveraõ tres filhos, e huma filha. O primeiro se chamou Lopo Rodrigues, que casou com Brites Pacheca, e tiveraõ successaõ. O segundo foy Alvaro Lopes, que casou com Anna Ozorio, e foy herdeiro da legitima de seu irmaõ Gregorio, e teve descendentes. A filha se chamou Maria Affonso, que foy mulher de Gaspar Cardoso, tudo na mesma terra. O quarto foy o insigne Varaõ Gregorio Lopes; e desta sorte vem a ser o menor de seus irmãos, como elle referio ao Padre Losa, que por huma conjectura o faz natural de Madrid, sem mais fundamento, que a debil presumpçaõ, de que quando esteve no Hospital de Guastepec, succedeo chegar hum homem natural de Madrid, e entre algumas novidades, que contou, foy a de se queimarem naquella Corte humas casas, circunstanciando o bairro, e que o Servo de Deos dissera, que foraõ de seu pay: o sentido em que elle fallou naõ he facil de se averiguar, porque muitas vezes era enigmatico; o certo he, que Gregorio Lopes, nunca revelou donde era natural, nem menos quem foraõ seus pays, como refere o mesmo Padre Losa. Teve hum Clerigo curiosidade, para lhe perguntar, donde era natural, e quem fora seu pay, a quem com rosto grave, e a cor mudada respondeo: *A minha Patria he o Ceo, e meu pay he Deos, que assim no lo ensinou.* Em outra occasiaõ a Fr. Joaõ Ozorio, da Ordem Serafica, perguntando-lhe de que terra era, respondeo com notavel agudeza, e espirito: *Da mesma de Vossa Reverencia.* Aqui se vê o seu modo de fallar; porque alludia a ser da mesma terra, e barro Damasceno. O mesmo Padre Losa, poucos dias antes da sua morte, se affoitou a querer saber os nomes de seus pays, e lhe respondeo na mesma fórma: *Depois que sahi ao campo, que foy a fazer vida solitaria, só tive por pay a Deos; meus irmãos já seraõ mortos, que eu fuy o menor.* Com que da sua boca nunca se soube; e se fora de Madrid, naõ poderia estar escondido tanto tempo, que o naõ viessem a conhecer, pois partia todos os annos para a nova Hespanha tanta gente, e era muy espalhada a fama de seu raro modo de vida no Reyno de Mexico. Sendo Vice-Rey D. Luiz de Velasco, Marquez de Salinas, Presidente do Conselho Real de Indias, o visitava, communicando-lhe os negocios mais arduos do bem do Estado, e o mesmo fazia o Arcebispo de Mexico, e muitos Religiosos graves, e doutos, e todo o genero de pessoas; com que deste trato se vê, que era muy conhecida a sua pessoa, e virtude, e que sendo de Madrid seus pays, e irmãos, naõ viessem a dar facilmente na sua origem, e assim mostramos o pouco fundamento daquella opiniaõ. Que fosse Portuguez, natural da Villa de Linhares, consta de instrumentos authenticos, que nella se fizeraõ, aonde naõ ha muitos annos ainda tinha parentes, em quem se conservava, memorias de algumas fazendas, que tocaraõ à sua legitima. Em esta Villa se criou até os dezaseis annos, em que sahio, movido de soberano impulso, para a Cidade de Valhadolid, entaõ Corte da Monarchia Hespanhola; nella esteve pouco tempo por pagem de hum grande Senhor, e se embarcou para a nova Hespanha, e o Reyno de Mexico, onde residio, como temos visto, com tanto desapego a tudo do Mundo, que as suas alfayas eraõ huma Biblia,

hum

hum compaſſo, e hum globo terreſte, tudo o mais como ſe vivera no Deſerto; porque a mudança dos ſitios naõ faziaõ effeito no habitador, em que nunca houve differença de vida. Neſta fórma ſe conſerva hum retrato ſeu na Caſa da Congregaçaõ de S. Filippe Neri de Liſboa, com huma inſcripçaõ Latina, o qual mandou fazer hum ſeu natural. Naõ aprendeo mais, que a ler, e a eſcrever, e ſobrenaturalmente lhe foy communicado o largo conhecimento, que teve das ſciencias, com admiravel inteligencia da Eſcritura Sagrada, como ſe vê do ſeu *Tratado do Apocalypſe*, que corre impreſſo. De alguns Santos lemos, que Deos foy ſervido communicarlhes eſte eſpecial dom. De Saõ Paulo, que naõ havia eſtudado em alguma Univerſidade, e que depois egregiamente enſinou ſendo o Doutor das Gentes. De Santo Ignacio de Loyola, conſta da ſua Vida, que quando compoz aquelle ſingular livro dos *Exercicios*, ainda naõ tinha eſtudado. De Saõ Lourenço Juſtiniano referem as ſuas lições, no Breviario Romano: *Libros etiam cœleſtem doctrinam, ac pietatem ſpirantes, Grammatica penè rudis, conſcripſit.* De Saõ Diogo, da Ordem de Saõ Franciſco, Leigo de profiſſaõ, diz a Igreja nas lições do ſeu dia: *Adeo ut de rebus cœleſtibus, literarum expers, mirandum in modum, & plane divinitus loqueretur*; e outros que tambem poderamos allegar, com que nos naõ fica difficultoſo de crer, que naõ tendo Gregorio Lopes eſtudado, Deos o illuſtrou liberalmente. Em louvor ſeu referiremos aqui huma Carta, que eſcreveo D. Fr. Domingos de Ulhoa, Biſpo de Mechoacan, na nova Heſpanha, em agradecimento ao Padre Loſa, de lhe mandar a ſua vida; e diz aſſim.

Deſpues que entré en eſta tierra no he tenido mayor contentamiento, que el que recebi con el libro de la Vida del Sancto Gregorio Lopes, que V.M. me embió, el qual precio mas, que ami Obiſpado; porque tiene coſas de grande eſpiritu, y aprovechamiento para el alma: V.M. ſe ocupe en eſcrevir lo que ſabe deſte Sancto Varon; porque de mi ſé dezir, que con aver cincoenta años, que eſtudio, y aver tenido muchos libros, no ſé que me cauſa ſingularmente la lecion deſte, que ſe me pega al alma, V.M. me ayude con ſus oraciones, pues ſabe me lo debe, y le amo, y le eſtimo lo que no ſé encarecer.

Eſta Carta traz Gil Gonçalves, no *Theatro Eccleſ. das Igrejas de Indias*, tom. 2. p. 121.

Quando aſſiſtio no Hoſpital, fez hum livro muito util para os enfermos da *Virtude das Ervas*, outro, *Chronologia Univerſal*, e tambem outro intitulado *Kalendario Hiſtorico*, nenhum deſtes ſabemos, que ſe imprimiſſe. Morreo no anno de 1596, neſte dia, aos 54 annos de ſua idade, e delles 33, paſſados em vida contemplativa, e ſolitaria.

A ſua Vida compoz o Padre Franciſco Loſa, que foy ſeu Companheiro, e na lingoa Portugueza a traduzio, e accreſcentou Pedro Lobo Correa. Delle ſe lembraõ o Licenciado Jorge Cardoſo, no dia 13 de Março, no Commentario, letra E; Fr. Affonſo Ramon Mercenario; e Luiz Munhos; o Padre Franciſco da Cruz, nas Memorias m. ſ. para a *Bibliotheca Luſitana*; na *Hiſpanica* D. Nicolao Antonio *in verbo Gregorio Lopes*; Monſieur Moreri no *Dictionario Hiſtorico*, *in verbo Lopes Gregoire*; Monſieur Arnaud d' Andilli; Fr. Franciſco Montalvo; o Padre Luiz de Alcazar *in Apocalypſi*, not. 26. ſect. 1. §. 45. pag. 66; Argaiz no Prologo à ſua Vida; o Padre Joaõ Ribeiro na *Vida de Maria da Encarnaçaõ* m. ſ. Gil Gonçalvez de Avila *Theatro de las Grandezas de Madrid*, pag. 27, e no *Theatro das Igrejas de Indias*, Tomo I. no fim, e no II. em diverſas partes; Navarrete *Monarchia da China*, trat. 6. das viagens, cap. 2. pag. 296.

D A Villa de Monte môr o novo, na Provincia de Alentejo, foy Patria do Padre Jorge de Contreiras; ſeus pays foraõ o Doutor Diogo de Contreiras, e Margarida Coelho. Entrou na Companhia em Evora, no anno 1580, tendo 18 annos de idade. Foy bom Letrado, e de huma candida natureza, e grande eſtimaçaõ daquelles, que via inclinados à virtude. Morreo no anno de 1600, neſte dia, com univerſal ſentimento. A mayor parte da ſua Communidade lhe beijou os pés, e as mãos, em veneraçaõ à ſua virtuoſa vida. Franco na *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 23.

E O Padre Aleixo Alvares foy natural da Cidade de Bragança, huma das da Provincia de Traz os montes; ſeus pays ſe chamaraõ Gonçalo Rodrigues, e

Cicilia

Cicilia Lopes. Admiravel foy o modo, com que Deos o chamou à Companhia, mas tambem ſingular o modo, com que elle ſeguio a inſpiraçaõ, que he o caminho, com que ſe ſeguraõ as reſoluções, na perſeverança, até o fim da vida. Foy a doença contagioſa, e como tal ſe pegou a outros Religioſos de iguaes coſtumes, como veremos nos dias 24, e 27 deſte mez. Naõ logrou a Roupeta mais que hum anno e ſete dias, em que aproveitando tanto, como temos viſto, morreo no anno de 1585, como diz Franco na *Imagem da Virtude do Collegio de Evora*, liv. 2. cap. 24.

F Ruy Mendes de Vaſconcellos, e D. Jeronyma de Moura, foraõ pays de Sor Iſabel do Preſepio, a quem ella pedio, ao tempo, que eſtava deſpachado por Deſembargador para o Porto, a meteſſe Religioſa, antes da ſua partida em hum Moſteiro de Religioſas da Obſervancia: pertendeo entrar na Madre de Deos, onde tinha outra irmãa, e naõ teve effeito, depois de ter Breve de diſpenſa, conforme o Inſtituto daquelle Moſteiro; porém Deos a tinha deſtinado para ſervir no Religioſo Moſteiro do Sacramento, da Familia de Saõ Domingos, onde com virtuoſa vida, acabou neſte dia, no anno de 1688, como diz huma Relaçaõ m.ſ. que temos deſte Moſteiro.

G Naõ temos mais noticias de Sor Mecia, do que as referidas no Texto, taõ ſuccintas, que nem do appellido achamos memoria, mas ſim que era de nobre geraçaõ, e que havia ſido Prioreſſa deſte Moſteiro, onde a nomeaõ por ſegunda deſte nome, e viveo pelos annos de 1498. O *Anno Dominico*, neſte dia, e a *Hiſtoria de Saõ Domingos* de Souſa, part. 2. liv. 6. cap. 15. pag. 255.

H Fundou o Moſteiro de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ da Villa de Moura, D. Angela de Moura, filha de Joaõ Alvares de Moura, Alcaide mór das Sacas, entre Tejo, e Guadiana, e Algarves, da antiga Familia de Moura, e de ſua mulher D. Aldonça Correa. Os *Nobiliarios deſte Reyno*, fazem duas vezes caſada a D. Angela; a primeira com Joaõ Gramacho; a ſegunda com Henrique de Mello, filho de Ruy de Mello, Meſtre Salla delRey D. Joaõ o III. e que por morte deſte marido fundara o Moſteiro de Moura. Porém o Padre Fr. Luiz de Souſa, quando na Hiſtoria da ſua Provincia chega a eſta Fundaçaõ, diz, que D. Angela, vendo que ſeu pay determinava darlhe ſegundo marido, fizera voto a Noſſa Senhora, ſe a aliviaſſe de tomar eſtado de caſada, de lhe edificar hum Moſteiro, e de a ſervir nelle toda a vida, e que a eſte fim fazia largas eſmolas, como rica Senhora, e de grande dote. Tanto que foy viuva ſe recolheo ao Moſteiro do Paraiſo de Evora, onde ſe tinha criado, e eſtavaõ ſuas irmãas, e começou a ſeguir os exercicios da Religiaõ, como ſe fora profeſſa. Deſejava muito ſervir a Deos no eſtado Monaſtico, mas naõ queria deſgoſtar ao pay, de quem era muito amada, e aſſim ſe celebraraõ contratos para ſegundas vodas, e depois de celebradas, naõ teve effeito o deſpoſorio. Eſta circunſtanciada narraçaõ moſtra, que he erro nos Genealogicos, darlhe ſegundo marido. Deſembaraçada D. Angela, fundou o Moſteiro de Moura, para o que impetrou licença da Sé Apoſtolica, com as clauſulas de ſer na Villa de Moura, onde naſcera, e da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo, com o titulo da Aſſumpçaõ. A eſta ſupplica juntou outra, para ſuas irmãas mudarem do Inſtituto Dominico, para o Carmelitano. Tudo lhe foy concedido, porém naõ pode conſeguir com as irmãas, que largaſſem a Regra, que profeſſaraõ. Naõ podia eſtar ſem ellas, e deu em hum arbitrio, para as obrigar, e foy, que conſervando o Habito de Saõ Domingos, viveſſem com os eſtylos das Freiras Carmelitanas. Naõ aceitaraõ as irmãas eſte meyo, affirmando, que para o Moſteiro, que naõ foſſe da ſua Ordem naõ ſahiriaõ nunca, do que ſe chamava do Paraiſo. Procurou terceiro Breve com diſpenſaçaõ do voto na parte da qualidade do Habito, para que foſſe da Religiaõ de Saõ Domingos. Como era a peſſoa de qualidade, e a petiçaõ pia, ſe lhe differio como deſejava. Nas caſas em que naſceo ſe lançou a primeira pedra a 7 de Outubro de 1562, e já nos principios de Outubro de 1566, ſe começou a habitar, com cinco Religioſas, que trouxe do Paraiſo de Evora; e foraõ ſuas tres irmãas Sor Jeronyma de Saõ Joaõ, de quem tratamos no Texto, e acabou a vida no anno de 1583; Sor Antonia de Nazareth; e Sor Branca de Saõ Franciſco, de quem nos lembraremos a 20 de Agoſto, e da outra a 8 de Setembro, e para primeira Prioreſſa a ſua tia a Madre Ma-

ria de Jeſu, acompanhada de outra Religioſa de grande obſervancia, chamada Sor Maria da Aſſumpçaõ. He eſte Moſteiro da obediencia do Ordinario de Evora. De Sor Jeronyma faz mençaõ a III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 6. cap. 4. pag. 472; o *Agiologio Dominico*, neſte dia; Soveges no *Anno Dominico*, a 22 deſte mez.

JULHO XXI.

Trasladaçaõ de Franciſco da Eſperança, e 6 Compan. MM.

AM Saõ Franciſco da Cidade de Lisboa, ſe trasladaraõ as veneraveis Reliquias daquelles ſete Martyres, de que fizemos mençaõ a quatro deſte mez, Franciſcõ da Eſperança, e ſeus Companheiros, que em Marrocos com o ſeu ſangue cortaraõ glorioſas palmas, com que ſubiraõ a triunfar na Bemaventurança. Depois de eſtarem muitos annos as ſuas Reliquias eſquecidas na Sacriſtia deſte Convento, foraõ collocadas na Capella de Saõ Joaõ Capiſtrano; mas quando ſe deſcobriraõ, ſe acharaõ taõ alvas, e cheiroſas, e ſendo envoltas em hum pano de linho, e depois em outro de ſeda, e metidas em hum caixaõ novo, muy decente, ſe puzeraõ em hum Nicho da dita Capella.

O P. Gonçalo Alvares da Compan.

B Neſte dia acabou em morte deſgraçada, aos olhos do Mundo (por ſer em hum naufragio) o Padre Gonçalo Alvares da Companhia; mas para elle muy ditoſa, por ſer principio da Eterna Bemaventuraça, que lhe aſſegurou a ſua obſervante vida. Delle ſe conta, que ſendo eſtudante em Coimbra, e que tocando o final para a recreaçaõ dos eſtudantes, ao que primeiro precede exame de conſciencia, naõ ouvindo o final, ficou de joelhos orando por eſpaço de oito horas, e no meſmo lugar o acharaõ os companheiros, ao tempo que tocou o ſino à cea. Foy excellente Meſtre dos Noviços, e depois eſcolhido entre tantos Varoens claros do primeiro ſeculo da Companhia por Saõ Franciſco de Borja, para primeiro Viſitador do Oriente, o que aceitou com ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito, ſem reparo no trabalho, nem horror na dilatada jornada. Aquella Provincia governou com zelo, e prudencia, ordenando algumas couſas taõ uteis ao bom governo, que depois ſe decretaraõ nas Congregações geraes. Era bom Letrado, e taõ attado à obediencia, que ſendo o frio do clima do Japaõ contrario ao ſeu temperamento, e à debilidade da ſua natureza,

por

por padecer ſobre eſta debil conſtituiçaõ, havia muitos mezes, huma dor na ilharga, taõ vehemente, que apenas ſe podia ſuſter em pé, para dizer Miſſa; nada diſto foy baſtante para replicar ao Geral, que lhe ordenava paſſaſſe a viſitar aquelle Imperio, e dizia, que hia muy alentado com a força da obediencia, e preparado para tudo, o que Deos foſſe ſervido diſpor delle. Tendo viſitado o Collegio de Malaca, e a Reſidencia de Macao, em que inſtituîo huma eſcola de ler, e eſcrever, embarcou para o Japaõ com ſeu Companheiro, e outros Religioſos, em dia que eſtava o Ceo claro, e ſereno. Naõ ſe tinha perdido de viſta o porto, quando de improviſo ſe levantou hum vento rijo, e furioſo, que deſarmou em cruel tempeſtade, e em duas horas ſepultou entre as ondas o navio, em que naufragou toda a gente. O Padre foy achado na praya morto, como orando, poſto de joelhos, com as mãos levantadas ao Ceo, onde he de crer eſtá a ſua bemdita alma.

O P. Fr. Joaõ da Coſta Dominico.

C Em a Ilha do Ende, deu fim aos trabalhos da ſua laboriosa Miſſaõ, o Padre Fr. Joaõ da Coſta, Religioſo Dominico, que movido da grande neceſſidade, que tinhaõ de Companheiros os Miſſionarios das Ilhas de Solor, ſe offereceo generoſamente, para trabalhar na cultura eſpiritual daquellas tenras plantas da Chriſtandade, confortando aos recem naſcidos pelo bautiſmo, para a conſervaçaõ da Fé, em cujo obſequio eſtava reſoluto a dar a vida. Embarcou-ſe com alguns Companheiros, e tomaraõ porto em Macaçar, e parecendo-lhe neceſſaria huma Igreja neſta povoaçaõ para os Religioſos, que paſſavaõ para Solor, alcançando licença a erigio, naõ ſem contradiçaõ do commum inimigo. Chegou a Solor, onde logrou copioſos frutos a ſua doutrina, e depois de inſtruîr a huns, e catequizar a outros, paſſou a prégar a diverſos lugares, para fazer novas Conquiſtas ao Ceo; e levando para eſta empreza dous Companheiros, começaraõ a correr varias povoações da Ilha, do Ende, em que padeceo imenſos trabalhos. Augmentava-ſe o numero dos Cathacumenos todos os dias, com ancia de receber o ſagrado Bautiſmo, e para o fazer com ſolemnidade, determinou levantar huma Igreja, em que trabalharaõ os naturaes com tanta diligencia, que enchiaõ de goſto ao Padre, e em breve ſe concluîo, e celebrou nella Miſſa com muitas lagrimas de devoçaõ, rendendo graças a Deos de o fazer inſ-

trumento de ajuntar ao ſeu rebanho aquellas ovelhas perdidas. Com grande alegria as bautizou, vendo-as renaſcidas na Graça, as que eraõ ha pouco vís eſcravas da culpa. Naõ dura ſempre o bem; porque o inimigo das almas, naõ ſe deſcuidando da ſua malicia, de tal ſorte incitou a alguns naturaes da terra, que por zelador da honra de Deos, deraõ huns Gentios veneno ao Padre, de que cahindo enfermo, depois de receber com ſumma devoçaõ os Sacramentos, deu com ſanta morte fim a huma glorioſa vida.

A M. Brites de Chriſto Dom.

D Item na Villa de Abrantes, a Madre Brites de Chriſto, da meſma Familia Dominica, que deixou da ſua morte huma ſanta enveja às ſuas Companheiras, e huma ſingular idéa para vida Religioſa, em que ſoube ſer obſervante. Na hora da morte, já depois de ungida, entrando em a ultima agonia, mas conſervando ſempre illezo o juizo, ſe lhe percebeo dizer entre ſi: *Iſſo foy com licença.* A eſtas palavras, ſe encheraõ de pavor as Religioſas, por entenderem ſe diſputava taõ eſtreitamente a conta da vida. Paſſado algum tempo, voltando para as Religioſas, com roſto alegre, diſſe: *Vem a Virgem,* e forcejaõdo o eſpirito com a natureza, já rendida pelo mal, ſe quiz pôr de joelhos, e cuberto o roſto de lagrimas, diſſe: *Senhora, onde eſtaveis? que me queriaõ tragar;* e neſtas palavras dormio em o Senhor.

Sor Brites de S. Franciſco Dom.

E Na Cidade de Evora, a Madre Sor Brites de Saõ Franciſco, tambem Dominica, grande imitadora daquelle Seraſim humano, que lhe deu o appellido, taõ humilde, e devota, como moſtrou o preſente caſo, em que vendo vomitar a huma enferma as eſpecies Sacramentaes, ſe offereceo para as receber, o que executou, ſem que moſtraſſe repugnancia na natureza, nem ainda genero algum de delicadeza do ſexo. Finalmente, pagando tributo à morte, foy lograr o premio de huma vida humilde, pobre, e penitente.

Fr. Chriſoſtomo de Santiago Dom.

F Na India Oriental, no Reyno de Amauy, trocou ditoſamente os prolongados trabalhos das ſuas laborioſas Miſſoens, pelas delicias da Gloria, Fr. Chriſoſtomo de Santiãgo, diligente operario do Evangelho, que com grande zelo fundou neſte Reyno Igreja, ſendo piedoſo Pay daquelles póvos. Trinta e cinco annos trabalhou nas Miſſoens de Timor; e paſſando depois a eſta de Amauy, onde os Hereges Holandezes, o per-

o perſeguiraõ, e fingindo cartas em certa ocurrencia de negocios de importancia, que tinha, que lhe communicar, pertencentes ao Eſtado, elle com ſinceridade de pomba, entrou nas redes dos deteſtaveis caçadores, os quaes ſem lembrança do direito das gentes o fizeraõ prizioneiro, donde Deos milagroſamente o livrou, e voltando para a ſua Miſſaõ acabou ſantamente.

Paula do Roſario.

G Em o Moſteiro de Santa Monica de Goa, eſpera a reſurrreiçaõ univerſal, Paula do Roſario, ſervente daquella Religioſa Communidade, em cujo exemplo recebeo a criaçaõ, e o amor à virtude, ſendo muy cuidadoſa nas obrigações do ſeu eſtado, e muito mais nas da ſua devoçaõ, que ſeguia edificando as Religioſas, pelo que mereceo receber do Senhor muitos favores. Era dotada de boas partes; porque para tudo tinha preſtimo, e habilidade; e como era bem inclinada, todo o ſeu cuidado punha em amar a Deos. Aprendeo Muſica, e tangia viola de arco, taõ deſtramente, que ſervia no Coro com grande ſatisfaçaõ das Religioſas, mas nem por iſſo ſe eximia das obrigações do ſeu eſtado, ſervindo com notavel agrado. Poucos mezes antes da ſua morte, eſtava no Coro, às quatro horas da manhãa na Oraçaõ mental, como tinha de coſtume, quando em huma prodigioſa viſaõ vio muitas Religioſas, e entre ellas, a meſma, que a havia criado, e levado para o Convento, que já era falecida, e com geſto taõ agradavel, que parecia eſtava na Gloria. Naõ paſſaraõ muitos dias, quando Paula do Roſario adoeceo de huma grave enfermidade, e pedindo os Sacramentos, ſe confeſſou geralmente, deixando ao Confeſſor edificado da pureza da ſua conſciencia, e recebido o Santiſſimo Viatico com muita devoçaõ, durou ainda a doença ſete mezes, em que ſe vio a ſua conformidade. Commungava duas vezes na ſemana, e reſignada toda na Divina vontade, com hum ardente deſejo de acabar ſeus dias, em huma ſeſta feira, o veyo a conſeguir, depois de ſe ter exercitado em repetidos actos de amor de Deos, com o dulciſſimo Nome de Jesu na boca, acabou em paz.

Com-

Commentario ao XXI. de Julho.

A SEndo Guardiaõ do Convento de Saõ Franciſco, a que chamaõ da Cidade, Fr. Chriſtovaõ das Chagas, e Sacriſtaõ Fr. Franciſco de Jeſu, ſe deveo ao ſeu cuidado a Trasladaçaõ, de que fallamos no Texto, a qual ſe executou no anno de 1641, neſte dia, como refere a *Chron. da Prov. de Port.* de Eſperança, part. 1. liv. 2. cap. 7. pag. 203.

B No anno de 1572, no naufragio referido, acabou o Padre Gonçalo Alvares, com ſeu Companheiro o Padre Manoel Lopes de Bulhões, e os Padres Joaõ Velho, e Diogo Fernandes, todos da Companhia; e de toda a gente do navio, ſó eſcapou hum Mouro, déſtro em nadar, que alcançando hum navio, que navegava para Malaca o recebeo, e deu conta deſta laſtimoſa perda. Era eſte Padre natural de Villa-Vicoſa, e tinha 23 annos de Roupeta, gaſtos em ſerviço de Deos, e da Companhia, em que teve varias occupações. Nadaſi neſte dia; Souſa no *Oriente Conquiſtado*, part. 2. Conq. 4. n. 71; e Franco *Annus Glorioſus Societatis.*

C O Padre Fr. Joaõ da Coſta era natural da Cidade da Guarda, irmaõ de Antonio Saraiva de Carvalho, Eſcrivaõ dos Aggravos. Tomou o Habito na Provincia de Caſtella, eſtudou no Collegio de Valhadolid, e neſta Provincia leu Filoſofia, e no Collegio de Santo Thomás de Goa Theologia, e de ſeus eſtudos tirou copioſo fruto na Ilha do Ende, arrimada no Archipelago de Samatra, que alguns querem que ſeja antiga Trapobana. He eſta Ilha pequena, e taõ eſtreita, que naõ tem mais, que duas legoas de ambito, e taõ eſteril, que nem produz aquelles frutos, que ſe achaõ nas Ilhas viſinhas: até de agua padece falta; porque todas as que tem, ſaõ ſalobras, ſó he abundante de Palmeiras bravas, que lhe tem utilidade. Tudo o de que vivem vaõ buſcar à Ilha, chamada *Grande*, a que eſtá encoſtada com grande viſinhança, defronte da povoaçaõ de Mari. O genio da gente he diligente, e mais polido, e de melhor entendimento, que todo o commum das outras Ilhas. Morreo o Padre Fr. Joaõ da Coſta, pelos annos de 1652; ſeu corpo acharaõ incorrupto, com os Habitos, ſem lezaõ alguma, e querendo-o trasladar para Larantuca, o naõ permittiraõ os moradores de Siduay, e aſſim o tornaraõ à ſua antiga ſepultura. Succedeo-lhe neſta Miſſaõ Fr. Manoel da Encarnaçaõ, natural de Lisboa, e filho da Congregaçaõ da India, que com igual zelo proſeguio na converſaõ dos Gentios. Da Relaçaõ de Fr. Antonio da Encarnaçaõ tiramos o referido. Delle ſe lembra Soveges no *Anno Dominico*, e Lima no *Agiologio Dominico*; ambos neſte dia.

D Pelos annos de 1560, deu fim à ſua vida no Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça da Villa de Abrantes, Sor Brites, de quem faz menção Souſa, na III. parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 3. cap. 8. pag. 253; e Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia.

E Em o anno de 1584, morreo no Moſteiro de Santa Catharina de Sena na Cidade de Evora, Sor Brites, de quem Souſa na III. Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*, liv. 3. cap. 25, faz menção. A eſte propoſito ſe lembra de outro caſo ſemelhante, que ſuccedeo a D. Manoel de Caſtellobranco, Conde de Villa-Nova, do Conſelho de Eſtado, quando ſe deu o Santiſſimo Viatico a hum criado ſeu, que lançándo fóra as Sagradas Eſpecies (affligido o Conde) pedio ao Cura as recebeſſe; e como eſte o recuzaſſe, ſe confeſſou, e as recebeo com muita veneraçaõ. Era eſte Conde, ſobre muito bom, e devoto, muito bem entendido em toda a materia. El-Rey Filippe II. no tempo, que aſſiſtio em Madrid, no Conſelho de Eſtado, lhe deu o titulo de Conde de juro, fóra da Ley mental, e merece-nos a ſua Chriſtandade eſta breve memoria, que tambem refere Affonſo de Torres no ſeu *Nobiliario*; o *Agiologio Dominico*, neſte dia.

F Pelos annos de 1652, deu fim à ſua vida Fr. Chriſoſtomo de Santiago, natural de Aveiro, Villa da Provincia da Beira, filho do Convento, que a Religiaõ Dominicana tem neſta Villa. Depois da ſua morte eſquecido ElRey de Amauy, de que tinha recebido a Religiaõ Catholica Romana, ſe deixou vencer das perſuações dos Holandezes, com eſperança de grandes fortunas, e fazendo com elles liga, ſe obrigaraõ a lançar fóra dos ſeus dominios aos Portuguezes. Perfido o Rey poz em campo

campo hum numeroſo exercito, compoſto de vinte mil homens, com que pertendeo ſem perda ſua conſeguir o intento, bloqueando a Ilha. Porém depois de hum apertado ſitio, já em extrema neceſſidade, reſolutos, e confiados em Deos os noſſos, acommetteraõ aos inimigos com tanta felicidade, que os dorrotaraõ, naõ ſendo mais, que quinhentos o corpo da noſſa parte; e depois de huma grande mortandade, ſe retirou ElRey de Amauy, com injuria dos póvos viſinhos, que zombavaõ da ſua retirada; e aſſim era recebido por onde paſſava com deſprezo, e ludibrio. A Relaçaõ, que ſeguimos, atribue eſte milagroſo ſucceſſo ao Patriarca S. Domingos; e he de crer, que elle defendeſſe a doutrina do Evangelho, que aquelles Chriſtãos tinhaõ recebido de ſeus filhos, que com tanto trabalho tinhaõ conſervado aquellas Miſſoens, edificando Igrejas ao culto Divino, conforme o Rito, e determinaçaõ da Sé Apoſtolica, por tantos Concilios, e authoridades dos Padres da Igreja, o que agora a cobiça dos Holandezes, com erros da Hereſia, pertendiaõ introduzirlhe os ſeus falſos dogmas, de que muito nos devemos laſtimar, por ſe ter introduzido na Aſia com o ſeu dominio, o prevaricarem muitos da Religiaõ Catholica Romana. De Fr. Chriſoſtomo, faz menção huma Relaçaõ, que eſcreveo o Padre Fr. Antonio da Encarnaçaõ, cap. 2. pag. 11, e cap. 30. pag. 443 e Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia.

G Era Paula do Roſario, filha de pays Indios, e tinha ſido criada em a caſa de Sor Mecia de Jeſus, de quem era eſcrava, a qual vindo para a Religiaõ a trouxe comſigo, naõ vencendo niſſo poucas difficuldades, tendo-ſe por milagroſa a ſua entrada: porém como Deos a deſtinara para ſua Serva, havia de fazer faceis os aſperos caminhos, e ella ſoube agradecerlhe a ſua Miſericordia, fazendo huma vida inculpavel, naõ faltando nunca às obrigações, que lhe craõ deſtinadas. He coſtume deſte Moſteiro, de as criadas ſe levantarem às quatro horas da manhãa, e irem ao Coro de baixo, onde tem huma hora de Oraçaõ mental, a que precede liçaõ de livro eſpiritual, e depois Miſſa, e acabada, ſe vaõ todas cada huma aos ſeus empregos. Neſte Santo modo de vida continuou Paula do Roſario, e com elle ſe adiantou na virtude, dando ſempre às companheiras exemplo, até que faleceo neſte dia, do anno de 1617, como eſcreve o Reverendiſſimo Padre Fr. Agoſtinho de Santa Maria, na *Hiſtoria da Fundaçaõ de Santa Monica de Goa*, liv. 4. cap. 30. pag. 782.

JULHO XXII.

Fr. Antonio da Cõceiçaõ Trino.

A Cidade de Lisboa, deu fim a huma vida innocente, com ditoſa morte, no Convento da Santiſſima Trindade o Veneravel Padre Fr. Antonio da Conceiçaõ. Deu-lhe o Ceo huma armonioſa voz, e eſta lhe facilitou o ſer aceito na Capella Real, por moço da Eſtante. Recreava a todos com a melodía do ſeu canto, e admiravaõ nelle huma ſingular compoſtura, e gravidade, vendo-ſe na ſua peſſoa grande inclinaçaõ à virtude. Contava quatorze annos, quando já lhe podera o florido da idade dar diverſos penſamentos; mas tratou de buſcar ſeguro porto, contra as eſperanças do Mundo, na Religiaõ da Santiſſima Trindade, em que foy hum exemplar vivo da modeſtia; de ſorte, que o propunha o Meſtre por idéa da perfeiçaõ aos mais Companheiros.

ros. Ordenado Sacerdote, vivia taõ recolhido na cella, como ſe eſtivera no Ermo, pois naõ ſe encontrava com os mais Religioſos, ſenaõ nos actos preciſos da Communidade. Seguio as Aulas, mais por obediencia, do que por vontade, deſejando mais avançarſe no eſpirito, do que nas Sciencias. Acabados os eſtudos, buſcou a ſolidaõ em o Convento de Cintra, lugar apto para a contemplaçaõ, aonde recolhido em huma Ermida, paſſou muitos annos, ſem mais alimento, que fruta ſecca, e nos dias de feſtas humas ervas, que elle coſinhava, ſem outro trato mais, que o do ſeu Confeſſor. Neſta vida perſeverou, até que obrigado da obediencia, veyo para Lisboa, a enſinar os Noviços, e melhorar os peccadores com o ſeu exemplo, e doutrina. Foy preciſo à Religiaõ mandallo para o Algarve à inſtancia do Governador daquelle Reyno. Como ſe deſejava livre do trato das gentes, eſtimou a occaſiaõ para livremente poder darſe à contemplaçaõ. Aqui o fizeraõ Miniſtro. Em ſeu tempo augmentou as rendas do Convento, aperfeiço-ou o edificio, e acodio a tudo, o que era preciſo; porque a Divina Providencia lhe acodio abundantemente. Acabado eſte governo foy promovido a Definidor, occupaçaõ, que exercitou muitas vezes, como tambem Viſitador Geral, lugares, que occupou com prudencia, e Religiaõ, caſtigando com amor, e reprehendendo ſem paixaõ. No tempo que aſſiſtio em Lisboa, deu a muitas peſſoas maravilhoſas inſtrucções, com que agradaraõ ao Ceo. Todo o ſeu deſejo era a ſolidaõ, e aſſim ſuſpirava recolherſe a algum lugar diſtante da Corte. Alcançou licença, e acompanhado de alguns diſcipulos ſeus, foraõ viver no Moſteiro da Louſa, na Provincia de Traz os montes, e em vida ſolitaria, e penitente, affligindo ſeus corpos com aſperas penitencias, fizeraõ muitas obras dignas do conſpecto Divino. Deſta Angelica vida o tornou a tirar a Obediencia para o Convento de Lisboa, para que o ſeu exemplo, e virtude reſplandeceſſe nos olhos da Corte. Admirava-ſe nelle hum animo conſtante, recebendo igualmente o goſto, e os pezares, com huma taõ candida ſingeleza, que retratava nella o puro da ſua alma; e ſendo muy mortificado, recatava de ſorte as ſuas penitencias, que naõ dava a conhecer o que padecia. A ſua cella era pobre, e ſem ornato. Tudo quanto grangeava diſpendia por Donzellas pobres, e outros

tros necessitados, ou o dava para o culto da Igreja. Na oraçaõ era taõ continuo, que foy chamado o Contemplativo, e taõ entregue à presença de Deos, que desde a idade de 25 annos, que disse Missa, continuamente trouxe diante de si a Christo com a Cruz às costas. Este socego de espirito pertendia perturbar o demonio com ruina da sua alma, perseguindo-o tenazmente. Foraõ muitas vezes sentidos os combates, com admiraçaõ da sua virtude. Foy muy assistente no Confissionario: nelle encaminhou muitas almas à perfeiçaõ, e a outras tirando da torpe vida, livrou do Inferno. Foraõ muitos os filhos, e filhas do seu espirito, que fizeraõ glorioſos progressos na virtude. Em muitos casos se lhe conheceo espirito profético, que verificaraõ depois os successos. Estas, e outras virtudes coroou com invicta paciencia, sofrendo injurias de hypocrita, e invencioneiro, tratando a sua abstinencia de golosina; o zelo da Religiaõ de animo inquieto; quando era Prelado, se usava de brandura, de froxo; e se emendava os erros com castigo, de cruel. Finalmente, adoeceo mortalmente, tendo pronosticado havia quinze dias a sua morte ao Confessor, e recebendo os Sacramentos com singular devoçaõ, pedio a todos com grande humildade, lhe perdoassem os seus erros; e com hum Crucifixo nas mãos, era tal a ternura das suas jaculatorias, que compungiria ao coraçaõ mais duro, e com estas palavras: *In manus tuas Domine commendo spiritum meum*, ficou em hum extasi, com os olhos fixos no Ceo, dando nelle a sua alma a Deos, às tres horas depois da meya noite; e no mesmo tempo, em que se costumava levantar para a oraçaõ, se foy a lograr da visaõ beatifica.

Fr. Lourenço de Brindize, Capucho.

B Na mesma Cidade de Lisboa, a morte do Veneravel Padre Fr. Lourenço de Brindize, Varaõ verdadeiramente Apostolico, em quem se uniraõ todas as virtudes, que venera a nossa Fé, sendo singular idéa da vida Religiosa na observancia, e zelo da salvaçaõ das almas, eminente Letrado, versado nas lingoas, sabendo com erudiçaõ das Orientaes, a Hebraica, Caldaica, Syriaca, e Grega; e das da Europa a Latina, Alemãa, Hespanhola, e a Italiana, que era a materna. No Pulpito conseguio grande fama; porque naõ havia em Italia, e Alemanha, Cidade, que com emulaçaõ se lhe naõ offerecesse. O Papa Clemente VIII. o chamou a Roma, onde por

eſpaço de tres annos prégou aos Hebreos na ſua propria lingoa. Os Emperadores de Alemanha Rodolfo II. e Matthias, alcançaraõ do ſeu Geral licença, para que foſſe occupar os Pulpitos de Viena, e Praga, e de outras muitas Cidades do ſeu Imperio. Era grande o fruto dos ſeus Sermões; porque às ſuas vozes ſe reduziaõ Judeos, e Hereges, deteſtando os erros da ſua obſtinaçaõ, e ſeguindo a ſagrada luz da doutrina Evangelica. O meſmo ſuccedia a muitos peccadores inveterados nos vicios, que convertidos recorriaõ à ſua peſſoa, para remediar o depravado da ſua eſcandaloſa vida. Era para admirar ver aquelle Varaõ penitente Apoſtolicamente peregrinar, ſem que houveſſe nelle outro algum intereſſe, do que o proveito do proximo. Eſte deſapego do Mundo, compoſto de modeſtia, foy cauſa de confeſſarem muitos Judeos, que eſtimavaõ mais o ſeu exemplo, do que a ſua doutrina: tanto obrigava mais com a perfeiçaõ daquella virtuoſa vida, do que com os fortes argumentos, com que os convencia. Em Bohemia, e Ungria, onde com diverſos erros tem o demonio cultivado huma grande ſeára, convenceo a muitos em diſputas, e outros ſó de o ouvirem, ſe rendiaõ ao ſuave imperio da razaõ. Naõ havia perigo, a que ſe naõ expozeſſe, por conſeguir a reduçaõ das almas ao gremio da Igreja, ſem que o odio dos Hereges lhe fizeſſem afrouxar o ardor do ſeu eſpirito; porque deſejava muito dar a vida em defenſa da verdade, que prégava.

Era Fr. Lourenço o meyo mais proporcionado, para ſe conſeguirem grandes emprezas. Pertendia o Emperador Rodolfo ajuſtar huma liga contra os Turcos: a eſte fim o mandou a diverſos Principes de Alemanha, e acabou o ſeu zelo, o que tanto demorava a politica; porque com brevidade conſeguio eſta uniaõ, e ſe poz o Exercito Catholico em campo, em que ſe achou o Servo de Deos, ſendo as ſuas orações luzido ſoccorro, com que ſe alcançava a vitoria; e derrotado o Exercito dos Turcos, ficou ſem ſuſto o Reyno de Ungria. Em tudo ſe conhecia o amor Divino, que abrazava aquelle Seraфico coraçaõ; porque ſendo Miniſtro Geral da Ordem, ſó deſejava preceder a todos na humildade. Fugia aos applauſos, que a liſonja perſuade facilmente, a quem governa. Viſitava a pé as dilatadas Provincias da ſua obediencia, ſem que ſe apartaſſe dos Conventos da Ordem, fugindo às hoſpedagens dos Senho-

Senhores, que o procuravaõ. Eſtas jornadas, e as muitas das Miſſoens, por chuvas, neves, calmas, e frios, lhe agenciaraõ hum continuado achaque de gotta, que o tolheraõ de ſorte, que ſem duas moletas, ſe naõ podia mover; mas com admiraçaõ de todos ſe via agil, em chegando a reveſtirſe para dizer Miſſa, perſeverando no Altar nunca menos de quatro horas, ou de ſeis, e algumas vezes oito, e doze, em que abſorto nas dilicias da Gloria, o viaõ levantado do chaõ, naõ pequena diſtancia. Eraõ os ſeus olhos neſte incruento Sacrificio, victimas, que em copioſas lagrimas derramavaõ o ſangue mais puro do ſeu amante coraçaõ, que muitas vezes lhe duravaõ ſeis, e ſete horas, em principiando o Canon, até que ſuſpendia eſta amoroſa affluencia, em que offerecia lagrimas em lugar de rogos, continuava o Sacrificio a ſua tenra devoçaõ. Da ſua cabeça ſe via ſahir ſumo, como podera de huma chaminé, teſtemunhando o fogo, que ardia no coraçaõ, ſem que tanta agua o ſuſpendeſſe. Acabada a Miſſa, apartado do Altar, tornavaõ as dores a deixallo baldado, e impedido. As ſuas virtuoſas obras, quiz Deos foſſem patentes aos olhos do Mundo, acreditando-o em vida com muitos milagres. Por ſua interceſſaõ tiveraõ ſaude enfermos de envelhecidas, e dilatadas doenças; outros de perigoſas, e agudas enfermidades loucos, ſe reſtituiraõ ao ſeu juizo, vendo-ſe em a ſua peſſoa os effeitos, com que obra a piedoſa maõ do Altiſſimo, de quem foy a receber o premio eterno, depois de ſer confortado com o Santiſſimo Viatico, e ter recebido a Santa-Unçaõ, e exhortado os ſeus Companheiros, levantando as mãos ao Ceo, outras vezes cruzando-as ſobre o peito, e com outros ſinaes evidentes de predeſtinaçaõ, dormio em o Senhor.

Franciſco Fernandes de Abreu Terceir. de S. Franciſco.

C Em a Cidade do Porto, a Depoſiçaõ do venturoſo Franciſco Fernandes de Abreu, homem de vida muy reformada, em quem foraõ as acções, e procedimentos, mais de Religioſo, que de Mercador, que tratava. Deſde os primeiros annos foy bem inclinado: depois de caſado, com as obrigações do eſtado conjugal, em que viveo vinte annos, creſceraõ os deſejos da perfeiçaõ, dando-ſe de todo à vida eſpiritual, naõ ſe eſquecendo, como prudente pay de familias, de criar ſeus filhos, conforme enſina a Fé. Era a ſua caſa a habitaçaõ da paz, conſervada em verdadeiro, e ſanto amor de Deos. Fre-

quentava muito a oraçaõ, em que tanto ſe elevava, que eſquecido do trato da logea, em que commerciava na terra, voltava todo para o Ceo, em que tinha infaliveis avanços. Trazia taõ ferido o coraçaõ, que qualquer palavra do amor de Deos lhe banhava os olhos em lagrimas, deſejando de todo unirſe com eſte Senhor, e eſta conſideraçaõ o trazia em huma continuada ſaudade. Tinha hum quadro, em que eſtava pintado hum coraçaõ paſſado com huma ſetta, e apenas lhe punha os olhos, quando enternecido ſe desfazia em copioſo pranto, repetindo aquellas palavras da Eſpoſa: *Vulneraſti cor meum, &c.* e com eſtes tenros affectos explicava o ſentido da ſua alma. Naõ ſe lhe conheceo nunca perturbaçaõ de animo, antes hum ſocego admiravel de eſpirito, que era admiraçaõ de toda a Cidade. Começaraõ os achaques taõ continuos, que já lhe naõ permittiaõ ſahir fóra de caſa, até que rendido do mal ſe lançou na cama. Tendoſe-lhe manifeſtado a ſua morte, chamou oito filhos, que tinha, a quem lançou a ſua bençaõ, e ſem demonſtraçaõ de mais ternura, nem dos affectos, que os vinculos do ſangue permittem em ſemelhantes occaſiões. Depois de recebidos os Sacramentos, pondo os olhos em hum Chriſto crucificado, com os braços em Cruz, ficando em hum profundo ſilencio, como quem meditava no noſſo Redemptor, foy a gozar neſte dia, como piamente cremos, do eterno deſcanço dos Juſtos.

O P. Affonſo Gil, da Companhia.

D Item na Cidade de Lisboa, morreo victima da charidade, ſervindo aos feridos do contagioſo mal da peſte, o Padre Affonſo Gil da Companhia, aonde foy o exemplar da manſidaõ, e modeſtia; taõ recolhido, que nunca ſahio de caſa, ſenaõ obrigado do ſerviço de Deos, ou do proximo, em que ſe empregava de dia, e de noite, ambicioſo da ſalvaçaõ das almas, ſendo aſpero, e deshumano para ſi, e agradavel com as gentes, reſplandecendo-lhe ſempre huma natural alegria, ſem que moſtraſſe affliçaõ, ou canſaço, antes com palavras brandas, e rizo na boca, explicava o puro do ſeu coraçaõ. Naõ havia carcere, que naõ viſitaſſe, ſoccorrendo aos miſeraveis prezos; aos condemnados às Galés conſolava, alimentava, e veſtia de eſmolas. Era já conhecido por bemfeitor, e pay dos afflictos, e deſgraçados, que elle amava ternamente, deſentranhando-ſe pelos ſervir. Succedeo atearſe na Cidade o terrivel

terrivel mal da peſte, e ſem memoria de que era contagio, veſtido da ſua charidade, entrou eſpontaneamente pelos perigos, curando os feridos, acompanhado do Padre Miguel Eſtevaõ, Procurador da Caſa Profeſſa, e em breve tempo comprou pela vida temporal a Eterna.

Irm. Thomé de Nixifori da Compan. e 4 Compan. MM.

E No Japaõ, em a Cidade de Nangaſachi, teſtemunhou com a ſua vida, e animo impávido a infalivel verdade da noſſa Santa Fé, o Irmaõ Thomé Nixifori, da Companhia de JESU, ſeguido de tres Catequiſtas, todos com o nome de Domingos, que ſendo lançados em fogueiras, abrazados os corpos, ſahiraõ as ſuas almas triunfantes a ſe incorporarem com o exercito dos Martyres. Era hum deſtes Companheiros ſeu filho, que pela fiel atteſtaçaõ da Ley de JESU Chriſto foy degolado, entrando no meſmo dia no Ceo com ſeu pay.

Fr. Domingos Gomes, Dominico.

F Em Santarem, no Convento Dominico, a morte do Prior Fr. Domingos Gomes, hum dos primeiros habitadores deſta antiga Caſa, Religioſo de grande virtude, e de tanta obſervancia, que foy eſcolhido naquelle primitivo tempo, em que florecia a Religiaõ, para ſer eleito em Prior daquella Caſa, de que ſe tinha por indigno, confundido da ſua humildade, em haver de ſer Prelado de gente taõ virtuoſa, como a do ſeu Convento. Entendia, que faria melhor o officio de ſubdito, do que de Prelado, e aſſim pedia com inſtancia abſolviçaõ do Cargo. Deferio-lha o Provincial para o Capitulo da Provincia; naõ ſe pode achar neſte, por cauſa dos ſeus achaques; rogou aos Padres Capitulares o obſolveſſem. Perſuadiraõ-no eſtes a continuar; e afflicto de naõ achar acolhimento nos ſeus Religioſos, lhe diſſe cheyo de eſpirito: *Se os Padres naõ forem ſervidos de me abſolverem deſte pezado Cargo, no Ceo temos Prelado mayor, que ſe compadecerá de mim, e me livre deſte tormento, antes que voltem de Capitulo.* Aſſim ſe vio; porque antes de acabado o tempo, chegou o da morte, com a confiança, que coſtumaõ ter os Juſtos. Pouco antes de render as forças vitaes ao tributo da morte, foy viſitado pela Soberana Rainha dos Anjos, com que mais confortado acabou em paz.

Anonimo Dominic.

G Item na India Oriental, no Reyno do Pegú, o ditoſo fim de hum Religioſo da meſma Familia, Miſſionario, cujo nome para nós occulto, he manifeſto, e conhecido na numero-

ſa

ſa committiva dos Santos Confeſſores. Foy cativo na Fortaleza de Siriaõ, no anno de 1613, com muitos Chriſtãos, a quem entre immenſos trabalhos lhes ſervio de conſolaçaõ em taõ largas adverſidades, exhortando-os à paciencia, e adminiſtrando-lhes os Sacramentos. Com o tempo foraõ os cativos cobrando a perdida liberdade, ainda que vagaroſamente, e paſſavaõ para o Reyno de Pegú, que eſtava quaſi deſerto. Rogaraõ ao Padre ſeguiſſe a ſua fortuna, pois era o ſeu remedio. Com goſto os acompanhou, por naõ deixar ſem Sacramentos àquelles bons Chriſtãos, a quem ſervia de Parocho, em taõ calamitoſas neceſſidades, em que perſeverou com grande zelo do bem daquelles Fieis, até que Deos o livrou dos trabalhos deſta vida, para lhe dar o repouſo eterno na Bemaventurança.

Sor Maria de Santiago, e Sor Joanna de S. Domingos Dominic.

H Na Villa de Moura, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, da dita Ordem, as Madres Sor Maria de Santiago, e Sor Joanna de Saõ Domingos, a quem a natureza unio as inclinações, ajuntando aos vinculos do ſangue (por ſerem primas) os do amor de Deos. Naõ ſó admiravaõ na conformidade, e amiſade, mas em todos os exercicios da Religiaõ, e vida penitente, em que com rigor maceravaõ ſeus corpos com crueis diſciplinas de ſangue, excedendo no Martyrio huma, a outra, quanto o debil ſexo o permittia, frequentando os jejuns de paõ, e agua, tomando o rigor das mortificações, como a ſua dilicia. Eraõ perpetuas na oraçaõ, ſem que nunca ſe apartaſſe huma da outra, ſendo tal o exceſſo deſta ſanta amizade, que concertaraõ entre ſi, que a que primeiro ſahiſſe do deſterro do Mundo, appareceria à outra, ſe tanto mereceſſem a Deos. Adoeceraõ no meſmo dia, e vieraõ a acabar com ſeis horas de differença. Faleceo primeiro Sor Joanna, e logo ſem dilaçaõ de tempo, eſtando Sor Maria cercada de Freiras, ſe lhe ouvio em voz clara dizer: *Venhais embora, Senhora; quem nos fez taõ grande merce, de nos deixar ver, nos unirá na Gloria.* E voltando para as Religioſas, lhes perguntou: *Porque naõ fazem final por minha prima? Naõ tem que me occultar; porque já a vi livre das prizoens da carne.* Depois de muitos actos de piedade, e de reſiſtir com muitos actos de amor de Deos às viſoens do infernal inimigo, ſe abraçou com a Imagem de Chriſto crucificado, a quem beijando humildemente os pés, acabou em o oſculo do Senhor, deixando em ſeu roſto huma tal

alegria,

alegria, que mostrava ser reflexo da Graça, que a fizera digna da Gloria.

I Em a Cidade de Lisboa, no Mosteiro do Sacramento, tambem da mesma Familia Dominicana, se conserva viva a memoria de Sor Francisca da Madre de Deos, que sendo admitida por Freira Conversa, foraõ taõ vivas as tentações do inimigo, que esteve em evidente perigo de largar a doce companhia daquellas virtuosas Madres, que havia buscado com tanta satisfaçaõ da sua alma, introduzindo-lhe ser contra o brio, as differenças do véo, na graduaçaõ do estado Religioso: tanto se deixou vencer desta idéa; mas recorrendo à piedosa protecçaõ de Maria Santissima, sahio vitoriosa. Foy tal a resignaçaõ, e humildade, que sendo manifesta a sua displicencia a huma Senhora, a quem deveo com a educaçaõ inclinalla à virtude, mandou dar ao Mosteiro a quantia, que faltava para poder ser admittida ao véo, que generosamente humilde regeitou Sor Francisca, sem que podesse nenhuma persuaçaõ obrigalla a deixar de professar no estado de Conversa, deixando confundido com a sua humildade a Satanás, que tanto a perseguira. Mostrou depois na sua constancia, o quanto fora do Ceo a sua vocaçaõ; porque seguindo o estado da Religiaõ no caminho mais perfeito, sem que faltasse nunca às obrigações humildes do seu ministerio, se applicava à contemplaçaõ, em que permanecia muito tempo, a que ajuntava muy particulares mortificações. Teve huma firme confiança no patrocinio da Virgem Santissima; de tal sorte, que affirmava, que já mais implorava o seu favor, que naõ experimentasse a Misericordia de Deos. Fallava nas materias com tal acerto, que parecia illustrada pela Divina Graça, que lhe communicava em revelações profético espirito. Era tal a abstracçaõ, que se entendia andar sempre na presença de Deos, rompendo muitas vezes em amorosas saudades do Ceo, aonde piamente cremos descança.

Sor Franciſca da Madre de Deos Domin.

K No Mosteiro de Santo Agostinho, extramuros da Cidade de Lisboa, a Madre Sor Marianna da Soledade, em quem os pensamentos de ser Religiosa, começaraõ desde os mais floridos annos da sua idade. Desejavaõ seus pays darlhe estado de casada, mas naõ poderaõ vencer a sua repugnancia, como quem já no seu peito tinha dado a maõ ao Esposo Divino.

Sor Marianna da Soledade Agoſt. Deſc.

Edifi-

Edificou-ſe na ſua terra hum Recolhimento de Beatas da Ordem de Santa Thereſa, foy logo das primeiras, que o habitaraõ. Aqui com exemplo edificava as de mais Companheiras; porque em pontual obſervancia viviaõ, como ſe foraõ verdadeiras Religioſas. Deſte lugar a tirou a Rainha D. Luiza, e a outras Companheiras, para o Moſteiro, que edificou de Agoſtinhas Deſcalças. Naõ eſtranhou o Noviciado, nem lhe deſagradaraõ as rigoroſas expériencias, em que ſe exercitaõ aquellas Religioſas; porque a ſua paciencia ſe tinha provado voluntariamente, em mortificações, e oraçaõ, com que tudo lhe parecia ſuave. Fundou a ſua vida em huma profunda humildade, e a eſte fim deſejou muito ſer admittida por Converſa; mas como tinha huma ſuave voz para o Coro, naõ o permittio a Sereniſſima Fundadora, querendo ſe empregaſſe nos louvores de Deos. Foy a ſua vida hum continuado acto de penitencia, naſcida do fervor do ſeu eſpirito, que abatia humildemente, ſem contradiçaõ ao mais leve aceno da obediencia. Depois de ter tocado a hum acto de Cõmunidade, faltava a Religioſa, que ſervia na coſinha, diſſe a Prelada a Sor Marianna, que foſſe buſcar a coſinheira, e que a trouxeſſe às coſtas. Obedeceo ſem interpretaçaõ, e aſſim o executou, deixando admiradas as demais Religioſas, mas a Prelada com ſeveridade a reprehendeo, o que ella aceitou, como ſe tivera culpa em ſer pontual na obediencia. Rendida a debil natureza ao rigor das penitencias, ſendo de taõ rigida abſtinencia, que de ordinario nem bebia, ſe conſumio em taõ breve tempo, que ſe fez tyzica, e ſofrendo com muita paciencia os diſcomodos da doença, acabou em o Senhor.

Fr. Agoſtinho da Expectaçaõ Terc. Franc.

L Em o Moſteiro de Saõ Franciſco de Caria, junto a Lamego, da Terceira Ordem, acabou em o Senhor, Fr. Agoſtinho da Expectaçaõ, Religioſo Sacerdote, Varaõ de grande ſofrimento, e paciencia, com que grandemente edificava aos ſeus Companheiros, fazendo-ſe venerado pela continua oraçaõ, em que perſeverava fervoroſamente com grande aproveitamento do ſeu eſpirito, o qual livre das prizoens do corpo, foy neſte dia gozar o premio promettido aos que neſte Mundo ſabem converſar bem na oraçaõ com Deos, que piamente cremos foy adorar na Eternidade.

D. Sebaſtiana de Albuquerque Ciſter.

M Item no Real Moſteiro de Santa Maria de Lorvaõ, de Reli-

Religioſas de Ciſter, partio da vida preſente, chea de alegria D. Sebaſtiana de Albuquerque, taõ dada à oraçaõ, que nella ſe exercitou toda a vida. Era muy exacta na obediencia das Conſtituições, obediente ao Confeſſor, por cuja ordem commungava tres vezes na ſemana, com grande devoçaõ. Para receber eſte Soberano Manjar, ſe preparava com mortificações, dormindo na noite antecedente ſobre huma taboa. No dia, em que commungava, naõ comia couſa alguma, ſuſtentando-ſe ſómente com as Eſpecies Sacramentaes, tomando por duas vezes rigoroſas diſciplinas, e trazia por tres horas cilicios. Nos de mais dias, era tal a ſua abſtinencia, que naõ comia outro algum manjar, mais que huma pouca de broa de milho, e com ella paſſava. Era muy retirada, amando os lugares ſolitarios; porque nelles achava mais commodo, para ſe dar totalmente a Deos, e ſendo de condiçaõ branda, naõ lhe faltava, que ſofrer; porque era perſeguida, e deſprezada até das criadas do Moſteiro, o que ſofria com ſingular humildade. Da continuaçaõ das penitencias, e de outros exceſſos, com que ſe mortificava, ſe lhe originaraõ graves achaques, que recebia como ſatisfaçaõ das ſuas culpas, e mimos do ſeu Divino Eſpoſo, nas novas cauſas de padecer. Attenuada a vida das enfermidades, teve por eſpecial merce o deſengano dos Medicos, de ſe lhe naõ dilatar a morte. Eſta nova recebeo taõ alegre, que a morte appellidava amiga, e que já havia tempos, que a eſperava, e cantando a Deos muitos colloquios, dava a conhecer o abrazado do ſeu eſpirito, e a grande ancia, que tinha de ſe unir com elle na Gloria.

Commentario ao XXII. de Julho.

A Cidade de Lisboa foy Patria do Padre Fr. Antonio da Conceiçaõ, naſcido na Freguesia de Saõ Nicolao, a 8 de Dezembro de 1579. Foraõ ſeus pays, Antonio Dias de Carvalho, e Catharina Dias, de limpa geraçaõ, e virtuoſos coſtumes. Morreo neſte dia, no anno de 1655, no Convento da Trindade, onde acodio o numeroſo povo de Lisboa, a alcançar alguma parte das pobres alfayas do ſeu uſo; outros tocando contas, e cortando-lhe o Habito, com piedade ſatisfaziaõ a ſua devoçaõ. O corpo lançava admiravel cheiro, naõ havendo circunſtancia, que naõ pareceſſe prodigioſa; pois tres dias depois, ſe ſentia ſuavidade no ſeu aromatico Confeſſionario. A Condeſſa de Serem D. Leonor de Menezes, ſua filha eſpiritual, ordenou, que com pompa ſe celebraſſem as ſuas Exequias, em que prégou o Doutor Fr. Antonio Correa, da meſma Familia, depois Lente de Prima de Theologia na Univerſidade de Coimbra. Os mayores engenhos da Corte com applauſos Poeticos, e Encomiaſticos, fizeraõ em diverſos metros ſingulares Obras, que ſe imprimiraõ com a

ſua Vida, com o titulo de *Fama Poſthuma*, eſcrita pelo referido Doutor Fr. Antonio Correa.

B Conforme a arrumaçaõ dos Geografos, fica a Cidade de Brendiſe, que em Latim ſe chama *Branduſium*, nos ultimos confins de Italia, no Reyno de Napoles, na Provincia de Otranto. Logra Cadeira Archiepiſcopal, e hum Caſtello fortiſſimo: tem porto ſeguro, e capaz nas prayas do mar Adriatico: foy edificado por Gregos, companheiros de Diomedes, naõ diſtante de Taranto. Neſta Cidade naſceo Fr. Lourenço, a quem deu o appellido de Brendiſe, com que he conhecido. Foy Geral da Ordem dos Capuchinhos, em que moſtrou grande zelo da Religiaõ, e amor da Santa pobreza, para que ſe conſervaſſem na do ſeu Inſtituto. Com generoſa reſoluçaõ mandou a ſeus ſubditos, deſamparaſſem hum Convento, que huma Illuſtre peſſoa, conſtituida em dignidade ſuprema, tinha principiado a fabricar, e dentro na Igreja, contra o coſtume da Capucha, e Conſtituições, que obſervaõ, hum magnifico, e ſumptuoſo enterro, para que depois da ſua morte ſe celebraſſe com igual pompa, e grandeza o anniverſario; e para eſtas caprichoſas novidades, tinha já o ſeu reſpeito vencido os animos dos Religioſos, que ſempre coſtumaõ agradar aos bemfeitores. Chegou neſte tempo a viſitar o Convento o Santo Geral, e vendo aquelle abuſo do ſeu Inſtituto, com humilde urbanidade rogou àquelle Senhor deſiſtiſſe de ſemelhante fabrica, como injuria da pobreza; porém elle perſeverou conſtante, no que ſe tinha começado; mas o Geral firme na obſervancia dos Eſtatutos da Ordem, por ſer eſta de mais importancia à Religiaõ, do que ainda a amizade, e favor dos Principes. Mandou aos Religioſos em virtude de ſanta obediencia, que logo deſamparaſſem o Convento, e dizia eſte virtuoſo Prelado: *Menos importa ter hum Convento, do que a todos os mais dar hum perniciozo exemplo, violando as leys, que nos deixou eſtabelecidas noſſo Serafico Patriarca.* A virtude taõ eminente, e taõ grandes letras, ajuntava hum grande talento para negocios politicos. Em diverſas occaſioens ſe ſerviraõ delle alguns Principes de Alemanha, e o mandaraõ por Embaixador a Filippe Rey de Caſtella, e ao Papa Paulo V. e ultimamente foy enviado por Embaixador da Cidade de Napoles, a negocios muy graves daquelle Reyno à Mageſtade de Filippe III. que em Lisboa entaõ ſe achava. Em eſta Corte foy agazalhado por D. Pedro de Toledo, Marquez de Villa-Franca, que o eſtimava como a Santo, e em ſua caſa morreo, neſte dia, no anno de 1619. Publica na Cidade a ſua ditoſa morte, concorreo em grande numero o povo, e com devota piedade, deſejavaõ todos alcançar alguma reliquia do Servo de Deos. Os Padres de Saõ Franciſco da Provincia de Portugal pertenderaõ darlhe enterro na ſua Igreja, por naõ terem ainda neſte Reyno os Religioſos Capuchinhos Fundaçaõ, a que ſervio de embaraço a devota amizade do Marquez de Villa-Franca, que o fez embalſamar, e o mandou levar àquella Villa, de que era Senhor, onde o collocaraõ no Moſteiro de Santa Clara, (em que tinha huma filha) em lugar decente, debaixo da grade do Coro, com hum Epitafio, que em breve declara as ſuas admiraveis virtudes. As ſuas alfayas ſe repartiraõ como Reliquias de hum Santo Varaõ. A' ſua Patria tocou a Cruz, que trazia ao peſcoço, e foy recebida em Prociſſaõ pelo Biſpo, acompanhado do Clero, e levada à Igreja das Religioſas Capuchinhas. Outra ſe guarda no ſeu Convento de Veneza, com huma pequena parte do ſeu coraçaõ. Outra alcançou o Duque de Baviera, ſeu grande amigo. Pouco antes de morrer communicou a hum ſeu Companheiro algumas ſecretas noticias, para participar a eſte Principe, e elle quando as ouvio ſe poz de joelhos, por ter por Divinas revelações as palavras, e conſelhos deſte Santo Varaõ, a quem concedeo Deos eſpirito de profecia. Foy taõ conſtante a fama da ſua virtude, que lhe adquirio huma univerſal veneraçaõ, em que naõ ſó entravaõ os Emperadores, Reys, e Principes de ſeu tempo; mas tambem a Suprema Cabeça da Igreja, eſtimando-o como a Santo. Aſſim o moſtrou na vida, e depois da morte com milagres, obrando as ſuas reliquias prodigioſos effeitos, pelo que o Papa Urbano VIII. mandou fazer dellas juridico, e manifeſto exame. Trataõ deſte Servo de Deos Fr. Joſeph de Madrid, na *Chronica dos Capuchinhos*, part. 4. liv. 5. cap. 12. pag. 365; Fr. Martinho de Torrecilha, no Tomo V. *Apolog. de Menores Capuchinhos*, ſec. 6. pag. 91; e Artur no *Martyr. Franciſc.* neſte

neſte dia; *Bibliotheca Capuchinha*, *in verb. Laurentius de Brindiſe*; Gravina *Vox turturis*, part. 2. cap. 14. pag. 94.

C Franciſco Fernandes de Abreu, conhecido pela alcunha do Caparote, que elle eſtimava, por ter já ſido cognominado ſeu pay Antonio Fernandes; ſua mãy ſe chamava Serafina Alvares, todos naturaes do Porto, Mercadores, limpos, e honrados, e tementes a Deos. Morreo no anno de 1681. Naõ ſendo de agradavel preſença, foy taõ compoſto, e bem aſſombrado, que parecia eſtar dormindo. Seu corpo, pedio, foſſe amortalhado no mais vil, e humilde Habito, que no Convento de Saõ Franciſco ſe achaſſe, e levado na Tumba dos pobres, ſem outra pompa, que os ſeus Irmãos Terceiros, e Religioſos. Foy ſepultado no Cemiterio da Capella nova, no Jazigo dos Irmãos da Meſa, em que havia ſervido. Delle ſe lembra Fr. Luiz de Saõ Franciſco, na *Origem da Ordem Terceira de Saõ Franciſco*, pag. 511.

D Na grande peſte, que no anno de 1569, affligio a Cidade de Lisboa, que com horror lemos nas Hiſtorias do noſſo Reyno, em que tanto ſerviraõ os Religioſos de tòdas as ſagradas Familias, nem merece menos louvor a Companhia, pelos filhos, que voluntariamente ſe offereceraõ a eſta obra de charidade, em que ſacrificaraõ as vidas. Entre elles he digno de memoria o Padre Affonſo Gil, natural do Lugar de Cadafaes, no Biſpado da Guarda. Entrou na Companhia, em o anno de 1549, ſendo já Sacerdote. Teve o Noviciado em Coimbra; paſſou para Lisboa, em que com ardente amor do proximo trabalhou até dar a vida. Faz mençaõ delle Tanner *Societas Europæa*, a pag. 114; Tellez *Chronica da Companhia*, liv. 4. cap. 45. pag. 204; Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia; *Synopſis Annalium Societatis*, pag. 84.

E A tantas vezes nomeada Chriſtandade do Japaõ, foy animado do ſangue de taõ innumeraveis eſquadroens de Martyres, que naõ deſmerecem na conſtancia da veneraçaõ dos da primitiva Igreja. Entre elles tem lugar, os referidos no Texto, que padeceraõ no anno de 1633, no tyranno Imperio de Toxogoſama, ſegundo o Padre Cardim em o ſeu *Catalogo*, pag. 322, e pag. 155.

F A Villa de Santarem, foy Patria de Fr. Domingos Gomes. Nella deu fim à ſua vida pelos annos 1250, no Moſteiro de S. Domingos. A ſua antiga Fundaçaõ refere Cardoſo, no I. Tomo do *Agiologio*, no Commentario do dia 13 de Janeiro. Deſte virtuoſo Padre ſe conta, que apparecera depois da ſua morte duas vezes; huma a hum Religioſo, dizendo-lhe advertiſſe a ſeus Irmãos, que no artigo da morte, naõ conſintaõ Seculares na ſua companhia; outro foy chamar a toda a Communidade, para acodir a Fr. Domingos Affonſo, Superior do Convento, que eſtava na Enfermaria, para que o agonizaſſem, que morria. Trataõ deſte Servo de Deos Lima no *Agiologio Dominico*; Soveg. no *Anno Dominic.* ambos neſte dia; ainda que conforme o livro dos Obitos de Saõ Vicente de fóra, toca a outro mez, diz elle: *XI. Kal. Octob. Obiit Frater Dominicus Gometii Prior Prad. Santaren*, que he a 21 de Setembro; a *Hiſtoria de S. Doming.* part. 1. liv. 2. cap. 10. pag. 79; Humberto de *Vitis Fratrum Ord.* part. 5. cap. 5.

G A hum Miſſionario da Companhia, ſe devem as memorias deſte zeloſo Miſſionario, e dos que acabaraõ, pelos annos de 1620, que remeteo ao Padre Fr. Lucas da Cruz, famoſo Miſſionario naquellas partes, que ſe achava entaõ em Meliapor, e juntamente o eſpolio do defunto, que conſtava dos preparamentos para dizer Miſſa. Em pouco padeceo aquelle Reyno a falta de obreiros do Euangelho; porque o Padre da Companhia paſſou a melhor vida, ſendo eſte o principio da Religiaõ, mandar Religioſos à Miſſaõ de Pegú. Delle ſe lembra Soveges, no *Anno Dominicano*, neſte dia; e Fr. Antonio da Encarnaçaõ, no cap. 15. pag. 67, da tantas vezes appontada Relaçaõ.

H No anno de 1583, morreraõ Sor Maria de Santiago, de 25 annos de idade, e Sor Joanna de S. Domingos de 40. Eraõ naturaes da Villa de Moura, de taõ ſingulares virtudes, como temos relatado. Foy Sor Maria aquella Religioſa, que no dia 20, na Vida de Sor Jeronyma de Saõ Joaõ, diſſemos a vira defunta: as outras duas eraõ Sor Joanna, e a que naõ pode conhecer era a meſma, que ſonhava, o que tudo acreditou com brevidade o ſucceſſo, pois em a differença de dous dias faleceraõ todas tres. Eſtas duas aniadas parentas, e amigas, vieraõ a ſer enterradas, no meſmo dia, em hum Sabbado,

22 de Julho, no mesmo dia, que falecerão. Não faltão exemplos nas Historias de semelhantes inclinaçoens, e successos de vida, e ainda em pessoas differentes em terras. Na *Vida de Santo Thomás*, se conta o concerto, que elle tinha feito com seu irmão Raynaldo, que morreo na Guerra, e cumprio a palavra, apparecendo-lhe defunto, e outros muitos, que temos lido na *Historia Ecclesiastica*. Faz menção destas Servas de Deos, Soveges no *Anno Dominicano*; Lima no *Agiologio Dominico*, neste dia; Sousa na III. Parte da *Historia de S. Domingos*, liv. 6. cap. 6. pag. 473.

I A Cidade de Coimbra foy Patria de Sor Francisca da Madre de Deos. Seus pays se chamarão Fernão de Mesquita, e Jeronyma Borges, gente bem nascida, e pia, mas destituida de bens temporaes. Até os 20 annos de idade esteve com huma Senhora, a que deveo muito, e como a via inclinada à virtude a ajudava com livros espirituaes, de que se sabia aproveitar em exercicios santos, fazendo huma vida mortificada com abstinencias, e rigores, que soube sempre continuar. Esta Senhora a fez Religiosa no Sacramento. Faleceo no anno 1649; a sua Vida escreve Lima neste dia, no *Agiologio Dominico*.

K Buscava a Rainha D. Luiza para o Mosteiro, que tinha fundado, pessoas em quem concorressem virtudes dignas de supportar huma vida austéra, e como attendia só a esta parte, e não às qualidades do Mundo, e queria pedras vivas para o edificio espiritual, escolhia pela fama da virtude, e não do nascimento. Foy Sor Marianna buscada em o Recolhimento de Dolhalvo, donde já tinha tirado a Rainha duas Companheiras. He de grande observancia este Recolhimento, em o qual se observa, como se fosse Mosteiro com obrigação de Regra. Este Lugar foy Patria de Sor Marianna, e forão seus pays Francisco Rodrigues, e Margarida Francisca, gente limpa, e honrada, e desta pequena povoação a principal; mas mais estimaveis pelos seus virtuosos costumes. De sua mãy se affirmava, que não tinha nem peccado venial, de que fizesse materia para a confissão. Nesta candida escola aprendeo Sor Marianna, tanta humildade, como temos visto. A Rainha D. Luiza lhe chamava a sua Companheira da cosinha, devia de ser a que a ajudava quando esta Sereniſſima Matrona abatia a pompa da Magestade da terra, em obsequio do Rey do Ceo, humilhando-se a tão humilde exercicio. Faleceo neste dia, no anno de 1674, como dizem as Memorias m. s. que desta Casa alcançamos.

L Na Provincia da Beira, Bispado de Lamego, em hum Lugar deserto, meya legoa distante da Villa de Rua, Concelho de Caria, fica o Convento de São Francisco, dos Religiosos Terceiros, e foy o primeiro, que a Provincia teve neste Reyno. Deu o sitio Pedro Gil, homem rico, e nobre, morador no Concelho de Caria, o qual era huma Quinta, chamada os Paços, que fora dos Senhores da Casa de Tavora, no qual por Bulla do Papa Eugenio IV. passada no anno de 1443, se formou o Mosteiro, e no anno de 1445, a 28 de Agosto, se disse a primeira Missa, com licença do Bispo D. Joaõ, a quem o Papa commetteo a execução, como consta de huma Pastoral sua, passada a 20 de Fevereiro de 1445, por modo de Breve, que principia: *Noveretis nos nuper*, que se conserva no dito Mosteiro. Junto ao Adro do Convento, corre huma fonte, da qual os póvos visinhos tem por tradição, que nella estivera assentado o Serafico Patriarca, quando esteve neste Reyno, e dissera, que naquelle lugar se havia com o tempo de edificar hum Convento da sua Ordem, quando Deos fosse servido. Na Sacristia se guardão as seguintes Reliquias, em huma Cruz de prata, em que está o Sacrosanto Lenho da Cruz de Nosso Redemptor, com outras Reliquias, a qual foy dadiva da Duqueza de Aveiro D. Maria, a seu Confessor Fr. Filippe da Conceição. Tem tambem mais duas Reliquias, huma de Santa Pudenciana, e outra de S. Urbano. Neste Convento faleceo no dia referido, do anno de 1653, Fr. Agostinho da Espectação, natural de Vidigal, no mesmo Bispado, de quem o livro dos Obitos diz: *Item Fratris Augustini de Expectatione Sacerdotis, assiduæ orationis.* Delle faz menção o *Memorial desta Provincia*, que vimos.

M Na Provincia da Beira, tres legoas ao nascente da Cidade de Vizeu, fica o Concelho de Satam, que se compoem de duas Freguesias; a primeira de Nossa Senhora da Graça da Villa da Igreja, Commenda da Ordem de Christo, que he Vigairaria, à qual he annexa o Curato de S. Pedro de Mioma, apresentação do Vigario.

gario. Neste Lugar de Mioma nasceo D. Sebastiana de Albuquerque, foraõ seus pays Mattheus de Albuquerque, e D. Maria de Andrade, e rematando a sua vida neste dia, no Mosteiro de Lorvaõ, no anno de 1685, se foy a gozar da Bemaventurança, como temos referido, o que tiramos de huma Relaçaõ m.s. que nos remeteo o Reverendissimo Padre Doutor Fr. Joseph Caetano, da Ordem de S. Jeronymo, bem conhecido pelas suas letras, erudiçaõ, e Obras, que tem impressas, Lente de Vespera de Theologia na Universidade de Coimbra; e à sua diligencia devemos as noticias destes, e de outros Mosteiros, assim da Cidade de Coimbra, como das suas visinhanças.

JULHO XXIII.

A Dedicaçaõ da Sé de Vizeu.

A A Cathedral da Cidade de Vizeu, se renova neste dia a Festa da sua Dedicaçaõ, a qual he consagrada ao soberano Mysterio da Assumpçaõ da Virgem Senhora Nossa, estylo que vemos observado em todas as Sés deste Reyno, e ainda nas mais de toda Hespanha, que com especiaes cultos veneraõ a Rainha dos Anjos. D. Diogo Ortiz de Vilhegas, Bispo desta Igreja, vendo que naõ achava vestigios, de que huma Cathedral taõ antiga fosse sagrada, nem havia memoria, que o persuadisse, como Douto, e prudente se resolveo a fazer esta ceremonia, na fórma que o determina a Santa Sé Apostolica, no anno de 1516, e se celebra com Officio duplex da primeira Classe.

Fr. Salvador, Arrab.

B Em Santarem acabou huma vida exemplar, e Santa Fr. Salvador, Frade Leigo da Provincia da Arrabida, cuja morte foy de grande edificaçaõ, e santa inveja de seus Companheiros, pela saudosa pratica, que antes de morrer fez aos seus Religiosos, exhortando-os à perfeiçaõ da vida espiritual, e santos exercicios da oraçaõ, e à observancia do Estatuto, que professavaõ, com taõ vivas expressoens, que davaõ evidentes sinaes, de que estava predestinado para ir a gozar da Gloria, que piamente cremos está possuindo.

A Madre Sor Izabel do Presepio Dom.

C No Mosteiro do Salvador de Lisboa, a Madre Sor Isabel do Presepio, de animo taõ retirado, e recolhido ao silencio da cella, que em o largo decurso de trinta annos, naõ houve quem a visse fóra della, senaõ foy no Coro, ou no Refeitorio. Todo o seu commercio era com Deos, e por isso fugia da communicaçaõ humana. As suas virtudes acreditou o Ceo passados muitos annos, depois da sua morte; porque abrindo-se a se-

a ſepultura para nella enterrar outra Religioſa, apenas ſe abrio, quando exhalou de ſi tal fragrancia, que admirando coſolava a todas as Religioſas, ſuccedendo para mayor devoçaõ de ſuas Irmãas, que o que ſe imaginava ſerem oſſos aridos, e deſcarnados, ſe vio o corpo incorrupto, com os habitos illezos, ſem padecerem as injurias do tempo, taõ limpos, como ſe naquella hora fora depoſitada na terra.

Commentario ao XXIII. de Julho.

A Cidade de Vizeu fica deſcrita no Commentario do dia ſeis de Março, em que ſe trata de Saõ Remiſol Biſpo daquella Igreja, o qual a governou em tempo dos Suevos, e ſe acha aſſignado no Concilio ſegundo Bracharenſe, convocado no anno de Chriſto 572, de que faz mençaõ o Eminentiſſimo Cardeal de Aguirre, no Tomo II. dos Concilios de Heſpanha, pag. 306. He ſem duvida, que ainda he mais antiga a Igreja de Vizeu; porém naõ achamos documentos, que poſſamos ſeguir. Se houveramos de dar credito ao Padre Fr. Gregorio de Argaiz, no *Theatro Monaſtico da Igreja de Vizeu*, que traz no V. Tomo da *Soledad Laureada*, allegando ao *Pſeudo-Cronicon* de Hauberto, diſſeramos, que Saõ Aulo fóra ſeu Prelado, e que vivera pelos annos de Chriſto de 300, e morrera Martyr neſte anno; e no de 513, acharamos a Manſueto regendo eſta Igreja, a quem ſe ſeguio Affanio, e depois Remiſſol, deſde 563, até o anno em que o achamos no Concilio Bracharenſe, e no de Lugo, conforme affirma Garcia de Loayſa, nas Notas a eſte Concilio. Nenhuma inveroſimilidade achamos em poderem eſtes Biſpos terem governado a Igreja de Vizeu; porém naõ o podemos affirmar com a authoridade ſómente deſte Author. Sem duvida, que eſta Cathedral he huma das antigas de toda Heſpanha. Na invaſaõ, que eſta padeceo dos Mouros, ſeguio a deſgraça das mais Cidades, ſofrendo o jugo Mauritano, de que ultimamente a livrou o Conde D. Henrique. Nas Memorias do Cartorio de Santa Cruz de Coimbra, ſe acha que eſte Principe edificara a Sé deſta Cidade, e que a fizera ſagrar por D. Bernardo, Biſpo de Toledo (o que ſeguiraõ alguns Authores) por ainda eſta Igreja neſte tempo naõ ter Biſpo, e foy o primeiro depois de reſtaurada Odorio, feito por ElRey D. Affonſo Henriques. Porém naõ deixa de nos cauſar alguma duvida a ſer edificada eſta Sé pelo Conde D. Henrique, o acharmos em Brandaõ, na IV. Parte da *Monarch. Luſitan.* cap. 3, que eſtando ElRey D. Sancho em Santarem, no mez de Junho, no anno de 1187, lhe dá o meſmo foral, que ſeu pay ElRey D. Affonſo lhe concedeo, e diz Brandaõ allegando o Archivo Real da Torre do Tombo dos *Livros Foraes da Leitura nova*, que deſta Eſcritura conſta, que a Cidade de Vizeu foy fundada em outro lugar diferente daquelle, em que hoje exiſte pouco diſtante, do que a outra occupa; porque ſe nomea a Cidade Velha, em que ainda havia algumas caſas, com eſtas palavras: *Milites, & Clerici qui in veteri Civitate de Viſeo caſas habuerint, poſſideat eas*, do que vimos a entender, que eſta Sé he Fundada por ElRey D. Sancho o I. ſe he que a Cidade nova, naõ ſe principiou a edificar deſde o tempo de ſeu Avó; o que naõ parece inveroſimel, por eſte Rey dizer, que lhe concede o meſmo foral, que lhe dera ſeu Pay, ſem declarar, que a fundara de novo. Mas ou ſeja eſta Sé edificada no Reynado delRey D. Sancho, o que nos parece mais certo, ou no de ſeu Avó o Conde D. Henrique, he ella ſem duvida huma das mais antigas do Reyno; mas entre tanta antiguidade que a faz veneravel, nos lamentamos da pouca curioſidade, com que ſe guardaõ no ſeu Archivo as Memorias, que lhe pertencem; porque nenhuma ſe acha nelle do tempo em que foy ſagrada, diligencia que

que intentamos varias vezes, por curiosos, e ultimamente por huma Dignidade da mesma Sé, que como parte interessada se havia de applicar com todo o cuidado, e segura por huma Carta sua, escrita em 29 de Novembro de 1717, que temos em nosso poder, naõ haver no seu Archivo declaraçaõ alguma do tempo, em que fosse sagrada. Totalmente se perderia esta memoria, se Manoel Botelho Ribeiro, em hum Catalogo m.s. dos Bispos desta Diocesi, nos naõ dera a noticia, que referimos do Bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas fazer esta sagraçaõ. Foy este Prelado Castelhano de nascimento, Theologo de profissaõ, grande Prégador, e bom Letrado: tinha passado a este Reyno, no serviço da Excellente Senhora. ElRey D. Joaõ o II. o fez Capellaõ môr, e Bispo de Tangere, e finalmente assistio à morte do dito Rey. ElRey D. Manoel o occupou em empregos dignos do seu talento, e o fez Bispo de Vizeu, e Mestre de seu filho o Principe D. Joaõ, occupaçaõ que exercitou, até que morreo no anno de 1519. Na Sé de Vizeu se conservaõ em varias Obras a sua memoria: em huma pedra: em que estaõ as suas Armas, no Coro de cima se vê este Letreiro.

Esta Sé mandou abobedar o Magnifico Senhor Dom Diogo Ortiz Bispo desta Cidade em era do Senhor 1513

Este Douto Prelado, sem duvida, por naõ achar memorias, nem tradiçaõ, que lhe seguresse, que aquelle Templo fosse sagrado; se resolveo a fazer esta ceremonia, para que todos os annos se rezasse da sua Dedicaçaõ, o que se faz com o Officio, que assina o Breviario Romano, sem lições particulares; mas naõ he de crer, que naõ se mandasse lançar no Archivo desta Sé, hum assento, que referisse o anno, em que se fez esta ceremonia, que o dia, e mez claramente se vê, que foy a 23 de Julho, por ser o em que esta Igreja celebra esta Festa, como consta do seu Calendario.

B Os Religiosos da Provincia da Arrabida, como filhos nascidos da Provincia da Observancia, costumaõ nas partes onde só tem enfermarias enterrar os seus Frades nos Conventos da Observancia; costume, que vimos muitos annos observarse na Cidade de Lisboa, antes de nella se fundar o Convento de Saõ Pedro de Alcantara, e por isso agora vemos no Convento de Santarem, a Fr. Salvador, Frade Leigo, que morreo pelos annos de 1593, de quem faz menção o *Memorial da Arrabida* m. s. tantas vezes allegado.

C No anno de 1595, acabou o curso da vida, neste dia, Sor Isabel do Presepio, como refere Sousa, na II. Parte da *Historia de Saõ Domingos*, liv. 1. cap. 16; Soveges, no *Anno Dominico*, ambos neste mesmo dia.

JULHO XXIV.

Saõ Victor, Stercacio, e Antinogenes MM.

AM Merida, o Martyrio dos Santos Victor Soldado, Stercacio, e Antinogenes, irmãos, naturaes da mesma Cidade, a quem o Presidente Daciano, sabendo que eraõ Christãos mandou meter no carcere, e chamando-os à sua presença, lhes perguntou quem eraõ, e que Religiaõ professavaõ; a que Victor, mais velho de seus irmãos, disse: nós somos nascidos nesta Cidade, daquelles que souberaõ seguir honrada vida nas nobres Milicias Romanas, que eu tambem sigo, alistado debaixo da Insignia da Aguia; porém nem

nem por iſſo deixo de profeſſar, e ſeguir a Ley de JESU Chriſto, como verdadeiro Deos, obſervando os preceitos do Evangelho, ſem que falte às obrigações da vida Militar, dando o que he de Cezar a Cezar, e o de Deos a Deos; mas com tal condiçaõ, que naõ encontrem as ordens Imperiaes aos preceitos Divinos. O Preſidente lhe reſpondeo: logo eſſe voſſo Chriſto foy mayor, que os noſſos Cezares, e do que os noſſos Principes? A que o valeroſo Soldado reſolutamente diſſe: por eſte Senhor a quem eu ſigo reynaõ os Reys, e os voſſos Cezares, naõ ſaõ dignos de lhe deſatar a correa do çapato. Com impaciencia ouvio Daciano eſtas palavras, e cheyo de furor os mandou açoutar, e depois meter no Carcere, e paſſados tres dias os mandou vir perante ſi, e naõ os podendo perſuadir ao culto dos Deoſes, vendo que com animo invencivel naõ queriaõ offerecer incenſo, nem ſacrificios, os mandou pôr no eculeo, e com pentes de ferro deſpedaçar, o que os Santos Martyres ſofriaõ com tal conſtancia, que em lugar de gemidos, e affliçaõ, ſe lhes conhecia huma grande alegria, ſofrendo com goſto todos os generos de tormentos com que os martyrizavaõ; pelo que vencida a tyrannia, os mandou recolher ao carcere, e nelle largaraõ as vidas, ſendo degolados, e ſeus ſantos corpos depois foraõ expoſtos à barbara furia do povo, para nelles ſaciarem o furor da ſua miſeravel cegueira.

Santa Chriſtina V. e M.

B Neſte dia, na Dioceſi de Coimbra, a Feſta de Santa Chriſtina V. e M. que illuſtra com o ſeu nome hum Convento da Obſervancia de Saõ Franciſco, junto à Villa de Tentugal. Nelle ſe conſerva com decente veneraçaõ, dentro na Capella môr, na parede junto ao Altar da parte do Evangelho, em particular Sacrario huma grande parte da cana do braço, que eſtá metida dentro de hum fermoſo meyo corpo deſta Santa, que por induſtria de Fr. Luiz da Natividade, Guardiaõ daquelle Convento, alcançou do Moſteiro de Saõ Luiz de Pinhel, onde ſe conſerva ſeu corpo, com outros cinco. O Papa Clemente VIII. do Cemiterio de Calliſto o mandou dar a D. Joaõ Pacheco, Marquez de Vilhena, ſendo Embaixador de Caſtella na Curia, no anno de 1604, e da ſua maõ paſſou à de Joaõ Corbo, Cura da Igreja de Saõ Fabiaõ, e Sebaſtiaõ, extramuros da Cidade de Roma, que o deu a Heytor de Sela Falcaõ,

Falcaõ, Arcediago de Braga, que o depoſitou em Pinhel ſua Patria, e à inſtancia de ſeu irmaõ Fr. Luiz da Natividade, deu à Igreja de Santa Chriſtina a Reliquia, que referimos, onde ſe venera.

D. Joanna de Vilhena, Condeſſa de Vimioſo.

C Em a Cidade de Evora, ſerá ſempre viva a lembrança, e ſaudoſa a memoria da Veneravel Matrona, eſclarecida pelo ſangue, nobre pela virtude, heroica pela charidade, a Condeſſa D. Joanna de Vilhena, ſegunda mulher de D. Franciſco de Portugal, I. Conde de Vimioſo. Viveraõ eſtes virtuoſos caſados para idéa perfeita do eſtado conjugal, em huma taõ ſanta conformidade, exercitada em virtuoſas obras, que ſerá o ſeu nome glorioſo por toda a eternidade. Todo o tempo que a Condeſſa podia poupar às obrigações, e cuidados de huma taõ grande Caſa, como a ſua, gaſtava em oraçaõ dentro no ſeu Oratorio, de que ſahia com mayores deſejos de toda ſe dar a Deos. Sabia, que a ocioſidade era oppoſta à virtude, e aſſim naõ teve tempo, que naõ foſſe empregado, ou em ſantos exercicios, ou trabalhando por ſuas mãos, com tal applicaçaõ, como ſe daquella taréfa lhe houvera de ſahir o ſuſtento, para conſervar a vida. Era taõ indiſpenſavel neſte exercicio, que hoſpedava as viſitas, convidando-as a trabalharem, ainda que foſſe a Duqueza de Coimbra ſua irmãa, recuperando deſta ſorte o tempo, que julgava perdido em praticas inuteis, e vãas. Coſtumava dizer às Senhoras, que eſcolheſſem armas: era já entendida a fraze para eſcolha do trabalho, em que cada huma havia de gaſtar a tarde. A eſte fim traziaõ logo as criadas moldes de fazer redes, ſarilhos, rocas, e outros inſtrumentos do ſexo feminino, de que cada Senhora lançava maõ, conforme o genio, e deſta ſorte continuava a viſita com praticas, pela mayor parte eſpirituaes; e ſe alguma das Fidalgas naõ podia trabalhar naquelles exercicios, por lhe ſerem pezados os inſtrumentos, piedoſamente a occupava em fazer fios para o Hoſpital. Deſta ſorte eraõ as viſitas daquellas Illuſtres Senhoras, que ſouberaõ mandar a ſua memoria aos vindouros com virtuoſos exemplos, para que nas futuras idades ſerviſſem de regra à vaidade, quando ſoberbamente ſe jacta da glorioſa ſerie de ſeus antigos illuſtres progenitores, para que amem a virtude, ſeguindo o methodo daquellas, que melhor ſouberaõ obrar. Teve a Condeſſa grande devoçaõ de ouvir

Sermões: eſta lhe facilitava o ir ao taboleiro da Sé, onde ſe pregava em certos dias do anno; naõ acodindo a eſte ſitio, mais que gente plebea, por ſer o lugar deſacommodado. Era para admirar, ver aquella Illuſtre Matrona, cuja alta aſcendencia era a Sereniſſima Caſa de Bragança, e a que na ſua peſſoa repreſentava a grande Caſa de Vimioſo, metida entre a gentalha do povo, que tratava com tal acolhimento, e benignidade, como quem naquella companhia pertendia conſeguir no agrado de Deos, pelo caminho da humildade mayor eſplendor, do que lhe dera a natureza no parenteſco da Real Caſa de Portugal, que com ſingulares expreſſoens de eſtimaçaõ a tratava, como ſe vio por muitas vezes na eſpecial benignidade do feliciſſimo Rey D. Manoel, para com a ſua peſſoa. Eſta, que no cuidado Real era taõ diſtincta, vemos agora metida entre as mulheres da plebe, taõ ſatisfeita, e contente, ſem differença do trato, mais que huma cadeirinha baixa, em que ſe aſſentava. Algumas vezes, para ſe reparar do Sol, ou da chuva, levava comſigo chapeo, e neſta fórma repetia eſta aſſiſtencia, para faciar o ſeu eſpirito na doutrina do Evangelho, de que a ſua alma tirou grande aproveitamento. Seus filhos, que amou como prendas da natureza, criou com cuidado, de que ſe augmentaſſem no amor, e temor de Deos, bazes ſobre que queria, que edificaſſem os cuidados de Cortezãos, mais que na memoria da grandeza, com que Deos os tinha diſtinguido no naſcimento, por ſer a virtude, na nobreza, ouro ſobre azul, que declara no Celeſte os quilates daquelle precioſo metal, que como mais illuſtre, que todos os outros, deve ſer mais utilmente empregado. O eſtado Religioſo eſtimou com particular veneraçaõ, e ſendo bemfeitora univerſal de todas as Familias Religioſas, o era muy eſpecial do Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça daquella Cidade, e do das Freiras de Santa Catharina da Ordem de S. Domingos. Sempre com entranhas de charidade ſoccorreo a pobreza; mas vendo-ſe viuva, ſoltou os diques da ſua liberalidade, para que naõ experimentaſſem os pobres a falta do ſoccorro, que tinhaõ na commiſeraçaõ do Conde ſeu marido. Tomou mais à ſua conta os pobres da Freguеſia, para o que tinha hum rol com os nomes das peſſoas, e das ruas, em que moravaõ; e naõ fiando a ſua aſſiſtencia do cuidado dos ſeus criados, ella meſma ſahia de ca-

ſa

ſa à prima noite, acompanhada ſómente de duas Donas, de dous Capellães, e de dous eſcravos Eunuchos, que levava carregados com ceſtos de diverſas caſtas de doces, e tambem de medicinas, e viſitando cada hum de perſi, os provia do neceſſario, conforme a enfermidade, e lhes dava mais hum cruzado em dinheiro, ou a eſmola, que era competente à neceſſidade, em que ſe achava o enfermo. Se era homem, ordenava a hum Capellaõ lhe tomaſſe o pulſo, e que delle ſoubeſſe o eſtado da doença. Das mulheres era ella meſma a Enfermeira, tomando-lhes o pulſo, e com affectos de amor ſe deſpedia, deixando-as ſoccorridas, e conſoladas com tamanha viſita. Naõ tinha cuidado, que ſe naõ dirigiſſe ao ſerviço de Deos, em que deſejava empregarſe com ſumma perfeiçaõ. A eſte fim tomou o Habito de Terceira Mantellata da Ordem de Santo Agoſtinho, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Graça, em que profeſſou ſolemnemente, ajuntando às devoções voluntarias as obrigações dos votos, que obſervou com exacta pontualidade, e aſſim exercitada em rigoroſas penitencias, continua oraçaõ, e frequente uſo do Santiſſimo Sacramento do Altar, chea de annos, e de obras gratas ao conſpecto Divino, foy a gozar o deſcanſo Eterno, como piamente cremos da ſua virtuoſa vida.

O P. Antonio de Sequeira da Companh.

D Item na meſma Cidade, no Collegio da Companhia, o Padre Antonio de Sequeira, que depois de graduado na Theologia exercitou o officio de Parocho, com prudencia, e exemplar vida, ſendo eſta a que mais ſegura os acertos, quando ſe junta à doutrina; porque he pouco o fruto, que ſe colhe, ſenaõ ſe ajuda com a edificaçaõ commua. Em os primeiros annos da ſua idade moſtrou particular inclinaçaõ à virtude. Fogia dos divertimentos, ainda nas occaſiões mais publicas, em que podera a curioſidade ſer deſpertadora de annos mais maduros; porque quando na Cidade ſe corriaõ Touros, ou ſe celebravaõ outros feſtejos, elle com melhor acordo acompanhado de alguns eſtudantes ſeus amigos, hia para a Igreja do Collegio da Companhia; e aqui diante do Santiſſimo Sacramento, ſe punha em oraçaõ, trocando pelas dilicias do Ceo, os divertimentos da terra. Creſceo nos annos, e veyo a ſer Prior de Saõ Lourenço, na Cidade de Portalegre, e de Saõ Mamede na de Evora. Achava-ſe rico com opiniaõ de Letrado, e prégando com applauſo, era univerſalmente bem quiſto; mas de genio

taõ commedido, que ſe portava de ſorte, que naõ pode a aura popular derribar com a vaidade o ſeu virtuoſo modo de viver. Deſejava vida mais quieta, em que podeſſe alcançar perfeiçaõ no eſpirito, e com reſoluçaõ ſe deſpojou de tudo o que poſſuîa, por lograr a Roupeta da Companhia, a que foy admittido com ſingulares jubilos da ſua alma. Contava já quarenta annos, quando entrou na Companhia, conſervando em todos a pureza da caſtidade, virtude em que ſempre reſplandeceo, e depois na humildade, pobreza, e obediencia, com que pontualmente ſatisfazia a tudo, o que lhe ordenavaõ os Superiores, ſem que os annos, ou as letras lhe fizeſſem interpretar a ſua vontade. Nas obrigações da Religaõ era pontual, a que ajuntava extraordinarios exercicios, fazendo todos os dias mais hora, e meya de Oraçaõ mental. Fez os exercicios de Santo Ignacio por trinta dias ſeguidos, de que tirou grandes alentos o ſeu eſpirito. Ardia eſte em deſejo de acabar na converſaõ do gentiliſmo; e aſſim quando era nomeado para alguma das Miſſoens das Quareſmas, era grande a edificaçaõ, que o povo tirava da ſua doutrina, e exemplo. Finalmente, exercitado em jejuns, vigilias, diſciplinas, e cilicios, veyo a adoecer de huma contagioſa doença, que ſe lhe pegou, ſervindo no Hoſpital, que ſofreo com grande paciencia, ſem que lhe viſſem mais deſejos, do que padecer pelo amor de Deos, de cuja precioſa viſta he de crer eſtá gozando a ſua ditoſa alma.

D. Ambroſio de Mello C. R.

E No Real Convento de Santa Cruz de Coimbra, de Conegos Regrantes, o Tranſito de D. Ambroſio de Mello, Varaõ muy contemplativo, e mimoſo de Deos, como moſtrou o ſeguinte caſo. Eſtava hum dia orando diante do Sepulchro de Saõ Theotonio, de quem era particular devoto, e poſtrado nos degraos da ſua Capella, como coſtumava, ſuccedeo quebrarſe a corda da alampada, que ardia no Altar do Santo, e cahindo eſta perpendicularmente ſobre D. Ambroſio (caſo maravilhoſo!) ficou ſuſpenſa no ar, onde eſteve por eſpaço largo, até que paſſando o Sacriſtaõ, e reparando na alampada, chamou o Prelado, e Religioſos, para admirarem o prodigio, com que Deos taõ claramente manifeſtava a virtude de ſeu Servo. A's vozes dos circunſtantes tornou em ſi, e vendo aquella maravilha, ſe proſtrou ſegunda vez em terra, a agradecerlhe taõ ſingular beneficio, e a Saõ Theotonio, a quem deveo apparecer-

parecerlhe, e revelarlhe o dia da ſua morte, o que communicou a alguns Religioſos, ſete dias antes que ſuccedeſſe. Chegado o dia aprazado, ſe foy à enfermaria, e deitando-ſe na cama, pedio os Sacramentos, que lhe repugnavaõ dar, pelo verem com inteira ſaude; mas naõ podendo reſiſtir aos ſeus rogos, que acreditava com a ſua exemplar vida, lhos adminiſtraraõ, e recebidos com grande devoçaõ, depois de ungido fez huma pratica aos Religioſos, exhortando-os à perfeiçaõ do eſtado da vida Religioſa, e perſeverança da virtude, tomando a véla, paſſou com quieta, e placida morte a lograr da Bemaventurança.

Fr. Antonio Arrabido.

F Em a Villa de Santarem, Fr. Antonio, Frade Leigo da Provincia da Arrabida, a quem o Senhor dotou de huma manſidaõ de animo muy natural, a que elle ſoube ajuntar huma profunda humildade, e conſtante obediencia aos preceitos dos ſeus Prelados, ſem que já mais recuzaſſe o que lhe ordenavaõ; e exercitado neſtas virtudes, e no officio de Carpinteiro, em que ſervio a Religiaõ, com grande utilidade, o levou o Senhor a gozar do ſummo bem da Gloria.

Commentario ao XXIV. de Julho.

A FOy a Cidade de Merida inſigne theatro de glorioſos certames de invictos Martyres, tanto que nas margens do Rio Guadiana, junto à Cidade ſe vê huma lagoa, que a tradiçaõ appellida *dos Martyres*; ſem duvida, porque nella lançavaõ alguns corpos de Martyres, ou nella padeceraõ alguns affogados. As grandezas deſta antiga Cidade, cabeça da Luſitania, guardamos para o dia 10 de Dezembro, dia de Santa Eulalia. Deſta Cidade foraõ naturaes os Santos Victor, e ſeus irmãos. Seguia elle a vida de Soldado, occupaçaõ de tanta authoridade, que mereciaõ naquelles ſeculos por ella, diſtinçaõ entre os mais homens; porém Victor ſoube com admiravel conſtancia trocar as glorioſas eſperanças, que lhe promettiaõ as armas, ſómente por ſeguir a Jeſu Chriſto. Naõ ſe ſabe o lugar, em que foraõ coroados de Martyrio os valeroſos Soldados. As ſuas Reliquias ſe acharaõ com outras muitas, que naquella Cidade ſe feſtejaõ a 14 de Março, como refere o *Agiologio* no Tomo II. Tambem o anno, em que padeceraõ, com difficuldade ſe averigua; mas ſegundo o tempo da perſecuçaõ, que em toda a Heſpanha fez Daciano, parece ſer pelos annos de 303, como refere Baronio *Ann. Eccleſ.* tom. 2. ann. 303. num. 139. Porém Joaõ Vaſco no ſeu *Chronicon da Hiſtoria de Heſpanha*, pag. 278. *penes me*, a poem pelos annos de 306, e à ſua opiniaõ me inclino, por ter trabalhado com grande averiguaçaõ aquella Hiſtoria. Fazem mençaõ deſtes Santos o *Martyrologio Romano*, dizendo: *Emeritæ in Hiſpania Sancti Victoris, viri militaris, qui cum duobus fratribus Stercatio, & Antinogene in perſecutione Diocletiani per diverſa ſupplicia martyrium conſummavit.* E os Martyrologios, de *Adon*; *Uſuardo*; *Guleſino*; *Maurolyco*; Alvaro Lobo *Luſitano*; o *Hiſpano* de Tamayo, todos neſte dia; Marieta *Santos de Heſpan.* liv. 2. cap. 64. pag. 59. os poem a 22 de Julho; Ferreras *Synop. da Hiſtoria de Heſpanha*, part. 2. pag. 206; Garibay no Compendio da *Hiſ-*

Hiſtoria de Heſp. liv. 7. cap. 43. pag. 260; Padilh. *Hiſtoria Eccleſ.* tom. 1. Cent. 4. cap. 14. pag. 178. verſ. Pedro de Natalibus, Biſpo Equilino, *in Catalog. Sanct.* liv. 6. cap. 32; Cauſino *Corte Divina Ephemer. de Julho.*

B Grande duvida temos, em que eſta Reliquia ſeja de Santa Chriſtina V. M. que neſte dia refere o *Martyrologio Romano*, como tem para ſi o Padre Fr. Fernando da Soledade na III. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 3. cap. 32. n. 642, quaſi refutando ao Padre Eſperança, que na II. Parte da meſma Hiſtoria, liv. 12. cap. 7. diz, que naõ póde ſer eſta; porque ſe venera em Bolſena, ou em Veneza, como quer Ferrario, ou em Palermo de Sicilia, como diz Baronio no Commento do *Martyrologio Romano*; porém Ferrario no ſeu *Martyrologio*, faz menção da de Palermo, a 10 de Mayo, que he differente da que neſte dia feſteja a Igreja: e com eſta opiniaõ naõ acha o Padre Eſperança, que o corpo deſta Santa foſſe levado a Roma, donde eſte foy trazido, no que naõ acha contradiçaõ o Padre Soledade, pois lhe parece, que alguns Santos foraõ levados a Roma, tendo padecido martyrio em outra parte; e de mais, que naõ conſta, que naquella Cidade padeceſſe martyrio Santa deſte nome. Mas de-me licença a ſua amizade, e a eſtimaçaõ, que faço dos ſeus eſtudos, para dizer, que a ſua devoçaõ o fez enganar; porque no Ducado de Milaõ, no Lugar de Varaſe, na Igreja Matriz, ſe conſervaõ as Reliquias de outra Santa Chriſtina, que padeceo em Roma, como eſcreve Pedro Paulo Boſca no *Martyrologio Mediolanenſe*, neſte meſmo dia: *Item Romæ Sanctæ Chriſtinæ Virginis, & Martyris, cujus oſſa variſti in Eccleſia Maiori devotiſſimè cuſtodiuntur.* E tambem moſtra ſer differente da que padeceo em Tyro de Toſcana, que he em Italia, e naõ em Tyro, Cidade de Fenicia na Syria, como diz o Padre Soledade, tal vez naõ ſe lembrando deſte lugar na Toſcana, e naõ he muito; porque já naõ exiſte, ſe naõ na Geografia antiga, e delle ſe lembra Baudrand com eſtas palavras: *Tyrus locus, ſive oppidum Hetruriæ propè volſinium urbem, & Vulſinienſem lacum ubi S. Chriſtina Virgo Martyrium paſſa.* E Pedro de Natalibus, Biſpo Equilino, no *Catalogo dos Santos*, liv. 6. cap. 32: *Chriſtina Virgo in Tyro Civitate Italiæ quæ eſt circa lacum Vulſinum, paſſa eſt ſub preſide Juliano.* Em muitas partes achamos, que ſe veneraõ reliquias de Santas deſte nome, como refere o meſmo Author; porque celebrando-ſe neſte dia em Varaſe a Santa Chriſtina diz: *Chriſtina vero Variſienſis martyrio coronata eſt Romæ*, para differença da Santa, que padeceo em Tyro de Toſcana, a par do lago Vulſino. Onde eſteja o corpo deſta Santa, acho grande variedade nos Martyrologios; porque huns affirmaõ, que eſtá a ſua cabeça em Milaõ, outros em Roma, outros, que as ſuas reliquias em Veneza, como teſtemunha Galeſino; porém nós entendemos, que houve muitas Santas deſte nome, e aſſim ſe veneraõ diverſas cabeças, e corpos em muitas Cidades: fundamo-nos no que refere Crombach na *Hiſtoria das Onze mil Virgens*, tom. 1. liv. 8. onde ſe lê: *Chriſtinam Virginem cujus caput in horto Mariæ Coloniæ Chriſtinam Virginem Reginam Tremoniæ, Chriſtinam Virg. cujus caput Viennæ in Auſtria; Gonzaga: alteram quoque Chriſtinam Virg. cujus corpus Viconiæ Raiſæ; alteram Chriſtinam Virg. ad S. Cæciliam, Chriſtinam Virgin. Mariæ Cellæ, Chriſtinam aliam inventam anno MCCLXXXVI. cum aliis Banel. Chriſtinæ caput Gerundæ in Hiſpania Gonzaga*, e ſe entre as Companheiras de Santa Urſula foraõ tantas do nome de Chriſtina, diz Boſca, que imaginamos ſeria em todo o Mundo? E dando a razaõ de ſe acharem tantas Santas com eſte nome, entende, que aſſim como muitos Martyres, por padecerem por Chriſto, ſe chamaraõ Chriſtovaons, aſſim de ſeguirem a Chriſto, houve tanta multiplicaçaõ de Chriſtinas: *Exiſtimo enim, veteres illas Virgines, à Chriſto nomine frequentiſſime appellatas fuiſſe Chriſtinas: quem admodum Martyres plurimos aferendo Chriſti nomine Chriſtophoros fuiſſe vocatos.* Do que temos referido, ſe manifeſta, que a Santa Chriſtina, de que tratamos, tirada do Cemiterio de Calixto, he alguma Virgem, que padeceo martyrio em muitas das perſeguições, que houve em Roma, donde ſeu corpo ſe trasladou para Portugal, e totalmente diverſa de Santa Chriſtina, que tornou depois da morte à vida, para obrar milagres. E aſſim baſta o que temos dito, para demonſtraçaõ da verdade, que profeſſamos na averiguaçaõ, pois naõ pertendemos furtar a gloria aos de mais

Rey-

Reynos, para illustrarmos o nosso, que dentro em si tem tanto de que se jacte.

C D. Fernando, I. do nome, Duque da Serenissima Casa de Bragança, teve entre outros filhos de sua mulher a Duqueza D. Joanna de Castro, filha de D. Joaõ de Castro, Senhor do Cadaval; ao Senhor D. Alvaro, que assim he nomeado em as Historias daquelle tempo, que foy Regedor das Justiças, e Chanceller môr neste Reyno, Senhor de Tentugal, do Cadaval, e Alvayazere, e outras terras, e no de Castella onde Reynavaõ os Reys Catholicos D. Fernando, e D. Isabel, a qual era prima segunda do Senhor D. Alvaro, por sua Avó a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. Joaõ, e sua sobrinha, filha de sua prima com irmãa, e assim foy muy favorecido dos ditos Reys, que o fizeraõ Presidente do Conselho Real de Castella, e seu Contador môr, Alcaide môr de Sevilha, e de Andujar, e lhe deraõ o Estado de Gelves, e casou com D. Filippa de Mello, filha herdeira de D. Rodrigo Affonso de Mello, Conde de Olivença, e saõ progenitores da Casa do Duque do Cadaval, por seu primeiro filho D. Rodrigo de Mello, que foy Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, Senhor de Agua de peixes, e de todas as mais terras, que seu pay teve em Portugal, a que foy restituido por ElRey D. Manoel. Foy o segundo D. Jorge de Portugal, que succedeo nos bens, que seu pay tinha em Castella aonde ficou, e foy o I. Conde Gelves, que quebrada a Varonia em sua segunda neta D. Leonor de Portugal, saõ hoje Senhores desta Casa os Duques de Veraguas; e foraõ as filhas D. Isabel de Castro, que casou em Castella, com D. AffonsoS outomayor, IV. Conde de Belalcaçar, e Senhor de muitas terras, cujo filho succedeo no Ducado de Bejar, e em seus descendentes se conserva. D. Brites de Vilhena, que foy Duqueza de Coimbra, mulher do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Mestre da Ordem de Santiago, filho delRey D. Joaõ o II. D. Maria Manoel de Vilhena, que foy Condessa de Portalegre, e mulher de D. Joaõ da Sylva, II. Conde de Portalegre, do Conselho de Estado delRey D. Joaõ o III. e seu Mordomo môr, e D. Joanna de Vilhena, Condessa de Vimioso, que he o argumento, de que tratamos, e casou com seu primo segundo D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, de quem faremos mençaõ a 8 de Dezembro, se Deos nos der vida, para continuarmos este trabalho, e para entaõ reservamos os filhos, que houve deste esclarecido matrimonio, que parece que herdeiros igualmente da sua grande Casa, que da virtude de taes progenitores, nos haõ de dar seus descendentes occasiaõ a fazermos delles memoria, como se dirá em seu lugar. Naõ servio de embaraço a esta glorioſa Matrona, nem a grandeza dos parentes, que referimos, nem as especiaes honras, com que a tratava ElRey D. Manoel, seu primo segundo, para que se naõ empregasse nas virtuosas obras de charidade, que referimos no Texto, pelo que foy reconhecida como Santa, e jaz sepultada na Capella môr de Nossa Senhora da Graça da Cidade de Evora, Padroado, que ElRey D. Joaõ o III. deu ao Conde seu marido, e nella se vê esculpido este breve Epitafio.

Aqui jaz D. Joanna de Vilhena Condessa de Vimioso. Por amor de Deos Hũ Pater noster, e huã Aue M. por sua Alma. Faleceu a 24 de Julho de 1559 e acabou na Ordem de Sto Agostinho

Faz della mençaõ a *Chronologia Monastica Lusitana* de Purificaçaõ, neste dia, e o mesmo Author na *Chron. da Ord. de Santo Agost.* part. 2. liv. 7. tit. 6. §. 4; os *Nobiliarios de Familias deste Reyno*; Imhof *Historia Genealogica Familiæ Regiæ Portugaliæ*; Tab. V. e VI. *Histor. Geneal. da Casa Real Port.* tom. 10. pag. 556.

D Na Provincia de Alentejo, no Bispado de Elvas, fica a Praça de Arronches, que foy Patria do Padre Antonio de Sequeira, filho de Bento de Sequeira, e de Maria Valente. Estudou na Universidade de Evora, e foy graduado Bacharel em Theologia; e vivendo com applausos de Douto, e estimações de rico, soube trocar tudo pela pobre Roupeta de Santo Ignacio. Sendo Noviço morreo neste dia, no anno de 1585. Era grande o desejo de acabar Noviço, e assim contava na doença, de que morreo, ao Irmaõ, que

que lhe aſſiſtia, que lera hum dia, de hum Noviço, que antes de morrer fora arrebatado, e tornando a ſi muito alegre, diſſera, que lhe acontecia, como quem na Praça com pouco dinheiro fazia hum grande avanço; aſſim elle com pouco tempo de Religiaõ tinha comprado a Gloria Eterna. Faz delle mençaõ Franco na *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 25.

E No anno de 1557, paſſou a melhor vida, D. Ambroſio de Mello, natural da Cidade de Lisboa, Varaõ, além de muy virtuoſo, douto no Direito Canonico: elle ordenou as primeiras Conſtituições da ſua Congregaçaõ depois da reſórma, que teve, à inſtancia delRey D. Joaõ o III. e nas margens lhe apontou todos os lugares, e pontos de Direito ſobre que as fundara. Eſta Obra eſcreveo no Collegio de Santo Agoſtinho, que ainda entaõ eſtava dentro no Convento de Santa Cruz, ſendo Vice-Reytor, lugar, que a Obediencia lhe fez aceitar. Penotto no liv. 2. cap. 61. da *Hiſtoria Tripartita*, faz mençaõ delle, ſuppoſto, que erradamente lhe chama D. Anſelmo; D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica dos Coneg. Regr.* part. 2. liv. 10. cap. 12. pag. 327; D. Marcos da Cruz na *Chron. m. ſ. dos Priores de Saõ Vicente*, part. 2. pag. 219. verſ.

F Morreo Fr. Antonio, com ſoſpeita do terrivel mal de peſte, pelo que foy enterrado na Cerca, no anno de 1599, como diz o Memorial m. ſ. que temos dos Obitos da Provincia da Arrabida.

JULHO XXV.

Apparecimento de Chriſto no Campo de Ourique.

A Eſte dia, o milagroſo Apparecimento de Chriſto Senhor Noſſo em o Campo de Ourique, ao invictiſſimo, e Santo Rey D. Affonſo Henriques, que depois de como déſtro General ter, paſſado moſtra a ſeu Exercito, em que aliſtava ſómente treze mil homens, inda que luzidos, e valeroſos, deſproporcionado numero ao de ſeus inimigos, com roſto alegre, e ſereno os exhortou, animando-os ao triunfo; porque era aquelle impávido coraçaõ, mais dilatado, que a numeroſa viſta das Agarenas tropas, de que ſe formava o Barbaro Exercito, que em odio do nome Chriſtaõ armou o Mauritano poder de cinco Reys, que cobriaõ com as ſuas gentes os Valles, e coroavaõ os Montes, ſendo formidavel eſpectaculo a innumeravel multidaõ de tanta gente armada, entre a qual tremulavaõ ſoltas as bandeiras, e luzia jactancioſa a ſoberba dos Mouros, deſprezando o Exercito Portuguez, por curto triunfo às ſuas armas. Porém aquelle pequeno corpo de Luſitanos Soldados, inflammados das palavras do ſeu Principe, já deſejavaõ chegado o dia de virem às mãos com os inimigos. Era taõ deſigual o poder, que ſe póde duvidar, ſe foy mayor acçaõ reſolver a Batalha, ou vencella. Em quanto ſe terminava o curto prazo, ſe recolheo o Inclyto

to D. Affonſo à ſua tenda, taõ ſatisfeito de ver os ſeus Soldados, como ſe já houvera triunfado dos ſeus inimigos; e porque o cuidado de taõ grande empreza ſe naõ opprimia, ao menos cançava a idéa, fez huma breve, mas ardente Oraçaõ a Deos, como quem peleijava mais pela gloria do ſeu Nome, do que pelo deſejo de dilatar os ſeus Dominios. Depois tomou a Biblia, ou para vencer o tempo, ou divertir a fadiga do penſamento, e abrindo o livro poz os olhos na ſingular victoria, que dos quatro Reys, com cento e vinte mil Madianitas, alcançara com trezentos Soldados o valeroſo Gedeaõ, e naõ duvidando ſer myſterio, o que poderia ſer acaſo, cheyo de jubilo, poz os olhos no Ceo, e com vivos rogos implorou a Divina Clemencia. Neſte piedoſo cuidado lhe cahio ſobre o peito o livro, e adormeceo; quando de repente vio em hum ſonho hum venerando Velho, de aſpecto agradavel, que lhe ſegurava o triunfo, dando por fiador deſte annuncio ao meſmo Deos. Neſte ſonho, ou vizaõ, ſe detinha o Principe, a tempo que Joaõ Fernandes de Souſa, ſeu Camereiro môr, o deſpertou com a noticia, de que hum Velho lhe pedia preciſamente audiencia, ſobre materia de importancia. Chegando à ſua preſença, conheceo ſer o meſmo, que havia taõ pouco tempo myſterioſamente lhe repreſentara o ſonho, confirmando-ſe elle, com o que o bom Velho lhe referia, e foy: *Que Deos tinha poſto os olhos da ſua piedade nelle, e que acclamado pelos ſeus Soldados com o titulo de Rey, edificaria hum novo Imperio, para que por elle ſe dilataſſe a voz do Evangelho nas mais incognitas regioens do Mundo, e que ainda que na decima ſexta geraçaõ ſe attenuaria a Real prole, ſeria viſta com os olhos da ſua piedade, e receberia da ſua Omnipotencia naquelle parociſmo novos alentos a ſua duraçaõ, e que para credito do que lhe affirmava, ſahiſſe da ſua tenda ao tempo, que ouviſſe tocar o ſino da ſua Ermida, em a qual havia ſeſſenta annos o guardava Deos entre aquellas brenhas, e que entaõ ſeriaõ os ſeus olhos fieis teſtemunhas do meſmo, que naõ póde comprehender a mais dilatada idéa.* Deſpedido com benevolencia o Ermitaõ, ficou o Inclyto Principe, ainda que com deſaçocego, taõ animado, que em actos de verdadeira Fé eſperava da Miſericordia de Deos, hum grande favor. Na ſegunda vigilia da noite, a que chamaõ *Quarto da madorra*, os Militares, ouve tocar o ſino, ſahe

da tenda armado, quando da parte do Oriente encontra a viſta hum rayo de claridade taõ reſplandecente, que pouco a pouco eſtendendo-ſe cobria todo o ar, e raſgadas as nuvens, appareceo entre ellas o Claro Sol da Juſtiça Chriſto Senhor Noſſo crucificado, collocado em Throno de Anjos, cercado de Serafins, que em fórma de gentís mancebos, com candidas, e luzidas veſtes o ſerviaõ. Largadas as Armas, deſpojado da Real veſtidura, deſcalço, como outro Moyſés, poſtrado por terra com todo o devido acatamento, depois de hum profundo acto de humildade, pondo os olhos no Ceo, ouvio em voz taõ ſuave, como Divina: *Que triunfaria dos ſeus inimigos; que nelle edificava hum Reyno, em que logo ſeria pelos ſeus vaſſallos acclamado Rey; que ſe perpetuaria em os ſeus deſcendentes, dilatando-ſe em glorioſas Conquiſtas, ſendo por elle eſcolhido para levar a Ley Evangelica por todo o Univerſo; e que o Eſcudo das ſuas Armas deſte novo Reyno, ſeria formado dos Myſtérios da ſua Paixaõ.* A eſta viſta prodigioſa, cheyo de Fé o Catholico Principe, com reverentes cultos adorava ao Monarca Supremo Fundador dos Imperios, e novamente poſtrado por terra, com abrazado, mas humilde coraçaõ, rompeo neſtas palavras: *Senhor, ſobre a indignidade de taõ grande peccador, como aſſentais tantos beneficios? Que merecimentos tenho eu, para conſeguir taõ extraordinaria piedade? Se he para augmentarme a Fé, deſde o Bautiſmo vos reconheço, e adoro por Deos; aos infieis, Senhor, incredulos do voſſo Nome, e deſprezadores da voſſa Ley. Naõ he iſto, Senhor, duvidar em obedecervos; mas já que edificais eſte Reyno com liberal maõ, ponde os olhos de Miſericordia em meus ſucceſſores; e ſe algum dia eſta minha gente merecer a voſſa vingança, ſeja executado o golpe da voſſa Juſtiça ſobre mim, ou meus ſucceſſores, e fique ſalvo o povo, que amo como filho.* Dito iſto, certificado pela Sacroſanta boca de Chriſto de irrefragaveis promeſſas, em hum inſtante deſappareceo a vizaõ, ficando o Infante D. Affonſo cheyo de jubilo, e com hum immenſo gozo eſpiritual. Fortalecido de novos alentos, deu volta pelo campo, recolheo-ſe à ſua tenda, e ſe começou a declarar aquelle feliz dia do Patraõ da Heſpanha Santiago, que foy viſivel companheiro no conflicto. Os Cabos mayores, e todos os do Exercito, como ſe tiveſſem ouvido da boca de Chriſto a Divina promeſſa, reveſtidos de novos

vos alentos, e com brios naõ vulgares, buscando ao seu Principe, já com impaciencia lhe pediaõ, que desse a batalha, e a huma voz o acclamavaõ Rey, e entre alegres festins, e Militares estrondos applaudiaõ a sua felicidade, dizendo: *Real Real por ElRey D. Affonso de Portugal.* O Infante D. Affonso, que naõ podia recuzar o Real titulo, condescendendo às fieis, inda que tumultuosas vozes dos leaes Portuguezes, que o acclamavaõ, acceitou com o Sceptro a rendida obediencia, que lhe juraraõ. Os Barbaros, a quem chegavaõ os eccos de tantas festivas vozes, se persuadiraõ, que recebera o Exercito algum grande soccorro; mas voltando os olhos ao dilatado campo, que alojavaõ as suas tropas, abalaraõ soberbos, e confiados a encontrarse com a Lusitana gente. ElRey D. Affonso favorecido de Deos, e estimado dos seus vassallos, como destro General, medio o campo já com o seguro da vitoria, ordenou a sua gente, e formada em batalha, com a cara no inimigo, mandou abalar o Exercito contra o dos Barbaros. Temerosos os Mouros de resoluçaõ taõ valerosa, se incitaraõ briosos, huns a outros com vozes, e algazarras, que ao som dos instrumentos bellicos, e estrondos das armas, era taõ espantoso o ruido, e confuzaõ dos Barbaros alaridos, que parecia, ferindo o ar, chegarem ao Ceo. Os dardos, e as frechas voavaõ em taõ excessivo numero, que encobriaõ os rayos do Sol, fazendo com a sua multidaõ sombra aos dous taõ desproporcionados Exercitos, que já confundidos, e entrados na peleja, andavaõ huns, e outros feridos, e ensangoentados. Os nossos Portuguezes com valerosa ozadia matavaõ nos Mouros, sem temor da morte. ElRey D. Affonso, com palavras, e prodigiosas façanhas os exhortava; e naõ havia Soldado, que naõ servisse com as suas obras de exemplo ao companheiro, de sorte, que nenhum havia mister instigado, mas sómente mandados. O Alferes môr Garcia Mendes de Sousa, com admiravel ouzadia, por ordem delRey, rompeo pela linha inimiga da vanguarda, e alvorou no centro o Real Estandarte, entre as bandeiras inimigas, em que já commeçavaõ a padecer eclypse as suas Luas: o valor foy singular, o caso milagroso. Seguiraõ-no os nossos Soldados, carregando os inimigos, de sorte, que cedeu a multidaõ ao valor. Desordenada a linha inimiga, viraõ-se os Mouros perdidos; acodio ao reparo Ismael,

com tantos batalhoens, que ſe achou ElLey cercado, e a naõ ſer aquelle coraçaõ animado ſuperiormente, parece ficaria opprimido com a meſma vitoria. Os Cabos, e Senhores Portuguezes, vendo o perigo do ſeu Rey, romperaõ os batalhoens, com tal impeto, que ſem memoria de que eraõ mortaes aſſeguraraõ a Real Peſſoa. Oppoz-ſelhe ElRey de Sylves, mas acabou a vida no eſtrago da fatal eſpada do noſſo invictiſſimo Rey D. Affonſo, de quem já os inimigos temeroſos, voltavaõ as coſtas. Acodio ElRey de Badajós à deſordem, com hum groſſo de luzidos batalhoens Andaluzes, e como eraõ tantos em numero, viraõ-ſe as noſſas Tropas, naõ ſó apertadas, mas com perigo. Neſte conflicto, puxaraõ os Cabos pela linha da retaguarda, e começou de novo a enſanguentarſe a peleja. Os noſſos carregaraõ com tal força os inimigos, que ao ſom dos golpes, ſe ſeguia hum taõ horrendo eſtrondo, que parecia gemia a terra, opprimida de tanto pezo. Já ſe naõ via campo, que naõ foſſe juncado de corpos mortos. Os gemidos feriaõ o ar, e finalmente, tudo era infelicidade nos inimigos, e gloria nos vencedores. ElRey em cada golpe infalivelmente abria huma porta para entrar a morte, à maneira de rio impetuoſo, cuja corrente tudo leva diante, quaſi indefezos os desbaratava. Era já taõ conhecida a ventagem no eſtrago, que ſe acclamava pelos noſſos a vitoria. Lourenço Viegas, vendo morto ſeu meyo irmaõ Martim Moniz, que governava a ala direita, e havia feito obras dignas de eterna memoria, acompanhado de ſeu primo D. Diogo Gonçalves, e Gonçalo de Souſa, incitados da dor, entraraõ pelos inimigos taõ valeroſamente, que deixaraõ com muitas mortes, vingado o ſeu ſentimento. ElRey D. Affonſo, a nenhum inferior dos mais valeroſos no eſforço, excedendo a todos no acordo, e vigilancia, conheceo, que pendia a vitoria da força, que fazia Iſmael, com a gente da ſua guarda, de que era Capitaõ o valeroſo Homar Atagor, ſeu ſobrinho, homem de forças extraordinarias. Cerrou com elles, e os rechaçou, com tal fortuna, que mortos os Cabos principaes, ſe começou a deſordenar o Exercito dos Arabes, e ſe vio caſtigada a ſoberba de Iſmael, que o mandava, e ſem mais eſperanças, que na ligeireza do ſeu cavallo, ſe poz em fugida ſeguido das ſuas deſordenadas Tropas, a quem os noſſos ſeguindo o alcance, faziaõ eſtrago ſem batalha; porque os Mouros

ros ſó pareciaõ inimigos na fogida. Já ſe naõ pizavaõ mais, que cadaveres deſpedaçados, nadando pés, e braços, e outros troncos humanos em pantanos de ſangue, em que ſe banhavaõ os cavallos; e o delRey D. Affonſo, que era por extremo branco, ſe via todo manchado. Mandou ElRey fazer ſinal de recolher; pereceo às mãos dos noſſos Soldados huma innumeravel multidaõ de Mouros, que innundaraõ com o ſeu ſangue os campos, e tingiraõ as correntes dos rios Cobres, e Terges, e ſobrevindo depois da vitoria huma repentina chuva, do ſangue congelado, ſe renovou nos rios a cor vermelha, que corria com admiraçaõ dos noſſos, e horror dos Barbaros, accreſcentando largo tempo com enſangoentadas correntes as cryſtalinas aguas do celebre Guadiana. Finalmente, triunfaraõ os Portuguezes do formidavel poder de cinco Reys armados, a que acompanhavaõ muitos Principes poderoſos, que todos trabalharaõ, para fabricar da ſua infelicidade a Auguſta Coroa Luſitana, que o Ceo tinha já annunciado. Deteve-ſe ElRey no campo tres dias, por ſatisfazer à ordem da cavallaria, e depois de rendidas as graças ao Deos das Vitorias, por taõ completa batalha, marchou com a ſua gente, chea de gloria, e rica de deſpojos. Chegou a Coimbra aos 15 de Agoſto, e com ſolemnes feſtas agradeceo à Rainha dos Anjos a ſua Soberana protecçaõ. Prégou o Arcebiſpo de Braga D. Joaõ; fez Pontifical D. Bernardo, Biſpo de Coimbra, e com Prociſſaõ geral ſe deu fim à feſta, vendo-ſe neſta devota ceremonia a piedade delRey, que fez pendurar os triunfos da batalha por votos em diverſos Templos, e ſó dos principaes Eſtandartes ſe contaraõ dezanove, e dos de menor conta innumeraveis. Os Fidalgos com canas, e outros feſtejos, deraõ fim ao applauſo, ficando eterno na memoria de todas as Nações do Mundo, eſte grande dia, ſempre venerado dos Portuguezes, como principio fecundo, de que naſceo a eternidade da Monarchia Luſitana.

Santiago Apoſtolo.

B Em toda a Heſpanha, de tempo antiquiſſimo, ſe celebra a feſta do Proto-Martyr dos Apoſtolos e do Apoſtolo de Heſpanha Santiago, que por Divina diſpoſiçaõ foy deſtinado para Pay, Paſtor, e Meſtre deſta Occidental parte do Mundo, radicando nos coraçõeſ de ſeus naturaes as verdades, que recebera da boca do Divino Meſtre, com taõ feliz fruto, que ſucceſſivamente ſe conſervaraõ firmes, e puros na Fé, ſendo entre

tre todas as de mais Nações o exemplar da perſeverança no culto da Religiaõ Catholica. Depois que ſubio ao Ceo Chriſto Senhor Noſſo, ſe dividiraõ entre os Apoſtolos as Provincias de todo o Orbe, para que em toda a terra foſſe venerada huma Fé, e adorado hum ſó Deos; e cumprindo o Santo com diverſas obrigações, por revelaçaõ do Eſpirito Santo, lhe foy mandado, que paſſaſſe a Heſpanha; e deſpedindo-ſe da Virgem Santiſſima, da ſua boca lhe foy dito, que em huma Cidade de Heſpanha lhe erigiria hum Templo, no lugar, que ella lhe moſtraria. Elegeo Diſcipulos, e embarcado, aportou na Coſta, que corre do Douro até Galliza, e começando a ſua prégaçaõ em Braga, conſtituîo nella por Biſpo a S. Pedro de Rates, e foy o primeiro de toda Heſpanha, tendo entaõ principio a Primazia deſta Igreja entre todas; porque foy a que teve a felicidade de receber primeiro, que as mais, as ſuaves vozes do Evangelho, que prégava o Santo Apoſtolo; a qual deixando inſtruîda nos Myſterios da noſſa Fé, e conſolados com eſtupendas maravilhas, que o Senhor obrou por ſua interceſſaõ, com que mais ſe radicaraõ no conhecimento do Verdadeiro Deos, os entregou a Saõ Pedro de Rates; e paſſando a outras Cidades de Heſpanha, annunciando a vinda do Meſſias, e o eſtabelecimento da Ley da Graça, na Cidade de Çaragoça, lhe appareceo a Virgem Santiſſima em hum pilar de pedra, entre Córos de Anjos, moſtrando-lhe, que aquelle era o lugar, que eſtava decretado, para ſe erigir à gloria do ſeu Nome, huma Igreja, a que depois ſe derivou o nome da vizaõ, e foy eſta a primeira Igreja dedicada ao Culto da Mãy de Deos, em todo o Mundo, ſendo ainda viva, e tendo andado o Santo Apoſtolo a mayor parte da Heſpanha, voltou a Braga a animar aquellas tenras plantas do Chriſtianiſmo, e primicias da Fé de Europa. Naõ havia ainda Igreja naquella Cidade, porque era grande a oppoſiçaõ dos Gentios, e naõ davaõ lugar, a que publicamente ſe levantaſſe Altar, em honra de Jesu Chriſto. Buſcou hum lugar ſeparado, junto do Templo da Deoſa Iſis, aonde chamavaõ os Banhos, e conſagrando huma cova, levantou nella Altar, com o titulo da Virgem Santiſſima, e diſſe nelle Miſſa, aſſiſtido dos ſeus Diſcipulos, aſſim dos que o acompanharaõ de Jeruſalem, como dos que já o ſeguiaõ; e eſte foy o ſegundo Templo, que ſe dedicou à Virgem Maria Senhora

Noſſa,

Noſſa, e a Fundaçaõ da Cathedral de Braga, que entregou a Saõ Pedro ſeu Biſpo; e inſtruîndo-o nos Ritos, e ceremonias, com que havia de ordenar aos novos Biſpos, e moſtrando-lhes quaes havia de eſcolher para eſta Dignidade, e o como havia de adminiſtrar os Sacramentos, e outras couſas pertencentes ao culto, e augmento da Religiaõ Catholica, que já ſe via praticada em Heſpanha; e tendo conſtituido Biſpos em diverſas partes, voltou o Santo Apoſtolo para Jeruſalem, acompanhado dos ſeus Diſcipulos, illuſtrando as Gallias, e as Bretanhas, com doutrinas, como filho do Trovaõ. Oppoz-ſe a Hermogenes, e Fileto, feiticeiros, convencendo as ſuas blasfemias, com eſcrituras, e com taõ eſtupendos milagres, que engrandecido o Nome de Jesu Chriſto, atemorizou o demonio, com tantas maravilhas, que largando as magicas ſciencias, vieraõ a reconhecer a Divindade, que negavaõ, e foraõ recebidos ao gremio da Igreja, com notavel confuzaõ dos ſeus ſequazes, que os veneravaõ invenciveis; mas diabolicamente perſuadidos alguns, que naõ abraçaraõ, como elles, a Fé, buſcaraõ dous Centurioens, chamados Liſias, e Theocrito, a quem pagando, perſuadiraõ, que em hum motim, que elles levantariaõ, prendeſſem ao Santo Apoſtolo, quando eſtiveſſe prégando. Aſſim ſe executou, ao tempo, que muitos Judeos, perſuadidos da efficacia do Santo Apoſtolo, publicamente confeſſavaõ ſeguirem a Ley de Jesu Chriſto; o que vendo Abiathar, Pontifice daquelle anno, fez final para ſe executar a prizaõ, e hum dos Farizeos arremetendo ao Santo, lhe lançou huma corda ao peſcoço, e o levou ao Paço delRey Herodes, que por ſatisfazer ao povo, o mandou degolar, e levado ao lugar do ſupplicio, vio hum paralytico, que em vozes altas lhe dizia: *Santo Varaõ, livray-me das dores, com que eſte mal me atromenta todo o corpo. Em Nome de Jeſu Chriſto crucificado*, diſſe o Apoſtolo, *levantate, e louva a teu Salvador.* De repente, já naõ paralytico, ſenaõ robuſto, e forte, ſe levantou, começando a correr, e engrandecer a Jesu Chriſto; do que admirado Joſias, aquelle meſmo, que lhe lançou a corda ao peſcoço, quando o prenderaõ, ſe lhe botou aos pés com arrependimento, confeſſando ſer Verdadeiro Deos Jesu Chriſto; e deteſtando os erros, que ſeguia, foy degolado com o Santo Apoſtolo, cujo corpo trazido depois a Heſpanha, he venerado na Igreja do ſeu nome,

nome, na Cidade de Compoſtela, onde tem obrado innumeraveis milagres, e he viſitado de huma grande multidaõ de gentes de todas as Nações, com que o Senhor acredita os merecimentos deſte grande Apoſtolo.

D. Jorge de Almeida Biſpo de Coimbra.

C Na Cathedral de Coimbra, o Anniverſario de D. Jorge de Almeida, que aos vinte tres annos da ſua idade, ſe aſſentou na Epiſcopal Cadeira deſta antiga Dioceſi, ſervindo de exemplo, e admiraçaõ os ſeus coſtumes, por ſe ver em annos floridos, com ſangue illuſtre, liberdade, e muita riqueza, ter aborrecimento ao Mundo, e verdadeiro amor ao Ceo, a que ſó dirigia todas as ſuas ações; pelo que foy vigilante Paſtor, empregando todo o cuidado no proveito eſpiritual do ſeu rebanho, acodindo aos pobres com grande amor, e charidade, ſendo infalivel aſylo dos deſamparados. Do culto Divino foy muy ſolicito, e aſſim enriqueceo de ornamentos, e peſſas de valor a Sé, e inda hoje ſaõ as ſuas obras teſtemunhas da ſua piedade. Teve grande cuidado em reformar abuſos. Era coſtume daquella Igreja, darem os Biſpos em Quinta feira Mayor huma conſoada aos Beneficiados da Sé: elle em reverencia da Paixaõ a tirou, e lhes deu em recompenſa hum cirio no dia da Purificaçaõ, coſtume que deixou por obrigaçaõ a ſeus ſucceſſores. Com a Virgem Maria Senhora Noſſa, teve huma terna devoçaõ; e tendo governado eſta Igreja ſeſſenta e dous annos, com zelo, e prudencia, e deixando das ſuas obras illuſtre memoria, pois ſe affirma delle, que fez milagres, acabou em Santa velhice huma vida, pura, e caſta.

O P. Luiz de Goes da Companhia.

D No Collegio de Saõ Paulo de Goa, a morte do Padre Luiz de Goes, da Companhia de Jesus, Varaõ muy aſſinalado nas Miſſoens de Salçete, onde foy Vigario da Fortaleza, e Aldeas, em que moſtrou o zelo da Fé, e augmento da Religiaõ Catholica, na deſtruiçaõ dos Pagodes, em que fez muitas obras dignas do Inſtituto, que profeſſava. Eſtas o fizeraõ merecedor, de que na hora da morte, depois de ter recebido os Sacramentos, foſſe viſitado pela Rainha dos Anjos, que encheo o ſeu eſpirito de huma interior alegria, como elle confeſſou a ſeus Irmãos, e de taõ ſoberana preſença ſe lhe ſeguiria a Eternidade da Gloria, que piamente cremos eſtá gozando.

Frey Vaſco Correa Fraciſcano.

E Item no Convento de Santa Catharina da Carnota, a

ſanta

santa memoria de Fr. Vasco Correa, Religioso de admiravel virtude, e prudencia, pela qual mereceo ser duas vezes eleito em Provincial da Provincia de Portugal, que governou com muito exemplo, e especial satisfaçaõ dos subditos; e cheyo de virtuosas obras, acabou em o Senhor.

Leaõ Geroyemon, e dez irmãos Martyres do Japaõ.

F No mesmo dia, em Nacatsù, Povoaçaõ do Imperio do Japaõ, sobiraõ coroados de gloria ao Reyno do Ceo, Leaõ Geroyemon, Joaõ Dinzò, Paulo Yosuke, Paulo Toyemon, Leaõ Suquezo, Diogo Xiza, Lucas Cusioye, Joaquim Canii, Joaõ Gosioye, Paulo, e Joaõ, irmãos todos, degolados pela constancia, com que confessaraõ a Fé de Jesu Christo.

Fraciſca das Chagas Terceira do Carmo.

G No Lugar da Cuba, no Recolhimento das Terceiras de Nossa Senhora do Carmo, neste dia, cerrou as clausulas de huma innocente vida, com morte glorioſa, a devota Franciſca das Chagas. Foy muy dada à Oraçaõ mental, que repetia com grande frequencia, e naõ com menos diversos generos de penitencias, com que affligia o seu corpo, de sorte, que naõ havia rigor, com que o naõ mortificasse. Andava na presença de Deos, de que era favorecida, com continuados extasis. Teve muita charidade com o proximo; assim desejava servir sempre a todas as suas Companheiras. Em certa occasiaõ lhe succedeo, que tendo licença do seu Director, e Prelada, para se recolher a fazer os Exercicios espirituaes, antes de entrar no silencio daquelles santos dias, movida de charidade, foy fazer a cama às doentes, o que Nosso Senhor lhe satisfez com hum singular favor; porque em huma das camas lhe appareceo Crucificado. Teve grande devoçaõ com Saõ Joseph, de quem foy taõ favorecida, que se refere, que continuamente a recreava com a sua presença. E perseverando em vida santa, lhe sobreveyo a ultima doença; e sendo-lhe revelado o que nella havia de padecer, o sofreo com admiravel paciencia, que deixando saudosas, e edificadas as Companheiras, foy a gozar das delicias da Gloria.

Commentario ao XXV. de Julho.

A O Venturoso dia 25 de Julho, do anno 1139, será sempre celebre nos ditosos Fastos Lusitanos, pela erecçaõ da sua Monarchia, estabelecida com a Batalha de Campo de Ourique, huma sem duvida das mayores, que se lem nas Historias, e confirmada a sua duraçaõ pela boca do mesmo Deos ao invictissimo Rey Dom Affonso I. como se vê do Juramento, que o mesmo Santo Rey fez em Coimbra, no anno 1152, e se conserva

no Cartorio do Moſteiro de Alcobaça, eſcrito em hum pergaminho, de letra antiga, com o ſello do dito Rey, e outros quatro de cera vermelha, pendentes de fios de ſeda da meſma cor, confirmado por peſſoas de authoridade, que o teſtemunhaõ, em que ſe funda o mayor credito humano, que póde haver em eſcrituras, a qual tivemos em noſſas mãos, no anno de 1707, quando eſtivemos neſte Real Moſteiro, e com veneraçaõ vimos aquelle teſtemunho da perpetua duraçaõ do noſſo Reyno, que Deos ſempre com milagres tem conſervado, como obſervaõ as noſſas Hiſtorias, e inda que o traslado ande em outras partes, nos pareceo obrigaçaõ lançallo aqui; e he o ſeguinte.

Ego Alfonſus Portugallię Rex, filius illuſtris Comitis Henrici, nepos magni Regis Alfonſi, coram vobis bonis viris Epiſcopo Bracharenſi, & Epiſcopo Colimbrienſi, & Theotonio, reliquiſque magnatibus, officialibus, vaſſalis regni mei, in hac Cruce ærea, & in hoc libro Sanctiſſimorum Evangeliorum, juro cum tactu manuũ mearum, quod ego miſer peccator, vidi hiſce oculis indignis verum Dominũ noſtrũ Jeſum Chriſtum in Cruce extenſum in hac forma. Ego eram cum mea hoſte in terris ultra Tagum, in agro Auriquio, ut pugnarem cum Iſmaele, & aliis quatuor regibus Maurorum habentibus ſecum infinita millia, & gens mea timorata propter multitudinem, erat fatigata, & multum triſtis, in tantum ut multi dicerent eſſe temeritatem inire bellum, & ego triſtis de eo quod audiebam, cœpi mecum cogitare, quid agerem, & habebam unum librum in meo papillione in quo erat ſcriptum teſtamentum antiquum, & teſtamentum Jeſu Chriſti. Apperui illum, & legi victoriam Gedeonis, & dixi intra me. Tu ſcis Domine Jeſu Chriſte quia pro tuo amore ſuſcepi bellum iſtum contra tuos inimicos, & in manu tua eſt dare mihi, & meis fortitudinem, ut vincamus illos blaſfemantes tuum nomen, & ſic dicens dormivi ſupra librum, & videbam virum ſenem ad me venientem, dicentemque. Aldefonſe, confide vinces enim debellabiſque Reges iſtos infideles, contereſque potentiam illorum, & Dominus noſter oſtendet ſe tibi. Dum hæc video, accedit Joannes Ferdinandus de Souſa, vaſſalus de meo cubiculo, dixitque ſurge domine mi. Adeſt homo ſenex vultque te alloqui, ingrediatur, dixi, ſi fidelis eſt. Ingreſſus ad me, agnovi eſſe illum quem in viſione viderat, qui dixit mihi, Domine bono animo eſto, vinces & non vinceris. Dilectus es Domino, poſuit enim ſuper te, & ſuper ſemen tuum poſt te oculos miſericordiæ ſuæ, uſque in ſextam decimam generationem, in qua attenuabitur proles, ſed in ipſa attenuata, ipſe reſpiciet, & videbit; ipſe me jubet indicare tibi, quod dum audieris ſequenti nocte tintinabulum romitorii mei in quo vixi ſexaginta ſex annis inter infideles, ſervatus favore Altiſſimi, egrediaris extra Caſtra, ſolus ſine arbitris, oſtendere tibi pietatem ſuam multam. Parui, & reverenter in terra poſitus, & nuncium & mittentem veneratus ſum, & dum in oratione poſitus ſonitum expectarem ſecunda noctis vigilia tintinabulum audivi, & enſe, & ſcuto armatus egreſſus ſũ extra caſtra, vidique ſubito à parte dextra, orientem verſus micantem radium, & paulatim ſplendor creſcebat in maius, & dum oculos ad illam partem efficaciter pono; ecce in ipſo clarior ſole, ſignum Crucis aſpicio, & Jeſum Chriſtum in eo crucifixum, & ex una, & altera parte multitudinem Juvenum candidiſſimorum, quos Sanctos Angellos fuiſſe credo. Quam viſionem dum video, depoſito enſe, & ſcuto relictiſque veſtibus, & calceamentis, pronus in terram me projicio, lachrimiſque abunde miſſis, cœpi rogare pro confortatione vaſſallorum meorum, dixique nihil turbatus. Quid tu ad me Domine? Credenti enim fidem vis augere? melius eſt ut te videant infideles, & credant quam ego, qui à fonte Baptiſmatis te Deum Verum Filium Virginis, & Patris æterni agnovi, & agnoſco. Erat autem Crux mira magnitudinis, & elevata à terra quaſi decem cubitos. Dominus ſuavi vocis ſono quem indignæ aures meæ preceperunt, dixit mihi. Non ut tuam fidem augerem hoc modo apparui tibi, ſed ut corroborem cor tuum in hoc conflictu, & initia Regni tui ſupra firmã petram ſtabelirem! Confide Alfonſe, non ſolum enim hoc certamen vinces ſed omnes alios in quibus contra inimicos Crucis pugnaveris, gentem tuam invenies alacrem ad bellum, & fortem, petentem, ut ſub Regis nomine in hac pugna ingrediaris, nec dubites, ſed quidquid petierint libere concede. Ego enim ædificator, & diſſipator Imperiorum, & Regnorum ſum. Volo enim in te, & in ſemine tuo imperium mihi ſtabelire, ut deferatur nomen meum in exteras

exteras gentes, ut agnoscant successores tui datorem Regni, insigne tuum ex pretio quo ego humanum genus emi, & ex eo quo ego à Judæis emptus sum conipones, & erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum. Ego ut hæc audivi humi prostratus adoravi, dicens. Quibus meritis Domine tantum mihi annuntians pietatem, quidquid jubes faciam, & tu in mea prole, quam promitis oculos benignos pone, gentemque Portugallensem salvam custodi, & si contra eos aliquid paraveris malum, verte illum potius in me, & in successores meos, & populum quem tanquam unicum filium diligo absolve. Annuens Dominus inquit non recedet ab eis, neque ate unquam misericordia mea per illos enim paravi mihi messem multam, & eligi eos in messores meos in terris longinquis, hæc dicens disparuit, & ego fiducia plenus, & dulcedine redii in castra, & quod taliter fuerit. Juro ego Aldefonsus Rex per sanctissima Jesu Christi Evangelia hisce manibus tacta. Id circo præcipio successoribus meis in perpetuum futuris ut scuta quinque in Crucem partita, propter Crucem, & quinque vulnera Christi in Insigne ferant, & in unoquoque triginta argenteos, & super serpentem Moysis ob Christi figuram, & hoc sit memoriale nostrum, in generatione nostra, & siquis aliud attentaverit à Domino sit maledictus, & cum Juda traditore in infernum maceratus Facta charta Colimb. III. Kalend. Novembris Æra M. C. LII.

Ego Aldefonsus Rex Portug.
J. Colimb. Episcop.
J. Bracharens. Metrop.
T. Prior.
Ferdinandus Petri Curiæ Dapif.
Petrus Pela Curiæ signifer.
Velascus Sancij.
Alfonsus Menen præf. Ulis.
Gondisalvus de Sousa procur. Imn.
Pelagius Menen procur. Viseen.
Suer Martin procurat Colimb.
Menendus Petri, pro Magistro Alberto.
Regis Cancellario.

Traduzida na nossa lingoa, he a seguinte.

Eu Affonso Rey de Portugal, filho do Conde D. Henrique, e neto do grande Rey D. Affonso, diante de vós Bispo de Braga, e de Coimbra, e Theotonio, e de todos os mais vassallos de meu Reyno. Juro em esta Cruz de metal, e neste livro dos Santos Evangelhos, em que ponho minhas mãos, que eu miseravel peccador vi com estes olhos indignos a Nosso Senhor Jesu Christo, estendido na Cruz, no modo seguinte. Eu estava com meu Exercito nas terras de Alentejo, no Campo de Ourique, para dar batalha a Ismael, e outros quatro Reys Mouros, que tinhaõ comsigo infinitos milhares de homens, e minha gente temerosa de sua multidaõ estava atribulada, e triste sobre maneira, em tanto, que publicamente diziaõ alguns ser temeridade, acometer tal jornada; e eu enfadado do que ouvia, comecey a cuidar comigo, que faria; e como tivesse na minha tenda hum livro, em que estava escrito o Testamento Velho, e o de Jesu Christo, abri-o, e li nelle a vitoria de Gedeaõ, e disse entre mim mesmo. Muy bem sabeis vós, Senhor Jesu Christo, que por amor vosso tomey sobre mim esta guerra, contra vossos adversarios; em vossa maõ está dar a mim, e aos meus fortaleza, para vencer estes blasfemadores de vosso Nome. Ditas estas palavras, adormeci sobre o livro, e comecey a sonhar, que via hum homem velho vir para onde eu estava, e que me dizia: Affonso, tem confiança; porque vencerás, e destruirás estes Reys infieis, e desfarás a sua potencia, e o Senhor se te mostrará. Estando nesta visaõ, chegou Joaõ Fernandes de Sousa, meu Camereiro, dizendome: Acorday, Senhor meu; porque está aqui hum homem velho, que vos quer fallar. Entre (lhe respondi) se he Catholico: e tanto que entrou, conheci ser aquelle, que no sonho vira, o qual me disse: Senhor, tende bom coraçaõ; vencereis, e naõ sereis vencido; sois amado do Senhor; porque sem duvida poz sobre vós, e sobre vossa geraçaõ, depois de vossos dias, os olhos de sua Misericordia até a decima sexta descendencia, na qual se diminuirá a successaõ, mas nella assim diminuida, elle tornará a pôr os olhos, e verá. Elle me manda dizervos, que quando na seguinte noite ouvirdes a campainha de minha Ermida, naqual vivo ha sessenta e seis annos, guardado no meyo dos infieis, com o favor do muy Alto, sayaes fóra do Real sem nenhuns criados; porque vos quer mostrar sua grande piedade. Obedeci, e prostrado em terra, com muita reverencia, venerey o Embaixador, e quem o mandava. E como posto em oraçaõ aguardasse o som, na segunda vela da noite ouvi a campainha, e armado com espada, e rodela, sahi fóra dos

Reaes, e ſubitamente vi à parte direita contra o Naſcente, hum rayo reſplandecente, e indo-ſe pouco, e pouco clarificando, cada hora ſe fazia mayor; e pondo os olhos de propoſito para aquella parte, vi de repente no proprio rayo o ſinal da Cruz, mais reſplandecente, que o Sol, e Jeſu Chriſto crucificado nella, e de huma, e de outra parte huma copia grande de mancebos reſplandecentes, os quaes creyo, que ſeriaõ Anjos. Vendo pois eſta viſaõ, pondo à parte o eſcudo, e eſpada, e lançando em terra as roupas, e deſcalçado, me lancey de brucos, e desfeito em lagrimas, comecey a rogar pela conſolaçaõ de meus vaſſallos, e diſſe ſem nenhum temor: A que fim me appareceis, Senhor? Quereis porventura accreſcentar Fé a quem tem tanta? Melhor he por certo, que vos vejaõ os inimigos, e creaõ em vós, que eu deſde a fonte do Bautiſmo vos conheci por Deos Verdadeiro, Filho da Virgem, e do Padre Eterno, e aſſim vos conheço agora. A Cruz era de maravilhoſa grandeza, levantada da terra quaſi dez covados. O Senhor com hum tom de voz ſuave, que meus ouvidos indignos ouviraõ, me diſſe: Naõ te appareci deſte modo, para accreſcentar a tua Fé, mas para fortalecer teu coraçaõ neſte conflicto, e fundar os principios do teu Reyno ſobre pedra firme. Confia, Affonſo; porque naõ ſó vencerás eſta batalha, mas todas as outras, em que peleijares contra os inimigos de minha Cruz. Acharás tua gente alegre, e esforçada para a peleja, e te pedirá, que entres na batalha com titulo de Rey. Naõ ponhas duvida, mas tudo quanto te pedirem lhes concede facilmente. Eu ſou o Fundador, e deſtruidor dos Reynos, e Imperios, e quero em ti, e teus deſcendentes fundar para mim hum Imperio, por cujo meyo ſeja meu Nome publicado entre as Naçõens mais eſtranhas. E para que teus deſcendentes conheçaõ quem lhe dá o Reyno, comporás o eſcudo de tuas Armas do preço, com que remi o genero humano, e daquelle, porque fuy comprado dos Judeos, e ſerme-ha Reyno ſantificado, puro na Fé, e amado por minha piedade. Eu tanto que ouvi eſtas couſas, proſtrado em terra o adorey, dizendo: Porque merecimentos, Senhor, me moſtrais taõ grande Miſericordia? Ponde pois voſſos benignos olhos nos ſucceſſores, que me prometteis, e guarday ſalva a gente Portugueza, e ſe acontecer, que tenhais contra ella algum caſtigo apparelhado, executay-o antes em mim, e em meus deſcendentes, e tivray eſte povo, que amo como a unico filho. Conſentindo niſto o Senhor, diſſe: Naõ ſe apartará delles, nem de ti nunca minha Miſericordia; porque por ſua via tenho aparelhadas grandes ſeáras, e a elles eſcolhidos por meus ſegadores em terras muito remotas. Ditas eſtas palavras deſappareceo; e eu cheyo de confiança, e ſuavidade, me torney para o Real. E que iſto paſſaſſe na verdade, juro eu D. Affonſo, pelos Santos Evangelhos de Jeſu Chriſto, tocados com eſtas mãos. E por tanto mando a meus deſcendentes, que para ſempre ſuccederem, que em honra da Cruz, e cinco Chagas de Jeſu Chriſto, tragaõ em ſeu Eſcudo cinco Eſcudos partidos em Cruz, e em cada hum delles os trinta dinheiros, e por timbre a Serpente de Moyſés, por ſer figura de Chriſto, e eſte ſeja o troféo de noſſa geraçaõ. E ſe algum intentar o contrario, ſeja maldito do Senhor, e atormentado no Inferno, com o Judas traidor. Foy feita a preſente Carta em Coimbra, aos vinte e nove de Outubro, era de mil cento e cincoenta e dous.

Eu ElRey D. Affonſo.
Joaõ Biſpo de Coimbra.
Joaõ Metropolitano Bracharenſe.
Theotonio Prior.
Fernaõ Peres Copeiro môr.
Vaſco Sanches.
Affonſo Mendes Governador de Lisboa.
Gonçalo de Souſa Procurador de Entre Douro, e Minho.
Payo Mendes Procurador de Vizeu.
Sueiro Martins Procurador de Coimbra.
Mem Peres o eſcreveo por Meſtre Alberto Cancellario delRey.

Eſta he a Eſcritura tirada do original, do modo que ſe conſerva no referido Cartorio, a que alguns Authores emulos da gloria Portugueza, tem por apocrifa, e com razoens futeis intentaõ eſcurecer, e por eſta cauſa nos pareceo de obrigaçaõ, pelo amor da Patria, ſatisfazer às ſuas duvidas, ainda que brevemente pelo eſtylo, que ſeguimos; porque deſta materia ſe podia fazer huma larga Deſſertaçaõ Hiſtorica, como tem principiado com eſte titulo o eruditiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, a quem todos os curioſos devem grande attençaõ, por ſer univerſal eſtimador de todo o genero de eſtudos, e nós particularmente obrigados à generoſidade,

roſidade, com que da ſua grande livraria nos ſoccorre, naõ ſó com livros impreſſos, mas ainda com exquiſitos manuſcritos, e já que naõ podemos ter outra gratificaçaõ, ſatisfazemos em noſſos eſcritos, confeſſando neſta curta memoria ao Mundo todo, o que devemos à grandeza da ſua peſſoa, e erudiçaõ.

Que ſeja verdadeira eſta Eſcritura, ſe prova com a conſtante tradiçaõ, que os noſſos naturaes conſervaraõ por tantos ſeculos de pays, a filhos, da referida viſaõ; que ElRey fizeſſe o juramento approvaõ as noſſas Hiſtorias, ſem haver Author algum Portuguez, que o contradiga, e muitos, e graves Caſtelhanos, e Eſtrangeiros, que o confeſſaõ, como logo veremos. Argúem a validade da Eſcritura em ſer toda feita de huma ſó letra, ſem que os ſinaes dos que a ſobeſcreveraõ ſejaõ proprios; eſta duvida tem taõ pouco fundamento para os noticioſos, como ſe vê do Tratado do Padre Mabillon, de *Re Diplomatica*, liv. 2. cap. 22, onde dá por doutrina geral o eſcreverem-ſe muitas vezes todas as firmas pela maõ do meſmo Notario. As ſuas palavras ſaõ as ſeguintes: *Ex ſubſcribentibus multi fuerunt quorum nomina, non propria manu chartis appoſita ſunt, ſed aliena; id eſt, Notarii inſtrumentum ſcribentis, quod facile deprehenditur ex uniformi ſubſcriptorum charactere. Id verò quatuor ex cauſis accidiſſe puto: primò ex imperitia ſcribendi: ſecundò ex cæcitate: tertiò ex affectata quadam prærogativa dignitatis: quartò ex uſu, & conſuetudine.* Além diſto ſe prova eſta verdade com os noſſos Archivos, e ſem ſahir do de Alcobaça, ſe vê nelle, que foy eſte coſtume muy uſado na Eſcritura do feudo a Santa Maria de Claraval, e na da Doaçaõ dos Coutos ao meſmo Moſteiro, da qual inda atégora ninguem duvidou, e por ella gozaõ os Religioſos taõ groſſas rendas, e izenções, como ſabemos.

Tambem nos naõ ſerve de embaraço a duvida de ſer o anno de Chriſto, e naõ a Era de Cezar; porque em muitas do meſmo tempo, ſe vê, que ſe uſava de ambas, ainda que era mais commua a de Cezar; iſto era a arbitrio dos Cancellarios, ou Eſcrivães, o que ſegue Cramuel no ſeu *Philip. Prud.* liv. 2. §. 23. pag. 121, onde diz as palavras ſeguintes: *Apud Hiſpanos fuiſſe in uſu tunc temporis duas Æras; videlicet Cæſaream, & Chriſtianam; & ſæpius utra eſſet non exponebatur.*

Em os Reynos de Caſtella, Leaõ, e Galliza, como notou Morales no *Diſcurſo dos Privilegios*, liv. 7. cap. 51, ſe achaõ muitas Eſcrituras, e Doações deſte modo, e refere huma, que diz eſtar no Cartorio de Oviedo delRey D. Affonſo o Caſto, feito na Era 830. Outra delRey D. Ordonho I. feita em 20 de Abril de 860; e tambem outro Privilegio deſte Rey, dado ao Moſteiro de Samos em Galliza, cuja Eſcritura ſe fez em 7 de Abril Era de 860, as quaes Eſcrituras pelos annos, em que eſtes Reys governaraõ, moſtra o dito Morales naõ ſerem da Era de Cezar, mas de Chriſto. D. Garcia de Loayſa Arcebiſpo de Toledo, na Annotaçaõ ao *Concilio Illiberitano*, moſtra uſarſe da Era de Chriſto. Nos actos da Trasladaçaõ de Santo Iſidoro, feitos antes do anno 1383, como obſervaõ Papebrochio, e Henſchenio, no Tomo I. de Abril, pag. 902, ſe naõ uſava já da Era de Cezar, ſenaõ da de Chriſto, e dizem, que devia naſcer de o Author ſer Francez Cluniacenſe, que em Heſpanha quiz introduzir o coſtume de França. Eſta razaõ faz muito ao noſſo caſo; porque além da Corte Portugueza ſer naſcida da de França, o Cancellario, que tinha ElRey D. Affonſo, era M. Alberto, Francez, como diz Maris *Dialog.* 2. cap. 5, e ainda que a Eſcritura foſſe lançada pelo Vice-Cancellario Mendo Pires, mais elegante, que o Cancellario (como diz o Padre Franciſco da Cruz, em hum papel m. ſ. em que tinha junto algumas memorias ſobre eſta materia) ſempre ſeria dirigida pela ordem do Cancellario. Em França, deſde a Coroaçaõ do Emperador Carlos Magno, que foy no anno 801, ſe contou pelo anno de Chriſto, como adverte o ſobredito Padre Mabillon, no livro de *Re Diplomatica*, liv. 2. cap. 23. pag. 173, onde fallando da morte de S. Bento Abbade, diz: *III. de Febr. anno ab Incarnatione Domini DCCCXXI. Ind. XIV. concurrente 1. epacta XIV. anno IX. Imperii Ludovici piiſſimi Imperatoris.* Aqui traz muitos lugares, que provaõ ao noſſo intento, e remetemos aos curioſos de antiguallhas a eſta douriſſima Obra. Tambem do Reyno de Inglaterra vimos muitas Cartas, e Doações, com o anno de Chriſto de tempos antigos, e baſta apontar a

ſeguinte,

ſeguinte, que acaba *Hæc donatio facta fuit anno ab Incarnatione Domini MCLI.* hum anno antes, que a noſſa Eſcritura, e a refere o *Monaſticon Anglicano*, na II. Parte de *Canon. Regular. Auguſtinian.* pag. 508, e foy trabalho de Rogeiro Dodſworth, e Guilherme Dugdale. Mas inda temos fundamentos mais fortes, que provaõ eſta materia, por ſerem do noſſo Reyno, como he o Foral dado pelo Conde D. Henrique à Villa de Azurara, no qual ſe diz ſer feito na Era MCX. que conforme o tempo naõ póde ſer Era de Cezar, ſenaõ anno de Chriſto, como prova doutamente Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Luſitan.* liv. 8. cap. 26, e no liv. 10. cap. 12, e ſe vê da Carta do feudo a Santa Maria de Claraval, que acaba: *Facta Charta in Eccleſia Lamecenſi 4 Kal. Maii an.* 1142; Brit. na *Chron. de Ciſter.*, liv. 3. cap. 6, traz huma Carta de quitaçaõ, feita por Fr. Pedro Abbade de Tarouca, dada a Joaõ Alvares, Procurador delRey D. Affonſo, que acaba: *Facio Cartam Cal. Julii anno Dñi* 1149, das quaes já fizemos mençaõ no Commentario do dia oito. No Moſteiro de Salzedas, eſtaõ muitas Eſcrituras do tempo da Rainha D. Tereja, e delRey D. Affonſo Henriques, ſeu filho, com o anno de Chriſto, como refere o inſigne Antiquario Manoel Severim de Faria, nas Memorias m. ſ. que ajuntou na Torre do Tombo, part. 3. pag. 457, e ſeguintes, as quaes conſervo em meu poder, e ultimamente ſe vê em huma pedra antiquiſſima, que eſtá ſobre a porta principal da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova de Santarem, com o anno de Chriſto, a qual refere o Illuſtriſſimo Cunha, na *Hiſtoria de Lisboa*, tom. 1. part. 2. cap. 57, e Brandaõ na *Monarch.* part. 3. cap. 24, cujo theor he o ſeguinte: *Anno ab Incarnatione MCLIIII. & ab urbe iſta capta VII. regnante Domino Alfonſo Rege Comitis Henrici filio, ex uxore ejus Regina Mahalda, hæc Eccleſia fundata eſt in honore Sanctæ Mariæ Virginis, & Matris Chriſti à militibus Templi Hieroſolymitani juſſu Magiſtri Hugonis, Petro Arnaldo Curam ædificii gerente animæ eorum requieſcant in pace. Amen.* E vem a dizer, em o anno do Senhor de 1154, e havendo ſete annos, que eſta Cidade ſe ganhara, reinando ElRey D. Affonſo, filho do Conde D. Henrique, e ſua mulher a Rainha D. Mafalda, foy Fundada eſta Igreja, em honra de Santa Maria Virgem Máy de Chriſto, pelos Cavalleiros do Templo de Jeruſalem, mandando-o o Meſtre Hugo, e tendo cuidado da fabrica Pedro Arnaldo, ſuas almas deſcanſem em paz. Amen. O Letreiro referido he hum irrefragavel teſtemunho, de que no Reynado deſte Rey ſe uſou já da conta do Naſcimento de Chriſto, e aſſim temerariamente ſe perſuadiraõ, os que imaginaraõ ſer eſte hum grande fundamento contra a legalidade do juramento, em que ſe naõ deixa tambem de reparar, em naõ ſer o Latim taõ barbaro, como pedia o tempo, o que ſe convence com outras Eſcrituras do meſmo eſtylo, como he a do feudo a Claraval, feita em o meſmo Reynado; demais, que naõ he taõ puro o eſtylo, que perſuada a acharem-lhe elegancia os eruditos, vendo nella alguns ſoleciſmos, os quaes já notou Cramuel no *Filip. Prud.* liv. 2. art. 7. §. 23. pag. 120. E tambem Fr. Angelo Manrique, nos *Annaes Ciſtercienſes ad annum Chriſti* 1142, cap. 3. num. 1, chama a eſte inſtrumento *Barbarum ſane, & incomptum pro more ſæculi, ſed dictatum à Principe Chriſtiano, & cui maior cura pié, quam apté loqui.* Alguns Authores dizem, que a tradiçaõ deſta viſaõ he ſó entre os Portuguezes cegos nas materias de ſeu credito, e naõ entre as outras Nações; e logo verá o Leitor nos Authores Eſtrangeiros abaixo citados, o pouco fundamento, que tem eſta duvida, e a que ſe ſegue, de dizerem, que eſta tradiçaõ he muito moderna, eſpalhada depois, que naõ tivemos Reys naturaes, e que aquella falta nos fez perſuadir a certeza da viſaõ, para animar deſta ſorte a eſperança. Eſte argumento facilmente ſe convence; pois, como affirmaõ os Doutores, o fundamento mais claro nos Catholicos, para verem o irrefragavel das Eſcrituras, he ſerem cumpridas as mais dellas, e nós vemos realmente cumpridos todos os vaticinios, que ElRey D. Affonſo declarou no ſeu juramento, que lhe foraõ manifeſtados por Deos, como temos viſto. Demais, que muitos annos antes da Coroa Portugueza ſer dominada pela Caſtelhana, o eſcreveraõ diverſos Authores, e do meſmo tempo temos documento, em que atégora ſe naõ duvidou, como logo moſtraremos.

O inſigne Poeta Luiz de Camoens, no 1. Canto Eſtanc. 7. diz.

Vos

Vos tenro, e novo ramo florecente
De huma arvore de Chriſto mais amada.

E no Canto 3. Eſtan. 45.

A Matutina luz ſerena, e fria
As Eſtrellas do pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria
Apparecendo a Affonſo o animava;
E elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado aſſim gritava:
Aos Infieis, Senhor, aos Infieis,
E naõ a mim, que creyo o que podeis.

Antonio Ferreira, no Epitafio que faz a ElRey D. Affonſo Henriques, e começa.

Primeiro Affonſo ſou, filho de Henrique.

E ſe imprimio no anno de 1598, e diz ſeu filho Miguel Leitaõ de Miranda, na Dedicatoria, que havia quarenta annos, que eſtava feito; Fr. Simaõ Coelho, na *Chronica do Carmo*, impreſſa no anno de 1571, liv. 2. cap. 17; Fr. Heitor Pinto nos ſeus Commentarios ſobre Ezechiel, que imprimio no anno 1570, no fim da Epiſt. Dedicatoria. ElRey D. Sebaſtiaõ, quando viſitou as terras maritimas do Reyno do Algarve, paſſando pelo Campo de Ourique, vio com grande curioſidade o campo da batalha; e vendo a Ermida, em que vivco o Servo de Deos Vigildo Pires, de quem fizemos menção a 17 deſte mez, arruinada com o tempo, ſem haver naquelle lugar outra memoria, merecendo ſer ſinalado com obeliſcos, e arcos triunfaes, que mudamente acclamaſſem aquella inſigne batalha, mandou naõ ſó reedificar a Igreja, mas accreſcentalla, e em ella lavrou hum arco ſumptuoſo, em que ſe poz a Inſcripçaõ ſeguinte, de que foy Author o Meſtre André de Rezende: *Hic contra Imarium quatuorque alios Sarracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem pugnaturus felix Alfonſus Henricus primus Luſitaniæ Rex appellatus eſt: & à Chriſto qui ei Crucifixus apparuit, ad fortiter agendum commonitus copiis exiguis tantam hoſtium ſtragem edidit, ut Corbis, & Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. Ingentis ac ſtupendæ rei, ne in loco ubi geſta eſt, per infrequentiam abſoleſceret. Sebaſtianus primus Luſitan. Rex bellicæ virtutis admirator, & maiorum ſuorum gloriæ propagator, erecto titulo memoriam renovavit.* Quer dizer. Eſtando para peleijar neſte campo com ElRey Iſmario, e outros quatro Reys Mouros, que traziaõ exercito innumeravel, o venturoſo Rey D. Affonſo, foy acclamado primeiro Rey de Portugal, e animado por Chriſto Noſſo Salvador, (que lhe appareceo crucificado) a peleijar valeroſamente: com pouca gente fez tanta deſtruiçaõ nos inimigos, que as correntes dos rios Corbes, e Terges, ſe accreſcentaraõ com o ſangue derramado. Porque huma façanha taõ grande, e eſtupenda ſe naõ foſſe pondo em eſquecimento, neſte lugar donde aconteceo, por ſer pouco frequentado; ElRey D. Sebaſtiaõ, o primeiro do nome (em quem foy igual o eſforço militar, ao deſejo que teve de accreſcentar a gloria de ſeus anteparſados) renovou a memoria della com eſte titulo, que mandou levantar. Joaõ Rodrigues de Sá de Menezes, no *Cancioneiro Geral*, que imprimio Garcia de Rezende, no anno de 1516. pag. 115. diz:

As dadas por mãos Divinas
A Rey mais que terreal
Armas ſaõ de Portugal
Sobre prata cinco Quinas
E os dinheiros por ſinal.

Cujos

Cujos Reys, que já paſſaraõ,
Com vitorias as pintaraõ
Por Africa graõ tropel
E ElRey D. Manoel
Onde os Romaos no chegaraõ.

E em outra parte, fallando com o Duque de Bragança D. Jayme, diz:

A quem fende hum labeo
De Deos Eſcudos Reaes
Sem outros nenhuns ſinaes
Que naõ chegue de voleo
Até quinas Devinaes.

Franciſco de Sá de Miranda, que morreo no anno 1558, na Fabula do Mondego, Eſtancia. 7.

En un dia venciò tanto Rey Moro,
Quando aquel Rey mayor le apareciò.

Eſtas Obras mandou ſeu Author, alguns annos antes da ſua morte, ao Principe D. Joaõ, filho delRey D. Joaõ o III. Quando a Univerſidade de Coimbra celebrou as Exequias deſte Rey, no anno de 1557, fez huma Oraçaõ Latina o famoſo J. C. Manoel da Coſta, que imprimio no ſeguinte anno, com eſta Hiſtoria. Gil Vicente, na Tragi-Comedia intitulada *Triunfo do Inverno*, inſerto nas ſuas Obras, impreſſas, anno 1562, diz

De tu puder ayudado
Venciò cinco Reys Moros
Juntos en campo aplazado
Tus Cinco Llagas le diſte.

Damiaõ de Goes, Chroniſta delRey D. Manoel, na *Deſcripçaõ de Lisboa*, impreſſa no anno 1554, e anda incorporada na *Collecçaõ de Heſpanha Illuſtr.* tit. 2. pag. 879, diz as palavras ſeguintes: *Affirmant noſtri ſcriptores ipſum Alfonſum, antequam prælium iniret, Chriſtum in Cruce appenſum in æthere conſpexiſſe ei victoriam pollicentem, &c.* Eſte Author, que eſcreveo no Reynado delRey D. Manoel, funda a ſua narraçaõ, em Chronicas mais antigas: *Noſtri Scriptores.* Eſte meſmo Rey mandou lavrar o ſepulchro delRey D. Afonſo, no Convento de Santa Cruz de Coimbra; onde ſe eſculpio o Epitafio, que hoje tem, e reſervamos para o Commentario do dia ſeis de Dezembro, e agora ſó referimos as palavras, que fazem ao noſſo intento: *Nec Regno ſolum, poſteriſque Inſignia Chriſtum, qui ei apparuit, Crucifixum referentia, ſed cunctis etiam maximum exemplum reliquis*, para onde tambem reſervamos a Commemoraçaõ, que no dito Moſteiro ſe fazia deſte Santo Rey, e traz a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 10. cap. 32. pag. 509; e Brandaõ na III. Parte da *Monarchia Luſitana*, num. 11. cap. ult. *Ac Chriſtum Dominum noſtrum Cruci affixum nocte in tempeſta vidiſti.*

Duarte Galvaõ na *Chronica do dito Rey*, cap. 15, diz o ſeguinte: *O Principe ſahio da ſua tenda, como elle teſtemunhou*: bem ſe vê, que falla do juramento. A Chronica deſte Author, he muito mais antiga, do que elle; porque naõ foy mais que reformador de huma muito antiga, que achou, aqual ordenou melhor de eſtylo, como affirma Joaõ de Barros, Decad. 3. liv. 1. cap. 4. pag. 12; e o Meſtre André de Rezende, *in Epiſt. ad Kabedium*, pag. 12. *penes me. Hiſtoriam Regis Alphonſi ab eo* (falla de Duarte Galvaõ) *non tam compoſitam, quam in Epithomen redactam, antiquam verò ab ipſius Regis temporibus Latine, ut illa ferebant*

ferebant tempora scriptam servari apud S. Crucem Conimbricensem; e Manoel de Faria, no principio do 1. tom. da *Asia*, onde allega os livros, e papeis de que se valeo, diz: *Diez Chronicas de los primeros diez Principes hasta D. Fernando, escritas por Duarte Galvan, persona de mucha authoridad, y se cree son recopiladas de las de Fernan Lopes.*

Mas sobre todos estes Authores, temos documento irrefragavel, de que atégora naõ sabemos, que ninguem duvidasse, que he a Escritura do feudo deste Reyno ao Mosteiro de Claraval, feita pelo mesmo Rey, e traz Brandaõ no lugar acima citado, de que tiramos só as palavras necessarias, e saõ: *Ut tam ego, quam successores mei in perpetuum regnaturi agnoscant habere regnum de manu Dei, qui præsentialiter tradidit eum mihi, ut corde firmo, & charitate perfecta fidem Christianam ab infidelium injuriis defenderem.* Com esta evidente prova cessa a duvida, dos que entenderaõ ser moderna a tradiçaõ da visaõ, pois se confirma quanto cabe na fé humana com esta Escritura, por serem estas a alma da Historia, com as quaes se tiraõ todas as contradições, convencendo-se com ellas todos os erros, que a ignorancia, ou maledicencia inventou.

Continuaõ com a impugnaçaõ, dizendo, que huma das razoens, porque naõ podia ElRey D. Affonso ser favorecido do Ceo com esta visaõ, he, porque naõ havia nelle merecimentos, e que neste tempo tinha sua mãy preza; o que doutamente convence de falso com a computaçaõ dos tempos, em que naõ póde haver duvida, o Doutor Fr. Antonio Brandaõ, na III. Parte da *Monarch. Lusitan.* liv. 9. cap. 20. Qual fosse a sua virtude veremos acreditada com prodigios, quando chegarmos ao seu dia, que por agora bastaõ as referidas commemorações, que acima appontamos. Demais, que semelhantes visoens, naõ saõ sempre prova de virtude heroica no sogeito, a que se communicaõ, por pertencer às graças *gratis datas*, como dizem os Theologos; e assim escolhe Deos instrumentos, ao nosso parecer desproporcionados, pelos inexcrutaveis segredos da sua Omnipotencia. He doutrina do Padre Pedro Thyreo, doutissimo Theologo da Companhia, no Tratado de *Variis Apparitionibus*, liv. 4. cap. 9. §. 8, onde diz: *Potuit Deus apparere, suaque revelare gentibus, Judæis, viris, fœminis, adultis, juvenibus, doctis, indoctis.* E na Escritura Sagrada, temos no Testamento Velho muitos exemplos de apparecimentos de Deos, como se vê no Genesis, cap. 4. vers. 9, a Caim máo, e Atheista, como disseraõ alguns Authores; a Abimelech. Gen. cap. 20. vers. 3; a Labaõ Gen. cap. 31. vers. 24; e no livro dos Num. cap. 22. vers. 20, a Balaam, todos Gentios; a Alexandre Magno, tambem Gentio, como escreve Josepho de *Antiq.* liv. 11. cap. 8. No Testamento Novo temos a Saulo, depois Paulo, a quem Christo tirou da synagoga, apparecendo-lhe em Damasco, em o tempo, que perseguia aos Christãos; a Santo Eustachio, depois Martyr, quando vio ao mesmo Christo nas pontas do veado. E se nos disserem, que nestes foraõ meyos de santidade futura, quem duvida, que a teve ElRey D. Affonso? E ainda sem motivo de santidade appareceo a Affonso de Albuquerque, no estreito do Mar Roxo, huma Cruz no ar, guarnecida de resplandores, que ategora ninguem duvidou, naõ sabemos tivesse santidade, que merecesse este favor; assim o refere Faria, no *Argumento Geral aos Lusiadas*, do Cant. 1. col. 118. Além disto temos huma immemoravel tradiçaõ na Cidade de Coimbra, celebre Universidade do Reyno, na Freguesia de Santa Justa, em huma Imagem de Christo crucificado, que se affirma mandou fazer ElRey D. Affonso Henriques, desejoso de ver retratada a presença, que Christo lhe mostrou, cujas especies firmissimamente conservava, e se conta por tradiçaõ de toda aquella terra, que mostrando-lha o artifice, que a obrava muitas vezes, para ver se assemelhava com o exemplar, que conservava na memoria, ElRey por vezes a mandou emendar, e reformar, até que ultimamente chegou ao que era Esta Imagem, he huma das mais milagrosas do Reyno, com a qual tem aquella Cidade huma grande devoçaõ, e só nas mais graves afflições se costuma tirar da sua Capella.

Finalmente, argúem o Escudo das Reaes Armas deste Reyno, sendo elle hum irrefragavel testemunho da apparição referida; pois em memoria de taõ assinalado favor do Ceo, largou ElRey as Armas, que seu pay o Conde D. Henrique usara, (e foraõ em campo de prata

huma Cruz azul) depois que nas muralhas de Jeruſalem tremolaraõ à ſua viſta os Eſtandartes ornados com a Cruz de Chriſto, querendo dever ſó ao ſeu eſforço novos brazoens; porque até entaõ trouxe o Eſcudo branco, eſperando pela occaſiaõ, em que ſeu valor lho encheſſe, ſem querer uſar das Armas da Caſa de Borgonha, de que era filho; da cor das faxas das ſuas Armas, ou da do Eſcudo Real de França, tomou a cor azul, de que formou a Cruz das ſuas Armas. Deſtas uſou ſeu filho, e he certo, que tendo acções de muita fama, antes da batalha de Ourique, com que poder accreſcentar o ſeu Eſcudo, o naõ quiz fazer, por naõ largar a Cruz, ſenaõ depois que Chriſto lhe appareceo; porque entaõ formou novo Eſcudo, ornado com os preciosos teſtemunhos da noſſa Redempçaõ; e por iſſo poz cinco Eſcudetes em Cruz, em memoria das cinco Chagas; e em cada hum os trinta dinheiros, porque Chriſto fora vendido por Judas, e mandou lançar na ſobredita Eſcritura a razaõ, porque aſſim formara o ſeu Eſcudo; o que ſe naõ foſſe verdade era eſcuſado, pois tinha livre vontade para formar as ſuas Armas na fórma, que quizeſſe; pois vitorioſo, e triunfante, cheyo de gloria, e opulencia, naõ lhe era neceſſario dar conta a ſeus vaſſallos, ſe o naõ pediſſe a relevancia da materia; porque parece era vontade de Deos, que eſte Reyno foſſe conhecido por ſeu, como depois ſe vio na ſatisfaçaõ das profecias, tantos annos, depois compridas, como teſtemunha a Aſia, America, e Africa, onde mandando tantos opperarios Evangelicos, plantaraõ a ſeára de Jeſu Chriſto, regando-a com o ſeu ſangue, em confirmaçaõ da Ley, que publicaraõ, como tantas vezes temos viſto no diſcurſo deſta Obra. Naõ achamos tambem força alguma no reparo de ſer feita a Eſcritura treze annos depois da Appariçaõ; porque além dos negocios de hum Rey, que andava com a eſpada na maõ, conquiſtando, e conſervando o que havia ganhado aos Mouros, lho embaraçaria; além de que quiz moſtrar, que o fazia em tempo, que naõ cauſaſſe ſoſpeita, como advertio Faria, no Commento a Camoens, Cant. 3. Eſtanc. 46. col. 71, pois lograva da Dignidade de Rey havia treze annos, e poderia cauſar duvida, ſe o fizeſſe no meſmo dia da viſiaõ, ou pouco depois, como diſſe D. Nicolao Fernandes de Caſtro, com a falſidade, que profeſſou, que immediatamente lançou a Eſcritura *Port. Convencid.* part. 4. pag. 599. Daqui ſe vê a grande ignorancia, que eſte Author tinha da Hiſtoria, como conſta de outras muitas partes deſta Obra, eſcrita por liſonja, e com odio às noſſas couſas, como todos conhecem; porque entaõ poderia parecer deſejo de conſervar a Coroa, que naquelle dia pozera na cabeça; mas tantos annos depois, era por dar a razaõ do Eſcudo, que formara, naõ por capricho, ſenaõ por myſterios, pois eſtes ſempre tem occultos ſegredos. Senaõ digaõ-me: porque naõ declarou Saõ Paulo ad Cor. 12, que fora arrebatado ao terceiro Ceo, ſenaõ quatorze annos depois de ter recebido eſte ſingular favor de Deos? E porventura feria por iſſo duvidoſo aquelle rapto? He certo que naõ; porque os favores com que Deos quer moſtrar a ſua Omnipotencia às criaturas, naõ ſe regulaõ por coſtumes vulgares, ſenaõ por occultos myſterios, de que nos naõ quiz fazer participantes. Neſte meſmo lugar esforçaõ o ſeu argumento, dizendo, que ſe o Eſcudo fora formado por ordem de Deos, e havido por tal, nenhum ſucceſſor ſeu ſe atrevera a variar as ditas Armas, no que ſe vê a pouca noticia, que tem da Hiſtoria Portugueza, pois della ſe vê, que nunca nas Armas houve variedade ſubſtancial, como já provou Manoel de Faria, no lugar allegado ſobre a Eſtanc. 54; Brandaõ, na III. Parte da *Monarch.* liv. 10. cap. 7, e ſómente em alguns accidentes, para ficar o Eſcudo em mais polida perfeiçaõ, como foy a orladura dos Caſtellos, por ElRey D. Affonſo III. o timbre da Serpente por ElRey D. Joaõ o I. ou foſſe por ſe conformar com o que ElRey D. Affonſo o I. tinha ordenado, ou pela inſignia de Saõ Jorge, que entaõ ſe começou a invocar nas batalhas de Portugal, até que em tempo delRey D. Joaõ o II. ſe reduzio à perfeiçaõ, em que hoje o vemos, em campo de prata, os cinco Eſcudos azuis, em fórma de Cruz, e em cada hum cinco dinheiros, e por orladura ſete Caſtellos de ouro em campo vermelho. Camoens na Eſtanc. 54. do 3. Canto o explica ſingularmente.

E nestes cinco Escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy favorecido
Em cada hum dos cinco, cinco pinta;
Porque assim fica o numero comprido,
Contando duas vezes o do meyo,
Dos cinco azuis, que em Cruz pintando veyo.

Joaõ de Mariana, com aquelle costumado affecto, com que escreveo as nossas cousas na sua *Historia Geral de Hespanha*, liv. 10. cap. 17, atribue os cinco Escudos, às Bandeiras dos cinco Reys Mouros; e affectadamente ignorante da nossa Historia, diz, que naõ sabe, se com bom fundamento referem os nossos Authores, ser formado o Escudo em memoria das cinco Chagas, chamando vãos, e ignorantes aos que isto seguiaõ; mas elle o estava tanto neste ponto, como nos mais, que nos tocaõ; porque sendo o campo de prata, elle o faz azul; e que ElRey D. Sancho lhe ajuntava a orladura dos Castellos, sendo D. Affonso III. em memoria do Reyno do Algarve, o que consta de todas as Chronicas do Reyno; Garibay no *Compendio da Historia de Hesp.* liv. 34. cap. 10. pag. 787, que se ha com outro termo nos nossos particulares, tambem quer, que seja em memoria dos cinco Reys vencidos, mas elle, e todos os mais que o dizem se enganaraõ; porque como já disse Antonio de Sousa de Macedo, nas *Flores de Hespanha*, cap. 5, se os Portuguezes fizessem vaidade de terem cinco Reys vencidos, poderiaõ ajuntar àquelles cinco, quatorze, (ou trinta, como dizem alguns Authores) que juntos vencco o mesmo Rey D. Affonso, junto a Santarem, e outros muitos de que em diversas occasioens triunfou; e assim lemos nas Historias da Africa, e da Asia, taõ grande numero de Reys vencidos pelas Armas Lusitanas, sem que por isso se augmentasse o Real Escudo Portuguez. Alguns vassallos seus ajuntaraõ às suas Armas cabeças de Reys Mouros, que venceraõ, como he o dos Teixeiras Baharens, que em memoria do Rey de Baharem, que desbaratou, traz no seu Escudo a cabeça de hum Rey Mouro, coroada de ouro, cortada em vermelho. Le Coque na sua *Geografia*, que escreveo taõ mal informado da nossa Historia, refere, que as Armas do nosso Reyno, saõ atribuidas a cinco feridas, que ElRey recebeo na batalha. Naõ sey donde este Author achou esta disparatada noticia, taõ fóra da verdade; porém a sua Obra, naõ só por isto, mas pelo mais, naõ merece ser attendida para nada.

Desta sorte nos parece termos satisfeito às duvidas dos nossos contrarios, com provas irrefragaveis, que o testemunhaõ, e muitas servem para corroborar a legalidade das Cortes de Lamego; pois tantos annos antes de se temer attenuada a Real prole, as nossas Historias faziaõ mençaõ do milagroso successo deste dia, a que ajuntamos os seguintes Authores. Sejaõ os primeiros os nossos naturaes, que pomos sem ordem, a que naõ numeramos os já allegados.

Faria na *Europa Portug.* tit. 2. part. 1. cap. 3; Manoel Severim de Faria *Noticias de Port.* discurs. 3. §. 6; Brandaõ na *Monarch. Lusit.* part. 3. liv. 10. cap. 5. pag. 127; D. Nicolao de Santa Maria *Chronica dos Conegos Regulares*, part. 2. liv. 7. pag. 90, e allega D. Francisco de Mendanha na *Descripçaõ do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*; o Bispo D. Fr. Amador Arraes nos seus *Dialogos*, Dialog. 4. cap. 21; Vasconcellos *Anacephaleoses* 2. pag. 15; Pimenta nos Epigrammas, que andaõ juntos em o dito livro; *Benedictina Lusit.* tit. 2. tract. 2. prelud. 2. part. 5; Purificaçaõ *Chronica dos Agost.* tit. 2. liv. 5. §. 4; hum Nobiliario, escrito em tempo delRey D. Joaõ o III. que conservamos m.s. em nosso poder, de que he copia o de Damiaõ de Goes, que elle accrescentou; Albergaria *Trofeos Lusitan.* Pedro de Sousa Pereira no *Mayor Triunfo da Monarchia Lusitana*, onde faz hum Tratado desta materia, e nelle mostra o pouco, que vio della; Barbuda *Empresas Militares*, liv. 1. pag. 2. vers. e no livro *Por la Fidelidad Lusit.* pag. 5; Jeronymo Corte Real no *Naufragio de Manoel de Sousa Sepulv.* Veda Canto 13. pag. 137. vers. Manoel Thomás na *Insulana*, liv. 10. oit. 59;

e no *Phenix da Luſitan.* liv. 1. oit. 36; D. Bernarda Ferreira de Lacerda *Heſpanha Libertada*, part. 2. cap. 3. oit. 58; o Padre Antonio de Macedo *Divi Titulares*, pag. 239; D. Rodrigo da Cunha *Hiſtoria de Braga*, part. 2. cap. 15. num. 7; Manoel de Souſa Moreira *Theatro Genealogico da Caſa de Souſa*, pag. 158; Fr. Franciſco Brandaõ *Diſcurſo Gratulatorio*, pag. 92; Franciſco Rodrigues Lobo no *Condeſtabre de Portug.* Cant. 14. oit. 36; Franciſco de Santa Maria *Chronica dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta*, liv. 2. cap. 1, e 2; Franciſco Soares Toſcano em os *Paralellos*, cap. 1; Antonio de Souſa de Macedo na *Luſit. Liberata*, proœm. 2. §. 2; no *Cranuel Convencido*, part. 1. a pag. 12; e nas *Flores de Heſpanha*, cap. 5. excellencia 4; Rodrigo Mendes Sylva no *Catalogo Real*, fallando de Filippe II. pag. 205; Antonio Paes Viegas nos *Principios de Portugal*, liv. 4; Manoel Conſtantino na *Hiſtoria Latina da Ilha da Madeira*, e tambem na *Oraçaõ Latina*, que fez em Roma, na morte de Filippe II. Antonio de Villas boas e Sampayo *Nobiliarchia Portug.* cap. 24. pag. 195; Fr. Fulgencio Leitaõ, Agoſtinho, que he o verdadeiro Author do livro *Reſtauraçaõ do Reyno de Portug.* impreſſo com o nome de Joaõ Bautiſta Morelli, 1. part. n. 18, onde reſponde aos fundamentos dos noſſos contrarios; o que tambem fazem muitos dos appontados Authores; Fr. Franciſco de Macedo na *Filippica Port.* pag. 90, onde cita entre outros Innocencio II. e Alexandre III. e em o *Propugnaculo Luſit. Gallico*; Manoel Correa *Comment. ſobre Camoens*, cap. 3. eſt. 45; Fr. Thomé de Faria *Luſiadum* liv. 3; Vaſco de Quebedo Mouſinho; *Vox Turturis* de Nicolao Monteiro; Eſtaço *Antiguidades de Port.* Fr. Serafino de Freitas; Oſorius de *Nobilitate Chriſtiana*, liv. 3. pag. 110, ao Infante D. Luiz; o Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ na Dedicatoria do ſeu *Tratado Annalitico, e Apologetico*, impreſſo 1715; o Padre Antonio Vieira na *Palavra de Deos Deſempenhada*, pag. 69; e em diverſos lugares; Diogo Pires Cinza na *Trasladaçaõ de S. Vicente*, cap. 9; o Doutor Franciſco de Velaſco de Gouvea na *Fidelidad de los Portug.* liv. 2. tit. 2. art. 5. per tot. o Doutor Joaõ Salgado de Araujo, Abbade de Pera, no *Marte Portuguez*, Cert. 1. Art. 7; D. Proſpero, Conego Regr. *Sylva do Padre S. Theotonio*; Fr. Jorge de Carvalho em hum Commento ſobre as palavras, que Chriſto diſſe a ElRey D. Affonſo, dividido em cinco capitulos m. ſ. que já tinha corrente das licenças para o imprimir, do qual faz menção Joaõ Franco Barreto na *Bibliotheca Luſitana*; o Licenciado Jorge Cardoſo Lamecenſe, *Anacephalæoſis de todas as antiguidades da Luſitania*, liv. 6. cap. 2; e na *Corografia do Reyno do Algarve*, liv. 3. cap. 4. m. ſ. de que tenho copia, viveo em tempo delRey D. Sebaſtiaõ.

Finalmente, naõ vimos Author algum Portuguez, que diga o contrario, de que nos pareceo naſcer, dizer Zapater, no livro *Ciſter Militant. Caval. de Aviz*, cap. 1. pag. 529. negando eſta viſaõ: *Eſte pues Principe eſforzado, celebre de Ourique, alli refiere credula ſu poſteridad en ſangre, y vaſſallos, que le apareciò Chriſto.* Com a ſua incredulidade, affirma a noſſa antiga tradiçaõ, ſem interrupçaõ de memoria em contrario, nem nos Reys, nem nos vaſſallos; e agora pergunto com os ſeguintes Authores Eſtrangeiros, ſe foy nelles credula eſta materia por vaſſallos, ou por conhecimento da verdade, fundada em os documentos, que temos moſtrado?

Filippe Jacobo Spenero in *Hiſtoria Inſignium Illuſtrium*, liv. 1. cap. 72. §. 5; *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real de França* pelos Irmãos Senhores de Santa Martha, liv. 20; Fr. Franciſco Quareſmio na Obra de *Quinque Vulneribus Chriſti*, tit. 5. liv. 2. cap. 7. Exempl. 1; o Conde Loſchi nos *Compendios Hiſtoricos*, fallando de Heſpanha no Reyno de Portugal; Lequien de la Neufville *Hiſtoria Geral de Portugal*, tom. 1. liv. 1. pag. 86; Joaõ Bautiſta Birago *Hiſtoria da Revoluçaõ de Portugal*; Lourenço Beyerlinck *in Theatro Vitæ Humanæ*, *tit.* 1. *in verbo Apparitio*; Gonzaga, Biſpo de Mantua *in Chron. Franciſc.* part. 3. tit. *Provinciæ Pietatis*, pag. 941; Tarcagnota *Hiſtoria de Italia*; Pedro Jarrico no *Theſouro das couſas da India*, part. 2. cap. 3; Abraham Ortelio, citando o livro *Marcha in Theſauro Orbis*, *Tabula Portugalliæ*; Pedro de S. Romualdo *in Theſauro Chronol. & Hiſtorico*, *tit.* 2. *ad annum* 1139; e nas *Ephemerides*, ou *Diario Chronologico*, a 25 de Julho; o Padre Joaõ Bonifacio *Bagata Admiranda Orbis Chriſtiani*, tit. 2. liv. 5. cap. 1; Sylveſter *Petra Santa Teſſera Gentilitia*;

Turſel-

Turſellinus *in Epitome ab Orbe condito*, liv. 8; Roſſignolus de *Actibus virtutum*, liv. 2. cap. 16; Boſſio de *Signis Eccleſ.* tit. 2. liv. 7. pag. 430; Grognard *Coroa de Portug.* impreſſa em Turim, anno 1682, pag. 112, e pag. 254, onde cita tambem a Biſaccioni, referindo o Apparecimento, diz, que foy ſemelhante ao de Conſtantino Magno; o Marquez Balbiani Franciſco Sandford *Genealogia dos Reys de Portugal*, impreſſa em Londres, anno 1662, em folha; Paciuchelio no *Tratado da Paixaõ de Chriſto*, liv. 4. diſc. 11; o Padre D. Antonio Ardizone, Theatino, no *Cordel Triplicado*; Joſué Roſſeau na *Hiſtoria de Portugal*; o Padre Luiz de Maimbourg da Companhia, *Hiſtoire des Croiſades*, tit. 1. liv. 3. pag. 335; Fr. Diogo Lequile, *De Omnibus matrimoniis Auſtriacis tam Marium, quam Mulierum*, impreſſo em 1658, trazendo o Juramento ſe naõ atreve a negallo, ainda que o ſuppoem verificado a favor delRey D. Filippe II. porém ſe vivera mais annos, conheceria quaõ bem entendida era a decima ſexta geraçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. pois na ſua poſteridade ſe cumprio a profecia, a qual como temos dito, he a parte principal para ſer verdadeira, tom. 2. pag. 336; Simaõ Mayolo *Dierum Canicularium*, tit. 5. coloq. 5. pag. 173; Grutero liv. 3. *de Cruce*, cap. 8. pag. 644; o Padre Anſelmo *Hiſt. Genealog. da Caſa Real de França*, tom. 1. pag. 575. impreſſo em 1726.

Dos Authores Heſpanhoes, os ſeguintes ſeguem ſem duvida alguma eſta verdade, de que ſeja o primeiro Gracia Dei, Rey de Armas dos Reys Catholicos, bem celebre pela ſua Obra, diz:

Para blaſonar Caſtilla
Es tan alta ſu ſubſtancia
Que no baſta mi Caſtilla
Ni para la maravilla
De las tres flores de Francia.

Pondré aqui Portugal
Pues pendem Angelical
En blazon blazon de Reys
Pues fue dado de las Leys
Del alto Rey Celeſtial.

Por eſtas Celicas Quinas
Que enpla con fé traginan
La vida, clavos, y eſpinas,
Que ſu orla anſi enſanguinan.
Sus loores los cantarè
Con los Caſtillos que empina
Y con deſaſiete dirè
Gloria tibi Domine
Quinatus por decir Quina.

O Doutor Martim de Aſpilcueta Navarro, celebre Canoniſta, que viveo em tempo do Emperador Carlos V. in cap. *Novi Notabili* 3. num. 149. impreſſo em Leaõ, anno 1576; Pellicer, ſobre a *Soledade II. de Gongora*, pag. 557; D. Garcia de Salcedo Coronel, ſobre o meſmo lugar, pag. 246. verſ. Cramuel *Philip. Prudens*, liv. 2. queſt. 1. art. 7; Zurita liv. 1. Anot. cap. 21; Garibay liv. 5. *in Alph.* Sandoval *Chron. de Affonſo VII.* cap. 27; Tarafa ad ann. 1079; Valdes de *Dignitate Regum*, cap. 15. num. 12; Antonio Fuertes Biota, no *Manifeſto contra Portugal*, cap. 12. n. 4; Molina *Nobiliario de Andaluzia*, liv. 1. cap. 48; Segura no *Romanceiro dos Reys de Portugal*, Rom. 5; Camargo em a *Chronologia, e em as Cifras de todas as Monarchias*, Cifra 13. titulo dos Reys de Portugal; Fr. Chriſoſtomo Henriques *in Faſciculo Sanctorum Ciſtercienſium*, liv. 1. diſt. 5. cap. 9; e no *Menologio* a 22 de Novembro; Gonçalo Argote de Molina *Nobleza de la Andaluzia*, liv. 1. cap. 43. pag. 34; Salazar *Glorias da Caſa Farneze*, pag. 429; D. Nicolao Fernandes de Caſtro, *Port. Convencida*, part. 2. cap. 8. ſec. 3. pag. 436, e pag. 445, grande inimigo do nome Portuguez, com a ſua coſtumada audacia, o negou em humas partes, e finalmente o vem a confeſſar; Euſebio de Nieremberg, *Differença Entre o Temporal, e Eterno*, liv. 5. cap. 5. pag. 202; Valenz. tit. 2. conſ. 201. n. 11; Martim del Rio, e outros.

B Pareceria falta de reconhecimento, ſendo o Apoſtolo Santiago, o que deu a Heſpanha as primeiras inſtrucções da Fé, naõ nos lembrarmos delle neſte dia, tendo o Reyno de Portugal a jactancia de ſerem os ſeus Dominios os primeiros, que de todas as Heſpanhas ouviraõ as ſuas vozes; pois na parte de Heſpanha Luſitana, e naõ na Ibera, poz a Cadeira Epiſcopal, a que deu o Primado de todo o continente de Heſpanha; o que naõ pode ſofrer a Igreja de Toledo, pela opulencia das ſuas rendas. A ſeu favor eſcreveo D. Diogo Caſtejon, Biſpo Tiriaſonenſe; o Illuſtriſſimo D. Garcia de Loayſa *in Annot.*

not. Concil. Toletani ſub Gondemaro, ao qual tambem ſe refere o Eminentiſſimo Cardeal de Aguirre, na *Collecçaõ dos Concilios de Heſp.* tom. 2. em que offerece pela Primazia de Toledo o Tratado de Loayſa, a pag. 437, a que o meſmo Cardeal junta por Appendice a Luiz Tomaſino no tit. 1. de *Beneficiis*, liv. 1. cap. 38. Se eſte Author tivera conhecimento verdadeiro do Santo Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, naõ lhe pareceria incompativel com a ſua humildade, o que obrou a favor da Primazia da ſua Igreja, nem reprovara os actos da juriſdiçaõ, que fez eſte Prelado; e D. Aleixo de Menezes, tambem Arcebiſpo Primaz, que no Arcebiſpado de Toledo levantaraõ a Cruz Primacial, naõ fizera a exclamaçaõ com que reſponde ao Doutiſſimo Agoſtinho Barboſa. A Loayſa reſponde diffuzamente o Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha, no Tratado de *Primatu Bracharenſi*, onde ficaõ incluidas todas as Cartas, que o Eminentiſſimo Aguirre offerece no III. Tomo a favor de Toledo, e ſobre eſta materia tem eſcrito graviſſimos Authores, que ſeguem a noſſa parte, e muy verſados na Hiſtoria de Heſpanha, em que entraõ alguns Caſtelhanos de grande nota, como Padilha Doutiſſimo na Hiſtoria, Cent. 6. cap. 32. pag. 72; Fr. Jeronymo Roman, *en las Reſpublicas del Mundo*, tom. 1. liv. 3. cap. 6; Fr. Franciſco de Jeſus, da vinda de Santiago a Heſpanha, diſc. 1. Sandoval nas *Antiguidades*, pag. 13. verſ. D. Mauro Caſtellá; Ferrer na *Hiſtoria de Santiago*, liv. 1. cap. 14. pag. 53, e outros. Dos Eſtrangeiros Joaõ Vaſeo *in Chronic. ad ann. Dom.* 44. pag. 233. *penes me*; Jacob Volterrano, na *Geografia in rebus Hiſpaniæ*. Dos noſſos, o Illuſtriſſimo Sebaſtiaõ Cezar de Menezes de *Eccleſiaſt. Hierarch.* part. 1. diſp. 4. aquelle luzidiſſimo engenho de Fr. Franciſco de Macedo *Diatriba de Adventu S. Jacobi*; o Doutor Duarte Nunes de Leaõ, bem verſado na Hiſtoria de Heſpanha, na *Chronica do Conde D. Henrique*, a pag. 18; o Padre Fr. Luiz de Souſa, na *Vida do Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, liv. 5. cap. 13, onde refere a contenda, que o Santo Arcebiſpo teve, quando ſe achou no Concilio de Trento, onde o Papa Pio IV. o ſatisfez contra toda a oppoſiçaõ dos Prelados Caſtelhanos, com hum Breve, que lhe mandou, o qual ſe conſerva na Torre do Tombo, e traz copiado no lugar citado, o Doutor Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Luſit.* part. 2. liv. 6; Antonio de Souſa de Macedo, claro por naſcimento, e por erudiçaõ admiravel nas *Flores de Heſpanha*, Exc. 13. cap. 9; o inſigne, e nunca aſſaz louvado Agoſtinho Barboſa, Biſpo Ugentino, liv. 1. cap. 6. num. 48. *de Patriarchis, & Primatibus*; e o já allegado Illuſtriſſimo Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, que ſupéra a todos em erudiçaõ, e trabalho, de cujas ſolidiſſimas razoens ſe naõ pode livrar, quem depois tomou a parte contraria, no cap. 27 traz hum Catalogo dos que eſcreveraõ a favor deſta Primacial, e aqui ficaõ reſpondidas todas as duvidas, que podem occorrer, aos que virem no 3. tom. dos Concilios do Eminentiſſimo Cardeal de Aguirre, algumas reſoluçoens a favor de D. Bernardo, Arcebiſpo de Toledo, as quaes todas foraõ rebatidas, e naõ tiveraõ ſubſiſtencia; e aſſim a Santa Sé Apoſtolica tratou, e trata de Primazes aos Arcebiſpos de Braga. A eſte Tratado remettemos o curioſo Leitor, que ſe quizer inſtruîr da pouca razaõ, com que pertendem os Arcebiſpos de Toledo o lugar, que Deos com a ſua ineffavel Providencia deſtinou para Braga, com mandar a eſta povoaçaõ ao Apoſtolo Santiago, de cuja boca ouvio primeiro, que todos os outros póvos de Heſpanha, a doutrina Evangelica; D. Marco Antonio Battaglini, Biſpo de Nocera, na *Hiſtoria Univerſal dos Concilios*, que imprimio na lingoa Italiana, trata ſómente de Metropolitano ao Arcebiſpo de Braga: ſe tivera viſto os Authores allegados, e reſponderа ao Illuſtriſſimo Cunha, poderia ter deſculpa, em que tinha lido mais, do que moſtra na ſua Obra; o Doutiſſimo Marquez de Agropoli, (depois de Mondejar) nas *Diſſert. Eccleſ.* Diſſert. 4. cap. 3. dá o Primado de Heſpanha a Toledo, deſprezando os noſſos Authores, diz: *Los Portuguezes le pertenden toda via continuada deſde los tiempos de Santiago en la de Braga Metropoli en los paſſados de Galicia ſin mas fundamiento, que el de ſu preſuncion, con toda ſeguridad acredita Agoſtin Barboſa, Sebaſtian Ceſar de Menezes, y Don Rodrigo de Acuña, como deſvanecida con mayor ſolidez y verdad de D. Franciſco de Vargas.* Naõ he taõ ſolido eſte Author, que poſſa contender com os outros; e na verdade nos admiramos, que ſendo taõ vaſta a erudiçaõ do Marquez de Mondejar,

dejar, naõ fizesse mais reflexaõ na authoridade de Agostinho Barbosa, do que fez; pois pertendendo corroborar com o irrefragavel dos Canones, naõ advertio, que Barbosa he sem duvida hum dos mayores Letrados, que se conhece no Orbe Literario, e o testemunhaõ as suas Obras, para o dar por respondido por D. Francisco de Vargas; o que nos faz entender naõ vio este Tratado daquelle insigne Author; porque sem duvida o allegara, como faz aos outros. Tambem a pag. 370. §. 32. diz: *Desembaraçados de Tarragona, se nos ofrece de nuevo la contienda de Braga, mas litigiosa, y profiada que la precedente, aun que deduzida de los mismos principios, o equivocos, o inciertos.* Se a contenda de Braga he mais litigiosa, e porfiada, he com mais fundamentos, do que só a presumpçaõ dos Portuguezes, a quem o Marquez naõ responde; pois deixando os pontos principaes, em que estabelecem o seu fundamento, pertende passar por doutrina geral, o que refere naquelle Capitulo; e já nos antecedentes o vem deduzindo a favor de Toledo, a quem dá por mayor contraria a Igreja de Sevilha, sem fazer mençaõ, de que seus Prelados nunca foraõ tratados de Primazes, pela Sé Apostolica, como saõ os de Braga, sobre o que naõ diz huma palavra.

O Cardeal Cezar Baronio, em as Annotações ao *Martyrologio Romano*, neste mesmo dia, confessou a vinda do Santo a Hespanha, e tambem fez o mesmo no Tomo I. dos seus *Annaes*, ad ann. 44. ainda que depois se retratou no tom. 9. ad ann. 816, e esta materia taõ assentada, e provada, que já naõ póde sem temeridade ser negada, por ser constante tradiçaõ, approvada pela Igreja, a que egregiamente satisfaz o Doutor Francisco de Padilha na *Hist. Eccles.* Cent. 1. cap. 8; Fr. Fernando de Oxea, da Ordem dos Prégadores, na *Historia de Santiago*, cap. 15; e D. Joaõ Velasco, Condestavel de Castella, nos *Discursos*, em que defende a vinda de Santiago a Hespanha, impressos por ordem do Reyno, em Junta de Cortes, no anno de 1608, e modernamente o Doutissimo, e Eminentissimo Cardeal de Aguirre *in Collect. Maxima Conciliorum Hispaniæ* tom. 1. Dissert. 9. Excur. 2. pag. 136. E seria huma muy fastidiosa narraçaõ, numerar os muitos, e gravissimos Authores, que fóra de Hespanha seguiraõ debaixo da severidade de toda a critica, esta opiniaõ. Fr. Natal Alexandre na sua *Hist. Eccles.* no 1. seculo, tom. 3. Dissert. 15. prop. 2. pag. 157, segue a parte contraria, com o Cardeal Baronio, e supposto allega muitos Authores da nossa opiniaõ, diz, que no oitavo seculo, e depois delle, he que começou esta opiniaõ; porém o Eminentissimo Aguirre, mostra no lugar citado Excur. 3. achar no quinto, e sexto seculo, fundamentos, com que eruditamente prova a vinda do Santo a Hespanha, e assim nos escuzamos de responder a este Author; porque ja o fez larga, e diffuzamente com a sua costumada erudiçaõ o Doutissimo, e Excellentissimo D. Gaspar de Mendoça e Segovia, Marquez de Mondejar, Grande de Hespanha, e grande indagador da verdade, em o livro *Predicacion de Santiago en Hespaña, contra las dudas del Padre Christiano Lupo, y en desvanecimiento de las dudas del Padre Natal Alexandro*, impresso no anno de 1682, em Çaragoça; e o mesmo serve para Monsieur Baillet, que tem para si o contrario. E concluamos com o *Breviario Romano*, approvado pela Igreja, a que naõ falta esta circunstancia, que naõ achou Natal Alexandre no *Mozarabe*, em que se póde ver o allegado Marquez, sobre a sua approvaçaõ, cap. 22. pag. 132. vers. que nós agora nos satisfazemos, com o que se reza neste dia universalmente: *Mox in Hispaniam profectus, ibi aliquos ad Christum convertit, ex quorum septem postea Episcopi à Beato Petro ordinati in Hispaniam primi directi sunt. Deinde Jerosolymam reversus, &c.* Ultima, e modernamente deixou assaz bem provada esta opiniaõ, contra todos os que a impugnaraõ, o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Pro-Commissario Geral da Bulla da Cruzada nestes Reynos, naquella doutissima Obra, que imprimio com o titulo *Expeditio Hispanica Apostoli S. Jacobi Maioris asserta*, em dous Tomos de folha, impressos em 1727, e 1732, e ao mesmo tempo escreveo o Reverendissimo Padre Guilherme Cupero, da Companhia, continuador da eruditissima Obra *Acta Sanctorum*, hum excellente Tratado com o titulo *Vindiciæ breves pro Hispanica Sancti Jacobi prædicatione, contra R. P. Michaelem à Sancta Maria, Sacræ Theologiæ Magistrum, ex Ordine Fratrum Eremitarum S. Augustini*, impresso no anno de 1729, em Antuerpia, e depois

no

no Tomo VII. de Agoſto, impreſſo em 1731, no Appendice de Julho, pag. 869, em que moſtra, que o Santo viera a Heſpanha, refutando ao Padre Natal Alexandre, o qual bem pudera naõ impugnar a vinda do Santo Apoſtolo a Heſpanha, pois com ſemelhantes, e mais debeis fundamentos, confeſſa a vinda de Santa Maria Magdalena, com os ſeus Companheiros a Provença, os quaes delles meſmos ſe poderia perſuadir para a de Santiago o meſmo Padre Cupero no Tomo VI. Julii, da continuaçaõ da Obra *Acta Sanctorum*, pag. 69. *De Prædicatione S. Jacobi in Hiſpania*, onde egregiamente moſtra a vinda do Santo Apoſtolo a Heſpanha, com a tradiçaõ, e Authores; deſfazendo os fundamentos dos adverſarios egregiamente.

A Cidade de Compoſtella, no Reyno de Galliza, goza do ineſtimavel theſouro das ſuas Reliquias; e por iſſo he hoje vulgarmente chamada dos Caſtelhanos a *Cidade de Santiago*. Nella he viſitado o ſagrado corpo do Santo Apoſtolo, de todas as Naçoẽs, pelo terceiro Santuario da Chriſtandade, como Jeruſalem, e Roma. Foy eſta Cidade fundada por ElRey D. Affonſo o Caſto, no anno 835, com a occaſiaõ de ſe ter manifeſtado milagroſamente em aquelle tempo o corpo do Santo Apoſtolo em a Villa de Padraõ, bem conhecida dos antigos Geografos, com o nome de *Iria Flavia*, e teve Cadeira Epiſcopal, e hoje em huma Collegiada conſerva memorias ſómente do que foy, aonde por ſegredos do Altiſſimo veyo parar ao ſeu porto, o corpo de Santiago, trazido em hum barco, ſem remos, nem vélas, por alguns Diſcipulos ſeus, que Deos guiou a eſta parte de Heſpanha, onde com milagres foy acreditado, ſendo celebre o de inſpirar o coraçaõ de Luparia, Matrona rica, e poderoſa, que lhe deu hum Templo para a Igreja, e ſepultura, convertendoſe à Fé Catholica, a que era até alli preſeguidora dos Diſcipulos do Santo Apoſtolo, e em culto dos ſeus falſos Deoſes, deſejou deſtruîr, como refere o Eminentiſſimo Cardeal de Aguirre no Tomo III. dos *Concilios de Heſpanha, in Translatione S. Jacobi*, pag. 119; e Brito na *Monarch. Luſitan.* part. 2. liv. 5. cap. 4. pag. 19, lhe chama Rainha. Tambem alguns querem, que o uſo das Vieiras, ou Conchas, de que ſe ſervem os Romeyros ſobre os chapeos, e eſclavina, foſſe revelado, e que teve principio, quando aquelles nobres Portuguezes Cayo Carpo, e Claudia Loba, eſtavaõ nas prayas de Bouças, para celebrarem as ſuas vodas, paſſava à viſta a embarcaçaõ com o corpo do Santo, e que entrando pelo mar o cavallo, em que eſtava o noivo, milagroſamente chegou ao barco, e ſe vio o cavallo, e Cavalleiro, todo cuberto de conchinhas; de que aſſombrado eſte Cavalleiro, e ſua Eſpoſa, ſe converteraõ, recebendo o Sagrado Bautiſmo, e que tornaraõ à Fé as terras de Gaya, e Maya, e outras viſinhas, como refere o Padre Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 1. O Breviario antigo de Oviedo, em hum Hymno de Santiago, ſe lembra deſte caſo.

Cunctis mare Cernentibus
Natus Regis ſubmergitur,
Sed à profundis ducitur
Totus plenus conchilibus.

O Licenciado Molina, nas couſas notaveis de Galliza, tem para ſi, que deſtes caſados procedem os Pimenteis de Portugal; o que tambem affirmaõ Fr. Luiz dos Anjos, Tamayo, Fr. Antonio de Ocampo Ferr, e Pulgar, citando a eſtes, que depois paſſaraõ para Caſtella, onde ſaõ Condes de Benavente pelas Vieiras, que ſe vem na Torre antiga de Bragança, de que era Senhor D. Joaõ Affonſo Pimentel, que paſſou para Caſtella, no Reynado delRey D. Joaõ o I. daquella Coroa, donde tem eſclarecida deſcendencia. Porém como nem Jeronymo de Aponte, nem o *Lazero de Heſpanha*, nem o Conde D. Pedro, lhe atribuem eſte principio, nos naõ atrevemos a affirmallo. O referido caſo referem graves Authores, que acredita a fé do Breviario antigo de Alcobaça; D. Miguel Arce Ximenes, no *Tratado da Vinda de Santiago a Heſpanha*, 2. part. trat. 3. cap. 1. pag. 230, onde diz, que o vio em hum Codice antigo, em o Moſteiro dos Reys de Toledo, D. Mauro Caſtelá Ferrer na *Hiſtoria Compoſtelana*, liv. 2. cap. 2; D. Pedro Fernandes de Pulgar, Chroniſta môr de Indias, na *Hiſtoria Secular, e Eccleſiaſtica de Palencia*, liv. 1. cap. 3. pag. 238, donde quer que foſſe natural, ou oriundo; e confirma eſte prodigioſo ſucceſſo com huma pintura, que eſtá no Convento de Araceli em Roma, que fundou

dou Eugenio IV. ann. 1441, dedicada ao Santo Apostolo, em que entre outros milagres está o deste Cavalleiro, cubérto de conchas sobre o mar, fallando com os Discipulos do Santo.

Na Villa de Padraõ estiveraõ as Reliquias do Santo Apostolo, até o tempo de seu Bispo D. Theodomiro, que informando-se do que algumas pessoas diziaõ ver em hum monte grande multidaõ de luzidos resplandores, se resolveo a ir a examinar aquelle prodigio; e em huma humilde casinha, cuberta de ramos, achou huma arca de marmore, em que estava o corpo do Santo Apostolo, de que deu conta a ElRey, e foy trasladado ao lugar onde hoje permanece, edificando-selhe magnifico Templo. Foy enriquecido com singulares votos pelos Reys de Castella, e de muitos da Europa. ElRey D. Affonso Casto lhe fez huma boa Doaçaõ; e ElRey D. Ramiro o I. pela batalha de Clavijo, lhe fez hum grande voto, que ainda hoje os Lavradores do Riba Coa, na Provincia da Beira, o pagaõ à Igreja de Santiago; e com muitas Doações, e Privilegios, foy sempre em augmento, de sorte, que o Arcebispo he hum dos grandes Senhores, que tem Hespanha, pela authoridade; porque tem cincoenta e quatro mil vassallos, e os mais principaes Fidalgos de Galliza saõ seus feudatarios. O Pertiguero, ou Capitaõ General do seu Estado Ecclesiastico, he sempre hum grande Senhor, e diz o Mestre Gil Gonçalves de Avila, no *Theatro Ecclesiastico desta Igreja*, que tiveraõ este titulo alguns Infantes, e muitos Senhores da Casa dos Reys, pelas grandes rendas, que saõ dadas ao posto. Os Arcebispos tem annexa à sua Dignidade a de Capellaõ môr, que pertendem exercitar, sem embargo deste lugar ser hoje dado com o titulo de Patriarca de Indias; e no anno de 1716, indo a Madrid o Arcebispo de Santiago, e intentando servir de Capellaõ môr, lhe foy mandado, que sahisse da Corte, e se recolhesse à sua Igreja. Tem tambem annexo o officio de Chanceller môr de Leaõ. Todas estas honras, e singulares isenções, foraõ concedidas pelos Reys, em obsequio do Santo Apostolo, que os Castelhanos tem por Patraõ, e o appellidaõ nas batalhas, e foy visto muitas vezes nellas contra os Mouros; e nas *Historias de Hespanha*, se contaõ quinze apparições do Santo, que refere Tamayo. O Padre D. Jeronymo Contador de Argote, na *Dissertaçaõ da Vinda de Santiago a Hespanha, provada, e sustentada com a doutrina do Maximo Doutor Saõ Jeronymo*, que anda impressa na *Collecçaõ da Academia Real*, do anno de 1722, mostra egregiamente, que já no tempo do Santo Doutor, se veneravaõ em Hespanha as Reliquias do Apostolo Santiago. Foy o Santo Apostolo degollado, como se lê nos *Actos dos Apostolos*, cap. 12. num. 2, de mandado de Herodes Agripa, aos oito das Calendas de Abril, e a sua Festa trasladou a Igreja para este dia. Euseb. *Histor. Eccles.* liv. 11. cap. 9; *Santo Antonino de Florença*, tom. 6. cap. 7. pag. 405; os Martyrologios *Romano*, o *Portuguez*, o *Castelhano*, o *Italiano* de Constan. Felic. o *Hispano* de Tamayo, todos neste dia; Surio 25 de Julho; Marieta liv. 1. cap. 5. pag. 4; os Breviarios *Eborense Antigo*, o *Bracharense*, e outros; Vasco ad annum 44; Pedro de Natalibus *Catalogo dos Santos*, liv. 6. cap. 32, e outros muitos, além dos que acima citamos.

C A D. Lopo de Almeida, a quem ElRey D. Affonso V. pelos sinalados serviços, que lhe fez, como refere Ruy de Pina na sua *Chronica*, no cap. 91, e outros; e Duarte Nunes de Leaõ *Genealogia dos Reys de Portugal*, pag. 51, no anno de 1476, recolhendo-se para o Reyno, depois de ter compostas as controversias com Castella, com quem tinha guerra, na Villa de Miranda, creou Conde de Abrantes, e foy feito este acto com toda a ceremonia devida à grandeza, que lhe dava. Era do seu Conselho, e Védor da sua Fazenda, Alcaide môr de Punhete, Senhor da Jurisdiçaõ do Sardoal, e Amenda, e Governador da Casa da Excellente Senhora D. Joanna, no anno de 1469. Casou com D. Brites da Sylva, que tinha sido Dama da Rainha D. Leonor, mulher delRey D. Duarte, e Aya, e Camereira môr da Rainha D. Isabel, mulher delRey D. Affonso V. Deste matrimonio nasceraõ D. Joaõ de Almeida, II. Conde de Abrantes, que succedeo na Casa, e foy Veador da Fazenda do dito Rey, e Guarda môr delRey D. Joaõ o II. D. Francisco de Almeida, I. Vice-Rey da India, taõ temido na Asia, de sorte, que será em todos os seculos venerado o seu nome, como testemunhaõ as nossas Historias. D. Dio-

go Fernandes de Almeida, Prior do Crato, Monteiro môr delRey D. Joaõ o II. esforçado Capitaõ, eſtimado na paz, e reſpeitado na guerra. D. Fernando de Almeida, Biſpo de Ceuta, que morreo nomeado Cardeal, e tinha aſſiſtido em Roma, onde ſe achou com ſeu irmaõ D. Pedro da Sylva, Commendador de Aviz, Embaixador ao Papa Alexandre VI. D. Jorge de Almeida, de quem tratamos, que foy Biſpo de Coimbra, e verdadeiramente entre taõ eſtimaveis irmãos, e taõ dignos alguns de ſerem numerados entre os principaes Heroes, que numéra a fama, tem elle o primeiro lugar, pela ſua virtude, que foy taõ univerſalmente conhecida, que no Conclave, que entaõ eſtava Congregado em Roma, teve o noſſo Biſpo muitos votos para Supremo Paſtor. Quando ElRey D. Joaõ o II. foy a Eſtremoz, no anno de 1490, com o Principe D. Affonſo, a buſcar a Princeza D. Iſabel, entre os Senhores que o acompanharaõ, foy o Biſpo D. Jorge. Tambem ſe achou na occaſiaõ da morte deſte Rey. No anno de 1512, bautizou em Lisboa o Infante D. Henrique, filho delRey D. Manoel, que depois foy Cardeal, e Rey, caſto, e virtuoſo, que bem parecia afilhado de taõ virtuoſo Prelado. No anno de 1464, ſagrou a Igreja de Noſſa Senhora da Miſericordia da Villa de Aveiro, como diz o Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 3. cap. 3. pag. 124, e ſegue Cardoſo no 1. tom. do *Agiologio*, no dia 20 de Janeiro, letra E, o que parece naõ póde ſer neſte anno, como ſe vê do Epitafio da ſua ſepultura, que diz aſſim:

Divini numinis pietate Epiſcopus Comes Georgius de Almeida hic ſitus, vixit annos 85 obiit octavo K. Sextilis an. D. 1543, annis 62 utraque dignitate præditus.

O qual refere o meſmo Author; e ſendo ſua morte no anno de 1543, vaõ ſetenta e nove annos, que tinha ſagrado a Igreja. Eſte Prelado viveo oitenta e cinco annos; entrou neſta Igreja, tendo de idade vinte e tres annos, que vem a ſer no anno de 1481, que he o tempo, em que ſeu anteceſſor D. Joaõ Galvaõ foy promovido para a Primacial de Braga, como diz Cunha na *Hiſtor. Eccleſ.* part. 2. cap. 62, e do Padraõ da merce, que ElRey D. Affonſo V. fez a eſte Biſpo, da grandeza do titulo de Conde, para elle, e ſeus ſucceſſores, pelos ſinalados ſerviços, que lhe tinha feito nas Conquiſtas de Arzila, e Tangere, e outros antecedentes, ſe vê, que foy feita eſta merce, eſtando o meſmo Rey em Coimbra, no anno de 1472, a 25 de Setembro; com que vimos a entender, deviaõ querer dizer, no anno de 1494, tempo em que já o noſſo Biſpo, havia muitos annos eſtava neſta Dioceſi, e podia ſer, que voltaſſe a letra. Jaz ſepultado na Capella de Saõ Pedro, que mandou fazer, e ornar; e o Cabido lhe manda todos os dias dizer huma Miſſa, para o que deixou vinte mil reis de juro, e tres mil reis, para todos os Sabbados ſe cantar huma Miſſa, em obſequio de Noſſa Senhora; e he bem para admirar, o que entaõ baſtava para ſemelhantes encargos, pois manda, que a quem cantar a Miſſa ſe dará hum vintem, e dous ſe repartiráõ pelos Beneficiados, que aſſiſtirem. Do valor do dinheiro ſe vê a abundancia do tempo, e a eſtimaçaõ que entaõ tinha, o que hoje naõ he capaz de hum Biſpo dar a hum mendigo, era baſtante para encargos perpetuos. Foy o Biſpo D. Jorge II. do nome, e XLII. na Epiſcopal Dignidade da Igreja, ſegundo a noſſa conta, e o II. Conde de Arganil. Trata delle o Doutor Pedro Alvares Nogueira no *Compendio da Hiſtoria Eccleſiaſtica da Sé de Coimbra* m. ſ. Faria na *Europa Port.* tom. 2. part. 4. cap. 1. pag. 529; Rezende na *Chronica delRey D. Joaõ II.* cap. 121; os *Nobiliarios do Reyno*, com honorifica menção; o Beneficiado Franciſco Leitaõ Ferreira no *Catalogo dos Biſpos de Coimbra*, n. 67.

D No anno de 1567, tendo oito annos de Roupeta, e ſeſſenta e tres de idade, acabou o Padre Luiz de Goes, a quem a Chriſtandade de Salcete deve muito augmento, pela parte que teve na deſtruiçaõ de grande numero de Pagodes, que neſta terra ſe demoliraõ, em grande damno do demonio, que com ſuperſticioſos, e torpes abuſos cevava a barbara gentilidade daquelles miſeraveis póvos. Souſa no *Oriente Conquiſtado*, part. 2. conq. 1. n. 17. pag. 25.

E Em o anno de 1408, ſe começou a fundar o Convento da Carnota, ſitio que ElRey D. Joaõ o I. comprou às Freiras de Odivellas, meya legoa da Villa de

Alen-

Alenquer, na ladeira de hum monte, que daquelle tempo ſe chama Carnota. A tradiçaõ diz, que por ſerem muitas as aguas, que corriaõ no Inverno, deſcarnaraõ o monte, e o pozeraõ no eſtado em que hoje ſe vê. Nelle houve huma pequena Ermida de Santa Catharina Virgem Martyr, cercada de hum boſque, que lhe ſervia de verde muro, eſta por ſolitaria, e apartada do trato das gentes habitou Fr. Diogo Arias, de quem ſe faz menção no Agiologio, a 11 de Janeiro, letra B, e com o tempo ſe veyo a alargar; porque no anno de 1546, Pedro Sobrinho de Meſquita, e ſua mulher Franciſca Pereſtrella, lhe fizeraõ parte da Cerca da banda do Norte; e da do Sul Joaõ Gonçalves, e ſua mulher Maria Gomes, por certos encargos. Com eſtes beneficios ſe dilatou mais a Cerca, que com o decurço do tempo ſe fez hum dos mais lindos boſques de todo o Reyno. Neſta limitada habitaçaõ viveraõ os Religioſos, até o anno de 1531, em que por cauſa de terriveis terremotos, que arruinaraõ ſoberbos edificios, ficou eſte deſtruido, e acodio à ſua reedificaçaõ o noſſo Fr. Vaſco Correa, filho de Ayres Correa, e de ſua mulher D. Briteſ de Almada, com a ſua agencia, e com a deſpeza de ſeu irmaõ Antonio Correa Baharem, Commendador de Santa Maria de Ulme, na Ordem de Chriſto, aquelle valeroſo Fidalgo, a quem a Ilha de Baharem deu o appellido, quando nella desbaratou, e matou ao ſeu Rey; pelo que lhe foy concedido por El-Rey D. Joaõ o III. ajuntar às ſuas Armas a cabeça do Rey Mouro, como diz a *Monarch. Luſit.* part. 3. liv. 8. pag. 57. Aſſim ſe veyo a aperfeiçoar eſta obra, e ficou ſendo ſeu Padroado, e por eſta razaõ eſtá ſepultado na Capella môr, e nelle morreo com opiniaõ de virtude ſeu filho Fr. Ayres Correa. Eſte Convento tiveraõ os Padres da Obſervancia, com grande edificaçaõ, pelas grandes penitencias, e mortificações, que nelle ſe praticavaõ, fechando em cada ſemana tres dias a coſinha, e nelles paſſavaõ a paõ, e agua, até que no anno de 1568, foy dado à Reſórma da Provincia de Santo Antonio, em que hoje ſe conſerva. Trata de Fr. Vaſco Correa, Eſperança na *Hiſtoria Seraſica*, part. 2. pag. 546; e Soledade na Parte IV. da meſma Hiſtoria, liv. 3. pag. 290; Artur no *Martyrologio da Ordem*, neſte dia; Gonzaga Parte III. *in Provinc. S. Ant.* Rapinæ Decad. 8. part. 1. §. 12; Wandig. tom. 5. ad annum 1408. n. 6.

F Imperando Toxogunſama, filho, e ſucceſſor da crueldade de Daifuzama, no anno de 1618, entre os muitos Martyres, com que fez glorioſa a Fé, e abominavel a ſua memoria, foraõ os que temos referido no Texto, de que ſe lembra Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 275; e Morejon liv. 3. cap. 10. pag. 120. verſ.

G Era natural da Villa de Setuval, Franciſca das Chagas, donde paſſou a viver no Recolhimento da Cuba, com tanta perfeiçaõ, como diſſemos no Texto. Morreo neſte dia, do anno de 1722, e foy a primeira, que ſepultaraõ no Coro debaixo; porque as ſuas Companheiras até alli o foraõ na Igreja. Memorias, que temos deſte Recolhimento, que devemos à merce, que nos fez o Padre Fr. Franciſco de Oliveira.

JULHO XXVI.

Santa Anna.

A Santa Caſa da Miſericordia de Lisboa, ſe celebra com grande pompa, concurſo, e devoçaõ, a Feſta de Santa Anna, glorioſa Mãy da Virgem MARIA Senhora Noſſa. Naſceo na Cidade Bethlem do Tribu de Judá, e aos dezaſeis annos da ſua idade, foy Eſpoſa de S. Joaquim, com quem viveo em paz, e obſervancia da Ley Eſcrita, gaſtando a ſua fazenda em beneficio dos pobres, e

neceſſitados, e o tempo em orações, e veneraçaõ do Sagrado Templo; de ſorte, que eraõ todas as ſuas obras agradaveis na preſença Divina. Eraõ já paſſados quarenta annos ſem eſperanças de fruto de bençaõ; de que corridos, e deſconfiados, ſe retiravaõ do trato das peſſoas da ſua qualidade, e eſféra; quando foy annunciado por hum Anjo a S. Joaquim, que de Anna teria huma filha, a que poriaõ nome MARIA, de taõ extraordinarios merecimentos, que excederia a todas as puras creaturas. Bem ſe verificou eſta profecia no Naſcimento da Puriſſima Mãy de Deos, contando ſeſſenta e quatro annos Saõ Joaquim, e Santa Anna ſeſſenta; e depois de educada, e ſempre aſſiſtida do Eſpirito Santo, veyo ſer Mãy de Chriſto Noſſo Redemptor. Depois de paſſados onze annos do Naſcimento de Chriſto, na preſença de ſua Filha MARIA Santiſſima, e de ſeu Neto Chriſto noſſo bem, entre as ſuaves dilicias de taõ amoroſa companhia, ſoltou o eſpirito as prizoens do corpo, e com precioſa morte acabou Santa Anna, para viver eternamente, ſendo ſoberana interceſſora dos ſeus devotos. Foy ſepultada em Jeruſalem, no Valle de Joſaphat, junto ao Horto de Gethſemani, na caſa que a Santa tinha naquella Cidade, e depois por merce de Deos trazido o ſeu corpo à Europa, para conſolaçaõ dos Chriſtãos, que com reverente culto começaraõ a eſpalhar com religioſa piedade as ſuas ſagradas Reliquias, de que por ocultos ſegredos da Divina Providencia, coube à Santa Caſa da Miſericordia hum braço, que ſe expoem neſte dia à publica veneraçaõ dos Fieis. He levado às Veſperas em Prociſſaõ pela Meſa, da Caſa do Deſpacho, onde ſe guarda encerrado, e ſe poem no Altar môr; e acabadas as Veſperas o tornaõ a levar ao meſmo lugar, e no dia com a meſma ceremonia ſe colloca no Altar môr, em quanto dura a Miſſa; e o meſmo ſe obſerva nas Feſtas do Naſcimento, Conceiçaõ, e Encarnaçaõ de ſua Santiſſima Filha a Virgem Senhora Noſſa. He eſta precioſa Reliquia, huma cana do braço, com a maõ até o cotovelo, e eſtá engaſtada em prata, pela feiçaõ do meſmo braço. Por elle tem obrado o Altiſſimo muitos prodigios, verificando com evidentes milagres a fé do povo de Lisboa, que neſte dia concorre a buſcar quartinhas de agua, que ſe benzem com a ſagrada Reliquia, em grande quantidade, e ſerve para os doentes, que experimentaõ os maravilhoſos effeitos

tos do ſoberano patrocinio deſta grande Santa.

B Em Cachaõ, Cidade do Reyno da Cochinchina, o Martyrio do valeroſo mancebo André, primeira victima, que a Deos foy conſagrada, em obſequio da Fé naquelle Reyno, ſendo o ſeu martyrio primicias daquella Chriſtandade, que o ſeu ſangue regou, para creſcerem frutos para o Ceo, dando com o ſeu exemplo, e conſtancia, animo, a que outros ſeguindo o caminho da verdade, intrepidamente alcançaſſem a palma de Martyres, com que illuſtraraõ a ſua Patria, e fizeraõ ſanta a ſua memoria. O zelo, e amor da Religiaõ Chriſtãa o ſubiraõ ao gráo de Catequiſta, e fez voto de caſtidade, para de todo ſe conſagrar ao Verdadeiro Deos, coſtume conſervado de alguns Catequiſtas, para com mayor perfeiçaõ ſeguirem o caminho da virtude. No dia do Apoſtolo Santiago, tendo-ſe confeſſado, e commungado com grande devoçaõ, em huma Ilha do porto de Taifo, previnindo-o aſſim Deos para a peleja, que elle naõ imaginava, e tendo pedido licença para guardar as ſagradas Imagens, e ornamentos, ao Padre Rhodes, e juntamente dar de comer a alguns pobres Chriſtãos, que ſe achavaõ doentes naquelle lugar, foy acometido pelos ſoldados na ſua caſa, e como era já tarde, naõ acharaõ mais, que André com outro moço doente, e o Altar ainda armado. Em obſervancia da ordem, que tinhaõ, foy André mal tratado com pancadas, e atado como malfeitor, e as ſagradas Imagens ſacrilegamente deſprezadas, embrulhando-ſe confuzamente os ornamentos. A eſte funeſto eſpectaculo, rompeo cheyo de dor em copioſas lagrimas André, e levantando ao Ceo como pode as mãos atadas, lhes pedio com grande ancia, lhe deixaſſe arrumar com decencia aquelles ornamentos, por ſerem conſagrados ao Senhor do Ceo. Foraõ ditas com tal efficacia eſtas palavras, que perſuadiraõ àquelles barbaros; e deſatandolhe as mãos o deixaraõ, que as compuzeſſe a ſeu modo. Era tanta a devoçaõ, que cauſava eſpanto, e depois elle meſmo offereceo as mãos para ſerem atadas. Naõ ceſſava no caminho de os exhortar ao verdadeiro conhecimento do Evangelho, dando-lhes a conhecer o Nome de Jesu Chriſto, e o que o ſeu amor obrou pela ſua Redempçaõ. Chegou a Cachaõ já de noite, e levado à preſença do Mandarim, que vendo os poucos annos de André, entendeo, que conſeguiria hum grande

André M.

triunfo

triunfo para os ſeus Idolos, e com ſeveridade, e arrogancia lhe perguntou donde era natural; a que reſpondeo André, que da Provincia de Ranram. Que Ley profeſſava? A que diſſe, que a de Jesu Chriſto. Para que vives com os Padres Chriſtãos? Para aprender bem a Ley de Deos, que profeſſo, (dizia o valeroſo mancebo:) e tornando a fazerlhe as meſmas perguntas, as ratificou com conſtancia; o que vendo o Tyranno, diſſe: larga a Ley, que ſegues, fementido rapaz, e torna a ſeguir aos teus naturaes, com que alcançarás no Mundo honra, e depois o premio dos Deoſes. A que André, cheyo de zelo, acodio: naõ deixarey por certo a Ley, que dentro no meu coraçaõ conſervo, antes a confeſſarey de ſorte, que primeiro perderey a vida, que ſacrilegamente proferir palavra, que ſeja contra a verdadeira Ley de hum ſó Deos, que adoro. Corrido, e envergonhado o Mandarim, mandou que foſſe levado ao carcere, e que ao peſcoço lhe lançaſſem huma pezada canga, e que guardado com ſentinellas, no dia ſeguinte ſeria examinado em publica audiencia, para ſe lhe determinar o caſtigo merecido da ſua audacia. Sem perturbaçaõ de animo ouvia o mancebo com roſto alegre eſtes ameaços; e conduzido à prizaõ, achou nella outro Catequiſta do ſeu meſmo nome, homem velho, e de grande zelo da ſalvaçaõ das almas, que eſtava com a canga aos hombros; o que vendo o mancebo André, ardeo em deſejos de ſoportar por Deos aquella afronta, que lhe naõ tardou, com grande ſatisfaçaõ ſua. No outro dia foraõ ambos levados ao Tribunal, e condemnados à morte, (de que rendiaõ a Deos as graças por taõ ſingular beneficio) e que as ſagradas Imagens, e ornamentos foſſem queimados. Naõ poderaõ os valeroſos Soldados, diſſimular a dor de taõ execranda ſentença, como quem lhes dohia mais as afrontas feitas à Religiaõ, do que às ſuas peſſoas, de que ſe admiravaõ os Gentios, por verem, que ſó ſentiaõ os deſacatos do Culto Divino, e naõ a morte, que em poucas horas haviaõ de padecer. Alcançou o Padre Rhodes, com a intervençaõ do Capitaõ de hum navio de Macao, e outros Portuguezes, as Imagens, e ornamentos, e perdaõ para o velho André; o que ſentio, porque deſejava coroar a ſua velhice com a palma do Martyrio, que acabou depois cheyo de boas obras. Foy André levado ao ſupplicio com a canga ao peſcoço,

ſegui-

ſeguido de numeroſa comitiva de Soldados, e tirando-lhe a canga, foy atraveſſado pelo lado eſquerdo com huma lança, até o direito, com que ſe lhe abriraõ duas grandes feridas, ouvindo-ſelhe repetir os dulciſſimos Nomes de JESUS, e MARIA; mas ſem deſmayar, perſeverava de joelhos, eſperando ſegundo golpe, que com inhumana crueldade lhe foy repetido pela meſma parte, raſgando-lhe as entranhas. Era muito o ſangue, que por quatro feridas bem raſgadas corria; cahio ſobre o lado direito, com a cabeça para o Ceo, pronunciando em voz alta os Nomes de JESUS, e de MARIA. Acodio outro Soldado naõ menos tyranno, e empunhando com ambas as mãos a catana, lhe deu hum golpe pela garganta; mas vendo, que ſó lhe cortara parte do peſcoço, e que ainda fallava, lhe deu outro, com que lhe deixou a cabeça pendurada pelo oſſo da nuca, e deixando-o por morto ſe apartou, cheyo de vaidade o impio tyranno; mas ainda houve quem depois de ſeparada a cabeça, lhe ouvio ſómente pelos gorgomilos repetir o Nome de JESUS, e com eſta companhia voou a ſua bemdita alma, coroada de taõ precioſo triunfo a gozar da Eternidade. As ſuas alfayas, e corpo, foraõ tratados pelos Chriſtãos com a veneraçaõ de Santo.

Sor Antonia de S. Pedro Franciſc.

C No Moſteiro da Madre de Deos de Monchique, floreceo a Madre Sor Antonia de Saõ Pedro, que de mais de ſer obſervantiſſima da Regra de Santa Clara, habitava no ſeu coraçaõ perpetuamente a humildade, e amor do proximo, ſendo as ſuas acções, e palavras, hum exemplo deſtas virtudes. Neſta baze fundou a eminencia da perfeiçaõ, em que ſe vio, chegando a ſer muy favorecida das dilicias da Graça. Toda a noite aſſiſtia no Coro em oraçaõ; e quando já o corpo debilitado neceſſitava de deſcanço, lhe dava ſómente o preciſo ſobre a terra nua. Sempre andou deſcalça; nunca veſtio camiza; e ſe em alguma occaſiaõ a obrigaraõ os achaques ao contrario, a deſpia com diſſimulaçaõ, e a dava a algum pobre. Teve grande zelo do remedio das almas, e por eſta cauſa ſe affligia com cilicios, e diſciplinas, além de continuamente jejuar. Sabendo que huma Religioſa diſcipula ſua, ſe divertia fóra das obrigações, que profeſſara, a deſpedio da ſua cella, dizendo, que naõ queria a companhia de quem naõ foſſe muy fiel ao ſeu Eſpoſo. Elegeraõ-na Abbadeſſa muito contra ſua vontade;

deſejou

deſejou com zelo reduzir o Moſteiro à perfeiçaõ Religioſa, e vendo, que naõ conſeguia o fruto do ſeu trabalho, pedio a Deos, que ou inclinaſſe as vontades ao ſeu deſejo, ou que com a morte lhe ſoltaſſe aquella prizaõ; e conſeguindo brevemente a ſegunda, ſe foy a gozar na Gloria os premios merecidos do ſeu ſanto zelo.

Sor Joanna do Eſpirito Santo Dom.

D Em a Villa de Monte môr o novo, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ, da Dominicana Familia, o natal de Sor Joanna do Eſpirito Santo, taõ rica de bens de fortuna, como voluntariamente pobre na Religiaõ, que buſcou guiada do Divino Eſpirito, em cujo obſequio tomou o appellido. Deſejaraõ os ſeus parentes, que tomaſſe o eſtado de caſada, porque era bem dotada; porém ella, antes que ſe effeituaſſe, conſultou com orações o Ceo, e com huma Miſſa ao Eſpirito Santo, implorava o auxilio Celeſte, para o que foſſe mais conveniente ao ſerviço de Deos. Vio ſatisfeita a rogativa, com huma ardente inſpiraçaõ de deixar o Mundo. Entrou na Clauſura, em que deu grandes exemplos de virtude, com huma prompta obediencia, profunda humildade, perſeverança na oraçaõ, que as ſuas lagrimas faziaõ mais agradavel na preſença do Altiſſimo. Todas eſtas virtudes ornava com huma brandura, e natural ſuavidade, com grande amor, e charidade do proximo, naſcido de animo largo, e liberal, que a fazia univerſalmente amada. Ao Apoſtolo Saõ Matthias ſolemniſava todos os annos com Miſſa, e Sermaõ, recreando as ſuas amadas Irmãas, com hum jantar mais aventajado, do que o commum. Naſcia eſte applauſo, em gratificaçaõ de lhe ſahir em o ſeu dia a venturoſa ſorte de ſer Religioſa. Com eſta vida eſperou a morte com tal alegria, que conheceraõ as Religioſas ſer favorecida com Celeſtial viſaõ, que ſe naõ penetrou, deixando no ſeu roſto evidentes ſinaes da gloria, a que fora chamada.

Luiz Kitaro M.

E Item em Vomura (Amphiteatro das crueldades do Japaõ) neſte dia, triunfou da morte, para viver eternamente na Gloria, Luiz Kitaro, Japaõ de naſcimento; mas taõ conſtante na Fé, que ſoube dar a vida, por confeſſar ſer Chriſtaõ, pelo que foy degolado na perſecuçaõ de Daufuſama.

Maria da Conceiçaõ Terc. Carmelita.

F Na Villa da Vidigueira, no Recolhimento do Eſpirito Santo, de Terceiras da Ordem de Noſſa Senhora do Carmo, a me-

a memoria da virtuoſa Maria da Conceiçaõ, primeira Regente, e Prelada deſta Caſa, que ella com o ſeu exemplo, e ſanta vida edificou, por eſpaço de quatorze annos, que nelle viveo, com tanto exemplo, e natural recolhimento, que mereceo por muitas vezes ſer recreada com Celeſtiaes favores do poder do Altiſſimo; ſendo taõ frequentes, que ſe faziaõ publicos às de mais Companheiras, eſpecialmente nos dias em que commungava, em que todas lhe diviſavaõ no roſto hum modo taõ reſplandecente, que naõ ſendo natural, era demonſtrador das dilicias, que o ſeu eſpirito gozava. Foy taõ bem acreditada entre as ſuas Companheiras, que della referem, que a Santiſſima Imagem de Chriſto crucificado lhe fallara, o qual por ſua morte pedio a Marqueza de Niza D. Brites de Vilhena, Senhora daquella Villa, e ſua bemfeitora, a quem ſe deu, ficando na meſma Caſa o Menino Jesus, que tambem lhe fez o meſmo favor, que ſe conſerva com grande devoçaõ, e o painel de Chriſto crucificado, que eſtá no Coro, de quem mereceo ouvir, que ſe aparelhaſſe, porque naõ tardaria a ſua morte, que teve principio por huma penoſa enfermidade, que ſoportou dezoito dias, com grande paciencia, ſem que tomaſſe alimento algum natural, ſuſtentando-ſe ſómente com o paõ dos Anjos, com que corroborada com placida morte, foy gozar da Bemaventurança. O ſeu corpo foy metido em hum caixaõ, e ſepultado na Igreja. Paſſados muitos annos, abrindo-ſe a cova, foy achado incorrupto, lançando ſuaviſſimo cheiro, com que o Senhor acredita a gloria de ſua Serva.

O Irm. Manoel de Sá da Compan.

G Em o Collegio de S. Paulo de Goa, acabou neſte dia, o Irmaõ Manoel de Sá, da Companhia de Jesus, onde entrou de dezaſeis annos de idade. Em poucos mezes deixou da ſua Religioſa vida ſanta memoria; porque ſempre viveo com o exemplo de verdadeiro Noviço, obſervando todas as leys, que lhe ſaõ impoſtas, com muita perfeiçaõ. Adoeceo gravemente de huma febre maligna; chamou o Meſtre dos Noviços, e lhe pedio o confeſſaſſe, e que logo lhe deſſem o Santiſſimo Viatico, que recebeo com muita devoçaõ, como tambem a Santa-Unçaõ. Confortado aſſim com grande ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito, diſſe ao Meſtre, que ſe recolheſſe, que elle o faria chamar, quando foſſe tempo. Ficou o ditoſo Irmaõ tratando com Deos, e com a Virgem Santiſſima, com diverſas jaculatorias,

rias, quando ſendo já deshoras, mandou chamar o Meſtre, e com hum Crucifixo nas mãos, acabou placidamente em o Senhor, com grande conſolaçaõ de toda a Communidade.

Commentario ao XXVI. de Julho.

A CHypre, huma das grandes Ilhas do Mar Mediterraneo, com mais de cem legoas de circumferencia, com o titulo de Reyno, foy ſenhoreada em tempos antigos por diverſos Principes, e ultimamente pela Republica de Veneza, de cujo poder a tiraraõ os Turcos, no anno de 1571, com univerſal ſentimento da Chriſtandade, por ſe verem debaixo de taõ barbaro dominio os ſagrados Templos, em que ſe adorava o Redemptor do Mundo. Neſta Ilha havia hum Convento de Frades da Religiaõ de S. Baſilio, e de naçaõ Gregos, em o monte chamado de Santa Cruz, junto à Cidade de Famaguſta, huma das principaes do Reyno, e celebre pelo ſeu porto. Neſte Convento ſe conſervava com veneraçaõ no Altar môr o braço de Santa Anna, de quem fizemos mençaõ no Texto, o qual naõ ſó era viſitado de toda a Ilha, mas dos peregrinos, que paſſavaõ a Jeruſalem. Mandou viſitar os Lugares Santos a Meſa da Miſericordia de Lisboa, por dous Clerigos, em ſatisfaçaõ de certos encargos, a que ſe achava obrigada. Chamava-ſe hum delles Balthazar de Jeſus, que parece tinha ſido Religioſo da Ordem de Saõ Paulo primeiro Eremita; porque as Memorias, que vimos, dizem, que era Frade, e em outras partes lhe chamaõ Clerigo, o que de certo conſta he, que elle achando-ſe em Chypre, e vendo a ſanta Reliquia no Altar môr, atada com hum cordaõ de prata, a huma Cruz grande, forrada de prata, aſſentou comſigo de a furtar, para o que em Famaguſta ſe apartou de ſeu Companheiro Pedro Fernandes, tambem Clerigo, e ſe foy ao Convento, que diſtava do porto quatro legoas pela terra dentro, e com huma chave abrio as portas, e teve induſtria para trazer comſigo o ſagrado braço, com tal cautéla, que naõ foy ſentido. Parece, que a glorioſa Santa Anna queria ſer venerada em Portugal, onde tem obrado tantas maravilhas, ou vendo, que aquella Ilha havia de ſer dominada pelos Turcos, naõ quiz, que o ſeu braço ficaſſe em poder daquelles Barbaros. Aſſim que os Frades acharaõ menos a ſanta Reliquia, he incrivel o deſprazer, que lhes cauſou o verem-ſe roubados do mais rico Theſouro, que poſſuiaõ. Pelo que Micer Hercules, a quem eſtava encommendado o Moſteiro, ou como Abbade, ou como Conſervador, que naõ ſabemos de certo o lugar, que tinha, mandou fazer diligencia a todos os portos, para que ſe naõ embarcaſſe peſſoa alguma, ſem ſer examinada, fazendo promeſſas a quem deſcobriſſe o furto. Porém nada reſultou de tanta diligencia; porque Balthazar de Jeſus, ſe embarcou com Antonio Gonçalves, Theſoureiro da Cidade de Lisboa, e ſeguiraõ ſua viagem para Portugal. Tinha elle communicado ao Companheiro o piedoſo furto, e lhe tinha entregue a ſagrada Reliquia, de ſorte, que Antonio Gonçalves teve parte na doaçaõ, que ſe fez à Miſericordia de Lisboa, no anno de 1554, a 8 de Fevereiro, ſendo Provedor Affonſo de Albuquerque, e nella confeſſaõ ambos trazer de Chypre, do referido Moſteiro, a ſanta Reliquia. A obrigaçaõ foy, que a Meſa mandaria dizer pelos Capellaens no Coro depois de Matinas huma Antifona de Noſſa Senhora, com ſua oraçaõ, por elle Antonio Gonçalves, e ſua mulher, e todos os que delle deſcendeſſem; e declara, que ſó iſto quer *in perpetuum*, pelo trabalho, que teve de trazer comſigo a Reliquia. Eſte contrato aſſinaraõ como teſtemunhas D. Franciſco de Noronha, Chriſtovaõ Lopes, os ditos Antonio Gonçalves, e Balthazar de Jeſus, e fez aſſento Joaõ Brandaõ, Eſcrivaõ da Meſa, a qual toda eſtava junta, e preſente. O Clerigo pertendeo depois, que a Meſa lhe deſſe por eſmola huma tença nas propriedades, que poſſue, para ter com que ſe ſuſtentar; e porque houve duvida neſta conceſſaõ, intentou o Clerigo tirar a Reliquia à Meſa, a qual recorreo ao Arcebiſpo, que ordenou ſe naõ entregaſſe ao tal Clerigo, por

ſer

ser furto de cousa sagrada, que naõ podia reter em seu poder; e que se insistisse fosse prezo, até que chegasse a determinaçaõ do Papa, a quem se tinha recorrido.

Depois da Mesa se ver de posse da Reliquia de Santa Anna, deu conta a ElRey D. Sebastiaõ, como Protector daquella Casa, da qual o saõ sempre os Senhores Reys deste Reyno, para que fosse servido representar ao Papa, em como se fizera aquelle piedoso furto, que se achava depositado naquella Igreja, e que dispensando em ser cousa furtada, deixasse ficar neste Reyno a Reliquia. Mandou logo ElRey encommendar esta diligencia a D. Affonso de Lencastre, Commendador môr da Ordem de Christo, e seu Embaixador na Corte de Roma, para que dando conta ao Papa do referido, lhe significasse o grande desejo, que tinha de conservar a dita Reliquia em Portugal; mas que o naõ queria fazer, sem que elle houvesse por bem de se perpetuar em Lisboa o braço de Santa Anna, no Mosteiro, Igreja, ou Capella, que ElRey escolhesse. Mandou-se tambem ao Embaixador hum debuxo do braço na fórma, em que elle está, e que escrevesse à Republica de Veneza, para que soubesse se da Ilha de Chypre faltava do Mosteiro de Santa Cruz o braço de Santa Anna, para o que lhe enviasse huma copia do debuxo, para confrontar com o rascunho, que se lhe mandava. Todas estas diligencias se fizeraõ de sorte, que se verificou ser verdadeiro o que referimos. No mesmo tempo tirou a Mesa da Misericordia hum acto de testemunhas de peregrinos, e pessoas, que passaraõ a visitar os Lugares Santos, o qual se fez por ordem do Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos, Capellaõ môr, e foy tirado pelos Licenciados Luiz Fernandes, e Jeronymo Ferraõ, seus Desembargadores, e sentenciado pelo Licenciado Lopo Velho, Provisor, e Vigario Geral, a 16 de Fevereiro do dito anno de 1554, em que juraõ diversas testemunhas, ser o mesmo, que viraõ em Chypre, no Mosteiro de Santa Cruz. Todas estas provas authenticaõ a legalidade da Reliquia; o que confirma o Papa Paulo IV. Fundador da minha Religiaõ, em o Breve, passado pelo seu Cardeal Datario, o qual se conserva no Archivo da Casa da Misericordia, e nós o vimos authenticado nos livros dos Privilegios da dita Casa, que está em hum armario da Casa do Despacho, que nos mostrou Nuno da Sylva Telles, sendo Escrivaõ da Mesa, e he o seguinte.

Raynuntius Miseratione Divina Tituli Sancti Angeli Presbyter Cardinalis, dilectis in Christo Provisori, & Confratribus, Confraternitatis Misericordiæ Civitatis Ulixbonensis salutem in Christo. Ex parte vestra nobis oblata petitio continebat, quod alias quidam frater, vel religiosus, qui ad dictam Civitatem venit, volens se erga Ecclesiam dictæ vestræ confraternitatis, devotum, & gratum exhibere, quodam brachium, quod Sanctæ Annæ esse, & à quadam Ecclesia Sanctæ Crucis in Insula Cipri abstuliſſe asseruit, eidem Ecclesiæ gratiose donavit, vosque abinde citra brachium præfatum tenuistis, & conservastis, & in futurum tenere, & conservare intenditis. Verùm quia dubitatis illud retinere posse, cum ad aliam Ecclesiam spectet, inconsulta desuper Apostolica Sede, supplicari feciſti humiliter vobis, super his per Sedem eandem de opportuno remedio misericorditer provideri. Nos igitur hujusmodi supplicationibus inclinati, autoritate Domini Papæ, cujus Pœnitentiariæ Curam gerimus, & de ejus speciali mandato super hoc vivæ vocis oraculo nobis facto, vobis ut quousque illi ad quos spectat, qui jam notitiam habent, quod in dicta confraternitatis Ecclesia exiſtit, pro illo recuperando nuntium miserint, brachium præfatum in dicta vestra confraternitatis Ecclesia tenere, & conservare liberè, & licitè, & absque alicujus censuræ, vel pœnæ incursu, aut conscientiæ scrupulo possitis, & valeatis, tenore præsentium concedimus, & indulgemus, ac licitam, & liberam facultatem impartimur, non obstantibus præmiſſis, ac constitutionibus, & ordinationibus Apostolicis cæterisque contrariis quibuscumque. Datum Romæ apud Sanctum Petrum sub sigillo officii pœnitentiariæ XV. Februari anno secundo.

E traduzido em Portuguez, diz:

Raynuncio pela Misericordia Divina Cardeal Presbitero do titulo de Santo Angelo, aos amados em Christo, Provedor, e Irmãos da Irmandade da Misericordia da Cidade de Lisboa, saude em Christo. A peticaõ, que por vossa parte nos foy offerecida, continha, que em outro tempo hum Frade, ou Religioso, que veyo à dita Ci-

dade, querendo-ſe moſtrar devoto, e agradecido para com a Igreja da dita voſſa Irmandade, deu gratuitamente à meſma Igreja hum braço, que affirmou ſer de Santa Anna, e tello tirado de huma Igreja de Santa Cruz, na Ilha de Chypre, e que vós de entaõ para cá tiveſtes o ſobredito braço, e o conſervaſtes, e determinais tello, e conſervallo para o futuro. Porém porque duvidais retello, como quer que pertença a outra Igreja, ſem conſultar primeiro à Sé Apoſtolica, fizeſtes pedir humildemente, que ſobre eſta materia foſſe dado pela meſma Sé, miſericordioſamente oportuno remedio. Nós por tanto inclinados a eſtas ſupplicas, pela authoridade do Senhor Papa, de cuja Penitenciaria temos o cuidado, e de ſeu eſpecial mandado, que ſobre eſta materia nos deu vivæ vocis oraculo. *Pelo theor das preſentes vos concedemos, e permittimos, e damos licita, e livre faculdade, de poder ter, e conſervar, livre, e licitamente o ſobredito braço, na Igreja da voſſa dita Irmandade, ſem incorreres em alguma cenſura, ou pena, e ſem eſcrupulo de conſciencia, até que aquelles a quem toca, e que já tem noticia, que o dito braço eſtá na Igreja da dita Irmandade, mandem menſageiro, em ordem a havello de recuperar, ſem que obſtem as ſobreditas couſas, nem Conſtituições, e Ordenaçoens Apoſtolicas, e quaeſquer outras couſas em contrario. Dado em Roma, em Saõ Pedro, debaixo do ſello do Officio da Penitenciaria, aos XV. do mez de Fevereiro, no anno ſegundo do Pontificado do Senhor Paulo Papa IV.*

Deſta ſorte fica authenticada eſta Reliquia, de que faz menção Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*, neſte dia; o Padre Vaſconcellos *in Deſcrip. Reg. Luſit.* pag. 249. n. 5., e ſeguarda com grande cuidado, em hum cofre, fechado com tres chaves, de que tem huma o Provedor, outra o Eſcrivaõ, e depois ſe fecha em hum Nicho, na Caſa do Deſpacho da Meſa. Naõ podemos deixar de eſtranhar neſte lugar a Fr. Franciſco de Liſana, que eſcrevendo huma Vida deſta Santa, diz, que fora levada em corpo, e alma ao Ceo. Naõ duvidamos dos merecimentos da Santa; mas eſte Author naõ leu as vidas antigas, eſcritas por doutas pennas, que naõ referem tal, e os muitos Authores, que tratáõ de Reliquias ſuas, que eſparcidas pelo Mundo, ſe veneraõ com tanta ambição de as poſſuir, que ſe fazem algumas duvidoſas. Naõ he do noſſo aſſumpto provar quaes ſaõ as verdadeiras, e baſtanos ter moſtrado authentica a de que tratamos; mas referiremos as que temos achado em diverſos Authores. Sem ſahirmos de Portugal, na Caſa de Saõ Roque da Companhia, ſe guarda huma Reliquia da Santa, de que faz menção o Padre Manoel de Campos, nas Reliquias daquella Caſa, pag. 341. Na Congregação do Oratorio de Lisboa, dos Padres de S. Filippe Neri, ſe venera huma pequena Reliquia de Santa Anna, que de Roma lhe foy mandada, e he authentica, como ſe vê de hum Breve, paſſado por Lucas Antonio Accorambono, Biſpo de Montalto, a 20 de Agoſto de 1711, e foy apreſentada a 24 de Agoſto do anno de 1713, ao Biſpo de Tagaſte, Proviſor do Arcebiſpado de Lisboa, para ſe poder expor com culto publico. Em o Moſteiro de Santa Anna de Coimbra, da Ordem de Santo Agoſtinho, ſe venera huma Reliquia da Santa. Eu tenho huma authentica mandada de Roma, que ſe expoem em huma Imagem ſua na noſſa Igreja.

No Real Moſteiro do Eſcurial ſe guarda huma Reliquia de Santa Anna, como diz Siguença na *Hiſtoria de S. Jeronymo*, tom. 2. liv. 4. Na Sé de Toledo outra; e no Moſteiro de Freiras de Ciſter da Invocação de Santa Anna em Avila outra, como refere Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*, em eſte dia, e que em outras muitas partes de Heſpanha ſe veneraõ Reliquias inſignes deſta Santa. Em Bolonha, na Eſtrada Pia, na Igreja de Santa Anna, que hoje he dos Padres Cartuxos o caſco da cabeça da Santa. Deu eſta Reliquia ElRey Henrique VI. de Inglaterra ao Biſpo Nicolao Albergati Cartuxo no anno 1455, como refere Antonio Paulo Maſini na ſua *Bolonha perluſtrata*, a 26 de Julho pag. 422. Em o famoſo Templo de Saõ Marcos de Veneza, eſtá huma pequena parte do oſſo do braço de Santa Anna, que o Papa Clemente VIII. deu ao Cavalleiro Joaõ Delfino, Embaixador da Republica, que ſe expoz naquella Igreja, a 23 de Junho de 1603, como o diz Sanſovino na *Deſcrip. de Veneza*, accreſcentada por Joaõ Stringa, liv. 1. cap. 49. pag. 30. Em Roma, na Igreja dos Carmelitas Deſcalços da Invocação

vocaçaõ de Santa Anna, ſe expoem à veneraçaõ dos Fieis huma cana do braço; e em Araceli parte do braço; e em Saõ Marcello, tambem parte do braço. Em Santa Maria in Porticu, chamada em Campitelli, outra Reliquia inſigne deſta prodigioſa Santa, o que tudo ſe póde ver em o Abbade Carlos Bartholomeu Piazza no *Santuario Romano*, a 26 de Julho. Eſtando em Roma o Padre D. Manoel Caetano de Souſa, Theatino, no anno de 1711, deixou ao Collegio Romano da Companhia, Monſenhor Vintimiglia, Reliquia da cabeça de Santa Anna. Em S. Paulo de Napoles tem a minha Religiaõ huma Reliquia inſigne deſta Santa, de que faz menção Tufo no *Supplemento da Hiſtoria dos Clerig. Regul.* pag. 102. Em Dovay, na Igreja de Santo Amaro, ha hum pé deſta Santa; outro na Cathedral de Ancona, que com grande culto ſe venera: nelle ſe toçaõ almofadinhas feitas com primor, que ſe eſpalhaõ pela piedade dos devotos, de que o Biſpo dá authentica, de que vimos huma na Congregaçaõ do Oratorio de Saõ Filippe Neri de Lisboa. Na Sé de Braga, tambem ſe guarda Reliquia inſigne, e dizem ſer os peitos. Em Caſtello-bono de Sicilia, ha parte da cabeça da Santa. Em Moguncia, em Marcoduro, Reliquia da cabeça, como conſta por huma Bulla do Papa Julio II. anno 1507, e o affirma Joaõ Thomás de Saõ Cyrillo, cap. 33. O *Martyrologio Franciſcano* de Artur, diz, que em Dura, no Ducado de Juliers ha parte da cabeça de Santa Anna, o que já tinha dito Molano, neſte dia, a pag. 124. verſ. que na Sé de Chartres ſe guarda outra, de que ſe lembra Bollando, e Henſchio no *Acta Sanctorum*, tom. 2. de Fevereiro, no dia 10. pag. 486. col. 2. ad fin. E na Dioceſi Novidunenſe ſe venera outra, e nós entendemos devem ſer partes do caſco da Santa; e em Arles, e em Rhoaõ ſe achaõ muitas Reliquias, e em muitas partes da Neutria ſe vem muitas, como elle moſtra nas Memorias deſta terra. Se houveramos de relatar todas as Reliquias da Santa, ſeria demaſiadamente largo eſte Commentario, e aſſim finalmente com darmos conta do modo com que o corpo da Santa veyo à Europa, naõ enfadaremos ao Leitor com larga narraçaõ.

O ſagrado corpo de Santa Anna, foy ſepultado pelos Anjos em Jeruſalem, como piamente ſe cre, e referem alguns Authores, pois he ſem duvida, que os ſeus merecimentos a fizeraõ digna deſta honra, que alcançou Santa Catharina Virgem Martyr, como canta a Igreja no ſeu dia, dizendo fora ſepultada pelos Anjos; e o meſmo lemos na Vida da noſſa Portugueza Santa Irene, ſepultada no Tejo. Foy a ſepultura na caſa, que Santa Anna tinha naquella Cidade, e depois por merce de Deos, trazido à Europa o ſeu corpo, para conſolaçaõ dos Chriſtãos, por Saõ Longino, que o trouxe a França, como refere Thritemio, Sauſſay no *Martyrologio Gallicano*, e Artur no *Franciſcano*, e Brocardo, e outros. No anno de 772, imperando Carlos Magno, em a Cidade de Apt, na Gallia Narbonenſe ſe achou o corpo de Santa Anna, com huma alampada acceza, que lhe poz Santo Auſpicio, e durou 630 annos; porque tantos vaõ deſde o de 162, que pela perſecuçaõ de Marco Aurelio Emperador, eſcondeo o ſagrado corpo. Eſta invençaõ acreditou Deos com milagres, dando viſta, falla, e ouvidos a hum homem ſurdo, cego, e mudo, moſtrando elle com geſtos o lugar, em que eſtava o ſagrado depoſito, ſendo a primeira palavra, que proferio, eſtar naquelle lugar o corpo da glorioſiſſima Santa Anna, Mãy da Virgem Maria; e chegando o Biſpo deſta Cidade, depois de deſcuberto o lugar, abrio hum caixaõ de cypreſte, no qual ſe acharaõ as ſagradas Reliquias, com eſta Inſcripçaõ.

Hic jacet corpus S. Annæ, Matris, Virginis Mariæ.

Deſta Invençaõ trata Matthias de S. Bernardo, Carmelita, na *Vida de Santa Anna*, part. 3. cap. 11; Franciſco Scolari na *Relaçaõ da Invençaõ do corpo de Santa Anna*; Thomás Auriem, liv. 12. cap. 18, na *Hiſtoria de Santa Anna*, e outros, que ſe podem ver no Padre Fr. Franciſco Petronio *Arbor Decora, & Fulgida*, tom. 1. tract. unic. cap. 5. de Santa Anna; *Genealogia, & Monogamia*, n. 52. pag. 272, onde remetemos, a quem tiver curioſidade de mais diffuzamente ver eſta materia; Honorato Bouche, liv. 4. *Corographia*, cap. 2. §. 2; Moreri no *Grande Dictionario* verbo *Apt*; Baudrand no *Lexicon Geografico* verbo *Apta Julia Vulgientium*; e outros Francezes affirmaõ eſtar o corpo

corpo da Santa neſta Cidade; os Padres Godefredo Henſchenio, e Daniel Papebrochio no *Acta Sanctorum*, no Tomo I. de Mayo, pag. 438, ſe lembraõ deſta Trasladaçaõ, e que ſe celebra eſta feſta com toda a ſolemnidade por toda a Dioceſi, e que em todo o anno, nas terças feiras naõ impedidas, ſe reza de Santa Anna.

Devemos accreſcentar ao referido por taõ graves Authores, e conſtante tradiçaõ da Igreja, approvada por tantos Summos Pontifices, nos Breves, que expediraõ em diverſos tempos, authenticando as Reliquias de Santa Anna, hum teſtemunho irrefragavel, approvado pela Igreja Catholica, nas *Revelações de Santa Brigida*, onde no liv. 6. cap. 104, ſe lê, que tendo a Santa huma Reliquia de Santa Anna, lhe appareceo ella, dizendo-lhe, que eraõ verdadeiras as ſuas Reliquias: *Reliquiæ vero meæ, quas habes, erunt diligentibus in ſolatium, donec Deo placuerit, eas altius honorare in reſurrectione noviſſima.* Deſtas palavras ſe vê, que as Reliquias da Senhora Santa Anna, que eſtaõ eſpalhadas pelo Mundo, eſperaõ pelo Univerſal Juizo, para Deos as collocar no digno lugar dos ſeus altiſſimos merecimentos. No liv. 7. cap. 26. das *Revelações* da meſma Santa, temos mais outra prova. Eſtava ella orando no Valle de Joſaphat, e lhe appareceo a Virgem Santiſſima muy reſplandecente, e entre outros Myſterios, que naõ fazem ao noſſo intento, lhe diſſe: *Item ſcias, quod nullum corpus humanum in Cœlo eſt, niſi corpus glorioſum Filii mei, & corpus meum:* Sabe mais, que no Ceo naõ ha corpo humano, excepto o de meu glorioſo Filho, e o meu. Naõ haverá, quem duvide da verdade deſtas Revelações, ſendo approvadas pela Santa Sé Apoſtolica; e aſſim naõ temos, que nos dilatar mais, para moſtrar, que as Reliquias, que temos de Santa Anna, ſaõ realmente ſuas; porque ella o affirmou a Santa Brigida, e a Virgem Maria o confirma, dizendo naõ haver no Ceo mais corpo humano, do que o ſeu, e o de Jeſu Chriſto ſeu Filho; e deſta ſorte fica totalmente desfeita a opiniaõ de Liſana, e de quem o ſeguio. Depois vimos o Tomo VI. *Acta Sanctorum, in die XXVI. Julii*, onde com a ſua coſtumada erudiçaõ nos confirma na opiniaõ, que ſeguimos ſobre as Reliquias da glorioſa Santa Anna, que largamente refere, e a pag. 257. §. 11. *Alia Reliquiæ, & paradoxum de corporali ejuſdem Sanctæ Reſurrectione.* Já Monſieur de Baillet doutiſſimo na *Hiſtoria Eccleſiaſtica*, que trabalhou com grande cuidado, na *Vida de Santa Anna*, diz eſtas palavras, que traduzimos fielmente: *Sobre a devoçaõ, que ſe tem às Reliquias da Santa, podem ſegurarſe todos os lugares, que pertendem poſſuillas, que ſempre ſeraõ zeloſos deſte ſeu Theſouro, para naõ convir na reſurreiçaõ corporal de Santa Anna, imaginaçaõ, que teve neſtes noſſos dias huma famoſa Viſionaria.* Naõ he o noſſo intento diminuir com iſto a opiniaõ da Madre Sor Maria de Jeſus, com quem eſte Author falla; mas ſó moſtrar, quanto cabe no humano, que o ſeu ſanto corpo ſe conſerva na terra. Naõ nos parece, que o Leitor nos cenſurará em nos termos alargado neſte Commentario, por ſer a materia preciſa, de termos na terra o penhor incomparavel das Reliquias da Senhora Santa Anna, para ſer noſſa ſegura Protectora em todas as adverſidades, e recorrermos a eſte ſagrado aſylo, contra as perſeguições do commum inimigo, e em cujos merecimentos eſpera a noſſa devoçaõ alcançar glorioſo fim, merecendo aproveitar o precioſo Sangue de ſeu Santiſſimo Neto, ſegundo a carne para o o louvar eternamente na Gloria.

Além dos já referidos Authores, ſe póde ver ſobre eſte ponto Malachias Roſenthal *in Concha Margarit*; Jacobo Polio *in I. Parte Hiſt. SS. Joachim, & Annæ*; Joaõ Thomás de S. Cyrillo, cap. 33. *de Laud. S. Annæ*; Thomás Auriemma *in Hiſtor. S. Annæ*, liv. 2. cap. 18, e 19; Baillet Tom. II. *das Vidas dos Santos*, neſte dia; e outros muitos, que diffuzamente trataõ de Reliquias de Santa Anna.

B A Cidade de Cachaõ, foy o primeiro theatro das glorias do nome Chriſtaõ, no Reyno da Cochinchina, com a precioſa morte de André, neſte dia, no anno de 1644, com grande enveja do Padre Rhodes, de quem era diſcipulo. Seu corpo foy com veneraçaõ involto em huma roupa de ſeda nova, que para iſto deu hum Chriſtaõ; e metido em hum caixaõ, o levaraõ de noite com ſegredo a Tayſo, com receyo de que os Gentios o naõ roubaſſem. Aberto depois o caixaõ, ſe concertou o ſanto corpo com mais decencia. Deſejavaõ os Chriſtãos da-

daquellas terras conſervar a ſua companhia, com mais ambiçaõ do que as riquezas, de que a faz abundante a natureza; mas o Padre Rhodes os perſuadio deixaſſem conduzir o corpo a Macao, aonde ſe guarda com veneraçaõ, na Capella do Collegio dos Padres da Companhia. A ſua cabeça, depois de alguns annos, levou o meſmo Padre a Roma, para moſtrar as primicias daquella nova ſeára do Evangelho, que elle tanto cultivou. Tres dias depois da ſua morte, moſtrou Deos àquelles Barbaros, quanto fora precioſa aquella morte, que agora como ſacrilega vingava. Ateou-ſe o fogo em Cachaõ, reduzindo a cinzas todos os lugares da ſupreſticioſa adoraçaõ, e todos os que havia ao redor donde o Santo Martyr eſteve prezo, ſentenciado, e morto. Paſſados alguns dias abrazou o carcere, em que o prenderaõ, e correndo a ſua voracidade como com inſtincto, queimou todas as caſas, que ficavaõ no caminho, por onde o levaraõ ao ſupplicio. As *Noticias da Miſſaõ da Cochinchina*, cap. 30. pag. 50.

C Eſta Abbadeſſa havia de ſer a idéa, com que hoje nos Moſteiros de Religioſas ſe zelaſſe a honra de Deos, ſeguindo a obſervancia dos Eſtatutos, que profeſſaõ, e naõ da vaidade, que com tanto eſcandalo, às vezes, ſe eſpalha nos ouvidos dos Seculares. No anno 1655, faleceo Sor Antonia de S. Pedro, cuja vida tirámos da IV. Parte da *Hiſtoria de S. Franciſco*, liv. 3. cap. 23. n. 620, que eſcreveo o Padre Fr. Fernando da Soledade.

D Ainda ſe conſerva no Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ, na Sacriſtia, em ricas peſſas, a memoria de Sor Joanna do Eſpirito Santo, que com generoſa liberalidade diſpendia em obſequio da Communidade, e ſerviço de Deos, a parte, que do ſeu grande dote levou à Religiaõ, e com licença ſua adminiſtrava tanto em utilidade commua, que naõ conſentia houveſſe das portas a dentro neceſſidade, que ella naõ remediaſſe. Acabou pelos annos de 1600, neſte dia, em que della faz menção o *Anno Dominicano*, tantas vezes allegado; Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 6. cap. 21.

E No diſcurſo deſta Obra temos tantas vezes repetido as diverſas crueldades, que conſtantemente padeceo no Japaõ aquella Chriſtandade em diverſos annos. No de 1618, foy martyriſado Luiz Kitaro, como ſe póde ver nos Padres Pedro Morejon, pag. 116. verſ. e Cardim no *Catal. dos Mart.* pag. 278.

F A Villa da Vidigueira, na Provincia de Alentejo, eſtá ſituada em terreno plano, fertil, e abundante de caça, entre as Cidades de Evora, de que diſta ſete legoas para o Sul, e quatro de Béja para o Norte, cercada de famoſos rocios, em hum dos quaes tem a Igreja Matriz, Templo grande de tres naves, com Priorado rendoſo, e Beneficiados, que he Padroado da Caſa de Niza, e conforme o Padre Lima, no Tomo II. da ſua *Geografia*, pag. 688, terá ſeis centos e cincoenta e ſeis fogos, e duas mil peſſoas de Communhaõ. Teve principio em huma pequena povoaçaõ, que conforme alguns curioſos, querem foſſe no ſitio chamado Alfayates, e Ferrarias; porém outros a poem junto da antiga Ermida de Santa Clara, que fora a ſua primeira Freguеſia, dizendo tambem, que o ſeu primeiro nome fora *Videira*, dado pelas muitas vinhas, que continha o ſeu territorio, provando a etymologia com as Armas deſta Villa, que ſaõ hum Caſtello enlaçado com huma vide. O que he certo, que na noſſa Hiſtoria temos della antiga memoria; porque o Doutor Fr. Franciſco Brandaõ na Tomo VI. da *Monarch. Luſit.* pag. 69, entende, que ElRey D. Sancho II. ou D. Affonſo III. a deraõ ao Meſtre Thomé, Theſoureiro que tinha ſido da Sé de Braga, e delle paſſou a Pedro Fernandes, Conego de Braga, Pedro Peres, Raçoeiro da meſma Igreja, Martim Annes, e Vaſque Annes, ſeus ſobrinhos, e herdeiros, de quem o Arcebiſpo de Braga D. Martim a teve por doaçaõ. Algumas Memorias dizem, que elle a herdara de Pedro de Oliveira, ſeu pay, de quem no livro dos *Anniverſarios da Sé de Evora*, ſe faz menção com Anniverſario a 4 de Janeiro, e a 2 de Fevereiro, por ſua mulher D. Elvira Peſtana, dizendo ſerem pays do Arcebiſpo D. Martinho, o que he ſem duvida, que o Arcebiſpo era Senhor da Vidigueira, e que a trocou com ElRey D. Diniz, por contrato feito a 6 de Outubro, do anno 1304, em que entre outras couſas, que lhe deu foy a Herdade no Termo de Evora, que he cabeça do Morgado de Oliveira, que o Arcebiſpo inſtituſo. ElRey D. Joaõ o I. entre as merces, que fez ao Condeſtavel, foy o Senhorio deſta Villa; porque quando elle repartio os ſeus bens, fez della

merce

merce, com outros muitos bens, a ſeu neto D. Fernando, Conde de Arrayollos, por Doaçaõ feita em Borba, a 4 de Abril, do anno 1422, como diſſemos no Tomo V. da *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real*, pag. 104, e aſſim ſe veyo a incorporar depois no Eſtado da Caſa de Bragança, em cujo dominio ElRey D. Manoel lhe deu foral, no anno 1512, e depois de noventa e ſete annos de poſſe, o Duque D. Jayme unico do nome, a vendeo por Eſcritura feita em Evora, a 17 de Novembro de 1519, ao grande D. Vaſco da Gama, e o meſmo Rey a ſeu favor erigio em Condado, em cujos deſcendentes ſe conſerva.

Tem o Convento de Religioſos do Carmo, com o titulo da Senhora das Reliquias, fundado no anno de 1496, que diſta hum quarto de legoa da Villa, em cuja Capella môr jazem muitos dos Senhores deſta Caſa, como refere Sá nas *Memorias do Carmo*, liv. 3. cap. 4; o de Capuchos de Santo Antonio, no de 1545, edificado por D. Franciſco da Gama, II. Conde da Vidigueira, na antiga Ermida de Saõ Bento, cuja Imagem fora deſcuberta naquelle ſitio, e era do Moſteiro de Saõ Cucufate, junto da Villa de Frades, donde na entrada dos Mouros fora eſcondida pelos Monges; porém eſte ſitio por muito nocivo à ſaude foy deſamparado, e ſe edificou de novo no anno de 1701, o que agora exiſte.

O Recolhimento das Beatas do Eſpirito Santo, que dá occaſiaõ a fallarmos neſta Villa, teve principio na fórma ſeguinte. Na Cidade de Béja viviaõ duas Irmãas Terceiras do Carmo, naturaes da meſma Cidade, chamadas Domingas de Jeſu, e Joanna da Cruz, às quaes ſe aggregou a devota Maria da Conceiçaõ, natural da Aldeya da Granja, Termo da Villa de Mouraõ, as quaes viviaõ com tanto exemplo, que eraõ nomeadas na Cidade pelas *Terceiras Santas*. Eraõ os ſeus cuidados ſantos, aſſim deſejavaõ modo, em que conſeguiſſem viverem com mayor perfeiçaõ. Inſpiradas todas por Deos, ſaîraõ de Béja, e ſeguiraõ o caminho da Vidigueira, diſtante quatro legoas daquella Cidade, ſem participarem a peſſoa alguma a ſua reſoluçaõ: chegaraõ à Vidigueira, e ſe accommodaraõ em caſa de outra Beata, tambem Terceira, chamada Maria Eſteves, publicando, que hiaõ fazer huma Novena à Senhora das Reliquias, que com effeito fizeraõ, pedindo-lhe lhe declaraſſe o que haviaõ fazer, o que a Virgem Santiſſima ſatisfez, naõ ſó interior, mas exteriormente, pondo na boca daquelle povo, que aquellas Beatas hiaõ a fundar hum Convento naquella Villa. He bem para reflectir, que eſtando em Béja lhe foy revelado, que em huma Igreja do Eſpirito Santo, ſe havia de fundar o ſeu Recolhimento, ſem que ſe lhe declaraſſe a terra. Achando-ſe aſſim na Vidigueira, com a reſoluçaõ de fazerem o Recolhimento; porque interiormente inſpiradas, entendiaõ ſer vontade de Deos; eſcreveraõ a D. Vaſco da Gama, I. Marquez de Niza, pedindo-lhe a Ermida de Santa Clara, que fica fóra da Villa para a ſua habitaçaõ; porém a reſpoſta ſendo propicia, foy differente, dizendo, que aquelle ſitio lhe naõ convinha; mas que ſe quizeſſem a do Eſpirito Santo daria o ſeu conſentimento, que logo aceitaraõ; e rendendo as graças ao Marquez, lhe pediraõ alcançaſſe licença do Governador do Arcebiſpado de Evora Fr. Luiz de Souſa, da Ordem de S. Bernardo, de que foy Geral, Biſpo eleito do Porto, que entaõ ſe achava aſſiſtindo em Salvaterra a ElRey D. Affonſo VI. que lhe concedeo a licença com faculdade de pedirem eſmolas. Conſeguida a licença, alcançaraõ da Meſa da Miſericordia Doaçaõ da Igreja, com humas caſas caidas, que lhe ficavaõ contiguas, ſem mais penſaõ, que oito toſtoens de foro, que a Meza todos os annos lhe naõ aceita, dando-lhos de eſmola. Formado finalmente o edificio, entraraõ nelle em dia do Eſpirito Santo, a 20 de Mayo de 1668, e nelle foy a primeira Regente Maria da Conceiçaõ, que faleceo neſte dia, do anno de 1682. Memorias, que temos, devidas ao zelo, e erudiçaõ do Padre Fr. Franciſco de Oliveira.

G Na Cidade do Porto, naſceo no anno de 1640, o Irmaõ Manoel de Sá. Entrou na Companhia, a 27 de Setembro de 1656, e nella viveo taõ pouco, que faleceo neſte dia, no Collegio velho de S. Paulo de Goa, no anno de 1657. Memorias mandadas de Goa à Academia Real, que tenho em meu poder, da Secretaria da dita Academia.

JULHO XXVII.

AM a Cidade do Porto, a Feſta de Saõ Pantaleaõ Martyr, ſeu Padroeiro, aquelle Illuſtre Medico, que na Cidade de Nicomedia padeceo martyrio, depois de ter com eſtupendas curas, e inſignes milagres, engrandecido o Nome de JESU Chriſto. Reſplandeceo mais nelle a Fé, por ter ſido criado entre os erros do Gentiliſmo, e como era de perſpicaz engenho, ſoube entre os ſeus eſtudos buſcar ao Author da Vida JESU Chriſto, para com o ſeu Nome curar mais facilmente as enfermidades, do que com as doutrinas de Galeno, e de Hypocrates. Era celebre Pantaleaõ na Medicina, pela facilidade das curas, ſendo acclamado por Medico Celeſte Com o Nome de JESU Chriſto, deu viſta a hum cego, a quem com eſte prodigio obrigou a receber na alma a luz do Evangelho. Começou a inveja nos Profeſſores da Arte, vendo a ſciencia, e ſabedoria de Pantaleaõ, e para encobrir a ſua impericia, o accuſaraõ ao Emperador Maximiano, que ſe achava em Nicomedia, dizendo-lhe, que Pantaleaõ naõ ſó era Chriſtaõ; mas que àquelles meſmos, que elle mandava atormentar, curava depois maravilhoſamente. Mandou vir à ſua preſença ao homem, a quem ſe dizia dera viſta Pantaleaõ, o que elle ratificou com vozes, engrandecendo o Nome de JESU Chriſto, por cujo beneficio fora reſtituido à luz do dia, e naõ dos falſos Deoſes, e por eſta confiſſaõ lhe foy cortada a cabeça, e o ſeu corpo comprou Pantaleaõ, e fez ſepultar junto com ſeu pay. Reconhecia já o Illuſtre Medico o riſco da ſua vida, e com generoſa reſoluçaõ ſe deſembaraçou de tudo o que tinha no Mundo, dando liberdade aos eſcravos, repartindo a ſua fazenda com os pobres, e enfermos, e com eſtas pias obras, ſe preparava para o Martyrio, que já prudentemente julgava lhe naõ poderia tardar. Naõ ſe tinhaõ paſſado muitos dias, quando foy chamado pelo Emperador, e tratando-o muy familiarmente, confeſſou com generoſa liberdade ſer Chriſtaõ, e que adorava a hum ſó Deos, Author Univerſal do Ceo, e da terra, e que abominava aos fementidos Deoſes, que cega a Gentilidade ſeguia, e que para demonſtraçaõ da

Saõ Pantaleaõ M.

Omnipotencia, que em Deos adorava, em ſeu Nome ſe obrigava a reſtituîr à perfeita ſaude o doente mais perigoſo, já totalmente deſtituido de eſperanças de vida, e abandonado dos Medicos; que para eſte fim mandaſſe aos Sacerdotes, que elle venerava como Oraculos dos Deoſes, que preſente o enfermo deprecaſſem pela ſua ſaude; e que tambem faria o meſmo Pantaleaõ, em Nome de JESU Chriſto, e a beneficio de quem o enfermo recebeſſe ſaude, eſſe ſeria ſómente adorado, e glorificado por Deos. Mandou vir o Emperador hum paralytico, em quem o achaque ſe tinha já envelhecido de tal maneira, que naõ havia eſperanças de poder conſeguir ſaude. Principiaraõ os Sacerdotes as deprecações aos Deoſes, pedindo a ſaude do enfermo; porém nada podia reſultar de taõ ſuperſticioſas ceremonias, em que faltava o lume da Fé, ſem o qual he impoſſivel obrar prodigios. Vendo iſto Pantaleaõ, ſe chegou ao paralytico, e pegando-lhe em huma maõ, cheyo de verdadeira Fé lhe diſſe: *Levantate em Nome de Jeſu Chriſto Filho de Deos vivo.* Eis-que de improviſo, em preſença de grande numero de gente, ſe levantou o enfermo livre de toda a queixa, dando graças ao Senhor, a quem confeſſaraõ muitos dos circunſtantes por Verdadeiro Deos, confuzos, e admirados de taõ eſtupendo milagre. Começou a vacilar a Corte; envergonhou-ſe o Emperador; mas os Sacerdotes pertinazes, e aſtutos, o perſuadiraõ, que aquellas obras de Pantaleaõ eraõ effeitos da Magica, que profeſſava, e como homem diabolico devia ſer ſeveramente caſtigado, para que com o ſeu ſangue ſe ſatisfizeſſem as injurias, com que tinha tratado aos Deoſes, ſem os quaes elle naõ podia conſervar o ſeu Imperio. Pertendeo Maximiano com favores, rogos, e promeſſas, vencer a Pantaleaõ, e depois com ameaços, e tormentos contraſtar a ſua conſtancia, ſem que baſtaſſem unhas de ferro, com que o mandou deſpedaçar, tochas accezas, com que ao meſmo tempo o queimavaõ, para lhe tirarem da boca, e do coraçaõ a JESU Chriſto, de quem recebia Celeſtiaes auxilios, confortando-o viſivelmente em figura de ſeu Meſtre, com que logo afroxaraõ as cordas, com que eſtava ligado, e ſe apagaraõ as tochas, e desfaleceraõ com a maravilha os algozes. De novo foy metido em huma caldeira de cumbo derretido, que perdendo a actividade lhe naõ fez damno, ſahindo illezo do fogo;

por

porque o Senhor lhe aſſiſtia da meſma ſorte. Vendo já o Emperador com pejo, e horror, o triunfo do Martyr, com nova crueldade o mandou lançar no mar, com huma grande pedra ao peſcoço, ſem reparar, que o poder, que o livrara do fogo, ſe extendia ao elemento das aguas; e aſſim foy, porque terceira vez lhe appareceo o Senhor, e como a outro Pedro o livrou do impeto das ondas, e o poz ſalvo na praya. Certificado o Emperador deſte novo prodigio, cheyo de colera, o mandou lançar a beſtas féras; e quando eſperava, que os tigres, e os leoens o devoraſſem, vio, que ſe lhe lançavaõ com reſpeito aos pés, o que foy cauſa de muitos reconhecerem a verdade do Evangelho, gritando, que ſó o Deos dos Chriſtãos, devia ſer adorado; pelo que logo foraõ pelas meſmas féras, por ordem do Emperador, coroados de Martyrio. Naõ ſe ſatisfez o odio contra o Nome de JESU Chriſto, e com nova idéa excogitou outro genero de martyrio, que foy huma roda, cuberta de pontas de aço, e nella mandou atar ao Martyr, e de hum alto monte precipitar, para que o rapido movimento, entre as pedras do monte, e as pontas do aço lhe deſſem violenta morte. Deſte martyrio ſahio tambem triunfante, caſtigando Deos com o meſmo tormento a muitos idolatras, que miſeravelmente pereceraõ no impeto da roda. Vendo Maximiliano fruſtradas tantas invenções da tyrannia, o mandou de novo açoutar, e que logo foſſe queimado o ſeu ſanto corpo em o campo. Eſta ſentença foy ouvida com ſingular jubilo de Pantaleaõ, por ver que ella lhe havia de abrir as portas do Ceo; e aſſim foy atado a huma oliveira, e deſcarregando o golpe o tyranno, ficou illezo o valeroſo Soldado de Chriſto, e o ferro taõ brando, como ſe foſſe cera. Os algozes timidos, e corridos, ſe lhe lançaraõ aos pés, confeſſando, que era mais, que homem, quem daquella maneira triunfava da crueldade, e fazendo oraçaõ a Deos o Santo Martyr, ſe ouvio huma voz, que dizia a ſua oraçaõ fora ouvida, e já naõ ſeria nomeado por Pantaleaõ, ſenaõ por Pantalemaõ, e que pelos ſeus merecimentos alcançariaõ muitos da Divina Miſericordia ſinalados favores. Animando finalmente elle meſmo os algozes, que já temiaõ executar a ſentença, lhe foy cortada a cabeça, da qual com novo prodigio, ſahio em lugar de ſangue, leite; e a oliveira, a que eſtava ligado, ſubi-

tamente ſe vio carregada de ſazonados frutos; o que ſabendo o Tyranno, com nunca viſta pertinacia, mandava foſſe queimado, conforme tinha ordenado, no que naõ foy obedecido; e aſſim o ſeu corpo foy enterrado com venerado culto pelos Chriſtãos, em hum campo, que Deos honrou com muitos milagres, para gloria de ſeu Servo, collocando a ſua alma nas Celeſtes Jerarquias, entre os mais Illuſtres Santos da Igreja Catholica. Suas ſagradas Reliquias paſſados muitos ſeculos, foraõ trazidas por huns devotos Chriſtãos à Cidade do Porto, mais por Divina diſpoſiçaõ, do que por cuidado humano; porque entregues à diſcriçaõ dos mares, ſe meteraõ com ellas em huma embarcaçaõ, e pondo nas mãos do Santo Martyr as ſuas vidas, guiados por ſoberano impulſo apportaraõ na Cidade do Porto, que Deos tinha deſtinado para nella deſcançarem, ennobrecendo aquella illuſtre Cidade, com taõ grande Theſouro, que ſe venera na Capella môr da ſua Sé, em tumulo de prata, por quem o Altiſſimo tem feito tantas maravilhas, para aſſim acreditar a ſua poderoſa interceſſaõ, e confirmar a Fé daquelles Cidadãos, que o veneraõ com eſpecial devoçaõ, como a ſeu Patrono, e como de tal reza delle aquella Igreja, com Officio duplex de primeira Claſſe com Oitava.

O Irm. Miguel Alvares da Compan.

B No Collegio da Companhia da Cidade de Evora, acabou com enveja de ſeus Companheiros, o Irmaõ Miguel Alvares, Eſtudante, e Noviço, conhecido por antonomaſia pelo *Anjo*, nome que ainda conſerva o ſeu cubiculo, por merecer ſer nelle viſitado por hum Anjo, que lhe annunciou a morte, o que communicou ao ſeu Reytor, dias antes de ſuceder. Naõ mereceo ſó eſte favor; mais eſpecial o teve na ſua doença, ſendo conſolado em Celeſtial viſaõ da Rainha dos Anjos, acompanhada de S. Miguel, e S. Gabriel, de que ficou taõ fortalecido, que deſpedindo-ſe dos ſeus Companheiros, promettia de rogar a Deos por todos, e que já naõ neceſſitava de remedios; mas como era taõ reſignado na obediencia, naõ deixava de tomar todos os que lhe applicavaõ. Padecia grande faſtio, de ſorte, que naõ podia comer; mas em ouvindo, que por obediencia o fizeſſe, promptamente o cumpria, chegando a tanto primor a abnegaçaõ da propria vontade, que obedecia em naõ gemer nas dores, que padecia, e ainda mais em dormir, quando a doença o deſvelava, até que rendida

rendida a natureza à força do mal, deu fim a huma vida candida, com morte precioſa.

C Em o Convento de Saõ Domingos de Lisboa, eſpera a Reſurreiçaõ Univerſal Luiza de Jeſu, Beata da Terceira Ordem deſta eſclarecida Familia. Aos vinte e ſete annos da ſua idade, lhe morreo ſeu marido, e fazendo voto de perpetua caſtidade, começou differente methodo de vida, continuando com frequencia a oraçaõ, ſojeitando o corpo a aſpereza da penitencia, e auſteridade dos jejuns. Com todas eſtas armas combatia vivamente o Ceo, para que lhe deſſe auxilios no acerto do caminho da perfeiçaõ. Hum dia ſe lhe repreſentou ver huma mulher, veſtida no Habito de Religioſa Dominica, de que inferio ſeria do agrado de Deos, que acabaſſe em perpetua Clauſura. Naõ tinha repugnancia ao eſtado, mas impoſſibilitava-lhe a reſoluçaõ o verſe rodeada de filhos, ſem idade, que neceſſitavaõ da ſua companhia. Afflicta, e irreſoluta, batalhava por ſe deſembaraçar dos filhos, querendo com generoſa reſoluçaõ deixar as prendas do ſeu amor nas mãos da Divina Providencia, por ſeguir a vida Religioſa; quando caſualmente ſoube, que na Religiaõ de Saõ Domingos havia humas Beatas, que veſtiaõ a modo de Freiras, e logo entendeo ſer aquelle o eſtado, que Deos lhe propunha, e que ſem dilaçaõ ſeguio. Com grande fervor de eſpirito obſervava as obrigações, que lhe foraõ impoſtas, a que ajuntou rigor, e auſteridade, com que caſtigava a memoria dos annos mal empregados na idade mais florida. De todo ſe deu à oraçaõ, e aſſim mereceo ſer conſolada com Celeſtes viſoens, no dia que profeſſou. As camizas, de que uſava, eraõ de pano de ſacco, vil, e groſſeiro, a que chamaõ almafega. A ſua cama era huma taboa, ſem mais roupa, que hum cobertor. Cingio-ſe com huma dura cadea de ferro, para com a eſcravidaõ da carne, poder gozar da pacifica liberdade do eſpirito. Della uſou em quanto lho naõ impedio o Confeſſor, e entaõ ligou os braços com cilicios, para os alargar em rigoroſas diſciplinas, de que todas as noites uſava duas vezes, com huma cadea de ferro. Todo o anno jejuava, e na Quareſma era ſómente o ſuſtento hum pouco de paõ, molhado em agua quente, com hum fio de azeite, e deſte regallo ſe privava nas feſtas feiras, e com outras extraordinarias penitencias ſeguia o caminho do

Luiza de Jeſu Terceira Dominica.

Ceo.

Ceo. Muitas vezes intentou o demonio interior, e exteriormente perturballa; mas confortada com a Divina Graça, continuava ſem receyo a oraçaõ, em que premanecia muitas horas proſtrada na terra, com os braços em Cruz. Ardeo o ſeu coraçaõ no amor do proximo taõ vivamente, que nunca ſofreo ouvir mal de peſſoa alguma, que naõ reprehendeſſe, ſem excepçaõ de peſſoa. O meſmo zelo a arrebatava contra quem fallava na Igreja, de que tirou a ſua humildade grandes provas de paciencia em affrontas, e injurias, com que recreava a ſua alma em obſequio do Creador. Ao Auguſtiſſimo Sacramento do Altar rendia continuamente o coraçaõ em profunda humildade. Para chegar dignamente a eſta Meſa, ſe reveſtia de reſpeito, e banhada em lagrimas, ſahia chea de conſolaçaõ, de ſorte, que ſe lhe via o roſto taõ incendido, que era teſtemunha do fogo, que no coraçaõ ardia. As ſuas queixas a proſtraraõ a huma terrivel doença, em que acriſolou a paciencia, ſofrendo o jugo da obediencia, que a obrigou a deitarſe em cama, em mudar as camizas de almafega por huma de eſtopa, em que naõ vinha a lograr muita differença. Creſceo a enfermidade, e conheceo ſer a ultima; e depois de recebidos os Sacramentos com grande devoçaõ, abraçada com hum Crucifixo, ſem mais movimento, do que fechar os olhos, os abrio na Eternidade.

Fr. Filippe de S. Thomàs Dom.

D Item em Solor, na India Oriental, o venturoſo Servo do Senhor Fr. Filippe de Santo Thomás, da Dominicana Familia, que pela ſalvaçaõ das almas deixou o ſocego, que podia gozar em o ſeu Convento, por trabalhar nas copioſas ſeáras do Evangelho, nas Ilhas de Solor. Neſta Miſſaõ padeceo grandes trabalhos, ſofrendo muitas fomes, e immenſas neceſſidades, por amor de JESU Chriſto, naõ tendo no decurſo de tres mezes outro ſuſtento mais, que ruſticas comidas, que eraõ batatas, e inhames, de que lhe veyo huma hydropeſia, que lhe ſervio de mais breve caminho, para lograr as dilicias do Ceo.

Simaõ, e Catharina, com 51 Compan. MM. Jap.

E Na Cidade de Deva, foraõ coroados com a immarceſivel laureola do Martyrio, Simaõ Yozayemon, e Catharina ſua mulher, acompanhados de cincoenta e hum Soldados de Chriſto, que offereceraõ com glorioſa conſtancia as cabeças às barbaras catanas dos ſeus meſmos naturaes, que os degolaraõ,

por

por confeſſarem a Fé de JESU Chriſto. Era para admirar ver os impavidos corações daquelle luzido eſquadraõ, ſem que o ſexo, ou a idade deſmayaſſe no combate; mas antes com generoſa reſoluçaõ confortava a mulher ao marido, o filho ao pay, animando-ſe para entrarem neſte dia triunfantes pelas portas do Ceo.

O P. Franciſc Morando da Comp.

F Em o Collegio de S. Paulo de Goa, deu fim aos glorioſos trabalhos da ſua vida, o Padre Franciſco Morando, da Companhia, Varaõ de animo candido, manſo, affavel, e charitativo, a quem Deos deu dom de conſolar affligidos; de condiçaõ taõ humilde, que já mais puderaõ acabar com elle aceitaſſe alguma Prelaſia; aſſim recuſou por vezes a do Collegio de Agra. Teve grande zelo da converſaõ das almas. Por vinte annos ſe empregou em taõ louvavel exercicio na Miſſaõ de Mogor, convertendo infieis, e doutrinando os Chriſtãos. Era para admirar o ſoccego do ſeu animo ſanto; porque igualmente ſe havia com os favo es, que os Principes Mouros faziaõ àquella Chriſtandade, do que com os trabalhos, com que muitas vezes a perſeguiaõ; por ue inalteravel a fortuna, a recebia ſempre com o meſmo ſemblante. Do Mogor o mandou a obediencia à Corte delRey Idalxâ, onde foy hum dos primeiros, que deraõ principio àquella Miſſaõ, que a Companhia tem hoje naquelles dilatados Reynos, para que o ajudou muito ſer ſciente, e douto na lingoa Parcia. D qui foy chamado a Goa, donde voltou a Vizapor, com hum preſente do Eſtado; e tornando a Goa, a dar conta da ſua comiſſaõ, no tempo que eſtava eſperando pelo Veraõ, para tornar à ſua antiga Miſſaõ do Mogor; porque naquella Chriſtandade tinha o coraçaõ; e aſſim ſe abrazava no deſejo de os doutrinar, quando o Senhor o chamou para lhe galardoar as fadigas do Evangelho com premio eterno.

Commentario ao XXVII. de Julho.

AHE a Cidade de Nicomedia, (a que huns chamaõ Comedia, os Turcos Nicor, ou Iſmid) das principaes na Aſia Menor, e Capital de Bithinia, e huma das mais conſideraveis, e importantes de todo o Oriente. Foy huma das primeiras, que recebeo a Fé de Chriſto. Teve Cadeira Archiepiſcopal, celebre nas antigas Memorias. Fica ſituada no fim do Golfaõ, a que dá o ſeu proprio nome, na coſta de hum pequeno outeiro, guarnecido de fontes, vinhas, e arvores, que o fazem apraſivel; fica-lhe ao meyo dia Nicea, e ao Occaſo Byzancia. Strabo lhe dá por Fundador a Nicomedes, Rey de Bithinia,

Bithinia, que lhe deu o ſeu nome. No anno de 358, padeceo hum tal tremor de terra, que a arruinou, em tempo que o Emperador Conſtancio tinha congregado hum Concilio de Arrianos. Nella ſe vem quantidade de admiraveis Inſcripções Latinas, e Gregas, do tempo que foy ſenhoreada deſtas Nações, e tambem muitas Meſquitas, e Igrejas de Gregos, de huma ſingular architectura. Terá trinta mil peſſoas de Gregos, Armenios, Judeos, e Turcos, que comerceaõ para toda a parte. Foy occupada pelos Turcos, no anno de 1338. Junto a eſta Cidade, em hum Lugar, chamado Acciron, morreo o grande Conſtantino Magno, pelos annos 337; e tendo muito de que ſe engrandeça, pelo grande numero de Martyres, que deu à Igreja, a faz mais celebre o ter nella naſcido S. Pantaleaõ, que depois a illuſtrou com o ſeu glorioſo Martyrio, como vimos no Texto. Teve por pays a Euſtorgio, e a Ebula, Cidadãos ricos, e nobres: ſua mãy foy Catholica, mas morreo para Pantaleaõ taõ cedo, que o deixou de tenra idade; e como nos temos alargado no Texto, nos naõ devemos dilatar mais na ſua Vida, que he huma das dos mais inſignes Martyres, que celebra a Igreja Catholica.

As ſuas ſagradas Reliquias foraõ trazidas primeiro a Conſtantinopla, a hum Lugar chamado Concordia, aonde em honra ſua ſe lhe edificou hum Templo, que depois fez reedificar o Emperador Juſtino. Foy eſte Templo hum dos mais conhecidos, e illuſtres de Conſtantinopla, pelo concurſo da gente, e frequencia, com que era viſitado dos Emperadores, movidos dos milagres, que Deos obrava em ſeu Servo. Em preſença das ſuas ſagradas Reliquias, ſe determinou o Concilio Conſtantinopolitano, hum dos quatro geraes da primitiva Igreja. Depois, que eſta Cidade foy entrada pelos Turcos, alguns devotos Chriſtãos, levados da veneraçaõ das ſantas Reliquias, tomaraõ o ſepulchro do Santo, que era de pedra, e o meteraõ em huma embarcaçaõ, e feitos à véla, entregues nas mãos do Santo, foraõ ſeguindo o que Deos lhe inſpirava, até que chegaraõ à Cidade do Porto, pelos annos de 1453, que a Providencia Divina tinha determinado para nella deſcançarem as ſagradas Reliquias de S. Pantaleaõ. Foraõ poſtas na Igreja de S. Pedro de Mira-Gaya, em cujo lugar ſe conſerva ainda hoje huma rua, com nome da rua dos Armenios, que a tradiçaõ affirma ſer habitada pelos Gregos, que trouxeraõ o corpo de S. Pantaleaõ, que depois de quarenta e ſeis annos de depoſito neſta Igreja, foy trasladado para a Cathedral do Porto, em tempo do Biſpo D. Diogo de Souſa, como veremos a 12 de Dezembro, dia de ſua Trasladaçaõ. He bem de admirar, que tendo paſſado tantos portos capazes, aſſim na coſta da Africa, como de Europa, depois de taõ largo mar, vieſſe a apportar eſte ſagrado Theſouro na Cidade do Porto, para a enriquecer; pois ſe affirma, que o primeiro motivo de hoje ſer taõ populoſa, e rica eſta Cidade, em que florece tanto o commercio em ſeus moradores, que a faz ſer a ſegunda do Reyno, ſe deve à glorioſa poſſe do corpo de Saõ Pantaleaõ ſeu Padroeiro, por quem Deos Noſſo Senhor tem obrado naquella Cidade infinitos milagres, principalmente no tempo da peſte, de que tem defendido por muitas vezes eſta Cidade, onde continuamente he invocado, como ſeguro Patraõ de todas as adverſidades; e a taõ eſpeciaes beneficios correſpondem generoſamente ſeus nobres moradores, com ſingulares demonſtrações do ſeu affecto.

Deſte Santo Martyr ſe venera huma boa Reliquia, na Igreja de Saõ Joaõ Bautiſta da Villa de Figueirò, que devia ſer data do Biſpo D. Diogo de Souſa, como adverte Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 5. cap. 9. pag. 632, que era natural deſta Villa, filho de Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, e de D. Branca da Sylva, Senhores della. Em o Moſteiro de Jeſus de Aveiro, ſe guarda hum dedo polegar do Santo, por quem Deos tem feito eſtupendas maravilhas, como diz Souſa na II. Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*, liv. 4. cap. 23. pag. 201. verſ. Os Padres Bollando, e Henſchenio no *Acta Sanctorum*, no mez de Fevereiro, tom. 1. pag. 594, ſe lembraõ das Reliquias de Burgos; e no Tomo III. do dito mez pag. 53. das de Colonia, reſervando para o ſeu dia as mais de que depois os ſeus continuadores fizeraõ largamente menção neſte dia, no Tomo VI. *Julii*, e a pag. 409. das Reliquias do Porto, ſuppoſto relataõ ſómente, ſem que ſe reſolvaõ a affirmallo, como fazem de outras do meſmo Santo, cujos Authores naõ tem mayor authoridade dos que nós

ſeguimos,

ſeguimos, com a tradiçaõ immemoriavel daquella Cidade; Fr. Joaõ de Marieta no *Tratado das Fundações das Cidades de Heſpanha*, pag. 11. col. 4. na palavra Burgos, diz eſtas palavras: *Tambien en la Burcha eſtá el cuerpo de San Pantaleon Martyr, cuya fieſta ſe celebra a 27 de Julio, de donde ò como eſte Santo aya venido alli, totalmente ignoro.* Entendo que deve de ſer alguma parte do corpo deſte Santo, como diz Tamayo; ſe bem eu me perſuado, a que poderá ſer outro do meſmo nome; pois no Martyrologio achamos outro do meſmo nome no meſmo dia, e tambem Martyr, e nos naõ faz grande difficuldade, o que ſe refere com tanta duvida, quando achamos confirmada a noſſa opiniaõ com a authoridade de Joaõ Vaſco *Chron. Hiſp.* pag. 280. *mihi*, o qual morreo quarenta annos antes que Marieta, e que na *Hiſtoria de Heſpanha* he texto. Saõ as ſuas palavras as ſeguintes: *In hac perſecutione paſſus eſt Romæ Beatus Pantaleon, cujus corpus poſterius à Romanis fugientibus perſecutionem barbarorum devectum eſt in Portugalliam, atque in Civitate Portugallenſi multis etiã claret miraculis.* Naõ faça duvida o dizer, que padeceo em Roma; porque falla donde as Reliquias foraõ trazidas de Conſtantinopla, a que alguns Authores chamaraõ Nova Roma, e ſe poderia equivocar; pois naõ ha duvida, que eſte Santo padeceo em Nicomedia. Tambem em Colonia ſe guarda alguma parte da cabeça deſte Santo, que de Conſtantinopla trouxera o Cavalleiro Henrique Van-Ulmen, no anno 1218, no que ſe nos naõ offerece duvida, inda que o Padre Caniſio no *Martyrologio Germanico*, no dia 18 de Janeiro, diga: *Caput Sancti hujus Martyris Pantaleonis*; porque qualquer grande porçaõ do caſco, ſe coſtuma dizer, que he a cabeça; e daqui naſce às vezes haver grandes duvidas, e já o vimos em o dia de Santa Anna; mas na que ſe conſerva em Leaõ, ſeguimos o meſmo, que diz Tamayo neſte dia, que he a de hum dos Santos Martyres Scillitanos, o que confirma com Adon Vienenſe, e outros Authores, o que nos naõ importa muito; pois ſeguramente podemos affirmar, que as Reliquias de S. Pantaleaõ, Padroeiro do Porto, ſaõ do celebre de Nicomedia, cuja memoria he univerſal na Igreja Catholica neſte dia, de que faz mençaõ o *Breviario Romano*, e o ſeu *Martyrologio*, o de Beda, Baronio, Uſuardo, e Adon, o *Luſitano* do Padre Alvaro Lobo, o *Caſtelhano* do Padre Vaſques, o *Menologio dos Gregos*, *Nicephoro Calixto*, liv. 7. cap. 14, Surio tom. 7. pag. 317, e Baillet tom. 2. pag. 403. neſte dia. Soveges no *Anno Dominicano*, a 6 de Julho, pag. 286, diz, que eſtaõ as ſuas Reliquias no Porto; o *Flos Sanctorum* de Ribadaneira; Vilhegas, e Roſario, Maſculi 28 de Julh. pag. 330; Pedro de Natalibus no *Catalogo dos Santos*, liv. 6. cap. 45. Dos noſſos Portuguezes, Duarte Nunes de Leaõ pag. 114. verſ. Cunha na *Hiſtoria dos Biſpos do Porto*, 2. part. cap. 32. pag. 272; Faria *Europa* part. 3. pag. 227; Eſperança *Hiſtoria Seraſica*, part. 1. pag. 395; Gaſpar Eſtaço *Antiguidades de Portugal*, cap. 94; o Licenciado Jorge Cardoſo Lamecenſe *Anacephalæoſis da Luſitania*; Vaſconcellos *Deſcrip. Reg. Luſit.* pag. 560; e ultimamente o Padre Manoel de Campos, em o ſeu livro pag. 382. com eſte elegante

EPIGRAMMA

Pantaleoni ungues, inhiantiaque ora ferarum
Objice moliris Maximiane nihil.
Ferventes dira arma, rotas, plubumque minare,
Fuſile, moliris Maximiane nihil.
Aſſurge in vulnus, Cera tibi molior enſis,
Fiet, moliris Maximiane nihil.
Ille datas vitæ, atque necis molitur habenas
Cum volet, ille cadet, ſi volet ille, cades.
In tua facta ultrà ſi intentes ire, Leonis
Ira laceſſiti Pantaleonis erit.

B Foy o Irmaõ Miguel Alvares o terceiro, que faleceo da contagioſa doença, que lhe pegou o Padre Aleixo Alvares, de quem a 20 fizemos menção. Naſceo em Villa Vicoſa, e foraõ ſeus pays Antonio Fernandes, e Brites Alvares. Entrou na Companhia tendo dezoito annos de idade, e nella veyo a acabar, no anno 1589, faltando-lhe quatro mezes, para cumprir os dous annos de Noviço. O ſeu cubiculo conſerva ainda o nome do Anjo, com particular devoçaõ dos que o habitaõ, tanto pelo referido caſo, como porque neſte venturoſo cubiculo ſe hoſpedou S. Franciſco de Borja, quando ſendo Geral veyo a eſte Reyno. Franco na *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 27, e no *Anno Santo da Companhia*, e *Annus Glorioſus Societatis.*

C Naõ ſabemos Patria, nem pays deſta virtuoſa Terceira da Ordem de Saõ Domingos, e ſó achamos ſerem de honeſta piedade. Poderá ſer, que naõ experimentaſſemos eſta falta, de que tantas vezes nos queixamos ſem remedio, ſe ſe conſervará a ſua Vida, que os ſeus doutos Directores lhe mandaraõ eſcrever, a pezar da ſua humildade, que tanto ſe confundia com a obſervancia deſte preceito; de ſorte, que por falecimento de quem lho ordenara, communicou ao Confeſſor a quem obedecia, ſe era obrigada à conſervaçaõ daquelle preceito, o qual eſte lhe diſſolveo, ou compadecido da ſua deſconſolaçaõ, ou para exercitar a ſua obediencia. O certo he, que a queimou, e que nella ſe perdeo huma grande noticia dos favores, que Deos lhe communicou. Todo o tempo, que naõ gaſtava em ſantos exercicios, o empregava em trabalhar; e muitas vezes rompia em vozes, que moſtravaõ os affectos daquelle amante coraçaõ, abrazado no fogo do amor de Deos, que foy lograr neſte dia, no anno de 1659, como refere o *Agiologio Dominico de Lima.*

D Em o anno de 1659, entrou em Solor por Vigario, e Commiſſario da Chriſtandade daquellas Ilhas pela Ordem, o Padre Fr. Antonio de Macedo, Commiſſario do Santo Officio; à quem logo todos os Religioſos eſpalhados pelas Igrejas viſinhas, buſcaraõ para lhe darem a obediencia, conforme o eſtylo da Ordem, e tambem a darem-lhe conta das neceſſidades, que paſſavaõ, por naõ ſe dar cumprimento às congruas, que Sua Mageſtade manda dar aos Miſſionarios daquellas Ilhas, por ommiſſaõ do Juiz da Balança do páo ſandalo, que por Proviſaõ delRey he obrigado a darlhes dous terços do rendimento de hum por cento, lhe tinha faltado em pagar, ſicando por eſta cauſa taõ exhauſtos de meyos para o preciſo ſuſtento, que os que paſſavaõ melhor, tinhaõ huma curta porçaõ de arroz cozido com ſal. Naõ chegou eſta a Fr. Filippe de Santo Thomás, como temos viſto, ſendo a extrema neceſſidade a cauſa da ſua morte, de que ſe lembra Fr. Antonio da Encarnaçaõ, na Relaçaõ do que obraraõ os ſeus Religioſos neſta Miſſaõ, no cap. 14; e Soveges no grande *Anno Dominico*, neſte dia.

E O Padre Cardim no *Catalogo dos que morreraõ pela Fé*, pag. 295, faz menção, que no anno de 1622, triunfaraõ eſtes valeroſos ſoldados, cujos nomes foraõ:

1 Simaõ Yozayemon.
2 Catharina, ſua mulher.
3 Diogo Cuzayemon.
4 Magdalena, ſua mulher.
5 Joaõ Jiſioye.
6 Leaõ Jiſioye.
7 Catharina, ſua mulher.
8 Joaõ Yquiza.
9 Pedro Cuyemon.
10 Lourenço Cuyemon.
11 Joaõ Yquiza.
12 Pedro Cuyemon.
13 Lourenço Curobioye.
14 Joaquim Yeumi.
15 Joſeph, ſeu filho.
16 Lourenço Oſaca.
17 Diogo Tarabioye.
18 Martim Faqueiro.
19 Leaõ Canga.
20 Joaquim Yeguigo.
21 Miguel Cuzo.
22 Franciſco Uſuy.
23 Paulo Muce.
24 Paulo Buyemon.
25 Mattheus, ſeu filho.
26 André, ſeu filho.
27 Gregorio Firoſa.
28 Franciſco, ſeu irmaõ.
29 Vicente, ſeu filho.
30 Luiz Saburó.
31 Joaõ Sandayú.
32 Joaquim Dragacu.
33 Simaõ Xoquen.
34 Leaõ Nizayemon.
35 Coſme Xibata.
36 Simaõ Sandayu.

Franciſco

37 Franciſco Bingo.
38 Lourenço Farima.
39 Damiaõ Ovari.
40 Domingos Cuſioye.
41 Thomé Megoſo.
42 Joaõ Yukeyemon.
43 Leaõ Goza.
44 Mattheus Ychigo.
45 Mattheus Yaichi.
46 Thomé Biyen.
47 Mattheus Yuami.
48 Joaquim Muſioye.
49 Leaõ Geroymon.
50 Matthias Ychirioya.
51 Lourenço Soyuro.
52 Paulo Miſioye.
53 Gaſpar Siroſa.

F Na Cidade de Parma, que dá nome ao Ducado, naſceo o Padre Franciſco Morando, no anno de 1600. Foy Religioſo do quarto voto, na Companhia, com cuja Roupeta viveo quarenta e hum annos; faleceo no anno de 1655, no Collegio novo de S. Paulo de Goa. Memorias mandadas daquella Cidade à Academia Real da Hiſtoria, que temos em noſſo poder da Secretaria della.

JULHO XXVIII.

A Dedicaçaõ da Sé de Braga.

A A Auguſta Braga, a Feſta da Dedicaçaõ da ſua Primacial Igreja, conſagrada à Soberana Virgem MARIA Senhora Noſſa. O Arcebiſpo D. Fr. Agoſtinho de Jeſu, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, Prelado muy zeloſo do augmento do Culto Divino, vendo, que ſe naõ achavaõ veſtigios de que huma Cathedral taõ antiga foſſe ſagrada, nem havia memoria, que o perſuadiſſe, cheyo de piedade ſe reſolveo a fazer eſta ceremonia, conforme o que determina o Ritual da Santa Igreja Romana, no anno de 1592, neſte dia, com grande pompa, e authoridade, ordenando, que ſe guardaſſe todos os annos, para o que concedia a todos os Fieis, que devotamente a viſitarem neſta Feſta, quarenta dias de Indulgencia, e ſe celebra com *Officio duplex de primeira Claſſe*, e no Altar môr collocou inſignes Reliquias, que ſe guardaõ naquelle celebre Santuario.

Os Santos Paulo, e Heladio MM.

B Em Galliza, na Villa de Padraõ, a memoria dos Santos Martyres Paulo, e Heladio, que ſendo prezos na perſeguiçaõ de Decio, e recuzando venerar aos Deoſes, confeſſaraõ ſerem Chriſtãos; pelo que foraõ atados a huma roda, que movida com impeto, ſe lhes deslocaraõ todos os membros, e depois de já deſpedaçados, e afflictos, os tornaraõ a recolher ao carcere; e quando eſperavaõ mais enfurecida a vontade do Juiz, ſe acharaõ por virtude Divina de repente ſaõs, e livres das crueis dores, que padeciaõ, e ſendo de novo levados ao

Tribunal, vendo-os o Juiz ſem chagas, nem ſinaes das feridas, os mandou degolar, e ſendo conduzidos ao lugar do ſupplicio, com novos alentos dando graças ao ſeu Creador, cortadas as cabeças, lhe entregaraõ as ſuas bemditas almas.

AV.M Brites da Columna Jeronym. C Em a Villa de Vianna da Provincia de Alentejo, no Moſteiro de JESUS, da Ordem de S. Jeronymo, acabou neſte dia com precioſa morte, a Veneravel Madre Brites da Columna, ſua Fundadora. Neſta Villa vio a primeira luz do dia, naſcendo de pays nobres, e ricos; e ſendo criada entre os mimos de unica, ſe deu de todo ao exercicio das virtudes, vencendo na flor de ſeus annos as vaidades do ſexo, e os brios da idade. Naõ contava mais, que quinze annos, quando ſeu pay fez huma jornada a Lisboa, e ao deſpedirſe da filha, lhe perguntou, que joyas, ou outros adornos de ſeu goſto queria, que lhe trouxeſſe para o ſeu uſo. A eſta offerta reſpondeo com ſingular graça, e reſoluçaõ, que como ella era Eſpoſa de JESU Chriſto, e que no ſeu obſequio dirigia todas as ſuas acções, para ſe exercitar nos agrados do ſeu amor, ſó queria, que lhe trouxeſſe o livro da Vida de Chriſto; porque era a joya com que ſó ſe determinava ornar. Cheyo de ternura o pay lho prometteo, e inda hoje ſe conſerva neſte Moſteiro, como precioſa alfaya de ſua Santa Fundadora. Dentro em o canto da ſua caſa vivia Brites Dias Rodovalho, que eſte era o ſeu nome, antes de ſe recolher à Clauſura, em huma armonioſa uniformidade de virtudes, no trato, modeſtia, e uſo dos ſentidos; porém como aſpirava à mayor perfeiçaõ, e Deos a queria purificar no cryſol das tribulações, lhe inſpirou aos dezaſeis annos hum vehemente deſejo de o ſeguir, ſem que o tenro da idade, nem o delicado do ſexo a privilegiaſſe de tomar a ſua Cruz; porque eſte Senhor ſuaviſa o jugo, para que ſe naõ renda a natureza debil ao pezo da carga; para o que alcançando licença de ſeus pays, ſe ajuntou a viver com humas Beatas, a que appellidavaõ as Pobres, e viviaõ na Villa, recolhidas com geral approvaçaõ. Seus pays rendiaõ graças a Deos, de ver huma filha, em quem a poderoſa maõ do Altiſſimo depoſitara aquellas partes, com que ſabe formar prodigioſas creaturas, e aſſim lhe concederaõ licença, para ſe aggregar àquelle Recolhimento, em que viveo treze annos, dando em todos às Companheiras de ſuas virtudes ſingular edificaçaõ. Diminuîa a

morte

morte o numero de Recolhidas, e com o decurſo do tempo ficaria em breve deſerta aquella virtuoſa Caſa. Eſta conſideraçaõ a fez entrar em mais heroicos penſamentos de fundar hum Moſteiro, em honra do Santiſſimo Nome de JESUS. Pedio anticipadamente a legitima a ſeus pays: concederaõ-lha liberalmente, dando-lhe faculdade para poder empregar os ſeus bens em utilidade do Moſteiro. Deu logo fórma a elle, e ſe recolheo com algumas Donzellas de iguaes coſtumes; e vivendo em voluntaria pobreza, ſe exercitavaõ em actos de humildade, e reſplandecia a Caſa em todo o genero de virtudes; porque ſogeitavaõ o ſeu eſpirito, e acções, ao conſelho de peſſoas doutas, e virtuoſas, que as governavaõ.

Coſtumava Brites Dias Rodovalho ir ao Paço da Infante D. Iſabel, em cujo ſerviço tinha huma ſobrinha Donzella de mayor idade, que tinha ſido Aya do Infante D. Luiz, e ſe chamava Leonor Vaz Rodovalha: perſuadio-a a que largando o Paço, ſe recolhe-ſe a viver em pobreza Religioſa no novo Moſteiro, que edificava. Era a ſobrinha bem inclinada, naõ houve miſter perſuadida; porque ſe accommodou à pratica com os penſamentos, que trazia, e ſe recolheo logo à ſua companhia. A Infante D. Iſabel, vendo o quaõ grato era a Deos aquelle domicilio, as amparava, e favorecia, ſendo nas adverſidades Protectora. Eſta Princeza as inclinou à devoçaõ de S. Jeronymo, de que ſe affeiçoaraõ tanto, que pediraõ Carta de Irmandade aos Religioſos do Convento de Belem de Lisboa; e alcançando depois Real indulto para fundar, recorreraõ à Sé Apoſtolica, para profeſſarem vida Monaſtica, com o Habito de S. Jeronymo. Era o Real reſpeito da Infante, o que adiantava eſtes negocios, ſoltando difficuldades, em que cada dia ſe viaõ ſoçobradas. Já naquella Caſa ſe via praticada em fervoroſo exercicio a perfeiçaõ Religioſa, em ſilencio, pobreza, e humildade. Chegava a onze o numero das que habitavaõ aquelle Oratorio, ſendo tal a ſua obſervancia, que commeçaraõ a ſer conhecidas pelas Freiras de JESUS de Vianna. Naõ podiaõ já ſofrer as demoras de receberem o Habito de S. Jeronymo; pelo que à inſtancia da Infante mandou o Cardeal Infante, Arcebiſpo de Evora, a Fr. Luiz de Baeça, da Ordem de S. Jeronymo, para que examinando a vida das Beatas o informaſſe. Naõ ſe lograõ glorioſos fins, ſem contraſtes, e adverſidades,

verſidades, com que purifica Deos aos ſeus Servos; porque o demonio, inimigo commum da virtude, ſe naõ deſcuida de buſcar miniſtros, por quem eſpalhe a ſua zizania. Começou a Fundadora a experimentar huma terrivel tempeſtade de perſeguições, e opprobrios, eſpalhando-ſe huma fama de que era louca: naõ alteravaõ ao ſeu animo as injurias, nem a ſua humildade a afroxava dos ſantos propoſitos da Fundaçaõ, e preſiſtindo, rogava ao Infante Arcebiſpo, as quizeſſe aceitar na ſua obediencia, e governo. Naõ padecia já irreſoluçaõ a vontade deſte Prelado; porque era notoria a virtude daquella Caſa, e conhecidas em todo Reyno as Religioſas Pobres, pela obſervancia, e rigor de vida. Aſſim mandou ſegunda vez, a Fr. Luiz de Baeça com commiſſaõ, para as tomar debaixo da ſua protecçaõ, e de as admittir à profiſſaõ; e fazendo ſolemne renuncia de ſeus bens, ſe ſogeitaraõ ao governo dos Arcebiſpos de Evora, debaixo da obſervancia da Regra de S. Jeronymo, conforme as Conſtituições, e Eſtatutos, pertencentes às Freiras. A Fundadora pedio logo ſe admittiſſem algumas a profeſſarem, que já com largo tempo eſtavaõ exercitadas na obſervancia Religioſa, e havendo de ſer ella a primeira, humildemente o recuſou; do que tendo noticia o Infante Arcebiſpo, lhe ordenou, que logo profeſſaſſe, e a elegeo em Prioreſſa; ao que obedeceo, como quem naõ tinha vontade propria. Naõ teve mais couſa propria a Veneravel Madre Brites da Columna, nem reſervou para ſi couſa alguma, tudo diſpendia na Communidade, de que tirava o preciſo para o uſo, obſervando huma eſtreita pobreza. O ſeu Habito era de pano vil, e groſſeiro, tunica de lãa, toalha de pano de linho groſſo, o véo de beatilha tinta. Sempre andou deſcalça. A cama compunha-ſe de duas cubertas de lãa pobres, com hum enxergaõ. A mayor parte das noites gaſtava em oraçaõ, em que era continua, rompendo em lagrimas, e exceſſos do amor de Deos, fazendo mortificações publicas, para o exemplo das companheiras, além de muitas extraordinarias em ſegredo. Jejuava ſempre; o ſeu comer ordinario era paõ, e agua; as diſciplinas rigoroſas, ſem que ſe poupaſſe a nenhum genero de modo de affligir o ſeu corpo. As ſuas continuadas mortificações, e lagrimas offerecia a Deos, pelo augmento daquella Caſa, porque tanto trabalhou. Com o proximo teve huma ardente

dente charidade. A's doentes ſervia, e conſolava, animando-as a ſopportar a ſanta pobreza, virtude, que nella muito reſplandeceo. Foy cordealmente devota de Noſſa Senhora; a ella recorria nas ſuas affliçoens. A primeira Imagem, que poz na Igreja, foy huma da Virgem, e na ſua devoçaõ inflammou as Religioſas, e inda hoje ſe obſerva naquelle Moſteiro huma devoçaõ, que trouxe do Paço da Infante, que começa em o primeiro de Agoſto, e acaba no dia da Aſſumpçaõ, e ſe gaſtaõ todos eſtes dias em ſantos exercicios, com certas orações, viſitaõ os Lugares Santos, e com vigilias, e diſciplinas ſe preparaõ, para acompanharem com os Córos dos Anjos à Virgem Santiſſima. Depois que profeſſou, nunca mais fallou a peſſoa alguma, nem aos parentes. O meſmo obſervou no Recolhimento, excepto para os negocios do Moſteiro, ou materias, que pertenciaõ à Religiaõ. O meſmo fez praticar às de mais Religioſas, e principalmente às ſuas parentas, e às que viviaõ debaixo da ſua criaçaõ. Ao ineffavel Nome de JESU, teve grande amor, como ſe vê da Dedicaçaõ deſte Moſteiro. Naõ conſentio lhe chamaſſem Prioreſſa, mas da meſma ſorte, que às outras, e aſſim ſervia na coſinha; no refeitorio lia à Meſa, e em todas as mais occupações da Communidade era igual, ſem que quizeſſe eximirſe por Prelada. Aborrecia a ocioſidade como vicio, e para a evitar, depois das obrigações ſantas da Communidade, fazia coſer a humas, fiar a outras lãa, e linho, para o ſeu uſo; depois tecia ella meſma as toalhas, lavrando as que eraõ para a Igreja. Contava ſetenta e dous annos, gaſtados em trabalhos, e afflições do eſpirito, vigilias, e oraçaõ, quando hum dia indo commungar, vio huma grande luz. Recebida a ſagrada communhaõ, e acabados os ſeus fervoroſos exercicios, contou às Companheiras, o que vira, predizendo naquella vizaõ a ſua morte. Deu-lhe huma febre muy intenſa, e chamando as ſuas Religioſas, lhes diſſe ſer chegado o deſejado termo da ſua vida; que lhe encommendava muito o ſerviço de Deos, a obſervancia da Religiaõ, e que conſervaſſem com a pureza da vida, o que ella com tantos trabalhos, e lagrimas, tinha alcançado de Deos; e recebendo o Santiſſimo Viatico com muita devoçaõ, acabou em o Senhor, deixando às ſuas amadas filhas huma viva ſaudade da ſua virtuoſa vida, e ſantos exemplos.

No

Frey Pedro Lagarto Arrabido.

D No Convento da Magdalena, junto a Alcobaça, foy gozar da Gloria Fr. Pedro Lagarto, filho primogenito da Provincia da Arrabida, ſendo o primeiro Religioſo, que nella fez Profiſſaõ no Convento da Arrabida, nas mãos do Apoſtolico Varaõ Fr. Martinho, que depois o mandou a Salamanca eſtudar Theologia, em que aproveitou muito, e veyo a ſer bom Letrado, e taõ applicado aos eſtudos, que todo o tempo que lhe ficava livre dos negocios da Provincia, de que foy Commiſſario Provincial, gaſtava em ler, e eſcrever, e deixou muitos livros eſcritos da ſua maõ. Os Geraes do ſeu tempo fizeraõ delle grande confiança, valendo-ſe do ſeu zelo, para viſitar algumas Provincias, e Conventos de Freiras, o que fez, como ſe póde crer do rigor, e obſervancia daquelle tempo.

Miguel Cuſuriya Martyr Japaõ.

E Item em Nangaſachi, o valeroſo certame de Miguel Cuſuriya, que por confeſſar ſer Chriſtaõ foy queimado, ſofrendo por amor de JESU Chriſto as afflições de taõ cruel morte, que a ſua conſtancia fez preciosa, merecendo por ella a gloria de Martyr.

Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, e outro do meſmo nome.

F Na India Oriental, dous Veneraveis Religioſos da Familia dos Prégadores, ambos com o meſmo nome de Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, ambos de ſingular zelo da Religiaõ Catholica. O primeiro depois de ter feito huma grande, e copioſa colheita na converſaõ do Gentiliſmo, e exercitado em aſperas, e crueis penitencias, acabou ſantamente, no Reyno de Mena, naõ com poucas invejas dos Chriſtãos, da ſua precioſa morte. O ſegundo de naõ menos eſpirito, moſtrou o ſeu fervoroſo zelo em Larantuca, quando o Rey de Tolô deu ſobre eſta povoaçaõ com huma poderoſa Armada, com animo de reduzilla a cinzas, paſſando primeiro aos moradores pelas violencias do ferro, e do fogo. Deſanimados com eſta funeſta noticia ſeus habitadores, ſe retiraraõ para a Serra. Deſembarcaraõ os Barbaros, e começaraõ o ſeu odio pela Igreja de Noſſa Senhora da Miſericordia, e depois de rompidos os quadros, e profanadas com deſacatos as ſagradas Imagens, a queimaraõ. Naõ pode ſofrer Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, os ſacrilegos procedimentos daquella barbara gente, cheyo de zelo, começou a animar aos ſeus Portuguezes, para que tomando a cauſa de Deos, vingaſſem as injurias feitas ao Creador, e que ſe lembraſſem da honra de ſeus Santos, já que tinhaõ o nome de Chriſ-

Christãos, o pareceſſem nas obras, e que eſtiveſſem certos, que de mayor poder ſeriaõ vitorioſas as ſuas Armas, quando as moveſſem a favor da Religiaõ. Deſtas, e de outras palavras ditas com zelo, e força da verdade, cheyos de reſoluçaõ, deraõ huma deſcarga de moſquetaria ſobre os Mouros, com taõ bom ſucceſſo, que mataraõ a muitos, e os mais ſe puzeraõ em fogida, correndo deſordenadamente à praya. Viraõ os que eſtavaõ na Serra a deſordem dos Mouros, cobraraõ animo, começaraõ a deſcer taõ deſtemidos, que chegaraõ à praya, a fazer pontaria aos Mouros, já embarcados nas galés. Na em que eſtava El Rey de Tolô, lhe levaraõ com huma bala o turbante da cabeça, o que ſentio com ſuperſticioſa cegueira, mandando levar ferro a toda a preſſa, deſiſtindo com vergonhoſa fogida da empreza, ſendo o fim deſte glorioſo ſucceſſo o ardente zelo, com que exhortou eſte Religioſo Servo de Deos aos noſſos, animando-os com a Fé a eſta acçaõ.

Commentario ao XXVIII. de Julho.

A BRaga taõ conhecida naõ ſó nas Hiſtorias de Heſpanha, mas nas de todo o Mundo, pela ſua antiguidade, e prergaotivas, com que ſe diſtinguio entre todas as Cidades de Heſpanha, fica deſcrita no I. Tomo do Agiologio, no Commentario do dia 2 de Janeiro, onde remettemos ao Leitor. Naõ podemos deixar de confeſſar, que ſe nos faz duro de crer, e quaſi o temos por impoſſivel, que eſta Igreja naõ foſſe ſagrada em tempos mais antigos, ſendo governada por tantos Prelados Santos, e zeloſos do Culto Diviño; porém como o tempo conſome as pedras, e ainda as tradições, ſe reſolveo o Arcebiſpo D. Fr. Agoſtinho, a fazer ſua ſagraçaõ neſte dia. Confirma eſta noſſa duvida o Breviario Bracharenſe, impreſſo no anno de 1713. *In feſto ſecundæ Dedicationis, & Conſecrationis Eccleſiæ Bracharenſis.* De que ſe vê claramente, que eſta ceremonia foy feita ſegunda vez, depois de eſta Igreja ſer edificada, e formada pelo Conde D. Henrique; porque para ſer antes, naõ era a Igreja a meſma, para que ſe refira a ſagraçaõ, ao tempo da primitiva Igreja. O certo he, que nós ſó deſta temos memoria certa, e indubitavel, como conſta do Officio, que neſte Arcebiſpado ſe reza, e da pedra, que na porta principal ſe mandou pôr com a Inſcripçaõ ſeguinte.

Anno Domini 1592 die vero 28 Julii Dñs Fr. Aug. de Jeſu Ordinis Eremitarum Sancti Auguſt. Archiepñs; & Dñs Bracharæ Auguſtæ Hiſpaniarum Primas, hanc Eccleſiam in honorem Beatæ Mariæ Virginis conſecravit, & in altari maiori has reliquias repoſuit. De ligno Sanctæ Crucis, de ſpinëa Corona Dñi, de ſindone ejus, de mappa ultimæ cenæ, de mirrha Dñi, de fæno in quo natus jacuit, de capilis, camiſea, & veſte Beatæ Mariæ Virginis. Item reliquias Sanctorum Mar-

tyrum Stephani, Laurentij, Vicentij, Anaſtacij, Clementis, Sebaſtiani, Dioniſij, Blaſij, Valentini, Chriſtophori, Mauritij, Coſmæ, & Damiani, & Sanctorum Confeſſorum Gregorij Aug. Nicolai, Martini, Rochi, & Nicolai de Tolentino, & Sanctarum Virginum, & Martyrum Catharinæ, Agathæ, Apolloniæ, & Suſanæ, & Sanctæ Mariæ Magdalenæ. Quadraginta item dies in forma Eccleſiæ conſueta, cunctis fidelibus ipſam Eccleſiam in die anniverſario devote viſitantibus de vera Indulgentia conceſſit.

He celebrada eſta Feſta com Oitava. Della faz menção o Illuſtriſſimo Cunha, na II. Parte da *Hiſtoria de Braga*, na Vida do referido Arcebiſpo D. Fr. Agoſtinho de Caſtro, que com eſte appellido da ſua Illuſtre Familia he conheçido, cap. 24. pag. 412, e o *Breviar. Brachar.* neſte dia.

B A Villa de Padraõ, conhecida dos Geografos, pela Cidade de Iria Flavia, na Provincia Tarraconenſe, foy fundada por Diomedes, dando-lhe o nome de huma dama Troyana, chamada Illia, que ſe corrompeo em Iria. Naõ falta quem diga foy fundada por Portuguezes, havendo alcançado huma vitoria contra os Gallegos, tomando o nome de Irian, que ſignificava eſquadraõ, antes da Redempçaõ humana, pelos annos de 473. Flavio Veſpaſiano a reedificou, e em ſeu obſequio lhe chamaraõ Flavia. He banhada de hum rio: fica-lhe o Mar Occeano ao Oriente ſeis legoas, e quatro ao meyo dia para Compoſtella, que ſe podia chamar nova Iria Flavia, pois das ſuas ruinas ſe engrandeceo eſta Cidade, paſſando a Cadeira Epiſcopal para ella, e o corpo do Santo Apoſtolo, que hoje poſſue, e antigamente ſe conſervava naquella Cidade, ſendo ſuffraganea à Primacial Bracharenſe. Deſta Cidade, e hoje Villa, diz Tamayo, neſte dia, ſerem naturaes os Santos Martyres Paulo, e Heladio; porém nós com grande eſcrupulo o referimos, pois ſe funda toda a ſua authoridade na de Juliaõ Arcipreſte; e como naõ temos outros documentos, que nolo affirmem, em duvida o pomos neſte lugar, o que fazemos por nos naõ notarem de curto nas noſſas couſas.

C No Arcebiſpado de Evora, cinco legoas para o Sul deſta Cidade, fica a Villa de Vianna, em hum alto deſcuberto ao Norte, com ſeu Caſtello, que a ennobrece, e muito mais o apraſivel da terra, e o abundante de criſtalinas fontes, e de bons pomares de frutas, e de muitas hortas. Seu termo, inda que pequeno, he fertil dos frutos, em que abunda a Provincia. Terá oito centos viſinhos. Naõ falta quem diga, que foy fundada antes da vinda de Chriſto muitos ſeculos, pelos Celtas, e Gallos: o certo he, que já deſde o anno de 1313, em que governava ElRey Diniz, goza da preheminencia de Villa, e depois os Reys ſucceſſores lhe concederaõ particulares izenções. Tem voto em Cortes no banco dezaſete, e nella as convocou ElRey D. Joaõ o II. no anno de 1482. ElRey D. Pedro o I. a deu em titulo de Condado a D. Joaõ Affonſo Tello de Menezes, e ſe continuou em alguns de ſeus ſucceſſores, que depois vieraõ a poſſuir outros, e no tempo do Sendor Rey D. Pedro II. que Deos tenha em Gloria, fez Conde de Vianna a D. Joſeph de Menezes, ſeu Eſtribeiro môr. Neſta Villa naſceo a Veneravel Madre Brites da Columna, de geraçaõ nobre, o que bem ſe collige de ſer ſua ſobrinha Leonor Vaz Rodovalho, Aya do Infante D. Luiz, e eſtar ſervindo à Infante D. Iſabel, filha do Duque de Bragança D. Jayme, mulher do Infante D. Duarte. A eſta Princeza deveo eſpeciaes favores, para a fundaçaõ deſte Moſteiro; porque no ſeu Paço ſe celebrou a eſcritura da doaçaõ de Brites Dias Rodovalho, em que liberal, e gratuitamente, dava todos os ſeus bens, para ſe edificar o Moſteiro, de que foy Tabelliaõ Henrique Nunes, no anno de 1548. A' ſua interceſſaõ alcançou a Fundadora ſer admittida com ſuas Companheiras à Irmandade dos Padres de S. Jeronymo,

ronymo, ficando no espiritual, e temporal na sua conservatoria, o que foy julgado perante os Ministros, a quem competia, de que se lhe deu hum traslado authentico, passado a 24 de Fevereiro de 1553, que se guarda no Archivo deste Mosteiro. A' sua protecçaõ deveo vencer todas as opposições dos naturaes da terra, alcançando delRey D. Joaõ o III. seu cunhado, licença para a Fundaçaõ, e tambem de obrigar a que lhe vendessem as terras precisas à delineaçaõ do Mosteiro. Finalmente, a esta virtuosa Princeza deveo mandar o Cardeal Infante Arcebispo de Evora, a Fr. Luiz de Baeça, da Ordem de S. Jeronymo, Religioso de vida exemplar, a examinar o espirito das Recolhidas, e depois ao mesmo Religioso a commissaõ de as receber debaixo do seu governo, e dominio, e admittillas à Profissaõ, fazendo primeiro solemne renuncia dos seus bens, de que se fez instrumento publico, a que chamaraõ Escritura da Fundaçaõ, e Doaçaõ, a 15 de Julho de 1553, por Manoel Rodrigues, Tabelliaõ, e por ellas naõ saberem escrever, assinou por todas Braz Rodrigues, Cavalleiro da Casa delRey nosso Senhor.

Eraõ as Religiosas Brites da Columna, primeira Fundadora, Leonor das Chagas, Brites do Presepio, Catharina de Christo, Sebastiana da Madre de Deos, Elena da Conceiçaõ, Antonia do Monte Calvario, Brites de Santa Paula, Maria do Espirito Santo, Isabel de S. Jeronymo, Ignez da Cruz, e com espirito nascido da sua vocaçaõ, e humildade, fizeraõ voluntaria renuncia do que possuiaõ, nas mãos do Cardeal Arcebispo, para que fizesse aquelles bens communs, e da Igreja, e cada huma de persi deu ao Padre Fr. Luiz de Baeça o juramento dos Santos Evangelhos, pelo qual se obrigavaõ a sogeitarse à Mitra de Evora, e de observar a Regra de S. Jeronymo, conforme os Estatutos, e Constituições, pertencentes às Freiras, as quaes se trouxeraõ do Mosteiro de Lupiana, da mesma Ordem, no Arcebispado de Toledo. No Cartorio da Sé de Evora, se conserva a Provisaõ passada a 21 de Julho de 1553, com os autos da sogeiçaõ à Mitra. Feita esta solemne obediencia, lhe foy entregue pelo mesmo Padre, a Regra de Santo Agostinho, e as Constituições, que observaõ, o que tudo receberaõ com verdadeiras demonstrações da sua humildade, e devoçaõ, declarando, que a tudo se obrigavaõ, confiadas na Misericordia de Deos. Este foy o principio espiritual deste Mosteiro, a que se deu o Nome de Jesus, com que a virtuosa Fundadora o invocara, no seu primeiro Oratorio. Era o sitio apertado, e incapaz de accommodar a muita gente, que acodia; pelo que se determinou a Madre Brites da Columna, a edificar hum Mosteiro fóra da Villa, e assim como tinha sido Authora do edificio espiritual, intentou levantar outro material, com capacidade de poderem viver nelle as Religiosas, o que se executou nas Hortas da Fonte Cuberta, no anno de 1554, depois da sua morte, que foy no de 1555, neste dia. Por urgentes causas se passou no de 1560, para o sitio, em que hoje está no Rocio da Villa, que se ennobrece com este edificio, por ser grande, e de agradavel vista, com formosa Igreja, bem ornada, e servida com accyo, e dous Coros, em que rezaõ. Para o debaixo foraõ trasladados os ossos da Fundadora, que ficaõ debaixo de huma columna de pedra, que serve de fundamento à obra temporal, o que naõ parece sem mysterio, por ser ella a columna espiritual, que edificou este Mosteiro. He a sua lotaçaõ de sessenta Religiosas: nelle tem duas cercas, com pomares, e hortas, e hum claustro com boa agua, jardim, e officinas bem repartidas, com todo o commodo para o serviço, com que está acabado, e perfeito. Este foy o principio do Mosteiro de Jesus, da Villa de Vianna de Alentejo, da Ordem de S. Jeronymo, unico neste Reyno deste Instituto, e os seus progressos veremos repetidos no discurso desta Obra, na Vida de suas habitadoras. Deste Mosteiro tivemos em nosso poder as Memorias da sua Fundaçaõ m. s. que nelle se conservaõ, por meyo do Padre Fr. Damiaõ de Jesu, Religioso do Carmo, que nelle naõ só tem parentas, mas filhas espirituaes. O *Agiologio*, no Commentario do dia 9 de Janeiro, letra G, e no de 9 de Março, letra F, promette para este dia a Vida desta Serva de Deos, com a Fundaçaõ deste Mosteiro, de que se lembra a *Corografia Portug.* tom. 2. pag. 464.

D Em o anno de 1542, vindo a este Reyno o Reverendissimo Padre Fr. Joaõ Calvo, Geral de toda a Ordem Serafica, movido da constante fama da reforma da Arrabida, a quiz ver. Foy recebido pelo

Duque de Aveiro D. Joaõ, como Padroeyro da Provincia, o qual o mandou hoſpedar no caminho, e o foy eſperar a Aguas de Moura, acompanhado dos Fidalgos, e criados da ſua Caſa; e ſendo recebido com grande benevolencia, foy tratado com a grandeza, e apparato, que ſe podia eſperar de hum taõ grande Senhor. Depois de deſcançar do caminho, entrou na Serra da Arrabida, ſitio aprazivel; porque eſtendendo-ſe a viſta pelo grande Mar Occeano, a faz mais agradavel, toda a Coſta do Algarve, e a Barra de Setuval, e tudo o mais, que naquella alta emminencia ſe domina, pela parte de Alcacer. He o ſitio agreſte, aſpero, deſabrido, e proprio para a contemplaçaõ; o que vendo o Prelado, formou huma perfeita idéa da Bemaventuraça, que logravaõ os ſeus habitadores, que exhortou com paternal amor, à perſeverança da vida contemplativa, que tinhaõ eſcolhido. No anno de 1713, tivemos o goſto de ver a eſte Santuario da terra, onde as paredes reſpiraõ deſprezo do Mundo, e cujos ladrilhos nos tivemos por indignos de pizar, por ſerem habitados de tantos Varoens penitentes, cujas cinzas ainda hoje infundem nos ſeus habitadores o ſeu eſpirito, e o ſeu deſprezo do Mundo, e o pouco trato delle; de que naſce, que alguns Religioſos, para de todo ſe eſquecerem do ſeculo, ſaõ perpetuos Conventuaes deſte Moſteiro. Sofra-nos o Leitor a digreſſaõ, que he juſta recompenſa do bom trato, e acolhimento, que achamos neſtes Religioſos, o que lhe agradecemos com eſta lembrança. Deu o Geral licença ao Veneravel Fr. Martinho, para que ſem dependencia de Prelado algum, podeſſe receber todos os Religioſos, que das outras Provincias ſe lhe quizeſſem aggregar, naõ ſó do Reyno, mas ainda dos eſtranhos: e no caſo, que ſe moveſſe alguma duvida, recorreriaõ ao Provincial dos Algarves, para a decidir como Juiz; porque o ſeu governo ſeria independente delle. Entaõ foy recebido por elle, Fr. Pedro Lagarto, ſendo o primeiro Noviço da Provincia, como já diſſemos. Era natural de Setuval, e foy o primeiro Profeſſo, e o primeiro Eſtudante de Theologia, e o primeiro filho deſta Caſa, que diſſe Miſſa, e em tudo teve primogenitura da Provincia, em que viveo cincoenta annos. Tendo de idade 66 annos, morreo no de 1590, e ſeu corpo foy enterrado na Igreja, e depois trasladado para o pé do Nicho da alampada, na Capella mór. ElRey D. Sebaſtiaõ o eſtimou muito, e delle li, que nas ſuas mãos Profeſſára a Regra da Cavallaria da Ordem de Chriſto, de que era Meſtre, no Algarve; porém temos niſto alguma duvida, e naõ nos atrevemos a affirmallo. Era muy applicado, e trabalhador, pelo que deixou muitos livros eſcritos da ſua maõ, e em ſete Tomos com hum copioſo Index, hum com eſte titulo: *Summa utilis omnium notabilium, quæ in poſtilla Hugonis Cardinalis ſuper utrumque teſtamentum continentur à Religioſo quodam Prædicatore Provinciæ S. Mariæ à Arrabida fideliter extracta, & ordine alphabetico digeſta.* Delle ſe lembra a *Origem da Provincia da Arrabida* m. ſ. e Joaõ de Brito de Mello, na *Chronica* m. ſ. deſta Provincia, que deixou imperfeita, e nós temos em noſſo poder o original della; o Padre Fr. Antonio da Piedade na *Chronica da Arrabida*, part. 1. liv. 4. cap. 23, onde diz, que paſſados vinte annos, abrindo-ſe a ſua ſepultura, ſe achou inteira, e perfeita, a organiſaçaõ, e unidos os oſſos huns a outros, miollos ſeccos, com hum cheiro muito ſuave, e ſe trasladaraõ para outro lugar, com hum Letreiro.

E Foy Miguel, Japaõ de naſcimento, e padeceo no anno de 1633, nas continuadas perſeguições, que o nome Chriſtaõ teve naquelles Reynos. Delle faz memoria Cardim, *Catal. dos Mortos pela Fé*, pag. 323.

F Empregaraõ-ſe eſtes dous Padres na dilataçaõ da Fé, com o zelo da conſervaçaõ das almas, como temos relatado. Era o primeiro natural da Villa de Santarem, e filho da Provincia de Portugal. O ſegundo da Cidade de Lisboa, filho da Congregaçaõ da India: durou a ſua memoria até os annos de 1640. Delles trataõ Fr. Antonio da Encarnaçaõ, na Relaçaõ, que imprimio daquellas Miſſões, cap. 3. pag. 16, e cap. 4. pag. 20; e Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia.

JULHO XXIX.

AM a Villa de Monçaõ, o Transito de Santa Serafina Virgem, que sendo criada entre os falsos ritos da Gentilidade, seguindo os dictames de seus pays, com supersticiosa veneraçaõ adorava em a flor da sua idade ao demonio, em seus Idolos. Já por este tempo andava o Apostolo Santiago em Hespanha, annunciando a palavra do Evangelho, e chegando a esta Villa, prégou a doutrina de seu Mestre, cujas vozes se imprimiraõ taõ altamente no coraçaõ de Serafina, que movida do Nome de JEUS Christo, e obrigada da verdade, e eloquencia do Apostolo, subitamente illustrada pela Divina Graça, se lhe lançou aos pés, confessando ser Verdadeiro Deos JESU Christo, Filho do Eterno Pay. A conversaõ desta Virgem servio de grande satisfaçaõ ao Santo Apostolo, que depois de a instruîr nos Mysterios principaes da Fé, a bautisou, e deixando-lhe sagradas instrucções para a perfeiçaõ da vida, se despedio da Santa Virgem, e seguindo a luz do Espirito Santo, a foy dar na sua doutrina a outras Cidades de Hespanha. Despoſada a Santa com Christo, se abrazou toda no seu amor, gastando o tempo em orações, jejuns, e outros santos, e pios exercicios, e de taõ preciosas obras, lhe lavrou o seu Divino Esposo a Coroa, com que depois de chea de annos a recebeo na Celeste Jerusalem. *Santa Serafina Virgem*

B Na Cidade de Evora, no Mosteiro de Santo Antonio, extra muros, a felice memoria do preclarissimo Prelado, e Santo Varaõ D. Theotonio, (a que chamaõ de Bragança) Arcebispo Metropolitano de Evora, que pela sua humildade, e pureza de vida, e costumes, foy hum dos mais insignes Prelados, que venera esta Igreja, e a sua memoria será em todas as idades, hum exemplar dos que desejarem seguir a perfeiçaõ do estado Episcopal; pois tem por idéa a insigne virtude deste esclarecido Varaõ, que sendo filho da Sereniſſima Casa de Bragança, se esqueceo totalmente da Real grandeza, em que nascera, e começou a tratar a sua pessoa com hum profundo abatimento, alicerce sobre que fundou o agradavel templo, que no seu coraçaõ dedicou à Divina Magestade, e em que depois lhe fez *D. Theotonio Arcebispo de Evora.*

agrada-

agradaveis ſacrificios. Em os annos mais floridos da ſua idade, ſe achava D. Theotonio, podendo eſperar, que a fortuna lhe daria logo aquelles lugares, a que o encaminhaſſe a inclinaçaõ, ſem que eſperaſſe merecellos por ſerviços, pois anticipadamente os tinha ſeguros, por ter naſcido filho da Sereniſſima Caſa de Bragança, em que a grandeza era tal, que para Soberana lhe faltava muy pouco. Começava neſte tempo a florecer o Inſtituto da Companhia de JESUS em Portugal, e ao meſmo paſſo a arder no coraçaõ de D. Theotonio, ſer imitador da exemplar vida daquelles Padres, tomando a Roupeta da Companhia, a que ſe oppunhaõ muitas difficuldades, que ſoube vencer a ſua generoſa reſoluçaõ, e finalmente veyo a conſeguir ſer admittido à Companhia com grande gloria ſua, e univerſal edificaçaõ de todo o Reyno, e ainda dos eſtranhos, chegando à Cabeça da Igreja, o brado deſta heroica acçaõ. Tratou D. Theotonio de ſeguir os impulſos da ſua devoçaõ, ſervindo a Deos com tal deſprezo do Mundo, e occupando a ſua peſſoa nos exercicios mais abatidos, em que o punha a obediencia. Parecia muy mal ao Duque ſeu pay, que D. Theotonio ſe ſogeitaſſe a occupações taõ vís aos olhos do Mundo, e aſſim intentou tiralo por violencia da Religiaõ. Chegou a queixarſe a ElRey D. Joaõ o III. porém vivia o filho taõ contente, e ſatisfeito no abatido, e humilde exercicio da Companhia, como podera eſtar na magnifica Caſa de ſeu pay. Aqui ſe dilatou o ſeu coraçaõ nas dilicias do eſpirito, e no zelo da honra de Deos, de tal ſorte, que lhe permaneceo com augmentos toda a vida. Mortificava-ſe com tanta aſpereza, que aos meſmos Padres cauſava admiraçaõ, o ver o elevado daquelle eſpirito, e como ſe queria adiantar a exceſſos, a que a prudencia dos Prelados lhe punha termo, muito contra vontade do ſeu deſejo, que aſpirava a mais aſpera vida, do que a do Inſtituto da Companhia. Neſtes exercicios perſeverou alguns annos, até que por debilidades, e indiſpoſições da natureza, ou porque a Divina Sabedoria, pelos inexcrutaveis ſegredos da ſua Omnipotencia, ſe queria ſervir delle em outro eſtado, como depois fez com tanta gloria ſua; ſe vio conſtrangido a largar a Roupeta, com grande ſentimento ſeu, e da Companhia, a que ſempre conſervou amor, e reſpeito de Mãy, tratando com os Religioſos com grande

affecto,

affecto, fiando delles os negocios mais arduos da sua vida. Ordenado Sacerdote, começou a luzir na sua pessoa hum recolhimento, e decencia de vida, e costumes, que eraõ abonadoras da pureza da sua alma. Era muy curta a sua renda; porque naõ tinha mais beneficios, que a Thesouraria da Collegiada de Barcellos, e huma pensaõ de mil e quinhentos cruzados, que seu primo segundo ElRey Filippe II. lhe dera, e huma Igreja por provimento do Duque seu irmaõ, na Provincia de Traz os montes. Esta servio com tal exemplo, e charidade, que quando da sua vida nos naõ deixara outra memoria, esta bastava para alcançar pela sua virtude huma universal veneraçaõ. Era bem para admirar ver hum filho do Duque de Bragança, que era primo com irmaõ delRey D. Joaõ o III. a quem todos os Reys trataraõ com especial attençaõ, morar em humas casas taõ humildes, que eraõ cubertas de palha, sem adorno algum, pois todo o cabedal se dispendia em utilidade dos necessitados freguezes, edificando a todos com o exemplo, e com a charidade, que he a Rainha das mais virtudes, quando dilata o seu imperio na profunda humildade. Esta Igreja renunciou D. Theotonio, e se foy a viver a Salamanca, adonde lhe mandou as boas vindas a Madre Santa Theresa, que entaõ estava em Segovia: com ella teve especial trato, e como era virtuoso, toda a sua amisade era com Santos. Desta Cidade o tirou seu tio o Cardeal D. Henrique, para seu Coadjutor, e futuro successor do Arcebispado de Evora. Achava-se aquelle Prelado com annos, e achaques, que o impossibilitavaõ ao governo da sua Igreja, e como reconhecia a virtude do sobrinho, o escolheo para esta Dignidade, em que o confirmou o Summo Pontifice, com o titulo de Bispo de Fez, onde do seu exemplo deu largos documentos de virtude. Naõ tardou muito a lamentavel perda delRey D. Sebastiaõ, nos Campos de Alcaçar, em que retrocedendo a linha Real dos Reys de Portugal, foy coroado o Cardeal D. Henrique, e assim que empunhou o Sceptro, fez cessaõ do Arcebispado de Evora em D. Theotonio, que sem dilaçaõ se recolheo à sua Diocesi, e nella foy recebido com grandes demonstrações de gosto. No anno seguinte convocou Cortes o Cardeal Rey, em a Cidade de Lisboa, e o mandou chamar a Evora. Neste tempo lhe chegou o Palio de Roma, que tomou

mou na Igreja do Carmo, da maõ do Arcebiſpo de Lisboa D. Jorge de Almeida. Acabado o acto das Cortes, alcançada licença delRey, ſe recolheo à ſua Igreja, e em pouco tempo começou a luzir o ſeu trabalho, paſſandò a reforma ao auge da perfeiçaõ. A ſua caſa era o exemplo da modeſtia, e da pobreza; naõ parecia Palacio de hum Principe, que era Arcebiſpo de Evora, ſenaõ de hum muy pobre Parocho. Naõ havia oſtentaçaõ, que foſſe demonſtradora da grandeza de quem a occupava, ſenaõ da ardente charidade, com que ſoccorria aos pobres. Toda a opulencia daquella grande Mitra, ſe deſtribuîa em ſagrados empregos, e em remedio dos miſeraveis, ſó elle era o neceſſitado, pois ſó para a ſua peſſoa tinha por perdido qualquer leve gaſto. No anno de 1579, padeceo toda a Provincia huma fatal eſterilidade, de que ſe ſeguio huma grande fome em toda ella, e principalmente em Evora. Foraõ logo abertos os celleiros, e ſenhores delles os neceſſitados, e moſtrou a experiencia, que na grandeza do ſeu animo perigariaõ depois todos os mais; porque de toda a Provincia concorriaõ mendigos, ſem numero, às vozes da fama da generoſa charidade do Prelado, e aſſim ſe determinou, que ſe deſſe já o paõ cozido. Repartia-ſe todos os dias, dando-ſe a cada hum pelo numero da familia, que tinha que manter. A eſte caſtigo da Divina Juſtiça, ſuccedeo outro, ſenaõ mayor, mais horroroſo, com que ella coſtuma moſtrar aos Reynos o pouco que ha de miſter, para acabar com os mais dilatados, e opulentos Imperios; pois he a peſte o ſummario periodo da vida. Aqui ſe vio o animo, e o zelo do Prelado, naõ ſó como Pay, porque em taõ funeſtos accidentes coſtumaõ fogir os pays dos filhos; mas como Santo, porque a charidade obriga a mais eſtreitos vinculos, do que a natureza. Todos eraõ naõ ſó ſoccorridos com o preciſo; mas regalados com o que apeteciaõ, ſendo taõ largas as deſpezas, que empenhada a ſua prata, chegou a naõ ter hum caſtiçal, em que pôr huma véla, e a metia em huma laranja, que ſervia de caſtiçal, deixando neſte exemplo à vaidade das idades vindouras huma confuſaõ dos inuteis apparatos, com que ſe ſervem os Prelados da Igreja Catholica. Naõ era menos, que a generoſidade do animo, o zelo que tinha da ſalvaçaõ das almas, como bom Paſtor, diſtribuindo Parochos, e Religioſos, que voluntariamente

te

te se offereciaõ para esta virtuosa empreza, sendo tal a sua vigilancia, que acodia aos que viviaõ em quintas, e ainda aos das Comarcas mais distantes, sem que ao seu cuidado fosse nada difficil; porque todos o achavaõ como Santo, e como Principe, com a pessoa, com o conselho, e com a fazenda. Andava pelas ruas, e Praças publicas, animando, e consolando a todos com a sua presença. Grande foy a edificaçaõ dos que serviaõ, mayor a gloria do Prelado, que com o exemplo os persuadia. Serenada esta horrorosa tempestade, em que acabaraõ tantas vidas, premiou com beneficios, e outros lugares aos Clerigos, que serviraõ com distinçaõ, sendo preferidos os de mayor merecimento no trabalho. Quizeraõ os Esmoleres dar contas das largas despezas, que se tinhaõ feito; naõ as quiz o prudente Prelado tomar: tal era a sua virtude, e tal o conceito, que tinha das pessoas com que se servia. Neste calamitoso tempo, he bem para admirar, que em todo elle naõ morreo pessoa alguma, que pedindo confissaõ se lhe naõ administrasse, nem que faltasse a justiça, pois em todos os lugares desimpedidos teve homens Letrados, com poderes de Provizores, para naõ padecerem detrimento os negocios. Em quanto durou o mal assistia no Convento da Cartuxa, seguindo a vida Monastica, como se a professara. Elle só servia no refeitorio aos Monges; assistia aos doentes, fazia-lhes a cama, varria-lhes a cella; ajudava ao Sacristaõ no serviço da Igreja; e passando a mayores expressoens da humildade, a seus proprios hombros carregava os ladrilhos, e como fazia mayor o pezo, do que o Padre, que o acompanhava, dissimulava a humildade com a galantaria de lhe dizer, que elle levava mayor carga. Era a sua pessoa vivo exemplar da humildade: nelle se vio esta virtude em gráo heroico; porque em todo o tempo, e em toda a occasiaõ resplandecia, ou fosse em casa, ou na rua. A sua mesa, quando estava na Cidade, era rodeada de doze pobres, a quem elle servia, e administrava a comida, e de ordinario mandava sempre, ou ao Hospital, ou aos Capuchos huma iguaria. Em quanto comia tinha liçaõ espiritual; depois de comer, mandava examinar aos pobres da Doutrina Christãa, e instruillos nos principaes Mysterios da Fé. Dentro da sua propria Casa havia Hospital para enfermos, convertendo as alfayas, que inventou a vaidade para adornar os Palacios

dos Principes, em uſo dos neceſſitados. Caminhava hum dia para o Convento da Cartuxa, acavallo em huma mulla, que era a carruagem, de que ordinariamente uſava, e vendo hum enfermo muito mal tratado no caminho, ſe apeou, e o mandou pôr nella, e levar ao ſeu Hoſpital. Em outra occaſiaõ, eſtando em Almeirim, naõ tendo mais lançoes, que os da cama, mandou tirar hum para amortalhar hum pobre homem, que o frio, ou a miſeria fizera perecer à mingua. Chegou a deſcalçar os çapatos, para calçar a hum pobre. Naõ houve quem naõ experimentaſſe os effeitos do ſeu compadecido animo. Duvidava o ſeu Eſmoler ſoccorrer a huma mulher honrada, recolhida, mas muy pobre, que tinha tres filhas; porque quando hia à Miſſa a via com luvas. Naõ faltou quem o diſſeſſe ao Prelado, que lhe agradeceo a advertencia, ordenando ao Eſmoler, que a viſitaſſe, ſuccedendo-lhe com eſte caſo o meſmo, que ao grande Patriarcha de Alexandria Saõ Joaõ Eſmoler, pois na charidade naõ parece, que excedeo a nenhum dos que venera a Igreja Catholica. O eſtado Religioſo eſtimou muito, ſendo as Religioens reformadas as do ſeu mayor trato. No Convento dos Capuchos de Val-Verde, fabrica ſua, aſſiſtia muitas vezes; mas com tal recolhimento, que parecia hum Capucho, ſeguindo todos os actos da Communidade, lavando na coſinha a louça, e algumas vezes os pés aos Religioſos, naõ ſe eximindo de ajudar a coſerlhe os Habitos, e outros exercicios de verdadeira humildade. Mas como naõ ſeria entre Religioſos deſta ſorte, onde a virtude he eſtimulo do mais empedernido coraçaõ, ſe em ſua caſa, no tempo da peſte, ſe punha a fazer fios para os doentes, coſerlhes as mantas, e os enxergões? Entre a magnificencia de Prelado ſoube uſar da voluntaria pobreza, ainda com a ſua peſſoa. Em huma occaſiaõ o buſcava hum Cidadaõ de Evora, e naõ achando a quem dar o recado, ſe foy alargando a entrar pelas caſas: quando menos o cuidava dá com os olhos em o Arcebiſpo, e o vê eſtar coſendo huns calções groſſeiros. Corrido daquelle naõ imaginado eſpectaculo, ſe auſentava, ſem dizerlhe palavra. Sentio o Prelado gente, e o chamou, perguntandolhe, porque ſe retirava ſem lhe fallar? Pois Senhor, naõ quereis que me envergonhe de vos ver eſtar coſendo? A que com alegre roſto, lhe reſpondeo: nunca ouviſtes aquelle celebre adagio:

gio: *Remenda o teu pano, para te chegar ao anno.* Iſſo Senhor, he muito bom para mim, mas para Vós, Principe da Igreja, a quem a grandeza do alto naſcimento poz na mayor graduaçaõ da terra, naõ póde ſer decente. Ao que o Santo Prelado reſpondeo eſtas palavras, dignas de eterna memoria: *Em quanto me poſſo ſervir deſtes, vou poupando outros para os meus pobres.* Oh exemplo de Prelados! Oh confuſaõ de tanta ambiçaõ! Qual ſerá a daquelles, que ſeguindo o nome de ſucceſſores dos Apoſtolos, na Dignidade de Meſtres do exemplo, e da doutrina, naõ ſe lembraõ da pobreza, parecendo-lhes que as rendas da Mitra, ſaõ herança dos ſeus mayores! Naõ cauſou menos eſpanto o ver como ſofria deſattenções, pois chegou hum Conego deſcomedido a offenderlhe com palavras o reſpeito, que lhe devia, como a Prelado, e como a Principe, a quem elle com roſto alegre ſocegou, e abraçando-o, o deſpedio, bem caſtigado neſte carinho. Fez grande eſtimaçaõ dos ſeus Conegos, e aſſim coſtumava dizer delles, que como eraõ caſtos, tudo o mais lhes ſofria. Finalmente, obrigado do zelo da Fé, foy à Cidade de Valhadolid, onde reſidia a Corte do Catholico Monarca, para impedir com outros Prelados o perdaõ geral, que pertendia a gente de Naçaõ Hebrea. Aqui accommetido de hum accidente de apoplexia, cheyo de annos, e de virtudes, ſe foy a gozar o premio de huma vida inculpavel.

C Em o Convento de Noſſa Senhora de Matozinhos, junto à Cidade do Porto, acabou com ditoſa morte o glorioſo curſo de ſeus trabalhos, o Padre Fr. Joaõ da Povoa, Varaõ Apoſtololico, em quem o zelo da obſervancia da Religiaõ, e o amor da ſanta pobreza, foy herdado do abrazado eſpirito de ſeu Serafico Patriarca, para elevar a Provincia de Portugal ao auge da perfeiçaõ. Deſde os primeiros annos da ſua mocidade foy occupado no ſerviço da Provincia, de que ſoube dar taõ boa conta, que ſete vezes foy eleito em Vigario Provincial, em que com incanſavel zelo trabalhou pela honra de Deos, e gloria da Serafica Religiaõ, colhendo glorioſos frutos das ſuas fadigas; pelo que ſerá ſempre venerado o ſeu nome. Todos os annos viſitou a Provincia: foraõ largos os caminhos, que andou; porque nove vezes foy mandado ao Capitulo Geral, já por obrigaçaõ do Officio, já por eleiçaõ dos Capitulares, e

O V. Frey Joaõ da Povoa Franc.

em jornadas taõ compridas, ſempre caminhou a pé, de que reſultava gretarem-ſelhe os pés, muitas vezes abertos da continuaçaõ dos caminhos, que lhe impedia o andar; mas elle com deſuſado modo os coſia com hum cabo, à maneira de Çapateiro, ſendo ainda o remedio muitas vezes mais penozo, do que a cauſa. O ſeu modo de fazer jornadas, era Apoſtolando com hum bordaõ na maõ, o Breviario na manga, pedindo de porta, em porta, o preciſo ſuſtento daquelle dia. Nunca levou alforge, e ſó trazia aos hombros algumas vezes, quando voltava para a Provincia, elle, e ſeus Companheiros, livros, com que provia os Conventos, no que teve grande cuidado; porque deſejava, que foſſem doutos, e pobres; e como a pobreza naõ dava lugar a poder comprar dos poucos, que entaõ ſe imprimiaõ, elle de ſua propria maõ trasladava huns, e o mandava fazer por outros, para aſſim poderem chegar às mãos de todos os Frades. Foy grande obſervante da ſanta pobreza, e aſſim em ordem à melhor obſervancia deſta virtude, zelava as mais leves couſas, que via nas ſuas Communidades, reprehendendo com ſanto animo, ver huma Cruz de prata no Convento de Leiria, e no da Caſtanheira huns colchões de lãa rotos, e huns traveſſeiros de pennas; e no de S. Clemente foy tal a dor do ſeu eſpirito, que em gritos reprehendeo a Communidade, para que logo ſe extinguiſſem alguns perniciofos abuſos, que ſempre arrancou com o ſeu exemplo. Reformou o Convento de Santa Clara de Lisboa, de que naõ aceitou nem o comer, pois a horas de jantar ſe recolhia para o valle defronte do Moſteiro, e ao pé de huma oliveira, comia do que ſeu Companheiro levava na manga. Eſtudava muito para ſe ver livre dos embaraços das Prelaſias, e ſe retirar a viver em contemplaçaõ aos Conventos mais ſolitarios. O da Inſua foy o ſeu primeiro domicilio, e depois o ſeu amado abrigo, eſte em que faleceo por eſpecial devoçaõ à Senhora, a que lhe dava o titulo. Mas nenhum deſtes retiros podia lograr como deſejava; porque os negocios da Provincia o deſinquietavaõ, quando elle menos o imaginava, e depois a eleiçaõ delRey D. Joaõ o II. que o fez ſeu Confeſſor; porém com tal condiçaõ, que naõ havia de ſer chamado ao Paço, ſenaõ ao tempo preciſo, para o miniſterio de que ſe queria ſervir delle, fogindo de todos os mais negocios, que naõ era o do Sacramento da

Peni-

Penitencia. O de mayor importancia, mas de ſua conſciencia, que foy a ſucceſſaõ do Reyno, foy regido pela ſua prudencia, e conſelho. ElRey D. Manoel o deſejou conſervar no meſmo emprego, elegendo-o ſeu Confeſſor, o que elle humildemente recuſou, pedindo-lhe o deixaſſe acabar com ſocego da ſua alma, em hum Convento dos retirados da Corte. Daqui o tirou ainda a Religiaõ para a governar, até que deſcançado já de tantas fadigas, cheyo de annos, cortado de trabalhos, gaſtado das penitencias, lhe quiz o verdadeiro Remunerador dar o premio merecido do ſeu zelo, e chamando a Communidade, exhortou nos preſentes a toda a Provincia à Obſervancia da Regra, e da Serafica pobreza; e deſpedindo-ſe com lagrimas de ſeus amados Religioſos, com devotas palavras, lhes lançou a ſua bençaõ, e ſe foy a gozar da Eterna Bemaventurança.

Irmaõ Luiz Bravo, da Companhia.

D No meſmo dia, no Collegio de Santo Antaõ de Liſboa, acabou rendido do horroroſo contagio da peſte o Irmaõ Luiz Bravo, Companheiro do Procurador da Provincia, que com grande zelo, e charidade, acodio aos feridos deſte mal, levando-lhes doces, e outras eſmolas, que adquiria, de que ſe ſeguio ſer accommetido do contagio, e recebendo os Sacramentos da Igreja, foy receber o premio da ſua ardente charidade.

Irmaõ Balthazar, da Companhia.

E Item em Evora o Irmaõ Balthazar Gonçalves, da meſma Companhia, que eſtando na Enfermaria tyſico, lhe ſobreveyo huma maligna eriſipéla, que lhe abreviou a vida, que ſempre empregou em ſantos exercicios, edificando com a ſua humildade, para o que pedia a Deos lhe deſſe proprio conhecimento, e deſprezo da ſua peſſoa; e ainda que o ſeu bom engenho lhe podera dar occaſiões de vaidade, ſabia rebater o ſeu cuidado, com muitas penitencias, com que de ordinario ſe affligia, com jejuns, diſciplinas, e cilicios, a que ajuntava continua oraçaõ, em que recebia grandes conſolações do Altiſſimo. No tempo da doença ſuppria a Oraçaõ mental, com a vocal, rezando Coroas do Nome de Jesu, a que ſe ſeguiaõ amoroſas jaculatorias. De taõ frequentes exercicios, ſe deixa conhecer a pureza da ſua conſciencia, ſempre atada à vontade dos Superiores; de ſorte, que nunca recuſou, ou em ſaõ, ou em doente, ſatisfazer ao que lhe mandava a obediencia.

Em

Fr. Joaõ de Padua, Fraciſcano.

F Em o Obſervante Convento de S. Franciſco de Lisboa, o Tranſito do Padre Fr. Joaõ de Padua, a quem a natureza dotou de huma voz taõ ſuave, que já parecia prognoſtico de imitar aos Anjos, pela melodia, com que cantava os louvores do Senhor. Eſtudou com particular cuidado, o como havia de deſempenhar as virtudes do Pay, de que a ſua vocaçaõ o fizera filho; e como elle na vida teve amiſade intima com o Patriarcha S. Domingos, até neſta circunſtancia lhe naõ quiz faltar a ſua piedade: e para ſe conſervar a memoria de hum amor taõ ſagrado, mandou pintar a eſtes dous Santiſſimos Patriarcas. Cheyo já de virtuoſos trabalhos, cahio enfermo, e lembrados os Padres da ſua cordeal devoçaõ, para com o Padre S. Domingos, lhe cantaraõ huma Miſſa no Altar da Enfermaria, em honra daquelle Santo, e de huma Reliquia ſua, que para alivio do enfermo lhe trouxeraõ. Deſte piedoſo obſequio ſe ſatisfez o Santo Patriarca, de ſorte, que todo o tempo, que durou a Miſſa, lhe appareceo em fórma de hum Religioſo deſconhecido, e o eſteve animando a vencer valeroſamente as agonias da morte, e a eſperar ſeguramente o deſcanço da Eternidade.

O V. Padre Fr. Luiz Beltraõ, e ſeus Companheiros MM.

G Item em Vomura, no Oriente, as glorioſas coroas, e triunfantes palmas dos Inclytos Operarios do Evangelho, o Veneravel Padre Fr. Luiz Beltraõ, Miſſionario Apoſtolico, Mancio da Cruz, Pedro de Santa Maria, e Martha, todos filhos do grande Patriarca Saõ Domingos. Ainda Fr. Luiz naõ era Sacerdote, quando já ſe abrazava no zelo da converſaõ das almas, deſejando paſſar a Regioens eſtranhas, em beneficio da ſua ſalvaçaõ. Em o anno de 1618, embarcou para Manilha, Metropoli das Filippinas, com alguns Religioſos, e logo deu a conhecer aos Superiores o ſeu ardente zelo. E porque ainda naõ era Sacerdote, o fizeraõ applicar ao uſo da lingua de hum povo viſinho, para que depois de Ordenado o inſtruiſſe no conhecimento do Verdadeiro Deos, o que elle conſeguio felizmente, fazendo-ſe em pouco pratico na lingoa da terra. Era grande a neceſſidade de Miſſionarios no Japaõ, por ſer cruel o odio, com que ſe perſeguia ao nome Chriſtaõ. A eſta trabalhoſa Miſſaõ o mandou a obediencia, e para o conſeguir, entrou diſfarçado no traje da terra, naquelle Imperio, que o Senhor lhe tinha deſtinado, para nelle conſe-

guir

guir a gloria de Martyr da sua Igreja. Fallou logo com propriedade a lingoa do Paiz, parecendo mais assistencia de Deos, do que cuidado do seu feliz engenho. O seu Superior o mandou para o Reyno de Vomura, onde se desejavaõ muito Operarios da Vinha do Senhor. Aqui trabalhou tres annos, soportando desprezos, fomes, sedes, e inexplicaveis trabalhos, que só ajudado da Divina Graça podia vencer. Aqui succedeo hum portentoso caso a hum Chistaõ, e foy, que partindo hum paõ, achou dentro duas Cruzes taõ perfeitas, que os mais peritos Artifices, as naõ podiaõ obrar mais polidas, por naõ chegar a idéa da Arte a tanta perfeiçaõ. Huma destas Cruzes tomou, como presagio feliz do martyrio, e com esta esperança voltou a este Reyno, onde consolou a sua presença a todos aquelles Christãos, que de noite visitava, e de dia se recolhia em huma cabana, donde estavaõ os leprosos; mas nem aqui se livrou de o prenderem os Ministros das Justiças, e aos seus dous Companheiros Cathequistas, que eraõ Pedro de Santa Maria, e Mancio da Cruz. Este como pratico do Paiz, o conduzia seguro aos lugares dos Christãos, que de novo se aggregavaõ a receberem o sagrado Bautismo. Conduziaõ ao carcere aos Servos do Senhor, quando vendo Martha, que era sua filha espiritual, aquella crueldade, naõ pode resistir ao impeto da dor, e em lagrimas, e suspiros, começou a clamar, que era Christãa; pelo que tambem foy preza, e levados ao carcere, passaraõ por hum anno grandes miserias; e porque desejavaõ morrer com o Habito de Saõ Domingos, lhes lançou o Habito de Conversos, e a Martha o de Freira, e no dia da Profissaõ, a foraõ solemnizar ao Ceo. Exhortados por Fr. Luiz, e preparados com os Sacramentos, sahiraõ todos do carcere com extraordinario gosto, offerecendo os seus corpos por triunfo da Fé; pelo que foraõ abrazados em fogo lento, os tres Religiosos, e Martha, e tambem Brites, e Joanna, suas caseiras, e as suas bemditas almas apresentadas na Gloria, coroadas entre o numeroso exercito dos Martyres.

H Item na mesma Cidade, voaraõ no mesmo dia ao Ceo, coroados com a immarcessivel palma do Martyrio Joaõ Gerozaymon, Luiz Guenxiro, Luiz Ximbioye, Joanna, sua mulher, Thom, e Magdalena, sua mulher, que todos com generosa constancia, sofreraõ serem queimados por confessarem, *Nove Martyres do Japaõ.*

que

que eraõ Chriſtãos, e a Joanna degolada, de quem eraõ filhos os primeiros dous queimados, ſem que a nenhum cauſaſſe horror, nem medo, ver diante de ſeus olhos deſpedaçar as prendas do ſeu amor, pois a Luiz Ximboye degolaraõ ſeus dous filhos, Miguel de dous annos, e Pedro de quatro, que ſe foraõ aliſtar no numeroſo eſquadraõ dos Santos Innocentes.

D. Fr. Mattheus de Medina, Arcebiſpo de Goa da Ordem de Chriſto.

I Neſte dia, na Sé Primacial do Oriente, o Anniverſario de ſeu virtuoſo Arcebiſpo D. Fr. Mattheus de Medina, que depois de ter profeſſado nos Clauſtros do Real Convento de Thomar a Ordem de Chriſto, mereceo pelo ſeu exemplo, letras, e virtude, ſer aſſumpto ao Biſpado de Cochim, onde com zelo Apoſtolico ſe empregou todo no bem das ſuas ovelhas, enſinando, e prégando, com tal ardor, que pela ſua voz receberaõ muitas almas a luz da graça, de que andavaõ eſquecidos, e apartados, em huma abominavel vida. Depois de governar nove annos eſta Igreja, com geral ſatisfaçaõ, foy promovido à alta Dignidade de Primaz do Oriente; mas naõ pode a grandeza da Dignidade mudar os ſantos coſtumes; mas antes ſe fizeraõ mais publicos aos olhos da nobreza de Goa, com reſpeito a ſua virtude. No anno de 1592, celebrou Synodo Provincial, e foy o quarto da Igreja Primacial de Goa. Tudo quanto poſſuîa deſpendia com deſapego com os pobres, e ſendo liberal para os ſoccorrer, ſó para comſigo era avaro; porque ſe naõ conſiderava mais, que hum pobre Religioſo. A ſua caſa ſe compunha de pequena familia, ſem apparato, nem ornato algum, e taõ pobre, que por muitas vezes foy advertido, de que era preciſo, que o Arcebiſpo Primaz do Oriente, ſe trataſſe com eſtado competente à ſua grande Dignidade, para que os Infieis reconheceſſem na magnificencia do trato a veneraçaõ, com que o deviaõ reſpeitar; a que com ſingular modeſtia reſpondeo: que os Prelados mayores, que teve o Mundo foraõ os Apoſtolos, e que do ſeu abatimento, e exemplo creſcera a Igreja ao auge, em que a venerava a Fé, e que ſó aquelles exemplares da doutrina, e da Religiaõ Catholica, deviaõ ſeguir os Prelados da Igreja, para com o ſeu exemplo ſe reformarem os coſtumes, e ſe extirparem os abuſos. Eſte zelo de Paſtor da primitiva Igreja, que ardia no ſeu coraçaõ, he hum evidente teſtemunho da virtude deſte Prelado. A' Virgem Santiſſima, a quem teve eſpecial devoçaõ, com o

titulo

titulo da Luz, que ſe venera no Convento, que lhe da o nome, da Ordem de Chriſto, huma legoa diſtante de Lisboa, venerava na ſua auſencia na eſtimaçaõ de hum manto ſeu, que levara para a India, com o qual obrou prodigioſas maravilhas, concorrendo a benignidade da Virgem a conſeguir muitos enfermos milagroſamente a ſaude, com que ſe acreditava a virtude do Prelado, e ſe augmentava o culto da Mãy de Deos. Empregado finalmente em obras dignas de verdadeiro Paſtor, ſendo accommetido de huma grave doença, em que recebendo os Divinos Sacramentos, com placida morte acabou em paz.

Commentario ao XXIX. de Julho.

A NA Provincia do Minho, na Comarca de Vianna, a antiga Villa de Monçaõ, entre os antigos Termos do Reyno de Galliza, junto das fecundas ribeiras do eſclarecido Rio Minho, debaixo da Primacial Bracharenſe. No *Martyrologio Romano*, neſte dia, ſe faz mençaõ de Santa Serafina. *In Civitate Mamienſi Sanctæ Seraphinæ*, que tenho por ſem duvida ſer eſta; mas muita em que *Mamia* ſeja Monçaõ, o que naõ achamos, ſenaõ approvado com a authoridade de Juliano, de que já tantas vezes temos dito o pouco credito, que damos a eſtes Chronicoens; mas como temos por materia indubitavel, que Santiago veyo a Heſpanha, nenhuma difficuldade nos faz a que tiveſſe diſcipula, que com a ſua doutrina chegaſſe ao ſummo da perfeiçaõ, e que ſeja a que appontа o Martyrologio, pois o Cardeal Baronio no Commento, naõ dá outra noticia mais, que achalla no *Martyrologio Romano* antigo, e ainda no m. ſ. o Author da *Corografia Portug.* tit. 1. fallando deſta Santa, faz natural deſta Villa a Santa Celerina, a qual foy natural de Evora, como refere o Licenciado Jorge Cardoſo no dia 3 de Fevereiro. Neſte dia faz della mençaõ Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*, onde allega alguns Authores da ſua opiniaõ; Cauſino na *Corte Divina* Ephemer. de Julho; Antonio de Araujo de Azevedo *Meſopotamia de Portugal*, cap. 4. §. 4. m. ſ.

B O Sereniſſimo Duque de Bragança, D. Jayme (unico do nome) a quem ElRey D. Manoel fez jurar, por ſucceſſor do Reyno de Portugal, quando paſſou a Caſtella, no anno de 1498, chamado pelos Reys Catholicos para ſucceſſor dos Reynos de Caſtella, e Aragaõ, em que foy jurado herdeiro, e a Rainha D. Iſabel teve de ſua ſegunda mulher a Duqueza D. Joanna de Mendoça, por filho quarto a D. Theotonio, que naſceo em Coimbra, a 2 de Agoſto de 1530, por ſe achar o Duque com toda a ſua caſa naquella Cidade, onde o tinha levado o receyo do mal da peſte, em que ardia o Reyno. Foy-lhe poſto o nome de Theotonio, por devoçaõ dos Duques ao Santo deſte nome. Eſtudou humanidades em companhia do Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, que depois com adverſa fortuna morreo em Pariz, appellidando-ſe Rey de Portugal. Eſtudou Theologia em Burdeos, e Pariz; correo varias Cortes de Italia; eſteve em Inglatera; ſoube diverſas lingoas, e com perfeiçaõ a Franceza, em tempo, que naõ era taõ commua, como hoje. Entrou na Companhia, como temos dito, conſervando-lhe tal amor, que a Madre Santa Thereſa de Jeſus, com quem teve mais larga communicaçaõ, em huma Carta das que andaõ impreſſas no ſeu Epiſtolario, lhe diz: (pomos as proprias palavras; porque naõ póde haver traduçaõ, que exprima o diſcreto, e ſentencioſo daquelle illuſtrado eſpirito) *Harto me conſuelo, que tenga V. S. la Compañia tan por ſuya, que es de grandiſſimo bien para todo.* Grandes foraõ as virtudes deſte Prelado; e quando da ſua virtude naõ tiveramos taõ irrefragaveis teſtemunhos na ſua vida, baſtava

para credito dèlla o reſpeito, com que o tratava a Santa Madre, como pode ver o curioſo Leitor, a pag. 7, e pag. 11. do Tomo das ſuas Cartas. Hnma chegou a noſſas mãos da propria letra da Santa, eſcrita ao noſſo Arcebiſpo, a qual nos pareceo razaõ lançalla aqui, para gloria de quem a eſcreveo, e de para quem era eſcrita.

Sobreſcrito.

Al magnifico, y Illuſtriſ. Señor Arçobiſpo el Señor Don Teotonio de Bragança defiendá el Señor.

Jeſus.

La gracia y amor del Divino Eſpiritu Santo ſea ſiempre en la compañia de Vueſtra Señoria Illuſtriſſima. De mucho guſto me ſerbieron las nuevas de ſu recogimiento a eſſa Ciudad, y nò de poca peſadumbre la que acà corriò de ſu enfermedad; porque le deſeo mucha ſalud. El Señor, que fue ſervido librarle, lo defienda como han meneſter los pobres, de quien es mas que padre; y cierto, que ſus limoſnas ſon los mejores antidotos en toda enfermedad, pues ſanando la del anima, tambien las plegarias de los que las reciben, que no ſon pocos, piden al Señor le dilate la vida para ſocorrerlos. Harto han cuidado las tercianas en eſta Villa dó nò huvo caſa, que no las ſentieſſe, y muchos con la vida, y aun con pocos alientos, muxos de dexarla los pobres mas que toda, ſi la piedad de la ſanta hermandad no fuere, pues por las calles a cada rincon nò a uno, mas dos, tres, y tal ves mas, hizieronſe preces, predicò el P. M. Onofre de S. Elias, y a ſu voz nò huvo caſa, que pudieſſe, que no llevaſſe parte dellos a curarlos, y aun lo que es prodigio algunos avaros, a que ninguna neceſſidad hallo aſilo, tanto puede la lengua de un juſto, que buelve cera coraçones de hierro, theſoros ſon ocultos, que el Divino Señor tiene para ſus tiempos guardados: nò tuvimos poco trabajo, que tuvimos dieziocho hermanas aſſaz peligroſas, y morieron tres dellas, y cinco nò eſtan libres de peligro. Beſo las manos a V. S. Illuſtriſſima por la magnifica limoſna, y à nò ſe olvidar de nos otras con tantas razones, que huvo para ello ſe atribuye a merced del Señor, y cierto mucho a de darle de gloria a quien tam bien ſabe repartir con ſus hijos. Con mis ruegos, y todas le importunamos de continuo, que dilate, y acreciente la vida y eſtado de V. S. Illuſtriſſima como hemos meneſter los ſocorridos de ſus magnificencias, y deſpues de dilatados ſiglos les dè la gloria, que le cuſtiò ſu precioſa ſangre, para que todos le alabemos ſin limite. De Sevilla, y diez y ſiete de Setiembre de mil y quinientos y ſeſſenta y nueve.

Humilde eſclava de V. Illuſtriſſima Señoria, que ſ.m.b.

Thereſa de Jeſus.

He eſta Carta huma ſingular prova da Santidade deſte Prelado, e da diſcriçaõ, e virtude da Santa Madre, que miſturando no reſpeitoſo, no Santo, e no familiar as faiſcas do abrazado amor de Deos, em que ardia, enſina com agradecimento o modo de amar, quem era Santo: todo o ſeu trato era com Santos. Do Apoſtolo do Oriente S. Franciſco Xavier vimos outra, ſuppoſto que de Amanuenſe, aſſinada pelo Santo, que tambem ſerá agradavel ao Leitor; e nós queremos conſervar por meyo da eſtampa, memorias taõ inſignes, para que ſe dilatem na veneraçaõ das gentes, tirando-as da ſepultura do eſquecimento.

Sobreſcrito.

Al magnifico S. el S. D. Theotonio Arçobiſpo a

Portugal.

Illuſtriſſimo Señor.

El Santiſſimo nombre de Jeſu ſea ſiempre en ajuda, y favor nueſtro, para que le amemos, y ſirvamos, como el merece. Mui magnifico Illuſtriſſimo S. deuda preciſa fuè a lo generoſo V. Illuſtriſſima S. coreſponder con el deſeo de ſu padre aguelo pues en muchas ocaſiones intentaron lo que V. Illuſtriſſima S. reſolviò por el deſeo del intento les tendrá Dios en la gloria, y a V. Illuſtriſſima S. le dará en eſta vida el premio en ſu S. ſervicio para le hazer merecedor de la bien aventurança, que es el paradero, que Dios dá a ſus eſcogidos; al Excelentiſ. S. Duque de Brigantia hago la miſma obligacion, que aun que fuè todo alcançado a la perſuaſion de V. Illuſtriſſima S. con todo es el padronero, y quien todo lo haze.

Suplico a V. Illuſtriſſima le adevierta, que a la aceptacion de Ermanos nó pida por los que nó fueren benemeritos para ello,

ello, ſe entiende las buenas coſtumbres, que la virtud es la mejor calidad, y la demas Dios os dueñe de nueſtras, y la mayor nobleza es ſervirle como el nos quiere, y a de anſi premetirlo para que todos nos veamos cortezanos de ſu Ciudad Real. El guarde la Perſona de V. Iluſtriſſima S. y conſerve ſiempre en ſu S. ſervicio. De Goa a XXV. de Deciembre MDXLVI.

Siervo en el nombre de Jeſus, que ſ. m. b.

Franciſco de Xavier.

A quem naõ encherá eſta Carta de hum horroroſo reſpeito, pois a materia, que trata, devia de ſer de tanta gloria de Deos, que ſó pelo deſejo com que a intentaraõ, e a naõ conſeguiraõ ſeu pay, e Avó, diz o Santo, que os terá Deos na Gloria, que ao Santo Arcebiſpo lhe daria o premio neſta, e na outra vida? Com tanto zelo ſe empregava no ſerviço de Deos, que merecia a approvaçaõ daquelle Apoſtolo do Oriente. Aſſim o devia pedir o relevante do negocio, que tinha levado tanto cuidado. Teve grande zelo das ſuas ovelhas, que com o exemplo, e doutrina manteve, admoeſtando aos eſcandaloſos, procurando apartallos com ſuavidade das occaſioens, eſcolhendo Religioſos, para que da ſua parte os advertiſſem; de que reſultou fazer caſar a muitos publicos amancebados. Diſpendeo grande ſomma de dinheiro em Fabricas. Obra he ſua a inſigne Cartuxa de Evora, digna do ſeu generoſo animo, a quem deve Portugal o conhecimento deſta Religiaõ, que à cuſta do ſeu cuidado, e deſpeza trouxe a elle.

O Padre Manoel Pimenta, lhe fez o ſeguinte

EPIGRAMMA

HActenus ignotas per te quod vector in oras,
Princeps ingenii eſt munus, opuſque tui.
Adjicis egregiis quod templa inſignia natis
Natorum, & Patris ſub lare, vivit amor.
Quod veniente die, quod me fugiente, requiris
Te duce Brunonem noxque, dieſque ſonat.
Spiro quod Auguſta cælatus imagine mira
Hoc animi pietas, hoc tua dextra facit.
Multum aliis Princeps, tribuis mihi prodigus uni
Cum ſis, ſi jubeas ſolvere, parcus erit.

Fez hum Hoſpital, e hoſpedaria de pobres da invocaçaõ da Piedade, a que aſſinou rendas da Meſa Archiepiſcopal, que inda hoje ſe conſervaõ. Edificou o Seminario de S. Mancio, e deſte Santo alcançou huma Reliquia, que collocou na Cathedral, no anno de 1592, como diz o *Agiologio Luſit.* Tom. II. a 12 de Abril. Ordenou hum Recolhimento para Donzellas, a que já tinha dado fundo de rendas, e a morte lho naõ deixou ver acabado. Reedificou outro para mulheres convertidas, que ſuſtentava à ſua cuſta. Aos Padres Carmelitas Deſcalços deu grandioſas eſmolas, para as obras do ſeu Convento. O de Santo Antonio da Provincia da Piedade poz na ſua ultima perfeiçaõ, e nelle eſtá ſepultado na Capella môr, em humilde lugar, com o ſeguinte Epitafio.

AD D. O. M.
Gloriam.

Coænobium iſtud D. Ant. Ord. D. Fran. Provin. Pietatis ab Henrico Cardinali Infanti, & Archiepiſcopo Eborenſi, & poſtmodum Portugalliæ Rege magna parte conſtructum, Theotonius Jametis IV. & Joannæ à Mendoça Ducum Bragantiæ Filius, cujus corpus

hîc in Domino quieſcit, uti dicti Regis ejuſdem Archiepiſcopatus Coadjutor & futurus ſucceſſor, ita ſuæ piæ voluntatis zelator propriis ſumptibus perficiendum curavit, conſumatumque vidit. Obijt die XXIX. Julij 1602.

Sendo eſte virtuoſo Prelado taõ pio eſmoler, naõ foy menos magnifico nas occaſioens publicas, como ſe vio, quando veyo a eſte Reyno a Emperatriz D. Maria de Auſtria, a viſitar ſeu irmaõ El-Rey D. Filippe, que reſidia em Lisboa, e trazendo huma luzida comitiva de Senhores, e Principes, a todos hoſpedou, e fez as deſpezas no ſeu Arcebiſpado, no anno de 1583. Recolhendo-ſe de Lisboa, para Madrid o Prudente Filippe, fez o caminho por Evora, ſómente por viſitar ao Arcebiſpo, que o hoſpedou, e a toda a Corte, com igual grandeza. Eſta ſoube ſempre conſervar, tendo nas Cortes Eſtrangeiras Agentes ſeus, para ter noticias do que ſe paſſava, ſabendo ſer Principe, quem ſó cuidava em ſer Santo, e taõ deſintereſſado, que tendo na Curia Romana a nomina de Cardeal, por El-Rey D. Sebaſtiaõ, nunca ſe lembrou de fazer diligencia ſobre eſta materia, que à ſua grande peſſoa era muy facil. Mas como cuidaria em mayores Dignidades, quem era taõ humilde, que no ſeu teſtamento ordenou, que morrendo fóra da Cidade de Evora, foſſem ſeus oſſos traſladados, ſem mais apparato, do que poſtos ſobre hum jumento, dentro de hum ſacco, e levados ao lugar, que tinha determinado para ſua ſepultura. Aborreceo muito a hypocreſia, e veſtindo ſempre honeſto, e pobre, foy com muita limpeza, e gravidade; ſuccedendo-lhe o meſmo, que a Saõ Boaventura, que dizia ſer a limpeza exterior ſignificaçaõ do que interiormente paſſava na alma. As ſuas mãos nunca viraõ dinheiro, ſenaõ algum preciſo, para dar aos pobres. Foy de eſtatura grande, encorpado, e cheyo de carnes com perfeiçaõ; tinha o roſto comprido, alvo, roſado, a bàrba baſta, o cabello caſtanho ſobre louro, calva a cabeça, nariz comprido, mãos torneadas, e muito alvas, pelo que naõ trazia luvas, para que o tempo lhas denegriſſe. Era por natureza colerico; mas ſoube tanto diſſimulalla a ſua humildade, que nunca foy notado do tal defeito. Eſcreveo algumas Cartas Paſtoraes aos ſeus ſubditos, duas andaõ impreſſas, que ſaõ as que fez quando ſe auſentou da ſua Igreja para ir à Corte, e della paſſar a Roma, ſobre a emenda dos peccados cauſadores dos trabalhos de entaõ feita a 21 de Janeiro de 1599; outra quando foy à meſma Corte, com outros Prelados, a impedir o indulto da gente de naçaõ, ambas cheas de ſaudaveis conſelhos, eſpirito, e amor do augmento das ſuas ovelhas. Imprimio mais o Regimento do Arcebiſpado, e foy o primeiro, que em Portugal ſe imprimio. Fez imprimir as Cartas do Japaõ, e da China, eſcritas pelos Padres da Companhia, deſde o anno de 1549, até 1589, em Evora, no meſmo anno. Finalmente naõ houve couſa, que foſſe do ſerviço de Deos, a que naõ eſtiveſſe prompto com a vontade, e com a fazenda.

Trataõ deſte Santo Arcebiſpo, Nicolao Agoſtinho, na ſua *Vida*; a *Chronica da Companhia* de Telles, part. 1. liv. 2. cap. 37; Fr. Belchior de Santa Anna *Chron. Deſc.* part. 2. pag. 341; Fr. Manoel de Monforte, na da *Piedade*, liv. 4. cap. 2. pag. 481; a dos *Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. pag. 462, e pag. 522; Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. cap. 14. pag. 86; Faria na *Europa* part. 3. pag. 226; Affonſo de Torres, no ſeu *Nobiliario* m. ſ. e outros; Franco na *Bibliotheca Luſitan.* m. ſ. Imhof. *Stemmatis Regii Luſitanici* Tab. III. D. Iſidoro Nardi *Genealogia Valignana*, pag. 169; Moreri *in verbo Bragance*; Palafox no *Commento às Cartas de Santa Thereſa*, pag. 9; *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza*, liv. 6. cap. 11. pag. 649. do Tomo V.

C No Convento de Noſſa Senhora da Conceiçaõ de Matozinhos, que foy edificado das Reliquias do de Saõ Clemente das Penhas, ſe cantaraõ as primeiras Veſperas, no dia da Immaculada Conceiçaõ, do anno de 1478, em que prégou Fr. Luiz de Béja, Vigario da Caſa, que foy o que fez eſta mudança, a que aſſiſtio o Vigario Provincial Fr. Joaõ da Povoa, que depois o eſcolheo para jazigo. Creſceo eſta obra com a grandioſa eſmola

de

de D. Margarida de Vilhena, mulher de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide môr do Porto, Senhor de Sever, e por eſte beneficio agradecidos lhe deraõ a Capella môr os Religioſos para ſeu enterro, e veyo a ficar Padroado da Caſa do Marques de Fontes, ſeu deſcendente; e depois com a induſtria de Fr. Alvaro de Cordova, Frade Leigo, Guardiaõ deſte Convento, homem, que pela ſua virtude foy muy amado dos Principes, ſe aperfeiçoou muito o material deſta Caſa. Nella acabou Fr. Joaõ da Povoa, em quem foy tanta a humildade, que naõ deu lugar à ambiçaõ; pois ſendo aceito, e eſtimado delRey D. Joaõ o II. nunca quiz merce, nem honra alguma, recuſando os Biſpados, que lhe offerecia; e inſtando hum dia ElRey, que lhe pediſſe alguma couſa, pelo ſatisfazer, lhe pedio deſſe foral de Villa ao Lugar da Povoa, ſua patria, o que lhe concedeo ſem demora. Eſta foy a merce, que tirou do valimento de hum Principe taõ grande, em que a generoſidade foy igual às de mais virtudes, que lhe deraõ o nome de perfeito. Com elle fez o ſeu teſtamento na Villa das Alcaçovas, no anno de 1495, inda que D. Agoſtinho Manoel, na Vida deſte Rey, que eſcreveo com ſingular eſtylo, diga, que foy com Antaõ de Faria, o que ſe confirma com Rezende, que foy ſeu criado, e lhe aſſiſtio ſempre, e com o que eſcreve Faria, quando falla do que continha o teſtamento; pois diz: *Eſto fue lo mas ſuſtancial del teſtamento, y el era, nó el que hizo con Anton de Faria, mas deſpues con ſu Confeſſor en las Alcaçovas a 29 de Setiembre de* 1495; o que tambem ſegue o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, na Vida que deſte Rey compoz em Latim, que em pureza de lingua, e elevaçaõ de eſtylo, naõ cede a nenhuma, que neſte idioma anda eſcrita, de que bem ſe deixa ver o grande talento, e erudiçaõ de ſeu Author. Compoz Fr. Joaõ da Povoa hum *Catalogo dos Vigarios Provinciaes*, de que faz mençaõ o Padre Franciſco da Cruz, nas Memorias para a *Bibliotheca Luſitana* m. ſ. que deixou principiada. Foy enterrado no Clauſtro no Cemiterio commum, e depois de cento e dez annos, trasladado para hum parede do meſmo Clauſtro, com o ſeguinte Epitafio.

Oſſa Beati P. Fr. Joannis à Povoa, hîc translata anno 1616.

Oſſa Venerabilis P. Fr. Joannis da Povoa Sereniſſimi Joannis Secundi Portugalliæ Regis Confeſſarii, ſubter hunc depoſita ſunt lapidem ſepties in hujus Provinciæ Provincialem electus eſt, novieſque ad diverſa Generalia Capitula pedes perrexit. Obijt anno 1506. Cum maxima ſanctitatis fama.

Tratað delle Manoel de Faria na *Europa Portug.* part. 2. pag. 466; o Marquez de Alegrete na *Vida delRey D. Joaõ o II.* pag. 267. *penes me*; Reſende *Chronica delRey D. Joaõ o II.* cap. 207; D. Agoſtinho Manoel na *Vida do dito Rey*, liv. 6. pag. 330; as *Hiſtorias da Ordem*; Fr. Marcos, part. 3. liv. 8. cap. 44; Eſperança part. 2. liv. 10. cap. 46; Soledade part. 4. liv. 1. cap. 16; Artur no *Martyrologio Franciſcano*, o poem a 6 de Setembro, por lhe naõ ſaber o dia proprio, que foy eſte, como conſta dos Authores acima citados, de idade de 67 annos; Gonzaga pag. 802; Rapineo Decada 1. Wandigo tom. 4. ann. 1392.

D Na grande peſte, que padeceo a Cidade de Lisboa, no anno de 1569, que ainda com horror lemos nas noſſas Hiſtorias, morreo o Irmaõ Luiz Bravo, natural do Reyno do Algarve da Cidade de Tavira. Seguio primeiro a milicia da terra, ſendo cinco annos Soldado pago; eſteve cativo de Mouros ſeis, e livre da eſcravidaõ, e com o conhecimento do que era o Mundo, ſe aliſtou na Companhia de Jeſu, tomando a Roupeta em Florença, no anno de 1557, de donde foy mandado para Evora a continuar o Noviciado; Franco *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 21.

E Naſceo na Cidade de Evora, o Irmaõ Balthazar Gonçalves. Foraõ ſeus pays Antonio Gomes, e Brites Gomes. Era de taõ perfeitos coſtumes, que no tempo

tempo do Noviciado dizia ſeu Meſtre, que elle levava ventagem em tudo aos mais Noviços ſeus Companheiros. Morreo no anno de 1589, da contagioſa doença, que padeceo aquella Cidade, como diſſemos no dia 27. Franco na *Imagem do Noviciado de Evora*, liv. 2. cap. 27; e no *Anno Santo da Companhia*, neſte dia; e *Annus Glorioſus Societatis.*

F O Lugar do Cartaxo foy patria do virtuoſo Fr. Joaõ de Padua, Vigario do Coro no Convento de S. Franciſco da Cidade, onde morreo no anno de 1631, neſte dia, como refere Eſperança, na I. Parte das *Chron. da Prov.* liv. 2. cap. 17. pag. 227, e delle ſe lembra Franco na *Bibliotheca Luſitan.* dizendo, que eſcreveo muitas memorias para os Conventos da ſua Provincia.

G Vomura, tragico Anfiteatro, em que foraõ martyriſados tantos Apoſtolicos Varoens, com glorioſo credito da Fé, foy depoſito das cinzas do Veneravel Fr. Luiz Beltraõ, natural de Barcelona, Capital do Principado de Catalunha, celebre em todo o tempo, e nó noſſo muito mais pelas miudanças, que nella repreſentou a fortuna, exaltando-a, e abatendo-a em diverſos Dominios. Era da familia de Exarch por ſeu pay, e de Beltraõ por ſua mãy, que lhe deu o nome de Luiz, em memoria de Saõ Luiz Beltraõ, de quem era parenta. Foy grande o eſpirito deſte Apoſtolico Religioſo, como ſe vê do que temos eſcrito, e de huma Carta, que eſcreveo da prizaõ ao Adminiſtrador do Biſpado de Macao Fr. Antonio do Roſario, da meſma Familia, no anno antecedente ao ſeu martyrio, que foy no anno de 1627, neſte dia, em tempo que imperava no Japaõ Toxogunſama, filho de Daifuſama. Em Roma ſe fez proceſſo, que ſe imprimio, em ordem à ſua Beatificaçaõ, e de ſeus Companheiros. De todos faz menção Cardim no *Catalogo* pag. 303; Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia, e o abreviado a 31 deſte mez; a *Hiſtoria das Filippinas.*

H Em o meſmo anno, e na meſma perſeguiçaõ, foraõ martyriſados, como temos referido no Texto, aquelles ditoſos Japoens, de que faz menção Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 303; Soveges, e Lima no *Agiologio Dominico* a 16 de Agoſto.

I Duas legoas da Cidade de Coimbra diſta o Lugar de Condeixa, no qual naſceo o virtuoſo Prelado D. Fr. Mattheus de Medina, de pays nobres, que o mandaraõ eſtudar a Coimbra, depois tomou o Habito no Convento de Thomar, a 12 de Outubro do anno de 1560, onde procedeo com tal exemplo, que occupando diverſos lugares na Religiaõ, foy Viſitador em companhia de Fr. Martinho de Ulhoa, depois Biſpo de Congo, de quem faremos menção a 8 de Agoſto. No anno de 1577, foy nomeado Biſpo de Cochim, e neſſe meſmo anno partio para a India, e por morte de D. Fr. Vicente da Fonſeca, Dominico, ſuccedeo no Arcebiſpado de Goa, e foy o VII. na Ordem dos Prelados, que occuparaõ eſta Primacial Cadeira, de que tomou poſſe a 20 de Novembro de 1588, por ſeu Procurador Jorge Gonçalves, Conego de Cochim, e nella permaneceo até o anno de 1593, em que faleceo, neſte dia. Foy exemplar, e virtuoſo, taõ pobre como moſtra o ſeguinte caſo. Pertendia hum mancebo pobre, e honrado, ſer ſeu criado; fallou ao Arcebiſpo neſta pertençaõ, elle o deſperſuadio, dizendo-lhe: que no ſeu ſerviço naõ podia ter a conveniencia, que imaginava; porém o pertendente naõ deſiſtia em fallar ao Arcebiſpo, até que hum dia já de importunado o bom Prelado, lhe diſſe: que antes que entraſſe a viver em ſua caſa, era perciſo, que examinaſſe o trato della, para que depois naõ ſe arrependeſſe; elle meſmo foy o condutor; e lhe moſtrou todas as caſas nuas, e deſpidas de alfayas, até que ultimamente chegou a em que dormia, na qual ſe achavaõ dous Habitos velhos, pendurados por huma corda, e huma cama taõ pobre, que naõ deſdizia nada dos Habitos: depois lhe diſſe o Arcebiſpo, ſe ſe accommodava a viver como o amo pobre, que podia ficar em caſa; admirado o pertendente, de ver o trato taõ pobre, e humilde do Primaz do Oriente, no qual conſiderava toda a abundancia, fauſto, e grandeza, ſe foy corrido, ſem fallar na pertençaõ. O referido tiramos das Memorias, que nos mandaraõ do Convento de Thomar. Depois de impreſſo, os dias antecedentes achamos nas Memorias, que de Goa mandaraõ a Academia Real, feitas pelo Deaõ daquella Sé o Doutor Henrique Bravo de Moraes, com muita individuaçaõ, que falecera a 19 de Julho, como ſe vê no Epitafio ſeguinte.

Aqui

Aqui jaz D. Matheus III. Biſpo de Cochim VI. Arcebiſpo de Goa. Faleceo a 19 de Julho de 1593.

JULHO XXX.

AM Braga, Primacial Igreja das Heſpanhas, o Tranſito do Beato Godinho ſeu Arcebiſpo, lugar, que occupou cheyo de merecimentos, e virtudes. Deſde a ſua infancia tomou por Advogada, e Mãy, à Virgem Santiſſima, que foy de todas as ſuas acções feliz protectora. Criou-ſe com a educaçaõ de D. Joaõ Peculiar, exemplar Prelado deſta Igreja, a quem elle veyo a ſucceder; e ſendo grande o recolhimento, aſpirava o Beato Godinho a vida, ſenaõ mais inculpavel, mais perfeita. Via-ſe com os annos da diſcriçaõ, e já deſejava praticar a doutrina do Evangelho, deixando o Mundo, e parentes, para ſeguir a Chriſto. Era por eſte tempo celebre em obſervancia, e Religiaõ, a recem-naſcida Clerical Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, que ſe criava debaixo da vigilancia de ſeus Reformadores. Eſte ſanto Inſtituto determinou o Beato Godinho abraçar; e eſcolhido o Convento pela virtude dos habitadores, tomou a ſobrepeliz no de Saõ Salvador de Banho, que ficava entre Barcellos, e Eſpozende, lugar a propoſito para commerciar com o Ceo, livre de trato das gentes. Aqui começou a luzir na obſervancia Religioſa, como ſe tivera naſcido entre os Clauſtros da perfeiçaõ. Admirava ver em taõ poucos annos a compoſtura, ornada de modeſtia, e humildade, e o ſeguir as mais obrigações da Communidade com tanto cuidado, que naõ ſó edificava aos Companheiros, mas podia ſervir de exemplar aos mais obſervantes Religioſos. Todo o tempo, que lhe reſtava das perciſas obrigações, gaſtava no Coro, e cella, ou meditando, ou lendo, como quem conhecia naõ ter o eſpirito mayor contrario, do que a ocioſidade; e a eſte fim trazia na boca aquella celebre ſentença de Caſſiano: *Que a hum Religioſo tenta hum demonio; a hum ocioſo muitos.* Vagou o Priorado deſta Caſa, e a huma voz, foy eleito em ſeu Prelado. Com a occupaçaõ foraõ mais frequentes, e mais publicas as ſuas virtudes;

B. Godinho, Arcebiſp. de Braga.

tudes; porque a aſſiſtencia no Coro era indeſpenſavel, o ſilencio rigoroſo, a cella perpetuo recolhimento; de ſorte, que apartados de toda a communicaçaõ, viviaõ os ſeus Religioſos, em huma armonioſa compoſtura de virtudes, ſendo o exemplo do Prior o atractivo iman de tanta ſuavidade. Naõ ſe eſcondia tanta virtude dentro dos Clauſtros da Religiaõ, já luzia de ſorte, que em todo o Reyno a ſua peſſoa era venerada, e de tal maneira no Arcebiſpado de Braga, que vagando a Archiepiſcopal Igreja, por morte do Santo Prelado D. Joaõ Peculiar, o Cabido com acclamações publicas o elegeo em ſeu Paſtor; e tomando poſſe da Primacial Cadeira, no anno de 1175, partio logo para Roma, onde ſagrado pelo Summo Pontifice Caliſto IV. e recebido o Palio, obteve licença de paſſar a Jeruſalem, a viſitar os Sagrados Lugares, em que ſe verificou a noſſa Redempçaõ. O que devotamente conſeguido, ſe reſtituîo à ſua Igreja, no anno de 1176, e neſte meſmo anno recebeo com ſolemne pompa a inſigne Reliquia da cana de hum braço do Inclyto Martyr S. Vicente Padroeiro da Cidade de Lisboa, que o Magnifico Rey D. Affonſo Henriques ajuntou ao celebre Santuario da Sé Bracharenſe. Eſta Santa Igreja regeo o Beato Godinho, como vigilante Paſtor, à imitaçaõ de ſeus Santos Predeceſſores, allumiando com a doutrina, e com o exemplo, e appaſcentando com as eſmolas aos pobres, ſendo o conſolador dos afflictos, o amparo de todos os neceſſitados, o Meſtre dos ignorantes, e o bem univerſal de todas as ſuas ovelhas, que amava muy ternamente; e ſendo taõ compadecido, ſó comſigo era rigoroſo, tratando o ſeu corpo com aſperas penitencias, pois trazia à raiz da carne cilicio perpetuo. Affligia-ſe com diſciplinas taõ continuadas, que parecia verdugo de ſi meſmo; nos jejuns taõ obſervante, que ſempre ſobia a mortificaçaõ. Nunca veſtio camiza de linho, nem teve cama, em que o corpo naõ ficaſſe mais mortificado no deſcanço, do que nas vigias, ſendo em tudo hum aſpero caſtigador das paixões da natureza. Pelo que mereceo ſer acreditada por Deos a ſua Vida, com milagres, que lhe continuou depois da morte, moſtrando o quanto era de eſtimaçaõ em o Conſpectu Divino, donde eſtá gozando da Bemaventurança Eterna.

Irm. Fr. Antonio de Saõ Pedro Mercenario.

B Na Villa de Oſſuna, em Andaluzia, no Moſteiro de Santa

Santa Anna, da Familia Mercenaria, eſtá muy viva a memoria do Irmaõ Fr. Antonio de Saõ Pedro, em quem realçaraõ os primores da efficacia da Graça, e o poder infinito de Deos, para que os Judeos rebeldes, e ſurdos às vozes do Evangelho, tenhaõ mais incentivos para a ſua converſaõ, e com eſta nova luz abraõ os olhos da ſua obſtinada cegueira, e ceſſem as ridiculas eſperanças, que os traz eſparſidos pelo Mundo; porque já o illuſtrou com o ſeu naſcimento JESU Chriſto, à cuſta do ſeu proprio ſangue, remio a condemnada deſcendencia de Adaõ, inſtituindo na ſua Igreja os Sacramentos para remedio de todo o genero humano, para que gozaſſe em realidade, o que o povo de Iſrael, ſómente teve em ſombras, e figuras. Nas obſcuras trevas do Judaiſmo, foy criado Antonio Correa, que eſte foy o ſeu primeiro appellido, e ſem embargo de ſer naſcido entre Chriſtãos, e bautiſado na Villa de Cerollico, onde vio a primeira luz do dia, ſeguio naõ ſó no coraçaõ, mas com obſervancia, a já extincta Ley de Moyſés, como criado com os erros de ſeus pays, que o mandaraõ eſtudar a Salamanca, e querendo com outro methodo de vida ſeguir differente fortuna, ambicioſo de alcançar cabedaes, embarcou para a America Meridional: nella teve o conhecimento da luz da Graça, em que foraõ mayores os avanços, do que lhe havia ideado a ambiçaõ nas riquezas do Potoſi. Eſta larga eſtrada por donde recebeo o conhecimento da verdadeira Fé, ſe communicou a Antonio Correa, com ſer prezo pelo Tribunal da Meſa da Inquiſiçaõ da Cidade dos Reys, no Reyno do Perú, e ſendo convencido de Judeo, reſiſtia pertinaz, e negativo, variando em huma audiencia, o que em outra confeſſava. Neſte miſeravel eſtado ſe achava Antonio Correa, quando em huma ſeſta feira, veſpera do Eſpirito Santo, eſtando bem livre do cuidado da ſua ſalvaçaõ, e ſó lembrado do augmento dos ſeus cabedaes, foy taõ vehemente ferido de huma ſuperior luz, que penetrado o coraçaõ cahio em terra, ouvindo huma voz: *Antonio, porque me offendes?* A que ſe ſeguio hum tal conhecimento das ſuas culpas, que lhe pareceo acabar com a dor a vida. Fez verdadeira confiſſaõ diante do Tribunal, taõ arrependida, e doloroſa, que ſobre ella fundou os progreſſos da ſua admiravel penitencia. Ouvio ſua ſentença no Auto publico da Fé, em que ſe lhe mandou trouxeſſe por tres annos o ſambenito, e

dando-lhe por carcere a Cidade dos Reys, pelo meſmo tempo, havia no fim delle embarcar para Heſpanha, onde o eſperava a Villa de Oſſuna, para ſer Theatro de admiraçoens, vendo hum homem penitente, em quem o deſprezo total do Mundo, naſcia de huma profunda humildade, que acompanhava de hum incanſavel ſerviço do proximo, abrazado no amor de Deos, com taõ viva Fé, que della lhe naſcia hum ſoberano poder de fazer milagres, e hum dom de Profecia. Finalmente, nelle ſe viaõ todas as virtudes exercitadas em gráo heroico; moſtrando mais com eſte exemplo a Divina Providencia, que naõ ha inſtrumento inutil, que naõ aperfeiçoe a ſoberana Graça, para confuſaõ dos errados Hebreos: e conheçaõ, que naõ ſó a Saõ Paulo tirou da Synagoga, para vaſo de eleiçaõ; mas que em todos os ſeculos, quer dar ſingulares moſtras do ſeu amor, deixando na prodigioſa converſaõ de Antonio Correa, huma admiravel prova da ſua Omnipotencia.

Depois de rendido ao conhecimento da luz da Graça, era para admirar a grande dor, com que ſentia as ſuas culpas, com que actos de amor, e de penitencia, pedia perdaõ a Deos. Por quarenta dias continuos ſem deſcanſar, chorava os paſſados erros, taõ amargamente ſentido, que ſe lhe desfazia o coraçaõ em lagrimas, tirando com a ſua dor aquellas manchas da Apoſtaſia, que taõ obſtinadamente ſeguira com o ſeu coraçaõ, em que agora levantando hum templo a Deos Uno, e Trino, adoraſſe ao Filho feito Homem. Tomou por Director ao Veneravel Fr. Gonçalo Dias de Amarante, de que ſe faz mençaõ no Agiologio, a 3 de Janeiro, da Familia Mercenaria, de quem com o tempo elle veyo a ſer filho. Neſtes dias recebeo da maõ do Altiſſimo eſpecialiſſimos frutos da ſua Miſericordia, e com huma viſivel repreſentaçaõ ficou muy confortado, e firme em pôr em execuçaõ tudo, o que foſſe do agrado de Deos. Submergido no proprio conhecimento, ſentia haver perdido tantos annos, quando em huma imaginaria peleja venceo glorioſamente aos ſete peccados mortaes, recebendo em intelligencias, que para vencer os vicios, era neceſſario deſpirſe de todas as paixoens da natureza. Aos trinta dias das ſuas lagrimas achou arrebatado em hum ſonho as potencias, e com huma ſingular viſaõ, teve intelligencia do ineffavel Myſterio da Trindade, e ouvindo huma voz, que lhe dizia ſe preparaſſe; porque queria

viver

viver em seu coraçaõ, a que com profunda humildade, e reverencia, pedio ao Senhor, que purificasse a vil pousada da sua alma; e logo sentio em si a presença de Deos, com taes favores, que nunca lhe faltou em todo o discurso da sua vida, nem deu occasiaõ com advertencia, que a Divina Magestade o deixasse. Preparou-se para huma confissaõ, que lhe foy insinuada na visaõ, com tal dor, que parecia acabava nella. A este intimo sentimento ajuntava graves penitencias, continuados jejuns, com tal excesso, que desfalecido de forças, se poz em perigo de perder a vida. Seguindo os seus ordinarios exercicios, foy taõ vivo o sentimento, que crescendo a dor das culpas, chegou a perder o juizo, de tal maneira, que para tudo o que naõ fosse chorar os seus peccados, se achava louco; mas tratando da sua penitencia, se lhe restituîa o seu natural juizo, e padecendo neste achaque muito, lhe foy communicado por huma voz, que aquelle era o seu Purgatorio, que lhe durou tres mezes. Nestes se vio accommetido visivelmente pelo demonio, em diversas, e horriveis fórmas, de medonhos monstros, de monos, de leoens, e outras féras, com que pertendiaõ perturbar a paz de seu coraçaõ; mas corridos de tanta humildade, desappareceraõ. Com outra mais arriscada luta o tentavaõ, trazendo-lhe à memoria a passada vida, e que precipitadamente mudara de crença. Em outra lhe mostravaõ o difficultoso, que era de seguir a Ley de Jesu Christo; e nesta formidavel batalha afflicto, mas constante, experimentou huma especial protecçaõ do seu Anjo da Guarda: esta lhe durou sempre, achando-o a seu lado em todos os perigos, e affliçoens. Recomendou-lhe, que naõ temesse, pois tinha por Mãy, e Protectora a Virgem Maria, de quem soube ser cordeal devoto. Depois destas, e outras tormentas, ficou a sua alma em tal serenidade, e paz interior, que lhe parecia gozar da Gloria. Passados os tres annos do carcere, que passou servindo em hum Convento da Familia Mercenaria, de Cosinheiro, aonde a sua penitencia, e humildade, e mais virtudes, o faziaõ amado dos Religiosos, seguindo pontualmente a direcçaõ de seu Confessor, veyo a subir ao auge da perfeiçaõ. Embarcou para Hespanha, no Cabo de Saõ Vicente padeceo a embarcaçaõ tal tormenta, que veyo a naufragar, defronte da Senhora da Arrabida. Das despedaçadas reliquias do naufragio,

alcançou Antonio Correa huma taboa, em que à diſcriçaõ do temporal era levado do impeto das aguas, lutando com montes de ondas, eſperava já em alguma a ſepultura; quando hum de ſeus Companheiros, a quem a fortuna naquelle miſeravel eſtado pozera ainda em mayor infelicidade, chegou a elle já quaſi affogado, e ſem alento, combatendo com a morte, lhe diſſe: *Naõ ſinto perder a vida, ſenaõ o amparo, que nella meus filhos tinhaõ; por Deos noſſo Senhor te rogo, tenhas compaixaõ da ſua innocencia, dando-me eſſa taboa, em que ſalves a elles mais, do que a mim.* Caſo raro, e poucas vezes lido! Immediatamente largou a taboa, para que ſalvaſſe a vida aquelle tantas vezes afflicto miſeravel, deixando neſta acçaõ da ſua incomparavel charidade, hum irrefragavel teſtemunho do amor do proximo, pelo qual offerecia a vida nas aras do amor de Deos; mas como eſte o tinha reſervado para effeitos maravilhoſos do ſeu poder, permittio, que venceſſe a ſua fé a furia do mar, e que apportaſſe livre com todos os ſeus Companheiros às prayas de Setuval. Depois de paſſados alguns dias, partio para a Cidade de Sevilha a pé, pedindo eſmola. Neſta opulenta Cidade ſe foy ao Convento de Saõ Paulo, e confeſſando-ſe com hum Religioſo douto, e virtuoſo, que conheceo a boa diſpoſiçaõ daquella alma, lhe aconſelhou ſe recolheſſe em alguma Religiaõ, e aſſim neſte meſmo Convento pedio o Habito de Donato, em que perſeverou pouco tempo; porque parece Deos tinha deſtinada a ſua vocaçaõ para outra parte. Depois de varios ſucceſſos, chegou à Villa de Oſſuna, e no Convento de Santa Anna, de Religioſos de Noſſa Senhora das Merces, pedio o Habito (examinado o ſeu eſpirito por homens virtuoſos, e doutos.) Tomou o Habito Veſpera de S. Pedro, no anno de 1611, de que ſe ficou chamando Antonio de Saõ Pedro. Sentio-ſe aquella alma chegar ao centro da ſua habitaçaõ, com o Santo Habito da Senhora das Merces. Encomendou-lhe o Prelado o pedir eſmola pela Villa, para ſuſtentar aquella Caſa, que era muy pobre, no que logo experimentou em poucos mezes grandes ventagens, atrahindo a ſi a charidade de toda a Villa, obrigada da modeſtia, alegria, e affabilidade, que todos nelle achavaõ, e aſſim com liberal maõ era ſoccorrido, o que elle com muita piedade repartia, naõ chegando a elle neceſſitado, que naõ remediaſſe. Conheceo o Prelado diminuiçaõ nas eſmolas,

molas, e lhe perguntou a cauſa: reſpondeo-lhe, que algumas peſſoas (a que elle chamava Santinhos) lhe pediraõ o dinheiro empreſtado, e que elles o reſtituiriaõ. Deſtes caſos lhe ſuccederaõ muitos, em que moſtrava a ſingeleza, e ſinceridade do ſeu animo: o Prelado lhe ordenou, que naõ empreſtaſſe ſenaõ a conhecido, e que naõ fizeſſe eſmolas, que excedeſſem certa quantia; porque de outra ſorte, ficaria ſem nada o Convento. Aconteceo adoecerem todos os Religioſos do Convento, e entre elles o Irmaõ Antonio: era mais penoſa a ſua moleſtia; porque padeciaõ todos na ſua falta as eſmolas; mas a charidade lhe dava alentos, com que na força da fezaõ ſe levantava a ver os doentes: naõ lhe eſqueciaõ os pobres, para quem ſempre agenciava, que lhes dar, ainda quando ſe via com tanto trabalho, a que rendido cahio totalmente enfermo, e melhorando aſſiſtia a hum Coriſta, a que milagroſamente reſtituîo à ſua ſaude, quando já o Medico o mandava ungir.

Naõ podia ſofrer o demonio, que aquella alma, que tinha taõ ſegura, ſe augmentaſſe tanto na Divina Graça, pertendeo perturbar-lhe o ſoccego do eſpirito, propondo-lhe, que o Ermo era lugar mais breve para chegar à perfeiçaõ; e cõmunicando-o com o ſeu Confeſſor, a quem ſempre viveo obediente, fez voto a Noſſa Senhora de perſeverar no ſeu Habito, e de a ſervir no Convento de Santa Anna, até à morte. Venceo a tentaçaõ; mas naõ ſe deu por vencido o tentador, que com novos ardís contraſtava aquelle coraçaõ abrazado no Divino Amor: pertendeo introduzirlhe a vaidade no meſmo rigor das penitencias, com que ſe affligia: caſtigou eſte penſamento, baixando a hum pateo no mayor ſilencio da noite, e poſto de joelhos, com o peito deſcuberto, e huma Cruz na maõ eſquerda, e na direita huma pedra, e à força dos golpes ſupprimia toda a fantaſia. Porfiando o cruel inimigo o buſcava com mayor cuidado, querendo com a laſcivia render aquella forte Praça, que taõ vigoroſamente ſe lhe reſiſtia, porém de balde; porque a penas propoz a idéa as torpes chammas da paixaõ humana, em que lhe parecia arder; quando indignado, e corrido, deſceo ao pateo depois da meya noite, ſe deſpio todo, e lançando-ſe em huma mata de ortigas, como em bem concertada cama, ſe voltava, ſendo a neve daquella eſtaçaõ o cobertor, que o ſervia, até que o deſabrido do frio, o ador das ortigas, apagaraõ aquella

inho-

inhoneſta chamma, com que o demonio o tentara. Foraõ grandes os combates na ſua vida, mayores as reſiſtencias, com que ſe defendia do inferno, e a violencia dos remedios, como eraõ pelo exceſſo do eſpirito, veyo a ſentir na ſaude grande diminuiçaõ, e dentro em poucos dias lhe deu hum pleorís taõ forte, que o naõ pode diſſimular a ſua conſtancia; e depois de convalecido, tornou aos exercicios da ſua grande charidade, mas toda a vida o opprimio eſta dor.

Depois de dous annos, e meyo de aſſiſtencia deſte Convento, determinaraõ os Religioſos paſſallo ao eſtado de Leigo, que repugnava a ſua humildade; mas vencida pelo Prelado, entrou no Noviciado, e fez Profiſſaõ, com grande jubilo da ſua alma, e confuſaõ da ſua indignidade. Já era commua a edificaçaõ da Villa de Oſſuna, e o remedio tambem, cauſava eſpanto o ver taõ profunda humildade, taõ abatido conceito de ſi meſmo, que naõ ſó aos racionaes de qualquer idade, ou provecta, ou tenra, conhecia por Superiores, mas ainda ſe tinha por mais vil, que os meſmos brutos, e os antepunha à ſua peſſoa. Dava-lhe a Communidade hum jumento para as jornadas: a eſte lhe chamava ſeu amo: quantas vezes pelo naõ canſar ſe apeava, tirando-lhe a carga a tomava às coſtas, e entrava pelo Convento muy compadecido do trabalho, dando com eſte exemplo a conhecer o deſprezo, que fazia do Mundo. De ordinario trazia comſigo hum caõ, a quem chamava tambem ſeu amo, e às vezes o bem mandado: dava-lhe a maõ direita, e era couſa gracioſa os comprimentos, com que o tratava. quando o convidava algum devoto a jantar, naõ podiaõ acabar com elle, que naõ comeſſe no chaõ, em que os caens, e os gatos, eraõ os ſeus companheiros, ſendo eſtes os que primeiro goſtavaõ da comida. Naõ ſendo totalmente deſtituido de capacidade, todo o ſeu cuidado era ſer reputado por mentecapto, como teſtemunhaõ as ſuas eſtranhas acções. E ſendo com luz Divina adornado de dom de Profecia, e conſelho, era neceſſario grande artificio para interpor o ſeu juizo, a que ſó o obrigava a ſalvaçaõ de alguma alma. O meſmo lhe ſuccedia nas materias de eſpirito, em que lhe metiaõ a pratica por modo, que o queriaõ inſtruîr, e reſpondendo, ſe conheciaõ as luzes da Eterna Sabedoria. Nunca fiou nada do ſeu diſcurſo, nem lhe turbou a ſerenidade do ſeu eſpirito os oprobrios, e injurias,

com

com que o maltratavaõ. Os Prelados fizeraõ da ſua humilda-de grandes experiencias: em huma occaſiaõ lhe tiraraõ o Capello, e o Eſcapulario, e pondo-lhe hum rotolo, que dizia: *Por velho, louco, deſatinado*, e com elle andava taõ contente, e alegre, como quem triunfava do Mundo. Eſta heroica humildade ornou de invicta paciencia, ſem que os trabalhos, nem as enfermidades, que padeceo, o obrigaſſem a queixar. Cinco annos continuados ſofreo acerbas dores de dentes; em as pernas padeceo huma grave queixa, e as trazia em carne viva; mas taõ ſatisfeito, como quem na paciencia tinha o ſeu remedio. Quando via alguma peſſoa doente, e afflicta, dizia com ſanta enveja: *Ditoſa cama, ditoſo doente*, e com os afflictos ſe affligia de tal maneira, como quem deſejava padecer por todo o Mundo. O ſeu zelo o obrigava a entrar pelas caſas das mulheres publicas, que reduzia a melhor vida, tirando-as daquelle abyſmo da culpa, as punha em caſas de peſſoas graves, e honeſtas, e depois agenciando-lhes dotes as caſava. A muitas dava alguma couſa, para que naquelle dia naõ peccaſſem, dando graças a Deos por eſte fruto, como Santo Ignacio de Loyola, que dizia: *E he taõ pouco livrallas de que offendeſſem hum dia a Deos?* A's que via já ſeguras, e com abominaçaõ das paſſadas culpas, alcançava de Deos graça, e perſeverança. Tinhaõ-lhe grande reſpeito, pois coſtumava manifeſtar os mais occultos peccados, e alguma vez os penſamentos. A ſua interceſſaõ he maravilhoſa para livrar do fogo impuro da incontinencia, como ſuccedeo a hum Religioſo, que vivia com diſſoluçaõ, a quem appareceo depois de morto, a que viveſſe caſto.

A eſta charidade taõ ardente unia huma continuada penitencia, com que affligia o canſado corpo, mortificando-o ainda nas doenças: tirando-ſe da cama ſe lançava em huma eſteira, ſendo o traveſſeiro huma pedra. No peito trazia huma Cruz de páo largo, com trinta e tres cravos, que apertava com cuidado, e quando ſe confeſſava, eraõ taõ repetidos os golpes, que dava no peito, que fazia mais ſenſivel aquella penitencia. Uſava de differentes cilicios, hum à feiçaõ de camiſa, que o cobria até a cintura, taõ aſpero, que com horror ſe via depois da ſua morte. Veſtia outro a modo de jubaõ, forrado de puas de ferro. Tambem ſe cingia com huma cadeya de ferro,

ro, cercada de agudas pontas, excogitando ſempre diverſos artificios de ſe maltratar. As diſciplinas eraõ crueis, em que derramava muito ſangue. A eſtas continuadas penitencias ajuntava em algumas noites do Inverno, em que o frio com mais rigor penetra, deſpirſe da cintura para cima no Clauſtro, e neſta cama ſe encoſtava; em outras com huma Cruz na maõ eſquerda, e huma pedra na outra, como que ſe eſtivera no deſerto da Paleſtina, ſe feria no peito com crueis, e repetidos golpes. A todo o comer tirava o ſaboroſo, ſem que deſſe a entender a mortificaçaõ. Tinha-ſe por indigno de ſe lavar no lavatorio commum, e por iſto uſava de huma pia, adonde cahia agua da chuva; hum dia eſtava taõ immunda, que teve nojo de a ver, e inquietando-ſe o eſtomago, venceo com o eſpirito a repugnancia da natureza, metendo a maõ tirou daquella aſqueroſa agua, chea de putrefaçaõ, e bichos, a bebeo, de que lhe ſobreveyo huma extraordinaria dor de eſtomago, que o Prelado conheceo ſer naſcida de algum exceſſo de mortificaçaõ. Já mais negou aos pobres, o que por amor de Deos lhe pediraõ, ficando muitas vezes ſem Habito, e nos panos menores, pelos veſtir, ſuccedendo-lhe como ao Servo de Deos Fr. Janipero, ſer dos rapazes o deſenfado, o que depois caſtigava o Prelado, tirando da ſua fervoroſa charidade novos motivos de exercitar a paciencia. Era para admirar ver hum pobre Fradinho, ſer com a ſua fé o remedio de tantos, obrando por amor do proximo prodigioſas obras, que o acclammavaõ por Santo. Os prezos naõ ſó tinhaõ ſoccorro certo nas eſmolas, mas Procurador, e Padrinho, para o livramento. Com eſpirito profético livrou a hum prezo da pena da morte, a que eſtava condemnado, moſtrando com clara evidencia, que innocentemente o culpavaõ. Em muitas occaſiões acreditou a ſua virtude no eſpirito profetico, em outras manifeſtou a algumas peſſoas, com confuſaõ, os ſegredos mais impenetraveis. Continuamente meditava na Paixaõ de Noſſo Senhor JESU Chriſto, de que dizia era a verdadeira conſideraçaõ, para ſe adiantarem as almas no eſpirito. Tinha hum livro com algumas meditações deſte Sacroſanto Myſterio, que trazia no peito, que fez imprimir em grande numero, para diſtribuir por peſſoas devotas, querendo por eſta liçaõ ſe accendeſſem no fogo do amor Divino. A' Cruz de Chriſto teve huma grande devoçaõ, ſendo

do a mais toſca, a de que mais ſe enternecia, trazendo comſigo eſte Sacroſanto final da noſſa Redempçaõ; e das que fazia ſem primor da arte, dava a peſſoas enfermas, com que o Senhor obrou ſingulares prodigios. O' Santiſſimo Sacramento do Altar adorava com tal fé, e reverencia, que humilhando-ſe de ſorte, parece ſe queria abater ao mais profundo da terra, tendo para ſi, que naõ ſó era o mais indigno, que o recebia; mas, que o adorava. Com a Virgem Santiſſima teve intima, e cordeal devoçaõ: conſagrou-lhe todas as ſuas acções. Da ſua protecçaõ conſeguio ſoberano amparo nas primeiras lutas da ſua converſaõ, e depois em tudo o que emprendeo. Todas as vezes, que via Imagem de Noſſa Senhora, depois de huma grande reverencia, ſe punha de joelhos, ſendo mayores as humilhações do eſpirito, dedicando-lhe em ardentes, e vivos affectos o coraçaõ, naõ podia reprimillos. A's vezes rompia em claras vozes: *Maria! O' Maria!* De taõ ardente officina de amor de Deos, eraõ precioſos os holocauſtos na ſua preſença, de que foraõ teſtemunhas eſpeciaes favores do Ceo, ſendo recreado com Celeſtiaes viſões, em que a Mageſtade Divina moſtrou, o quanto eſtimava eſta puriſſima alma, que confundida, ſe tinha por indigna de taes merces. De que naſcia, que naõ tendo eſtudado, illuſtrado de ſuperior luz, fallar muy a propoſito nos lugares mais difficeis da Sagrada Eſcritura, naõ ſem admiraçaõ dos Doutos, eſcutando nas materias de eſpirito ſoberanas intelligencias, ſuccedendo-lhe o meſmo, que a Saõ Diogo, Leigo de Profiſſaõ, da Ordem de S. Franciſco, de quem a Igreja refere o meſmo. Ao ſoberano imperio da ſua voz obedeciaõ as enfermidades, fazendo levantar os tolhidos, e baldados, ſem que houveſſe achaque, que reſiſtiſſe à ſua virtuoſa charidade, a que unia huma verdadeira Fé, e Eſperança; virtudes, que nelle reſplandeciaõ em gráo heroico, fazendo por eſte caminho prodigioſas as ſuas obras. Ardia em chammas da charidade, por quem ſe expoz tantas vezes a perigo de perder a vida. No ultimo anno antes à ſua morte, foraõ innumeraveis os ſerviços, que fez ao proximo, como luz, que acaba, reſplandecia nos olhos, e admiraçaõ das gentes. Decretado o termo das ſuas laborioſas fadigas, adoeceo mortalmente. Sofreo com invicta paciencia a enfermidade, e continuando na reſignaçaõ da vontade Divina, reſiſtio com denodado valor às hor-

roroſas viſoens, com que o combatia o demonio. Na doença, que durou quatorze dias, ſe confeſſou, e commungou repetidas vezes, exercitando-ſe em actos de amor de Deos, e jaculatorias ao Senhor Crucificado, que tinha nas mãos. Pedio o Santiſſimo Viatico, e depois de com profunda reverencia ter commungado, e de dar a Deos as devidas graças, lhe faltou a falla, e em hum ſuſpiro, com o dulciſſimo Nome de JESUS, deu moſtras de que trabalhava a officina do coraçaõ, e com placida morte entregou a alma ao Creador, deixando o ſeu corpo com apparencias de vivo, tratavel, com os olhos claros, engrandecendo Deos ao ſeu Servo, com novas maravilhas, acreditando a ſua virtude, em preſença de grande numero de gente, que com admiraçaõ o acclammava Santo.

Sor Maria Bautiſta, Franciſc.

C Neſte dia, em a Cidade de Evora, no Moſteiro do Salvador, da Serafica Familia, acabou o curſo de huma larga vida, a Madre Sor Maria Bautiſta, com mais de cem annos de idade, e oitenta de Religioſa, empregados em ſantos exercicios, e em todo o genero de virtudes, deixando do ſeu exemplo larga materia, para as que ſeguem o eſtado Monaſtico. Naõ teve tempo, em que naõ deſſe a conhecer a ſua boa inclinaçaõ: em os primeiros annos, moſtrando-ſe affeiçoada à virtude, e com deſejos de ſe adiantar no amor de Deos, naõ faltava nunca às obrigações da Communidade, ſem que o ſerviço, ou trabalho a rendeſſe, a que deixaſſe de perſeverar na Oraçaõ mental, ſem a qual he difficultoſo adiantarſe na perfeiçaõ. Aqui deſaffogava o eſpirito, e recebia fervoroſos alentos, com que ſe dilatava a ſua puriſſima alma. Pedia a Deos fechaſſe o ſeu coraçaõ, de ſorte, que naõ podeſſe entrar nelle conſideraçaõ, que naõ foſſe do ſeu amor. De dia, e de noite, permanecia neſte ſanto exercicio, ou ſendo mental, ou vocal, que tudo he o meſmo, como dizia a grande Meſtra de eſpirito a Santa Madre Thereſa de Jeſu. Servio muitos annos de Meſtra de Noviças, devendo-lhe eſta Caſa os primeiros caminhos da perfeiçaõ. Tinha ſido Companheira das primeiras Fundadoras; eſta antiguidade lhe agenceava veneraçaõ com as Religioſas, o que lhe cauſava baſtante enfado; porque a ſua humildade naõ cuidava de attenções, e por eſta cauſa nos actos de Communidade tomava ſempre o ultimo lugar, com tal modeſtia, e encolhimento, que cauſava em todas compunçaõ o ſeu abatimento. Teve taõ prompta obedien-

cia,

cia, que naõ só executava sem dilaçaõ, o que a Prelada mandava, mas ainda qualquer Religiosa, sem reparo, nem repugnancia; porque nunca buscou causa, para se eximir do que lhe mandavaõ, sogeitando de tal maneira a propria vontade ao alheyo arbitrio, que deixou desta virtude hum singular exemplo a todos, os que professaõ a vida Religiosa: a virtude taõ solida era de mais composta de huma sinceridade de animo candido, e taõ singelo, que naõ só naõ podia presumir mal do proximo, nem ainda se podia persuadir a que houvesse pessoa, que mentisse, ou enganasse a outrem; e desta natural bondade lhe nascia dar credito a tudo o que ouvia, sem que fosse falta de discriçaõ, porque teve entendimento claro; mas porque a sua innocencia lhe fazia crer, que só ella era a mais vil creatura, que habitava a terra. Esta mansidaõ, e brandura do seu natural a fez inalteravel às semrazoens, parecendo o sofrimento parte da natureza, e naõ da virtude, que a abatia. Este desprezo do Mundo vestia de huma extrema pobreza, que sempre ensinou às suas discipulas, dando-lhe na sua vista mais singular idéa, do que em toda a expressaõ, que lhe podia empresstar a rethorica mais eloquente, por persuadir mais o exemplo, do que as vozes. Das Almas do Purgatorio foy singular bemfeitora, devendo à sua commiseraçaõ conseguirem muitos sufragios, que lhes applicava, procurando inflammar nesta obra a todas as Religiosas. A' Soberana Virgem Maria amou com especial culto: com ella se lhe ouviaõ por muitas vezes largos coloquios, e com o seu Anjo da Guarda; e por mais cuidado, que punha em encobrir a sua virtude, a todos era manifesta. Chea de annos, e merecimentos, acabou em o Senhor.

Fr. Manoel da Cõceiçaõ Dominico.

D Em Senovay, na Ilha de Timor, o Padre Fr. Manoel da Conceiçaõ, Missionario Apostolico naquellas dilatadas Conquistas, e Vigario Geral da Familia dos Prégadores, de que era filho. Empregava-se com grande cuidado na salvaçaõ das almas, pelo que padeceo muitos trabalhos em as Ilhas de Solor, e Timor, e no Reyno de Macassar, e em outros muitos Paizes, porque discorria o seu zelo. Foy a sua pessoa milagroso soccorro da maõ de Deos, contra os Hereges Holandezes, que soberbos, e crueis, tinhaõ temerosas aquellas Povoações, e com mayor poder ameaçavaõ aos moradores de Timor. Cheyo de animosa fé, inda que falto de meyos humanos,

nos, exhortou vivamente aos Portuguezes, a que vingaſſem as injurias da Religiaõ Catholica Romana, e juntamente a reputaçaõ do Eſtado. Começaraõ com cuidado os apreſtos para a defenſa, mas faltou-lhe a confiança; porque adoecendo o Padre, depois de ter recebido devotamente os Sacramentos, cercado de ſeus Irmãos, que triſtemente ſentiaõ a ſua falta, acabou a vida no meſmo tempo, que com tanto ardor trabalhava pelo augmento da Fé, e defenſa da Religiaõ.

O P. Franciſco Gonçalves da Companh.

E Item em a Inclyta Lisboa, a morte do Padre Franciſco Gonçalves, da Companhia de Jesu, que depois de ſervir com grande charidade aos enfermos do mal da peſte, adoeceo ferido da meſma queixa, pela qual mereceo o premio de ter voluntariamente ſacrificado a ſaude, e a vida pela utilidade do proximo.

Tres Anonymos Dom.

F Na Coſta da barra de Goa, na India Oriental, deraõ com precioſa morte fim às ſuas vidas, tres Religioſos da Ordem dos Prégadores, cujos nomes eſtando eſcritos no livro da vida, naõ quiz Deos, que os ſoubeſſemos, para os eſcrever neſte. Mandados pela Religiaõ, embarcaraõ em Goa para as Miſſoens das Ilhas de Solor, para com a ſua companhia, e trabalho, ajudarem os Miſſionarios, que a Religiaõ tem nas ditas Ilhas; porém Deos anticipando-lhe o premio, foy ſervido, que dando nas mãos dos Holandezes Hereges, foſſem ſubmergidos com toda a comitiva do navio, com que paſſavaõ para a ſua deſejada Miſſaõ.

Commentario ao XXX. de Julho.

A Naſceo na Villa de Barcellos o Beato Godinho, de pays nobres, e ricos, e foraõ Joaõ de Faria, e Anna Godinha, filha de Godinho Pays de Villar, hum dos Padroeiros do Moſteiro do Salvador de Villar de Frades, hoje da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Evangeliſta, e em tempos antigos, hum dos celebres da Religiaõ Benedictina. Foy em numero dos Arcebiſpos de Braga LXIX. que Argaiz com a ſua coſtumada felicidade, em achar, o conta na ſua Igreja de Braga, em o de 104. Eſte Author ſeguindo huma memoria do Moſteiro de Saõ Vicente, entendeo, que fora Biſpo de Lamego, diz ella: *Cui ſucceſſit in Prioratu* (falla de S. Vicente) *quidam Canonicus de Balneo nomine Godinus: qui poſt extit Epiſcopus Lamecenſis.* E o meſmo entendeo Gabriel Penoto, confundindo o noſſo Beato Godinho, com D. Godinho, Biſpo de Lamego, tambem da meſma Religiaõ, e como os naõ diſtinguiaõ, faziaõ com a referida memoria eſtes Authores, e outros, de dous hum ſómente, ſendo muito diverſo hum do outro.

Pelo que he de ſaber, que houve na Congregaçaõ dos Conegos Regrantes dous Religioſos, quaſi no meſmo tempo, com o nome de Godinho, mas muy differentes; hum natural de Barcellos (que he

he o de que tratamos) e outro natural de Monte môr o Velho, filho do famoso Capitaõ Zelome Godinho, Senhor de Mira, aonde edificando a Igreja de Saõ Thomé, a deu a seu filho, e sendo Abbade della, se recolheo a Santa Cruz, e este Padroado se conserva ainda hoje. Depois do nosso Santo Godinho ter sahido do Mosteiro de Banho, foy para elle D. Godinho, e o reformou, e no tempo, que nelle residia, o elegeraõ Prior de S. Vicente, e depois foy assumpto à Igreja de Lamego, e com esta Dignidade morreo, como se vê no livro dos Obitos do Mosteiro de Grijó: *Tertio Calend. Aprilis obiit in Domino Dominus Godinis Lamecensis Episcopus. Canonicus S. Crucis, æra MCCXXVII.* que he anno de Christo 1189; de que se vê claramente serem diversos, e se acharem contemporaneos, como affirma Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Lusit.* liv. 11. cap. 15, e no cap. 37. Em huma Doaçaõ feita por ElRey D. Affonso, a D. Payo, eleito Bispo de Evora, da dizima dos quintos daquella Cidade, que se conserva no Cartorio da Sé de Evora, na era de 1223, que he anno 1185, confirma ElRey, logo o Beato Godinho, Arcebispo de Braga, D. Martinho, Bispo de Coimbra, D. Fernando, Bispo do Porto, D. Joaõ, Bispo de Vizeu, D. Godinho, Bispo de Lamego, D. Sueyro, Eleito de Lisboa, e outros Ecclesiasticos, e Officiaes da Casa Real. Em o anno seguinte, governando já ElRey D. Sancho, confirma a Santa Cruz todas as merces, que seu pay lhe fez; e se conserva esta Doaçaõ no Archivo deste Mosteiro, no livro dos *Testa.* pag. 4. *Facta Charta mense Januario æra* 1224, que he anno de Christo 1186, e assigna ElRey D. Sancho, a Rainha D. Dulce, as Infantes D. Tareja, e D. Sancha, suas filhas, D. Godinho, Arcebispo de Braga, D. Martinho, Bispo do Porto, D. Godinho, Bispo de Lamego, D. Joaõ, Bispo de Vizeu, D. Martinho, Bispo de Coimbra, D. Payo, Eleito de Evora, e D. Sueyro, Eleito de Lisboa, e outros muitos Senhores, e grandes do Reyno. Muitos mais exemplos poderamos referir sobre esta materia, que vimos, e outros refere o Illustrissimo Cunha na II. Parte da *Historia de Braga*, quando trata deste Prelado no cap. 17; mas parecenos, que basta o referido, e a *Chronica dos Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, fazer mençaõ de hum, e outro, como temos dito. Do de Lamego na 2. part. liv. 8. cap. 6; e do de Braga liv. 11. cap. 5. pag. 449, e tambem o insigne Manoel de Faria, erudito em tudo, e na Historia Portugueza admiravel, o affirma com este

EPIGRAMMA

Braccara sæpe fuit dives, sed ditior extat
Præsulis exuviis Sancte Godine, tuis.
Tu Balnensis apex, tu nostra gloria Sedis,
Illustris vitâ, nunc quoque morte magis.
Tu nobis largiris amans hic dona Magister,
Singula dum vivis, omnia dum moreris.

No Mosteiro de Banho, quer a *Chronica dos Conegos Regrantes*, seguindo a D. Theotonio de Mello, que nelle aprendesse as primeiras letras, o que naõ encontra o depois se criar debaixo da protecçaõ do Arcebispo D. Joaõ Peculiar, como diz Cunha na *Historia de Braga.* Este Mosteiro, que foy de Conegos Regrantes, he hoje Commenda da Ordem de Christo, como outros muitos, que foraõ da sua Religiaõ, treze annos pouco menos governou a Diocesi de Braga, com tal exemplo, que muitos tempos usou o Cabido daquella Sé, na eleiçaõ do novo Prelado, pedir a Deos o fizesse tal, qual fora o Beato Godinho, de boa memoria, a quem os milagres, que fez em vida, e depois da morte, lhe deraõ o nome de Beato Godinho. Tamayo no *Martyrologio Hisp.* neste dia: *Bracharæ in Galæcia Hispaniæ S. Godini ipsius Urbis Episcopi*, e assim foy tido por todos em veneraçaõ de Santo. Edificou muitas Igrejas, e Mosteiros no seu Arcebispado. Delle fazem mençaõ, além dos Authores já citados, Vasconcellos *in Discript. Lusit.* pag. 520.

520. n. 2; o Padre Alvaro Lobo nos *Santos de Portug.* m. ſ. ambos da Companhia; Purificaçaõ *in Chronolog. Monaſt.* neſte dia.

B A Villa de Oſſuna, fica em huma apraſivel campina, taõ abundante de paõ, que houve quem lhe chamou Celleiro de Ceres, por naõ haver outra, que lhe igualaſſe na fertilidade, a que correſpondem as mais frutas, e hortaliças. He compoſta de muitos bons edificios, e de gente nobre, e rica. Tem huma Parochia, que he o enterro dos Duques, dez Conventos de Frades, cinco Moſteiros de Freiras, tres Hoſpitaes, ſeis fontes, e huma antiga Torre. Tem de mais hum Collegio, em que ſe enſinaõ todas as Sciencias, e foy inſtituîdo por D. Joaõ Telles Giraõ, IV. Conde de Urenha, anno 1549. Neſte nobre compoſto, que excede a muitas Cidades, illuſtra com antiguidade da ſua fundaçaõ, porque naõ falta quem diga, que he muito antes da vinda de Chriſto. Os Romanos lhe chamaraõ *Gemina Urbanorum*, e nella ſe vem veſtigios deſte tempo. Depois de recuperada aos Mouros, foy dada por ElRey D. Affonſo Sabio à Ordem de Calatrava, donde por troca, que fez D. Pedro Giraõ com a Ordem, a incorporou na ſua Caſa. Filippe II. a deu em titulo de Duque a D. Pedro Giraõ, V. Conde de Urenha, de que foy ultimo poſſuidor D. Franciſco Maria de Paula Telles Giraõ, Duque de Oſſuna, que foy Plenipotenciario na Paz de Utrech, e naõ deixou mais, que duas filhas, que litigaraõ a Caſa, com ſeu tio o Conde de Pinto, que vencendo foy Duque de Oſſuna. Neſta Villa aſſiſtio o Veneravel Irmaõ Fr. Antonio de Saõ Pedro.

Na ſua Vida, que imprimio em Sevilha, no anno 1670, o Padre Fr. Joaõ de Saõ Damazo, da Familia Mercenaria, tem para ſi, que eſte Servo de Deos, em nenhum tempo ſeguio a já extincta Ley de Moyſés, nem fora penitenciado pelo Santo Officio, como era conſtante na ſua Religiaõ. Eſta Obra por eſte, e outros erros ſe mandou recolher, e ſe encommendou ao Padre Fr. André de Santo Agoſtinho, ſeu Chroniſta, que a imprimio no anno 1668, em Sevilha. No principio da Vida deſte Servo de Deos, traz authenticado o proceſſo, por onde foy ſentenciado na Cidade dos Reys, no Reyno do Perú. Delle ſe tira ſerem ſeus pays Manoel Thomás, e Anna Correa, naturaes de Cerolico, em que tambem naſceo Fr. Antonio de Saõ Pedro, e que eraõ Chriſtãos novos, e deſcendentes de Judeos, e ſeu pay foy prezo pela Inquiſiçaõ de Toledo, e nella o fora ſeu parente Duarte Mendes, e finalmente convencido de Judeo, Herege, e Apoſtata, fautor, e encobridor de Hereges, ouvio ſua ſentença a 13 de Março de 1605. Com taõ authentico documento, naõ padece duvida o referido; demais, que eſta opiniaõ ſe teve por conſtante, por algumas couſas, que ſe lhe ouviraõ, e ſe podem ver no referido Author.

Naõ cabe no eſtylo, que ſeguimos, poder alargarnos mais nas admiraveis acções da ſua Vida, e nos muitos milagres, que obrou depois da ſua morte. Ao ſeu trabalho, e cuidado ſe deve o Recolhimento da Villa de Oſſuna, na rua de Sevilha, que fundou, e eſtabeleceo, ſem outros meyos, que huma viva fé na Divina Providencia, vencendo muitas contradições, e acreditando com prodigios a Fundaçaõ. Em obſequio do Santiſſimo Sacramento, inſtituîo huma Confraria no ſeu Convento, em que padeceo grandes repugnancias, e repulſas dos Prelados, e veyo a conſeguir como ſobrenaturalmente, e com tanto fervor, que em menos de dous mezes ſe aſſentaraõ por Irmãos, quaſi cinco mil peſſoas, de ambos os ſexos, com que ſe augmentou o culto, e veneraçaõ do Santiſſimo Sacramento. Seu corpo foy enterrado em ſepulchro levantado da terra, ao lado do Altar môr, moſtrando neſte obſequio a ſua veneraçaõ os moradores de Oſſuna. Deſta ſorte eſteve, até que ſe lhe permittio culto privado por hum Breve do Cardeal Nuncio de Caſtella Julio Sacheto, Biſpo de Gravina, paſſado a 2. de Dezembro de 1624, no ſegundo anno do Pontificado do Papa Urbano VIII. mudando-ſe o Convento da Ermida de Santa Anna, para donde hoje permanece, ſe trasladou para huma particular Capella, em que lhe mandou lavrar hum precioſo ſepulchro a devoçaõ da Duqueza de Oſſuna D. Iſabel de Sandoval e Padilha, em que ſe poz eſte curto Epitafio.

Aqui yaze el Venerable Sierво de Dios Fray Antonio de San Pedro, claro em milagros, clariſſimo en virtudes,

tudes, que murió en esta tierra de Ossuna con indizible opinion de Santidad año de 1622.

Neste lugar esteve até o anno de 1652, em que sendo preciso continuar as obras da Igreja, se transferio o caixaõ das suas Reliquias, para a cella do Prelado, e depois se collocaraõ em a Capella, que na mesma Igreja fez, para o Santissimo Sacramento, D. Joaõ Munhos de Bocos, devoto do Servo de Deos. Nos lados da Capella formou dous occultos Nichos, que se encobrem com retabulos de S. Pedro Nolasco, e S. Raymundo, que servem de portas; em hum se guarda o chapeo, e escapulario, que he o remedio dos afflictos da Villa de Ossuna; em o outro o cofre das Reliquias do seu corpo, fechado com tres chaves, que se distribuem, huma ao Provincial, outra ao Prelado do Convento, e a terceira se deu a D. Joaõ de Munhos, e por sua morte ficou a seus herdeiros. Sem culto se guardaõ as Reliquias do Veneravel Fr. Antonio de S. Pedro, como constou da informaçaõ, que se fez por ordem do Arcebispo de Sevilha D. Ambrosio Ignacio Espinola e Guimaõ, que remeteo para Roma, para se ajuntar com o processo das mais diligencias, que se tem feito, em ordem à sua Beatificaçaõ, que com grande ancia esperaõ os moradores de Ossuna ver declarada pela Santa Sé Apostolica. A este fim lhe tem deixado em seus testamentos legados grossos pessoas da primeira grandeza de Hespanha, e outras ricas, e poderosas, que desejavaõ promover a gloria do Veneravel Fr. Antonio de Saõ Pedro, de quem faz mençaõ Fr. Luiz de Vera, no *Memorial desta Religiaõ* no Perú; Fr. Bernardo de Vargas *Chron. Geral da Religiaõ*, no Tratado de *Contagioso morbo Siciliæ*, impresso em Palermo, no anno 1626; Fr. Filippe Colombo, na *Vida do Veneravel Fr. Gonçalo Dias de Amarante*, liv. 3. cap. 31; Fr. Jorge de Saõ Joseph, seu Confessor, lhe escreveo a Vida, que se naõ imprimio; D. Luiz Antonio de Migoila, na *Ossuna Illustrada*, pag. 155; Rodrigo Mendes Sylva, seu compatriota, na *Poblacion de Hespaña*, nas Villas de Cerolico, e Ossuna, pag. 98.

C No anno de 1674, foy a morte da Madre Sor Maria Bautista, em o Mosteiro do Salvador de Evora. Da sua Fundaçaõ trataremos no dia 14 de Outubro, em que se faz memoria de Sor Catharina de Santo Antonio, primeira filha deste Mosteiro, e principal Fundadora. Era Sor Maria natural de Evora, e de tanta virtude, como temos referido, e se verificou com a sua morte. Da sua intercessaõ piamente creraõ as Religiosas alcançarem de Deos o livrallas de huma tempestade, que se levantou no ar, de relampagos, e trovoens, taõ crescida, que nella temiaõ perder a vida. A Prioressa de Santa Catharina, da mesma Cidade, vendo-se já nos ultimos termos da vida, lhe applicaraõ na parte leza huma alfaya desta Serva de Deos, e repentinamente se vio boa, e com inteira restituiçaõ de saude. Do livro da Fundaçaõ m. s. tiramos o referido.

D Acabaraõ os trabalhos de Fr. Manoel da Conceiçaõ, no anno de 1658, que foy o principio dos milagrosos successos, que depois experimentaraõ os moradores daquellas terras, animados pela sua Fé. Pertendiaõ os Hereges fazerem-se Senhores da melhor, e mais util parte da Ilha de Solor, lançando inteiramente fóra aos Portuguezes, e ainda aos Missionarios; começaraõ a destruîr, e assolar o Reyno de Amarraste, cujo Rey tinha recebido com o Bautismo o nome de D. Agostinho, dado pelo Padre Fr. Rafael da Veiga. Conservava com a Fé o amor à naçaõ Portugueza, de que o naõ podiaõ separar, nem as conveniencias, nem o medo dos Holandezes; e assim Deos nas mayores tribulaçoens o soccorreo. Vendo os Holandezes naõ admittida a sua liga, desprezada a sua amisade, intentaraõ castigar a sua rebeldia, para o que marcharaõ com hum corpo de mil e trezentos Holandezes, a que se ajuntavaõ muitas pessoas de diversas naçoes do Oriente, mandadas por hum Cabo experimentado, e foraõ buscar ao Rey, que sem mayor soccorro, do que dezasete Portuguezes, que unio à sua gente, o esperava; e supposto, que cuidadoso, à vista dos inimigos (cheyo de Fé) levantou os olhos ao Ceo, pedindo-lhe a sua assistencia, pois em defensa da Fé, que professava, se via naquelle evidente perigo; mas o Ceo lhe mostrou com prodigios o seguro da sua Protecçaõ; sendo o primeiro, dar huma bala de mosquete em

os

os peitos do Capitaõ Portuguez, que era a eſperança, com que ſe liſonjeavaõ na ſua experiencia, e diſciplina. Ao golpe cahio, e ſem receber damno ſe levantou o Capitaõ, com admiraçaõ dos circunſtantes, e do Rey, que já com lagrimas ſe dava por perdido. O ſegundo foy ver o Capitaõ a ſeu lado, naõ ſó os ſete Soldados, que o acompanhavaõ, mas cinco, que tinha mandado guarnecer outro poſto, de que enfadado os reprehendeo, como quebrantadores do ſeu preceito, deſamparando o lugar, em que os puzera; mas elles ſem reſponder palavra, continuavaõ com valor na defenſa, e depois ſe entendeo ſerem os Anjos da Guarda, que em ſua ajuda combatiaõ. A terceira maravilha foy, que naõ havendo naquelle lugar Religioſo, viraõ os Holandezes hum Frade Dominico, que com hum moſquete inceſſantemente os offendia, tendo a ſeu lado huma peſſoa, que elles naõ podiaõ diviſar, que lho carregava, e entendendo ſer algum dos de Timor, lhe diziaõ os Holandezes, com raiva, e moſa: appontay bem Padre, que ſe me naõ offenderes, eu vos derrubarey por terra; e por mais, que cuidadoſos fizeraõ a pontaria, nunca o poderaõ offender. Depois com eſpanto referiraõ eſte caſo, naõ em Capaõ, em Solor, e Macaçar; mas em Batavavia, dizendo, que ſe naõ podia ſofrer a Guerra de Timor; porque eraõ muy deſtros os Religioſos. Viaõ os Holandezes, que depois, que principiaraõ o attaque, naõ tinhaõ empregado tiro, ſendo já paſſadas muitas horas de combate, ſem que morreſſe dos contrarios algum, e da ſua parte eſtava o campo juncado de corpos mortos; e neſta deſeſperaçaõ voltaraõ as coſtas, e ſe pozeraõ em fugida, de que animados os noſſos, ſahiraõ a picallos na retaguarda, com tanto valor, que mataraõ neſta acçaõ, mais de trezentos Holandezes, e dos Amboinos, Ternates, e outras naçõens, hum grande numero; fazendo complecta a victoria, o ficarem nas ſuas mãos tres bandeiras, e alguns tambores, peſſas de campanha, quantidade de munições de Guerra, e outras bagagens, com que ſe recolheraõ contentes, victorioſos, e ricos dos deſpojos. O Capitaõ naõ ſofrendo, que contra a ſua ordem deſamparaſſem os cinco Soldados o poſto, em que os puzera, os reprehendeo, e moſtraraõ com os naturaes, que nunca o largaraõ. Entaõ deraõ as graças ao Senhor das victorias, que taõ manifeſtamente os ſoccorrera, e o Rey naõ ceſſava de render as graças a Deos, pelo livrar das mãos dos inimigos da Fé. Fr. Antonio da Encarnaçaõ, em huma Relaçaõ dos progreſſos deſta Miſſaõ, cap. 13. pag. 50; e Soveges no *Anno Dominicano*, neſte dia.

E Varias vezes nos lembramos neſta Obra, daquella grande peſte, que padeceo Lisboa, no anno de 1569, em que ditoſamente acabou o Padre Franciſco Gonçalves, de quem faz memoria o *Menologio da Companhia* m. ſ. neſte dia; e Taner *Societas Europ.* part. 1. pag. 115; e o *Anno Santo da Companhia*, neſte dia.

F Na occaſiaõ, em que os Holandezes deraõ com hum patacho, que navegava para a China, no qual embarcaraõ alguns Religioſos da Companhia, e outros Capuchos: o fizeraõ tambem quatro Dominicos, dos quaes tres morreraõ affogados, com todos os que naõ ſouberaõ nadar, eſcapando hum dos quatro, chamado Fr. Luiz da Trindade, em o anno de 1659, de que faz mençaõ Fr. Antonio da Encarnaçaõ, na Relaçaõ, que imprimio das Miſſoens de Solor; Lima no *Agiolog. Dom.* e Soveges, neſte dia.

JULHO XXXI.

O P. Affonso Cypriano da Compan

AM Meliapor, na India Oriental, o ditoso fim do Padre Affonso Cypriano, zeloso obreiro do Evangelho, e glorioso imitador do Santo Xavier; porque elle foy o primeiro, que depois do Santo, passou a cultivar aquella antiga Christandade, que vivia entre os abrolhos, e espinhos taõ submergida, que com novo trabalho arrancou os abominaveis vicios de seus moradores, taõ esquecidos, que naõ havia mais, que dous annos, que S. Francisco Xavier se ausentara daquella Cidade, e já eraõ taõ differentes os costumes, que pareciaõ naõ conhecerem a Fé mais, que pelo nome. Na Costa da pescaria, andava o Padre Cypriano, quando o Santo Xavier o chamou a Goa, para o enviar a esta Missaõ, em que fez grande fruto para a Universal Igreja, em o espaço de onze annos, reduzindo a muitos à nossa Santa Fé, compondo as discordias, ensinando aos meninos a Doutrina Christãa, prégando continuamente, reprehendendo com efficacia os vicios, e com Apostolico zelo os admoestava. Já naõ tinha outro nome, senaõ o de Santo, entre aquelles póvos, e verdadeiramente merecido das suas obras, que Deos acreditou em varias occasioens, fazendo publica a sua virtude, como se vio em o caso seguinte. Aportou naquella Cidade hum navio, de que o Capitaõ era tartamudo, e ao Piloto faltava hum olho, homens de costumes depravados, estando já o navio prompto, para seguir a sua viagem, e já em termos de dar à véla, furtou o Piloto a mulher de hum pobre Neophito, de que andava namorado, e nos olhos de todos se embarcou o roubo. Queixava-se o miseravel marido, e bradando pelas Praças, pedia ao Ceo Justiça. Sabe o Padre Affonso do succedido, arde em zelo, vay-se a bordo, mostra a fealdade da culpa, da parte de Deos pede a restituiçaõ da mulher alheya, e com vivas palavras lhe annunciava infalivel castigo de taõ abominavel culpa; mas obstinados com notavel cegueira, se desculpava o Piloto com o Capitaõ, e este com o Piloto, e ambos endurecidos às lagrimas do Padre, e zombando dos infaustos annuncios, puxaraõ pelas vélas, marearaõ o navio, e se fizeraõ ao

mar. Voltou o virtuoſo Padre, triſte, e deſconſolado, para terra, e a primeira vez, que prégou ao povo, profetizou, que o navio padeceria naufragio, que o torto ficaria cego, e o que era tartamudo, perderia a falla. Aſſim ſuccedeo, porque trocando-ſe o tempo favoravel, em cruel tempeſtade, para ſalvarem as vidas, deraõ com o navio à coſta, encalhando na praya, que as ondas à ſua viſta deſpedaçaraõ. O Capitaõ querendo vencer com o trabalho a affliçaõ, gritou tanto, que ficou mudo, eis-que lhe appareceo o Piloto, cheyo de colera arremeteo com elle, como principio da ſua deſgraça, pelo aleivoſo rapto, lhe tira fóra o unico olho de que via, ficando por eſte modo cego hum, e outro mudo; e pobres, e mendigos, foraõ naquella Cidade vivas teſtemunhas da virtude do Apoſtolico Varaõ, e exemplo para os atrevidos. Cheyo finalmente de merecimentos, prediſſe a ſua morte, pela qual foy a gozar os premios merecidos de taõ glorioſos trabalhos, deixando huma viva ſaudade nos Portuguezes, e nos que de novo haviaõ recebido a Fé, e ainda nos Mouros, e Gentios; porque todos a huma voz diziaõ, que perderaõ o ſeu amparo.

O Irm. Nicolao Kean Fucunanga da Compan.

B Em a Cidade de Nanganſachi, no Imperio do Japaõ, o glorioſo triunfo do acerbo Martyrio do Irmaõ Nicolao Kean Fucunanga, da Companhia de Jesu, a quem os Padres de tenros annos criaraõ no Seminario, em que aprendeo com as letras a virtude, de que lhe naſceo hum grande zelo da Fé, deſejando aggregar a eſte conhecimento todos os ſeus naturaes. Aſſim prégava com tal efficacia, que as ſuas palavras foraõ inſtrumento de paſſarem muitos da cega idolatria à precioſa luz do Evangelho. Era já tanto o credito das ſuas palavras, que ſentido o Emperador dos muitos, que deteſtavaõ com abominaçaõ os Idolos, mandou deſterrar a Nicolao dos dominios do Japaõ. Obedeceo ao Decreto, largando a ſua Patria; mas animado de novas inſpiraçõeſ da Graça, tornou àquelle Reyno, que o eſperava com a immarceſſivel palma do Martyrio, nunca até entaõ excogitado pelos crueis tyrannos da Fé; e foy, mandar pendurar a Nicolao no ar, com a cabeça para baixo, as mãos atadas, e meter em huma cova até os peitos, e fechar eſta com humas taboas, obradas à feiçaõ do corpo, para que naquelle horroroſo tormento acabaſſe em ſumma affliçaõ a vida. Mas Deos, que queria manifeſtar a gloria do ſeu nome,

me, o confortou com a Celeſte viſta de MARIA Santiſſima, de cujo dulciſſimo Nome era eſpecial devoto. Com eſta ſagrada viſta ceſſaraõ os tormentos, deſataraõ-ſe as cordas, abriraõ-ſe as cadeas, e com agua fria ſe animaraõ os eſpiritos, e ſe regalou o corpo, e para irrefragavel teſtemunho ſe achou na cova huma clara fonte de agua. Cuidadoſos os Guardas o foraõ obſervar no ſilencio da noite, quando com admiraçaõ vêm a Nicolao ſentado ſobre a cova, livre dos tormentos, e das ligaduras. Confuſos ouviaõ o ſucceſſo, perguntando-lhe o que naquelle tormento era mais penoſo, a que com eſpirito reſpondeo: que nada o affligia mais, que naõ poder reduzir à Fé de JESU Chriſto a Toxoguſama, com todo o ſeu Imperio, e que eſta era ſó a dor do ſeu Martyrio, em que ſendo ſegunda vez poſto, ao quarto dia, deu glorioſo fim à vida.

Sor Maria de S. Agoſtinho Deſc.

C No Moſteiro de Santo Agoſtinho, extra muros da Cidade de Lisboa, Sor Maria de Santo Agoſtinho, huma das primeiras habitadoras deſte obſervantiſſimo Moſteiro, em quem nem o avançado dos annos já debeis, e fracos, com a idade poderaõ acabar com ella afrouxar as rigoroſas penitencias, com que de continuo ſe mortificava, ao que as Preladas acodiaõ nas doenças; porque naõ fazia excepçaõ de tempo, dormindo em humas taboas, cuberta com huma pobre manta, que eſta foy a cama, que ſempre teve. A ſua peſſoa foy o exemplar da modeſtia, e do deſprezo do Mundo, trazendo, ao peſcoço huma corda de eſparto, com que prendia os ſentidos, naõ os querendo mais livres, que para a meditaçaõ. A's ſuas Companheiras naõ ſó edificava com o ſeu exemplo, mas toda ſe applicava em as ſervir, conſolando as affligidas, e triſtes, ſendo a medianeira nos diſſabores, em muitas occaſioens, para com os Prelados, e Preladas; e como a ſua virtude era taõ conhecida, em todos cauſavaõ reſpeito as ſuas palavras. Teve grande conformidade nas doenças, de ſorte, que encobria as ſuas queixas, por naõ fazer publicos os frutos da ſua paciencia. A huma ſua Companheira de igual virtude pedio lhe alcançaſſe de Deos, que em quanto viveſſe, podeſſe ter alentos para aſſiſtir às Miſſas, e commungar, e aſſim o conſeguio do Altiſſimo; moſtrando neſta ſupplica a ſua humildade o pouco, que confiava na ſua interceſſaõ. Achava-ſe já na idade decrepita, chea de achaques; mas nem por iſſo ſe abſteve de correr as Eſtaçoẽs

da Via-Sacra, e os Paſſos da Paixaõ de Chriſto, deſcalça, até que finalmente acabou em paz, deixando da ſua mortificada vida huma ſaudoſa memoria.

Simaõ Sumya M. Japaõ.

D Em Oxu, no Japaõ, o Martyrio de Simaõ Sumya Cuyemon, que tendo ſido pagem do Tono, com valeroſa reſoluçaõ ſoube deſprezar todas as felicidades do Mundo, por confeſſar a Fé de JESU Chriſto: pelo que mereceo acompanhalo na ſemelhança; e ſendo crucificado, acabou às lançadas, com grande conſtancia, e ſatisfaçaõ, por ſer dia de Santo Ignacio, de quem era muy devoto, e o foy acompanhar na Celeſte Jeruſalem.

Fr. Franciſco da Conceiçaõ Dominico.

E Na Ilha de Timor, ſe conſervará ſempre a memoria do Veneravel Fr. Franciſco da Conceiçaõ, Dominico, que com zelo da Religiaõ Catholica, ſe oppoz animoſamente aos crueis intentos, com que os Holandezes pertendiaõ conquiſtar aquella Ilha, deſtruindo com os erros da hereſia o dominio da Igreja Romana, em cuja obediencia vivia aquella Chriſtandade, que com tanto trabalho ſe tinha cultivado. Deſanimados já os moradores do formidavel poder dos Holandezes, eſtavaõ reſolutos a deſamparar a terra, ſe a conſtancia de Fr. Franciſco os naõ perſuadira à defenſa, e com animoſa fé lhes dizia eſperaſſem na Miſericordia de Deos, em que haviaõ de achar remedio na ſua tribulaçaõ. Animados deſtas palavras ajuntaraõ alguma gente, com que fizeraõ hum corpo de cem moſqueteiros Portuguezes, com que occuparaõ hum poſto ventajoſo no coraçaõ da Ilha, que o inimigo queria ſenhorear: nelle ſofreraõ ſeis mezes de ſitio, em que padeceraõ fomes, e os mais trabalhos, que ſe experimentaõ, quando ſaõ dilatados. Viaõ que ſe augmentava nos inimigos o poder, e que os buſcavaõ preocupados de tal medo, ſem acordo, nem conſelho, tiveraõ firme reſoluçaõ de deixar a Ilha, e paſſar a Laranta, e ſem duvida o executaraõ, ſe Fr. Franciſco, cheyo de confiança em Deos, que lhe animava o coraçaõ, lhe naõ detivera com a ſua perſuaçaõ eſte intento. Era grande o corpo da gente, que os inimigos ajuntaraõ; começaraõ com confiança a empreza, accommetendo com reſoluçaõ o poſto, que os noſſos guarneciaõ, que com valor os rechaçaraõ, de ſorte, que os obrigaraõ a retirarſe com grande perda. Tres horas durou o combate, de que naõ receberaõ damno os noſſos. Envergonhados os inimigos

gos de valor taõ extraordinario, determinaraõ ſitiar a trincheira, de que os noſſos com acordo admiravel ſe retiraraõ a poſto mais ſeguro, e em parte donde ſem difficuldade podeſſem receber os Soldados, que com dous Capitaens tinhaõ mandado a impedir a junçaõ de hum Rey barbaro, alliado dos Holandezes, e juntamente a buſcar alguns mantimentos, de que eſtavaõ muy faltos, conſeguiraõ com fortuna recolherem os noſſos àquelle poſto; e fazendo entre ſi conſelho, aſſentaraõ dar em huma madrugada impenſadamente nos quarteis dos inimigos, o que fizeraõ com tal valor, que poſtos em confuſaõ, nenhum ſe ſabia defender. Os noſſos davaõ nos inimigos ſem nenhuma reſiſtencia, de tal ſorte, que de hum luzido pé de exercito, naõ ficaraõ mais, que cinco Holandezes com vida, perecendo igualmente Cabos, e Officiaes, e com elles ElRey de Amanace; averiguando-ſe, que neſta acçaõ, por confiſſaõ dos meſmos inimigos, ſe vira hum Religioſo veſtido de branco, no Habito de S. Domingos, que com huma cana na maõ lhes dava de tal ſorte, que confundidos, e deſanimados, naõ tinhaõ valor para reſiſtir.

A M. Sor Antonia de Jeſus Dominica.

F Em o Moſteiro da Roſa de Lisboa, da meſma Familia Dominicana o precioſo obito da Madre Sor Antonia de Jeſus, vivo exemplar da virtude, e ſingular devota de ſeu ſanto Patriarca, debaixo de cujo nome dirigio todas as ſuas acções; e como correſpondiaõ com o deſejado effeito, ao Protector rendia as graças do bom ſucceſſo, ſem que aos ſeus merecimentos deixaſſe alguma parte. Os ſeus innocentes coſtumes, a fizeraõ digna de a elegerem por Prelada, officio, que exercitou com tal cuidado, naõ ſó com zelo do eſpiritual, mas tambem do material edificio do Moſteiro, que ainda hoje lhe he obrigado. Vinte annos depois foy ſegunda vez eleita em Prioreſſa. Era já muy entrada na idade, mas com zelo vivo da Religiaõ, e gloria de Deos; porque naõ padece o eſpirito os defeitos da natureza, e obrigada das inſtancias de ſuas Irmãas aceitou o lugar, e começando a lidar com as obrigações do officio, vio que o corpo caduco, e velho, ſe rendia ao trabalho, naõ podendo ſeguir o rigor da Religiaõ, que ſem o exemplo, coſtuma de ordinario afrouxar, e aſſim paſſados dous annos, pedio abſolviçaõ do lugar: apenas ſe vio livre, quando como de tropel, começaraõ a perſeguilla as doenças, e a lançaraõ entre-

entrevada em huma cama. Neſte eſtado exercitando a paciencia, em huma verdadeira reſignaçaõ, eſtando acompanhada de ſuas ſobrinhas, mereceo lograr ver o Salvador do Mundo, ſobre hum globo de luz, acompanhado do Bautiſta, que a abençoava, e chea de Celeſtial alegria batia nos peitos, com violencia, dizendo: *Ecce Agnus Dei. Ecce qui tollit peccata mundi.* De que admiradas as Companheiras, lhe perguntaraõ, o que via, e ella repetindo o referido, devotas inſtavaõ, em que parte eſtavaõ aos pés do leito? Reſpondia a virtuoſa Sor Antonia, e conhecendo a graça, que recebia do Altiſſimo, com diſſimulaçaõ ſanta, arrependida do fervor do ſeu eſpirito, do que relatara, diſſe, que naõ via nada; porque eſtava ſonhando, mas era tal a ſua vida, que naõ padeceo duvidas nas circunſtantes ſer celeſte viſaõ. Paſſados poucos dias perdeo a falla, mas ſem damno do entendimento, nem do uſo dos membros; e ſendo recreada com aſſiſtencia de ſeu Padre S. Domingos, acabou em paz. Depois de ſua morte appareceo duas vezes com veſtido alvo, como a neve, o roſto reſplandecente, a huma boa Religioſa, que em poucos dias acabou de hum accidente.

Miguel Japaõ. G Neſte meſmo dia, na Cidade de Miaco, acabou a vida Miguel Japaõ, o qual ſendo prezo em odio do Nome de JESU Chriſto, por cujo amor depois de ter padecido com admiravel conſtancia, injurias, e afrontas dos ſeus naturaes, ſofrendo fomes, e trabalhos, eſperando todos os dias o meſmo genero de morte, que via executar nos ſeus amados Companheiros, rendeo a vida na prizaõ.

Fr. Bento de Monſerrate Bened. H Item em Lisboa, no Monacal Moſteiro de S. Bento da Saude, faleceo Fr. Bento de Monſerrate, de taõ Religioſa obſervancia, que aſſim que tomou o Habito, moſtrou logo nos exercicios Monaſticos, que ſeguia, o muito, que havia de aproveitar na Religiaõ, da qual teve grande zelo, guardando com pontualidade a ſanta Regra; de ſorte, que nunca deixou de jejuar nos dias deſtinados pelas ſuas leys. Foy muy obſervante do ſilencio, e com tanta exacçaõ, que onde o via quebrado, o eſtranhava, e reprehendia, de maneira, que fogiaõ os Religioſos igualmente delle, que do Prelado; porém com tal modeſtia, e brandura, advertia, que deixava edificados os meſmos cumpleces. Da ſua boca ſe naõ ouvio em tem-

tempo algum, palavra, que pudeſſe eſcandaliſar, o que o fez ſummamente amado dos Religioſos, e reſpeitado dos Seculares. Chegado finalmente o tempo decretado pelo Altiſſimo, acabou com ſuave morte, deixando ſaudoſa enveja aos ſeus Religioſos, que com lagrimas, e ſuſpiros o meteraõ na ſepultura.

Commentario ao XXXI. de Julho.

A O Padre Affonſo Cypriano, foy recebido em Roma por Santo Ignacio, de quem alguns imaginaraõ era patricio, por ſer Heſpanhol. Por elle foy mandado a Portugal, para a Miſſaõ do Oriente, quando já tinha cincoenta annos; mas de compleiçaõ robuſta, e capaz de emprender os diſcommodos de taõ larga viagem. Chegou à India, e eſteve hum anno em Goa, e outro na Peſcaria, debaixo da obediencia do Padre Antonio Criminal, cujo glorioſo Martyrio eſcreveo ao Padre Santo Ignacio a Roma. Depois foy mandado, como temos dito, a Méliapor, onde as ſuas virtuoſas obras lhe deraõ o glorioſo nome de Santo; e ſendo velho trabalhava como moço, naõ havendo couſa de que ſe iſentaſſe. Depois de padecer muitos trabalhos pela gloria de Deos, morreo no anno de 1559, tendo ſeſſenta e nove annos; tendo gaſtado doze na Miſſaõ de Meliapor. Pedio, que o ſeu corpo foſſe enterrado no Adro da Igreja, em que eſtá o Apoſtolo Saõ Thomé. Eſtas precioſas Reliquias foraõ a conſolaçaõ dos ſeus trabalhos. Elle foy o Fundador da Reſidencia de Saõ Thomé. Os Padres de Saõ Franciſco, em obſequio da veneraçaõ, que lhe tinhaõ em vida, com ſolemnes Exequias, com Sermaõ, teſtemunharaõ o ſeu affecto. Os bem inclinados, e devotos, procuravaõ ter a ſua ſepultura junto do Servo de Deos. Neſte lugar eſteve, até que no anno de 1580, foraõ ſeus oſſos trasladados, para a Igreja da Companhia. Pomos neſte dia a ſua morte, ſeguindo a Souſa no *Oriente Conquiſtado*, part. 1. Conq. 2. pag. 314, que foy nas Veſperas de Feſta das Cadeas de S. Pedro, verificando-ſe deſta ſorte, o que elle diſſera, que ſeria no principio deſta Feſta, que começa pelas Veſperas do Santo, ſem embargo, de que os mais dos Authores o ponhaõ no primeiro de Agoſto. Neſſe dia, ſe lembra delle Nadaſi; o *Menelog. da Companh.* m.ſ. Nieremberg. *Honor del gran Patriarch. S. Ignacio* pag. 570; Orlandin. *Hiſtoria Societatis*, liv. 3. n. 114. pag. 101; Albergaria *Triunfos Luſitanos* m.ſ. Joaõ de Lucena *Vida de S. Franciſco Xavier.*

B A Cidade de Vomio no Japaõ, que dá nome a hum Reyno na Ilha de Niphonia, foy Patria do Irmaõ Nicolao Kean Fucunanga, da Companhia, inſigne Catequiſta, e Prégador, occupações, que exercitou por eſpaço de quarenta e cinco annos, em que foy muy grande o numero dos Japoens, que converteo, e bautiſou em varios Reynos daquelle dilatado Imperio, até que prezo em Ficem, veyo a ſer martyriſado, imperando Toxoguſama, no anno de 1633, neſte dia, como refere Nadaſi, e Cardim nos Elog. pag. 157. Elog. 57. Guerreir. na *Coroa dos Martyres*, part. 4. cap. 39. pag. 530, o poem a 20 de Julho, e tambem, que fora degolado, o que já refutou Cardim no lugar citado; Nieremberg *Vidas exemplares*, pag. 353.

C Entre a Familia, que o Sereniſſimo Senhor Rey D. Joaõ o IV. de glorioſa memoria, trouxe de Villa Viçoſa, o acompanhou Joaõ Bravo, e Leonor de Oliveira, pays de Sor Maria de Santo Agoſtinho, natural da meſma Villa; e ſendo já de idade decrepita, entrou no Moſteiro das Deſcalças de Santo Agoſtinho, em lugar, que lhe deu a Sereniſſima Rainha D. Luiza, ſua Fundadora, no anno de 1668. Obſervou-ſe na ſua morte, que foy neſte dia, no anno de 1688, que naõ faltou Religioſa alguma a lhe aſſiſtir, nem ainda alguma impedida por doente, ſatisfazendo deſta ſorte à vontade,

tade, com que ſempre as acompanhou; porque nunca podia eſtar ſem alguma Religioſa. Depois ſuccedendo trasladarem-ſe os oſſos de outras Religioſas, ſe mandaraõ ajuntar todos na ſua ſepultura, para que até alli eſtiveſſe acompanhada, eſperando a Reſurreiçaõ Univerſal. Das Memorias m. ſ. que temos deſte Moſteiro, tiramos o referido.

D Na perſeguiçaõ do Cruel Emperador Toxoguſama, tantas vezes nomeado no diſcurſo deſta Obra, no anno de 1629, padeceo Martyrio Simaõ Sumya, no Reyno de Oxu, o mais Oriental, e Boreal dos ſeſſenta e ſeis Reynos, ou Provincias, de que ſe compoem aquelle dilatado Imperio, e mayor do que muitos juntos. Tem pelo Oriente, por termo o mar, com alguns bons pórtos, e ao Meyo dia o Reyno de Titachi, e ao Norte lhe fica o mar da Tartaria, da qual ſe divide por hum pequeno eſtreito, que ſe paſſa em meyo dia do Japaõ à Tartaria. Delle ſe lembra Morejon *Hiſtoria do Japaõ*, pag. 104; Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*; e Albergaria *Triunfo dos Luſitanos* m. ſ.

E Eſta glorioſa victoria, que temos referido no Texto, ſe atribue à Protecçaõ do Patriarca S. Domingos, que quiz acodir ao zelo, e virtude de ſeu filho o Padre Fr. Franciſco da Conceiçaõ: zelo taõ ardente da exaltaçaõ da Fé, naõ devia deixar de ſer ornado de virtudes dignas de hum Apoſtolico Miſſionario, e a confiança, com que os moradores de Timor, ſe animavaõ das ſuas palavras, daõ a conhecer a veneraçaõ, com que as eſtimavaõ, para ſe perſuadirem a huma defenſa, que parecia impoſſivel aos olhos do Mundo; porém a Fé deſte Religioſo os obrigou, a que com cem Portuguezes, e outros tantos naturaes, ſe arrojaſſem ao poder dos Holandezes, taõ deſigual, que diz o Padre Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia, que ſe compunha de dezoito para dezanove mil Holandezes: parece, que ſe equivocou; porque naõ era eſta empreza, para mandarem os Eſtados de Holanda dezanove mil homens a Aſia, nem a Relaçaõ, que allega, de Fr. Antonio da Encarnaçaõ, diz tal couſa, quando no cap. 13. conta eſte milagroſo ſucceſſo; e aſſim como ſe enganou em fazer ſó o numero a quarenta Portuguezes, ſe perſuadio, a que ſe podia ajuntar na Aſia exercito taõ florente de gente Europea. Naõ ſe fizeraõ eſtas Conquiſtas taõ dilatadas, com corpos taõ numeroſos, e inda que os Holandezes ſaõ poderoſos no mar, e com muitas náos fazem as ſuas viagens, conſidere-ſe, que navios ſaõ neceſſarios, para conduzir dezanove mil Soldados à India, e chegar a conſeguir formalos em terra. De ſemelhantes erros ſe naõ livra, quem ſe perſuade, que tudo cabe no poſſivel, e naõ devem ſer os Eſtrangeiros, os que nos informem da noſſa Hiſtoria; porque ſe os ſeguirmos, cahiremos em muitos erros; Soveges no *Anno Dominicano*, neſte dia, em que fazemos memoria de Fr. Franciſco, que achamos pelos annos de 1658.

F Em o principio do ſeculo de 1600, acabou Sor Antonia de Jeſus, prima com irmãa do Santo Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; baſtante Elogio para a ſua peſſoa, e muito mais, que naõ deſmereceo nas obras o parenteſco; porque no zelo da Religiaõ foy ardente, e no cuidado da Caſa vigilante. A primeira vez que foy Prelada, moſtrou o elevado dos ſeus penſamentos na obra, que intentou, comprando huma rua inteira de caſas, que meteo na Clauſura, com licença do Senado, com todo o vaõ da rua, obra digna de hum coraçaõ grande. Com eſta obra ſe alargou o Moſteiro, ficando deſta ſorte as Religioſas bem accommodadas, e utilizadas para o ſerviço da Communidade em officinas, de que neceſſitava o Moſteiro. Tambem foy fabrica ſua hum lanço do Clauſtro. Abrio hum poço, por cuja falta era deſaccommodado o Moſteiro. Neſtas, e em outras obras diſpendeo com maõ larga, afiançada na Divina Providencia, que naõ falta aos que bem a ſabem ſervir. Faz della mençaõ Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia, e Souſa na III. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, liv. 2. cap. 3. pag. 96.

G Era Miguel filho de Joaquim Coniya, do qual fizemos mençaõ a 16 deſte mez, acabando tambem a vida no carcere de Miaco, no anno 1619, ſeguindo o bom exemplo de ſeu pay, como refere Cardim no *Catalogo dos mortos pela Fé*, pag. 279.

H No livro dos Obitos do Magnifico Moſteiro de Saõ Bento, a pag. 11, ſe faz menção de Fr. Bento de Monſerrate,

te, que faleceo neſte dia, no anno de 1620. Era natural da Cidade de Lisboa, ſeu pay foy Cavalleiro da Militar Ordem de Saõ Bento de Aviz, e criando-ſe virtuoſamente o applicaraõ à Muſica, na qual ſe adeſtrou tanto, que foy admittido na da Capella Real: e affeiçoando-ſe à Religiaõ de Saõ Bento, que frequentava muito no Moſteiro da Eſtrella, conſeguio ſer admittido à Ordem, onde profeſſou, e viveo com o exemplo, que temos referido.



AGIOLOGIO LUSITANO

DOS SANTOS, E VAROENS Illuſtres em virtude, do Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

AGOSTO I.

A NO Valle de Chellas, no Moſteiro de Conegas Regrantes, ſe feſteja com grande ſolemnidade a Saõ Felix Martyr, cujas ſagradas Reliquias ſe veneraõ neſta Caſa, que lhe foy dedicada de tempos taõ antigos, que excede a memoria das gentes, e ſe conſerva em conſtante tradiçaõ na fé de todo o Reyno, augmentada com milagres do Santo Martyr, que eſte inſigne Moſteiro ſolemniſa neſte dia, como ſeu Patrono. Foy natural de Sulitana, Cidade de Africa, e querendo polir com o uſo das Sciencias, a viveza do ſeu engenho, paſſou de Ceſaréa, Metropoli da Mauritania; aqui entregue aos eſtudos, em companhia de ſeu irmaõ Cucufate, fez taes progreſſos nas eſcolas, que já no juizo dos companheiros conſeguia eſtimações de em breve tempo ſer douto nas Sciencias; mas illuſtrado de ſuperior luz, trocou os cuidados dos eſtudos, por ſeguir ſómente a importante doutrina do Evangelho. Neſte deſejo o abrazou mais a noticia de em Heſpanha ſe enfurecer a crueldade na perſeguiçaõ dos infieis daquella primitiva Igreja, e aſpirando de ſer Companheiro no Martyrio daquelles, que amava no coraçaõ, lançou de ſi apreſſadamente os livros, que ſeguia por genio, como remoras, que detinhaõ a ſua reſoluçaõ. Dizia: *De que me ſerve a* *S. Felix M.*

Filoſofia deſte Mundo? Neceſſario he apreſſarme a buſcar a vida eterna, que dá tempo ao tempo, que naõ teme os inſtromentos da morte, mas ſó attende ao Author da vida. E neſta firme reſoluçaõ, ſe embarcou para Heſpanha, e com boa viagem aportou em Barcelona; della caminhou a Gyrona, que o eſperava com a coroa de hum largo, mas eſclarecido Martyrio. Começou logo Felix com animo intrepido a prégar a verdade do Evangelho. Acreditava com o exemplo da ſua admiravel vida, a doutrina que publicava: em pouco tempo eſpalhada a fama das ſuas obras, era commua a veneraçaõ, com que o reſpeitavaõ todos aquelles póvos. Chegou eſta noticia a Daciano Prefeito do Romano Imperio, nas Heſpanhas, e mandou a Rufino ſeu Miniſtro o prendeſſe, para que foſſe caſtigado aquelle tranſgreſſor dos Imperiaes Edictos. Confeſſou Felix conſtante o Nome de JESU Chriſto, ratificando muitas vezes a verdade da doutrina do Evangelho, que ſeguia, e publicava: pelo que o mandaraõ açoutar com barbara crueldade, e depois atado de mãos, e pés, foy metido em huma immunda, e horroroſa prizaõ, negando-lhe até o preciſo alimento, para conſervar a vida. Daqui o tiraraõ para o martyrio, e atado o fizeraõ arraſtar por duas mullas, correndo os lugares mais publicos da Cidade. Deſconjuntado o corpo, e quaſi ſem vida, foy tornado ao carcere, e viſitado de noite por hum Anjo, milagroſamente o ſarou das feridas, e confortado recebeo novos alentos, com que ſe animou a ſua conſtancia, para contender com os exquiſitos tormentos, que no ſegundo combate o eſperavaõ. Era Felix dos primeiros Chriſtãos, que experimentavaõ a crueldade de Daciano, que com infernal politica queria com o horror dos tormentos atemoriſar os coraçõeſ de todo o Chriſtianiſmo: e aſſim naõ houve martyrio, que tiveſſe inventado a diabolica malicia dos algozes, que ſe naõ executaſſe em o Santo. Já com unhas de ferro lhe foraõ crueliſſimamente deſpindo a pelle, tendo-o dependurado com a cabeça para baixo algumas horas, mas vencia animoſo a tyrannia; porque de novo confortado com Celeſtes favores, naõ ſentia dor alguma, acreditando Deos, com eſta milagroſa inſenſibilidade os merecimentos de ſeu Servo. Recolhido ao carcere, foy outra vez viſitado de Angelicos eſpiritos, que com acordes muſicas, e reſplandecentes luzes, enchiaõ de innumeraveis

veis gozos aquella ditoſa alma. Sentiraõ os guardas eſta eſtupenda maravilha, e confuſos, e admirados, deraõ conta a Ruſino, que raivoſo de ver tantas vezes vencida a ſua tyrannia, reſolveo de huma vez acabar com a vida do Santo; e aſſim mandou, que foſſe lançado no mar, que diſta algumas legoas de Gyrona: a eſte fim o ataraõ de pés, e mãos, e executaraõ os impios Miniſtros a ordem; mas por Divina diſpoſiçaõ, deſatadas as ligaduras por hum Anjo, ſuſpenſo ſobre as aguas, como em branda cama, ſuavemente o conduziraõ à praya as meſmas ondas. Corrido o Tyranno daquelle prodigio, e quando devia convencerſe do milagre, obſtinado, e cruelmente enfurecido, vendo que naõ podia com tormentos dar fim àquella ditoſa vida, mandou, que foſſe ſecretamente degolado no carcere; e aſſim foy coroado na eternidade, por hum dos mais inſignes Martyres da Militante Igreja.

São Bono Presbit. e M.

B Em Roma na Via Latina, o admiravel triunfo de S. Bono, Presbytero, e ſeus Companheiros, que pela confiſſaõ da Fé de JESU Chriſto, mereceo ſer coroado de Martyrio, deixando de taõ illuſtre dia eſclarecida memoria, nos actos de Santo Eſtevaõ Papa, e Martyr. Muitos annos depois já no Pontificado do Summo Pontifice Alexandre VII. foy trazido ſeu ſagrado corpo ao Convento da Trindade de Lisboa, como eſcreve o Agiologio, no dia da ſua Trasladaçaõ, a 12 de Mayo.

Collocaçaõ dos Santos Martyres.

C Item no Moſteiro de Chellas, a Collocaçaõ das ſantas Reliquias de S. Felix Diacono Martyr, Santo Adriaõ, e Santa Natalia Martyres, e ſeus Companheiros, tambem Martyres, cujas Reliquias ſe guardaraõ muitos annos em cofres, metidos em duas arcas de pedra, até que a piedade, e devoçaõ de D. Joanna da Columna, Prioreſſa daquelle inſigne Moſteiro, as collocou em cima dos Altares collateraes da Igreja: o da parte do Evangelho dedicado a S. Felix, com doze Companheiros, em meyos corpos: o de Santo Adriaõ da parte da Epiſtola, com outros doze Martyres na meſma fórma, e tudo compoem hum famoſo, e polido Santuario, que ſe manifeſta em varias feſtas do anno ao povo, que concorre a eſte lugar, com muita devoçaõ, obrigados dos grandes milagres, que pelo ſeu patrocinio em diverſos tempos tem alcançado, e naõ menos as Religioſas deſta Caſa, que com eſtupendas maravilhas tem experimentado a ſua poderoſa interceſſaõ, naõ ſó nos tempos antigos;

antigos; porque em todo recorrem continuamente aos Santos Martyres, que com beneficios deſempenhaõ a ſua Protecçaõ, fazendo deſta ſorte mayor a veneraçaõ nas Religioſas, para os ſervirem com aquelle cuidado, que pede a obrigaçaõ, em que eſtaõ aos ſeus eſclarecidos Protectores.

Martim Gomes M. Japaõ.

D Em Nangaſachi, Cidade do Japaõ, alcançou a deſejada palma do martyrio, com incrivel gozo da ſua alma Martim Gomes, publico profeſſor da Ley de JESU Chriſto, pela qual confiſſaõ naõ duvidou dar a vida temporal, e ſendo degolado ſubio à Eterna, que já mais terá fim.

Sor Maria dos Anjos, Franciſc.

E No Moſteiro de Santa Anna de Lisboa, da Serafica Familia, cerrou as clauſulas de huma vida innocente, com morte precioſa, a Madre Sor Maria dos Anjos, em quem ſe vio a obſervancia, unida ao amor de Deos; porque ſempre eſtava na cella fechada em Oraçaõ mental, e na meſma cella corria á Via-Sacra, ſabendo achar no ſeu cantinho caminhos dilatados, em que imitaſſe a Chriſto. Vivendo taõ occupada em amar ao ſeu Eſpoſo, hum dia lhe ſuccedeo fallarlhe huma Imagem de Chriſto crucificado, dizendo-lhe, que naõ gaſtaſſe no deſcanſo do corpo o tempo, que lhe dera para o ſervir. Eſta advertencia do Senhor, era hum manifeſto indicio, do quanto favorecia eſta ſua Serva, animando-a a mayores exceſſos, quando tal vez a ſentiria tibia nas finezas. Era por extremo pobre, mas taõ devota, que todo o anno accendia duas alampadas, em que luzia mais a devoçaõ, que o fogo; e como naõ poſſuia couſa alguma, com induſtria ſanta, ſe mortificava na comida, para della agenciar o azeite: faltou-lhe hum dia, e naõ achando modo de o adquirir, ſe foy ao Coro a pedir a Deos remedio; e voltando para o ſeu apoſento, vio retribuida a ſua Fé na Divina Providencia, achando a talha naõ ſó chea, mas de ſorte, que o lançava pelo pavimento da caſa. Com eſtes, e outros caſos acreditou Deos a ſua virtude.

Fr. Franciſco dos Reys D. Abbad da Ordem de S. J.

F Em o Moſteiro de S. Bento de Lisboa, a Depoſiçaõ do Padre Fr. Franciſco dos Reys, que de tenra idade foy muy inclinado ao Serviço de Deos, eſtudando Humanidades, por mandado de hum tio, que o criara na falta de ſeus pays, nas quaes em poucos annos aproveitou muito, até que (tocado de interior impulſo) deixou o Mundo, veſtindo a Cogulla Benedicti-na no Moſteiro de Tibaens, onde ſeguindo a vida Monaſtica

com

com perfeiçaõ, era entre os ſeus Companheiros o modello da Religiaõ, por humilde, e mortificado, fogindo da occioſidade, obſervando aquella celebre ſentença, de que a hum Monge occupado tenta hum ſó demonio, e ao ocioſo muitos. A eſtas virtudes ajuntava outras naturaes, com que ſe fazia amado; porque era brando de condiçaõ, ſofrido, e naturalmente diſcreto, taõ obſervante, e deſapegado, que em quanto durou o encerramento da Religiaõ, nem de palavra, nem por eſcrito, communicou a algum dos ſeus parentes. Naõ lhe tardaraõ muito os lugares da Religiaõ; porque ſendo moço foy eleito Abbade de Gunfey, que adminiſtrou exactamente governando os ſubditos, mais com o exemplo, que com rigores, e preceitos. Neſte tempo padecia o Reyno de Galliza huma terrivel eſterilidade, que obrigou aos ſeus moradores a largarem as ſuas Caſas, e entrarem em bandos pelo noſſo Reyno a buſcar remedio a ſua neceſſidade, eraõ muitos os que buſcavaõ a piedade do Abbade, e era elle tal, que a nenhum deixava de ſoccorrer, diſpendendo com taõ larga maõ, que ſe teve por ſobrenatural o cumprir com tantas eſmolas. Depois deſte lugar foy logo nomeado Viſitador, e ſucceſſivamente empregado nas mayores Abbadias, e outros lugares authoriſados da Congregaçaõ, até que finalmente ſubio ao Generalato, moſtrando em todas as Prelaſias o zelo da Religiaõ, tratando com igual cuidado o eſpiritual, e o temporal, com taõ admiravel adminiſtraçaõ, que em todos os Moſteiros deixou eternas memorias do ſeu governo. Quando já canſado tinha buſcado o Moſteiro de S. Thyrſo de Riba de Ave, no Biſpado do Porto, para deſcanſar, e tratar ſómente da ſua alma, o obrigaraõ a ſer Abbade do Moſteiro de Lisboa, que muito adiantou no material, fazendo a admiravel Sacriſtia, e outras obras polidas, que inda hoje ſe vem com eſtimaçaõ. Acabado o trienio ficou neſta Caſa, onde em obſervancia dos Eſtatutos da Religiaõ, continuou o reſto da vida, eſperando a ditoſa hora, em que arremataſſe a ſua ſanta velhice, e aſſim alguns mezes, antes que ſe aviſinhaſſe a morte, ſe deſencarregou de tudo o que lhe podia cauſar cuidado, e começou a gozar de huma paz interior, com que ſe achava muy conſolado. Diminuiraõ-ſe com os annos as forças, mas nem por iſſo deixava de deſcer à Sacriſtia, a celebrar o Santo Sacrificio da Miſſa, cuja eſmola repartia com

com os pobres, coſtume, que obſervava havia muitos annos. Achava-ſe bom, e de pé, quando foy acommetido de huma febre, e como Servo vigilante, que eſtava preparado, com novas demonſtrações de piedade, pedio os Sacramentos, e recebido o Santiſſimo Viatico, de que ſempre teve huma grande devoçaõ, e lhe chamava a ſua dilicia: pedio o Sacramento da Extrema-Unçaõ, e com praticas, que enterneciaõ aos Religioſos, os acompanhava rezando o Officio da Agonia: fez com humildade huma proteſtaçaõ da Fé, e ſe deſpedio dos Religioſos, que com lagrimas lhe pediraõ a ſua bençaõ, que elle lhe concedeo em Nome do Senhor, que tinha em hum Crucifixo nas mãos, a quem depois de rendidas as graças por tantos beneficios, pedio huma Imagem da Virgem, a quem ajudado recitou aquella devota Oraçaõ: *O Domina mea dulciſſima viſceribus miſericordia plena*, que todos os dias rezava, e tornando a pegar no Crucifixo, repetindo o Cantico: *Nunc dimittis*, acabou o mortal curſo com taõ evidentes ſinaes de predeſtinaçaõ.

Commentario ao I. de Agoſto.

A  ISTANTE dá Cidade de Lisboa, pouco mais de meya legua pelo Tejo acima, fica ao Norte hum Valle, que chamaõ Chellas, povoado de Quintas, e Hortas, com grande abundancia de aguas, que o fazem ameno, e deleitoſo; de ſorte, que entre as ſahidas da grande Lisboa, naõ he de menor eſtimaçaõ eſta, pela freſcura do lugar, e aprazivel da ſituaçaõ.

Nelle eſtá o Convento de Religioſas Conegas da Ordem de Santo Agoſtinho, dedicado ao Santo Martyr Felix, que dá aſſumpto ao diſcurſo ſeguinte: taõ antigo, que ſe naõ póde facilmente deſcobrir o ſeu principio. Algumas das noſſas Hiſtorias pertendem, naõ com vulgares fundamentos, foſſe habitado de Virgens Veſtaes. Prova-ſe com ſe achar na reformaçaõ daquelle Moſteiro, entre as ruinas das paredes antigas, algumas pedras com letras, outras de relevo, e entalhe, que confirmaõ a inveterada tradiçaõ do noſſo Reyno. Quando ſe desfez a Igreja, e ſe levantou ao modo, em que agora a vemos, ſe achou huma pedra metida na parede, com as letras para dentro, que ſe conſerva na do quintal da Sacriſtia da banda da Capella môr, de que já mal ſe podem diſtinguir as letras; deſta injuria do tempo a livrou o Capitaõ Luiz Marinho de Azevedo, lançando-a no ſeu livro da Fundaçaõ, e Antiguidades de Lisboa.

JULIA. Q. F. F. V
Q. JULIUS Q. F. C.
SEVERUS
H. S. SUNT.

Cuja ſignificaçaõ he: *Aqui eſtaõ ſepultados, Julia Flaminea Veſtal, filha, de Quinto, e Quinto Julio filho de Quinto, e Caio Severo.* Outras pedras antigas refere o dito Author, que confirmaõ eſta opiniaõ, como tambem a que temos, de que fóra de Roma, e Italia, houve Virgens Veſtaes, que ſe conſervavaõ na guarda do fogo perpetuo, como affirma o Onufrio

Onufrio no livro das couſas de Roma, pag. 85, e pag. 86; Aulo Gelio 1. cap. 2; Alex. ab Alex. lib. 5. cap. 12; Pauſanias *in Attic.* De Authores taõ graves conſta, que as houve em Troya, em Lavinio, em Albalonga, muito antes do que Roma, e que Sylvia mãy de Romulo fora Virgem Veſtal, e primeiro que ella, outras. Lucrecio liv. 2; Marliano liv. 1. cap. 2; Topogr. *Urb. Ro.* dizem naõ ſer Numa, o que deu principio às Virgens Veſtaes, o que ſegue o Padre Victoria no ſeu *Theatro de los Dioſes* liv. 1. cap. 6, mas ſer a meſma Deoſa Veſta a primeira, que as inſtituîo em Armenia, aos 6 annos do Reynado de Simiramis. Juſto Lipſio *de Veſt.* cap. 13, que foy o que mais apurou eſta materia, diz, que inda que naõ achou haver Veſtaes fóra de Roma, era fama, e tradiçaõ, que reſidiraõ em Agrippina, Valencenas, e outros muitos lugares; e o meſmo Juſto Lipſio na *Deſcripçaõ de Lovaina*, liv. 1. cap. 2, refere haver naquella Cidade hum Templo de Saõ Miguel, que fora em tempo de Julio Ceſar, dedicado à Deoſa Veſta. Tertuliano liv. 1. cap. 6. *ad Uxorem*, diz: *Noveram Virgines Veſtæ, & Junonis, apud Achaiæ, Aegium, & Atrecis, apud Delphos, Minervæ, & Dianæ*, que em Achaia havia Virgens dedicadas a Veſta, e a Juno, em Delphos a Minerva, e Diana. O meſmo refere de Athenas Polieno, Herodoto, e Heſychio. Finalmente, a conſervaçaõ do fogo perpetuo foy muy uſado de toda a gentilidade, ou por Sacerdotes, ou por mulheres caſtas, e deſobrigadas das leys do matrimonio. Entre os Caldeos, Medos, Aſſyrios, Egypcios, e Perſas, he muy commum nas Hiſtorias profanas, e ainda nas Divinas, a conſervaçaõ do fogo, atribuindo-lhe a Divindade. De que vimos a collegir, que aſſim como houve Veſtaes fóra de Roma, podiaõ reſidir em Chellas. Que nelle viveſſe algum tempo eſcondido o famoſo Achiles, dizem muitos Authores graves, o que naõ diſputamos agora, quem quizer ver eſte ponto lea Marinho na *Fundaçaõ de Lisboa.*

Quem foraõ os primeiros habitadores deſte Moſteiro, depois da Religiaõ Catholica ſer recebida na Luſitania, he ponto bem difficultoſo, em que naõ podemos fazer mais averiguaçaõ, da que achamos eſpalhada em Authores graves, e doutos, que naõ ſe pouparaõ ao trabalho, como Brandaõ na *Monarchia Luſitana*; o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſtoria dos Arcebiſpos de Lisboa*; Marinho na *Fundaçaõ de Lisboa.*

Que eſte lugar foſſe primeiro de Frades, he materia, que naõ padece duvida; porque conſta de huma Eſcritura da Torre do Tombo do liv. 1. dos Foraes antigos delRey D. Sancho o I. pag. 69, feita no mez de Agoſto do anno de Chriſto 1192, confirmada no anno 1219, por ElRey D. Affonſo II. as quaes nós vimos. Que Regra profeſſaſſem naõ ſe atreveo Brandaõ a reſolver; porque naõ conſta de Eſcrituras. O Illuſtriſſimo Cunha, ſe perſuadio, que ſeriaõ Cavalleiros da Ordem Militar de Santiago, que depois paſſaraõ para o Convento de Santos. O Padre Fr. Luiz de Souſa, affirma ſerem da Militar de Saõ Joaõ, conhecida no Mundo por Malta; mas naõ traz documento, com que o confirme. De mais, que he muy digno de reparo, de naõ fazer a Doaçaõ memoria de Meſtre, ou Commendador, coſtume obſervado pelos Reys nas ſuas Doações; e aſſim nos perſuadimos, que naõ era de nenhuma das Religioens Militares, nem menos das Monacaes de S. Bento, ou Ciſter, taõ antigas neſte Reyno; porque os ſeus Chroniſtas, taõ diligentes, naõ acharaõ nos ſeus Cartorios documento algum ſobre eſta materia. Que foſſe de Conegos Regrantes achamos muitas provas, que no lo confirmaõ; porque nas Memorias de D. Theotonio de Mello, Prior de Saõ Vicente, que tinha junto, para formar a ſua Chronica, de que depois ſe aproveitou D. Nicolao de Santa Maria, ſe vem muitas Eſcrituras, que o affirmaõ.

Houve em Chellas Convento Duplex (iſto he, de Frades, e Freiras,) como conſta de huma Doaçaõ, feita na Era de 1229, que he anno de Chriſto 1191, que começa: *In Chriſti nomine Hæc eſt charta Donationis, & firmationis quam juſſi facere ego Gonçalvus Joannis, vobis Domno Petro Priori fratribus Chellas.* Já no anno de Chriſto de 1229, tinhaõ deſpejado os Frades, como ſe vê de algumas Eſcrituras, que andaõ na I. Parte da *Hiſtoria de Saõ Domingos*, cap. 23; porque no anno de 1271, faz ElRey troca com a Prioreſſa Tareja Fagundes, de huma herdade, que tinha no termo de Lisboa, o qual contrato eſtá na Torre do Tombo, e refere Brandaõ, que affirma ſerem eſtas

Religioſas Conegas de Santo Agoſtinho, como conſta de Breves antigos, que vio dos Summos Pontifices; em hum de Gregorio IX. principalmente, cujas palavras ſaõ as ſeguintes: *Ut Ordo Canonicus qui ſecundum Deum, & Beati Auguſtini regulam in eodem loco inſtitutus eſſe dignoſcitur.*

O Padre Fr. Luiz de Souſa, a quem eſtimamos, naõ ſó pelo bom eſtylo da ſua Hiſtoria, mas pela ſua erudiçaõ, pertende, que eſtas Religioſas ſejaõ da ſua Ordem Dominica: porém nós com licença de tudo quanto elle refere no apontado lugar, entendemos ſer de Conegas, e por florecer a ſua Religiaõ em obſervancia Regular, lhe foy encommendado o governo dellas, e debaixo das ſuas Conſtituiçoens, e Breviario, ſe conſervavaõ na Regra de Santo Agoſtinho, que ella tambem profeſſa; o que ſeguimos com a authoridade de Brandaõ; e claramente ſe confirma com as palavras, de que em certa Eſcritura diz huma Prioreſſa de Chellas, fallando da Ordem dos Prégadores, *de cuja Ordem nós ſomos ſugeitas*, e a refere o Padre Fr. Luiz de Souſa; porque pareceria ſuperflua a palavra *ſugeitas*, ſenaõ foſſem de outra Ordem, e aſſim moſtravaõ ſómente a ſubordinaçaõ. De mais, que em todos os Breves ſe nomeaõ da Ordem de Santo Agoſtinho, ſugeitas aos Padres Prégadores; de que vimos a concluir, que foraõ ſómente da ſua adminiſtraçaõ: como as Freiras de Semide, que ſendo Bentas, guardaõ a Regra, e Eſtatutos de Ciſter, e as de Moimenta da Beira, que foraõ governadas pelos Monges de Alcobaça; e em Napoles o Moſteiro da Sapiencia da Ordem de Saõ Domingos, he adminiſtrado, e governado pelos noſſos Padres, da Caſa de Saõ Paulo de Napoles da Religiaõ Theatina, e poderiamos ajuntar outros exemplos. Deſta ſorte ſe conciliaõ as opinioens deſtes Authores, em que foraõ ſempre Conegas; mas governadas muito tempo debaixo dos Eſtatutos Dominicanos; e aſſim fica em ſeu vigor a pedra reprovada pelo Padre Fr. Luiz de Souſa, que foy mandada lavrar em tempo daquelle virtuoſiſſimo Prelado D. Miguel de Caſtro, pelos annos de 1608, ſeguindo nella a tradiçaõ, e conſtante opiniaõ das noſſas Hiſtorias, que logo lançaremos. Da parte do Evangelho, no Altar collateral da invocaçaõ de Saõ Felix, eſtá o Letreiro ſeguinte:

Eſta Capella ſe reedificou em tempo do Illuſtriſſimo Senhor D. Miguel de Caſtro, Arcebiſpo de Lisboa, Prelado deſta Caſa, com cujo governo foy ſempre adminiſtrada antes dos Reys de Portugal, como ſe vê de hum Cippo, feito na Era do Senhor de mil, e das Armas del Rey Wamba, que repartio os Biſpados em Heſpanha, o que tudo ſe achou neſta reedificaçaõ, com ruinas de hum cais de enxelharia, onde deſembarcaraõ eſtes Santos Martyres.

Beatiſſimo Chriſti Dñi Martiri Felici Diacono, aliiſque XII. martyribus quæ impiorum gladiis ſub Diocleciano occubuerunt, quorum corpora hîc jacent ante Alphonſum I. Portug. Regem hoc altare dicatum eſt.

No Altar collateral da parte da Epiſtola, eſtá o ſeguinte:

Eſte Convento he de Conegas Regrantes de Santo Agoſtinho, por eſcrituras antiquiſſimas. Foy Caſa das Veſtaes, antes da vinda de Chriſto N. Senhor, o que ſe vê pelos veſtigios das pedras, que eſtaõ na Clauſtra velha, por o Cippo de Julia Flaminia e ara das Veſtaes, com o buraco da urna do igne perpetuo, aſſim

que

que se acha ser reedificada esta Capella quatro vezes, huma em tempo das Vestaes, outra na primitiva Igreja de Hespanha, e duas depois.

Fidelissimo atque invictissimo Christi Dñi Martiri Adriano, & Nataliæ uxori ejus, aliisque sociis qui sub Maximiano vario tormentorum genere occubuere, quorum corpora ante Alphonsum I. Portug. Reg. hic quiescunt hoc altare dicatum est.

E para que de todo fique firme esta opiniaõ a corroboraremos com huma Escritura do Mosteiro de Chellas, que anda copiada na *Chronica dos Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. liv. 12. cap. 12, em que a Prioressa D. Domingas Annes, dá uso de humas casas a Eyria Annes Roberta, feita no anno 1310, e acaba desta sorte. *Estando a esto presente, e dando sua authoridade, e licença o virtuoso Prior D. Joaõ Annes, e D. Fernam Matheus Conego de Santa Cruz de Coimbra, e D. Domingos Paes Procurador do Mosteiro, tambem Conego de Santa Cruz, e eu Egas Pires publico Tabaliaõ, que o escrevi, e meu final publico hi puge que tal he* ✠. De que se vê, que depois do governo dos Padres Dominicos, tornaraõ ao dos Conegos Regrantes; e para que naõ padeça duvida, alegaremos o livro dos Obitos de S. Vicente de fóra. *Decimo quinto Kalendas Augusti obiit Donus Augustinus fuerii Prior de Achellis Canonicus Sancti Vincentii.* E aos tres de Novembro outro assento. *Obiit Frater Petrus Conventus Sancti Vincentii Procurator de Achellis.* Desta sorte temos mostrado mais diffusamente, do que permitte o estylo, que seguimos, a antiguidade do Mosteiro de Chellas, e a profissaõ de suas habitadoras.

Do Mosteiro de Conegas Regrantes, que houve em Coimbra, junto ao de Santa Cruz, vieraõ para o de Chellas as Fundadoras, em tempo do Bispo D. Sueiro Annes, ainda que ao Illustrissimo Cunha, pareça ser D. Sueiro, II. do nome entre os Bispos de Lisboa; mas se elle vira a Escritura acima allegada, em que ao mesmo tempo houve Religiosos, e Religiosas no mesmo lugar, o naõ duvidara: e no tempo deste Prelado parece se restaurou esta Casa taõ antiga. Entende-se, que nella se conserva Igreja desde a primitiva Christandade. Depois que a este Lugar vieraõ as Reliquias de S. Felix Diacono, e Martyr, lhe foy dedicada; o tempo naõ apontaõ as nossas Chronicas, nem he facil de averiguar, e só se collige da invocaçaõ, que à Igreja deu S. Felix, que antecedeo no tempo a Santo Adriaõ, e Santa Natalia, e outros seus Companheiros, de que faremos mençaõ no 1. de Novembro, em que se festeja esta Santa.

Muitos annos antes deste Mosteiro ser povoado de Religiosas, foraõ trazidas ao Valle de Chellas as Reliquias de S. Felix, o que entendemos ser, conforme a pedra, que se achou no anno de 1603, do Reynado de Recevinto, Principe Catholico, sendo Pontifice Vitaliano: era esta pedra redonda, a qual se conserva ainda em dous pedaços, em que juntos se lia a Inscripçaõ seguinte:

DEPOSITIO.
BONE MEMORI
MARTRE D
FELICIS DECEM
IDIBVS. ERA
DCC. IIII.

Vem a dizer: *Deposiçaõ, que se fez à boa memoria do verdadeiro Martyr, o Diacono Felix, aos 13 de Dezembro da Era 704*, que corresponde ao anno de *666*; de que claramente se vê a antiguidade desta Igreja neste lugar, o que nos poderiaõ mostrar os pergaminhos, e outras memorias, que nesta Casa se conservavaõ, pendurados no lugar, em que estava o Santo, por muitos annos vistos das gentes, e a incuria deixou perder, damno irreparavel. Dizer o modo com que a este lugar aportaraõ, nem o tempo aonde chegava hum braço do Tejo, que a terra cobrio, naõ he facil, quando estamos lamentando a falta dos documentos, o que naõ padece du-

vida, que nelle se lhe edificou Igreja, para que ficasse perpetua a memoria, de que nella estava o corpo do Santo Martyr; e que no anno, em que se perdeo Hespanha, se deviaõ esconder as Reliquias, pois antes da entrada dos Mouros, já era dedicada a Igreja a Saõ Felix Diacono, e Martyr, como consta da pedra acima. Recuperada a ultima vez a Cidade de Lisboa, pelo esforço do grande D. Affonso o I. de Portugal, se descobriraõ os sagrados Corpos: com elles deviaõ estar os pergaminhos, que os distinguia, e nós lamentamos a sua falta. Reedificou-se a Igreja, e de novo começaraõ os Fieis a venerar os Santos Martyres: o tempo conforme Brandaõ, pelos annos de 1148, e saõ muitos os beneficios, que da sua protecçaõ tem recebido esta Casa, e os que com devoçaõ os invoçaõ.

Que seja este o verdadeiro corpo de Saõ Felix, Diacono de Girona, de que tratamos no Texto, temos por materia indubitavel; porque de mais da tradiçaõ constante do nosso Reyno, e a pintura antiquissima, em que se vê o Santo Martyr, com vestidura de Diacono, consta padecerem em Girona dous Santos deste nome, como advertio com a sua nunca assaz louvada erudiçaõ, o Licenciado Jorge Cardoso, no dia 24 de Março, dia de Saõ Felix Martyr de Santarem, cujo corpo goza Pariz; e Saõ Felix de que tratamos, de Lisboa; e nos admiramos, que se naõ lembrasse Tamayo, taõ douto na Historia de Hespanha, de que em Chellas se venerava o seu corpo. O Sumptuoso Mosteiro de Chellas o celebra neste dia, como seu Padroeiro, com *Officio Duplex* de primeira Classe, e Oitava, costume observado de tempos antiquissimos.

Fazem delle mençaõ os Martyrologios *Romano*, e *Baronio*, *Adom*, *Maurolico*, *Usuardo*, Pedro de Natalibus, Bispo Equilino, no *Catalogo dos Santos*, liv. 7. cap. 9, Marieta nos *Santos de Hespanha*, e Surio, e outros neste dia. Santo Antonino de Florença largamente, Tomo VIII. *de Martyr. plurimis*, cap. 1. §. 25. Prudencio em o Hymno 4 de Peristeph.

Parva Felicis decus exhibebit
Artubus sacris locuples Gerundæ.

S. Gregorio Turonense, Monsieur Baillet nas *Vidas dos Santos*, Ferreras *Synopsis da Historia de Hespanha*, part. 2. pag. 207. Dos nossos Brandaõ, Cunha, nos lugares allegados; Faria na *Europa Port.* Duarte Nunes na *Descripçaõ de Portug.* o *Agiologio* no Comment. do 1. de Janeiro; Vasconcellos in *Descriptione Reg. Lusit.* pag. 548. *Acta Sanctorum Tom. I. Augusti*, neste dia, a pag. 26. onde fallando, que em diversas partes de Hespanha se diz estaõ as Reliquias do nosso Santo, diz: *De Lusitanicis testatur non uno loco Rodericus da Cunha in sua Historia Ulyssiponensi.* E sem embargo do que estes Doutos Authores referem, naõ podemos privar Chellas de lograr o precioso thesouro das suas Reliquias, como temos mostrado.

B Trataõ de Saõ Bono, Presbytero, e Martyr, o *Martyrologio Romano*, o de *Baronio*, *Usuardo*, *Maurolico*, e outros neste dia; o *Menologio dos Gregos* no seguinte; Papebrochio *in Prætermissis*, no dia 12 de Mayo, diz estar no referido Mosteiro, por cuja causa nos pertence.

C No anno de 1604, neste dia, com assistencia do Illustrissimo Arcebispo D. Miguel de Castro, acompanhado de todos os Prelados das Religioens, e de muitas pessoas de authoridade, se collocaraõ as referidas Reliquias, em 26 meyos corpos, e as mais, que ficaraõ, se recolheraõ em hum cofre da India, onde estiveraõ até o tempo da Prioressa D. Juliana de Noronha, que lhe mandou lavrar de prata, o que hoje se conserva na casa do Capitulo, pelos annos de 1631, no seu ultimo governo. As Inscripçoens, que nas Capellas dos Santos Martyres se puzeraõ, deixamos lançadas no Commentario de S. Felix. Todas as mais Reliquias, que restaraõ, mandou o Arcebispo recolher dentro de huma pedra, que se meteo por sua ordem no arco, que fica da banda do Evangelho, junto às grades do Cruzeiro. A elle concorrem os moradores de Lisboa, obrigados dos muitos milagres, que os Santos obraõ; e assim tem introduzido huma romajem de levarem a esta Igreja os meninos doentes, e de os passarem por baixo do arco, com tanta Fé, que tem por sem duvida, que repetindo esta romagem por tres sestas feiras, na terceira, tem conhecida melhora, ou morrem: chamaõ a esta sua romaria de Saõ Pedro Fins: equivocaçaõ, que o povo fez, por ser o dia de Saõ Felix Diacono, o das

o das cadeas de Saõ Pedro Apoſtolo, como advertio o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, ajuntando Pedro Fins, Pedro pelo Apoſtolo, e Fins, por ſer nome, que antigamente ſe dava a S. Felix; e aſſim a reſidencia, que junto ao Minho tem os Padres da Companhia, he chamada de Saõ Fins, por nella ſe conſervar a cabeça do Santo Martyr Felix.

Os nomes dos de mais Santos Martyres, naõ achamos o tempo, em que ſe depoſitaraõ neſta Caſa, e o modo com que foraõ trazidos, refere o Agiologio no dia 14 de Janeiro, letra C, em que foy feita a primeira trasladaçaõ. Que a de que tratamos foſſe feita em o governo de D. Joanna da Columna, e naõ D. Luiza de Noronha, como diz Cardoſo no Agiologio, D. Nicolao de Santa Maria, e o Capitaõ Luiz Marinho, ſe prova com o aſſento do livro das Eleiçoens deſta Caſa, onde naõ ha Prioreſſa deſte nome deſde o tempo de D. Maria da Sylva, que o reformou, e occupou eſte lugar 42 annos, e faleceo no de 1589, e ſe confirma com o inſtromento, que ſe fez da trasladaçaõ, eſcrito em hum pergaminho, que ſe recolheo com as Reliquias na pedra do arco da Igreja, de que ficou hum tranſumpto às Religioſas, que declara ſer Prioreſſa, no anno de 1604, a dita D. Joanna da Columna, o qual anda lançado em hum livro m.ſ. deſte Moſteiro, que tivemos em noſſo poder, e vimos, em que tem as Vidas de S. Felix, Santo Adriaõ, e Santa Nataia, e no fim algumas memorias, tiradas do ſeu Cartorio. Fazem memoria deſta trasladaçaõ, neſte dia, além de Cardoſo no lugar apontado, D. Nicolao de Santa Maria na *Chron. dos Coneg. Regr.* part. 2. liv. 12. cap. 14; a *Hiſtoria de S. Domingos* de Souſa, part. 1. liv. 1. cap. 23.

D O glorioſo Martyrio do ditoſo Martim Gomes, foy em o primeiro de Agoſto do anno de 1627, dominando o Imperio do Japaõ Toxogunſama, tantas vezes nomeado neſta Obra, pela ſua crueldade, como tem o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 303.

E Em o Moſteiro de Santa Anna, profeſſou Sor Maria dos Anjos a Regra de Saõ Franciſco, com tal obſervancia, como acredita a ſua Vida, a que deu fim neſte dia, do anno de 1693, como diz o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 4. cap. 27. pag. 562.

F Na inſigne Cidade de Braga, teve ſeu naſcimento o Padre Fr. Franciſco dos Reys, que entrando na Religiaõ de Saõ Bento, occupou os mayores lugares, como temos viſto, dando de ſua prudencia, e talento, aos vindouros o modo de governar ſem opreſſaõ dos ſubditos, pois com brandura, e affabilidade reprehendia, deixando conſolados a todos; porque nelle naõ dominava a paixaõ, como muitas vezes ſuccede, cuberta com o eſpecioſo nome de zelo, que faz inſuportavel o jugo da Religiaõ. Soube tambem ſer hum admiravel adminiſtrador dos bens da Religiaõ, e aſſim em todos os Conventos, que governou, deixou memorias, que o engrandecem. No de Ganfey fez hum Dormitorio, dous lanços do Clauſtro, com bella fonte no meyo; no do Porto, que governou dous trienios, he obra ſua o Santuario da Igreja, obra primoroſa, e de cuſto; no de Tybaens mandou lavrar o arco do frontiſpicio da Capella mór; deu principio à abobeda da Igreja, e acabou outras muitas obras; enriqueceo a Sacriſtia de Ornamentos, e peſſas de prata de grande valor, em que moſtra a grandeza do ſeu animo; em o de Lisboa polio muito, e adornou eſte Moſteiro, com a Sacriſtia, que eſtando principiada, era obra taõ imperfeita, como muitas, que o tempo vay conſumindo naquelle meſmo Moſteiro, com magoa dos que as vem; pois ſe os Prelados tiveraõ o animo, e zelo deſte virtuoſo Padre, ſeria eſte Moſteiro huma das melhores fabricas do Reyno: proveo a Sacriſtia de Ornamentos, e com outros muitos diſpendios moſtrava o amor, que tinha à Religiaõ. Parece que Deos ajudava os ſeus ſantos intentos, dando-lhe com que os executar ſuperabundantemente. He para reparar, que quando o Capitulo Geral o obrigou a ſer D. Abbade deſta Caſa, e elle o recuſava, poz por condiçaõ, que lhe haviaõ de dar eſtudos naquelle Moſteiro, e aſſim ſe detriminou; e ſendo a deſpeza mayor em ſuſtentar nos Collegiaes mais Religioſos, nem por iſſo deixou de fazer deſpezas de tanta conſideraçaõ, que fará ſempre ſaudoſa a ſua memoria. Eſtá enterrado na Capella mór da parte da Epiſtola, com eſte breve Epitafio.

Sepul.

Sepultura do noſſo Reverendiſſimo Padre Fr. Franciſco dos Reys, Geral que foy deſta Religiaõ, e D. Abbade deſta, e outras Caſas, falleceo em o primeiro de Agoſto de 1664.

Do livro dos Obitos deſte Moſteiro, que tivemos em noſſo poder, conſta o referido.

AGOSTO II.

S. Gualter da Ord. de S. Franciſco.

A Villa de Guimaraens a Feſta de Saõ Gualter, Companheiro, e Diſcipulo do Patriarca Saõ Franciſco, que depois de ter com a ſua preſença illuſtrado eſte Reyno, mandou a elle Saõ Gualter, com o Santo Fr. Zacharias; e apartando-ſe eſtes Apoſtolicos Varoens, paſſou Saõ Gualter à Provincia do Minho, por mandado delRey D. Affonſo II. Em Guimaraens, junto da Villa, em huma Serra, a que chamaõ Villa Verde, fez ſua habitaçaõ pobre, e humilde. Ao ſeu admiravel exemplo ſe ajuntaraõ muitas peſſoas nobres, que tocados ſuperiormente do ſeu raro modo de vida, ſe aggregavaõ a ſeguir a Regra de Saõ Franciſco, concorrendo de diverſas partes tanta gente, que em breve tempo formou huma Communidade. Edificado o Convento, era para ver aquelle Guardiaõ, que por deſcançar, ou dar mayores forças no exemplo aos ſubditos, tomar a ſacola às coſtas, e ſahir pela Villa pedindo eſmola. Outras vezes o admiravaõ pelas ruas, enſinando a doutrina Chriſtãa, e prégando penitencia, com tanta energia, e efficacia, que às ſuas vozes eſtremeciaõ os corações mais impedernidos. Quando algum obſtinado reſiſtia, em ſegredo o admoeſtava; e porque às vezes naõ baſtava, cheyo de Apoſtolico zelo, e com liberdade Evangelica, em publico o reprehendia. Era tanto o reſpeito, que lhe tinhaõ, que era chamado novo Apoſtolo de Chriſto. Naõ ſe via nelle mais, que deſprezo do Mundo, pobreza, charidade, e amor do proximo. Entrava pelos Hoſpitaes, ſervia aos doentes, e deſamparados, ſendo com mayor cuidado os aſqueroſos, de que todos ſe arredavaõ, applicando-lhe medicamentos; e via-ſe com eſpanto, que com elles, e ſem elles, conſeguiaõ pelo milagroſo contacto das ſuas mãos ſaude. Sepultava

pultava os mortos, em que occupava tambem os ſeus Frades. Viſitava nas cadeas aos afflictos prezos, e ſoccorrendo-os, e conſolando-os, paſſava a ſer Procurador, e medianeiro com os Miniſtros. Cheyo ſempre do amor de Deos, andava como extatico, com os olhos arrazados em lagrimas de ſaudades da Gloria. O ſeu mantimento de ordinario era hum pedaço de paõ, com huma pouca de agua, e taõ moderada, que em alguns dias era taõ pequena porçaõ, que naõ chegava a ſatiſfazer a ſede; mas ſequioſo da fonte da vida, merecia na meditaçaõ Celeſtes conſortos, com que alentado o eſpirito, animava com a ajuda do braço Divino o debil da natureza. E pagando o univerſal tributo à morte, tendo reſplandecido com milagres em vida, naõ foraõ menos depois de glorioſo no Ceo, com que creſcendo a devoçaõ dos nobres moradores de Guimaraens, o tomou eſta inſigne Villa por Padroeiro, por cuja interceſſaõ tem experimentado ſingulares beneficios.

Sor Catharina dos Anjos Franciſc.

B No Moſteiro de Noſſa Senhora de Subſerra, na Villa da Caſtanheira, acabou com precioſa morte Sor Catharina dos Anjos, em quem a commiſeraçaõ com os pobres foy naſcida de hum animo pio, e devoto, deſpendendo com elles taõ liberalmente, como enternecida da miſeria, que padeciaõ. A' Virgem MARIA venerou com eſpecial culto. Foy taõ obſervante dos Eſtatutos da Ordem, que de ſuas Religioſas virtudes deixou memoria ſanta. Na ſua morte foraõ ouvidas Angelicas Muſicas, que neſta publica demonſtraçaõ do Ceo, teſtemunharaõ a ſua innocente vida.

D. Antonia de Noronha Franciſc.

C Em Santa Clara de Evora, da meſma Familia Serafica, foy a gozar da Gloria, a Madre D. Antonia de Noronha, em quem a virtude foy inſeparavel deſde os primeiros annos; porque aos ſeis da ſua idade entrou neſte Moſteiro, e logo ſe começaraõ a ver nas ſuas acçõeſ procedimentos taõ claros, que eraõ indicios de huma alma pura, e ſanta. Naõ era ainda Religioſa, mas tal a modeſtia, que parecia Noviça, quando atada às obrigações da Religiaõ, era o exemplar da Communidade; e aſſim a Prelada a occupava na criaçaõ das Noviças, de que em breve foy Meſtra, dando-lhe em ſaudaveis conſelhos, e ſantos exercicios, admiravel educaçaõ. Levantava-ſe de ordinario às tres horas da manhãa, ſendo a ſua primeira acçaõ huma larga diſciplina, com que ſe preparava para orar, e até

até às ſeis horas gaſtava meditando. Depois entrava a Prima, e na tarde tinha tempo deſtinado para a contemplaçaõ, ſem a qual o eſpirito naõ póde lograr aquellas doçuras intellectuaes, que o Senhor communica aos ſeus Servos. Andou ſempre deſcalça, e mal enroupada, de que ſua ſobrinha ſe compadecia, dando-lhe às vezes huns çapatos, que ella aceitava, e logo remediava com elles algum pobre. Tinha grande compaixaõ dos neceſſitados, e aſſim repartia do que poſſuîa com grande liberalidade. A ſua tença dividia ametade para a fabriça da Sacriſtia, a outra parte dava ametade aos pobres, com quem ſe havia com tanta igualdade, que até da porçaõ da Communidade repartia com elles. Comia muito pouco, e ainda menos nos dias de jejum. A Quareſma era meya de paõ agua. Os trabalhos alheyos lhe deveraõ grande cõmiſeraçaõ, e os ſentia, como ſe foſſem proprios. Viſitava as doentes com grande charidade, levando-lhe ſempre regalos, com que as conſolava. A's que eraõ pobres metia debaixo do traviſſeiro algum dinheiro, ſem que foſſe ſentida, e com palavras devotas, e ſantos conſelhos, animava a todas a ſofrerem as moleſtias com paciencia. Na verdade ſoube ella ſer o mais perfeito exemplar da paciencia. Entrada já em idade larga, deu huma quéda taõ deſaſtrada, que pareceo ao juizo das Companheiras, que nella perdia a vida: quebrou da parte direita hum quadril, e hum joelho: acudiraõ a concertalla, e nunca o puderaõ conſeguir, antes parecendo, que a curavaõ, lhe erraraõ a cura na collocaçaõ dos oſſos, voltando-lhos à parte contraria. Em taõ acerbas dores ſe lhe naõ ouvia mais, que conformidade, em hum ſilencio profundo, e em voz branda dizia: *Seja pelo amor de Deos.* Neſte tormento, em lugar de cura, a deixou o Cirurgiaõ emplaſtada, e voltando depois conheceo o erro: foy preciſo deſmanchar o que tinha feito, para tornar os oſſos ao proprio lugar, e com admiravel paciencia ſofreo por amor do ſeu Eſpoſo a cura. Dous annos eſteve na cama com taõ grande conformidade, como quem nella a ſua paciencia eſtava lavrando a coroa, que lhe o Senhor tinha prometido. Aqui em larga, e profunda oraçaõ levantava o eſpirito a Deos, e deſta ſorte a achava ſua ſobrinha de noite, com os olhos no Ceo, em huma ſuave quietaçaõ; e eſte ſó era o tempo, em que as dores a naõ affligiaõ, com que depois de taõ largos trabalhos,

com

com que o Senhor acriſolou a ſua alma, ſe foy a receber o devido premio da ſua Religioſa vida.

Fr. Vicente Barqueiro Franciſc.

D No Convento de Santa Sita, da Familia Serafica, faleceo Fr. Vicente Barqueiro, que em ſerviço da Religiaõ tinha gaſto a ſaude, até que rendido do trabalho, enfermou de ſorte, que ficou aleijado dos pés. Padecia crueis dores, ſem que tiveſſe outro alivio mais, que invocar o Nome de JESUS, que o confortava de ſorte, que com novos alentos deſejava foſſem mayores as dores, para ter mais que ſofrer pelo ſeu amor. Começou o anno, e entrando em mayores penſamentos da Celeſte Patria, ſuſpirava ver chegado o dia da Porciuncula. Perguntaraõ-lhe a cauſa de taõ repetidos deſejos, a que ſatisfez, dizendo entender ſer aquelle o feliz termo dos ſeus trabalhos. Chegou o dia, e pedindo o levaſſem ao Coro, depois de ſe confeſſar, como quem conhecia era chegada a morte, recebeo o Santiſſimo Sacramento do Altar, e ganhando o Santo Jubileo, eſteve hora, e meya em oraçaõ, e rogando o tornaſſem à Cella, pedio que logo o ungiſſem. Recuſava o Prelado, e certificado das ſuas palavras, em que lhe dizia, que certamente morria, e depois que lhe cantaſſem o Evangelho: *Ante diem feſtum Paſchæ*; e enternecido daquellas amoroſas palavras, com copioſas lagrimas, inflammado em ſanto amor de Deos, rendeo ſuavemente o eſpirito nas mãos do Creador.

Sor Marianna do Preſepio Franciſc.

E Item em o Moſteiro de Santa Iria da Villa de Thomar, a abou chea de annos, e merecimentos, neſte dia, a Madre Sor Marianna do Preſepio, cortada de penitencias; porque com aſperos cilicios, continuados jejuns debelitava a fraca natureza; e quando parecia, que rendida do rigor, com que ſe maltratava, entaõ ſe via mais alentado o eſpirito, para gaſtar a mayor parte da noite vacando a Deos em profunda oraçaõ, acompanhada de copioſas lagrimas. No ſeu coraçaõ teve largo apoſento a charidade, ſoccorrendo aos pobres com o verdadeiro amor de proximo, moſtrando deſta ſorte a fineza, com que amava ao Divino Legiſlador, e depois de em largos annos exercitada neſtas, e outras louvaeis virtudes, a chamou o Senhor à remuneraçaõ dos Juſtos.

O P. Franciſco de Carriaõ da Companhia.

F Em Iquizuk, a acerba morte do Padre Franciſco Carriaõ, da Companhia, que ſendo deſtinado Miſſionario no Japaõ, lhe cahio em ſorte a Ilha de Ximo, em que padecendo

muitos trabalhos, ſe achava conſolado entre as afflições, vendo o copioſo fruto daquella ſeára do Senhor, que elle tanto à cuſta do ſeu ſuor tinha plantado, com tanta gloria da Religiaõ Catholica. Em Meaco ajudava aos Chriſtãos à perſeverança, com conſelhos da vida eterna, pondo todas as ſuas forças para os animar a ſerem conſtantes na Fé. Depois de taõ largas fadigas, por muito tempo eſperou no Reyno de Bungo violenta morte em odio da Fé, pelo que lhe tinha Soſuminio, filho delRey Franciſco, e Cicalata, ſeu conſanguineo, que perſeguiaõ declaradamente aos Chriſtãos; até que em Firando, tendo conſeguido da impiedade ſingulares victorias para Chriſto, lhe tinhaõ tal odio os Barbaros, que lhe deraõ veneno, com que paſſou tres dias anciado, lançando muito ſangue; e falto já de forças, rendido do mal, entrou a ſua ditoſa alma no Ceo, a gozar o premio da ſua laborioſa Miſſaõ.

Commentario ao II. de Agoſto.

PArecia ſer de obrigaçaõ, quando fallamos no Padroeiro da nobre Villa de Guimaraens, fazermos mençaõ da ſua antiguidade, e bem merecidas prerogativas; porém como no dia 23 de Janeiro fica largamente deſcrita, a elle reimetemos o Leitor.

He tido o ſeu Padroeiro Saõ Gualter, na commua opiniaõ, por Italiano de naſcimento; mas naõ dizem de que parte de Italia os Authores, nem menos o anno do ſeu tranſito referem com certeza. Fr. Lucas Wandingo nos *Annaes da Ordem*, chega com a ſua vida até o anno de 1258. Foy ſeu corpo metido na terra, e com ella obrava Deos muitos prodigios: depois foraõ ſeus oſſos poſtos em hum moimento de pedra, de que manou muitos annos hum precioſo licor, que era admiravel medicina para os enfermos. Delle ſe viraõ muitas vezes ſahirem luzes taõ reſplandecentes, que davaõ claridade a toda a Igreja. Fóra da Villa ſe vê huma fonte, que dizem ſer ſua, e com a ſua agua ſe confirma a fé dos moradores, cobrando por ella muitos ſaude. Edificado o Convento daquella Villa, no ſitio em que hoje permanece, ficaraõ na primeira mudança as Reliquias do Santo no primeiro domicilio, que tiveraõ os Religioſos: dalli o pertenderaõ levar os Conegos da Collegiada de Guimaraens, para a ſua Igreja; porém nem por força, nem por induſtria o puderaõ mover; o que ſabido dos Religioſos, no dia ſeguinte o conſeguiraõ ſem difficuldade, e poſto aos hombros o levaraõ ao ſeu Convento. No anno de 1577, ſendo D. Prior de Guimaraens D. Fulgencio, filho dõ Sereniſſimo D. Jayme Duque de Bragança, ſe trasladaraõ ſuas Reliquias para huma Capella, que a Villa lhe mandou lavrar, e metidas em huma decente ſepultura de pedra, ſe lhe poz no verſo ſeguinte hum breve Epitafio:

Gualteri tegit hoc venerabilis oſſa ſepulchrum.

E no alto do frontiſpicio eſta Inſcripçaõ:

DIVO GvaLtero D.F.D. VIMARAN. PAtrono. inſtaurati feſti voto IIII. annoque M.D.LXXVII.P.V.F.C.

O povo

O povo de Guimaraens por quatro vezes fez voto de celebrar a ſua Feſta, como teſtifica o ſobredito Letreiro. De tempos muy antigos o começou a feſtejar neſte dia, o qual era de guarda na Villa, acompanhado de feſtas, e de huma feira geral, que deu o nome a hum campo, chamado ainda hoje o Campo da Feira, naõ diſtante da Villa. Depois da ſua trasladaçaõ, que ſe fez na primeira Dominga deſte mez, neſſe dia, ſe celebra a ſua Feſta, com Prociſſaõ, por Carta delRey D. Filippe, eſcrita no anno de 1621, que ſe guarda no Archivo da Camera, em que encommenda ſeja com a ſolemnidade, que no dia do Corpo de Deos. Os nobres moradores deſta Villa lhe erigiraõ huma Confraria, que approvaraõ pelo Papa Gregorio XIII. que lhe concedeo muitas indulgencias; e o meſmo depois conſeguiraõ do Papa Gregorio XV. para a vida, e para a morte eſpecialmente *In die feſtivitatis ejuſdem Sancti Gualteri*, como diz a Bulla paſſada a 5 de Abril de 1621, as quaes todas tem confirmado o noſſo Santo Papa Clemente XI. pelos annos de 1715. Eſcrevem a Vida deſte amado Diſcipulo de Saõ Franciſco, Cornejo na *Hiſtoria Geral da Ordem*, part. 2. liv. 4. cap. 60, em que ſe equivoca em pôr a ſua Feſta no 1. de Agoſto; Eſperança na *Chronica da Provincia de Portugal*, tom. 1. liv. 1. cap. 47; Fr. Marc. de Lisboa, part. 1. liv. 1. cap. 59, e liv. 6. cap. 27, e 30; Wanding. *Annal. Minor.* Tom. I. Ann. 1216. §. 2. 12. 17. 25. Tom. II. Ann. 1258. §. 9; Fr. Manoel de Monforte na *Chronica da Provincia da Piedade*, liv. 3. cap. 15; Cauſino *Corte Divina*, *Ephemer. de Agoſto*; o Illuſtriſſimo Cunha *Hiſtoria de Braga*, part. 2. cap. 27. pag. 119; Eſtaço *Varias Antiguidades de Portugal*, cap. 29. pag. 123; Brandaõ na IV. Parte da *Monarchia Luſit.* liv. 13. cap. 13. pag. 93; Faria *Europa Portugueza*, tom. 3. cap. 11. pag. 202; Ferrario *Novus Catalogus Sanctorum*; Puriſicaçaõ *Chronologia Monaſtica*; Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*; Fr. Artur no *Franciſcano*, todos neſte dia, onde cita outros muitos Authores, de quem ſaõ as palavras ſeguintes: *Vimarani in Luſitania Beati Gualteri Confeſſoris ejuſdem Divi Patris Franciſci Diſcipuli vita, & miraculis inſigni.*

B D. Alvaro de Caſtro, Senhor de Penedono, filho herdeiro da Caſa, e virtudes de ſeu pay o grande D. Joaõ de Caſtro, Vice-Rey da India. Caſou com D. Anna de Ataide, filha de D. Luiz de Caſtro, Senhor da Caſa de Monſanto. Deſte eſclarecido conſorcio naſceo, entre outros filhos D. Catharina de Caſtro, que entrando no Moſteiro da Caſtanheira, largando o illuſtre appellido pelo dos Anjos, ſoube na obſervancia da Religiaõ adquirir nome de Santa, com que engrandeceo naõ menos a Caſa de Caſtro, do que os ſeus claros progenitores. Faleceo neſte dia, do anno de 1640. Saõ muy curtas as memorias, que temos deſta Religioſa, e do deſcuido de as notarem ſe queixa o Chroniſta da Ordem Serafica o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da ſua Hiſtoria, liv. 2. cap. 17. pag. 178.

C No Moſteiro de Santa Clara de Evora ſe conſervaõ duas Capellas, huma de S. Franciſco, e outra dos Santos Martyres de Marrocos, fabrica da devoçaõ da Virtuoſa D. Antonia de Noronha, que ſaõ hum eterno teſtemunho do ſeu zelo, pois conformando-ſe com o ſeu Inſtituto as ornou, ainda que com pobreza, com aceyo. O Memorial, que temos m.ſ. deſte Moſteiro, que varias vezes temos allegado, e donde tiramos o que delle eſcrevemos, diz ſer filha de D. Antonio Lobo, irmaõ do Baraõ de Alvito D. Joaõ: deve de ſer eſte o filho de D. Diogo Lobo, II. Baraõ de Alvito, que teve por filho D. Antonio Lobo, que ſeguindo a vida Eccleſiaſtica foy Capellaõ mór do Infante D. Duarte, filho delRey D. Manoel, ao qual os livros de Familias deſte Reyno, daõ entre outros filhos a D. Antonia, nem póde ſer outro; porque inda que ſeu irmaõ D. Joaõ Lobo, naõ chegou a ſer Baraõ de Alvito por morrer em vida de ſeu pay em Azamor, deſgraçadamente da quéda de hum cavallo, adondę tinha hido em companhia do Duque de Bragança D. Jayme, como eſcreve Goes na *Chronica delRey D. Manoel*, part. 3. cap. 46. Naõ houve entre eſtes Fidalgos, filho deſte nome. Faleceo D. Antonia de Noronha, neſte dia, do anno 1597, e o Senhor quiz comprovar a gloria de ſua Serva, com prodigioſas circunſtancias. O roſto lhe ficou com tal graça, que parecia de quem eſtava dormindo, e naõ morta. Quando a levaraõ para o Coro a ſeguiraõ quatro pombas, e naõ ſe apartaraõ do eſquife, até que a meteraõ na

ſepultura. A cera do ſeu enterro ardendo naõ ſe diminuio, antes ſe augmentou, de ſorte, que pedindo-ſe a conta do pezo para ſe pagar, reſpondeo o Ciriciro, que bem ſatisfeito eſtava, na que achara de mais.

D Diſta huma legoa da Villa de Thomar o Convento de Santa Sita, ainda dentro dos limites do Arcebiſpado de Lisboa, no Commento do dia 6 de Abril, ſe póde ver a ſua fundaçaõ. Para eſte Convento veyo de Santarem Fr. Vicente Barqueiro, de quem fizemos menção, e morreo no anno de 1613, e foy ſeu corpo por diſtincaõ ſepultado no Capitulo, como refere Eſperança na II. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 11. cap. 38. pag. 620.

E A Madre Sor Marianna do Preſepio, occupou o lugar de Abbadeſſa do Moſteiro de Santa Iria de Thomar, da Serafica Familia duas vezes, com taõ admiraveis procedimentos, que pelo ſeu exemplo conſeguio naquella Communidade huma ſingular veneraçaõ, em quanto lhe durou a vida, e depois deixou huma ſaudoſa memoria da ſua morte, que foy neſte dia, do anno de 1684, com claros ſinaes de que lhe fora revelada, como refere Soledade na *Hiſtoria Seraſica*, part. 3. liv. 3. cap. 10. pag. 295.

F A Villa de Medina del Campo, no Biſpado de Salamanca, oito legoas da Cidade de Valhadolid, celebre nas Hiſtorias de Heſpanha, por ter logrado por muitas vezes a Corte de ſeus Reys, tem por Armas treze roeles de prata, orlada com eſta letra: *Ni el Papa beneficio, ni el Rey officio.* Por ſingular privilegio da ſua Collegiada, em que o Papa naõ provè Beneficio, nem ElRey Officio da Villa. Naſceraõ nella peſſoas de diſtincaõ, em letras, e valor, e naõ he menor gloria ſua ter ſido Patria do Padre Franciſco de Carriaõ, que aos trinta annos da ſua idade, e dezanove de Companhia, e gaſtos em laborioſa vida, foy morto em odio da Fé, no anno de 1590, em Iquizuk, Aldea da Ilha de Firando. Paſſou à India com o Padre Alexandre Valignano, Viſitador, que o mandou ao Japaõ, onde aſſiſtio quatorze annos, e por ſua ordem eſcreveo em bom eſtylo as *Annuas*, e *Cartas do Japaõ*, relatando os progreſſos, que a Religiaõ Chriſtãa tinha conſeguido naquelle Imperio, pelo trabalho dos filhos da Companhia. Delle faz menção Nadaſi *Dierum memorabilium*, neſte dia; Cardim nos Elogios, pag. 21.

AGOSTO III.

S. Pantaleaõ M. Oitava.

AM a Cidade do Porto, a Oitava de Saõ Pantaleaõ Martyr, o qual pela confiſſaõ da Fé, generoſamente ſoube deſprezar as riquezas do Mundo, os favores do Emperador, e com admiravel conſtancia ſofreo diverſos generos de martyrios, ſendo lacerado com unhas de ferro, queimado com tochas accezas, e metido em huma caldeira de chumbo derretido, lançado no mar com huma grande pedra ao peſcoço, deitado a beſtas féras, e depois atado em huma roda, cuberta de pontas de aço, e precipitado de hum monte, e triunfando de tudo com eſpanto dos Gentios, até que ſendo degolado, com novo prodigio acreditou Deos os grandes merecimentos de ſeu Servo, lançando leite em lugar de ſangue, por cuja admiravel tolerancia, mereceo ſer coroado com a immarceſſivel palma na Gloria, entre os famoſos

ſos Campioens da Celeſte Jeruſalem. Seu glorioſo Triunfo celebraraõ em ſeus eſcritos com extraordinarios Elogios Saõ Joaõ Damaſceno, Metaphraſtes, Surio, e outros muitos, e aſſim meſmo Catholicos Poetas.

Sor Brites Leitoa Dominica.

B Em a Villa de Aveiro, no Moſteiro de Jesus, da Dominicana Familia, eſperaõ a univerſal Reſurreiçaõ as cinzas da Veneravel Madre Brites Leitoa, ſua Fundadora, Matrona de taõ ſingulares virtudes, que em todo o tempo com igualdade de animo deu moſtras da ſua prudencia. Criou-ſe na virtuoſa Eſcola do Paço da Infanta D. Iſabel, mulher do Infante D. Pedro, aquelle excellente Principe, a quem as virtudes, e os acertos da ſua regencia, fizeraõ benemerito de melhor fim; porém a fortuna, que entaõ lhe faltou, durará ſempre na eſtimaçaõ das gentes. Era Brites Leitoa de idade muy tenra, e de entaõ começou o ſeu ſerviço a ſer agradavel a eſtes Principes, e como era de naſcimento claro, e conſpicuo, aſſentava nella bem todo o favor. Concertaraõ-na para caſar com Diogo de Ataïde, que depois foy Guarda môr da dita Infanta, em cujo ſerviço ſe conſervou até a ſua morte, que naõ foy muito depois da de ſeu marido, na infelice batalha da Alfarrobeira. Eſte tragico ſucceſſo lhe deu hum tal conhecimento do Mundo, que dando de maõ às honras do Paço, para que de novo o convidavaõ, ſe determinou recolher com ſua mulher, para o Lugar de Ouca, fazenda ſua, duas legoas de Aveiro, e com verdadeiro eſpirito vivia como ſe foſſe no Ermo: paſſava os dias em orações, e jejuns; as noites em vigias, a que como poderoſo ajuntava muitas obras de charidade. Por ſuas mãos trabalhava, ao modo dos Padres do Ermo, occupando-ſe no ſerviço humilde. Brites Leitoa, fiel imitadora da mais heroica virtude, trabalhava das portas a dentro, governando a ſua familia, como a Mulher forte. Neſte theor de vida, ſem obrigaçaõ de Regra, nem Habito Monachal, paſſavaõ em ſanta obſervancia da Ley de Deos; e quando com mayor goſto ſe conſideravaõ felices, levou o Senhor para ſi Diogo de Ataide. Naõ contava mais que vinte e ſete annos, quando ſe achou viuva com quatro filhos; e como era rica, nobre, e virtuoſa, foy muy pertendida para ſegundas vodas. Eraõ bem differentes os ſeus penſamentos, e aſſim ſeguia a vida, que tinha praticado com o marido, vivendo na ſua imaginaçaõ enterrada

para

para o Mundo. Combatia o Ceo com devotas ſupplicas, a que ajuntava jejuns, e penitencias, para que lhe allumiaſſe o entendimento em huma reſoluçaõ ſegura, para o ſervir. A eſte fim, depois de muitas obras de piedade, chamou Fr. Joaõ de Guimaraens, Prior do Convento de Saõ Domingos, homem douto, e de vida ſanta, e debaixo da ſua direcçaõ ſe reſolveo a viver na Villa, em hum ſitio, que comprou, com o mayor rigor das Emparedadas, e deſpedindo toda a familia, ſe recolheo com ſuas filhas D. Catharina, e D. Maria, e huma Dona velha, e negadas a toda a communicaçaõ, naõ eraõ viſtas ſenaõ na Igreja dos Dominicos, àquella hora determinada dos ſeus exercicios, com tal modeſtia, que nem entre ſi fallavaõ, e ſó com o ſeu Confeſſor tratavaõ materias da ſua alma. Jejuava Brites Leitoa todo o anno, nunca mais comeo carne. A camiſa era hum cilicio aſperiſſimo, tunica de burel, vil, e groſſeiro, que rompia o delicado corpo em feridas, vencendo com o eſpirito a fraqueza do humano. Paſſava a mayor parte da noite orando, e alternando com diſciplinas, e lagrimas, ſendo a cama do caſtigado corpo o chaõ do ſeu Oratorio. A ſuas filhas, que amava terniſſimamente, deſpida dos affectos da natureza, tratava ſem carinho, e ſó com amor de proximo. Já era celebre por todo o Reyno a fama do novo Recolhimento, de que naſceo pertenderem muitas Senhoras largarem as ſuas grandes Caſas, e acolherem-ſe àquelle abrigo do Ceo, a que ella reſiſtia; porque ſó intentara recolherſe com ſuas filhas, e naõ fundar. Paſſado algum tempo, ou inſpirada de Deos, ou obrigada das inſtancias, e grande qualidade de D. Mecia Pereira, que ficou viuva, e moça, de Martim Mendes de Berredo, da Illuſtre Familia de Pereira, de que ella tambem era deſcendente. Com D. Mecia Pereira, e mais duas Companheiras de igual cathegoria, e procedimentos, creſceo a Communidade, e foy preciſo alargar o ſitio, parecendo no rigor, e obſervancia de vida o Moſteiro mais recoleto. Aſpiravaõ a mayor perfeiçaõ, e principiando por hum Oratorio, onde lhe foſſe hum Religioſo dizer Miſſa todos os dias, e miniſtrarlhe os Sacramentos, veyo a ter principio o Moſteiro de Jesus de Aveiro, de que ellas foraõ Fundadoras. Creſcia o material da obra, e a perfeiçaõ do eſpirito, vencendo conſtantes, e humildes os eſtorvos, que ſe levantaraõ, para

naõ

naõ chegar ao fim, que em breve tempo conſeguiraõ; porque ao amanhecer do dia ſe achava com admiraçaõ a obra mais creſcida, do que ſe deixava na noite, de que naſcia eſpalharſe pela terra, que os Anjos trabalhavaõ de noite, e deſta ſorte creſcia, aos olhos, e admiraçaõ de todos. Naõ ſofria o demonio, que ſe funda-ſe huma Caſa, em que Deos havia de ſer taõ ſervido; e aſſim depois de ter eſgotado com horriveis viſoens, e ameaços de contraſtar o peito da Serva de Deos, para que deſanimada deſiſtiſſe da empreza, vencia humilde toda a infernal furia; mas com diabolica aſtucia lhe declarou peyor guerra, perſuadindo a hum Senhor poderoſo, e rico do Reyno, que por demanda lhe pediſſe a Quinta de Ouca; e dando hum libello taõ inſtruido de Direito, e taõ apparente de razoens, que mandou a Juſtica, que appareceſſe na Corte Brites Leitoa. Eſte contratempo naõ deſanimou o ſeu eſpirito; porque ſe fundava em paciencia, e humildade, recorria a Deos com confiança. Fiada na juſtiça da cauſa, fez o caminho para a Corte a pé, veſtida dos trajes vís, e groſſeiros, de que uſava, acompanhada de hum criado velho, que fora de ſua Caſa, e de huma criada de mayor idade. Cauſou grande admiraçaõ o ver naquelle traje transfigurada aquella meſma, que fora a gala do Paço, e attendida da Corte, ſem mais cauſa, que por amor de Deos, ſe ter feito humilde. As Damas do Paço alcançaraõ licença, para a poderem hoſpedar nas ſuas pouſadas, trabalhando em competencias pela ſua communicaçaõ. Em breve ſe vio a juſtiça da cauſa, inda que à cuſta de huma grave, e comprida doença, da qual melhorada voltou a entender com a fabrica do ſeu Moſteiro, que achou adiantada, e capaz de receber mais Companheiras. Aſſentado o dia de tomarem o Habito de Saõ Domingos, foy Brites Leitoa a primeira, que o veſtio, a que ſe ſeguiraõ ſuas filhas, e as mais. Começou logo a exercitarſe o fervoroſo eſpirito da Fundadora, que todas ſeguiaõ com ſanta emulaçaõ, ſervindo em os actos mais vís, e humildes, ſem o deſcanſo de ſerventes. Nos mais exercicios de Coro, oraçaõ, vigilias, jejuns, e diſciplinas, era tanta a obſervancia, que era perciſo na Prelada mais cuidado, para as afrouxar no rigor, do que para as perſuadir à perſeverança. Neſte theor de admiravel obſervancia eſtava o Moſteiro de Dominicas de Aveiro: quando começou

meçou a experimentar a Villa o terrivel mal de peſte, e ardendo no contagio, começou a ſentirſe no Convento. Morreraõ algumas Religioſas, e entre ellas ſua filha mais velha Sor Catharina de Ataide, a quem a virtude, e o ſangue faziaõ duas vezes amada. Sepultou-a, ſem que no ſemblante deſſe a conhecer, que aquella era a prenda, que mais amava na terra: eſte effeito do amor de Deos retribuîa o Senhor, animando o fragil da natureza com Celeſtes viſoens, humas vezes fazendo-lhe ouvir Muſicas de Anjos, outras moſtrando-lhe a Gloria dos Bemaventurados, e com taõ ſingulares favores fazia mais creſcidos os deſejos de padecer. A' fama da virtude do Moſteiro concorriaõ a tomar o Habito muitas Senhoras Illuſtres do Reyno; e chegando eſta noticia à Princeza D. Joanna, filha delRey D. Affonſo V. que a Igreja declarou com o titulo de Beata, e veneramos no Altar, determinou tomar o Habito de Saõ Domingos, neſte Moſteiro, o que finalmente recebeo da maõ da Prioreſſa Brites Leitoa. E quando viviaõ em Angelico ſocego, gozando as ſuavidades do eſpirito, ſobreveyo nova peſte, que tornando a dar na Villa obrigou a ElRey ordenar, que a Princeza ſahiſſe do Moſteiro, e para que lhe foſſe menos ſenſivel eſta auſencia, foſſe acompanhada da Prioreſſa Brites Leitoa, e das mais Religioſas, que elegeſſe; para o que lhe mandou licença dos Prelados, com novos poderes de fundarem onde pareceſſe à Princeza. Obedeceo a Prioreſſa, e com grande deſconſolaçaõ ſe deſpedio das mais Religioſas, e naõ ſem lagrimas daquellas paredes, que foraõ fabricadas tanto à cuſta da ſua paciencia, e cuidado, como quem entendia naõ as tornaria a ver. Sahio finalmente ſaudoſa da ſua amada Caſa, e ſeguindo a Princeza vieraõ parar na Villa de Aviz: cahio logo a Prioreſſa enferma de febres: pareceo à Princeza, que ſendo Veraõ era remedio deixar a Provincia de Alentejo, e fez logo caminhar para Abrantes. Aqui ſe agravou a doença, e rendida da força do mal, entregou a ſua alma adornada de perfeitas virtudes ao ſeu Creador, deixando da gloria, que lograva, ſingular teſtemunho, em ficar o ſeu corpo, como de peſſoa, que dormia; os membros brandos, meneaveis, como quando eſtava viva.

Os Embaixadores de Macao com 57 Compan. MM.

C Em Nangaſachi, no Japaõ, com animos deſtemidos, teſtemunharaõ com o ſeu ſangue a infallivel verdade da noſſa ſanta

ſanta Fé. Luiz Pacheco, Rodrigo Sanches de Paredes, Simaõ Vaz de Pavia, Gonçalo Monteiro de Carvalho, Portuguezes da Cidade de Macao, com cincoenta e ſete Companheiros, que ſendo mandados por Embaixadores do governo daquella Cidade à Corte do Japaõ, para facilitarem o comercio prohibido à Naçaõ Portugueza, quebrado pelos Japoens, em odio da Fé; porque ſe lhe introduzia pelos Miſſionarios Apoſtolicos, envolta no ſeu intereſſe. Informados os Miniſtros da Fazenda Real de Macao do publico Edicto, com que no Japaõ ſe prohibia entrada a toda a peſſoa de Naçaõ Portugueza, reſolveraõ mandar huma Embaixada ao Imperio do Japaõ; para o que eſcolheraõ quatro Cidadãos dos mais nobres por ſangue, authoriſados em cargos, e reſpeitados por annos, a quem deraõ eſta commiſſaõ. Prepararaõ-ſe com decencia, e authoridade que pedia o caracter, e depois com os Sacramentos; porque ſe naõ admitte peſſoa alguma naquella viagem ſem conſtar, que ſe tenha confeſſado, e commungado. Feitas varias rogativas publicas nos Conventos de Macao, ſahiraõ daquelle porto, aos 22 de Junho, do felice anno de 1640; vencidos alguns trabalhos, que pareceraõ milagroſos, com quinze dias de viagem chegaraõ ao porto de Nangaſachi, e ſurgindo defronte da Ilha dos Martyres, cuja interceſſaõ imploraraõ devotos, para que intercedeſſem por aquelle negocio. Tanto que deu fundo o navio, veyo gente de terra a viſitallo, deraõ-lhe parte, que eraõ de Macao, e que traziaõ quatro Embaixadores da Cidade, para tratar com o Emperador, do commercio entre aquelle Imperio, e os Portuguezes. Examinadas outras couſas, tomando a Carta dos Embaixadores para o Governador de Nangaſachi, ſe deſpediraõ os da viſita. Naõ tardaraõ muito em chegar duas embarcações grandes, com outros Miniſtros, a que chamaõ Bungios, para ſe certificarem da gente, e forças, de que ſe compunha o navio, e de tudo ſe moſtraraõ ſatisfeitos; e tirando o leme o levaraõ para terra. No dia ſeguinte deſcavalgaraõ a artilharia, e a levaraõ, dizendo aos Embaixadores, que no outro entrariaõ na Cidade, com toda a ſua comitiva. O Governador lhe eſcreveo com palavras de amiſade, offerecendo-lhe tudo o que foſſe neceſſario, para o ſuſtento de ſuas peſſoas, e gente, e que do negocio da Embaixada trataſſem por eſcrito: reſponderaõ agrade-

cendo aquelle diſſimulado offerecimento, e paſſaraõ ſeus officios à Corte. Eſta Carta remeteo o Governador por hum proprio; e ſendo mal recebida, foy a repoſta mandar dous Miniſtros, para que os proceſſaſſem como reos, e a toda a de mais gente. Entraraõ os Tonos em perguntas, dizendo como ſe atreveraõ a entrar no Japaõ, contra a ley do ſeu Principe, que condenava à morte aos tranſgreſſores do ſeu Edicto? A que reſponderaõ, que ſó ſe entendia a ley com os comerciantes, mas naõ com elles Embaixadores da Cidade de Macao, que ſua jornada ſe dirigia a negociar com a Corte, para reſtabelecer o commercio dos Japoens com os Portuguezes. Mas naõ convencidos da razaõ, e com infidelidade poucas vezes viſta, lhe intimaraõ a ſentença da Corte, em que condemnava aos Embaixadores, e todos da ſua companhia à morte; ſendo a cauſa deſta iniqua ſentença, o terem os Portuguezes promulgado a Ley dos Chriſtãos no Japaõ. Ouviraõ-na os Embaixadores ſem receyo, nem temor da morte temporal, pois por ella conſeguiaõ vida eterna. Lida a ſentença os ataraõ com cordas aos peſcoços, prezas as mãos, e a todos os de mais Chriſtãos, os tiraraõ da ſala do Tribunal, em que eſtavaõ. O Embaixador Luiz Pacheco, lhe diſſe deſaſſombradamente, que naõ havia ley barbara, que faltaſſe ao direito das gentes, que entre todas as Nações do Mundo fora ſempre privilegiado. O Embaixador Rodrigo Sanches de Paredes, com animo conſtante mandou hum recado aos Tonos, da ſubſtancia ſeguinte: Que com Peſſoas do ſeu caracter ſe naõ uſava ſemelhante aleivoſia, declarando, que os matavaõ por ſerem Chriſtãos. Preza toda a gente do navio, delles eſcolheraõ treze, para voltarem a Macao com a noticia daquella cruel execuçaõ. A noite paſſaraõ em preces, e rogos, pedindo a Deos os encheſſe de conſtancia, para darem as vidas em obſequio da Fé, que profeſſavaõ. Era para ver os Negros, e para admirarlhe a fortuna, confortando a ſeus amos, e pedindo com humildade perdaõ entre ſi huns aos outros; e todos alegres eſperavaõ aquella felice hora, que lhe havia de abrir as portas do Paraiſo. O Embaixador Rodrigo Sanches, naõ ſó os exhortava, mas com efficacia lhe perſuadia a gloria do martyrio. Amanheceo o dia tres de Agoſto, em que o Ceo os havia de apoſentar nos Córos dos Martyres, e a Militante Igreja havia de

triunfar

triunfar da perfidia dos Tyrannos. Tirados da prizaõ, ſe intimou em voz alta hum indulto do Emperador, que concedia a vida a todos, os que largando a Religiaõ Chriſtãa, abraçaſſem a dos ſeus Idolos. Mas a huma voz ſe ouvio, que todos queriaõ morrer na Ley de Jesu Chriſto, abominando toda a idolatria, deixando-ſe ver naquellas confuſas vozes a efficacia da Divina Graça. O Embaixador Simaõ Vaz de Pavia, levantando a voz, cheyo de novos brios, e com entranhavel gozo, e alegria, voltando para os Companheiros, diſſe: *Agora ſim, agora ſim, que já naõ póde occupar os noſſos corações triſteza, pois morremos pela Fé de Chriſto.* Seguio-ſe a eſtas vozes hum geral contentamento em todos, e huma firme eſperança da victoria. Naõ deſperſuadidos os Tyrannos, de novo mandaraõ offerecer em particular a quaſi todos a vida, que com admiravel conſtancia, e heroica reſoluçaõ deſprezaraõ, antepondo a verdade infallivel, à ignominioſa vida, que conſeguiriaõ ſendo apoſtatas da Fé. O Embaixador Simaõ Vaz de Pavia, quando lhe perguntaraõ ſe queria mudar de Religiaõ, reſpondeo com ſingular efficacia: A mim, barbaro idolatra? Pertendes enganarme amim? Naõ me conheces? Sabe, que já eſtou vendo a Jesu Chriſto, cuja gloria já me eſpera. Em muitos dos Companheiros houve repoſtas dignas de eterna memoria. Ainda naõ deſenganados os Miniſtros da crueldade, de novo, como pregaõ, offereciaõ a vida, aos que largaſſem a Fé de Chriſto, que todos a huma voz ratificaraõ, com confuſaõ dos Idolatras Japoens. Eraõ mais de ſeis horas da manhãa, quando tirados da prizaõ, foraõ conduzidos ao lugar, aonde ſe havia de executar a infame ordem do Emperador. Gonçalo Monteiro de Carvalho, com huma Proteſtaçaõ da Fé, declarou o intimo do ſeu coraçaõ, e com animo reſoluto acabou, que diſſeſſem em Macáo, que elle morria pela Fé de Chriſto. O meſmo publicavaõ os Embaixadores, alegres, e contentes; e aſſim todos os de mais, animados da Divina Graça, com deſprezo da vida, confundiaõ com a ſua conſtancia a todo aquelle grande numero de eſpectadores, que os ſeguiaõ. Era para ver aquella Prociſſaõ de Confeſſores de Chriſto: precediaõ os quatro Embaixadores, e logo os de mais Companheiros. Chegaraõ ao lugar determinado, e nelle foraõ degolados todos em obſequio da Fé, ſubindo as ſuas bemditas almas triunfantes ao Ceo,

deixando eſcrito no livro da vida eterna a temporal, que ſouberaõ deſprezar, por ſeguirem a JESU Chriſto. He bem para notar, que ſendo ſeſſenta e hum o numero daquelles Martyres, ſe acharaõ dezaſete Nações naquella victoria, a ſaber: Portuguezes, Caſtelhanos, Myſtiços, Indios, Papamgos, Chinas, Bengalas, Cafres, Malayos, Timores, Solores, Ballalas, Malabares, Achens, Canarins, Macaſſares, e Jaos.

Sor Maria da Conceiçaõ Franc.

D No Moſteiro da Caſtanheira, da Serafica Familia, deixou de ſua virtuoſa vida huma veneravel memoria a Madre Sor Maria da Conceiçaõ: em os primeiros annos da mais tenra idade moſtrou hum eſpirito taõ elevado, que aſpirava à perfeiçaõ. Ainda naõ conhecia a ſua innocencia a culpa, ſe naõ no nome, e já lhe prevenia remedio, ornando-ſe de virtudes. Tres annos viveo em continuado ſilencio, gaſtando o tempo, ou no Coro orando, ou na Cella eſcrevendo, o que lhe ditava o eſpirito; porque da Myſtica teve larga liçaõ. Deſte ſilencio ſe lhe ſeguio huma abſtracçaõ de tudo. Já mais deu ſentido às couſas temporaes: ſuccedendo-lhe nas praticas, que tinha com ſeus irmãos, naõ lhe lembrar nada do que lhe contavaõ. Obſervou ſempre huma exacta pobreza, entregando pontualmente tudo quanto lhe davaõ nas mãos da Prelada. Quando occupou eſte officio, obrigada da obediencia, applicava o que tinha à Sacriſtia. A eſtas virtudes unio huma admiravel paciencia, com que ſe conformava nas adverſidades, por ſer a reſignaçaõ o mayor ſofrimento nos Juſtos; porque dos golpes do amor, e da natureza, fabricavaõ a coroa os ſeus merecimentos, o que obſervou com admiraçaõ eſta Serva de Deos. Morreo ſeu irmaõ na ſempre ſentida batalha de Alcacer, e pelo que o eſtimava lhe retardaraõ a noticia até a Paſchoa: deraõ-lha naquelle dia, a que com animo conſtante reſpondeo, que naõ era tempo de ſentimentos humanos, quando a Mãy de Deos eſtava chea de gozos; que ſe alegraſſem com ella naquella conſideraçaõ, que para o mais naõ faltaria tempo. Eſta fortaleza de eſpirito he a mais clara prova do deſapego do Mundo, e de quam unida vivia com Deos, a quem ſó amava com tal ternura, que ou na oraçaõ, ou rezando o Officio Divino, eraõ as lagrimas teſtemunhas do ſeu amante coraçaõ. De taõ exceſſivo amor a Deos, ſe lhe ſeguia huma grande compaixaõ do proximo, e das Almas do Purgatorio, por cujo alivio applicava,

plicava, naõ ſó muitas orações ſuas, mas era procuradora para as das Companheiras. Tendo obſervado com rigor huma vida penitente, e mortificada, ſe preparou para a morte; e recebendo o Santiſſimo Sacramento, que repetio na doença, ſe foy a lograr da Gloria, que Deos manifeſtou, ouvindo toda a Communidade Angelicas vozes, ficando o ſeu corpo flexivel, o roſto fermoſo, e agradavel, de ſorte, que nas Companheiras lograva veneraçõe de Bemaventurada.

Sor Joanna dos Santos, e Sor Ignez da Aſſumpçaõ Dom.

E Item de duas Religioſas Dominicas, Sor Joanna dos Santos, profeſſa no Moſteiro de Aveiro, donde foy levada por Prioreſſa para o de Santa Anna de Leiria, e depois para o de Santa Catharina de Evora: em ambas as partes ſe portou com tal exemplo, que recolhendo-ſe a ſua Caſa, duas vezes a elegeraõ Prelada, e o ſeria perpetua, ſe o naõ repugnaraõ as ſuas leys. Era mãy, e naõ Prelada; e hum retrato de ſeu Patriarca, de que foy taõ devota, que prevenia o ſeu dia com hum Advento de jejuns, exemplo, que ainda hoje dura em muitas Religioſas daquelle Moſteiro. Eſtas, e outras devoçõe com o ſeu Santo lhe gratificou na vida com favores, e na morte apparecendo-lhe veſtido de roupas de gloria, para onde a havia de acompanhar. Sor Ignez da Aſſumpçaõ, filha do Moſteiro de Monte môr o novo, taõ exemplar, que doze annos foy Prioreſſa, com univerſal contentamento das Subditas. Teve grande devoçaõ com o Roſario da Virgem, em cujo ſerviço punha todo o ſeu cuidado. No dia, em que faleceo, ſe obſervou o perguntar repetidas vezes pelas horas: como chegou à que tinha na memoria, diſſe ſer tempo de chamar a Communidade; e aſſim acabou, deixando entre as Religioſas ſanto nome, que ſe conſervou depois, abrindo-ſe a ſua cova paſſados annos, e foy achado o Roſario, e hum cordaõ negro, que ſempre trazia ao peſcoço em memoria de S. Noutel, inteiros, como ſe entaõ ſe deraõ à terra.

Franciſco Japaõ.

F Em Miaco, deu fim aos trabalhos da ſua vida em obſequio da Fé, Franciſco Japaõ, eſtando prezo no carcere, Imperando Toxogunſama, onde com admiravel reſignaçaõ eſperava o Martyrio, que ditoſamente em ſeus companheiros, e amigos vira executado, ſe o Senhor lhe naõ quizera adiantar o premio dos trabalhos, que pelo ſeu nome tinha ſofrido.

Com-

Commentario ao III. de Agoſto.

A DEpois de ſerem collocadas na Sé do Porto as Reliquias do glorioſo Martyr S. Pantaleaõ, ſempre eſta Cathedral feſtejou o dia de ſeu Martyrio, de que já fizemos menção com Oitava, como ſeu Patrono, como ſe vè do Officio dos Santos, de que ſe reza neſta Igreja, donde tambem ſe reza do dia da ſua trasladação, a 12 de Dezembro, como diremos em ſeu lugar, ſe Deos nos der vida.

B O Moſteiro de Jeſus de Aveiro, de que foy Fundadora a virtuoſa Madre Brites Leitoa, principiando, como temos viſto, por hum Recolhimento para a ſua peſſoa, e de ſuas filhas, creſceo depois em numero de Religioſas, ſendo muitas da primeira nobreza do Reyno, como veremos no diſcurſo deſta Obra. ElRey D. Affonſo o V. honrou com a ſua peſſoa eſta fabrica, lançando-lhe a primeira pedra, no anno de 1462, e com generoſidade Real lhe fez eſpeciaes merces. O Biſpo de Coimbra D. Joaõ Galvaõ, diſſe Miſſa de Pontifical; e feitas as ceremonias, que manda o Ritual Romano, pegou ElRey na pedra por huma parte, e pela outra o Biſpo, e lançou huma dobra de ouro, (entaõ a mayor moeda do Reyno) e com animo alegre diſſe: *Pode ſer que entre neſte Moſteiro couſa minha*; o que ſe vio verificado, quando a Princeza D. Joanna o elegeo para habitaçaõ ſua. Naõ podemos deſcobrir nos Nobiliarios deſte Reyno, quem foſſem os pays de Brites Leitoa, nem menos os de ſeu marido Diogo de Ataide, a quem a Hiſtoria de S. Domingos dá a conhecer por ſobrinho do Conde de Atouguia, e do Prior do Crato Joaõ Gonçalves de Ataide, poderia ſer filho natural de ſeu irmaõ D. Vaſco de Ataide, que tambem foy Prior do Crato; o certo he, que ainda que nos faltaõ noticias, eraõ peſſoas de qualidade, pelos Officios, que na Caſa do Infante D. Pedro ocuparaõ, e dignos de mayor memoria pelas virtudes, que elles ſouberaõ exercitar. Deſte matrimonio naſceraõ dous filhos, que deviaõ morrer; porque Brites Leitoa ſe recolheo com ſuas filhas D. Catharina de Ataide, que a Rainha lhe tinha tomado no ſeu ſerviço por Dama, e D. Maria de Ataide, que foraõ Religioſas deſte Moſteiro, a quem ſua mãy dotou, parece que de ſeu conſentimento, o ſenhorio do lugar de Ouca, e mais fazendas, que poſſuia. Teve eſte Moſteiro na Provincia ſempre reputaçaõ dos mais reformados: delle ſahiraõ Religioſas a reformar o das Donas de Santarem, a fundar o da Anunciada de Liſboa, o de Saõ Joaõ de Setuval, e Corpus Chriſti do Porto. Conſervaraõ ſempre nos trajes modeſtia de Religioſas, e o exemplo de taõ ſanta Fundadora. Nunca admittiraõ mirantes, nem janellas, para recreaçaõ; e aſſim he o Moſteiro no exterior de humilde fabrica, ſendo extenſo, em que accommoda muita gente. He abaſtado de rendas, com o dominio de Ouca, e appreſentaçaõ de tres Igrejas, que com outras annexas faz ſete, e com eſte padroado fica mais authoriſado o governo das Preladas da Caſa. A Capella môr deraõ aos Tavares, Senhores de Mira, cujo ſenhorio poſſue Bernardino de Souſa Tavares, filho de Manoel de Souſa Tavares, Governador, que foy de Mazagaõ, e de Pernambuco. A Igreja he ornada, e provida de prata, e paramentos, como Caſa que teve por moradora huma Princeza de Portugal, e depois tantas Illuſtres Senhoras, bem dotadas, que lhe fizeraõ grandioſas eſmolas. Faleceo a Madre Brites Leitoa, neſte dia, do anno de 1480, em Abrantes, donde depois foy trasladada, paſſados alguns annos, por ſua filha D. Maria de Ataide, ſendo Prioreſſa deſta Caſa, e collocados ſeus oſſos em particular ſepultura, como Fundadora, no Coro de baixo. Trataõ deſta Serva de Deos, Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 8; Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia; Soveges no *Anno Dominic.* a 2 deſte mez; *Jardim de Portug.* pag. 273; Carvalho na *Corografia*, tom. 2. pag. 103; o Biſpo do Porto na *Vida da Princeza Santa.*

C Sem horror da morte, nem dos tormentos, que padeciaõ no Japaõ os Chriſtãos, nas continuadas perſeguições, que experimentaraõ naquelle Imperio, ſe augmentava a Fé, e ſe povoava o Ceo de almas. E vendo o Tyranno Toxogunſama, Emperador do Japaõ, que naõ eraõ baſtante meyo as ſuas crueldades, tomou o expediente, de que naõ foſſem

àquel-

aquellas Ilhas Miſſionarios, e aſſim publicou a ley ſeguinte:

1 *Sabendo muito bem, que ElRey tem prohibido muy rigoroſamente em todo o Japaõ a Ley Chriſtãa, ſem embargo diſſo mandaraõ até agora às eſcondidas Prégadores da meſma Ley a eſtes Reynos.*

2 *ElRey caſtiga com pena de morte os Chriſtãos, que unidos entre ſi inventaõ, e tramaõ maldades, e couſas fóra de razaõ.*

3 *Deraõ, e mandaraõ de ſeus Reynos ſuſtentaçaõ aos Padres, e Chriſtãos, que eſtaõ eſcondidos no Japaõ.*

Por ſer verdade o contheudo nos tres Capitulos acima, prohibe, e manda ElRey, que daqui por diante naõ haja mais eſta viagem, e comercio, e que ſe ſem embargo deſte mandado, e prohibiçaõ mandarem navios a Japaõ, naõ ſó ſeráõ deſtruidos os meſmos navios, mas tambem todas as peſſoas, que nelles vierem, ſeráõ caſtigadas com pena de morte. Tudo o acima dito, he ordem, e mandado expreſſo delRey. Hoje quatro de Agoſto de 1639 annos. Cangano Cami, Sanuquino Cami, Vovoino Cami, Cambuno Cami, Runo Cami, Rungo Cami, Teuxumano Cami.

Depois deſta declaraçaõ taõ expreſſa em odio da Fé, ficou roto o comercio, que os da Cidade de Macao tinhaõ com eſtas Ilhas; e porque ſobre as utilidades da navegaçaõ ſe ſeguia a mayor de lhe introduzirem Miſſionarios Apoſtolicos: reſolveo a Governança de Macao, mandar os Embaixadores, de que temos tratado no Texto, para que facilitado o comercio pudeſſem ter lugar os Miniſtros do Evangelho. Porém obſtinados os Japoens contra o Nome de Jeſu Chriſto, os receberaõ na fórma, que temos dito, violando aquelle direito das gentes, que elles naõ ignoravaõ, e obſervaõ ainda as Nações mais barbaras; e para que ſe veja que outro nenhum motivo os obrigou a faltarem à ſua obſervancia, mais que o odio da Religiaõ Chriſtãa, nos pareceo lançarmos aqui a ſentença, porque os condemnaraõ à morte, e he a ſeguinte:

Sentença.

Por ſerem muitas, e grandes as culpas, que commetteraõ promulgando em Japaõ por muitos annos a Ley Chriſtãa, contra mandado, e rigoroſa prohibiçaõ delRey; prohibio o meſmo Senhor o anno paſſado rigoroſamente a viagem dos navios de Macao, mandando juntamente, que ſe ſem embargo deſta prohibiçaõ mandaſſem algum navio a Japaõ, o navio ſeria queimado, e todas as peſſoas, que nelle vieſſem condemnadas à morte, intimando-lhes por Capitulos, tudo o acima dito, e com tudo mandaraõ agora eſte navio, quebrando niſſo ſobredito mandado, e prohibiçaõ, no que tem particularmente culpa digna de grave caſtigo. Além diſto, poſto que dizem, que naõ mandaráõ daqui por diante Prégadores da Ley Chriſtãa a Japaõ, com tudo nas Cartas da Cidade naõ fazem mençaõ deſte particular: pelo que tendo ElRey prohibido a dita viagem, e navios, ſó por cauſa da Ley, naõ eſcreverem agora nas Cartas deſte particular, he prova ſer tudo fingimento, pelo que haviaõ de ſer condemnados à morte todos os que neſte navio vieraõ, ſem ficar peſſoa alguma: com tudo o navio ſeja queimado, e todos os principaes, e cabeças degolados, com os que o acompanharaõ. Mas para que em Macao, e em ſeus Reynos dem noticia do acima dito, ſe dê vida a alguns dos criados, e gente vil, e ſe tornem a mandar a Macao; e ſe por algum caſo daqui em diante mandarem algum navio a Japaõ, ſaiba-ſe de certo, que a qualquer porto que chegar, ſeráõ logo todos mortos. Aos tres da ſexta Lua do anno 17 da era Quancy, que he aos 21 de Julho de 1640. Os ſete Governadores da Tenca Camono Cami, Sanoquino Cami, Cangano Cami, Iſuno Cami, Teuximano Cami, Vovino Cami, Bungano Cami.

Executada eſta iniqua ſentença, como temos dito, he de ſaber a iniquidade della; porque os Embaixadores deraõ papeis em juſtificaçaõ da ſua jornada. Entre outros pontos hiaõ as diligencias, que o Governador de Macao tinha feito com os Prelados das Religioens da Cidade, como tambem com o Governador de Manilha, onde mandara hum Fidalgo, como procurador, tratar eſta materia, que viſto eſtar quebrado o comercio ſuſpendeſſem mandar Miſſionarios; e de todo eſte negocio levavaõ documentos, para moſtrar a ElRey; pelo que deviaõ gozar de immunidade, e de nenhuma ſorte podiaõ executar nelles caſtigo algum, e ſó podiaõ deſpedillos ſem os receberem, nem lhe darem audiencia, pois no navio ſe naõ achou nada de contrabando, nem ainda, que foſſe para o comercio. Mas tinha a Providencia de Deos, deſtinado para eſtes ditoſos Embaixadores, e ſeus Companheiros, a palma

ma do martyrio, que receberaõ no dia 3 de Agoſto, do anno 1640. Eſtas novas recebeo a Cidade de Macao com grande alegria. O Cabido com o Governador do Biſpado cantaraõ o *Te Deum*, com o Santiſſimo Sacramento manifeſto, a que aſſiſtio toda a nobreza, e grande concurſo de gente; e com todas as demonſtrações louvavaõ, e engrandeciaõ a Deos, com ſalvas de artilharia, e repiques, e outras feſtas. Houve luminarias em toda a Cidade, e por vinte dias em caſa dos principaes Cidadãos, e parentes dos venturoſos Embaixadores, com Muſicas, e outros feſtins, com que recebiaõ aquella felicidade. O Cabido, e Cidadãos, com o Governador do Biſpado, em ceremonia foraõ viſitar a ſuas caſas as mulheres, e filhos dos Embaixadores, dando-lhe os parabens de taõ grande fortuna, e offerecendo-lhe a tomarem à ſua conta os ſeus intereſſes. As mulheres de outros Portuguezes, que tambem morreraõ glorioſamente pela Fé, mandaraõ viſitar pelo ſeu Procurador da meſma fórma. Aos de mais da terra por hum Padre da Companhia, a que chamaõ pay dos Chriſtãos, com os meſmos offerecimentos, de ſorte, que em tudo ſe houve o Governo da Cidade com acerto. A Cidade ſe fez procuradora dos Martyres, para a ſua Canoniſaçaõ, de que fez o Governador do Biſpado hum inſtromento authentico da glorioſa morte dos Servos de Deos, que ſe remetteo a Roma, em ordem à ſua Canoniſaçaõ. Parece de razaõ naõ ficarem fóra de noſſos eſcritos os nomes de todos os Companheiros dos Embaixadores, com as patrias, que lhe deraõ o naſcimento, para que ſe jactem ſeus naturaes de taõ venturoſos compatriotas.

Embaixadores.

Luiz Paes Pacheco, natural da Cidade de Cochim, de idade de 78 annos, viuvo em Macao.

Rodrigo Sanches de Paredes, natural da Villa de Thomar, caſado em Macao, de 55 annos.

Simaõ Vaz de Pavia, natural de Lisboa, caſado em Macao, de 53 annos.

Gonçalo Monteiro de Carvalho, natural de Meijaõ frio no Biſpado do Porto, viuvo em Macao, de idade de 51 annos.

Portuguezes Soldados, e gente do Navio.

Domingos Franco, natural de Lisboa, Capitaõ do navio, de 50 annos.

Franciſco Dias Boto, natural de Lisboa, no Bairo da Boaviſta, caſado em Goa, piloto do navio, de 55 annos.

Manoel Alvares Franco, natural de Liſboa, caſado em Macao, de 33 annos, Meſtre do navio.

Diogo Dias Milhao, natural de Barcellos, caſado em Macao, de 40 annos, Condeſtavel do navio.

Domingos Fernandes de Macao, caſado em Manilha, de 50 annos, Marinheiro.

Bento de Lima Cardoſo, natural da Cidade do Porto, ſolteiro, de 19 annos, Soldado.

Diogo Fernandes, natural do Lugar da Bempoſta, caſado em Macao, de 28 annos, Soldado.

Luiz Barreto Fialho, natural da Fortaleza de Ormuz, caſado em Macao, de 25 annos, Soldado.

Manoel Nogueira, natural de Lisboa, caſado em Macao, de 25 annos, Soldado.

Diogo dos Santos, natural de Caſcaes, ſolteiro, de 35 annos.

Joaõ Pacheco, natural de Lisboa, caſado em Macao, de 30 annos.

Gaſpar Martins, natural de Vianna, viuvo de 35 annos.

Damiaõ Franciſco, natural do Lugar de Ovaya, caſado em Macao, de 50 annos.

Caſtelhanos Soldados, e gente do mar, e Myſtiços.

Alonſo Gallegos, natural de Villa Raza, caſado em Macao, de 45 annos, Soldado.

Joaõ Henriques Carriaõ, Myſtiço, natural de Filippinas, caſado em Macao, de 30 annos, Soldado.

Pedro Peres, do Reyno de Galliza, de 45 annos.

Diogo de Mendoça, Myſtiço Portuguez, natural de Chaul, caſado em Macao, de 30 annos, Soldado.

Chinas naſcidos em Macao, a que chamaõ Surubacas, Marinheiros.

Pedro Vaz, caſado em Nagapataõ, de 57 annos.

Mi-

Miguel de Araujo, caſado, de 27 annos.
Domingos da Cunha, caſado, de 30 annos.

Chinas naſcidos no Reyno da China, Marinheiros.

Franciſco Leitaõ, caſado em Macao, de 35 annos.
Sebaſtiaõ da Rocha, caſado em Macao, de 30 annos.
Antonio Carneiro, caſado em Macao, de 30 annos.
Joſeph Tavares, caſado em Macao, de 35 annos.
Antonio de Moraes, caſado em Macao, de 28 annos.
Amaro Marim, ſolteiro, de 30 annos.

Moços Chinas do ſerviço dos Embaixadores.

Franciſco, ſolteiro, de 23 annos.
Antonio, de 8 annos.
Nicolao, de 11 annos.
Domingos, de 26 annos.
Manoel, de 25 annos.
Lazaro, de 17 annos.

Caſta Bengala do ſerviço dos Embaixadores.

Paſchoal, de 36 annos, cativo.
Joaõ, de 50 annos, cativo.
Mattheus, de 23 annos.
Manoel, de 30 annos, Coſinheiro.
Gonçalo, de 34 annos.
Diogo Fernandes, cativo.
Domingos, de 35 annos.

Caſta Canarins, e Achens, Marinheiros.

Agoſtinho Correa de Bardel, caſado, de 40 annos.
Gaſpar Monteiro, da Ilha de Samatra, de 35 annos.

Caſta Ballalas do ſerviço dos Embaixadores.

Sebaſtiaõ, Ballala, cativo.
Nicolao, Malavar, de 16 annos, cativo.
Antonio, Malavar, de 19 annos, cativo.

Caſta Malavares do ſerviço dos Embaixadores.

Antonio, de 20 annos, cativo.
Gonçalo, de 20 annos, cativo.
Thomé, de 25 annos, cativo.
Joaõ, de 25 annos, cativo.
Jeronymo, de 18 annos, cativo.

Caſta Cafres do ſerviço dos Embaixadores.

Antonio, caſta Sena, de 25 annos, cativo.
Alvaro, caſta Zamba, de 40 annos, cativo.
Franciſco, de caſta Sena, caſado em Macao, de 50 annos, forro.

Varias Caſtas do ſerviço dos Embaixadores, e ſua gente.

Domingos Malayo, de 18 annos, cativo.
Antonio, Sumba, de 40 annos, caſado, e forro.
Joaõ da Guerra, Papango, de 30 annos livre.
Alberto de Timor, de 17 annos, cativo.
Manoel, da Ilha Joa, de 35 annos, cativo.

De todos eſtes ſeſſenta, e hum Martyres, faz mençaõ o Padre Antonio de Cardim, em huma Relaçaõ deſte ſucceſſo, a qual ſe imprimio, e depois na lingoa Caſtelhana em Manila.

D No Commentario do dia 25 de Julho, quando tratamos de Fr. Vaſco Correa, diſſemos, que era irmaõ de Antonio Correa Baharem, Commendador de Ulme, o qual caſando com D. Iſabel de Caſtro, teve entre outros filhos, a Sor Maria da Conceiçaõ, que entrando de idade de oito annos no Moſteiro da Caſtanheira, ſeguio huma vida taõ obſervante, que acabou neſte dia, do anno de 1588, com opiniaõ de virtuoſa, como refere o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Serafica*, liv. 2. cap. 13.

E Lembraõ-ſe de Sor Joanna dos Santos, Dominica, o Padre Fr. Luiz de Souſa, na II. Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*, liv. 4. cap. 12; Soveges no *Anno Dominicano*, e outro *Anno Dominicano* de hum Terceiro, ambos neſte dia. De Sor Ignez, a meſma Parte da Hiſtoria deſta Provincia, liv. 6. cap. 20; e Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia, anno de 1540.

F De Franciſco Japaõ, nos deu (poſto que breve) noticia, o Padre Antonio Cardim no ſeu *Catalogo dos Mortos pela Fé no Japaõ*, pag. 280, o qual faleceo neſte dia, do anno 1618.

AGOSTO IV.

A Trasladaçaõ da V. Maria do Lado.

AO Lugar do Louriçal, Biſpado de Coimbra, a Trasladaçaõ da Veneravel Maria do Lado, que depois de vinte annos, que eſteve ſepultada na Igreja Matriz, ſendo deſenterrada, foy viſto de todos o lenço, que lhe cobria o roſto, inteiro, com algumas manchas de ſangue. Achouſe-lhe a mayor parte do cérebro illeza, o véo, e inſignia da Cuſtodia, os oſſos taõ unidos, como de corpo que tinha acabado de eſpirar, havendo miſter trabalho, para ſe deſlocarem dos ſeus lugares, lançando de ſi ſuave cheiro, que teſtemunhavaõ a gloria da ſua pura alma. E poſtos os veneraveis oſſos em decente caixaõ, foraõ metidos em huma urna de pedra, debaixo do Altar, neſte dia, do anno de 1652, na Igreja, que de novo ſe tinha edificado naquelle meſmo Lugar, em que ella naſceo, viveo, e morreo; vindo o tempo a verificar, o que o Senhor lhe revelara, de que havia de paſſar o ſeu Recolhimento a Moſteiro de Religioſas; vendo entaõ illuſtrada Divinamente, nas caſas de ſeu pay, onde hoje eſtá o Moſteiro, huma Communidade, compoſta de trinta e tres Religioſas, com Habitos pardos, com véos azuis na cabeça, com hum Calix com Hoſtia ſobre o eſcapulario, com alparcas nos pés, e as mãos levantadas, poſtas de joelhos, louvando o Santiſſimo Sacramento. Em noſſo tempo ſe vio comprida eſta revelaçaõ, quando no anno de 1708, foy o Moſteiro habitado de Religioſas, ſendo o ſeu principal Inſtituto depois de obſervarem a primeira Regra de Santa Clara, perſeverarem duas em continuo Lauſperenne, orando mentalmente diante do Santiſſimo Sacramento, pelas neceſſidades da Igreja, e Reyno.

Sor Joanna Evangeliſta Dom.

B Na Villa de Monte môr o novo, no Convento das Dominicas, felicemente deſcanſou neſte dia em paz Sor Joanna Evangeliſta, a quem o Senhor deu em larga doença, hum forte purgatorio, para ſervir de exemplo da paciencia. Era para admirar o modo, com que ſe deſpedio da vida huma moça, que naõ contava mais, que vinte e hum anno, com hum Crucifixo nas mãos, taõ compungida de dor de ſeus peccados, que com toda

toda a efficacia pedio a huma Religioſa huma pedra, dizendo, queria quebrar com ella os peitos, para alcançar perdaõ de ſeu Senhor. Aſſiſtia-lhe na doença huma Serv.nte da Caſa, que havia trinta annos trazia os braços, e roſto cuberto de mal, que chamaõ ſigado, que a fazia diſforme, o que lhe cauſava grandes febres. Compadecida a enferma de ſeu mal, lhe diſſe hum dia, que ſe como eſperava, ſe viſſe na preſença de Deos, promettia rogarlhe pela ſua ſaude: faleceo, e em breve foy cumprida a palavra.

O P. Manoel Godinho da Companhia.

C Em a Caſa Profeſſa de Saõ Roque, deu fim glorioſo à ſua vida o Padre Manoel Godinho, hum daquelles primeiros Religioſos, que approvou, e admittio o Veneravel Meſtre Simaõ Rodrigues. Era a ſua peſſoa taõ capaz, que a eſcolheo aquelle Fundador da Companhia em Portugal, para lhe encarregar materias de muita conſideraçaõ, tocantes ao eſtabelecimento da Religiaõ de Santo Ignacio, entaõ recemnaſcida ao Mundo, em que ſobre talento, moſtrou eſpirito, que depois acreditou o tempo. Depois que veſtio a Roupeta, ſeguio o modo de vida mais perfeita, como quem naõ aſpirava mais, que aos incomparaveis gráos da Bemaventurança. Admirou-ſe nelle hum deſprezo da ſua peſſoa, que ſervia de eſtimulo aos de Caſa, e aos de fóra de veneraçaõ. Occupava-ſe nos exercicios mais vís, e immundos do Collegio, abatendo-ſe a tudo com profunda humildade. Sendo Reytor do Collegio de Coimbra, era vigilantiſſimo zelador do ſeu ſagrado Inſtituto, como quem conhecia, que do rigor da obſervancia pende o conſervarſe a Religiaõ. Depois de a ter ſervido com obras dignas de bom, e verdadeiro Religioſo, eſtando em S. Roque no anno, em que a Cidade de Lisboa padeceo o horroroſo mal da peſte, a que as noſſas Hiſtorias chamaõ grande, foy nomeado com outros Religioſos, para ſervir aos enfermos, e dos primeiros a quem ferio o mal, eſtando confeſſando hum empeſtado: ſofreo a doença com notavel paciencia, como quem a tinha taõ exercitada em mortificaçõe, de que foy a receber o premio entre os Bemaventurados, como piamente cremos da ſua vida.

Sor Elena da Cruz Franciſcana.

D Em Santa Clara de Guimaraens, ſerá ſempre ſaudoſa a memoria de Sor Elena da Cruz, ſua primeira Abbadeſſa, de hum animo candido, e ſincéro, como quem naõ tinha cuida-

dos fóra do Ceo, e aſſim a mayor parte do dia, e da noite, perſeverava na preſença de Deos, em ſanta oraçaõ. Algumas vezes intentou o demonio perturbar aquella Angelica paz, com eſpantoſas figuras, de que o Divino Eſpoſo a livrava, dando-lhe alentos para proſeguir. Era o Moſteiro por extremo pobre, e padeciaõ as Religioſas neceſſidade, ainda no preciſo ſuſtento. Em huma publica falta moſtrou o Senhor a ſua Providencia, e a virtude da Prelada. Naõ havia paõ para a Communidade hum dia; ſentia afflicta eſta falta a Religioſa, que corria com a diſpenſa; queixava-ſe à Abbadeſſa; mas ella com roſto alegre, como chea de verdadeira Fé, lhe diſſe: Naõ ſe deſconſole Madre, que achará todo o paõ neceſſario, para o jantar, no lugar em que o coſtuma recolher. Naõ duvidou a Religioſa, e indo ao armario, achou hum grande numero de paens, que comeo a Communidade. Em outra occaſiaõ experimentando falta de azeite, lhe ſuccedeo o meſmo, ſuſtentando o Senhor com milagres as neceſſidades de ſuas Servas, pelos merecimentos da Prelada, que com verdadeira humildade agradecia ao Altiſſimo taõ publicos favores, applicando todo o cuidado, para que as ſubditas, ſervindo com todo o amor ſe fizeſſem merecedoras de taõ ſingulares beneficios. Governou dezoito annos com exemplo, naſcido de huma vida inculpavel, até que rendida do pezo dos annos, e achaques, predizendo nas obras a ſua morte, deſpedindo-ſe de ſuas amadas filhas, com grande ternura as exhortou ao amor de Deos, e obſervancia, e ſe foy a gozar do deſcanſo eterno.

O P. Antonio Bellavia da Companh.

E Na Capitania de Pernambuco, a bemaventurada morte do Padre Antonio Bellavia, da Companhia de Jesu, que ſeguindo o zelo do ſeu Inſtituto, deixou a ſua Patria, para nas Miſſoens da America conſeguir com o exemplo, e prégaçaõ, aquelles admiraveis frutos, que já o ſeu zelo tinha colhido na Europa. Foy Varaõ de tanta modeſtia, e de taõ ſuave trato, que ſe fazia perſi amado. Admirava-ſe no ſeu aſpecto huma imagem do mais verdadeiro Religioſo, ſendo os ſeus olhos a modeſtia mais pura; porque ſempre andavaõ caſtigados, para todo o genero de viſta, guardando no coraçaõ a caſtidade, como joya precioſa entre as de mais virtudes. Aſſim conſervou em Italia, e no Braſil opiniaõ de ſanto. Na guerra, que os noſſos tinhaõ com os Hereges, ſe valia de ſagrada induſtria,

para

para ſoccorrer aos Catholicos, por cuja ſalvaçaõ ſe abrazava. Eſtando em huma occaſiaõ confeſſando hum Soldado Portuguez, foy achado neſte exercicio por huns Hereges; e como abominadores do Sacramento da Penitencia, lhe deraõ na cabeça algumas cutiladas, com que fizeraõ glorioſo o fim da ſua vida, ſendo a ſua morte em odio da Fé.

Mathias Xoan, e Anna, ſua mulher, e 4 Companheir. MM. do Japaõ.

F Em Zungatú, deraõ com admiravel conſtancia ſinguIar teſtemunho da noſſa ſanta Fé, Mathias Xoan, e Anna, ſua mulher, e quatro Companheiros, ſacrificando as vidas pelo Nome de JESU Chriſto, ſendo deſterrados para huma terra agreſte, e inculta, nos ultimos fins do Japaõ, diſtante da communicaçaõ das gentes. Para eſte deſerto foy mandado Mathias Xoan, com ſua mulher, Medico, e alumno do Seminario da Companhia, pratico no Catheciſmo, e muy dado às couſas de Deos; e com as ſuas praticas, e conſelhos converteo, e bautiſou dous viſinhos ſeus, Dotey Leaõ, e Maria, ſua mulher. Foy tambem dos deſterrados Leaõ Xinſuqui, por ſer Chriſtaõ, que com fervor de eſpirito reduzio à Fé a Miguel Niſioye, particular amigo ſeu: e inſtruîdos todos na obſervancia da Religiaõ Catholica Romana, viviaõ com devoçaõ; mas em ſegredo, à maneira dos Santos, que na primitiva Igreja ſouberaõ pelos ſeus trabalhos alcançar a palma do martyrio. Soube o Tono, de que os deſterrados por Chriſtãos, naõ ſó perſeveravaõ na firmeza da Fé, mas de novo convertiaõ a outros ao conhecimento do Verdadeiro Deos; do que dando parte à Corte, foraõ todos condemnados à morte, que elles já eſperavaõ, preparando-ſe cada hum com grande fervor, para todo o genero de martyrio, ſentindo-ſe animados de ſuperior auxilio. Notificouſe-lhe a ſentença de ſerem queimados vivos, offerecendo-ſe a vida aos tres de novo convertidos, ſe mudaſſem de Religiaõ; mas elles conſtantes deſprezaraõ o indulto, e o que era mais a perſuaçaõ dos amigos, e parentes, e reſolutos ſeguiraõ a conſtancia dos camaradas. Chegado o dia aſſinado para a terrivel execuçaõ, foraõ tirados do carcere, e atadas as mãos nas coſtas, puzeraõ a cada hum ſua bandeira, conforme ſe uſa com os condemnados ao caſtigo, levando diante eſcrita a cauſa da ſentença, porque Xongun os mandava queimar vivos; huns por prégarem a Fé dos Chriſtãos, e outros pela haverem recebido; e poſtos em cavallos, os levaraõ

à ver-

à vergonha pela Cidade. Hiaõ os Soldados de Chriſto alegres, e taõ ſatisfeitos das affrontas, que rezavaõ, e cantavaõ Orações, em louvores a Deos. Chegaraõ ao lugar do ſupplicio, e atado cada hum a ſeu poſte, a fogo lento lhe foraõ conſumindo a vida, para a lograrem eterna, laureados com a immarceſſivel coroa de Martyres, durando eſta terrivel operaçaõ, deſde as duas, até às quatro horas da tarde, em que ſe admirava a conſtancia daquelles corações, aſſiſtidos da Divina Graça, eſtando immoveis, e alegres, poſtos em pé, com os olhos no Ceo, aonde foraõ a reſidir por toda a eternidade.

Fr. Thomé de Brito, e Fr. Mathias de Azevedo, da Ord. Militar de Chriſto.

G No Campo de Alcacer, em Africa, acabaraõ no exercicio do ſeu miniſterio, em odio da Fé, Fr. Thomé de Brito, e Fr. Mathias de Azevedo, da Ordem Militar de Chriſto, como valeroſos Soldados da Milicia do Senhor, exhortando aos Catholicos, confeſſando os moribundos, e confundindo os Infieis, que os viaõ, ſem temor da morte animavaõ aos Chriſtãos, até que atraveſſados nas barbaras lanças, ſubiraõ as ſuas almas ao premio eterno, como piamente ſe póde crer de taõ louvavel exercicio.

Fr. Salvador da Cruz Arrabido.

H Na meſma occaſiaõ ſe achou outro Soldado de JESU Chriſto, Fr. Salvador da Cruz, da Provincia da Arrabida, que com hum Crucifixo nas mãos, entre os eſquadroens dos Soldados, os exhortava a peleijarem, mais pela Religiaõ, do que por gloria; e ſem temor da morte preſiſtia na obrigaçaõ do ſeu officio, até que nas mãos dos Infieis, deu glorioſamente a vida.

O P. Mauricio da Comp.

I Item no meſmo Campo, foy morto em odio da Fé, o Padre Mauricio, Confeſſor delRey D. Sebaſtiaõ, em quem a mortificaçaõ, e a humildade, foraõ os primeiros fundamentos das mais virtudes, que exercitou no diſcurſo da ſua vida. Teve hum admiravel dom de lagrimas, que ſempre lhe obſervaraõ, ou foſſe meditando, ou fallando de Deos. Naõ havia dia, que no ſeu cubiculo ſe naõ affligiſſe com cilicios, e diſciplinas; e conſervando illeza a caſtidade, ſe augmentou no caminho da perfeiçaõ. As ſuas jornadas eraõ a pé, mendigando pelas portas o preciſo ſuſtento, como qualquer miſeravel. O ſeu veſtido taõ pobre, e deſprezivel, que indo para huma Miſſaõ, foy prezo com ſeu Companheiro, e metidos na cadeya publica dous dias, até que ſendo viſtos, e conhecidos por Religioſos

ligioſos da Companhia, com admiraçaõ do ſeu ſilencio, e paciencia foraõ ſoltos. Naõ baſtou a ſua induſtria, eſcrevendo huma carta ao Prelado mayor, em que pintava com muitas razoens os ſeus defeitos, para ſe eximir das occupaçõeſ de Prelado; mas a ſua virtude era taõ publica, que andava nos olhos da Provincia: e aſſim foy nomeado Reytor de Evora, e Prepoſito de S. Roque. O Cardeal D. Henrique, no tempo que governou o Reyno, na menoridade delRey D. Sebaſtiaõ, o chamou ao Paço, para ſe confeſſar, na falta do ſeu Confeſſor; e com ſanta reſoluçaõ lhe reſpondeo: Que o naõ podia abſolver, em quanto naõ reſtituiſſe os tributos Eccleſiaſticos, que contra a liberdade, e exempçaõ da Igreja ſe tinhaõ cobrado; o que o Cardeal, com prompta ordem fez emmendar, como quem eſtava ſem culpa no procedimento dos Miniſtros. ElRey D. Sebaſtiaõ, forçando o ſeu genio, o nomeou Meſtre dos Moços Fidalgos, que ſerviaõ no Paço; o que exercitou como virtuoſo. Na auſencia do Padre Luiz Gonçalves, o eſcolheo para ſeu Confeſſor, de que ſe deſejou bem eſcuſar; mas o reſpeito de hum Rey, a quem a Companhia era taõ obrigada, naõ podia ter decente deſculpa. Naõ ſe mudou aquelle coraçaõ, em que a humildade ſe hoſpedava; e aſſim pobre, e deſprezivel, pizava as antecameras do Paço, como quem era arraſtado da obrigaçaõ, e naõ com a vaidade de governar, que de ordinario perverte os primeiros coſtumes, em que hum Religioſo foy criado. Eſta occupaçaõ o levou a acompanhar a ElRey a Africa, fazendo primeiro muitas diligencias, para o diſſuadir da empreza; mas todas inuteis, pela força do deſtino, ou da deſgraça, que o Reyno havia de padecer. Na batalha com hum Crucifixo nas mãos animava aos noſſos à peleja com a memoria da Religiaõ. Já a victoria era conhecida da parte dos Infieis, e os noſſos, ou mortos, ou prizioneiros, eraõ triunfo dos Mouros: quando vendo hum dos inimigos, que conforme o Rito Chriſtaõ, eſtava adminiſtrando o Sacramento da Penitencia, em odio da Fé, de hum golpe lhe dividio a cabeça em duas partes, dando com taõ glorioſo fim, eterna gloria aos ſeus merecimentos.

Fr. Rodrigo de Lisboa, Erem. de S. Agoſtinho.

K No Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa, o felice Tranſito de Fr. Rodrigo de Lisboa, da preclara Familia dos Eremitas de Santo Agoſtinho, e filho do meſmo Convento,

vento, Varaõ douto, que por muitos annos publicamente dictou Filoſofia, Theologia, e Eſcritura, na Univerſidade de Liſboa, antes de ſer transferida para a Cidade de Coimbra. Era peſſoa de huma admiravel prudencia, integridade de vida, e coſtumes, ſingular humildade, junta com muitas letras, que o fizeraõ eſtimado dos Reys D. Joaõ II. e D. Manoel, de quem foy Prégador, e do ſeu Conſelho, e delle ſe ſerviaõ, como de Varaõ Douto, e Santo. Depois de extraordinarias penitencias, com que macerava o ſeu corpo, e taõ debilitada a ſaude, que parecia hum retrato da morte, tendo reformado com o exemplo, e depois com zelo, e prudencia a ſua Provincia, acabou em o Senhor, deixando na Ordem, e fóra della claro nome.

Commentario ao IV. de Agoſto.

A SEis legoas ao Sudueſte da Cidade de Coimbra, fica o Lugar do Louriçal, em ſitio agradavel, e abundante de todo o neceſſario, com gente nobre, e povoaçaõ de cento e cincoenta viſinhos. No tempo que os Reys D. Affonſo Henriques, e D. Sancho o I. tinhaõ a Corte naquella Cidade, frequentavaõ eſte Lugar, para lograrem o divertimento da caça, de que ainda ſe vem entre a antiguidade alguns veſtigios, que aponta a tradiçaõ dos moradores. Quando ElRey D. Affonſo o I. illuſtrou Santa Cruz de Coimbra, com as magnificas obras, com que augmentou aquelle edificio, lhe fez doaçaõ do Louriçal, e ſeu Termo, que comprehende oito legoas, povoadas de varios lugares, com prerogativa de Couto, que poſſuhio, até que na fundaçaõ da Univerſidade de Coimbra lhe foy incorporado com outras rendas.

Deſte Lugar foy natural a Veneravel Maria do Lado, de quem faz honorifica menção o Agiologio, no dia 28 de Abril, donde remettemos o Leitor. Acabada a Igreja ſe trasladou o Corpo da Serva de Deos, como temos dito, com grande ſolemnidade, em que prégou ſeu irmaõ o Padre Franciſco da Cruz, da Companhia, Confeſſor delRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, ſendo Principe, Religioſo, douto, e de hum animo candido: e ſendo metido dentro do vaõ do Altar, ſe lhe poz huma finiſſima pedra, em que ſe abrio o ſeguinte Epitafio, que lhe fez ſeu devoto o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conſelho de Eſtado, taõ conhecido pela ſua erudiçaõ, como pela ſua Caſa.

D. V. F.

Mariæ do Lado Lauriſalenſi primæ hujuſce domus Authori, eximiis virtutibus claræ, Cæleſtibus prærogativis eximiæ, clariſſimis prodigijs admirandæ, æque ſuperis charæ, ac Baratri manibus inviſæ, in Purgatorio penas dantibus, & cum morte confligentibus ſingulariter beneficæ; hoc loco feliciter natæ anno a Part. Virg. M.DC.VI. VIII. Kal. Julij, eodem felicius emortua ann. M.DC.XXXII. IV. Kal. Maij, illuc Rdi: Capi-

Capituli Conimb. authoritate translatæ ann. M.DC.LII. pridie Non. Auguſ. ſub Ara Sanctiſ. Euchariſtiæ, quam vivens coluit impenſe, expenſis teſtamento legatis ab illiño & pientiſſ.° D. D. Henrico Menezio parente ſuo amantiſſimo D. Ferdinandus Meneſius Comes Ericerius Gubernator Ting. locandum curavit ſepulchrum, & in perennis obſervantiæ monumentum in accepti beneficii argumentum, inſcribebat Epitaphium.

E traduzido na noſſa lingua, vem a dizer.

A Veneravel Serva de Deos.

A memoria de Maria do Lado, natural do Louriçal, primeira Fundadora deſta Caſa, illuſtre em excellentes virtudes, excellente em Celeſtes prerogativas, admiravel em eſclarecidos prodigios, igualmente amada do Ceo, e aborrecida do Inferno, benefica para as Almas do Purgatorio, e para os agonizantes, a qual naſceo neſte Lugar felizmente, no anno do Naſcimento de Chriſto 1606, em 24 de Junho, em elle morreo mais felizmente a 29 de Março, de 1632; e ſendo traſladada por authoridade do Reverendo Cabido, Sé Vacante, de Coimbra, em 4 de Agoſto de 1652, debaixo do Altar do Santiſſimo Sacramento, de que fora em vida ſingular devota. D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, e Governador de Tangere, lhe mandou fazer eſta ſepultura, em execuçaõ do teſtamento de ſeu Illuſtriſſimo, e piadoſiſſimo pay D. Henrique de Mezes, e para memoria da ſua perenne obſervancia, e agradecimento do beneficio recebido, lhe eſcreveo eſte Epitafio.

Continuava o Recolhimento naquelle modo perfeito de vida, que no tempo da Fundadora, com grande obſervancia, e eſtimaçaõ das gentes, alcançaraõ da Sé Apoſtolica hum Breve para poderem na ſua Igreja ter o Santiſſimo Sacramento em Sacrario, que foy collocar com grande ſolemnidade D. Fr. Alvaro de S. Boaventura, Biſpo de Coimbra, Conde de Arganil, que tinha ſido Religioſo Capucho da Provincia de Santo Antonio, em 5 de Mayo de 1676. He bem para admirar, que tinha a Serva de Deos perdito eſta ſolemnidade, em huma Carta eſcrita a ſeu Confeſſor, que moſtrando-ſe naquella occaſiaõ ao Biſpo, vio, que entre outras couſas admiraveis todas, dizia, que hum Biſpo da Religiaõ Seraſica, cujo geſto deſcrevia propriamente, em execuçaõ de hum Breve Apoſtolico, faria aquelle acto, o que admirado lia o Biſpo, e com lagrimas de compunçaõ reflectia em cada clauſula daquella Carta, que guardou com veneraçaõ, ficando em quanto viveo bemfeitor daquella Caſa. Deſejavaõ muito as ſuas moradoras, paſſar de voluntarias Recolhidas ao Eſtado de Religioſas, profeſſando Clauſura, e a eſte fim alcançaraõ licença, para Moſteiro, dada em 16 de Agoſto, de 1688, do Senhor Rey D. Pedro, para o que já tinhaõ a do Biſpo de Coimbra D. Joaõ de Mello, de 6 de Janeiro do meſmo anno: em virtude do qual tiveraõ hum Breve do Papa Innocencio XII. paſſado no anno de 1692, em que dá faculdade, para ſe erigir o

Moſteiro, debaixo da primeira Regra de Santa Clara, dando poder ao Biſpo de Coimbra, para lhe fazer Eſtatutos, conforme ao theor della. E para que foſſem as Fundadoras da Religiaõ, ſe tirou do Geral de toda a Ordem Fr. Joaõ de Alvim, huma patente, para que as Fundadoras foſſem as Religioſas, que Sua Mageſtade eſcolheſſe. Neſte eſtado ſe achavaõ as Recolhidas do Louriçal, e ainda que com muitas diligencias dos devotos, e com o zelo, e cuidado do Padre Franciſco da Cruz, naõ ſe pode effeituar nunca o porſe em execuçaõ o fundarſe o Moſteiro, que Deos tinha reſervado para a piedade delRey D. Joaõ o V. pelo modo ſeguinte.

Na occaſiaõ em que ElRey, (ſendo ainda Principe) accommetido de huma grave doença, que depois ſe deſcobrio ſer o terrivel mal de bexigas, que padeceo no anno de 1700, fez voto de edificar eſte Moſteiro, o qual ratificou paſſados alguns annos, como ſe vê do voto, que mandou eſcrever pelo ſeu Confeſſor, e aſſinou por ſua Real maõ, o qual he o ſeguinte:

Em 5 de Fevereiro de 1700, entre às quatro e cinco horas da tarde; ouvi de confiſſaõ na Corte Real ao Principe D. Joaõ Noſſo Senhor, que Deos guarde, eſtando graviſſimamente enfermo de doença, até o dito tempo taõ deſconhecida, como temida dos Medicos; a qual deſde a tarde antecedente tivera deſacordado a Sua Alteza. No fim da confiſſaõ, feita com todo o acordo, dey a beber ao meſmo Senhor, parte da terra da ſepultura da Veneravel Maria do Lado, e dey a beijar a Cruz, que ella ſempre trouxe no peito, pendurando-lha na cabeceira. Recebeo Sua Alteza a terra, e Cruz, com grande Fé, e fez voto a Deos, e a ſua Serva, que livrando-o com vida daquella enfermidade, naõ eſtando totalmente fundado, ou acabado o Convento de Capuchas, que ella principiou no Louriçal, tendo já poſſes, e commodidade, o fundaria, e acabaria de aperfeiçoar, e lhe daria para ſuſtento das Religioſas a renda que faltaſſe, e o favoreceria, como Caſa da ſua eſpecialiſſima protecçaõ. E declarou Sua Alteza, para ſe livrar de todo o eſcrupulo, que occorrendo-lhe neſte voto, e ſuas circunſtancias alguma duvida, ſe remettia à explicaçaõ, que eu lhe deſſe. Feito o que eſtá referido, começou viſivelmente a melhorar Sua Alteza, e deſcobrirſe-lhe era o mal de bexigas, que por conhecido cauſou menos temor. Delle naõ ſó eſcapou, mas por ventura ficou com melhor ſaude, que antes lograva o meſmo Senhor, e me mandou eſcreveſſe, para ſua memoria eſta lembrança, e eu o eſcrevi no meſmo dia 5 de Fevereiro em o livro, do qual tirey fielmente eſte traslado, que Sua Alteza foy ſervido ratificar, eſcrevendo nelle o ſeu nome, aos 18 de Janeiro, de 1702.

O PRINCIPE.

Franciſco da Cruz.

Eſte voto fez publico a piedade delRey, declarando o queria ſatisfazer. Eſcolheo hum Miniſtro Togado de toda a ſatisfaçaõ, encarregando-lhe a ſuperintendencia da obra, na qual applicando-ſe com actividade, avizou em Setembro de 1708, eſtava a Clauſura capaz de poder ſer habitada, e já viſitada, e approvada pelo Biſpo de Coimbra. Dotou ElRey generoſamente o Moſteiro, com ſeis mil cruzados de ordinaria; enriqueceo a Igreja de excellente prata, e ricos ornamentos. Os Senhores Infantes ſeus irmãos, lhe deraõ particulares peſſas de valor, com que accreſcentaraõ o numero às muitas, que ElRey lhe dotara. Tinha ElRey faculdade, para nomear Fundadoras, e aſſim mandou eſcrever ao Cardeal Conti, Nuncio neſte Reyno, em que declarava quatro do Moſteiro do Calvario de Evora, da primeira Regra de Santa Clara: a ſaber, Sor Arcangela dos Serafins, que já fora Abbadeſſa, Sor Maria Thereſa do Sacramento, Sor Maria de Jeſus, e Sor Clara Maria de Santa Anna. Paſſou o Nuncio as ordens, para que ſahiſſem as nomeadas do ſeu Moſteiro, e delle vieſſem para o da Eſperança de Lisboa, donde paſſariaõ a fundar o do Santiſſimo Sacramento do Louriçal. Obedeceraõ ſem demora, partindo daquella Cidade acompanhadas de dous Religioſos da Provincia dos Algarves, e hum Deſembargador, que Sua Mageſtade nomeou, para as acompanhar. Chegaraõ à Aldea Galega, e acharaõ huma falúa, que as eſperava, por ordem de Sua Mageſtade, que quiz com a ſua Real preſença honrar as Fundadoras; e aſſim ordenou deſembarcaſſem no Terreiro do Paço, na ponte, que ſe fez para a Rainha D. Maria Anna de Auſtria, para de huma das janelas do Paço,

Paço, que cahem para o mar as poder ver. Desembarcaraõ as quatro Religiosas, com a comittiva, que as ocompanhara de Evora, e acharaõ na ponte duas Senhoras, e hum Veador da Rainha, que as conduzio até o coche, e nelle entraraõ as Senhoras, e as Religiosas, e foraõ conduzidas ao Mosteiro da Esperança, em hum Sabbado, 23 de Janeiro, do anno de 1709. Esperava na Portaria a Abbadessa com a Communidade, e assim que chegaraõ as Fundadoras, se puzeraõ de joelhos, e tomaraõ a bençaõ à Prelada, e foraõ recebidas com grande urbanidade, e demonstrações de gosto de toda aquella Religiosa Casa. Em quanto as Religiosas esperavaõ a ordem de partirem para o novo Mosteiro, mandou Sua Magestade fazer huma festa ao Santissimo Sacramento, na Igreja da Esperança, a que assistio dentro no Coro a Rainha, com a Senhora Infante D. Francisca, às Vesperas, e ElRey foy na tarde seguinte, com o Infante D. Antonio, a adorar o Santissimo Sacramento.

Sahiraõ as Fundadoras da Esperança em tres de Mayo do referido anno, acompanhadas na mesma fórma, que vieraõ de Evora, e fazendo a sua jornada para o Louriçal, chegando a huma Ermida da Senhora da Guia, huma legoa do Lugar, avizaraõ ao Bispo Conde D. Antonio de Vasconcellos, que já do dia de antes esperava no Louriçal, assistido do Cabido, e da sua numerosa, e luzida familia. Em a manhãa do dia 8 sahio o Bispo da casa, em que estava hospedado, e foy ouvir Missa à Igreja do novo Mosteiro, e daqui em fórma de Cabido, debaixo de Cruz levantada, sahio das onze para o meyo dia, acompanhado de todas as pessoas principaes da terra, e de muitas de outras visinhas, que por attençaõ ao Bispo, que os convidara, se achavaõ naquelle acto, e muitos Religiosos graves de diversas Religiões; e chegando à Igreja Matriz, se formou huma Procissaõ, com varias Irmandades, debaixo da da Freguesia numeroso acompanhamento de Clerigos, que por sua ordem se tinhaõ ajuntado, e formando duas alas, por entre as quaes entraraõ na dita Igreja as Fundadoras, conduzidas por dous Conegos, e dous Religiosos da sua Provincia. Esperou o Bispo ao entrar da Igreja com o Cabido, e Musica da sua Cathedral, e recebendo neste lugar as Fundadoras, foraõ entre o Cabido à Capella mór, onde todos de joelhos fizeraõ oraçaõ, em quanto a Musica cantou alguns Psalmos. Acabada a oraçaõ, fallou o Bispo às Religiosas, mais com lagrimas, que com palavras, que o Cabido imitava, compungidos todos de devoçaõ, de verem aquellas mulheres, vestidas pobremente de burel grosso; mas alentadas do Espirito Santo, para estabelecerem huma Casa, em que a observancia primitiva, e amor de Deos, havia de ser só unico cuidado de todas. Sahiraõ em o meyo do Cabido, com as ceremonias, que aponta o Ritual Romano, nas Acções de Graças, e em fórma de Procissaõ se encaminharaõ todos à Igreja do novo Mosteiro, que estava rica, e vistosamente armada. O Deaõ da Sé, revestido com Cappa de Asperges, recitou as Orações detriminadas pela Igreja: e continuada a Procissaõ até à Portaria, fóra da qual ficou todo o Clero, e sómente entrou o Cabido com as Religiosas, e ultimamente o Bispo Conde, e chegando ao Coro, se sentou o Bispo em Cadeira, e chamando a Madre Sor Arcangela dos Serafins Evangelista, mais antiga das Companheiras, lhe entregou as chaves da Clausura, mandandolhe, que as tivesse, em quanto naõ dispuzesse, o que parecesse mais conveniente ao serviço de Deos; e por ser já tarde, se recolheo a sua casa, mandando de jantar às Religiosas, e dando de comer ao seu Cabido, e mais Religiosos, e pessoas principaes, que se acharaõ naquelle lugar, com grande abundancia, e grandeza.

No dia seguinte sahio o Bispo da Igreja, com o Cabido, debaixo de Cruz, e abrindo-se a Portaria do Mosteiro, se foraõ ao Coro, e revestido em Pontifical invocado o Espirito Santo, nomeou por Abbadessa, em virtude do Breve Apostolico, à Madre Sor Arcangela dos Serafins Evangelista, entregando-lhe os Sellos, e Estatutos, mandando às mais a reconhecessem por Prelada; e cantando o *Te Deum*, lhe deraõ as mais obediencia, tomando-lhe a bençaõ. Elegeo em Vigaria a Madre Sor Maria Theresa do Sacramento, por Porteira a Madre Sor Maria de Jesus; por Escrivãa do Convento, e Sacristãa a Madre Sor Clara Maria de Santa Anna. Em o outro dia, que era da Ascensaõ de Christo, se começou hum triduo, com o Senhor exposto, e

logo ſe principiou a aſſiſtencia continua do Lauſperenne, que conſiſte em eſtarem duas Religioſas de dia, e de noite, orando diante do Santiſſimo, e eſte he o principal ponto do Inſtituto deſta reformadiſſima Caſa, e bem para venerar; pois eſtaõ ſempre ſem intermiſſaõ de tempo, rogando a Deos pela Igreja, e Reyno. Foy o Biſpo para a Igreja na fórma dita, e achou as Recolhidas, que até aquelle tempo viveraõ no Recolhimento, com grande edificaçaõ, e haviaõ de ſer Religioſas. Benzeo os Habitos por ordem do Biſpo, o Padre Fr. Marcos de S. Franciſco, e foraõ acompanhadas do Cabido, e Biſpo, à Portaria, em que já as eſperava a Abbadeſſa, com hum Chriſto nas mãos, que tinha ſido da Serva de Deos Maria do Lado, e dando-o a beijar a todas, foraõ em Prociſſaõ ao Coro, e ſe lhe lançou o Habito, conforme he coſtume na Ordem. Cantou Miſſa o Deaõ; prégou o Padre Prégador Geral Fr. Joſeph Delgarte, da Ordem da Santiſſima Trindade, e depois Biſpo do Maranhaõ. No ſegundo dia cantou a Miſſa o Arcediago de Coimbra, e fez o Sermaõ o Padre Meſtre Fr. Manoel de Coimbra, Guardiaõ do Convento da Ponte. Em o terceiro fez o Biſpo Conde Pontifical, com grande magnificencia, e acabada a Miſſa, concedeo indulgencias a todos; na tarde aſſiſtio ao Sermaõ, que Prégou o Padre Manoel de Oliveira, da Companhia, que foy depois Meſtre da Senhora Infante D. Maria, e ſe deu fim a eſta feſta com huma Prociſſaõ, com o Santiſſimo; e recolhido no Sacrario, e lançada a bençaõ ao povo, acabou a ſolemnidade, em que a devoçaõ do Biſpo Conde, moſtrou a ſua piedade, e grandeza de naſcimento, na generoſidade de taõ larga deſpeza.

Tudo o referido tiramos de huma larga, e muy exacta Relaçaõ, que nos communicou Gaſtaõ Joſeph da Camera Coutinho, Eſtribeiro môr da Rainha, e eſpecial devoto deſta Caſa. A' ſua deligencia encommendou ElRey o cuidado deſta obra, conhecendo a ſua devoçaõ, e a eſta ſe deve huma grande parte em ſe conſeguir, depois da liberal piedade do noſſo grande Monarca, que ainda quiz mais publica a ſua religioſa devoçaõ, com o Alvará ſeguinte:

Eu ElRey faço ſaber aos que eſte Alvará virem, que tendo conſiderado ao que em ſua vida me fez preſente o Padre Franciſco da Cruz, meu Confeſſor, ſobre o grande exemplo de virtudes, com que procediaõ as Recolhidas do Recolhimento do Lugar do Louriçal, Biſpado de Coimbra, Dedicado ao Santiſſimo Sacramento, a que deu principio a Serva de Deos Maria do Lado, inſtituindo nelle hum Lauſperenne de Oraçaõ, em honra, e louvor do meſmo Santiſſimo, a 12 de Abril do anno 1630, pelo deſacato, e ſacrilego roubo, que em 16 de Janeiro do meſmo anno ſe commetteo na Igreja de Santa Engracia deſta Cidade, de cujo tempo a eſta parte ſe havia continuado o Lauſperenne com o meſmo fervor pelas Recolhidas, as quaes ao preſente tem alcançado Breve de Sua Santidade, licenças do Biſpo de Coimbra, Geral da Ordem do Seraſico Padre Saõ Franciſco, e delRey meu Senhor, e pay, (que ſanta Gloria haja) para o dito Recolhimento ſe reduzir a hum Convento, que profeſſe a primeira Regra do meſmo Patriarca, e Conſtituições de Santa Clara, e em que ſe conſerve o meſmo Lauſperenne, em louvor do Santiſſimo Sacramento; e deſejando-me eu intereſſarme nos effeitos de taõ alto, e ſanto exercicio, tendo por certo, que nelle encommendaráõ a Deos Noſſo Senhor a conſervaçaõ da Caſa Real, e augmento do Reyno, e me impetraráõ luz ſuperior, para conſeguir acertos no governo delle. Hey por bem, e me praz tomar o Convento, a que agora ſe reduz o dito Recolhimento, debaixo de minha protecçaõ Real, com a qual procurarey executar as demonſtrações da minha boa vontade, e da particular devoçaõ, que tenho ao ſoberano, e ineffavel Miſterio do Sacramento do Altar, e o quanto eſtimo, e deſejo ſe multipliquem os lugares, em que profundamente ſeja venerado. E para conſtar do referido, mandey paſſar o preſente Alvará, por mim aſſinado, que quero tenha força, e vigor, como ſe fora Carta feita em meu nome, e paſſada pela Chancellaria, o qual ſe guardará inteiramente, como nelle ſe contém, ſem embargo de ſeu effeito haver de durar mais de hum anno, e de naõ paſſar pela Chancellaria, naõ obſtante as Ordenaçoes do livro ſegundo, titulo 39, e 40, que o contrario diſpoem. Antonio de Oliveira o fez em Lisboa, aos 20 do mez de Abril, do anno de 1707. Diogo de Mendoça Corte Real, o ſobreſcrevi.

REY.

No

B No anno de 1618, morreo Sor Joanna Evangelista, a quem seu Santo Patriarca satisfez a grande devoçaõ, com que o venerava, dando fim no dia em que a Igreja o festeja, à enfermidade de ethica, que a consumio. Escreve sua Vida o Padre Sousa na II. Parte da Chronica desta Provincia, liv. 6. cap. 22; Soveges no *Anno Dominico*; e Lima no *Agiologio Dominico*, ambos neste dia.

C A Villa de Vianna de Alentejo, no Arcebispado de Evora, foy Patria do Padre Manoel Godinho. Seus pays se chamaraõ Pedro Lopes de Gaya, e Mecia Godinho, gente nobre, e do serviço delRey D. Joaõ o III. Naõ achamos qual fosse o foro que teve seu pay na Casa Real. Este Religioso he aquelle celebre Varaõ, que sendo Reytor do Collegio de Coimbra, com huma nunca vista humildade, deu de seu espirito huma grande prova, com huma penitencia publica, taõ fóra do commum, que he mais para admirar, do que se propor para idéa da imitaçaõ, que se póde ver nas Historias da Companhia: ella foy a causa de Santo Ignacio escrever aquella admiravel Epistola à Provincia de Portugal. Foy a sua morte neste dia, do anno de 1569, e delle se lembraõ a *Historia da Companhia* de Telles, part. 1. liv. 1. cap. 18. e part. 2. liv. 4. cap. 1. e 3; Orlandino *Historia Geral*, liv. 3. n. 81. pag. 70. ad ann. 1542; Tanner *Societas Europæa*, tom. 1. pag. 115; Franco *Imagem da Virtude em o Noviciado de Lisboa*, liv. 1. cap. 31; *Menologio da Companhia* m. s. e Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neste dia.

D He o Mosteiro de Santa Clara de Guimaraens sugeito immediatamente ao Arcebispo de Braga, de tal maneira, que de hum Breve do Papa Clemente VIII. consta, que naõ podem os Arcebispos subdelegar em outra alguma pessoa a jurisdiçaõ da visita; e porque os Arcebispos contendem de ordinario sobre jurisdições com o D. Prior de Guimaraes, entraõ poucas vezes nesta Villa, e assim tem sido raras vezes visitado; mas he tal a observancia, que naõ parece lhe falta este preciso remedio, para se conservar na reputaçaõ de observante. Era Sor Elena de Andrade, que este era o appellido, que tinha, quando com suas irmãas Sor Joanna, e Francisca de Andrade, as trouxe seu pay Balthazar de Andrade, Mestre Escola da Collegiada de Guimaraens, que foy o Fundador deste Mosteiro, sendo nomeada no Breve em primeira Abbadessa Sor Elena da Cruz, que morreo neste dia, do anno de 1590, como escreve o Padre Fr. Fernando da Soledade, na IV. Parte da *Historia Serafica*, liv. 5. cap. 22.

E Na America Meridional, fica a Capitania de Pernambuco, a quem os naturaes da terra, pelo modo, com que entra no mar, abrindo hum dilatado rochedo, deraõ o nome de mar furado, que na sua lingua valia o mesmo, que Pernambuco. Foy conquistada no anno de 1530, por Duarte de Albuquerque Coelho, a quem a deu ElRey D. Joaõ o III. para seus descendentes, pelos serviços, que lhe tinha feito na India, e nelles se conservou, até que no anno de 1689, por morte de D. Joanna de Castro de Albuquerque Coelho, Condessa de Vimioso, mulher de D. Miguel de Portugal, VI. Conde de Vimioso, Estribeiro mór da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, filha herdeira de Duarte de Albuquerque Coelho, IV. Donatario da Capitania de Pernambuco, que ficando em Castella depois da Acclamaçaõ; por naõ deixar successaõ, se incorporou na Coroa; e sendo seu herdeiro seu sobrinho, e enteado D. Francisco de Portugal, VII. Conde de Vimioso, pleiteou com a Coroa este Senhorio, e os rendimentos, que em muitos annos se naõ pagaraõ, e vencendo na segunda parte, veyo a fazer composiçaõ com ElRey, que lhe deu o titulo de Marquez de Valença, no anno de 1716, que tinha já havido na pessoa de D. Affonso, filho do Senhor D. Affonso, I. Duque de Bragança, (de quem por Varonia descende,) e certa somma de dinheiro. Esta Capitania, e as mais, que comprehende com diversos nomes, como cabeça principal das outras, invadiraõ os Holandezes, no tempo da dominaçaõ de Castella, e se fizeraõ Senhores do Arrecife, no anno de 1630. Aqui fizeraõ em odio da Fé muitas tyrannias; e depois de huma porfiada guerra, foraõ lançados fóra no anno de 1654. Ainda naõ tinha neste tempo Cadeira Episcopal, que à instancia do Senhor Rey D. Pedro II. foy erigida no anno de 1676, pelo Papa Innocencio XI. e a Sé na Cidade de Olinda. Foy seu primeiro Bispo D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, que tinha sido Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa.

O se-

O ſegundo D. Matthias de Figueiredo, antes Prior da Ventoſa. Terceiro D. Fr. Franciſco de Lima, Carmelita, que tinha ſido Prior do Carmo, e Provincial no Braſil. Quarto D. Manoel Alvares da Coſta, antes Prior de Santa Juſta de Liſboa, e Deſembargador da Relaçaõ do Arcebiſpado, que no anno de 1720, foy mudado para Angra. Quinto D. Fr. Joſeph Fialho, da Ordem de S. Bernardo, Sagrado a 13 de Mayo de 1725, promovido ao Arcebiſpado da Bahia. Sexto D. Fr. Luiz de Santa Thereſa, Carmelita Deſcalço, Sagrado a 14 de Dezembro de 1738, que vive.

Era o Padre Antonio de Bellavia natural da Ilha de Sicilia em Italia, de taõ ſingular modeſtia, que deſde menino foy admiraçaõ das gentes; porque quando hia para a Eſcola, diziaõ as mulheres: Vamos ver o pequeno Anjo, filho de Bellavia. Na Companhia ardeo na veneraçaõ da Sagrada Euchariſtia, e na mortificaçaõ dos ſentidos, enſinando nas Claſſes, e lendo no Poeta aquelles Verſos:

Et quodcumque mihi pomum novus educat annus
Libatum agricolæ ponitur ante Deo.

Foy tal a elegancia, com que ponderou, que a Deos ſe haviaõ de offerecer os primeiros frutos do anno, que imprimio no auditorio hum deſejo efficaz de mortificar o goſto; o que elle ſoube uſar muito bem, conſeguindo na ſua mortificaçaõ, da gula huma ſingular victoria. Eſtas virtudes, e as que temos relatado, o levaraõ à Miſſaõ da America, em que no anno de 1633, foy a ſua morte, em odio da Religiaõ Catholica, como refere Nadaſi *Annus Societatis*, &c. neſte dia; e o *Diario* de Felice; o *Menologio da Companhia*, m. ſ.

F Em tudo parecem ſemelhantes os Martyres do Japaõ, aos da primitiva Igreja, que eraõ deſterrados a Cherſona, e outros deſertos, e condemnados a cavar as terras, e tirar marmores, e outras pedras, para os magnificos edificios da ſoberba Roma. Agora vemos no Japaõ os Chriſtãos da Cidade de Miaco, e Ozaca, deſterrados das ſuas Patrias, para Zungaru, terra eſteril, frigidiſſima, viſinha à Tartaria, em os ultimos termos do Japaõ. E ſendo nobres, e dilicados, eraõ occupados em cavar, e lavrar as terras eſtereis, para as cultivar, e fazerem capazes de produzirem, à cuſta do ſeu trabalho, o que era hum prolongado martyrio; porque além de outras muitas incommodidades, que padeciaõ, ametade do anno eſtavaõ como ſepultados entre montes de neve, e taõ falta de mantimentos, como terra deſerta; pois apenas podiaõ manter a vida, ſendo o ſuſtento raizes, e folhas de arvores; porém tudo ſuavizavaõ com a liberdade de ſe conſervarem na Ley de Jeſu Chriſto, em que eſperavaõ huma infalivel recompenſa, mas nem com taõ penoſa vida, lha dilatavaõ os Tyrannos, que com affectadas cauſas os condemnavaõ à morte. Sem embargo da aſpereza, que referimos, e o muito que era zelada a entrada deſte lugar, pelas repetidas ſintinellas, com que os Governadores defendiaõ a communicaçaõ, podia tanto o zelo dos Miſſionarios da Companhia, que com grande riſco foraõ repetidas vezes conſolar aquelles Chriſtãos. Em o anno de 1614, foy deſterrado Matthias Xoan, e ſua mulher: era moço devotó, e que ſempre com a ſua peſſoa deu exemplo, e com ſantos coſtumes, que por elles entrou a merecer a coroa do Martyrio, com ſeus Companheiros, no anno de 1617, neſte dia, imperando o Cruel Toxogunſama, filho de Daifuſama, como refere Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 256; e Morejon na *Hiſtoria da Perſecuçaõ*, liv. 3. cap. 3. pag. 107.

G Aquella taõ chorada Batalha de Alcacer, ſempre lembrada com ſentimento, em que o deſtemido, e mal aconſelhado Rey D. Sebaſtiaõ, perdeo com o Reyno a gloria, que as ſuas Armas puderaõ conſeguir das Mauritanas Luas, tantas vezes eclypſadas das bandeiras Luſitanas, ſe ſervira do melhor conſelho, poderia com o meſmo exercito triunfar da multidaõ dos Mouros: como taõ repetidas vezes ſuccedeo em differentes occaſioens aos Portuguezes. Eſte infeliz dia do anno de 1578, para o Mundo, foy glorioſo para as almas dos que morreraõ às mãos dos Infieis, como foy revelado a muitas peſſoas de ſantidade eminente, como temos dito neſta Obra. Eſta meſma revelaçaõ teve a Santa Madre Thereſa

ſa de Jeſus, que acredita a felicidade dos que obedecendo ao ſeu Rey, peleijavaõ pela dilataçaõ da Fé. Neſta occaſiaõ, como temos referido, morreraõ os Padres Fr. Thomé de Brito, e Fr. Matthias de Azevedo, da Ordem Militar de Chriſto, como vimos de huma Relaçaõ m. ſ. que do Real Moſteiro de Thomar nos foy mandada.

H Do Memorial da Provincia da Arrabida num. 55, conſta do Padre Fr. Salvador da Cruz, natural da Torre de Moncorvo, de gente principal daquella Villa. Foy hum dos primeiros Noviços, que tomou o Veneravel Fr. Martinho, Fundador da Arrabida, e paſſando a eſtudar a Caſtella, voltou ao Reyno, onde foy Guardiaõ de diverſos Conventos, e Definidor da Provincia.

I Quando naõ tiveramos taõ largas noticias do Padre Mauricio, baſtava ſer morto em odio da Fé, para ſer numerado entre os Varoens eſclarecidos da Companhia; pois naõ deſmerecem ſerem tidos por Martyres aquelles Varões Apoſtolicos, que por exercitar a ſua charidade acompanhaõ os exercitos contra Infieis, principalmente quando eſtes tendo ſeguro o reſgate, prevalece à ambiçaõ o odio da Chriſtandade. Foy ſua Patria a Villa de Caminha, no Arcebiſpado de Braga: ſeus pays Vaſco Serpe, e Anna Vaz. No anno de 1547, ſe aliſtou na Companhia, cujas Chronicas lhe chamaõ ſó o Padre Mauricio. Em alguns Authores o achamos com o nome de Gaſpar Mauricio Serpe: devia de uſar delle aſſim no ſeculo. Faleceo no anno de 1578. Delle ſe lembraõ Nadaſi *Annus dierum memorabilium*, e o *Menologio da Companhia* m. ſ. ambos neſte dia; Telles na *Chronica da Companhia deſta Provincia*, part. 1. liv. 2. cap. 19, Franco *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*, liv. 1. cap. 14; e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia.

K Fr. Rodrigo de Lisboa, foy natural deſta Cidade, terra naõ menos procreadora de Varoens celebres em letras, do que inſignes em ſantidade. Faleceo neſte dia, como eſcreve Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronologia Monaſtica*, a 4 de Agoſto, e na *Chronica*, 2. part. pag. 122. Faleceo, diz o Padre Fr. Manoel Leal, conforme ſe preſume, no anno de 1510, dizendo, que o Padre Purificaçaõ lhe errara o anno. Delle ſe lembra Fr. Jeronymo Roman, nas ſuas *Centurias*, anno 1509; Herrera letra R, *de perſonis Sanct.* Fr. Pedro Calvo, cap. 12. pag. 319.

Eſte he o meſmo, que chamaõ Fr. Rodrigo da Cruz, que teve na Religiaõ outro irmaõ, que chamaraõ Fr. Joaõ da Magdalena, Varaõ Douto, que foy quatro vezes Provincial da ſua Provincia, Lente 26 annos na Univerſidade de Liſboa, em que occupou a Cadeira de Prima, muy eſtimado dos Reys D. Joaõ o II. e D. Manoel, que o occupou em negocios graves, Varaõ Apoſtolico, como dizem alguns Authores, ainda que Herrera, da ſua meſma Religiaõ, o reprehende de ambicioſo, por ſer muitas vezes Prelado, a qual nota dizem ſer injuſta. Eſcreveo hum Tratado à inſtancia do Geral Fr. Ambroſio Coriolano, ſobre o miraculoſo ſangue, que ſahio de huma Hoſtia conſagrada, que ſe venera no Moſteiro de Caſſia, onde ficou o dito Tratado m.ſ. Faleceo em Pena Firme, no anno 1506, tendo reformada a ſua Provincia no temporal, e eſpiritual.

AGOS-

AGOSTO V.

N. Senhora de Penha de França.

A Eſte dia, que a Igreja tem dedicado ao culto da Virgem MARIA Senhora Noſſa, com o titulo das Neves, pelo miraculoſo caſo, que lhe foy edificada a Baſilica, que por excellencia chama Roma, Santa MARIA Mayor, lhe tributa a inclyta Cidade de Lisboa, em teſtemunho de perpetuo agradecimento, huma ſolemne Prociſſaõ, por voto que lhe fez no anno de 1599. Ardia a Cidade no horroroſo mal de peſte, que com arrebatado impeto, à maneira de fogo, com voracidade conſumia a ſeus leaes habitadores, de ſorte, que já naõ parecia haver parte privilegiada do violento mal, e ſe conſiderava em evidente perigo, de ſe ver em breve tempo deſpovoada eſta grande Cidade. Em taõ laſtimoſo eſpectaculo recorreraõ ſeus afflictos moradores, com viva Fé, à ſoberana protecçaõ de MARIA Santiſſima, e logo começaraõ a experimentar os prodigioſos beneficios do ſeu ſagrado patrocinio. Neſte taõ grande aperto lhe fez a Cidade o voto, de todos os annos neſte dia lhe fazer huma ſolemne Prociſſaõ, que ſahiria depois da meya noite da Caſa de Santo Antonio, com o Senado da Camera, com o Preſidente, Vereadores, e Cidadãos, deſcalços todos, e que hiriaõ à Igreja de noſſa Senhora de Penha de França, que tomaraõ por Protectora, e logo começaraõ a lograr os effeitos da ſua devoçaõ, ceſſando de todo o mal na Cidade, que já mais tornaraõ a experimentar, e aſſim em religioſa obſervancia ſe cumpre todos os annos eſte voto, que executará ſempre agradecida a Cidade de Lisboa.

S. Theotonio Collocaçaõ.

B Em a notavel Villa de Vianna, no Convento dos Conegos Regrantes, dedicado a S. Theotonio, primeiro Prior do Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, Pay, e Reformador da eſclarecida Congregaçaõ de Santo Agoſtinho, neſte Reyno, a collocaçaõ de huma Reliquia inſigne do meſmo Santo Prior. He huma cana de ſeu braço, metida dentro de huma primoroſa pyramide de prata, guarnecida de criſtaes, acabando em huma pequena eſtatua do Santo, poſta ſobre hum globo

globo de Eſtrellas. Eſta Reliquia foy trazida do Moſteiro de Santa Cruz pelo Padre D. Miguel de Santo Agoſtinho, Vigario Geral da Religiaõ dos Conegos Regrantes, no anno de 1642, e neſte dia recebida com grande ſolemnidade, pompa, e concurſo de gente, e levada em Prociſſaõ, acompanhada do Clero, Religioens, e Nobreza da Villa, que com extraordinarias demonſtraçõeſ, manifeſtaraõ o goſto de ſe verem com a poſſe deſte taõ notavel theſouro, e aſſim o publicou, declarando a S. Theotonio por Padroeiro daquella Villa.

S. Adozinda Abbadeſſa.

C Na Cidade do Porto, ſerá immortal a memoria de Santa Adoſinda, irmãa de S. Rozendo, que depois de ter ſido caſada, ficando viuva no mais florido dos ſeus annos, deixou com generoſo deſprezo as riquezas do Mundo, e a grandeza de ſua caſa, e parentes, pela vida Religioſa. Tomou o Habito em o Moſteiro de Santa MARIA de Villa Nova, que florecia em obſervancia, e Religiaõ, e tinha ſido fundado por ſua mãy Ilduara. Aqui, exercitando-ſe em a perfeiçaõ da vida Monaſtica, foy eleita Abbadeſſa, e dando de ſeu exemplo, e virtude, grande edificaçaõ às ſuas amadas Religioſas, acabou em paz.

D. Miguel Paes Biſpo de Coimbra Conego Regrante.

D Em Coimbra, no Real Moſteiro de Santa Cruz, o enterro do Biſpo D. Miguel Paes, Varaõ affamado em vida, e coſtumes, e de tanta obſervancia, e Religiaõ, como teſtemunha a ſua vocaçaõ. Era Conego na Cathedral de Coimbra, que largou por acompanhar ao Arcediago D. Tello, ſendo hum dos doze Varoens Apoſtolicos, que entraraõ no Moſteiro de Santa Cruz, e deraõ principio à reforma dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho neſte Reyno, de que foy Author S. Theotonio. Recebendo a Clerical reforma, ſatisfez com admiravel pontualidade às obrigaçõeſ, e ceremonias ſantas da Ordem, florecendo em virtude, e ſantidade, por quaſi vinte e ſeis annos, dentro na Clauſura, donde o ſeu exemplo naõ edificava ſó os Companheiros, mas os de fóra. Aſſim ſe começou a divulgar a fama da ſua prudencia, ſabedoria, e religiaõ, que foy elevado à Dignidade Epiſcopal da Cidade, por eſcolha delRey D. Affonſo I. e acclamaçaõ do Clero, e povo Conimbricenſe. Em breve deſempenhou a eleiçaõ no deſvélo do Culto Divino, no augmento da ſua Igreja, na reforma do rebanho de Chriſto, e zelo da Fé. Na morte de ſeu amado Meſtre S. Theotonio, ſe achou preſente, e ce-

lebrou o Officio, nas ultimas honras, que lhe detriminou a piedade, e veneraçaõ delRey, com a approvaçaõ ſua. Sepultado o Santo pelo noſſo Biſpo, foraõ tantos os prodigios, com que o Senhor acreditava a gloria de ſeu Servo, que teve ſeu diſcipulo a conſolaçaõ de approvar, e authenticar os ſeus milagres; e ſendo depois canoniſado, aſſiſtio a eſte acto o Biſpo D. Miguel. Havia quaſi dezoito annos, que occupava a Cadeira Epiſcopal, com geral ſatisfaçaõ do ſeu rebanho, tendo ennobrecida a ſua Igreja, naõ ſó no eſpiritual, mas no temporal, que enriqueceo com glorioſos teſtemunhos do ſeu amor. E querendo por velho, e canſado, dar ſocego ao ſeu eſpirito, dentro nos Clauſtros da Religiaõ, em que tantos annos vivera, fez renuncia do Biſpado, e ſe recolheo ao ſeu Moſteiro, em que viveo quatro annos, gaſtados em ſantos exercicios, e obras iguaes à ſua vocaçaõ, e eſtado, manifeſtando anticipadamente aos ſeus o dia de ſua morte, carregado de annos, e merecimentos, repouſou em o Senhor.

Sor Franciſca da Conceiçaõ, Franc.

E No Moſteiro de Santa Clara da Villa de Guimaraens, acabou com ditoſa morte huma vida penitente, a Madre Sor Franciſca da Conceiçaõ, que deſde menina ſe criara nos Clauſtros da Religiaõ do Moſteiro de Amarante, e paſſando a Fundadora do de Guimaraens, com ſua irmãa, foy occupada no lugar de Vigaria, em que moſtrou zelo da Religiaõ, ſendo na obſervancia das leys, e coſtumes rigidiſſima. Naõ houve tempo, em que ſe naõ mortificaſſe com cilicios perpetuos, com diſciplinas rigoroſas todos os dias, em que deixava o canſado corpo aberto em chagas. Todo o anno era para ella de jejum, e as feſtas feiras, e a mayor parte da Quareſma a paõ, e agua. Eſtas penitencias pertendia occultar, mas a pezar da ſua humildade, ellas ſe manifeſtavaõ. Era de condiçaõ aſpera, e o zelo da Religiaõ unido ao genio, a faziaõ temer mais, do que ella merecia. Entrou a ſer Abbadeſſa, e lembrada da recomendaçaõ, que ſua irmãa lhe fizera na hora da morte, e da experiencia, que tinha da obſervancia da Caſa, ſe reveſtio de hum animo taõ affavel, que parecia a meſma ſuavidade. Paſſados ſete annos do ſeu governo, achando-ſe bem diſpoſta, ſe preparou, como quem eſtá para morrer: no meſmo dia foy accommetida de hum terrivel accidente, que lhe tirou a falla, e a teve ſete dias em hum letargo, quando com admiraçaõ

das

das assistentes, se levantou na cama, e pertendendo porse de joelhos, se lhe ouvio em voz clara, e intelligivel: *Oh Mãy de Deos! Oh Soberana Princeza da Bemaventurança! Oh minha Senhora.* Mostrando na reverencia, e fervor das palavras, que fora visitada pela Virgem, de quem era cordeal devota, e que em o dia, que a Igreja a festeja, a conduzira para a Gloria.

Diog. Suzk. e 11. MM Jap.

F Em Fococu no Japaõ, remataraõ as vidas com glorioso fim doze ditosos Christãos, naturaes do mesmo Estado, a saber: Diogo Suzk, e Maria, sua mulher, Martha, Maxima, Catharina, Martha, Tecla, Clara, Martha, criadas de Maria, Anonymo, e Miguel, seu filho, e outro, cujo nome se ignora, e de que só ficou memoria do appellido Denyemon; os quaes todos em odio da nossa Santa Fé foraõ degolados, triunfando da crueldade, sem que o debil do sexo feminino fizesse horror à morte, para com santa liberdade offerecerem a vida por Jesu Christo, de quem recebiaõ a fortaleza, como na primitiva Igreja.

Lourenço, e 4 Companheiros Martyr. Jap.

Item na mesma Cidade, Lourenço Toyemon, Joaõ Rifioye, Pedro Cufioye, Miguel Kimura, Joaquim Tazo, conquistaraõ violentamente o Ceo à custa das suas vidas, sendo crucificados, entraraõ as suas almas na Gloria, coroadas do Martyrio.

Fr. Estevaõ da Cuba Capucho.

G Na Villa de Moura, no Convento de Santo Antonio da Provincia da Piedade, acabou em o Senhor, Fr. Estevaõ da Cuba, cuja vida foy o exemplar da perfeiçaõ Religiosa; porque era modesto, composto, e callado, e de grande observancia das obrigações dos seus Estatutos, a que já mais faltava, ajuntando à obrigaçaõ ordinaria, que satisfazia com pontualidade, o andar sempre com multiplicados cilicios. Adoeceo finalmente, e prediste a sua morte, dizendo no dia antecedente, estando presente o Medico, e os Religiosos, que lhe assistiaõ: *Amanhãa às sete horas ha de vir Christo Senhor Nosso a dizerme, vem cá Estevaõ*, o que se verificou; porque ao mesmo tempo trocou a vida mortal pela eterna.

Commentario ao V. de Agoſto.

AGOvernava o Reyno de Portugal D. Filippe II. quando a Cidade de Lisboa opprimida do terrivel mal da peſte, em que ardia, buſcou por unico refugio de tantas afflições à Virgem Senhora Noſſa, com o titulo de Penha de França, que entaõ começava a ſer conhecida neſta Cidade, em huma peqüena Ermida, que a devoçaõ de hum Antonio Simoens, ſeu devoto, lhe levantara, vencendo naõ poucas difficuldades, com que o demonio pertendeo eſtorvar eſte culto da Senhora: até que aquelle virtuoſo Prelado D. Miguel de Caſtro, Arcebiſpo de Lisboa, quiz por ſi meſmo examinar o lugar, e hindo à Ermida de Penha de França viſitar a Senhora, conheceo as ſiniſtras informações, e por evitar todas as demoras, deu vocalmente licença, para que ſe abriſſem as portas, e ſe diſſeſſem Miſſas, e começou a Senhora a ſer venerada com hum grande concurſo de gente, que ainda hoje perſevera em os Sabbados, e algumas feſtividades da Virgem. Eſta grande devoçaõ, com que aquella ſagrada Imagem era venerada dos moradores de Lisboa, que experimentavaõ em prodigios a ſagrada ſombra do ſeu patrocinio, foy o motivo do voto, que relatamos no Texto.

Deſempararaõ os Governadores do Reyno a Cidade, e a ficou governando o Preſidente da Camera D. Gil Eannes da Coſta (depois Preſidente do Paço, e do Conſelho de Eſtado,) Fidalgo benemerito por qualidade, e virtudes, e neſta occaſiaõ, ſobre grande prudencia moſtrou tanta piedade, que o Senhor lhe gratificou, parece que milagroſamente, pois morrendo cada dia na Cidade 280, e 300 peſſoas, a nenhuma peſſoa da ſua caſa offendeo o mal, vivendo no meyo da Cidade. Fez o Senado da Camera o voto, que aſſinou o Preſidente, Vereadores, e Procuradores, e Miſteres, com hum aſſento, em que faziaõ perpetua aquella obrigaçaõ, que o povo aceitou de boa vontade, aſſinando alguns delles, o qual approvou, e confirmou ElRey por Alvará aſſinado de ſua Real maõ, que ſe guarda no Cartorio da Camera, de que he copia o ſeguinte:

Preſidente amigo, Vereadores, Procuradores da Cidade de Lisboa, e Procuradores dos Miſteres della. Eu El-Rey vos envio muito ſaudar. Recebi a voſſa Carta ſobre o voto, que fizeſtes a Noſſa Senhora de Penha de França, cuja Caſa ſe vay fundando no contorno deſſa Cidade, e pareceo-me muito bem tudo o que fizeſtes em ſerviço de Noſſa Senhora, de que eu recebo particular contentamento, e hey por bem de o approvar, e dar licença neceſſaria, para os ſeis mil cruzados, que no dito voto ſe haõ de diſpender, ſe tirarem, por impoſiçaõ do vinho, e da carne, conforme o que aſſentaſtes. Eſcrito em Madrid, a 9 de Setembro de 1599.

REY.

Eſte foy o principio, com que ſe eſtabeleceo a Prociſſaõ, que todos os annos ſe cumpre; porque aſſim como dá meya noite no relogio da Patriarcal, ſahe o Senado da Caſa de Santo Antonio, acompanhado dos Religioſos de S. Franciſco da Obſervancia das Provincias de Portugal, e Algarve, da Communidade dos Terceiros de Noſſa Senhora de Jeſus, e de Noſſa Senhora da Graça, com alguns Clerigos, que levaõ a Santo Antonio, e em Prociſſaõ vaõ à Penha de França, onde ſe canta Miſſa, com Sermaõ. Naõ tem differença da primeira, mais, que naquella foraõ deſcalços o Preſidente, Vereadores, e todos os mais, e agora vaõ calçados: e he a razaõ da differença, ſer aſſim feito o voto, de que ſó por aquella vez irem deſcalços; entaõ hiaõ cantando a Ladainha com preces, e agora he em acçaõ de graças.

Começou a ſer grande o concurſo da gente, em quem cada dia mais creſcia a devoçaõ, obrigada das maravilhas, que a Senhora concedia aos que a buſcavaõ; e deſta ſorte veyo a ſer celebre romaria a deſta Igreja. Era Padroeiro Antonio Simoens, e entrando em mayores penſamentos, (para que foſſe a Senhora bem ſervida,) de entregar a alguma Communidade de Religioſos, eſcolheo a dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que depois de alguns annos, fundando Moſteiro de Religioſos, fizeraõ a Igreja, que hoje vemos,

mos, tomando a Cidade à sua conta a Capella môr, como tinha promettido, e a Confraria, e Irmandade, grande parte da Igreja, que com as esmolas dos devotos chegou à perfeiçaõ, em que está. No anno de 1625, com huma solemne Procissaõ acompanhada do Senado da Camera, e Cidadãos, foy collocada a Senhora, no lugar, em que hoje he venerada de toda a Cidade, e dos mareantes, com especial devoçaõ. Quem quizer ver largamente o principio do culto desta devota Imagem, lêa hum livrinho intitulado *Aguia na Penha*, que sendo Prior deste Convento, mandou imprimir Fr. Carlos de Mello, no anno de 1707. Antonio Carvalho, na III. Parte da *Corograf. Portug.* pag. 419, diz, que o voto de ir o Senado, e Cidade descalços, se commutara pelo Papa em tres arrobas de cera, e pagarem a Missa, e Sermaõ; o que entendemos ser engano; porque o livro, que acima allegamos, escrito quasi no mesmo tempo, declara o modo, com que se fez o voto, no cap. 12. pag. 181, e refere, que no letreiro, que se puzesse na Capella, se poria esta obrigaçaõ; e que no que tocava ir a Cidade descalça, seria a primeira vez, com declaraçaõ, que nesta parte sómente os que viessem, teriaõ liberdade para fazer o que lhes parecesse; de que manifestamente se vê, que o voto de os Cidadãos irem descalços, naõ foy para sempre, e assim naõ deviaõ pedir commutaçaõ de obrigaçaõ, que naõ havia.

B No Capitulo Geral dos Conegos Regrantes, em que foy eleito Prior Geral D. Miguel de Santo Agostinho, se ordenou a fundaçaõ do Mosteiro de Vianna, dedicado ao glorioso Padre S. Theotonio, natural da Provincia de Entre Douro, e Minho, e da Comarca de Valença, em que entra Vianna. No anno de 1630, se lançou a primeira pedra, que benzeo o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo Primaz, assistido do Geral D. Jeronymo da Cruz, e dos Religiosos mais graves da Congregaçaõ. Fez-se aquelle acto com a solemnidade, que manda o Ritual Romano, e o fez mais luzido a assistencia do Primaz, que lançou a primeira pedra, na qual estava a Inscripçaõ seguinte, que tambem se vê hoje posta na esquina direita, que corresponde à porta principal, quando se entra na Igreja.

S. D. TH.º D.

Sub Urbano VIII. & Rege noſtro Philippo III. Dõnus Rodericus à Cunha Hiſpaniarum Primas, & Dõnus Hieronymus à Cruce Generalis Congregationis Sanctæ Crucis hunc lapidem poſuit anno Domini M. DC. XXX. VIII. Auguſti.

Desta pedra se vê, que no dia 8 de Agosto, de 1630; se fez esta ceremonia, no que parece póde haver duvida, e por isso nos accommodamos, com o que refere o Padre D. Nicolao de Santa Maria, na *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 1. liv. 6. cap. 16, que affirma se lançou a primeira pedra no dia de Nossa Senhora das Neves, no mesmo dia, em que depois se fizera a collocaçaõ da Reliquia de S. Theotonio, que temos relatado no Texto, de que o dito Author se lembra no lugar citado, e no liv. 9. cap. 5. §. 23, e huma Relaçaõ desta solemnidade, impressa no anno 1643.

C Foy Santa Adosinda filha de D. Guterre Arias, e de D. Ilduara, Condes de Agueda, e Arminio, ainda que o Conde D. Pedro, no titulo 22 o naõ nomeye entre os irmãos do Conde D. Affonso de Cella Nova; porque temos documento de toda a authoridade, que no lo affirma. No Archivo da insigne Collegiada de Guimaraens, no livro chamado de D. Munia, ha huma Escritura de troca, que faz Adosinda dos Lugares de Moreira, e Castanheira, por outras propiedades, feita a 17 de Outubro, da Era 1002, que he anno de Christo 964, e começa a Escritura: *In nomine Dei. Ego Adoſinda proles Gutierre, & Ilduare vobis Gonſalvo Menendis.* Aqui se nomeya filha de D. Guterre, e de D. Ilduara, e assim cessa toda a duvida, que aos Genealogicos pudera causar, naõ se achar no Conde D. Pedro. Na Vida de S. Rozendo, que traz o Doutor Fr. Bernardo de Brito, na II. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 7. cap. 24, se lê, que o Santo fizera muitas obras do Mosteiro de Cella Nova, que edificou, e diz as palavras

palavras ſeguintes: *Ajudado com as dadivas da Condeſſa Ilduara ſua mãy, e de D. Munio Guterres, Froila Guterres, e Adoſinda, que lhe deraõ a parte, que tinhaõ na erdade de Villar, em que o Moſteiro ſe fundara.* Em que Adoſinda cedia a parte, que tinha na herdade com aquelles Fidalgos, de que era irmãa. Tambem nos he preciſo moſtrar, que Adoſinda foy caſada, contra o que diz o Padre Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* pag. 144, em que lhe chama Virgem: tal vez fundado em o Illuſtriſſimo Cunha, na *Hiſtoria de Braga*, dizer, que ſeguira as pizadas de ſeu irmaõ Saõ Rozendo, no melhor da ſua idade, tomando o eſtado de Freira; o que naõ implica, para ter ſido caſada, e ficar de curtos annos viuva. Que foſſe caſada, conſta da meſma eſcritura acima allegada, onde fallando de huma troca, diz: *Et Ego illa habui in cartha cum viro meo dina memoria Ranimirus Menendi ſecundum illa habuimus in cartha de Rex Domino Ordonio, &c.* De que evidentemente ſe vê foy caſada com Ramiro Mendes. O Padre Fr. Leaõ de Santo Thomás, na ſua *Bened. Luſit.* tom. 2. pag. 159, referindo-ſe a eſta Eſcritura, tem para ſi, que eſte fora ſegundo marido, e que o primeiro ſe chamou Placencio, para o que naõ traz allegaçaõ nenhuma; mas, ou foſſe caſada duas vezes, ou huma, parece, que naõ tem duvida, que antes de Religioſa teve marido: o que a naõ padece, he, que pelas ſuas virtudes foy appellidada Santa, como ſe póde ver nos Authores acima allegados, a que nos remettemos.

D Pelos annos de 1160, faleceo o Biſpo D. Joaõ Anaya, e lhe ſuccedeo neſta Dignidade D. Miguel, que contamos por VII. Biſpo de Coimbra: naſceo em Monte môr o Velho, e teve por pays a Miguel Paes, e Aldonça Gomes, como diz o livro dos Obitos de Santa Cruz, a 17 das Kalendas de Outubro. Criou-ſe no Seminario, junto da Sé de Coimbra, em que eſtudou as Letras Sagradas, e depois de Sacerdote, foy Conego na dita Sé, e Prior della, cuja Dignidade largou, como temos viſto, para profeſſar a Regra de Santo Agoſtinho, no Convento de Santa Cruz, donde foy tirado para occupar a Cadeira Epiſcopal deſta Igreja, por cujo augmento trabalhou muito, de que ſe lhe ſeguiraõ algumas differenças entre peſſoas grandes, e poderoſas, que apoſſadas de varias terras, e caſas, defendiaõ a uſurpaçaõ, de que os deſapoſſou, com grande utilidade da ſua Sé, que reparou com largas deſpezas, trazendo dez annos hum official pago, com largo jornal à ſua cuſta, para entender nas obras da Sé, cujas portas mandou fazer por hum notavel official, que mandou buſcar fóra do Reyno.

Teve eſte Prelado grande amor ao Moſteiro de Santa Cruz, e aſſim a primeira acçaõ, que ſabemos ſua, logo depois de eleito, he aquelle notavel privilegio, em que lhe deu a iſençaõ do Moſteiro, e ſeus freguezes, da juriſdiçaõ dos Biſpos, que hoje goza com o nome de iſento de Santa Cruz, em que os ſeus Priores Geraes, tem juriſdiçaõ ordinaria, como os Prelados nas ſuas Dioceſis. Eſte privilegio foy paſſado em nome do Biſpo, e do Cabido, e por elle ſe obrigaraõ os Biſpos, a lhe darem os Santos Oleos, e ſagrar ſuas Igrejas, e lhe outorgaraõ outros favores, que conſta deſta Doaçaõ. Foy celebrada no Capitulo do Moſteiro de Santa Cruz, preſentes El-Rey, ſeu filho D. Sancho, o Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Peculiar, o Biſpo de Coimbra, com o ſeu Cabido, que aſſinaraõ o contrato em 21 de Março, de 1162, e como teſtemunhas muitos Senhores da Corte, e alguns Abbades. Eſte contrato confirmou depois o Papa Alexandre III. no anno ſeguinte, e quarto de ſeu Pontificado, e ſe póde ver na *Chronica dos Conegos Regrantes*, liv. 9. cap. 6.; o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Luſit.* liv. 10. cap. 44, quando refere eſta grande doaçaõ a attribue aos merecimentos do glorioſo S. Theotonio.

Foy o Biſpo D. Miguel, dotado de animo grande, e generoſo, e de grande zelo do Culto Divino. A ſua Sé ornou de peſſas de notavel valor, a ſaber, hum Caliz de ouro, que pezava quatro marcos, e huma Cruz tambem de ouro, que pezava oito; para o Altar de Noſſa Senhora, dadivas de grande conſideraçaõ, principalmente para aquelle tempo, em que naõ havia Conquiſtas em Portugal, nem menos as famoſas Minas, donde vem o ouro às arrobas; grandeza, que naõ tem outro algum Soberano da Europa, fóra do noſſo Monarca. Grande felicidade de Portugal, em o mais precioſo

ſo metal lhe vir por arrobas! Tanta he a abundancia, que faz ao que he precioſo parecer genero. Na occaſiaõ, em que eſtamos eſcrevendo, no anno de 1719, vemos ao meſmo tempo entrar pela barra de Lisboa a Frota do Rio de Janeiro, em que ſó o ouro do Regiſtro paſſa de dez milhoens. Mas deixando eſta ponderaçaõ, aos que eſcreverem a noſſa Hiſtoria, que nós ſó arrebatados do amor da Patria fizemos eſta curta digreſſaõ, pelo goſto, com que recebemos novas taõ uteis ao Reyno, e tornando ao noſſo aſſumpto, eſta Cruz, que o Biſpo deixou à ſua Sé, furtaraõ depois com o tempo, (que nem o ſagrado ſe livra de ſer, ainda que ſacrilegamente, deſpojado.) Em o noſſo vimos roubar a precioſa ambula, em que eſtava o dedo de Santo Antonio, que da ſua Caſa faltou em os dias da ſua feſta, no anno de 1718, com grande magoa dos ſeus devotos, (perda a que ſe naõ póde achar recompenſa, naõ pelo precioſo valor do Relicario, primoroſamente obrado de ouro, ornado de diamantes, mas pela inſigne Reliquia do noſſo inſigne Portuguez, que já ſem eſperança ſentimos a ſua falta, pois nem pelas exactas diligencias, que a piedade do noſſo Rey, que Deos guarde, mandou fazer pelos ſeus Miniſtros, nem menos pela generoſidade, com que perdoava o crime, e dava huma grande ſomma de dinheiro de alviceras, nada baſtou para ſatisfazer a cobiça do ſacrilego roubador, para a reſtituiçaõ.) Além deſtas precioſas dadivas do Biſpo D. Miguel, e de muitos vaſos de prata, galhetas, e pratos, e 57 marcos de prata, para huma banqueta do Altar môr, e muitos ornamentos para a Sacriſtia, deu entre outras Reliquias huma do Santo Lenho da verdadeira Cruz. Depois de tornar à Religiaõ, viveo quatro annos, e morreo neſte dia, do anno de 1180. Foy ſepultado na parede da quadra do Clauſtro, que correſponde à Capella môr, com eſte Epitafio.

Nonas Auguſti Obiit D. Michael Colimb. Epiſcopus Canonicus Sanctæ Crucis Æra M.CC.VIII.

Sendo Prior Geral D. Miguel de Santo Agoſtinho, no anno de 1630, o quiz trasladar para a Capella de S. Theotonio, ſeu Meſtre, e foy achado o corpo inteiro, com parte das veſtiduras Pontificaes; e cheyo de reſpeito lhe naõ quiz bolir, e o deixou no meſmo lugar. Delle faz mençaõ a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 9. cap. 13; Brandaõ *Monarchia Luſit.* liv. 10. cap. 44. pag. 200; o Conego Pedro Alvares Nogueira, no *Catalogo* m. ſ. *dos Biſpos de Coimbra*; Cardoſo a 10 de Mayo a promette para eſte dia; Leitaõ *Catalogo dos Biſpos de Coimbra.*

E No dia antecedente fizemos mençaõ de Sor Helena da Cruz, irmãa de Sor Franciſca da Conceiçaõ, a quem ſuccedeo no lugar de Abbadeſſa, e verdadeiramente irmãas em tudo: por ellas ſe vio taõ augmentado o eſpiritual edificio deſte Convento, por cuja obſervancia trabalharaõ, e mereceraõ ver logrado o premio de taõ glorioſo cuidado. Foy enterrada na meſma cova, em que eſtava ſua irmãa, e quando ſe abrio, reſpirava a terra tal fragancia, que eſtava ſendo hum teſtemunho da gloria, que ambas gozavaõ. Faleceo no anno de 1597, como diz Soledade, na IV. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 5. cap. 22. pag. 707.

F Deſtes invictos Cavaleiros de Chriſto, que por ſeu amor deraõ as vidas no anno de 1629, imperando Toxogunſama, eſcreve o Padre Cardim no *Catalogo dos Martyres do Japaõ*, pag. 313.

G No anno de 1698, faleceo neſte dia Fr. Eſtevaõ da Cuba, que pelo appellido devia ſer natural deſte Lugar, conforme o coſtume da ſua Provincia. Foy ſepultado no Clauſtro do dito Convento, no lanço, que vay da Sacriſtia, para o Capitulo. Tudo o referido conſta de huma Carta, que o Guardiaõ do meſmo Convento o Padre Fr. Matthias de Eſtremoz, de 20 de Junho de 1741, eſcreveo ao M. R. P. Fr. Franciſco de Oliveira, que no la participou.

AGOS-

AGOSTO VI.

S. Jordaõ Biſpo de Evora.

A Tourega Dioceſi de Evora, ſe conſerva na tradiçaõ huma conſtante memoria de S. Jordaõ, Biſpo deſta Igreja. Era o tempo, em que governava, o meſmo em que eſpalhado pelo Mundo o odio de Diocleciano contra o Nome de JESU Chriſto, executava o Preſidente Daciano nas Heſpanhas os Edictos do Emperador, com huma cruel perſecuçaõ contra os Chriſtãos. Entre a furioſa raiva deſtes lobos, appaſcentava o Santo Biſpo o ſeu rebanho, com amor, e zelo de bom Paſtor; quando tendo noticia, de que ſuas irmãas Santa Comba, e Anominata, depois de ſer a primeira degolada em obſequio da profiſſaõ, que confeſſara da Ley de Chriſto, recuſara a ſegunda com temor da morte, entrar no certame, vencida do horror dos tormentos, que o dilicado do ſexo lhe fazia, e aſſim perſuadida fogio da prizaõ. Mas o Santo Prelado, cheyo de zelo da gloria do Altiſſimo, partio com toda a diligencia em buſca de ſua irmãa, que achou na Serra do Eſpinheiro, e com o amor de irmaõ, e zelo de Paſtor, a reprehendeo de variavel, e inconſtante no amor de ſeu Eſpoſo, em cujo obſequio era pequeno ſacrificio huma vida, que ſeria recompenſada com a Coroa da Eternidade. Confortada com os ſaudaveis conſelhos do Santo Biſpo, ſe animou à conſtancia, e eſpontaneamente ſe offereceo ao Martyrio. Neſta Serra prenderaõ os iniquos Miniſtros a S. Jordaõ, e depois de crueis, e diverſos generos de martyrio, lhe cortaraõ a cabeça em huma cova, que inda hoje perſevera na tradiçaõ com o ſeu nome; fazendo-a veneravel o prodigio, com que o Ceo moſtrou reſpeitar eſte lugar, em que por mayores, que ſejaõ as chuvas, nunca (como tem obſervado curioſa a devoçaõ) toma agua; naõ ſuccedendo o meſmo às outras, que a cercaõ. A eſta recorrem cheyos de Fé, os enfermos de ſezoens, e maleitas, e levantando naquelle lugar huma Cruz de madeira, que alli colhem, ficaõ livres do mal. Tambem he eſpecial advogado das dores de coſtas, pelas grandes, que o Santo padeceo no martyrio, tirando-lhe os algo-

zes

zes o coraçaõ pelas coſtas, ſervindo eſta memoria de feliz patrocinio aos enfermos deſta Provincia, que obrigados dos ſeus beneficios recorrem à ſua poderoſa interceſſaõ. Seu corpo foy levado para a Igreja de Tourega, e ſepultado com outros Martyres; pelo que ainda hoje ſe conſerva naquelle Lugar entre os banhos de Tourega, o nome do banho dos Martyres.

OV. P. D. Alberto Maria Ambiveri C.R.

B Em a Caſa de Noſſa Senhora da Divina Providencia de Lisboa, da Religiaõ Theatina, ſe conſerva incorrupto o corpo do Veneravel Padre D. Alberto Maria Ambiveri, da meſma Familia. Teve por Patria a Cidade de Bergamo na Republica de Veneza; ſeus pays de naſcimento illuſtre. Logo na ſua infancia moſtrou o quanto havia de reſplandecer em ſingulares virtudes; porque ſendo a idade pueril, eraõ as obras de adulto, dirigindo-as todas à virtuoſa perfeiçaõ. Ornado deſtas partes foy admittido à Roupeta Theatina, que ardentiſſimamente deſejava veſtir, abrazado da cordeal devoçaõ, que tinha ao grande Patriarca S. Caetano, gloria de Vicencia, e aſſombro do Univerſo, cujo Inſtituto ſeguio, com taõ agigantados paſſos, que em pouco tempo deu a conhecer o muito, que ſe dilatara o ſeu eſpirito, com os ſantos exercicios, em que de continuo ſe empregava. Opprimido de achaques, por conſelho dos Medicos, e obrigado da obediencia dos Superiores, foy para huma Quinta de hum Lugar, chamado Gierra de Adda, que havia de ſer onde ſe começaſſe a conhecer, e a eſpalhar a ſua heroica virtude, que com prodigios o Senhor dava a entender, moſtrando nas obras maravilhoſas, que por ſuas mãos obrava a ſingular eſtimaçaõ, que fazia daquella puriſſima alma. Começou a confeſſar, e a doutrinar aos meninos, a prégar com efficacia, e zelo, de que naſcia reconciliar amigos, compor diſcordias, deſterrar odios, e animar a todos com ſaudaveis conſelhos. Buſcava aos doentes, que ſervia com a mais viva charidade, ſendo incanſavel na aſſiſtencia; porque como padecia achaques, ſe lhe encendiaõ os deſejos de os aliviar com o remedio. De tal maneira ſe applicou ao beneficio dos miſeraveis doentes, tendo em Deos taõ viva Fé, que começou a obrar evidentes milagres. Ardia o ſeu coraçaõ em chammas do Amor Divino, que as accendia no dos enfermos, e aſſim conſeguiaõ repentinamente ſaude. Começou a eſpalharſe por todos aquelles contornos o rumor da ſua prodi-

gioſa fama ; e aſſim concorria de partes diſtantes innumeravel gente, para que o Servo de Deos os benzeſſe, e logo conſeguiaõ a deſejada melhora. Aos impedidos da infirmidade, que jaziaõ por ſeu mal na cama, hia o Servo de Deos a buſcallos, ſó para lhes dar ſaude. Attendendo os Padres, a que poderiaõ ſer interpretadas ſiniſtramente taõ louvaveis obras, o mandaraõ recolher a ſua Caſa ; ao que ſem repugnancia obedeceo. Mas naõ ſatisfeito o demonio, com ver ſuſpendidos aquelles virtuoſos exercicios de charidade, deſpertou em algumas peſſoas zelo indiſcreto, para que o denunciaſſem ao Santo Officio. Era grande o conceito, que o Inquiſidor de Milaõ tinha do Padre D. Alberto, e admirado, e ſuſpenſo, ſe naõ ſabia reſolver ; com tudo, por ſatisfazer à obrigaçaõ do Officio, o mandou chamar, e depois de huma larga conferencia, em que examinou as acções do Servo de Deos, veyo em hum pleno conhecimento da ſua virtude, e da indiſcreta paixaõ, ou ignorancia dos accuzadores, e depois de louvar o ſeu zelo, e charidade com os proximos, lhe aconſelhou, que para ſatisfazer ao vulgo ignorante, que naõ chega a penetrar os ſolidos fundamentos, ſobre que ſe firma a doutrina Theologica, ſe ſerviſſe nas prodigioſas curas, além da Fé, recommendada por Chriſto no Evangelho, da invocaçaõ de algum Santo.

Em os primeiros annos da ſua vida começou a ſer devoto do Patriarca S. Caetano, e logo detriminou dalli em diante a invocallo nas bençoes dos enfermos; o que obſervou inviolavelmente, como ſucceſſivamente veremos. Daqui teve principio o dilatarſe por toda a parte a devoçaõ de S. Caetano, de ſorte, que ſe naõ achará Lugar, por mais remoto da terra, onde ſe naõ venere eſte Santo, eſtabelecendo, e confirmando nos Fieis com eſtupendas maravilhas a ſua protecçaõ, como experimentaõ os ſeus devotos. Deſcuberto o fim das obras do Padre D. Alberto, e conhecida univerſalmente a innocencia da ſua vida, e a ſua grande charidade com o proximo, lhe concederaõ licença (por continuar ainda a ſua enfermidade) de ſe retirar para huma Quinta ; mas antes de partir de Milaõ, quiz moſtrar Deos, o quanto ſe agradava de ſeu Servo, galardoando a ſua obediencia com huma ſingular graça. Achava-ſe no Moſteiro de S. Filippe huma Religioſa, havia cinco annos, e cinco mezes na cama baldada, ſem o movimento natural, e

ſaben-

ſabendo, que eſtava em Milaõ o Padre D. Alberto, cujas obras eraõ ouvidas com admiraçaõ, lhe mandou pedir a foſſe benzer. Sorrio-ſe o Servo de Deos ao recado, dizendo, que elle era hum pobre peccador, e que o ſeu Santo Patriarca Caetano he que alcançava de Deos maravilhoſas graças, e que ſe recorreſſe a elle, acharia infallivelmente remedio. Replicou a pobre enferma, inſtando que a viſitaſſe, de que já compadecida a ſua charidade, deu a quem lhe trazia o recado huma Reliquia, e huma Imagem do Santo. Mandou dizer à enferma, que com viva Fé invocaſſe o ſeu patrocinio, e que levantando-ſe do leito foſſe à Igreja. Obedeceo a enferma, e forcejando por levantarſe, ſe naõ podia mover: aconſelhavaõ-na as Religioſas, que naõ fizeſſe exceſſos; mas ella conſtante nas palavras do Padre D. Alberto, preſiſtia, em que havia de ir à Igreja; e aſſim rogando às Religioſas, que a ajudaſſem, encoſtada em algumas, e com trabalho, chegou à Igreja, donde, (caſo maravilhoſo!) depois de breve Oraçaõ, ſe levantou por ſeu pé, com admiraçaõ das Companheiras, ſãa, e livre de todo o mal.

Neſte heroico gráo de ſantidade ſe achava D. Alberto, quando a Religiaõ Theatina procurava peſſoas para a Miſſaõ da India Oriental, exhortando o Geral com Cartas circulares a ſeus Religioſos por todas as Caſas a hum taõ louvavel emprego. Ouvio D. Alberto eſta geral petiçaõ, e movido de ardente charidade, ſe começou a abrazar em deſejos de ſervir ao proximo: reprimia-o a ſua debil natureza, e pouca ſaude; mas entendendo ſer ſuperior a vocaçaõ, atropelou a ſua meſma idéa, por ſeguir o impulſo do Evangelho. *Ite: ecce ego mitto vos*, e eſpontaneamente ſe offereceo, como he coſtume, à Sagrada Congregaçaõ de *Propaganda Fide.* Pertenderaõ ſeu pay, irmaõ, e parentes, que ſe impediſſe eſta reſoluçaõ; e naõ podendo vencer a ſua virtuoſa conſtancia, começou a ſua jornada para Portugal, para do porto de Lisboa embarcar para a India, onde já deſejava verſe ſervindo às diverſas Nações daquella grande parte do Mundo, abrazado todo em dar a vida em obſequio da Fé, que era o principal motivo deſta viagem. Naõ lhe ſerviaõ as Eſtalagens de impedimento à continuaçaõ dos ſantos exercicios, em que todos os dias ſe empregava. Apenas tinha dado leve deſcanço ao corpo, quando ſahia a viſitar a Igreja, ou

outro algum lugar, que havia de devoçaõ, e inculcando a de S. Caetano, em toda a parte fazia conhecer o ſeu nome, e exaltava os ſeus merecimentos com os continuos milagres, que com o ſeu nome obrava.

Em Ottgio, terra da Republica de Genova, depois de ter obrado eſtupendas maravilhas, reduzindo peccadores obſtinados, dando ſaude a enfermos, reſtituindo baldados, lhe aconteceo hum caſo digno de eterna memoria, e dos mayores, que ſe lem na Hiſtoria Eccleſiaſtica. Havia hum Eſtalagadeiro, que fazendo reflexaõ na facilidade, com que o Servo de Deos obrava milagres, admirado de taõ efficaz poder, com ſimplez curioſidade, deſejava ſaber como eraõ feitas aquellas obras maravilhoſas. Perguntou ao Padre D. Alberto, com que virtude, e poder eraõ feitos aquelles prodigios? A taõ candida ſimplicidade ſe ſorrio o Servo de Deos, dizendo-lhe: que elle naõ tinha merecimentos, ou ſantidade, para obrar milagres; mas, que ſim tinha viva, e firme Fé, na promeſſa de Chriſto, feita no Evangelho, de aſſiſtir com a ſua Omnipotencia, a quem de todo o coraçaõ o chamaſſe ſem tibieza na Fé, e que com eſta verdade infallivel, e com a protecçaõ de ſeu Santo Padre, fazia aquellas maravilhas; e que ſem duvida todo o que tiveſſe viva Fé, poderia facilmente fazer o meſmo. Atonito, e admirado de tal repoſta o Eſtalagadeiro, replicou: Padre, logo poderey eu ſer tambem artifice de ſemelhantes obras? A que D. Alberto reſpondeo, que ſim, ſe tiveres firme Fé, invocando o patrocinio de S. Caetano. Inſtava o bom homem: e que ſe requer para ſe alcançar eſſa Fé? E dando-lhe o Servo de Deos hum Compendio da Vida de S. Caetano, lhe diſſe: todas as vezes, que deſejares alcançar alguma merce do Senhor, pede-lha com viva Fé, pelos merecimentos deſte Santo, e ſem duvida a verás conſeguida. De tal ſorte ſe imprimiraõ eſtas palavras no coraçaõ deſte ſimplez homem, que depois do Padre D. Alberto ſeguir a ſua jornada, invocando a S. Caetano com viva Fé, alcançou particulares graças, a favor dos neceſſitados. Deſta ſorte era a virtude de D. Alberto, que em ſua auſencia obrava Deos pelos ſeus merecimentos prodigioſas obras, ficando mais engrandecido ſeu Servo por aquelle extraordinario modo de favorecido.

Em Florença, achou os Miſſionarios, com que havia de

ſeguir

ſeguir a ſua jornada para a India. Neſta Cidade teve trato com Leonor Montalva, mulher virtuoſa, e com conſtante opiniaõ de Santa. Eſta lhe diſſe, que chegaria a Lisboa; mas, que para a India naõ faria viagem. O bom conceito, que tinha da Serva de Deos, pudera fazerlhe perder o animo, ſe a ſua conſtancia ſe naõ animara na Providencia Divina; e aſſim entregue à ſua deſpoſiçaõ, tratou de ſeguir a ſua jornada, para Liſboa. Chegou a Liorne, donde ſe deteve ſó dez dias; mas as obras delles ſe faráõ eternas em ſeus moradores. Nos Hoſpitaes ſervia aos enfermos; nas caſas particulares aos afflictos doentes; por toda a parte perſuadia ao povo a devoçaõ a S. Caetano, affirmando, que todos lograriaõ ditoſo fim às ſuas pertenções, ſe com viva Fé o invocaſſem. Hum dia cheyo de Apoſtolico eſpirito, diſſe em preſença de hum grande numero de gente, que lhe queria dar hum irrefragavel teſtemunho, de que Deos naõ faltaria em dar comprimento às ſuas promeſſas, para o que no dia ſeguinte eſperava a todos na Igreja de S. Joaõ, dos Padres de Santo Agoſtinho. Divulgada pela Cidade aquella extraordinaria nova, era diſcurſada conforme os genios, e a devoçaõ. No dia ſeguinte foy à dita Igreja, que já achou occupada de innumeravel gente, como eſpectadores do promettido milagre. Entre aquella multidaõ de povo, foy levado em huma cadeirinha hum homem chamado Santos, tolhido, a quem huma dilatada febre fazia ſempre companhia, e taõ desfigurado, que parecia mais cadaver, que homem; taõ debilitado, que naõ ſe podia mover para alguma parte. Depois de D. Alberto celebrar o Santo Sacrificio da Miſſa, e ter feito Oraçaõ a Deos de joelhos, ſe levantou, e voltando para o enfermo baldado, bem conhecido pelos ſeus males de todos os circunſtantes, em alta voz lhe perguntou: Se cria, que S. Caetano foſſe poderoſo para com Deos, para o livrar da enfermidade, que padecia? Ao que o miſeravel paralytico reſpondeo, que ſim; e chegando-ſe mais a elle o Servo de Deos, lhe diſſe: Credes firmemente, que eu vos quero fazer a graça de vos dar ſaude? Creyo, affirmava o afflicto homem; pois ſe aſſim he, Chriſto Senhor Noſſo prometteo no Evangelho, que o que tiveſſe Fé, ainda que foſſe como hum graõ de moſtarda, alcançaria tudo o que quizeſſe; e vós tendes eſta Fé: Em Nome de Deos, e de ſeu Servo S. Caetano, levantay logo

eſſe

eſſe braço, que tendes tolhido. Ao que o aleijado reſpondeo: Que ſentia ſoltarſe o impedimento, que lho detinha, para o mover, e levantou o braço, e fazendo-lhe o ſinal da Cruz: o que viſto do povo, a vozes engrandeciaõ o prodigio, e para mais corroborar na Fé aquelle homem, lhe mandou, que tornaſſe o braço ao meſmo eſtado, em que o tinha de antes. Finalmente, à imitaçaõ do Principe dos Apoſtolos, quando à porta do Templo levantou aquelle aleijado: *In Nomine JESU Chriſti, ſurge, & ambula*; aſſim D. Alberto, com eſpirito verdadeiramente Apoſtolico, benzeo eſte enfermo com a Reliquia de S. Caetano, e lhe mandou, que largaſſe a cadeira, e ſe levantaſſe ſaõ, e ſe foſſe para ſua caſa; o que aſſim fez, levantando-ſe ſaõ, e robuſto, o que eſtava como paralytico, e começou a caminhar ſeguido daquelle numeroſo povo, para ſua caſa, que diſtava mais de hum quarto de legoa da Cidade. Naõ ſe podem expreſſar os applauſos, com que os moradores de Liorne engrandeciaõ ao Servo de Deos, a veneraçaõ com que o reſpeitavaõ por Santo, e o quanto procuravaõ a protecçaõ de S. Caetano. Divulgado o portento, naõ havia enfermo na Cidade, aleijado, ou endemoninhado, que naõ pertendeſſe ſer tocado com a Reliquia de S. Caetano; e aſſim foraõ innumeraveis os milagres, e ſentida a ſua auſencia, com huma viva ſaudade, como a quem faltava o ſeu Bemfeitor. Naõ era a aſſiſtencia de Liorne, mais, que eſperar embarcaçaõ para Lisboa, e achando navio para eſte porto, trataraõ os Miſſionarios de concertar a paſſagem com o Capitaõ. Era eſte ſoberbo de condiçaõ, duro de coraçaõ, e pouco inclinado a receber no ſeu navio Religioſos, e por iſſo lhe pedia oito centas patacas, preço exorbitantiſſimo para a ſua pobreza, e muito para os poucos ſoccorros, que tinhaõ recebido. Mas movido do que ouvia de D. Alberto, e dos ſeus rogos, ſe compadeceo, para ſe contentar com duzentas patacas, eſtimando já levar no ſeu navio homens de taõ relevantes merecimentos, e aſſim fez feliz a ſua viagem. Embarcado D. Alberto, com os ſeus Companheiros, deixaraõ o porto de Liorne a 2 de Fevereiro, do anno de 1650, dia dedicado à Purificaçaõ da Virgem Senhora Noſſa, Padroeira da Religiaõ Theatina, ſendo eſte acaſo feliz auſpicio da boa viagem. Seguiraõ-na com ventos proſperos, e favoraveis; ao oitavo dia tomaraõ Alicante,

te, naõ ſem eſpanto dos mareantes, attribuindo aquella felicidade às Orações do Servo de Deos, que mais activas, que os ventos, davaõ forças às vélas. Promettia o Ceo, a juizo dos praticos, huma horroroſa tempeſtade, e já por inſtantes eſperavaõ o ameaçado perigo; e invocando o Servo de Deos a S. Caetano, de repente mudado o vento, ſe ſerenou o Ceo, deixando a todos livres do ſuſto. No navio deu inteira ſaude a hum Florentino, que havia oito mezes padecia continua febre, acompanhada com huma trabalhoſa ſarna, e de repente ficou livre. Chegaraõ a Alicante, e em quanto o Capitaõ negoceava temporaes intereſſes, começou D. Alberto a commerciar para o Ceo, engrandecendo o poder do Altiſſimo, com novas maravilhas. Contavaõ os mareantes com admiraçaõ aos naturaes os prodigios, que obrava. Começaraõ logo a concurrer os neceſſitados, e a experimentar os coſtumados beneficios, que a maõ de Deos diſpendia por eſte ſeu fiel Servo. Naõ attrahia menos a ſi a gente pelos prodigios, como tambem com a ſua venerada preſença, ornada de admiraveis virtudes; porque prégando, abrazava os corações; celebrando o Santo Sacrificio da Miſſa, era tal a devoçaõ, que accendia nos circunſtantes novos motivos de o venerarem por Santo. Concluîo o Capitaõ as ſuas dependencias naquella Cidade, e ſe fizeraõ à véla para Lisboa, onde chegaraõ a 27 de Fevereiro, com feliz viagem; porque às orações de D. Alberto obedeciaõ as inconſtancias dos elementos.

Naõ havia ainda neſte tempo Caſa da Religiaõ Theatina em a Corte de Lisboa, e ſe achava em hum muy pequeno Hoſpicio o Padre D. Antonio Ardizone Spinola; e aſſim foraõ os Miſſionarios accommodados em diverſos Conventos de Religioſos, tocou ao Padre D. Alberto o de Noſſa Senhora da Graça, da Familia Auguſtiniana, até que embarcados os que foraõ para a India, tomou hum Hoſpicio o Padre Ardizone, nas Portas de Santa Catharina, e ornada decentemente huma pequena Capella, para ſe dizer Miſſa, e fazer os exercicios eſpirituaes, que he coſtume da Religiaõ Theatina, nelle o acompanhou o Padre D. Alberto; ſendo eſte pobre lugar a veneraçaõ da Corte, pois delle ſahia aquelle prodigioſo homem a obrar tantas maravilhas, como vio Lisboa, que o recebeo com ſingular applauſo, como quem das ſuas obras tinha certas

tas noticias; porque a toda a parte chegava venerada a ſua fama, ſendo ella a meſma pregoeira da ſua virtude. Concorria innumeravel povo para o ver, a ouvirlhe a ſua Miſſa, e todos faziaõ diligencias por alcançar a ſua bençaõ. Era reſpeitado como Anjo, que o Ceo lhe mandara, para alivio das ſuas afflições, ou que o Eſpirito dos Apoſtolos renaſcera de novo na ſua peſſoa, em quem ſe admirava taõ ſingular poder; pois com a ſua fé dava vida aos deſconfiados, fechando com os ſeus milagres as portas do imperio da Morte. Aſſim que deſembarcaraõ os Miſſionarios, foraõ conduzidos ao Paço pelo Padre D. Antonio Ardizone, a beijar a maõ a ElRey D. Joaõ o IV. que os recebeo com benignidade Real, por ſer grande a piedade, com que eſte grande Monarca eſtimava os Religioſos, e inexplicavel a ancia, com que deſejava adiantar a converſaõ dos Infieis em todas as ſuas dilatadas Conquiſtas. Depois foraõ os Miſſionarios ao quarto da Rainha D. Luiza, e Principe D. Theodoſio; e recebidos com igual merce, ficou a Rainha taõ edificada da veneravel preſença de D. Alberto, e taõ ſatisfeita da efficacia das ſuas palavras, que movida de fervoroſa devoçaõ o chamou particularmente, e logo com elle tratou particulares da ſua alma; recommendando-ſe nas ſuas orações, começou a ſer devota de S. Caetano; e lhe ordenou, que foſſe logo ver o Infante D. Affonſo, depois Rey, que tinha ſeis annos, e ſe achava com hum braço alguma couſa embaraçado, que ſe temia ficaſſe aleijado: rogou-lhe o benzeſſe com a Reliquia de S. Caetano; e poſto de joelhos, e todos os que a acompanhavaõ, a Rainha com lagrimas de devoçaõ fazia mayor a veneraçaõ daquelle acto, e depois confeſſava fora conhecida a melhora. Ao deſpedirſe lhe diſſe, que a viſſe muitas vezes; porque queria communicarlhe materias da ſua conſciencia, e lhe aſſinou as terças feiras para eſta conferencia, em que os negocios eraõ da mayor importancia, por ſerem as materias pertencentes ao Reyno do Ceo. Eſtas honras ao Servo de Deos naõ ſerviaõ de vaidade; porque os ſeus intereſſes ſe dirigiaõ ſómente à gloria de Deos. Segui-o toda a Nobreza, os Grandes, e Senhores da Corte, naõ havendo algum, que o naõ quizeſſe communicar. De tal ſorte creſcia o numero de toda a ſorte de gente, que lhe naõ ficava tempo algum, para poder tratar de ſi. Em huma carta, que eſcrevia

crevia a ſeu pay, confeſſava ter mais, que fazer em Lisboa, do que em Italia; reconhecendo ſer vontade de Deos, que elle caminhaſſe pela eſtrada de Martha, e naõ pela da Magdalena, lhe dava infinitas graças, como quem na ſua Divina vontade eſtava ſempre reſignado, e permanente. Aſſim vivia aquelle generoſo eſpirito, ſempre elevado em Deos, com quem vivia taõ unido, que reſpondendo a outra carta de ſeu pay, dizia: que ſe o pertendia achar, o buſcaſſe no Lado de Chriſto; porque eſte lugar tinha eleito para ſua continua habitaçaõ, e que alli ſem duvida o acharia. Naõ achava a ſua charidade deſcanço, ſenaõ na amoroſa officina do Lado de Chriſto, onde ſe abrazaõ os corações no Divino Amor. Coſtume era ſeu dizer: *Bella couſa he ſervir a Deos, e naõ cuidar nada do Mundo.* E aſſim nos mayores applauſos do povo, dos grandes, e dos Principes, ſe unia mais eſtreitamente a Deos, humilhando-ſe na ſua preſença.

Apreſtava-ſe a Armada para a India, que conſtava de quatro náos, que haviaõ de conduzir o Vice-Rey daquelle Eſtado Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, que ſegunda vez paſſava a governar: começaraõ os Miſſionarios a pôr correntes os deſpachos, e licença delRey; e quando entendiaõ naõ podia ter difficuldade, ſe levantaraõ montes de obſtaculos, que a impediaõ, com que os Miniſtros ſe opunhaõ, allegando o ſerem Eſtrangeiros, e tal vez vaſſallos dos Dominios de Caſtella, que entaõ ardia em guerra com Portugal; mas a benignidade delRey ſerenou eſta tempeſtade, mandando ſe expediſſem as ordens neceſſarias, para a viagem. Sendo D. Alberto o principal motivo de ſe inclinar o coraçaõ delRey, a favorecer com taõ eſpecial honra, a huns homens foraſteiros, e ſem outro arrimo, que a Divina Providencia, alcançaraõ eſta graça, (tanto póde a virtude, que ella por ſi meſma ſe faz lugar em toda a parte.) Quando o Padre D. Alberto imaginava, que ſe chegava o deſejado prazo de embarcar para a India, teve ordem da Rainha, para naõ fazer viagem aquelle anno, ſegurando-lhe, que no ſeguinte anno lhe daria licença. Era o Servo de Deos, todo reſignado na ſua vontade, e às diſpoſições do Ceo humilhava o coraçaõ, ſem que tiveſſe repugnancia em obedecer; e ſuppoſto via, que ſe lhe dilataváõ os deſejos, que tinha de dar a vida em obſequio da Fé, ſen-

do o poder conſeguir a palma do Martyrio hum dos motivos deſta jornada, que agora via impoſſibilitada: entaõ ſe lembrou, do que em Florença lhe havia dito a Serva de Deos Leonor Montalva, e que a Divina Providencia detriminara para theatro das ſuas virtudes Portugal, onde faria iguaes ſerviços ao Altiſſimo, que em o Reyno de Golocanda, onde o levava aquelle abrazado deſejo do aproveitamento das almas. Era Liſboa o lugar, que Deos deſtinara para mais ſe ſervir de D. Alberto: aqui empregado todo no bem do proximo, era huma continuada victima da charidade; em todo o tempo, e em toda a occaſiaõ, ſem que nem o trabalho, nem a diſtancia, ou rigor da eſtaçaõ lhe impoſſibilitaſſe a vontade. Começou a prégar, ſendo igual o concurſo da Nobreza, que o do povo, que lhe parecia hum Apoſtolo mandado do Ceo. Exhortava a todos à devoçaõ de S. Caetano, para que o invocaſſem Protector, aſſim como o admiravaõ prodigioſo nos milagres. No Confeſſionario era continuo; porque todos deſejavaõ tomar da ſua boca algum ſaõ conſelho. Bem deſejara D. Alberto poder ao meſmo tempo acudir a muitos; mas, o que naõ conſeguia o deſejo, ſuppria o indefeſſo trabalho. As principaes Senhoras da Corte o ſeguiaõ: deſtas formou huma Confraria, que teve principio em Caſa da Marqueza de Niza D. Ignez de Noronha, ſua confeſſada, Matrona ornada igualmente de piedade, do que do alto naſcimento. Naõ havia obra de charidade, para que eſpontaneamente ſe naõ offereceſſe, já conſolando os enfermos, aſſiſtindo aos moribundos, animando os miſeraveis, achando todos nelle hum remedio univerſal às ſuas afflições. Foraõ muitos os milagres, com que Deos acreditou na Corte de Lisboa a eſtimaçaõ, que fazia de ſeu Servo, de que inda conhecemos peſſoas, que da ſua maõ receberaõ milagroſamente a vida. Aos deſconfiados dos Medicos deu ſaude; aos aleijados reſtituîo à inteira perfeiçaõ; e finalmente, naõ houve enfermidade miſeravel, em que naõ moſtraſſe o poder de Deos. A eſtas eſtupendas maravilhas creſcia na Corte a devoçaõ do glorioſo Patriarca S. Caetano. Naõ havia quem pudeſſe paſſar, ſem ter ao menos hum regiſto em ſua caſa deſte Santo. A' viſta deſta conſtante veneraçaõ, quiz D. Alberto fazer huma feſta ao Santo; e hindo ao Paço, com o Padre D. Antonio Ardizone, communicaraõ eſte deſejo à Rainha;

Rainha: era devota, e pia, eſtimou muito a noticia. Naõ havia Caſa de Theatinos em Lisboa, e aſſim detriminou foſſe na Capella Real, para o que a mandou ornar pompoſa, e Realmente, ſendo eſta a primeira vez, que em Portugal ſe celebrou feſta a S. Caetano, cuja devoçaõ ſe tem eſtendido tanto por todo o Reyno, que naõ haverá povoaçaõ grande, onde ſe naõ ache Imagem ſua, dedicandoſe-lhe Capellas, e Ermidas. Havia pouco mais de hum anno, que o Padre D. Alberto aſſiſtia em Lisboa, empregado ſempre em ſerviço do proximo, quando no mez de Julho lhe repetio hum daquelles accidentes mortaes, que em Italia o combatiaõ, e voltando para caſa taõ debelitado, e desfalecido, que ſe naõ podia mover. Era de huma delicada compleiçaõ, e nem por iſſo deixava de ſe affligir com aſperos cilicios: açoutava-ſe com cadeyas de ferro; jejuava continuamente, e outros generos de mortificações, com que gaſtada a natureza, canſada das continuas fadigas, ſe rendeo à violencia dos achaques. No outro dia intentou dizer Miſſa, e começando com o fervor do ſeu eſpirito, apenas principiou a Epiſtola, quando cahio rendido, e proſtrado de outro accidente; e levado nos braços dos aſſiſtentes, tiradas as Veſtes Sacerdotaes, o accommodaraõ na ſua pobre cama. Conheceo ſer chegada a ultima hora, e como ſenaõ vivera ſempre vigilante, ſe começou a preparar com fervoroſiſſima devoçaõ, ſem que a vehemencia do mal pudeſſe perturbar aquelle abrazado coraçaõ, que perſeverava em continuas jaculatorias com o ſeu amado Jesu, com a Virgem Santiſſima, com ſeu Santo Patriarca, e os mais Santos da ſua devoçaõ. Sogeitava-ſe ſem repugnancia aos remedios, ſofrendo com admiravel paciencia as violentas operações, que os Medicos ordenavaõ; porque na Paixaõ do Redemptor tinha doce memoria para a reſignaçaõ. Recebia muitas vezes o Santiſſimo Sacramento do Altar, ſendo ſó eſta a unica conſolaçaõ nos ſeus males; porque aſſim ſe unia mais eſtreitamente com o ſeu amado Senhor. Naõ ſe contentava ſó com o amar, mas tambem na charidade ſervillo; e aſſim para que naõ tiveſſe tempo ocioſo, inda nos ultimos periodos da vida, proſtrado do mal na cama, tinha a ſua porta franca a beneficio dos neceſſitados, que o procuravaõ: a huns conſolava, a outros encaminhava, e a todos do modo poſſivel ſervia. ElRey, e a

Rainha, que o veneravaõ como a Santo, o mandaraõ viſitar em ceremonia, ſendo o ſeu pobre apoſento continua habitaçaõ dos mayores Senhores da Corte. Os ſeus Padres, e as peſſoas Grandes, lhe rogavaõ, que alcançaſſe de Deos vida, para ainda o ſervir, a que elle conſtantemente reſpondia: Que era aquella a ultima enfermidade, e que já era tempo de ir gozar de ſeu Senhor em o Ceo, e aſſim eſperava ir cantar em o Paraiſo as primeiras Veſperas de ſeu amantiſſimo Pay S. Caetano. Alguns Religioſos veneradores da ſua virtude, lhe levaraõ milagroſas Reliquias de Santos, exhortando-o, a que ſe encommendaſſe a elles, para alcançar ſaude; mas beijando-as devotamente, lhe rogava lhe aſſiſtiſſem com o ſeu patrocinio naquella hora, e que o acompanhaſſem ao Ceo. O Padre D. Antonio Ardizone, Superior daquelles poucos Religioſos, como Prelado, afflicto da perda de hum tal Companheiro, lhe diſſe: Padre, por obediencia lhe mando, que peça a Deos ſaude, por interceſſaõ dos Santos ſeus Protectores. Replicou o Servo de Deos, dizendo: Que ſe lho ordenava, logo obedeceria; porém, que elle conhecia ſer aquella a hora da ſua morte, e o tempo oportuno para a ſua ſalvaçaõ; a que o Prelado reſpondeo fizeſſe, o que entendeſſe, e Deos lhe inſpirava. Aſſim ſe aquietou, e continuou na conformidade da Divina diſpoſiçaõ. Eſta conformidade perfeitiſſima com o amor de Deos foy certamente a origem da grande confiança, com que obrou tantos prodigios, ſendo a ſua obediencia, pobreza, e caſtidade, taõ admiravel, que lhe alcançaraõ de Deos ſingulares merces. Rara vez ſe vio, que fallando com mulheres, lhe olhaſſe para o roſto. Era de animo taõ humilde, e charitativo, que naõ lhe faziaõ as injurias ſentimento; o que moſtrou em hum caſo, que lhe ſuccedeo em Italia. Caminhava por terras do Ducado de Milaõ, quando foy accommetido de huns ſalteadores, que o deſpojaraõ do que levava, e naõ achando a ſua cobiça ſatisfaçaõ; porque naõ tinha dinheiro, quem tinha os ſeus theſouros no Ceo, o maltrataraõ com pancadas, que o Servo de Deos ſofria com tal paciencia, ſem dizer palavra, que os meſmos agreſſores do mal ſe confundiraõ, e compungidos daquella veneravel preſença lhe pediraõ perdaõ, que elle de muito boa vontade, e de todo o coraçaõ lhe concedeo. Eſte ſucceſſo contava depois, como eſpecial graça de Deos, confeſ-

ſando-ſe

ſando-ſe obrigado aos malfeitores, deſejando empregarſe no ſeu bem, e aſſim rogava a Deos por elles, ſeguindo as maximas do Evangelho, de que foy hum obſervante, e fiel Servo. Agravava-ſe cada dia mais a doença, ſendo os accidentes cada vez mais perigoſos, e começaraõ os Medicos a darlhe poucas horas de vida. Eſta nova recebeo com huma inexplicavel alegria, e com taes jubilos da ſua alma, que eraõ abonadores da firme eſperança, que elle tinha de gozar da preſença de Deos, em cuja gloria, e honra ſe empregara ſempre. Pedio o Santiſſimo Viatico com grande ancia, que recebeo com particular devoçaõ, e humildade, e depois à noite a Extrema-Unçaõ, dando nas ſuas lagrimas, e dor, novas demonſtraçõe do ſeu humilde coraçaõ. Finalmente, na madrugada deſte dia chegou o ultimo correyo da morte, em hum terrivel accidente, que o poz nos ultimos periodos da vida; mas naõ podiaõ as acerbiſſimas dores, que o mal lhe cauſava, diminuir a tranquilidade do ſeu animo, que conſtantemente com paciencia as ſopportava por amor de Deos: e multiplicando actos de verdadeira devoçaõ, e affectuoſos ſuſpiros de ſe ver na amada Patria, levantando os olhos ao Ceo, abraçado devotamente com o Senhor crucificado, fallando até o ultimo ſuſpiro, acabou com placida, e quieta morte, entregando a ſua pura alma nas mãos do Creador, naõ tendo ainda comprido trinta e tres annos de idade, a mayor parte empregados no ſerviço de Deos, e beneficio do proximo.

Sor Maria de S. Joſeph Carm. Deſc.

C No Moſteiro de Santo Alberto, perſevera a lembrança da Madre Maria de S. Joſeph, que em vida floreceo ornada de heroicas virtudes, e depois de morta acreditada com eſtupendas maravilhas, que fizeraõ veneravel a ſua memoria. Deſde os primeiros annos começou a dar claros indicios de ſantidade; porque pareceo ſobrenaturalmente inſpirada. Ainda naõ tinha mais, que anno e meyo, quando com conhecimento venerava, e reſpeitava as ſagradas Imagens, com acçõe, naõ de taõ tenros annos; porque a ſua idade ſe naõ podia contar por annos; mas que indicavaõ huma eſpecial inclinaçaõ à virtude. Nos primeiros annos da ſua vida começaraõ os exercicios ſantos a ſerem os ſeus divertimentos, mortificando-ſe em tudo o que podia. As galas, e enfeites proprios do ſexo, e do ſeu naſcimento aborrecia, e ſó uſava por decóro, e obedien-

cia,

cia a ſua mãy; e mortificando a vontade, tinha nellas o ſeu pezar, como outras a ſua mayor felicidade. Aos doze annos fez voto de ſer Religioſa, e de viver em perpetua caſtidade: foraõ grandes as contradições, para o conſeguir; mas quem trabalha com ſantos intentos, ſempre vence as mayores difficuldades; porque naõ ha reſoluçaõ firme, que o Ceo naõ ajude. Tomou o Habito da Santa Madre Thereſa de Jeſus, e começou a polir as virtudes, em que já era exercitada; e aſſim ſubio à perfeiçaõ, com que o Eſpoſo coroa, as que o ſeguem com coraçaõ humilde. Neſta virtude edificou Sor Maria, ſobre profundos aliceces, para levantar o templo de Deos em ſeu coraçaõ. Abatia a peſſoa, para que naõ entraſſe a vaidade, e aſſim o ſeu Habito era pobre. Empregava-ſe nos exercicios mais vís, e abatidos da Communidade, tendo-ſe ainda por indigna de ſervir a gente taõ ſanta. Naõ havia couſa, que naõ facilitaſſe a ſua humildade. Ouvia as injurias, e deſprezos com tanto ſocego da alma, que nella recebia taõ interiores gozos, que eraõ conhecidos no roſto, e a contraſtes da ſua paciencia conſeguio ſubir à mayor perfeiçaõ. Orava continuamente, e com tal felicidade, que ſe elevou àquelle gráo ſuperior, em que as almas gozaõ do ſummo bem, e tem na oraçaõ aquellas interiores delicias, que o Senhor concede, aos que na perſeverança ſe fazem dignos da ſua miſericordia. Foy grande a liberalidade com que o Altiſſimo enriqueceo eſta pura alma, ſubindo-a às moradas eternas, para que tiveſſe ſatiſfaçaõ o ſeu abrazado amor. Eſte exercitou ſempre na charidade do proximo, que era remunerado da Divina bondade, com eſpeciaes favores. Ao meſmo tempo, que amava tanto ao proximo, ſe aborrecia ſó a ſi: a eſte fim ſe caſtigava continuamente, como ſe as ſuas culpas naõ foraõ ſatisfeitas pela Divina graça, que lhe communicava Celeſtes dons. Trazia aſperos cilicios, em que entrava hum meyo corpo à feiçaõ de camiza, que ſe lhe achou depois de morta. Nas Vigilias de Noſſo Senhor, e da Virgem, Apoſtolos, e tres dias na Quareſma, e Advento, trocava os cilicios por cadeas de ferro, armadas de agudas pontas, taõ ſubtís como alfinetes, e com outros de diverſa invençaõ ſe maltratava continuamente. As diſciplinas eraõ ſem piedade, cortando com golpes o delicado corpo, debilitado dos jejuns, taõ abſtinentes, que naõ comia

mais,

mais, que o preciſo para naõ morrer, mas naõ para poder ter ſorças. Se em alguma occaſiaõ a Prelada a obrigava a comer couſa mais delicada, que lhe cauſaſſe goſto, o caſtigava comendo huma pouca de loſna, de que o mais dos dias do anno uſava. Neſte perfeito modo perſeverou toda a vida, até, que por effeitos da charidade veyo a enfermar do achaque de tyſica, que lhe communicou huma Religioſa, a quem aſſiſtia. Achou-ſe poſſuida do mal, e rogou a Deos, que foſſe ſervido, que aquella doença ſe naõ communicaſſe às Companheiras; concedeo-lho o Senhor, que com liberal maõ ſatisfazia os ſeus rogos. Continuava a febre, que ardia em materia debil, e gaſtada das penitencias, e no coraçaõ ardia o Divino fogo, em que a alma ſe dilatava no amor do Eſpoſo. Della ſe conta, que o Provincial lhe mandara dizer: Que elle hia à viſita, e que em quanto naõ voltaſſe, naõ morreſſe. Creſcia a queixa, e entre as agonias da morte, ſe viaõ os effeitos da obediencia; e atormentada, de que ſe lhe retardava o ir gozar do thalamo, que ſeu Eſpoſo lhe tinha preparado, pedio a ſua irmãa, eſcreveſſe ao Provincial, lhe deſſe licença para morrer, pela ancia com que eſtava de ir gozar da viſta de Deos, e gloria dos Santos. Caſo maravilhoſo! Ao meſmo tempo, que o Provincial acabou de eſcrever, dando-lhe faculdade para morrer, pedio os Sacramentos, que recebidos com amoroſos, e humildes affectos eſpirou a Serva de Deos, antes que chegaſſe o menſageiro com a repoſta; porque a Divina Sabedoria lhe tinha participado aquella noticia. Seu bemdito corpo ficou taõ fermoſo, que eſtava indicando a gloria da ſua alma, que o Senhor depois acreditou com maravilhas, logrando muitas peſſoas por ſua interceſſaõ alcançarem feliz deſpacho nas ſuas pertenções.

D Em a Cidade de Lamego, a felice morte do Padre Fr. Bartholomeu de Oviedo, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, Varaõ eminente em letras, e perfeito em virtudes, por cujas partes foy eſcolhido pelo Biſpo D. Miguel de Portugal, para ſeu Confeſſor. Era de vida auſtéra, e de tanta perfeiçaõ, que os demonios fogiaõ da ſua preſença, pois com eſpecial dominio os lançava fóra dos energumenos; e vivendo ſempre com opiniaõ de virtuoſo acabou ſantamente. *Fr. Bartholomeu de Oviedo Erem.*

E Na Cidade de Evora, no Moſteiro do Salvador, acabou felizmente Sor Marianna do Evangeliſta, Freira das que na Reli- *Sor Mariãna do Evangeliſta Frãciſcana.*

Religiaõ chamaõ Converſas, a qual já vivia no ſeculo com grande rigor, e modeſtia. Aſſim que veſtio o Serafico Habito, começou huma dura guerra contra o ſeu corpo, principiando em mortificar todas as paixões da natureza, para ſogeitar as rebeldias da carne ao fervor do ſeu eſpirito; e aſſim emprendeo reduzir a huma perpetua eſcravidaõ todos os ſeus ſentidos, combatendo de continuo a vontade, que contradizia em tudo, para que quebrada dos brios, e memoria do Mundo, viveſſe nas delicias da contemplaçaõ. Começou a mortificarſe, pelo que lhe ſeria mais penoſo. Era de genio limpo, e no comer com grande aceyo; de ſorte, que ſe viaõ na ſua peſſoa aquelles melindres do ſexo, em ſe perturbar, e cauſar nojo qualquer couſa, ainda que muy leve: a eſte fim deu em comer os ſobejos das outras Religioſas: repugnava o genio; mas vencia a virtude à vontade. Goſtava de converſar, e ſaber com curioſidade, o que paſſava; mortificou-ſe em naõ perder o tempo em inuteis praticas. Divertia-ſe em ſubir ao mirante, para dilatar a viſta no campo; privou-ſe deſte innocente goſto. Tinha ſatisfaçaõ em ir à horta, onde ſe recreava com ver as flores, e as plantas, e gozar da ſuavidade do ar livre, e deſembaraçado; aſſentou comſigo naõ ter mais ſemelhante divertimento, e aſſim naõ foy mais à horta, ſenaõ obrigada da obediencia, e entaõ com induſtria ſanta apartava a viſta de tudo, o que lhe podia ſervir de recreaçaõ. Deſembaraçada deſta ſorte de tudo, o que lhe podia impedir a contemplaçaõ, gaſtava neſte ſanto exercicio a mayor parte do dia, e da noite. Levantava-ſe às duas horas depois da meya noite, ſem que o rigor da eſtaçaõ por deſabrida a fizeſſe affrouxar, e paſſava no Coro orando até ſer manhãa, e todo eſte tempo permanecia de joelhos, ou deitada de bruços com a boca na terra. Ao Santiſſimo Sacramento do Altar venerava com taõ eſpecial culto, e devoçaõ, que todas as ſemanas em ſeu obſequio, na noite da quinta feira, com luzes allumeava a ſua Capella, e com precioſos aromas, em que teſtemunhava o ſeu reſpeito, accendia o ſeu eſpirito, elevado tanto no Divino Amor, que mereceo viſiveis recompenſas do Altiſſimo, que lhe manifeſtou impenetraveis ſegredos, moſtrando neſtes favores o quanto ſe agradava do ſeu puro coraçaõ; e aſſim lhe deu com ſoberana luz huma intelligencia ſobrenatural dos tormentos, que padecera

cera naquella noite. Em outra occaſiaõ lhe appareceo o Senhor atado à columna, todo ferido, e chagado; a eſte prodigioſo eſpectaculo, chea de dor ſe lançou por terra chorando, afflicta de ver ao ſeu Divino Eſpoſo, taõ cruelmente tratado. O Senhor a conſolou, com ſerem aquellas feridas os merecimentos, porque ſe havia de ſalvar. Naſceo deſta compaixaõ, tomar todas as ſeſtas feiras huma diſciplina, com tanta tyrannia, que raſgando o corpo em feridas, parecia quererſe deſpedaçar; por eſte meſmo motivo ſe maltratava com outros exceſſos de mortificações, e penitencias. Uſava cilicios de ferro. Apertava-ſe com cordas de eſparto, de que ſempre andou cingida. Cobria o corpo com huma cadeya de ferro, fabricada de agudas pontas. No peito huma Cruz de ferro, com pontas penetrantes, que ſe imprimiaõ na carne. Eſtes, e outros inſtrumentos eraõ inſeparaveis companheiros, com que continuamente ſe martyriſava. Na cama metia huma taboa, para que naõ houveſſe tempo, que naõ foſſe de mortificaçaõ: deſta uſou alguns annos, até que por obediencia a tirou. Os jejuns, e abſtinencias, eraõ bem ſemelhantes aos mais rigores. Naõ foy na humildade menos virtuoſa; porque a todos ſe abatia, nem no Coro ſe animou a ſentar em cadeira, ſenaõ no chaõ. Nos officios humildes da Communidade ſe empregava com particular ſatisfaçaõ. A charidade exercitava como virtude heroica, repartindo liberalmente tudo quanto a ſua pobreza podia agenciar a favor dos neceſſitados; e deſejando augmentar em todos a devoçaõ, repartia roſarios, e laminas, obradas pelas ſuas mãos, às peſſoas que a buſcavaõ. Eſtas glorioſas virtudes coroou com huma invicta paciencia, ſofrendo com reſignaçaõ graves doenças, e outros contratempos, com que a Divina Mageſtade coſtuma acriſolar aos que bem quer. O inimigo commum lhe fez ſempre dura, e cruel guerra, pertendendo no principio divertilla da oraçaõ, com medos, e grandes eſtrondos, atemoriſando-a com horrenda viſta, em que lhe promettia graves caſtigos, mas tudo venceo com a Divina graça. Chegou a tanto o exceſſo do demonio, por permiſſaõ Divina, que a maltratou de pancadas por muitas vezes, lançando-a no chaõ, até que em huma occaſiaõ lhe deſmanchou ambos os braços, e aſſim fóra do ſeu lugar os trouxe até à morte, em que padeceo graves dores, que ſoube a ſua hu-

mildade encobrir, ſem ſe eximir de ſervir a Caſa nas ſuas occupações, em que permaneceo até a morte. He bem para admirar, que os braços torcidos, e deſlocados, fóra do ſeu lugar, podeſſem ſupportar o ſerviço da Communidade, fazendo obras de forças na amaſſaria; mas o Senhor lhe dava alentos, moſtrando o ſeu poder infinito. Teve hum eſpecial dom de conſolar aos afflictos, e de revelar couſas futuras, e intimos ſegredos. A muitas Religioſas manifeſtou alguns taõ particulares, que com aſſombto a ouviaõ, por naõ paſſarem do ſeu peito. Por ſua interceſſaõ obrou Deos em vida prodigioſas maravilhas, como quem era favorecida com Celeſtes viſoens, em que recebeo a ſua alma inexplicaveis jubilos. Foy devota da Virgem Santiſſima, e favorecida ſua, e do Bautiſta, e Evangeliſta, e do Patriarca S. Joſeph, os quaes lhe appareceraõ algumas vezes, e fallando-lhe, a conſolaraõ nas ſuas afflições; até que chegado o termo decretado do tributo univerſal, preparando-ſe com os Sacramentos, e moſtrando na ſua humildade, e reſignaçaõ, o quanto a ſua pura alma deſejava verſe na Gloria, trocou pela vida temporal a eterna, donde piamente cremos eſtá gozando da viſaõ Beatifica.

D. Joaõ de Mello Arc. de Evora.

F Item na Igreja Metropolitana de Evora, o Aniverſario de ſeu inſigne Arcebiſpo D. Joaõ de Mello, Varaõ prudente, ſabio, e de ſantos coſtumes, pelos quaes mereceo dignamente occupar os mais preeminentes lugares do Reyno, trabalhando com exemplo nas Igrejas, e nos Tribunaes com zelo da Republica. Deſde os primeiros annos ſe applicou às Letras; eſtudou em Salamança, onde fez maravilhoſos progreſſos; de ſorte, que voltando a Evora ſe fazia digno dos empregos, igualmente pelas virtudes, e ſciencias, do que pelo naſcimento. O Cardeal Infante D. Affonſo, Biſpo de Evora, Prelado de grandes merecimentos, aggregou à ſua familia a D. Joaõ de Mello, para ſe ſervir do ſeu talento. O primeiro lugar que teve, foy de Conego de Cabo Verde, que ſe lhe deu para graduaçaõ de ſervir nas cauſas Apoſtolicas, e depois ſervindo diverſos empregos, foy ſobindo com tantos merecimentos, que veyo a ſer Preſidente em todos os Tribunaes, em que havia ſervido. No Supremo Senado da Relaçaõ foy Deſembargador, ſendo Clerigo, (couſa entaõ naõ uſada) e nelle meſmo foy Regedor das Juſtiças. Teve o lugar de Deſembargador

bargador do Paço, e tambem nelle foy Preſidente, ſendo o primeiro, que ſe encontra, que occupaſſe eſta grande Miniſtraria; porque até entaõ com differente methodo deſpachavaõ os Miniſtros na preſença delRey. Inſtituida a Inquiſiçaõ neſtes Reynos, foy D. Joaõ de Mello hum dos primeiros Inquiſidores Apoſtolicos, que no anno de 1536 nomeara o Illuſtriſſimo D. Fr. Diogo da Sylva, I. Inquiſidor Geral; e ſuccedendo neſta Dignidade o Infante Cardeal D. Henrique, veyo a ſer D. Joaõ Governador della, no tempo que teve a Regencia do Reyno, ou que reſidio em Evora: nelle tiveraõ principio os veneraveis eſtylos da Inquiſiçaõ. Sendo moço foy conſtituido Biſpo do Algarve, em que ſuccedeo ao Biſpo D. Manoel de Souſa, promovido à Primacial de Braga. Entrou no governo deſte Biſpado no anno de 1549, em que logo começou a entender com o zelo de hum vigilante Prelado. Convocado ſegunda vez o Concilio de Trento, pelo Papa Julio III. no anno de 1545, que ſe concluîo em 1563, ſe achou nelle o Biſpo D. Joaõ de Mello, onde conſeguio nome, e reputaçaõ, entre aquelles Veneraveis Padres do Sagrado Concilio, que o eſtimaraõ como mereciaõ as excellentes virtudes, de que ſe adornava. Voltando ao ſeu Biſpado, convocou Synodo na Cidade de Sylves, no anno de 1554, e publicou Conſtituições, e eſtando empregado todo no ſerviço da ſua Igreja, em que luziaõ as ſuas obras, com edificaçaõ dos ſubditos, o Cardeal Infante D. Henrique, que conhecia bem o ſeu admiravel talento, e virtude, vendo-ſe opprimido dos negocios do Reyno, o chamou para ſeu Coadjutor, e futuro ſucceſſor do Arcebiſpado de Evora, de que ſe deu por taõ ſatisfeito, que lho renunciou, e nelle entrou a 7 de Janeiro do anno de 1564. Neſta Metropoli deixou obras dignas de eterna memoria; porque como vigilante Paſtor, acodio igualmente ao temporal, do que ao eſpiritual. Celebrou Synodo no anno de 1565, no qual fez a introducçaõ o inſigne Meſtre Andre de Rezende. Reformou, innovou, e publicou as Conſtituições do ſeu anteceſſor o Infante Cardeal D. Affonſo, que depois fez imprimir o Arcebiſpo D. Joſeph de Mello. Finalmente, tendo tratado do bem univerſal das ſuas ovelhas, e da reforma dos Parochos, quanto cabia no poſſivel, deixando prudentes inſtrucções aos ſeus ſucceſſores nas viſitas, e na ſua Sé eternos padroens do

ſeu amor, em varias obras, com que a melhorou; e aſſim cheyo de merecimentos acabou em paz.

Commentario ao VI. de Agoſto.

NO Terceiro Tomo do Agiologio, em o Commentario do primeiro de Mayo, ſe faz menção das Santas Virgens, e Martyres, Comba, e Anominata, irmãas de S. Jordaõ, Biſpo de Evora, que o Licenciado Jorge Cardoſo reſervou para eſte dia; fica deſcrito o Lugar de Tourega, na Provincia de Alentejo. Naõ faltou, quem entendeſſe ſer eſte Lugar Patria ſua, e outros a Cidade de Evora; entre tanta antiguidade, e com falta de documentos, naõ he facil podermos fazer juizo: principalmente, quando ſobre a exiſtencia deſte Santo, tem havido alguma duvida, por ſe naõ achar em Martyrologio algum, outro de ſeu nome, ſenaõ modernamente o Beato Jordaõ, da Ordem dos Prégadores: com tudo nos naõ attrevemos a affirmallo, nem menos a reprovallo, por nos parecer neceſſario muito, para deſtruîr a immemorial tradiçaõ da Igreja de Evora, que tem por materia indubitavel, que foy ſeu Biſpo, e naõ temos outra alguma prova. Já no diá nono de Julho, nos lamentámos da grande falta, que temos de noticias dos antigos Biſpos deſta Dioceſi; e porque faltando as memorias de quaſi dous ſeculos, numêraõ a S. Jordaõ por ſegundo Biſpo. O tempo em que governou eſta Igreja, naõ ſe averigua; mas, pela perſecuçaõ de Diocleciano, parece ſeria pelos annos de 303, e pouco depois o ſeu Martyrio. Na Caſa do Capitulo eſtá hum painel com a ſua Imagem, com letras, que declaraõ ſer Biſpo de Evora, o qual mandou pôr o Cabido, Sede Vacante, no anno de 1636, com o de S. Manços, e S. Briſos; naõ podemos ſaber ſeria reforma de outros antigos: ſe o foſſem eraõ eſtimaveis. Na Capella môr o poz de vulto, com as coſtas nas mãos, o Arcebiſpo D. Joſeph de Mello; e hoje ſe conſerva no Santuario de Reliquias, outra Imagem com Reliquia ſua, com que mais ſe corrobora a tradiçaõ; pois ſe ajunta àquella memoria o teſtemunho de taõ antiga poſſe. No termo de Evora, tres legoas da meſma Cidade, ha huma Parochia de ſeu nome. Na Freguefia dos Anjos da Cidade de Lisboa, havia huma Ermida antiga de Santa Barbara, aonde eſtava huma Imagem de S. Jordaõ; ficava eſta Ermida pouco diſtante do chafariz, e della ſe vem ainda hoje veſtigios; arruinada com o tempo a Ermida, foraõ levadas as Imagens de S. Jordaõ, e Santa Barbara, para a Parochia dos Anjos, onde ſe veneraõ, e tem ſuas Confrarias. Deſta Santa tomou o nome o campo, que ha muitos annos ſe chama de Santa Barbara, e quando naquelle cámpo eſtava a forca, chamada de Santa Barbara. A eſte lugar hia todos os annos no primeiro de Novembro, dia de todos os Santos, de tarde, em que ſe começaõ os ſuffragios das Almas, a Irmandade da Santa Miſericordia, com devota piedade, a recolher os oſſos dos delinquentes, que alli ficavaõ enterrados, que traziaõ em duas tumbas aos hombros dos Irmãos, e cercados de tochas, em hum bem pompoſo enterro, honravaõ com ſuffragios, a eſcandaloſa memoria, dos que pelos ſeus crimes tinhaõ perdido na Republica a honra, e os levavaõ à Igreja da Santa Caſa da Miſericordia, e ſe dava fim a eſte acto, com hum Sermaõ, encommendado, ſempre aos mais famoſos Prégadores de ſeu tempo. Demolio-ſe daquelle lugar a forca, com a occaſiaõ de edificar a Sereniſſima Senhora D. Catharina, Rainha da Gram Bretanha, o Palacio da Bempoſta. Mas naõ deixou eſta devota Irmandade de exercitar a ſua piedade, e aſſim todos os annos hiaõ na fórma referida, a hum lugar junto ao Moſteiro da Graça, onde ſepultavaõ aos miſeraveis delinquentes; depois ſe mudou para hum lugar ſeparado no Cimiterio de Santa Anna, e os levaõ à Miſericordia: naõ faltando neſta ceremonia o Provedor, e as peſſoas de mayor grandeza, que ſaõ deſta Irmandade, ſervindo com tochas, e todas as mais occupações, com a meſma igual-

igualdade, que os demais irmãos de differente cathegoria. Neſte Campo de Santa Barbara, naõ havia outra Ermida, mais que a antiga de que fallamos; porque a que hoje vemos dedicada a Santa Barbara, he obra moderna, que em noſſos dias edificou Ignacio Lopes de Moura, Deſembargador dos Aggravos, grande devoto de Santa Barbara, Virgem, e Martyr Antiochena, em cujo louvor compoz hum livrinho, que imprimio em Lisboa, no anno de 1701, intitulado *Flores de Devoçaõ colhidas no Campo de Santa Barbara*, a que deu nome a Ermida antiga; por detraz della fica hum Valle, que tomou o nome de S. Jordaõ. Concorriaõ as Donzellas de Lisboa a eſte Santo, como Advogado dos caſamentos, e aſſim era frequentada eſta Ermida; mas como ainda nos actos pios ſe introduzem abuſos, e deſordens, (o que muitas vezes ſucede) com maduro conſelho prohibiraõ os Arcebiſpos eſtas romarias. No anno de 1613, governando a Igreja de Lisboa o Veneravel Arcebiſpo D. Miguel de Caſtro, ſe intentou tirar eſte Santo do Altar, por deſconhecido. Suſpendeo eſta execuçaõ a antiguidade ſempre veneravel, e attendida, pela tradiçaõ, com que de tempos antigos ſe conſervava venerado no Altar; e pertendendo a devoçaõ erigirlhe huma Confraria, ſe lhe naõ concedeo por entaõ, a qual veyo depois a ter, que hoje de que fallámos acima. Eſtas ſaõ as memorias, que pudemos ajuntar de S. Jordaõ, taõ curtas; porque nos Authores antigos ſe naõ faz mençaõ delle: dos modernos o *Agiologio Luſitano*, tom. 3. pag. 18; Antonio de Vaſconcellos *in Deſcrip. Luſit.* pag. 553; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*; Meſtre Andre de Rezende *in Epiſt. ad Kabed.* pag. 168. *penes me*; huma Relaçaõ, *incerti Authoris*, impreſſa em Lisboa, no anno de 1644, que ſe intitula *Tradiçaõ de S. Jordaõ ſer Biſpo de Evora*; Carvalho na *Corografia Portug.* part. 2. tom. 2. pag. 426. e pag. 430, ao que podemos ajuntar huma Relaçaõ m. ſ. que vimos, e que tinha em ſeu poder Pedro Vaz Rego, Meſtre da Capella da Santa Sé de Evora.

B Ainda naõ era fundada a Caſa de Noſſa Senhora da Divina Providencia, como temos viſto, quando chegaraõ a Lisboa os primeiros Miſſionarios, que a Religiaõ Theatina mandou à India, depois da felice Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ o IV. Eraõ elles além do Padre D. Alberto Maria Ambiveri, os Padres D. Creſcencio Vivo, Napolitano, D. Onofre Caſſia, Maltez, D. Andre Franco, e André Milazo, Irmaõ Leigo; foraõ accommodados em diverſos Moſteiros de Religioſos, por ſer taõ apertado o Hoſpicio, em que vivia o Padre D. Antonio Ardizone, que veyo a ſer Fundador da Caſa de Lisboa, depois de o ter ſido da de Goa, onde ſe achava ao tempo, que Portugal ſacudio o jugo de Caſtella; e porque ſendo Eſtrangeiro, e vaſſallo daquella Coroa, foy mandado para o Reyno de Portugal; nelle deu ſingulares moſtras da ſua Religiaõ, e eſpirito, que teve a graça do noſſo Monarca, e o ſequito de toda a Corte, e com a companhia do Veneravel D. Alberto tiveraõ felice deſpacho as ſuas pertenções; porque ElRey naõ ſó confirmou a Caſa de Goa; mas lhe deu faculdade para fundarem na Corte, por Alvará paſſado a 12 de Dezembro de 1650. Antes de conſeguir ſitio para a fundaçaõ, viveo em humas caſas de aluguer, nas Portas de Santa Catharina, em a ſegunda traveſſa, que vay para a Trindade. Neſte lugar faleceo no dia 6 de Agoſto, o Veneravel Padre D. Alberto Maria Ambiveri. As ſuas pobres alfayas ſe repartiraõ com eſtimaçaõ de Reliquias de Santo. A ElRey tocou o ſeu amado livro de Thomás de Kempis, em que tinha toda a ſua conſolaçaõ; e aſſim em todas as afflições recorria à ſua liçaõ, encontrando nelle a repoſta, que o alentava a ſeguir a Chriſto, o que obſervou toda a vida. A' Rainha o Crucifixo, que trazia ao peſcoço. Ao Principe D. Theodoſio, os ſeus oculos; e o mais ſe repartio pelos Grandes da Corte, e pelos ſeus devotos. O ſeu Veneravel corpo foy levado à Igreja de Noſſa Senhora da Luz, da Ordem Militar de Chriſto, por diſpoſiçaõ de ſeu devoto o Duque de Aveiro D. Raymundo, que lhe ordenou hum pompoſo funeral, cedendo a grandeza da peſſoa à pertençaõ dos Religioſos Eremitas de Santo Agoſtinho, que como primeiros em o hoſpedarem vivo, queriaõ ſer depoſitarios de ſeu ſanto corpo. Os Religioſos Trinos entraraõ com a meſma pertençaõ, pois na ſua Igreja coſtumava aſſiſtir aos Officios Divinos. Deſta Religioſa Communidade receberaõ os primeiros Theatinos, que houve neſ-

te

te Reyno, eſpeciaes favores, que viveráõ ſempre na memoria taõ agradecidos, como publicamente confeſſamos; e porque ſe eternize eſta obrigaçaõ, a fazemos notoria em noſſos eſcritos, que he o modo da gratificaçaõ mais honrada, o conhecimento dos beneficios. Concorreo todo o povo de Lisboa, as Familias Religioſas, a Nobreza, e Grandes do Reyno, a venerar aquelle ſanto Cadaver, que lançava de ſi hum portentoſo cheiro, com que mais ſe engrandecia o poder do Altiſſimo, na eſtimaçaõ, com que honrava ſeu Servo. Determinou o Duque o modo do enterro, que naquella noite foſſe levado ao Convento da Luz; e para que foſſe publico ao povo, ordenou, que ſeria metido nas andas, na Cotovia, junto do Noviciado da Companhia. A eſte fim foy levado o corpo aos hombros do Duque de Aveiro, do Duque de Maqueda, do Marquez de Niza, do Conde de Cantanhede, e outros Senhores de igual categoria, e Religioſos graves, que revezando-ſe vinhaõ a ter parte naquelle honrado, e venerado trabalho. Era precedido eſte acompanhamento das Communidades, de quaſi todas as Familias Religioſas da Cidade, e de toda a Corte, e deſcubertos todos moſtravaõ a reverencia, que tinhaõ àquelle Cadaver, que hia rodeado de doze Gentilhomens do Duque, com tochas accezas, a que ſe ſeguiaõ tambem muitos Fidalgos, Clerigos, e Religioſos, os noſſos Padres, e infinito povo, todos com as cabeças deſcubertas, deſejando cada qual alguma pequena Reliquia, ao menos tocar o ſeu Roſario no corpo do Padre D. Alberto. Entaõ ſe obſervou, que ſendo o caminho largo, e o vento grande, ſe naõ apagou huma ſó véla. Com eſtes acaſos coſtuma Deos honrar a ſeus Servos, para lhe augmentar a veneraçaõ. Chegaraõ ao lugar deſtinado, pegou no corpo o Padre D. Antonio Ardizone, ajudado dos Duques de Aveiro, e de Maqueda, e de outros grandes Senhores, e tirado do eſquife, o meteraõ em hum caixaõ de madeira de cedro, forrado de precioſa téla, e fechado com duas chaves, deu huma ao Duque de Aveiro. Poſto o caixaõ nas andas, o acompanharaõ ſetenta Clerigos a cavallo, com tochas accezas, e o ſeguiraõ os Duques, e mais Senhores, e os noſſos Padres, e neſta fórma chegaraõ ao Convento da Luz, huma legoa diſtante da Cidade. Foy recebido dos Religioſos com todas as demonſtraçõe de affabilidade, e ſe fez hum termo, que aſſinaraõ o Duque, e Duqueza de Torres-Novas, ſua mãy, de reſtituir aquelle depoſito à Religiaõ Theatina, quando tiveſſe Igreja em Lisboa. No dia ſeguinte ſe lhe fizeraõ ſolemniſſimas Exequias, com Sermaõ, e depois foy metido o caixaõ na parede da Capella do Eſpirito Santo, na dita Igreja. Por oito dias ſe lhe continuaraõ naquella Igreja Exequias, com Miſſa ſolemne, e Muſica, e ſempre foraõ aſſiſtidas de grande concurſo de gente, ſem que a diſtancia esfriaſſe a devoçaõ. Eraõ muitos os obrigados, e aſſim com obſequio pertendiaõ ſerem acredores de novas maravilhas. As Muſas Portuguezas o louvaraõ em diverſas lingoas, com Epigrammas, Elegias, e outros metros, em que declaravaõ a virtude do Servo de Deos, e o ſeu agradecimento. O Duque de Aveiro, por cuja devoçaõ corria taõ larga deſpeza; pelo que a Religiaõ Theatina ſe confeſſará ſempre devedora a eſta grande Caſa. Na parede ſe mandou pôr hum finiſſimo marmore negro, e nelle ſe lhe gravou em letras de bronze o ſeguinte Elogio:

I. M. Æ. E. I.

Hic ſitus eſt
P. D. Albertus Maria Ambiveri
Natione Italus, Bergomenſis,
Genere nobilis, Profeſſione Clericus Regularis.
Sexdecim annos natus Religioſam vitam iniit,
Moriendi diſciplinam exquirens.
Vixit ſui corporis tam acerbus hoſtis, quam
Animæ ſtudioſus cultor.
In Deum amore, in proximos charitate flagrans
Superos veneratione, maiores obſervantia,
Æquales pro meritis, ſe ipſum contemptum.

Pro-

Prosequens.
Quanam virtutum excelluerit, non facile dictum,
Qualibet in eo sibi primatum ambiente.
Corporibus sæpe Damones, & morbos animis
Vitiorum monstra sæpissime pepulit.
Nominis famam impensè fugit; sed non effugit.
Sanctimoniæ existimatione apud omnes
Ubique clarus.
Magna scilicèt virtutum flamma lumine
Suo se prodente.
Recens ab Italia, totam Lusitaniam in sui
Admirationem convertit,
Quæ
Indiæ destinatum, ac spe martyrium devorantem
Dum tenere cupit, mortuum dolet.
Exacto nondum in Portugallia biennio
Orientis vota occupavit occasus.
Prodigiis illustris obiit postridie nonas
Sextilis. Anno Domini M.DC.LI.
Ætatis suæ XXXIII. Ævi brevis. Memoriæ æternæ
Luxit Ulyssipo: duxit funus Nobilitas
Lugubri, & Magnifico apparatu.
Corpus
Inter multos competitores
Obtinuit
Serenissimus Princeps Dux Raimudus; ejusque
Memoriæ
Hunc lapidem Sepulchralem cum elogio
poni jussit.

O naõ terem os Religiosos Theatinos domicilio proprio, foy a causa de se pôr neste lugar o corpo do Padre D. Alberto, como já dissemos. Alcançando porém licença delRey, para poder fundar o Padre D. Antonio Ardizone, entrou na consideraçaõ do lugar; e sendolhe presente no Bairro Alto, no mais eminente sitio delle, humas casas das Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto, precedendo licença do Reverendo Cabido, Sede Vacante, expedida a 18 de Janeiro de 1653, as comprou, ajudado da generosa, e liberal maõ da Senhora D. Marianna de Noronha e Castro, devotissima do Veneravel D. Alberto, e confessada do Padre Ardizone. Esta piedosa Matrona, esclarecida por sangue, e virtudes, verdadeira Mãy da Religiaõ Theatina em Portugal, e Fundadora desta Casa; titulo, que a sua modestia recusou, pois naõ seguindo o estylo dos que fundaõ Mosteiros, naõ impoz obrigaçaõ aos Religiosos, e até a Capella môr naõ quiz occupar, deixando liberdade para a poderem doar, mandando-se enterrar no Carneiro dos mesmos Padres, querendo acompanhar depois de morta, os que amou em o Senhor na vida. Foy esta Senhora, filha de D. Alvaro de Castro, Senhor de Fonte Arcada, e Commendador da Redinha, e de D. Maria de Noronha, e bisnéta do Grande D. Joaõ de Castro, IV. Vice-Rey da India, aquelle virtuoso Varaõ, que depois de governar o Oriente, naõ deixou a seu filhos, mais que huma gloriosa memoria do seu victorioso nome, e da sua piedade, e Religiaõ. Casou a Senhora D. Marianna, com D. Alvaro de Portugal, seu primo com irmaõ, de quem teve huma unica filha, que morreo moça, e ficando viuva de idade de 25 annos, a 6 de Agosto de 1640, em que seu marido faleceo desgraçadamente affogado no Tejo; juntamente com seu cunhado D. Jorge de Portugal, foy pertendida para segundas vodas, das primeiras Casas do Reyno; porque além de ser da Illustrissima Familia de Castro, e de singulares partes, e virtudes, era sobre grandemente dotada, herdeira de seu irmaõ D. Manoel de Castro, que morreo sem chegar a tomar estado; mas eraõ os seus pensamentos

ſamentos muy differentes das couſas do Mundo, e aſſim fez voto de caſtidade, celebrando com o Divino Eſpoſo mais eſclarecidas vodas. Tomou por ſeu Protector a S. Caetano, de quem ſe nomeava filha, e a quem todo o tempo da ſua vida venerou como Pay. Vivia em exercicios eſpirituaes, regida pelo Padre D. Antonio Ardizone, homem Douto, e de grande talento; continuava a oraçaõ, frequentava jejuns, e outras penitencias, com que ſe mortificava. Era a ſua Caſa hum Moſteiro obſervante, em que ella naõ parecia Senhora, ſenaõ companheira das ſuas criadas, ſem que a humildade, que exercitava, a fizeſſe perder o decóro, e o reſpeito. Achava-ſe afflicto o Padre Ardizone, vendo o muito de que neceſſitava para adiantar a obra, fiado com ſeus Companheiros na Divina Providencia, eſperavaõ o ſoccorro do Ceo, que inſpirou neſta Matrona, a lhe dar logo vinte e cinco mil cruzados, com que ſe comprou o ſitio, e ſe começou a fabrica, que he pelo ſitio, hum dos mais apraſiveis da Cidade: e ſem duvida ſe a obra chegaſſe à ſua ultima perfeiçaõ, ſeria huma das mais bonitas fabricas della; mas a Divina Providencia guardará eſſa concluſaõ, para os vindouros; porque os ſeus ſegredos naõ ſaõ penetrados de humanos diſcurſos. Além deſta taõ grandioſa eſmola, mandou fazer ornamentos para a Igreja, Calices, e caſtiçaes de prata com as ſuas armas, em que fez huma larga deſpeza; de ſorte, que tudo o que eſta Caſa poſſue, que póde ter nome de precioſo, foy doaçaõ ſua; e finalmente, todas as ſuas rendas gaſtava em honra do Culto de Deos, até que chegada a ditoſa hora da ſua morte, que foy a 25 de Mayo, do anno de 1681, depois de diverſos legados pios, lhe deixou tudo quanto poſſuía, mandando no ſeu teſtamento foſſe enterrada com a Roupeta de S. Caetano, na ſua Igreja da Divina Providencia entre os ſeus Padres. Mandaraõ eſtes levantar hum tumulo mageſtoſo de fino marmore dentro no carneiro, em que deſcanſaõ as ſuas illuſtriſſimas cinzas, ficando eterna, e venerada a memoria da ſua virtuoſa vida entre os Clerigos Regulares; e porque duraõ mais os eſcritos, do que a tradiçaõ, deixamos aos vindouros neſta curta memoria, hum irrefragavel teſtemunho do noſſo agradecimento. E porque no cruzeiro ſe poz huma pedra com o ſeguinte Epitafio, que hoje ſe naõ vê por eſtar cuberta, nos pareceo de razaõ lançalla neſte lugar, para que naõ pareça ſe faltou à ſua memoria com a eternizar, eſculpindo em marmores a noſſa divida.

D. O. M.

Qui vivorum dominatur ſimul & mortuorum
Marmore ſub hoc riquieſcunt in Cemeterio
Reſurrectionem expectantes noviſſimam
Illuſtriſſimi Cineres Heroinæ longe præclariſſimæ
D. Marianæ à Noronha & Caſtro,
D. Alvari à Portugallia olim conjugis,
Quæ poſt chariſſimorum pignorum fata
Clericos Regulares, quos habuit in ſpiritu Patres,
Adoptavit in filios.
Iis condidit aſceterium,
In quo hanc extruxit Domum
Deo vivanti
Sibi mortuæ
Jubens ſupremis tabulis ſepeliri
In eodem ſepulchreto, quo Clerici Regulares
Superbum arbitrata Mauſolæum,
Quod commenderet humilitas.
Denique poſt annos LXVII laudabiliter tractos
Magnum ſui relinquens deſiderium
Sacris ritè communita
Abiit ad meliores ipſa die Pentecoſtes XXV Maii
Anno à naſcente Deo M.DC.LXXXI.

Eidem

Eidem matri ſuæ optimæ
Hujus Cœnobii munificentiſſimæ Fundatrici
Clerici Regulares
In perenne gratitudinis monumentum
S. H. PP.

Com as grandioſas eſmolas deſta eſclarecida Matrona, e de outros pios, e devotos Catholicos, ſe começou a nova fabrica, com o nome de Hoſpicio, para os Miſſionarios da India, que em pouco tempo poz capaz de ſe habitar o Padre D. Antonio Ardizone; de ſorte, que no dia 29 de Julho de 1653, ja paſſou para eſte ſitio, e com tal actividade fez trabalhar na obra, que em 28 de Setembro do meſmo anno, benzeo a Igreja ſolemnemente, conforme os privilegios da noſſa Religiaõ, e com as ceremonias encommendadas no Ritual Romano. Dedicou-ſe à Virgem Santiſſima, com o titulo de Senhora da Divina Providencia, para conſervar o nome, que em Portugal deraõ aos Theatinos de Padres da Divina Providencia, quando viraõ, que ſem rendas, nem pedir eſmolas ſe mantinhaõ, eſperando nos inexhauriveis theſouros da Divina Providencia. Na tarde deſte dia, ſahio da Igreja dos Religioſos Trinos, o Diviniſſimo Sacramento do Altar, em ſolemne Prociſſaõ, e foy collocado na dita Igreja. Levava o Senhor, o Doutor Fr. Joaõ de Andrade, Provincial da dita Familia, que toda a Communidade acompanhava. No dia ſeguinte, que era do Arcanjo S. Miguel, eſpecial Patrono das Miſſoens da India, eſteve o Santiſſimo Sacramento manifeſto. Celebrou Pontifical o Illuſtriſſimo Senhor D. Manoel da Cunha, Biſpo de Elvas, Capellaõ môr do Senhor Rey D. Joaõ o IV. e do ſeu Conſelho de Eſtado, Eleito Arcebiſpo de Lisboa. Prégou o Padre Fr. Joſeph da Aſſumpçaõ, da Ordem da Santiſſima Trindade, de cuja Communidade era tambem a Muſica; e como já diſſemos, os noſſos primeiros Padres deſta Religioſa Familia receberaõ eſpeciaes attenções, e favores. Neſte anno ſe trasladou o corpo do Veneravel D. Alberto, como diremos a 19 de Novembro.

Corria já o anno de 1681, quando a onze de Outubro a generoſa piedade do Senhor Rey D. Pedro II. entaõ Principe Regente da Coroa de Portugal, deu faculdade para que de Hoſpicio paſſaſſe a fundarſe Caſa, tomando-ſe Noviços Portuguezes, ſe eſtabeleceſſe no Reyno a Religiaõ Theatina. Eſta taõ grande merce, foy agradecida a Deos com huma ſolemne feſta, e com a Real licença ſe começou a erigir a fabrica, que hoje vemos, que olha para o Occidente, que he huma das mais agradaveis viſtas da Cidade, por ficar eminente àquella parte da Cidade; ao Norte os Campos da Cotovia, e da outra o celebrado Tejo, já miſturado com as aguas do Oceano, que deſemboca na famoſa Barra de Liſboa, amparado com a parte de Além, em que fica a Villa de Almada, Caparica, e outros Lugares, que entre Quintas, e Fortes, que guarnecem a Marinha, coroaõ os ſeus montes de verdes boſques, com que ſe alegraõ os olhos, ficando-lhe ao Poente o Valle de S. Bento, que ſubindo inſenſivelmente a viſta a termina em largos, e agradaveis orizontes, amparados de viſtoſas Quintas de huma parte, com as terras da Coutada Real, e da Cruz, que chamaõ de Buenos Aires, hum ſitio dos mais eminentes, e admiraveis da Cidade, a que concorrem os curioſos a ir ver as Armadas, e Frotas, que entraõ, ou ſahem pela Barra; o que ſem trabalho gozaõ os moradores deſta Caſa das ſuas janellas, donde ſempre ſe vê a variedade das muitas embarcações, que entraõ neſte ſingular porto, em taõ proprocionada diſtancia, que nem o mar, nem a terra lhe ficaõ longe; porque parece a eſte ſitio lhe he feudatario hum, e outro elemento.

He a Igreja, que temos ſobre pequena, e velha, deſacommodada, e pouco decente para o Culto Divino. Entraraõ os Padres na conſideraçaõ de intentarem lavrar huma nova, e com effeito, ſendo Prepoſito o Padre D. Manoel Caetano de Souſa, no anno de 1698, dia de Noſſa Senhora dos Prazeres, que cahio a 7 de Abril, ſe deu principio à fabrica, na qual lançou a primeira pedra o Eminentiſſimo Cardeal de Souſa, ſendo primeiro benzida na fórma, que ordena o Ceremonial Romano: nella ſe poz a ſeguinte Inſcripçaõ.

D. O. M.

Auguſtæ, quæ Virgini Mariæ Divinæ Providentiæ hâc ſumptus ſuppeditante Clerici Regulares hoc Templum ſtatuunt, primarium lapidem poſuit Aloyſius S. R. E. Cardinalis Souſa Pontifex Ulyſſiponenſis, Regii Sacelli Maximus Sacrificulus, Regique à ſanctioribus Conciliis Anno Chriſti M. DC. LXXXXVIII. die VII. Aprilis dicata Gaudiis Beatiſſimæ Virginis Mariæ, Innocencio XII. P. M. Petro II. Luſitanorum Rege.

Lançaraõ-ſe algumas moedas do tempo, e outras de curioſidade, abertas a eſte fim. Aſſiſtiraõ a eſte acto algumas Peſſoas Grandes, devotas da Caſa. Começou-ſe logo a trabalhar na Igreja, com as eſmolas de alguns devotos de S. Caetano, e aſſim creſceo de huma parte. Porém vendo-ſe, que naõ fora bem conſiderada a parte, em que ſe começara a edificar; porque ſendo o ſitio pequeno, ficava impoſſibilitado o poderſe continuar com o edificio da Caſa, ſe ſuſpendeo, eſcolhendo-ſe outro accommodado, e ſuppoſto que ha muitos annos eſtamos deſaccommodados, eſperamos na Divina Providencia, facilite o modo de ſe levantar a Igreja, principalmente depois da reſoluçaõ de 23 de Dezembro de 1743, delRey D. Joaõ V. que com a ſua piedade nos concedeo, que huma traveſſa inutil chamada das Bruxas, ſe tapaſſe, para que por ella ſe adiantaſſe o ſitio preciſo para a fabrica da Igreja. Ha muitos annos eſtá ſuſpenſa a fabrica: eſperamos na Divina Providencia facilite o modo de ſe levantar em mais conveniente ſitio. Neſta Caſa ha muitas Reliquias authenticas de grande veneraçaõ, a ſaber: o Santo Lenho, que trouxe de Roma o Padre D. Manoel Caetano de Souſa, e ſe conſerva em huma Cuſtodia de prata dourada. Ao meſmo Padre deu o Gram Duque de Toſcana Coſme III. hum dedo de Santa Franciſca Romana, de que a Igreja reza a 9 de Março, metido em huma ſingular obra de evano, em fórma de urna, guarnecida de prata de relevo, em que ſe vem milagres da Santa eſculpidos, e por remate huma eſtatua da Santa, de prata, obra primoroſa, e verdadeiramente dadiva de tal Principe. Além deſtas Reliquias, tem o corpo de S. Venancio Martyr, de quem ſe faz menção no Agiologio, a 18 de Mayo; o corpo de Santa Eufemia, Virgem Martyr, e Reliquias inſignes de Santa Luzia, Virgem Martyr; de S. Donato Martyr; de S. Urbano Martyr; de Santa Peregrina, Virgem Martyr; e S. Maximo Martyr, e todas eſtaõ em cofres decentes de evano, com cryſtaes guarnecidos, outros de tartaruga, e marfim, obra de todo o primor. Em huma Cruz de prata dourada, obra antiga, mas bem feita, ſe conſervaõ Reliquias dos Apoſtolos, e de outros Santos inſignes, como do Martyr S. Sabaſtiaõ. Na Sacriſtia ſe guardaõ tambem muitas, entre ellas huma Carta, eſcrita por Santo André Avelino, metida em dous vidros cryſtalinos, guarnecida de bronze dourado, e prata; hum Barrete do meſmo Santo, que he advogado nos partos, e aſſim he muy procurado; huma Carta de S. Caetano, tambem poſta em vidros, de modo que ſe póde ler, e a ſua Reliquia, que ſe leva aos doentes, e he a meſma, com que o Veneravel D. Alberto obrou tantas maravilhas, como temos dito; e naõ he poſſivel eſcrevermos, o qual foy o aſſumpto deſte dia, e o Leitor nos deve naõ notar o largo; porque foy preciſo dar cumprimento à promeſſa, que Cardoſo no Agiologio, no Commentario de 18 de Mayo, letra B, fez de pôr neſte dia a Fundaçaõ da Caſa da Divina Providencia.

Deſte Veneravel Padre principiou huma Vida a Duqueza de Aveiro D. Maria de Guadalupe e Lencaſtre, para o que eſcreveo ao Geral dos Theatinos, em que lhe pedia mandaſſe ajuntar memorias do Servo de Deos. Da ſua propria maõ fez dous retratos ſeus, de excellente pintura, em cuja Arte obrou com primor, ſendo eſta a menor parte das ſuas virtudes; porque foy muy dada à liçaõ dos livros, compondo na lingua Latina com elegancia, e eſtudando com reflexaõ as Sciencias, com que conſeguio nome de erudita. Deſte Servo de Deos vimos alguns retratos ao natural, de diverſas

ſas mãos, e eſtampas differentes; em noſſo poder temos huma dedicada à Duqueza de Torres-Novas D. Anna Maria Manrique: *Veram effigiem Ven. Servi Dei D. Alberti Maria Ambiveri C. R. Theatini Divinæ Providentiæ Illuſtriſſimæ, & Excellentiſſimæ Principi D. Annæ Mariæ Manrique de Lara, &c. Duciſſæ de Avero Devotionis argumentum D. D. D. S. Prodigiis illuſtris obiit.* Naõ faça reparo chamarmos a eſta Senhora Duqueza de Torres-Novas, quando a Dedicatoria daquelle tempo a intitula de Aveiro; porque padeceo engano, que eſta Senhora naõ teve em Portugal outro titulo; porque ſeu marido naõ teve outro, por morrer em vida de ſua mãy a Duqueza D. Juliana, que era a Senhora do Ducado, e Eſtados de Aveiro. Na Baſilica de Santa Maria, ſe guarda hum inſtromento da Vida, e coſtumes do Padre D. Alberto, o qual foy feito a requerimento da Duqueza de Aveiro. Delle eſcreveo huma Vida na lingua Italiana o Padre D. Joaõ Bautiſta Bagata, impreſſa em Veneza, anno 1683, de que muito nos valemos, e do Padre D. Joſeph Silos *in Hiſtor. Cler. Regul.* part. 3. lib. 11. pag. 489, onde poem a ſua morte a 5 de Agoſto, erro em que o fez cahir huma Carta, que allega de Lisboa; o Padre D. Bartholomeu Ferro *Hiſtoria delle Miſſioni di Chierici Regulari Theatini*, tom. 2. liv. 3. cap. 6. pag. 189; o Author da *Corograf. Port.* tom. 3. tr. 8. cap. 34. pag. 505. Compoz em Italiano hum Compendio da Vida de S. Caetano, que imprimio em Padua, anno 1649, e depois em Roma, Napoles, e Bergamo, e ſe reimprimio em Padua, anno 1650, e traduzido em Francez ſe imprimio. O ſeu ardente zelo a deſejou communicar aos Portuguezes, e aſſim o pedio ao diſcreto D. Franciſco Manoel, como elle confeſſa em huma Carta, que lhe eſcreveo com eſte titulo: Ao Piedoſo Padre D. Alberto Maria Ambiveri, ſobre a compoſiçaõ do livro do Beato Caetano, em que a ſeu rogo ſe occupava, a qual anda no I. Tomo das *Cartas Familiares*, e he a 76 da Centuria terceira, pag. 763; porém naõ ſabemos, que ſe acabaſſe: tal vez a morte do Servo de Deos foſſe a cauſa de lhe naõ dar fim. Compoz tambem hum livro na lingua Latina, com eſte titulo: *Selecta Marinonii*, que he a Vida do Veneravel Padre D. Joaõ Marinonio, o qual deu m. ſ. ao Duque de Aveiro, de que em Caſas da Religiaõ ha algumas copias, como em Napoles, e neſta. Delle faz mençaõ D. Innocencio Rafael Savanarola, nos Elogios, que eſtampou com Imagens dos Varões inſignes em virtude dos Clerigos Regulares, com eſte breve Elogio:

P. D. Albertus Maria Ambiverus, C. R.
Indicis Amandatus Miſſionibus
Italiæ, Iberiæ, ac Luſitaniæ
Odore virtutum Percelebris
Non minus, quam admirabili prodigiorum facilitate,
Qua Thienæo auſpice, quæ voluit, mira patravit.

C Na Villa de Setuval naſceo D. Maria de Souſa, que na Religiaõ ſe chamou Maria de S. Joſeph. Era filha de Luiz Lopes Lobo, Fidalgo honrado, a quem alguns livros de Familias, chamaõ Diogo Lopes Lobo, que depois de ter ſervido na India, com eſtimaçaõ, morreo na infeliz batalha de Alcacer; e de ſua ſegunda mulher D. Ignez de Souſa, filha de Antonio Carvalho Caſtello; e ſendo criada com os mimos de primeira, e com as attenções de lhe darem differente eſtado, que o de Religioſa, ella o ſoube procurar, com tal efficacia, que conſeguio de ſeus pays o meſmo, que naõ queriaõ. Sua mãy a amava taõ ternamente, que a conſideraçaõ de ſe ſeparar da filha, era hum tormento, que ſó a morte poderia ſer peyor de ſupportar. Mas conſeguindo della licença, entrou no Moſteiro de Santo Alberto, deſta Cidade, onde foy huma das perfeitas Religioſas, que com a ſua vida illuſtrou eſta obſervante Caſa, ſendo immitadora do eſpirito da Santa Madre. Muito puderamos eſcrever das virtudes, que tambem ſoube exercitar na vida, e referir os milagres, que depois da morte Deos obrou por ſua Serva; porém naõ o permitte o eſtylo, que ſeguimos, e nos termos alargado neſte dia. Nelle faleceo Sor Maria de S. Joſeph, no anno de 1626. Della faz mençaõ largamente Fr. Belchior de Santa Anna na *Chronica da Ordem*, liv. 3.

cap. 33, e nos livros de Familias, em titulo de *Lobos de Monçarás*, ſe faz della memoria com o elogio de Santa.

D A Patria de Fr. Bartholomeu de Oviedo paſſaõ em ſilencio as Relações m.ſ. que himos ſeguindo da Provincia dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que faleceo no anno de 1640, eſtando em Lamego aſſiſtindo ao Biſpo, de quem era Confeſſor, e das Freiras de Santa Clara da dita Cidade.

E. Na Cidade de Evora naſceo Sor Marianna do Evangeliſta, e foy filha natural de Domingos Lourenço do Rego, Cirurgiaõ de nome naquella Cidade: houve-a em huma mulher recolhida, e ſe criou em caſa de ſeu pay: vindo depois eſte a caſar, experimentou differença de trato na madraſta; porque ſe ſervia della como de criada, vindo á ſer ama ſecca de ſeus irmãos, os quaes criava, como ſe fora tomada para os ſervir. Neſte abatido exercicio, que pudera cauſarlhe differentes penſamentos, ſe empregava com goſto, e cuidado. Já entaõ começou a exercitarſe nas virtudes, tendo grande charidade, e amor de Deos, ſeguindo a oraçaõ vocal com applicaçaõ, confeſſando-ſe, e commungando repetidas vezes, dirigindo todos os ſeus paſſos à virtude. Pedia a Deos lhe deſſe eſtado, em que melhor o ſerviſſe, e até entaõ ignorava o que ſeu pay determinava. Contava vinte e ſete annos, quando eſte ajuſtou com as Religioſas do Salvador a ſua entrada, que depois lhe communicou, dizendo-lhe havia de ſer Freira de véo branco, o que teve effeito na Paſchoa do anno de 1628, e entrando na Religiaõ, ſeguio a vida Monaſtica, com tanta perfeiçaõ, que mereceo eſpeciaes favores de Deos, como temos viſto, e outros muitos, que por brevidade omittimos, como ver muitas Almas padecer no Purgatorio, e muitas por ſuas orações livrou daquellas penas; outras vio com grande gloria entrar no Ceo. Foy taõ humilde, que pertendendo ſua irmãa livralla do ſerviço de Converſa, para o que dava à Communidade certas propriedades, ella o naõ conſentio, por ſe naõ privar dos exercicios abatidos do Moſteiro, em que foy Enfermeira menor, e Celeireira, em que durou mais de vinte annos. Foy ſua morte neſte dia, no anno de 1662. Tudo o referido tirámos do livro da Fundaçaõ deſte Moſteiro m.ſ. que temos em noſſo poder, e delle conſta, que o Author daquellas Memorias eſcrevera a ſua Vida.

F O Arcebiſpo D. Joaõ de Mello, claro em virtudes, e em ſangue, naſceo em Villa-Viçoſa: foraõ ſeus pays Pedro de Caſtro, Alcaide môr de Melgaço, e D. Brites de Mello, filha de Joaõ de Mello, Commendador de Cazevel na Ordem de Santiago, deſcendentes das Illuſtriſſimas Familias dos ſeus Appellidos. Tomou o Arcebiſpo o de ſua mãy, chamãndo-ſe D. Joaõ de Mello e Caſtro, que com eſte appellido o nomeaõ os Nobiliarios deſte Reyno. As ſuas virtudes o fizeraõ hum dos Prelados mais veneraveis das Igrejas, que regeo; porque a ſua prudencia, junta a coſtumes ſantos, e letras, lhe conciliavaõ hum univerſal reſpeito.

Na Sé de Evora fez diverſas obras: mandou pintar a Capella môr, e pôr o Altar môr encoſtado à parede, na fórma, que ſe pratica; porque conforme ao uſo eſtava poſto no meyo da Capella, deſde o tempo do Biſpo D. Durando. Fez, e reformou a Capella da meſma Igreja, eſcolhendo a da Cêa do Senhor, que fica da nave da Epiſtola, para ſua ſepultura, e podendo mandar lavrar para ſeu enterro hum Mauſoléo, o fez no chaõ em ſepultura raza, onde jaz. Faleceo neſte dia, no anno de 1574, e ſendo elle Arcebiſpo deſta Igreja, por renuncia do Cardeal Infante D. Henrique, depois Rey deſte Reyno, lhe veyo a ſuceder outra vez na Dignidade. Naõ teve outra carruagem, mais que huma mulla, em que andava, excepto os ultimos annos; porque as ſuas enfermidades lhe impediaõ montar nella: entaõ viſitou o Arcebiſpado, uſando de liteira, e eſcreveo ao Cardeal D. Henrique, dando-lhe a razaõ porque o fazia. Fundou com nova fórma o Palacio Archiepiſcopal daquella Cidade; e no anno de 1567, por ordem do Cardeal Infante D. Henrique, lançou a primeira pedra na Igreja do Collegio da Companhia; e no Anno de 1573, lhe aſſiſtio, e acompanhou, quando mudou para ella o Santiſſimo Sacramento. Eſcreveo para bem das ſuas ovelhas, ſendo Biſpo do Algarve, huma Doutrina em Dialogo, de principios, e fundamentos da Chriſtandade, com hum breve Summario de lembranças do que cada hum deve guardar no eſtado da vida, que tomou, em a lingua Portugueza, o

que

que mandou imprimir varias vezes; as Conſtituições do ſeu Arcebiſpado; humas lembranças ſobre o valor da Miſſa; Declaraçaõ dos Myſterios da Miſſa, Obra breve de oito folhas de papel; outra de huma folha, Fazimento de Graças. Franco na *Bibliotheca Luſitana*, m.ſ. *Catalogo dos Biſpos do Algarve*, pag. 15; o Padre Franciſco da Fonſeca *Evora Glorioſa*, pag. 301.

AGOSTO VII.

Santa Eufemia V. M.

A Eſte dia, em Galliza, a Invençaõ do corpo de Santa Eufemia, Virgem, e Martyr, noſſa Portugueza, cuja ſolemnidade fica eſcrita aos 13 de Abril, no qual dia tambem ſe refere, como foy milagroſamente achado ſeu corpo por huma innocente Paſtorinha, e depois levado à Igreja de Santa Marinha, ſua irmãa, onde com innumeraveis milagres ſe acreditava a omnipotencia de ſeu Creador, nos merecimentos deſta ſua amada Eſpoſa.

Trasladaç. de D. Mafalda, Rainha de Caſtella, Ciſtercienſe.

B Em o Moſteiro de Arouca, da Ordem de S. Bernardo, na Dioceſi de Lamego, a Trasladaçaõ da Rainha D. Mafalda, que depois de ter illuſtrado o Mundo com a ſua virtuoſa vida, quiz acreditar o Ceo a gloria, que nelle eſtava gozando, com a maravilha de ſe achar o ſeu corpo incorrupto, e ſem lezaõ do tempo, depois de ſerem paſſados trezentos e ſeſſenta e cinco annos. Movido Filippe II. dos prodigios, que ſe contavaõ deſta Serva de Deos, mandou a D. Martim Affonſo Mexia, Biſpo de Lamego, trasladaſſe o ſanto Corpo, para lugar mais decente. Aprazou-ſe eſte dia, para ſe fazer a funçaõ, a que aſſiſtio o Biſpo, acompanhado de Conegos, e outras peſſoas de diſtincçaõ, e apenas ſe principiou a bolir no ſepulchro, quando logo começaraõ a ſentir hum ſuaviſſimo cheiro, e a ouvirem dulciſſimas armonias, ſem que cuidado humano tiveſſe prevenido taõ acorde Muſica. Foy achado o corpo ſobre huma taboa, cuberta de cinza, e cilicio, envolto em hum tafetá pardo, da meſma ſorte, que a Rainha o ordenara no ſeu teſtamento. Deſcobrio-ſe, e com eſpanto foy viſto de todos, inteiro, e taõ compoſto, como de peſſoa, que eſtava dormindo, com a côr taõ viva, como ſe acabara de eſpirar, e com todas as partes integrantes, inda que algum tanto myrradas, em ſumma perfeiçaõ, ſem que hoveſſem precedido os balſamos, aromas, e defenſivos, com que coſtumaõ

ſer

ſer embalſamados os Reaes corpos. Collocado o veneravel corpo em hum moimento de pedra branca, em que ſe lavrou huma eſtatua ſua ao natural, naõ ſe deu fim a eſte acto, ſem nova admiraçaõ do Biſpo, e mais aſſiſtentes; porque hum Conego, dos que ſe achavaõ aſſiſtindo ao Biſpo, aſſim que ſe abrio o Mauſoléo, ſe ſentio melhorado de humas dores de cabeça, que o atormentavaõ, achaque que o perſeguia repetidas vezes, e o naõ tornou a experimentar. A huma Religioſa do meſmo Moſteiro ſarou de dous tumores perigoſos, que tinha na garganta, e peito eſquerdo, engrandecendo Deos a ſua Serva, para que nelle ſe augmentaſſe a devoçaõ, e nos Lugares viſinhos, onde he acclamada com o nome da Santa Rainha.

Os PP. Bernardo Pereira, e Franciſco Machado, MM. da Companhia.

C Na Cidade de Auça Guréle, foraõ coroados de Martyrio os Padres Bernardo Pereira, e Franciſco Machado, illuſtres Miſſionarios da Companhia, que movidos do zelo da ſalvaçaõ das almas, e das inſtancias, com que Soltaõ Seguer, Emperador da Ethiopia, pedia ao Padre Santo Operarios do Evangelho, alcançaraõ ſerem dos Companheiros, que partiraõ para aquelle Imperio, em ſeguimento do Patriarca, que já nelle reſidia. Embarcaraõ em Goa, em hum navio del Rey de Cayxem, e ſendo recommendados aos Mouros, lhe fizeraõ naquella Cidade toda a boa paſſagem. Chegaraõ ao porto de Zeyla, com o deſignio de entrarem por aquella parte nas terras do Abexim, e ſendo conduzidos à Cidade de Auça Guréle, foraõ caviloſamente detidos pelo Rey, que os mandou encerrar em huma caſa eſcura, com o eſpecioſo pretexto, de que o Emperador de Ethiopia tratara com deſprezo os Embaixadores, que lhe tinha enviado, diſſimulando com eſte apparente pretexto o odio da Religiaõ Chriſtãa. Naõ tardou em o fazer publico, mandando lançar nos Miſſionarios hum grilhaõ, e dando-lhe por ſuſtento o alimento corrupto, pouco, e mal guiſado. Deſte trato, bem infiriaõ os Padres o ditoſo fim, que os eſperava; e rendendo a Deos as graças, ſe preparavaõ para o Martyrio, como teſtemunha huma Carta, que eſcreveraõ ao Emperador da Ethiopia, em que lhe davaõ conta do eſtado, em que ficavaõ, e o animo, com que eſperavaõ ſacrificarem as vidas em obſequio da Fé, primeiro que chegaſſe o ouro da Ethiopia para o reſgate; porque o Tyranno, mais ambicioſo

ambicioſo do ſangue Chriſtaõ, que do precioſo metal, queria em honra do ſeu falſo Profeta, fazer perecer o Chriſtianiſmo daquelle grande Imperio. Aſſim o verificou o ſucceſſo; porque ſem eſperar repoſta os mandou degolar, collocando pelas barbaras catanas as ſuas ditoſas almas entre os glorioſos Martyres da Militante Igreja.

Sor Violante da Coroa Franciſcan.

D Em o Moſteiro de Noſſa Senhora de Sobſerra, da Villa da Caſtanheira, a morte de Sor Violante da Coroa, a quem a natureza adornou com fermoſura, e huma ſingular voz, pela qual mereceo applauſos entre as do ſeu tempo. Eſtas partes, que em huma mulher ſaõ a porta da vaidade, foraõ nella o caminho do abatimento; porque ſeguida dos impulſos da Divina Graça, ſe empregava em exercicios de penitencia, affligindo-ſe com diſciplinas, e com outras mortificações extraordinarias, ſem que o debil da natureza, e o delicado do ſexo, junto com habituaes achaques, lhe fizeſſem moderar o rigor da mortificaçaõ. Era de condiçaõ branda, affavel, e humilde, partes que ſem outras baſtavaõ, para a fazerem amada; mas era tanto pelo contrario, que naõ ſó era pouco amada das Companheiras, mas com publica demonſtraçaõ deſeſtimada, avaliando por melindres de bella as queixas, e por invençaõ o que padecia. De ſorte viveo mortificada, que hum ſuſpiro, em que a natureza afflicta deſaffoga, rompendo em hum ay, era motivo para ſer reprehendida. Padeceo afrontas, e chegaraõ a maltratalla de bofetadas, ſem que a ſua paciencia ſahiſſe dos limites da humildade. Chegou finalmente às portas da morte em hum accidente, em que recebeo a Santa-Unçaõ, e o Ceo a ſeu favor ſe declarou com maravilhas, cercando de luzes prodigioſas a Clauſura, e as Companheiras entraraõ em differentes penſamentos da ſua virtude. No dia ſeguinte melhorando do accidente, pedio lhe chamaſſem o Confeſſor, e recebido o Santiſſimo Viatico, depois de com actos de amor de Deos ſe ter alentado, pedio perdaõ às Religioſas, e ſubio a ſua alma ao Ceo, acompanhada de Celeſtes vozes, que todas com admiraçaõ ouviaõ, como teſtemunho irrefragavel da pureza da ſua alma.

Joaquim M. Jap.

E No meſmo dia, em Nacatſu, povoaçaõ do Imperio do Japaõ, a rutilante coroa de Joaquim, valeroſo Soldado de Jesu Chriſto, por cujo amor dando a vida, foy degolado, e

deſta

deſta ſorte numerado entre os muitos Martyres ſeus compatriotas, que com tanta conſtancia deraõ alegres as vidas, exaltando a Religiaõ Catholica, que tinhaõ recebido, deixando de ſua conſtancia aos ſeus meſmos naturaes, eſtimulos para na perſeverança conſeguirem ſemelhante gloria.

Fr. Antonio de Lencaſtre da Ord. de Chriſto.

F Item no Collegio de Coimbra da Ordem Militar de Chriſto, o obito de Fr. Antonio de Lencaſtre, Prior daquelle Moſteiro, em quem o illuſtre do ſangue fez mais eſtimavel a virtude, para adquirir em poucos annos de Habito muitos creditos de virtuoſo, de que deixou entre os ſeus Religioſos venerada memoria.

Commentario ao VII. de Agoſto.

A NA Provincia de Entre Douro, e Minho, na raya que divide Portugal de Galliza, a que chamaõ Rio Caldo, pelas veyas de agua quente, que rebentaõ da terra naquelle ſitio, fica hum valle entre os montes da Serra de Gerez. No mais alto de hum deſtes, formou a natureza huma alegre, e aprazivel veiga, a que daõ o nome de Campilho. Neſte lugar ſe entende foy martyriſada Santa Eufemia, e nelle a achou a innocente Paſtorinha, naõ permittindo Deos, que ficaſſe taõ precioſo theſouro ſepultado nos agreſtes montes daquelle territorio. O Licenciado Jorge Cardoſo, no dia 15 de Abril, que he o da feſta da Santa, refere eſte maravilhoſo caſo; porém como Tamayo no Martyrologio Hiſpano faz particular commemoraçaõ deſta milagroſa invençaõ neſte dia, nos pareceo fazer delle particular memoria. Na Sé de Orenſe, aonde hoje eſtá o corpo deſta Santa, como diremos a 17 deſte mez, que he o dia, em que ſe feſteja a ſua Trasladaçaõ, ſe guarda no ſeu theſouro, por peſſa de grande eſtima, o annel que a Paſtorinha achou no dedo da Santa: he elle de ouro baixo, e com huma pedra, que parece Ametiſto, e por elle obra Deos muitas maravilhas nos enfermos, que com grande devoçaõ procuraõ ſer tocados com eſta prenda da Santa; e para eſte fim ſe conſerva em hum Relicario de prata, com ſua rede de ouro, para ſer viſto.

Chamaõ os moradores daquelles lugares àquellas rudes penhas as *Calles de Santa Eufemia*, por naquelle lugar ſer martyriſada a noſſa Santa Portugueza, como conſta de huma lamina de chumbo, que no meſmo ſitio foy achada com a Inſcripçaõ ſeguinte.

Eumelia. F. L. C. Atil. Sever. et. Calſ. Regul. Paſa. eſt. in Hoc. loco Calcedonenſ. in Perſecutione. Adriani. VII. Kal. Aug. Æra CLXXVIII.

Eſta pedra refere D. Pedro Seguino, Biſpo de Orenſe, (de quem a 9 de Julho fizemos menção) ſe achara no anno 1169, o qual eſcreveo a invençaõ de que tratamos, aonde conta a Hiſtoria das nove irmãas naſcidas em hum parto; o que tambem refere o Breviario antigo de Orenſe, e no dos Santos Novos de Heſpanha, impreſſo em Barcelona, no anno de 1700, no dia de Santa Liberata. Trataõ deſta invençaõ, além dos já allegados Authores, o Meſtre Gil Conçalves de Avila no *Theatro da Igreja de Orenſe*, pag. 387; o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſtoria de Braga*, 1. part. cap. 29; Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portugal*, pag. 42; Marieta *Hiſtoria Eccleſiaſt.* liv. 4. cap. 13. pag. 91. verſ. o Licenciado Molina *Deſcrip.*

crip. do Reyno de Gallixa; Cauſino *Corte Divina, Ephemer. Hiſtoric. de Agoſto*, neſte dia; D. Pedro de Rojas, Conde de Mora, *Hiſtoria de Toledo*, part. 1. liv. 5. pag. 401.

B Feita a Trasladaçaõ neſte dia, do anno de 1617, por D. Martim Affonſo Mexia, Biſpo entaõ de Lamego, e depois de Coimbra, e hum dos Governadores do Reyno, no anno de 1621, com D. Diogo de Caſtro, e D. Nuno Alvares de Portugal, tirou hum Inſtromento Juridico dos milagres, que andavaõ na tradiçaõ, e dos que elle de novo teſtemunhou. Eſte inſtromento mandou El-Rey Filippe II. à Curia de Roma, a fim de ſe tratar da ſua canonizaçaõ. Deſta virtuoſa Rainha trata Henriques no *Menelogio Ciſtercienſe*; e Bucelino no *Benedictino*, ambos neſte dia; Brandaõ na IV. Parte da *Monarchia Luſit.* liv. 15. cap. 20. pag. 204. verſ. o *Agiologio Luſitano*, no Commentario do dia da Santa Rainha, a 2 de Mayo, letra B; Vaſconcellos *in Anaceph.* pag. 42; *Jardim de Portugal*, pag. 180; *Hiſtoria Geneal. da Caſa Real Portug.* tom. 1. liv. 1. cap. 9.

C He a Cidade de Auça Guréle, Corte do Reyno de Adel, a que os noſſos Portuguezes chamaõ Zeila, dandolhe o nome do lugar maritimo, que lhe ſerve de porto: eſtende-ſe em largos Dominios, ſendo Senhor das terras, que vaõ deſde o Cabo de Guadafuy, até o monte Feliz, e fenecer as portas do mar roxo, e tudo o que entrando por elle ſe navega até chegar a Dancali, e Baylur: fica na parte de Africa com Rey proprio, e poderoſo, ainda que os Gallas, e Abexins, o tem baſtantemente combatido, e caſtigado o ſeu orgulho. Martiniere *le Grand Dioctionaire Geographique, & Critique, verbo Auça*, faz della menção. Depois da tyrannia uſada com os Padres, tomou a Juſtiça Divina por inſtromento aos Gallas ſeus confinantes, e vencendo em huma batalha ao Rey de Adel, correo deſtroçado à Corte de Auça Guréle, onde hum irmaõ ſeu o matou violentamente. Paſſados alguns annos choveo do Ceo fogo ſobre eſta Cidade, que a abrazou, e a outras daquelle Reyno: pareceo juſto caſtigo, da tyrannia que uſaraõ com os Padres, negando-lhe a paſſagem promettida ao Emperador da Ethiopia.

Naſceraõ eſtes ditoſos Miſſionarios no Reyno de Portugal, o Padre Bernardo Pereira na Cidade de Vizeu: foraõ ſeus pays Rodrigo de Almeida de Vaſconcellos, Donatario de Moſſamedes, e D. Maria de Barros, filha de Manoel Loureiro Serpe. Eſtudou em Coimbra, e largando o exercicio das letras, determinou ſeu irmaõ Manoel de Almeida de Vaſconcellos, como mais velho, e Senhor da Caſa, de lhe dar vida, que correſpondeſſe à nobreza de ſeus avós; e aſſim determinou, que tomaſſe o Habito Militar de S. Joaõ, e outro irmaõ Rodrigo de Almeida, e foſſem ſervir a Religiaõ a Malta; porém elles com differente reſoluçaõ eſcolheraõ militar na India, e embarcaraõ na Armada do anno de 1608, para aquelle Eſtado. Tiveraõ por compaheiros na náo alguns Padres da Companhia, e affeiçoado do ſeu Inſtituto Bernardo Pereira, e taõ ſuperiormente movido, que aportando em Goa, ſe hoſpedou Noviço da Companhia. Seu irmaõ depois de ſervir alguns annos ao Eſtado, foy Religioſo de Santo Agoſtinho, e acabou glorioſamente às mãos dos Turcos, e delle ſe faz mençaõ no Agiologio a 5 de Mayo, ſendo ſeu Chroniſta o Padre Bernardo, em huma Carta que eſcreveo a ſeu irmaõ.

O Padre Franciſco Machado entrou no Collegio de Coimbra no anno de 1605, de idade de quinze annos; teve outro irmaõ na Companhia, chamado Antonio Machado, de quem faremos mençaõ a 4 de Setembro. Eraõ naturaes de Villa-Real, e filhos de Joaõ Rodrigues Machado, e Maria Correa, gente principal daquella Villa. Em Goa leu hum Curſo de Artes o Padre Franciſco Machado, e quando lia Theologia, foy mandado para Ethiopia, e por ſeu Companheiro o Padre Bernardo, que acabava de eſtudar Theologia, pertençaõ, em que havia tempos andavaõ ambos, como preſagio da palma do Martyrio, com que haviaõ de coroar ſuas almas, e fazer mais glorioſa a Companhia, e o conſeguiraõ no anno de 1624. He fama, que no carcere, em que foraõ degolados, arrebentara huma fonte de agua, que os Mouros naõ puderaõ ſeccar, por mais que trabalharaõ pelo conſeguir, moſtrando Deos o quanto honrava com aquelle prodigio a ſeus Servos. Cardoſo no *Agiologio*, o promette para eſte dia; Nadaſi o poem a 22 de Setembro, no que ſe enganou, pois a 2 de Agoſto foraõ prezos, e paſſa-

dos poucos dias, mortos, como refere Telles na *Ethiopia Alta*, c. 29. pag. 376; Guerreiro *Coroa dos Martyres*, cap. 5. pag. 225.

D Foy a morte de Sor Violante neſte dia, do anno de 1659, ficando o ſeu corpo taõ flexivel, e fermoſa, que parecia, que eſtava dormindo, e animada de eſpiritos, que a faziaõ agradavel. Della ſe conta hum admiravel caſo, com que o Senhor manifeſtou a ſua gloria. Paſſados cinco annos depois de enterrada, indo a Communidade em dia de Santa Clara em Prociſſaõ pelo Clauſtro, cantando hum Hymno em louvor de ſua Santa Madre, e parando junto do Capitulo, ouviraõ clara, e diſtinctamente, com eſpanto de todas, que Sor Violante, de dentro da ſepultura, correſpondia cantando hum verſo em louvor da Santa, com a meſma gala, e ſuavidade, que coſtumava em vida; como refere Soledade *Hiſt. Seraf.* part. 4. liv. 2. cap. 18. pag. 182.

E No anno de 1618, no tempo do Imperio do Tyranno Toxogunſama, foy degolado Joaquim, de quem faz menção o Padre Pedro Morejon na *Hiſtoria do Japaõ*, part. 1. pag. 120.

F Era Fr. Antonio de Lencaſtre filho de D. Franciſco Luiz de Lencaſtre, Commendador môr de Aviz, e de ſua mulher D. Filippa de Vilhena, e irmaõ daquelles exemplariſſimos, e virtuoſos Prelados, ambos Inquiſidores Geraes deſte Reyno. O Cardeal de Lencaſtre, e D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, de quem faremos memoria, do primeiro a 17 de Novembro, e do ſegundo a 13 de Setembro. Faltou a vida muy cedo a Fr. Antonio, e por iſſo naõ deixou das ſuas virtuoſas acções mayor noticia. Morreo no anno de 1660, conforme a Relaçaõ m. ſ. do Convento de Thomar, que repetidas vezes allegamos.

AGOSTO VIII.

D. Fr. Martinho de Ulhoa Biſpo de S. Thomé da Ordem Mil. de Chriſto.

AM o Convento de Noſſa Senhora da Luz da Ordem Militar de Chriſto, eſpera a reſurreiçaõ univerſal D. Fr. Martinho de Ulhoa, Profeſſo da meſma Ordem, a qual deſde os primeiros annos edificou com o exemplo da ſua vida, ſendo modeſto, devoto, e celebrando o Santo Sacrificio da Miſſa com eſpecial devoçaõ, naõ deixando nunca de o fazer ſem urgente impedimento, ainda depois de velho, contando cento e dez annos, o celebrava com a meſma perfeiçaõ, que nos annos da robuſtez, e vigor da idade. Eſtudou as Divinas, e Humanas letras na Univerſidade de Coimbra, em que aproveitou tanto, que era na Religiaõ eſtimado; e aſſim o nomeou por Superior do Collegio de Coimbra, e depois Viſitador, em que ſe houve com tal prudencia, que findo o triennio, o elegeraõ Prior do Moſteiro de Noſſa Senhora da Luz, em que deixou da brandura do ſeu animo, e da ſuavidade da ſua perſuaçaõ nos ſubditos agradavel memoria; porque todos experimentaraõ nelle huma ſingular compaixaõ. Quando ſó deſejava deixar a vida activa, para ſe dar de todo à contemplaçaõ, o eſcolheo ElRey D. Sebaſtiaõ

tiaõ para Biſpo de S. Thome, Congo, e Angola: e no anno de 1584, em o primeiro de Março embarcou para aquella Ilha. Paſſados os trabalhos da jornada, em que luzindo a ſua paciencia, ſoube edificar ao proximo, tomou porto em S. Thomé a 21 de Julho do meſmo anno. Logo dando principio ao ſeu officio, começou a experimentar naquellas gentes mais nocivos effeitos no ſeu trato, do que os que lhe promettia o clima da abrazada Torrida Zona, que lhe era mais benigna, do que os moradores do Paiz, que obſtinados recuſavaõ receber ao Paſtor. Intentou perſuadillos com brandura, e naõ podendo vencer com a razaõ, uſou das armas da Igreja, fulminando cenſuras contra a ſua rebeldia. Era o natural pacifico, e affligia-ſe com o procedimento, ainda que juſto, creſcendo no bom Prelado a compaixaõ das miſeraveis ovelhas, vendo que obſtinados naõ faziaõ caſo da excommunhaõ. Quiz convencer a ſua rebeldia, e cheyo de zelo, à viſta de muito povo, excommungou humas arvores, e copadas de ramos, que na preſença de todos ficaraõ ſeccas, e como creſtadas da geada, ſentindo os effeitos perjudiciaes da cenſura; e para mais os convencer, uſando da ceremonia da Igreja, as abſolveo da excommunhaõ; e logo tornando ao que eraõ dantes, reverdeceraõ: de que confuſos de taõ eſpantoſo caſo, arrependidos ſe ſobmeteraõ à obediencia do Prelado, ſuccedendo-lhe o meſmo, que em ſemelhante caſo aconteceo na Provincia do Minho a S. Gonçalo de Amarante. Sobmetidos os póvos à obediencia do Biſpo, começou a entender na refórma dos coſtumes, principalmente com os Eccleſiaſticos, que ſempre devem ſervir de exemplo aos mais, com o ſeu modo de vida. Depois de ter viſitado, e com o exemplo, e doutrina, inſtruîdo aquelle rebanho, que achara indomito, e feroz, e já melhorado na fórma, como vigilante Paſtor, que deſejava a ſaude de todas as ſuas ovelhas, determinou paſſar ao Reyno de Congo. Teve aquelle Rey aviſo da ſua partida, e diabolicamente inſtigado, aſſentou comſigo impedirlhe a paſſagem do caudeloſo rio Zayre, e poſto em campanha, armado com gente, como ſe fora o inimigo, intentou impedir o paſſo ao pacifico Paſtor, que ſó o buſcava, para lhe enſinar o caminho de poder gozar da ſumma felicidade, e da mais tranquila paz. A eſte fim mandou hum Capellaõ, para que ao Preto

Rey informaſſe da ſua vinda, e das cauſas della; mas o achou barbaramente obſtinado na já tomada reſoluçaõ, que he muy de barbaros o naõ ceder, nem dar por convencidos. Afflicto o Biſpo daquella invencivel repugnancia, cheyo de dor, recorreo ao Ceo, e depois de orar meya hora, cheyo de Fé, ſe levantou animoſo, e tirando do peito huma medida da Senhora da Luz, e fallando com o rio, diſſe: *Em Nome de Jeſus, e da Santiſſima Virgem ſua Mãy, te mando, que retrocedendo as correntes, detenhas o impulſo arrebatado do teu curſo.* Quando (caſo maravilhoſo!) à maneira do Jordaõ, obedeceo o elemento da agua ao ſuave imperio da ſua voz, e paſſou a pé enxuto com os que o acompanhavaõ; e para que ſoſſe mayor o aſſombro, com ſegunda maravilha confirmou na ſua virtude o altiſſimo poder de Deos em ſeus Servos. Foy o caſo, que à viſta de todos pegou em huma folha de huma arvore, a que chamaõ Mangue, de improviſo ficou ſecca, como ſe fora queimada. Com taõ eſtupendos prodigios, naõ ſó ſe abrandou o Rey, mas rendido ſe lançou aos pés do Santo Prelado, em demonſtraçaõ de arrependido. Começou a exercitar os admiraveis impulſos da ſua abrazada charidade; porque aos pobres ſoccorria, aos Gentios idolatras reduzia, e cathequizava, recebendo muitos pelas ſuas mãos o ſagrado Bautiſmo, em que entrou o meſmo Rey, e com o ſeu exemplo grande parte do Reyno. Paſſaraõ muitos annos, em que cumprio com zelo, e vigilancia o officio de bom Paſtor; mas já canſado dos trabalhos, opprimido do pezo da idade, deſejava acabar a vida entre os ſeus, em huma cella do ſeu Convento, em que ſem cuidados, e obrigações, vacaſſe a Deos, contemplando, e ſe preparaſſe para a morte; o que depois de repetidas inſtancias chegou a conſeguir: e voltando ao Reyno ſe recolheo no Convento de Noſſa Senhora da Luz, em que eſteve algum tempo, donde foy para o inſigne Convento de Thomar. Aqui ſeguindo a vida Religioſa, naõ fazia differença na aſſiſtencia das obrigações da Communidade de hum Choriſta. Pedia aos Prelados, e mais Religioſos, o trataſſem ſem memoria, nem reſpeito da Dignidade. Neſte modo permaneceo ſeis annos, gaſtados em ſanta Oraçaõ, e mais exercicios de virtude. Contava já cento e ſete annos de idade, quando deſejou acabar a vida no Convento de Noſſa Senhora da Luz, de

que

que foy muy devoto, e pedindo licença ao Prelado para a mudança, se recolheo a elle, e ainda viveo tres annos; até que chegado o prazo decretado, para ir receber o premio dos seus trabalhos, depois de ter recebido os Sacramentos, cheyo de annos, e merecimentos, acabou em o osculo do Senhor.

D. Constança Sanches.

B No Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, o Anniversario da Veneravel Matrona, e esclarecida Princeza D. Constança Sanches, filha delRey D. Sancho o I. que sendo com generosa maõ dotada de seu pay de grandes estados, e rendas, converteo os seus thesouros em beneficio dos pobres, e em obras dignas do agrado de Deos, com que fez nas Historias veneravel a sua memoria, acompanhando esta generosa virtude, de huma vida inculpavel. Nos annos mais floridos da sua idade, entre Real nascimento, e muita riqueza, soube ajuntar aborrecimento do Mundo, e verdadeiro amor do Ceo, desprezando a Real magnificencia pelos Claustros da Religiaõ, entrando no Mosteiro de S. Joaõ das Donas de Conegas de Santo Agostinho, em cuja companhia viveo com notavel exemplo, gastando grande tempo em Oraçaõ mental, de que o seu espirito mereceo conseguir Celestes favores, que fizeraõ ditoso o fim. Hum dia elevada em Deos, foy este servido recrealla com a visaõ seguinte. Apparecendo-lhe os glorioſos S. Francisco, e Santo Antonio, e confirmando-a na Fé, que adorava, lhe asseguraraõ, que a Virgem Santissima a introduziria na Gloria, como premio da especial devoçaõ, com que a venerava; e vivendo sempre em santo temor de Deos, veyo adquirir (por voz commua) reputaçaõ de Santa, a qual conservou toda a vida, até que a sua alma foy occupar no Choro das Virgens gloria permanente. Seu veneravel corpo foy enterrado na Capella de Santo Antonio, que em vida tinha mandado lavrar, e dotado de Missa quotidiana. Passados mais de duzentos annos, se trasladou da sepultura antiga, para a de seu pay, aonde se depositou com os mais irmãos, que alli jaziaõ, em destinctos lugares. Foy achado seu veneravel corpo inteiro, incorrupto, fermoso, e alvo, como de pessoa viva, confirmando o Ceo assim a gloria de sua Serva.

O P. Thomàs Arnaõ da Comp.

C Em a Cidade de Angra, será sempre saudosa a memoria do Padre Thomás Arnao, da Companhia, cujo sagrado Instituto soube tambem observar, que era naõ só a edificaçaõ

caçaõ da Cidade, mas o univerſal refugio de todos os miſeraveis, e bem inclinados, e com ſingular charidade ſoccorria a huns, e encaminhava a outros. Nas Miſſoens ſe empregava com cuidado; na aſſiſtencia do Confeſſionario, e dos moribundos era incanſavel; na humildade profundo; à maneira dos primitivos Padres do Collegio de Coimbra, o viaõ ſervir nas obras como qualquer jornaleiro, pegando na padiola, e carregando pedra, e ſervilmente ſe ocupava em todas as occaſioens, como hum trabalhador. Seu veſtido era pobre, e remendado, naõ uſando nunca de couſa nova. O comer era parco, e mortificado, naõ uſando de manjares delicados, e da ſua porçaõ repartia todos os dias com licença do Prelado, com os pobres. Sendo Reytor experimentaraõ aquelles a largueza do ſeu animo, ou para dizer melhor da ſua charidade, ordenando ao Porteiro, que naõ deſpediſſe nenhum pobre deſconſolado ſem eſmola. Ardeo nelle o zelo da ſalvaçaõ das almas, com tal exceſſo, que no Pulpito perſuadia taõ efficazmente, que penetrava com as palavras os corações. No Confeſſionario encaminhava com tanta ſuavidade, que reduzia os penitentes à emmenda das vidas. Era taõ geral o conceito da ſua virtude, que ninguem ſe diſpunha a morrer, ſem o ter por director. Nunca ſe poupou a trabalho algum, ou foſſe nas Miſſoens, ou acompanhando o Biſpo nas viſitas, para prégar; e ainda quando parecia mais canſado, e rendido do trabalho, ſe alentava com o zelo do bem do proximo com nova fadiga; e aſſim em todas as Ilhas daquelle Biſpado, era amado como Pay, reſpeitado como Apoſtolo: o que mais ſe deu a conhecer no tempo, que no Fayal rebentou o formidavel incendio do Monte Capello, ſendo a ſua preſença naquelle horroroſo trabalho a unica conſolaçaõ dos miſeraveis afflictos, ardendo no ſeu coraçaõ outro Vulcaõ mais vivo do amor de Deos na charidade do proximo. Acreditado finalmente com huma univerſal acclamaçaõ de Santo, depois de preparado, como quem naõ tivera huma vida ajuſtada, foy a receber o premio eterno.

Sor Maria de Jeſus, Dominic.

D No Moſteiro de Monte môr o Novo de Religioſas Dominicas, acabou felizmente em paz Sor Franciſca de Jeſus, de tanto exemplo, que foy huma ſingular Meſtra de Noviças, que enſinava mais com o que obrava, do que com

com o que dizia. Caſtigava-ſe com rigoroſas, e aſperas penitencias de jejuns, mortificações, e diſciplinas. Na Oraçaõ perſeverava todo o tempo, que havia de Matinas a Prima, com os joelhos nus na terra, para que ſentiſſe o corpo mortificado, quando o eſpirito ſe recreava nas delicias da contemplaçaõ. Era tanto de ſeu goſto eſte exercicio, que ainda doente naõ podia acabar comſigo deixallo. Aconteceo hum dia ouvirem-ſe no lugar em que orava, vozes, e inſtrumentos de Muſica, taõ ſingular, que acodiraõ as Religioſas, e acharemna taõ embebida em Celeſtes ſuavidades na Oraçaõ, que naõ dava fé de nada. Eſte prodigio foy apontado como pronoſtico do pouco, que lhe havia de durar a vida. Padecia graves enfermidades, e aſſim em breve tempo morreo, deixando às Religioſas vivos deſejos de agradar a Deos.

E Em S. Roque, Caſa Profeſſa da Companhia de Liſboa, rendido do trabalho, acabou victima da charidade o Padre Miguel Eſteves, que depois de ter ſervido aos feridos do mal da peſte com grande amor, e zelo, ſendo accommetido do meſmo mal, trocou as penalidades deſta vida, para a gozar eterna, como piamente cremos de taõ exceſſiva charidade. *OP. Miguel Eſteves, da Companhia.*

F Na meſma Cidade, no Convento de S. Domingos, a depoſiçaõ de Fr. Affonſo de S. Mattheus, Varaõ muy eſpiritual, em quem reſplandeceo o primitivo fervor da Santa Familia Dominicana, homem de grande oraçaõ, em que permanecia largo tempo, e de exacta obſervancia das Conſtituições da Ordem. Nunca mais comeo carne, deſde que veſtio o Habito, e taõ parco, que ſe naõ ſoube, que nunca comeſſe fóra do Refeitorio. Ao ſeu corpo tratou aſperamente com hum cilicio, que o cingia. A ſua cama era huma taboa nua, e hum cobertor de pello de cabra, ſobre vil, deſabrido a quem ſempre dormia veſtido. Era de tanta charidade, que ſendo Sacriſtaõ do Convento, todas as ſuas grangearias eraõ para os pobres. Pela ſua maõ repartiaõ peſſoas devotas copia de dinheiro, que elle em ſegredo empregava entre peſſoas honradas, e virtuoſas. Finalmente acabou a vida, deixando de ſi opiniaõ de grande Servo de Deos. *Fr. Affonſo de S. Mattheus, Dominico.*

G Em o Real Moſteiro de Santa Maria de Alcobaça, o glorioſo fim do obſervantiſſimo Padre Fr. Franciſco da Cruz, chamado pela excellencia da ſua vida por antonomaſia na Ordem *Fr. Franciſco da Cruz, Ciſterc.*

dem o *Monge*, a quem o Ceo concedeo entre outras muitas virtudes ſingular dom de lagrimas, que derramava (celebrando) em taõ grande copia, que admirava aos aſſiſtentes. Neſte incruento Sacrificio gaſtava huma hora, em que o Senhor o enchia de Celeſtes conſolações, as quaes pelo ſeu grande ſilencio nos ficaraõ ocultas. A ſua vida foy a mais perfeita idéa do eſtado Religioſo, pois todas as ſuas acções eraõ o exemplar da perfeiçaõ; porque com pontual cuidado cumpria as leys da Ordem, ſem que com voluntaria advertencia quebrantaſſe o mais leve ponto, ſatisfazendo com tal exaçaõ, como ſe foſſem eſtabelecidas com preceito de peccado mortal. Viveo taõ livre da communicaçaõ das gentes, e taõ encerrado nos Clauſtros do Moſteiro, que naõ conſervou trato com ſeculares, nem menos recebeo carta de peſſoa alguma. Em vinte e dous annos, que teve de Cogula, nem faltou no Coro, nem ſahio fóra do Convento, mais que huma ſó vez obrigado da piedade, a fazer os Officios Funeraes de ſeu pay. Todo o tempo gaſtava em exercicios ſantos, permanecendo na Oraçaõ mental ſeis horas, além de outras, que gaſtava na vocal com jaculatorias ſantas. Naõ dava o relogio hora de dia, ou de noite, em que naõ levantaſſe o eſpirito a Deos com hum colloquio. Era taõ pobre, que na cella naõ poſſuîa mais que algumas poucas alfayas da Ordem. Todo o tempo, que nella ſe detinha, era lendo livros eſpirituaes, com que ſe alentava a ſeguir a vida, que principiara. Nas mortificações foy rigoroſo, domando a carne com aſperos cilicios, caſtigando-ſe com continuadas diſciplinas, ſendo muitas de ſangue. Tomava ſobre huma taboa breve ſomno, e nos ultimos annos ſó duas horas ſe ſentava em cadeira, e deſta ſorte ſugeitava o corpo ao abrazado do ſeu eſpirito. Pertendeo o demonio perturbar o ſocego da ſua alma, com tentações, e interiores batalhas, que vencia humilde com a ajuda do Senhor. Em huma occaſiaõ caminhava para o Coro a Matinas, e chegando a huma janella, e elevando-ſe na formoſura das ſcintilantes Eſtrellas, contemplando no criado a grandeza do Criador, quiz o demonio enganallo, repreſentando-lhe hum bello jardim, guarnecido de viſtoſas flores no meſmo pavimento, ſendo a altura da janella ao chaõ deſmedida, para que elle enganado, ſe encaminhaſſe ao precipicio, que na amenidade do

jardim

jardim lhe preparava a diabolica aſtucia; porém conhecida do Servo de Deos a maldade, fez o Santo Sinal da Cruz, e com elle ſe arruinon todo aquelle apparato de enganos, e foy render graças ao Senhor, que tanto o ajudava contra aquelle cruel inimigo. Toda a ſua vida foy huma continuada mortificaçaõ; mas abſorto nas dilicias da Gloria, deſejava ver chegado o fim da vida, para a eternizar na preſença de Deos, que coincidindo com os ſeus rogos, foy ſervido livrallo dos trabalhos da mortalidade. Chegada a hora da morte, recebidos com ternura, e devoçaõ os Divinos Sacramentos, abraçado com JESUS crucificado, entregou neſtas palavras: *In manus tuas Domine commendo ſpiritum meum*, com ſuave ſuſpiro a ſua ditoſa alma, deixando na Ordem o delicioſo cheiro das ſuas virtudes, realçadas na involavel obſervancia de ſuas ſantas Conſtituições.

Fr Jeronymo de Padilha Provincial dos Dominic.

H No Convento de Aveiro dos Dominicos, o Tranſito do Padre Fr. Jeronymo de Padilha, Provincial da Ordem dos Prégadores, que governou com ſingular prudencia, paz, e tranquilidade, e igual conſolaçaõ dos ſubditos, que o viaõ admirados correr a Provincia ao modo dos primeiros Padres, caminhando a pé, ſem alforge, cappa aos hombros, bordaõ na maõ, e Breviario debaixo do braço. Era comſigo auſtéro, rigoroſo, e brando com os mais; porém perfeito zelador da obſervancia. Arrancou abuſos, que a relaxaçaõ introduzira, e como prégava com o exemplo, conſeguio com felicidade a reſórma da Provincia, para o que ElRey D. Joaõ o III. o mandou vir de Caſtella. Em ſeu tempo ſe adiantou a Religiaõ, naõ ſó no eſpiritual, mas no material, creſcendo em numero de caſas. Aceitou quatro, duas de Frades, que foraõ Amarante, e Alcaçovas, e duas de Freiras em Elvas, e Abrantes; o trabalho continuo, que tomava ſem deſcanço, rendeo a natureza para ſe vencer do pezo. Viſitando a Provincia, chegou a Aveiro no mayor rigor do Eſtîo, e accommetido de huma febre ardente o teve por correyo da morte, eſtando ſempre tanto em ſi, que pouco antes de eſpirar notou huma Carta para ElRey, dando-lhe conta de que morria, e do eſtado em que deixava a Provincia, e do que convinha fazerſe para o fim, que ElRey pertendia; e trocando eſte deſterro pelas delicias da Patria Celeſtial, que Deos tem preparado deſde o

principio do Mundo para os ſeus eſcolhidos, dormio neſte dia em o Senhor.

D. Mendo Biſpo, Conег. Reg.

I Em Oſma, a depoſiçaõ de D. Mendo Biſpo, hum daquelles primeiros Fundadores do Moſteiro de Santa Cruz, que em numero de doze foraõ as pedras eſpirituaes, ſobre que ſe edificou a reſórma da Canonica Religiaõ Auguſtiniana neſte Reyno, o qual por ſua ſingular virtude, acompanhada de ſciencia, ſãa doutrina, e prudencia, foy tirado dos Clauſtros de Santa Cruz para Biſpo de Oſma, que governou com exemplo até morte, que naõ podia deixar de ſer precioſa diante de Deos, como cremos piamente, de quem ſoube viver taõ exemplarmente.

Commentario ao VIII. de Agoſto.

A NAſceo D. Fr. Martinho de Ulhoa na Cidade de Çamora, no Reyno de Caſtella a Velha, no anno de 1496. Foraõ ſeus pays D. Bernardo de Ulhoa Sarmento, e D. Briolanja de Caſtro, de geraçaõ nobre, e bem aparentados. Paſſou a Portugal em companhia de ſeu irmaõ D. Joaõ de Ulhoa Sarmento, que vindo a negocios a eſte Reyno, caſou nelle. Fr. Martinho, movido da devoçaõ da obſervancia do Convento de Thomar, entrou na Religiaõ já homem avançado na idade, e tomou o Habito no anno de 1550; e depois de ſervir os lugares da Religiaõ, foy nomeado Biſpo de Saõ Thomé, em o 1. de Março de 1577; e ſendo já velho naõ recuſou taõ dilatada jornada, nem taõ rigoroſo clima; e paſſando àquella Ilha, onde com louvavel cuidado exercitou o officio de Bom Paſtor, e renunciando o Biſpado, lhe ſuccedeo D. Fr. Franciſco de Villa-Nova, da Provincia da Piedade, que foy o VII. Biſpo, conforme as memorias dos Prelados deſta Igreja, que temos ajuntado. A *Chronica da Provincia da Piedade*, pag. 613, diz, que entrara neſta Mitra ſeu ſucceſſor D. Fr. Franciſco de Villa-Nova, no anno 1590, o que naõ póde ſer por a governar D. Fr. Martinho, a quem o Papa Clemente VIII. concedeo a renuncia, com condiçaõ de duzentos mil reis de congrua, que ſe aſſentaraõ no Almoxarifado de Thomar. Eſte Papa entrou no Pontificado no anno de 1592; com que ſe neſte meſmo anno ainda eſtava em S. Thomé D. Fr. Martinho, mal podia ſuccederlhe D. Fr. Franciſco, dous annos antes de ſe lhe dar a renuncia, a qual naõ podia ſer antes daquelle anno, e aſſim a pomos no de 1593, e poderá ſer ainda mais adiante pelo muito que viveo, contando cento e dez annos. Foy enterrado em hunia Capella, que elle tinha mandado lavrar no Convento da Luz, no caminho da Sacriſtia, que dotou com Miſſa quotidiana, e na parede da Epiſtola ſe lê o ſeguinte Epitafio:

Aqui eſtá ſepultado o Religioſiſſimo Varaõ da Ordem de Chriſto D. Fr. Martinho de Ulhoa, que foy Biſpo de S. Thomé, Congo, e Angola juntamente, que mandou fazer eſta Capella, em a qual ſe lhe diz Miſſa quotidiana. Faleceo a 8 de Agoſto de 1606.

Delle faz mençaõ Fr. André de Chriſto na *Hiſt. das Ord. Milit.* m.ſ. e huma Relaçaõ m. ſ. que temos do Convento de Thomar; Fr. Antonio Correa na *Fama poſthuma*, pag. 13.

B Entre os filhos, que teve ElRey D.

D. Sancho o I. em D. Maria Paes, (mulher de illuſtre naſcimento) antes de caſado, foy a Senhora D. Conſtança Sanches, Santa, e Religioſa Princeza, que faleceo neſte dia, no anno de 1269, ſendo a ultima de ſeus irmãos, que paſſou deſta vida, ajudando com a ſua virtude a feliz memoria daquelle Monarca, de quem quaſi todas as filhas acabaraõ com fama de Santas, e duas veneramos já no Altar, por declaraçaõ da Igreja Catholica.

Do Moſteiro de S. Joaõ das Donas, que Profeſſaraõ o Inſtituto de Santo Agoſtinho, ſe faz mençaõ no Commentario do dia 5 de Fevereiro, letra D, Tomo I. Nelle entrou eſta Princeza, conforme as Memorias do Convento de Santa Cruz, no anno de 1224, ſendo Prior D. Joaõ Cezar, tendo cumprido vinte annos de idade. Saõ muy curtas as noticias, que temos ſuas, pois todas ſe reduzem ſómente a appellidarem pia, virtuoſa, e Santa. Fez o ſeu teſtamento em Coimbra, a 14 de Julho do anno de 1269, e nelle mandou acabar o Convento dos Menores de Coimbra: todo he cheyo de piedade, e de grandes legados às Religiões *in perpetuum*, principalmente à de Santa Cruz, e ſe póde ver na IV. Parte da *Monarch. Luſit.* de Brandaõ, liv. 15. cap. 35. Mandou-ſe enterrar, como temos dito, na ſua Capella de Santo Antonio, com quem teve trato em vida, no tempo que fora das Donas de Santa Cruz. Na ſepultura, em que entaõ foy enterrada, ſe mandaraõ eſculpir os Verſos ſeguintes.

Conſtans Sponſa Dei jacet hîc Conſtancia dicta,
Quæ ſpe non ficta firmiter hæſit ei.
Sancius hanc genuit primus, Rex Portugalenſis
Laudibus immenſis, Regia Virgo aluit.
Mundum vitavit ob veræ gaudia lucis,
Et ſe clauſtravit hujus in æde Crucis.
Divitiis tandem multis ditavit eandem,
Quod magis excedit ſe ſibi morte dedit.
Antonio ſocio Sanctus Franciſcus eidem
Confirmat fidem ſic ait ore pio:
Te, ſcito, ne paveas, ſedes Regina Polorum.
Ducet in æthereas, Virginumque Chorum.

Fazem della menção o livro dos Obitos de Santa Cruz, com eſtas palavras: *Sexto Idus Auguſti obiit Donna Conſtancia Sancii inclíti D. Sancii illuſtris Regis Portugallia filia. Æra MCCC.VII.* Brandaõ no lugar acima citado; Faria *Europ. Portug.* tom. 2. part. 1. cap. 6; D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica dos Coneg. Reg.* part. 2. liv. 12. cap. 7; D. Marcos da Cruz no *Catalogo dos Priores de S. Vicente* m. ſ. p. 1; Gabriel Penoto no liv. 2. da ſua Hiſtoria, cap. 31. num. 6; Vaſconcellos *in Anaceph.* pag. 44; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portug.* pag. 170; D. Fernaõ Correa, Biſpo do Porto, na *Vida de Santa Iſabel*, pag. 135; Maugin no *Compendio de Portug.* cap. 3. pag. 72; Neufville *Hiſtoire General d' Portug.* tom. 1. liv. 1. pag. 163; *Hiſt. Geneal. da Caſa Real Portug.* liv. 1. pag. 92. do tom. 1.

C A Ilha Terceira, huma das nove dos Açores, bem conhecida nas Cartas Hydograficas, como ponto da navegaçaõ dos mareantes, naõ ſendo das primeiras, que deſcobrio a fortuna do Infante D. Henrique, creſceo depois tanto em trato, e riqueza, que veyo a ſer cabeça de todas as outras, de que fez primeiro Capitaõ Donatario a Jacome de Burges, Flamengo, no anno de 1450. Conſervou-ſe o Lugar com o privilegio de Villa, chamado Angra, até que ElRey D. Joaõ o III. lhe deu o foral de Cidade, a 22 de Agoſto de 1533. No anno ſeguinte foy creada em Biſpado, à inſtancia do meſmo Rey, pelo Papa Paulo III. de que foy o I. Biſpo D. Agoſtinho Ribeiro, de que ſe faz honorifica menção no II. Tomo do Agiologio no dia 27 de Março. Neſta Cidade tem a Companhia hum Collegio, que foy a ſegunda Caſa de Religioſos, que nella ſe edificou, ſendo a primeira dos Religioſos de S. Franciſco, e a terceira dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que ſaõ as Religioens, que ha neſta Cidade. Edificouſe o Collegio à deſpeza delRey D. Sebaſtiaõ, no anno de 1569, ſendo Provincial da Companhia o Padre Leaõ Hen-

riques, e ficou conſervando o Orago da Senhora das Neves, que tinha já a Igreja. Foy mandado para o Collegio de Angra o Padre Thomás Arnao, onde viveo com grande exemplo mais de quarenta annos. Era natural de Miranda do Corvo, Provincia da Beira, no Biſpado de Coimbra. Foraõ ſeus pays Antonio Arnao, e Maria Neta, que o criou, e a ſeu irmaõ, com grande cuidado na honra, e ſerviço de Deos. Foy de taõ exemplar vida, como temos moſtrado no Texto, muy retirado do commercio das gentes, e ſó prompto para o bem das almas, de que teve muito zelo, ſem que o rigor do tempo o detiveſſe, e ſem que a velhice o embaraçaſſe para ſe livrar do trabalho. Nas Ilhas foy reſpeitado em vida, das gentes como Santo; na morte, que foy neſte dia, do anno de 1713, acclamado ſegundo Xavier, e por homem mandado por Deos. Com eſtes, e ſemelhantes elogios explicavaõ a ſua devoçaõ, retalhando a Roupeta, para terem Reliquias ſuas, manifeſtavaõ a fé, com que eſperavaõ lograr depois da morte a ſua interceſſaõ, aſſim como na vida experimentaraõ o ſeu zelo. O referido devemos ao Padre Antonio Franco nas *Adições ao Noviciado de Evora*, Tom. II. e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia.

D Faleceo em o Moſteiro de Monte môr o Novo Sor Franciſca de Jeſus, pelos annos de 1525, neſte dia, como affirma Lima no *Agiologio Dominico*, e della faz mençaõ tambem Souſa na Hiſtoria deſta Provincia, part. 2. liv. 6. cap. 20.

E Em o anno de 1569, naquella grande peſte, tantas vezes repetida no diſcurſo deſta obra, que padeceo a grande Lisboa, acabou o Padre Miguel Eſteves, de quem ſe lembra entre os Religioſos de virtude o *Menelogio da Companhia* m. ſ. neſte dia; e Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal.*

F Vinte e oito annos ſuceſſivos perſeverou Fr. Affonſo de S. Mattheus, no officio de Sacriſtaõ môr do Convento de S. Domingos, taõ retirado do commercio das gentes, que ſe affirma delle naõ tivera amiſade particular com peſſoa alguma, havendo muitas, que o deſejavaõ. A Rainha D. Catharina, ſabendo a ſua vida o deſejou tratar; mas elle ſoube furtar o corpo a eſta honra; de ſorte, que nunca entrou no Paço. Quando morreo ſe lhe naõ acharaõ mais alfayas, que varias ſortes de cilicios, e diſciplinas bem cortidas do uſo, e em huma fronha de traviſſeiro retalhos de varias ſedas, e meadas de retroz de todas as cores, que ſerviaõ para concertar as veſtimentas, e frontaes, que elle pela ſua maõ coſia, nas horas ocioſas, que tinha na cella. Faleceo neſte dia, do anno de 1569, como eſcreve Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos deſta Provincia*, part. 1. liv. 3. cap. 29.

G Achamos illuſtre mençaõ de Fr. Franciſco da Cruz, natural da Villa de Monte môr o Velho. Do livro das Entradas, e Profiſſoens de Alcobaça, conſta ſer filho de Jeronymo Franciſco, e Catharina Marquez, e que entrando de 27 annos, no de 1619, profeſſára no ſeguinte, a 21 de Outubro, naquelle inſigne Moſteiro. Sendo menino foy Muſico da Sereniſſima Caſa de Bragança, e depois entrando na Religiaõ de exemplar vida, e coſtumes, taõ humilde, que mandando-o o Prelado tomar Ordens de Miſſa, e fazendo reflexaõ do alto gráo da Dignidade Sacerdotal, ſe achava taõ indigno, que dizia neceſſitava de outra conſciencia mais pura que a ſua, e aſſim recuſáva o tomar as Ordens. Exercitou-ſe toda a vida na mayor perfeiçaõ, até que no anno de 1641, faleceo neſte dia. Eſtá enterrado naquelle Moſteiro, adonde ſe lê na campa da ſua ſepultura eſte Letreiro:

Aqui jaz o P. Fr. Franciſco da Cruz o Monge, Religioſo exemplar.

Neſte breve elogio deixaraõ ſignalado o lugar, em que deſcanſaõ ſeus oſſos, merecendo àquelles Religioſos Padres a ſua virtude mais diſtincta memoria. Tudo o referido conſta do livro 2. dos Obitos de Alcobaça, num. 231, cuja copia nos mandou o Reverendiſſimo Doutor Fr. Bernardo Telles, Profeſſo daquelle Moſteiro, illuſtre por ſangue, erudito, e Religioſo, que ſendo Lente da Univerſidade de Coimbra, acabou moço, deixando ſaudoſa memoria, merecida das ſuas virtudes, e letras; e razaõ he que em noſſos eſcritos eterniſemos com eſta curta memoria, o que devemos a ſeu favor,

vor, e amiſade, em quanto diffuſamente o naõ engrandece nos Annaes Ciſtercienſes a penna de ſeu Chroniſta na *Alcobaça Illuſtrada.*

H Tinha ElRey D. Joaõ o III. faculdade do Geral da Ordem dos Prégadores, para trazer para Portugal os Religioſos, que lhes pareceſſe das Provincias de Caſtella, e Andaluzia, com todos os poderes neceſſarios, em ordem à reformaçaõ que intentava, reduzindo todas as Religioens deſte Reyno ao ſeu antigo eſtado. Foy eſcolhido o Meſtre Fr. Jeronymo de Padilha, para a Dominica, em que a virtude, e Religiaõ ficaõ bem conhecidas, com ſabermos o nomeou ElRey, entre tantos Religioſos exemplares das Provincias de Heſpanha. Naſceo de pays illuſtres, ainda que naõ ſabemos de que ramo da Caſa de Padilhas, por haver naquelle Reyno diverſas deſte appellido, como a dos Condes de Mejorada, os Condes de Santa Gadea Adiantados de Caſtella, de que fazem menção os Nobiliarios Caſtelhanos; porém de ordinario faltaõ, os que ſeguiraõ a vida Religioſa, deſcuido de que já nos temos lamentado fallando dos noſſos: mas em toda a parte ſem remedio. Tomou o Habito no Convento de S. Ginz de Talavera. No anno de 1538, a 25 de Janeiro entrou pelo de S. Domingos de Lisboa, acompanhado de Fr. Mattheus de Ogeda, com poderes de Geral, e titulo de ſeu Vigario nos Conventos de Portugal, e Viſitador, e Reformador delles. Naõ houve duvida naquelles Padres em lhe obedecerem, e logo deu a conhecer a prudencia, e bom termo para com todos. Chegou-ſe o tempo do Capitulo, e ſendo eleito Provincial, e o Viſitador Prior de Lisboa; porém como ElRey queria na Provincia huma ſó cabeça, fez que ſe abſolveſſe Fr. Mendo, e foy eleito o Meſtre Fr. Jeronymo de Padilha, que morreo neſte dia, no anno de 1544, como eſcreve o Padre Fr. Luiz de Souſa nas *Chronicas da Ord.* part. 2. liv. 3. cap. 11.

I Era taõ glorioſa a fama da Canonica Ordem em Portugal, que naõ ſó as Igrejas, e Moſteiros do noſſo Reyno, elegiaõ por ſeus Prelados, Conegos de Santa Cruz de Coimbra, para com elles ſe reformarem, de que temos neſta Obra muitos exemplos, mas ainda dos Reynos de Caſtella, e Galliza. No anno de 1139, governando a Cadeira de S. Pedro Innocencio II. Romano de naſcimento, foy aſſumpto à Igreja de Oſma D. Mendo, Conego de Santa Cruz, que governou prudente, e ſantamente.

Fica a Cidade de Oſma em o Reyno de Caſtella a Velha, ſituada junto ao rio Douro, mais de dez legoas ao Norte de Siguença. Foy fundada ſegundo ſe eſcreve por Arevacos, e Celtas, e na antiga Geografia he nomeada por *Uxama.* Della ſe lembra Ptolomeo, Floro, Grutero, que refere Cellario na ſua Geografia antiga, tom. 1. liv. 2. cap. 1. pag. 75. Hoje he conhecida pelo Burgo de Oſma, onde aſſiſte o Biſpo, e a gente principal, naõ ſe extinguindo o lugar antigo, que permanece povoado, ainda que de muy pouca gente, em curta diſtancia do Burgo, atraveſſando o rio por huma ponte. Faleceo D. Mendo neſte dia, do anno de 1152, como conſta do livro dos Obitos de Santa Cruz, neſta breve lembrança: *Sexto Idus Auguſti obiit Magiſter Dominus Menendus Epiſcopus Oxomienſis Canonicus Sancta Crucis Æra* 1190. Delle faz menção a *Chron. dos Coneg. Reg.* part. 2. liv. 7. cap. 4, e liv. 11. cap. 28.

AGOS-

AGOSTO IX.

D. Gaſpar do Caſal, Erem. Biſpo, e Confeſſor.

AM a Cathedral de Coimbra, o Anniverſario de ſeu eſclarecido Prelado em virtude, e letras, D. Fr. Gaſpar do Caſal, gloria de Santarem ſua patria, e da Eremitica Familia Auguſtiniana, de que foy filho, reſplandecente luz, que illuſtrou com doutrina, e coſtumes, deixando de ſuas virtuoſas obras, e grandes eſtudos, huma eſtimada memoria. Ao nono anno depois da ſua profiſſaõ, foy laureado na Sagrada Theologia, e mandado pela obediencia a ſeguir a Univerſidade, que entaõ florecia em Lisboa, e pouco depois transferida a Coimbra, foy dos primeiros Meſtres deſta inſigne Univerſidade, ſuas liçoes eraõ ouvidas com igual attençaõ que applauſo. Aſſim ſe dilatava a fama da ſua literatura, ornada de huma exemplar vida, que fazia mais venerada ſua peſſoa. ElRey D. Joaõ o III. o chamou à Corte ſómente para o honrar, e ſe ſervir do ſeu talento: nomeou-o ſeu Prégador, Conſelheiro, e director da ſua conſciencia, e do Principe ſeu filho, empregos que cumprio com tal ſatisfaçaõ, que o mandou ao Concilio de Trento, governando a Igreja o Papa Julio III. Depois foy eleito Biſpo do Funchal no anno de 1551, e foy o terceiro Prelado deſta Dioceſi, que governou por ſeu Vigario Geral, por o ter occupado ElRey no ſeu ſerviço na Meſa da Conſciencia, e Ordens, de que foy o primeiro Preſidente. No anno de 1556, foy promovido à Igreja de Leiria. Com eſta Dignidade ſe achou ſegunda vez no Concilio Tridentino, quando já tinha a Cadeira de S. Pedro o Papa Pio IV. Aqui conſeguio huma eſpecial attençaõ de todo aquelle graviſſimo congreſſo, tanto pela ſua exemplar vida, como pelas ſuas grandes letras. Delle faz honorifica mençaõ a Hiſtoria deſte Concilio. Reſtituido ao Reyno, foy transferido para a Cadeira Epiſcopal de Coimbra, que adminiſtrou com zelo, prudencia, e inteireza, que já tinha moſtrado, ſendo vigilantiſſimo Prelado, liberal, e pio com os pobres. Era continuo na Oraçaõ, que ſeguia com tanto fervor, que ficava arrebatado muitas vezes, e alienado dos ſentidos, aos olhos dos que o viaõ; mas para com Deos muy preſente.

Os

Os Governadores do Reyno de Portugal, por morte do Cardeal Rey o mandaraõ por Embaixador a Caſtella, com o Monteiro môr Manoel de Mello, e entre lugares taõ grandes, que occupou, ſe naõ eſqueceo nunca de que era Religioſo, abatendo com eſcrupuloſa memoria a vaidade do Mundo. Finalmente, cheyo de annos, e merecimentos, lhe ſobreveyo a ultima enfermidade, em que todo reſignado moſtrava a ſua virtude. Mandado deſenganar pelos Medicos, de ſer chegado o ultimo prazo da vida, reſpondeo com alegre ſemblante aquellas palavras do Pſalmo: *Lætatus ſum in his, quæ dicta ſunt mihi: in domum Domini ibimus*; e aſſim acabou glorioſamente em o Senhor.

Irm. Rodrigo de Menezes da Comp.

B No Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, acabou com precioſa morte o Irmaõ Rodrigo de Menezes, a quem a natureza deu illuſtre naſcimento, e elle ſoube fazer mayor na memoria das gentes, pois com louvavel reſoluçaõ deixou a grandeza da Caſa de ſeus pays, por ſer pobre, e humilde, tomando a Roupeta da Companhia. Mandaraõ-no eſtudar à Univerſidade de Coimbra, por ſerem as letras os morgados dos filhos ſegundos, e em peſſoas de tamanha cathegoria coſtumaõ avultar de ſorte, que em breve tempo lograõ o fruto do ſeu trabalho, e ainda tal vez conſeguem os lugares, e Dignidades ſem elle. Sentiraõ ſeus pays a reſoluçaõ, e intentaraõ impedilla por todo o caminho; porém naõ houve perſuaçaõ, que o ſeu eſpirito conſtante naõ venceſſe; porque animado da Divina Graça, reſiſtio às batarias de ſeu irmaõ, aos rogos de ſua mãy, e finalmente ao reſpeito de ſeu pay; porque tudo renunciou pelo conſelho do Evangelho, que ſeguio com ſingular pontualidade, tendo huma negaçaõ da propria vontade, e huma prompta obediencia aos Prelados. Em ſeu coraçaõ reſidia a humildade, de que naſcia offerecer a Deos agradaveis ſacrificios, que eraõ recompenſados com a ſuperabundancia da graça, ſem a qual todas as obras ſaõ de nenhum valor. Foy elle dos primeiros, que na Companhia, ſeguindo o eſtylo dos Padres do Ermo, alcançou licença do Veneravel Padre Simaõ, para alternadamente às ſemanas dar obediencia a outros Companheiros, que tiveſſem authoridade para advertir, e mortificar; a que o fervoroſo mancebo obedecia ſem repugnancia. Quiz o Padre Meſtre Simaõ provar o ſeu eſpirito,

rito, como já fizera S. Paulo Abbade, no deſerto de Scitia com hum Monge, e ordenou ao Companheiro, que obedecia naquella ſemana ao Irmaõ Rodrigo, que em publico, quando o reprehendeſſe, lhe deſſe huma boſetada. Eſtavaõ juntos todos os Irmãos: mandou Rodrigo ao Companheiro, que beijaſſe o chaõ: eſte lhe reſpondeo com huma boſetada; ſendo eſta acçaõ taõ cuſtoſa de ſofrer, aſſim de quem a executava, como de quem a recebia: Rodrigo a tolerou com tal manſidaõ de animo, que deu huma certa prova, de que nelle viviaõ, naõ ſó opprimidas, mas mortificadas as paixoens da natureza. Neſte perfeito modo de vida perſeverou, até que vindo a Lisboa a tomar Ordens, conheceo ſer o correyo da morte hum accidente de crueis dores, e chamando a ſeu amado Meſtre, depois de confortado com o Divino Viatico, e recebida a ſua bençaõ, ſe foy a gozar da Gloria, enchendo em cinco annos de Companhia hum grande numero de virtudes, pelas quaes mereceo lograr por pouco tempo de vida huma eternidade ſem fim.

Sor Maria da Aſſumpçaõ, e Sor Paula de Jeſus, Carm.

C Em a Cidade de Lagos, no Moſteiro da Conceiçaõ, no Reyno do Algarve, faleceraõ com evidentes ſinaes de Predeſtinadas, Sor Maria da Aſſumpçaõ, e Sor Paula de Jeſus, conſervando-ſe toda a vida com maravilhoſa obſervancia das Conſtituições da Ordem, e preceitos da Ley Divina. Foy o mal, de que acabaraõ, huma tyſica, que padeceraõ muitos annos, com admiravel paciencia, tolerando os achaques como caſtigo das culpas, e aſſim naõ deixaraõ nunca o familiar trato com Deos. Criaraõ-ſe juntas, e deſde entaõ ſeguindo a vida eſpiritual, eraõ Companheiras nas penitencias, e nos mais exercicios de mortificações, e devoçaõ. Foraõ eſtas duas Religioſas muy ſemelhantes na vida, e na morte, que lhe deu o Senhor com huma notavel ſuavidade.

Fr. Franciſco de Eça, Ciſterc.

D No Sumptuoſo Moſteiro de Alcobaça, o felice obito do Padre Fr. Franciſco de Eça, cuja vida era taõ ajuſtada com as leys da Religiaõ, que naõ podia deixar de ſe lhe ſeguir huma morte de Predeſtinado. Andava com boa diſpoſiçaõ, e ſem achaque algum, quando hum dia a toda a preſſa pedio o Sacramento da Unçaõ. Cauſou eſpanto aquella naõ eſperada novidade nos Religioſos; porém como os coſtumes faziaõ acreditada a peſſoa, lhe adminiſtraraõ os Sacramentos, e acabado

de

de o ungirem, pagou o tributo universal à morte, deixando com credito de virtuoso a vida temporal pela eterna.

Commentario ao IX. de Agosto.

ANO anno de 1584, morreo D. Fr. Gaspar do Casal, Bispo de Coimbra, segundo as nossas Memorias das Dignidades Ecclesiasticas deste Reyno: foy o XLV. que occupou aquella Cadeira, depois de restaurada a Cidade do jugo Agareno: nella foy sepultado em o Collegio, que a sua Ordem tem naquella Universidade, com huma pedra, que continha a Inscripçaõ seguinte:

Hic jacet bonæ memoriæ Pater Pauperum D. Fr. Gaspar Casalius Augustinianus sanctimonia & octo doctissimorum librorũ edictione conspicuus quidam ex primis hujus Academiæ Lectoribus. Primus Presidens Senatus Conscientiæ, Joannis III. Lusitaniæ Regis Confessarius, Consiliarius, & Concionator. Archiepiscopus primò Funchalensis deinde Episc. Leirienſis (quo tempore bis interfuit Conc. Trident.) tandem Episcopus Conimbricensis & Comes Arganilensis.

Este Epitafio devia ser posto muito tempo depois da morte do Bispo, ou como nos persuadimos, ao tempo que foy trasladado para o Convento de Leiria, a 15 de Mayo de 1596, como se refere no Agiologio, pois lhe chama Arcebispo do Funchal, erro em que tambem cahio Fr. Antonio da Purificaçaõ, no livro de *Viris Illustribus*, onde tratando do Bispo D. Fr. Gaspar, no cap. 23. pag. 29, diz estas palavras: *Ac simul Funchalensem Archiepiscopum nominavit an. Salut.* 1551, *Archiepiscopum dico, quia tunc ibi erat Metropolitana Ultramarinarum Regni ditionum Sedes: quæ postea translata est Goam in Oriente.* Na Sé do Funchal naõ houve a Dignidade Archiepiscopal, senaõ sómente na pessoa de D. Martinho de Portugal, que foy o segundo Prelado daquella Igreja, a quem succedeo o Bispo D. Fr. Gaspar, reduzindo-se outra vez a Bispado, pela impossibilidade, que se considerou, em se poder recorrer àquella Metropòli, de taõ distantes partes, e ficou sómente com a jurisdiçaõ de Porto Santo, e Castello de Arguim, e sugeita ao Metropolitano de Lisboa; mas sempre conservou algumas regalias de Arcebispado, como saõ seis maças, e outras cousas semelhantes. Naõ passou nunca à Ilha D. Fr. Gaspar, e a governou por seu Provisor, e Vigario Geral Antonio da Costa, Deaõ que tinha sido de Angra, e depois da Sé do Funchal. No mesmo Epitafio se lê, que sendo Bispo de Leiria, fora duas vezes ao Concilio de Trento, o que naõ póde ser; porque a primeira vez, que foy a elle, era em o Pontificado de Julio III. e entendemos naõ ser ainda Bispo, e que fora como Theologo; porque no tempo, que teve a Dignidade da Prelasia do Funchal, esteve occupado em Presidente do Tribunal da Mesa da Consciencia; e conforme algumas memorias, que temos daquella Igreja, dignas de credito, que nos communicaraõ o muy erudito, e Illustrissimo Bispo D. Joseph de Sousa de Castellobranco, seu Prelado, e Henrique Henriques de Noronha, Fidalgo nascido naquella Ilha, versado na Historia, e grande curioso, e indagador dos Cartorios da sua Patria, o poem no anno de 1552, hum anno depois, que Fr. Antonio da Purificaçaõ, no livro já allegado. Naõ foy ao Concilio depois de ser Bispo de Leiria mais, que huma vez; porque neste Bispado entrou no anno de 1556, por Bulla do Papa Paulo IV. que se conserva na Torre do Tombo, no maço 17 dos Breves, que ordenou, sendo

do Guarda môr Luiz de Couto Felix, e entaõ tirámos huma memoria, que temos das Bullas, que tocaõ aos Biſpos. Com a Dignidade de Biſpo de Leiria o achamos nomeado na Hiſtoria do Concilio de Trento, de Fr. Paulo Sarle, Theologo da Republica de Veneza, que faz delle honorifica mençaõ no anno de 1562, no liv. 6. pag. 543, impreſſo em Amſterdaõ, no anno de 1683, traduzido de Italiano em Francez, pelo Senhor de La Mothe Joſſeval, Secretario da Embaixada de França a Veneza, nome ſuppoſto; porque ſeu Author foy Monſieur Ameloto della Hauſage, que com reflexoens politicas o imprimio em Pariz, inda que diga Amſterdaõ. Com eſta meſma Prelaſia o nomea o Catalogo das peſſoas, que aſſiſtiraõ ao Concilio, e anda no fim das Seſſões, que ſe imprimiraõ: nem faça duvida dizer no titulo dos Prelados de Julio III. porque como neſte Ponficado foy Sagrado, precediaõ pela antiguidade da Sagraçaõ, e naõ das Igrejas, que adminiſtravaõ, o que foy determinado por evitar contendas. Fundou em Leiria o Convento de Religioſos da ſua Ordem, para onde o trasladaraõ. Tambem he obra ſua a magnifica Sé daquella Cidade, como teſtefica a Inſcripçaõ, que tem na fachada da porta principal, e he a ſeguinte:

Gaſpar Leirienſis Epiſcopus Vir literis pietate & munificentia antiquis Patribus perſimilis Eccleſiam Dei gubernante Paulo IV. Luſitanorum Rege Joanne III. an. A Partu Virg. M.DLIX. ter id Auguſti Templi Maximi Fundamentum primum fecit ac propriis ſumptibus auxit.

Depois de promovido à Igreja de Coimbra, foy Embaixador a Caſtella, como temos dito, e ſe achou nas Cortes de Thomar, no anno de 1580, como conſta do auto, que ſe imprimio no anno de 1584, e com lugares taõ grandes acabou com opiniaõ de Santo. Dos ſeus eſtudos deixou glorioſa memoria nas Obras, que imprimio, que foraõ mais Tomos do que refere o ſeu Epitafio.

Eſcreveo antes de ſer Biſpo os *Predicamentos, e Topicos de Ariſtoteles*, que ſe imprimiraõ em Veneza.

De Sacrificio Miſſæ, & Sacroſanctæ Euchariſtiæ celebratione, em tres livros, impreſſos em Veneza, no anno 1563, e em Antuerpia no de 1566, em quarto.

De Cœna, & Calice Dominì, dedicado ao Papa Pio IV. em tres livros, impreſſo em Vinceza, anno de 1563, em quarto.

De Uſu Calicis, em tres livros.

Axiomatum Chriſtianorum, em tres livros: *Adverſus hæreticos antiquos, & modernos*, impreſſo em Coimbra, anno 1550, em quarto, eſcrito antes de ſer Biſpo, e depois ſe reimprimio em Veneza, anno 1563, e em Leaõ no de 1599, em quarto.

Onze livros divididos em quatro Tomos grandes, com eſte titulo: *De Quadripartita Juſtitia*: nelles ſe deſcute a noſſa Santa Fé, com as ſentenças de juſtificaçaõ dos Theologos, até o ſeu tempo com grande ordem, e erudiçaõ, moſtrando os erros dos Hereges, impreſſo em Veneza, no anno 1563, e depois em Antuerpia, e outras partes, em folha.

Hum livro de *Beatæ Virgine*, ou *de ejus Virginitate*, para alcançar della favor ſendo tentado da caſtidade: naõ conſta ſe ſe imprimio.

Delle fazem mençaõ D. Nicolao Antonio na *Bibliotheca Hiſpana*, com glorioſa memoria; Joaõ Franco Barreto na Portugueza m. ſ. Fr. Antonio da Purificaçaõ, além dos lugares apontados nas *Chron. da Ord.* part. 2. liv. 7. tr. 1. §. 3, e no liv. 5. tr. 3. §. 23; Thomás Pamphilo, Biſpo Signino na *Chron. da Ord.* Rom. Cent. 12; Thomás Graciano na ſua *Anaſtaſi Auguſtiniana*; o *Catalogo de Moguncia*; Pedro Alvares Nogueira *Hiſtoria Eccleſiaſtica de Coimbra* m. ſ. Faria *Europ. Portug.* tom. 3. part. 1. cap. 3. pag. 63, e pag. 220; Filippe Elſſio *Encomiaſticon Auguſtiniano*; Fr. Luiz de Souſa na *Vida do Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*; Jeronymo Magio no *Prefacio a Diogo de Paiva de Andrade*, Tom. I.

B Eſtudava em Coimbra D. Rodrigo de Menezes, quando fundando-ſe o Collegio da Companhia, movido de ſeu ſagrado Inſtituto, que havia pouco principiara

cipiara no Mundo, ſe reſolveo a abraçallo, e o Veneravel D. Gonçalo da Sylveira, ſeu Companheiro, e amigo, de que a 16 de Março faz menção o Agiologio. Era D. Rodrigo filho de D. Henrique de Menezes, Commendador da Azinhaga, e da Idanha a Velha, Capitaõ de Tanger, e Governador da Caſa do Civel, Fidalgo em quem as virtudes de Cavalhero, e partes peſſoaes naõ eraõ inferiores à grandeza de ſeu illuſtre naſcimento. Teve grande applicaçaõ, às ſciencias, e à liçaõ da Hiſtoria. Eſtudou Direito Civil, e moſtrou, que ſabia tanto uſar delle na occaſiaõ, como em Africa combatendo os inimigos. Succedeo, que ſeu irmaõ D. Duarte de Menezes, Senhor da Caſa de Tarouca, que foy V. Governador da India, onde com diverſa fortuna, vindo ao Reyno foy prezo; havia entre os irmãos alguma differença, pela qual ſeparados da communicaçaõ eſtava ſuſpenſo o trato. Havia de tratarſe da ſua cauſa, eſtando ElRey D. Joaõ o III. no anno de 1532 em Setuval, e na ſua preſença, diante dos Deſembargadores, fez D. Henrique huma Oraçaõ, ou Arreſoado, com tanta erudiçaõ, e engenho, moſtrou a juſtiça da cauſa de ſeu irmaõ, que por ella mandou ElRey ſoltar D. Duarte; e he de advertir, que tendo tratado eſte negocio, mais pela razaõ do que pelo parenteſco, o provou na demonſtraçaõ; porque ficou conſervando a meſma differença. Caſou com D. Brites de Vilhena, filha de Ruy Barreto, Alcaide môr de Faro, prima com irmãa de D. Leonor de Caſtro, mulher de D. Franciſco de Borja, Marquez de Lombay, que depois ſendo Religioſo da Companhia veyo a ſer S. Franciſco de Borja. Sentio D. Henrique, que ſeu filho deixando a ſua Caſa, e as eſperanças, que a ſua qualidade lhe ſeguravaõ, ſem licença ſua ſe aggregaſſe a huma Religiaõ, que ſe começava a eſtabelecer, e ainda naõ era conhecida no Mundo. A eſte fim determinou ir a Coimbra; porém, ou por cauſa das occupações da Corte, ou por naõ experimentar a repulſa em D. Rodrigo, mandou a ſeu filho primogenito D. Joaõ Tello de Menezes, cuja grande capacidade moſtrou depois nos lugares, que occupou ſendo Embaixador em Roma, (onde já ſeu pay tinha occupado o meſmo caracter, a tratar da erecçaõ da Inquiſiçaõ neſte Reyno.) Foy ſegundo Preſidente do Paço, Senhor de Aveiras, e mais Caſa de ſeu pay, e ultimamente hum dos cinco Governadores do Reyno, nomeados pelo Cardeal Rey, de taõ admiravel inteireza, que ſerá ſempre famoſa a ſua reſoluçaõ, e deſapego; pois quando ſe achava o Reyno vacilante, e timido do poder de Caſtella, foy para elle mais forçoſa a juſtiça, do que o intereſſe. Procurou D. Joaõ a ſeu irmaõ, e fallandolhe uſou de todas aquellas razões, de que podia fazer trocedor ao ſeu animo, lembrava-lhe os intereſſes, que podia ter ſeguindo a vida, que eſcolhera, e ſe della naõ eſtava contente, mudaſſe logo à das armas, em que tinha exemplo em ſeu pay, e avó D. Joaõ de Menezes, I. Conde de Tarouca, e tantos aſcendentes illuſtres do appellido de Menezes, que na paz, e na guerra, tinhaõ alcançado glorioſo nome, o deſprazer, que com o ſeu eſtado dava a tantos parentes grandes por naſcimento, e eſtimados por lugares. Finalmente, à indignaçaõ do pay, que poderia tomar huma reſoluçaõ violenta, vendo, que naõ lhe obedecia, de que nem o amor de irmaõ, nem os rogos da mãy o livraſſem; mas o conſtante mancebo immovel a todos os combates preſiſtia na ſua vocaçaõ, e com razões ſolidas, fundadas no Evangelho infallivel o deſpedio deſcontente. Varios rebates ſemelhantes intentaraõ vencer a conſtancia de D. Rodrigo, que generoſamente deſprezou. Sua mãy lhe eſcreveo huma carta, a que elle reſpondeo, e anda impreſſa na I. Parte da *Chronica da Companhia*, em que eſte virtuoſo mancebo colheo em poucos annos copioſos frutos de ſantidade. Faleceo neſte dia do anno de 1548, ainda que Nadaſi o poem a 11 de Fevereiro, onde faz honorifica memoria ſua, e Telles na I. Parte das *Chronicas deſta Provincia*, cap. 20; e o *Menologio da Companhia* m. ſ. Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia.

C Foraõ eſtas duas Religioſas naturaes do Reyno do Algarve, Sor Maria da Aſſumpçaõ da Cidade de Loulé, e Sor Paula de Jeſus de Villa-Nova de Portimaõ. Profeſſaraõ a vida Religioſa no Moſteiro das Carmelitas de Lagos, e morreraõ no anno de 1678, como conſta das Memorias, que temos deſte Convento.

D O que referimos de Fr. Franciſco de Eça, natural da Cidade de Liſboa, Monge de S. Bernardo, que faleceo no anno de 1618, conſta do livro dos Obitos daquelle Real Moſteiro, n. 73. pag. 466.

AGOSTO X.

B. Amadeo, Franciſc.

AM Milaõ, a veneravel memoria do Beato Amadeo, aquelle glorioſo mancebo, que naſcendo illuſtre ramo da ſempre eſclarecida Familia de Sylvas, ſoube na mais florente eſtaçaõ da ſua idade domar os brios da natureza, ſacrificando as eſperanças do Mundo, pelas delicias do Ceo, voltando em ſoberana converſaõ os delirios da mocidade, para ſer huma perfeita idéa de toda a Nobreza Luſitana, moſtrando-lhe, que a Divina Graça acode ſempre, a purificar as mais deſconcertadas paixões da inclinaçaõ humana, a quem deſpido do Mundo quer abraçar as inſpirações do Ceo: com ellas reſplandeceo de ſorte, que he huma das claras luzes da Igreja Militante, honra da ſua illuſtre eſtirpe, e gloria de toda a Naçaõ Portugueza. Naſceo na Cidade de Ceuta em Africa, no anno de 1431, em tempo que ſeu pay governava aquella Praça, em auſencia de ſeu cunhado D. Duarte de Menezes. Em o ſeu naſcimento moſtrou o myſterioſo modo do ſeu nome, no eſpecial favor do Altiſſimo. Aſſentou ſua mãy de lhe pôr o nome do primeiro pobre, que depois de naſcido chegaſſe a ſua caſa a pedir eſmola; tinhaõ paſſados alguns dias, e já ſua mãy ſentia, ſendo taõ frequentes, naõ appareceſſe hum No ſetimo dia pela tarde, chegou hum, e perguntado pelo ſeu nome reſpondeo, que foſſe Joaõ; e quando voltaraõ com a eſmola, já ſe naõ achou o pobre, nem toda a diligencia pode deſcobrir na Praça algum, que tiveſſe os ſinaes, que a criada referia. Eſte ſucceſſo ſe teve entaõ por myſterioſo, e aſſim o referia elle a ſeus Companheiros em Italia. Era taõ debil, que até os nove annos, naõ uſou outro alimento mais, que leite, e começando a tomar forças, ficou taõ robuſto, que ſeguindo o exercicio das armas, militou em a ſua Patria contra os Infieis, e naõ falta quem affirme, que contra os Mouros de Granada, de que ſahio ferido, e com perigo em hum recontro. Cumprindo dezoito annos, lhe

qui-

quizeraõ ſeus pays dar eſtado, caſando-o à ſua ſatisfaçaõ, mas elle o recuſou. Paſſou à Cidade de Lisboa, a ſervir na Corte dos Monarcas Portuguezes, Joaõ de Menezes da Sylva, que eſte foy no ſeculo o ſeu nome. Havia no Paço entre as filhas delRey D. Duarte, a Infante D. Leonor, quaſi da ſua meſma idade, a quem a natureza dotou de ſingular fermoſura. Enamorou-ſe da Infante; porém com tal cuidado, que vencia o entendimento a paixaõ, ſendo ſómente o ſeu peito fiel ſecretario deſta louca imaginaçaõ: diſſimulava a ſua amoroſa pena, ſem que ſe conheceſſem as chammas do fogo, em que ardia: amava-a com ſegredo, naõ ſendo mais, que veneraçaõ o ſeu amor, eſte lhe fez reſpeitoſamente lavrar huma medalha, que trazia comſigo, de que era a empreza hum altar com eſta letra: *Ignoto Deo*, explicando engenhoſa, e diſcretamente, que a Deidade, que idolatrava, naõ podia darſe a conhecer. Quando mais elevado das ſuas ſuaves imaginações, ſe achava na mayor felicidade Joaõ de Menezes da Sylva, ſe contratou o caſamento da Infante, com o Emperador de Alemanha Federico III. de Auſtria. Partio a Infante para Italia a effeituar as vodas, e ſendo recebida em a Cidade de Sena, ſe Coroaraõ em Roma. Alguem eſcreveo, que conſtante na ſua paixaõ, a acompanhou ſervindo-a Joaõ de Menezes; porém a mais ajuſtada opiniaõ he, que deixando a Infante a Patria, depoz elle todos os affectos humanos, e abertos os olhos da luz da razaõ, conheceo o erro da ſua temeraria fineza, e de todo o coraçaõ propoz buſcar a Deos, fazendo glorioſa troca de hum amor caduco por hum amor eterno. Deixou ſecretamente a Patria, mudando o nome de Joaõ em Amador, ou Amadeo: paſſou a Caſtella, taõ deſconhecido, que naõ houve noticias ſuas em muitos annos. Chegou a Guadalupe, e tomando o habito de Ermitaõ, venceo com humildade, e conſtancia os ardís do commum inimigo, e começando a ſer em ſua defenſa os auxilios da Divina Graça, foy naquelle Real Moſteiro ſingularmente favorecido de Deos, adiantando-ſe na perfeiçaõ, que já as ſuas obras poderaõ ſervir de exemplar aos Religioſos. Entaõ levado de vehementes deſejos de dar a vida por Chriſto, pedio licença para ir a terra de Infieis: paſſou a Granada, occupada entaõ de Mouros, e antes de chegar à Cidade foy prizioneiro das guardas, e levado dian-

te

te do Juiz, que o julgou por eſpia, e condemnando-o a ſer cruelmente açoutado, mandou, que com canas agudas o feriſſem até acabar a vida. Deſpiraõ-no para a execuçaõ, e o viraõ cingido de huma cadea de ferro, e cubertas as mais partes do corpo de cilicios. Admirados, e compadecidos os Barbaros daquelle eſpectaculo, o levaraõ ao Juiz, moſtrando naquelle rigor de vida a innocencia do accuſado, que com alvoroços eſperava ſer victima da Fé, que profeſſava; porém o Juiz ordenou, que foſſe ſómente açoutado, e o puzeſſem fóra da Cidade. Fuſtradas as eſperanças de lograr por entaõ a palma do martyrio, naõ deſmayou o deſejo de o conſeguir, e tomando o caminho para paſſar a Africa, em hum lugar encontrou huma mulher, que afflicta lhe pedia alcançaſſe de Deos vida a ſua filha. Achava-ſe indigno de tal ſupplica, mas obrigado da laſtima fez Oraçaõ a Deos, de que foy fruto o acharſe a Donzella naõ ſó viva, mas com inteira ſaude. Seguindo o deſignio de paſſar a Africa, embarcou em hum porto: a pouco tempo de viagem, experimentaraõ tal tormenta, que a juizo dos mareantes, ſe julgaraõ ſem duvida perdidos; mas Amadeo conhecendo por Celeſtial inſpiraçaõ ſer a cauſa do temporal, rogou ao Capitaõ do navio o lançaſſe em terra. Satisfez com o que lhe pedia, e ſerenado o mar ſeguiraõ os navegantes com bonança a ſua derrota. Entaõ teve inteiro conhecimento, naõ ſer do agrado de Deos dar a vida nas mãos dos Infieis; porque a Divina Providencia o havia de fazer inſtrumento de relevantes empregos. Tornou a Guadalupe, onde perſeverou algum tempo com o cuidado da Sacriſtia: aqui obrou Deos, por honrar a ſeu Servo, prodigioſas maravilhas. O grande trabalho, abſtinencia, e mortificações de huma vida penitente, o puzeraõ em eſtado, que enfermou taõ gravemente, que ſó a lingua movia, ſem mais refrigerio, que o tempo, que aſſiſtia na Igreja aos Officios Divinos. Mandou o Prelado fazerlhe hum carrinho, para o conduzirem à Igreja, onde deixando-o huma noite, para aſſiſtir às Matinas, pondo os olhos em Noſſa Senhora, tal foy a fé, que de improviſo alcançou ſaude. Mudou de habitaçaõ, porque naõ queria Deos, que ficaſſem ſepultadas na vida Eremitica as maravilhas de ſeu Servo, e que na Cabeça da Igreja, foſſe acreditado por luz do Mundo. Antes de ſahir de Guadalupe, tinha ſido tres vezes

adver-

advertido por Noſſa Senhora, S. Franciſco, e Santo Antonio, que tomaſſe o Habito de Frade Menor. Eſtando em Oraçaõ já em outro retiro, lhe appareceo S. Franciſco, ordenando-lhe paſſaſſe a Aſſiz a tomar o Habito da ſua Religiaõ. Teve o Servo de Deos o aviſo por illuſaõ, mas novamente recreado intellectualmente, vio a Chriſto Senhor Noſſo, ſua Mãy Santiſſima, e S. Franciſco, e lhe mandava, que obedeceſſe a S. Franciſco. Largou a vida Eremitica, e tomando o caminho para ir a Aſſiz, lhe ſuccederaõ immenſos trabalhos, e caſos prodigioſos, em que lhe manifeſtava a ſua aſſiſtencia a Divina Graça. Em Genova, e Florença, ſe agaſalhava nos Hoſpitaes, ſendo a ſua mayor ſatisfaçaõ a miſeria em que ſe via: aqui padeceo duas graves enfermidades. Chegou a Perugia, e pedindo o Habito ao Geral da Ordem Fr. Angelo de Perugia, que naõ fez caſo da ſupplica vendo-o taõ abatido, paſſou a Aſſiz, onde os Religioſos lhe deraõ a meſma repulſa, (a tanto obriga a vileza do traje, que podendo pela peſſoa cauſar eſtimaçaõ, ſe via deſprezado, ainda pelos que profeſſavaõ humildade.) Sofria naõ ſó com conſtancia, mas com ſatisfaçaõ o Servo de Deos eſtes deſprezos, padecendo fomes, e as miſerias de pobre, paſſava contente, aſſiſtindo na Igreja de S. Franciſco, até que introduzido com o Sacriſtaõ, veyo a ſervirſe delle: o trato lhe deu a conhecer em profunda humildade, e prompta obediencia, a virtude do pertendente. Succedeo cahir enfermo hum Religioſo ajudante do Sacriſtaõ, já conhecido de Amadeo, encommendou-lhe a ſua ſaude; e com poucas repetições de Oraçaõ, lhe alcançou o Servo de Deos inteira ſaude, ſem outro remedio, que a ſua interceſſaõ, e agradecido lhe deu hum Habito para ſe cobrir.

Entrou a ſer Geral da Ordem Serafica Fr. Jacome Moſanica, que do ſeu theor de vida tinha larga informaçaõ, e admittindo-o ao Habito em eſtado de Leigo, fez profiſſaõ, com ſingulares jubilos da ſua alma. Aſſiſtia em o Convento de Aſſiz, aonde a ſua humildade o confundia, com a fama da ſua virtude; porque os neceſſitados buſcavaõ remedio nas ſuas Orações, e conſeguiaõ maravilhoſos effeitos da ſua interceſſaõ. Catharina, mulher de Ceſar Conti, irmãa do Pontifice Nicolao V. achava-ſe ſem ſucceſſaõ, depois de caſada havia dous annos, e por meyo da Oraçaõ de Amadeo teve hum filho;

lho; porém tendo depois com deſprezo para ſi, naõ ſer miraculoſo effeito da interceſſaõ de Amadeo, eſte lhe ſegurou, que pela ſua ingratidaõ perderia muito brevemente o filho, e aſſim ſuccedeo. Com outros maravilhoſos caſos acreditava a perfeiçaõ da ſua vida. Acodia grande concurſo a Aſſiz, a buſcar alivio nas ſuas palavras; porque reſplandecia nelle a Luz da Graça, e aſſim com ancia deſejava ſalvar a todos: reprehendia os vicios, advertia os mal encaminhados, cauſando eſpanto nos Doutos, ver hum pobre Leigo com taõ altiſſimos documentos; mas como os tirava da Myſtica Theologia, que lhe dictava na Oraçaõ a Soberana Mageſtade do Altiſſimo, vinha a ſer Meſtre de eſpirito, aquelle que no juizo dos homens reputavaõ por idiota. Era o ſeu engenho claro, feliz, e adornado de ſuperiores auxilios; moſtrava em eſtupendas obras o poder Divino. Naõ baſtaraõ tantas luzes, para abrir os olhos à obſtinaçaõ, dos que com cargos o lançaraõ fóra de Aſſiz, tendo parte neſta repulſa o meſmo Sacriſtaõ, a quem elle dera ſaude; mas ſendo-lhe ſuperiormente revelado, lhe diſſe: que naquelle anno ſem falencia morreria, em caſtigo de ſer ingrato. Paſſou a Brexia, e dalli o enviou a obediencia a Milaõ, maravilhoſo theatro, donde havia de naõ ſó ſer admirado pelas ſuas penitencias, e auſté o modo de vida, mas ſempre conhecido pela nova Congregaçaõ dos Amadeos, que inſtituîo, que ao ſeu exemplo ſeguia, ſem interpretaçaõ à obſervancia do rigor da Regra de S. Franciſco. Quantas vezes foy viſto arrebatado por eſpaço de quatorze horas, ſempre de joelhos! Quem naõ ſe admirou de ver como era poſſivel ſupportar penitencias extraordinarias hum corpo humano. Foraõ os jejuns com tal exceſſo, que eraõ continuadamente de paõ, e agua, comendo ſó huma vez no dia. Na quareſma da Epifania era a abſtinencia mais exceſſiva, pois ſó uſava deſte curto alimento aos Domingos, terças, e quintas feiras, naõ lhe entrando na boca nos mais dias genero algum de ſuſtento, ſenaõ o Divino Paõ Sacramentado, que lhe communicava Angelicos Eſpiritos, para ſupportar toda a aſpereza, com que macerava ſeu corpo. Naõ veſtia mais, que ſimplezmente o Habito vil, e aſpero. Andou ſempre deſcalço, ſem que nunca uſaſſe de alparcas. Dormia na Igreja, ſem mais abrigo, que o duro chaõ. Fallava muy poucas vezes, eſſas ſó de Deos. Fogia à communi-

caçaõ

caçaõ de todos, negando-ſe o mais que podia, ainda aos Varoens mais inſignes. Franciſco Sforcia, Duque de Milaõ, e ſua mulher a Duqueza Branca, veneraraõ de tal ſorte ao Servo de Deos, que era o refugio das ſuas afflições; viſitavaõ-no muitas vezes, e o ſeu reſpeito o obrigava a ir ao ſeu Paço, para lograrem da ſua ſanta, e ſincéra converſaçaõ. Era grande o numero da gente, que o buſcava; deſejava mais ſocego para orar: paſſou a Marinhaõ; naõ havia mais que hum Religioſo no Convento; reedificou eſte naõ com pouco trabalho, e experimentando o meſmo deſaſocego, que em Milaõ, caminhou a Oren, junto de Vimercato: aſſiſtia na Igreja, como tinha de coſtume, e o tempo que lhe reſtava de taõ continuada oraçaõ, ſahia a viſitar os enfermos, procurando-lhe o remedio das almas, com conſelhos, e exhortações eſpirituaes; e ainda que naõ tinha eſtudado, moſtrava huma ſuperior inteligencia, que movia os animos à penitencia. Naõ lhe ſervio de embaraço para acodir ao proximo, nem o rigor das neves, e das chuvas, nem o deſabrido dos frios, nem o exceſſivo das calmas; porque a ſua charidade vencia todo o ardor, ou inclemencia da eſtaçaõ. Aqui recebeo todas as Ordens Sacras, e diſſe a primeira Miſſa dia da Annunciaçaõ da Senhora, do anno de 1459. Apoſtolicamente corria todo o Eſtado de Milaõ, e empregando-ſe em obras ſantas, em que lhe ſuccederaõ caſos eſtupendos. Algumas vezes o mandou a Duqueza Branca ao Summo Pontifice, a tratar materias de ſua conſciencia. Naõ teve tempo, em que naõ ſerviſſe o proximo, que recebia da ſua interceſſaõ portentoſos beneficios, já com profecia, ſegurando ſucceſſaõ a quem o tempo tinha tirado as eſperanças da poſteridade; já livrando da ſepultura a quem naõ tinha remedio nos Medicos; já livrando de eſpiritos malignos, a quem ſe via poſſuido de taõ horrenda companhia. Achava-ſe afflicto hum pay, por ver ſeu filho ſem eſperança de vida; recorreo ao Servo de Deos para a ſaude: reſpondeo, que o moço ſe fazia incapaz de orar a Deos por elle: obrigou-ſe o pay a emmendallo, ſe viveſſe, e cobrou ſaude. A huma mulher, que eſtava gravemente enferma, ſegurou, que teria vida; mas que de outra enfermidade morreria. Caminhava para a povoaçaõ de Incino, e vendo a ſeu Companheiro Fr. Joaõ Alemaõ, deſfalecido de fome, fazendo Oraçaõ a Deos, lhe cahio da

manga hum paõ, com que remediou a neceſſidade do Companheiro. Muitas vezes a Divina Providencia ſoccorreo aos ſeus Religioſos, ſem ſaberem quem lhe enchera as meſas do Refeitorio de paõ. Deſejava-o a Duqueza de Milaõ Branca mais viſinho, e à ſua inſtancia fundou em Caſtello Leone de Cremona hum Convento, que na Obſervancia da Regra de S. Franciſco foy hum dos mais illuſtres em ſantidade, ouvindo de noite ſeus habitadores ſuaviſſimas Muſicas, e vendo-ſe ſobre o Oratorio, em que o Servo de Deos orava, taõ luminoſos reſplandores, que algumas vezes aviſaraõ aos Religioſos, parecendo-lhe, que era incendio, e acodindo acharaõ a Amadeo ſó em contemplaçaõ. Viraõ-ſe os Duques de Milaõ afflictos com a doença de ſua filha a Princeza Hypolita, e por ſua interceſſaõ conſeguio ſaude milagroſamente. A' Duqueza revelou, que o Duque morreria com brevidade, e aſſim ſe verificou no mez ſeguinte. A hum homem, que pondo em huma torre hum relogio, cahio taõ precipitadamente, que naõ o julgando com vida, em tres dias poz bom. Em huma pendencia, que tiveraõ os moradores de Quincano, ficou hum taõ mal ferido, que eſtando nos ultimos alentos eſpirando a vida, propoz Amadeo, que fazendo-ſe amigos, naõ morreria. Aceitaraõ a promeſſa, e orando a Deos pelo ferido, em breve recuperou a ſaude. Seria larga materia referir todas as maravilhas, que o Altiſſimo obrou, para acreditar Amadeo, ſendo taõ frequentes os prodigios, que já ſe ouviaõ ſem admiraçaõ.

As fabricas dos Conventos da ſua nova Congregaçaõ fazia à cuſta de prodigios, padecendo viſiveis caſtigos os que lho impediaõ. O ſeu patrocinio era univerſal; e aſſim naõ ſó dava ſaude aos enfermos, mas ſucceſſaõ às mulheres reputadas por eſtereis; e ainda cabedaes, aos que neceſſitavaõ, para juſtas, e ſantas obras. Teve grandes contradições ſobre os Conventos da ſua refórma, querendo incorporallos nos Obſervantes; porém tudo vencia a ſua virtuoſa conſtancia. Tendo já da ſua obediencia a nova Congregaçaõ, os Conventos de Milaõ, Breſciano, Arbuſeo, Quizano, Borno, e Antenhato, ſe lhe levantou huma terrivel perſeguiçaõ da Repulica de Veneza, imputando-lhe, que era eſpia do Duque de Milaõ, diſſimulado no humilde de Frade, e que a eſte fim fundara os Conventos no Breſciano, aonde habitavaõ todos os do partido

tido Gabelino; e aſſim reſolveo a Republica exterminallo dos ſeus Eſtados, e pôr por terra as fabricas dos Conventos; mas a Divina Providencia, que amparava a Amadeo, inſtruîo o Senado de ſorte da verdade, que naõ ſó lhe conſervou os Moſteiros, mas lhe deu licença para fundar outros. Entrou depois em a Cidade de Veneza, e foy recebido, naõ como hum pobre Frade, mas como hum Anjo, que os viſitava, e todos os que foraõ emulos da ſua virtude acabaraõ deſgraçadamente. Já em Milaõ, e em toda a Lombardia, naõ era appellidado ſenaõ com o nome de Santo, e ſendo taõ commuas as acclamações, que verificavaõ o ſeu procedimento, ainda havia emulos, que o contraſtavaõ; mas o Ceo acudindo pela ſua honra, o purificava com prodigios. Paſſou a Roma a beijar o pé ao Santo Padre Xiſto IV. que tinha ſido Geral da Ordem Serafica: conhecia Amadeo, e deſejava favorecello, e lhe concedeo Bullas de grande eſtima a favor da ſua reſórma: louvou o ſeu zelo, eſtimou a ſua virtude, e lhe fez graça do Convento de S. Pedro de Monte Aureo em Roma (vulgarmente chamado Montoro) onde foy crucificado o Principe dos Apoſtolos, que logo habitou de Religioſos, e nelle aſſiſtio dez annos. Naõ ſe ouvia em Roma, e ainda em toda Italia, couſa que cauſaſſe tanta admiraçaõ, como a ſua vida. O Papa o deſejou introduzir em os mais graves negocios da Igreja. Gaſtava com elle duas horas todos os dias, communicandolhe as materias mais importantes; mas nem por iſſo ſahio do ſeu abatimento, conſervando a ſua profunda humildade, e aſpereza de vida, antes ſe acriſolou mais nas virtudes, nas penitencias, e no ſeu retiro. Achava-ſe na Corte de Roma D. Garcia de Menezes, Biſpo de Evora, que tinha hido por General da Armada, que ElRey D. Affonſo V. mandou à inſtancia do Papa, em ſoccorro da Cidade de Otranto, pouco antes occupada dos Turcos. Foy recebido do Pontifice com notavel oſtentaçaõ, e fallando hum dia como a Portuguez, lhe perguntou ſe conhecia a Fr. Amadeo; e dizendo-lhe, que naõ, em breve lhe deu o Papa noticia da ſua admiravel vida. Entrou nos deſejos de o ver, e buſcando a Amadeo, conheceo da pratica ſer ſeu primo com irmaõ Joaõ de Menezes da Sylva: naõ ſem grande copia de lagrimas ſe continuou a converſaçaõ. Entaõ ſoube Roma o illuſtre naſcimento de Amadeo,

que a ſua humildade ſempre ocultou, naſcendo naquella manifeſtaçaõ a Portugal tal filho, que pelas ſuas virtudes o enche de gloria. Tinha já em Lombardia dezaſeis Conventos da ſua reforma, e alcançou licença do Papa para os viſitar peſſoalmente. Neſta fadiga andava, quando adoecendo junto a Lodi, conheceo ſer chegado o fim da ſua vida. Voltou a Milaõ, e aggravando-ſe a enfermidade, lhe quiz o Guardiaõ dar o Sacramento da Unçaõ; porém Amadeo lhe diſſe: *Irmaõ, ainda naõ he tempo de eu morrer; antes convém pervenirſe, porque morrerá primeiro que eu.* Neſte eſtado ſe achava o Beato Amadeo, quando lhe entrou pela cella Prando de Ma-peli, ſeu amigo, com huma febre de tres mezes, que o conſumia; e cheyo de fé, que com a ſua viſta, e bençaõ havia de ſarar, ſe deſpedio perfeitamente ſaõ. Pouco tardou que naõ cahiſſe enfermo o Guardiaõ, e morreo dia de S. Lourenço, e pela tarde o noſſo Bemaventurado Amadeo, ſe foy a coroar da immortal Gloria, que lavrou com os ſeus continuos trabalhos. Eſteve o ſeu corpo tres dias na Igreja ſem ſepultura; porque naõ permittia o contrario o grande concurſo dos que acodiaõ a venerallo, alcançando os que chegavaõ a tocar as ſuas Reliquias, remedio nas ſuas afflictas petições, ſendo Deos ſervido, que em preſença de todo aquelle grande ajuntamento de povo, ſe viſſe nos tres dias, cobrar repentina ſaude enfermos, viſta cegos, juizo perfeito loucos, e geralmente alivio em ſeus trabalhos, quantos com inteira fé tocaraõ o ſeu corpo, ou o Habito, e ainda até hoje claro em prodigios, permanecem os effeitos do ſeu patrocinio, obrando Deos por ſua interceſſaõ eſtupendas maravilhas.

O P. Belchior Nunes Barreto, da Companh.

B Na Cidade de Goa, Metropoli do Oriente, em o Collegio da Companhia, ſerá ſempre ſaudoſa a memoria do Apoſtolico Varaõ o Padre Belchior Nunes Barreto, que logo em a ſua entrada na Companhia abrio taõ profundos aliceſſes na humildade, que foraõ argumento infallivel da ſua heroica virtude. Oito annos reſidio no Collegio de Coimbra, entre aquelles primitivos filhos do eſpirito de Santo Ignacio, em que ſe adiantou tanto, que chegou ao auge da perfeiçaõ Religioſa; e ſeguindo taõ fielmente o Inſtituto da Companhia, que pedio a Miſſaõ da India. No anno de 1551, paſſou àquelle Eſtado, aonde em glorioſas fadigas do Evangelho conſeguio

gran-

grande gloria à Igreja Catholica, e augmentou a veneraçaõ à Companhia. Succedeo no Japaõ a S. Franciſco Xavier, que entaõ allumiando aquelle Imperio com a luz das ſuas prodigioſas obras, mereceo por ellas ſer numerado no Catalogo dos Santos. Antes de chegar a Goa, junto a Moçambique, na vazante da maré deu o navio em ſecco, e no ſobreſalto de taõ grande perigo animou o Padre Belchior aos mareantes, exhortando-os a huma confiança em Deos. Retirou-ſe a fazer breve Oraçaõ: acabada começou o navio a nadar, ainda na vazante da maré, com eſpanto dos Pilotos, que attribuiraõ o caſo a effeitos da Oraçaõ do Padre, de cuja virtude tinhaõ cabal conceito, experimentado na larga viagem, em que a ſua charidade, ſe exercitou em beneficio de todos. Chegado a Goa, foy recebido do Santo Xavier com goſto, e mandado a Baçaim, aonde ſe applicou tanto no bem eſpiritual do proximo, que eſquecido de ſi meſmo, paſſava os dias ſem comer, prégando, e fazendo doutrina pela Cidade. Era taõ continuo no Confeſſionario, que muitas vezes principiando pela manhãa, ſe naõ levantava daquelle lugar, ſenaõ com duas, e tres horas de noite. Foy muy dado à Oraçaõ, em que gaſtava todos os dias ſeis horas, em que entrava a liçaõ eſpiritual. Seguiaõ muitos a ſua direcçaõ, e era muy grande o numero de diſcipulos, aſſim Religioſos, como Seculares, de que ſe ſeguia huma univerſal refórma de coſtumes. Quando o Padre Belchior Nunes andava mais occupado na converſaõ dos Gentios, na refórma dos Chriſtãos, entrou no cargo de Provincial, que elle pouco occupou, por ſeguir o caminho dos trabalhos, em laborioſas Miſſoens. Embarcou para Malaca, e neſta Cidade foraõ grandes os frutos, que colheo para o Ceo; e navegando com grandes trabalhos às Ilhas do Japaõ, padeceo perigos no mar, e na terra; e diſcorrendo por dilatadas terras, achou occaſiaõ de paſſar à China, e foy o primeiro Miniſtro do Evangelho, a quem ſe franquearaõ as portas deſte grande Imperio, taõ fechadas a S. Franciſco Xavier. Por duas vezes entrou na celebre Cidade de Cantaõ, em que annunciando a Ley de Jesu Chriſto, foraõ as ſuas palavras as primeiras noticias do Evangelho, que ouviraõ aquellas gentes. Diſputou com os Meſtres da ſua ley, e conſeguio glorioſos triunfos a Fé, e aſſim mereceo o nome do primeiro Apoſtolo

da

da China. Naõ correſpondia o fruto ao trabalho, por ſer naquella Naçaõ mayor o reſpeito aos intereſſes, do que ao entendimento, que de nenhuma ſorte queriaõ cativar em obſequio da Fé, e aſſim determinou paſſar ao Japaõ. Era já eſperado neſta Ilha, e por cumprir com a commiſſaõ, viſitou ao Rey de Bungo, em ceremonia da parte do Vice-Rey do Eſtado, acompanhado de quarenta Portuguezes, que luzidos em veſtidos faziaõ reſpeitoſo o acto, como já em outra occaſiaõ tinha feito S. Franciſco Xavier, de quem pareceo parte do ſeu eſpirito na terra; porque viſitou os Neofytos, a quem com ſaudaveis conſelhos animou na Fé, conſolou no eſpirito, reformou os coſtumes dos Chriſtãos, e das Igrejas das coſtas de Travancor, Peſcharia, e Choromandel. Paſſou à Ilha de Manar, e diſcorrendo com immenſos trabalhos na terra, no mar com naufragios, cortado das penitencias, cheyo de merecimentos acabou em o Senhor.

Sor Maria do Naſcimẽto Franciſe.

C Em o Moſteiro do Salvador de Evora, Sor Maria do Naſcimento: deſde a idade de doze annos viveo neſta Caſa, em que logo começou com fervor de eſpirito, ſentindo as faltas da idade, por lhe impedir as obrigações de Religioſa, que ſoube ſer perfeita. Todo o tempo empregava em exercicios dignos do eſtado, que profeſſara, e o que lhe reſtava das occupações, em que a punha a obediencia, gaſtava orando, e por eſte modo adquirio grande perfeiçaõ, e luz interior, que he o ſocego do eſpirito. Ajudava-ſe da liçaõ eſpiritual com a qual ſe enriqueceo, para bem ſeguir a vida Monaſtica. O Senhor a dotou de hum eſpecial dom de conſolar os afflictos, e aſſim era ella o amparo de todas as tribulações da Caſa, achando todas ſatisfaçaõ, ou no conſelho, ou no remedio, com que ſe moderava a pena, ou ſe remediava o mal. Os Confeſſores coſtumavaõ muitas vezes mandar as Religioſas communicar com a Madre Maria do Naſcimento, para que nas ſuas palavras conſeguiſſem alivio, e ſem duvida a atribulada ſocegava na affliçaõ do eſpirito, e ficava conſolada: tal era a efficaz graça deſta Santa Religioſa. Nella reſplandeceo o zelo da honra de Deos, o retiro das creaturas, e hum intimo trato com peſſoas eſpirituaes, de quem conſeguio reſpeito pela ſua prudencia, e juizo. Conſervou huma tal modeſtia, que no locutorio fallou ſempre com as cortinas corridas, para que

nem

nem visse, nem fosse vista daquelles mesmos Padres, com quem communicava o seu espirito. Teve grande horror ao peccado, de que lhe nascia repetir confissoens geraes, sendo taõ pura a sua alma, que naõ achavaõ os Confessores materia para absolviçaõ; e só a luz, com que descorria a sua humildade pudera achar defeitos, aonde a culpa parece naõ teve habitaçaõ, nem foy conhecida senaõ pelo nome. Padecia muitas enfermidades, que supportava com paciencia; e sendo continuadamente accommetida de accidentes de gota coral, taõ fortes, que perdia o juizo, que sofria como quem estimava as occasioens de ter, que offerecer a Deos, a quem agradecia as faltas de saude pelo beneficio de naõ ser Prelada, de que se tinha por indigna. Queria Deos acrisolar esta alma nas fornalhas das tribulações, e assim permittio sentisse mayor enfermidade do que as faltas da saude, em hum continuo martyrio do espirito. Era por extremo escrupulosa, de que se lhe seguia huma tal perturbaçaõ, que a trazia sempre atormentada; mas como virtuosa obedecia com resignaçaõ humilde aos Confessores. Porém o Senhor pondo termo às suas afflições, lhe revelou ser chegada a sua morte, que ella participou a sua irmãa Sor Serafina, que entaõ era Abbadessa. Passados poucos dias enfermou de huma erysipéla, que lhe acabou a vida temporal, para lha dilatar eterna na Gloria.

D. Catharina de Ataide, Dom.

D Na Villa de Aveiro, no Mosteiro das Dominicas, passou desta vida às delicias do seu Divino Esposo a Madre D. Catharina de Ataide, filha da Fundadora Brites Leitoa, taõ insigne em virtudes, que foy hum retrato de todas as em que sua mãy resplandeceo, sem mais differença, que as idades, e em mandar huma, e obedecer a outra. Sendo menina a tomou por Dama a Rainha D. Isabel, mulher delRey D. Affonso V. por sua morte a recolheo sua mãy, àquelle primeiro domicilio, em que teve principio o reformado Mosteiro de Jesus de Aveiro, e criada em virtuosos exercicios, soube em tenros annos adornarse em abalizada virtude; sem que o delicado do sexo, e da idade, difficultasse seguir vida austéra, e penitente, abraçando a Oraçaõ, já como dilicias da alma, com que de todo se entregou a seu Divino Esposo. Era bem de admirar o fervor de huma menina, criada entre os regalos, e mimos do Paço, vencer a idade com o animo, para se mortificar,

tra-

trabalhar, dormir pouco, e orar muito. Era dotada de excellentes partes, e de habilidade natural; e aſſim depois das obrigações de Religioſa, ſe dava a eſcrever os livros do Coro, e ſua irmãa D. Maria de Ataide; e do ſeu trabalho deixou neſta Caſa obras de eſtimaçaõ. Contava ſete mezes de profeſſa, quando ferida do mal da peſte, chamou ſua irmãa, dando-lhe conta de ſi, lhe diſſe: ſabia de certo ſer chegado o termo da vida, e que naõ eſcaparia. Depois de recebidos os Sacramentos, fallou a ſua mãy, pedindo-lhe perdaõ, como filha, ſubdita, e diſcipula; e recebida a ſua bençaõ, fallou às Companheiras com tal energia, e tanto a propoſito, que pareceo ſer inſpirada de ſoberana luz; e pedindo-lhe, que rezaſſem o Cantico do *Benedictus*, no fim do ultimo verſo, com grande tranquilidade ſe ſoltou aquelle ditoſo eſpirito de ſeu virginal corpo, para ſe unirem glorioſos na Univerſal Reſurreiçaõ.

Fr. Bautiſta da Trindade Carm. Deſc.

E Em a Inclyta Lisboa, no Convento de Noſſa Senhora dos Remedios, a pia memoria de Fr. Bautiſta da Trindade; o qual ſendo já Sacerdote, e Cura de S. Lazaro de Salamanca, Beneficio rendoſo, em que vivia com exemplo; mas tocado da Divina Graça, aſpirando a vida mais perfeita, em que exercitando a humildade, viveſſe debaixo da obediencia, buſcou a Religiaõ dos Carmelitas Deſcalços; e pedindo (contra o parecer, e conſelho dos amigos) o Habito no Moſteiro de Mancera, profeſſou a Carmelitana reſórma, com grande ſatisfaçaõ de ſeu eſpirito. Exercitou-ſe em ſantas virtudes, obſervando com pontualidade a Regra, dando-ſe à Oraçaõ, ſuſpirava pelas delicias do Ceo, e ſó na meditaçaõ da Sagrada Paixaõ achavaõ as ſuas ſaudades alivio, com que alentava o ſeu eſpirito à perſeverança. Era por extremo humilde, abatendo ſempre a vaidade nos exercicios mais vís da Religiaõ. Sendo Prior do Convento de Lisboa, hia com huma azemela a buſcar agua à fonte da Horta Navia; e quando chegava a barca de lenha para a Communidade, elle com alguns Religioſos a traziaõ aos hombros da praya, atraveſſando a rua publica: tal era o exemplo do Prelado, e tal a obſervancia dos ſubditos, que por o ſeguirem ſe abatiaõ; e taõ igual a humildade em huns, e outros, que enchiaõ de edificaçaõ aos que os viaõ. Quando havia obras no Convento, o Prior, para animar aos Noviços a ſerem humildes, carregava aos hombros a pedra, para

que

que perdido o pejo, ſe avançaſſem a obras grandes no deſprezo do Mundo. Sempre ſervio como ſubdito, para que no exemplo ſe executaſſe melhor a obſervancia da Regra. Eſta profunda humildade veſtia de mortificações, obſervando os jejuns da Ordem com tanto rigor, que naõ fazia collaçaõ, ajuntando no anno a eſtes, muitos de paõ, e agua. Uſava cilicios, que já na velhice os moderavaõ os Prelados: ſuppoſto que elle o ſentia. Neſte modo de vida humilde, brando, e ſuave, perſeverou, portando-ſe nas Prelaſias, que foraõ muitas, com notavel inteireza, amor, e charidade, como naſcido de hum coraçaõ verdadeiramente humilde; e depois de noventa annos de idade, empregados em exercicios ſantos, tendo recebido com fé os Sacramentos, o chamou o Senhor ao premio eterno.

Sor Iſabel da Nazareth, Agoſtinh. Deſcalç.

F Neſte dia, no Reformado, e obſervantiſſimo Moſteiro das Deſcalças Auguſtinianas, extra muros de Lisboa, chamou o Senhor a Sor Iſabel da Nazareth, Religioſa de grande veneraçaõ por ſuas admiraveis virtudes, e Angelicos procedimentos. Nella parece ſe adiantou o uſo da razaõ aos annos, contra a ley eſtabelecida do tempo; pois apenas naſcida, naõ foy poſſivel tomar ſuſtento algum, ſem que recebeſſe o Sagrado Bautiſmo, alcançando por eſte caminho, da Providencia Divina o purificalla da mancha original, para lhe antecipar a graça, que ella ſoube conſervar no augmento da perfeiçaõ. Antes de ſer Religioſa, já ſe exercitava na Oraçaõ, e penitencias, e aproveitou tanto, que recebia em Celeſtes favores o premio da ſua perſeverança. Eſtando em caſa de ſeus pays adoeceo gravemente, e quando já ſem eſperanças de vida, ſe achavaõ afflictos, tendo por infallivel a morte, chegou a ſua caſa hum Religioſo de aſpecto grave, que cauſava reſpeito: vendo-os taõ perturbados, lhe perguntou pela cauſa, que os enchera de pena. Referiraõ-lhe o perigo da filha; pedio-lhe, que a queria ver, e ſentado à ſua cabeceira lhe poz a maõ na teſta, e ordenou lhe applicaſſem huns pannos de agua roſada em huma parte occulta, que todos ignoravaõ; e ſahindo da caſa, em que eſtava a doente, ao tempo que o buſcavaõ, para com expreſſoens lhe agradecerem aquelle beneficio, o naõ acharaõ: logo entenderaõ ſer o grande Padre Santo Agoſtinho, do qual Inſtituto nunca naquella terra ſe vira Religioſo.

Parece quiz o Santo dilatarlhe a vida, para a ſervir na reſórma deſta Caſa, em que ſe eſmerou nos exercicios das virtudes, e das mortificações. Teve hum admiravel dom de lagrimas na Oraçaõ: neſta perſeverava de dia, e de noite. Obſervaraõ as Religioſas no dia que commungava, verſe-lhe no roſto huma extraordinaria formoſura, que lhe cauſava reſpeito das Companheiras. Todas eſtas virtudes encobria com profunda humildade, e hum tal abatimento da ſua peſſoa, que lhe grangearaõ veneraçaõ de virtuoſa. Padeceo hum mal de aſma etica, de que veyo a perder a vida; mas ſofria eſte com tal conſtancia, que diſſimulando a queixa, ſe offerecia a trabalhar na coſinha, a ſervir nos miniſterios de mayor pezo da Communidade, como ſe tivera ſaude robuſta. Proſtrada finalmente a natureza da violencia do mal, ſe preparou para a morte com os Sacramentos, e entre actos de Fé, e de amor de Deos, largou a ſua pura alma nas mãos do ſeu Eſpoſo.

Sor Magdalena de Chriſto, Agoſt. Deſc.

G Item no meſmo Moſteiro o obito de Sor Magdalena, de Chriſto, Religioſa, pia, branda, humilde, e de muito recolhimento, ſilencio, e penitencia. Era a primeira para o trabalho, e executar o rigor da Regra, edificando a todas as Religioſas com a ſua vida, e mortificações, naõ ſó particulares, mas ainda publicas, ſendo o exemplo da paciencia, e do ſofrimento, no modo com que ſupportava as doenças. Perſuadidas as Religioſas naõ ſó da ſua virtude, mas tambem da ſua prudencia, e talento, a elegeraõ em Prelada; e ſendo debil, e fraca por natureza, podia nella tanto o amor da Obſervancia Regular, que nunca faltou ao Coro: nelle queria ſe aſſiſtiſſe naõ ſó com a preſença, mas com eſpirito devoto, e cuidadoſo na perfeiçaõ das ceremonias da Ordem. A todas obrigava ao que deſejava, com a ſuavidade de hum animo ſanto, e amigo de Deos. A's que via inclinadas ao augmento da vida eſpiritual, e ſeguiaõ com fervor as devoções, naõ ſó lhe concedia licença, para os ſantos exercicios, mas nelles lhe era companheira, como devota, e humilde. Seis annos tinha de Prelada, com geral goſto, e approvaçaõ da Communidade, que intentava perpetualla no officio. Conheceo o deſejo, e reſpondeo, que trataria aquella materia, com quem certamente a havia de remediar, e que lhe ſegurava naõ havia de continuar em ſer Prelada. Em breve adoeceo, e como era

acredi-

acreditada em virtude, encheo de hum geral ſuſto a Communidade, vendo-a rendida de huma dor taõ vehemente, que parecia acabava nella a vida: della melhorou a beneficio de alguns remedios; mas ſobrevindo-lhe hum aperto de garganta, ſe prevenio com o Divino Sacramento com humildade, e acatamento, e aſſim entregou o eſpirito a ſeu Eſpoſo, ornado de virtudes, com quem tanto ſe deſejava ver unida; o que ſatisfez, antecipando-lhe a morte a effeitos das ſuas ſupplicas, deixando nas Religioſas huma ſaudade da ſua companhia, e hum ſentimento incomparavel do ſeu governo.

Fr. Gaſpar da Annunciaçaõ, Arrabido.

H Em o Convento de S. Joaõ de Santarem, a feliz memoria do Servo de Deos Fr. Gaſpar da Annunciaçaõ, verdadeiro filho na pobreza do Serafico Patriarca, e imitador do ſeu Apoſtolico eſpirito. Vivia na Univerſidade de Coimbra com eſtimações de Douto. Era laureado Doutor em Leys, e tendo levado por rigoroſa oppoſiçaõ huma Cadeira, quando ſe achava com os applauſos de Meſtre; tocado ſuperiormente de ſanta inſpiraçaõ deixou o Mundo, e os augmentos, que lhe promettiaõ as ſuas letras, veſtindo o humilde Habito da Provincia da Arrabida. Entrou nos Clauſtros da Religiaõ, e começou a reſplandecer na obſervancia, e diſciplina Regular, e mais perfeições religioſas em gráo ſuperlativo, eſpecialmente na Oraçaõ. Foy taõ recolhido, que rara vez foy viſto fóra da cella, em que ſempre eſtava occupado, ou meditando, ou na liçaõ das ſagradas letras. Seguio a humildade do Inſtituto Serafico, ſervindo de exemplo aos moços, e aos velhos. Em todo o tempo que viveo, naõ ſahio nunca do abatimento de Noviço. Furtava o ſerviço vil, e humilde, aos Frades mancebos, naõ ſó pelos deſcançar, mas por ſe abater, luzindo ſempre em todas as ſuas acções a virtude da humildade. O ſeu Habito era ſobre pobre, e groſſeiro, remendado de retalhos vís, que a ſua induſtria procurava; mas foraõ taõ precioſos à Mageſtade Divina, que com eſtes remendos fez a ſua miſericordia eſpeciaes favores, a quem com fé depois da ſua morte, ſe valeo da ſua interceſſaõ. Affervorava-ſe tanto no deſejo de agradar a Deos, que naõ ſó com aſperas penitencias ſe maltratava; mas com huma continuada abſtinencia, ſem comer carne, nem peixe, ſendo o ſeu quotidiano ſuſtento huma eſcudella de caldo. Naõ aceitava Viatico dos Prelados, para as jornadas, e

pedindo eſmola como qualquer pobre mendigo pelas portas, ſe dava por muitas vezes por ſatisfeito com hum pedaço de paõ ralo, com que ſe refazia do canſaço do caminho. A eſtas virtudes unio huma admiravel paciencia, para ſupportar as ſemrazoens, com que muitas vezes nas Communidades ſe perſeguem aos bem procedidos, e ainda aos virtuoſos, ſem que da ſua bóca ſe ouviſſe queixa, nem palavra, que pudeſſe ſer deſafogo do humano; e aſſim os Prelados admirados, e confundidos, ſe inteiravaõ das calumnias, com que o accuſavaõ. Deſta ſorte perſeverou com huma perfeita obediencia, a tudo o que lhe mandava a Religiaõ, até que chegado o termo infallivel da vida, foy lograr o premio merecido das ſuas virtudes, acabando com morte ſanta. Foy grande o concurſo das gentes, que com veneraçõens realçavaõ os ſeus merecimentos, naõ havendo quem ſe deſſe por contente ſem alguma pequena Reliquia do ſeu pobre Habito.

Sor Jacinta de Jeſus Maria, Dominica.

I No Moſteiro do Bom Succeſſo, extra muros de Liſboa, a morte de Sor Jacinta de Jeſus Maria, humas das primeiras Religioſas, que nelle tomaraõ o Habito: com elle chegou a taõ alto cumulo de virtudes, que foy hum exemplo perfeito da vida Religioſa. Era muy obſervante dos Eſtatutos da Ordem, e ſobre as mortificaçõens da Regra, ajuntava diſciplinas, e cilicios, dormindo ſempre veſtida. Admirava vella ſervindo os officios da Communidade por muitos annos, com trabalho grande, ſem que nunca nas penitencias, e devoçõens tiveſſe diminuiçaõ. Luzio nella a virtude da charidade com as enfermas, e o zelo da Religiaõ, no grande deſejo de que ſe augmentaſſem na virtude as Noviças, de que foy muito tempo Meſtra; e aſſim com Novenas em obſequio de ſeu Santo Patriarca, as inflammava no amor de Deos, e da Ordem. Pedia ſempre em as ſuas Oraçõens a Deos, que a ſua morte naõ foſſe por doença pezada à Communidade; e aſſim o veyo a conſeguir, acabando de hum accidente de ar, que depois de vinte e quatro horas, levou a ſua alma a gozar da Gloria.

O Irm. Agoſtinho Otta, da Compan. e 3 Companheir. MM. Jap.

K Em Firando no Japaõ, ſubiraõ glorioſos ao Ceo coroados de Martyrio, o Irmaõ Agoſtinho Otta, da Companhia de Jesu, Joaõ Mataſacú, Gabriel Xinxiró, e André Sabú, que todos, por ſerem Chriſtãos, foraõ degolados em odio do Nome de Jesu Chriſto, na cruel perſeguiçaõ do Tyranno Toxogunſama,

gunſama, pelo que merecem ſer numerados entre os eſclarecidos Martyres da Igreja Catholica.

L Item na meſma Cidade de Firando, neſte dia, Paulo Soiiró, por confeſſar ſer Chriſtaõ, foy lançado ao mar, merecendo deſta ſorte entrar no Ceo a unirſe com os ſeus compatriotas. *Paulo Soiiró, Jap. M.*

Commentario ao X. de Agosto.

A RUy Gomes da Sylva, Alcaide môr de Campo Mayor, e Ouguela, Senhor das rendas Reaes daquellas Villas, do Conſelho delRey D. Affonſo V. caſou com D. Iſabel de Menezes, irmãa inteira de D. Duarte de Menezes, Conde de Vianna, Capitaõ de Ceuta, e hum dos heroes, que produzio aquelle ſeculo, filhos baſtardos de D. Pedro de Menezes, I. Conde de Villa-Real. Deſte illuſtriſſimo conſorcio naſceraõ varios filhos, de que inda hoje, ſuppoſto que extinctas as varonias ha eſclarecida deſcendencia, e naõ menor das filhas. De huma dellas, que foy D. Brites da Sylva, faremos honorifica menção a 17 deſte mez. Joaõ de Menezes da Sylva foy na ordem o V. dos filhos de ſeu pay, de cuja Caſa ſahio, como temos viſto; e mudando com o Reyno o nome, ſe chamou Amadeo. Naõ faltou quem eſcreveſſe, que foy caſado, e que no dia das vodas, deixando intacta a mulher, largara a ſua caſa, e tudo quanto poſſuía; mas a eſta opiniaõ ſe opoem os Nobiliarios deſte Reyno, de D. Antonio de Lima, Damiaõ de Goes, Xiſto Tavares, Gaſpar Barreiros, Affonſo de Torres, Ruy Correa, Diogo Gomes de Figueiredo; e finalmente tódos quantos temos viſto, que naõ ſaõ poucos, aſſim antigos, como modernos; e ultimamente D. Luiz de Salazar e Caſtro, luz naõ ſó dos eſtudos Genealogicos, mas da Hiſtoria, na que compoz da Caſa de Sylva, na 2. part. liv. 6. cap. 24, onde eſcreve a Vida do Beato Amadeo, com a ſua coſtumada elegancia, de que reveſte a grande erudiçaõ das ſuas Obras. Eſta opiniaõ ſeguio o Padre Fr. Fernando da Soledade, Chroniſta da Ordem Serafica, na III. Parte da *Hiſtoria deſta Provincia*, liv. 6. cap. 4, onde além de o caſar, tambem reprova os que eſcrevem a inclinaçaõ, que Joaõ de Menezes da Sylva teve na ſua mocidade à Infante D. Leonor: *Perdoe Deos*, (diz elle) *a quem levantou hum teſtemunho aos ſeus procedimentos ſantos, dizendo, que elle tivera certos amores, e que por eſſe reſpeito ſe paſſara a Italia, aonde ſe fizera Religioſo, tudo falſo.* Com eſta aſſeveraçaõ pertende dar por apocrifo eſte ſucceſſo, de que ſe originou a converſaõ de Amadeo, ſem outra prova, que faça inverofimel eſte caſo, que eſcreveraõ Authores Portuguezes, muy verſados na Hiſtoria deſte Reyno, como foy Duarte Nunes de Leaõ; Gaſpar Barreiros na ſua *Corografia*, no Capitulo de Milaõ, pag. 245, impreſſo no anno 1561, em Evora; o Padre Vaſconcellos *in Deſcrip. Reg. Luſit.* pag. 525; Faria *Europ. Portug.* tom. 2. part. 3. cap. 2. pag. 354; Antonio Soares de Albergaria *Triunfos da Nobreza*, pag. 204. m. ſ. D. Jeronymo Maſcarenhas, Biſpode Segovia, bem conhecido pelas muitas Obras, que compoz, ainda que todas naõ ſe imprimiraõ, dignas pelo aſſumpto de ſerem commuas aos eſtudioſos da Hiſtoria, no livro intitulado *Amadeo de Portugal, en el ſiglo Juan de Menezes e Sylva*, que com diſcreta penna, e com tal cuidado, que a elle devemos ſaber qual foy a ſua Patria, e outras particularidades, que ſe naõ achaõ em outros Authores, impreſſo em Madrid, anno 1653.

Naõ póde ſervir de ſombra à ſua heroica virtude as primeiras vaidades da ſua adoleſcencia, nem penſamentos taõ altos fazem admiraçaõ na Hiſtoria. Sem buſcarmos exemplos fóra, na noſſa temos ſemelhante caſo, em bem differente peſſoa. Da Infante D. Brites, filha delRey D. Manoel, ſe namorou Bernardim Ribeiro, homem nobre; mas naõ da eſféra de Joaõ de Menezes. Era dotado

dotado de ſingular engenho, e na Poeſia daquelle tempo elevado. Goſtava a Infante daquelle eſtudo, e por iſſo o honrava, ouvindo com attençaõ os ſeus verſos. Deſpoſada a Infante com o Duque de Saboya Carlos III. no dia, que ſahio do porto de Lisboa a Armada, ſe poz no alto da Serra de Cintra Bernardim Ribeiro, donde ſe deſcobre huma grande parte do mar Oceano, e eſteve ſeguindo a Armada, até que a perdeo de viſta. Naquella Serra feito Ermitaõ da ſua amoroſa loucura, compoz aquelle eſtimado livro, que intitulou *Saudades*. Paſſado tempo caminhou para Italia, entrou em Saboya, ſó por ver a cauſa da ſua paixaõ. Soube que a Princeza tinha hora determinada, em que por ſua maõ dava eſmola aos pobres: introduzio-ſe na ſua companhia, ſó para a ver: conheceo-o, e lhe ordenou, que ſahiſſe ſem demora da Cidade; porque já ſe tinhaõ acabado os entertenimentos antigos do Paço Portuguez: obedeceo, mas naõ em aceitar o ſoccorro, que generoſamente lhe dava, para voltar à Patria, aonde deu com a vida fim à peregrinaçaõ, como refere Faria, tom. 2. part. 4. cap. 21. Naõ ſe oppoem à virtude de Amadeo a hiſtoria, que ſe refere ſua, antes a faz mais heroica, pelo modo com que largou o Mundo, naõ ſendo nelle menos eſtimavel, do que em muitos heroes de ſantidade, como lemos nas Vidas de alguns Santos, que depois de ſeguirem o Mundo, ſe deraõ de todo a Deos, como fez Amadeo. Fundou a Congregaçaõ, que chamaraõ dos Amadeos, a quem o Papa Xiſto IV. paſſou huma Bulla no anno de 1471, de muitas graças, e privilegios. Em ſua vida teve dezaſeis Conventos; depois com o tempo ſe uniraõ à Obſervancia de S. Franciſco. Eſcreveo o Beato Amadeo diverſas Obras, entre ellas hum livro ſobre o Apocalypſe, de que he fama, que o enterraraõ com elle na maõ, e que na encadernaçaõ eſtá eſcrito pela parte de fóra: *Aperietur in tempore ſuo.* Deſte livro ha diverſas copias em Italia, intitulado: *Nova Apocalypſis*: nelle ſe tem enxerido algumas couſas apocrifas, de que ſe queixa Wandingo no ſeu livro *Scriptores Ordinis Minorum*, e outros Authores da meſma Ordem. O Padre Alapide, commentando o Apocalypſe no cap. 1. verſ. 4, diz, que lendo-o com muito cuidado, lhe achara muitas couſas accreſcentadas, e por ſer muito atado à opiniaõ de Scoto, refere o que lhe diſſera hum Varaõ Douto: *Angelus B. Amadei fui Scotiſta.* He certo, que elle foy dotado de eſpirito profético, como ſe vê de muitos caſos da ſua Vida, e acredita a fama univerſal; e aſſim he laſtima, que a Obra de hum homem Santo ſeja cenſurada com razaõ pelos Doutos, pela transformarem. D. Nicolao Antonio na *Bibliotheca Hiſpana Vetus*, impreſſa em Roma, anno 1696, tom. 2. pag. 207. n. 725, lhe faz hum elegante elogio; mas tambem com Authores taõ graves, como Belarmino, e Bartholocio *in Bibliotheca Rabina*, cenſura por chea de impoſturas eſta Obra: como tambem naõ erem ſuas outras, que lhe attribuem.

Morreo o Beato Amadeo no anno 1482, no Convento da Paz de Milaõ, aonde ainda hoje ſe conſerva a cella em que viveo, e faleceo, e eſtá da parte direita da Capella môr, com porta para a Igreja. O lugar proprio, em que foy enterrado, ſe ignora, naõ padecendo duvida, que foy na Capella môr. Pertendendo curioſa a devoçaõ dos Religioſos averiguar o lugar, ſe conta hum bem eſtranho ſucceſſo; e foy, que ao tempo que ſe principiava aquella diligencia, ſe levantou huma tal tempeſtade dentro na Igreja, que com muito trabalho ſe puzeraõ em ſeguro, largando a pertençaõ. O ſeu Habito permanece com grande veneraçaõ no meſmo Convento, pelo qual eſtá Deos acreditando com prodigios a eſte ſeu Servo. O ſeu retrato ſe conſerva na Sacriſtia, e no noſſo Reyno ha alguns, e em Caſa do Marquez de Gouvea vimos hum, com outro de ſua irmãa D. Brites, de excellente pintura, o qual tem a honra de ſer parente de tal Santo, como deſcendente da Familia de Sylva, como outros grandes Senhores da noſſa Corte, que tem a honra de terem hum taõ ſanto parente, e ſaõ da meſma Familia de Sylva.

Além dos Authores acima allegados, trataõdelle Wandingo nos *Annaes da Ord. ad an.* 1482. tom. 16. pag. 313, impreſſo no anno 1735; Artur no *Martyrologio Franciſcano*, onde cita muitos Authores, que fazem menção deſte Servo de Deos, e o faz da Caſa Real de Portugal; ſendo que muito Illuſtre a ſua Varonia era de Sylva, como temos dito; Paulo Morigia na *Hiſtoria da origem de*

todas

todas as Religioens, cap. 50; Gil Gonçalves de Avila *Grandezas de Madrid*; *Conſejo de Eſtado de Portugal*, pag. 501; *Relaçaõ do Biſpado de Elvas*, pag. 18, na Villa de Campo Mayor, donde diz ſer natural, o que temos por erro, conforme o que temos ſeguido; *Hiſtoire des Ordres Religeux*, tom. 7. cap. 12. pag. 104; Fr. Jeronymo Roman *Rep. del Mundo*, part. 1. liv. 6. cap. 370; Schotus *in Bibliotheca Hiſpaniæ*, pag. 477, impreſſa no anno 1608, e modernamente o Abbade de Sever Diogo Barboſa Machado na *Bibliotheca Luſitana*, letra A.

B Naſceo na Cidade do Porto o Padre Belchior Nunes Barreto, e teve na Companhia dous irmãos, que foraõ o Padre Affonſo Barreto, e o Padre Joaõ Nunes Barreto, Patriarca de Ethiopia, de quem faremos menção a 20 de Dezembro. Eraõ filhos de Fernaõ Nunes Barreto, Senhor dos Coutos de Freiriz, e Penagate; e de Iſabel Ferraz, Fidalgos honrados, ainda ſe faz a ſua Familia mais eſtimada com a memoria de taes filhos. Eſtudou em Coimbra, e ao tempo que eſtava já aceito na Companhia, fez hum acto, e depois de recebidos os parabens dos amigos, ſe foy ao Collegio, e ordenando-lhe o Meſtre Simaõ levaſſe a propina ao Padrinho daquelle acto, elle lhe obedeceo com extraordinaria admiraçaõ, tomando hum carneiro eſfolado aos hombros, atraveſſou as ruas da Cidade, por entre os amigos, e conhecidos, que havia pouco o viraõ em taõ luzido acto, que parecia naõ ſer argumento de vida taõ abatida. Com eſte inſigne acto de humildade deu principio à vida Religioſa, que ſeguio em toda a perfeiçaõ. No trabalho de reduzir as almas ao conhecimento do verdadeiro Deos, foy taõ continuo, como teſtemunhaõ as largas Miſſoens, em que andou, padecendo muito, ſó por dilatar a gloria do Nome de Jeſu Chriſto. Convenceo em publica diſputa hum Herege Neſtoriano; e porque na India havia ſequazes de Luthero, que com zelo diabolico pertendiaõ diffundir os ſeus erros, elle naõ ſó os perſeguia, mas fez com o Vice-Rey os exterminaſſe do Eſtado, e lhe prohibiſſe a communicaçaõ. He ſem duvida o Padre Belchior Nunes Barreto hum dos mais inſignes Miſſionarios da Companhia, acreditado pela eſtimaçaõ, que das ſuas letras, e virtude teve S. Franciſco Xavier; cujo relicario elle achou na Illha de Lampaçaõ, e reſgatou como precioſa joya. Teve hum particular dom de encaminhar almas; perſuadio a muitos a fazerem exercicios eſpirituaes, ſuccedendo-lhe em Baçaim muitas vezes, ſer director de dezoito, e vinte exercitantes ao meſmo tempo. He eſte hum dos mais ſingulares meyos, que póde ter huma alma para ſe dar a Deos; porque no retiro, e ſocego, ſe applica a examinar a conſciencia, a deteſtar as culpas, e aſpirar ao caminho da perfeiçaõ. Foy de animo taõ candido, e ſuave, que os Mercadores em Cochim o faziaõ arbitro das ſuas duvidas, ſendo de todos amado. Tendo cincoenta annos de idade, vinte e oito de Roupeta, vinte gaſtados em laborioſas fadigas do Evangelho, morreo neſte dia, no anno de 1571. Trataõ delle Nadaſi *Dierum Memorabilium*; o *Menologio da Companhia* m. ſ. ambos neſte dia; Orlandino *Hiſtoria da Companhia*, liv. 1. num. 188. e liv. 3. n. 120; Telles na *Chronica deſta Provincia*, part. 1. liv. 3. cap. 17; Souſa *Oriente Conquiſtado*, part. 1. D. 1. §. 60. e part. 2. Conq. 1. D. 1. §. 41; Andrade *Var. Illuſtres da Companhia*, tom. 6. pag. 726; Franco na *Biblioth. Luſit.* m. ſ. Alegambe na da *Companhia*, *in verbo Melchior*; Fernaõ Mendes Pinto, cap. 25. e 29. e ſeg. Telles *Ethiopia Alta*, liv. 2. pag. 150; Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia, e modernamente o Abbade de Sever na *Bibliotheca Luſitana*.

C Neſte Moſteiro profeſſou Sor Maria do Naſcimento, e nelle teve mais duas irmãas Sor Serafina do Salvador, e Sor Margarida da Columna, em que os coſtumes foraõ parecidos com as virtudes, que praticaraõ. Eraõ filhas do Doutor Alvaro Martins de Caſtellobranco, Corregedor da Comarca de Evora, e de D. Brites de Molar, naturaes da Villa de Belmonte. Faleceo Sor Maria do Naſcimento, em eſte dia, do anno de 1641, tendo cincoenta annos de idade. O referido conſta do livro da Fundaçaõ deſte Moſteiro m. ſ.

D Em o dia tres deſte mez, tratámos da Veneravel Matrona Brites Leitoa, Fundadora do Moſteiro das Dominicas de Aveiro, de quem foy filha a Madre D. Catharina de Ataide, que com pouco mais de dezoito annos de idade, ſe avançou tanto na virtude, que merece ſer perfeita idéa de todas as que deſejaõ

ſejaõ ſeguir a vida Religioſa, principalmente das a quem a natureza, ou a fortuna dotou de ſangue illuſtre, para deſprezarem como ella nos annos mais floridos as attenções do Paço, e os offerecimentos, que faz o Mundo nas peſſoas da ſua qualidade, para viver pobre, e penitente, dedicando-ſe ao Divino Eſpoſo. Faleceo neſte dia, do anno de 1466. Sua Vida eſcreve o Padre Fr. Luiz de Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 13; e Lima no *Agiologio Dominico*, a 10 de Agoſto.

E Teve Fr. Bautiſta da Trindade por Patria o Lugar de Adonay, pouco diſtante da Cidade de Bragança. Seus pays foraõ Lavradores honrados, que o criaraõ com cuidado em ſanto temor de Deos: depois de capaz em a lingua Latina, o mandaraõ eſtudar Canones a Salamanca. Vivia retirado aproveitando-ſe da criaçaõ, que tivera, ſem querer divertimentos, que lhe embaraçaſſem os eſtudos, nem menos aquellas companhias, com que ſe vem a eſtragar a ſaude, e arruinar a alma. Acabou os eſtudos, ordenou-ſe Sacerdote, e ſendo provido no Curato de S. Lazaro, vivia com exemplo, ſoccorrendo aos pobres: mas ainda aſſim nada baſtou, para que da meſma virtude da charidade lhe naõ levantaſſem hum teſtemunho com huma Donzella a quem ſoccorria; porém o meſmo calumniador deteſtou a falſidade, vendo-ſe às portas da morte, e ficou a innocencia gozando da ſua liberdade; porque naõ permitte Deos, que dure a maledicencia muito tempo, em prejuizo de ſeus Servos. Ainda que com reſórma de coſtumes tinha vida accommodada com amigos, e divertimentos, com que paſſava com decencia; ſuccedeo morrerlhe hum amigo de grande trato, e familiaridade: o ſer de partes amaveis, e no mais robuſto da idade, o fez entrar em penſamentos de ſer Religioſo de alguma Familia reformada: com elles batalhou algum tempo: finalmente, tomando o Habito em Mancera, depois de ter ſido Prior deſta Caſa, paſſou a Portugal, e a ſua obſervancia o occupou por muitas vezes nos Priorados; e ſem embargo do ſeu procedimento ſanto, naõ lhe faltaraõ mortificações, com que o eſpirito mais ſe enriquecia. Faleceo neſte dia, do anno de 1627, no Convento dos Remedios. Quem quizer ver mais largas noticias ſuas, veja Fr. Belchior de Santa Anna na *Chronica deſta Provincia*, liv. 3. cap. 45.

F He da Abbadia de Alcobaça a Villa da Pederneira, que fica na coſta, que corre de Liſboa para o Norte, em ſitio agradavel, povoaçaõ de duzentos e cincoenta viſinhos, com bom porto, e capaz de fabrica de navios, onde em noſſos tempos ſe fizeraõ alguns. Neſta Villa naſceo Sor Iſabel de Nazareth. Teve por pays a Domingos Gomes, e Catharina Paes. Quando entrou na Religiaõ, era já exercitada em mortificações, e tinha goſtado do ſanto exercicio da Oraçaõ mental, em que tanto ſe adiantou, que mereceo receber do Senhor ſingulares favores. Faleceo neſte dia, do anno de 1689. O referido tirámos de huma Relaçaõ, que temos deſte Moſteiro, que nos participou o Reverendiſſimo Padre Fr. Agoſtinho de Santa Maria, Vigario Geral dos Deſcalços de Santo Agoſtinho.

G Conſta, que Liſboa foy Patria da Madre Sor Magdalena de Chriſto, e ſeus pays Franciſco Mendes, e Juliana das Neves; naſceo em dia da Expectaçaõ, e por iſſo ſe chamou Eſperança, antes de entrar na Religiaõ. Naõ tinha mais de treze annos, quando entrou neſte Moſteiro. Foy entendida, e prudente, e de muy debeis forças, que fizeraõ ainda mais attenuadas o rigor da auſtéra vida deſta Caſa. As Preladas, que conheciaõ a ſua compleiçaõ naõ ſer para trabalho grande, a occupavaõ em bordar, e coſer. Naõ tinha mais, que quarenta e hum anno de idade, quando a elegeraõ em Prelada: taes eraõ os ſeus ſantos coſtumes, e neſte officio permanecera largos annos, ſe ella naõ pedira a Deos lhe tiraſſe a vida, viſto a naõ quererem abſolver do lugar. Morreo neſte dia, no anno de 1700, ſegundo a Relaçaõ authentica, que já temos allegado.

H No anno de 1618, faleceo neſte dia Fr. Gaſpar da Annunciaçaõ, natural da Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, que com generoſa reſoluçaõ abraçou o Inſtituto da reforma da Arrabida: como era Letrado foy feito Prégador, que elle recuſava por lhe parecer graduaçaõ entre os humildes, em que ſe queria conſervar abatido. Conſtrangido da obediencia aceitou o officio, que exercitou com Apoſtolico eſpirito, reduzindo toda a ſua perſuaçaõ ao bem das almas, que deve ſer o verdadeiro objecto dos Pré-

Prégadores, e naõ com figuras de Rethorica, e ſubtilezas de engenho, com que de ordinario elevaõ os ouvintes, deixando a moral explicaçaõ do Evangelho, de que as almas tiraſſem o fruto, que os Pardres conſeguiaõ na primitiva Igreja. O que temos referido de Fr. Gaſpar, tirámos do Memorial da Provincia da Arrabida, num. 258.

I De Sor Jacinta de Jeſus Maria, Profeſſa da Ordem de S. Domingos, que faleceo no anno de 1674, trata Lima no *Agiologio Domin.* neſte dia, allegando as memorias do Moſteiro do Bom Succeſſo.

K O Irmaõ Agoſtinho Otta, Japaõ de naſcimento, e ſeus tres Companheiros comenſaes da Companhia, todos conſtantes ſouberaõ trocar neſte dia a vida temporal pela eterna, no anno de 1622, como eſcreve o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 284.

L No meſmo anno de 1622, imperando o referido Tyranno, ſe executou a ſentença do Bemaventurado Paulo Soiiro, de que fizemos curta menção, por naõ conſtar mais do que refere Cardim ibidem.

AGOSTO XI.

Fr. Antonio de Chriſto, Erem. de S. Agoſtinho.

AM a Cidade de Goa, no Convento dos Eremitas Auguſtinianos, a ſanta morte do Padre Fr. Antonio de Chriſto, que ſendo Prior do Convento de Saõ Nicolao de Tolentino de Ugolum, porto de Bengala, no tempo que foy ſitiado pelos Mouros no anno de 1632, e ſendo rendido depois de grande mortandade, cativaraõ mais de quatro mil peſſoas, entre gente branca, e naturaes da terra; neſte numero entrou Fr. Antonio de Chriſto, e outro Religioſo da meſma Familia, Fr. Franciſco da Encarnaçaõ, que havia pouco fora mandado àquella Miſſaõ. Conduziraõ-nos à Corte do Mogor; e como naõ quizeraõ abraçar a infame Seita de Mafamede, foraõ atados cruelmente, e lançados a elefantes, que ainda que irracionaes, menos crueis, que os Barbaros, porque lhe naõ fizeraõ damno algum; antes com hum inſtincto ſuperior, faziaõ taes geſtos, que pareciaõ demoſtrações de reverencia, como quem ſe naõ attrevia a maltratar os Sacerdotes. Vendo o Rey Mogor, que as féras ſe compadeceraõ daquellas creaturas, com mayor crueldade do que ellas, ordenou foſſem empalados; mas reparando na alegria, com que abraçados com o patibulo, que levavaõ às coſtas, caminhavaõ ſatisfeitos, e contentes, admirado de tal conſtancia, os mandou buſcar perante ſi, e com generoſidade de Principe, lhe diſſe: que eſtava de animo de lhe fazer merce; que pediſſem o que quizeſſem, que tudo lhe ſeria outorgado. Os Servos de Deos animados do Divino Eſpirito, lhe pediraõ a li-

berdade dos Companheiros, que com elles ſoraõ cativos, que vieraõ a conſeguir depois de larga prizaõ, em que eſtes dous Religioſos padeceraõ muitos trabalhos, opprimidos de fomes, ſedes, e açoutes, com que purificando as ſuas almas nas perſeguições, ſe faziaõ as ſuas obras, dignas do Conſpectu Divino. Finalmente, reſtituidos ao Bandel de Vogolim, Fr. Franciſco da Encarnaçaõ acabou a vida no Convento de Malaca; e Fr. Antonio, ſervindo a Religiaõ, foy o vigeſimo quinto Provincial da Congregaçaõ da India; e eſtando nomeado Biſpo da China, neſte tempo foy chamado ao premio de ſeus trabalhos, acabando Confeſſor.

Sor Brites Salema, Do. minic.

B No Moſteiro de S. Domingos das Donas de Santarem, Sor Brites Salema, Religioſa muy obſervante, de grande penitencia, e Oraçaõ, e naõ menor zelo da guarda dos Inſtitutos da Ordem, acompanhado de fervente charidade, naõ ſó para as Freiras, domeſticas, ſerventes, e eſcravas, que ajudava a ſervir como ſe fora huma dellas, mas tambem para os pobres de fóra. A ſua vida ſe fundou em hum profundo abatimento da ſua peſſoa, tomando por ſua vontade os mais baixos, e vís da Caſa, naõ ſó ſendo moça, mas tambem depois de muito velha, alimpava as immundicias do Moſteiro, e ſempre andava com a vaſſoira na maõ varrendo tudo o que naõ eſtava muito limpo. No Coro nenhum officio eſtimava fóra o de Noviça: quando as Religioſas hiaõ a elle, já tinha tudo prompto, e concertado, como ſe fora da ſua obrigaçaõ. Naõ lhe era difficultoſo; porque ſempre vigiava, mortificando-ſe com faltas de ſomno. Foy taõ abſtinente, que nunca comeo mais que paõ ſecco, e molhado, quando já pela idade naõ tinha dentes. A raçaõ da Ordem applicava, com licença das Preladas, para manter pobres prezos na cadea. Toda a vida ſervio as doentes, e ainda depois de velha, naõ cedia a ſua charidade às mais cuidadoſas ſervidoras da Enfermaria. Indo acodir com preſſa a huma enferma com certa couſa, que levava na maõ, ou ſe queimou, ou ſe ferio; de ſorte, que em poucos dias lhe ſaltaraõ erpes, e livrando a vida perdeo a maõ, e ficou aleijada; mas naõ deſiſtio de ſervir. Naõ impedia trabalho taõ continuo, ter objecto mayor a ſua virtude; porque depois das horas, a que era obrigada aſſiſtir, ſempre ficava em Oraçaõ; e ainda naquelles dias, que o coſtume da Ordem diſ-

penſava

penſava Matinas de meya noite, àquella hora acodia ſó ao Coro, e alli aturava até Prima, taõ elevada na Oraçaõ, que de nada dava fé, poſta de joelhos, com as mãos levantadas, e os ſentidos arrebatados ao Ceo. Quantas vezes em tardes de Veraõ, ſuccedeo entrarem Religioſas, e verem-na com o roſto cuberto de moſcas, extactica, e ſem ſentidos, nem acordo, de que eſtava no Mundo; porque o coraçaõ penetrava o Ceo! Neſte modo perſeverou toda a vida, até que a effeitos da ſua charidade ſe lhe originou a morte, com tantas circunſtancias de Predeſtinada, que moſtrou paſſar das agonias da morte ao Celeſte thalamo de ſeu Eſpoſo, que ha de durar na eternidade. Saudoſas as Religioſas de taõ ſanta Companheira, de conſentimento commum, louvaraõ a Deos em ſeus Servos, e ſeguiraõ a ſua gloria com o alegre Hymno: *Te Deum laudamus.*

Frey Antonio Soares de Albergaria, Ciſterc.

C Em o ſumptuoſo Moſteiro de Alcobaça da Ciſtercienſe Familia, repouſou em paz o muito exemplar Padre Fr. Antonio Soares de Albergaria, homem verſado nas Divinas Letras, e de grande eſtudo da Sagrada Eſcritura, com cuja liçaõ inflammado na intelligencia dos ſoberanos Myſterios, entrou em hum efficaz deſejo de ver com os ſeus olhos os Lugares Santos, em que teve principio, e fim a Redempçaõ do genero humano; e vencendo a eſte fim naõ poucas difficuldades, poz em execuçaõ o penſamento, com que havia tempos lidava. Alcançada licença dos Prelados com ſegredo, porque naõ chegaſſe à noticia de ſeus parentes, que eraõ peſſoas poderoſas, e lho podiaõ embaraçar, ſe poz a caminho para Roma, aonde chegou, e beijando o pé ao Santo Padre Julio III. que o honrou com favores, e graças, e por elle eſcreveo ao Patriarca dos Maronitas, e fiou da ſua peſſoa outros negocios pertencentes à Igreja. Favorecido do Papa, partio de Roma em companhia do Veneravel Meſtre Simaõ Rodrigues, Fundador da Companhia em Portugal, que teve grande ſatisfaçaõ em taõ abalizado Companheiro. Deu fim àquella peregrinaçaõ com affectos, em que moſtrava o ſeu devoto zelo, e voltando à Curia, deu conta ao Papa do que lhe encarregara, e ſe deu por muy ſatisfeito do ſeu talento. Deſta jornada fez huma Relaçaõ do que vira, e dos caſos notaveis, que lhe aconteceraõ, dirigindo em claro methodo huma liçaõ proveitoſa ao eſpirito.

Pedro, Jap. D Em o carcere da Cidade de Miaco, deu glorioſo fim à ſua vida Pedro, Japaõ de naſcimento, que em companhia de ſeu pay fora prezo, e ſofrendo por amor de Chriſto, com admiravel reſignaçaõ os trabalhos, em que acabou a vida, ſete dias depois da morte de ſeu amado pay, que taõ bem o educara, o foy acompanhar no Ceo.

Sor Irya de S. Bernardo Franciſc. E Na Cidade de Angra, no Moſteiro de S. Gonçalo, Sor Irya de S. Bernardo, que de mais de obſervantiſſima da Regra de Santa Clara, dando pontual ſatisfaçaõ a todos os preceitos della, cumprindo com todas as obrigações de Religioſa, exercitando-ſe em todo o genero de virtudes: foy muy dada à Oraçaõ, a qual começou a praticar da tenra idade de tres annos, ſendo entaõ illuſtrada com eſte eſpecialiſſimo dom; já ſabia o Credo, para que com pleno conhecimento da Fé, ſe accendeſſe no Divino Amor em que tanto ſe inflammava, que naõ cabendo nos eſpaços do coraçaõ, ſuperabundavaõ os effeitos da Divina Graça, em actos externos, que davaõ a conhecer o quanto ſe abrazava aquella pura alma nos incendios do Amor Divino; pois com hum extraordinario calor, que lhe durou toda a vida, moſtrava, que em ſeu peito era o fogo perpetuo, que ardia em obſequio de ſeu Eſpoſo, ſem que o tempo diminuiſſe o ſacrificio. Em recompenſa de taõ puro amor mereceo na vida liberaes favores do Altiſſimo, com que ſe recreava o eſpirito, para mais o ſervir; e na morte a acreditou com viſiveis milagres, que fizeraõ mais patente os merecimentos da ſua vida. O Medico, que lhe aſſiſtia, vendo-ſe atormentado com a dor de hum dente, acabando de tocar na Serva de Deos, applicou o dedo ao dente, e ficou livre. Huma Religioſa, que de huma defluxaõ tinha o roſto inchado, o ajuntou ao da Serva de Deos, e em preſença de todas, ſem dilaçaõ ficou boa. Outra Religioſa, que eſtava junto do feretro, em que eſtava a Serva de Deos, e da ſua virtude naõ fazia o conceito, que merecia a ſua vida, foy accommetida repentinamente de huma vehemente dor, e afflicta ſe lançou ſobre o eſquife, dizendo: *Se ſois poderoſa com Deos, intercedey por mim, tirandome eſta dor.* Caſo maravilhoſo! Ao meſmo tempo ficou ſãa. Eſperava na Igreja a gente principal, e povo, que chegaſſe o Veneravel Corpo ao Coro, e com inſtancias rogaraõ, que o puzeſſem junto à grade, para ſe conſolarem

ſolarem com a ſua viſta, e com todas as demonſtrações de fé pediaõ Reliquias ſuas; e aſſim ſe repartiraõ todas as ſuas pobres alfayas, naõ ſó pela Cidade, mas pelas demais Ilhas, com que o Senhor tem manifeſtado em prodigios a gloria de ſua Serva.

D. Maria Fernandes, Abbadeſſa de Ciſter.

F No Moſteiro de Cellas de Coimbra ſe conſerva a memoria de D. Maria Fernandes, eleita Abbadeſſa deſte Religioſo Moſteiro, no anno de 1330, peſſoa de abalizada virtude, em que o deſprezo de ſi meſma, foy taõ abatido, que lhe parecia ſer obrigada a ſe aniquilar ao mais profundo da humildade, naõ querendo houveſſe couſa nella, que mereceſſe louvor. Conſta por tradiçaõ daquella Caſa, que por hum Prelado daquella Dioceſi lhe louvar as mãos de bem feitas, as cortara logo, e recolhendo-ſe à cella afflicta lhe foraõ reſtituidas por interceſſaõ de Noſſa Senhora: mereceria a ſua fervoroſa devoçaõ à Virgem eſte ſingular favor, que o ſeu indiſcreto zelo lhe fez obrar; porém como Deos vê os corações, e por elles coſtuma retribuir, ſendo occulto aos perſpicazes olhos dos criticos, as cauſas porque obra, ſem que queira ſirvaõ de exemplo ſemelhantes reſoluções.

Commentario ao XI. de Agoſto.

A O Reyno de Bengala, na Aſia, em o Indouſtaõ, ao Oriente Meridional do Imperio do Mogor, he regado do celeberrimo Ganges, e fertiliſſimo de muitos, e delicados frutos, e alguns como os do noſſo Reyno; tem aſſucar, pimenta, e outras precioſas drogas do Oriente, diverſidade de animaes terreſtes, e volateis, infinidade de algodaõ, de que ſe fazem primoroſas obras de lavores, e ſobre tudo os precioſos bordados de ſuas colchas, e outras manufacturas de eſtimaçaõ. Pouco mais de cincoenta annos da entrada dos Portuguezes na India, hum Arabe, que na Cidade de Gouro Capital do Reyno, ſe fizera poderoſo em cabedaes, e valia do Rey de Bengala, e pelo muito que lhe era obrigado, entre outras merces grandes, o fez guarda da ſua peſſoa, a que elle correſpondeo taõ mal, que matando-o hum dia, ſe apoderou do Reyno, e ficou ſendo a origem dos Reys Mouros. He eſte Paiz muy dilatado, bello, e rico, de grande trato, como centro do commercio da India, e continuamente frequentado dos Portuguezes, que abrindo eſte caminho aos Europeos, foraõ depois Francezes, Hollandezes, e Inglezes, em que com damno da Igreja Catholica, ſe tem introduzido o livre exercicio da Religiaõ de cada hum. Martiniere no grande *Dictionario Geografico*, faz delle hum largo artigo, letra B, *in verbo Bengala.*

Os Religioſos Eremitas neſte taõ dilatado Reyno, que fazem ter ſeiſcentas leguas de comprimento, e mais de largura, entre os Reynos de Pegu, e Goloconda, levantaraõ muitas povoações de Chriſtãos, empregando-ſe com grande fruto neſta Miſſaõ, em que bautiſaraõ naõ ſó meninos, que criavaõ na noſſa ſanta Fé, mas muito grande numero de adultos, que inſtruiraõ a ſeguir o Nome de Jeſu Chriſto, como ſe vê de muitas certidoens paſſadas, que o teſtemunhaõ. Na povoaçaõ de Ugolum, a que elles daõ nome de Bandel, reſidia o Padre Fr. Antonio de Chriſto, de quem tratamos, e

tendo

tendo tomado o Habito na Provincia de Portugal, paſſou à India na Miſſaõ do anno de 1624, onde fazendo a Deos notaveis ſerviços, foy hum dos mais graves Padres da ſua Religiaõ; e depois de largos trabalhos acabou no Convento de Goa, no anno de 1660, como refere huma Relaçaõ m.ſ. que temos já allegada outras vezes, deſta Provincia, e outra impreſſa das Chriſtandades da India.

B A Madre Brites Salema foy das antigas habitadoras do Moſteiro de S. Domingos das Donas da Villa de Santarem. De ſuas virtudes eſcreve diffuſamente o Padre Fr. Luiz de Souſa na Parte I. das *Chronicas deſta Provincia*, liv. 5. cap. 33. Foy ſua morte no mez de Agoſto, e neſte dia a poem o Author do *Agiologio Dominico*; porém nem nelle, nem nas Chronicas achamos o anno da ſua morte.

C Em o anno de 1552, partio o Padre Fr. Antonio Soares de Albergaria do Moſteiro de Alcobaça, para Jeruſalem. Deſta jornada compoz hum livro com huma individual relaçaõ do que paſſou, dando noticias das Nações, trajes, e coſtumes, ritos, e ceremonias ſuperſticioſas; deſcrevendo as terras por onde paſſou de Helpanha, França, Italia, Grecia, Paleſtina, Samaria, Antaliſano, e Lybano, com os ſitios, e principios, que tiveraõ, e o eſtado em que naquelle tempo ſe achavaõ, e tudo o que vio digno de memoria por taõ diverſos Reynos. Eſcreveo em eſtylo claro, adornado com liçaõ eſpiritual para os devotos. Naõ ſe imprimio, e ſe conſerva entre os m.ſ. de Alcobaça. Foy filho de Lourenço Soares de Mello, Mordomo môr do Infante Cardeal D. Affonſo; e de ſua mulher D. Iſabel de Ortiz, filha baſtarda de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, Biſpo de Vizeu. Eſte Lourenço Soares era da Familia dos Abreus, Senhores de Regalados, e alguns Genealogicos o fazem filho baſtardo de Antaõ Gomes de Abreu, que nós entendemos ſer legitimo, com o fundamento, que tomou da mãy o appellido, por ſer D. Iſabel de Mello filha de Fernaõ Soares de Albergaria, e por eſta cauſa, que naõ podia ſer outra, deixou o appellido do pay, de que uſaraõ todos os mais irmãos, por tomar o de ſeu avó, como coſtumaõ muitas vezes os filhos ſegundos; e ſe fora natural, naõ uſaria ſenaõ do de ſeu pay, e o meſmo appellido ſeguiraõ ſeus filhos Diogo Soares de Albergaria, Védor da Caſa do meſmo Infante, e de ſua irmãa a Infante D. Maria, e Gomes Soares de Albergaria, Commendador de Monçaõ, e Fr. Antonio Soares de Albergaria, de quem faz mençaõ o liv. 2. dos Obitos de Alcobaça, pag. 459. num. 51.

D Era Pedro filho de Franciſco, de quem fizemos mençaõ a tres deſte mez, e ſendo com elle prezo, acabou tambem no carcere, no anno de 1619, como refere o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 280.

E Pelos annos de 1668, faleceo Sor Irya de S. Bernardo, natural da Ilha Gracioſa, huma das nove dos Açores, e profeſſou no Moſteiro de S. Gonçalo de Angra, da Ordem Serafica; mas da obediencia dos Biſpos daquella Cidade. Em algum tempo parece foy ſugeito aos Biſpos do Porto, de que ſe deſmembrou por Breve Apoſtolico. Foy Fundaçaõ de Braz Pires do Canto. Fica ao Poente da Cidade, em ſitio agradavel da terra, e larga viſta do mar. O que temos referido de Sor Irya, tirámos de huma Relaçaõ, que deſte Moſteiro alcançámos por o Conego Manoel Carlos do Canto, Fidalgo principal da dita Cidade.

F No Moſteiro de Cellas de Coimbra, ſe conſerva huma antiga tradiçaõ do caſo referido, que ſe continua com huma pintura, que no Clauſtro eſtá, onde ſe vê pintado eſte ſucceſſo, verdadeiramente eſtranho, mas naõ novo, acreditado de Authores de boa nota. De huma Religioſa refere o Cardeal Jacobo de Vitriaco, que namorado hum Principe dos ſeus olhos, os tirara, e lhos mandara, dizendo: que alli hiaõ as ſettas, que feriraõ o ſeu coraçaõ. Outro ſemelhante eſcreve Sophronio no *Prado Eſpiritual*, cap. 60, de outra Virgem, de que naõ differe nada Santa Lucia, como diz Sabelico, liv. 4. dos *Exemp.* cap. 8, os quaes cita o Doutiſſimo Alapide *in Cantica*, cap. 4. verſ. 9. pag. 169. *mihi*. Da Beata Luiza a Caſta, refere o *Agiologio Dominico*, que tirando os olhos pela pertençaõ de hum mancebo, lhos mandara, e depois milagroſamente ſe lhe reſtituiraõ: eſte caſo referem as *Hiſtorias da Ord.* de Artur, Pio Fernandes, Rodero, o *Diario Domin. Italiano*, e o *Anno Dominico*, de Soveges, em Francez. Deſta ſorte, nada tem de impoſſivel o caſo da Madre D. Maria Fernandes, Abbadeſſa de Cellas, cujas memorias chegaõ até o anno

de

de 1340. No Capitulo daquella Caſa ſe conſerva em huma pedra hum Letreiro do ſeu tempo, mas taõ gaſto, que já ſe naõ póde formar ſentido do que contém O referido tirámos das Memorias m. ſ. que deſte Moſteiro ſe nos mandaraõ.

AGOSTO XII.

SS. Graciliano, e Feliciſſima MM

AM Alcacer do Sal, na Provincia Tranſtagana, o Martyrio dos Santos Graciliano, e Feliciſſima, ſeus naturaes, de geraçaõ nobre, e illuſtres pela confiſſaõ da Fé de JESU Chriſto, que ſouberaõ abraçar, em tempo que a cegueira Gentilica cobria em Heſpanha as verdades do Evangelho. Teve Graciliano occaſiaõ de ler por hum livro dos Evangelhos, e ſuperiormente allumiado, ſe abrazou em vehementes deſejos de ſer Chriſtaõ; e buſcando a eſte fim hum Sacerdote, por nome Euticio, recebeo de ſuas mãos a ſagrada agua do Bautiſmo. Eraõ ſeus pays Gentios, e cheyos de pezar de verem ao filho apartado dos ſeus ritos, o perſuadiaõ a que tornaſſe a ſeguir aos Deoſes, pondo-lhe diante dos olhos o temor dos ſeveros Edictos do Emperador Alexandre, de que o conſtante mancebo ſe moſtrava ſem pavor. Chegou a ſua reſoluçaõ à noticia do Prefeito da Salacia o Conde Traſo Salarienſe, que logo o mandou prender no carcere, onde maltratado de boſetadas, pertenderaõ que pelas affrontas, e fomes ſeria vencido, ou pagaria com a vida o deſprezo, que ſentiraõ os Deoſes. Mas o conſtante mancebo, firme na reſoluçaõ, mereceo pela ſua fé, que a Divina Providencia moſtraſſe os admiraveis effeitos da ſua Omnipotencia, obrando pelas mãos de Graciliano inſignes prodigios; porque ſarou enfermos, deu viſta a cegos, reſtituîo paralyticos, e reſucitou mortos, e com taõ eſtupendas maravilhas acreditava o Senhor a ſeu Servo. A' fama dos ſeus milagres acodio huma Donzella, cega, naõ ſó corporalmente, mas tambem na alma, por nome Feliciſſima, acompanhada de ſua mãy já viuva, e com inſtancia pediaõ lhe deſſe viſta; e pelas Orações de Graciliano lhe foy concedida. Recebida a luz do dia nos olhos, lhe entrou a claridade no eſpirito, pedindo o ſanto Bautiſmo, que ambas receberaõ da maõ do Sacerdote Euticio. Participaraõ o caſo ao Prefeito, e ordenou foſſe logo metida no carcere Feliciſſima, e guar-

e guardada em apertada prizaõ, em quanto naõ offereceſſe incenſo aos Deoſes. Mas vendo, que Graciliano, e Feliciſſima, conſtantes na Fé de JESU Chriſto, perſeveravaõ ſem medo dos ameaços, mandou, que depois de lhe pizarem as bocas com pedras foſſem degolados; e deſta ſorte voaraõ as ſuas benditas almas coroadas de Martyrio ao Ceo. Naõ tinhaõ os pays de Graciliano outro filho, e ſentindo como Gentios, choravaõ como deſgraça a ſua morte, naõ ſabendo quam precioſa era diante de Deos; mas eſte Senhor pelos merecimentos dos Martyres, foy ſervido, que lhe appareceſſem Graciliano, e Feliciſſima, reſplandecentes, acompanhados de dous Anjos, com veſtes candidas, e naõ ſó os conſolaraõ, mas exhortando-os, a que deixando a cegueira do Gentiliſmo, abraçaſſem a Religiaõ Chriſtãa, manifeſtando-lhe, que o Conde Prefeito dentro em tres dias morreria, o que aſſim ſuccedeo; e convertendo-ſe a Chriſto, acabaraõ a vida em obras pias, ſantas, e devotas. Foraõ os corpos dos Santos Martyres ſepultados com veneraçaõ, e com grandes reſpeitos por toda Heſpanha, até que com a entrada dos Mouros, na grande conſternaçaõ, que padeceo a Chriſtandade de Heſpanha, ſepultando-ſe as ſagradas Reliquias, foraõ eſtas levadas a Italia, e ſe conſervaõ no Ducado de Florença, na Cidade Caſtellana, com grande veneraçaõ.

B. Thereſa, Rainha, Ciſterc. Traſladaçaõ.

B No Moſteiro de Lorvaõ, da Ordem de Ciſter, a invençaõ do corpo da Beata Thereſa, Rainha de Leaõ, que depois de ter deixado de ſua virtuoſa vida huma ſanta memoria, acreditada com prodigios, foy trasladado ſeu corpo com o da Beata D. Sancha, ſua irmãa, do Coro para a Igreja, ſendo Abbadeſſa D. Bernarda de Lencaſtre, neta do grande Rey D. Manoel. Neſta mudança ſe ſentio hum ſuaviſſimo cheiro, maravilha, com que o Ceo acreditava a gloria de ſuas Servas. Seguio-ſe della hum univerſal remedio a todos aquelles, que recorrendo à interceſſaõ das Santas Rainhas, alcançavaõ de Deos ſingulares beneficios. Depois com o largo decurſo do tempo ſe conſervava a fama das ſuas virtudes, a tradiçaõ de que permaneciaõ incorruptos os corpos das Santas. Deſejavaõ as Religioſas verem o corpo da Beata Thereſa, e ſe lhe avivou a devoçaõ, com trazerem na Igreja obras, e valendo-ſe de huma taõ favoravel occaſiaõ, às portas fechadas ſahiraõ à Igreja, e tirada a pedra da ſepultura, ſentiraõ logo

ſuaviſſimo

ſuaviſſimo cheiro, e deſcuberto o corpo da Santa Rainha, foy viſto incorrupto, veſtido no Habito Ciſtercienſe, cheyo de flores taõ freſcas, como ſe naquella hora lhe foraõ lançadas; o roſto cuberto com o vêo negro; os veſtidos inteiros, e ſó as extremidades do Habito tinha conſumido o tempo; mas conſervando ſempre o candido da alvura. Eſtava taõ fermoſa, que cauſava eſpanto, os olhos cerrados como de peſſoa viva, a boca em poſtura, que ſe lhe viaõ os dentes alvos, e a lingua rubicunda; finalmente, parecia aquelle ſanto corpo, que eſtava dormindo, ſem que ſe viſſe nelle couſa, que naõ foſſe admiravel. Compungidas de ternos affectos as Religioſas lhe beijavaõ as mãos, e as achavaõ flexiveis, e trataveis: pertenderaõ devotas mudar o corpo para a Clauſura; porém foy tal a difficuldade no pezo, que medroſas, e reverentes, deſiſtiraõ do intento. Sendo viſto de todas, por ordem começaraõ a colher flores, e outras Reliquias da Beata Rainha, em quem tocavaõ humas os Roſarios, outras Cruzes, e Medalhas, com que ſatisfaziaõ a ſua devoçaõ. Era em todas geral o contentamento, applaudido de muitas com lagrimas, como quem recebia daquella ſanta viſta melhoras na vida, pela enveja, que ſempre cauſa a morte dos Juſtos. Foy cuberto o ſanto corpo com hum panno bordado de ouro, e com hum vêo de ſeda de liſtas de ouro, que ſervindo de teſtemunho da devoçaõ o era ainda mais do culto, com que reſpeitavaõ a Santa Rainha; e porque inſtavaõ os Officiaes, que era tempo de abrirem as portas para continuarem o ſeu trabalho, foy cerrado o ſepulchro com grande ſaudade das Religioſas.

C Em a Villa de Aviz, Cabeça da Militar Ordem de S. Bento, ſerá eterna a memoria do illuſtre em valor, admiravel em virtude, D. Fernando de Annes, III. Meſtre deſta inſigne Ordem de Cavallaria, que profeſſou ſendo mancebo. Era de nobreza conhecida: ſeguia a Corte com os Fidalgos de ſeu tempo; e ſervindo na guerra com fortuna, deu de ſeu valor ſingulares provas, com que ſe fez eſtimado. Achou-ſe nas emprezas mais arriſcadas com tanta reſoluçaõ, que a paſſos largos caminhava à heroicidade: e ſendo deſenvolto, e bravo na guerra, ſe ornava de coſtumes taõ louvaveis, que entre os mais Cavalleiros, naõ ſó ſe diſtinguia, mas reſpeitava. Eſtes merecimentos, juntos com qualidade, parece lhe ſeguravaõ remunera-

D. Fernando de Annes, Meſt. da Ordem de Aviz

çaõ nos ſerviços, augmento nas Commendas da Ordem; mas elle com bem differentes penſamentos tomou huma notavel reſoluçaõ, que ſe ouvia na Corte com eſpanto. Era entaõ muy frequentada a Serra de Oſſa de homens, que em vida contemplativa, e ſolitaria, ganhando o Ceo, edificavaõ o Reyno. Com eſte exemplo, levado de ſuperior impulſo, deixou o nobre Cavalleiro a Milicia da terra, para combater em vida ſolitaria o Ceo, como caminho mais ſeguro da ſalvaçaõ. Armado deſta forte reſoluçaõ, ſe foy em buſca da Serra de Oſſa, onde viviaõ quatro Servos de Deos, fazendo vida Eremitica: levou em ſua companhia a Rogerio ſeu Capellaõ, em quem os coſtumes, e vida, ſe igualavaõ à idéa do amo. Aqui ſendo Companheiro dos de mais, ſeguiaõ o meſmo theor de vida, paſſando os dias, e as noites em contemplaçaõ altiſſima. Deſejava muito agradar a Deos, e propoz aos mais Eremitas, que ſeria conveniente ſe ajuntaſſem em hum Oratorio, em que lhe diſſeſſe Miſſa o Sacerdote, e ſe adiantaſſem na perfeiçaõ dos exercicios eſpirituaes, com mayor veneraçaõ de Deos, o que todos approvaraõ. Deu brado no Reyno a reſoluçaõ de peſſoa taõ conſpicua, e ao ſeu exemplo ſe moveraõ muitos a deixar o Mundo, e começou a ſer mayor o numero, e juntamente a creſcer o reſpeito, com que ſe venerava aos habitadores daquelle Ermo. Deſde entaõ teve principio a Religiaõ dos Eremitas da Serra de Oſſa, que tem por ſeu Patriarcha a S. Paulo, primeiro Meſtre, e Author da vida Eremitica. Perſeverava D. Fernando de Annes neſte admiravel modo de vida, dando da ſua virtude huma conſtante opiniaõ, que acreditava o ſeu nome no Reyno. Naõ lhe lembrava outra couſa mais, que em obras dignas do agrado de Deos merecer a ſua Miſericordia. Quando faltando D. Gonçalo Viegas, Meſtre da Ordem de Aviz, que na batalha de Alarcos morrera com glorioſo nome, ſe acharaõ os Cavalleiros da Ordem obrigados a eleger Meſtre, em que procuravaõ huma peſſoa digna, naõ ſó em valor, mas em virtude, para que os governaſſe. Neſta conſideraçaõ elegeraõ de commum conſentimento, em Meſtre a D. Fernando de Annes, em quem a ſantidade era taõ conſtante na veneraçaõ das gentes, como o reſpeito do ſeu valeroſo nome. Entendeo o Servo de Deos ſer ſua vontade o ſervillo com trabalho, e aſſim largou o ſocego daquella habitaçaõ, em

que

que vagava a Deos ſem cuidados, para entrar nos trabalhos de Marte, a cumprir na guerra as obrigações da Ordem da Cavallaria. Occupado por Canonica eleiçaõ o eminente lugar de Meſtre da Militar Ordem de Aviz, começou a deſempenhar as obrigações da Dignidade com a execuçaõ de ſeu Inſtituto, fazendo dura guerra aos Infieis, com taõ proſpera fortuna, que conquiſtou para a Ordem alguns Lugares fortes, pela parte de Portalegre, e Monforte, com que eſta ſe adiantava na reputaçaõ, e o Meſtre fazia taõ reſpeitada a ſua peſſoa, que ſe temia com horror os golpes do ſeu esforçado braço, paſſando por proverbio: *Golpe de Fernando Annes te alcance.* Tal era o eſtrago, que fazia nos Mouros, que com pavor repetiaõ eſtes as ſuas façanhas. E aſſim ſerá ſempre glorioſa a ſua memoria, pois aos eſclarecidos troféos, com que o ſeu valor fez claro o ſeu nome, ſoube unir virtude ſolida, em que perſeverou até morte, pelo que piamente cremos mereceo gozar da eterna Bemaventurança, de que as ſuas virtuoſas obras o fizeraõ digno, para que em todos os eſtados ſeja o Senhor engrandecido.

Fr. Jeronymo dos Anjos, Erem. de S. Agoſt.

D Na Cidade de Goa, na India Oriental, o fim das fruſtuoſas jornadas do Padre Fr. Jeronymo dos Anjos, que ſendo ſucceſſor do Reyno de Ormus, trocou o temporal pelo eterno, abraçando a Religiaõ Chriſtãa. Veyo a Goa em tempo daquelle Illuſtriſſimo Prelado D. Aleixo de Menezes: recebeo o ſagrado Bautiſmo, e foy ſeu padrinho o Arcebiſpo: mandou-o recolher no Convento de Noſſa Senhora da Graça daquella Cidade, e affeiçoado ao ſeu ſanto Inſtituto, recebeo o Habito de Santo Agoſtinho, e fez ſolemne profiſſaõ. Conheciaõ-lhe engenho, meteraõ-no nas eſcolas, eſtudou Filoſofia, e Theologia, de que deu taõ boa conta, que acabados os eſtudos o mandaraõ os Prelados a Ormus, para que na prégaçaõ do Evangelho conſeguiſſe o fruto da ſua applicaçaõ, reduzindo os Mouros ao conhecimento do verdadeiro Deos, para que aſſim deteſtaſſem a ſacrilega ſeita de Mafamede. Naõ podiaõ deixar de ſer grandes os frutos para a Igreja Catholica, em quem perſuadia com a voz, e com o exemplo, deſprezando o Mundo entre os meſmos, que o conheciaõ, tendo por menos tudo que naõ era ſeguir a Chriſto na vida do Evangelho. Neſta Miſſaõ eſteve muitos annos, até que perdido Ormus, voltou para Goa. Era filho da obediencia, e promptamente execu-

tava as ordens dos Prelados. Mandaraõ-no por Prior do Convento de Meliapor, e acabado o triennio ſe reſtituîo a Goa, onde com grande exemplo faleceo, alcançando na morte o premio ſempiterno, que ſoube adquirir na vida.

Fr. Juliaõ dos Anjos, Ciſterc.

E Em o Real Moſteiro de Alcobaça, a pia, e devota lembrança de Fr. Juliaõ dos Anjos, que por ſua ſingular virtude, e approvada vida, foy eſtimado naquella inſigne Caſa, pelo exemplar da obſervancia, de que teve tanto zelo, que com particular cuidado fazia ſe cumpriſſem as obrigações do eſtado Monacal, para que ſe conſervaſſe na Religiaõ aquelle primor das leys, que foraõ eſtabelecidas por ſeu Santo Fundador, e aſſim morreo como viveo, deixando entre os ſeus Monges conſtante opiniaõ de ſantidade.

Sor Sizenanda Bautiſta.

F Item no Moſteiro de Santa Clara da Cidade de Beja, a Madre Sor Sizenanda Bautiſta, taõ devota do Santiſſimo Sacramento, que naõ ſó a tença, que tinha da ſua caſa, mas tudo quanto podia adquirir, gaſtava no ſeu culto, com tanta devoçaõ, que de ſi meſma ſe eſquecia. Aſſim ao ſeu deſvélo lhe deve a Igreja mayor parte da deſpeza da Tribuna da Capella môr, que hoje exiſte; porque cuidadoſa, e deſcalça andava continuamente pedindo para eſta obra, no que naõ mereceo pouco a ſua paciencia, que bem exercitada naõ fazia caſo de algumas más repoſtas, antes com novo fervor continuou com tanto exceſſo, que chegou a fazer chagas nos pés. Foy muy devota da Virgem Santiſſima, que venerava com o titutulo do Deſterro, que eſtá no Coro debaixo daquella Caſa, e aſſim de S. Bernardo, e S. Pedro de Alcantara, e outros Santos ſeus Protectores. Na cella tinha a Transfiguraçaõ do Senhor, a quem fazia continuas devoções. Finalmente, na ultima enfermidade, eſtando dous dias privada dos ſentidos, antes de falecer, tornou a ſi; e procurando com grande ancia a Prelada, lhe fez entrega do pouco, que tinha para o ſeu uſo, e aſſim acabou em paz.

Commentario ao XII. de Agosto.

A A Villa de Alcacer do Sal, a quem Authores graves conhecem pela Cidade *Salaria* na antiga Lusitania, e o Licenciado Jorge Cardoso no Commentario do dia 7 de Janeiro, deixou com evidencia mostrado, aonde remettemos o curioso Leitor. A estes Santos Martyres faz o Martyrologio de Usuardo naturaes da Cidade de Phalari, e o Romano depois da correcçaõ do Cardeal Baronio, de Phaleria, Cidade antiga, de que já naõ ha mais, que memoria. Pedro Galesino nas notas ao seu Martyrologio, diz, que nas Antigas Memorias manuscritas, nenhuma mençaõ se faz donde estes Santos Martyres padecessem martyrio. O Martyrologio de Francisco Mourolico, neste dia, só faz mençaõ destes Santos, confirmando a nossa opiniaõ: *In urbe Salari passio S. Gratiliani, & Felicissimæ Virginis.* Que Alcacer do Sal seja *Salaria*, o affirma Ambrosio de Morales, liv. 5. cap. 22. Outros variaõ do lugar, como Floriaõ do Campo, liv. 1. cap. 43, e Covarruvias, dizendo ser Lisboa, e outros Authores junto a Setuval; porém o que mais se conforma com a verdade he ser a Villa de Alcacer, a antiga Cidade de *Salaria*, e assim fica desvanecida a duvida dos que entenderaõ ser *Phalari* em Toscana, o que era na Lusitania. Fazem mençaõ destes Santos, além dos já allegados Authores, Tamayo no *Martyrologio Hispano*; o *Jardim de Portugal*, pag. 58; Bivar *ad Dext.* num. 2. pag. 276; Causino *Corte Divina*, na *Ephemer. Hist. de Agosto*; Argaiz *Pobl. Eccles.* tom. 2. part. 1. pag. 344.

B Alcançou licença de seus Prelados, para edificar huma Capella na Igreja a Madre D. Catharina da Sylva, de illustre nascimento. Era rica, queria obra magnifica, e digna de ser dedicada à Virgem Maria Senhora Nossa, e como naõ havia na Igreja lugar mais a proposito, que junto ao sepulchro da Beata Rainha D. Theresa, se começou a obra da Capella. Esta occasiaõ foy motivo de as Religiosas poderem ver o corpo da Santa Rainha; e como as suas forças naõ eraõ bastantes para conseguir os devotos desejos, peitaraõ aos Pedreiros, para que lhe movessem a pedra, que a cobria, que era grande; meteraõ cunhas de ferro, alavancas, e outros instrumentos, que usaõ os Officiaes; e finalmente a moveraõ, naõ sem trabalho. Neste tempo, quando era mayor a expectaçaõ da hora de jantarem os Pedreiros, em que largaõ maõ do trabalho, e desamparaõ o lugar, viraõ as Religiosas a Igreja fechada, e os instrumentos de trabalhar ociosos: arrebatadas da devoçaõ lhe deu o amor forças, que sobraraõ para vencer a arte: lançaõ maõ dos instrumentos, e começaõ a trabalhar taõ felizmente, que moveraõ a pedra, e tirada começaraõ a sentir o suave cheiro, que dissemos, parecendo huma arca de perfumes, que se abria. Cobria depois o corpo huma pedra delgada, como huma lamina, que foy tirada sem trabalho. Venerado o corpo na fórma, que temos dito, que foy no anno de 1617, trezentos e quarenta e sete annos depois que fora enterrada. Em o anno de 1715, se fez solemne trasladaçaõ das Santas Rainhas, por ordem delRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, pelo Bispo de Coimbra, e Abbade Geral da Ordem de S. Bernardo. O modo com que foraõ achados diremos a 19 de Outubro, dia em que foy feito este acto, já depois de serem Beatificadas pelo Papa Innocencio XII. que tambem lhe concedeo reza universal neste Reyno. Da Invençaõ, que tratamos da Beata Theresa, se lembra Henriques no *Menologio Cistercience*; Bucelino no *Benedictino*, ambos neste dia; Vasconcellos *in Anacephaleosi*, pag. 41; Fr. Francisco de Macedo *in Vita Theresiæ Reginæ Legionis & Sanciæ*, &c. cap. 8. pag. 240; *Jardim de Portug.* pag. 192.

C Depois da Batalha de Alarcos, em que o Exercito dos Christãos, sendo roto, e desbaratado, ficaraõ vitoriosos os Mouros, que excediaõ em grande numero aos Castelhanos, que destemidos naõ quizeraõ esperar pelos soccorros dos Reys de Leaõ, e Navarra, e assim perderaõ Alarcos, e foraõ destruidas muitas terras no Reyno de Toledo. Nesta Batalha, que foy a 29 de Julho do anno de Christo 1195, se achou o Mestre de Aviz D. Gonçalo Viegas, com Cavalleiros Portuguezes, donde morreo pelejando

do com alguns delles. Em ſeu lugar foy eleito Fernando de Annes, Varaõ de ſingular virtude, que retirado na Serra de Oſſa fazia vida Eremitica. Era eſte lugar já habitado de peſſoas virtuoſas, que ſeguindo o exemplo dos Padres do Ermo, eſpalhavaõ por toda a parte huma admiravel fama da ſanta vida, que obſervavaõ. Os primeiros de que ha memoria de ſeus nomes, ſuppoſto conſta ſer habitado muito antes eſte ſitio, foraõ Gil, Bento, Lazaro, e Abrahaõ, cujas habitações eraõ covas ſeparadas, e diſtantes, e quaſi ſem communicaçaõ. Viveraõ eſtes Santos Varoes em tempo do Conde D. Henrique, e ElRey D. Affonſo, ſeu filho, e ao ſuave cheiro da ſua virtude largou a Corte Fernando de Annes, ſem mais ſequito, de que hum Capellaõ chamado Rogerio, de Naçaõ Irlandez; e communicando-lhe, como temos viſto, que viveſſem juntos ao modo de Cenobitas, paſſavaõ em admiraveis exercicios, e ſanta Oraçaõ; e depois de eleito em Meſtre D. Fernando de Annes, continuaraõ com o meſmo theor de vida, dando Eremitas famoſos em ſantidade, em todos os tempos. Creſceo o numero dos Cenobitas; e porque as caſinhas eraõ apertadas, eſcolheraõ dous ſitios chamados, de Val do Infante, e de Val de Abrahaõ: neſte, e em outros lugares foraõ edificando, em que permaneceraõ largos annos com geral edificaçaõ: e he para notar para credito deſtes Religioſos, que naõ tendo votos, nem expreſſa profiſſaõ, viviaõ taõ ſantamente, que mandando o Papa Gregorio XI. por hum Breve, paſſado a 18 de Junho de 1377, mandando a Heſpanha por Viſitadores Geraes a D. Pedro, Biſpo de Coimbra, a D. Joaõ, Biſpo de Tuy, e Velaſco, Chantre de Braga, e entre as peſſoas, que foſſem viſitadas, eraõ os Ermitães, que chamavaõ Pobres, que aſſim ſe nomearaõ por largos annos; e tendo viſitado a todos, extinguiraõ os de Caſtella, Navarra, e Aragaõ, e ſó permaneceraõ eſtes de Portugal. Tal era o ſeu exemplo, e admiraveis procedimentos, em que viveraõ, até que já no tempo do Cardeal Infante D. Henrique (que depois foy Rey) alcançou confirmaçaõ da Sé Apoſtolica, e reformaçaõ em algumas couſas, e ſe formou a Congregaçaõ, que tomou nome de S. Paulo primeiro Eremita, que neſte Reyno temos, de que he Cabeça o Convento da Serra de Oſſa; nella tem havido peſſoas inſignes em virtude, e letras, ſendo ſeu primeiro Fundador D. Fernando de Annes, por cuja cauſa tratámos neſte lugar de ſeu principio.

Foraõ muitos os ſerviços, que o Meſtre D. Fernando de Annes fez à Ordem, e ao Reyno, vencendo os Alcaides de Moura, e Serpa, e conquiſtando muitas terras aos Mouros. Em ſeu tempo ſe fundou a Villa de Aviz, como diremos no dia 15 deſte mez. Governou eſta Ordem quaſi todo o tempo delRey D. Affonſo, ſegundo delle faz menção Brandaõ na *Monarch. Luſit.* part. 3. liv. 8. cap. 32, e part. 4. liv. 12. cap. 27, e liv. 14. cap. 8; Zapater *Ciſter Milit. Caval. de Aviz*, cap. 3. pag. 539; Fr. Angelo Manrique, tom. 2, dos *Annaes Ciſterc. no Appendix*, pag. 46; Carvalho na *Corografia Portug.* part. 2; Fr. André de S. Paulo, tom. 2. das Ord. Milit. liv. 2. cap. 11. pag. 61. m. ſ. Albergaria *Triunfo da Nobreza*, pag. 300. m. ſ. *Conſtituições da Ordem de Aviz*; Fr. Jeronymo Roman na *Rep. do Mundo*, tom. 1. liv. 6. cap. 15.

D Eſtá ſituada a Cidade de Ormuz, que dá nome ao Reyno, em huma pequena Ilha chamada Gerum, que ſerve de garganta ao eſtreito Perſico, com tres leguas de circunferencia; e ſendo eſteril de tudo o que produz a natureza, excepto ſal, e enxofre, he a Cidade abundante, naõ ſó do que ſe póde deſejar para o regallo, mas tambem de todo o genero de mercadorias Orientaes, e Occidentaes, que concorrem de todas as partes, ſendo pela ſua ſituaçaõ hum armazem, ou feira geral dos commerciantes. Pelos annos do Senhor de 1273, dominava eſta Ilha ElRey Malec Caez, de quem por deſerta a houve Gordunxa, que fundando a Cidade com o nome de Ormuz, por outra, que tinha deixado do proprio nome, e em pouco creſceo tanto em riqueza, e poder, que já ElRey da Perſia ſe começava a recear, de que ſe lhe levantaria com o tributo: mas ella ſabia tratar do ſeu augmento, para aſſim ſe ſegurar. Quando o grande Affonſo de Albuquerque no anno de 1508, diſcorria por aquelle Coſta, com tanto valor como fortuna, deixando immortal o ſeu nome, pelas glorioſas Conquiſtas, com que enriqueceo a Coroa Portugueza, que depois ſoube mal conſervar no dominio Caſtelhano; entrou neſta Cidade, e ſendo

do hoſpedado como inimigo, ſoube caſtigar a ouſadia dos de Ormuz, e taõ repetidas vezes, que elles melhor aconſelhados o quizeraõ por amigo, fazendoſe Ormuz tributario a ElRey de Portugal, e conſentindo levantarem os Portuguezes naquella Ilha huma Fortaleza. Com eſte dominio ſe conſervaraõ os Reys de Portugal, até que os Perſas auxiliados dos Inglezes os lançaraõ fóra, depois do Governador da Fortaleza Franciſco de Souſa, valeroſamente ſofrer furioſos aſſaltos. O ſitio durou dous mezes e meyo, e duraria mais a naõ ſucceder a morte do Governador, com a qual finalmente capitulou, e ſe rendeo no 1 de Mayo de 1622. ElRey de Ormuz, e a ſua Corte foy remettido para a Perſia, e os Portuguezes, ſegundo o ajuſte, foraõ remettidos aos Inglezes, para os mandar para Goa. Martyniere no grande *Dictionario Geografico*, faz huma larga deſcripçaõ deſte Reyno, *in verbo Ormuz*.

Succeſſor deſte Reyno era Fr. Jeronymo dos Anjos, ou Joete, como lhe chamaõ algumas Memorias, o qual trocando as eſperanças de hum dominio terreno, pelo conhecimento da Ley Evangelica, que abraçou com tanto fervor, que foy Miſſionario neſta ſeára de Chriſto, ſendo Companheiro daquelles meſmos Religioſos, que foraõ inſtrumento da ſua reducçaõ. Faleceo no anno 1638, em Goa, como refere huma Memoria m. ſ. que temos das Miſſoens dos Religioſos de Santo Agoſtinho, e delle ſe lembra huma Relaçaõ, impreſſa no anno de 1630, pag. 19, quando ainda era vivo, que do ſeu exemplo dá noticia.

E Entrou o Padre Fr. Juliaõ dos Anjos em Alcobaça no anno de 1558. Era natural de Coimbra, e ſendo Prior deſte Convento moſtrou a grande opiniaõ, que ſe tinha da ſua virtude, que ſempre conſervou. Foy Abbade de Ceiça pelos annos de 1570. Delle faz mençaõ o livro dos Obitos de Alcobaça, num. 45. pag. 458.

F No anno de 1696, acabou neſte dia, a Madre Sor Sizenanda Bautiſta, no Moſteiro de Santa Clara de Béja, de que já fizemos mençaõ no Commentario do dia 19 de Julho, letra I, pag. 231. O referido devemos às Memorias já allegadas, que nos mandou o Reverendo Padre Fr. Franciſco de Oliveira.

AGOSTO XIII.

A  M a Cidade de Lisboa, Corte dos Monarcas Luſitanos, em o Collegio de Santo Antaõ, que governava com grande approveitamento o Padre Gaſpar Alvares, ſeu Reytor, que já da ſua charidade tinha dado hum admiravel exemplo, que acreditava com huma vida inculpavel; agora em obſequio da charidade expoz a vida com outros Companheiros, ſó por ſervir os doentes feridos da peſte: e naõ ſe ſatisfazendo com lhe aſſiſtir todo o dia, os buſcava no ſilencio da noite, quando parece devia dar repouſo ao canſado corpo, ſó pelos ſervir, fazendo quanto podia pelos conſolar, até que accommetido do meſmo mal, acabou com ditoſa morte. *O P. Gaſpar Alvares Reytor da Comp.*

B No inſigne Moſteiro de Alcobaça, da Ordem de Ciſter, o obito de Fr. Romano, cuja vida foy muy conforme ao eſtado, que profeſſou, vivendo ajuſtado com as leys, e dicta- *Fr. Romano Ciſterc.*

mes

mes ſantos da Monacal Religiaõ. Em os lugares, que occupou, deu a conhecer o ſeu exemplo; mas com tal zelo, que nelle inculcava a ſua humildade, baze, ſobre que fundou o ſeu virtuoſo procedimento. Teve partes, que o fizeraõ merecedor da attençaõ dos mayores Senhores do Reyno, e o ſeu talento o habilitava para o Generalato, que a ſua modeſtia ſoube recuſar, prevenindo-ſe com o Geral, que o naõ porpuzeſſe para aquella dignidade. Foy muitos annos Meſtre dos Noviços, que exercitou com notavel edificaçaõ daquella numeroſa Communidade, dando huma perfeita educaçaõ aos moços, ſendo o primeiro nos actos de humildade, e mortificaçaõ, em que continuou; de ſorte, que com morte de Predeſtinado deixou nos ſeus diſcipulos ſaudoſa memoria, e hum grande ſentimento de lhe faltar taõ proveitoſa doutrina.

O P. Agoſtinho dos Santos, Coneg. Secul.

C Em o Convento de S. Joaõ de Xabregas, Cabeça da Congregaçaõ dos Conegos Seculares de S. Joaõ Evangeliſta, a morte do Padre Agoſtinho dos Santos, a quem o amor do proximo abbreviou os dias da vida. Era já velho, e com pouca ſaude, e tendo logrado na Religiaõ a dignidade de Geral, a que ſubio pelos degráos de todas as inferiores, merecendo bom nome entre os ſeus. E quando os annos, e a graduaçaõ o eximiaõ de ſervir aos doentes do mal da peſte, o fez com tal fervor de charidade, que em pouco foy ferido do terrivel mal, que aceitou como vindo da maõ de Deos; e reſignado na vontade Divina, eſperava o fim da vida, conformado, e humilde, com alegria ſanta; porém naõ foy entaõ o Senhor ſervido darlhe a morte, e convalecendo viveo ainda alguns annos, até que acabou ſantamente.

Conſtantino, e 7 Compan. MM. Jap.

D Item em Nangaſachi, Reyno do Japaõ, o invicto certame de Coſtantino, Ilario, Maria, Mecia, Maria, e outros tres Companheiros, cujos nomes ſaõ ignotos na terra, mas no Ceo conhecidos, os quaes todos na perſecuçaõ do Emperador Toxogunſama, pela confiſſaõ da Fé Catholica, deraõ as vidas por Chriſto, ſofrendo com ſanta conſtancia ſerem queimados; e aſſim triunfando do Inferno, e dos idolatras ſeus ſequazes, ſubiraõ à Gloria coroados de Martyrio.

Angela da Paixaõ, Terc. do Carmo.

E No Recolhimento de Noſſa Senhora do Carmo do Lugar da Cuba, na Provincia de Alentejo, a ſaudoſa memoria de Angela da Paixaõ, huma das primeiras, que habitaraõ aquella

Caſa

Caſa, que edificou com o ſeu modo de vida, macerando o ſeu corpo com jejuns, e continuas diſciplinas, dando-ſe à Oraçaõ com frequencia; de ſorte, que o ſeu cuidado era ſómente agradar a Deos em ſantos exercicios. No ſeu Oratorio tinha huma Imagem da Virgem, que venerava com grande culto, de que he tradiçaõ, que a meſma Senhora a attendera tanto, que com eſpeciaes favores recompenſara o ſeu devoto animo, com que mais ſe augmentava a ſua eſcravidaõ. Finalmente, vivendo ſempre empregada no reverente culto da Virgem Santiſſima, e exercitada em obras boas faleceo. O ſeu corpo por vinte e quatro horas eſteve expoſto, e os Fieis a acclamavaõ Santa, engrandecendo a Deos em ſua Serva.

Commentario ao XIII. de Agoſto.

A A Cidade de Lisboa foy patria do Padre Gaſpar Alvares, tido por homem ſanto na Companhia, e de huma taõ ardente charidade, que na peſte, que padeceo a dita Cidade, ſe offereceo a ſervir aos doentes com admiravel reſoluçaõ, no anno de 1569. Delle faz mençaõ Tanner *Societas Europæa*, tom. 1. pag. 115; Telles na *Chronica da Companhia*, part. 2. cap. 4. e cap. 33. pag. 195; *Menologio da Companhia*; e Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal.*

B Entre os Servos de Deos, que produzio o Real Moſteiro de Santa Maria de Alcobaça, da Ordem de Ciſter, merece entrar o Padre Fr. Romano, natural da Ilha Terceira, Varaõ de grande virtude, cujas memorias chegaraõ até o anno de 1603, como refere o livro dos Obitos deſta Caſa, já allegado, num. 47. pag. 458, donde tirámos o referido.

C Deixou o mal, que padeceo o Padre Agoſtinho dos Santos, natural da Villa de Vianna de Alentejo, taõ derrotado, que os annos, que viveo foy ſempre fraco, e enfermo. Cahio o mal ſobre velhice, gaſtada com o ſerviço da Religiaõ, e naõ pode recobrar forças, e aſſim faleceo neſte dia, do anno de 1572, como eſcreve o Padre Franciſco de Santa Maria no *Ceo Aberto*, liv. 4. cap. 16. pag. 962.

D De Conſtantino, e ſeus Companheiros, que padeceraõ no anno de 1633, eſcreve o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Martyres do Japaõ*, pag. 323, o qual com grande trabalgo ajuntou de diverſas Memorias as noticias, que naquella Obra nos deixou.

E Era Angela da Paixaõ, natural da Cidade de Lisboa. Foy Terceira da Ordem do Carmo, Recolhida no Recolhimento do Lugar da Cuba, onde falleceo neſte dia, do anno de 1704. Memorias, que temos delle, que nos mandou o M. R. P. Fr. Franciſco de Oliveira.

AGOSTO XIV.

O Apparecimento de S. Bernardo no Campo de Aljubarrota.

A Eſte dia, no Campo de Aljubarrota, o milagroſo Apparecimento do Patriarca S. Bernardo ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o I. que depois de o livrar de hum evidente perigo, animou com a ſua ſagrada viſta ao magnanimo coraçaõ delRey. Succedeo, que no tempo que durava o conflicto daquella memoravel batalha, em que as armas Portuguezas triunfaraõ das Caſtelhanas com tantas ventagens, que eternamente durará na memoria das gentes o ſucceſſo deſte glorioſo dia, em que a Monarchia Portugueza, parece de novo fundarſe no eſtabelecimento dos ſeus Principes naturaes, que o Ceo tem moſtrado querer ſuſtentar ainda à força de grodigios, para confuſaõ de ſeus inimigos. Eraõ já entrados na peleija os dous Exercitos, e com cruel furia ſe offendiaõ, ſem ſaber a que parte ſe declararia a victoria: animava cada hum aos ſeus, inſtigando-os com o exemplo à conſtancia de proſeguirem na empreza, em que de ambas as partes houve acções de tanto valor, que ſe perpetuaraõ na admiraçaõ de todos os ſeculos. Romperaõ os Caſtelhanos a vanguarda Portugueza, e levaraõ a Bandeira Caſtelhana ao centro, onde eſtava o Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, e ſe travou huma dura peleija; porque carregando Mem Rodrigues de Vaſconcellos, e Antaõ Vaz de Almada, e apoz delles ElRey, que cheyo de ardor militar, com a lança armada, paſſando por todos os ſeus, hia dizendo palavras, que os animava a peleijarem pela reputaçaõ, e pela Patria, e ainda mais com o exemplo ſe moviaõ, vendo peleijar ao ſeu Rey como qualquer Soldado, ſendo como rayo, a que a reſiſtencia he prejudicial; entrou na batalha taõ deſtemido, e valeroſo, que chegando ao mayor perigo, largou a lança, e começou a cortar com a facha de armas, como ſe fora hum Cavalleiro particular, que pelo ſeu braço pertendia ganhar honra no mayor perigo. Pertendeo oporſe-lhe Alvaro Gonçalves de Sandoval, Cavalleiro valente, e robuſto, e querendo ElRey ferir o Caſtelhano, recebeo o golpe no eſcudo; e pegando com grande ouſadia

ſadia, e deſtreza, na facha de armas delRey, lha arrebatou da maõ com tal violencia, que o fez ajoelhar em terra. Neſte taõ evidente perigo, a naõ ſer taõ grande o coraçaõ delRey, ficaria opprimido da ouſadia deſte valente mancebo; mas com animo pio, e com valor ſem igual, levantando o penſamento ao Ceo, invocou os merecimentos de S. Bernardo, de quem ſe jactava filho, e venerava como Patrono. Quando, [caſo maravilhoſo!] vio ſobre a tenda delRey de Caſtella, em pouca diſtancia, hum Bago Abbacial arvorado, e pendente do Bago hum Paludamento Militar, ou cota de armas, como tingida em ſangue. Animoſo, e esforçado ſe levantou logo do chaõ, ajudado de Martim Gonçalves de Macedo, ſempre afortunado nas occaſiões de o ſervir, e quando quiz caſtigar o attrevimento, tendo já cobrada a facha, e deſcarregando o golpe ſobre o Sandoval, foy a tempo, que já pelos ſeus era morto. Continuou nos inimigos tal eſtrago, que já lhe naõ faziaõ oppoſiçaõ; e proſeguindo a batalha, que o Ceo já declarava a ſeu favor, começaraõ a fraquear os inimigos: os noſſos os carregaraõ com tal esforço, que largando o campo com deſordem, já deſtroçados ſe puzeraõ em precipitada fugida, ſendo Deos ſervido, que ficaſſem vencidos nas armas, os que ſe julgavaõ vencedores pelo poder, e confiança. Conſeguida eſta taõ inſigne victoria, depois de cumpridas com as ceremonias militares, de entaõ uſadas, de permanecer no campo tres dias, paſſou ao Real Moſteiro de Alcobaça, onde com pio, e catholico animo fez cantar hum Officio pelos Fidalgos, e Soldados Portuguezes, dandoſe honrada ſepultura no Clauſtro do Moſteiro aos de mayor cathegoria, merecendo elles, que em urnas de alabaſtro ſe conſervaſſem as ſuas cinzas, já que em glorioſos feitos eternizaraõ o ſeu nome; mas o que lhe falta de Inſcripções, e Epitafios, ſupprirá a fama, conſervando na tradiçaõ das gentes a ſua memoria, honrada tantas vezes na admiraçaõ, com que ſe lem nas noſſas Hiſtorias as ſuas façanhas, ſendo por elles glorioſo eſte dia nos Faſtos Luſitanos. ElRey, em quem a piedade, e Religiaõ naõ tinhaõ inferior lugar ao valor, e as admiraveis virtudes, de que ſe adornava, aſſiſtio à feſta de S. Bernardo, e depois de commungar da maõ do Abbade D. Fr. Joaõ de Ornellas, no fim da Miſſa, aſſentado no Real Throno, na preſença dos grandes da Corte, e innumeravel gente,

que lhe aſſiſtia, referio com juramento eſte milagroſo ſucceſſo, que gratificou ao Santo Patriarca com grandioſas dadivas, dignas do ſeu Real animo, deixando neſte inſigne Moſteiro varios deſpojos da batalha, que ſaõ irrefragaveis teſtemunhos da devoçaõ, com que venerava aquella Caſa.

D. Joaõ Froes, Coneg. Reg.

B Em o Convento de Santo Iſidoro de Leaõ, Cabeça dos Conegos Regulares daquelle Reyno, o obito de D. Joaõ Froes, V. Prior do Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, homem de vida approvada, e de taõ boa opiniaõ de virtude, que a Rainha D. Dulce, mulher delRey D. Sancho o I. o eſcolheo para ſeu Confeſſor, moſtrando o conceito, com que o eſtimava na Doaçaõ, que lhe fez para a Ordem, das Villas do Ervedal na Beira, e de Maiorca, às quaes o dito Prior deu foral no anno de 1194. Trabalhou muito pelo augmento da ſua Congregaçaõ, alcançando da Sé Apoſtolica algumas graças, e iſenções a favor do ſeu Moſteiro. Impedia-lhe eſta execuçaõ o Biſpo de Coimbra, pelo que ſe vio obrigado ir a Roma, e obteve do Santo Padre Celeſtino III. naõ ſó a deciſaõ daquella contenda, mas eſpeciaes privilegios para o ſeu Real Moſteiro, a ſaber: a Bulla *Contra invaſores bonorum Monaſterii*, e outra em que ampliava o privilegio de celebrarem Pontificaes os ſeus Priores mores, em todos os Moſteiros, e Igrejas da Ordem. Com taõ eſpeciaes favores voltava contente para o Reyno, quando adoeceo gravemente no ſeu Moſteiro de Leaõ, e conhecendo ſer mortal a enfermidade, ſe preparou com todos os Sacramentos, e neſte dia, veſpera da Aſſumpçaõ da Senhora, de quem foy eſpecial devoto, deixou a vida mortal com evidentes ſinaes de Predeſtinado.

Sor Elena do Paraiſo, e Sor Ignez dos Anjos, Agoſtinhas.

C No Moſteiro de Santa Cruz de Villa Viçoſa, a preciоſa memoria de duas virtuoſas Religioſas de extrema virtude, que mereceraõ pela ſua vida ſerem veneradas na morte por Santas, Sor Elena do Paraiſo, e Sor Ignez dos Anjos, Companheiras na Religiaõ, e nos exercicios da virtude, com que cada huma pertendia exceder à outra nos exceſſos da mortificaçaõ, para merecerem os favores do Divino Eſpoſo. Começou Sor Elena o caminho da perfeiçaõ pelos rigores da penitencia, crucificando-ſe ao Mundo, e a todas as ſuas concupiſcencias, com rigoroſas auſteridades, ſogeitando a carne ao eſpirito, uſando diſciplinas de ſangue, cilicios, e por camiza

hum

hum habito de pano groſſeiro, e aſſim trazia o corpo cheyo de chagas. Frequentava os jejuns, fazendo no anno repetidas Quareſmas, e tres dias na ſemana com mais rigor, e nas ſeſtas feiras naõ comia outra couſa mais, que algumas folhas de oliveira; e ſobre eſta deſabrida iguaria tomava fel desfeito em vinagre, que com grande ſegredo mandava buſcar, de que ſó eraõ ſabedoras duas Religioſas, Companheiras na vida eſpiritual. Na Oraçaõ, em que era continua, recebia o premio dos ſeus exceſſos, alcançando da Soberana Miſericordia Celeſtiaes favores, com que o Senhor recreava aquella pura alma. Nella ſe admirou hum dom de lagrimas, e com mayor exceſſo todas as vezes, que recebia a ſagrada Communhaõ; porque parece queria desfazer o coraçaõ em ternuras, para ſatisfazer à doçura daquelle Divino Manjar. No ſilencio procurava, que ninguem lhe levaſſe ventajem; porque nos dias que jejuava, que eraõ muitos, naõ fallava ſenaõ obrigada da obediencia, ou da virtude da charidade. Sobre taõ ſolidas virtudes, foy purificada na paciencia com muitas enfermidades, a que ſe lhe ajuntou huma quéda, de que ficou aleijada toda a vida; porém naõ affroxou o ſeu eſpirito do rigor das penitencias, e exercitada em ſanta virtude, permaneceo até a morte. Sor Ignez dos Anjos, Companheira na Religiaõ, e nos rigores, naõ ficava excedida das auſtéras penitencias da amiga. Teve grande zelo da obſervancia Religioſa; pelo que padeceo algumas mortificaçõés das Preladas, que ſofria com humildade, recorrendo à Oraçaõ, que frequentava com grande exceſſo. Em os Domingos, e Santos, tinha tomado por recreaçaõ huma tarefa ſanta: era eſcrever huns colloquios eſpirituaes, manifeſtando em huns ao ſeu Divino Eſpoſo o amante, e abrazado do ſeu coraçaõ, e o quanto vivia violenta nas prizoens da carne a ſua pura alma, deſejando rompellas, ſó por ſe unir com a Divina Mageſtade, em outros a MARIA Santiſſima, de quem era por extremo devota; implorava a ſua interceſſaõ com o mais reverente obſequio, pedindo-lhe de continuo, que a ſua morte foſſe em hum dos dias, que a Igreja dedicava ao ſeu culto, e lhe foy concedido; porque adoecendo, conhecendo ſer a ultima enfermidade, e preparada com os Sacramentos com muita devoçaõ, reſignada humildemente na vontade Divina, a que ſempre viveo ſogeita, entregou a ſua alma ao Eſpoſo,

neſte

neſte dia, veſpera da Aſſumpçaõ da Senhora, cuja feſta foy ſolemniſar entre os Córos das Virgens, como piamente podemos crer, pois logo appareceo a hum Religioſo, que no ſeu Convento da meſma Villa eſtava em Oraçaõ, e chea de Celeſtial luz, lhe diſſe, que hia a ver a Deos para ſempre.

O Irm. André Jorge, da Comp.

D Em o Collegio da Companhia de Evora, ſerá ſempre viva a lembrança do Irmaõ André Jorge, cuja vida deſde os primeiros annos foy hum modello da paciencia; porque já entaõ ſabia ſofrer por amor de Chriſto, tolerando os contratempos daquella idade. Entrou na Companhia ornado com a flor da graça bautiſmal, que conſervou illeza até o fim da vida. Foy muy dado à Oraçaõ, que fazia de joelhos, ſem que ſe diſpenſaſſe deſta obſervancia, nem ainda por indiſpoſiçaõ. Teve grande cuidado em ſe pôr na preſença de Deos; e porque o eſtudo totalmente o naõ divertiſſe, regiſtava os livros com Imagens devotas, e ſentenças pias, que alentaſſem com a memoria o eſpirito. A' Virgem Santiſſima venerou com eſpecial devoçaõ, e junto da ſua Imagem tinha eſcrita eſta letra: *Te ſine nihil habeo*, em que moſtrava o ſeu verdadeiro culto. Em as demais virtudes moſtrou ſer verdadeiro Religioſo; porque no comer era parco, no veſtir deſprezivel, nas penitencias de cilicios, e diſciplinas rigoroſo, nas injurias ſofrido, no amor da ſanta pobreza entranhavel, na obediencia pontual, que obſervou até na ultima doença; pois entre os freneſis naſcidos da queixa, podiaõ tanto nelle os habitos das virtudes, que era admiravel, ainda nos deſconcertos. Finalmente, reſtituido na doença o entendimento deſconcertado, pedio ao Superior a bençaõ, e rogando a ſeus Irmãos o encommendaſſem a Deos, abraçado com hum Crucifixo, e beijando huma por huma as Chagas, acabou *in oſculo Domini*.

Luiz Rodrigues Romano.

E Na Igreja Matriz da Villa da Golegãa, da Invocaçaõ de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, faleceo neſte dia Luiz Rodrigues Romano, homem de huma exceſſiva charidade, que fazia mais eſtimada, com huma vida muy conforme aos preceitos da Ley de Deos. Depois da ſua morte ſuccedeo, que no dia ſeguinte, que o haviaõ de enterrar, acharaõ o corpo flexivel, e ſem ſinal de corrupçaõ: era boa a opiniaõ da ſua virtude; reflectiraõ no caſo, tendo por ſobre natural o que viaõ; chamaraõ o Medico, que conforme os principios da

Phyſica

Phyſica obſervou o cadaver: mandou-o picar com huma lanceta, de que lançou ſangue na meſma fórma, que hum corpo vivo; o que ſendo viſto por alguns Religioſos, e outras peſſoas, que eſtavaõ preſentes, ſuſpenderaõ para o outro dia o enterro, e depois de terem paſſado quarenta horas, foy viſto na meſma fórma; com que engrandecendo a Deos, lhe deraõ ſinalada ſepultura, em que eſtá eſperando a Reſurreiçaõ Univerſal.

Commentario ao XIV. de Agoſto.

ACorria o anno de 1385, quando no mez de Abril convocou o Meſtre de Aviz D. Joaõ, como Defenſor, Regente, e Governador do Reyno, Cortes na Cidade Coimbra, para ſe tratar da ſucceſſaõ do Reyno, e em ellas foy levantado o meſmo Meſtre Rey, por commum conſentimento de todos os bons Portuguezes, tendo de idade vinte e oito annos, compoſto de virtudes, valor, prudencia, e partes dignas de coraçaõ Real; e aſſim foy hum dos mais inſignes Reys, de que fazem mençaõ as Hiſtorias.

No meſmo anno, neſte dia, foy a memoravel Batalha de Aljubarrota, que o ſeu animo generoſo, e devoto agradeceo à Virgem Santiſſima, com o ſumptuoſo Templo da Senhora da Victoria, da Villa da Batalha, nome que lhe deu do campo em que a venceo, obra magnifica, e digna de hum tal Principe. Que no conflicto da Batalha tiveſſe o viſivel favor de S. Bernardo, que referimos no Texto, conſta de huma memoria antiga, que ſe conſerva eſcrita em hum livro do meſmo tempo, entre os manuſcritos da grande livraria deſte Moſteiro. He huma parte da Biblia, donde no fim ſe eſcreveo a referida memoria, com outras, que referem as grandioſas dadivas, que deu El-Rey a eſta Caſa: tiraremos ſó o que pertence ao noſſo intento, e he o ſeguinte:

Hunc librum donavit Dominus Rex Joannes nomine primus huic Monaſterio de Alcobatia, poſt devictum Regem Caſtellæ ad Aljubarrotam: librum hunc, Crucemque argenteam, & criſtalinam, & alia pretioſa quæque reperta in papilone Regis Caſtellanorum Sancto Patri Bernardo, prout in conflictu voverat, dedicavit; quo die feſtivitatem ejus celebraturus, quintum poſt victoriam diem, ad hanc domum pervenit: publice pro corona Regni ſui juravit ſenſiſſe ſe miram divini adjutorii præſentiam dum in maximo periculo poſitus Divi Patris noſtri Bernardi nomen, & auxilium imploraret, & ſupra tentorium Regis Caſtellanorum vidiſſe erectum in aere Baculum cum rubro Palludamento, &c.

O que traduzido na noſſa lingua, diz aſſim:

Eſte livro deu o Senhor Rey D. Joaõ o I. do nome a eſte Moſteiro de Alcobaça, depois de vencido ElRey de Caſtella, junto a Aljubarrota. Dedicou eſte livro, e a Cruz de prata, e de cryſtal, e outras couſas preciozas, que ſe acharaõ na tenda do Rey dos Caſtelhanos, ao Padre S. Bernardo, como tinha votado no conflicto. Fez eſte acto no dia quinto depois da victoria, em que chegou a eſta Caſa, para celebrar a feſtividade do dito Santo, e publicamente jurou pela Coroa do ſeu Reyno, que elle ſentira huma admiravel aſſiſtencia do Divino ſoccorro, quando poſto em grandiſſimo perigo, implorava o nome, e auxilio do noſſo Padre S. Bernardo, e que vira ſobre a tenda do Rey dos Caſtelhanos hum Baculo levantado no ar, com hum Paludamento vermelho.

Deſta memoria faz mençaõ Brito na I. Parte da *Monarch. Luſit.* no Prologo, pag. 6. verſ. Fr. Manoel dos Santos, Chroniſta da Religiaõ Ciſtercienſe neſte Reyno, na ſuà *Alcobaça Illuſtrada*, part. 1. no Appendice a copeya, e no titul. 9. pag. 216, eſcreve eſte ſucceſſo, com mais circunſtancias do que refere a memoria: tal vez o acharia em outras, que nós naõ vimos, e por eſſa cauſa nos ſogeitamos a eſta, que temos por digna de fé;

fé; e aſſim tambem naõ nos accommodamos com a explicaçaõ, que elle faz das palavras da dita memoria. Fr. Angelo Manrique no II. Tomo dos *Annaes Ciſtercienſes*, já tinha feito menção deſte ſucceſſo, porém com animo oppoſto; porque naõ podendo duvidar da Batalha, e dos deſpojos, que permanecem em Alcobaça; mas que a Virgem Maria, e S. Bernardo aſſiſtiſſem a ElRey, ſe naõ attreve affirmar, ſendo a razaõ da ſua duvida, que o direito eſtava da parte contraria. He eſta duvida taõ conhecida oppoſiçaõ, que naõ gaſtamos tempo em a convencer, nem importa ao noſſo caſo, que o negue Manrique, ou o affirme; porque os que lerem a Vida delRey, acharaõ tantas acções de piedade, que o naõ duvidem, diſcorrendo pelos ricos dons com que gratificou ao Convento de Alcobaça a protecçaõ do Santo, e com o voto que fez perpetuar, o que devia à Virgem Santiſſima, na Prociſſaõ, que o Senado da Camera de Lisboa lhe faz todos os annos neſte dia. Huma que ſahe da Santa Igreja Patriarchal. A de dia de S. Vicente, Patrono tambem de Lisboa, em que os Officios da Cidade levaõ cirios ao Santo, as quaes eſtabeleceo perpetuamente por cartas ſuas, que ſe guardaõ no Archivo do Senado da Camera. Outra Prociſſaõ, que da Batalha vay à Ermida de S. Jorge, que fica no ſitio, em que principiou a Batalha, e o meſmo Rey mandou edificar em honra deſte Santo. No Commentario do dia 25 de Julho temos moſtrado, que naõ ſaõ as apparições, e favores do Ceo, argumento de ſantidade; lá remettemos ao Leitor, quando ſe lhe offereça duvida.

Agora ſó accreſcentaremos em abono delRey, que achando o Reyno eſtragado de coſtumes, aſſolado da inſolencia de ſeus inimigos, com toda a diligencia o reformou, emmendando-o com cuidado, e exemplo, plantando obras de virtude, e honeſtidade, e para conſervaçaõ de ſeus vaſſallos. Ardeo no deſejo de dilatar a Chriſtandade, e neſta conſideraçaõ procurou evitar a guerra com os Chriſtãos, para deſembainhar a eſpada contra os infieis, empregando as ſuas armas em dilatar o Nome de Jeſu Chriſto. A eſte fim poz no mar a mayor armada, que ſe tinha viſto naquelles tempos, e em todos grande. Compunha-ſe de duzentas e vinte náos. Neſta empreza o acompanharaõ ſeus filhos os Infantes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique, e o Conde de Barcellos o Senhor D. Affonſo, e grande numero de Fidalgos; e navegando a coſta de Africa, deu na famoſa Cidade de Ceuta, e neſte meſmo dia 14 de Agoſto de 1414, a tirou do poder dos Mouros, que a dominavaõ deſde a univerſal perda de Heſpanha. Foy caſado com a Rainha D. Filippa de Lencaſtre, de quem fizemos menção no dia 18 de Julho, de quem teve glorioſa deſcendencia, em filhos Santos, e valeroſos, como educados por tal mãy, e com o exemplo de taõ grande pay: delle deſcende por varonia a Sereniſſima Caſa de Bragança, que o Ceo tinha reſervado para ſucceder na Coroa Portugueza, e ſe conſerva hoje a Monarchia Portugueza em ſeu nono neto ElRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, e ſaõ tambem ſeus deſcendentes quaſi todos os Soberanos da Europa. Finalmente, na veſpera da Aſſumpçaõ da Virgem, dia fauſtiſſimo para elle na terra, foy a gozar da Gloria no anno de 1433, tendo reinado felizmente quarenta e oito annos, contando ſetenta e ſeis de idade. Jaz ſepultado em ſoberbo Mauſolêo, no Convento da Batalha, fundaçaõ ſua, e em letras antigas ſe lê o ſeu Epitafio, que por largo naõ referimos, e anda no II. Tomo da *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza*, pag. 15, e na face ſuperior ſe lem eſtes cinco Verſos:

Hoc tegitur tumulo fælix Rex ille Joannes,
Magnanimus, pius, & cuntorum gloria Regum,
Militiæque decus, firmiſſima regula legum,
Qui tumidum Regem parvo cum milite fregit
Caſtellæ, & Septam ſibi magna claſſe ſubegit.

Para ultimo complemento, que teſtemunhe a gloria, que a alma delRey goza, referiremos, o que conta Souſa na *Hiſt. de S. Doming.* part. 1. cap. 26, authenticado por ordem de D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa. Coſtumava ElRey D. Duarte

Duarte ſeu filho celebrar todos os annos ſolemnes honras pela alma de ſeu pay, com hum Officio na Sé de Lisboa, (o que ainda hoje ſe faz) em veſpera da Aſſumpçaõ da Senhora. Succedeo creſcer a cera, ou naõ ſe gaſtar nada; de ſorte, que feita a conta ao tempo que ardeo, parece exceder aos termos naturaes, querendo deſta ſorte moſtrar Deos a bemaventurança, que no Ceo goza a alma delRey. Muitas vezes temos encontrado ſemelhante caſo nas vidas de peſſoas de virtude, attribuindo-ſe a obra miraculoſa, como piamente cremos foy eſta. Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronologia Monaſtica*, faz mençaõ delRey entre os Varões Santos, por eſtas palavras: *Bataglia in inſigni Cœnobio de Victoria Ordinis Prædicatorum depoſitio venerandi, & Sereniſſimi Luſitaniæ Regis Joannis hujus nominis primi, &c.* onde tambem conta o referido caſo.

B Depois de eſtabelecida a refórma da Canonica Familia de Santo Agoſtinho neſte Reyno, foy eleito em Prior môr D. Joaõ Froes. Naſceo em Coimbra: Era filho de D. Froile Paes, Senhor das Villas de Mayorca, e Alhadas. Em ſeu tempo alcançou do Papa, que os Conſrades do Moſteiro de Santa Cruz, que foſſem Irmãos da Ordem, por Carta de Irmandade, ſe eximiſſem da juriſdiçaõ do Biſpo. Governava aquella Igreja D. Pedro Soares, que encontrando eſta graça, obrigou ao Prior ir ſuſtentar a cauſa em Roma. Recebeo-o o Papa com benevolencia, pela affeiçaõ, que tinha ao Moſteiro de Santa Cruz, deſde o tempo que nelle eſtivera, ſendo Legado em Heſpanha. Eſcreveo ao Biſpo de Coimbra deſiſtiſſe da contenda, pois o Moſteiro de Santa Cruz eſtava debaixo da ſua protecçaõ. Das duas Bullas já fizemos mençaõ no Texto. Em ſeu tempo, que ainda naõ havia Impreſſaõ, mandou eſcrever por hum Religioſo ſeu alguns livros uteis á livraria, a ſaber: os de Santo Agoſtinho, ſobre os Pſalmos, os da Cidade de Deos, e o livro da Hiſtoria Eccleſiaſtica, e dous Pſalterios para o Coro. Faleceo no anno de 1196, como ſe vê do livro dos Obitos *XIX. Kalend. Septemb. Æra M.CC.XXXIIII. obiit D. Joannes Froile Prior Quintus Sanctæ Crucis, in Regno Legionis.* Delle ſe lembra D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica da ſua Religiaõ*, part. 2. liv. 9. cap. 10.

C Em Villa Viçoſa, tinhaõ ſeu aſſento os Sereniſſimos Duques de Bragança, de cuja Caſa era Fidalgo Duarte Pereira de Brito, Commendador de Caſtelhaos, de quem foy filha, (devia ſer natural) Sor Elena do Paraiſo; porque naõ ſabemos, que caſaſſe ſeu pay. Entrou no Moſteiro de Santa Cruz da Ordem de Santo Agoſtinho de idade de quinze annos, e nelle acabou com opiniaõ de Santa.

Sor Ignez dos Anjos, naõ achamos mais, que ſer natural de Bragança, nem mais noticia, que eraõ ſeus pays nobres, e ſeguindo a vida eſpiritual foy Companheira das aſperas penitencias de Sor Elena; e conſervando o meſmo theor de vida até morte, que foy no anno de 1578, como refere Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 390, e a *Chronologia Monaſtica* de Purificaçaõ, e Eliſio neſte anno; Fr. Manoel Leal m. ſ.

D Naõ devemos paſſar em ſilencio ao Irmaõ André Jorge, da Companhia, natural da Villa de Vianna, no Arcebiſpado de Evora. Seus pays ſe chamaraõ Antonio Fernandes, e Reſponſa Jorge, merecedores deſta memoria por hum tal filho. Eſtudou em Evora Latim nas Claſſes, dando aos Companheiros bom exemplo nos ſeus coſtumes, confeſſando-ſe, e commungando todas as ſemanas. Entrou na Companhia, e exercitando-ſe na virtude naõ deixou de moſtrar o vivo do ſeu engenho, applicando-ſe de ſorte, que foy bom Latino. Era taõ pontual na obſervancia, que lhe ſuccedeo muitas vezes eſtar compondo alguma Poeſia, e deixar o verſo principiado, e acodir ao final, a que a obediencia o chamava. Morreo neſte dia, no anno de 1608. A ſua Vida eſcreveo o Padre Jeronymo Alvares da Companhia, e ſe conſerva m. ſ. no cubiculo dos Meſtres de Noviços de Lisboa; e Franco na *Imagem da Virtude do Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 30, e no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia.

E Na Villa da Golegãa, Comarca de Santarem, de que diſta quatro leguas, naſceo Luiz Rodrigues Romano; nella viveo caſado com Maria Farinha Mena, de naõ menor virtude do que o marido, que faleceo no anno de 1697, a quem ella ſobreviveo dez, ou doze annos. Conſta de hum aſſento, que mandou fazer pelo Eſcrivaõ do Eccleſiaſtico o Padre

Antonio Farinha de Mena, o Licenciado Domingos da Sylva, Vigario da Igreja da dita Villa, e nella Vigario da Vara, e Commiſſario do Santo Officio, o qual aſſinou o Medico Franciſco de Brito Vidigal, e alguns Religioſos, e peſſoas principaes da meſma Villa, que ſe acharaõ preſentes, ao que temos referido, e nós vimos copiado nas memorias, que o Cabido da Sé Oriental mandou à Academia Real.

AGOSTO XV.

Aſſumpçaõ de N. Senhora.

AM todas as Cathedraes do Reyno de Portugal ſe feſteja com eſpecial culto a Aſſumpçaõ da ſempre Virgem MARIA, Mãy de Deos, e Senhora Noſſa, e a eſte ſoberano Myſterio ſaõ dedicadas deſde tempo immemorial, que ſempre foy ſeguindo a piedade dos que edificaraõ em diverſos tempos as Sés deſte Reyno, como plantado na fé religioſa, dos que o reſgataraõ do jugo Mauritano; e aſſim experimentaraõ ſempre da liberal maõ do Altiſſimo eſpeciaes favores pela interceſſaõ da Virgem Santiſſima, de quem os Portuguezes ſaõ cordeaes devotos, e em diverſos titulos lhe tributaõ reverentes obſequios; e por eſta cauſa ſe applaude, e celebra em todo o Reyno com ſaudoſa memoria a feſtividade deſte venturoſo dia, em que tendo cumprido a Mãy Santiſſima ſetenta e dous annos, aos cincoenta e ſete do Naſcimento de Noſſo Senhor JESU Chriſto, foy admiravel, e prodigioſamente levada ſobre os Córos dos Anjos em Corpo, e Alma ao Ceo, depois de ter pago o univerſal tributo de ter naſcido, e ter logrado por Mãy de Deos, ſegundo a carne o privilegio de reſuſcitar ao terceiro dia, ſubindo ao auge da perfeiçaõ, a que naõ pode chegar outra alguma creatura, foy a gozar do decreto lançado antes da creaçaõ do Mundo.

N. Senhora da Aſſumpçaõ de Aviz

B Neſte dia, ſe celebra no Moſteiro de Aviz, Cabeça deſta Militar Ordem, a feſta da Aſſumpçaõ da Virgem Santiſſima, como eſpecial Padroeira, a quem he dedicada a Igreja, em memoria de ſer neſte dia principiado o Caſtello, para onde ſe mudou a Militar Ordem de Cavallaria, chamada entaõ de Evora, por reſidir naquella Cidade. Tomou o nome de Aviz, deſde aquelle tempo, em que permanece com eſplendor, ſendo conhecida no Mundo por ſua veneravel antiguidade,

tiguidade, e pelo esforço, e brio de seus Cavalleiros, que com singulares proezas merecerão gloriosa fama na posteridade, adquirida na observancia do seu Instituto, fazendo cruel guerra aos inimigos de JESU Christo, com que eternizarão o seu nome nos Annaes Lusitanos.

C Na Cidade de Goa, está muy viva a memoria de seu Santo Prelado D. Gaspar de Leão, I. Arcebispo Primaz do Oriente, Varão de insigne virtude, e singular exemplo. Começarão nelle a resplandecer as virtudes desde a idade de dezaseis annos, dando-se de tal sorte à contemplação unitiva, que andava sempre na presença de Deos, sem que nem os estudos, nem os actos Escolasticos mais fervorosos, que nas disputas, e argumentos das Aulas costumão alterar os animos, nem as conversações, que introduzio a urbanidade no trato Civil, e Politico, puderão nunca apartar o seu espirito, para que o não elevasse em considerações, e humildade, a conversar sómente com Deos; de sorte, que gozava o seu animo da mesma tranquilidade, e socego, do que quando retirado o buscava. De tal maneira elevava o coração no Divino Amor, que abrazado em ardentes chammas, excedião os gozos da alma os limites do humano; e assim não cabendo na esféra do coração brotavão os seus olhos em lagrimas de devoção, que com prudente cautella supprimia, para que se não publicassem os effeitos do seu espirito, que elle só a Deos pertendia fosse manifesto. Chegando a idade competente recebeo as Ordens Sacras, officio que exercitou, com aquelle theor de vida, que tinha sempre seguido. Dizia Missa com tanta devoção, e lagrimas, que erão demonstradoras da pureza da sua alma: nesta se dilatava tanto nos espaços da meditação, que nos mementos ficava elevado, e muitas vezes succedeo depois de estar na India no seu Convento da Madre de Deos, o Religioso que lhe ajudava a Missa, ir à cozinha fazer a sua obrigação, e voltar a tempo; porém não he de admirar, que quem anda na presença de Deos se dilate mais no Santo Sacrificio da Missa. Seguio as escolas com tal estimação, que o derão a conhecer pelo nome do Mestre Gaspar: pelo que entendemos devia ter ensinado; porque em algumas cartas delRey o nomeão da mesma sorte. Como as suas letras assentassão sobre virtude solida, ella mesmo o dava a conhecer, fazendo-o

D. Gaspar de Leão, Arceb. de Goa.

capaz dos empregos do ſeu eſtado. O Infante Cardeal D. Henrique, entaõ Arcebiſpo de Evora, Prelado virtuoſo, em o qual acharaõ protecçaõ os Doutos, e bem inclinados, aggregou ao ſeu ſerviço o Meſtre Gaſpar; e como o ſeu talento era digno de toda a occupaçaõ, ſe valeo delle em varios empregos. Deu lhe huma Coneſia em Evora, e o fez ſeu Eſmoler môr, moſtrando ſempre o grande conceito, e eſtimaçaõ, que fazia do Meſtre Gaſpar; mas nem o valimento do Infante, nem os lugares, alteraraõ o ſocego do eſpirito; porque como naõ ſervia à liſonja, nem à ambiçaõ, cumpria nas obrigações ſómente ao ſerviço de Deos, ſem que os cuidados humanos lhe perturbaſſem a paz do ſeu deſintereſſado animo. O Cardeal Infante, que delle tinha grande experiencia, o inculcou para o Arcebiſpado de Goa, Igreja, que ſe levantava à nova Dignidade, e neceſſitava de hum Prelado, em cujas letras, e virtude, ſe eſtabeleceſſe o eſpirito Apoſtolico, com que Chriſto fundara a ſua Igreja. Conſtituido o Meſtre Gaſpar na Dignidade de Arcebiſpo, embarcou para a India, e foy hum dos excellentes Prelados, que teve aquella Primacial Igreja, que regeu com amor, e deſintereſſe, ſem que as riquezas do Oriente contaminaſſem o deſintereſſe do ſeu animo. Aqui ſervindo às ſuas ovelhas, as appaſcentava com o exemplo das ſuas virtudes, que eraõ taõ attractivas, que moviaõ por ſi à refórma das vidas, deixando no zelo, com que as governava, huma ſingular memoria aos vindouros. Andava taõ reformado o ſeu rebanho, que viaõ os Gentios a virtude do Prelado, e a verdade da Religiaõ Chriſtãa, a que os eſtava chamando a integridade dos coſtumes, em que viviaõ aquelles póvos. Em hum dia bautiſou pelas ſuas mãos trezentos e oitenta Cathecumenos, com grande ſatisfaçaõ do ſeu eſpirito, por ver aquellas almas purificadas da culpa, e reduzidas ao gremio da Igreja. Eſte acto fez com grande ſolemnidade, a que aſſiſtio o Vice-Rey, toda a Corte, e Nobreza do Eſtado, moſtrando neſte apparato, que approvava a ſolemnidade, com que os Padres da Companhia faziaõ os bautiſmos, que elle ao principio lhe prohibio, ſendo tanta a ſua humildade, que confeſſou fora mal informado; e eſte motivo o fez ſer mais empenhado, em que os Padres foſſem os Miniſtros deſte Sacramento, já que tinhaõ o trabalho de reduzirem os Gentios. Como o ſeu intento era

a dila-

a dilataçaõ da Fé, como virtuoſo, naõ fazia capricho da ſua opiniaõ, ſe naõ do intereſſe, de que ſe augmentaſſe o rebanho de Chriſto, verdadeiramente Prelado digno de eterna fama.

No ſeu tempo, no anno de 1567, convocou o primeiro Concilio Provincial daquella Metropoli, para fazer novas Conſtituições, tirar abuſos, reformar vicios, e plantar virtudes, em que ſe exercitaſſem os Catholicos no augmento da Religiaõ, e culto da Fé. O quanto a eſtimava, e antepunha aos intereſſes do Mundo, ſe vio quando governava a India aquelle excellente Principe, em quem as virtudes igualavaõ ao Real ſangue, que o animava o Vice-Rey D. Conſtantino, filho do Duque de Bragança; o qual havendo triunfado do Rey de Jafanapataõ, e tirado por premio da victoria por deſpojos os ſeus theſouros, entre os quaes era o de mayor eſtimaçaõ hum Idolo, celebre em toda a Aſia, que ElRey de Jafanapataõ conſervava com enveja de todos os de mais Principes. Era eſte hum dente de hum Bogio grande, o qual idolatravaõ com particulares cultos: eſtava eſte collocado em huma joya de ouro, guarnecido de pedras precioſas; o que chegando à noticia delRey de Pegú, mandou offerecer ao Vice-Rey por elle quatrocentos mil cruzados, com tanta devoçaõ de o alcançar, que ſe entendeo chegaria até hum milhaõ de cruzados o donativo. Naõ faltava quem aconſelhaſſe ao Vice-Rey, que o entregaſſe, vendo a neceſſidade do Eſtado, para com o meſmo dinheiro fazer mayor guerra aos inimigos da Fé. Chegaraõ à noticia do Arcebiſpo as inſtancias, com que requeriaõ ao Vice-Rey admittiſſe as offertas, que lhe offereciaõ. Porém o Arcebiſpo com differente opiniaõ fallou com o Vice-Rey, como virtuoſo, e Letrado, demonſtrando-lhe com a Theologia, e com a razaõ, que todo aquelle ouro, porque ſe vendeſſe o dente, era huma injuria da noſſa Fé; porque naõ podia haver valor, que pudeſſe igualar à honra de Deos, que elle ſó devia ſer em toda a parte adorado: e ſe admirava de que houveſſe Portuguezes, criados na verdade da Religiaõ Chriſtãa, taõ ambicioſos, que foſſem cauſa de novo culto dado ao demonio, nas ſuperſticioſas adoraçõeſ, que os Gentios haviaõ de tributar àquelle abominavel dente. Neſta materia fallou outras vezes ao Vice-Rey com liberdade Chriſtãa, e com Apoſtolico zelo ſubio ao Pulpito, e diante do Vice-Rey, e da Corte,

Corte, reprehendeo aos ſequazes de taõ eſcandaloſa opiniaõ. Entre as ſingulares virtudes do Vice-Rey, em que dava a conhecer a magnanimidade do ſeu animo, naõ luzio menos a piedade da Religiaõ; e aſſim indeciſo naõ ſe determinava na reſoluçaõ, a que o inclinava a vontade de deſprezar todas as offertas del Rey de Pegú: e para que eſta foſſe acreditada com o Conſelho, chamou a huma junta as principaes peſſoas do Eſtado, aſſim Eccleſiaſticas, como Seculares, em que entraraõ os mais doutos Clerigos, e Religioſos das Familias de S. Franciſco, S. Domingos, e Santo Ignacio, os Inquiſidores Apoſtolicos, e outros, a que preſidio o Arcebiſpo, no qual o zelo da Religiaõ era igual à pureza da vida; e depois de ſe tratar o negocio, venceo a Theologia com a verdade da Religiaõ os intereſſes da politica: e ſem dilaçaõ reſolveo o Vice-Rey, que o dente foſſe entregue ao Arcebiſpo, o qual logo o lançou em hum almofariz, e com as ſuas proprias mãos o quebrou, e desfez em pó, lançando eſte em hum brazeiro, cujas malditas cinças mandou, que foſſem lançadas no rio à viſta do povo, que ſe ajuntou em grande numero, louvando a virtude do Arcebiſpo, e zelo do Vice-Rey, que com eſta heroica acçaõ, fez ainda mais glorioſo o ſeu nome na Hiſtoria.

Deſejava muito o Provincial da Companhia, que ſe augmentaſſe a Chriſtandade nas Ilhas de Salſete, e para com facilidade ſe conſeguir, era neceſſario, que em Margaõ ſe levantaſſe huma Igreja, por ſer eſta Aldea a mais nobre das tres Comarcas ſogeitas a Goa, de grande contrato, e taõ dilatada, que repreſenta huma principal Villa; de ſorte, que recebida em Margaõ a Fé, ſeria ſeguida das Aldeas de menor nome. A eſte bom deſejo ſe oppunhaõ as infalliveis contradições dos Bramanes Gentios, que eraõ nobres, e poderoſos, a quem a plebe havia de ſeguir. Neſta cuidadoſa idéa, recorreo ao Arcebiſpo, em quem a virtude brilhava mais do que as precioſas pedras do Oriente, e o zelo da propagaçaõ da Chriſtandade, ſe accendia de ſorte, que deſejava reduzir ao gremio do Summo Paſtor da Igreja o dilatado rebanho da Aſia. Para eſta empreza naõ offereceo o Arcebiſpo ao Provincial a boa vontade, e o poder, mas a peſſoa; e paſſando a Margaõ com os Padres mais authoriſados do Collegio de S. Paulo, era pa-

ra

ra ver a veneraçaõ, que tinhaõ ao Arcebiſpo, e como ſe conſervava entre aquelles Gentios o reſpeito; e converſando com alguns lhe perguntou onde lhe parecia melhor ſitio, para levantar a Igreja. Naõ duvidava o Arcebiſpo a parte, porque já levava determinado donde havia de ſer, para mayor gloria de Deos. Naõ repugnavaõ os Gentios já a obra; porém receavaõ, que o Arcebiſpo lhe derribaſſe o ſeu Pagode, cujo Idolo ſe chamava Magacî; e induſtrioſamente lhe moſtravaõ lugares, a que lhe apontavaõ conveniencias referidas à medida do intereſſe, que tinhaõ da conſervaçaõ do ſeu Idolo, que deſejavaõ conſervar. Caminhava o Arcebiſpo a pé, e levava na maõ huma ſetta, e chegando ao lugar do Pagode, a pregou na terra, ferindo com eſte golpe os corações dos Gentios, que o acompanhavaõ, taõ deſanimados, que ſe naõ attreveraõ a defender o ſeu Pagode, ficando taõ timidos da grande authoridade, e reſpeito do Arcebiſpo, que naõ ouſaraõ, nem a difficultar, quanto mais a reſiſtir. Derribou-ſe o Pagode, e no ſeu lugar ſe edificou a Igreja do Eſpirito Santo, na qual ſe diſſe a primeira Miſſa na Dominga in Albis. Receberaõ neſta Aldea mais de cinco mil peſſoas a Sagrada agua do Bautiſmo, com que regenerados na graça o vieraõ a ſer nos coſtumes os ſeus naturaes; porque ſendo até entaõ os mais rebeldes ao Eſtado, naõ cedem hoje na lealdade aos meſmos Portuguezes.

Naõ havia couſa, em que o Arcebiſpo naõ deſſe ſingulares moſtras do zelo da Fé; porém ao meſmo tempo ſe confundia com a alta Dignidade, tendo-ſe por incapaz, e naõ merecedor de taõ excelſo emprego; e aſſim deſejava muito renunciar a Archiepiſcopal Cadeira, e recolherſe aos Clauſtros da Religiaõ de S. Franciſco, tomando o Habito, viver em eſtreita pobreza, no limite de huma cella, ſeguindo a vida Apoſtolica, que ſempre amara, aborrecendo, deſde que teve uſo de razaõ, todas as vaidades do Mundo. Era eſte virtuoſo Prelado continuo na Oraçaõ, ſendo eſte exercicio o mayor emprego do ſeu cuidado; pelo que deſejava muito deſembaraçarſe de negocios, para ſe dar ſómente às delicias do eſpirito: aſſim rogava a Deos lhe inſpiraſſe o que foſſe mais do ſeu agrado. Vacilava neſtes cuidados, quando lhe foy revelado, ou proferido pela boca Santiſſima de Chriſto crucificado, que ſem

largar

largar a Dignidade cumpriſſe com o ſeu intento, fundando hum Convento de Capuchos da Ordem de S. Franciſco, e nelle poderia achar paz, e ſocego, para ſe dar todo à contemplaçaõ. Eſta Santiſſima Imagem ſe venera naquella Cidade, com grande devoçaõ, com a tradiçaõ de que fallara ao Arcebiſpo. Tratou logo de pôr em execuçaõ a Divina vontade, procurando de Portugal Frades, que ſeguiſſem a refórma, o que por entaõ naõ pode conſeguir; porém communicando a ſua idéa a Fr. Joaõ de Ceita, Cuſtodio da Provincia de S. Thomé, ajuſtou o modo de ſe eſtabelecer a refórma; e concedendo-lhe eſte licença, fundou o Convento da Madre de Deos, affaſtado huma legua da Cidade de Goa, o qual eſtendendo-ſe em Conventos deu o nome à Provincia. Habitado o novo Convento de Religioſos, que na obſervancia da vida moſtravaõ ſerem verdadeiros filhos do Serafim de Aſſiz; abrazado o Arcebiſpo no amor da obſervancia, intentou renunciar a Dignidade nas mãos del Rey, e do Papa, com intentos de ſer ſeu Companheiro: difficultava a diſtancia a execuçaõ do ſeu deſejo, e em quanto naõ chegava a repoſta, todo o tempo, que podia ter livre, ſem que faltaſſe às obrigações de Paſtor, ſe recolhia ao Convento da Madre de Deos, onde ſeguia os actos da Communidade, ſem diſtinçaõ dos mais Religioſos, aſſiſtindo no Coro à Oraçaõ, e diſciplinas; e até nos actos mais humildes os acompanhava, ſem que lhe ſerviſſe a Dignidade de embaraço, para ir com os Religioſos lavar a louça à cozinha. A cama, que tinha, era indecente ao ſeu eſtado, mas ainda naõ igualava ao ſeu eſpirito; naõ uſava de outra differente da de qualquer Capucho; huma taboa, com huma manta, e huma fronha de cambolim, que he o meſmo que burel, portando-ſe em tudo como o mais pobre Religioſo. Com eſte exemplo creſcia na edificaçaõ aos olhos de todos, aqualla nova planta da Religiaõ Serafica, ſervindo de admiraçaõ o ver o Primaz de todas as Igrejas do Oriente, ſem mais pompa nem grandeza, reduzido por propria vontade a eſtreita pobreza de hum Capucho. Eraõ as ſuas praticas reduzidas ao eſtado da vida, que ſeguia, ſem que nelle houveſſe memoria ſenaõ da perfeiçaõ Religioſa, na qual em mais dilatada eſféra conſeguia a ſua alma Celeſtes favores. Tanto ſe accendia no fogo do Amor Divino, que em huma occaſiaõ eſtando

do conversando com os Religiosos, sendo a materia a grande devoçaõ, com que S. Bernardino de Sena venerava o ineffavel Nome de JESU, e o quanto soubera padecer pelo seu amor, que cahio brandamente da cadeira sobre o leito, em hum profundo, e suave extasis, de que tornando em si, com humilde espirito pedio perdaõ, e segredo aos Religiosos, ficando estes naõ menos edificados da sua virtude, do que da profunda humildade, com que a occultava. Chegou do Reyno a desejada noticia, de que o Pontifice lhe aceitara a renuncia, dissolvendo-lhe o vinculo daquella Igreja, se recolheo a viver com os Capuchos, para de todo se dar à perfeiçaõ da vida Religiosa, na qual já se naõ podia adiantar; mas sómente praticar as mesmas virtudes, que elle taõ bem soube observar. Aqui compoz aquelle celebre livro *Desengano de Perdidos*, que he hum Dialogo entre hum Christaõ, e hum Turco. Outro para a criaçaõ dos Noviços; deixando-lhe nesta memoria, em seus escritos àquelle Mosteiro o modello da vida, que seus primeiros habitadores tiveraõ no exemplo do seu espirito. Naõ durou este socego ao Arcebispo toda a vida, como tinha premeditado; porque quando entendia estava livre, e desembaraçado, se achou de novo com a morte de seu successor D. Fr. Jorge Themudo, metido no governo do Arcebispado, de que tanto se desejava livre. Foy o caso, que ElRey D. Sebastiaõ recorrendo ao Pontifice para o provimento desta Igreja, nomeou ao Arcebispo nella, pedindo-lhe, que com preceito de obediencia o obrigasse a segunda vez entrar naquella Diocesi. Assim o fez o Papa; porque a virtude do Arcebispo era presente em toda a parte. Naõ pode resistir, nem duvidar, e de novo tornou à Primacial Cadeira do Oriente. Começou logo a reger o seu rebanho, com o cuidado da salvaçaõ das almas; e assim como as ovelhas conheciaõ ao Pastor pela virtude, elle as conhecia pelo amor com que as tratava, sem que a idade fizesse reparo nos discomodos das visitas, de que a velhice o pudera dispensar nas distancias. Nunca tratou com mimo a sua pessoa; porque no comer, e dormir foy parco, vivendo sempre com mortificações; porque os muitos annos naõ lhe fizeraõ affroxar a aspereza, com que maltratava ao seu corpo, nas penitencias, e jejuns, a que se ajuntavaõ enfermidades companheiras da velhice, que sofria com admiravel pa-

ciencia, até que finalmente cheyo de annos, virtudes, e merecimentos, acabou, deixando da ſua vida, e doutrina taõ ſingular memoria, que he conhecido naquelle Imporio do Mundo, com o nome do Arcebiſpo Santo.

Bartholomeu Lourenço, da Comp.

D Neſte dia, no Collegio de Evora, cheyo de annos, e merecimentos deu fim à vida mortal, para a lograr eterna, o Irmaõ Bartholomeu Lourenço, da Companhia, Coadjutor temporal; occupaçaõ, que deſempenhou na charidade com que aſſiſtia às obrigações do ſeu eſtado, experimentando nelle todos os enfermos ſingulares moſtras de hum animo pio, candido, e charitativo, como exercitado na Oraçaõ, em que gaſtava largo tempo, contemplando nas delicias do Ceo. Delle ſe affirma, que todos os dias tinha ſete horas de Oraçaõ, e que reverenciando o Santiſſimo Sacramento, ajoelhava tantas vezes diante do Altar, que era imitador do Apoſtolo S. Bartholomeu. A tanta devoçaõ ajuntava diſciplinas, e mortificações, com que alentava o eſpirito a mayores emprezas. Era taõ conhecida a ſua virtude, que nas ſuas Orações, ſe recommendavaõ todos os do Collegio, experimentando admiraveis effeitos nos ſeus intentos. Hum Irmaõ, que ſe achava maltratado dos olhos, ſe chegou a elle com diſſimulaçaõ, e lhe pedio lhos aſſopraſſe, e ſó com eſte remedio conſeguio melhoras. Dous annos antes de morrer ſe apparelhou como ſe já foſſe chegado o ultimo prazo da vida, com tanta ſatisfaçaõ ſua, que dizia eſtava prompto para dar conta ao Supremo Juiz. Na ultima enfermidade padeceo muito; porque os annos com achaques faziaõ muy penoſa a doença; porém a obediencia ao Superior adoçava a mortificaçaõ. Já na ultima ſemana pedio huma Imagem da Virgem Santiſſima Senhora Noſſa, de quem era muy devoto, e rogando-lhe, que lhe alcançaſſe de ſeu Filho morrer no dia da ſua Aſſumpçaõ, repetio, que eſperava aquelle favor da Virgem, à qual naõ coſtumava faltar aos devotos, que com coraçaõ puro, e ſincéro a veneravaõ, e aſſim o veyo a conſeguir, indo a celebrar ao Ceo a ſua glorioſa feſta.

Fr. Vicente da Coſta, Leigo dos Coneg. Regrantes.

E Em o Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, o ultimo dia de Fr. Vicente da Coſta, Irmaõ Leigo da Canonica Familia Auguſtiniana, que muitos annos ſervio naquella Caſa de Enfermeiro, com notavel exemplo, edificando com a hu-

a humildade, e com o amor, e preſtimo, com que ſervia aos doentes. Delle ſe affirma, que tendo por coſtume rezar à Virgem Santiſſima, de quem era muy devoto, o ſeu Roſario de joelhos diante de huma Imagem da Senhora, hum dia occupado com os enfermos, naõ teve tempo de dia para cumprir com a devoçaõ, a que infallivelmente ſatisfazia devoto, e poſto de joelhos à noite na ſua cella a rezar, e como eſtiveſſe o corpo canſado do trabalho do dia, rendido adormeceo eſtando rezando, mas deſpertando corrido, lavou os olhos com agua fria muitas vezes; porém o ſomno em lugar de fugir o naõ largava. Neſta affliçaõ foy ſoccorrido prodigioſamente pela Virgem com hum eſpecial favor, que foy dizerlhe: *Filho, lança-te na cama, e deſcança do trabalho, que eu dou por aceita a devoçaõ.* Eſte favor encobrio em quanto viveo, e na hora da morte o revelou ao ſeu Confeſſor. Era já muy velho, quando lhe ſobreveyo huma larga doença, em que moſtrou, que a ſua paciencia naõ era menos admiravel, do que a ſua charidade; porque ſofreo com grande reſignaçaõ hum dilatado purgatorio. Eſtando já ungido, por diverſos ſinaes, que dera a doença, chegou à porta da cella hum Padre, e ou zombando, ou imprudentemente, diſſe: *Ainda eſte Irmaõ naõ acaba de morrer?* O que ouvindo Fr. Vicente, reſpondeo: *Padre, olhay naõ vades vós primeiro.* Caſo digno de ponderaçaõ! Porque naõ tinhaõ paſſado mais que duas horas, quando dando hum accidente no Religioſo, às vinte e quatro horas rendeo a vida à violencia da enfermidade. Deſte ſucceſſo ficou muy ſentido o Servo de Deos, e com lagrimas lhe pedio perdaõ, e o encommendava na miſericordia do ſeu Creador, ficando ainda mais acreditada a ſua virtude, deixando neſte caſo hum exemplo aos vindouros, para naõ zombarem dos doentes, nem taõ pouco deſprezarem na Religiaõ aos que tem differente cathegoria, pois Deos naõ repara nas graduações, que o Mundo dá, mas nas perfeições da alma.

F Item em Moimenta da Beira, no Moſteiro de Noſſa Senhora da Purificaçaõ da Benedictina Familia, Sor Filippa Pinto, a quem a Virgem Santiſſima pagou com ditoſa morte a grande devoçaõ, que teve ao Myſterio da ſua Aſſumpçaõ. Padecia o mal de hydropezia, e indo as Religioſas viſitalla neſte dia, a acharaõ ſentada em huma cadeira com hum ra- *Sor Filippa Pinto, Baned.*

mo na maõ cantando: *Virgem Soberana de outros cantos digna.* Admiradas as Religioſas, por ſer modeſta, e naõ coſtumada a divertimentos, chamaraõ o Medico, e tomando-lhe o pulſo, conheceo, que ſe lhe eſtava acabando a vida. Recebeo a Unçaõ, e entrou no artigo da morte: mas com tal acordo, como quem tinha na ſua preſença a Rainha dos Anjos, como ella dizia às Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ, que a eſtava vendo veſtida de grande gloria; e pedindo-lhe com grande humildade a ſua interceſſaõ, para alcançar a miſericordia de Deos, foy deſta ſorte a lograr de taõ incomparavel bem, como piamente cremos.

Fr. Balthazar de Alcacer, Pied.

G Em Valverde, na Provincia de Alentejo, trocou a vida breve pela eterna, o Religioſiſſimo Fr. Balthazar de Alcacer, Sacerdote da obſervante Provincia da Piedade, em cuja alma depoſitou Deos hum grande theſouro de virtudes, as quaes dá ſem limite aos que lhas merecem, e ſabem pedir com viva fé. Para conſervar eſtas, ſe armou Fr. Balthazar de rigoroſas penitencias, obſervando hum perpetuo, e rigoroſo jejum, naõ bebendo nunca vinho, nem ainda depois de velho, diſciplinando-ſe todas as noites com muita crueldade por eſpaço de huma hora, andando ſempre deſcalço, ainda em largas jornadas, e caminhos muy compridos; e deſta ſorte foy tres, ou quatro vezes ao Capitulo Geral, ſervindo de edificaçaõ a todos, os que o viaõ naquella idade, tratarſe com tanto rigor. Na Oraçaõ Mental era continuo, para a qual ſe levantava duas horas, antes que deſpertaſſem a Matinas, e acabadas ellas, e a Oraçaõ da Communidade, perſeverava orando até a madrugada: o que fazia com eſpecial dom de lagrimas, ſendo muitas vezes achado em extaſis na cella, e na Igreja, ſahindo delles como quem deſpertava de hum profundo ſomno, ſendo tanta a devoçaõ, que naõ cabendo no peito ſahia, em vozes, e ſuſpiros, deſpertando ao fervor do ſeu eſpirito aos que dormiaõ, communicando-lhe o Senhor Celeſtes favores, de que a ſua alma recebia novos alentos, para mais perſeverar em o ſervir. Naõ podia ſofrer o inimigo commum vello taõ favorecido, e aſſim com cruel guerra o inquietava, durando trinta annos o combate, de importunado de hum penſamento torpe, a que com admiravel conſtancia reſiſtio, pedindo de continuo a Deos lhe deſſe graça, e forças para o vencer, até

que

que a Divina Mageſtade lho concedeo, livrando-o daquella porfiada contenda, de que com extraordinaria alegria rendeo a Deos as graças, e depois importunado de hum ſeu Companheiro de vida approvada, lhe referio o ſucceſſo. Neſte theor de vida perſeverou cincoenta annos na Provincia. Hum mez antes do dia da ſua morte declarou, que havia de morrer no dia da Aſſumpçaõ da Senhora; e chegando a ſua veſpera, entenderaõ os Frades, porque era acreditada a ſua virtude, que ſeria no ſeguinte anno; mas tanto que tocou o ſino a Veſperas, lhe deu hum frio, que durou até a mea noite. Vendo o Guardiaõ, que ſe cumpria o que o Servo de Deos prediſſera, aſſim que tangeraõ a Matinas, mandando alguns Religioſos para o Coro, e elle ficou com outros rezando junto do Santo Velho, e dizendo no fim dellas: *Fidelium animæ per miſericordiam Dei requieſcant in pace*, no tempo que no Coro ſe principiava *Te Deum laudamus*, cheyo o ſeu roſto de Celeſtial alegria a ſua alma de interna paz, foy gozar do deſcanço preparado aos Santos, ſendo a ſua morte na meſma hora revelada a hum Religioſo ſeu ſobrinho, que eſtava em Eſtremoz.

Sor Maria do Eſpirito Santo, Agoſtinha.

H Na Metropoli do Oriente, na inclyta Cidade de Goa, naſceo para o Ceo Sor Maria do Eſpirito Santo, em o Moſteiro de Santa Monica, a qual deſde que teve uſo de razaõ começou a ſer ſanta. Aos ſeis annos lhe faltou ſeu pay, e a criou ſua mãy com grande cuidado nas couſas eſpirituaes: aſſim ſe adiantou em tal perfeiçaõ, que entrando a ſe confeſſar, era tal o conhecimento dos Sacramentos da Penitencia, e Euchariſtia, que quando chegou aos doze annos, lhe ordenou o Confeſſor, que commungaſſe duas vezes na ſemana. Achavaſe em Taná ſua Patria, o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando o ſeu Confeſſor lhe aconſelhou lhe deſſe huma petiçaõ, na qual dizia: *Que ſe tinha dedicado a Deos em perpetua caſtidade, pelo que lhe pedia o modo de o conſeguir em perpetua Clauſura, ligada aos votos ſolemnes da Religiaõ.* Enterneceo-ſe aquelle grande Prelado, vendo huma menina com pouco mais de dez annos, cheya de hum fervoroſo eſpirito, e com animo de Cavalhero, e Santo, lhe reſpondeo: *Eu te prometto menina, e te dou minha palavra, que te faça Freira profeſſa, ou em Moſteiro da India, ou de Portugal, e te darey tudo o que te for neceſſario para o conſeguires.* Pouco

depois

depois foy com ſua mãy para a Cidade de Goa. Aqui ſe veſtio de Manteleta da Ordem Auguſtiniana, vivendo com tal exemplo dentro de ſua caſa, como ſe fora em hum reformado Moſteiro; porque os exercicios eraõ oraçaõ, jejuns, penitencia, e mortificaçaõ, com que de continuo combatia o Ceo. O Arcebiſpo lhe aſſiſtia, naõ ſó com o neceſſario para a vida, mas tambem para o augmento eſpiritual, confeſſando-a muitas vezes: era ſobre letrado amigo da virtude, e no Oriente ſerá ſempre ſaudoſa a memoria de hum taõ inſigne Prelado. Animava a Sor Maria a ſeguir a vida, que intentara, e encaminhava aquella tenra planta a ſubir ao cume da perfeiçaõ. Frequentava com ſua mãy a Igreja: era para ver a devoçaõ, para admirar a modeſtia. Naõ lhe vio ninguem os olhos; porque empregados no Divino objecto, eſtavaõ taõ fixos no Altar, que teſtemunhavaõ, que no ſeu coraçaõ naõ havia ſenaõ fino amor de Deos, que naõ ſó a conſolava, mas favorecia para a perſeverança. Entrou de dezaſeis annos com ſua mãy, ſua inſeparavel companheira, no Recolhimento das Donzellas, em quanto naõ havia Moſteiro: parece que as ſuas orações o ajudaraõ tanto, que creſcia no material, e em breve ſe concluîo. Foy ella a primeira Noviça, e a primeira, que nos Clauſtros da Religiaõ ſolemnemente ſe conſagrou ao Divino Eſpoſo, a quem fazendo obras dignas do ſeu agrado, mereceo recompenſarlhas na vida, e na morte. Naõ ſabia Latim, mas communicando lhe o Senhor huma perfeita intelligencia na Oraçaõ, entendia as rubricas, e regras do Miſſal, e Breviario, de modo que podia enſinar as Companheiras a rezar. Em todas as virtudes foy eſta Serva de Deos a mais perfeita idéa de huma verdadeira Religioſa; já exercitando a paciencia em crueis dores de cabeça; já em pontadas, que cruelmente a atormentavaõ, com que o Senhor purificava aquella alma, para que foſſe depois exemplo nos ſeculos vindouros da perfeiçaõ Religioſa. Eſtando hum dia bem atormentada de dores de cabeça, (que toda a vida a acompanharaõ) teve huma viſaõ, na qual ſe lhe repreſentava offerecerlhe huma coroa de eſpinhos, para a ſua cabeça, dizendo-lhe: *Toma eſta coroa, e ſe magoar ao principio, e for coroa de tormento, depois ſerá coroa de gozo, e gloria.* Continuaraõ as dores com mayor exceſſo, que ſupportava por mimos do ſeu Eſpoſo, como

mo quem padecia só pelo seu amor. A charidade igualava ao amor, que tinha as suas Religiosas, por quem rogava a Deos, e de que se seguiraõ admiraveis frutos. Em espirito taõ elevado naõ podia a humildade deixar de ter lugar muy espaçoso; porque nas cousas de trabalho era a primeira. Nas occupações vís, e abatidas, servia naõ só sem repugnancia, mas com gosto. As suas eminentes virtudes a elevaraõ a Prioresa desta Casa, naõ tendo mais que vinte e oito annos; para o que o Arcebispo D. Fr. Christovaõ, consultando pessoas doutas, em que entrou o Bispo de Cochim D. Fr. Sebastiaõ de S. Pedro, (depois tambem Arcebispo de Goa) resolveraõ podia ser dispensada; e assim foy eleita, e foy a segunda Prioressa: e succedendo a sua mãy, que prostrada a seus pés foy a primeira, que lhe prometteo obediencia, com tanta consolaçaõ, e jubilo seu, como de toda a Communidade, como quem reconhecia o talento, e espirito da Prelada, à qual todas deviaõ, naõ só estimulo para a observancia, mas o ensino; porque a humas havia ensinado a ler, outras a rezar, e a todas encaminhado à perfeiçaõ, pelo que lhe eraõ devedoras, entrando neste numero sua mãy. O zelo, e prudencia, com que governou, nasceo de hum animo, a quem assistia a Divina Graça; porque no temporal acudia com charidade, e amor, compadecida dos trabalhos consolava, e remediava a todas como a filhas, que por extremo amava. No espiritual procurava, que vivessem com perpetuo esquecimento de tudo o que era Mundo, e que puzessem todo o seu cuidado em amar ao seu Esposo o Menino Jesu; e assim lhe introduzio, que o vestissem, e ornassem com o mayor primor, para que na continuaçaõ se lhe augmentassem os desejos das cousas do Ceo. Teve grande devoçaõ com o dulcissimo Nome de Jesu, com o Mysterio do Santissimo Sacramento, com a Virgem Santissima, a seu Padre Santo Agostinho, e à Madre Santa Theresa: assim mereceo ser favorecida com Celestes favores em recompensa do seu abrazado espirito, apparecendo-lhe Santo Agostinho em huma occasiaõ, em outra Santa Theresa, devendo à sua contemplaçaõ estes beneficios, e outros muitos da liberal maõ de Deos. Naõ continuou no officio de Prelada mais que hum anno e tres mezes, que felizmente tinha governado aquella Communidade, pela qual tinha trabalhado tanto; quando repetindo-

lhe

lhe as dores de cabeça, e do figado, com tanta vehemencia, que cahio em huma larga enfermidade, em a qual experimentou novos tormentos, que ſofria com inimitavel conformidade, acriſolando na paciencia aquella pura alma: e confortada com os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; com huma verdadeira humildade pedio perdaõ das ſuas faltas à Communidade, e em repetidos actos de amor de Deos ſe lhe ouviaõ aquellas celebres palavras de S. Paulo: *Cupio diſſolvi, & eſſe cum Chriſto*, e entre as lagrimas das Religioſas, que ſentiaõ taõ irremediavel perda na Meſtra da ſua Religioſa vida, com huma grande ſerenidade deixou de viver na idade de vinte e oito annos, admirados na vida, e na morte com prodigios. O ſeu caſto corpo ficou taõ bello, que cauſava alegria, ſahindo dos ſeus olhos, ao que parecia, dous rayos de luzes, e ouvindo-ſe ſuave canto em todo o Moſteiro de vozes Angelicas, teſtemunhavaõ a ſua innocente vida. A ſua morte foy ſentidiſſima em toda a Cidade. O Arcebiſpo a mandou retratar, e as peſſoas principaes, e devotas acudiraõ ao Moſteiro a venerar o ſeu corpo.

Iſabel de Miranda.

I. Em a Cidade de Ponta Delgada, a ſanta memoria de Iſabel de Miranda, taõ abſtinente, mortificada, e penitente, que jejuava tres dias na ſemana, e as feſtas feiras a paõ, e agua. Quando commungava naõ comia naquelle dia, eſtimando foſſe o da feſta feira, em que a memoria da ſagrada Paixaõ ſe faz celebre. Da meſma maneira paſſava as vigilias, e feſtas principaes, ſendo eſtes dias os de ſua mayor ſatisfaçaõ. Foy de naſcimento pobre, e humilde: ſua mãy lhe enſinou o officio de Tecedeira, tendo treze annos; porém já vivia com hum cuidado muy eſpecial nos Mandamentos da Ley de Deos, a que ajuntava devoções de rezas, e exercicios, com que adornava a ſua alma. Poucos mais annos tinha, quando ſua mãy a caſou: naõ correſpondia o eſtado aos ſeus deſejos, porque eraõ bem differentes. Padeceo muito neſta reſoluçaõ; porém como naõ tinha vontade, obedeceo à mãy, caſando com hum homem de deſproporcionada idade, e em quem o Senhor lhe dava bem em que merecer. Teria vivido ſete annos na ſua companhia, quando foy neceſſario ao marido auzentarſe por huma deſgraça, que lhe ſuccedeo. Neſta auſencia, que durou outros ſete annos, viveo exemplarmente trabalhando no ſeu officio, ſem

que

que faltaſſe ao exercicio da virtude, aſpirando a mayor perfeiçaõ, frequentando os Sacramentos. Naõ dormia em cama, e fazia outras penitencias, com que caſtigava o ſeu corpo, e ſe augmentava o eſpirito. Era bem parecida, naõ ſendo baſtante o ſeu recolhimento, e modo de vida exemplar, para que naõ deixaſſe de haver animos perverſos, que a ſolicitaſſem para amizades illicitas, e torpes, pertendendo contraſtar o ſeu animo com o vil preço da ambiçaõ, mandando-lhe peſſas de valor, com promeſſas de largas remuneraçõeſ, como ſe a mancha da alma pela culpa póde ſer comprada por nenhum preço: reprehendeo as medianeiras de taõ infame tratado, e as deſpedio enſinadas, e confundidas. Naõ ſó triunfou dos combates exteriores, mas dos que o demonio com ſuggeſtões peſſimas a atromentava, contra as quaes peleijava com a Oraçaõ, e com aſperas diſciplinas, com cilicios, e jejuns, affligindo-ſe em huma cama de reſtolho muy aſpera, em que dormia, no tempo que o inimigo a perſeguia. A's ſuas Orações deveo alcançar de Deos ſaude ſeu marido auſente, com huma romaria, que fez à Ermida de S. Lazaro: o que elle lhe pagou com deſgoſtos, quando voltou, e com peyor trato, a que ajuntou hum ciume barbaro, pelo qual a trazia afflicta, ſem que houveſſe modo, com que ſe remediaſſe a ſua mal fundada deſconfiança. Recorreo ao meſmo Santo, pedindo-lhe abriſſe os olhos da alma a ſeu marido, e que naõ aceitaſſe a romaria. Caſo maravilhoſo! No meſmo ponto ſentio o marido repetiçaõ da moleſtia, que era em huma perna, tornando ao primeiro eſtado, com grandes dores: e por ventura foraõ neceſſarias para remedio mayor da ſua ſalvaçaõ, reconhecendo a innocencia da Serva de Deos, ſe arrependeo. Tambem outra peſſoa ſe vio caſtigada por ſemelhante teſtemunho, com que a pertendeo infamar. Naõ tinha mais que trinta annos, quando ficou diſſolvido o vinculo do matrimonio pela morte de ſeu marido. Logo determinou com a graça de Deos de fazer vida mais perfeita. Foy à ſua Freguefia, e fez voto de perpetua caſtidade, tomando por Madrinha a Virgem. Entrou em mais aſpera vida, accreſcentando as penitencias. Dormia ſem mais cama, que huma manta feita de retalhos vís, chea de nós: neſta dormia tres dias na ſemana, reclinada a cabeça ſobre huma pedra, que depois melhorou por hum pedaço de madeira. As outras noites paſ-

ſava de ordinario aſſentada, e deſcançando a cabeça ſobre os braços, tomava breve ſomno, com que repouſava. Era taõ continua em eſtar de joelhos, que nelles trazia callos muy groſſos. A camiza era de pano de ſacco aſpero, e groſſeiro, taõ cheyo de areſtas, que aſſaz a mortificava, por ſer de natureza delicada. Outras muitas mortificações exercitava, ſogeitando a vontade em ſantos propoſitos, que infallivelmente obſervava. A todas eſtas virtudes ajuntava grande ſofrimento, e paciencia, com huma exceſſiva charidade, fazendo quanto podia por ſervir ao proximo. Era de entendimento claro, para comprehender as regras da virtude, obſervando os caminhos da vida eſpiritual, conforme o que lhe ordenou o ſeu Confeſſor, o Padre Fr. Braz Soares, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, cuja Regra ella abraçou, fazendo ſolemnemente voto de caſtidade, que tinha feito ſimplez, e os de mais da Religiaõ, conforme as Manteletas, Freiras daquella Ordem. E perſeverando em vida ſanta, foy receber o premio das ſuas aventajadas obras, deixando fama conſtante de ſantidade, que ſe augmentava com milagres continuados, dos quaes approvou muitos o Ordinario. O ſeu ſepulchro he venerado pelos ſeus naturaes.

Fr. Martinho de Ledeſma, Dominico.

K Na Cidade de Coimbra, em o Collegio de Santo Thomás, da Ordem dos Prégadores, eſpera a Reſurreiçaõ Univerſal o Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma, Religioſo de grandes letras, e igual obſervancia, de muita humildade, e deſprezo proprio. As ſuas letras o elevaraõ naquella Univerſidade à Cadeira de Prima de Theologia; porém elle era taõ igual com os Religioſos ordinarios, em todas as converſações, que moſtrava no ſeu trato, e modo de proceder, a ſua humildade. Era pobre na ſua peſſoa, cella, e veſtido; mas de animo magnanimo, e largo, para emprender obras ſumptuoſas, pois ao meſmo tempo deu principio a edificar dous Conventos. Hum foy o Collegio de Santo Thomás em Coimbra, e outro para Frades, que ſe mudaraõ do ſitio velho. Niſto gaſtava o que lhe rendia a Cadeira; porque comſigo deſpendia pouco. No tempo, que governava a Rainha D. Catharina, na menoridade de ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ, chamou a Fr. Martinho, e fazendo-lhe a ſaber, que o tinha eſcolhido para Biſpo da antiga Igreja de Vizeu, hum dos principaes Biſpados do Reyno, por rendas, e antiguidade de Igreja: reſpondeo com

palavras

palavras ſingelas, que eſtimava o juizo, mas naõ a merce; conſtantemente regeitou a Dignidade, antepondo a quietaçaõ da alma a todas as honras da terra; e vivendo depois muitos annos, faleceo em ſanta velhice, neſte dia.

Anonyme, Dom.

L Item em Nangaſachi, no Japaõ, hum Irmaõ Religioſo da meſma eſclarecida Familia dos Prégadores, cujo nome eſcrito no livro da vida, he numerado entre os Martyres no Reyno do Ceo: pois em odio da Religiaõ Catholica, que ſervia com grande amor do proximo, foy metido no tormento das covas, onde pendurado pelos pés, perſeverou tres dias, até que a ſua bemdita alma foy gozar o premio, que a ſua conſtancia ſoube merecer, em obſequio de JESU Chriſto.

Commentario ao XV. de Agoſto.

A A Feſta da Aſſumpçaõ da Virgem Santiſſima, que venera a Igreja Romana, naõ ſe póde aſſentar, em que tempo ſe começou a celebrar. Alguns entenderaõ, naõ com vulgares indicios, ter principio antes do Concilio Epheſino, que foy no quinto ſeculo, pelos annos de 431. Neſte Concilio ſe definio a qualidade de Mãy de Deos, contra a hereſia dos Neſtorianos, e ſe começaraõ a edificar Templos em ſeu Nome, em Conſtantinopla, e outras Cidades daquelle Imperio. No ſexto ſeculo a Emperatriz Pulcheria, e ſeu marido o Emperador Marciano, edificaraõ o celebre Templo de Blaquer, na Cidade de Conſtantinopla, e procuraraõ o Sagrado Corpo da Virgem, para o collocarem nelle, com grande ancia, como refere Nicephoro Calixto no liv. 15. cap. 14. Eſcreveo eſta devota Princeza, a Juvenal Patriarca de Conſtantinopla, e aos de mais Padres, que ſe achavaõ juntos no Concilio Chalcedonenſe, no anno 451, para que lhe deſſem noticia do ſitio, onde eſtava aquelle precioſiſſimo Theſouro; a que reſponderaõ: que as que tinhaõ da ſua glorioſa Aſſumpçaõ, era ſer conſtante por antiquiſſima tradiçaõ; e que o Sepulchro da Senhora eſtava em Gethſemani, junto a Jeruſalem, e que nelle ſe via a figura do Corpo da Santa Virgem na pedra; o que certamente naõ era obra de mãos de homens, com que a eſte tempo ſe reduz a opiniaõ mais certa do culto deſta feſtividade, e ſe começou a eſtender por diverſos lugares na Igreja Grega, e Latina, como eſcreve com muita erudiçaõ Franciſco Maria Florentino: aſſim parece eſtar longe de tradiçaõ Apoſtolica; porque muito depois naõ ſó Santo Ildefonſo, mas Pedro Bleſenſe a prégaraõ como opiniaõ piedoſa, e mais provavel; porém depois ſe aclarou tanto, que ſeria temeridade irreligioſa polla em duvida, como advertiraõ alguns Authores.

A Feſta da Aſſumpçaõ ſe celebra em Roma deſde o tempo do Papa Sergio, no ſetimo ſeculo, pelos annos 688. O Kalendario de S. Gregorio Papa, lhe chama a Feſta da Aſſumpçaõ. Alguns pertendem, que no ſexto ſeculo o Emperador Juſtiniano começou a feſtejar eſta celebridade no dia 15 de Agoſto. Outros, que o Emperador Mauricio, no fim do meſmo ſeculo, no tempo de S. Gregorio Magno. A ſua Vigilia, e Oitava, ordenou o Papa Niculao I. pelos annos de 858; porém Segeberto na ſua Chronica aponta, que eſta Oitava foy ordenada em Roma pelo Papa Leaõ IV. que foy muitos annos antes; e bem poderia ſer já celebrada em muitos outros Lugares. S. Bernardo na Epiſtola 174, aos Conegos de Leaõ, diz: que elle havia recebido a ſolemnidade da Feſta da Aſſumpçaõ, da antiga inſtituiçaõ da Igreja.

Deixando a variedade, que ſe refere no dia deſta ſolemnidade, nós a te-

mos fixa no Kalendario Romano, deſde o oitavo ſeculo; e no dos Gregos ſe acha apontada neſte meſmo dia, no ſexto ſeculo: ainda que em alguns dos Kalendarios antigos ſe lhe dé outro nome, chamando-lhe *Depoſiçaõ*, *e Sommo*, nome de que ſe uſou na Igreja Grega. Muitos dos Santos Padres nas ſuas Homilias affirmaõ, que a Senhora foy em Corpo, e Alma para o Ceo. Natal Alexandre na *Hiſtor. Eccleſ.* Secul. 1. Cap. 1. Art. 3. pag. 4. do Tom. 3. diz: *Certius eſt illam redevivo Corpore in Cælos aſſumptam fuiſſe; piam hanc ſententiam in Eccleſia Occidentali ſexto ſeculo jam invaluiſſe: conſtat ex S. Gregorio Turonenſi cap. 4. ex antiquo Miſſali Gothico Gallicano, quod Thomaſius, & Dom. Mabillionius luce donarunt.* He materia, que naõ tem duvida, que a Igreja Catholica Romana feſteja a Aſſumpçaõ da Virgem Senhora Noſſa com grande ſolemnidade em todo o Mundo Catholico, a qual applaudem neſte dia S. Joaõ Damaſceno, Santo Anſelmo, S. Bernardo, S. Ildefonſo, e outros muitos Santos Padres, e innumeraveis Authores graves, e pios; o Martyrologio, e Breviario Romano; os Martyrologios do Veneravel Beda, Uſuardo, Addon, Metaphraſtes, e as Notas do Cardeal Baronio. Os curioſos, que ſe quizerem inſtruîr vejaõ Tillemon *Memoires pour ſervir a l' Hiſtoire Eccleſiaſtique* tom. 1. pag. 500; Baillet *les Vies des Saints*, tom. 2. neſte dia, col. 200. §. 2; *Hiſtoire de le Feſte de l' Aſſumption de la Sainte Virge*; o Marquez de Agropoli *Diſſert.* 4. cap. 5. pag. 457.

No noſſo Reyno ſe celebra em treze Cathedraes, que ſe comprehendem nos limites de Portugal, e Algarve, deſde o principio de ſua fundaçaõ. Taõ antiga, e religioſa veneraçaõ he a dos Monarcas Portuguezes com o glorioſiſſimo Myſterio da Aſſumpçaõ da Virgem Santiſſima, que erigindo-ſe a nova Baſilica Patriarcal, no anno de 1716, na Capella Real, que era inſigne Collegiada, com o titulo do Apoſtolo S. Thomé, foy tanta a piedade do ſeu Auguſto Fundador, que alcançou do Papa Clemente XI. foſſe a Santa Igreja de Lisboa dedicada à Aſſumpçaõ de Maria Santiſſima, herdando deſta ſorte com o Reyno a piedade de ſeus Reaes predeceſſores. Neſte dia venturoſo rendeo a Deos as graças, pela inſigne victoria do Campo de Ourique, o invicto Rey D. Affonſo I. como diſſemos no dia 25 de Julho. O Glorioſo, e Victorioſo Rey D. Joaõ o I. com ſingular devoçaõ rendia eſpeciaes cultos a eſte ſoberano dia; porque na ſua veſpera recebeo do Omnipotente Deos, por interceſſaõ de ſua Santiſſima Mãy aſſignalados favores, triunfando do poder de ſeus inimigos na memoravel Batalha de Aljubarrota; pelo que agradecida a Cidade de Lisboa, com hum voto perpetuo ſatisfaz todos os annos em huma Prociſſaõ com o Senado da Camara a memoria deſta famoſa acçaõ, rendendo à Virgem Santiſſima as graças de taõ grande beneficio. No meſmo dia tirou do poder dos Mouros a famoſa Cidade de Ceuta em Africa. Finalmente, na ſua veſpera faleceo aquelle grande Rey, para Reynar na eternidade, como piamente cremos, pela cordeal devoçaõ, que teve à Virgem Senhora Noſſa, de que he irrefragavel teſtemunho o privilegio dos Caſeiros das Taboas Vermelhas da inſigne Collegiada de Noſſa Senhora da Oliveira da Villa de Guimaraens.

B Depois de vencida aquella memoravel Batalha do Campo de Ourique, no anno 1139, de que fizemos menção a 25 de Julho, naõ paſſou muito tempo, que ElRey D. Affonſo I. naõ inſtituiſſe a Ordem de Aviz, a primeira das Militares, que os noſſos Reys fundaraõ, e naõ inferior em reputaçaõ às mais inſignes. Sobre o anno da ſua inſtituiçaõ ha alguma variedade; porém Fr. Jeronymo Romano na *Republica Chriſtãa*, e o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na *Monarchia Luſitana*, acoſtado às Chronicas antigas, tem por ſem duvida o que ſeguimos, por ſe acharem já na conquiſta de Lisboa Cavalleiros deſta nova Milicia. Teve principio em alguns Cavalleiros, que valeroſamente ſe aſſignalaraõ na Batalha de Ourique, e concertando-ſe entre ſi a gaſtar a vida na guerra contra os Mouros, ſe obrigavaõ a ſe arriſcarem nos perigos huns pelos outros, obſervando tambem entre ſi certas Leys, ou Eſtatutos, que determinaraõ. Satisfeito ElRey, e agradado de taõ primoroſa amiſade, convocou em Coimbra alguns Prelados, que teſtemunhaſſem a nova Ordem de Cavallaria, que queria eſtabelecer no ſeu Reyno, e juntos naquella Cidade com o Abbade de Tarouca Fr. Joaõ Cirita, da Ordem de Ciſter, (a quem o Biſpo de Oſtia,

Ostia, Legado a Latere em toda Hespanha, commetteo suas vezes,) lhe deraõ os primeiros Estatutos, regulados conforme a Regra de S. Bento, e reformaçaõ de Cister, os quaes foraõ assinados pelos Prelados do Reyno, e os Cavalleiros da nova Ordem, e Mestre della. Em Coimbra teve principio esta Ordem de Cavallaria, (hoje de S. Bento de Aviz.) Seguio-se depois a conquista de Evora, pela estranha industria de Giraldo Sem pavor, pelo modo que referem nossas Historias; e mandando ElRey Soldados para Evora, foraõ tambem os Cavalleiros da nova Ordem; a quem se deu huma parte da Cidade, que ainda hoje chamaõ a Freiria, em que tiveraõ Igreja, e Hospital, que ElRey lhe dotou de largas rendas, dando-lhe por Orago ao Arcanjo Saõ Miguel, cuja Igreja permanece no mesmo sitio do Castello, que he donde estaõ as Casas do Conde de Basto, e saõ do seu Morgado; e lhe fez merce dos Castellos, que ganhavaõ aos Mouros, o que elles sabiaõ recompensar, que por hum Castello o faziaõ senhor de muitas terras. Eraõ estes Cavalleiros timidos dos Mouros, sendo na guerra como rayo fatal, em cujo braço era infallivel a morte: e de taõ admiravel procedimento na paz, que eraõ estimados com veneraçaõ dos póvos, sendo desta maneira uteis à Coroa, e agradaveis a Deos, de que movido ElRey de piedade, determinou de os reduzir a estado mais perfeito.

Era celebre o modo de vida dos Cavalleiros de Calatrava em Castella, a quem ElRey os queria semelhantes; e tratando este negocio com D. Gonçalo Viegas, já segundo Mestre, e com approvaçaõ dos mais Cavalleiros, se communicou ao Mestre de Calatrava, pedindo-lhe mandasse alguns dos da sua Milicia, para que instruissem em ceremonias, ritos, e modo de vida da Ordem Militar, aos da nova Ordem; o que se conseguio na fórma, que ElRey desejava, ficando sogeitos os de Evora às visitas do Mestre de Calatrava, que de ordinario se achava nas eleições dos Mestres de Evora, e lhe mandava Leys, e Estatutos, para o bom governo; e quando morria o Mestre de Calatrava, se achava presente, se queria o de Evora, tendo voto nas suas eleições. Desta maneira creceo a Ordem de Calatrava em Portugal, que assim lhe chamaraõ naquelle tempo, até que mudada ao Lugar de Aviz, tomou este nome, sendo Mestre D. Fernando de Annes, reynando já ElRey D. Affonso II. que lhe fez merce daquelle Lugar, no anno de 1211, como consta da Doaçaõ, que anda no Appendice da IV. Parte da *Monarchia Lusitana*, e he a quarta. A causa desta mudança foy ser o lugar mais proprio para o Instituto dos Cavalleiros, por serem aquellas terras senhoreadas pelos Mouros, de que já estavaõ livres as visinhanças de Evora. Deu principio o Mestre D. Fernando de Annes ao Castello, naõ com pouco trabalho, pelo perigo da visinhança dos Mouros, trabalhando de noite, cobrindo antes, que amanhecesse, o trabalho; e com esta industria adiantaraõ a obra, até que pudesse ser habitada. Deu-se principio a esta fabrica no dia da Assumpçaõ da Senhora, como se vê da pedra, que está na porta principal da Villa, e he a seguinte:

Ferdinandus Magister Dei Gratia Ordinis Calatravensis in Portugalia cum suo Conventu Plantavit Avis in Festivitate Assumptionis S. Mariæ. Æra M.CC.LII. Sthephanus Martini scrip. sit Pater noster Pro Anima ejus.

Quer dizer:

Fernando por graça de Deos, Mestre da Ordem de Calatrava em Portugal com seu Convento, fundou Aviz em a Festa da Assumpçaõ de Santa Maria. Era 1252, (he anno de Christo 1214) Estevaõ Martins a escreveo: hum Padre Nosso pela sua alma.

Alguns Authores entenderaõ ser o successor de D. Fernando de Annes, o que poz esta pedra, attribuindo-lhe a fundaçaõ

çaõ de Aviz; porém conſta, que a vida de D. Fernando de Annes durou todo o Reynado delRey D. Affonſo II. que foy o que fez doaçaõ de Aviz, e outras, que ſe conſervaõ no Cartorio da Ordem, como a confirmaçaõ de Alpedriz, Alcanede, e Jurumenha, feita na Era de Cezar 1256, que he anno de Chriſto 1218, quatro annos depois da fundaçaõ de Aviz; e como eſte Meſtre foy o que principiou a edificar o Caſtello, parece ſem duvida, que logo traſplantaſſe a nova Milicia, para poderem rebater os Mouros de Vayamonte, Lugar forte, que lhe fazia grande oppoſiçaõ.

Fica a Villa de Aviz em lugar eminente, a quem depois fizeraõ os Reys grandes merces à Ordem, dando-lhe 48 Commendas, e 18 Villas, a ſaber: Cabeçaõ, Mora, Jurumenha, Landroal, Noudar, Veiros, Cano, Fronteira, Figueira, Cabeço de Vide, Galveas, Alter Poderoſo, Seda, Albufeira, Coruche, o Concelho de Serpa, Alcanede, e Aviz. ElRey D. Diniz lhe deu foral. He cercada de muros antigos, com cinco torres, e ſeis portas, banhada de huma ribeira, que corre por duas pontes, e paſſa pela Cerca do Convento, que fica fóra dos muros, junto à porta do Anjo. Enobrece muito eſta Villa ſer Cabeça da Ordem Militar de Aviz, onde reſide o ſeu Prelado, que he o Prior môr, a primeira Dignidade da Ordem depois do Meſtre, da qual em outra parte daremos noticia, e agora dos Meſtres, que governaraõ, no Catalogo ſeguinte:

1 Depois de inſtituida a nova Milicia de S. Bento, o primeiro, que teve a Dignidade de Meſtre, foy D. Pedro Affonſo, irmaõ delRey D. Affonſo Henriques, o qual aſſinou como Meſtre aquelle ſolemne acto, que ſe fez em Coimbra, no anno de Chriſto de 1162, depois do Arcebiſpo de Braga, neſta fórma: *Petrus Proles Regis Par Francorum, & Magiſter novæ Militiæ pro parte mea, & meorum militum confirmo.* Pouco tempo governou eſta Milicia; porque largando o Meſtrado pela Cogula de S. Bernardo, e naõ com menos admiraçaõ vimos já hum Eremita largar a vida Cenobita, por ſervir a Deos no Meſtrado deſta Ordem, naõ ſendo menos glorioſo a hum recebello, que agora outro largallo. Morreo com opiniaõ de Santo, no anno de 1165, de quem ſe faz menção a 9 de Mayo no Agiologio.

2 D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Faſes de Lanhoſo, e de D. Urraca, ou Mayor Mendes de Souſa, como diz o Conde D. Pedro, no tit. 39. A mayor parte dos Authores, excepto Brandaõ, o fazem filho de D. Egas Moniz, cujo erro ſe convence com o Conde D. Pedro nomear a D. Gonçalo Viegas, Meſtre da Ordem de Aviz, por filho de D. Egas Faſes: e ainda que lhe chame primeiro Meſtre, ſe moſtra com a Eſcritura acima nomeada, que o tinha já ſido D. Pedro Affonſo; e como governou taõ pouco, ſe originou a duvida de alguns dos noſſos Authores; como tambem por D. Gonçalo ſer o primeiro, que ſe intitulou Meſtre de Evora, por paſſarem os Cavalleiros de Coimbra para eſta Cidade, como já deixamos dito acima. Aqui fez tantos ſerviços com os ſeus Cavalleiros, que ElRey os remunerou à Ordem, com muitas merces, a ſaber: a de hum Alcacer na meſma Cidade; de humas caſas, e hortas em Santarem; e com o Lugar de Coruche. Em ſeu tempo morreo o invicto Rey D. Affonſo I. e pelos annos de 1183, governando já ſeu filho ElRey D. Sancho, achamos dando-lhe o Caſtello de Mafra; tambem foy Doaçaõ ſua à Ordem, Alpedriz, Alcanede, e Jurumenha. Das Memorias daquelle tempo conſta viver já o Meſtre D. Gonçalo em Communidade com os Cavalleiros da ſua Ordem em obſervancia do ſeu Inſtituto, com Oraçaõ, e Coro, em regular diſciplina. Morreo valeroſamente na Batalha de Alarcos, no Reyno de Toledo, peleijando contra os Mouros a 29 de Julho de 1195, deixando de ſua vida honrada memoria.

3 D. Fernando de Annes, I. do nome, a quem achamos já na inſtituiçaõ da Ordem em Coimbra, aſſinando entre os mais Cavalleiros: devia elle ter taõ bom nome entre os ſeus, naõ ſó por valor, e coſtumes, mas por prudencia; pois eſtando retirado no Ermo, como diſſemos, o foraõ buſcar para o elegerem Meſtre da Ordem, em tempo delRey D. Sancho I. Alguns querem, que no ſeu tempo ſe annexaſſe eſta Ordem de Milicia à de Calatrava; porém parece ſer em tempo de ſeu anteceſſor, como diz Brito na *Chronica de Ciſter*, liv. 5. cap. 13, ainda

ainda que naõ traz documento, com que o prove, nem no Cartorio de Aviz ha memorias de que conſte; e ſó ſe achaõ do tempo de D. Fernando de Annes, como he a Confirmaçaõ do Papa Innocencio III. dada em S. Joaõ de Latraõ, a 7 de Mayo, no quarto anno do ſeu Pontificado, que vem a ſer anno 1202; como tambem ſe vê da pedra acima referida, em que ſe intitula Meſtre da Ordem de Calatrava em Portugal, ſe Brito ſe naõ enganou niſto, como o fez com a pedra, attribuindo-a a ſeu ſucceſſor; o que ſe prova naõ poder ſer, com a confirmaçaõ, que fez ElRey D. Affonſo II. à Ordem, cujo reynado quaſi durou toda a vida deſte Meſtre; e já acima allegamos ſer quatro annos depois da Fundaçaõ de Aviz; e além diſſo conſta de muitos papeis, que ſe conſervaõ no Archivo do Convento da dita Era, que declaraõ ſer D. Fernando de Annes Meſtre; e aſſim naõ padece duvida, que elle fundou Aviz. O meſmo Rey lhe confirmou tudo o que ſeu pay, e avô deraõ à Ordem, e lhe fez Doaçaõ de Aviz, para donde mudou o Convento de Evora, para o que edificou neſta Villa, e della fez dura guerra aos Mouros, e notaveis conquiſtas, como diz Brandaõ na 4. part. liv. 14. cap. 9. da *Monarchia Luſit.*

4 D. Fernando Rodrigues Monteiro, II. do nome, achou-ſe tambem em Coimbra, quando receberaõ os Cavalleiros a Regra de S. Bento, e reformaçaõ de Ciſter, do Abbade de Tarouca Joaõ Cirita. Foy o primeiro, que ſe chamou Meſtre de Aviz; de que parece ſe originou o erro de alguns o terem por primeiro Meſtre da Ordem, como tambem de que mudou o Convento de Evora, pois da meſma pedra ſe vê foy ſeu anteceſſor. Alcançou o fim do Reynado delRey D. Affonſo II. e o delRey D. Sancho ſeu filho. Morreo no Convento, e foy ſepultado junto à porta da Sacriſtia, donde o mandou trasladar o Senhor D. Jorge, ſendo Meſtre, e pôr o ſeguinte Epitafio:

Aqui jaz D. Fernando Rodrigues Monteiro, primeiro Meſtre que foy da Ordem, e Cavallaria de Aviz, que eſta terra ganhou aos Mouros.

Deſte Letreiro naſceo o erro dos que entenderaõ ſer eſte o primeiro Meſtre da Ordem, e o que fundou Aviz, ganhando aos Mouros aquella terra. Brandaõ na IV. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 10. cap. 9, ſe eſcandaliſa deſta pedra; de ſorte, que diz ſeria conveniente ſe mandaſſe tirar, para que naõ fizeſſe duvida aos vindouros. He certo, que os livros Eſtrangeiros, que tratáõ das Ordens Militares, cahem neſte erro, acoſtados à Regra, que ſe imprimio por ordem do Meſtre D. Jorge, que he no meſmo tempo, em que ſe poz o Letreiro; e aſſim attribuem a eſte o de Fernando de Annes. Eſta ſepultura mudou o Prior môr D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira, para a Capella do Patriarca S. Bento, que reformou, onde hoje ſe vê.

5 D. Fr. Martim Fernandes, I. do nome, eleito conforme ſe entende, pelos annos de 1230, tempo em que ainda vivia ElRey D. Sancho II. O Meſtre de Calatrava D. Fr. Martim Rodrigues, no anno de 1238, veyo a viſitar o Convento de Aviz, e a confirmar eſta eleiçaõ, annos depois de feita: algumas emprezas militares o deviaõ impoſſibilitar a poder antes vir a Aviz. Com os Cavalleiros da ſua Ordem ſe achou Martim Fernandes, na tomada de Sevilha, ajudando ao Santo Rey D. Fernando, pelo que deu à Ordem de foro perpetuo dous mil maravediz, e ao Meſtre outro tanto em ſua vida. Devia depois remirſe por outra couſa; porque naõ permaneceo na Ordem, mais que a memoira da Doaçaõ. Em o governo delRey D. Affonſo III. achamos o Meſtre na Conquiſta do Reyno do Algarve, e no ſitio, e tomada da Cidade de Faro. Ganhou eſte Meſtre Albufeira aos Mouros, e o meſmo Rey a deu à Ordem, no anno de 1250; e ſete annos depois foy confirmada por Affonſo o Sabio Rey de Caſtella, que pertendia ter direito ao Algarve. Recebeo a Ordem em ſeu tempo grandes merces delRey D. Affonſo III. como foraõ as Igrejas de Borba, e de todo o ſeu deſtricto, e as de Eſtremoz, e ſeu termo, e todas as que ſe edificaſſem de novo. Chegaõ as ſuas memorias até o anno de 1263, e ſe entende ſer eſte o ultimo de ſua vida, que acabou em ſanta velhice.

6 D. Fr. Joaõ Portario, I. do nome, em cuja eleiçaõ aſſiſtio, ſegundo dizem, D. Gonçalo Ibanhes, Meſtre de Calatra-

va.

va. Andou ſempre occupado na guerra contra os Mouros, em que conſeguio com ſingular fortuna glorioſas emprezas, deſapoſſando-os de todos os Caſtellos, que tinhaõ até à Ponte do Sor, e margens do Tejo, e outros lugares. Fortificou o Caſtello de Aviz, e deixou obras dignas de memoria. Sobre o tempo em que viveo, temos muita duvida; porque Fr. Miguel Ramon Zapater, Chroniſta do Reyno de Aragaõ, da Ordem de S. Bernardo, na *Hiſtoria das Ordens Militares*, quando trata da de Aviz, o poem no Reynado delRey D. Affonſo II. o que naõ póde ſer; porque ſe encontra com a noſſa Hiſtoria, e pelo que temos moſtrado acima, e aſſim entendemos ſer no tempo de Affonſo III. Fr. Angelo Manrique nos *Annaes de Ciſter*, o paſſa em ſilencio; porque o naõ achou no *Catalogo dos Eſtatutos da Ordem*, que naõ deixa de o admittir. Em a inſtituiçaõ da Ordem, que ſe fez em Coimbra, ſe acha aſſinado com outros Cavalleiros: *Joannes Portarius, Miles novæ militiæ confirmo, & approbo.* O *Catalogo do Prior môr* D. Fr. Lopo de Sequeira, diz: que devia de viver pouco; porém naõ póde nunca ſer ſucceſſor de D. Fernando de Annes, como diz a Regra, que imprimio o Meſtre D. Jorge; e aſſim nos pareceo melhor eſte lugar.

7 D. Fr. Simaõ Soares, I. do nome, que no Catalogo de Zapater he VIII. nomeando em ſeu lugar a D. Fernaõ Soares, que tem por parente deſte Meſtre; e como naõ traz documento algum, que o certifique, o excluimos deſte Catalogo. D. Fr. Lopo de Sequeira Pereira, Prior môr da Ordem de Aviz, e depois Biſpo de Portalegre, no tempo que reſidio neſte Convento, fez hum tratado muy exacto das couſas inſignes da Ordem, em que entraõ os Meſtres, tirado do que deſcobrio no ſeu Cartorio, e eſte temos por mais exacto do que o do Padre Romano, que ſeguio Zapater: e he o meſmo, que anda nos Definitorios da Ordem, impreſſo no anno 1630, mandado fazer por ordem do Definitorio, que ſe juntou em Setuval, a 2 de Outubro de 1619, e ſe encommendou a D. Carlos de Noronha, Commendador de Mouraõ. Eſte pudera ter ſeguido Zapater, pois he o meſmo que Manrique ſegue no Appendice dos Annaes de Ciſter, tom. 2. pag. 46. Naõ duvidamos, que faltaõ as memorias deſde o anno de 1263, até o de 1270, em que vaõ ſete annos, pois entaõ principiaõ as noticias de D. Simaõ; porém naõ ha prova, que nos diga o contrario, e bem poderiaõ viver mais ſeus anteceſſores. Em eſte anno de 1270, ſe achava já neſte cargo D. Simaõ, reynando ElRey D. Affonſo III. cuja vida durou até o de 1279; porque no anno de 1273, como ſe vê do liv. 5. dos Direitos Reaes, pag. 6, do dito Rey, ſe acha nomeado expreſſamente *Simaõ Soares, Meſtre de Aviz*, na procuraçaõ, que deu na contenda dos Eccleſiaſticos, e no anno de 1274, na compoſiçaõ, que fez com ElRey D. Affonſo III. e no de 1277, ſendo teſtemunha das propoſtas, que ao dito Rey ſe fizeraõ: *Simeon Magiſter Ordinis Militiæ de Aviz, cum aliis duobus fratribus ejuſdem Ordinis.* Ainda no anno de 1280, ſe vê hum contrato de compoſiçaõ com o Cabido de Evora, feito na Villa de Eſtremoz, ſobre duvidas do Biſpo, e Cabido daquella Sé com a Ordem. Deſte contrato ſe moſtra, que ao menos durou D. Simaõ Soares no Meſtrado, dez annos; e Zapater diz, que fora muy breve o ſeu governo; porque naõ chegara a cumprir hum anno; mas que ſe lhe difficulta do aſſento, que ſe tomou nas Cortes de Santarem, no anno 1274, em que aſſina D. Simaõ Soares, Meſtre de Aviz. Eſta Eſcritura anda na IV. Parte da *Monarchia Luſitana*, liv. 15. cap. 40, e com ella fica moſtrado, que viveo mais do que Zapater affirma. Eſte Author poem dous Meſtres de hum meſmo nome, ſeguindo hum ao outro, dando a D. Simaõ Soares por ſucceſſor D. Simaõ Affonſo, que ſem duvida he o meſmo; pois da Carta, que refere do Meſtre de Santiago D. Payo Pires, ſobre duvidas, que ElRey D. Affonſo teve com a Ordem de Aviz, feita em Arevalo, na era de 1296, que he anno de 1258, ſe vê, pelo que acima temos dito, naõ poder ſer ſucceſſor de D. Simaõ Soares, D. Simaõ Affonſo; e o que tiramos, he, que ſe enganou; porque no tempo deſta Carta era Meſtre D. Martim Fernandes, já nomeado.

8 D. Fr. Egas Martins, I. do nome, que Zapater numêra por XXIII. pondo neſte lugar D. Fernando Soares, que tambem naõ admittimos, pois conſta do Cartorio de Aviz, que no anno de 1280, era Meſtre D. Egas Martins, e que vivera

vera até o anno de 1291. Eſta noticia ſe deve ao cuidado do Prior môr D. Lopo de Sequeira, que a tirou do ſeu Archivo; e aſſim ſe naõ acha eſte Meſtre em os outros Catalogos.

9 D. Fr. Joaõ Pires, II. do nome, a quem Zapater numêra por XI. viveo no Reynado delRey D. Diniz, em cujo tempo fez a Ordem huma compoſiçaõ com a Coroa, ſobre certas pertenções, que tinha em Santarem. Naõ durou muito o ſeu governo; porque naõ enchem as ſuas memorias mais, que do anno de 1292, até o de 1294.

10 D. Lourenço Affonſo, unico do nome, viveo pelos annos de 1295, até 1310. Servio a ElRey D. Diniz contra ElRey D. Fernando de Caſtella, com mayor valor, que fortuna, no choque que teve com D. Affonſo Peres de Guſmaõ, em que entaõ ficou vencido; porém foraõ taes os ſeus ſerviços neſta, e em outras occaſiões, que generoſamente remunerou ElRey os merecimentos do Meſtre, com largas Doações à Ordem, em que entraraõ as Igrejas de Santa Maria de Olivença, Santa Maria da Alcaçova de Elvas, com os ſeus termos, e as que de novo ſe erigiſſem, e a Igreja do Caſtello de Portalegre, que hoje he a Cathedral daquella Cidade, o Padroado, e Caſtello de Paderne, e o Senhorio da Villa de Noudar, com toda a juriſdiçaõ temporal, e eſpiritual, que ſe conſerva na Ordem, ſendo o Prior môr Ordinario deſta Villa. Além deſtas merces lhe deu os Padroados de outras muitas Igrejas, de que ſe conſervaõ as Doações no Cartorio da Ordem.

11 D. Fr. Garcia Pires, unico do nome, foy elevado à Dignidade de Meſtre, no anno de 1311, ſendo Commendador do Caſal. Pertendia o Meſtrado o Commendador môr D. Ayres Affonſo, a quem muitos ſe inclinavaõ; e entrando os treze à eleiçaõ, prevaleceo o partido de D. Garcia: ficaraõ os de mais com receyo, de que o novo Meſtre os trataſſe com differença, e disfavores de naõ parciaes: deraõ conta a ElRey, que ordenou, que os Commendadores foſſem conſervados nas Commendas, e os Officiaes do Convento em ſeus Officios, e nomeya eſpecialmente o Sacriſtaõ Fr. Joaõ, Prior de Santa Maria do Caſtello de Portalegre, que tinha provimento do Meſtre Lourenço Affonſo, e que o Commendador môr D. Ayres annexaſſe à Commenda de Cabeçaõ. O Meſtre lhe deu palavra de os tratar bem, e aſſim ficou ſatisfeito o receyo, e com a ſegurança delRey, que no caſo, que ſe alteraſſe alguma couſa, recorreſſem à ſua preſença, para compor com a authoridade Real, tudo o que foſſe a bem da Ordem. Deſte caſo ſe vê naõ ter razaõ Zapater, em naõ fazer ſucceſſor de D. Lourenço Affonſo ao Meſtre D. Garcia Pires, o que provamos com authoridade de Brandaõ na VI. Parte da *Monarchia Luſit.* liv. 18. cap. 37. pag. 157. Naõ devia lograr por muito tempo eſte lugar; porque naõ chegaõ as ſuas memorias mais, que ao anno de 1315, nem do ſeu governo ha acçaõ individual.

12 D. Fr. Gil Martins, I. do nome, eleito Meſtre no anno 1316, ſervio com zelo na paz, e valor na guerra, ſendo taõ relevantes os ſeus merecimentos, que tendo ElRey D. Diniz inſtituîdo a inſigne Cavallaria da Ordem de Chriſto, o nomeou ao Papa Joaõ XXII. para primeiro Meſtre. Taes eraõ as ſuas virtudes, que nelle ſe eſtabelecia a nova Ordem, em que ElRey tinha empenhado o goſto. Abſolvido pelo Papa do voto, e profiſſaõ, que tinha feito na Ordem de Aviz, em Novembro do anno de 1319, depois de tomado o juramento, lhe foy lançado o Habito de Chriſto. A ſolemnidade, com que ſe fez eſte acto, refere Brandaõ na VI. Parte da *Monarch. Luſit.* liv. 19. cap. 4.

13 D. Fr. Vaſco Affonſo, unico deſte nome entre os Meſtres da Ordem, viveo em tempo delRey D. Diniz; e na ſua Hiſtoria, que eſcreveo Brandaõ na VI. Parte da *Monarch. Luſit.* liv. 19. cap. 18, ſe faz delle menção entre as peſſoas principaes, que ElRey mandou, para moſtrar as queixas, que tinha do Infante ſeu filho, ſobre aquelle celebre manifeſto, de que depois deu conta aos póvos. Foy tanto do agrado delRey o ſerviço do Meſtre, que com novas merces o remunerou à Ordem, a qual governou até o anno de 1330, em que fez renuncia do Meſtrado, quando por commiſſaõ do Papa Joaõ XXII. foy o Arcebiſpo de Braga Viſitar a Ordem.

14 D. Fr. Gil Pires, II. do nome, foy eleito em preſença do Arcebiſpo de Braga, por renunciade ſeu anteceſſor, reinando ElRey D. Affonſo IV. Naõ vi-

veo mais, que até o anno de 1332, atalhando a morte as eſperanças, que lhe promettiaõ o favor delRey, a quem tinha ſervido com ſatisfaçaõ no principio da ſua exaltaçaõ ao Trono.

15 D. Fr. Gonçalo Vaz, II. do nome, de que faz menção a *Chronica delRey D. Affonſo IV.* quando ſendo Fronteiro em Ouguela, o mandou contra Albuquerque, que era de ſeu irmaõ D. Affonſo Sanches: oppoz-ſelhe eſte, e travando hum porfiado choque, foraõ bem mal tratados os inimigos; e ſendo o valor do Meſtre deſamparado da fortuna, ficaraõ os noſſos desbaratados. Sentio ElRey a deſgraça, de que ſoube tomar ſatisfaçaõ. Naõ diminuio a caſualidade a reputaçaõ do Meſtre de Aviz; porque as contingencias dos ſucceſſos naõ diminuem a gloria daquelles, que conſeguiraõ do ſeu valor honrada memoria. No anno de 1336, o mandou ElRey a Caſtella, a tratar o caſamento de D. Conſtança Manoel, filha do Infante D. Joaõ, com ſeu filho o Infante D. Pedro, que a pezar das deſtrezas delRey D. Affonſo XI. o concluſo. Quando o Meſtre paſſava de Caſa do Infante D. Joaõ, para a Corte de Caſtella, foy accommetido no caminho de cincoenta homens armados, de que ſe defendeo brioſamente com os da ſua comittiva, ajudado de Gonçalo Rodrigues Ribeiro, hum Fidalgo Portuguez, que acaſo encontrara no caminho, que em Caſtella deixou de ſeu valor, e deſtreza de jogar as armas, em juſtas, e torneyos hum grande nome: de que o Doutor Duarte Nunes de Leaõ, na Chronica do dito Rey, conta caſos dignos de admiraçaõ. Conſta do Cartorio de Aviz, que vivia pelos annos de 1338. Zapater diz, que ſe achara na Batalha do Salado, donde ſe cre morreo.

Na *Chronica delRey D. Affonſo IV.* de Duarte Nunes de Leaõ, ſe nomeya a D. Eſtevaõ Gonçalves Leitaõ, com o titulo de Meſtre de Aviz; e Manoel de Faria na ſua *Europa*, entre os que acompanharaõ a eſte Rey na Batalha do Salado; e primeiro que ambos Villaſan na *Chronica delRey D. Affonſo XI. de Caſtella.* O *Catalogo* de D. Fr. Lopo de Sequeira, o numera entre os Meſtres, ſem embargo de naõ achar no Archivo de Aviz memoria alguma de tal Meſtre, acoſtado às Chronicas, que o referem, lhe dá eſte lugar: porém nós temos grande duvida ſobre a ſua exiſtencia; porque naõ padecendo duvida, que D. Eſtevaõ Gonçalves Leitaõ foy Meſtre da Ordem de Chriſto, entendemos, que delle procedeo a equivocaçaõ de o trocar pelo de Aviz. Da *Chronica* de Duarte Nunes, conſta, que o Meſtre D. Gonçalo Vaz fora a Caſtella; o qual diz Zapater, ſe achou na Batalha do Salado, que foy no anno de 1340, o que temos por mais veroſimel, eſpecialmente naõ ſe achando no Cartorio de Aviz memoria, que o contradiga, nem menos noticia de tal D. Eſtevaõ Gonçalves Leitaõ; demais, que Ruy de Pina na *Chronica delRey D. Affonſo IV.* entre os que conta, que o acompanharaõ na Batalha do Salado diz, que foy o Meſtre de Aviz, a quem naõ dá nome. Fr. Jeronymo Roman na *Republica do Mundo*, e Zapater ſe naõ lembraõ delle; e nós o naõ contamos, pelo que temos referido; e fizemos eſta memoria para tirarmos a duvida dos que lerem, e poderáõ cuidar foy D. Eſtevaõ Gonçalves Leitaõ Meſtre de ambas as Ordens, o que entaõ era incompativel.

16 D. Fr. Joaõ Rodrigues Pimentel, III. do nome, em cuja eleiçaõ aſſi ſtio D. Fr. Lourenço Annes, Commendador de Maqueda, por commiſſaõ de D. Fr. Joaõ, Meſtre de Calatrava, viveo no reinado delRey D. Affonſo IV. e della começaõ as noticias deſde o anno de 1342, até o de 1351. No tempo que governou a Ordem, houve entre ella, e o Biſpo, e Cabido de Evora, porfiadas demandas: e tambem com a Ordem de Calatrava, com a qual teve contendas ſobre viſitas, e Ordens. No anno antes da ſua morte, celebrou em o ſeu Convento Capitulo Geral, e he o primeiro de que ha noticia: nelle ſe acharaõ D. Vaſco Martins, Commendador de Aviz, Fr. Gonçalo, Prior de Aviz, D. Joaõ Affonſo, Commendador de Seda, D. Affonſo Eannes, Commendador de Cano, D. Eſtevaõ, Commendador de Pedroſo, D. Affonſo Lopes, Commendador de Benavente, Fr. Gonçalo Eannes, Celeireiro, e Fr. Joaõ Affonſo, Secretario.

17 D. Fr. Sancho Soares, unico do nome, de quem diz Zapater, que foy valeroſo Cavalleiro, e admiravel Meſtre no pouco tempo, que lhe durou a vida, pois faleceo a dous mezes de eleito neſta Dignidade; e por eſta cauſa eſqueceo a

alguns

alguns de o numerar na Serie dos Meſtres.

18 D. Fr. Joaõ Affonſo, IV. do nome, conſta que viveo pelos annos de 1354, reynando ElRey D. Affonſo IV. Em ſeu tempo por conceſſaõ do Papa Innocencio VI. ſe mudou a Cruz à fórma, em que hoje ſe uſa, concedendo-a trazella na capa, e peito.

19 D. Fr. Diogo Garcia, Meſtre de Aviz, a quem a Regra do Meſtre D. Jorge poem no anno de 1356, que he mais conforme ao tempo que ſeguimos, do que o de Fr. Jeronymo Roman, que o lança no anno de 1349, em que naõ póde ſer, pelo que acima eſtá dito. Em o Archivo de Aviz, naõ ſe acha memoria alguma do ſeu governo; porém eſte lugar lhe dá a Serie da Ordem, impreſſa no anno de 1631.

20 D. Fr. Martinho do Avelar, II. do nome entre os Meſtres da Ordem de Aviz, de quem ſe achaõ memorias deſde o anno de 1357, até o de 1363, em que parece faleceo, depois de ter vivido no ſeu Convento com exemplo, e virtude.

21 D. Fr. Egas Martins, unico do nome entre os Meſtres de Aviz, cuja Ordem de Cavallaria governou com acerto. Zapater diz, que viveo neſta Dignidade nove annos; o que naõ póde ſer ſegundo a conta, que ſeguimos; e aſſim entendemos viveo nella pouco mais de tres annos, e que faleceo no de 1366, porque lhe ſuccedeo.

22 O feliciſſimo Rey D. Joaõ o I. V. do nome entre os Meſtres, eleito de idade de oito annos, foy armado Cavalleiro por ElRey D. Pedro I. ſeu pay, tendo-o nos braços D. Nuno Freire, Meſtre da Ordem de Chriſto, peſſoa de grande valor, e virtude, que tinha inſpirado a ElRey accommodaſſe naquella Dignidade a ſeu filho, por naõ diminuir o patrimonio Real. Entraraõ no Capitulo os eleitores, e comprometendo-ſe todos em o Meſtre de Chriſto, nomeou ao Senhor D. Joaõ em Meſtre de Aviz; o que ſendo approvado de todos, entrou no Capitulo, e lhe foy lançado o Habito da Ordem, e beijando-lhe a maõ com as ceremonias coſtumadas, lhe prometteraõ obediencia. Encarregou-ſe o governo, e aſſiſtencia a D. Fernando Rodrigues de Sequeira, Commendador môr de Aviz, que depois por juſta recompenſa dos ſeus ſerviços lhe ſuccedeo no Meſtrado. As virtudes heroicas deſte Principe o elevaraõ à Coroa, a que conſeguio glorioſa fama, e ao ſeu nome reſpeitoſa memoria. Eſtimou tanto eſta Ordem de Cavallaria, que o Eſcudo Real das ſuas Armas encoſtou ſobre a Cruz de Aviz, que entre todas as Ordens Militares, ſó ella ſe póde jactar, que do Militar Governo ſubio ſeu Meſtre ao Trono. O Convento de Aviz, que nos trabalhos da guerra o ajudou com joyas, e prata, illuſtrou com mageſtoſa fabrica a ſua Igreja, e com gratidaõ Real recompenſou a Ordem, com huma larga Doaçaõ, feita na Cidade do Porto, a 5 de Abril de 1432, de que hoje ſe conſerva muy pouco, em que nos moſtrou a eſtimaçaõ, que fazia da Ordem; e aſſim accreſcentou as Commendas, em emolumentos, e renda. Para viver ſem eſcrupulo alcançou Bulla de Urbano VI. para caſar com a Rainha D. Filippa; e fez eleger em Meſtre ao Commendador môr ſeu Ayo: e querendo ſatisfazer com a Ordem, foy conquiſtar Ceuta aos Mouros, que com reputaçaõ das Armas Chriſtãas, e immortal gloria do ſeu nome ganhou no anno de 1400.

23 D. Fr. Fernando Rodrigues de Sequeira, VI. do nome, Commendador môr de Aviz, foy eleito logo depois da acclamaçaõ delRey D. Joaõ o I. e ſe mandou confirmar a eleiçaõ pelo Papa Urbano VI. para ſupprir o defeito da falta do Commiſſario de Calatrava. Alguns poem eſta eleiçaõ no anno de 1389, quatro annos depois delRey ſubir ao Trono, e achamos razaõ a Zapater perguntar a que fim podia eſtar tantos annos vaga eſta Dignidade; principalmente quando ElRey a queria para D. Fernando Rodrigues de Sequeira, que fora ſeu Ayo. Mandou-lhe ElRey, que naõ admittiſſe a viſita de D. Gonçalo Nunes de Guſmaõ, Meſtre de Calatrava; fundou-ſe eſta ordem na meſma Bulla do Papa Urbano VI. Depois por Bulla do Papa Eugenio IV. ſe deſmembraraõ, e iſentaraõ Aviz, e Santiago das de Caſtella, ſeparando-ſe totalmente, e ficaraõ immediatas à Sé Apoſtolica, que as tomou debaixo da ſua protecçaõ. O Meſtre de Calatrava pedia eſta Bulla: reſiſtiraõ os de Aviz em moſtralla; porque já naõ conheciaõ nelle ſuperioridade: recolheo-ſe

com os ſeus a Calatrava mal ſatisfeito da obediencia, e naõ do regallo, com que os trataraõ. Celebrou Capitulo Geral, em que ſe acharaõ entre outros D. Martinho Gil, Commendador môr de Aviz, Fr. Fernando, Prior de Aviz, Diogo Lopes de Brito, Commendador de Coruche, Fernando Gonçalvez de Caſtellobranco, Commendador de Jurumenha, Lopo Annes da Gama, Commendador de Santa Maria da Alcaçova de Elvas, Diogo Dias de Bavoreda, Commendador de Santarem, e Alpedriz, Diogo Alvares de Sequeira, Commendador de Mudas, Martim Affonſo da Mata, Commendador de Benavilla, e Seda, Joaõ Ayres, Commendador de Aveiro, Fernando Nunes, Commendador do Caſal, e Seixo. He obra do ſeu tempo a Igreja, e Coro do Convento, dando principio à Capella môr, edificou vivo huma ſepultura de admiravel artificio, e o eſcudo das ſuas Armas atraveſſado de cinco veneras em os quatro lados, e as Travas de Calatrava, com elmo, e penacho ſobre o eſcudo, por timbre a roda da fortuna, com eſta letra: *Aviz Aviz Sequeira Sequeira*, que alguns interpretaraõ: *Aviſo ſigas a fortuna*; mas nós imaginamos ſeria moral o ſeu penſamento, e que Sequeira naõ fallava na roda da fortuna para a ſeguir, e ſó ſe lembrava da eternidade, como accuſando-ſe de naõ ſervir a Ordem em todo o rigor da perfeiçaõ. O que ſe collige ainda mais do ſeu modo de vida, que era em toda a obſervancia da Regra; pois ſendo já de muita idade, cortado dos trabalhos da guerra, impetrou da Sé Apoſtolica diſpenſa para trazer camiſa de linho, que he huma evidente prova da obſervancia, em que viviaõ os Cavalleiros deſta Milicia. O ſeu zelo alcançou para a Ordem muitas liberdades, e iſenções da Sé Apoſtolica, e del-Rey; e à ſua inſtancia foy declarado no anno de 1402, eſtando ElRey em Santarem, que os Ouvidores da Ordem pudeſſem conhecer dos aggravos, e acções novas, como hoje ſe pratica. ElRey, que lhe deveo a criaçaõ, conſervando-lhe ſempre a eſtimaçaõ, e o reſpeito, quando paſſou à Conquiſta de Ceuta, lhe encarregou o governo do Reyno, e da ſua Caſa, com a Rainha D. Filippa. Foy o ultimo dos Meſtres, que dos Clauſtros ſubiraõ ao governo, digno ſucceſſor de hum Rey, e de taõ grandes merecimentos, como declara o Epitafio do ſeu tumulo.

Aqui jaz em eſte moimento o nobre Senhor, e Religioſo D. Fernando Rodrigues de Sequeira, Meſtre da Cavallaria da Ordem de Aviz, que criou o muy nobre Senhor Rey D. Joaõ, a que o ditto Meſtre ſuccedeo depois que ElRey foy Rey, a praſimento de Deos, e ſeu, e por eleiçom. O qual criou de idade de quatorze annos, e foy com el em ſeu ſerviço, logo primeiramente no cerco de Lisboa, onde foy cercado de ElRey de Caſtella, que matou o cavallo. E ſendo el Meſtre, e Regedor deſte Reyno, o teve o ditto Rey de Caſtella cercado por mar, e por terra nove mezes: e depois que o ditto Senhor Rey foy a terra de Mouros, e filhou a Cidade de Ceuta, leixou o ditto Meſtre em o Reyno com ſua Mulher a Rainha, com o Infante D. Joaõ, com o Infante D. Fernando, com a Infante D. Iſabel, ſeus filhos, por fazer o que delles mandaſſem, e por defenſom do Reyno. O qual a Santa Trindade em que elle cre firmemente, e na Virgindade de Santa Maria, queiraõ perdoar todos ſeus peccados.

cados. Finou-se deste Mundo, era do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo Filho de Deos, em que elle firmemente cre, e em sua morte, paixom, e Resurreiçaõ, que el padeceo por nos salvar de 1433, postrimeiro dia de Agosto. Morreo depois de ElRey quatorze dias.

1 O Infante D. Fernando, filho delRey D. Joaõ, foy o primeiro que com titulo de Governador, e Administrador gozou esta Dignidade, conferida por intercessaõ de seu irmaõ ElRey D. Duarte, que já havia alcançado os Mestrados de Christo, e Santiago, para os Infantes D. Henrique, e D. Joaõ. Expedio-se a Bulla desta graça no anno 1434, no Pontificado de Eugenio IV. Naõ falta quem affirme, que em o seu tempo se conseguio a dispensa para os Cavalleiros desta Ordem poderem casar, ainda que se naõ poz em execuçaõ.

Naõ se esquecia a Ordem de Calatrava de pertender a subordinaçaõ de Aviz; e assim no Concilio de Basiléa requeria visitar a Ordem, e que se reuniſſe ao antigo estado. Oppoz-selhe o Embaixador de Portugal D. Affonso, que depois foy Marquez de Valença, por merce delRey D. Affonso V. no anno de 1450, e alcançou de Eugenio IV. que os Mestres de Calatrava naõ visitassem a Ordem de Portugal, como refere Fr. Jeronymo Roman na *Repub. do Mund.* liv. 7. cap. 10, e já desde o tempo delRey D. Duarte se tinhaõ isentado, como confessa Zapater. Revnando em Castella D. Joaõ o II. e em Portugal D. Affonso V. instou aquelle para que se incorporasse Aviz na obediencia de Calatrava, como tinhaõ sido. Sobre esta contenda se expedio hum breve a favor de Aviz, pondo perpetuo silencio a huma, e outra Ordem.

Era o Infante de taõ admiraveis costumes, que acreditados depois com os seus trabalhos vevo a ser conhecido pelo nome do Infante Santo. Celebrou Capitulo Geral na Ordem: e por sentença sua com alguns adjuntos privou a Garcia Rodrigues de Sequeira do cargo de Commendador môr, e de tudo o que possuia da Ordem, por viver com escandalo, que naõ devia à Religiaõ, que professara, e sendo admoestado perseverara na mesma fórma. Esta sentença foy confirmada pela Sé Apostolica: mas era tal a benignidade do Infante, que reconhecendo nelle differente modo de vida, e lembrado dos relevantes serviços de seu pay, o restituio mais por grandeza de animo, do que por obrigaçaõ, à Dignidade de Commendador môr. Governando o Mestrado foy nomeado General, com seu irmaõ o Infante D. Henrique, contra Tanger, e sendo adverso o succesſo da batalha ficou em refens dos Mouros; e sofrendo sete annos o duro cativeiro, com que a barbara, e incivil gente Mauritana o tratou, que a sua admiravel paciencia soube supportar com tal resignaçaõ, que deixou do seu exemplo glorioſa memoria. Ambicioſos os Mouros pediaõ pelo seu resgate a Cidade de Ceuta, que seu pay lhe conquistara, e foy tal a sua piedade, que naõ consentio neste contrato. Entenderaõ os Mouros a sua resoluçaõ, e accumulando à miseria com que o tratavaõ, affrontas, intentaraõ reduzillo por trabalhos; porem o seu animo constante triunfou das injurias, com Catholico valor, acabando em a Cidade de Fez, a 5 de Julho do anno de 1443, lavrando dos barbaros tormenros huma immortal coroa à sua pura alma, que venerada como de Santo, acreditou Deos com prodigios. Seu corpo foy trazido à Cidade de Lisboa, e collocado no insigne Convento da Batalha, em que seu pay tambem jaz sepultado: he venerado com respeitoso culto.

2 O Senhor D. Pedro succedeo na administraçaõ por Bulla de Eugenio IV. sendo seu pay Governador do Reyno; e ficando este morto na infelice Batalha de Alfarrobeira, seguindo a desgraça do Infante D. Pedro, seu pay, lhe foraõ confiscados os bens, e tirada a administraçaõ do Mestrado, que deraõ ao Infante D. Henrique. Passou a Castella D. Pedro, e dando conta ao Pontifice, foy restituido à sua Dignidade de Aviz, em que edificou a Torre da Omenagem, e o Palacio para os Mestres, que ficava entre o Convento, e a Torre. Algumas obras se

vem

vem com a ſua diviſa, pelo que ſe entende ſerem ſuas. Zapater diz, que celebrou Capitulo Geral, porém naõ achamos o anno; e que em ſeu tempo viſitou a Ordem o Abbade de Morimundo, por Bulla eſpecial do Papa Pio II. Deſta eſpecialidade ſe vê, que já naõ tinha a Ordem ſugeiçaõ a Morimundo.

Foy D. Pedro de gentil preſença, Condeſtavel de Portugal, a quem os Catalães levantaraõ em ſeu Rey, em odio de D. Joaõ o II. de Aragaõ, por ſer filho da Infante D. Iſabel, filha da Infante D. Iſabel de Aragaõ, mulher de D. Jayme, Conde de Urgel, e neta delRey D. Pedro o Ceremonioſo, e da Rainha D. Sibylla. Quaſi tres annos viveo em Catalunha, dando do ſeu valor naõ pequenas demonſtraçoens, coroando com elle a morte, que lhe foy dada em veneno. Em Aviz dura com immortal gloria a ſua memoria, como de hum Governador chamado daquella inſigne Ordem ao Trono, em que merecia mais ditoſo fim; e tambem pelas precioſas dadivas, com que engrandeceo aquelle Convento, dando-lhe o verdadeiro lenho da Santa Cruz, e as Reliquias dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, que em huma caixa de prata dourada ſe conſervaõ com eſte letreiro:

Eſta arca mandou fazer o claro, e muy nobre D. Pedro, Regedor do Meſtrado de Aviz, filho primogenito do Infante D. Pedro de clara memoria, Regente que foy nove annos deſte Reyno. Foy feita para os oſſos dos Bemaventurados Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, e para outras Reliquias precioſas, e para o lenho do Senhor.

3 ElRey D. Joaõ o II. ſendo Principe, nomeado na adminiſtraçaõ por Bulla do Papa Paulo II. em o anno de 1470, que contava quinze de idade, convocou Capitulo Geral da Ordem no Convento de Aviz, em que ElRey D. Affonſo V. ſeu pay preſidio por elle. Contava já ſete annos, que tinha ſubido ao Trono, quando no anno de 1488, celebrou em Evora outro Capitulo. Zapater o poem no anno de 82: nelle ordenou o numero dos Freires, e os Eſtatutos, que ſe haviaõ de obſervar na recepçaõ pelo D. Prior môr, e as raçoes, que venceriaõ, e tudo o mais na fórma que hoje ſe pratica. Nelles ſe ordenaraõ muitas couſas, em grande utilidade da Ordem, que eſtimou tanto, que conſervou o Habito della, como vemos em alguns retratos ſeus. Morto ſeu pay ſe coroou Rey no anno de 1481, e foy hum dos mayores, que no Mundo empunharaõ Sceptro. A ſua vida eſcreveraõ particularmente em diverſos idiomas alguns Authores: na Portugueza Rezende; na Caſtelhana Agoſtinho Manoel; e na Latina em noſſos dias o I. Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva. Morreo no anno de 1495, em a Villa de Alvor, e ſendo depoſitado na Sé de Sylves, foy trasladado para o Moſteiro da Batalha, com pompa até entaõ naõ viſta, e achado incorrupto, como ainda hoje permanece.

4 O Principe D. Affonſo II. deſte nome na ordem dos que governaraõ eſta Milicia, por renuncia delRey ſeu pay, que a ſeu favor cedeo a adminiſtraçaõ, que naõ logrou muito tempo; porque caſando no anno de 1491, com a Infante D. Iſabel, filha dos Reys Catholicos D. Fernando, e D. Iſabel, em o meſmo anno morreo em Santarem, da deſgraçada quéda de hum cavallo, tendo naſcido em Lisboa entre alegres, e feſtivos applauſos, no anno de 1475. Jaz em o magnifico Templo da Batalha com ſeus pays, e avós.

5 O Senhor D. Jorge, unico do nome, Duque de Coimbra, filho illegitimo delRey D. Joaõ o II. de quem foy taõ amado, que intentou deixarlhe a Coroa. Foy Meſtre da Ordem de Santiago, por eſpecial Bulla de Innocencio VIII. e juntamente Adminiſtrador da de Aviz. Juntas as duas Ordens em o Convento de S. Domingos de Lisboa, no anno de 1492, a doze de Abril, moſtrou ElRey a Bulla, pela qual o Papa lhe concedia aquella graça, e lhe deraõ obediencia os Commendadores, e foy feito aquelle acto com grande pompa, e mageſtade. E por ſer de muy pouca idade, lhe deu por Ayo a D. Diogo de Almeida, peſſoa de

de qualidade, e merecimentos, depois Prior do Crato na Ordem de S. Joaõ. Fez alguns Capitulos: he mais celebre o que congregou no anno de 1515, em que ordenou Eſtatutos, e definições, por conceſſaõ de Julio II. pelo que lhe chamaõ os Eſtatutos do Meſtre D. Jorge. Aſſiſtiraõ a eſte Capitulo D. Pedro da Sylva, Commendador môr, D. Fr. Affonſo, Prior môr, Diogo de Azambuja, Commendador de Cabeço de Vide, e outros. Uſou em ſeu tempo a Cavallaria de treze, como a de Uclez, para Definidores das juntas. Viſitou o Convento, em que fez obras, que ainda hoje conſervaõ o ſeu nome em reconhecimento deſte beneficio. Zapater affirma, que ſugeitou a Milicia ao Abbade de Morimundo; porém em virtude do que acima referimos nos parece impoſſivel; mas naõ ſabemos o tempo, que durou eſta ſubordinaçaõ.

Naſceo o Senhor D. Jorge na Villa de Abrantes, no anno de 1481, a 12 de Agoſto, e ſe criou em Aveiro, em companhia da Infante D. Joanna, com caſa, e authoridade neceſſaria à ſua peſſoa, donde por ſua morte veyo para o Paço a 15 de Junho do anno de 1490, acompanhado do Biſpo do Porto D. Joaõ de Azevedo, e outras peſſoas de authoridade. Entrou em Evora, aonde reſidia a Corte: ſahiraõ a recebello o Principe D. Affonſo ſeu irmaõ, o Duque de Beja, depois Rey, e os mais Senhores, e Fidalgos da Corte: pertendeo o Senhor D. Jorge porſe a pé, para beijar a maõ ao Principe, e elle o naõ conſentio, e acavallo lha deu, e o abraçou, e com eſte acompanhamento entrou no Paço, beijando a maõ a ElRey, e à Rainha, que com amor, e honras o receberaõ, e lhe deraõ no Paço Criados, e Meſtres, para lhe aſſiſtirem. Depois que o Principe morreo, ſe manifeſtou o deſejo, que ElRey tinha, de que elle lhe ſuccedeſſe no Reyno, e vendo que a Rainha ſe ſentia da ſua aſſiſtencia no Paço, o tirou delle, e o entregou a D. Joaõ de Almeida, Conde de Abrantes: e depois ordenou de o legitimar, e habilitar para a ſucceſſaõ do Reyno. Ceſſaraõ eſtes penſamentos com a morte delRey ſeu pay, nomeando no ſeu teſtamento por herdeiro do Reyno a ſeu primo o Duque de Béja, a quem o recommendou muito, pedindo-lhe o tratraſſe com amor, e affecto, e o deixou feito Duque de Coimbra, e Senhor de Monte môr o Velho, com as Villas, que tinha o Infante D. Pedro, ſeu viſavo; e que lhe fizeſſe merce de tudo o que elle poſſuîa ſendo Duque, em que entrava o Meſtrado da Ordem de Chriſto, e a Ilha da Madeira. Achava-ſe o Senhor D. Jorge em Villa-Nova de Portimaõ, e todos os Fidalgos, e Senhores, que ſe acharaõ à morte de ſeu pay, depois de o darem à ſepultura, lhe foraõ aſſiſtir; e dalli partio acompanhado de todos, onde o mandou viſitar ElRey D. Manoel, com cartas de pezames, que levou Henrique Correa, meyo irmaõ de ſua mãy, Senhor da Torre da Murta, e do Conſelho delRey D. Joaõ o II. Daqui foy a Monte môr o Novo, a beijar a maõ a ElRey, e entrando na ſua Camera, o levava ſeu Ayo o Prior do Crato pela maõ. Foy recebido com grandes honras delRey, e mandou, que ficaſſe no Paço. Quando ſe trasladou o corpo delRey ſeu pay, o acompanhou até o Moſteiro da Batalha. No anno de 1513, voltando à Corte, ficou nella aſſiſtindo com grande comitiva, e authoriſada Caſa. No anno de 1518, ſe achou no caſamento delRey D. Manoel, com a Rainha D. Leonor, e ſe achou na ſua morte. E ſendo ElRey D. Joaõ elevado à Coroa, o acompanhou neſte acto o Senhor D. Jorge, indo diante a pé com o Duque de Bragança D. Jayme, e os mais grandes do Reyno.

Foy o Senhor D. Jorge Adminiſtrador da Ordem de Aviz, Meſtre de Santiago, Duque de Coimbra, Senhor de Monte môr o Velho, com todas as ſuas rendas do Campo, da Villa de Penella, do Reguengo de Campores, do Lugar de Pereira, da terra, e Celeiro de Ceguadaens, e Recardaens; da terra de Craſto vao, Alcacere, da Ponte de Almeara; dos Lugares de Abiul, de Condeixa, da Louzãa, do Caſal de D. Alvaro; da terra Dalboſtar arriba de Agueda, da Villa de Aveiro com ſuas lizirias, e Ilhas dentro da Foz; das terras do Couto de Avelãas de cima, de Ferreiros, do Reguengo do Coartela, de Arcos; dos Lugares de Ilhalvo, Verdemilho; dos Caſaes de Sá, Pedroſo, S. Salvador de Miranda junto de Coimbra, da Villa de Torres Novas; o que ſe lhe deu com huma ampla doaçaõ, que eſtá na Torre do Tombo na Chancellaria do anno 1524, pag. 150, e

anda

anda impreſſa em alguns allegados de Direito, nos oppoentes ao Eſtado, e Caſa de Aveiro, que no anno de 1720, ſe ſentenciou a favor de D. Gabriel Ponce de Leaõ e Lencaſtre, Duque de Banhos, filho da Duqueza D. Maria de Guadalupe e Lencaſtre, em quem ſeu irmaõ o Duque de Arcos renunciou o direito, conformando-ſe com a determinaçaõ de ſua virtuoſa, e ſabia mãy. Teve D. Jorge partes, que correſpondiaõ ao ſeu grande naſcimento; porque foy generoſo, fazendo merces como Principe. Em huma occaſiaõ, vagando huma Commenda, lhe diſſe hum criado, que a deſſe ao Duque ſeu filho, e naõ ao filho do homem por cuja morte vagara; a que reſpondeo: os Principes, pódem viver ſem filhos, e naõ ſem criados; e aſſim repetia muitas vezes, que o Principe poderia negar a merce, mas naõ a alegria do roſto. Os Reys D. Manoel, e D. Joaõ o III. o trataraõ ſempre com grande attençaõ, viſitando-o nas ſuas doenças; e porque o ſegundo mandou propor no Conſelho ſe o havia de viſitar, quando o fez, achou dous criados, que na ſua preſença eſtavaõ jogando o xadrez, lhe perguntou, ſe goſtava de ver jogar; e elle lhe reſpondeo, que ElRey ſeu pay, quando o viſitava, por o devertir nas ſuas doenças, ſe punha a jogar. Caſou com a Duqueza D. Brites de Mello, filha de D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança D. Fernando, de quem teve larga deſcendencia.

Em ſeu tempo conſeguio a Ordem ſingulares privilegios da Sé Apoſtolica, a ſaber. No anno de 1496, à inſtancia delRey D. Manoel, o poderem caſar os Cavalleiros, por graça de Alexandre VI. O Papa Julio II. por Breve do anno de 1505, concedeo, que os Freires podeſſem teſtar dos bens, tendo pago meya annata, que he a metade dos primeiros tres annos das Commendas. Leaõ X. no anno de 1515, o uſarem os Priores môres de inſignias, e veſtiduras Pontificaes. Cheyo de annos morreo no de 1550, a 22 de Julho, e foy enterrado em Palmela, onde jaz.

6 D. Joaõ o III. do nome entre os Reys de Portugal, e o VI. na Ordem dos que governaraõ eſta Milicia, por Breve, que impetrou do Papa Julio III. antes da morte de ſeu anteceſſor; depois della o executou D. Fernando, Arcebiſpo de Lisboa, a quem veyo dirigido. Tomou o Habito da Ordem no Convento de Santo Eloy, das mãos do Prior môr D. Fr. Antonio Preto. Obteve ElRey do meſmo Pontifice uniaõ perpetua do Meſtrado à Coroa para ſempre, ſupprindo as incapacidades dos ſucceſſores, ainda que foſſem de menor idade, ou femeas, para que tanto que tomaſſem juramento podeſſem governar a Ordem. Deſde eſte tempo em virtude do Breve do dito Julio III. ſe naõ confirmou mais adminiſtraçaõ pela Sé Apoſtolica, por ſer incorporado o Meſtrado na Coroa. Ordenou, que na Meſa da Conſciencia ſe determinaſſem os negocios pertencentes às Ordens Militares; e de entaõ ſe intitulou eſte Tribunal Meſa da Conſciencia, e Ordens. Naſceo em Lisboa a 6 de Junho do anno de 1502; e morreo na meſma Cidade, no de 1057, tendo reynado 35 annos. Foy caſado com a Rainha D. Catharina, filha de Filippe I. Rey de Caſtella, e jaz em magnifico Mauſolêo, no ſumptuoſo Templo de Belem, fabrica, e enterro de ſeu pay.

7 ElRey D. Sebaſtiaõ, unico do nome, naõ ſó entre os Reys, mas entre os que governaraõ eſta Milicia, entrou na perpetua adminiſtraçaõ por morte de ſeu avô, na idade de tres annos, governando na ſua menoridade a Rainha D. Catharina ſua avó, e depois ſeu tio o Cardeal D. Henrique. No anno de 1568, alcançou hum Breve do Papa Pio V. para que nenhuma peſſoa, que naõ foſſe profeſſa da Ordem podeſſe obter renda della. Em virtude de outro do meſmo Pontifice do anno 1570, fez definições muy ajuſtadas, tocantes às heranças dos Commendadores, Eſtatutos da limpeza de ſangue, e da nobreza dos que haviaõ de ſer admittidos à Ordem, muito de antes uſada dos que eraõ recebidos a ella; e depois confirmou o Papa Gregorio XIII. eſtas definições por hum Breve do anno 1573, em que reforma o modo de ſervir as Commendas. Fez tambem ElRey declarar, que à Ordem de Aviz eraõ concedidas todas as graças, e privilegios, que gozavaõ Calatrava, Alcantara, e Uclez, nos Reynos da Coroa de Caſtella: e tambem, que naõ ſe derogaraõ pelo Concilio de Trento eſtes privilegios. Morreo, ou ſe perdeo, que tudo foy o meſmo, na infelice Batalha do Campo de Alcacer em Africa, a 4 de Agoſto de 1578, tendo naſcido no de 1554.

ElRey

8 ElRey D. Henrique, unico tambem do nome, que depois de Cardial dos Santos IV. Coroados, e tendo logrado juntas as Dignidades de Arcebiſpo de Braga, Lisboa, e Evora, Abbade Commendatario de Alcobaça, e outros grandes Beneficios Eccleſiaſticos, veyo a ſucceder na Coroa, e na adminiſtraçaõ do Meſtrado de Aviz, pela apreſſada morte de ſeu ſobrinho. Alcançou total exempçaõ para a Milicia dos Ordinarios, que por commiſſaõ dos Meſtres viſitavaõ as Igrejas, punindo com grande zelo pela liberdade das Ordens. Accreſcentou a fabrica do Convento, como hoje ſe vê. Mandou imprimir o Catheciſmo Bracharenſe, obrigando aos Parochos das Igrejas do Meſtrado o leſſem nas Eſtações: e naõ governando mais que hum anno, e ſeis mezes, moſtrou o quanto eſtimava a Ordem, no que referimos. Morreo no de 1580, tendo de idade ſeſſenta e oito annos. Jaz em Belem em Real ſepultura.

9 ElRey D. Filippe II. de Caſtella, que intruſo por força de armas ſe apoderou do Reyno, valendo-ſe da oportuna occaſiaõ, em que ſe achava deſtituido de forças pela perda de Africa. Jurou guardar as Immunidades, Privilegios, e Eſtatutos da Cavallaria nas Cortes de Thomar. Revogou tudo o que ſe tiveſſe concedido a menos favor da Ordem, e que naõ pudeſſem viſitar as Igrejas ſenaõ os profeſſos da Ordem. Ao Convento fez merce de que ſe pagaſſem as rações dos Freires, pelo preço que correſſem na Villa de Aviz. Morreo no anno de 1598, de idade de ſetenta e hum anno, e jaz ſepultado no Pantheon do Eſcorial, obra ſua.

10 ElRey D. Filippe III. de Caſtella, que ſuccedeo a ſeu pay no Reyno, e adminiſtraçaõ do Meſtrado de Aviz, que com merces moſtrou, que o attendia, e eſtimava. Applicou as Commendas de Aviz, Villa Viçoſa, e Hervedal ao Convento, com outras rendas, para a ſua fabrica. Ordenou que os Beneficios ſimples, ſe proveſſem ſómente nos Freires Conventuaes. Reformou em obras o Convento de Aviz. Diſpoz em Coimbra Collegio para os Freires profeſſos, que confirmou Paulo V. de quem alcançou, que os Militares, que ſerviſſem nas Armadas contra Infieis, pudeſſem obter Commendas, até entaõ naõ permittidas, ſem tres annos de ſerviço de Africa. Nomeou no anno 1612, ſete peſſoas grandes da Ordem, por qualidade, e reſpeito, para a ſua reformaçaõ, a ſaber: o Prior môr D. Fr. Lopo de Sequeira, que preſidia nas Juntas, o Commendador môr Fr. D. Luiz de Lencaſtre, do Conſelho de Eſtado, Fr. D. Jeronymo Coutinho, do Conſelho de Eſtado, Commendador de Olivença, Fr. D. Gonçalo da Coſta, Commendador de S. Vicente da Beira, Armeiro môr, Fr. Diogo de Caſtilho, Commendador de Mora, Fr. D. Carlos de Noronha, Commendador de Mouraõ, Fr. Joaõ Gomes Leitaõ, Corregedor do Crime da Corte, Cavalleiro deſta Ordem, que fazia o Officio de Secretario, como mais moderno. Em o Capitulo Geral, que ſe celebrou em Santa Maria da Graça de Setuval, a 2 de Outubro de 1619, ſe confirmaraõ no Definitorio os Eſtatutos, que hoje ſe obſervaõ, e elles depois de muitas conſultas, e viſitas tinhaõ aſſentado. Morreo em Madrid a 31 de Março de 1621, com quarenta e tres annos de idade, e vinte e dous e meyo de reynado.

11 ElRey D. Filippe IV. de Caſtella, que confirmando os Eſtatutos novos, e definições, que na adminiſtraçaõ de ſeu pay ſe determinaraõ, mandou, que ſe publicaſſem, e ſe obſervaſſem, e para que foſſem notorios a todos ſe imprimiſſem, para que por elles ſe governaſſe a Ordem. Durou a ſua adminiſtraçaõ até o anno de 1640, em que lha tirou com o Reyno ſeu legitimo Senhor.

12 ElRey D. Joaõ o IV. que no dia 1 de Dezembro do anno de 1640, foy acclamado Rey de Portugal, e aſſim reſtituida a Ordem ao dominio de ſeus naturaes Revs.

13 ElRey D. Affonſo VI. que no anno de 1656, ſubio ao Throno: foy Adminiſtrador, e perpetuo Governador deſta Ordem.

14 ElRey D. Pedro II. deſde o anno de 1667, em que entrou a ſer Principe Regente deſte Reyno até a ſua morte.

15 ElRey D. Joaõ o V. que Deos guarde, e proſpere, entrou a ſer Governador, e perpetuo Adminiſtrador deſta Ordem, deſde o dia 9 de Dezembro de 1706, em que ſubio ao Throno; e em 10 de Janeiro de 1707, fez privadamente na ſua Camera o juramento dos privilegios, e fóros da dita Ordem, &c.

Tratão deſta inſigne Ordem Manrique Tom. II. dos *Annaes Ciſtercienſes no Appendice*; Zapater *Ciſter Militar de Cavál. de Aviz*; Menncio, Herman, e Schoonebek, em as *Hiſtorias das Ord. Milit. Chron. das Ord. de Calatrava, e Santiago*; Bernardo Giuſtiani *Hiſt. Chronol. de gli Ord. Milit. Hiſtoire des Ordres Religieux*, tom. 6. cap. 6. pag. 65; *les Souvrains du Monde*, *tom.* 4. *nas Ord. de Cavál. da Europ.* cap. 3. pag. 285; Favin, e outros. Dos noſſos, Brandão *Monarch.* part. 3; Faria *Europa Portug.* Fr. André de S. Paulo m.ſ. *Hiſtoria das Ordens Militares*, liv. 2; Carvalho na *Corografia Portug.* tom. 2; Vaſconcellos *Anacephalæoſis*; Manoel Severim de Faria *Not. de Portug.* Diſc. 2. §. 17. pag. 77; Lourenço Pires de Carvalho *Enucleationes Ordinum Militarium Luſitaniæ*; *Definições da Ordem de Aviz*; Fr. Jeronymo Roman *Republ. do Mund.* part. 1. liv. 7. cap. 10. pag. 415. verſ. *Hiſtor. Geneal. da Caſa Real Portug.* tom. 1. pag. 55, e 206.

C A Sé de Santa Catharina de Goa, invocação, que lhe foy poſta por neſte dia ſer ganhada aos Mouros, foy erigida em Cathedral pelo Papa Clemente VII. que por não chegar a expedir a Bulla, o fez ſeu ſucceſſor Paulo III. no anno de 1534, a qual ſe guarda na Torre do Tombo no Armario 20. Maço 23, e anda impreſſa no Tomo II. das *Provas da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza*, pag. 733. Depois no anno de 1557, o Papa Paulo IV. à inſtancia delRey D. Sebaſtião, a erigio em Metropolitana, e Primaz do Oriente, Dignidade, que logrou a Sé do Funchal, a qual tambem anda impreſſa no Tomo III. das *Provas da dita Hiſtoria Genealogica da Caſa Real*, pag. 505. Foy nomeado em Arcebiſpo D. Gaſpar de Leão, o primeiro que logrou eſta Dignidade, e terceiro na ordem dos Biſpos daquella Dioceſi. Sagrou-ſe em Lisboa, e ao meſmo tempo os Biſpos de Cochim D. Fr. Jorge Themudo, e de Malaca D. Fr. Jorge de Santa Luzia, ambos da Familia Dominicana, Dignidades, em que os conſtituîo o meſmo Papa, erigindo de novo todas eſtas Igrejas, que ſogeitou à Metropoli de Goa, cujas Bullas andão impreſſas no dito 3. tom. pag. 208, e 211, e conſtituindo termos, e limites, os deſtrictos delles, commetteo a D. Fernando de Vaſconcellos, Arcebiſpo de Lisboa, que depois de examinar eſte ponto aſſinou a Goa, deſde o Cabo da Boa Eſperança até Ormuz, e dahi até Cananor, com todas as Ilhas adjacentes a ellas, em que houveſſe Chriſtãos. Ao Biſpado de Cochim aſſinou deſde Cananor, até Bengalla, e Pegû, com toda a Coſta da Peſcaria, Negapatão, e S. Thomé, com a famoſa, e grande Ilha de Ceilão, com todas as mais circunviſinhas a toda a Coſta, que depois, que paſſou a poder dos Holandezes, deixou ao Biſpo em grandes trabalhos, e miſerias. Ao Biſpado de Malaca conſtituîo ſeus limites, deſde Pegû, até a grande região da China, com todos os Archipelagos do Solor, Timor, Amboino, Banda, Moro, e Moluco, debaixo de cujo dominio ſe incluem hum grande numero de Ilhas, em que ha muita Chriſtandade. Depois em diverſos tempos forão erigidos os Biſpados de Macao, no anno de 1575; o de Angamale, que hoje he conhecido por Cranganor, de que foy primeiro Biſpo D. Franciſco Ros, da Companhia, no anno de 1601; o de Melliapôr em D. Fr. Sebaſtião de S. Pedro, da Ordem dos Eremitas, no anno de 1607; D. Belchior Carneiro, da Companhia, no anno de 1558, foy nomeado Biſpo de Nicea, e ſagrado com eſte titulo, por não poder paſſar à Ethiopia ficou em a China, e foy Biſpo da China, e do Japão, em quanto ao exercicio, e não ao titulo; e por eſſa cauſa chama Telles primeiro Biſpo de Japão a D. Sebaſtião de Moraes, feito à inſtancia de Filippe II. Faria na *Aſia*, part. 3. pag. 520; e Cardoſo no *Agiologio*, tom. 1. pag. 34, querem foſſe o primeiro Biſpo do Japão; porém a *Chronica da Companhia* do Padre Telles, na 2. part. pag. 592, e Nadaſi a 7 de Julho, dão por primeiro Biſpo deſta Igreja a D. Sebaſtião de Moraes, à inſtancia de Filippe II. anno de 1588, o que nos parece mais certo; porque além deſtes Authores achamos na *Decada VIII.* de Couto, pag. 69, fallando de D. Belchior Carneiro, diz, que hia por Biſpo para a China, ſem fallar em Japão.

Era o Santo Arcebiſpo D. Gaſpar natural da Cidade de Lagos, no Reyno do Algarve, de pays nobres, e abaſtados, como ſe infere das caſas, que edificarão naquella Cidade, que ficarão ao Arcebiſpo, de que elle fez Doação ao Licenciado Alvaro Martins, Contador da dita Comar-

Comarca, casado com sua sobrinha Constança Lourenço, com a obrigaçaõ de tres mil reis de foro à Casa da Misericordia de Lagos, para certos encargos. Da mesma Escritura consta ser seu irmaõ Fernaõ Dalvers, sua irmãa Brites Affonso, e seu cunhado Lourenço Fernandes, como se vê das vocações, que faz para a successaõ do tal vinculo; foy feita em Belem a 7 de Abril de 1560, a qual está no Livro, ou Tomo antigo dos fóros da dita Casa da Misericordia de Lagos, e tem este titulo: *Doaçaõ das casas, que estaõ pegadas ao forno de Joaõ Fernandes da Costa, o moço na Ribeira dos Touros, as quaes foraõ aforadas ao Licenciado Alvaro Martins, Contador desta Comarca, em 3000, em cada hum anno, o qual foro deixou de esmola a esta Santa Misericordia o Reverendissimo Senhor D. Gaspar de Leaõ, Arcebispo de Goa.* Este assento feito naquelle tempo, em que as casas foraõ aforadas ao marido de sua sobrinha, e pelos seus naturaes mostra, que muito bem lhe sabiaõ o appellido, e a familia de que era. Na mesma occasiaõ, que fez a Doaçaõ escreveo huma Carta, que está no mesmo Tomo, a qual tem este titulo:

Copia da Carte de Mestre Gaspar, Arcebispo de Goa para o Provedor, e Irmãos desta Misericordia, e diz assim:

Senhor: por satisfazer em alguma maneira com a obrigaçaõ devida aos Paes, e a Patria pareceo serviço de Nosso Senhor deixar as casas, que nessa Villa tenho, que fizeraõ meus Paes a sua geraçaõ com foro de tres mil reis cada anno gastados em Missas, e obras pias nessa Santa Confraria, por Vossas Merces, como veraõ pelo Instrumento, que com esta lhe envio; e porque nas ditas casas tem meu Irmaõ Fernaõ Dalvers hum pedaço, elle, e sua mulher mandaraõ logo a quitaçaõ, vendaõ, ou doaçaõ do dito quinhaõ a Vossas Merces, as quaes casas deixo logo ao Licenciado Alvaro Martins, e minha sobrinha Constança Lourenço, sua mulher: Vossas Merces ma faraõ tomarem este trabalho, e fazerem comprir as obrigações, como convem a seu cargo, e a mim de favor, para que ajude a essas boas obras. De Belem a 7 de Abril, de 1560.

Destes Documentos, de que temos copias authenticas, tiradas do livro antigo da Misericordia, consta ser sua patria Lagos, e o seu appellido de Leaõ, no que nos naõ fica duvida, por ser por elle ainda conhecido pelos seus naturaes, como consta das memorias, que me mandou, e tenho com carta de 13 de Outubro de 1721, o Padre D. Manoel do Tojal da Sylva, meu Companheiro, e socio da Academia Real, bem conhecido pela sua eloquencia, e talento admiravel, e erudiçaõ, que entaõ se achava naquella Cidade. He certo, que diversos appellidos lhe tem dado os nossos Authores, muitos de *Santa Maria*; o Chronista Diogo do Couto, o de *Pereira*, o qual com a sua authoridade lhe demos, ainda que em duvida, nos Catalogos, que se imprimiraõ das Igrejas do Oriente, na Collecçaõ da Academia Real da Historia, no anno de 1722. Naõ faltou, quem lhe desse com manifesto engano, o dos *Reys*; e ultimamente os Religiosos do seu Convento da Madre de Deos, o de *Ornellas*, como logo veremos. Era elle conhecido universalmente pelo Mestre Gaspar, e assim o achamos em muitas memorias antigas. Tinha sido Capellaõ do Cardeal Infante D. Henrique, Prior de Setuval, Conego na Sé de Evora, e nesta Diocesi teve os empregos de mayor estimaçaõ, pelo grande conceito, que delle tinha o Infante, e era geral em todo o Reyno. Teve grande repugnancia em aceitar o Arcebispado; de sorte, que vendo-se, que elle naõ queria esta Dignidade, escreveo ElRey a Lourenço Pires de Tavora, seu Embaixador a Roma, para que o Papa mandasse por hum Breve ao Mestre Gaspar aceitasse o Arcebispado, e que fosse residir nelle o mais depressa, que lhe fosse possivel; o que consta da resposta do dito Embaixador, escrita em Roma a 18 de Janeiro de 1560, que está na Torre do Tombo, a qual vi, e della tirey a seguinte clausula. *Dei conta ao Papa das qualidades deste homem, e da necessidade de tal pessoa naquella Igreja, e das cousas com que elle se escusava: pareceo-lhe justo, o que por parte de V. A. se requeria, e me deu commissaõ para logo se fazer o Breve, e na mesma tarde, em que lhe falley o expedio, e assinou. Antes que deste Reyno partisse, entendi de Mestre Gaspar de quanto desgosto lhe será este mandamento, e com quanto trabalho se desporá ao cumprimento; e porque muito contra minha vontade sou Minis-*

tro, para fazer forçar corações, e mais em tal caſo, ſou obrigado a lembrar a V. A. que com tal homem, e taõ neceſſario ao ſerviço de Deos naquellas partes deve V. A. uſar de taes honras, favores, e merces nas palavras, e nas obras, que o ſeu deſgoſto ſe torne em contentamento. Finalmente, ſagrado Arcebiſpo no anno de 1560, embarcou para a India na Armada, de que era Capitaõ mór Jorge de Souſa, que hia na Náo Caſtello: conſtava de ſeis Navios, de que era Capitaõ Vaſco Lourenço de Barbuda, da Náo S. Vicente, em que hia o Arcebiſpo, e os Inquiſidores Apoſtolicos Aleixo Dias Falcaõ, e Franciſco Marques, homens Letrados, e virtuoſos, que hiaõ a plantar a Inquiſiçaõ de Goa; porque tinhaõ paſſado àquelle Eſtado Judeos, que viviaõ com eſcandalo da Ley de Jeſus Chriſto, e tinhaõ ſynagogas publicas, e ſeparadas, de que nos annos antecedentes ſe remetteraõ a Lisboa alguns dos principaes, com autos das ſuas culpas, da Náo Rainha, era Capitaõ Jorge de Macedo; do Galeaõ Drago, Lourenço de Carvalho; da Náo S. Paulo, Ruy de Mello da Camera; do Galeaõ Cedro, Franciſco Figueira de Azevedo: eſte arribou ao Reyno, e a Náo S. Paulo na Bahia, onde eſperou por monçaõ; as demais ſeguindo a ſua viagem, dobraraõ o Cabo de Boa Eſperança, já taõ tarde, que ſe viraõ obrigadas a tomar a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, no que tiveraõ grande trabalho, e perda pela muita gente, que morreo. A Náo do Arcebiſpo tomou Cochim, onde mandou recado com cartas para o Capitaõ Henrique de Souſa Chichorro, e para a Camera, que ſabendo o aperto, em que eſtavaõ, aparelharaõ ſeis embarcações de remo, que logo mandaraõ com hum refreſco; e levando a Náo ao reboque chegaraõ ao porto de Cochim, onde foraõ recebidos com applauſo, e o Védor da Fazenda lhe mandou preparar huma Galé da Armada do Vice-Rey, onde embarcou o Arcebiſpo, e Inquiſidores para Goa, e naquella Cidade ſe lhe fez honorifico recebimento. He eſte hum dos annos mais notaveis para aquelle Eſtado, por ſe levantar a ſua Igreja a Metropolitana, e o Tribunal da Santa Inquiſiçaõ, de que tanto bem tem reſultado àquella Chriſtandade. Entrou o Arcebiſpo a governar com tanto cuidado, como temos viſto, e quando naõ ſouberamos delle outra couſa ſenaõ o zelo da Religiaõ, com que ſe houve em Goa, no caſo que referimos do dente do bogio, baſtava para o conſtituir Heroe entre os Varoens Apoſtolicos. Segundo o eſtylo, que ſeguimos, devemos dar alguma noticia ao Leitor, de quem foſſe eſte dente, a que os Gentios faziaõ tantas veneraçoes. Manoel de Faria no II. Tomo da *Aſia*, part. 2. cap. 16. pag. 350, diz, que era de hum mono branco, e que além da alvura veyo a ſer mais eſtimado; porque a hum Rey dos antigos da India fogindo-lhe a mulher, a quem elle muito amava, mandou varias peſſoas a buſcalla, e naõ dando nenhuma com ella, aquelle mono a veyo achar em o lugar occulto, onde eſtava eſcondida, e por eſta cauſa lhe cobrou tal amor aquelle Principe, que regalando ao mono em vida, por ſua morte, ficou com aquelle dente, que veyo a idolatrar, e a offerecerlhe holocauſtos, e fazer, que todos o idolatraſſem. Diogo do Couto na *Decada VII.* liv. 9. cap. 2. pag. 179. verſ. diz, que os Gentios tinhaõ para ſi, que aquelle dente era do ſeu *Budaõ*, entre elles havido por ſeu mayor Santo; e que nas ſuas memorias ſe conſerva, de que o Budaõ andou pela parte de Pegû, e por todos aquelles Reynos, convertendo Gentios, e fazendo milagres; e que eſtando para morrer arrancara da boca hum dente, e que o mandara a Ceilaõ, como Reliquia ſua, e por tal, fallando ao ſeu modo, era eſtimada pela mayor entre toda a Gentilidade de Pegû: ou foſſe deſte homem Budaõ, que ſe conforma mais com o noſſo parecer, ou do mono branco, elles o veneravaõ com taes circunſtancias, que alguns Principes da Aſia tinhaõ por grande dita alcançarem-no impreſſo em olorоſas maſſas, como de ambar, e outras precioſas, de que he abundante o Oriente. ElRey de Pegû todos os annos o mandava viſitar com ricos dons, por Embaixadores ſeus, para que lhe conſentiſſem por premio daquellas dadivas, que lhe levaſſem a eſtampa, já que naõ podia lograr o original; e eſta devoçaõ lhe fez offerecer taõ groſſas ſommas de dinheiro pelo ſeu reſgate ao Vice-Rey D. Conſtantino, que com grande zelo da Religiaõ ſoube deſprezar; em que teve grande parte o conſelho do Arcebiſpo D. Gaſpar. Chegou a tanto a ſuperſticioſa fé, que

que estes Gentios tinhaõ com este dente, que achando-se ElRey de Cota D. Joaõ, pobre, e desapossado do seu Reyno, fez em muito segredo da ponta de hum veado hum dente, na mesma forma, que o do bogio, taõ proprio como o que se queimou em Goa, e collocando-o em huma charolla muito rica, com muita pedraria, o entregou ao seu Camereiro môr, que era Gentio; e praticando este com os Embaixadores do Bramá, que tinhaõ vindo àquelle Reyno a outro negocio, que naõ he do nosso assumpto, e em sua companhia os Tupaloens, que saõ os seus Bispos, e Religiosos, que se vinhaõ offerecer à pégada do pico de Adaõ, que todos elles adoraõ, em muito segredo lhe deu conta, em como ElRey D. Joaõ por ser Christaõ lhe dera a guardar o verdadeiro dente de bogio, ou do seu Quiar, como lhe chamavaõ, e que o que o Vice-Rey da India levara, era fingido, e falso. He aquella gente de facil persuaçaõ, e ficaraõ muy alegres com a nova; e pedindo-lhe lho mostrassem, o que elle fez com grande cautella, que accendia mais os desejos dos Tapuloens: em fim os levou huma noite a sua casa, que tinha muy ornada, e em hum Altar a charolla, com velas accezas, e muitos perfumes; o que vendo os Gentios se lançaraõ no chaõ, e com summa reverencia fizeraõ as suas superstitiosas ceremonias, em que gastaraõ a mayor parte da noite, e trataraõ logo de ajustar, que o mandasse ao Rey de Pegû, offerecendo-lhe hum milhaõ de ouro, e que todos os annos lhe mandaria huma Náo carregada de arroz, e mantimentos; o que se tratou em grande segredo, para que os Portuguezes o naõ soubessem, para que se naõ viesse em conhecimento do engano; e assim foy conduzido para o Reyno de Pegû, e recebido com grandes festas, e alvorocos de incrivel devoçaõ daquelle Rey, que mandou ao de Cota huma Náo carregada de mantimentos, e de outras cousas de presente, com a Náo, e tudo o que ella levava, como gratificaçaõ do muito, que lhe estava obrigado. Esta digressaõ, que a alguns naõ parecerá precisa por se achar nas nossas Historias, nos pareceo necessaria para o conhecimento da materia em que fallamos. E tornando ao Arcebispado D. Gaspar, que he o nosso assumpto, naõ podemos deixar de notar o Authòr de *Vergel de Plantas*, pag. 28, onde escreve a vida deste virtuoso Prelado, com grandes equivocações; porque o poem naquelle Arcebispado no tempo delRey D. Joaõ o III. que morreo no anno de 1557, a 22 de Junho, e elle passou à India, como dissemos acima no de 1560, e à instancia da Rainha D. Catharina, na menoridade de seu neto ElRey D. Sebastiaõ; foy erigida aquella Sé a Metropolitana, e assim pertence ao seu reynado, que começou no berço no mesmo tempo, que morreo seu avô; e supposto seu antecessor D. Fr. Joaõ de Albuquerque morreo no anno de 1553, como consta do Epitafio da sua sepultura, (e naõ no anno de 1559, como diz Faria no III. Tomo da *Asia*, part. 4. pag. 519, dando-lhe dous annos de vida depois do Papa Paulo IV. ter expedido a Bulla, em que erigio esta Igreja a Metropolitana, de que infere, que logrou este tempo a nova Dignidade este Bispo,) e pudesse o referido Rey tello nomeado para o Bispado, naõ pode ter effeito esta graça, senaõ depois de passada a Bulla, que apontamos. Tambem o allegado Author diz, que elle depois de ter renunciado, ElRey se arrependera de lhe conceder a faculdade da renuncia, e que o obrigara pelo Papa a tornar a exercer, mas que com as repetidas instancias lha viera segunda vez a aceitar, e que morrera recolhido no Mosteiro da Madre de Deos, o que naõ póde ser; porque he certo, que depois de renunciar, lhe succedeo D. Fr. Jorge Themudo, Dominico, Bispo de Cochim, que começou a governar no anno de 1568, e falecco a 29 de Abril de 1571, como diz o *Agiologio*, Tomo II. naquelle dia, e depois da sua morte, tornou D. Gaspar a exercitar a Dignidade Primacial da India, e com effeito no anno de 1573, foy elle executor da Ordem, para o governo de Antonio Moniz Barreto, que tomou posse neste anno, tendo o governo da Igreja de Goa até o anno de 1576, em que morreo. E como os Bispos de Cochim saõ à jure Governadores do Arcebispado de Goa, por falecimento dos Arcebispos, o foy D. Fr. Henrique de Tavora, que depois veyo a ser seu successor; e porque governava se equivocou este Author, dizendo, que o Arcebispo lhe fizera as

Exequias

Exequias com a aſſiſtencia do Clero, e Vice-Rey, que tambem naõ havia na India, e durava o governo de Antonio Moniz Barreto; porque ainda que eſte anno partio de Lisboa o Vice-Rey Ruy Lourenço de Tavora, que morreo em Moçambique, e as Náos chegaraõ à India em Setembro, em que ſuccedeo como Governador D. Diogo de Menezes, em que durou até o de 1578, e no meſmo tempo tomou poſſe da Dignidade Archiepiſcopal D. Fr. Henrique de Tavora. Toda eſta prolixa averiguaçaõ nos foy preciſa, para moſtrarmos ao Leitor a certeza, com que eſcrevemos o que referimos no Texto; porque lendo-ſe o que na ſua Vida eſcreveo o Padre Fr. Jacinto de Deos no *Verger de Plantas*, naõ faça duvida, parecendo, o naõ ſeguimos por mais motivo, que a verdade. Muito temos que nos queixar das poucas noticias, que achamos deſte Arcebiſpo: todas ſe reduzem a que era Santo, e douto, como ſe vê de algumas Obras, que deixou impreſſas, e ſaõ as ſeguintes.

Compendio Eſpiritual da Vida Chriſtãa, tirado de muitos Authores, impreſſo em Goa no anno de 1561, por Joaõ Quinquenio, da Companhia.

Hum livro ſobre certas viſoens do Apocalypſe, impreſſo em Goa.

Hum *Breve Dialogo*, ou *Colloquio Eſpiritual de achar a Deos*, impreſſo em Goa, e depois em Evora por ordem do Cardeal Infante.

Hum livro *Deſengano de perdidos em Dialogo, hum Chriſtaõ, e hum Turco*, Obra muy curioſa, que fez quando eſtava recolhido no Moſteiro da Madre de Deos, no tempo, que tinha renunciado, e imprimio em Goa, anno de 1573.

Hum livro da *Doutrina Chriſtãa*.

Hum *Tratado Eſpiritual, para o Sacerdote quando diz Miſſa, e para os ouvintes, &c.* impreſſo em Lisboa, anno de 1518.

Traduzio em Portuguez dous Tratados, que fez Jeronymo de Santa Fé, em Latim, ſobre a vinda do Meſſias, e falſidades do Thalmud, impreſſo em Goa, com huma Carta ao povo de Iſrael.

Huma ſumma de caſos de conſciencia, proveitoſa, e neceſſaria para a India.

Foy ſepultado no Presbiterio da Capella môr, na Igreja da Madre de Deos de Goa, em ſepultura raza, onde ſe lhe poz o ſeguinte Epitafio.

Aqui jaz D. Gaſpar o Primeiro Arcebiſpo de Goa, e o primeiro dos Peccadores rogai a Deos por elle. Faleceo neſta Caſa da Madre de Deos a 15 de Agoſto de 1576 annos.

Affirma-ſe que appareceo a dous Religioſos, que entaõ viviaõ no meſmo Convento, apparecendo a hum crucificado com quatro cravos, e a outro reſplandecente como huma eſtrella ſcintillante, e as veſtiduras diafanas, como criſtal, moſtrando aſſim Deos ao primeiro os trabalhos, que na vida padecera, e ao ſegundo a gloria, que gozava.

No anno de 1725, a 15 de Agoſto, ſendo Miniſtro Provincial Fr. Simaõ de Jeſu Maria, com aſſiſtencia do Arcebiſpo Primaz D. Fr. Ignacio de Santa Thereſa, que tambem era primeiro Governador do Eſtado, juntamente com o ſeu Cabido trasladaraõ os oſſos do Santo Arcebiſpo, e foraõ collocados em lugar eminente, na parede da parte do Evangelho do Presbiterio da Capella môr, que ornaraõ com finas pedras, muy polidas, com eſte Epitafio.

Daqui reſurgiraõ os oſſos veneraveis do Illuſtriſſimo D. Gaſpar de Ornellas, I. Arcebiſpo Primaz deſte Oriente, e Fundador deſte Convento da Altiſſima Mãy de Deos, para aqui trasladados a 15 de Agoſto de 1725.

Nas Memorias, que os Padres deſte Convento mandaraõ a Academia, com data de 3 de Janeiro do anno de 1726, que temos em noſſo poder da Secretaria da Academia, conſta a dita Trasladaçaõ; porém naõ nos podemos accommodar a lhe dar outro appellido, que naõ ſeja o de Leaõ, pelo que temos acima referido.

Tratarõ

Tratão deſte Arcebiſpo, Couto na *Decada VII.* liv. 8. cap. 2. pag. 145; e no liv. 9. cap. 17. pag. 208; e na *Decada VIII.* liv. 1. cap. 29. pag. 120, e em outros lugares; Faria *Aſia*, tom. 2. cap. 16. num. 4, e em outros lugares; o *Oriente Conquiſtado* de Souſa, part. 1. Conq. 1. Diſc. 2. pag. 205; e na part. 2. Conq. 1. Diſc. 1. pag. 10; o *Agiologio Luſitano*, no dia 29 de Abril, letra F. Franco na *Bibliotheca Luſitana* m.ſ. lhe chama D. Gaſpar dos Reys, no que ſe enganou, e certamente em o fazer Author da *Relaçaõ Solemne do recebimento das Reliquias de Santa Cruz*, de que he Author Gaſpar dos Reys, Clerigo Canoniſta, e ſe imprimio no anno de 1596, vinte annos depois da morte do Arcebiſpo; Cruz nas Memorias para a *Bibliotheca Luſitana* m.ſ. que eſtaõ em poder do Conde da Ericeira; Fr. André de Chriſto na *Hiſtoria da Ordem de Santiago*, liv. 2. cap. 41. pag. 266. m.ſ. *Memorias da Igreja de Goa* do Doutor Henrique Bravo de Moraes, Deaõ daquella Cathedral, e Commiſſario Geral da Cruzada do Eſtado da India, feitas com grande exacçaõ, e cuidado, que mandou à Academia Real da Hiſtoria, e tenho em meu poder da Secretaria da meſma Academia.

D No anno de 1629, faleceo o Irmaõ Leigo Bartholomeu Lourenço, a que na Companhia chamaõ Coadjutor temporal, de idade de ſetenta e ſete annos, gaſtados na Companhia cincoenta e quatro, com grande edificaçaõ, pois era mortificado, em tudo o que lhe podia ſervir de alivio, negando-ſe ainda àquelles divertimentos, que permitte a Religiaõ, para reſpirarem os Padres do trabalho, como ſaõ ir às quintas, a que chamaõ recreações, e outros honeſtos divertimentos; porque nunca foy a elles, e neſſes dias augmentava os exercicios eſpirituaes de Oraçaõ, e penitencia. Hum dia lhe ſuccedeo ir ao Collegio da Purificaçaõ, a ajuſtar humas contas da Univerſidade, que eſtavaõ a ſeu cargo; e como houveſſe de eſperar, porque havia de ſer nellas parte, ſe recolheo à Capella do Collegio, e com huma larga, e aſpera diſciplina encheo o tempo da eſpera. O Vice-Reytor que o ſentio, lhe diſſe: *Irmaõ, a toda a parte nos vem edificar, e confundir*? A que elle com graça reſpondeo: *Padre, hoje he dia de Quinta, he neceſſario dar recreaçaõ ao eſpirito na mortificaçaõ do corpo.* Delle faz mençaõ Franco *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 2. cap. 19. pag. 324.

E A *Chronica dos Conegos Regrantes deſte Reyno*, no liv. 10. cap. 27. pag. 374, faz mençaõ de Fr. Vicente da Coſta, dizendo, que era natural de Lisboa, da Familia de Coſtas, e que por ſer homem Fidalgo, diſpenſara a Religiaõ com elle, dando-lhe o Habito, e Sobrepeliz dos Conegos, ſem embargo de entrar para Irmaõ Leigo, ou Converſo, como elles lhe coſtumaõ chamar, cujo Habito he pardo, ſem Sobrepeliz, com hum Bentinho de linho aos peitos; porém como lhe naõ declare os pays, naõ podemos vir em conhecimento a que ramo deſte appellido pertença. Faleceo no anno de 1586, neſte dia.

F Na Provincia da Beira, no Biſpado de Lamego, de cuja Cidade diſta quatro legoas, fica a Villa de Moimenta, ao pé de huma Serra, que orna com quatro fontes, e faz fertil de todos aquelles frutos de que abunda a Provincia. A ſua Parochia he da invocaçaõ de S. Joaõ Bautiſta, e a povoaçaõ de trezentos viſinhos. Neſta Villa naſceo o Doutor Fernaõ de Mergulhaõ, Abbade de S. Clemente de Baſto, e Deſembargador na Cidade de Braga, que da ſua fazenda edificou, e dotou eſte Moſteiro da Ordem de S. Bento (mas ſeguem o Rito Ciſtercienſe, e ſaõ da ſugeiçaõ dos Biſpos, dedicando-o à Purificaçaõ da Virgem, pelo que he chamado Noſſa Senhora da Purificaçaõ) nas meſmas caſas, em que naſcera, por Breve que alcançou da Sé Apoſtolica, paſſado no anno de 1594. Do Moſteiro de Semide foraõ as Fundadoras: eraõ tres irmãas do Fundador, a ſaber, Iſabel Mergulhoa, Guiomar Nunes, Margarida de Lucena, e Antonia Ferreira, que foy a Prioreſſa, e Meſtra de todo o Moſteiro, e a primeira Abbadeſſa ſua irmãa a Madre Iſabel Mergulhoa. O Fundador faleceo em Braga, e ſeus oſſos foraõ levados para eſta Igreja, e foraõ poſtos na Capella môr, em ſepultura, que ſua irmãa a Abbadeſſa perpetua lhe mandou lavrar. Neſte Moſteiro profeſſou Sor Filippa Pinta, cuja ditoſa morte eſcrevemos no Texto, a qual foy depois do anno 1596: era natural de Arcuſelo, Biſpado de Lamego. Della faz mençaõ Fr. Leaõ de Santo Thomás

na

na *Benedictina Luſitana*, tom. 2. trat. 2. part. 6. cap. 7. §. 2. pag. 405.

G A Patria de Fr. Balthazar, foy ſem duvida a Villa, que lhe deu o ſobre nome, eſtylo obſervado na Provincia da Piedade, para onde paſſou da Obſervante de Portugal: em huma, e outra viveo com raro exemplo de humildade. Em ambas as Chronicas daquellas Provincias ſe faz com razaõ honrada memoria ſua; pois em ambas deu claras luzes da ſua virtude, pelo que foy em vida eſtimado, e depois de morto venerado. Faleceo neſte dia, no anno de 1564. Delle trata Soledade na Parte IV. da *Hiſtoria da Provincia de Portugal*, liv. 5. cap. 33. pag. 749, e Fr. Manoel de Monforte na da Piedade, liv. 3. cap. 49.

H Entre as Cidades da Baçaim, e Chaul, em diſtancia de ſeis legoas, fica a Ilha de Taná, no Seyo de Canibaya, junto à terra firme. Nella he conhecida a povoaçaõ dos Portuguezes, que he a Villa com o meſmo nome de Taná: neſta vivia Gaſpar de Louſada de Sá, e D. Filippa Ferreira, peſſoas nobres, e principaes: mas ainda muito mais diſtinctas pela virtude em que viviaõ. Deſte matrimonio naſceo D. Maria de Sá, que na Religiaõ, mudando o appellido, ſe chamou da Trindade. Com a morte de ſeu pay ficaraõ os cabedaes diminutos, e tratando com ſua mãy das couſas do Ceo, começaraõ a obſervar huma vida perfeita: pelo exemplo della as tirou daquella Villa o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo de Menezes, para o recolhimento, que fundava das Donzellas. Da virtude de ſua mãy diremos nos aditamentos, por ſer a 8 de Junho. Deſejava muito o meſmo Arcebiſpo fundar na Cidade de Goa hum Moſteiro de Religioſas, e vencidas naõ poucas difficuldades, conſeguio licença delRey; e no dia 2 de Julho dedicado à Viſitaçaõ de Noſſa Senhora, lhe lançou a primeira pedra no anno de 1606, na fórma que determina o Ritual Romano, o que ſe fez com grande ſolemnidade; porque além do Arcebiſpo ſer por ſua illuſtre qualidade, e pela ſua virtude attendido de todos; como naquella occaſiaõ era Governador do Eſtado, o acompanharaõ os principaes Fidalgos, e toda a mais nobreza lhe fizeraõ Corte. Comprado o ſitio, ſe deu principio à fabrica, e ſe formou hum Convento, por entaõ humilde, e pobre; porém de ſorte que foſſe capaz de ſer habitado, e foy o primeiro, e unico lugar, que via o Oriente todo para Eſpoſas de Chriſto. A tres de Setembro do meſmo anno, ſahiraõ em Prociſſaõ as Recolhidas, que faziaõ todas em numero vinte e huma, com os roſtos cubertos, e com grande gravidade, e modeſtia caminhavaõ; precediaõ diante tres meninas, e a eſtas ſe ſeguiaõ as Donzellas; cada huma levava em huma maõ o Menino Jeſu, e na outra huma palma, como teſtemunha da fé, que davaõ ao Divino Eſpoſo: D. Filippa, e outra Religioſa, que no ſeculo tiveraõ o eſtado de caſadas, levavaõ hum Crucifixo nas mãos. Neſta fórma chegaraõ à nova Igreja; feita oraçaõ ao Santiſſimo, entraraõ pela porta do Moſteiro, que abrio o Arcebiſpo; entrou primeiro D. Filippa, e o Arcebiſpo da parte de fóra lhe entregou cada huma das novas Religioſas, e depois com huma admiravel exhortaçaõ a perſuadio à vida mais perfeita, intimandolhe as obrigações do ſeu officio, e foy a primeira Prioreſſa deſte Religioſo Jardim da Igreja, de que ſe tem colhido precioſas flores: e fazendo logo todas deixaçaõ dos appellidos, e diſtinçaõ da nobreza, ſe naõ trataraõ mais que como Religioſas, em que naõ queriaõ trato, nem couſa alguma, que pareceſſe vaidade, ou eſtimaçaõ. O grande Prelado moſtrava a muita, em que tinha eſta Caſa; porque ſuppoſto lhe nomeou Padres de letras, e virtude, elle era o que no principio mais lhe aſſiſtia. Paſſado o anno da approvaçaõ, e obſervadas as declarações do Santo Concilio de Trento, profeſſaraõ as Religioſas; e depois provadas em mayores tribulações, naõ padeceraõ pouco com o governo da Cidade, e o ſeu Confeſſor Fr. Diogo de Santa Anna, Varaõ Douto, e Santo, ao qual ſe deveo depois todo o augmento deſte magnifico Moſteiro, (de quem trataremos a 6 de Setembro) e o Santo, e zeloſo Prelado D. Fr. Miguel Rangel, Biſpo de Cochim, e entaõ Governador do Arcebiſpado de Goa. Vinte e hum anno ſe trabalhou na fabrica do novo Moſteiro, que em grandeza, e fabrica he admiravel, pela largueza do Moſteiro, magnificencia da Igreja, dormitorios, e mais officinas, com admiravel clauſtro, com jardins, e tudo o que póde ſervir de regallo, para que naõ apetecaõ

teçaõ as Religioſas nada das delicias em que foraõ criadas, por ſer exceſſivo o modo com que ſe tratáõ naõ ſó as Senhoras, e mulheres nobres, mas toda a Cidade de Goa. Entre Freiras, e ſerventes tem o Moſteiro trezentas peſſoas da Portaria para dentro. Saõ aſſiſtidas de tudo com largueza; finalmente, em tudo he huma das couſas magnificas da Cidade de Goa.

Faleceo Sor Maria da Trindade neſte dia, do anno de 1619, e ſendo enterrada, depois de paſſados ſeſſenta annos trasladaraõ ſeu corpo com huma notavel ſolemnidade. Sua Vida eſcreveo o Padre Fr. Agoſtinho de Santa Maria, na *Hiſtoria da Fundaçaõ do Convento de Santa Monica de Goa*, liv. 4. cap. 2. pag. 2; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 613; Puriſicaçaõ na *Chronol. Monaſtica.*

I Na Ilha de S. Miguel, huma das nove dos Açores, de que he Donatario, e Senhor D. Joſeph da Camera, Conde da Ribeira Grande, fica a Cidade de Ponta Delgada, aſſentada junto ao mar, em plano, occupando de comprimento quaſi hum quarto de legoa, e terá ſeis centos viſinhos. ElRey D. Joaõ o III. a 2 de Abril do anno de 1546, a levantou ao foro de Cidade. ElRey D. Manoel a tinha feito Villa, no anno de 1499, e por mais que ſe lhe oppuzeraõ os moradores de Villa Franca, a confirmou neſte foral no anno de 1507. Tomou a Cidade o nome de huma ponta delgada, que do interior da Ilha corre quaſi ao mar: tem no meyo da Cidade Caſtello, e Palacio dos Condes, que a enobrece; o porto he aberto, com tres legoas de enſeada; tem tres Freguеſias, e tres Conventos de Religioſos, a ſaber, da Companhia, Santo Agoſtinho, e S. Franciſco, e quatro Moſteiros de Religioſas da Ordem de S. Franciſco. Neſta Cidade naſceo Iſabel de Miranda: ſeu pay ſe chamou Alvaro de Miranda, e ſua mãy Iſabel Luiz, gente pobre, e humilde, o que ſe infere pelo Officio de Tecedeira, em que ſua mãy a criou, e depois ella uſava; mas de taõ ſingular virtude, como temos relatado. Naõ achamos o anno em que faleceo, e neſte dia faz menção della Fr. Antonio da Puriſicaçaõ na *Chronologia Monaſtica*; Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 542; Fr. Pedro Calvo nas *Lagrimas dos Juſtos.*

K Foy o Padre Meſtre Fr. Martinho de Ledeſma da Ordem dos Prégadores, natural de Ledeſma, junto do rio Tormes, que lhe deu o appellido; e ſendo filho da Provincia de Caſtella, ſe encorporou na de Portugal, e foy profilhado no Convento de Coimbra, Lente de Prima de Theologia naquella Univerſidade, em que jubilou, tendo por mais de trinta annos aquella publica, e honrada occupaçaõ; naõ ſe poupando ao trabalho, moſtrava que o naõ fazia por ter mais renda, ou ambiçaõ de gloria, mas ſó por virtude, e zelo. Era Varaõ pio, modeſto, e de admiravel engenho, eſtimado dos grandes Theologos do ſeu tempo, dos quaes foy chamado poço de letras. Eſcreveo varios Commentarios ſobre a Summa de Santo Thomás, como quem a lêo muitos annos, dictando-a da Cadeira, Obra de muita eſtimaçaõ, ſem embargo de naõ ſer veſtida de termos polidos, nem de fraze. Imprimio dous volumes ſobre o quarto livro do Meſtre das Sentenças. E illuſtrando tanto a Religiaõ com a ſua Literatura, e vida, o naõ faz menos a eſta Provincia com as obras materiaes de pedra, e cal, de que ſaõ eternos padroens os Conventos de S. Domingos, e Collegio de Santo Thomás de Coimbra, cuja fundaçaõ por ſua deveramos agora tratar, ſenaõ andara eſcrita no Commentario do dia 30 de Mayo, letra G. Cheyo de merecimentos faleceo no anno de 1574. Jaz na Capella môr do ſeu Collegio, em ſepultura raza, accommodando-ſe à ſua humildade, naõ aos ſeus merecimentos. Sua Vida traz Souſa na I. Parte das *Chronicas deſta Provincia*, liv. 3. cap. 5. Delle ſe lembra D. Niculao Antonio na *Bibliotheca Hiſpanica*, com hum merecido Elogio.

L No anno de 1633, na cruel perſecuçaõ do Tyranno Toxogunſama, foy coroado de Martyrio hum Irmaõ da Ordem dos Prégadores, de que nos dá noticia o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos*, pag. 323.

AGOSTO XVI.

Fr. Joaõ de Santa Martha, Franc. M.

EM Miaco, o glorioſo certame do Padre Fr. Joaõ de Santa Martha, fervoroſo Miſſionario, que por confortar aos Chriſtãos, na cruel perſecuçaõ, que neſte tempo ſe experimentava no Japaõ, cheyo de zelo Apoſtolico, deſejou muito andar eſcondido, para animar com a ſua doutrina aquelles Fieis. Paſſou a eſte fim ao Eſtado de Omura, onde vivia Marina, Senhora Japoneza, em quem ſe via a Religiaõ, e piedade Chriſtãa, obſervada com verdadeiro amor de Deos, ſentindo com extremo, que ſeu irmaõ Tangodono deixaſſe a Fé, que tinha recebido, por temporaes intereſſes. A eſte Principe eſcreveo o Padre huma carta com liberdade Apoſtolica, afeando-lhe a culpa, o exhortava à penitencia, para conſeguir de Deos perdaõ; e que elle ſe achava naquelle Imperio eſcondido, ſó pelo encaminhar ao caminho da ſalvaçaõ, e livrallo da deteſtavel cegueira, a que a ambiçaõ o reduzira, ſem memoria da eternidade. Procurou Tongodono, que o Servo de Deos ſahiſſe logo do ſeu Eſtado; porém vendo, que já era publica a voz da ſua reſidencia, o mandou prender, por temor, que o culpaſſem perante o Emperador; e aſſim o remetteo a Safioye, e eſte à Corte de Miaco, ao Governador Itacurando, que o poz no carcere publico, onde eſteve mais de tres annos padecendo immenſos trabalhos, com grande reſignaçaõ, eſperando a glorioſa hora da remuneraçaõ do Author da vida, por quem taõ generoſamente offerecia a ſua. Prégava no carcere aos prezos, dos quaes converteo, e bautiſou alguns. Aos Chriſtãos, que o viſitavaõ dava ſantos conſelhos, e perſuadia, e animava com o exemplo, e com as palavras ao ſofrimento dos trabalhos. Intentou o Governador da Cidade de Miaco deſterrallo do Japaõ, tomando o pertexto de ſer foraſteiro, e de animo ſincéro, que até os Gentios ſe agradavaõ da brandura, e manſidaõ de animo, eſtimando as virtudes da natureza. A eſte fim lhe facilitaraõ, e offereceraõ occaſioens, em que podia alcançar a liberdade; mas o Varaõ Apoſtolico, cheyo de zelo de verdadeiro Miſſionario, dizia, que naõ ſahiria da prizaõ, ſem que livremente pudeſſe

prégar

prégar a todos a doutrina infallivel do Evangelho. Emprenderaõ ſegunda vez lançallo fóra, embarcando-o para Filippinas; porém o Santo Religioſo com animoſa conſtancia reſiſtio, dizendo, que até ao meſmo Xongun havia de ir prégar, ſe ſe viſſe livre da prizaõ. Corrido já o Governador do que paſſava, o condemnou à morte. Eſta nova recebeo o Servo do Senhor com jubilos da alma, e publicas demonſtrações de alegria. Tirado do carcere, foy levado fóra da Cidade, adonde depois de deſpedaçado a golpes das catanas lhe cortaraõ a cabeça, dando deſta ſorte glorioſo fim à ſua larga prizaõ. As ſuas veneraveis Reliquias recolheraõ como de glorioſo Martyr os Chriſtãos: pelo que foraõ prezos, e inda que depois os ſoltaraõ, vieraõ alguns a ſer ſeus Companheiros no exercito dos Martyres.

B Em Lisboa, no Real Moſteiro de S. Vicente dos Conegos Regrantes, o ultimo dia de D. Theodoſio, cuja vida [por deſcuido dos Religioſos] ſe ignora, e conſta ſómente, que era muy dado à Oraçaõ, e taõ abſtinente, que o exceſſo das mortificações lhe abreviaraõ a vida, para a lograr muy larga na eternidade. *D. Theodoſio, Coneg. Regr.*

C No Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, o falecimento de D. Miguel da Cruz da meſma Canonical Familia. Antes de entrar na Clauſura já era Sacerdote, e graduado Bacharel em Theologia na Univerſidade de Salamanca, donde encorporando-ſe na de Coimbra, foy Collegial, e Reytor do Collegio de S. Pedro, que tinha fundado D. Rodrigo de Carvalho, Biſpo de Miranda, ſeu conſanguineo. E quando pudera conſeguir os devidos premios da ſua literatura nos Regios Tribunaes, e nas Dignidades Eccleſiaſticas, com ſanta reſoluçaõ abraçou a Canonica Reforma de Santo Agoſtinho, e com huma exemplar vida acreditou a ſua reſoluçaõ, deſempenhando as obrigações do Inſtituto, que profeſſara, prégando quaſi trinta annos, com igual eſpirito, que applauſo daquella inſigne Univerſidade. Gaſtados pois os annos em ſerviço de Deos, e da Religiaõ, paſſou do trabalho ao deſcanço, repouſando alegremente no Senhor. *D. Miguel da Cruz, Coneg. Regr.*

D Em o Convento de S. Jorge de Reciaõ, acabou o Religioſo Padre Antonio de Chriſto, Conego Secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, grande Meſtre de eſpirito, *P. Antonio de Chriſto, Coneg. Secular.*

que guiou muitas almas ao eſtado da perfeiçaõ; pelo que mereceo deixar entre os ſeus virtuoſa memoria; e depois de huma ſanta, e prolongada velhice, e de ter com huma vida inculpavel edificado aquella Communidade, morreo ſantamente.

Trinta e ſete MM. no Japaõ.

E Neſte dia ſubiraõ triunfantes ao Ceo, coroados de Martyrio em diverſas partes do Japaõ, trinta e ſete valeroſos Soldados de Chriſto, que ſem temor da morte offereceraõ com admiravel conſtancia as vidas em obſequio da Fé. Em Yendo Joaõ Monzen, Miguel Sazanda, Luiz Canda, Joaquim Fachiquan, Antonio Yafioye, Vicente Tanaye, Leaõ Daiku, Thomé Kibioye, familiares dos Religioſos de S. Franciſco, os quaes foraõ todos oito degolados. Em Tingo Belchior Cumagayendo, que por confeſſar ſer Chriſtaõ, foy degolado. Em Cocura Simaõ Kiota, Catequiſta dos Religioſos da Companhia, Magdalena, ſua mulher, juntamente Thomé, e Martha, ſua mulher, Jacobo, ſeu filho, tres criados de Simaõ, que ſeguindo o exemplo com que os tinha enſinado, foraõ todos crucificados, merecendo acompanhar na morte ao Author da vida, que lha ſegurou eterna por premio da ſua Fé. Em Deva foraõ juntamente degolados Thomé Xeiſuque, Miguel Umanoyo, Joaquim Ximota, Simeaõ Niyemon, ſeu filho, uniformes no amor da Religiaõ Catholica, mereceraõ em ſeu obſequio alcançar a palma de Martyrio. Em Nangaſachi foraõ queimados vivos o Padre Fr. Franciſco de Santa Maria, Prégador Evangelico, Fr. Bartholomeu Januel, Fr. Antonio de S. Franciſco, Irmãos Leigos, todos tres da Serafica Familia; Gaſpar Vaz, e Franciſco, Terceiros; Magdalena Kiota, do Real ſangue do memoravel D. Franciſco, Rey de Bungo; Gayo Liyemon, Leaõ Curobioye, Thomé Iniyemon, e Franciſca, os quaes ſem horror das fogueiras, com admiravel conſtancia eſperaraõ por morte taõ rigoroſa a vida eterna. Nella os acompanharaõ Maria, mulher de Gaſpar Vaz, Antonio, filho de Franciſca, Luiz Matueo, com Manoel, de cinco annos, e Joaõ de tres, ſeus filhos; Lucas Kiyemon, Miguel Xichizayemon, com ſeu filho Joaõ de tres annos, os quaes todos foraõ degolados, com tanta aſſiſtencia da Divina graça, que nem o horror dos tormentos dos pays deſanimava aos filhos, nem o amor deſtes os entibiaraõ, para deixarem de animoſos confeſſar a Chriſto.

Em

F Em Mombaça, na Ethiopia Oriental, o ditoſo fim de Pedro Leitaõ de Gamboa, Capitaõ daquella Fortaleza, a quem o Apoſtata D. Jeronymo Chingulia degolou por ſuas proprias mãos, em odio da Fé, ganhando primeiro as guardas, que foraõ mortas. A ſua mulher, e filha dava a vida, ſe mudaſſem de Religiaõ, que ellas com animo Chriſtaõ ſouberaõ deſprezar; pelo que tambem foraõ degoladas. Neſte feliz, ainda que tragico fim, as acompanhou o Padre André Joaõ, Clerigo, Irmaõ da Correa de Santo Agoſtinho, e todos piamente cremos foraõ lograr da Gloria.

Pedro Leitaõ de Gamboa, ſua mulher, e filha, e outros MM.

G Na Cidade de Nangaſachi, acabou com glorioſo Martyrio o Padre Manoel Borges, da Companhia, depois de ter padecido pela prégaçaõ do Evangelho innumeraveis trabalhos, com os quaes illuſtrou o Japaõ, e exaltou a Fé, por cujo amor ſofreo grandes contratempos; porque com animo ſuperior às contrariedades, como naſcido de hum eſpirito Apoſtolico, cheyo de charidade, arrancava os ſuperſticioſos vicios da idolatria, com zelo univerſal das almas; pelo que tendo ſido deſterrado, continuava conſtante no ſerviço de Deos, e fadigas Evangelicas, como diligente operario, ſem que cobraſſe medo dos ameaços dos Tyrannos. Finalmente ſendo prezo, depois de ter padecido no carcere os rigores da prizaõ, foy condemnado ao atrociſſimo tormento das covas; e eſtando pendurado, e enterrado vivo quatro dias, no fim delles ſubio ao Ceo a gozar a precioſa coroa, que o Senhor lhe tinha prepado, entre os inſignes Martyres da Militante Jeruſalem.

O P. Manoel Borges da Compan. M.

H Em Lisboa, no ſumptuoſo Moſteiro de S. Bento, o tranſito de Fr. Placido de Villalobos, inſigne Reformador da Benedictina Congregaçaõ deſte Reyno, Varaõ zeloſo do augmento da Religiaõ, pela qual ſoube tolerar com admiravel conſtancia as oppoſições, que ſe offereceraõ a impugnar os ſeus ſantos intentos, ſofrendo baſtantes contratempos, ſem que o ſeu animo religioſo deſmayaſſe da empreza; até que felizmente conſeguida, com grande gloria do Senhor, vio a Religiaõ reſtituida ao auge da vida Monaſtica, obſervando perfeitamente o rigor da Regra do grande Patriarca S. Bento. Teve dos pobres grande compaixaõ, e dos enfermos, e aſſim luzio nelle a virtude da charidade, a que ajuntou admiravel prudencia para governar; e ſem que diminuiſſe o ardente zelo, com

Fr. Placido Villalobos, Abbad. de S. Bento.

com que deſejava ver na mayor perfeiçaõ o eſtado Monacal, attendia a conſolar com paternal amor aos ſubditos, e eſtas partes o fizeraõ eleger duas vezes em Geral da Benedictina Familia, e ultimamente D. Abbade do Moſteiro de Lisboa, a que tinha dado principio, aonde jaz eſperando a Univerſal Reſurreiçaõ.

Fr. Miguel de S. Boaventura, da III. Ordem Seraſica.

I No Moſteiro de S. Franciſco de Caria, quatro legoas de Lamego, a ſaudoſa memoria de Fr. Miguel de S. Boaventura, Religioſo profeſſo da Terceira Ordem de S. Franciſco, de quem foy hum verdadeiro imitador, na ſingular humildade, admiravel modeſtia; de ſorte, que era hum exemplar da edificaçaõ; pelo que era venerado de todos aquelles póvos viſinhos, como homem Santo: e aſſim com lagrimas, e publicas demonſtrações manifeſtaraõ na ſua morte o ſentimento, que lhe cauſava a ſua falta, conſiderando-ſe deſamparados de hum taõ grande Orador, para com Deos, de cuja preſença cremos eſtá gozando.

Commentario ao XVI. de Agoſto.

A DO virtuoſo Rey de Omura D. Bartholomeu, de que ſe faz menção a 24 de Mayo, foy filho Tangodono, que lhe ſuccedeo no Eſtado; mas taõ differente nos coſtumes, e partes de ſeu pay, que por diſfavores, que recebia do Emperador Daifuſama, ſe determinou a deixar a Fé, ſeguindo exteriormente a ſeita de Canzuye, Rey, e Senhor de Fingo, cruel inimigo do Nome de Jeſu Chriſto. Naõ lhe faltou ſequito na apoſtaſia; porque ſempre ha quem ſirva à liſonja nos Principes, e quem queira ſeguir a liberdade dos vicios; mas a mayor parte do ſeu Eſtado perſeverou na Fé, e foraõ raros os que de todo a perderaõ; e ainda o meſmo Tono, ou Rey, accuſado da conſciencia, dizia: que lá teria huma hora para a penitencia, que Deos naõ quiz que lhe chegaſſe; mas que experimentaſſe na vida o caſtigo da ſua apoſtaſia; porque o meſmo Emperador, em obſequio de quem deteſtou a verdade da Fé, o julgou inhabil para o governo, e o obrigou a entregar a ſeu filho Mimbudono, e elle depois, ainda que confiado na hora da penitencia, lhe ſuccedeo ſer accommetido de hum accidente de apoplexia, que privando-o dos ſentidos, em breves horas perdeo a vida, ficando taõ diſforme, e com taõ máo cheiro, que naõ havia quem o pudeſſe ſofrer. Cauſou eſta morte eſpanto a todos, fazendo-a mais horroroſa, o ſaberſe, que alguns endemoninhados referiraõ os tormentos, que elle, e os ſeus Bonzos padeciaõ no Inferno, com taõ formidaveis demonſtrações, que cauſa medo à gente; de ſorte, que muitos deteſtando os Ritos Gentilicos, abraçaraõ a Religiaõ Chriſtãa. Eſte infeliz Tangadono, foy o que prendeo o Santo Varaõ Joaõ de Santa Martha, naſcido no Principado de Catalunha, que depois de tantos trabalhos, foy coroado com a laureola de Martyr, neſte dia, como refere o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, anno de 1618; Morejon na *Hiſtoria do Japaõ*, cap. 9. pag. 117; Artur no *Martyrologio Franciſc.* o poem a 14, e he o meſmo a que chama Fr. Joaõ de Santa Maria, onde allega alguns Authores.

B No anno 1590, faleceo D. Theodoſio, profeſſo do Moſteiro de Santa Cruz,

Cruz, de quem ſaõ taõ breves as noticias, que delle achamos, que nos naõ daõ lugar a nos alargarmos mais do que o referido no Texto, que tiramos do livro dos Priores móres do Convento de S. Vicente, que ſe guarda no ſeu Archivo, eſcrito por D. Marcos da Cruz, part. 2. pag. 285.

C Neſte dia, do anno de 1585, acabou D. Miguel da Cruz, natural da Cidade de Miranda, naõ ſabemos quem foſſe ſeu pay, mas devia de ſer de geraçaõ nobre, por o acharmos nomeado por parente do Biſpo D. Rodrigo Lopes de Carvalho, a quem os livros das Familias diſtinguem com o titulo de Carvalhos da Figeira. Lêo D. Miguel nove annos Theologia no ſeu Collegio de Santo Agoſtinho, e delle ſe lembra a ſua *Chronica*, part. 2. liv. 10. cap. 27. pag. 374.

D O antigo Convento de Reciaõ, meya legoa diſtante da Cidade de Lamego, foy habitado cento e cincoenta e ſete annos pelos Religioſos da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, até que à inſtancia do Doutor Lourenço Mouraõ Homem, natural daquella Cidade, do Conſelho de Sua Mageſtade, e ſeu Deſembargador do Paço, ſe mudou para Lamego, e ſe deſamparou aquella antiga habitaçaõ, em que viveraõ ſantamente muitos Religioſos, de cujo principio já ſe eſcreveo no Commentario do dia 21 de Março, letra B. Neſte Moſteiro, e neſte dia, no anno de 1615, faleceo o Padre Antonio de Chriſto, natural de Mondim, povoaçaõ naõ diſtante da dita Cidade, de quem faz memoria a ſua *Chronica*, liv. 4. cap. 29. pag. 1023; Cardoſo no lugar citado do Agiologio; o Padre Jorge de S. Paulo nas *Memorias da Ordem* m. ſ.

E Ainda que em diverſos annos, mas neſte dia, foraõ martyriſados pela Fé no Japaõ os valeroſos Soldados de Chriſto, de que temos feito menção. No anno de 1605, em tempo do Emperador Daifuſama, foy degolado em Fingo Melchior. E no anno de 1613, em Yendo, Joaõ com ſete Companheiros. Imperando já Toxogunſama, no anno de 1623, conſeguiraõ o meſmo triunfo em Deva, Thomé com tres Companheiros. Em Nangaſachi, no anno de 1627, foraõ martyriſados Fr. Franciſco de Santa Maria, com nove Companheiros, queimados vivos, e os mais degolados, de que faz menção Fr. Gaſpar de la Fuente *Hiſtoria do Capitulo Geral*, pag. 47; Soledade na III. Parte da *Chronica Serafica*, pag. 612. No anno de 1620, foraõ crucificados Simaõ, e ſeus Companheiros, em Cocura. De todos os referidos faz menção Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, impreſſo no anno de 1650.

F Em huma Ilha, que terá de circunferencia quatro legoas, que fica em altura de 3 gráos, 50 minutos, e em 63 gráos juſtos de longitude, como diz o douto Manoel Pimentel na ſua *Arte de Navegar no Roteiro da India Oriental*, pag. 454, eſtá ſituada a Cidade de Mombaça, na parte de Africa, no territorio de Zanguabaria, na boca do mar de Ethiopia, Cabeça do Reyno da Ethiopia Oriental. No anno de 1498, levado da corrente das aguas, e de outros perigos, ſurgio em a Cidade de Mombaça o grande D. Vaſco da Gama. Em o anno de 1520, a 15 de Agoſto, à força de armas a rendeo o valeroſo D. Franciſco de Almeida, e depois de a dar a ſacco aos Soldados, a entregou ao fogo; o que deixou atemoriſados aos Mouros de toda aquella Coſta. Em pouco tempo foy reedificada, e no Governo de Nuno da Cunha, pelos annos de 1529, padeceo ſemelhante eſtrago, offerecendo-ſe depois aquelle Reyno aos filhos delRey de Melinde, por ſatisfaçaõ da boa amiſade; elles o naõ quizeraõ aceitar, ſem que lhe deixaſſem hum corpo de gente Portugueza, e deſta ſorte ſe caſtigou naquelle tempo a pouca fidelidade delRey de Mombaça; e fazendo nella huma Fortaleza, durou no dominio Portuguez até o anno 1697; em que depois de dilatado ſitio a tomaraõ os Arabios. Deſte Reyno foy declarado por ſentença delRey de Portugal, o Principe de Melinde, e Mombaça, D. Jeronymo Chingulia, que de tenra idade bautiſaraõ os Religioſos de Santo Agoſtinho, e lhe deraõ por Meſtre, e Director ao Padre Fr. Leonardo da Graça, que naõ ſó o inſtruîo, e enſinou nas couſas da Fé, mas ainda nas boas artes, e o ſuſtentaraõ, e ſerviraõ no Convento da Graça de Goa. Reſtituido aos ſeus Dominios, tomou pacifica poſſe, por interceſſaõ do Vice-Rey da India; e ſendo Chriſtaõ, era obedecido dos vaſſallos Mouros, dando grandes moſtras da Fé, que profeſſava.

feſſava. Em huma carta, que no anno de 1627, eſcreveo ao Papa Urbano VIII. dando-lhe obediencia, e conta do que devia à inſtrucçaõ dos Padres Agoſtinhos, e de como era ſervido, e obedecido dos Mouros, affirmava, que tinha reduzido cem Mouros à Religiaõ Chriſtãa, e que o pudera fazer a mais, ſenaõ quizera, que elles mais levados do amor à noſſa Santa Fé, do que dos intereſſes particulares, a abraçaſſem. Em outra carta eſcrita ao Provincial, e Definidores do meſmo anno, refere as muitas obrigações, em que eſtava à Religiaõ de Santo Agoſtinho. De tudo faz mençaõ huma Relaçaõ, impreſſa no anno de 1630, das Chriſtandades, que à ſua conta tem os Religioſos Eremitas. Eſquecido de tantos beneficios apoſtatou, e tingindo a ſua eſpada no ſangue Chriſtaõ, com eſcandalo da Fé, que profeſſára, e de que ſendo infiel, naõ he muito o foſſe à Coroa Portugueza, de quem recebera os Eſtados, que poſſuîa. No anno de 1631, ſendo amigo do Eſtado, em odio da Religiaõ em que ſe criara, lembrado mais do naſcimento de Mouro, entrou na Fortaleza com trezentos Cafres, a viſitar ao Capitaõ, e obrando a atrocidade referida o degolou. Purificaçaõ na *Chronologia Monaſtica*; huma Relaçaõ m. ſ. que temos da India.

G Teve por Patria a Cidade de Evora o Padre Manoel Borges, e embarcando para o Oriente no anno de 1608, foy hum dos incanſaveis operarios do Evangelho; e tendo trabalhado na Miſſaõ do Japaõ, foy deſterrado para Macao, com outros, na perſeguiçaõ de Dayfu, e naõ aſſombrado dos trabalhos voltou ao Japaõ, para animar aquella Chriſtandade, e em tres annos ſofreo muito, até que no de 1633, conſeguio a palma do Martyrio, imperando Toxogunſama, e ſendo Preſidentes Denxiro, e Matafiamon, crueis Miniſtros da ſua tyrannia. Delle ſe lembra Guerreiro na *Coroa dos Martyres da Companhia*, cap. 4. pag. 536; Nadaſi *Annus Dierum Memorabilium*, neſte dia; Cardim *Elogios dos Martyres da Companhia*, Elog. 58. pag. 161; Franco no *Anno Santo da Comp. em Portugal*, neſte dia.

H A Cidade de Lisboa, foy Patria do Reverendiſſimo Padre Fr. Placido de Villalobos, e profeſſo do Moſteiro de Monſerrate: delle veyo por Companheiro do Padre Fr. Pedro de Chaves (de quem faremos mençaõ a 10 de Outubro) para a refórma da Congregaçaõ de Portugal, que em Abbadias Commendatarias, tinha perdido a diſciplina Regular, taõ obſervada dos Monges Benedictinos. Neſta empreza trabalhou Fr. Placido, como Reformador da Congregaçaõ Portugueza, alcançando Bullas para a refórma, para que o ajudou muito o favor, e protecçaõ do Santo Varaõ o Cardeal Rey D. Henrique. Foy eleito em ſegundo Abbade de Tibaens, e Geral da nova Congregaçaõ, no Capitulo do anno 1581, e ſendo ſegunda vez reeleito com faculdade da Sé Apoſtolica, governou ſeis annos. Ao ſeu cuidado deve a Congregaçaõ alcançar da Mageſtade de D. Filippe Prudente, o Padroado de todos os Moſteiros, para que ſe naõ appreſentaſſem mais Abbades Commendatarios. Em ſeu tempo foraõ por ſua ordem Religioſos à America, tendo de entaõ principio a Provincia do Braſil, que he da ſugeiçaõ do Geral de Portugal. Eſta Congregaçaõ cuidou muito em augmentar, e aſſim alcançou varias graças do Papa Xiſto V. Contava ſeſſenta annos de idade, quando levado do zelo da Religiaõ, partio para Alentejo em o mez de Julho, para ver na Villa de Landroal hum ſitio, que lhe propunhaõ para Convento; e dos grandes calores, de que he ardentiſſima aquella Provincia, adoeceo de hum pleoriz, que tirando-lhe a vida lhe fez eterna a Bemaventurança, para donde piamente cremos partio neſte dia, do anno de 1589. Parte do que eſcrevemos tirámos da *Benedict. Luſit.* part. 2. trat. 2. §. 3. pag. 392; e do livro dos Obitos do Moſteiro de S. Bento, que tivemos em noſſo poder ſ, pag. 2. Delle ſe lembra tambem Cardoſo no *Agiologio*, 9 de Junho.

I Foy a gozar da vida eterna Fr. Miguel de S. Boaventura, de quem o Indice da Provincia, letra M, pag. 1. num. 29, faz a memoria ſeguinte: *O Padre Fr. Miguel de S. Boaventura, natural de Freixinho, faleceo em Caria, a 16 de Agoſto de 1656, com boa opiniaõ, e ſinaes de Santidade.* Delle faz mençaõ o *Memorial da Provincia*, donde tiramos o referido.

AGOS-

AGOSTO XVII.

A A Cathedral de Orenſe, a Feſta da Trasladaçaõ da noſſa Portugueza Santa Euſemia, Virgem, e Martyr, que da Parochia de Santa Marinha levou para eſta Sé, ſeu Biſpo D. Pedro Seguino, eſpecial devoto deſta Santa. Sentia ver depoſitadas taõ ſantas Reliquias, em hum ſitio taõ apertado, entre dous montes, e incapaz de ſe lhe fabricar hum Templo digno de taõ precioſo depoſito. A eſte fim implorando o favor do Altiſſimo, ſe preparou com Oraçõ̃es, jejuns, e penitencias, e mandou encommendar, eſpecialmente na ſua Dioceſi, a ſua deliberaçaõ, e depois dos Sacrificios, e Orações, invocou ſobre tudo o auxilio da Santa, a quem deſejava agradar. Buſcou o dia, que lhe pareceo mais proprio, e accommodado ao ſeu intento; e para que naõ foſſe penetrada a ſua determinaçaõ, aſſentou comſigo tomar huma Novena à Santa, para o que ſe deixou ficar na Igreja, em que eſtava depoſitada, para deſta ſorte fazer perder as ſuſpeitas dos moradores de rio Caldo, que zeloſos do bem, que poſſuiaõ, com ſentinelas andavaõ cuidadoſos na guarda daquelle precioſo theſouro. Porém quando mais ſeguros, e firmes, ſe tinhaõ por venturoſos, ſe acharaõ ſem o corpo da Santa; porque ſem o ſentirem, levou o Biſpo o ſagrado corpo da Santa, e o collocou na ſua Sé, em Capella propria, e fechado em huma arca de bronze, guarnecida de prata, que meteo em hum arco da meſma Capella, com grades douradas, que hoje ſe vê ricamente adornada, obrando Deos por ſua interceſſaõ innumeraveis maravilhas.

S. Euſemia, V. M. Trasladaçaõ.

B Em a Cidade de Toledo acabou em paz, com ſanta enveja dos mortaes, a Beata D. Brites da Sylva, de taõ ſolida virtude, e altos merecimentos, que mereceo por eſpecial favor da Virgem Santiſſima, ſer Fundadora da Ordem da ſua Puriſſima Conceiçaõ. A eſte admiravel, e ſoberano Myſterio dedicou deſde os tenros annos particulares cultos a ſua devoçaõ: de que tanto ſe agradou a Mãy de Deos, que lhe foy o ſeu patrocino ſeguro aſylo, na precipitada roda da fortuna, em que o Mundo lhe moſtrou a inconſtancia dos ſeus favores, para

A B. D. Brites da Sylva Fundad. da Ord. da Conceiçaõ.

que ſe deſenganem os mortaes da pouca permanencia, que ſe goza na mais elevada eſtimaçaõ; pois em o Paço ſaõ de menos duraçaõ as fortunas. Naſceo D. Brites da Sylva de eſclarecidos progenitores, e ſobre illuſtre naſcimento, era dotada de ſingular fermoſura, que acompanhava de gravidade, e natural modeſtia, fazendo deſta ſorte realçar as virtudes da alma, aos dotes da natureza. Achava-ſe na mais florida eſtaçaõ da ſua idade, quando ſe ajuſtou o caſamento delRey D. Joaõ o II. de Caſtella, com a Senhora D. Iſabel, filha dos Infantes D. Joaõ, e D. Iſabel, e entre as Damas, que a Rainha levou para a ſervirem, foy deſtinada D. Brites; e a todas as que achou naquella Corte excedia D. Brites, naõ ſó na beleza, e fermoſura, mas na diſcriçaõ; de ſorte, que era ella o objecto dos decentes galanteyos, que permittia o coſtume no Palacio dos Reys de Heſpanha. Era ſervida de differentes Senhores Caſtelhanos, com taõ porfiado obſequio, que em publicos deſafios, chegaraõ a jogar as armas, cuſtando por muitas vezes ſangue aquelle amor, ſem que tiveſſe mais parte neſtas contendas, do que a ſua beleza, chegando a affligirſe; de ſorte, que envejava o ſer fea: até ElRey parece, que com particular agrado attendia mais a D. Brites, de que as mais Damas, ou por mais agradavel, ou porque a fermoſura por ſi ſe faz eſtimada nos olhos, ainda dos que a naõ pertendem. Sentia a Rainha com paixaõ as attenções delRey, e ſendo mais naſcido o ciume da ſua fermoſura, do que do mais leve deſcuido da ſua modeſtia, quiz ſatisfazer o diſſabor, que lhe dava o vella taõ bem dotada da natureza, tomando vingança do que ella naõ podia ſer culpada; mas nem a enveja, nem os zelos, ſouberaõ deixar lugar ao diſcurſo. Aſſim levada da ſua inconſiderada imaginaçaõ, com violenta reſoluçaõ a mandou encerrar por tres dias em huma caſinha, taõ apertada, que alguns entenderaõ ſer hum cofre, onde ſem communicaçaõ, nem alivio, lhe faltava o preciſo ſuſtento para a vida. Neſta apertada prizaõ, ou para melhor dizer ſepulchro, em que ſe via D. Brites, ſem ſoccorro algum humano, chorava afflicta a deſgraça de naſcer fermoſa, como outras o de ſerem feas; ſem mais motivo para ſentir a rigoroſa demonſtraçaõ da Rainha, do que a prodiga liberalidade dos dotes da natureza, que por mais que quizeſſe naõ podia eſconder. Via-ſe totalmente

deſ-

deſtituida dos remedios humanos, e aſſim combatia o Ceo com lagrimas, e ſuſpiros, invocando com humilde coraçaõ o ſoberano patrocinio da Puriſſima Virgem, que compadecida da ſua afflicçaõ, ſe dignou de lhe apparecer, veſtida de hum Habito branco, com Eſcapulario azul, ao modo que hoje uſaõ as Freiras da Conceiçaõ; e animando-a naquelle trabalho, a perſuadio, a que conſtante ſofreſſe pelo amor de Deos. Humilde, e agradecida D. Brites a favor taõ ſingular, fez voto de dedicarſe em perpetua caſtidade, em obſequio, e imitaçaõ de ſua Bemfeitora. Aſſim como ſe vio livre da recluſaõ, de que ſahio, ſem que ſe viſſe no ſeu aſpecto os effeitos do rigor, pedio licença à Rainha, para ſer Religioſa, e partio de Torrecilhas, onde eſtava a Corte, para Toledo, e ſe recolheo no Real Moſteiro de S. Domingos, da Ordem dos Prégadores. No caminho foy viſitada do Patriarca S. Franciſco, e de Santo Antonio, de quem era eſpecial devota; eſtes a ſeguraraõ, que a ſua fama ſe eſtenderia com gloria, ſendo mãy de muitas filhas, que igualmente fariaõ em diverſas partes do Mundo venerada a ſua memoria: naõ entendeo o Myſterio, que depois o tempo lho manifeſtou. Trinta, ou quarenta annos, como dizem alguns Authores, reſidio em o Moſteiro de S. Domingos, em habito de ſecular; mas com exercicios da mais perfeita Religioſa; ſendo muy dada à Oraçaõ, que ſeguia com eſpirito, macerando o corpo com rigores, quebrantando os brios da idade, com abſtinencias, e rara humildade; de ſorte, que em todos os exercicios da virtude era attendida, com veneraçaõ das Religioſas. Todo o tempo, que aſſiſtio neſta Caſa, trouxe ſempre o roſto cuberto; de ſorte, que nem às ſuas criadas permittia, que a viſſem, caſtigando a perpetuo encerramento a ſua belleza, como culpada nos trabalhos paſſados. Conſeguia ſómente a authoridade, e o reſpeito da Rainha Catholica D. Iſabel, de que era viſitada muitas vezes, que ſe deſcobriſſe algumas. Eſta Real Matrona, e ElRey D. Fernando o Catholico, ſeu marido, fizeraõ grande eſtimaçaõ da virtude de D. Brites; porque quando chega a ſer ſolida, ſaõ admiraveis os ſeus poderes; ſó por ſi val ſem mais ajuda, nem companhia, que de ſi meſma; com tudo, ſe acontece ajuntarſe com ſangue illuſtre, he Sol em Ceo claro, he eſmalte em ouro fino. Aſſim ſobreſahiaõ as virtudes de D. Brites, e

por mais que ella pertendeſſe encobrillas debaixo do eſcuro vêo do ſegredo, eraõ taõ continuas as revelações, com que Deos a enriquecia, que naõ era poſſivel deixarem de ſe manifeſtar; porque o Altiſſimo ſe queria ſervir deſte precioſo inſtromento, para obras maravilhoſas. Fruto da ſua revelaçaõ foy o Santo Tribunal da Fé, em Caſtella, que os Reys Catholicos inſtituiraõ por ſeu conſelho, de que tantos ſerviços ſe ſeguiraõ a Deos, tantos obſequios à Igreja Catholica, de que Heſpanha entre as ſuas mayores glorias ſempre ſe jactará. Tinha a Divina Providencia deſtinado a D. Brites, para aſſumptos grandes, e naõ viſtos, nem executados, querendo com novas glorias adiantar o culto da ſempre Puriſſima Conceiçaõ da Virgem. Foy Deos ſervido, que eſta lhe revelaſſe, que em honra deſte glorioſo Myſterio fundaſſe huma nova Religiaõ, em que ſe ſerviſſe a MARIA Santiſſima com eſpecial culto da ſua Conceiçaõ. Deu conta à Rainha Catholica, que parecendo-lhe o intento admiravel, naõ ſó o approvou, mas com generoſa piedade lhe fez logo doaçaõ do Palacio de Galiana, ou Alcaçar baixo de Toledo, immediato à praça, que chamaõ de Zocodover, e hoje ſaõ conhecidos por de Santa Fé, nome que lhe deu o Moſteiro, dedicado à Santa Martyr deſte nome. Para eſte lugar paſſou D. Brites, acompanhada de ſua ſobrinha D. Filippa da Sylva, filha de ſeu irmaõ D. Diogo da Sylva, I. Conde de Portalegre, e onze Senhoras Religioſas do Moſteiro de S. Domingos. Era grande a merce, que fazia a eſta Caſa a Rainha Catholica, e com a ſua interceſſaõ pedio ao Papa Innocencio VIII. confirmaçaõ da nova Ordem, e a veyo a conſeguir no anno de 1489, (cinco annos depois de habitado o Moſteiro) debaixo da Regra de Ciſter, e obediencia do Ordinario; mas com faculdade do Habito branco, e Eſcapulario azul, da meſma maneira, que D. Brites vira a Rainha dos Anjos, na prizaõ de Torrecilhas. No meſmo dia que a Bulla da approvaçaõ ſe expedio em Roma, teve della noticia em Toledo D. Brites, querendo Deos participar a ſua Serva eſta deſejada noticia; moſtrando, que devia ſer fundada em milagres huma Ordem, de que era Inſtituto o prodigio mayor, que venera a Fé na Immaculada Conceiçaõ da Virgem Senhora Noſſa. Continuamente recorria a eſte ſoberano patrocinio, para que tiveſſe cumprimento eſte eſpecial culto,

ven-

vencendo as difficuldades, que o retardavaõ. Eſtava hum dia orando diante do Santiſſimo Sacramento, e affligindo-ſe, de que na alampada ſe extinguia a luz, lhe appareceo a Immaculada Virgem, e depois de communicar das Celeſtes luzes, lume à meſma alampada, conſolou D. Brites, dizendo-lhe: *Vês aquella alampada? Aſſim ha de ſer a tua Ordem: no principio da ſua fundaçaõ, parecerá ſe extingue, mas mais poderoſa, que os combates, e contradições reſiſtirá; de ſorte, que com glorioſo augmento ſe verá illuſtremente permanecer, dilatando-ſe por toda a parte.* Eſperava com jubilos da alma D. Brites as Bullas da erecçaõ da nova Ordem, para dar fim aos ſeus dilatados deſejos. Quando com mais goſto eſperava eſta poſſe, chegou aviſo, de que naufragara o navio, em que vinhaõ as Bullas. Eſta nova recebeo D. Brites, com as deſconſolações, que pedia o ſeu ardente zelo; mas recorrendo à Oraçaõ, perſeverou nella tres dias chorando, e conformando ſe com a Divina vontade, ſoube fazer taõ agradavel ſacrificio a Deos da ſua paciencia, que com hum milagre publicou o Senhor as eſtimações, que fazia de ſua Serva. Paſſados os dias da Oraçaõ, levou-a a caſualidade a abrir hum cofreſinho, e nelle achou as Bullas, e admirada de ver aquelle pergaminho, mandou chamar a D. Fr. Franciſco Quixada, Biſpo de Guadiz, para que lhe diſſeſſe o que continha: lêo elle, e achou a Bulla da erecçaõ da Ordem; e admirado do que via, pois a todos era notorio ter perecido em o naufragio, ficou aquella pura alma cheya de Celeſtes jubilos. Correo logo por toda a Cidade a nova, com paſmo de todo aquelle povo. O Biſpo authenticou o milagre, prégando a publicaçaõ da Bulla, que em ſolemne Prociſſaõ foy levada da Metropolitana Igreja de Toledo pelo ſeu inſigne Cabido ao Moſteiro de Santa Fé. Sendo conſtante, e publica a virtude de D. Brites, eſte milagroſo caſo, fez commua a veneraçaõ, admirando todos os altos merecimentos daquella Eſpoſa do Senhor, que a Virgem tinha tomado para ſingular inſtrumento da Ordem da ſua Conceiçaõ. Cheya de favores Divinos eſperava eſta Serva de Deos o aprazado dia, em que haviaõ de receber os candidos, e puros Habitos da Conceiçaõ. Quando no Coro lhe appareceo a Puriſſima Virgem, advertindo-a: *Que dentro em dez dias paſſaria a acompanhalla no Ceo, donde veria o eſtabelecimento da ſua Or-*

dem.

dem. Eſtimou com inexplicavel gozo eſta noticia, e preparada com novos actos de verdadeiro amor, e humildade, enfermou gravemente, e pedindo o ſanto Habito, (que inda naõ tinha veſtido) foy a primeira que o recebeo, e o vêo; e feita profiſſaõ da nova Regra, depois de a ungirem, ſe vio, que lhe adornava a teſta huma luzidiſſima Eſtrella de ouro, preſagio da eterna felicidade, que ſe preparava àquella pura alma, para entrar na Gloria, veſtida com a nova gala, cortada pelo ſoberano arbitrio da ſempre Immaculada Virgem Senhora Noſſa: e piamente podemos crer, que com eſpeciaes merces ſeria introduzida entre os Córos das mais eſclarecidas Virgens. As Religioſas de S. Domingos, que tantos annos deveraõ ao ſeu exemplo documentos de Religioſas virtudes, lhe foraõ aſſiſtir na morte, pertendendo levar o ſeu ſanto corpo para o ſeu Moſteiro, e tambem as doze Companheiras, para que tornaſſem ao Habito de S. Domingos. Reſiſtiraõ todas, e com mayor força D. Filippa da Sylva de Menezes, ſua ſobrinha; quando permitte Deos, que appareceſſe a Serva de Deos em S. Franciſco de Guadalaxara a Fr. Joaõ de Toloſa, Religioſo de S. Franciſco, a quem recommendou paſſaſſe a Toledo, para dar fim àquella porfia, com a authoridade, que acreditava a ſua virtude. Obedeceo promptamente, e ordenando, que o corpo ficaſſe em o Moſteiro de Santa Fé, e tomaſſem as Companheiras o Habito da Ordem da Conceiçaõ, tiveſſem cumprimento as profecias da Fundadora: e deſde aquelle dia ſe chamou o Moſteiro da Conceiçaõ.

D. Leonor de Vaſconcellos, Abb. de Ciſter.

C Neſte dia, em Santa MARIA de Cellas de Coimbra, he memoravel D. Leonor de Vaſconcellos, da illuſtre Familia de ſeu appellido, Abbadeſſa deſte Religioſo Moſteiro, onde continuando por largo diſcurſo de annos, em pureza de coſtumes, zelo da Religiaõ, obſervancia das leys da Ordem, a que ajuntando altiſſima contemplaçaõ, ſe fazia pelas ſuas virtudes amada das ſuas ſubditas. Foy muy devota da Coroa de eſpinhos de Chriſto, a qual mandava pôr em todas as obras, que de novo fazia no Moſteiro, com eſta letra: *Dominus meus decoravit me*; deixando aos vindouros neſta memoria hum teſtemunho irrefragavel da ſua piedade, pela qual cremos piamente eſtá gozando da Bemaventurança.

Em

D Em Nangaſachi, no Japaõ, acabou com glorioſo Martyrio Fr. Diogo de Santa Maria, da Ordem dos Prégadores, e hum Irmaõ Leigo da meſma Familia. Era de naſcimento Japaõ, e paſſando a Manila recebeo o Habito Dominicano com grande aproveitamento da ſua alma. Eſtudou, e foy admiravel Prégador na ſua lingua; e querendo com eſpirito exercitar na promulgaçaõ do Evangelho o talento, que recebera do Senhor, trabalhando na ſua vinha, alcançou licença dos Prelados, para paſſar àquella Ilha, em cuja viagem padeceo grandes trabalhos, e chegando ao Japaõ, eſteve no Reyno de Satzuma occulto dous mezes, em que ſe empregou nas obrigações do ſeu miniſterio, conſolando aos Fieis com ſua preſença, adminiſtrando-lhe os Sacramentos, e aſſim os animava a padecerem por amor de JESU Chriſto. Continuava a perſeguiçaõ contra os Chriſtãos, pelo que foy prezo no carcere de Vomura, donde foy mandado ao de Nangaſachi, e depois de arraſtado pela Cidade, e ſeu Companheiro, foraõ dependurados pelos pés, e metidos no tormento das covas, em que perſeveraraõ tres dias vivos, até que rendendo as almas ao Creador, ſubiraõ a lograr o premio merecido de taõ glorioſos trabalhos. *Fr. Diogo de S. Maria, e hum Irm. Leigo Anonymo, Dom.*

E Item no Japaõ, illuſtraraõ a ſua patria com inſignes palmas de Martyrio, Magdalena, e Marinha, Terceiras da Ordem do Patriarca S. Domingos, admiraveis pela conſtancia, com que ſofreraõ os martyrios, ſem que o fragil do ſexo diminuiſſe o coraçaõ, pois ſem temor da morte, alegres diante dos algozes, publicavaõ a vozes, que queriaõ morrer no gremio da Igreja Catholica, como Chriſtãas. Deſta ſorte entregando as mãos para ſerem atadas, e os corpos para ſerem martyrizados, ſe expuzeraõ a padecer os tormentos, animadas da conſtancia dos Religioſos Dominicos, que viraõ cruelmente martyrizar; e deſta maneira trocaraõ a vida temporal pela eterna. *Magdalena, e Marinha, Terc. Dom.*

F Em a Corte de Yendo do Japaõ, o triunfo de quatorze Cavalleiros de JESU Chriſto, que imperando Difuſama, com animo impavido pela confiſſaõ da Fé foraõ degolados, engrandecendo com a ſua conſtancia a Ley Evangelica, que tinhaõ no coraçaõ, e publicavaõ com a boca, pela qual mereceraõ alcançar precioſas palmas, com que ſe aggregaraõ aos innumeraveis Martyres da Igreja Catholica. *Quatorze MM. Jap.*

Com-

Commentario ao XVII. de Agoſto.

A DA Invençaõ do corpo de Santa Eufemia fizemos menção a 7 deſte mez. Da ſua Traſladaçaõ reza neſte dia a Igreja de Orenſe, a qual fez, como temos dito, o Biſpo D. Pedro Seguino, no anno de 1153, como elle refere no Tratado, que fez da Invençaõ deſta Santa. O Biſpo D. Affonſo Fernandes, ou Ramires, eſcreveo huma Hiſtoria dos Milagres de Santa Eufemia, e Officio, que ſe vê no Breviario antigo da Igreja de Orenſe, o qual morreo no anno de 1213, e inda que naõ foy o immediato ſucceſſor de D. Pedro, como diz Tamayo a 7 de Agoſto, e o Illuſtriſſimo Cunha; porque entre elles mediou Adaõ, unico do nome, que governou quatro annos, e morreo no de 1174, como ſe vê do *Theatro* deſta Igreja do Meſtre Gil Gonçalves de Avila, pag. 387, bem ſe deixa ver o culto taõ antigo, que tem eſta Santa, pois paſſa de quinhentos annos, que della ſe reza na Sé de Orenſe, e fica com eſte antigo Breviario aſſaz provada a *Hiſtoria de Catelio*, que Papebrochio refuta, com taõ leve fundamento, como já diſſemos no dia de Santa Liberata. Da Trasladaçaõ de Santa Eufemia faz mençaõ Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*, neſte dia; Marieta *Santos de Heſpanha*, liv. 4. cap. 13; o Illuſtriſſimo Cunha *Hiſtoria de Braga*, part. 1. cap. 29; *Jardim de Portug.* pag. 42; *Chron. dos Coneg. Regr.* de D. Niculao de Santa Maria, part. 2. liv. 11. cap. 29. pag. 500; Truxillo no *Theſouro*, 2. part. pag. 1737; Brito *Monarchia Luſit.* part. 2. liv. 5. cap. 23; Morales liv. 4. cap. 13; Bivar *ad Dext.* Cauſino na *Corte Divina Ephemer. de Agoſto.*

B Já no Commentario do dia 10, quando tratámos do Beato Amadeo, irmaõ inteiro da Beata D. Brites da Sylva, deixamos nomeados os illuſtres pays, que lhe deraõ o ſer. Que naõ foraõ da Caſa dos Condes de Portalegre, como diz Faria *Europa Portug.* tom. 3. part. 3. cap. 11. pag. 199; porque a Caſa de Portalegre teve principio em ſeu irmaõ D. Diogo da Sylva, I. Conde, Ayo delRey D. Manoel, e ſeu Mordomo môr, officio, que conſervaraõ ſeus deſcendentes na Caſa Real, e como tal o era, quando iſto eſcrevemos, D. Martinho Maſcarenhas, Marquez de Gouvea, VI. Conde de Santa Cruz, a quem ſuccedeo ſeu filho D. Joaõ Maſcarenhas, Marquez de Gouvea, que cedendo a Caſa em ſeu irmaõ D. Joſeph Maſcarenhas, que he V. Marquez de Gouvea, VIII. Conde de Santa Cruz, e Mordomo môr da Caſa delRey D. Joaõ o V. que Deos guarde; porque extincta a linha maſculina em D. Joaõ da Sylva, VII. Conde de Portalegre, e II. Marquez de Gouvea, recahio o direito em D. Joaõ Maſcarenhas, V. Conde de Santa Cruz, como filho de ſua irmãa D. Juliana de Lencaſtre. Fr. Fernando da Soledade na III. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 4. cap. 11. pag. 417, tambem diz, que a Rainha D. Iſabel a eſcolhera, para a acompanhar, por ſer ſua parenta muito chegada: neſte erro entendemos o fez cahir Fr. Franciſco de Bivar, da Ordem de Ciſter, impreſſo em Valhadolid, anno 1618, onde refere, que era parenta em gráo proximo delRey D. Manoel. Naõ diminue nada eſte erro a grande erudiçaõ deſte douto Author, a que já o meu eſtimadiſſimo D. Luiz de Salazar e Caſtro, na II. Parte da *Hiſtoria da Caſa de Sylva*, liv. 6. cap. 5. pag. 33, eſcrevendo elegantemente a Vida deſta Serva de Deos, como parte do ſeu aſſumpto, depois de ter trazido nos Capitulos antecedentes os progenitores de D. Brites, diz: *Sin reparar em que diga Vivar, que Doña Beatriz fue parienta en grado proximo delRey D. Manoel, y de la ſangre de los Reys de Portugal; porque con lo que haſta aqui ſe ha leido, queda deſvanecida la proximidad.* Neſte meſmo erro cahiraõ alguns Authores, que perſuadidos da ſua grande qualidade, e eſtimaçaõ dos Reys, entenderaõ ſer por cauſa de parenteſco.

Naſceo D. Brites na Cidade de Ceuta, no anno de 1424, e ſendo educada por ſua mãy D. Iſabel de Menezes, matrona de ſingulares virtudes, naõ lhe foy neceſſario mais que encaminhalla a ſantos coſtumes, para ſahir taõ perfeita como temos viſto. Morreo neſte dia,

do

do anno de 1490, tendo ſeſſenta e ſeis de idade. Depois de ter fundado a Veneravel Ordem da Conceiçaõ, que confirmou o Papa Innocencio VIII. por aquella Bulla, que milagroſamente preſervou Deos do naufragio, como diſſemos; e para teſtemunho da veneraçaõ daquelle prodigio ſe conſerva dentro em hum viril de cryſtal em aquelle Moſteiro, de que he copia a ſeguinte:

Innocentius Epiſcopus, Servus Servorum Dei. Venerabilibus fratribus Caurienſi, & Cathanienſi Epiſcopis, ac dilecto filio Officiali Toletano, ſalutem, & Apoſtolicam benedictionem. Inter innumera Divinæ Majeſtati accepta opera fundare cœnobia, ac religioſa loca, in quibus prudentes Virgines acceptis lampadibus ſe præparent obviam ire Sponſo Chriſto Jeſu ac gratum, & ſedulum illi exhibeant famulatum, non modicum reputantes, piis devotarum perſonarum deſideriis per quæ cœnobia, & loca ipſa fundari, & erigi valeant libenter annuimus, & earum humiles preces favorabiliter exaudimus. Sanè pro parte dilectæ in Chriſto filiæ Beatricis de Sylva mulieris Toletanæ, nobis nuper exhibita petitio continebat, quod olim chariſſima in Chriſto filia noſtra Eliſabeth Caſtellæ, ac Legionis Regina illuſtris ob ſingularem, quem ad Conceptionem B. Mariæ Virginis gerit devotionis affectum, unam maximam domum Palacios de Galiana nuncupatam, in Civitate Toletana conſiſtentem, ad ipſam Reginam legitime pertinentem, in qua una antiqua Eccleſia, ſive Capella, ſub invocatione Sanctæ Fidei eſt conſtituta, præfatæ Beatrici cupienti vitam ducere regularem ad effectum, ut inibi unum Monaſterium alicujus Ordinis approbati ad honorem ejuſdem Conceptionis erigeretur, in quo dicta Beatrix, & aliæ devotæ mulieres ejus ſodales ſub Regulari Obſervantia viverent, ac Altiſſimo, & eidem B. Mariæ famularentur, liberaliter, & gratioſe conceſſit, & donavit; ipſæque Beatrix, & mulieres conceſſionis, & donationis hujuſmodi vigore dictam domum receperunt, & illam ex tunc in communi viventes, & eidem Altiſſimo ac B. Mariæ famulantes inhabitarunt prout habitant de præſenti: ea tamen intentione quod dictum Monaſterium inibi erigeretur. Quare pro parte ejuſdem Beatricis, aſſerentis ſe de nobili genere procreatam fore, ac ipſam & mulieres prædictas Ordinem Ciſtercienſem, ad quem ſingularem gerunt devotionis affectum velle profiteri, nobis fuit humiliter ſupplicatum, ut in dicta domo Monaſterium Monialium dicti Ordinis ſub invocatione Conceptionis hujuſmodi, cum dignitate Abbatiſſali, campanili, campana, dormitorio, refectorio, clauſtro, hortis, hortalitiis, & aliis neceſſariis officinis, in quo communi, & ſub Regulari Obſervantia, ac perpetua Clauſura vivant, erigere, illique dictam Eccleſiam, ſive Capellam, pro Eccleſia, ſive Capella aſſignare, aliaſque in præmiſſis opportune providere de benignitate Apoſtolica dignaremur. Nos igitur qui divini cultus augmentum Religionis propagationem, & animarum ſalutem, noſtris potiſſime temporibus, ſupremis deſideramus affectibus, pium, & laudabile propoſitum, Reginæ, & Beatricis prædictarum plurimum in Domino commendantes, hujuſmodi ſupplicationibus inclinati, nec non conſideratione ejuſdem Reginæ nobis ſuper hoc humiliter ſupplicantis, fraternitati veſtræ per Apoſtolica ſcripta mandamus, quatenus vos, vel duo, aut unus veſtrum in dicta domo unum Monaſterium ejuſdem Ordinis Ciſtercienſis ſub invocatione Conceptionis hujuſmodi, cum dignitate Abbatiſſali, campanili, campana, dormitorio, refectorio, clauſtro, hortis, hortalitiis, & aliis neceſſariis officinis pro una Abbatiſſa, quæ aliis præſit Monialibus dicti Ordinis, ac Beatrici, & mulieribus inibi nunc ſecum degentibus, ſi profiteri voluerint, quæ in communi ac ſub Regulari Obſervantia, & perpetua Clauſura vivant, & quæ ac Monaſterium hujuſmodi prout S. Dominici Toletani dicti Ordinis el Viejo nuncupatum, ac nonnulla alia ejuſdem Ordinis Monaſteria locorum Ordinarii ſunt ſubjecta, Archiepiſcopo Toletano pro tempore exiſtenti ſubjiciantur, alias ſine alicujus præjuditio, & jure Parochialis Eccleſiæ, ac cujuslibet alterius in omnibus ſemper ſalvo: auctoritate noſtra erigatis: dictamque Eccleſiam, ſive Capellam illi pro Eccleſia perpetuo aſſignetis, ac Abbatiſſæ dicti Monaſterii pro tempore exiſtenti, & illius Conventui, quod aliqua ſtatuta, & ordinationes laudabilia, & honeſta, Sacris Canonibus non contraria, quæ Moniales in dicto Monaſterio pro tempore degentes perpetuo obſervare teneantur, etiam circa electionem Abbatiſſæ, tam hac prima vice, quam deinceps perpetuis futuris temporibus, faciendi, condere poſſint, licentiam concedatis,

datis, & quod Abbatiſſa pro tempore exiſtens, & Moniales præfatæ, veſtem albam cum ſcapulario albo, & deſuper mantellum coloris cœleſtis, in quibus quidem mantello, & ſcapulari imago ejuſdem B. Mariæ affigatur deferre: ac cingulo cannabis adinſtar fratrum Minorum cingi debeant: ac in Horis Canonicis juxta morem Romanæ Eccleſiæ dicendis, hunc modum, videlicet quod Dominicis, in quibus aliqua hiſtoria inchoata ſive Officium Dominicæ de neceſſitate dici debet, & quibus feſta duplicia, & ſemiduplicia, & ſolemnia celebrantur, diebus etiam ferialibus, quibus Officium feriale omitti non poteſt, ac octavis ipſarum feſtivitatum dumtaxat exceptis omnibus aliis diebus per totum annum Horas Canonicas Maiores, & Officium Divinum de hujuſmodi Conceptione dicere: & ut præfatis exceptis diebus, in quibus Horæ Maiores de Dominica, vel feria, aut feſto dici debent, Horas Minores, & Officium parvum ejuſdem B. Mariæ, cum Antiphonis, Verſiculis, Capitulis, & Orationibus, de eadem Conceptione dicere debeant: ac ſingulis ſextis feriis, & per Adventum Domini, ac aliis diebus, quibus alii Chriſti fideles ad jejunandum ſunt adſtriti, jejunare teneantur, & ad alia jejunia non obligentur. Ac cum ſicut aſſeritur dicta Civitas à mari per ſeptem dietas, & ultra diſtet, ac piſcium penuria in ea continue vigeat, carnibus omni tempore præterquam diebus jejunorum hujuſmodi, ac Sabbati, & quartis feriis viſci, ac Abbatiſſa pro tempore exiſtens de conſilio monialium ſibi pro tempore in conſiliis aſſiſtentium ſecùm, & cum aliis monialibus dicti Monaſterii ſuper jejunii ad quæ ex Statuto, & Ordinatione præſentibus, non autem ex juris diſpoſitione obligantur: & lineis indumentis cum viderit expedire, diſpenſare, ac quoſcumque Præsbyteros Sæculares, vel de licentia ſuorum Superiorum cujuſvis Ordinis Regulares in earum Confeſſores, ad celebrandum Miſſas, & alia Divina Offitia: ac Eccleſiaſtica Sacramenta eis miniſtrandum, qui Abbatiſſæ, & cujuslibet monialium in eodem Monaſterio pro tempore exiſtentium confeſſionibus diligenter auditis, eis in ſingulis Sedi Apoſtolicæ reſervatis caſibus, ſemel dumtaxat in vita, in aliis quoties fuerit opportunum pro commiſſis de abſolutionis debito beneficio providere, ac pœnitentiam ſalutarem injungere: nec non ſemel in vita, & in mortis articulo, plenariam omnium ſuorum peccatorum, de quibus corde contritæ, & ore confeſſæ fuerint remiſſionem: cuilibet earum in ſinceritate fidei, unitate Sanctæ Romanæ Eccleſiæ, ac obedientia, & devotione noſtra, vel ſucceſſorum noſtrorum Romanorum Pontificum canonicè intrantium, perſiſtentibus concedere valeant, eligere poſſint. Quodque nullus abſque Abbatiſſæ pro tempore exiſtentis, expreſſa licentia clauſtra dicti Monaſterii ingredi poſſit, ſub excommunicationis latæ ſententiæ pœna, quam eo ipſo contra faciens incurrat, eadem auctoritate ſtatuatis, & ordinetis. Non obſtantibus Conſtitutionibus, & Ordinationibus Apoſtolicis, ac Statutis, & conſuetudinibus dicti Ordinis, juramento, confirmatione Apoſtolica, vel quavis firmitate alia roboratis, cæteriſque contrariis quibuſcumque. Nos enim ſi erectionem hujuſmodi, per nos vigore præſentium fieri contigerit, ut præfertur, Abbatiſſæ, & monialibus præfactis de cætero perpetuis futuris temporibus; ut quadrageſimæ, & aliis diebus, quibus ſtationes in Eccleſiis Urbis, & extra eam celebrantur, aliqua altaria in Eccleſia dicti Monaſterii viſitando, & ante illa genibus flexis ter Orationem Dominicam, & toties Salutationem Angelicam devote dicendo, eaſdem indulgentias conſequantur, quas conſequerentur ſi Eccleſias prædictas viſitarent: ac omnibus, & ſingulis gratiis, privilegiis, & exemptionibus aliis dicti Ordinis, per Sedem prædictam in genere conceſſis, uti, potiri, & gaudere, libere, & licitè poſſint, & debeant, auctoritate Apoſtolica tenore earumdem præſentium, de ſpecialis dono gratiæ indulgemus. Datis Romæ, apud Sanctum Petrum, anno Incarnationis Dominicæ mileſimo quadrigenteſimo octuageſimo nono. Pridie Kalendas Maii Pontificatus noſtri anno quinto.

Conſervou-ſe com eſta Bulla, e Regra Ciſtercienſe debaixo do governo do Ordinario, até que a Rainha Catholica D. Iſabel, à inſtancia de ſeu Confeſſor Fr. Franciſco Ximenes de Ciſneros, depois Arcebiſpo de Toledo, e Cardeal, as tirou daquella obediencia, para as dar ao Provincial de S. Franciſco. Com o tempo paſſou huma Bulla o Papa Alexandre VI. em que unio o Moſteiro de S. Pedro das Donas ao da Conceiçaõ, fazendo mudar as Religioſas deſte, e a pouco deixando a Ordem de Ciſter,

ter, professaraõ a de Santa Clara. Causou nas Religiosas grande desconsolaçaõ esta novidade, especialmente em D. Filippa, sobrinha da Fundadora, que já tinha sido duas vezes Abbadessa, huma da Conceiçaõ, e outra de S. Pedro das Donas, e passou a Portugal, acompanhada de oito Religiosas, deixando depositado o cofre em que estava o corpo da Fundadora em o Mosteiro da Madre de Deos de Toledo, em poder de suas primas D. Leonor, e D. Maria, filhas dos segundos Condes de Cifuentes, que eraõ as Preladas do Mosteiro. Voltando a Toledo D. Filippa, naõ quiz entrar em S. Pedro das Donas, e acabou seus dias recolhida em Santa Isabel. Depois de todos estes successos, por Bulla do mesmo Pontifice Alexandre VI. do anno 1501, passaraõ as habitadoras do Mosteiro da Conceiçaõ a hum de Claustraes, que foraõ accommodados em Saõ Joaõ dos Reys. Dez annos depois o Papa Julio II. tornou esta Casa ao seu primeiro estado, na fórma, que sua Fundadora a instituira, assim em Habito como o Officio Divino, como declara a Bulla acima; porém com sugeiçaõ à Ordem Serafica, dando por razaõ o especial zelo, com que seus filhos veneraõ a Conceiçaõ: *Quia ex quo Fratres Minores tam indefessô studio, & vigilantia puritatis, & innocentiæ Dei Genetricis defensores exiſtunt.* Este sagrado Instituto, que principiou em Toledo, se extendeo com devoçaõ em diversas Casas de Hespanha, e depois em toda a Europa. Em Roma se fundou huma no anno 1526, e depois em Italia, e França. Em o nosso Reyno na Cidade de Braga, permanece hum Mosteiro, e outro no sitio da Luz, junto a Lisboa. Depois da Ordem se achar na observancia do seu primeiro Instituto, trataraõ as Religiosas de cobrar as Reliquias de sua Fundadora, que já repugnavaõ as depositarias do Mosteiro da Madre de Deos, e o fizeraõ constrangidas de censuras. Foraõ collocadas em hum sepulchro lavrado na parede do Coro da parte direita. Ao tempo da Trasladaçaõ se sentio hum cheiro taõ suave, que dava claras demonstrações das delicias, que estava gozando a sua purissima alma. Trataõ desta Serva de Deos além dos allegados Authores, Vasconcellos *in Descriptione Regni*, pag. 531; Duarte Nunes de Leaõ *Descripç. de Portug.* cap. 49. pag. 80; e na *Chronica delRey D. Affonso V.* cap. 15. pag. 54; Fr. Hilariaõ nas *Vidas das Mulheres Illustres*, pag. 73; Fr. Luiz dos Anjos *Jardim de Portug.* pag. 322; *Benedictina Lusit.* tom. 1. part. 5. §. 21. pag. 174; Brandaõ *Monarch. Lusit.* part. 3. liv. 9. cap. 9. pag. 79; Albergaria m. s. pag. 279, nos *Triunfos Lusitanos*; *Relaçaõ do Bispado de Elvas*, pag. 18; Fr. Francisco de Bivar *Historia da Conceiçaõ*; Marraccio *in Fundatoribus Marianis*, cap. 29. pag. 264; Garivay *Historia de Hespanha*, liv. 20. cap. 13; Salazar de Mendoça *Vida do Graõ Cardeal*, liv. 2. cap. 57. pag. 390; Marieta nos *Santos de Hespanha*, liv. 22. pag. 46; o *Dietario Virginal*, neste dia; Artur no *Martyrologio Franciscano*, a 16; Henriques *Menologio Cistercienſe*, a 8 de Outubro; Avila *Theatr. das Grand.* pag. 502; Faria *Europ.* tom. 3. pag. 372; Ochoa *Carolea*, ann. 1511. pag. 64; Fr. Jeronymo Roman *Repub. do Mundo*, tom. 1. liv. 6. cap. 39; Imhof. *in Familiis Illustribus Hispaniæ*, Tab. 6. pag. 275; Spondano *ad An. Chr.* 1484; Wandingo *Annales Minorum ad ann.* 1501. tom. 15. pag. 231.

C Entre os muitos filhos, que teve o Conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos e Menezes, da Condessa D. Isabel da Sylva, foy D. Leonor de Vasconcellos, que sendo Religiosa de Saõ Bernardo, no Mosteiro de Cellas, pela sua virtude, e grande qualidade, foy eleita Abbadessa; e trabalhando tanto no espiritual como no material do Mosteiro, se conserva della estimada memoria. Em huma Ermida se vê em huma pedra o seguinte Letreiro:

A Ermida deste Mosteiro de Santa Maria de Cellas mandou edificar dos fundamentos Leonor, Prelada delle, da nobre Familia de Vasconcellos. Deitou-se a primeira pedra a 22 de Abril.

Tambem he obra sua o Santuario, o portal do Coro, os sinos chamados Bautista, e Gabriel, e outras obras, em que se vê o zelo, e amor da Religiaõ. Faleceo a 17 de Agosto de 1541,

como conſta de huma Relaçaõ m. ſ. que deſte Moſteiro temos em noſſo poder.

D Naõ ſe diminuia a perſecuçaõ do cruel Toxogunſama, fazendo celebre o ſeu Imperio, pelos crueis tormentos, com que martyrizava aos Chriſtãos, cuja conſtancia endurecia a ſua tyrannia: ella foy cauſa da glorioſa palma de Martyrio, que alcançou o bemdito Fr. Diogo de Santa Maria, e ſeu Companheiro, neſte dia, do anno de 1633, como eſcreve o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 284; Soveges no *Anno Dominicano*; e Lima no *Agiologio da Ordem*, ambos neſte dia; a *Chronica das Filippinas*, liv. 2. cap. 33. pag. 295. Delle ſe fez proceſſo para a ſua Beatificaçaõ.

E Naſcidas entre o Gentiliſmo, mas educadas pelos Padres Dominicos, que as inſtruiraõ na Fé, ſouberaõ ſeguir animoſas o exemplo de taõ grandes Meſtres, Magdalena, e Marinha, Japonezas, para ſerem coroadas de Martyrio, no anno de 1636, como refere neſte dia o *Anno Dominico*, em Francez, feito por hum Terceiro da meſma Ordem, part. 3. pag. 309.

F No *Catalogo dos Mortos pela Fé*, do Padre Antonio Cardim, ſe faz mençaõ neſte dia, do anno de 1617, de quatorze valeroſos Soldados de Chriſto, cujos nomes ſaõ: Marcos Kizayemon, Thomé Guiſemon, Joaquim Guizayemon, Leaõ Sucaſai, Joaõ Foxiró, Marcos Conzuke, Miguel Yuſi, Simaõ Ficoſayemon, Antonio Fanzuburo, Jacobe Ycizó, Mathias Xingeró, Damiaõ Moſuque, Diogo Yexiró, Joaquim Gueſuque, como ſe vê do dito Author, pag. 269.

AGOSTO XVIII.

Fr. Hilario de Jeſus, Erem.

AM o Convento da Graça da Cidade de Goa, perſevera a memoria de Fr. Hilario de Jeſus, onde reſidio vinte e tres annos com grande exemplo de vida, e amor da ſanta obſervancia, em que criava os Noviços, no tempo que foy ſeu Meſtre, ſendo de taõ virtuoſos procedimentos, que mereceo, que o Senhor fizeſſe publica a ſua virtude com hum extraordinario favor. No dia em que faleceo, foy celebrar o Santo Sacrificio da Miſſa, e na elevaçaõ da Sagrada Hoſtia vio o Acolito, que era peſſoa de conhecida virtude, hum Crucifixo clara, e diſtinctamente, o que manifeſtou depois da ſua morte, creſcendo com eſta maravilha na reputaçaõ da ſua aſſinalada virtude.

Fr. Joaõ de Barcellos, Piedoſo.

B Na Cidade do Porto o ditoſo fim de Fr. Joaõ de Barcellos, Frade Leigo, Varaõ eſclarecido em virtude, de meditaçaõ altiſſima, de animo ſimplez, e ſincéro, mas muy devoto: realçando eſtas partes com rara humildade, abſtinencia, e ſofrimento, a que accreſcentando outras virtudes, ſe fazia amado, e venerado dos ſeus Religioſos. Todos os dias ouvia cinco, e ſeis Miſſas, por mais occupado que eſtiveſſe, naõ ſe poupando nunca em ſe occupar no exercicio humilde do ſeu eſtado, ſervindo na cozinha, ſendo perpetuo Cozinheiro; porque

que naõ ſó fazia a ſua ſemana, mas tambem a dos Companheiros. Trabalhava na Horta, e quando já os annos o diſpenſavaõ daquelle laborioſo exercicio, elle magoando-ſe de que o Provincial o eximiſſe daquelle trabalho, com lagrimas lhe exprimio o ſeu ſentimento; de que o Prelado compadecido lhe aſſinou huma certa porçaõ de terra, que foſſe o deſtricto da ſua occupaçaõ. Entre taõ canſada vida o refrigerio que dava ao fatigado corpo, era huma rigoroſa diſciplina. Jejuava quaſi todo o anno, ſendo o ſeu ordinario comer huma tigela de caldo. De carne uſava muy poucas vezes, e taõ parcamente, que pouco, ou nada comia. Já debilitado dos annos, gaſtado das penitençias, e do continuo trabalho corporal, vindo algumas vezes da Horta a tomar alguma refeiçaõ com outros Religioſos, e naõ ſe podendo ter em pé, nem dar paſſo, com ſingeleza ſanta reprehendia o corpo, dizendo: *Anda para diante, pois ainda vás ao Refeitorio.* Eſtando em Oraçaõ ſe achou taõ doente, que reconhecendo ſer viſinha a morte ſe preparou com os Sacramentos, e repetindo no ultimo dia muitas vezes aquellas palavras do Pſalmo: *A' cuſtodia matutina uſque ad noctem*, deixou a vida mortal, para a gozar eterna, merecendo celebre nome, e eſtimaçaõ, que delle permanece na Ordem.

C Na India Oriental, o Padre Fr. Heitor de Jeſus, da Ordem dos Prégadores, cujo ſagrado Inſtituto deſempenhou na converſaõ dos Gentios, applicando-ſe com grande cuidado a enſinar os mais deſamparados; e como os Orfaons, a quem a falta de ſeus pays tinha deſtituido dos bens da fortuna, elle com generoſa charidade, naõ ſó os inſtruîa nos Myſterios da Santa Fé; mas com induſtria os alimentava das eſmolas, que para taõ bom fim procurava. Naõ ſofriaõ os Miniſtros da Idolatria eſtas ſantas obras, taõ contrarias das que elles praticavaõ; aſſim lhe deraõ veneno, pelo qual mereceo receber mais cedo o premio eterno. *Fr. Heitor de Jeſus, Dom.*

D Neſte dia foraõ glorioſamente degolados, por confeſſarem o Nome de JESU Chriſto, André Fachizó, em Deva, e Jeronymo Yechizo, em Firando, deixando de ſeus nomes eterna memoria na Igreja Catholica, em que com enveja de ſeus naturaes, ſaõ numerados na Celeſte, e Triunfante Jeruſalem, entre os Córos dos Martyres. *André, e Jeronymo, MM. Jap.*

Em

Sor Leonor de Santo Angelo, Carm.

E Em a Cidade de Lagos, no Moſteiro da Conceiçaõ, a lembrança da Madre Sor Leonor de Santo Angelo, de vida muy religioſa, e auſtéra, continuada por largo diſcurſo de annos em pureza de coſtumes, e exercicios ſantos. Era muy dada à Oraçaõ mental, em que perſeverava devota, ſem que a entibiaſſem algumas deſconſolações, que ſentia. Naõ uſava de cama ſenaõ em doente, e ainda deſta ſorte dava muy pouco repouſo ao corpo, que affligia com aſperas penitencias. Ornada deſtas, e outras virtudes, eſtava preparada para acodir à hora, em que o ſeu Eſpoſo a chamaſſe, de cuja ineffavel companhia he de crer eſta gozando na Bemaventurança.

Commentario ao XVIII. de Agoſto.

A NAõ permittio a falta de ſaude a Fr. Hilario de Jeſus, que paſſando à India no anno de 1602, para ſe empregar nas Miſſoens, que a ſua Religiaõ tem naquelle Eſtado, conſeguiſſe os ſeus ſantos deſejos; e aſſim ficando no Moſteiro de Goa, acabou com opiniaõ de virtuoſo, no anno de 1625, como referem as *Noticias da Congregaçaõ da India dos Eremitas* m. ſ. que temos em noſſo poder.

B Parece Fr. Joaõ de Barcellos ſer (conforme o ſeu appellido) natural deſta celebre Villa, terra, que tem produzido muitos homens inſignes em ſantidade, como ſe vê no diſcurſo deſta Obra. Faleceo neſte dia, do anno de 1644, e eſtá ſepultado no ſeu Convento de Santo Antonio do Porto, como diz Fr. Manoel de Monforte na *Chronica deſta Provincia*, liv. 5. cap. 17. pag. 750.

C De Fr. Heitor de Jeſus, ſe faz menção nos *Monumentos Dominicos*, pag. 675, no anno de 1625, de quem ſe lembra Soveges no *Anno Dominico*; e Lima no *Agiologio da Ordem*, ambos neſte dia.

D No anno de 1624, na perſecuçaõ do Emperador Toxogunſama no Japaõ, deraõ as vidas em obſequio da Fé, os dous Valeroſos Soldados, de que fazemos menção, devendo ao Padre Cardim eſta noticia no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 296.

E Naſceo na Cidade de Lagos Sor Leonor de Santo Angelo, e entrando no Convento das Carmelitas daquella Cidade, viveo ao principio com alguma vaidade da eſtimaçaõ da ſua peſſoa, de que arrependida, ſeguio a vida eſpiritual, até a morte, que foy no anno de 1682, com grande edificaçaõ daquelle Moſteiro. O referido tirámos das *Memorias*, que temos delle.

AGOS-

AGOSTO XIX.

Dom Belchior Carneiro, Biſpo da China, da Cõpanhia.

AM a Cidade de Macao, pagou o tributo de ter naſcido o Apoſtolico Varaõ D. Belchior Carneiro, que nas glorioſas fadigas do Evangelho moſtrou o zelo da Religiaõ Catholica, trabalhando pelo augmento da Fé, como virtuoſo, e Letrado. Depois de Biſpo ſe recolheo ſegunda vez à Companhia, cujo Inſtituto tinha abraçado em Coimbra, com grande edificaçaõ daquella celebre Cidade, e daquelles primitivos Padres, contemporaneos de Santo Ignacio, que mandando-o ir a Roma o elegeo ſeu Confeſſor, teſtemunho, que ſó baſta para qualificar a ſua virtude, e letras. Foy o primeiro Reytor do Collegio do Eſpirito Santo de Evora, e depois nomeado Biſpo de Nicea, e futuro ſucceſſor do Patriarca de Ethiopia, por vacatura de D. André de Oviedo, e paſſando à India foy o primeiro Meſtre de Moral do Collegio de S. Paulo de Goa. Em Cochim perſeguio os Judeos, e do ſeu zelo reſultou mandarſe ao Eſtado da India o Santo Tribunal da Inquiſiçaõ. Correo as Serras do Malavar a fim de diſputar com hum Biſpo de ſeita Neſtoriano, o que ſabendo o Patriarca D. Joaõ Nunes, o fez retirar a Goa, pelo perigo que a ſua vida corria, por ſer notorio, que o Herege trazia de eſcolta dous mil Amoucos. Aqui lhe ſuccedeo fazerem-lhe tiro à cabeça com huma ſetta, que lhe offendeo o barrete, livrando-o o Senhor; porque delle ſe queria ſervir. Entrou em Goa, e foy ſagrado Biſpo, e logo fez voto de ſeguir os conſelhos da Companhia, e de tornar a ella, ſe o Pontifice lhe deſſe licença. Naõ pode penetrar o caminho de Ethiopia; porque de todo ſe fecharaõ as portas à communicaçaõ dos Catholicos. O Santo Pio V. o conſtituîo Biſpo da China, e Japaõ, de que obrigado ſe foy a Macao, ſem embargo dos achaques de aſma, e pedra, em que exercitava a paciencia, e ſe augmentava a virtude. Chegou àquella Cidade, e começou a governar a ſua Igreja, com a pobreza Apoſtolica dos primeiros Biſpos do Univerſo, em que ſó a utilidade do rebanho eraõ os cuidados do Paſtor. Naõ ſó attendia ao zelo das almas, mas à neceſſidade dos miſeraveis; e aſſim fundou

na

na Cidade hum Hoſpital, e eſtabeleceo a Irmandade da Miſericordia, que taõ util tem ſido aos pobres no Reyno, e Dominios de Portugal. Naõ ſe negou a perigo algum pela ſalvaçaõ das almas, moſtrando o zelo da Religiaõ Catholica, ainda combatido da politica. Finalmente, ſuſpirando pelo ſeu cubiculo da Companhia, foraõ ouvidas as ſuas repetidas ſupplicas, e alcançando licença para renunciar a Dignidade, tornou à Religiaõ a exercitarſe naquelles actos de humildade, e charidade, que tanto edificaraõ ao proximo, e cheyo de heroicas virtudes, acabou em o Senhor, deixando de ſua vida glorioſa memoria.

Damiaõ, e outro Companh. MM. Jap.

B Em Yamagueki, no Japaõ, o glorioſo certame do invencivel Confeſſor de Chriſto, Damiaõ, ao qual foy cortada a cabeça por ſer Catequiſta dos Religioſos da Companhia, e juntamente foy com elle degolado hum mancebo, cujo nome ſe naõ ſabe na terra, e elle tinha bautiſado, alcançando por taõ pia obra Meſtre, e Diſcipulo, ao meſmo tempo, a immarceſſivel coroa da Gloria.

Fr. Domingos Erkiza, Dom. M.

C Em Nangaſachi, Cidade do Japaõ, conſeguio victorioſa palma o Padre Fr. Domingos Erkiza, da Sagrada Ordem dos Prégadores, Varaõ verdadeiramente Apoſtolico, em quem o zelo da ſalvaçaõ das almas, ardia com tanta violencia, que ſem reparo de trabalhos vencia com o amor de Deos as mayores difficuldades. Paſſou ao Japaõ, em que era grande o trabalho, por ſer o odio invencivel, com que ſe perſeguiaõ os Chriſtãos, em que tantos com gloria da Fé tinhaõ generoſamente ſacrificado as vidas. Era para engrandecer a maõ do Altiſſimo com eſte ſeu Servo, dando-lhe com valor forças, para emprender novos trabalhos, ſem que o intimidaſſe a perſecuçaõ, que contra os Chriſtãos ſe promulgara, para deixar de reſidir nos Dominios do Japaõ, parecendo mais obra da maõ Divina, do que cauſa ordinaria, o livrar de tantos perigos, pois o ſangue de tantos Martyres, que ſe via regando aquellas terras, que devia abrandar o coraçaõ dos Tyrannos, fazia mais entranhavel o odio, para excogitarem novos generos de crueliſſimos tormentos, para que o horror da morte afugentaſſe huns, e entibiaſſe outros, para deſta ſorte acabarem de arrancar a Fé de Jesu Chriſto daquelle Imperio. Porém Fr. Domingos, ſem receyo de taõ horroroſa tempeſtade, por todo aquelle Reyno diſcorria, ſó por conſolar com a ſua preſença

ſença aos afflictos, e perſeguidos Chriſtãos, de quem era recebido como Oraculo, padecendo pelos ſervir continuadas fomes, ſedes, perigos no mar, e na terra; e como perito nos caminhos do Paiz, ſe livrou muitas vezes das mãos dos inimigos. Neſta trabalhoſa fadiga paſſava o Apoſtolico Miſſionario, eſcapando pela fidelidade dos Chriſtãos das perſeguições dos que o ſeguiaõ, que ſabendo andava no trage dos Japoens, traziaõ o ſeu retrato para melhor o conhecer: tal era o cuidado, e vontade, que tinhaõ de o alcançar; porém a Providencia Divina o conſervava para ſaude daquella Chriſtandade. Finalmente, naõ podendo os Tyrannos com promeſſas, nem ameaços, romper a fidelidade do ſegredo, deraõ a hum Neofito hum taõ forte tormento, que vencido o pobre da violencia, manifeſtou o lugar onde o Servo de Deos eſtava. Naõ houve difficuldade em o prender, e querendo com favores vencer a ſua conſtancia, lhe offereceraõ ſobre riquezas, o valimento do Emperador do Japaõ, o que tudo deſprezou com animo Apoſtolico; e ſendo condemnado ao crueliſſimo tormento das covas, foy nelle poſto, onde eſteve vivo trinta horas, até que rendendo a vida, foy lograr entre os glorioſos Martyres da Igreja a palma merecida de ſeus glorioſos trabalhos.

D No Convento de Azeitaõ de Noſſa Senhora da Piedade, tambem da Dominicana Familia, eſtará ſempre freſca a memoria de ſeu primeiro filho, e Fundador Fr. Eſtevaõ Eſteves, de naſcimento nobre, e dos bens da fortuna rico, e taõ honrado, que tinha o titulo de Vaſſallo delRey, diſtinçaõ, que naquelle tempo ſe dava ſó a peſſoas de qualidade. Era taõ bem inclinado, e de animo taõ pio, que vendo o eſtrago, que a peſte tinha feito no Reyno, como timorato entrou em contas comſigo, diſcorrendo como Chriſtaõ, pelo incerto fim de tantas almas, dos que pereceraõ arrebatados da violencia de hum mal taõ precipitado. E aſſentou comſigo deixar o Mundo, e deſprezar as ſuas honras, e fundar de ſeus bens hum Moſteiro da Ordem de S. Domingos, em que entregando-ſe a ſi, e o melhor da ſua fazenda, pudeſſe vacar a Deos, ſem memoria do Mundo. Communicou a ſua mulher eſte penſamento: era virtuoſa, e naõ houve miſter perſuadida. Fallou a ſeus filhos, e ainda aos criados de confiança, e todos com a meſma reſoluçaõ louvaraõ a idéa, e aſſentaraõ ſeguirem-no

Fr. Eſtevaõ Eſteves, Dominico.

na mudança de eſtado. Tratou eſte negocio com Fr. Joaõ de Santo Eſtevaõ, Confeſſor da Rainha D. Leonor, homem douto, e exemplar, que examinando as couſas, achou eſtar a reſoluçaõ tomada com madureza. Deſtes taõ pios, como generoſos intentos deu conta hum dia a ElRey D. Duarte, que andava em penſamentos de fundar huma Caſa na Serra de Azeitaõ para Religioſos de S. Domingos. Eſtimou ElRey a offerta, por ſer o ſitio capaz, em huma Quinta, nobre, e grande, com boas aguas, e pomares, e apozento ſufficiente para logo poder ſer habitada de Religioſos, a quem deu conta para ſem demora virem aſſiſtir na Quinta. Começou-ſe a obra, e naõ tomou logo o Habito Eſtevaõ Eſteves; porque tinha algumas dependencias, que era preciſo compor, das quaes deſembaraçado aos poucos, ſe achava mais rico, para fazer de outras fazendas doaçaõ à nova Caſa. Trabalhava-ſe na obra, e com gente a quem o Mundo naõ cauſa pejo: acodia Eſtevaõ Eſteves, naõ a ver creſcer a obra, mas a ſer companheiro dos Officiaes no trabalho, acompanhado de ſeus filhos, e criados; alegrando-ſe entre ſi, de ſe verem abatidos, com os veſtidos, e roſtos cubertos de pó, e caliça, nas mãos empollas, fazendo callos de ſerviço taõ humilde, ſem que a fadiga, e trabalho lhe deſſe arrependimento. Cinco annos paſſaraõ taõ groſſeiro modo de vida, digno por certo de grande louvor, e enveja, o ver taõ ſanta humildade, e taõ novo genero de merecimentos, que ſe fazia mais de admirar em peſſoas bem criadas, nobres, e abaſtadas, a quem o amor fizera abatidas, e na meſma fortuna dos miſeraveis. Acabada a Caſa tomou o ſanto Habito Eſtevaõ Eſteves, ſeguido de doùs filhos, e hum criado, e ao meſmo tempo entrou ſua mulher Maria Lourenço, com duas filhas, no Salvador de Lisboa. Dividiraõ-ſe por poucos annos na terra, a ſegurarem hum eterno ajuntamento no Ceo, e depois de huma vida reformada, acabaraõ, deixando de ſeu exemplo larga memoria.

Sor Maria de S. Joſeph Franciſc.

E No Moſteiro da Madre de Deos de Monchique, Sor Maria de S. Joſeph, da Ordem de S. Franciſco, grande imitadora de ſeu Serafico Padre, na reverencia com que reſpeitava os Sacerdotes, conſiderando em cada hum delles hum retrato de Jesu Chriſto. Foy muy dada à Oraçaõ, em que os Myſterios do Roſario da Virgem eraõ a ſua ordinaria conſi-

deraçaõ

deraçaõ, em que dilatando-se o espirito, colhia hum doce gozo aos seus amantes cuidados. Neste santo exercicio gastava grande parte do dia, madrugando como Espoſa desvelada, para satisfaçaõ da sua saudade. Hum dia sendo Escrivãa lhe faltava paõ para as Religiosas; afflicta, mas cheya de Fé, se foy ao Coro, e naõ tardou o Senhor em satisfazer a sua Oraçaõ, e manifestar a sua Providencia, e os merecimentos de sua Serva; porque a Porteira a avisou, que na Portaria estava huma mulher com duas cestas de paõ, com que se remediou a Communidade. Tendo já noventa annos, gastados no serviço de Deos, e da Religiaõ, em que muito se empregou, ensinando com o exemplo, e com a persuaçaõ, principalmente às Noviças, se foy a descansar na Gloria.

Gonçalo Joaõ da Cuba.

F Na Villa da Vidigueira, na Ermida de Santa Clara, espera a Resurreiçaõ universal Gonçalo Joaõ da Cuba, de taõ exemplar vida, que mereceo ser conhecido pelo Lavrador Santo. Vivia occupado no laborioso cuidado das suas lavouras, em que elle mesmo trabalhava, dando principio sempre a suas fadigas, com estas palavras: *Ei lá, em Nome de Deos vamos por diante.* Naõ se descuidava pelo temporal de se lembrar do eterno; porque era temente a Deos, e exactissimo na observancia dos preceitos Divinos; de sorte, que por hum seu filho na sua presença commetter huma culpa venial, o castigou severamente: quem obrava desta sorte, bem deixa lugar para se inferir, qual seria a sua consciencia. Todo o tempo que lhe restava do governo da sua casa, e fadigas das suas lavouras empregava na Oraçaõ; de sorte, que vivia em huma tranquilidade santa, com toda a sua familia, sem que tivesse outro dissabor, mais, que ter hum filho de idade de dezoito annos falto de juizo, taõ louco, que era preciso tello prezo; porém Deos lhe fez a merce de o ver naõ só restituido ao seu juizo milagrosamente, mas formado em Salamanca Theologo, Sacerdote, e Prégador. Finalmente, tendo Gonçalo Joaõ da Cuba logrado huma larga vida, empregada no serviço de Deos, o foy lograr na eternidade, como piamente se póde crer.

Commentario ao XIX. de Agoſto.

A TEve D. Belchior Carneiro por Patria a Cidade de Coimbra, e era da gente principal, e nobre daquella Cidade. Entrou já Letrado na Companhia, a que ajuntou exercicio de virtudes, com deſprezo do Mundo. Sahindo hum dia da Univerſidade em corpo, paſſou pela porta de ſeus pays, que ſentiraõ vello em habito taõ vil, tendo aquelle traje por deſdouro, e mancha da ſua nobreza. Naõ tinhaõ ainda aſſentado os Religioſos hum modo commum de veſtir, como depois ordenaraõ nas ſuas leys; e aſſim inventava a virtude naquelles primeiros Padres, modos de ſe abaterem, e ſerem deſprezados, como lemos em muitos daquelle tempo, de que fazemos mençaõ neſta Obra. Na Fundaçaõ do Collegio de Evora ſe aſſignalou o Padre Belchior, moſtrando ſer Varaõ Apoſtolico, deſprezador de ſi meſmo, de grande charidade, e zelador da honra de Deos, e dotado de ſingular prudencia: como ſe vio em huma perſeguiçaõ, que o demonio fomentou contra aquelles Padres, o modo com que manifeſtou os ſeus enganos. Da ſua nomeaçaõ em Reytor moſtrou o Cardeal Infante D. Henrique, Arcebiſpo de Evora, agradarſe, e aſſim fez delle toda a confiança, para o bem das ſuas ovelhas. Em o anno de 1555, foy mandado para a India por Companheiro, e ſucceſſor do Patriarca de Ethiopia Joaõ Nunes Barreto, depois do Biſpo D. André de Oviedo, e a eſte fim foy ſagrado Biſpo de Nicea; e porque eſta jornada naõ teve effeito, o nomearaõ Biſpo da China, e Japaõ, e deſta ſorte nos parece ſer o primeiro, como já no Commentario do dia 7 de Julho diſſemos. Eſta Dignidade veyo a renunciar, acabando com a Roupeta a 19 de Agoſto de 1583, já conſtituido Patriarca de Ethiopia, por morte de D. André de Oviedo; e foy ſepultado na Igreja, que a Companhia tem em Macao. Delle faz mençaõ Nadaſi *Dierum Memorabilium*, neſte dia; Telles na *Chronica da Companhia*, part. 1. liv. 3. cap. 21; e na *Ethiopia Alta*, liv. 2. cap. 20. pag. 148; Souſa *Oriente Conquiſtado*, Tom. 2. Conq. 4. Diſc. 2. §. 104; Euſebio *Varoens Illuſtres da Companhia*, pag. 690; Orlandino *Hiſtoria Societatis*, liv. 4. pag. 163. n. 278; Faria *Aſia Portug.* tom. 3. pag. 520; e Couto *Decada VIII.* pag. 99; Franco no *Anno Santo da Companhia em Portugal*, neſte dia; Manoel da Coſta *Rerum Societatis Jeſu in Oriente*, pag. 17, e de *Rebus Indicis Epiſt.* liv. 1. pag. 211.

B Lembra-ſe de Damiaõ, e ſeu Companheiro, Japoens, que deraõ as vidas por Chriſto, no anno de 1605, o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos que até ſeu tempo padeceraõ pela Fé, nos dilatados Dominios do Japaõ*, pag. 267.

C Entre os Religioſos, que da Sagrada Familia Dominica paſſaraõ ao Japaõ, foy o Padre Fr. Domingos Erkiza, homem douto, e de grande eſpirito. Naſceo em Biſcaya, e profeſſando no Convento de S. Telmo, na Cidade de S. Sebaſtiaõ, paſſou a Filippinas, e daqui à Miſſaõ referida, por Superior de outros Religioſos, que tambem com glorioſo fim remataraõ a vida. Da do Padre Fr. Domingos ſaõ teſtemunhas as muitas cartas, que ſe eſcreveraõ daquellas partes, que ſaõ hum continuado elogio da ſua peſſoa, que elle acreditou dando a vida em obſequio da Fé, no anno 1633. Soveges no *Anno Dominicano*; e Lima no *Agiologio Dominico*, o poem neſte dia; Cardim, pag. 325, no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, no 1 de Setembro; o *Anno Dominico*, de hum Terceiro da Ordem, a 28 deſte mez. Delle ſe lembra tambem a *Hiſtoria das Filippinas da Ordem de S. Domingos*, liv. 2. pag. 155.

D Em o Commentario do dia 15 de Março, letra F, ſe deſcreve a Fundaçaõ, de que tratamos no Texto, que o devoto Fr. Diogo Eſteves fez, para tanta gloria de Deos, e merecimento ſeu, pois como acçaõ de taõ grande exemplo deve ſer igualmente que admirada, imitada.

He Azeitaõ terra fádia, alegre, e de bons ares, com muitas fontes, e arvores, que a fazem apraſivel: creſceo tanto na eſtimaçaõ, que augmentandoſe em povoações, tem 12 Aldeas, e he hum dos ſitios mais eſtimados, que tem

as

as viſinhanças da Corte, que fica além do rio Tejo. O Duque de Aveiro D. Joaõ, filho do Senhor D. Jorge, ſeguindo o amor de ſeu pay à Religiaõ de S. Domingos, como Senhor da Serra, e Comarca de Azeitaõ, em que tem hum Ouvidor, que entra em Correiçaõ nas Villas de Cezimbra, Torraõ, Santiago de Caſſem, pedio aos Padres huma terra, para edificar huma caſa de campo: deraõ-lhe liberalmente largo ſitio, para jardim, pomares, e boſques, e até para plantar hum pinhal, tudo com pouco reconhecimento de foro ao Convento. Começou em caſa de campo o Palacio dos Duques, em que reſidiaõ, em quanto viveraõ em Portugal. Saõ as demais Aldeas povoadas de boas Quintas, em que entraõ edificios nobres de muitos Senhores da Corte, e outras de peſſoas particulares, que ennobrecem aquelle ſitio. A eſte Convento ſe entregou Fr. Eſtevaõ, com dous filhos, e toda a ſua fazenda, e o que nelle naõ podia ter lugar, entregou ao Moſteiro do Salvador, que foy ſua mulher, e filhas, e a fazenda, que lhe tocava. Ditoſa gente, que fez mais clara a deſcendencia com eſta memoria, do que poderia augmentando a ſua familia na poſteridade, nos lugares mais illuſtres do Mundo! Acabou pelos annos de 1437. Delle faz honorifica mençaõ Soveges, neſte dia; o grande *Anno Dominicano*; Souſa *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. cap. 5; Lopes na *Geral da Ordem*, liv. 2. cap. 37.

E Depois de huma taõ dilatada vida, faleceo no anno de 1696, a Madre Sor Maria de S. Joſeph, verdadeiro exemplar de huma Religioſa na obſervancia Monaſtica, que praticou com edificaçaõ da ſua Communidade. De quem ſe lembra Soledade na *Hiſtoria Serafica*, part. 4. liv. 3. cap. 27. pag. 355.

F Naſceo no Lugar da Cuba, na Provincia de Alentejo, no anno de 1472, Gonçalo Joaõ da Cuba, appellido, de que devia uſar, quando por certos motivos deixou a ſua Patria, e paſſou a viver no monte da Azeiteira, junto a Villa de Frades, onde reſidia com ſua familia. Aqui tinha recluſo a ſeu filho Manoel Gonçalves da Cuba, que eſtava doido, com ordem de o naõ deixarem ſahir nunca fóra, por evitar as loucuras, que obrava. Succedeo pois eſtar o pay fóra, e importunar tanto o doido a ſua irmãa Luiza Toſcana da Franca, que lhe deſſe licença para ſe divertir, a que ella compadecida das ſuas ſupplicas lhe deu liberdade; poſto nella diſcorreo por diverſas partes, até que fatigado, e canſado foy dormir à Ermida de Santa Clara, que havia ſido a primeira Freguefia da Vidigueira. Aqui eſtando em profundo ſomno, o acordou hum venerando Velho, dizendo-lhe, que tiraſſe do Altar môr o que alli eſtava, e hindo para elle achou levantada huma pedra, e dentro huma arca, com huma boceta de páo, com hum cofre de Reliquias, que ſe preſumio depois ſeriaõ alli eſcondidas pelos Chriſtãos, quando os Mouros conquiſtaraõ eſte Reyno. Caſo maravilhoſo! Tanto que Manoel Gonçalves tocou o cofre das Reliquias ſe achou em ſeu juizo perfeito, e com tanto acordo, que as levou com toda a decencia à Igreja Matriz da Vidigueira, (que naquelle tempo, pelos annos de 1555, era a Ermida de Santa Margarida,) e as poz na Capella de Nuno Pereira, Alcaide môr de Portel. Referio-ſe o caſo ao Parocho, e mais gente da terra, que determinaraõ ſe levaſſem outra vez para a Ermida de Santa Clara, até que ſe ordenaſſe huma Prociſſaõ, em que foſſem, para ſe exporem publicas à veneraçaõ dos Fieis na dita Igreja. O Padre Pedro Lopes Pinto lhe deu hum cofre muy decente para ſe guardarem, o qual era tambem natural da Cuba, e parente chegado do deſcobridor deſte Theſouro, e taõ bom Sacerdote, que edificou à ſua cuſta a Igreja de S. Pedro, que hoje he Freguefia da Vidigueira, no anno 1590, e neſta Igreja foy trinta e oito annos Prior, como ſe vê do Letreiro da ſua Sepultura, que eſtá no Coro da dita Igreja, em que diz faleceo, a 8 de Dezembro de 1614. A Condeſſa da Vidigueira D. Guiomar de Vilhena, deu depois eſtas Reliquias ao Convento de Santo Antonio, da Provincia da Piedade, o qual ella com ſeu marido D. Franciſco da Gama, II. Conde da Vidigueira, havia fundado no anno de 1545. Eſte Convento por doentio ſe deſamparou, e no novo eſtaõ as Reliquias, em que ſe lançou a primeira pedra a 18 de Julho de 1701. O Padre Manoel de Monforte na *Chronica da Piedade*, liv. 3. cap. 22. pag. 350, refere eſte milagroſo caſo do venturoſo achado deſtas Reliquias, com todo o ſucceſſo

ceſſo do filho do Lavrador, a quem chama Gonçalo Anne Cubeiro; porém do Letreiro da ſua Sepultura ſe vê ſer da Cuba, o qual depois deſte maravilhoſo caſo viveo alguns annos, e morreo no de 1537., e jaz na Ermida de Santa Clara, onde ſeu primo o Padre Pedro Lopes Pinto mandou pôr huma pedra, e nella abrir huma mão pegando em hum arado, com hum Letreiro, em que quiz que lhe ſerviſſem de empreza as palavras, que elle coſtumava proferir no ſeu trabalho, e diz aſſim:

Hic jacet Gonçalus Joannis Qube. Hei lá Nome de Deos.

O qual nos remetteo fielmente copiado o Reverendo Padre Fr. Franciſco de Oliveira, com a ſua coſtumada exacção, com outras memorias, que já temos por vezes allegado.

AGOSTO XX.

D. Jeronymo Oſorio, Biſpo do Algarve.

A Sé de Faro, Cidade do Reyno do Algarve, o Anniverſario de ſeu Illuſtriſſimo Prelado D. Jeronymo Oſorio, Varaõ Santo, e prudente, grande zelador da honra de Deos, acerrimo defenſor da Religiaõ Chriſtãa, inſigne Theologo, e verſado em todo o genero de erudiçaõ, a quem a eloquencia fez celebre no Mundo, ſendo pelo ſeu raro engenho honra da Naçaõ Portugueza, e gloria de ſua Patria Lisboa. E quando a vaidade, que de ordinario ſe origina do applauſo, lhe pudera fazer menos glorioſa a fama, ſoube elle com deſprezo da ſua peſſoa, fazer clara a ſua virtude, com obras dignas de hum verdadeiro Prelado da Igreja: ſem que a applicaçaõ dos eſtudos, nem as occupações, em que ſempre o entretiveraõ os Reys, e Principes do ſeu tempo lho diminuiſſem, para ſe empregar na Oraçaõ mental, em penitencias, e outros exercicios eſpirituaes, com que ornava a ſua alma. Na idade de treze annos foy mandado por ſeu pay a eſtudar a Salamanca, e em pouco tempo começou adquirir opiniaõ. Naõ lhe faltava na eloquencia, ſuavidade no dizer, que he hum eſmalte, que dá todo luſtre, e vida, ao que ſe diz. Era verſado na lingua Latina, e Grega, moſtrando nas Academias daquella inſigne Univerſidade, com admiraçaõ dos doutos, o ſeu grande talento. Hum dia eſtando ouvindo Miſſa no Templo de Santo Eſtevaõ, da Ordem de S. Domingos, no dia da Feſta da Aſſumpçaõ da Virgem MARIA Senhora Noſſa, fez voto de perpetua caſtidade, que inviolavelmente obſervou toda a ſua vida. Em taõ grato ſacrificio

ficio da ſua pureza he certo devia ſegurar a protecçaõ da Rainha dos Anjos, para que foſſem os progreſſos da vida correſpondentes aos primeiros ardores da ſua devoçaõ; e aſſim fez quotidianos os exercicios, que depois vieraõ com os annos a fazer mayor o numero das virtudes. Eſtudou Direito Civil, em que gaſtava duas horas, e o mais reſto do dia em eſtudar Filoſofia, ler Hiſtoria, e outras ſciencias, em que cada dia ſe augmentava a ſua erudiçaõ, até que o vieraõ a fazer famoſo no Mundo. Os ſeus entertenimentos em annos, que a mocidade ſe pudera levar das vaidades, que a idéa coſtuma propor aos mancebos, naõ ſe reduziaõ a mais, que converſar com homens doutos, ſendo eſte honeſto divertimento o parentheſis dos ſeus eſtudos. Na noite buſcava a Deos com humildes deprecações, e levantando-ſe da cama, poſto de joelhos rogava a Deos lhe conſervaſſe a pureza da alma, e do corpo; e para o conſeguir exercitava a Oraçaõ, e penitencias, quebrando os brios da idade por todas as vias, que o elevaſſem ao caminho da perfeiçaõ; e deſta ſorte entregue de todo a Deos, continuava na aſſidua occupaçaõ dos ſeus eſtudos. Naõ faltava quem lhe aconſelhaſſe, que ſeguindo as armas alcançaria grandes empregos na Religiaõ de Malta, a que ſeu pay ſe inclinava, tendo nos ſeus exemplo, em ſi brio, e valor, que lho ſeguraſſem; porém como o ſeu genio o perſuadia à liçaõ dos livros, abraçou as letras, em que alcançou taõ grande nome, que depois de Marco Tullio, foy univerſalmente acclamado por Principe da Latinidade, conſeguindo pela ſua eloquencia em toda a parte do Mundo reverente memoria, que ſerá clara em todos os ſeculos. Morto ſeu pay voltou a Portugal, por ſer a ultima conſolaçaõ na viuvez de ſua mãy. Naõ contava mais, que dezanove annos, quando paſſou a Paris, onde com louvor dos Meſtres, e dos condiſcipulos, aprendeo a Dialectica de Ariſtoteles, e a natural Filoſofia, ſendo com nova admiraçaõ daquella douta Univerſidade attendido, como prodigio da natureza, o ſeu grande talento. Florecia neſte tempo aquella grande luz da Igreja Santo Ignacio de Loyola, e já eſpalhados os ſeus Companheiros, teve Jeronymo Oſorio naquella Cidade trato com alguns, e muy intimo com o Padre Pedro Fabro, que entre os primeiros Companheiros daquelle Santo, foy hum dos mais eminentes em virtude: elle

lhe

lhe deu pleno conhecimento do Inſtituto da Companhia de Jesus, recemnaſcida ao Mundo, que elle ſoube eſtimar com tal veneraçaõ, que paſſados annos fallando com ElRey D. Joaõ o III. e perguntando-lhe pela Companhia, foraõ taes os louvores deſte Inſtituto, que perſuadio a ElRey, que chamaſſe ao ſeu Reyno alguns daquelles Apoſtolicos Varões. Foy Oſorio muy favorecido do Infante D. Luiz, e o amor, e obrigaçaõ, o fizeraõ voltar de Pariz a Portugal; e ſatisfeito o para que fora chamado, paſſou a Bolonha, Cidade, que entaõ florecia nos eſtudos das Divinas letras. Com tal cuidado ſe applicou Oſorio, que foy hum dos inſignes Theologos daquella idade; taõ verſado na liçaõ dos Santos Padres, aſſim Latinos, como Gregos, que naõ houve algum, que naõ leſſe, e alguns repetidas vezes. A S. Dionyſio Areopagita chamava Principe dos Theologos, depois dos Apoſtolos. A S. Baſilio, Gregorio Nazianzeno, e S. Joaõ Chriſoſtomo, Padres Gregos, continuamente trazia entre mãos; e dos Latinos, a Santo Agoſtinho, e S. Jeronymo. A Santo Thomás comparava com Ariſtoteles, affirmando, que no engenho naõ diffiria hum do outro; e que para intelligencia de ambas as filoſofias, e ſciencia das couſas Divinas, nenhum outro ſe podia ler com mayor goſto, e proveito, que o Doutor Angelico. Neſta Univerſidade por comprazer aos amigos, ſahia como he coſtume, a paſſear algumas vezes, acompanhado de homens doutos, e entre elles era apontado com o dedo dos que o viaõ: dizendo com admiraçaõ, aquelle he Oſorio: como ſe diſſeſſem, he reſuſcitado Cicero; o que elle com modeſtia muitas vezes ouvia, com tal pacacidade de animo, que ſem que fizeſſe rumor à vaidade, ſó ao penſamento lhe vinhaõ deſejos de o imitar; e voltava com Chriſtãa humildade o applauſo, em honra, e gloria de Deos, a quem ſó deſejava ſervir com todas as forças. Verdadeiramente he eſte hum dos mayores applauſos, que alcançaraõ as letras, e naõ conſeguiraõ aquelles Varoens inſignes, de que tanto a antiga Roma ſe jacta nas ſuas Hiſtorias, que Oſorio ſoube igualar na ſciencia, e ſoube pela Chriſtandade exceder. Continuamente lia por Plataõ; porque lhe eſtimava a ſciencia, e pela eloquencia a Marco Tullio, de que foy taõ imitador; como ſe vê das ſuas Obras, que naõ ſaõ inferiores na pureza, e na elegancia, às daquelle Principe

cipe da Latinidade. Ainda naõ tinha enchido o numero de trinta annos da ſua idade, quando compoz os livros *De Nobilitate Civili, & Chriſtiana.* Eſtes dedicou ao Infante D. Luiz, de quem foy Secretario, e muy grata a ſua peſſoa. Foy eſte Principe grande eſtimador das letras, em que foy com erudiçaõ verſado. Depois da ſua morte determinou Oſorio de ſentido recolherſe, e dando a razaõ aos ſeus amigos, dizia, que morto hum ouvinte, que tinha, que era o Infante ſeu Senhor, lhe naõ convinha outra couſa ſenaõ com ſilencio emmudecer. De Bolonha tornou a Portugal, por fazer niſſo ſerviço a El-Rey D. Joaõ III. a quem foy muy aceito. Por ſua ordem paſſou a Coimbra, aonde havia pouco ſe tinha transferido a Univerſidade. Aqui dictou, e explicou com admiraçaõ, e louvor a Iſaias, e a Epiſtola de S. Paulo aos Romanos. Como era taõ elegante na lingua Latina, determinou com grande eſtudo, e applicaçaõ, reparar o damno, que ſentiaõ os curioſos da erudiçaõ das injurias, que o tempo fez nos livros de Cicero, *De Gloria, de Republica, & de Conſolatione.* Eſte foy o motivo de começar a eſcrever em aquella Cidade os livros *De Gloria*, e depois de paſſados muitos annos os *De Regis Inſtitutione.* No *De Conſolatione*, explicou em huma elegantiſſima Paraphraſis, aquelle ſagrado livro de Job, taõ envolvido em eſcuras ſentenças: ao juizo dos doutos nehuma couſa ſe podia dizer mais futil, nem diffuza. Largando Coimbra com univerſal ſaudade dos Eruditos, foy provido na Igreja de Tovares pelo Infante D. Luiz: aqui acabou os livros *De Gloria*, que imprimio. Naõ vencia o genio dos eſtudos, a ſe eſquecer da obrigaçaõ de bom Parocho; porque doutrinava aos Freguezes, e inſtruîa aos ignorantes, dando de ſua charidade, e exemplo, publicas demonſtraçõeſ da ſua virtude. Era o ſeu mayor cuidado enſinar aos ruſticos a Doutrina Chriſtãa; a huns amoeſtava, e aos mal procedidos reprehendia, para que emmendados ſe empregaſſem na obſervancia dos preceitos Divinos. Soccorria com as eſmolas aos pobres, às viuvas, e aos orfãos, e depois a todos com ſaudaveis conſelhos, ſendo pay de todos os neceſſitados. Diſcorriaõ os ſeus amigos, ſentidos, de que hum homem de taõ raro talento, e tantas letras, deixaſſe a Corte, para viver entre ruſticos; e aſſim por muitas vezes o arguiaõ da reſoluçaõ, que tomara. A hum amigo,

que, ou com mais confiança, ou razaõ, lhe inſtava, reſpondeo: *Tenho amigo meu, muy baixas, e vis mercadorias, para a Corte, as quaes preciſamente, nem devo, nem poſſo ſeparar da minha companhia; com que a naõ perder o juizo, nenhumas eſperanças me tiraõ deſta goſtoſa quietaçaõ, em que vivo.* Admirado, e curioſo o amigo, lhe perguntou, que mercadorias eraõ, as que tanto embaraço lhe faziaõ. A que Oſorio ſorrindo-ſe, reſpondeo: *As mercadorias, que eu tenho, e poſſo levar comigo, ſaõ verdade, e Fé; e eu ſey muito bem, e com grande pezar, o pouco que ellas valem na Corte; nella ſó he eſtimado o engano diſſimulado na liſonja; eſte conhecimento me faz com razaõ temer, que aſſiſtindo na Corte, ou naõ hey de poder cumprir com a obrigaçaõ da honra, que devo a mim, e a vida, que profeſſo, ou com afronta hey de ſer deſterrado della.* Com eſta verdade, e diſcreta reſoluçaõ, ſe defendia dos ſeus amigos, deixando com brio taõ honrado, mais elevado na veneraçaõ, e conceito das ſuas virtudes. ElRey o chamou à Corte com cartas taõ honradas, como ſe naõ tivera tençaõ de lhe fazer outra merce, e juntamente o Cardeal D. Henrique; e perſuadido da obediencia, que devia a Soberania, paſſou à Corte. Aqui ſe ſerviraõ do ſeu talento para negocios graves, conſervando ſempre nas materias mais arduas ſumma prudencia; de ſorte, que da ſua inteireza tiveraõ as Mageſtades huma conſtante opiniaõ. Eſta conſervou em todo o tempo, e com diverſos Reys. A Rainha D. Catharina, quando pela morte de ſeu marido veyo a ſer Governadora do Reyno, na menoridade de ſeu neto ElRey D. Sebaſtiaõ, com elle tratava todos os negocios, achando ſempre na ſua fidelidade, e amor, cabal ſatisfaçaõ. O Cardeal D. Henrique lhe deu o Arcediagado de Evora, merce, que elle naõ recuſou, e ſoube eſtimar. Corriaõ entaõ com univerſal applauſo de todas as Nações da Europa os ſeus livros *De Gloria*; por elles eſtudavaõ com goſto muitos Principes. O Cardeal Reginaldo Polo, Varaõ grande em juizo, prudencia, e eloquencia, mandou a hum ſeu parente, homem de inſigne talento, que traduziſſe eſta Obra em Inglez. A Rainha Iſabel de Inglaterra, a quem a cegueira de Luthero fez mais conhecida, do que o Throno, goſtou muito da liçaõ deſtes livros; e ſe alguma vez acontecia fallarſe em Oſorio, com publicas demonſtraçõeſ honra-

va

va a ſua peſſoa. Com eſtes, e outros motivos, obrigado do Cardeal D. Henrique, e de Varões doutos, e pios, eſcreveo aquella celebre Epiſtola *Ad Eliſabetham Angliæ*, na qual com ſingular artificio, e admiravel modo de perſuadir, a amoeſtava. Movido da dor com que tanta gente cega, e ignorante, ſeguiaõ a falſa doutrina de Luthero, compoz os livros *De Juſtitia*. Antes de os dar à luz, os ſubmeteo à cenſura dos doutos, naõ ſó de Heſpanha, mas de Inglaterra, e Italia, que com louvores o perſuadiraõ, a que ſem dilaçaõ os imprimiſſe. Delles ſe ſeguiraõ graves utilidades à Igreja: por elles ſe converteraõ em Inglaterra, Alemanha, e Polonia, muitas peſſoas; das quaes algumas agradecidas, eſcreveraõ a Oſorio, como a ſeu bemfeitor, pois por elle tinhaõ ſahido das trevas, e recebido a luz da graça. De Inglaterra vieraõ muitas a Lisboa, ſó por ver a Oſorio, e renderlhe as graças daquelles excellentes livros. Finalmente, era Oſorio o Oraculo daquelle ſeculo, ſendo em toda a parte venerado o ſeu nome. A ſua memoria ſerá com reſpeito das gentes ſempre conſervada. Foy eleito Biſpo de Sylves no Reyno do Algarve, Dignidade bem conferida aos ſeus grandes merecimentos, que elle abatia com tal deſprezo, que chegou a recuzar a Epiſcopal Cadeira do Algarve, a que o amor da Religiaõ Chriſtãa, e a eximia charidade com os proximos, fez rebater a ſua repugnancia, para que vieſſe em a aceitar. Já conſtituido Principe da Igreja, começou a exercitar o Paſtoral Officio com ternura de verdadeiro pay de familias, de que falla o Evangelho. Aſſim como apontava a Aurora na madrugada do dia, ſe levantava da cama, ſem que os grandes frios do Inverno foſſem obſtaculo ao ſeu eſpirito; porque quando arde o fogo do Amor Divino, naõ he a Eſtaçaõ deſaccommodada, nem a velhice embaraço: tudo vencia a ſua devoçaõ. Foy grande homem de Oraçaõ mental, ſobre outras virtudes, de que era eſpelho. Todos os dias celebrava o Santo Sacrificio da Miſſa, e ſatisfeitas com humildade, e ternura as ſuas devoções, entrava a trabalhar na compoſiçaõ dos ſeus livros. Coſtumava dizer, que aſſim para a conſervaçaõ do bom eſtado da alma, como para hum bom Chriſtaõ fazer grandes progreſſos nas letras, nenhuma couſa lhe podia ſer mais util, do que a Oraçaõ continua. Deſta perſeverança foraõ filhos aquelles elevados penſamentos, que elle

dictou. Em ſua caſa ſuſtentava ſempre homens doutos, e virtuoſos; porque naõ amava as letras ſem virtude. A ſeus criados inſtruîa, como ſe fora ſeu Meſtre; e como os queria verſados em toda a liçaõ, os obrigava a ler livros de Hiſtoria, que he a Meſtra da vida, ſendo publica para todos a ſua livraria; e como douto lhe naõ prohibia a liçaõ dos livros fabuloſos, em que o engenho ſe coſtuma pulir. Deſtes ſahiraõ, huns grandes Latinos, outos eruditos nas letras Gregas, outros na Geometria de Euclides, outros nas Sagradas Letras: elle lhe explicava o Evangelho de S. Joaõ, as Epiſtolas de S. Paulo, parecendo mais Meſtre daquella pequena Univerſidade, do que Senhor da ſua familia; e excitando-os tanto aos eſtudos, igualmente os perſuadia à virtude; porque o exemplo, e a vigilancia do Prelado, fazia nos coſtumes morigerada a ſua familia. Todas as ſuas rendas repartia liberalmente pelos pobres, viuvas, e orfaõs, e com o ornato das Igrejas, em que tinha eſpecial cuidado, ſendo hum fiel depoſitario dos bens da vinha, que o Senhor lhe tinha entregado; de ſorte, que com o fim do anno ſe acabava a renda, ſem que coſtumaſſe reſervar couſa alguma. Sempre comſigo trazia dinheiro em prata, para com a ſua maõ repartir pelos pobres. A' Juſtiça amou como virtude, tendo a equidade nelle tal lugar nos provimentos, que ſempre eſcolheo os mais dignos, ſem que houveſſe nelle mais inclinaçaõ, do que o merecimento. A ſua porta para os que lhe queriaõ fallar, era franca a toda a hora, ſem que nem a em que comia foſſe reſervada, para que naõ tiveſſem detrimento as partes, ſem que foſſe mais difficil a entrada aos humildes, do que aos poderoſos: deixando no ſeu coſtume huma ſingular maxima aos Prelados da Igreja, cujo Officio naõ he mais, que o de Paſtor, que apaſcenta as ſuas ovelhas, acodindo a cada huma, como ſe todas pereceraõ. Dentro em tres annos viſitava toda a ſua Dioceſi, que por ſer muy dilatada dividia em tres partes, cada anno viſitava huma, e as outras mandava viſitar por peſſoas, de que tinha bom conceito. As ſuas amoeſtações eraõ acompanhadas de lagrimas, e com terno coraçaõ lhe pedia pelas Chagas de Jesu Chriſto a emmenda; e deſta ſorte ſem mais violencia conſeguio de muitos a melhora devida: valendo-ſe naõ da ſuperioridade do Officio, mas do ſuaviſſimo imperio do ſeu exemplo: a tanto perſuade a virtude

de, que se envergonhaõ os máos dos seus escandalos; e por este modo chegou a conseguir o que muitos Bispos, com todo o zelo, e cuidado naõ puderaõ alcançar. Duas cousas no administrar da justiça tinha diante dos olhos, huma o Officio de Bispo, como descreve S. Paulo a *Tito*, *e Timotheo*; outra o cuidado de conservar a Dignidade, e a fama do nome, especialmente de Sacerdote. A sua familia regia com particular cuidado, evitando tudo o que podia ser superfluo, e aquelle mesmo, que com maõ taõ larga despendia com os pobres, queria em sua casa huma bem guardada economia. A sua mesa era com toda a parcimonia, sem ostentaçaõ, nem grandeza. Nella havia sempre liçaõ, sendo pela mayor parte de S. Bernardo. Depois de jantar, se occorria a algum dos seus familiares duvida sobre o que se lera, a propunha, e elle a explicava, sendo a sciencia o mais saboroso manjar daquella mesa. Aqui conversando dava utilidade aos criados, referindo na antiguidade da Historia, em que foy muy lido, muitas cousas ignoradas nos costumes das Naçõens, em ditos de Varões Illustres, e outros casos dignos de memoria, ficando desta sorte igualmente satisfeito o apetite, do que o entendimento. Era o Bispo D. Jeronymo Osorio de animo brando, acompanhado de summa gravidade, sem nenhum genero de malevolencia, e de sincéro coraçaõ, admiravel na elegancia das palavras; de maneira, que, ou fallando, ou escrevendo, excedia a todos. Estas partes da natureza o fizeraõ em toda a parte amado. Naõ havia no Algarve Escolas, em que aprendessem os seus naturaes, e com generosa ambiçaõ, de que todos fossem versados nas sciencias, as estabeleceo à sua custa, em as Cidades de Faro, e Tavira. Nellas lhe poz Mestres doutos, e capazes de os instruîr na Theologia Moral, e jurisdiçaõ Pontificia. Tomou ElRey D. Sebastiaõ posse do governo do Reyno, que administrava sua avô a Rainha D. Catharina, e logo chamou à Corte ao Bispo D. Jeronymo, para se servir delle; achando sempre na sua inteireza, amor, e liberdade, para lhe aconselhar com desinteresse, deixando com estas virtudes bem servido o Principe, ao mesmo tempo, que talvez se desagradava delle. Entaõ imprimio em Lisboa aquella Apologia contra *Gualtero Haddono*, Inglez, que seguia o partido da Rainha Isabel de Inglaterra. Naõ eraõ os desejos do Bispo embaraçarse

çarſe com os negocios da Corte: aſſim voltou para a ſua Dioceſi; mas como era muy util o ſeu conſelho, lá era communicado por cartas, a que com elegancia reſpondia. Era Oſorio o Oraculo daquelle tempo; e aſſim era conſultado, parecendo com muita razaõ, que nada ſe poderia achar fóra de Oſorio. Sempre trabalhou pelo amor, e gloria da Patria; eſte lhe fez eſcrever a ElRey huma diſcreta carta, em que o perſuadia, a que tomaſſe eſtado; outra quando o meſmo Rey paſſou a primeira vez a Africa, em que com elegante eſtylo lhe moſtrava, que mais gloria ſua era a ſucceſſaõ, do que o triunfar dos Mouros. Pouco antes lhe tinha mandado com huma dedicatoria os livros, que havia tempo tinha compoſto *De Regis Inſtitutione, & Diſciplina*, para com elles lhe avivar os deſejos de abraçar as letras, e polir o ſeu engenho. Tinha o Biſpo determinado viſitar os Santos Apoſtolos Pedro, e Paulo, e aſſim paſſou a Roma. Embarcou-ſe para Sevilha, dahi foy a Barcellona, e deſta Cidade paſſou a Italia. Em Parma foy recebido com particulares favores daquella eſclarecida Princeza D. Maria, de quem fallámos a 8 de Julho. Em Bolonha, Cidade, que elle eſtimou como Patria, foraõ grandes os applauſos dos ſeus Cidadãos. Chegou a Roma onde ſó o levou a devoçaõ, e naõ negocios particulares, como alguns entenderaõ, dizendo a ElRey, que em deſerviço ſeu paſſara à Curia, no que elle bem moſtrou o contrario, eſcrevendo a ElRey huma carta como ſua. O Papa Gregorio XIII. lhe fez taes honras, que naõ faltou quem cuidaſſe lhe dava o Capello de Cardeal, digno por certo do Sacro Collegio. Naõ foy grande a aſſiſtencia na Curia; porque chamado por ElRey, voltou logo para Portugal. Entaõ lhe eſcreveo Joaõ Zamoſcio, Varaõ douto, em nome delRey de Polonia, com a occaſiaõ de hum egregio Commentario, que eſcreveo *De Senatu Romano.* Seguio-ſe a infeliz jornada de Africa delRey D. Sebaſtiaõ, que elle tanto com razões, e exemplos encontrou. Por eſte tempo imprimio os livros *De Vera Sapientia*, que dedicou ao Papa Gregorio; porque ſempre occupado, o naõ divertiraõ dos ſeus eſtudos os mayores negocios. Depois da perda delRey, e do ſeu Exercito, que ſentio com amor de fiel vaſſallo, ſe recolheo ao Algarve. Neſte fatal caſo ſe houve com a prudencia, e conſtancia, que ſe póde ſuppor do ſeu

grande

grande talento: mas como Chriſtaõ, poſto de joelhos, com as mãos levantadas, os olhos cheyos de lagrimas, poſtos no Ceo, ſupplicava a Deos humildemente o remedio; e fallando deſte ſucceſſo, dizia, que ſempre eſperara pequenos progreſſos daquelle Exercito, mas taõ tragico caſo, naõ imaginara nunca. Era o Biſpo de animo conſtante, ſem que as adverſidades lhe fizeſſem mudar o ſemblante, mas o amor da Patria, em taõ funeſto golpe fez publico o ſeu ſentimento. Com o Governo do Cardeal Rey novamente ſubido ao Throno, ſe começaraõ a fazer partidos ſobre a ſucceſſaõ da Coroa, a que o Prior do Crato fazia publica oppoſiçaõ, e inda taõ anticipada, naõ lhe melhorou a fortuna. Temia o Biſpo alguma ruina, paſſou a Almeirim onde reſidia a Corte, e perſuadindo os animos à paz, a ElRey, e ao ſobrinho, deu convenientes conſelhos, que puderaõ ſer de utilidade, ſe a ambiçaõ de governar os naõ deſvanecera. Recolheo-ſe ao Algarve, e ſeguio-ſe a morte do Cardeal Rey, e na fórma que entendeo compoz as couſas daquelle Reyno. Naõ faltou quem lhe achaquaſſe menos conſtancia nas adverſidades da Patria, ſendo que a prudencia tal vez lhe ditaſſe ſer perciſo por entaõ ſofrer menos pezado o jugo da ſervidaõ. O exceſſo do caminho em annos muy avançados na idade lhe fez inchar huma pequena chaga, que na perna tinha, a que as grandes dores lhe naõ deixavaõ animo para reſiſtir. Aſſim contra o ſeu coſtume, para deſcanſar hum pouco, ſe deitou na cama, no Moſteiro de S. Franciſco de Tavira; ſobreveyo-lhe hum profundo ſomno, de que o naõ podiaõ deſpertar, e ao meſmo tempo que ao principio pareceo deſcanço, a pouco deu moſtras de ſer indicio da morte. Seguio-ſelhe febre, e confeſſando-ſe com muita humildade, recebeo com grande devoçaõ o Santiſſimo Viatico, moſtrando no diſcurſo da doença, que foy larga, a ſua muita Chriſtandade. Hum criado, que lhe aſſiſtia lhe diſſe, que já os Medicos deſconfiavaõ da ſua vida; e como os annos tinhaõ ſido bem gaſtados, e iguaes no modo de proceder, ſem ſuſto reſpondeo, que eſtimava muito a nova; e levantando as mãos ao Ceo, rendeo a Deos as graças, e com ſingulares moſtras de piedade, e arrependimento, beijando a Cruz de Chriſto, acabou em paz.

B No Japaõ, em a Cidade de Miaco, acabaraõ as vidas, conſumidas dos trabalhos, e fomes, Diogo Ychiyemon, e André *Diogo Ychiyemon, e André Givichi, Jap.*

André Givichi, Japoens, que ſendo prezos por ſerem Chriſtãos, com admiravel perſeverança, conſtantes na Fé, ſem medo da morte, que viaõ executar nos ſeus Companheiros, e naturaes, eſperavaõ conſtantes todos os dias ſerem victimas da tyrannia do cruel Toxogunſama, até que o Senhor foy ſervido adiantarlhe o premio da Gloria, morrendo no carcere.

Fr. Damiaõ da Torre, Arrabido.

C Em o Convento de S. Joſeph de Riba-Mar, eſpera a univerſal Reſurreiçaõ Fr. Damiaõ da Torre, benemerito filho da Provincia da Arrabida, que illuſtrou com o ſeu exemplo, e com admiravel prudencia do ſeu governo, nos cargos mais authoriſados da Religiaõ, que augmentou na obſervancia, e eſtimaçaõ das gentes, deixando naquella Provincia celebre nome, pelos lugares, que occupou, eternizada a memoria na virtuoſa vida, que obſervou. Foy o quinto Noviço deſta ſagrada Reſórma do Seraſico S. Franciſco, que deſde os primeiros annos parece o deſtinou para ſeu filho, pois milagroſamente o livrou das mãos da morte. Era menino, andava brincando com outros da ſua idade no muro da Villa da Torre de Moncorvo, ſua Patria, e com inconſiderado deſcuido ſe precipitou do muro; bradaraõ os meninos, para que lhe acodiſſem; correo alguma gente, quando, (caſo maravilhoſo!) viraõ, que vinha nos braços de dous Religioſos de S. Franciſco, que illezo, como ſenaõ houvera padecido riſco, o entregaraõ a ſua mãy, naõ com pouco eſpanto dos que o viaõ. Ainda naõ era conhecida na Villa eſta Religioſa Familia, e fazia ainda mais admiraçaõ, naõ ſer caminho para a Villa, o lugar em que fora a quéda. Criou-ſe honeſtamente, vivendo taõ comedido, e compoſto, que nos ſeus poucos annos ſervia de exemplo à idade mais madura, dando o ſeu exterior graves indicios, de que no tempo futuro ſe augmentaria no reſpeito ſem affectaçaõ. Sendo mancebo bem inclinado, ſe vio algum tempo opprimido de hum interior eſpirito de blaſfemia, que lhe ſervia de mais cruel mortificaçaõ; chorava afflicto a terrivel deſgraça, que lhe preparava o demonio; mas humilde recorria inceſſantemente à Virgem Santiſſima, e merecendo do ſeu ſagrado patrocinio receber na oraçaõ hum extaſi, em que logrando mentalmente da ſua ſoberana viſta, foy confortado com palavras, que ſuavizaraõ a ſua pena; e ſeguio-ſe outro mayor favor da Mãy Santiſſima, que foy communicarlhe de ſeus ſagrados peitos

tos hum ſoberano licor, que dando-lhe no roſto, deſpertou taõ ſatisfeito, que já mais ſentio taõ formidavel tentaçaõ. Deſta merce da Senhora ficou taõ agradecido, que alentado o eſpirito, ſentia na alma hum fervoroſo deſejo de acabar Religioſo; e continuando neſta inſpiraçaõ, venceo as ſaudades do amor de ſua Mãy na doutrina do Evangelho. Partio para a Cidade de Lisboa, com firme reſoluçaõ de tomar o Habito de Saõ Franciſco: principiava a formarſe a nova Reſórma da Arrabida, e ſendo admittido do Veneravel Fr. Martinho, ſoube ſeguirlhe os paſſos na obſervancia, e zelo mais puro da Religiaõ, ſendo para o exemplo o primeiro, no rigor das penitencias auſtéro, na obſervancia dos Eſtatutos, e Regra indiſpenſavel, em os coſtumes irreprehenſivel. Eſtas virtudes com poucos annos de Habito, o graduaraõ para os lugares. Foy Guardiaõ de diverſos Conventos, e Cuſtodio; e ao ſeu zelo, e ao reſpeito, que lhe tinha o Cardeal D. Henrique ſe deve ſer erigida em Provincia eſta Reſórma. Convocado Capitulo, ſahio com univerſal approvaçaõ reeleito, já com o titulo de Miniſtro Provincial; ſentia amargamente o haver de continuar no governo, e reſiſtio quanto lhe foy poſſivel; mas obrigado do Real reſpeito delRey D. Sebaſtiaõ, houve de ſugeitar a vontade ao meſmo, que naõ queria. Governou ſempre com zelo da honra de Deos, e aſſim floreceo no ſeu tempo a Provincia em ſogeitos dignos de veneraçaõ, accreſcentando aos ſantos coſtumes dos Religioſos, Eſtatutos de grande obſervancia. Encommendava obſervaſſem a Oraçaõ em todos os Conventos, orando a Deos, como enſina a Regra de S. Franciſco. Aos edificios eſpirituaes com que engrandecia a Provincia, augmentou nos materiaes, com as fundações dos Conventos de Alcobaça, Obidos, e Torres Vedras. Acabado o tempo do ſeu governo, quando entendia, que poderia deſcanſar das Prelaſias na obſervancia da Regra, e leys da Religiaõ, foy nomeado Commiſſario Geral deſte Reyno, em que moſtrou o ſeu talento, preferindo nas eleições das Provincias os mais dignos por virtude, letras, e zelo da Regra Serafica. Nos primeiros annos viſitou a mayor parte do Reyno a pé; mas canſado do trabalho, e mortificações, admittio depois hum jumento, que o levaſſe de hum Convento para outro; mas ſem embargo da ſua debilidade, naõ ſe poupava a fazer mui-

tas jornadas por ſeu pé, com ſeus Companheiros, a quem ſempre deu moſtras de ſeu elevado eſpirito. Naõ baſta procedimento claro com virtude ſolida, para intimidar animos orgulhoſos, nem toda a ſinceridade do obrar bem, para que ſenaõ cenſurem, e interpretem ſiniſtramente as acções humanas. Depois da morte do Cardeal Rey, foy privado do lugar, e recluſo no Convento de S. Joſeph, por parcial da Coroa, o que os ſeus emulos levantaraõ, tal vez para ſatisfaçaõ da ſua liberdade, em quem naõ tratava mais do que ſer verdadeiro Religioſo, como teſtemunhou depois o Geral Gonzaga: pelo que foy reſtituido à Prelaſia, e paſſado algum tempo, pelas ſuas repetidas inſtancias foy abſolvido do cargo. Vendo-ſe deſembaraçado ſe deu de todo à obſervancia como verdadeiro Religioſo, edificando com o exemplo, admirando na perfeiçaõ da diſciplina Regular, em que dava a conhecer a pureza da ſua alma. Neſte theor de vida perſeverou, até que por indiſpoſto foy mandado para a enfermaria do Hoſpital, naõ ſe capitulava a queixa por doença, mas por debilitaçaõ de forças; porém em pouco declarada huma maligna, pedio o Santiſſimo Sacramento por Viatico, depois de huma dilatada confiſſaõ. Antes de receber o Senhor, diſſe: *Vós Senhor, ſois teſtemunha do grande ſacrificio, que tive o tempo, que governey a Ordem.* Com eſtas, e outras palavras de humildade, acompanhadas de abundantes lagrimas pedio a Santa-Unçaõ, e entre colloquios, e repetidas jaculatorias, eſperou a deſejada hora. No dia ſeguinte eſtando ouvindo Miſſa, abraçado com hum Crucifixo, ao tempo que o Sacerdote elevava a Hoſtia, ſubio a ſua alma a gozar da Viſaõ Beatifica, vendo realmente o Cordeiro Immaculado, que adorava a ſua Fé, como piamente ſe póde crer da ſua virtuoſa vida.

Fr. Diogo da Piedade Arrabido.

D Em Noſſa Senhora da Porciuncula de Torres Vedras, do Patriarcado de Lisboa, deſcançou em paz Fr. Diogo da Pidade, da meſma Provincia da Arrabida, Varaõ eſcolhido, pio, modeſto, e penitente, em quem as virtudes pareceraõ naturaes, pela efficacia da Divina Graça, que lhe dava alentos para as praticar. A ſua cama era huma cortiça, e por cabeceira hum tronco; o ſuſtento taõ pouco, que naõ paſſava de huma tijela de caldo, ſem nunca provar carne, nem vinho. A's diſciplinas da Communidade ajuntava outras aſperas, e repetidas,

petidas. As noites paſſava em vigias, gaſtando-as em contemplar na Divina eſſencia com grande copia de lagrimas, com que fazia mais fervoroſa a ſua Oraçaõ. Vivia ſempre mortificado, ſem levantar os olhos do chaõ, quando fallava com alguma mulher, o que raramente lhe ſuccedia, conſervando naõ ſó no interior, mas ainda no exterior, huma natural honeſtidade a pureza da ſua alma. Celebrava o Santo Sacrificio da Miſſa com tanta reverencia, que em continuadas lagrimas, dava a ſua veneraçaõ à Fé glorioſo triunfo. Sempre eſtava recolhido, ou lendo, ou orando. As ſuas praticas naõ continhaõ ſenaõ materias de eſpirito, com que edificava, e compungia aos circunſtantes. Foy de condiçaõ branda, ſuave no trato, de admiravel charidade, e de grande prudencia, partes, que o fizeraõ taõ amado dos Frades, que naõ tendo mais, que oito annos de Habito, o occuparaõ nos lugares da Ordem, que exercitou com grande decoro da Religiaõ, obſervando com pontualidade os Eſtatutos da Reformа; e aſſim de commum conſentimento foy eleito em Miniſtro Provincial. Sendo ainda mancebo, mas de eminente virtude, acabado o tempo da Prelaſia, tornou ao ſeu antigo ſocego, e começou com novo fervor os exercicios eſpirituaes, que continuou em quanto lhe durou a vida.

E Na Cidade de Nangaſachi, o famoſo certame dos Padres Fr. Luiz de Flores, Dominico, Fr. Pedro de Zuniga, Eremita Agoſtinho, ambos amigos, e Companheiros nos trabalhos, Varões verdadeiramente Apoſtolicos, em quem luzio o zelo da Religiaõ Catholica, ardendo nelles o amor de Deos, para com o proximo, que os obrigou a novos trabalhos. Padecia a Chriſtandade do Japaõ, de que já tinha ſahido Fr. Pedro, na geral exterminaçaõ de todos os Religioſos, e compadecido dos rogos daquelles afflictos Chriſtãos, inflammado do zelo do ſeu bem, acompanhou a Fr. Luiz, que com os meſmos deſejos de ſervir ao Senhor paſſava àquelle Imperio com conhecimento verdadeiro do riſco da vida, e com ſanta enveja dos trabalhos de alguns Religioſos ſeus Companheiros, que eſtavaõ em odio da Fé, prezos no Japaõ. Fizeraõ viagem em hum navio, de que era Meſtre hum Japaõ Catholico, chamado Joaquim Firuyama, e dizendo ſerem Mercadores, que paſſavaõ a commerciar àquelle Reyno: deraõ porém conta ao

Fr. Luiz de Flores, Domin. Fr. Pedro de Zuniga, Erem. Joaquim, e 12 Compan. MM. Jap.

Meſtre do ſeu deſignio, que eſtimou levar taõ bom ſoccorro, porque era bom Chriſtaõ. Depois de terem padecido no mar tormentas, e em terra dous annos de prizaõ, e outros varios trabalhos, por encobrirem ſerem Religioſos. Finalmente, quando já a diſſimulaçaõ lhe pareceo injurioſa ao eſtado de Miſſionarios, confeſſaraõ ſerem Sacerdotes, e Prégadores do Evangelho, em cuja confirmaçaõ dariaõ liberalmente as vidas. Foraõ condemnados a morrerem queimados vivos, e juntamente o Meſtre do Navio, que os conduzio naquella viagem ſeguros ao Ceo, e a todos os marinheiros da ſua embarcaçaõ. Oppoz-ſe Joaquim, manifeſtando ſer elle ſó reo da culpa, por naõ ſerem ſabedores os marinheiros, que eraõ aquelles homens Sacerdotes; e aſſim naõ deviaõ ſer punidos pelo crime, que era ſó ſeu, o qual eſtimava tanto, como caminho que lhe ſegurava a eterna felicidade. Concederaõ condicionalmente aos pobres marinheiros as vidas, ſe apoſtataſſem da Fé, o que elles ouviraõ taõ ſentidos, que em altas vozes confeſſaraõ o Nome de Jesu Chriſto, offerecendo com boa vontade as vidas em obſequio da Fé, pela qual foraõ degolados, e os dous Religioſos, com Joaquim queimados vivos, em que animados por auxilio eſpecial, ſe ſaudavaõ no cruel martyrio, até que rendidas as vidas nas mãos do Creador, ſobiraõ glorioſos Martyres ao Ceo. As ſuas cinzas colhidas pelos Fieis ſe guardaõ com veneraçaõ.

Sor Cuſtodia de Jeſus, Dom.

F Neſte dia, duas Religioſas Dominicas, que em diverſos Conventos com glorioſo fim deraõ remate às ſuas virtuoſas acções, Sor Cuſtodia de Jeſus no Moſteiro da Roſa de Lisboa, de taõ admiravel charidade, que por compaixaõ dos pobres dava tudo quanto poſſuia, chegando a deſpir os veſtidos inteiros, e deſcalçarſe, ſó por remediar aos neceſſitados. Teve grande devoçaõ à Virgem Santiſſima, a quem recorria nas ſuas afflições, e em amantes queixas reſpirava o ſeu eſpirito. A eſta Senhora pedio toda a vida foſſe a ſua morte em alguma feſtividade ſua. Adoeceo com enfermidade larga, e cuſtoſa, com grandes dores no corpo, que ſofria com animo; e depois de bem purificada na paciencia, vendo os Medicos ſe aviſinhava o ultimo termo da vida, a mandaraõ ungir: ouvio a nova com alegria. Diſſe-lhe huma Companheira, como ſe achava taõ contente, tendo paſſado o dia da Aſſumpçaõ da Vir-

Virgem; a que prudente respondeo, que o Oitavario ainda era festa sua; e assim se dava por bem despachada.

Sor Branca de S. Francisco, no Mosteiro da Assumpçaõ da Villa de Moura, que exercitando-se nas obrigações do seu estado, com perfeiçaõ acabou a vida, deixando entre as Religiosas opiniaõ de virtuosa. No dia do seu transito, ao tempo, que se lhe fazia o Officio, se ouvio na Enfermaria hum estrondo, que entendeo huma Irmãa Leiga, (devia de ser sua amiga) que era aviso, que lhe fazia Sor Branca: preparou-se para a morte, e conseguio verificallo com felicidade. *Sor Branca de S. Francisco, Dom.*

G Em o Convento de S. Simaõ, de Conegos Regrantes, o felice transito de D. Payo Garcia, que vivendo no dito Convento debaixo da Canonical Regra de Santo Agostinho com grande exemplo de vida, foy eleito Prior daquella Casa, cargo, que exercitou com especial edificaçaõ dos subditos. Resplandeciaõ nelle as virtudes, crescendo a taõ subida perfeiçaõ, que conseguio dos homens hum tal respeito, que geralmente era nomeado o *Prior Santo de S. Simaõ.* ElRey D. Affonso Henriques, o estimava com tal veneraçaõ, que se encommendava nas suas Orações. De taõ constante credito de virtude no juizo dos homens piamente cremos conseguio o premio eterno na Celeste Jerusalem. *Dom Payo Garcia, Coneg. Regr.*

H No Mosteiro de Nossa Senhora da Ribeira, Diocesi de Lamego, o obito de Fr. Francisco dos Anjos, Confessor deste Religioso Mosteiro, e verdadeiro imitador da pobreza de seu Serafico Patriarca, pois para sempre ser necessitado aceitava menos do que lhe era preciso, e ainda repartia com os pobres, com quem de ordinario comia. Teve huma notavel modestia exterior, que era fiel mostradora da paz, e socego de seu espirito. No seu tempo logrou aquella Communidade hum espiritual Director, e hum admiravel Conselheiro, aonde permanecerá sempre a fama da sua virtude, conservada na memoria daquella Casa, que tanto lhe deveo no augmento espiritual, elevando com a sua direcçaõ muitas almas ao estado perfeito. O Senhor, que achava, que era já tempo de lhe dar o premio, porque a sua alma suspirava, largando as prizões da carne, ficou estendido com os braços em fórma de Cruz, e ainda fez mais prodigiosa a sua morte; porque tendo padecido huma doença de effeitos asqueroſos, assim que faleceo exhalava tal cheiro, *Fr. Francisco dos Anjos, Franc.*

cheiro, que moſtrava na ſuavidade o poder do Altiſſimo, ſendo taõ ſobrenatural, e taõ activa a penetraçaõ, que eſtando o corpo na Igreja, logravaõ as Religioſas no Coro a fragrancia. A' ſua morte concorreraõ dos póvos viſinhos innumeravel gente, tratando cada qual de ver ſe podia conſeguir alguma Reliquia, com que ſatisfazer a ſua devoçaõ, que a vozes o appellidavaõ Santo.

Dona Joanna de Albuquerque, Ciſterc.

I Neſte dia, no Real Moſteiro de Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo, he memoravel a Madre D. Joanna de Albuquerque, a qual de muy pouca idade começou a dar moſtras, que o Soberano Senhor a tinha eſcolhido para ſua Eſpoſa, anticipando-lhe a graça nos exercicios da virtude. Era ſingularmente devota da Virgem Santiſſima, com o titulo do Roſario, e muy dada à Oraçaõ mental. Com taõ admiraveis principios entrou na Religiaõ, e augmentando-ſe nas devoções, começaraõ a luzir as virtudes, que conſervou até o fim da vida, com maravilhoſo aproveitamento da ſua alma. Obſervou com exacta pontualidade a Regra Monaſtica, que profeſſara, ſem nunca quebrar algum dos ſeus preceitos. Era tal a ſua humildade, que já mais ſe apartou da vontade da Prelada; de ſorte, que parecia a reſignaçaõ effeito da natureza. Todo o tempo, que lhe reſtava do Coro, gaſtava no ſanto exercicio da Oraçaõ, em que mereceo ſingulares favores, e em outras devoções, com que recreava, e augmentava o ſeu eſpirito; de ſorte, que ella era o vivo exemplar das ſuas Companheiras, ainda daquellas, que viviaõ com a mayor perfeiçaõ. Eſte theor de vida fez, que o Prelado mayor da Religiaõ a tiraſſe deſte Moſteiro, e a levaſſe para o que de novo fundara em Lisboa de Religioſas da meſma Regra, mas de mayor rigor, por ſerem Recoletas Deſcalças, para que com o ſeu exemplo ſe animaſſem as Companheiras. Aqui padeceo muito o ſeu eſpirito, experimentando muitas occaſiões, em que ſe purificou, e ſe adiantou nos exceſſos de amar ao ſeu Eſpoſo, ſem que as ſequidões, que experimentava na Oraçaõ, foſſem motivo, para que afroxaſſe nos exceſſos: de tal ſorte ſe profundou na humildade, que mereceo conſeguir ſingulares favores do Divino Eſpoſo. Tinha mudado o appellido de Albuquerque, chamando-ſe Joanna de Jeſus; e em huma occaſiaõ eſtando orando lhe appareceo o Senhor, e lhe communicou aquelle taõ celebre favor, que le-

mos

mos na Vida de Santa Thereſa, pois o meſmo Senhor lhe fez intellectualmente perceber, que ſe ella era Joanna de Jeſus, elle era JESUS de Joanna. Padecia muitos achaques, e taõ repetidos, que a puzeraõ por vezes no fim da vida, e taõ continuados accidentes, e taõ largos, que lhe duravaõ cinco horas; em hum mereceo, que a Virgem Santiſſima em huma intellectual vizaõ a conſolaſſe, animando-a à perſeverança dos trabalhos. As repetidas doenças a obrigaraõ a voltar para o ſeu Moſteiro, onde viveo depois alguns annos no meſmo theor de vida, merecendo conſeguir do Senhor repetidos favores, com que mais ſe abrazava pelo amar. Era já conhecida a ſua virtude, pelo que muitas peſſoas ſe recommendavaõ nas ſuas orações, e eraõ ellas taõ gratas à Divina Mageſtade, que fortiraõ felices deſpachos com grande credito de ſua Serva. Finalmente, chegado o ultimo prazo da vida, adoeceo gravemente, e deſenganada dos Medicos, com grande reſignaçaõ, e goſto, na madrugada do dia de ſeu Padre S. Bernardo, foy ſolemniſar no Ceo a ſua feſta, como ella tinha dado a entender. Aſſim que deu a alma ao Creador, ſe vio na ſua cella huma taõ grande luz, que pareciaõ reflexos do Sol, moſtrando o Ceo com eſta maravilha a gloria de que já gozava ſua alma. As ſuas alfayas, por conſelho do ſeu Confeſſor, ſe repartiraõ como Reliquias, e com huma experimentou hum homem na meſma terra o premio da fé, com que ſe valera da ſua interceſſaõ.

Commentario ao XX. de Agoſto.

A FOy D. Jeronymo Oſorio, (conforme o noſſo Catalogo) XXXVII. em numero dos Biſpos do Algarve, que entaõ ſe coſtumavaõ aſſinar de Sylves. Em ſeu tempo ſe paſſou a Sé daquella Cidade para a de Faro, onde hoje permanece. Naſceo na Cidade de Lisboa, e foraõ ſeus pays Joaõ Oſorio da Fonſeca, que paſſou à India por Ouvidor Geral, com o Vice-Rey D. Vaſco da Gama, onde ſervio com valor em todas as acções, que houve no ſeu tempo, (era filho quarto de Alvaro Oſorio da Fonſeca, Senhor das Villas de Figueiró da Granja, Santa Eufemia, e outras terras, da nobre Familia de Fonſecas.) Caſou com Franciſca Gil de Gouvea, filha de Affonſo Gil de Gouvea, Criado, e Vaſſallo do Infante D. Fernando, pay delRey D. Manoel, e Ouvidor das terras do dito Infante, da Familia de Gouveas, e de ambas ſe faz memoria nos Livros de Gerações deſte Reyno. A eſte taõ nobre naſcimento ajuntou o Biſpo D. Jeronymo Oſorio as virtudes, que temos relatado no Texto, ſendo admiraçaõ daquelle tempo; de ſorte, que ainda daquelles, que lhe naõ eraõ muy affectos era louvado, pela integridade da ſua caſta vida, pela fidelidade dos negocios; e porque ſendo intrepido nos perigos, ſe

havia

havia nas adverſidades com conſtancia de animo, que admirava; virtudes eſtas, que baſtavaõ para o qualificar Heroe, quando naõ tivera outras, que fizeraõ glorioſa a ſua memoria. O Infante D. Luiz lhe entregou ſeu filho D. Antonio, depois Prior do Crato, para que lho educaſſe, como Meſtre, depois de o ter ſido em Bemfica o Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. De ſorte o inſtruîo, que ſahio bom Latino, e noticioſo das boas letras: mas naõ imitador das virtudes de taõ eſclarecidos Meſtres. Naquella idade floreſcente de engenhos ſublimes, de todos foy Oſorio venerado, eſcrevendo-lhe Principes, Cardeaes, e outras peſſoas de grande cathegoria, ou attrahidos da ſua eloquencia, ou das ſuas Obras. Na ſua Igreja ſe occupava ſempre Prégando taõ continuamente, que era chamado o Prégador da Sé. Em preſença delRey D. Sebaſtiaõ o fez algumas vezes, ajuntando à eloquencia natural, ſingular doutrina, ornada de ſagrada erudiçaõ. Naõ eſcrevia de ordinario os Sermões, e aſſim ſe acharaõ muy poucos. Delle he celebre hum do Mandato, pelo artificio. Finalmente, cheyo de gloria acabou neſte dia, no anno de 1580, tendo ſetenta e quatro de idade. Das ſuas Obras fez huma Collecçaõ ſeu ſobrinho o Doutor Jeronymo Oſorio, Conego de Evora, homem douto, criado em a caſa de ſeu tio, que baſta para o ſuppormos cheyo de virtudes. Eſtas imprimio em Roma em tres Tomos, no anno de 1592, e dedicou a Filippe Prudente. Contém o ſeguinte:

No I. Tomo.

De Nobilitate Civili, lib. 2.
De Nobilitate Chriſtiana, lib. 3.
De Gloria, lib. 5.
De Regis Inſtitutione, & Diſciplina, lib. 8.
De Rebus Emmanuelis, lib. 12.
Defenſio ſui nominis
Epiſtolæ variæ.

II. Tomo.

Admonitio in Epiſtolam ad Eliſabetham Angliæ.
Epiſtola ad Eliſabetham Angliæ Reginam. Eſta traduzio em Francez Joaõ Maumont.
In Gualterum Haddonum, lib. 3.
De Juſtitia, lib. 10.
De Sapientia, lib. 5.
In Epiſtolam B. Pauli ad Romanos, lib. 4.

III. Tomo.

Paraphraſis in Job, lib. 3.
Paraphraſis in Pſalmos.
Notationes in Paraphraſim in Pſalmos.

Além deſtas Obras compoz outras muitas, de que algumas andaõ impreſſas, outras manuſcritas.

Traduzio em Latim as *Meditações*, que o Cardeal Rey fez à Oraçaõ do Padre Noſſo, com outras Homilias, e Meditações do meſmo Principe, e ſe imprimiraõ em Lisboa, anno 1576, por Franciſco Correa.

Breves Annotações, ou *Paraphraſis de Iſaias*: era hum huma maõ de papel, e ſe perdeo em Roma, eſtando revendo-ſe para ſe imprimir, de que naõ ficou copia.

O Pſalmo Miſerere, por extenſo.

Huma Oraçaõ Funebre em as Exequias delRey D. Joaõ o III. que ſe celebraraõ em Coimbra m. ſ.

Hum pequeno *Tratado do Reyno do Algarve*, que allega a *Monarch. Luſit.* liv. 2. cap. 13. pag. 140.

Traduzio em Portuguez os *Decretos do Concilio de Trento.*

Fez alguns Epitafios, para as ſepulturas Reaes do Convento de Belem. Deſejou eſcrever as Chronicas dos noſſos Reys, e ſeria de grande utilidade, como de ſeu Author, mas naõ teve effeito.

Muitas Cartas m. ſ. ſe conſervaraõ nas maõs dos curioſos, entre ellas com grande eſtimaçaõ, a que eſcreveo a ElRey D. Sebaſtiaõ, ſobre a juriſdiçaõ Eccleſiaſtica. Outra ao meſmo Rey, ſobre o meſmo negocio, eſcritas contra Maximo Dias de Lemos, Juiz dos feitos da Coroa. Outra Carta eſcrita à Rainha D. Catharina, quando quiz ir para Caſtella. Outra a ElRey D. Sebaſtiaõ, ſobre caſar em França. Outra ao Cardeal Rey, ſobre o direito da ſucceſſaõ de que ha muitas copias.

Compoz hum, ou dous Capitulos ſobre Ezechiel, e no fim huma Poeſia ao Naſcimento.

Muitas Obras ſuas Latinas andaõ impreſſas em differentes partes, em volumes pequenos.

Muitos Authores o celebraraõ nas ſuas Obras, Jacobo Falcaõ no ſeu primeiro liv. Epig. 68; Raynero Mathiſi lhe fez em huma Ode hum elegante Elogio; D. Antonio Agoſtinho, Arcebiſpo de Caragoça, e ſeu Companheiro em Bolonha, Varaõ clariſſimo em letras, e virtudes,

lhe

lhe fez eſte breve, e elegante Elogio ao livro *De Gloria*.

Gloria Nobilitatis ſcriptis celebrat diſertis
Clareſcunt ſeculis innumerabilibus.

Seu ſobrinho Jeronymo Oſorio na ſua *Vida*, que imprimio no principio das ſuas Obras; Antonio Lopes na ſua *Vida*; D. Nicolao Antonio *in Bibliotheca Hiſpanica*; Schotus *in Bibliotheca Hiſpania*, tom. 3. pag. 528; Franco na *Bibliotheca Luſit.* m. ſ. o Padre Franciſco da Cruz nas Memorias para o meſmo aſſumpto; Faria *Europa Portug.* no Prologo; Joaõ Matalio, ou Metello, no Prefacio, que fez ao livro *de Rebus Emmanuelis*; Franciſco Bacconio *de Augmento Scientiarum*; Franciſco Sanches *in Paradoxis*; Matamoros *de Arcad. Doct. Hiſp.* Avila *Grandezas de Madrid*, pag. 506; Gaſpar Pinto Correa no Prologo do ſeu livro *Luſitania Captivitas*. Morery *le Grand Dictionaire Hiſtorique in verbo Oſorio*, faz huma eſtimavel memoria deſte Prelado. D. Gregorio Mayans y Siſcar, Bibliothecario delRey Catholico D. Filippe V. Varaõ Erudito, na *Vida do Arcebiſpo D. Antonio Agoſtinho*, pag. 104, impreſſa em Madrid, anno 1734, e outros muitos Authores.

B No anno de 1619, morreo no carcere Diogo, e André, Japões, Companheiros de outros Soldados de Chriſto, que no meſmo anno acabaraõ ditoſamente a vida em obſequio da Fé, de que ſe lembra o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, no Imperio do Japaõ, pag. 280.

C Na celebre Villa da Torre de Moncorvo, Cabeça de dilatada Comarca, na Provincia de Tras os Montes, do Arcebiſpado de Braga, naſceo Fr. Damiaõ da Torre, a quem a Patria deu o appellido, de pays nobres, e tomando o Habito na Capucha da Arrabida, foy hum dos mais graves Religioſos, que ella venera. Faltavaõ-lhe os annos para a authoridade, mas ſobrava-lhe a razaõ; e aſſim animado ſoube perſuadir aos mais a conſtancia naquella tempeſtade, em que o odio diſfarçado em zelo, como de ordinario ſuccede nas Communidades, depois da morte de ſeu Fundador, intentou desfazer a Cuſtodia. Conſtava de tres Conventos ſómente; juntaraõ-ſe os Padres graves no de Palhaes, e já deſanimados ſe davaõ por ſugeitos ao que o Commiſſario Geral determinaſſe, ſe Fr. Damiaõ, em quem já reinava aquelle religioſo eſpirito, que depois a continuaçaõ dos annos confirmou na experiencia, lhe naõ eſtranhara a frouxidaõ, e o quanto ſentia vellos eſquecidos do que o ſeu Santo Fundador lhe encommendara na preſeverança da reforma. Com taes palavras os animou, que aſſentaraõ reſiſtir à violencia, que ſe lhe intentava fazer; e conſeguiraõ a quietaçaõ, ſendo Fr. Damiaõ verdadeiramente o reſtaurador da Provincia. Com o tempo veyo a governar, chegando ao lugar mais eminente neſte Reyno de Commiſſario Geral de toda a Religiaõ Serafica, em que os mal contentes lhe fulminaraõ o infortunio já referido, ſendo mandado com o nome de prezo, para o Convento de Saõ Joſeph, em que lhe naõ faltaraõ motivos para a paciencia, daquelles que imaginaõ fazer a fortuna, pela infelicidade alheya, e que poucas vezes colhem ſazonado fruto de ſemelhantes cuidados. Reſtituido ao lugar com taõ pleno puder, que bem puderaõ experimentar os ſeus emulos o merecido caſtigo das ignominias, e afrontas, com que o trataraõ na adverſidade, que experimentou, ſe a ſua prudencia ſe naõ governara pela virtude, e Religiaõ Chriſtãa. Pouco tempo continuou no Officio, de que voluntariamente ſe abſolveo, com repugnancia do Geral; de que livre ſe retirou ao Convento de S. Joſeph, dando-ſe de tal ſorte à vida eſpiritual, que dizem as Memorias antigas, que fizera clauſura da Clauſura, paſſando em vida taõ recoleta, como ſe fora Eremita, no mais occulto deſerto. Neſte eſtado o achou a morte, da ſorte que temos já eſcrito, no anno de 1594, neſte dia. Seu corpo foy acompanhado das Communidades, e levado aos hombros do Duque de Aveiro, do Marquez de Ferreira, dos Condes de Linhares, e Portalegre, a quem depois renderaõ varios Religioſos graves, ſendo ſeguido de hum grande concurſo de gente, que acreditavaõ na veneraçaõ o merecimento do defunto. Foy ſepultado em S. Joſeph, no Capitulo da parte do Evangelho. Deſte Padre vimos varias memorias, que tinha junto Joaõ de Brito Mello, para a *Chronica da Provincia*, como tambem o *Memorial da Provincia da Arrabida* m. ſ. num. 127.

D. Na meſma Villa da Torre de

Moncorvo, naſceo Fr. Diogo da Piedade, que tomando o Habito na Provincia da Arrabida, naõ tendo ainda quinze annos, ſe criou com o exemplo daquelles primeiros Padres, que a ajudaraõ a fundar, de que foy ſexto Miniſtro Provincial, Religioſo de grande obſervancia, e virtude. ElRey D. Sebaſtiaõ o eſtimou tanto, que quando hia a S. Joſeph o viſitava na ſua cella, para o ouvir fallar de Deos, o que fazia com eſpecial dom de graça: eſcrevia-lhe communicando-lhe materias graves, a que ElRey ordenava reſpondeſſe, interpondo o ſeu parecer, no que entendeſſe importava à ſua peſſoa, e Reyno, e tudo o que lhe dizia aceitava como de homem deſapegado do Mundo. ElRey o levou à jornada de Africa, e ficou doente em Arzila, e ſe entendeo entaõ ſer fatal a ſua auſencia, ao tempo que ſe deu a batalha no Campo de Alcacer, pois lha fizera dilatar para o dia ſeguinte; porque o ouvia com reſpeito, e já na jornada moſtrara o quanto valia; porque detendo-ſe ElRey em Cadiz, lhe advertio, que era prejudicial a demora naquelle ſitio, e logo a continuou; mas tudo havia de faltar, para que foſſe inevitavel a deſgraça. Faleceo na Enfermaria de Lisboa, neſte dia, do anno de 1584, com geral ſentimento da Provincia. Delle faz menção a *Deſcripçaõ da Provincia da Arrabida*, e outras Memorias m. ſ. que temos deſta Provincia.

E Neſte dia de 20 de Agoſto, do anno 1499, apportou felizmente no rio de Lisboa o grande D. Vaſco da Gama, com dous navios da primeira viagem, e deſcobrimento da India, e como ao ſeu coraçaõ, e fortuna, deve a Igreja Catholica, ſer elle o que lhe abrio as portas, taõ cerradas até entaõ aos Operarios do Evangelho, de que a Religiaõ Chriſtãa tem tirado taõ glorioſos troſéos, de juſtiça nos pareceo lembrarnos com eſta curta memoria do deſcobridor da India, como origem da gloria Luſitana, que pela introduçaõ dos Miſſionarios no Oriente, fará ſempre eſtimado o nome dos Monarcas Portuguezes, (e da Sé Apoſtolica,) em que o zelo permanece do augmento da Fé, naquelle Eſtado, mais conſervado para os Miſſionarios Apoſtolicos, do que por conveniencias temporaes. Os glorioſos Martyres deſte dia nos trouxeraõ à memoria eſte inſigne Heroe, cujo appellido reſpeitado no Oriente, ſerá immortal na memoria das Nações Eſtrangeiras.

Era Fr. Luiz de Flores, Flamengo, natural da Cidade de Anvers, e Fr. Pedro de Zuniga, Heſpanhol, Joaquim Firuyama, Meſtre do Navio Japaõ, e os marinheiros naturaes da meſma Ilha. Naõ he razaõ, que eſtando os ſeus nomes eſcritos no livro da vida, deixem de ſerem neſte nomeados. Leaõ Suqueyemon, Joaõ Joyemon, Miguel Dias Portuguez, Marcos Ximiemon, Thomé Coyanagui, Antonio Yamanda, Jacobe Denii, Lourenço Rocuyemon, Paulo Sankichi, Joaõ Mangata, Joaõ Yago, Bartholomeu Moſioye. Todos quinze foraõ martyrizados no anno de 1622, de que ſe lembra Soveges no *Anno Dominico*; Lima no *Agiologio*; o *Anno Dominico*, feito por hum Terceiro da Ordem, todos neſte dia; o Padre Cardim no 19, a pag. 285; a *Chron. das Filip.* liv. 2. cap. 18, e 19.

F Em eſte dia, como temos dito, faleceraõ Sor Cuſtodia no anno de 1580, no Moſteiro da Roſa; e no de Moura, no de 1598, Sor Branca, irmãa de Sor Jeronyma de S. Joaõ, de quem eſcrevemos a 20 de Julho. Dellas fazem menção Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 3. pag. 105, e part. 2. pag. 475; Lima no *Agiologio da Ordem*, neſte dia; Soveges no *Anno Dominico*, a 22 de Julho.

G No Arcebiſpado de Braga, no Julgado de Faria, termo de Barcellos, eſtá ſituado o Convento de S. Simaõ da Junqueira, meya legoa diſtante de Villa do Conde, entre os rios Ave, e Deſte. Entre os Conegos antigos, que habitaraõ eſte Convento depois da Reſórma, ſe conſervou tradiçaõ, que paſſou às ſuas Chronicas, que já exiſtia eſte Convento antes da perda de Heſpanha. A D. Payo Guterres, chama o Conde D. Pedro no ſeu Nobiliario tit. 55, Fundador do dito Moſteiro, e o meſmo ſegue o Doutor Fr. Antonio Brandaõ na III. Parte da *Monarch. Luſit.* liv. 8. cap. 30. pag. 57: entendemos, que o reformaria de novo, e por iſſo ſe lhe daria o Padroado, e ſe lhe chama Fundador do Moſteiro de S. Simaõ da Junqueira, (e o foy do de Souto, e do de Vilella) porque conſta ſer mais antigo, como moſtra o Chroniſta dos Conegos Regrantes D. Nicolao, na ſua *Chron.* part. 1. liv. 6. cap. 11, e aſſim

nos

nos parece, que D. Payo Guterres; porque o accreſcentou em rendas, e edificios, ficou tido por Padroeiro, e aſſim o lograraõ com eſte titulo ſeus deſcendentes, já com o titulo de Cunha, taõ illuſtrado em Portugal, e Caſtella, que fizeraõ huma notavel doaçaõ no anno 1180, ao Prior D. Payo Garcia, que faleceo neſte dia, do anno de 1190, como diz o Epitafio da ſua ſepultura, que eſtá na parede do Altar de Santo Agoſtinho, e he o ſeguinte:

XIII. Kal. Septemb. obiit in Domino Venerab. P. D. Pelagius Garcia Prior hujus Monaſterii, Æra 1230.

H Naõ chegou Fr. Franciſco dos Anjos a dar fim ao triennio de Confeſſor do Moſteiro de Noſſa Senhora da Ribeira; porque ſuccedeo a ſua morte neſte dia, do anno de 1616, como refere Soledade na III. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 2. cap. 28. pag. 244.

I No Lugar de Moima, do qual já fizemos menção naõ Commentario do dia 22 de Julho, letra M, de D. Sebaſtiana de Albuquerque, Religioſa do meſmo Moſteiro, que pelo appellido, e por ſer da meſma terra, entendemos ſeria ſua parenta D. Joanna de Albuquerque, de quem as Memorias, que ſeguimos nos naõ daõ mais conhecimento, do que ſerem ſeus pays devotos, e pios. Queriaõ muito a eſta filha, pela verem inclinada à virtude, e aſſim a encaminhavaõ em exercicios ſantos; até que tomando o Habito em Lorvaõ, ſe augmentou de ſorte no eſpirito, que deixou naquella Caſa huma admiravel opiniaõ da ſua vida, e de eſpeciaes favores, com que Deos enriqueceo a ſua alma. Della ſe conta, que eſtando o Coro impedido com obras, rezava a Communidade na Caſa do Capitulo, a quem ella por enferma naõ podia ſeguir, e hia para a tribuna da Igreja a rezar o Officio Divino, e neſte lugar lhe appareceo o Senhor, dizendo-lhe: *Aqui venho comtigo aliviar as ſaudades da minha Communidade, e te ordeno, que a eſte lugar venhas rezar ſempre.* Em ſe levantando pela manhãa, a primeira deligencia era viſitar o Santiſſimo Sacramento, à grade em que ſe commungava, e com profunda humildade, e coraçaõ ſincéro dizia eſtas palavras: *Huma eſmolinha da ſua graça*: e ao meſmo tempo ſahia do Sacrario huma figura branca, que aos olhos repreſentava ao modo de borboleta, e lhe entrava na boca, como referio o Doutor Fr. Antonio da Conceiçaõ, ſeu Confeſſor, querendo Deos pelos ſeus impenetraveis ſegredos, moſtrar o quanto ſe agradava deſta ſua Serva. Ainda que aos olhos dos criticos pareceráõ eſtes favores dilirios da imaginaçaõ, de quem os recebia, e abſurdos das pennas daquelles que os eſcrevem, com tudo nós o naõ quizemos omittir; porque na *Hiſtoria Eccleſiaſtica* o vemos acreditado com muitos exemplos; porque ſaõ imperceptiveis os ſegredos, com que Deos anima, e favorece os ſeus eſcolhidos, ſervindo-ſe de figuras proporcionadas à noſſa idéa, para ſer adorado. A virtuoſa vida deſta Serva de Deos, como temos dito, a inculcou para que no anno de 1659, a mandaſſe o Prelado para o Moſteiro das Deſcalças do Mocambo, onde ſervia com grande conſolaçaõ àquellas Religioſas; porém como padecia graves achaques, e naõ havia criadas na Communidade, ſentia o deſcomodo, que cauſava às Companheiras, e eſte foy o motivo, porque voltou para Lorvaõ, onde faleceo ſantamente no anno de 1681, como referem as Memorias, que temos deſte Real Moſteiro.

AGOSTO XXI.

Fr. Antonio da Natividade, Fr. Antonio da Paixaõ, e Fr. Doming. do Naſcimento Eremitas, e 152 Comp. MM.

AM Mombaça, na Ethiopia Oriental, o glorioſo certame dos Illuſtres Soldados de Chriſto, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, Fr. Antonio da Natividade, Prior que entaõ era do Convento de Santo Antonio daquella Feitoria, Fr. Antonio da Paixaõ, e Fr. Domingos do Naſcimento, os quaes recolhendo dentro do ſeu Moſteiro muitos Chriſtãos, que pertenderaõ impedir a aleivoſa acçaõ do Apoſtata Rey D. Jeronymo Chingala, defendendoſe por alguns dias. Soube o Prior, que com hum aſſalto ſe intentava entrar no Moſteiro; forçando as portas voluntariamente, as mandou abrir, e com hum Crucifixo nas mãos, exhortou a todos, a que deſſem as vidas por quem os havia remido; e com admiravel fortaleza animando a todos, foy o primeiro, que deu a vida, acompanhando-o o Irmaõ Diogo da Madre de Deos Mantelato, Eremitaõ da Ermida de Noſſa Senhora das Merces. Neſte numero entrou D. Antonio, natural de Melinde, primo do Apoſtata Rey, que com animo reſoluto quiz com o ſeu ſangue teſtimunhar a firmeza da Fé, que profeſſava, o qual depois de paſſado com ſettas, foy degolado pelo impio D. Jeronymo, ſeu primo. Todos os mais, que alli venturoſamente ſe acharaõ, que fariaõ numero de cento e cincoenta e dous, foraõ mortos pelos Cafres Muzungalos com cruel inhumanidade, ſem excepçaõ de ſexo, nem idade; porque aſſim homens, como mulheres, moços, e meninos, eraõ victimas da tyrannia, acabando atraveſſados das ſettas, a que elles chamaõ Zagaias, e deſta ſorte foraõ coroados de Martyrio, dando as ſuas vida ao odio, que o Tyranno Apoſtata tinha à Fé, que elles fizeraõ glorioſa neſte dia: e depois paſſados cinco mezes, ſe achou incorrupto o corpo de Fr. Antonio da Paixaõ, ſendo expoſto a mantimento das féras, e das aves, que por altiſſimo decreto da Providencia Divina, o naõ tocaraõ, para que foſſe mais manifeſta a gloria do Senhor.

Urſula, M. Japoa.

B Em Ximabura, no Japaõ, o invencivel triunfo de Urſula, que depois de ter padecido o cruel tormento das aguas ferven-

ferventes de Ungem, que a crueldade Japonica inventou para terror dos Chriſtãos, e affliçaõ dos Martyres, ſubio glorioſa ao Ceo, coroada da invencivel palma, com que venceo aos impios tyrannos, a qual lhe durará immarceſſivel por toda a eternidade.

C Item em Deva, no meſmo Imperio, acabou conſumida dos trabalhos no carcere Iſabel, ſem outro crime, que o ſer Chriſtãa; e ſendo preza com aperto, nem o horror da morte, que via executar nos ſeus naturaes, e conhecidos, lhe diminuiraõ a conſtancia, para perſeverar na Fé, que tinha recebido com o bautiſmo; nem as fomes, e ſedes, que ſofria lhe alteravaõ a paciencia, até que rendido o debil da natureza ao rigor da impiedade, acabou em o Senhor. *Iſabel, Jap.*

D Em S. Paulo de Goa, rendeo os ultimos alentos da vida temporal pela gloria eterna, o Padre Balthazar Dias, da Companhia de Jesu, em quem o zelo da prégaçaõ era com tanta vehemencia, e impeto de eſpirito, que algumas vezes quebradas as forças, era preciſo levallo do Pulpito ao cubiculo nos braços; porque de canſado desfalecia de ſorte, que naõ podia dar hum paſſo pelos ſeus pés. Em Goa reduzio a melhor vida a muitas mulheres publicas daquella Cidade com admiraveis converſoens, tomando humas o eſtado de caſadas, outras voluntariamente ſe deſterraraõ para fóra da Cidade, ſeguindo o caminho da penitencia. Acodiaõ os Gentios movidos da ſua fama a ouvillo, e algumas vezes ſuccedeo, que illuſtrados da Divina Graça, pediaõ em alta voz o Bautiſmo, deteſtando a idolatria. Foy mandado por Superior da reſidencia de Malaca, e como já era conhecido pelo ſeu zelo, o receberaõ, como ſe foſſe o Apoſtolo do Oriente; mas a ſua humildade ſabia rebater toda a acclamaçaõ, com que os póvos o reverenciavaõ, chamando-lhe o *Padre Santo*. A eſta Cidade concorrem de todas as Naçõeſ, e ſeitas do Oriente, gentes, levadas da ambiçaõ do commercio, que como de porto franco, ſe repartem por todo o Mundo. Com o pretexto de negocear paſſavaõ aqui disfarçados em Mercadores, Miniſtros de Mafamede, eſpalhavaõ os torpes abuſos do abominavel Alcoraõ. Com eſte induſtrioſo disfarce em pouco tempo conſeguiraõ ſeguir os ſeus erros hum grande numero de Ilhas, fazendo-ſelhes odioſa a Ley de Chriſto, e a Naçaõ Portugueza. Paſſavaõ *P. Bartholomeu Dias, da Comp.*

nas

nas noſſas embarcações eſtas zizanias do Evangelho, e pode o zelo do Padre Balthazar Dias alcançar, que ſe promulgaſſe huma Ley, para que nos navios Portuguezes ſe naõ deſſe paſſagem a Malaca, a nenhum Mouro, Arabio, ou outra qualquer Naçaõ. Neſta Cidade reduzio muitas almas ao conhecimento de JESU Chriſto; bautiſando a muitos, augmentou o rebanho da Igreja; porque tanto trabalhou deſejando paſſar às Ilhas, o Ende mayor, e Solor; mas os frutos, que nellas naõ pode conſeguir, colheo em Malaca. Enſinava os meninos, ſendo pay dos orfaõs, e deſamparados, aſſim brancos como pretos; converteo muitos Gentios; doutrinava aos Chriſtãos, que eſquecidos da Religiaõ Chriſtãa, viviaõ taõ diſſolutos em vicios, que ſe aſſemelhavaõ aos barbaros. O ſeu exemplo, e doutrina os emmendou da devaſſidaõ laſciva, que com a abundancia dos regallos, corria ſolta por Malaca. Trabalhou muito com os Mercadores da Cidade, para nos ſeus contratos os reduzir à equidade, livrando-os das uſuras, em que a ambiçaõ os trazia enganados. Neſte theor de vida perſeverou em Malaca quatro annos, até que ſendo chamado a Goa, viveo onze annos com o meſmo exemplo, de que tirou para Deos muita gloria, que foy receber em premio eterno.

Sor Brites Velha, Domin.

E Na Villa de Abrantes, o falecimento de Sor Brites Velha, que entrando com ſua mãy Guiomar Velha no Moſteiro de Aveiro, da Ordem de S. Domingos, foy verdadeira filha das ſuas virtudes: de taõ admiravel vida, que mereceo com grande extremo a affeiçaõ da Princeza Santa, quando entrou naquella Caſa; teſtemunho, que qualifica a ſua perfeiçaõ, cahir em graça a hum eſpirito taõ claro, e puro. Quando El-Rey mandou ſahir da Villa de Aveiro a Princeza por cauſa da peſte, huma das Religioſas, que eſcolheo para a acompanharem, foy Sor Brites, em quem a virtude era o iman da Princeza, com tal eſtimaçaõ, que morrendo em Abrantes, recolhida a Aveiro, fez trasladar o ſeu corpo àquella Caſa, moſtrando com aquella memoria a veneraçaõ, que tinha a eſta Religioſa.

Commentario ao XXI. de Agoſto.

A NO anno de 1630, neſte dia, foraõ lograr da Gloria, os venturoſos Soldados de Chriſto, Fr. Antonio da Natividade, Prior do Convento dos Eremitas de Mombaça, natural de Lisboa, tinha tomado o Habito no anno de 1610; Fr. Antonio da Paixaõ, natural de Aldea Galega da Merciana, que entrou na Religiaõ no anno 1599; e Fr. Domingos do Naſcimento, natural da Villa de Medello, Biſpado de Lamego, no anno de 1620, todos filhos da Congregaçaõ da India. Na aleivoſa acçaõ, que deixámos eſcrita no dia 16, do impio Apoſtata D. Jeronymo, participaraõ os Padres, e cento e cincoenta e dous Companheiros, cujos nomes ſe eſcreveraõ no livro da vida eterna, como he de crer, por ſerem mortos em odio da Fé, de que ſe fez hum proceſſo authentico, que ſe remetteo à Santa Sé Apoſtolica. Em o anno de 1631, quando o Vice-Rey do Eſtado mandou huma Armada àquella Praça, ſe achou o corpo do Padre Fr. Antonio da Paixaõ, na fórma que temos dito. O referido tirámos de huma Relaçaõ m. ſ. que da India nos mandaraõ. Delles ſe lembra Fr. Antonio da Purificaçaõ na *Chronol. Monaſtica*, neſte dia; e Albergaria no *Triunfo da Nobreza* m. ſ. pag. 85.

B No anno de 1628, padeceo o cruel martyrio das aguas, Urſula, mulher de Joaõ Magaſuke, que com o meſmo tormento acabou a 2 de Outubro. Aſſim o refere o Padre Cardim no *Tratado dos Martyres do Japaõ*, pag. 306.

C De Iſabel, mulher de Joaquim Omi, morta no carcere, neſte dia, do anno de 1624, nos dá noticia o Padre Cardim, no já citado livro, pag. 297.

D Em a Armada, que no anno de 1553, partio do porto de Lisboa para Goa, ſe embarcou o Padre Balthazar Dias, Coadjutor eſpiritual da Companhia, de quem naõ ſabemos Patria. No anno ſeguinte o nomeou por ſeu Vigario o Padre Belchior Nunes, que pelas Miſſoens do Japaõ, largou o ſer Provincial da India, como diſſemos a 10 deſte mez. Declarou-ſe por nulla a eleiçaõ, que largou com modeſtia, e humildade, como quem por obediencia aceitara o Officio, de que deſambaraçado ſe empregou no bem das almas, prégando com tanto applauſo, como proveito dos ouvintes, aſſim nobres como plebeos, acodindo em tanto numero, que naõ cabendo nas Igrejas, lhe era preciſo prégar nos Adros, e muitas vezes na ſemana de manhãa, e tarde. Era de hum animo candido, de converſaçaõ agradavel a todo o genero de gente, attrahindo com a benevolencia o coraçaõ de todos, que tiravaõ do ſeu trato familiar igual fruto, que da prégaçaõ. Foy venerado em Malaca como Santo, cujas glorioſas obras lhe ſeguraraõ a vida eterna, como piamente cremos, neſte dia, do anno de 1571, como diz Souſa no *Oriente Conquiſtado*, Conq. 3. Diſc. 1. §. 39. pag. 316; Telles na *Ethiopia Alta*, liv. 2. pag. 150.

E Pelos annos de 1580, ſuccedeo a morte de Sor Brites Velha, de taõ excellentes procedimentos, que mereceo as attenções da Princeza Santa Joanna, que ſó eſtimava a virtude. Della ſe lembra Soveges no *Anno Dominicano*, neſte dia; Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 13. pag. 381. verſ.

AGOSTO XXII.

O P. Nuno Ribeiro, M. da Comp.

A Ilha de Amboino, acabou, naõ ſem gloria de Martyr, o Virtuoſo Padre Nuno Ribeiro, da Companhia, Varaõ Apoſtolico, eſcolhido para eſta empreza por S. Franciſco Xavier, e de Malaca o mandou ſó a eſta Ilha, donde ſendo grande o trabalho, foy glorioſo o fruto. Derribou idolos, deſtruîo pagodes, levantando a Jesu Chriſto verdadeiros cultos, allumiando as almas com a luz do Evangelho, as tirava das horriveis ſombras da idolatria, pois pelas ſuas mãos bautiſou em hum anno duas mil e oitocentas e ſeis peſſoas. Era exceſſivo o trabalho, porque naõ ſó enſinava aos Indios, mas aos Chriſtãos Portuguezes inſtruîa, encaminhando a todos com paternal amor: pela ſua admiravel vida, e exceſſiva charidade, o reſpeitavaõ como remedio univerſal. Muitas vezes ſe chegou a deſpir, para ſoccorrer os neceſſitados, ficando por algumas ſó com huma manta, e deſta ſorte caminhava a viſitar as povoações, ſuccedendo-lhe algumas vezes ſer com grande falta de ſaude, naõ reparando nos trabalhos proprios, pelo bem daquelles de que ſe tinha encarregado. Suſtentava-ſe de ordinario com raizes do campo, e poucas com arroz, ou milho. Naõ queria nada deſta vida, e por iſſo naõ buſcava peſſoa de que houveſſe de receber beneficio, ſenaõ a quem elle houveſſe de fazer eſmola, ou outro algum bem temporal. Eſtas virtudes o faziaõ naturalmente amado aſſim dos Portuguezes, como dos Indios, creſcendo o reſpeito, e veneraçaõ, pelo dom de profecia, com que lhe annunciava os caſos futuros. Hum dia vendo-ſe a Ilha accommetida dos Mouros, e já ſem eſperanças dos moradores, por ſer grande a Armada, com que era ameaçada, e quaſi chegado o tempo do deſembarque, faltos de animo os ſeus habitadores, choravaõ ſem remedio a eſcravidaõ, eſperando por horas ſerem cativos dos Mouros. Neſta tamanha affliçaõ, o Padre Nuno com animo placido, e quieto, lhe diſſe, que naõ ſe deſanimaſſem, porque em Deos tinhaõ ſeguro ſoccorro; porque os Mouros voltariaõ, mas naõ com tanta proſperidade, como a com que alli chegaraõ. Entrou a Armada no porto com

com grande ſatisfaçaõ dos Mouros; e quando entenderaõ, que ſó com a ſua viſta tinhaõ rendido a Ilha, ſe lhe levantou de improviſo hum temporal rijo, que acabou em huma taõ grande tormenta, que chocaraõ os navios huns com os outros, deſpedaçando-ſe muitos pelo impulſo dos ventos, naufragaraõ miſeravelmente, ſendo poucos os que ſe puderaõ deſembaraçar daquelle perigo, fugindo do porto. Com eſta providencia do Ceo, ficaraõ livres os Inſulanos, em que creſcia a eſtimaçaõ de ſeu Protector. Eſta veneraçaõ, que fazia publica a ſua virtude, era eſtimulo, para dos Mouros ſer perſeguido. Em huma occaſiaõ lhe deraõ veneno, que permittio Deos lhe naõ fizeſſe damno; em outra lhe puzeraõ fogo na ſua pobre caſinha, para nelle perecer abrazado, de que o Altiſſimo com a ſua providencia o livrou. Em outra occaſiaõ eſcapou das mãos deſtes inimigos do Nome de Jesu Chriſto, fugindo em hum barco, taõ pouco ſeguro, que ſubmergido, ſe livrou do mar com grande trabalho a nado, e taõ maltratado dos golpes dos penhaſcos, que ferido o corpo todo, tomou terra taõ rendido do naufragio, que naõ tinha forças para ſe ter em pé, e aſſim andou tres dias arraſtando-ſe pela terra, em hum campo deſerto, até que a Divina Providencia lhe deparou hum homem, que compadecido da ſua miſeria o levou a huma povoaçaõ de Chriſtãos, onde ſe recobrou do trabalho. Naõ foy eſta ſó vez a que naufragou eſte verdadeiro imitador do Apoſtolo das Gentes, pois com elle podia dizer, que tres vezes padeceo naufragios, que na terra ſupportou perigos; de ſorte, que por elles veyo acabar a vida. Tendo em dia da Aſſumpçaõ celebrado o Santo Sacrificio da Miſſa com grande jubilo da ſua alma, lhe deraõ no comer hum taõ fino veneno, que quebradas as forças, com dores, e ancias mortaes, ſe lhe accendeo huma ardente febre, e ſem embargo de reconhecer, que naõ podia reſiſtir ao mal, naõ ſe diminuio o zelo da ſalvaçaõ das almas, por cujo amor morria. Deſta ſorte nos braços de ſeus amados Neophitos, era levado como outro Evangeliſta, a viſitar as povoações viſinhas. Alentavaõ-ſe todos com a ſua preſença; elle os animava à perſeverança da Fé, a ſeguir a virtude, e fugir dos vicios. No ſetimo dia atormentado da queixa, que ſofreo com admiravel paciencia, reſignado todo na diſpoſiçaõ de Deos, abraçado com hum Crucifi-

xo, dando a alma nas ſuas mãos, foy a gozar do premio dos ſeus trabalhos entre os Apoſtolicos Varoens da Militante Igreja na Celeſte Jeruſalem.

O P. Manoel Martins, da Cõpanhia.

B Item em Tricherapali, na India Oriental, deu com ſuave morte fim admiravel às fadigas do Evangelho outro inſigne Miſſionario da Companhia, o Padre Manoel Martins. Foy Maduré o theatro dos ſeus trabalhos por trinta annos continuados, em que padeceo pela Fé immenſos diſcommodos, caminhando a pé deſcalço largas jornadas, ſendo quatro vezes prezo pela prégaçaõ do Evangelho; duas açoutado taõ tyrannamente, que o ſangue rompeo por varias partes do corpo, de que lhe durou por muito tempo, naõ ſó as cicatrices, mas o roſto denegrido; quatro vezes deſterrado, expoſto publicamente à zombaria inſolente do povo, com huma corda ao peſcoço, de que pendiaõ pedras, com que a ſua paciencia lhe levantava padroens à eternidade, ſervindo eſte eſpectaculo de admiraçaõ aos meſmos Gentios, vendo a alegria com que ſupportava as injurias. Naõ houve contratempo, que lhe alteraſſe o animo; porque com roſto ſereno, ſuperior aos trabalhos, e mortificações, ſem mudança na voz, nem ſemblante, ſempre era o meſmo. Era muy dado à Oraçaõ, em que preſeverava por largo tempo; nella foy viſto levantado da terra, e ſuſpendido no ar, recebendo Celeſtes favores, com que ſe alentava a ſeguir ſua vocaçaõ. Em taõ largos annos, que durou eſta Miſſaõ, ſe houve com tal abſtinencia, que nunca comeo carne, nem peixe, e ſe póde dizer fez hum continuado jejum, ſuccedendo-lhe por muitos dias, naõ comer mais que huma pequena porçaõ de paõ de milho. Em todos eſtes trinta annos ſe naõ deſpio, ſó ſe foy para mudar por decencia da modeſtia os veſtidos. Nunca teve outra cama ſenaõ a terra fria, paſſando taõ deſacommodadamente as doenças, e febres, com que o Senhor acriſolava a ſua paciencia, e fazia admiravel a ſua virtude. Os dilatados caminhos, que emprendia o ſeu eſpirito, fazia a pé, ſem que houveſſe dia algum, que com aſperas diſciplinas naõ maltrataſſe o ſeu caſto corpo, ſem que o canſaço, ou trabalho da jornada o diſpenſaſſe deſte exercicio. Teve huma condiçaõ branda, e benigna, como ornada de immenſa charidade. Nenhuma peſſoa lhe pareceo nunca pezada com o ſeu negocio, nem ſe negou para a ſervir no que pudeſſe.

Aquellas

Aquellas meſmas couſas, que eraõ preciſas para o ſeu uſo, dava liberalmente aos pobres, deſejando ſó elle ſer o neceſſitado. Edificou cinco Igrejas, onde inſtruindo o rebanho, que ajuntara à Igreja Catholica, ſe exercitavaõ em obras dignas do agrado de Deos. Conſeguio pelo ſeu zelo abraçarem muitos Gentios a doutrina do Evangelho. Finalmente, depois de taõ immenſos trabalhos acabou de huma febre aguda. Tres dias continuos eſteve com os olhos poſtos em Chriſto crucificado, e com os braços em Cruz, com repetidos actos de amor de Deos; em hum, ſem outra alguma agonia, ſe foy a gozar da eternidade.

C Neſte dia, acabou victima da charidade o Irmaõ Pedro Marques, Coadjutor temporal da Companhia, ſervindo aos empeſtados, em cujo obſequio entregou com goſto a ſaude pelos ſervir, e ſendo ferido do meſmo mal, deixou de ſeu exemplo aſſignalada memoria. *Irm. Pedro Marques, da companhia.*

D No inſigne Convento de Santa Cruz de Coimbra, o fallecimento de D. Hilariaõ Brandaõ, Conego Regrante de Santo Agoſtinho, Religioſo douto, e grave, conſummado no eſtado da perfeiçaõ Religioſa, que obſervou com pontualidade nas obrigações do ſeu Inſtituto, por ſer muy dado à vida eſpiritual. Foy Prior do Moſteiro de S. Vicente de Lisboa, e Viſitador Geral daquella Religiaõ, Officios, que exerceo com grande authoridade, inteireza, e exemplo: pelo que deixou naquella Congregaçaõ venerado nome. *D. Hilariaõ Brandaõ, Conег. Regr.*

E No Moſteiro de Noſſa Senhora da Saudaçaõ de Monte môr o Novo, durará ſempre a memoria de ſua virtuoſa Prelada Sor Elvira da Annunciaçaõ, cargo que exercitou doze annos, procedendo com inteireza na obſervancia, com amor, e affabilidade para as ſubditas, e em tudo o mais com religiaõ, e virtude; de que naſceo ſer geralmente bem aceita, por ſe reſpeitar como Prelada, e amar como Mãy. Era indiſpenſavel nas horas que tinha determinadas para a Oraçaõ; por mais negocios, que lhe ſobrevieſſem, nunca faltou a cumprir com eſte ſanto exercicio. Toda a vida rezou o Pſalterio inteiro, às ſeſtas feiras diante do Santiſſimo, de joelhos, à honra da ſagrada Paixaõ, de que era devotiſſima: eraõ infinitas as lagrimas neſte dia, na conſideraçaõ das afrontas, que o bom Jesu padecera, pelo que punha grande cautella no fallar, affirmando, *Sor Elvira da Annunciaçaõ, Domin.*

que ſeria muy conſolada, ſe em ſemelhante dia morrera. Purificou Deos a ſua alma com hum purgatorio de dores; era taõ grave a enfermidade, que a deixou aleijada, na aleijaõ hum continuado penar, mas taõ reſignada, que a ſua paciencia a fazia mais admiravel. A's quatro horas da manhãa tinha por coſtume pedir a ajudaſſem a levantar, o que era bem à ſua cuſta, por ſerem exceſſivas as dores, e ſe punha em Oraçaõ até às ſeis. Sabendo, dias antes, o da ſua morte, ſe apparelhou pedindo os Sacramentos, que recebeo com devoçaõ. Fez às Religioſas huma Pratica, que compungia, e admirava aos Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ. Tardou-lhe tres dias a hora, que eſperava, e em todas ellas ſe lhe naõ ouvio mais que louvores a Deos, em Hymnos, e Pſalmos, ou cantados, ou rezados; e pronunciando o Reſponſo de ſeu Padre S. Domingos em alta voz *O ſpem miram*, foy acompanhallo na Gloria, em huma ſeſta feira, como toda a vida deſejara.

Sor Joanna correa, Domin.

F Em Noſſa Senhora do Paraiſo de Evora, a ſaudoſa memoria da Madre Sor Joanna Correa, Prioreſſa deſte Moſteiro, que o ſeu eſpirito ſubio à perfeiçaõ religioſa. Teve principio em Recolhimento de grande edificaçaõ, acodindo à ſua fama algumas mulheres bem inclinadas, que deſejavaõ viver retiradas do Mundo; entre ellas foy Joanna Correa, de muy nobre qualidade por ſangue, e parentes; adiantou eſta entrada muito a Caſa em reputaçaõ, e credito. Era dotada de bom entendimento natural, e tinha-lhe o Senhor communicado huma grande luz, que a obrigáva a deſejar efficazmente ſervillo em eſtado perfeito. Venceo o tempo com o ſeu cuidado, e induſtria, paſſarem de Recolhidas a Religioſas de S. Domingos. Foy a ſegunda Prelada deſte Moſteiro, que governou com religiaõ, zelo, e exemplo, ſendo taõ notoria a ſua vida, que hindo ElRey D. Manoel ouvir hum dia Miſſa a eſta Caſa, pelo que lhe tinha dito della D. Alvaro da Coſta, ſeu Valido, e Camareiro môr, que com larga maõ concorria para a obra, ſendo naõ ſó conſelheiro das obras de pedra, e cal, mas muito mais do eſpirito. Fallou ElRey com a Prioreſſa, e com palavras de muita honra lhe diſſe o conceito, que tinha da ſua virtude, ao que era obrigada pelo ſeu ſangue, que pelo que lhe tocava lhe naõ faltaria nada, para o fim que deſejava, e que ſempre folgaria de lhe fazer merce. Naõ quiz a Prioreſſa

per-

perder taõ boa occaſiaõ; pedio por merce a ElRey, que em quanto tardavaõ as licenças de Roma, mandaſſe ao Provincial dos Prégadores, lhe enviaſſe logo alguns Religioſos Obſervantes, para as inſtuîr, e governar na fórma das ſuas Conſtituições. Ao que ElRey naõ deferio, mas com benignidade reſpondeo, que onde eſtava a prudencia, e zelo de Joanna Correa, naõ havia neceſſidade de reformaçaõ, nem de outro governo; e por tanto era ſua vontade, e aſſim o mandava, que ella foſſe a Meſtra, e Governadora: tal era o conceito, que a ſua virtude tinha adquirido, juſtamente merecido de huma vida inculpavel, pela qual foy gozar neſte dia o premio ſem fim.

Sor Margarida de Saõ Miguel Dominica.

G Item no Moſteiro de Abrantes, da meſma Familia, Sor Margarida de Saõ Miguel, Freira Converſa, em quem ſe admirou o extremo da charidade, taõ compaſſiva com as doentes, principalmente das que padeciaõ dores, que parecia, que todas as alheyas eraõ ſuas: de tal ſorte as ſentia, que era preciſa a conſolaçaõ, e remedio. Eſte amor do proximo a fez trinta annos Enfermeira, ficando em tradiçaõ, que eſta charidade ornava com hum dom, que mais parecia do Ceo, do que natural; porque em fallando de Deos penetrava os coraçõeſ, ſendo mayor a admiraçaõ, naõ ſabendo ler, allegava ſentenças da Eſcritura, e dos Santos Padres, taõ bem pronunciadas, como applicadas; mas a quem conhecia a ſua vida, naõ cauſava eſpanto; porque era na Oraçaõ perpetua, de taõ extraordinarias penitencias, que quando a amortalharaõ, lhe acharaõ huma cadeya de ferro cingida. Vivia em huma continuada ſaudade do Ceo, e aſſim algumas vezes ſe lhe ouviaõ gemidos do intimo do coraçaõ; que a arrebatavaõ em deſejos de ſe ver na preſença de Deos. Quando adoeceo da enfermidade, que a levou, fez-lhe feſta como outrem pudera à ſaude. Creſceo o mal, e paſſou a hum purgatorio de penas, que ella conhecendo ſer o caminho de ſe lhe abreviar a vida, dizia com roſto alegre: *Tantos ſaõ os bens, que eſpero, que nos males me deleito.* Aſſim cheya de paciencia, e eſperança, depois de pedir perdaõ às Religioſas do mal que as ſervira, chegando àquellas palavras *Surge, propera amica mea, & veni*, ſoltando a alma as prizoens da mortalidade, ſe foy em paz, como chamada pelo Divino Eſpoſo.

Em

Leaõ Kitâ, M. Japaõ.

H Em Arima, no Japaõ, teſtemunhou com o ſeu ſangue a infallivel verdade da noſſa Santa Fé, hum valeroſo Soldado de Chriſto, por nome Leaõ Kitâ, que por confeſſar ſer Chriſtaõ, foy degolado, comprando pela vida temporal o premio da eterna, entrando na Gloria coroado do Martyrio.

Sor Iſabel do Paraiſo, Dom.

I No Moſteiro de Santa Catharina de Evora, da Ordem de S. Domingos, a Madre Sor Iſabel do Paraiſo, de tanta obſervancia, e conſciencia taõ pura, como quem abraçou a Religiaõ em tenra idade, ſem nenhuma noticia do Mundo. Vivia no mais florido tempo da idade, com boa diſpoſiçaõ, e ſem achaques, quando declarou às Companheiras, que lhe naõ tardaria a morte, aſſinalando o dia. Confeſſou-ſe geralmente com o Padre Fr. Aleixo, peſſoa de grande eſpirito, o qual depoz depois da ſua morte, que nunca peccara mortalmente: ſuccedeo eſta no dia apontado, deixando com eſte final hum teſtemunho mais à veneraçaõ das Religioſas, que piamente da ſua vida inferiaõ a ſua gloria.

Dona Iſabel de Noronha, ciſterc.

K No Ciſtercienſe Moſteiro de Lorvaõ acabou a vida D. Iſabel de Noronha, de eſclarecida Familia, e ſendo no ſeculo Illuſtre, o ſoube ſer ainda mais na Religiaõ, ſervindo de clariſſimo eſpelho da perfeiçaõ Religioſa àquella eſtimada Communidade, que continuamente edificava com a ſua humildade, e com diverſos exemplos de mortificações. Foy Prioreſſa nove annos, recuzando a ſua humildade o lugar de Abbadeſſa, para livremente ſe poder occupar em todos os mais empregos da Communidade. Era obſervante em todas as obrigações do ſeu Eſtatuto, a que ſatisfazia com perfeiçaõ; muy dada à Oraçaõ mental, na qual perſeverava a mayor parte do dia, ajuntando a eſte quotidiano exercicio rigoroſas penitencias, e neſte theor de vida continuou, até que partio a lograr da Bemaventurança.

Commentario ao XXII. de Agoſto.

A GRande fruto colhido em pouco tempo foy o do Padre Nuno Ribeiro: embarcou na Armada, que ſahio do porto de Lisboa a 8 de Abril de 1546, que governava Lourenço Pires de Tavora, Capitaõ môr; os Capitães das de mais naos, Joaõ Rodrigues Paſſanha, D. Joaõ Lobo, Fernaõ Alvares da Cunha, D. Manoel de Lima. Os Companheiros deſta Miſſaõ eraõ os Padres Franciſco Pires, Affonſo Cypriano, de que a 31 de Julho fizemos menção, Franciſco Henriques, e Henrique Henriques, todos Sacerdotes; e para o ſerem a ſeu tempo, Nicolao Nunes, Adaõ Franciſco, Balthazar Nunes, e Manoel de Moraes, moço, que depois de ter ſervido na Coſta da Peſcaria com admiraveis obras, lhe faltou a conſtancia para perſeverar na Companhia. Começou o Padre Nuno a dar logo naquella Miſſaõ moſtras da ſua grande religiaõ, e zelo das almas; naõ tinha mais aſſiſtencia de hum mez na Coſta da Peſcaria com o Santo Xavier, quando ſó do ſeu talento fiou a empreza de Maluco, e Amboino; e quando dos progreſſos deſta Miſſaõ naõ tiveramos as noticias, que temos eſcrito, ſó a eſcolha podia acreditar o ſeu talento, e eſpirito. Foraõ grandes os trabalhos, e as perſeguições dos Mouros, de tal ſorte ſentidos, de que hum ſó homem baſtaſſe para fazer taõ crua guerra ao ſeu Profeta; e aſſim por vezes lhe quizeraõ tirar a vida, até que ultimamente o conſeguiraõ, coroando a ſua Apoſtolica Miſſaõ com a laureola de Martyr; alcançada pela violencia do veneno, com que foy deſpojado da vida, no anno de 1549, deixando della memoria ſanta. Delle fazem menção o *Menologio da Companhia* m. ſ. Nadaſi *Annus Dierum Memorabilium*; Gerardi no ſeu *Diario*, todos neſte dia; Orlandino *Hiſtor. Societ.* liv. 7. num. 82, e liv. 9. num. 121; Rutilio Benzonio *de Jubileo*, liv. 1. cap. 11; Euſebio *Firmamento Religioſo da Companhia*, pag. 493; Souſa *Oriente Conquiſtado*, part. 1. Conq. 3. Diſc. 2. pag. 405; o Padre Luiz de Guſmaõ *Hiſtoria das Miſſoens*, liv. 2. cap. 25; Guerreiro *Elogio dos que morreraõ pela Fé*, cap. 18. pag. 285; o Padre Gerardo Montano na *Centuria dos Martyres da Companhia*, ſe lembra delle com eſte

EPIGRAMMA

CAntharidum ſuccos, lernæque infunde nocentes;
His Maure, & ſanie Gorgonis adde ſuper.
Geſtit, & optata diffuſus amyſtide vultum,
Nunnius Hyblææ munera ridet apis.
Nec meruit diro ſpumantia pocula lethro,
Virus in ambroſio gutture nectar erat.
Hoc meritum eſt amor alme tuum, feralia lernæ,
Toxica qui ſolus reddere mella poteſt.

B Maduré he huma Cidade muy populoſa, que dá nome a eſte Reyno; fica entre o Malavar, ao naſcente, e a Coſta da Peſcaria, ou Choromandel, ao Occaſo. Ao ſeu Principe chamaõ o Naique de Maduré. Com o commercio das Conquiſtas do Oriente, a frequentaraõ muito os noſſos, e alli fundaraõ huma Igreja conſagrada em veneraçaõ da Virgem. No anno 1600, entrou neſta Cidade o Padre Roberto Nobili, da Companhia, para aprender a lingua Tamulia, que he a univerſal daquella Provincia, ſem a qual he impoſſivel a converſaõ dos Gentios; e conhecido o deſignio, foy neceſſario mudar de traje, veſtindo o de

Brac-

Bracmene Sanias, que he Religioſo Letrado. Deſta ſorte ſeguindo a auſteridade dos ſeus coſtumes, introduziraõ os Religioſos da Companhia neſte Reyno a voz do Evangelho, que tem conſervado com grandes trabalhos, illuſtrando eſta glorioſa Miſſaõ, em noſſos tempos com o ſeu ſangue o Padre Joaõ de Brito, que morreo Martyr a 4 de Fevereiro, do anno de 1693, como veremos no Supplemento deſta Obra.

Dividem os Religioſos da Companhia em doze reſidencias as Miſſoens daquelle Reyno, a que de ordinario variaõ nos nomes, conforme as povoações, de que ſe valem para melhor commodidade da Seara Evangelica; ou tambem porque as perſeguições os fazem mudar de domicilio. Na que chamaõ Tricherapoli acabou com fama de ſantidade o Padre Manoel Martins, neſte dia, do anno de 1656, deixando huma grande ſaüdade naquelles Chriſtãos, porque tanto trabalhou. Acreditou Deos depois de ſua morte a ſua gloria, pois por ſua interceſſaõ teve filhos hum homem, a quem elle em ſonhos appareceo. Era eſte Veneravel Padre natural da Villa de Alvito de Alentejo, no Arcebiſpado de Evora, filho de Jorge Affonſo Giraldo, e de Domingas Martins. No anno de 1624, paſſou à India, e ſendo mandado a Maduré, conſeguio nos ſeús trabalhos grande honra à Companhia, e a Deos eſpecial gloria. As ſuas alfayas, que depois da morte ſe acharaõ, foraõ huma veronica de Noſſa Senhora, huma Cruz de páo, o Breviario muy velho, hum fuzil para accender lume; e os livros que tinha eſcrito na lingua Tamulica, para inſtrucçaõ dos Neophitos, eraõ os ſeguintes:

Meditações varias, e muy uteis, para exercitar a devoçaõ.

Hum *Dialogo entre hum Chriſtaõ, e hum Gentio.*

Hum *Tratado do Ineffavel Myſterio da Santiſſima Trindade.*

Ramilhete de Flores Eſpirituaes.

Collar da Uniaõ Eſpiritual.

Deſprezo do Mundo.

Varias Vidas de Santas.

Traduzio a *Doutrina Chriſtãa* do Cardeal Belarmino, e do Meſtre Ignacio.

Eſpelho de Exemplos.

Eſtas Obras ſicaraõ perfeitas, e outras muitas a que naõ tinha dado fim. Deſte Apoſtolico Varaõ ſe lembra Alegambe na *Bibliotheca da Companhia, in verbo Emmanuel*; o Padre Jacinto de Magiſtris, Procurador do Malavar, na *Relaçaõ*, que imprimio em Roma, anno 1651, em tempo que ainda vivia; Nadaſi a 22 de Julho; Franco na *Imagem da Virtude no Noviciado de Evora*, liv. 3. cap. 32.

C No horrivel mal de peſte, que padeceo a Cidade de Lisboa, no anno de 1569, deu fim à ſua vida o Irmaõ Pedro Marques, de quem faz mençaõ o *Menelogio da Companhia* m. ſ. que ſe conſerva na Caſa de S. Roque.

D Naſceo D. Hilariaõ Brandaõ na Cidade de Coimbra, de gente principal, e nobre. Seu pay ſe chamou Jeronymo Brandaõ, e ſua mãy Mecia Aranha. Quando entrou na Religiaõ, já era Meſtre em Artes, e profeſſando em Santa Cruz eſtudou Theologia, de que deu boa conta. Deſejou muito o approveitamento das almas, e a eſte fim compoz hum livro com o titulo *Voz do Amado*, que ſe imprimio no Moſteiro de S. Vicente, no anno de 1579, de que em ſeu tempo ſe fez eſtimaçaõ; outro de *Caſos de Conſciencia*, que lêo alguns annos, e no fim hum exame de conſciencia muy devoto. Faleceo no anno de 1585, neſte dia, como refere a *Chronica da Ordem* de D. Nicolao de Santa Maria, part. 2. liv. 10. cap. 27. pag. 374.

E Entre os muitos filhos, que teve D. Vaſco Maſcarenhas, Repoſteiro môr do Principe D. Joaõ, de ſua mulher D. Maria de Mendoça, Dama da Rainha D. Catharina, foy Sor Elvira, que entrando no Moſteiro de Monte môr, mereceo pela ſua innocente vida, lugar entre as peſſoas inſignes em virtude do noſſo Reyno. Acabou pelos annos de 1620. Della faz mençaõ Souſa na II. Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*, liv. 6. cap. 21. pag. 268; e Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia.

F A fundaçaõ do Moſteiro do Paraiſo de Evora, que o Licenciado Jorge Cardoſo eſcreveo no Commento do dia 23 de Março, em que trata de Brites Galvoa, naõ ſabemos com que razaõ, por ſer a ſua morte a 22 de Julho, como refere

refere Souſa na III. Part. liv. 3. cap. 12, que elle meſmo allega, queixa que naõ podemos diſſimular, por ſer muitas vezes repetida no diſcurſo daquella Obra, de que podemos moſtrar tantos exemplos, que nos chegaraõ a perſuadir, que naõ tivera tençaõ de a proſeguir; pois lançava nos dias, que parece tinha faltos, os Servos de Deos, que tocavaõ a outros, cujos dias referiaõ os Authores, que elle meſmo allegava: o que temos feito com outra exacçaõ, e por iſſo com mayor trabalho, vencendo com eſte a parte, que Jorge Cardoſo tinha de mayor erudiçaõ. Mas tornando ao noſſo aſſumpto, era Brites Correa filha de Alvaro Martins Correa, a quem os Nobiliarios deſte Reyno chamaõ Diogo Mendes Correa, que foy tambem pay de Ignez Correa, mulher do Doutor Ruy da Graã, Chanceller môr, a qual por morte de ſeu marido, fazendo dos ſeus bens doaçaõ, tomou o Habito da maõ de ſua irmãa, e acabou ſantamente dous annos depois, Neſte Moſteiro, teve duas filhas Religioſas, e huma dellas a Madre Maria da Annunciaçaõ, que por morte de ſua tia a Madre Joanna Correa, foy eleita Prioreſſa. Falleceo no anno de 1632, como refere Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 3. liv. 1. cap. 14. pag. 67.

G O Moſteiro das Dominicas de Abrantes, teve entre outras Religioſas Sor Margarida de S. Miguel, que foy hum prodigio da charidade, e da paciencia, com que ſupportou os trabalhos das doenças, e de taõ alta myſtica, que pareceo communicada com luz ſuperior. Della trata Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos deſta Provincia*, part. 3. liv. 3. cap. 18; Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia, a que ajunta Sor Anna da Conceiçaõ, e Sor Iſabel de Saõ Joaõ, Irmãas Converſas do meſmo Moſteiro, peſſoas de virtude, e por tal as nomeya Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, ſuppoſto lhe naõ aponta dia.

H O Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé nas Ilhas do Japaõ*, ſe lembra neſte dia de Leaõ Kitâ, que foy degolado por ſer Chriſtaõ, no anno 1612, ſendo Emperador Daifuſama.

I De Sor Iſabel do Paraiſo, que falleceo pelos annos de 1600, faz mençaõ Lima no *Agiologio Dominico*, neſte dia; e Souſa na III. Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*, liv. 3. cap. 25. pag. 279.

K Floreceraõ no Real Moſteiro de Lorvaõ Religioſas de ſingular virtude, entre as quaes he nomeada D. Iſabel de Noronha, filha illegitima de D. Affonſo de Noronha, V. Conde de Odemira, Senhor deſta Villa, de Mortagua, Penacova, e Alcaide môr de Eſtremoz, de quem fazemos mençaõ na *Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza*, no liv. 8. cap. 10. pag. 572. do Tomo IX. porém o naõ fizemos deſta filha; porque os noſſos Nobiliarios de ordinario paſſaõ em ſilencio os filhos, e filhas, que ſeguiraõ o Eſtado Religioſo, como ſe nos Clauſtros em que viveraõ, naõ illuſtraſſem as ſuas Familias, como temos viſto no diſcurſo deſta Obra, com mais glorioſa memoria, por eſtarem os ſeus nomes eſcritos no livro da vida, que já mais ha de ter fim, merecendo pelas virtudes, que delles ſe fizeſſe mençaõ. Exercitou D. Iſabel de Noronha a ſua vida em ſolidas virtudes, para merecer gozar por ellas huma eternidade ditoſa; e ſuppoſto, que pela candida Cogula de ſeu Padre S. Bernardo, ficou mais eſclarecida para o Ceo, onde naõ ſervem diſtinções, porque nelle todos ſaõ grandes; nos pareceo com tudo obrigaçaõ confeſſar a falta, que inculpavelmente tivemos em lhe naõ dar o lugar, que lhe pertencia na Hiſtoria Genealogica. Falleceo neſte dia do anno de 1644, como conſta das Memorias já allegadas, que temos deſte Moſteiro.

AGOSTO XXIII.

Saõ Fabiaõ, Arc. de Braga.

AM a auguſta Braga, Primaz das Heſpanhas, a Memoria de S. Fabiaõ, VI. Prelado deſta Santa Igreja, que pelos ſeus merecimentos, e virtuoſas obras ſe fez digno de ſer numerado no Catalogo dos Bemaventurados, em cuja companhia eſtá gozando da Gloria, que naõ tem fim.

S. Apollinar, B. e M.

B Na Abbadia de Urros, na Provincia Traſmontana, em huma Ermida, que em tempos antigos foy Matriz, ſe conſervaõ ainda hoje, ſuppoſto que em ſepultura toſca, e ſem nenhum apparato, as Reliquias de Santo Apollinar, Biſpo, e Martyr, por quem o Altiſſimo tem obrado tantos prodigios, naõ ſó nos ſeus moradores, mas nos dos lugares remotos, e diſtantes, que buſcando-o com viva Fé afflictos, e deſconſolados, o achaõ propicio, recebendo do Omnipotente eſpeciaes beneficios, que eſtaõ engrandecendo continuamente o ſeu patrocinio, como ſe vê nos caſos ſeguintes. A hum menino depois de morto reſucitou à vida. Hum aleijado de huma perna, que naõ podia mover, ſenaõ encoſtado em huma muleta, encommendando-ſe ao Santo, foy reſtituido à ſua perfeita ſaude. Com eſtas, e outras maravilhas tem acreditado o poder ſem fim de Deos, como continuamente ſe vê nos votos, que o teſtemunhaõ pendurados, de muletas, mortalhas, pernas, braços, e outros ſemelhantes teſtemunhos da gratidaõ dos ſeus devotos. He particular advogado dos quebrados, e aſſim he muy grande o numero de peſſoas de hum, e outro ſexo, de huma, e outra idade, que recorrem ao Santo, ou com Oraçõeſ, ou mandando-lhe dizer huma Miſſa, em que ſe tem viſto admiraveis effeitos do ſeu patrocinio, como teſtificaraõ agradecidas por muitas vezes, e em diverſos tempos, muitas peſſoas. Delle ſe conta em antiga tradiçaõ paſſada dos pays aos filhos, conſervada, e venerada na memoria dos ſeus devotos póvos, que prégando naquelles lugares viſinhos, fora perſeguido de infieis; pelo que ſe retirou para o Lugar de Urros; e que neſta occaſiaõ, vendo a incredulidade daquellas gentes, tomou o bordaõ, que trazia nas mãos, e o metera na terra, e que logo, como ſe fora huma

ma planta verde, e freſca, lançara raizes, e florecera, fazendo-ſe repentinamente arvore: declarando-lhe com eſta prodigioſa prova a verdade infallivel da Fé, que lhe enſinava. Ao pé deſta arvore rebentou milagroſamente huma fonte, cujas aguas com admiraçaõ daquelles póvos, padecem mudança ao meſmo tempo do que as do celebre rio Douro, que diſta huma legua, como ſe delle recebera o naſcimento, pois ſe turvaõ, e aclaraõ com elle, padecendo os meſmos effeitos, como ſe tem obſervado curioſamente com admiraçaõ. Dizem, que foraõ diverſos os generos de martyrios, com que os algozes contraſtaraõ a ſua conſtancia: que ſendo atado pelos pés a dous bravos touros, que perderaõ a ferocidade da ſua natureza, e ſe moſtraraõ brandos, e ſem forças, nem vigor para o arraſtar: do que naõ vencida a crueldade do Tyranno, ſe moſtrou mais enfurecido, que os brutos, tirando-lhe com o alfange a vida, o fez glorioſo Martyr de Chriſto, para que eternamente no Ceo foſſe Protector, e advogado dos ſeus devotos, que recorrem continuamente com grande Fé ao ſeu patrocinio.

C Na India Oriental, junto da Ilha de Ceilaõ, foy em odio da Fé, deſpojado da vida Fr. Joaõ, da Ordem dos Menores, a quem a obediencia mandava para Cochim, e ſendo cativo dos Malavares, mereceo pela confiſſaõ do Nome de Jesu Chriſto, alcançar glorioſa palma de Martyrio, ſendo afogado no mar, ſubio triunfante ao Ceo. *Fr. Joaõ, M. Minor.*

Commentario ao XXIII. de Agoſto.

A FOy S. Fabiaõ VI. Arcebiſpo de Braga, a qual Igreja governou pelos annos 245, conforme o Illuſtriſſimo Cunha, no *Tratado de Primatu Bracharenſi*, pag. 209, e na ſua *Hiſtoria de Braga*, 1. part. cap. 33, ſuppoſto nos faz grande duvida, o ſer eſta memoria authoriſada com Juliano, Arcipreſte de Toledo; mas como temos aſſentado, que ſem relevante fundamento, naõ havemos de impugnar a tradiçaõ da noſſa Igreja, e nella he admittido por Prelado S. Fabiaõ, de que neſte dia ſe reza. Tamayo no *Martyrologio Hiſpano*, ſe lembra delle neſte dia, dizendo: *Braccaræ Auguſtæ in Gallæcia S. Fabiani ejuſdem urbis Epiſcopi, qui poſt innumeros virtutum cumulos in fidei Catholicæ prædicatione collectos, ad vitam migravit æternam.* E o Padre Cauſino na *Ephemerida de Agoſto*, na meſma fórma. O Padre Argaiz na *Soledade Laureada*, tom. 3. pag. 24, o poem no numero dos Prelados deſta Dioceſi, quando trata da Igreja de Braga, e pela ſua conta foy XVI. porque a todas as noſſas Igrejas achou muitos Prelados, que os noſſos naõ deſcobriraõ; nem por iſſo os admittiremos, em quanto nos naõ conſtarem de memorias, que naõ ſejaõ ſuſpeitoſas: nem o Leitor nos tenha por parcial de Juliano, por lhe parecer admittimos eſte Prelado, fundado na ſua authoridade; porque ſómente o referimos debaixo do Breviario Bracharenſe, ſem que entremos na queſtaõ de o naõ trazer o Bre-

viario antigo, impreſſo no anno 1549, e ſe achar no impreſſo no anno 1634; porque naõ coſtumamos deſpojar as Igrejas, ſem grandes fundamentos; porque alguns temos viſto tomar o capricho de negar Breviarios, muy preſados de eruditos, que melhor fora calarem-ſe, que darem razoens taõ frivolas, e de nenhuma perſuaſaõ.

B Na Provincia de Tras os Montes, Comarca da Villa de Moncorvo, fica a Abbadia de Urros, do Padroado Real, Lugar de cento e noventa viſinhos. He rico, e abundante, ſitio appraſivel, e temperado. Além da Igreja Matriz, tem cinco Ermidas, e dezaſeis fontes. Junto deſte Lugar ſe vê a Ermida, em que jazem depoſitadas as Reliquias de Santo Apollinar, de quem tratámos no Texto. Grande duvida ſe nos offerece ſobre de que Santo deſte nome ſejaõ eſtas ſagradas Reliquias, que venera a piedade, e devoçaõ daquella Comarca. Tamayo no *Martyrol. Hiſpano*, neſte dia, intenta provar com a auhoridade de Juliano, Arcipreſte de Toledo, que ſaõ de Sidonio Apollinar, aquelle Illuſtre Prelado, que depois de ter ſervido diverſos Emperadores, na paz, e na guerra, em honorificos empregos, foy eleito Biſpo de Clermont, Cabeça da Provincia de Auvergne, em França, que regeo com exemplo, e piedade, deixando de ſuas virtudes, e eruditas obras, muy clara memoria, ſendo hum dos mais inſignes Prelados, que floreceraõ no quinto ſeculo, como eſcreve S. Gregorio Turonenſe, Gennadio *de Vir. Illuſtr.* Belarmino, Baronio, e outros. Corrobora eſta opiniaõ com hum m. ſ. do douto Gaſpar Alvares de Louſada, que refere o Illuſtriſſimo Cunha: ſaõ ſuas palavras: *Santo Apollinario, Biſpo Francez, tem ſeu corpo, ou a mayor parte delle, enterrado em hum Lugar, que chamaõ Urros, junto do Douro, termo da Villa de Moncorvo, no Reyno de Portugal, Arcebiſpado de Braga.* Louſada naõ diz mais, que ſer Santo Apollinario, Biſpo Frances, tal vez conformando-ſe com a tradiçaõ daquella terra, que tem a eſte Santo por natural de França; porque ſe fora o Santo Biſpo de Auvergne, lhe chamara *Sidonio*, com o qual nome he conhecido em a *Hiſtoria Eccleſiaſtica*; e o *Martyrologio Romano* faz mençaõ delle neſte dia, por eſtas palavras: *Arvernis Sancti Sidonii Epiſcopi, doctrina, & ſanctitate conſpicui.* As pinturas antigas, que tambem tem fé na Hiſtoria, moſtraõ Martyr ao Santo, de que tratamos; e Sidonio Apollinar, naõ foy mais, que Confeſſor, como ſabem todos os que tem liçaõ da *Hiſtoria Eccleſiaſtica.*

O Author da *Corografia Portugueza*, que eſcreveo tudo o que lhe diſſeraõ ſem averiguaçaõ alguma, intitula a eſte Santo Apollinar Martyr, Biſpo de *Ravena*, (deſte reza a Igreja a 23 de Julho, e delle faz mençaõ Pedro de Natalibus, Biſpo Aquilino, no *Catalogo dos Santos*,) e refere, que dizem, que padecera Martyrio em hum Lugar viſinho deſte, de que ainda ſe vem alguns veſtigios, e ainda hoje conſerva o nome de *Ravena.* Se eſte Author vira o Illuſtriſſimo Cunha, naõ ſe equivocara; pois diz que a tradiçaõ tem para ſi, que eſte Santo viera de huma povoaçaõ viſinha, que eſtá da outra parte do rio Douro, e ſe chamou antigamente *Calabria*, e hoje *Calavre*, nos limites da Villa de Almendra, ſituada no mais alto de hum monte, cercada de muros, ainda que arruinados, em que ſe viaõ letreiros, e outros veſtigios, que inculcavaõ antiguidade. Em Pedro de Natalibus, no liv. 6. cap. 129, ſe acha outro Santo Apollinar Biſpo: *Apollinarius Hieropolitanus Epiſcopus tempore Marci Antonini Imperatoris claruit*; e no liv. 11. cap. 122, traz outro Biſpo do meſmo nome: *Apollinarius Laodicenſis Syriæ Epiſcopus.* No *Martyrologio Romano* a 5 de Outubro: *Valentiæ in Gallia Sancti Apollinaris Epiſcopi, &c.* de que Baronio diz, que ſe achou no Concilio Epaunenſe, nas Gallias, em tempo do Papa Gelaſio. Eſtes foraõ Biſpos, e naõ Martyres: outros ſe achaõ neſtes, e outros Authores, que foraõ Martyres, e naõ Biſpos. Naõ pudemos deſcobrir o tempo, em que eſte Santo padeceo Martyrio, nem determinarmonos quem ſeria. O Santo Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, quando viſitava o Arcebiſpado, e chegava à Freguefia de Urros, hia viſitar o ſepulchro deſte Santo, e proſtrado por terra, venerava as Santas Reliquias, e coſtumava dizer, que quando naõ foſſem de algum dos Santos deſte nome, de que ſe tinha noticia, poderiaõ ſer de outro do meſmo nome, e igual ſantidade, como moſtravaõ as eſtupendas maravilhas, que Noſſo Senhor por elle obrava. O Illuſtriſſimo

triſſimo Cunha na *Hiſtoria de Braga*, part. 1. cap. 63, tambem naõ ſe ſoube determinar, quem ſeria; e nós pelo que temos referido naõ podemos aſſentar o contrario; e aſſim conformando-nos com a tradiçaõ, dizemos, que tal vez poderia ſer algum Prelado daquella primitiva Igreja, e ſer de Naçaõ Francez, que prégando a Fé, vieſſe ter àquella Provincia, onde alcançou o Martyrio: o que he certo, que Deos tem por elle obrado grandes milagres, que refere a *Hiſtoria de Braga* no lugar citado; e que ſendo Joaõ Pires, Abbade daquella Igreja, fora hum Viſitador do Arcebiſpado, e que duvidoſo de eſtarem naquelle lugar as Reliquias do Santo, intentou abrir a ſepultura, e em continente ficou cego, e deſiſtindo do intento, reconhecido o erro da ſua incredulidade, e fazendo huma Novena ao Santo, recuperou a viſta perdida.

C Pelos annos 1559, foy o Martyrio de Fr. Joaõ, de que faz menção Gravina *in Voce Turturis*, part. 2. cap. 24; Gonzaga, parte 1. nos *Martyres da Ordem*, e parte 4. na Provincia de Saõ Thomé; Daça liv. 1. cap. 57; Barezo part. 4. liv. 3. cap. 71, nas *Chronicas da Ordem*; e Artur no *Martyrologio Franciſc.* neſte dia.

AGOSTO XXIV.

Sor Thereſa de Jeſus, Religioſ. da Conceiçaõ.

A Cidade de Braga, no Moſteiro da Conceiçaõ, a Madre Sor Thereſa de Jeſus, a quem a Divina Graça prevenio deſde o eſtado da innocencia, coſtumando-ſe de tenra idade a exercicios ſantos; porque na caſa, em que vivia ſe retirava para a em que eſtava o Oratorio com a Imagem de Chriſto crucificado, e a do Menino JESUS, que ternamente amava, empregando nelle todo o ſeu amor, com ternos affectos: alli paſſava os dias em Oraçaõ, com tanto fervor, que por muitas vezes foy achada de joelhos, cuberta de lagrimas. A eſtes ſantos exercicios ajuntava diverſas penitencias de cilicios de ferro, e rigoroſas diſciplinas, com que affligia o ſeu delicado corpo. Frequentava os Sacramentos com muita devoçaõ, e com tanta humildade, como quem ſe conſiderava indigna de chegar àquella ſoberana Meſa, ſendo tal o temor de receber o Santiſſimo Sacramento, que as lagrimas eraõ teſtemunhas do que ſeu coraçaõ padecia. Amava ao proximo com tanta charidade, que já mais fez couſa, com que o pudeſſe aggravar; o que naſcia de huma verdadeira humildade, ſobre que fundou o modo da ſua virtuoſa vida; porque todas as ſuas praticas eraõ de materias eſpirituaes, e as ſuas converſações com Deos. Naõ tinha divertimento, que naõ foſſe innocente, e devoto; aſſim no tempo que a Igreja feſteja o Naſcimento do Noſſo Redemptor, era para ver a ſatisfaçaõ, com que pelas ſuas proprias mãos lhe armava o Preſepio: com tanta habi-

habilidade o compunha, para repreſentar ao proprio aquelle ſoberano Myſterio, que lhe naõ faltava couſa alguma das que em Belem ſerviraõ, e adoraraõ ao recem JESUS naſcido, com tanto primor, e policia, que cauſava admiraçaõ ver o bello artificio daquella fabrica, em tudo proporcionada, e perfeita. Neſte lugar ſe dilatava o eſpirito em huma alegria interior, que rompia em exceſſos de amor, compondo letras ao Divino Amante, que ella affectuoſamente recitava, ſendo nella ordinario ſemelhante exercicio, com que deſafogava os incendios do coraçaõ; porque ſempre alegre a ouviaõ em jaculatorias ao Menino JESUS, e a alguns Santos, que ella compunha, e repetia cantando. Neſte modo de vida paſſou Thereſa de Jeſus, até contar trinta e hum anno de idade, quando tomou o Habito de Religioſa no Moſteiro da Conceiçaõ; porque entaõ brilharaõ as ſuas virtudes, até alli occultas no canto da ſua caſa, abraçando a vida Religioſa, naõ por eſtado, mas para augmento da perfeiçaõ, com que ſe dedicava ao ſeu Divino Eſpoſo, ornando-ſe para iſſo de profunda humildade, paſſando os dias no Coro em contemplaçaõ, as noites em vigias, orando na propria cella, com tanta frequencia, que dormindo no tempo do Noviciado nella outra Religioſa, ſua parenta, referia, que já mais a deixou de ver em todas as horas da noite de joelhos, diante do Menino JESUS, e do meſmo Senhor crucificado; ſendo tal a ſua devoçaõ, que por mayor, que foſſe a moleſtia, nem por iſſo faltava de noite a fazer Oraçaõ. Em muitas occaſioens a deshoras, a acharaõ taõ elevada na Oraçaõ, que entrando-lhe na cella, naõ deu ſentido de quem entrou, ou ſahio. Foy muy devota do Myſterio da Aſcenſaõ: eſte dia paſſava no Coro deſde a madrugada, até à huma hora ſem comer, abſorta, e com tal ternura, cuberta de lagrimas, que moſtrava os incendios do ſeu coraçaõ: eſte dom teve na Oraçaõ, ſendo os olhos os pregoeiros das dilicias da ſua alma. Jejuava todas as quartas, ſeſtas, e Sabbados de todo o anno, ſeguindo o mais da obſervancia commua pontualmente; de ſorte, que no Habito, e coſtumes da Caſa, naõ ſó naõ mudou couſa alguma, mas com pontualidade obſervou. Teve tanta paciencia, que levantando-lhe hum teſtemunho falſo, que ella ſentio muito; mas com tal modeſtia ſe houve, que naõ diſſe mais, que Deos ſabia tudo. Eſtas virtudes

tudes lhe retribuîo o mesmo Senhor, manifestando os merecimentos desta sua Serva; porque no tempo que servio de Celeireira, o paõ crescia depois de cozido, e algumas vezes em graõ, quando às demais se diminuîa de ordinario. Em huma occasiaõ festejando a S. Bento, pezando-se depois a cera, se achou mayor o pezo. Em outra, sendo Juiza da festa da Conceiçaõ da Virgem Santissima, a quem tocava fazer a despeza da cera das Procissoens todos os mezes, no fim do anno se pezou, e se achou com ventajem, além das vélas, que as Religiosas haviaõ dado. Finalmente, accommetida de hum accidente ficou baldada sem poder andar, e pedindo a levassem ao Coro, ficava nelle orando, até que voltassem a buscalla, de que ficava muy satisfeita, e com huma tal alegria, que naõ parecia natural, a qual sempre lhe observaraõ no rosto, que a natureza havia dotado de fermosura. Neste estado passou quasi nove annos, sem que afrouxasse dos seus santos exercicios; porque lhe fizeraõ huma cadeira com rodas, em que com facilidade a conduziaõ ao Coro, a cumprir com as suas devoçoes. Vespera de S. Bartholomeu, do anno de 1727, andou na sua cadeira por todos os dormitorios do Convento, cantando jaculatorias ao Menino Jesus: assim correo todo o Mosteiro, sem que deixasse parte a que a naõ levassem. No outro dia, que era hum Domingo, a acharaõ com alguma agonia: pedio os Sacramentos, que recebeo com grande devoçaõ; e depois com actos externos, que edificavaõ às mais Religiosas, com o Santissimo Nome de Jesu na boca, entregou a sua ditosa alma ao seu Divino Esposo, para lograr das dilicias eternas.

B Em a Villa da Ribeira Grande, na Ilha de S. Miguel, acabou em o Senhor o Doutor Gaspar Frutuoso, Clerigo taõ exemplar, que deixou naquellas Ilhas das suas virtudes huma venerada memoria. Assim que teve uso de razaõ foy muy devoto de Maria Santissima, e logo em os primeiros annos foy inclinado às letras, dando a conhecer nos seus principios o seu talento; o que vendo seus pays o mandaraõ a Salamança: aqui estudou Filosofia, com applauso de seus companheiros, a quem servia de exemplo nos costumes; porque a sua vida foy taõ regulada, que naõ houve tempo, em que naõ se desse à virtude. Succedeo ser o anno esteril, e naõ ser soccorri-

Gaspar Frutuoso, Clerigo.

do,

do, nem dous companheiros, ſeus naturaes, com aquellas porções, com que ſeus pays os aſſiſtiaõ. Vendo-ſe neſta extrema neceſſidade, que fazia mayor o verem-ſe requeridos daquelles meſmos, que coſtumavaõ fiarſe do ſeu credito: affligiraõ-ſe os companheiros neſte aperto, mas elle os exhortou a confiar em Deos; e recolhendo-ſe ao ſeu eſtudo, paſſadas poucas horas o chamaraõ à porta; e lhe entregaraõ hum copioſo preſente, ſem ſaber quem lho mandava. Os companheiros ſuſpenſos de admiraçaõ ficaraõ como paſmados; mas elle os reprehendeo, do pouco que eſperavaõ na Divina Providencia; e tirando ſómente o que podia ſer neceſſario para aquella noite, mandou repartir o mais por outros neceſſitados, ſem reſervar couſa alguma para o outro dia, no qual recebeo o ſoccorro, que eſperava da ſua Ilha; que taõ promptamente remunera Deos aos que ſabem fiarſe da ſua Providencia. Já graduado em Filoſofia, voltou à ſua Patria, e ſe ordenou Sacerdote, e começou a exercitar eſta alta dignidade, com a pureza do ſeu eſpirito, ſendo já entaõ o Conſelheiro, e Director de muitos, que lhe communicavaõ os ſegredos da ſua conſciencia, de que naſcia grande moderaçaõ nos coſtumes. Porém vendo que ſem os fundamentos da Theologia naõ podia ſupprir os deſejos do eſpirito, para encaminhar as almas, voltou a Salamanca, e teve por Meſtre aquelle Oraculo da ſciencia Fr. Domingos de Soto, da Ordem dos Prégadores, que reconhecia o talento do diſcipulo. Laureado Doutor na faculdade da Sagrada Theologia, começou a ſer admiraçaõ da Univerſidade, ver tanta ſabedoria com tanta modeſtia: aſſim era conſultado de muitos, que tiravaõ proveitoſos conſelhos da ſua virtude, e letras. O Biſpo de Miranda D. Juliaõ de Alva, por conſelho do Meſtre Soto o chamou a Bragança, onde lhe ſervio de muito: aqui lêo caſos alternadamente com os Padres da Companhia, cujo Inſtituto elle grandemente venerava, e com ſeus filhos conſervou ſempre grande familiaridade, e amor. Achava-ſe já Gaſpar Frutuoſo com beneficios rendoſos, e capazes de o manterem decentemente na vida que tinha, ainda ſem a aſſiſtencia do Biſpo, que largou aquella Igreja, pela Dignidade de Capellaõ môr. Os ſeus naturaes vendo-o deſobrigado do Biſpado, o perſuadiaõ com muitas razoens, para que ſe recolheſſe à ſua Patria, a que ſe ajuntava

outra

outra mais efficaz, na authoridade de D. Manoel de Almada, Biſpo de Angra, que ainda ſe achava em Lisboa. Eſtas perſuações conſultadas com Deos lhe fizeraõ entender ſer do ſeu ſerviço a mudança, e renunciou os beneficios nas mãos do Biſpo D. Antonio Pinheiro. Deſembaraçado, fez jornada para Lisboa, para ſe embarcar para as Ilhas: na Corte tratou ao Biſpo D. Manoel, que o eſtimou muito, pelo que nelle obſervava da ſua virtude, e letras: neſte tempo fazendo renuncia daquella Igreja, foy nomeado o Doutor Gaſpar Frutuoſo no Biſpado de Angra, de que ſe eſcuſou com tal modeſtia, que nem do governo do Biſpado, que ſe lhe encommendava, ſe quiz encarregar; dando-ſe por ſatisfeito com o provimento da Igreja Parochial da Villa da Ribeira Grande, de menor rendimento, que os beneficios que largara. Porém como faria caſo de bens temporaes, quem, havia taõ pouco, renunciara à meſma Dioceſi? Naõ tinha ambiçaõ, e por iſſo ſe contentava com pouco. Chegou à Ilha, e foy recebido com aquelle applauſo, que tinha merecido a ſua veneravel fama: aqui foy pay eſpiritual de muitas almas, que encaminhou à perfeiçaõ. Pela ſua prudencia foy dirigida a Veneravel Matrona Margarida de Chaves, de quem faremos mençaõ a 8 de Setembro. Ao ſeu conſelho, e Orações, ſe deve o Collegio, que a Companhia tem neſta Ilha, obra tanto do ſeu deſejo, que pedia a Deos lhe conſervaſſe a vida, até que o viſſe eſtabelecido. Teve grande charidade com os pobres, deſpendendo tudo o que poſſuîa em ſeu beneficio, ſendo elle o que por ſua maõ lhe repartia as eſmolas, ſuccedendo algumas vezes ficar ſem paõ para a ſua meſa; do que ſendo advertido, reſpondeo, que por amor de Deos, naõ ſe negava nada. Quaſi quarenta annos exercitou o Officio de Parocho, ſendo continuo no Confeſſionario, e no Pulpito, em que moſtrava o ſeu zelo, e charidade; porque eſtranhava os vicios com liberdade Apoſtolica, exhortava a todos ao caminho da perfeiçaõ. A muitos livrou de eſcandaloſas occaſioens, em que viviaõ torpemente, eſquecidos da ſua alma; a outros reconciliou de grandes odios: tal era o ſeu zelo, e a veneraçaõ, com que o reſpeitavaõ, que naõ ſe attreviaõ a lhe reſiſtir. Teve grande humildade, e deſapego dos bens do Mundo, cordeal devoçaõ à Virgem Santiſſima, que teve principio com o uſo

da razaõ: em ſeu obſequio conſervou illeza a flor da caſtidade, ajudado com taõ ſoberano patrocinio: era eſpecial nelle eſta virtude; de ſorte, que ſe excitavaõ os impuros a deſejos de viverem caſtos, ſó com olharem para eſte Servo de Deos, que ſempre viveo empregado no ſeu amor, exercitando-ſe em penitencias, e jejuns, que fazia tres dias na ſemana, e às ſeſtas feiras a paõ, e agua. Uſava de cilicios, que depois de ſua morte ſe lhe acharaõ de diverſas fórmas. Era muy ſobrio, e taõ ſofrido, que ſendo ſugeito a grandes colicas, as padecia com tal paciencia, que nunca ſe queixava. A ſua morte parece lhe foy revelada, pois andando de pé, ainda que moleſtado, e doente, ſe foy à ſua Parochia a dizer Miſſa; o que fez com a devoçaõ, que ſempre lhe obſervaraõ. Voltando a caſa logo ao principio da tarde recitou Veſperas: acabadas ellas, pedio a Santa-Unçaõ, e entre os dulciſſimos Nomes de JESUS, e MARIA, entregou a ſua ditoſa alma ao ſeu Creador.

Sor Maria do Sepulch. Franciſcan.

C Em Santa Clara de Villa do Conde, ſerá ſempre ſaudoſa a memoria da Madre Sor Maria do Sepulchro, de eſpirito taõ abrazado no Amor Divino, que parecia arder em huma chamma viva, e ſendo continua no exceſſo, com que ſe empregava em ſantos exercicios, era mais eſpecial nos dias de Quinta feira Mayor; cobrindo o roſto com o vêo, deſcalça, e atraveſſada de dores, andava como atonita, com a memoria da morte de ſeu amado Eſpoſo. Toda a vida foy admiravel, guardando hum profundo ſilencio, jejuando quaſi todo o anno, e em todas as ſeſtas feiras, e Quareſmas naõ comia peixe. Sobre eſtas abſtinencias, ſe mortificava com continuadas diſciplinas, e aſperos cilicios, ſendo a terra fria cama em que dava deſcanço ao caſtigado corpo. Eſtes exceſſos da fineza do ſeu amor recompenſava com maravilhas o ſeu Eſpoſo, creſcendo-lhe as raçõeſ, no tempo que era Proviſora, ſó com lhe lançar huma bençaõ; e ſendo a falta conhecida, lhe vinha tudo a ſobejar. Quando corria com a Cerca, as arvores que o tempo ſeccava, ella fazia reverdecer, regando-as com agua benta. Perdeo a viſta, e ſuppoſto ſe conformava, ſentia faltarlhe a luz dos olhos, por naõ ver na Miſſa o Sacerdote, e os Santos no Altar. Neſta deſconſolaçaõ lhe appareceo Santa Iſabel, revelando-lhe ſer a ſua cegueira do agrado de Deos, ficando taõ animada, que por mais que o tentador a pertendeo

deo magoar, triunfava a ſua paciencia em huma verdadeira conformidade. Na ultima doença a perſeguio acerrimamente, a que reſiſtia conſtante, ouvindo-ſelhe em vozes altas injurial-lo, e afrontallo. Repetia o inimigo infernal as ſuas aſtucias, mas ella animoſa o rebatia, rezando o Credo; e ſendo ſoccorrida de S. Miguel, e S. Jorge, ſeus advogados, ſe livrou com verdadeira humildade; e chea de taõ relevantes obras dormio em o Senhor.

Sor Acaſſia da Paixaõ, Franciſcan.

D Item no Moſteiro de Alemquer, da meſma Familia, a veneravel memoria de Sor Acaſſia da Paixaõ, verdadeira Eſpoſa de Chriſto, na humildade, pobreza, charidade, e contemplaçaõ, em que perſeverava no dia por muitas horas; pois tanto que acabava com as obrigações, em que ſervia a Communidade, ſe recolhia à caſa do Capitulo, onde em Oraçaõ perſeverava até às onze; depois ſobindo ao Coro, e ſeguindo os deſvélos do ſeu eſpirito, continuava em devota Oraçaõ até às Matinas, em que aſſiſtia com grande ſatisfaçaõ: a taõ largas vigias naõ dava deſcanço ao corpo em cama; porque nunca uſou della ſenaõ por ordem dos Medicos. O ſeu coſtumado repouſo era de joelhos, encoſtada à cama, e com breve ſomno ſatisfazia à penſaõ da natureza humana. Naõ ſe eſquecia de caſtigarſe com mortificações extraordinarias, permanecendo por muitas horas com os braços em Cruz, tomando aſperas diſciplinas todas as noites com huma bóla de ferro, formada de agudas pontas, que rompendo-lhe a carne, publicava a caſa de dia, o que della ſe fiava por ſegredo no alto ſilencio da noite, amanhecendo alagada em ſangue. De vida taõ penitente bem ſe deixa ver á devoçaõ, com que amava aos Santos, em cujo obſequio fazia muy particulares demonſtrações. As Almas do Purgatorio lhe deveraõ ſobre compaixaõ, muy proveitoſos cuidados, diſpendendo por ſua utilidade tudo quanto podia alcançar em ſufragios, para lhe ſuaviſar as penas, a que ajuntava muitas Orações, que applicadas com a ſua devoçaõ, eraõ muy gratas na preſença Divina. Em ſatisfaçaõ deſta charidade, quando foy levada à ſepultura ouviraõ as Religioſas hum grande rumor de vozes, que recitavaõ o Officio, que a Igreja determinou aos defuntos, moſtrando Deos na aſſiſtencia dos Eſpiritos glorioſos, o quanto eſtimava eſta ſua Serva.

O P. Manoel de Sequeira, da Companhia.

E Na Caſa Profeſſa de S. Roque de Lisboa, deu fim à vida mortal para a gozar eterna, o Padre Manoel de Sequeira, da Companhia de JESU, que ſendo empregado em varios governos da Provincia, acharaõ nelle os ſubditos hum amor taõ particular, que ſem que lhe faltaſſe o zelo da obſervancia, ſatisfazia a todos ſem offenſa das leys da Religiaõ. Teve com Deos grande trato no exercicio da Oraçaõ, de que lhe naſcia hum eſpirito Apoſtolico, encaminhado ao bem das almas. Todas as ſuas prégações acompanhava de huma tal ternura, que rompia em lagrimas, cauſando nos ouvintes huma natural compunçaõ. Era de animo candido, e inclinado a ſervir o proximo, eſpecialmente aos que via dados à virtude, pela qual mereceo repouſo eterno, como piamente ſe póde crer.

O Irm. Bartholom. Alvares, da Companhia.

F Item a felice memoria do Irmaõ Bartholomeu Alvares, da Companhia, em que por quarenta annos com admiravel charidade ſervio aos enfermos, adquirindo por ſua induſtria o regallo, com que os ajudava a fazer menos penoſa a doença. Em huma occaſiaõ tendo hum enfermo recebido a Sagrada Euchariſtia, por indiſpoſiçaõ do eſtomago lançou em hum vomito tudo o que nelle tinha. Movido da reverencia ao Santiſſimo Sacramento, com edificaçaõ dos circunſtantes, ajuntando o que tinha lançado o enfermo com a Sagrada Particula, a commungou o Irmaõ Bartholomeu com grande devoçaõ. Sendo deſtinado para o Japaõ o Biſpo D. Sebaſtiaõ de Moraes, o quiz ordenar; o que elle recuſou, tendo-ſe por indigno do Sacerdocio, e preſiſtindo em o eſtado de Leigo, acabou ſantamente.

Commentario ao XXIV. de Agoſto.

A O Obſervante Moſteiro da Conceiçaõ de Braga teve principio na devoçaõ de Giraldo Gomes, Conego na Cathedral daquella Cidade, que junto com ſeu irmaõ o Doutor Franciſco Gomes, Clerigo, o fundaraõ, e nelle ſe lançou a primeira pedra no anno de 1625; e crecendo com cuidado o material da obra, no anno de 1629, entraraõ para fundadoras quatro Religioſas do Moſteiro dos Remedios, da Ordem Terceira de Saõ Franciſco, que fundou D. Fr. André de Torquemada, Biſpo que foy de Dume, e de Annel de Braga, donde ſahiraõ as Fundadoras Martha de Santa Anna, D. Franciſca de Caſtro, Paula do Eſpirito Santo, e Maria da Conceiçaõ, que com as que de novo tomaraõ o Habito da Conceiçaõ, deraõ principio à fabrica eſpiritual deſta Caſa, que ſempre ſe conſervou no rigor da obſervancia das ſuas primeiras habitadoras; de ſorte, que em diverſos tempos deraõ Religioſas, para Fundadoras de Moſteiros muy reformados, como he o das Capuchas da Conceiçaõ de Chaves, para donde ſahio a ſua primeira Abbadeſſa a Madre Sor Suzana Gracia do Salvador; e para Vigaria, e Eſcrivãa a Madre Sor Gracia Joſepha do Lado,

Lado; e para o Moſteiro das Capuchas da Cidade de Braga a Madre Sor Maria da Trindade a Peccadora, para Vigaria, e Meſtra das Noviças.

He o Inſtituto deſta Caſa da Conceiçaõ o meſmo, que em Toledo fundou a Beata D. Brites da Sylva, de quem fizemos menção a 17 deſte mez, donde os Fundadores mandaraõ vir a Regra, e Eſtatutos, que ſe lhe deraõ em virtude de hum Breve do Papa Julio II. paſſado a 15 de Outubro de 1511, no oitavo anno do ſeu Pontificado, a que ajuntou os que lhe deraõ os Religioſos da Obſervancia de S. Franciſco da meſma Cidade, de cuja obediencia ſaõ aquellas Religioſas. Porém o Moſteiro de Braga ſe conſerva com differente eſtylo, em virtude de hum Breve do Papa Urbano VIII. que o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha executou, a quem entaõ, e depois a ſeus ſucceſſores, ficaraõ obedecendo, naõ uſando dos coſtumes do de Toledo, mais que nos actos de Communidade cobrirem com hum vêo o roſto, e trazerem huma medalha no Bentinho com a Imagem da Virgem Santiſſima, repreſentada na ſua Immaculada Conceiçaõ. O ſeu Habito he azul, e andaõ calçadas, e as de Toledo deſcalças, e obſervaõ os Eſtatutos, e Leys, que os ſeus Prelados os Arcebiſpos determinaraõ. Neſte Moſteiro entrou Sor Thereſa de Jeſus, de quem no Texto tratámos. Naſceo na meſma Cidade no anno de 1663, donde tambem eraõ ſeus pays Domingos Alvares, e Sebaſtiana de Azevedo. Entrou neſte Moſteiro no anno de 1694, em que viveo trinta e tres, falecendo neſte dia no de 1727. Refere-ſe, que outra Religioſa chamada Sor Feliciana de Saõ Domingos, com quem ella tratava com mais confiança ſantamente, hum dia diſſera a Sor Thereſa eſtas palavras: *A primeira que de nós morrer, virá dar conta à que ficar, do lugar em que eſtá*; o que foy dito ſem promeſſa, nem ratificaçaõ de huma para outra. Succedeo morrer Sor Thereſa, e poucos dias paſſados eſtando a ſua boa amiga dormindo, ſonhou, que via Sor Thereſa taõ fermoſa, e brilhante, veſtida no proprio Habito, que a outra abſorta, e atemoriſada, aſſim que a vio, lhe diſſe: *Thereſa, naõ quero ſaber mais*, e deſappareceo, ficando a Companheira, que tambem o devia ſer na vida, alegre, e por extremo contente de a ver taõ glorioſa. O que tirámos das Memorias deſte Moſteiro, que temos, e devemos ao Reverendo Padre Fr. Marcellino da Aſcenſaõ, Monge da Ordem de S. Bento, e Dom Abbade do Moſteiro de Santarem, e ao preſente Chroniſta da ſua Religiaõ.

B A Cidade de Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, a quem ElRey D. Manoel, fez Villa no anno 1499, edepois ElRey D. Joaõ o III. levantou ao foro, e privilegios de Cidade, em 2 de Abril de 1546, tomou eſte nome por eſtar ſentada junto a huma delgada ponta, que do interior da Ilha vay raza ao mar. Occupa quaſi hum quarto de legoa, junto ao mar, em lugar plano, com bons edificios, com nobre caſa dos Donatarios, que ſaõ os Condes da Ribeira Grande, e no meyo da Cidade, ſobre o porto, huma Fortaleza, que lhe ſerve de defenſa.

Eſta Cidade foy Patria do Venturoſo Padre Gaſpar Frutuoſo, onde naſceo no anno 1522. Eraõ ſeus pays Cidadãos nobres, e honrados, a que naõ faltavaõ os bens, que o Mundo chama da fortuna. Sendo menino o mandava ſeu pay ver os homens do trabalho, que trazia nas ſuas lavouras; mas elle levando alguns livros, ſe punha a ler taõ empregado, que naõ dava ſentido a outra couſa. Vendo o pay aquelle deſcuido, o reprehendeo, dizendo, ſenaõ tinha preſtimo, para cuidar no que lhe havia de dar de comer, o mandaria eſtudar às Univerſidades, como com o tempo fez, em que foy conſumado Letrado; de ſorte, que quando aprendia Theologia, com aquelle a todas as luzes grande Varaõ da Familia Dominicana o Doutiſſimo Padre Soto, e lhe propunha alguma duvida, lhe pedia tempo para a repoſta. Enriqueceo a ſua Igreja de peças, e ornamentos. Mandou fazer hum frontal, com huns emblemas bordados, que parece alludiaõ ao que paſſara com ſeu pay: era hum arado com eſta letra: *Se ſoubera.* Da outra parte hum livro com a letra: *Naõ ſoubera.* Ao ſeu zelo devem as Ilhas os Collegios da Companhia, que pedia a Deos, e aos Reys, e Biſpos, dizendo-lhe a grande utilidade, que delles receberiaõ as almas, e a Igreja Catholica. Aos 69 annos da ſua idade acabou neſte dia, no anno 1591, com univerſal ſentimento, naõ ſó daquella Villa, mas de toda a Ilha, que choravaõ perder conſelheiro, pay,

pay, e interceſſor, naõ ſó para o Mundo, mas para com Deos. O Biſpo D. Manoel de Gouvea, com o ſeu Vigario Geral, e todo o Clero, e Nobreza, aſſiſtiraõ ao acto da ſepultura, que foy na Igreja de Noſſa Senhora da Eſtrella, de que era Parocho. Ao pé do Altar em que foy ſepultado lhe puzeraõ huma campa com eſte breve Epitafio:

Aqui jaz o Doutor Gaſpar Frutuoſo, que foy Vigario, e Prégador deſta Igreja, Veré, Varaõ Apoſtolico, inſigne em letras, e virtude.

A ſua livraria deixou ao Collegio, que a Companhia tem naquella Ilha, e com ella dezaſeis volumes de ſua maõ, de Theologia, que tinha eſcrito, e o celebre livro do Deſcobrimento das Ilhas, que intitulou *Saudades da Terra*, e nunca ſe imprimio, e ſe conſerva com grande reſguardo, de que temos viſto algumas copias, porém imperfeitas. A eſte hiã ajuntando outro, que tinha por titulo *Saudades do Ceo*. Delle faz mençaõ o Padre Antonio Cordeiro na *Hiſtoria Inſulana*, liv. 2. cap. 2; o Padre Cruz nas Memorias para a *Biblioth. Luſit.* e Franco na ſua m.ſ. Fr. Affonſo de Chaves e Mello na Deſcripç. da Ilha de S. Miguel, no fim da *Vida da Veneravel Margarida de Chaves.*

C Entre as Religioſas, que com a ſua ſanta vida illuſtraraõ o Moſteiro de Villa do Conde, junto à Cidade do Porto, foy a Madre Maria do Sepulchro, que no Anno 1653, faleceo. Della ſe lembra o Meſtre Eſperança na *Hiſtoria Seraſica*, part. 2. liv. 8. cap. 18; Gonzaga na III. Part. na Fundaçaõ deſte Moſteiro; Artur no *Martyrologio Franciſcano*, neſtedia; Barezzo liv. 4. cap. 40. ad ann. 1566; Wandingo tom. 3. §. 46; Valero nas *Santas Mulheres da Ordem dos Menores*, liv. 4. cap. 41. e outros.

D A Cidade de Lisboa foy Patria da Madre Sor Acaſſia da Paixaõ, de huma taõ exceſſiva abſtinencia, que o ſeu mayor regallo era hum pucaro de agua, e hum pedaço de paõ. Sahio do Moſteiro da Eſperança de Lisboa com as Fundadoras, com o cargo de Porteira para o de Alemquer: nelle moſtrou a ſua grande charidade com os pobres, ſatisfazendo a todos os que lhe pediaõ eſmola, com tal piedade, que para os que via doentes fazia doces, que guardava na meſma Portaria, e repartia conforme a neceſſidade. Depois de ſe tratar com o rigor, que temos dito, obſervava comſigo huma eſtreita pobreza, e notavel deſprezo, ſendo ſempre o ſeu Habito o mais pobre, e vil, que havia na Caſa. De taõ virtuoſa vida foy receber o premio pelos annos 1578, neſte dia, como moſtra o Padre Fr. Fernando da Soledade na IV. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 5. cap. 18. pag. 680; o *Jardim de Portugal* pag. 344. n. 116; Purificaçaõ *Chronolog. Monaſt.* liv. 2. cap. 6. pag. 176; Gonzaga part. 3. pag. 88; Barezzo part. 4. liv. 4. cap. 39; Valero das *Santas Mulheres da Ordem*, liv. 4. cap. 40. Artur no *Martyrologio*, o poem a 27: *Alanquerii in territorio Ulyſſiponenſi Beatæ Achatiæ à Paſſione, Virginis: humilitatis, & charitate celebris.*

E A Villa de Aguiar, na Comarca de Villa Real, foy Patria do Padre Manoel de Sequeira, que na Companhia foy dos antigos Meſtres do Noviciado de Evora, onde profeſſou, e dos primeiros que deraõ principio ao Collegio da Cidade do Funchal, na Ilha da Madeira, de que foy Superior, e depois Reytor de Evora, Vice-Provincial, e Prepoſito da Caſa de S. Roque, em que faleceo neſte dia, no anno 1595, como refere o *Menologio da Companhia* m. ſ. Nadaſi *Annus Memorabilium*, ambos neſte dia; Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Evora*, liv. 1. cap. 34.

F Com grande zelo ſervio tambem na Sachriſtia de S. Roque o Irmaõ Bartholomeu Alvares, devendo-ſe à ſua induſtria o ſer inſtrumento de tudo o que nella havia. Deu fim à ſua vida no anno 1614, de que faz mençaõ Nadaſi, neſte dia.

AGOSTO XXV.

Fr. Luiz Sotelo, e Fr. Luiz Saſſandra, Franc. Luiz, Catequiſta, o P. Miguel Carvalho, da Compan. Fr. Pedro Vaſques, Dom.

AM Vomura, mereceraõ neſte dia ſer coroados com a immarceſſivel palma do martyrio, pela glorioſa confiſſaõ da Fé, Fr. Luiz Sotelo, e Fr. Luiz Saſſandra, da Ordem Seraphica, Luiz Bava, Cathequiſta, Terceiro, o Padre Miguel Carvalho, da Companhia, em quem tinhaõ ſido muy antigos os deſejos de dar a vida por Chriſto, o Padre Fr. Pedro Vaſques, da Ordem dos Prégadores, os quaes todos abrazados no amor de Deos, depois de ſofrerem prizoens, trabalhos, e tribulações, foraõ levados ao ſupplicio; e queimados com fogo lento, cantando Pſalmos, e Hymnos, ſubiraõ por entre as chammas as ſuas bemditas almas a gozar as delicias, que o Senhor lhe tinha preparado na eternidade. As cinzas dos Martyres mandaraõ os Tyrannos depois lançar no mar, para tirarem aos Chriſtãos eſſe alivio, mas a piedoſa induſtria de alguns, ſoube alcançar algumas Reliquias dos Bemaventurados Soldados de Chriſto.

O P. Diogo Miraõ, da Companhia.

B No Collegio da Companhia de Roma, a commemoraçaõ do Padre Diogo Miraõ, primeiro Reytor do Collegio de Coimbra, lugar, que occupou naõ ſendo ainda Sacerdote, mas de taõ louvaveis coſtumes, que o fizeraõ eſcolhido entre tantos benemeritos, como foraõ aquelles primitivos Padres, nos quaes o eſpirito de Santo Ignacio eſtava infundindo a perfeiçaõ do Eſtado Religioſo. Neſte virtuoſo Padre ſe admirou huma mortificaçaõ continuada, ſendo em todas as acções verdugo de ſi meſmo, affligindo-ſe com aſperas diſciplinas, trazendo à raiz da carne hum jubaõ feito de cilicio, com huma lamina de ferro, feita com tal artificio para mortificar, que lhe era o ſeu uſo muy penoſo; e aſſim pelo naõ inquietar quando dizia Miſſa, a tirava, e o ſangue congelado na carne rota, lavava com agua fervendo, ſofreo por muitos dias huma cadeya de ferro na cintura, taõ ajuſtada, que creſceo a carne, e foy preciſo, que lha tiraſſem, naõ ſem perigo da vida. Nos jejuns era frequente, ſendo communs de paõ, e agua, e algumas vezes ſó paõ ſecco, e em tudo o mais ſe mortificava com tal exceſſo, que ſeu Santo Patriarca lhe nomeou

hum

hum irmaõ, a quem neſte particular houveſſe de obedecer. No trato com Deos teve tal familiaridade, que de ordinario, naõ attendia ao que paſſava, por ter o penſamento elevado nos bens eternos. A mayor parte da noite vigiava, paſſando em Oraçaõ. Trazia ſempre nas mãos o Teſtamento Novo, em que interrompiaõ a liçaõ copioſas lagrimas. Quando o Porteiro o buſcava no ſeu cubiculo, o achava dejoelhos, e naõ poucas dobrado, metido debaixo da cama, o que lhe era penoſo por ſer de eſtatura agigantada. Depois de em Gandia ter feito a profiſſaõ do quarto voto, com o Santo Varaõ o Padre André de Oviedo, foy chamado a Roma por Santo Ignacio, para com S. Franciſco de Borja, e outros Padres verem as Conſtituiçõẽs, que tinha feito para a Companhia, e determinarem o que pareceſſe mais conveniente. Paſſados dous annos ſuccedeo ao Veneravel Meſtre Simaõ Rodrigues no governo da Provincia de Portugal, que adminiſtrou com vigilancia, e grande cuidado; mas nem por iſſo ceſſava de prégar, e enſinar, com tal fama, que naõ faltava quem diſſeſſe, que tanto fruto fazia em Portugal, como o Santo Xavier no Oriente. Andava viſitando a Provincia, mais rendido do trabalho, que de outra cauſa, lhe ſobreveyo huma febre na Villa de Moura: a ſua humildade buſcou o Hoſpital, e entre os mais pobres da enfermaria o achou o Cardeal Infante D. Henrique, que andava viſitando o Arcebiſpado, e edificando-ſe da ſua humildade ſe alegrou de o ver; porque como virtuoſo eſtimava a virtude, e o mandou agazalhar com piedade, naſcida do ſeu Real animo; porém com pouca ſatisfaçaõ da humildade do Santo Varaõ, que eſtimava em mais a companhia dos pobres. No anno ſeguinte pedio abſolviçaõ do cargo, e vindo niſſo Santo Ignacio, o nomeou depois Reytor de Valença, onde naõ poz menos cuidado na ſaude das almas, do que no governo dos ſubditos. Depois voltou a Portugal, donde foy mandado por Provincial de Aragaõ, donde tornou a Portugal em menos de hum anno, por ſuperintendente do Collegio de Coimbra, e foy depois ſegunda vez Provincial deſta Provincia; e paſſando a Roma foy aſſiſtente de S. Franciſco de Borja, donde voltou a eſte Reyno por Viſitador; e tornando a Roma, cheyo de trabalhos, e merecimentos, pagou o tributo de haver naſcido, com morte precioſa.

Em

Fr. Cypriano Pereſtrello, Eremita.

C Em Lisboa, no Religioſo Convento de Noſſa Senhora da Graça, da Eremitica Familia Auguſtiniana, a memoria de Fr. Cypriano Pereſtrello, o qual ſeguindo a ſua vocaçaõ com tal fervor de eſpirito no caminho da virtude, conſeguio em breve tempo alcançar o premio da Gloria. Era de huma vida inculpavel, caſto, innocente, recolhido, naõ fallando ſenaõ o preciſo, muy penitente, e continuo na Oraçaõ. Teve dom de lagrimas, com que ſe fazia ſobre as outras virtudes mais amado. Naõ tinha mais que ſeis annos de Religiaõ, porém muitos de exercicios ſantos, quando gaſtado das penitencias, conſumido de huma febre, que ſofreo com paciencia, ſe lhe aviſinhou a morte, cuja noticia recebeo com alegria, pedindo aos Prelados, que as Miſſas, que por elle applicaſſem, foſſem todas de Noſſa Senhora, a qual na vida tivera por Protectora, e queria na morte advogada, o que pela ſua innocencia lhe foy outorgado; e repetindo o Santiſſimo Nome de JESUS muitas vezes, ficou immovel, e taõ mudado, que ſe julgou por morto, por eſpaço de meya hora; e tornando a ſi, referio huma notavel viſaõ, que fora levado diante de JESU Chriſto ao Juizo final, perante quem appareceo o demonio com medonha fórma, com hum livro na maõ, no qual eſtavaõ as faltas, que do Servo de Deos tinha eſcrito; e mandando o ſevéro Juiz, que arguiſſe, e accuſaſſe a Fr. Cypriano, depois de muito revolver emmudecia: e paſſado algum eſpaço, o Senhor lhe diſſe: *Vaite maldito ao fogo eterno, que para ti eſtá aparelhado ſempre, que naõ tens nada contra meu Servo.* E levantando-ſe, o abraçara, dizendo: *Vem filho bemdito com a bençaõ de meu Pay, poſſuirás o Reyno, que deſde o principio ſem principio te eſtá aparelhado*; e logo vira a Virgem Santiſſima, ſeu Padre Santo Agoſtinho, e outros Santos da meſma Ordem, e alguns Santos da ſua devoçaõ, e Anjos. E acabando de referir eſta viſaõ, deu o eſpirito ao Senhor, deixando na opiniaõ de todos, pelos quaes era reconhecido por Santo, huma quaſi infallivel preſumpçaõ da ſua gloria.

Fr. Joaõ de Soria, Franciſcano.

D Em Chaul, no Convento de Santa Barbara, ſerá ſempre ſaudoſa a memoria de ſeu virtuoſo Guardiaõ Fr. Joaõ de Soria, de taõ eminente virtude, que quando entre os Portuguezes, e Gentios havia huma cruel guerra, em que aquella Cidade ſe vio em grande conſternaçaõ, inſtava Fr. Joaõ a Deos,

com fervoroſas deprecações, e lagrimas, pedindo-lhe ſoccorreſſe aquella afflicta Cidade. Em huma occaſiaõ ouvio huma voz do Ceo, que dizia: *Vigiay, peleijay, e vencereis.* Eſtas palavras repetia o Servo de Deos nos aſſaltos, com que ſe animavaõ os Soldados com tal conſtancia, que no ultimo aſſalto era taõ forte o impeto dos Barbaros, que pareceo impoſſivel ſuſtentallo; porém os noſſos cheyos de Fé o ſofreraõ taõ valeroſamente, que rechaçados os Barbaros, cedeo a multidaõ à conſtancia; de que timidos os inimigos ſe retiraraõ taõ apreſſadamente, que mais pareceo fugida, que retirada. Com eſtes, e outros caſos ſe acreditava a virtude do Servo de Deos, até que acabou em paz com grande fama de ſantidade.

Sor Maria de Jeſus, Agoſtinha Deſcalça.

E No Moſteiro das Deſcalças de Santo Agoſtinho, junto a Lisboa, a Madre Maria de Jeſus, Religioſa muy zeloſa da regular obſervancia, e ſantas ceremonias da Igreja; de grande Oraçaõ, e humildade, em que exercitava as ſuas diſcipulas, ſendo Meſtra das Noviças, ſendo o ſeu exemplo o que mais as obrigava a ſe adiantarem com ſanta emulaçaõ no exercicio das virtudes. Era de animo pacifico, ſocegado, e inalteravel a todos os contratempos; nem nunca ſe lhe ouvio palavra, que naſceſſe de perturbaçaõ; ſó quando ſuccedia ver as couſas do culto Divino tratadas com menos cuidado, ou as ceremonias com menos perfeiçaõ, cheya de zelo ſanto reprehendia a falta, moſtrando nos affectos, com que ſe explicava, a grande dor, que lhe cauſavaõ aquellas ommiſſões. Em tudo em que a obediencia a occupou, ſervio com ſatisfaçaõ: ainda que ſentia ſer provida nos officios da Ordem, os exercitava com pontualidade. Era grande o ſeu preſtimo, e prudencia, e aſſim nunca eſtava ſem ſer occupada; nos officios humildes da caſa ſervia com alegria, porque na humildade fundou toda a ſua virtude. Introduzio naquella Caſa a celebre devoçaõ de Santa Gretrudes; ſeſſenta dias antes da feſta do Naſcimento de Chriſto, fazer o enxoval para o Menino Deos, fabricado de mortificações interiores, e exteriores, acompanhadas de muita Oraçaõ, e ſilencio; o que ainda hoje ſe obſerva, tirando-ſe por ſorte. Foy tambem devoçaõ ſua, ordenar hum Lauſperenne nas veſperas da Aſſumpçaõ da Virgem, que começava aos treze de Agoſto, às tres horas da tarde, e acabava aos quinze, às tres da manhãa, repartindo-ſe as horas em

em aſſiſtencia do Coro, fazia com muitas lagrimas a parte que lhe tocava, como quem era authora da devoçaõ. Achavaſe já muy doente, e em veſpera da Aſſumpçaõ, hindo para as Matinas, diſſe a algumas Religioſas, que aquellas ſeriaõ as ultimas; e ficando depois de acabadas no Coro por largo tempo, ſe eſteve aparelhando com actos de amor de Deos, e de outras expreſſoens ſemelhantes; ſe entendeo depois lhe fora revelada a hora da ſua morte, para a qual ſe preparou com o Diviniſſimo Sacramento, que recebeo no diſcurſo da doença por devoçaõ: e ultimamente com o Santiſſimo Viatico, tendo ſofrido com paciencia os incommodos da doença, reſignada toda na Divina vontade, chea de Fé, em hum Sabbado àquella meſma hora, que coſtumava rezar a Ladainha de Noſſa Senhora, de quem foy cordeal devota, levantando com ſocego os olhos ao Ceo, deu ſeu eſpirito ao Senhor, entre as lagrimas, e ſuſpiros das Religioſas, que do ſeu exemplo, e trato, tinhaõ recebido admiraveis documentos de virtude; pelo que a amavaõ ternamente, deixando-lhe de ſua ſanta vida huma perpetua ſaudade, que augmentava mais a fermoſura do roſto, teſtemunhando em ſemblante alegre a gloria da ſua ditoſa alma.

Commentario ao XXV. de Agoſto.

A FOraõ prezos em Vomura, imperando Toxogunſama, e glorioſamente coroados Martyres, Fr. Luiz Sotelo, Heſpanhol, natural de Sevilha, de illuſtre naſcimento, que ſendo já homem ſe havia recolhido nos Recoletos da Religiaõ Seraфica, e ardendo no zelo da ſalvaçaõ das almas, com alguns Companheiros da meſma Religiaõ, paſſou às Filippinas, e entrando no Japaõ fez grande fruto, convertendo a muitos ao conhecimento da noſſa Santa Fé, com a prégaçaõ do Evangelho, catequiſando aos moços, confundindo aos Bonzos, e falſos Sacerdotes dos Idolos, em que fez muitas obras do ſerviço de Deos, até que veyo a dar a vida como temos dito, e juntamente Fr. Luiz Saſſandra, e Luiz Bava, Japões, que todos tres em Vomura, no anno de 1624, foraõ mortos, como refere Cardim no ſeu *Catalogo*, pag. 297, e o *Martyrologio Franciſcano*, neſte dia; Rapineo *Hiſtoria Geral da Origem dos Recoletos*, Decad. 11. part. 2; Bzovio tom. 17. ad ann. 1471. §. 14. cap. 25; Solero *Hiſtor. Eccleſiaſt. do Japaõ*, tom. 2. liv. 15. cap. 10, e em muitos lugares; e a *Origem da Ordem Terceira de S. Franciſco*, pag. 314.

O Padre Miguel Carvalho era natural de Braga, filho de Gaſpar de Carvalho, e Catharina Dias. Entrou na Companhia, e no tempo que eſtudava Filoſofia pedio a Miſſaõ da India, para donde embarcou no anno de 1602, com cincoenta e ſete Companheiros, de quem era Superior o Padre Alberto Laercio. Na Cidade de Goa eſtudou Theologia, em que fez taõ excellentes progreſſos, que veyo a ſer inſigne Meſtre. Contava quarenta annos, quando abrazado no deſejo de paſſar ao Japaõ, venceo o ſeu fervor o obſtaculo, que a ſua meſma peſſoa lhe punha na neceſſidade, que havia para o magiſterio. Embarcou, e

depois de naufragar na viagem, diſfarçado em Soldado entrou no Japaõ: aprendeo a lingua da terra, em que já deſtro, começou a exercitar as obrigações de Miſſionario, confeſſando, e corroborando na Fé aos eſcondidos Chriſtãos, temeroſos dos Edictos do Emperador, que ſabendo o que paſſava, fez prender ao Padre Miguel Carvalho, o qual fez depois queimar no referido dia, e anno. Delle fazem menção Nadaſi *Annus Dierum*, &c. neſte dia; o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſtoria de Braga*, part. 2. cap. 106; Franco *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 2. cap. 25, e no *Synopſis*, pag. 65; e no *Anno Santo da Companhia*, neſte dia; e o *Menologio da Companhia*, neſte dia; Albergaria m.ſ. pag. 100; Pereira *Paciecidos*, pag. 167, e outros.

O Padre Fr. Pedro Vaſques era natural do Reyno de Galliza, do Lugar de Barin, do dominio dos Condes de Monte-Rey. Tomou o Habito em Madrid, e eſtudou Filoſofia, e Theologia em Segovia, e Avila. Ainda era Eſtudante quando o Padre Fr. Diogo Duarte, Religioſo de vida exemplar, procurava alguns Religioſos para a ſua Provincia de Filippinas. Concorriaõ em Fr. Pedro aquellas partes, que conſtituem hum bom Religioſo, recolhido na cella, dado à Oraçaõ, e às obrigações do eſtado. Tendo noticia da commiſſaõ, ſe reſolveo à viagem; embarcou em Sevilha para Mexico; foy mandado a Manila, e dahi à nova Segovia; applicou-ſe a ſaber a lingua da terra, para exercitar o miniſterio do Evangelho, em que por ſeis annos ſe empregou com louvor. Neſte tempo chegou noticia do Martyrio do Padre Fr. Affonſo de Navarrete, no Japaõ: ardeo em hum deſejo de lhe ſer companheiro no Martyrio, aſſim como o era na Religiaõ: alcançou licença dos Prelados, depois de terem paſſados dous annos, em que ſe tinha preparado com jejuns, e orações, ajuntando novas mortificações às coſtumadas. Para entrar no Japaõ mudou de traje, e ſervindo-ſe do diſfarce, tinha entrada franca em toda a parte, e aſſim conſolava aos Chriſtãos, com a adminiſtraçaõ dos Sacramentos, prégando, e confeſſando, catequiſando, e bautiſando; de ſorte, que em hum ſó anno confeſſou mais de ſete mil peſſoas. Foy reconhecido dos Miniſtros, e logo prezo no carcere, onde achou já o Padre Fr. Luiz Sotelo, e depois os mais Companheiros, com que entrou na Gloria. O *Agiologio Dominico*, neſte dia; Fr. Diogo Duarte na *Chronica das Filippinas*, e outros Eſcritores da Ordem.

B Ainda que o Padre Diogo Miraõ era natural da Cidade de Valença, Cabeça daquelle Reyno, teve tanta aſſiſtencia neſte Reyno, que parece obrigaçaõ fazer delle memoria, principalmente quando as ſuas virtudes, e zelo deſta Provincia foraõ taõ admiradas, que ſerviraõ de exemplo a muitos, e de edificaçaõ a todos. ElRey D. Joaõ o III. o eſtimou tanto, que o eſcolheo para ſeu Confeſſor: honra de que o Santo Varaõ ſe eſcuſou, dizendo, que era Eſtrangeiro; a que ElRey reſpondeo, que para elle nenhum filho da Companhia era de outra Naçaõ. Santo Ignacio naõ approvou o eſcuſarſe o Padre a hum Rey, que tinha ſido a cauſa do eſtabelecimento da Companhia, como refere em huma Carta ſua, que anda na II. Parte da *Chronica da Companhia*, liv. 4. cap. 2, em que ſe vê a gratidaõ do Santo, e a grande attençaõ, com que ſe lembrava dos beneficios, que a Companhia tinha recebido daquelle Monarca: Faleceo no anno de 1590. Delle faz menção Telles na *Chron. da Companhia*, part. 1. liv. 1. cap. 20. part. 2. liv. 4. cap. 1; Orlandino *Hiſtoria da Companhia*, liv. 4. n. 166; Nieremberg *Varoens Illuſtres da Companhia*; Alegambe *in Bibliotheca Societatis*, *in verbo Jacobus Mireo.*

C Fr. Cypriano Pereſtrello foy natural de Coimbra, de geraçaõ nobre: entrou na Religiaõ de dezaſeis annos, e contando vinte e dous, faleceo neſte dia, no anno de 1575. No ſeu Breviario trazia por regiſto em muitas partes eſcritos eſtes verſos, que contém hum conſelho de Paulino a hum ſeu amigo, que refere Santo Agoſtinho, tom. 2. Ep. 36. e dizem:

Vive, precor, ſed vive Deo; nam vivere mundo
Mortis opus, viva eſt, vivere, vita Deo.

Delle fazem menção a *Chronologia Monaſtica* de Purificaçaõ, e na *Chronica da Ordem*, part. 2. pag. 123; Felix Gerardo no ſeu *Diario*, ambos neſte dia.

Elſio

Elſio num. 54; o Arcebiſpo D. Fr. Aleixo, pag. 32, o poem a 3 de Janeiro; Albergaria *Triunfo dos Santos*, pag. 17. verſ. m.ſ.

D Em tempo que governava o Eſtado da India o famoſo Vice-Rey D. Luiz de Ataide, em o qual as Armas Portuguezas obraraõ notaveis acções, e tiveraõ ſingulares victorias; padeceo a Cidade de Chaul pelos annos de 1570, o memoravel cerco, que refere Diogo do Couto na Decada VIII. Das glorioſas acções, que os Portuguezes obraraõ neſta Cidade eſcreveo Diogo de Paiva de Andrade hum Poema Latino, vencendo em eſtylo ao que ſeu pay eſcreveo de Dio, como refere Manoel de Faria. No Commentario do dia 30 de Janeiro fica já feita menção da Cidade de Chaul, na qual faleceo Fr. Joaõ de Soria, de quem faz menção Artur no *Martyrologio Franciſcano*, neſte dia; Soledade na III. Parte da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 5. cap. 7. pag. 507; Barezzo na Parte IV. da *Chronica dos Menores*, liv. 3. cap. 71; Gonzaga na *Provincia de S. Thomé*, part. 4. Gravina *Vox Turturis*, pag. 2. cap. 24. pag. 84.

E Na Provincia da Beira, tres legoas de Lamego, fica o Concelho de Reſende, nome corrompido de D. Rauſendo, que lhe deu o nome, quando fez eſta povoaçaõ no anno de 1030, conforme refere Rodrigo Mendes Sylva na *Poblacion de Heſpaña*. Neſte lugar paſſou parte da ſua puericia o invicto Rey D. Affonſo Henriques, que a deu a ſeu Ayo Egas Moniz, e depois paſſou a ſer de Fidalgos do appellido de Reſende por herança, e hoje he ſeu Donatario D. Antonio de Caſtro, Almirante de Portugal. Neſta povoaçaõ, que terá ſeis centos viſinhos, com huma Abbadia, appreſentaçaõ do Donatario, da invocaçaõ do Salvador, com quatro Beneficios ſimples, que he data do Abbade, e a Parochia de Noſſa Senhora de Carquere, na qual foy bautiſada a Madre Maria de Jeſus, de que eſte Lugar ſe deve jactar ſer Patria. Teve por pays a Diogo da Sylveira Carneiro, e Maria de Mello de Sequeira, peſſoas devotas, e pias, de grande charidade, e temor de Deos. Tiveraõ ſeis filhas, a que a devoçaõ da mãy poz a todas o nome de Maria, e hum filho chamado Franciſco Carneiro de Mello, homem de grande eſpirito, e virtude, que morreo Prior em Obidos. Era a Madre Maria das mais moças de ſuas irmãas, e educada entre aquella virtuoſa familia com os dictames de ſeu irmaõ, o qual teve grande communicaçaõ com o Author da Reforma Auguſtiniana neſte Reyno, que conhecia bem o ſeu talento; e como deſejava peſſoas de coſtumes dignos de perſeverarem em huma vida taõ auſtéra, como a deſta Caſa, lhe pedio, que lhe eſcolheſſe peſſoas para entrarem Religioſas nella, das que elle conhecia, e que advertiſſe: (palavras da Carta) *Que Saõ Paulo dizia, que a charidade bem ordenada começa por noſſa caſa, e aſſim o deve V. M. fazer.* Com eſte conſelho partio Franciſco Carneiro para Lisboa, com duas irmãas, e huma prima, e achando difficuldade em naõ ſerem recebidas naquella Caſa duas irmãas, ſe tirou por ſorte o lugar: cahindo na Madre Maria, ſe recolheo a Obidos com a outra, que tomando o Habito de Santo Agoſtinho, viveo debaixo da direcçaõ de ſeu irmaõ, dentro na ſua propria caſa, onde a buſcou depois huma patente do Prelado da Reforma; porém foraõ taes as enfermidades, que o naõ pode pôr em execuçaõ, falecendo ſantamente. O ſeu enxoval, que tinha feito para entrar naquelle Moſteiro, mandou ſe entregaſſe nelle, onde as Religioſas lhe cantaraõ hum Officio, parecendo, que aquella determinaçaõ naõ queria Deos ſe quebraſſe. Faleceo a Madre Maria de Jeſus, neſte dia, do anno de 1691, cheya de virtudes, e favores do Altiſſimo, como vimos de huma Relaçaõ deſte Moſteiro, que nos participou o Reverendiſſimo Padre Fr. Agoſtinho de Santa Maria, Geral que foy deſta Reforma.

AGOSTO XXVI.

Joaquim, Jap.

AMFingo, no Japaõ, Joaquim Vatanabe, que ſem mais culpa, que ſer Chriſtaõ, que elle confeſſou, foy prezo no carcere, onde rendeo a vida em obſequio da Fé. Item em Deva Organtino Tanxu, o qual occupado no Officio de Sacriſtaõ de huma Igreja dos Religioſos da Companhia, ſervia a JESU Chriſto com tanto fervor, que ſendo publico profeſſor da Religiaõ Chriſtãa, foy prezo, e juntamente Luiza, ſua mulher, de idade taõ avançada, que contava ſeſſenta e nove annos, e Organtino ſetenta e cinco; e aſſim velhos pela idade, moços pela conſtancia, com que confeſſaraõ ſerem filhos de JESU Chriſto, por cujo Nome abrazados os ſeus corações no Amor Divino, metidos em fogueiras de ardentes chammas, donde ſobiraõ ſuas bemditas almas à Gloria coroadas de Martyrio.

Organtino, e Luiza MM. Jap.

Bartholomea Nacamura, e Luiz MM. Jap.

B No meſmo dia em Sumamoto de Fingo, deraõ com incrivel valor as vidas, Bartholomeu Nacumura Toyazemon, e Luiz, ſeu filho, entregando pela gloria de Deos, e confuzaõ dos ſeus naturaes, as gargantas aos fios das catanas; pelo que mereceraõ ſer numerados por Martyres de Chriſto.

O Irm. Coſme Vaz, da Comp.

C No Collegio de Santo Antaõ de Lisboa, ſacrificou a vida em obſequio da charidade, o Irmaõ Coſme Vaz, que depois de ter edificado com o ſeu exemplo, no tempo que ſervio de Porteiro, depois ſendo deſtinado para acompanhar os Padres, que foraõ a ſervir os feridos do terrivel mal da peſte, moſtrou o zelo, com que ſe empregou no ſerviço do proximo. Ateou-ſe no Collegio o mal: a Religiaõ o empregou no officio de Enfermeiro, em que ſe admirou a ſua charidade, ſervindo, e regalando a huns, e amortalhando, e enterrando a outros, taõ deſtemido como ſenaõ fora contagio, do qual ferido veyo a acabar.

Sor Elena do Eſpirito Santo, Franciſcana.

D Em o Moſteiro do Salvador da Cidade de Evora, ſobio ao Ceo, ornada de precioſas virtudes a Madre Sor Elena do Eſpirito Santo, a qual conſervou em ſeu peito huma tal innocencia, que vendo ſeus pays a inclinaçaõ, que tinha à virtude, a recolheraõ aos Clauſtros da Religiaõ de idade de ſete annos,

annos, em que começou a viver com tanta obſervancia, como ſe eſtivera ligada com as obrigações de Religioſa, exercitando-ſe nos officios humildes, com particular ſatisfaçaõ de ſervir as Religioſas, querendo pelo abatimento das occupações, conſeguir o agrado do Divino Eſpoſo. Neſte modo de vida perſeverou ſempre, vivendo em eſtreita pobreza; e tendo parentes ricos, delles naõ queria nada, e ſó aceitava como eſmola alguma couſa em utilidade do Moſteiro, cujo material lhe deveo muito, e naõ menos no eſpiritual; porque em ſubdita, e em Prelada, edificou a todas com o exemplo, e com humildade. Nunca veſtio Habito novo, ſenaõ pobre, e remendado, nem menos ſe eximio de ſervir nos officios mais humildes, no meſmo tempo, que era Abbadeſſa. Caſtigava o ſeu corpo com jejuns, e vigilias: por muitos annos ſenaõ recolhia ao ſeu leito, paſſando as noites no Coro, onde com rigoroſas diſciplinas de arame, que ella meſma fazia, ſe maltratava: dellas repartia com algumas peſſoas devotas, e confidentes das ſuas mortificações. Uſava de diverſos cilicios, com que ſempre andava cingida, ou de ferro, ou de arame, com pontas agudas. Ella era a primeira, que ſe levantava a deſpertar as Religioſas, para irem a Prima, e muitos annos teve à ſua conta tocar o ſino às Matinas, e Prima. He grande companheira da penitencia a Oraçaõ: dava-lhe muitas horas, com muito fervor, concedendo-lhe o Senhor ver nella grandes couſas. Hum dia de S. Miguel lhe deu o Senhor a entender, que pela confiſſaõ geral que tinha feito, conſeguira o perdaõ dos ſeus peccados. Em outra occaſiaõ lhe diſſe o quanto ſe contentava daquella Serva. Em outra, que era paſſado o tempo das ſeccuras do eſpirito, e deſabrimentos das delicias; porque a amava, e que havia de ſobir a mayores gráos de perfeiçaõ: com outros favores moſtrou o Senhor o quanto amava eſta Eſpoſa. Cortada das penitencias, a que já a idade naõ podia reſiſtir, contando ſeſſenta e quatro annos, veyo a adoecer com tantos achaques, aos quaes pela contrariedade, com que ſe implicavaõ, naõ ſe atreveraõ os Medicos a fazer remedios, e aſſim viveo muitos annos, taõ debelitada, que ſe naõ movia ſem muitas dores, com tal faſtio, que os Medicos tinhaõ por milagroſa a ſua duraçaõ. Neſte eſtado a elegeraõ ſegunda vez Abbadeſſa, e ſendo levada ao Capitulo em braços,

braços, aquelle corpo, que parecia eſtar nos ultimos parocíſmos, começou a governar com tal acerto, e vigilancia, ſendo a primeira nas Matinas, arrimada ao ſeu bordaõ, donde naõ faltava ſenaõ muy oprimida dos achaques, e em todas as mais obrigações do Officio, ſe naõ experimentou falta; porque cercada de dores, animava Deos o ſeu eſpirito, moſtrando no juizo de todos, naõ ſer ſenaõ obra da ſua maõ, o que ella fazia. Neſta taõ mortificada vida continuou tres annos, e depois alguns, até que o Senhor compadecido de ſua Serva, tendo de idade ſetenta e ſeis annos, a chamou para lhe remunerar com eterna ſuavidade a ſua innocente, ainda que penoſa vida. Preparou ſe com os Sacramentos com ſingular devoçaõ, e humildade, e reſignada na vontade Divina, entregou a ſua pura alma nas mãos do ſeu Creador, manifeſtando o Senhor os merecimentos de ſua Serva, com hum notavel prodigio; pois ao tempo que o ſino fazia o ſinal, que ſe coſtuma na morte das Religioſas, ſe vio ſobre o Moſteiro, na parte em que ella habitava, huma palma de luzes reſplandecentes, que foy obſervada de muita gente da Cidade, e da principal della, que o teſtemunhou como prova da virtude, que nella ſe eſtimava.

Sor Maria Perpetua da Luz, Carm.

E No meſmo dia, no Moſteiro da Eſperança da Cidade de Béja, acabou com morte prodigioſa a Madre Sor Maria Perpetua da Luz, a quem a Divina Providencia, deſde os ſeus primeiros annos começou a moſtrar o brilhante de huma alma pura, e devota. Deſtinaraõ-na ſeus pays para o eſtado de Religioſa, a que tambem a levava a inclinaçaõ, e creſcendo com a idade o aproveitamento, ſe lhe fazia mais eſtimavel o eſtado. A natureza a dotou de fermoſura; porém ella ſe veſtio de huma tal modeſtia, que naõ dava lugar o reſpeito, para com curioſidade ſe attreverem a obſervalla; porque ſobre naõ deſejar ſer viſta, todo o trato lhe cauſava deſprazer; porque ſó o retiro eſtimava. Por eleiçaõ propria entrou a 4 de Outubro do anno de 1704, no Moſteiro da Eſperança, da Ordem Carmelitana, e conformando ſe com o Eſtatuto, que abraçara, o ſeguio com edificaçaõ de toda a Communidade; porque deu principio à ſua vida em profunda humildade, que ſempre foy em augmento; de ſorte, que ella ſe tinha pela mais indigna creatura, de que tirava amar ao proximo com ſingular charidade. Neſta fórma paſſou o tempo do Noviciado, e

chegan-

chegando o da profiſſaõ, ſe adiantou na obſervancia regular, obſervando exactamente tudo o que as Preladas lhe mandavaõ; porém, ainda que aſſiſtida da protecçaõ Divina, naõ a havia penetrado aquella ſuperior luz, com que Deos depois a illuſtrou. Onze annos paſſou em huma vida religioſa, e ainda que obſervante, naõ era a do caminho da perfeiçaõ, que depois ſeguio com admiravel cuidado, movida ſuperiormente, e foy motivo o prégarem na ſua Igreja huns Miſſionarios, de que tanto ſe penetrou o ſeu coraçaõ, que deſejou romper em exceſſos, que pudeſſem ſer demonſtradores da ſua contriçaõ. Entrou em novo methodo de vida, principiando pelo propoſito de já mais faltar às obrigaçoens do eſtado, que profeſſara, a que ſe ſeguiraõ admiraveis effeitos da Divina graça; porque goſtando da Oraçaõ, a continuou com tanto fruto, que foraõ prodigios os progreſſos, pois mereceraõ eſpeciaes favores, com que a Divina Omnipotencia a enriqueceo no diſcurſo da ſua vida; ſugeita ſempre à obediencia dos ſeus Directores, caminhava ſegura à perfeiçaõ porque ſuſpirava: aſſim nada obrava ſem ſua determinaçaõ; porque a vontade ſugeita, e obediente, naõ contradizia o que ſe lhe ordenava. Mudou de Habito por outro groſſeiro. Naõ uſou de outra camiza, que naõ foſſe de eſtamenha groſſa, e deſabrida: ſuppoſto contra eſta reſoluçaõ ſe levantaraõ algumas contradições, ella conſtante ſeguio com humilde animo a ordem do ſeu Director. Com o novo traje ſe ajuntaraõ diverſas penitencias, com que ſe declarou inimiga do ſeu corpo, que affligia com largas diſciplinas, por tres vezes cada dia; a primeira ao amanhecer, tanto que ſe levantava da cama: *Pelas neceſſidades da Igreja, firmeza na Fé em todos os Catholicos, e para que ſe illuſtraſſem os que a ignoravaõ*; a ſegunda antes de jantar: *Pelas ſuas culpas, faltas, e de toda a Communidade*; a terceira à noite antes de ſe recolher: *Pelas Almas do Purgatorio.* Naõ era menos rigoroſa no jejum; porque depois que entrou na vida eſpiritual foy continuo, naõ comendo mais, que huma ſó vez no dia, e de hum ſó guizado, e em pouca quantidade; de ſorte, que ainda eſta porçaõ diminuîa com diverſos motivos, para que ſe naõ entendeſſe a mortificaçaõ, que augmentava tambem algumas vezes com o deſazonar de ſorte, que lhe ficaſſe deſabrido. Nos dias que recebia o Santiſſimo Sacramento, comia

ſómente paõ, e era depois de Veſperas, ſenaõ ſuccedia ſer tranſportada em algum extaſis, com que ficava abſorta dos ſentidos; porque entaõ à noite tomava aquella curta refeiçaõ, ſuccedendo algumas vezes ficar ſem comer todo o dia. Augmentava-ſe o ſeu abrazado eſpirito nas delicias do Divino Eſpoſo; porém ao meſmo tempo ſe lhe attenuaraõ as forças; porque a debilidade proſtrou a natureza; e como frequentava as Communhoens, e naõ diminuîa o rigor da abſtinencia, padeceo muito, que ella ſofreo abrazada do Amor Divino; de ſorte, que naõ ſó havia renunciado o goſto dos manjares, mas tambem o das frutas. Neſte auſtéro modo paſſou largo tempo, obſervando voluntariamente a abſtinencia da carne; de ſorte, que ſe o naõ encontrara o preceito do ſeu Confeſſor, nem nas doenças a comeria. Eſte rigoroſo modo de vida faziaõ ainda mais penoſo as vigias, por ſer muy curto o tempo do deſcanço; porque a ſua cama eraõ humas mantas ſobre hum eſtrado, e por cabeceira huma pedra, que trocou depois por huma taboa. Afflicto aſſim o ſeu corpo pelos rigores da penitencia, eraõ admiraveis os frutos da Oraçaõ, em que conſeguio ſingulares premios, recebendo o ſeu eſpirito extraordinarios favores do Altiſſimo, com que enriquecida a alma, ſe augmentaraõ os exceſſos, e os favores; porque illuminada da graça em intèllectuaes, e repetidas viſoens, a recreou o Senhor, e favoreceo com grandes demonſtraçõeſ da ſua infinita miſericordia, provando-a tambem com muitos, e graves trabalhos, que ella com paciencia ſofreo, como dados por Deos. Entre os muito favores, que o Senhor lhe permittio, foy o participarlhe (no modo poſſivel) todos os tormentos da ſua doloroſa Paixaõ, os quaes experimentou em terriveis enfermidades, que tolerou, auxiliada da Divina graça, ſem a qual era impoſſivel reſiſtir aos trabalhos. Sete annos padeceo dos demonios formidavel guerra em crueis batalhas, já no penſamento, já em diabolicas repreſentaçõeſ, com que intentavaõ intimidalla; porém ella conſtante preſiſtia ſem perturbaçaõ, continuando os ſeus ſantos exercicios, e devoçõeſ; porque reſoluta os lançava fóra do ſeu apoſento com deſprezo: aqui a perſeguiraõ muitas vezes com tremendas, e horroroſas figuras, de que a ſua fé ſoube triunfar. Sempre occupou o tempo de ſorte, que já mais o teve ocioſo; porque eſte foy ſempre o ſeu ma-

yor

yor cuidado, occupallo com algum trabalho, ordenado ao ſerviço de Deos, ou foſſe eſpiritual, ou ſervil: pelo que coſtumava dizer: *Que tanto lhe dava coſinhar, como eſcrever; porque ſendo o ſerviço em honra, e gloria de Deos, o meſmo ſeria orar, que varrer.* Foy o Coro a ſua continuada habitaçaõ de dia, e de noite, donde naõ ſahia ſenaõ preciſada: aqui em quotidianos exercicios vagava a Deos em dilatada Oraçaõ, com que fortalecido o eſpirito podia emprender novos exceſſos. Aſſim mereceo por muitas vezes intellectualmente gozar Celeſtiaes delicias, obrando o Omnipotente Senhor com eſta ſua Eſpoſa com tantas enchentes de ſua infinita liberalidade, que parece a quiz igualar às ſuas mais favorecidas; de ſorte, que naõ lhe cabendo por muitas vezes no interior, ſe lhe conhecia na alegria do ſemblante, de que ſe ſeguiraõ maravilhoſos effeitos. A Virgem Santiſſima, e outros Santos, tambem a honraraõ, ficando neſtas occaſioens arrebatado o eſpirito, immovel o corpo em profundo extaſi, rompendo por muitas vezes do exceſſo do amor em actos externos, com que reſpirava o ſeu amante coraçaõ do fogo, em que ſe abrazava. Teve eſpirito profetico: aſſim prediſſe muitas couſas, que o tempo verificou, acreditando a ſua virtude, penetrando os interiores com confuſaõ dos intereſſados. Finalmente, chegando a ultima hora da vida, foy a gozar do premio eterno na Celeſte Jeruſalem, havendo-a o Altiſſimo na vida, e depois da morte acreditado com prodigioſos effeitos da ſua Omnipotencia, para gloria ſua, e de ſua fiel Serva.

Commentario ao XXVI. de Agoſto.

A JOaquim Vatanabe, que no anno de 1606 morreo prezo no carcere de Fingo, na perſecuçaõ de Daifuſama, como refere o Padre Cardim, pag. 267. Na de ſeu filho Toxogunſama no anno de 1624, deraõ as vidas conſtantemente Organtino Tanxu, e Luiza, ſua mulher, os quaes ſendo inſtruidos na Religiaõ Chriſtãa pelos Religioſos da Companhia, foraõ taõ veneradores do culto do verdadeiro Deos, que os Padres occuparaõ a Organtino em Sacriſtaõ. Delles ſe lembra o meſmo Cardim, pag. 297.

B De Bartholomeu, e ſeu filho Luiz, que no anno de 1632, imperando o Tyranno Toxogunſama, deraõ as vidas pela Fé, que profeſſaraõ, nos deu noticia, ainda que breve, o Padre Cardim no ſeu *Catalogo*, pag. 321.

C O Irmaõ Coſme Vaz era natural da Cidade do Porto, e ſendo mancebo de dezanove annos entrou na Companhia no anno de 1566; e ſendo empregado em louvavel vida no miniſterio de Coadjutor temporal, veyo a acabar neſte dia, no anno de 1569, na terrivel peſte, que padeceo Lisboa. Delle faz mençaõ Franco na *Imagem da Virtude no Noviciado de Lisboa*, liv. 2. cap. 16.

D Naſceo Sor Helena do Eſpirito Santo na Cidade de Evora: ſeus pays ſe chamaraõ Chriſtovaõ de Burgos, e Luiza Mendes, peſſoas ricas, e honeſtas, e de grande charidade com os pobres, com quem liberalmente deſpendiaõ a ſua fazenda; e ſendo muita com que podiaõ dotar largamente ſua filha, vendo a ſua inclinaçaõ, a recolheraõ no Moſteiro do Salvador de idade de ſete annos, em o qual viveo com raro exemplo, como temos viſto. Aſſim como o eſpiritual da Caſa lhe deveo muito, no deſejo em que todas ſe empregaſſem no ſerviço de Deos, naõ lhe deveo menos o material; porque quaſi a reformou toda. Sendo Sacriſtãa, poz a Igreja em grande policia, deſpendendo muito no culto Divino, para que o Senhor foſſe ſervido com toda a decencia, ornando os Altares com frontaes, ramilhetes, e outras deſpezas, que moſtraraõ o ſeu animo virtuoſo. Sendo Abbadeſſa teve huma particular economia; pois ſendo as rendas do Moſteiro muy limitadas, ella as deſpendia com tal arte, que tudo luzia, ſem fazer empenho. Obras ſuas foraõ as cadeiras do Coro de baixo; os azulejos com o retabulo, em que gaſtou mais de dous mil cruzados; os portaes da Igreja; a reformaçaõ das grades dos Locutorios; tambem he obra ſua a Capella da horta, em que poz os Paſſos da Paixaõ, e nella ſe recolhem as Religioſas às ſuas devoções, onde ſe tem feito a Deos agradaveis ſacrificios. O grande cuidado que tinha, de que as ſuas Companheiras ſe augmentaſſem na vida devota, lhe fez fazer eſta obra. Aſſim que via alguma Religioſa, que ſe augmentava na perfeiçaõ da vida, logo ſe metia com ella, ſómente para a encaminhar. Toda a ſua vida paſſou em hum continuo cuidado de agradar a Deos, e de ſe mortificar. O Senhor lhe fez notaveis merces, que ella deixou eſcrito, ſem duvida, por ordem do ſeu Confeſſor. A ſua Vida eſcreveo particularmente, mas naõ a vimos, nem a brevidade do noſſo eſtylo nos permitte alargarmonos. Faleceo neſte dia, do anno de 1674, como refere o livro da Fundaçaõ deſte Moſteiro, da qual faremos menção no dia 14 de Outubro, com a Madre Sor Catharina de Santo Antonio, ſua Fundadora.

E Na Cidade de Béja, fundou no anno de 1541, huma virtuoſa mulher, chamada Leonor Colaça, o Moſteiro da Eſperança de Religioſas Carmelitas. Nelle entrou a Madre Sor Maria Perpetua da Luz, de quem fizemos menção. Era natural da meſma Cidade, e nella naſceo a 14 de Julho de 1684. Seus pays foraõ Manoel da Coſta Diniz, Eſcrivaõ dos Orfãos, e Leonor de Jeſus, peſſoas timoratas, e de bons coſtumes; de ſorte, que criaraõ eſta filha em ſanto temor de Deos, que ella depois ſervio, e amou com o exceſſo, que temos referido no Texto. Faleceo neſte dia, do anno de 1736. A ſua vida foy prodigioſa; porque nella ſe admirou profunda humildade, hum rigor na abſtinencia, aſperas penitencias, continua na Oraçaõ, e outras virtudes, exercitadas em gráo heroico, favorecida com extraordinarias viſoens, e illuminada pela Divina Sabedoria; de ſorte, que admirou o ſeu Director, para ſe perſuadir, que era prodigio da graça; porque de outra ſorte era impoſſivel a intelligencia, com que diſcorria ſegura nos pontos mais difficultoſos da Theologia, como admiraraõ Varoens Doutos, que a trataraõ, diſſolvendo difficuldades, e deſembaraçando-ſe a ſi meſma das que lhe occorriaõ. O ſeu Confeſſor, que a havia bem experimentado, lhe ordenou com preceito formal, lhe deſſe por eſcrito tudo o que no Confeſſionario, e fóra delle lhe devia communicar. Foy cuſtoſa a obediencia; porém ſatisfez ao preceito com pontualidade, e eſcreveo dous volumes grandes, que exiſtem da ſua propria letra, de que o Doutor Fr. Joſeph Pereira de Santa Anna, extrahio huma Obra Aſcetica, e Moral, que anda a pag. 252, da ſua *Vida*, que elle largamente eſcreveo, ornada da elegancia da ſua penna, já eſtimada por diverſas Obras, que correm ſuas com applauſo, e eſta ſe imprimio em Lisboa, no anno de 1742, donde tirámos o referido, e o Leitor poderá ver, quando com individuaçaõ ſe queira informar qual foy a vida deſta Serva de Deos, que o eſtylo, que ſeguimos naõ permitte alargarmonos mais do que diſſemos no Texto.

AGOS-

AGOSTO XXVII.

A  A auguſta Cidade de Braga, a precioſa morte daquelle illuſtre exemplo de Prelados, eſclarecido por ſangue, admiravel em zelo da ſua Igreja, D. Eſtevaõ Soares da Sylva, Arcebiſpo Primaz de Heſpanha, em o qual contenderaõ as virtudes, dando tantas luzes de ſeu heroico animo, que ſeria muy difficil julgar em qual foy mais eminente, e ſuperior; porque havendo eſtudado com feliz engenho os primeiros rudimentos, com tanta inclinaçaõ às letras, no Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, donde recebeo o Habito, e ſe aperfeiço-ou nas ſciencias, e virtudes, de ſorte, que foy douto, e ſanto. Deſta ſorte habilitado mereceo ſer aſſumpto à Archiepiſcopal Cadeira de Braga, em que deu evidentes moſtras da ſua prudencia, e do ſeu talento, e virtude. Achou-ſe em hum dos mayores Congreſſos, que teve a Igreja Catholica, no Concilio Lateranenſe, que convocou em Roma o Papa Innocencio III. no anno de 1215, em que ſe acharaõ ſetenta Arcebiſpos, quatrocentos e doze Biſpos, oitocentos Abbades, e Priores Conventuaes, além dos Patriarcas de Jeruſalem, e Conſtantinopla, e Embaixadores dos Principes Chriſtãos. Neſte ſagrado Congreſſo brilhou o talento, zelo, e literatura do noſſo Arcebiſpo. Trabalhou tanto pela liberdade Eccleſiaſtica, que mereceo do Papa Honorio III. o ſeguinte Elogio: *De zelador da Eccleſiaſtica liberdade, abrazado no zelo da juſtiça, e que naõ ſabia, nem queria reſpeirar mais os homens, que a Deos: Varaõ eminente em letras, e ſantidade.* Deſta maneira foy acreditado pelo Oraculo da Igreja em vida, a qual elle toda gaſtou em obras heroicas, porque mereceo ſer hum dos Illuſtriſſimos Prelados da Igreja Bracarenſe, por cuja liberdade trabalhou ſempre, ſem attençaõ aos reſpeitos do Mundo: pelo que ſerá a ſua memoria veneravel nos Annaes daquella Igreja, onde jaz enterrado em ſepultura, que elle tinha mandado lavrar.

D. Eſtevaõ Soares, Arceb. de Braga.

B Em o Moſteiro de Noſſa Senhora do Bom Succeſſo, naõ diſtante da inclyta Lisboa, o felice tranſito de Sor Brizida de S. Patricio, Freira Converſa, taõ abſtinente, e mortificada,

Sor Brites de S. Patricio, Dom.

tificada, que nos tres dias ultimos da Semana Santa naõ comia couſa alguma, nem ainda bebia agua; o que obſervava em todos os jejuns, que a devoçaõ, e o preceito a obrigavaõ, naõ bebendo mais que ao jantar. A ſua Oraçaõ era taõ elevada, que coſtumava dizer como admirada, para que era neceſſario relogio para medir o tempo, ſenaõ eſtar ſempre, e ſempre com Deos? O amor da humildade deu a conhecer em ſervir quaſi toda a vida de Coſinheira, ſuccedendo em muitas occaſioens o Senhor ſuprir pelos ſeus merecimentos muitas faltas, que ſe experimentavaõ em Caſa. Era a ſua virtude de ſorte, que mereceo, que Deos lhe manifeſtaſſe caſos futuros, que ſincéramente referia, como quem tinha animo candido, e ſingello; porém ſe depois com curioſidade lho perguntavaõ, reſpondia, que fora ſonho. Sobre muitas penitencias trouxe ſempre por baixo da toalha à imitaçaõ de Santa Roſa, huma coroa fabricada còm pontas, que ſervindo-lhe de mortificaçaõ no Mundo, lhe ſeguraraõ eterna gloria na Patria Celeſtial, onde piamente entendemos eſtá deſcançando.

Ignacio Kiyemon, e 10 comp. MM. Jap.

C Em Ximanara, no Japaõ, a generoſa conſtancia, e fortaleza ſingular de onze Cavalleiros de Jesu Chriſto; a ſaber, Ignacio Kiyemon, Regina, ſua mulher, com tres filhos, Gaſpar Fanzaburâ, Balthazar Gorofaku, e Franciſco Curanjo; Paulo Xokichiorô, Anonymo, ſeu irmaõ, Miguel Sampey, Gaſpar Yoxichirô, Maria, ſua mulher, e ſeu filho, de quem naõ ſabemos o nome. Os quaes todos por ſerem caſeiros do Padre Jacome Antonio Giannonio, que no dia ſeguinte os foy acompanhar ao Ceo, foraõ queimados vivos; e ſendo taõ unidos na Fé, como foraõ conformes no martyrio, aſſim he de crer o ſeriaõ todos no premio eterno.

Sor Margarida dos Anjos, Agoſt.

D No Moſteiro de Santa Anna de Coimbra, deu a alma ao Senhor, que a creou, Sor Margarida dos Anjos. Reſplandeceo neſta Eſpoſa de Chriſto, depois da modeſtia, e gravidade da peſſoa, exercitada em todo o genero de virtudes, huma profunda humildade, e abatimento. Achavaõ-na proſtrada muitas vezes ſobre as ſepulturas, em profunda meditaçaõ. Viaõ-na com rotolos nas coſtas, que diziaõ: *Eſta he Margarida peccadora.* Com eſta, e outras humildes demonſtraçõeſ, manifeſtava a paz interior do ſeu eſpirito, que o inimigo commum pertendeo perturbar com muitas tentações; principalmente

te nos dias da Communhaõ, que a virtuoſa Serva de Deos vencia com a graça do Senhor, até que com ditoſa morte foy lograr eminente lugar no Ceo.

Commentario ao XXVII. de Agoſto.

A EM todos os ſeculos produzio a eſclarecidiſſima Familia de Sylvas, Varões inſignes, ou foſſe no eſtado de Secular, ou no Eccleſiaſtico, pois no diſcurſo deſta Obra nos dá tantas vezes aſſumpto para fallarmos deſte antiquiſſimo tronco, que tanto tem illuſtrado o noſſo Reyno, nas Caſas, que delle procedem, e em Caſtella donde ſe conſervaõ outras no mayor auge de eſplendor, a que póde chegar a nobreza: como poderáõ ver os curioſos, na eſtimada Hiſtoria da Caſa de Sylva, que eſcreveo o erudito D. Luiz de Salazar e Caſtro. Deſta pois Illuſtriſſima Familia naſceo D. Eſtevaõ Soares da Sylva: foy ſeu pay D. Soeiro Pires da Sylva Rico-homem, a quem o Conde D. Pedro de Barcellos no ſeu *Nobiliario*, tit. 58, chama D. Soeiro Pires Torta, ou Eſcacha, e a ſua mãy D. Froyle Viegas, filha de D. Fafes, e de D. Urraca Mendes de Souſa, das mais eſclarecidas Familias do Reyno; de ſorte, que em nobreza naõ tinhaõ, que poder mais deſejar. Teve duas irmãas D. Eſtefania Soares da Sylva, Aya delRey D. Sancho II. a qual caſou com D. Martim Fernandes de Riba de Vizela Rico-homem, cuja fecundidade foy taõ ditoſa, que por ſeus deſcendentes fez participantes do ſangue dos Sylvas a todos os Principes da Chriſtandade. A ſegunda foy D. Maria Soares da Sylva, que caſou com Pedro Martins, Senhor da Torre de Vaſconcellos, e tem por deſcendentes a Illuſtre Caſa de Vaſconcellos, e outras que em Portugal gozaõ deſte appellido.

Sendo D. Eſtevaõ Soares da Sylva, unico filho varaõ da ſua Caſa, ſeguio a vida Eccleſiaſtica, e eſtudou no Moſteiro de Santa Cruz, entaõ Seminario dos filhos de todos os grandes Senhores da Corte; affeiçoado ao Inſtituto, foy Conego naquelle inſigne Moſteiro. Toda a vida moſtrou o grande amor, que tinha à ſua Religiaõ, como ſe vê de huma Carta de Irmandade, contratada com os Conegos Regrantes de Santa Cruz, e os Arcebiſpos de Braga, e ſeus Conegos. Dos Clauſtros da Religiaõ foy tirado para Meſtre Eſcola da Cathedral de Braga, e naquelle Moſteiro ſe achaõ muitos exemplos ſemelhantes, e depois promovido à Dignidade Archiepiſcopal daquella Dioceſi, na qual moſtrou zelo de verdadeiro Paſtor: pelo que teve grandes contendas com alguns Eccleſiaſticos, que repugnavaõ obedecerlhe, e com os Miniſtros da Coroa Real, como refere a IV. Parte da *Monarchia Luſitana*, aonde remettemos ao Leitor. Achou-ſe com ElRey D. Sancho quando conquiſtou aos Mouros Elvas, Serpa, Jurumenha, e outras povoações na Provincia de Alentejo, onde no anno de 1226, ſe acha confirmando algumas Doações com o meſmo Rey. Achou-ſe no Concilio Lateranenſe, como fica referido: aqui ſe diz, que o Arcebiſpo contendera com D. Rodrigo Ximenes, Arcebiſpo de Toledo, ſobre a primazia da ſua Igreja, moſtrando com doutas razoens a evidente juſtiça, que lhe aſſiſtia pela ſua Igreja, que defendeo egregiamente; de ſorte, que naõ pode o Papa reſolver eſte negocio a quem ſeu ſucceſſor depois deixou a cada hum no eſtado em que ſe achavaõ as ſuas Igrejas. Alguns dos noſſos Authores referem eſta contenda do Arcebiſpo D. Eſtevaõ, com o Arcebiſpo D. Rodrigo, ſeguindo huma Relaçaõ de D. Garcia de Loayſa, Arcebiſpo de Toledo, que diz, que os dous Arcebiſpos contenderaõ no Concilio, ſobre a qual das Igrejas tocava a Primazia. Porém o eruditiſſimo, e Excellentiſſimo Marquez de Agropoli nas *Diſſertações Eccleſiaſticas*, ſobre a vinda de Santiago a Heſpanha, cap. 12. pag. 57, convence de falſo eſte facto com evidentes razoens, moſtrando, que o Arcebiſpo D. Rodrigo Ximenes, naõ ſe achou neſte Concilio; o que eſtá taõ claramente diſcutido, que naõ pode-

nos

mos deixar de o ſeguir, ainda que privemos ao Arcebiſpo D. Eſtevaõ Soares da Sylva da gloria deſta diſputa; porque he certo, que ſe houveſſe occaſiaõ, o ſeu zelo, ſabedoria, e liberdade, a ſaberia tratar nervoſamente; e aſſim ſe a teve, foy em differente tempo, do que Loayſa refere. Tendo governado com acerto a ſua Igreja, como verdadeiro Paſtor, fez o ſeu Teſtamento, em que lhe deixou grandes legados, que refere o Illuſtriſſimo Cunha na *Hiſtoria de Braga*, part. 2. cap. 21, na ſua Vida. Eſtando na Villa de Trancoſo faleceo neſte dia, do anno de 1228, e delle faz menção o livro dos obitos de Santa Cruz, com eſtas palavras: *VI. Kalendas Septembris obiit Dominus Stephanus Bracharenſis Archiepiſcopus Canonicus Sanctæ Crucis. Æra MCCLXVI.* que he o anno referido; e a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 11. cap. 6; Salazar *Caſa de Sylva*, tom. 1. liv. 2. cap. 17; Brandaõ na Parte IV. da *Monarchia Luſit.* liv. 14, e liv. 13. cap. 23, e 24. *Hiſtoria de S. Domingos* de Souſa, part. 1. liv. 1. cap. 21. pag. 47; e Purificaçaõ na *Chronologia Monaſtica*, neſte dia.

B Era Sor Brites de S. Patricio de naſcimento Irlandeza, mas criada na Cidade de Lisboa; e entrando a tomar o Habito de S. Domingos no Reformado Moſteiro do Bom Succeſſo, viveo com tal perfeiçaõ, que mereceo a ſua virtude ſer louvada nas Memorias daquella Caſa. Faleceo neſte dia, do anno de 1689, de que faz menção Lima no *Agiol. Dominico.*

C Na perſecuçaõ de Toxogunſama, no anno de 1632, foy o glorioſo certame dos referidos onze Martyres, de que faz menção o Padre Antonio Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 324.

D Faleceo no Moſteiro de Santa Anna de Coimbra das Religioſas Eremitas de Santo Agoſtinho, com opiniaõ de grande Serva de Deos, Sor Margarida dos Anjos, no anno 1716. Tudo o que della referimos conſta de verdadeiras Relações, que por meyo do Doutor Fr. Joſeph Caetano, da Ordem de S. Jeronymo, Lente de Veſpera, bem conhecido pelas ſuas letras, e excellentes eſcritos, que imprimio, nos communicou do dito Moſteiro.

AGOSTO XXVIII.

D. Leaõ de Noronha.

AM S. Franciſco de Alenquer, eſpera a Reſurreiçaõ univerſal D. Leaõ de Noronha, Varaõ pio, e devoto, em quem a exceſſiva charidade para com os proximos, foy a baze, em que fundou huma ſolida virtude, que exercitava em taõ continua Oraçaõ, que ſubindo ao auge a que Deos eleva os ſeus eſcolhidos, declarou o Senhor os merecimentos deſte ſeu fiel Servo, com patentes prodigios da ſua Omnipotencia. Era taõ illuſtre no naſcimento, como claro na virtude. Teve por pays D. Henrique de Noronha, e a D. Guiomar de Caſtro, ambos eſclarecidos deſcendentes da Familia de Noronha, taõ conhecida em Heſpanha, que nenhuma outra a excede em mais altos principios. Deſde os primeiros annos foy bem inclinado; e como tinha mais irmãos, tomou o Habito de S. Franciſco; porém o Senhor, que ſe havia de ſervir delle em bem differente eſtado, permittio, que ſe achaſſe ſem ſucceſſor a Caſa de ſeu pay; porque ſeu irmaõ

D.

D. Pedro havia profeſſado na Religiaõ de S. Jeronymo, e ſeus irmãos D. Jorge, e D. Henrique, faleceraõ na India, onde tinhaõ paſſado a ſervir. Neſta conſternaçaõ ſe achava ſeu pay ſem filho, que lhe houveſſe de ſucceder na Caſa, e Morgados dos ſeus mayores, em o qual ſe perpetuaſſe a memoria de taõ alta varonia, por ſer de ordinario nas Caſas grandes a mais ſenſivel dor a falta de ſucceſſaõ. Determinou tirar da Religiaõ a D. Leaõ: naõ teve elle voz para contrariar a vontade do pay, entendendo, que em todo o eſtado ſe ſerve a Deos, havendo reſoluçaõ; porque naõ coſtuma eſte Senhor faltar com os ſeus auxilios, a quem de coraçaõ o buſca. Aſſim o permittio enriquecendo a D. Leaõ, de tantas virtudes, que póde ſer o exemplar mais perfeito dos que ſeguem o eſtado de caſados, vendo em hum Fidalgo illuſtre praticadas em ſua propria Caſa as virtudes de hum perfeito Religioſo, ſem que nas occaſiões preciſas ſe diminuiſſe o decóro de peſſoa taõ grande. Deu-lhe ſeu pay por eſpoſa a D. Branca de Caſtro, filha de D. Gonçalo Coutinho, Commendador da Arruda, e de D. Brites de Caſtro, filha de Ayres da Sylva, Senhor de Vagos, Regedor das Juſtiças, todos das primeiras, e mais illuſtres Familias do Reyno. Ao ſeu alto naſcimento ſe uniraõ admiraveis dotes da natureza; porque ſobre ſer fermoſa, era ornada de tantas virtudes, que podiaõ competir com ſeu eſpoſo: era eſmoler com os pobres, e com todos humilde, e em tudo o mais admiravel. Eſtas partes, que D. Leaõ eſtimava com reſpeito em ſua eſpoſa, quiz o demonio perturbar com huma tentaçaõ de infidelidade ao caſto thalamo, com que armando a D. Leaõ, o fez cahir. Entre a familia, que acompanhou a D. Branca, para a ſervir, havia huma Donzella, de quem ſe affeiço-ou D. Leaõ, com taõ deſordenada paixaõ, que teve della huma filha, que ſe chamou D. Angela, e tomando o Habito da Ordem de S. Domingos em o Moſteiro de Jesus de Aveiro, trocou o appellido de Noronha pelo do Paraiſo, donde acabou ſantamente. Eſta culpa chorou D. Leaõ toda a vida, naõ ſó pedindo a Deos perdaõ, mas todos os dias a ſua eſpoſa, diante de quem ſe punha de joelhos, e com lagrimas confeſſava publicamente o eſcandalo, e a culpa, com que offendera a bondade do ſeu Deos. Eſta dor taõ vehemente foy o principio das penitencias, que elevaraõ a D. Leaõ ao perfeito eſtado

da vida devota, imitando a Santo Agoſtinho, com o ſeu Adeodato, de que tanto ſe lembra nas ſuas confiſſoens. Nunca mais viraõ, que D. Leaõ fallaſſe a mulher alguma mais, que o que cabia na politica Chriſtãa. Deſta ſorte com o temor de Deos, emmendou a fragil natureza, ſempre inclinada à culpa. Com jejuns, e outras penitencias caſtigou o ſeu peccado. Repartia com os pobres largas eſmolas. Perſeverou taõ frequentemente na Oraçaõ, que tinha os joelhos com calos duros como pedras, como ſe refere do Apoſtolo Santiago Menor. Deſta ſorte armado contra o inimigo, chorava com infinitas lagrimas a fragilidade do ſeu erro, emmendando como Chriſtaõ, o que errou como peccador. Ficou taõ advertido, que nenhuma couſa, que pudeſſe ſervir de eſcandalo ao Mundo, faria por nenhum motivo da vida: aſſim lhe aconteceraõ algumas couſas, que no juizo dos Cortezãos, podiaõ paſſar por caſos gracioſos, e a elle ſerviraõ de mortificaçaõ; porque a virtude praticada tem differentes idéas, do que a mocidade deſenvolta. Era applicado, tinha ſido bom eſtudante, Filoſofo, e Theologo, dado à liçaõ dos livros, mas com tal modeſtia, que já mais concebeo vaidade de ſabio, e menos da que lhe pudera cauſar o ſeu alto naſcimento, de que he admiravel prova o affecto, e amiſade com que tratava aos criados, e ſem que faltaſſe à gravidade, parecia na ſua eſtimaçaõ naõ haver differença nas peſſoas. O meſmo praticou com toda a cathegoria de gente, por mais deſfavorecidas que foſſem da fortuna. Coſtumava ſempre dizer de ſi, que era ninguem. Eſte conceito, com que ſe abatia, ſe radicou tanto no ſeu coraçaõ, que por elle ſubio à alta eſféra da perfeiçaõ. Era a ſua humildade em gráo heroico, mas taõ entendido, que naõ deixou por iſſo de ter Caſa correſpondente ao illuſtre da ſua peſſoa; porque era ſervido com grandeza, em criados, ricas armações; copas, e tudo o que a decencia pedia em Caſa de hum grande Senhor, que ſerviaõ ao reſpeito, e naõ à vaidade. Teve o favor dos Reys do ſeu tempo, dos quaes naõ alcançou nem merce, nem lugar; porque o ſeu coraçaõ nada o occupava mais, que o deſejo de ſervir perfeitamente ao Rey, e Senhor dos Reys: pelo que naõ queria lugares, nem occupações, que lhe embaraçaſſem o ſerviço de Deos, em que ſe empregava com todo o cuidado.

A sua Casa, governou com prudencia de verdadeiro pay de familias, estimando os criados como irmãos, sem embargo de que nenhum sahia da esféra para que fora escolhido. Desta sorte a administraçaõ da sua Casa, era no modo do governo huma ajustada armonia. Os criados sahiaõ tambem educados, e morigerados de costumes, que tiravaõ por premio de tal serviço, recolherem-se às Religioens, sahindo desta escola Varoens eminentes em virtudes, e letras; outros seguindo as escolas, occuparaõ lugares honrados nos Tribunaes deste Reyno; outros se accommodaraõ no serviço da Casa Real, sendo taõ distinctos dos mais, que se conhecia nelles terem tido a criaçaõ da Casa de D. Leaõ; porque eraõ amigos da honra, tendo por brazaõ o terem servido a tal Amo; o que ordinariamente naõ succede, por se envergonharem os homens, quando se vem favorecidos da fortuna, da memoria de a terem padecido contraria, como se o conhecimento honrado naõ fizera mais luzida a mesma fortuna. Era virtuoso, e santo, e naõ consentia nos da sua familia vicios, os quaes logo evitava. Quando lhe era preciso reprehender algum criado, ainda que fosse escravo; porque na sua estimaçaõ naõ nasceo ninguem no Mundo menos filho de Adaõ, para a charidade, e amor do proximo, buscava a Deos, e posto de joelhos lhe dizia, que naõ tomava aquella superioridade, senaõ para o ensino; e depois desta protestaçaõ, chamava o que era comprehendido, e o reprehendia asperamente, se o pedia o caso, dando-lhe o castigo conforme o delicto: porém depois compadecido os chamava, e consolava, explicando-lhe a obrigaçaõ de pay, que he de ensinar com amor, reprehender sem odio, e que nesta consideraçaõ de serem bem procedidos, honrados, e bons Christãos, descansaraõ seus pays, quando lhos entregaraõ.

Foy a sua Casa Hospital, e Enfermaria dos pobres, acodindo a sua charidade a todos os necessitados sem distinçaõ; e para que naõ pudesse ser occulto o zelo, com que se compadecia da pobreza, deu em hum singular arbitrio. Repartio a Cidade de Lisboa em tres partes, distribuindo para cada huma Medico, Cirurgiaõ, e Boticario, que pagos com salarios à sua custa, assistissem a todos os pobres, e enfermos, com curas, e remedios, ou fossem dos mendigos, ou dos ocultos, e envergonhados, acodindo-lhe taõ inteiramente, como se por sua

conta eſtiveſſe o prover a todos os neceſſitados. Todos os dias ſabia do ſeu Mordomo, como ſe havia com os pobres, e naõ ſatisfeito deſte cuidado, os procurava pelas ruas, e os buſcava nas ſuas proprias caſas. Em todos os dias do anno dava em ſua caſa de comer aos pobres, para quem ſe fazia particular comida; eſcolhia ſempre hum dos mais miſeraveis, e talvez pouco limpo, para comer à ſua meſa, a quem chamava o ſeu companheiro, repartindo igualmente do que tirava para ſi, ſendo elle o que lhe adminiſtrava as iguarias, perguntando-lhe ſe eſtava a ſeu goſto o guizado: e quando lhe reſpondia, que ſim, levantava os olhos ao Ceo, elevando o penſamento a Deos lhe dava graças, de ſer a comida do agrado do ſeu companheiro, de que nunca ſe privava, ainda que ſe achaſſe à ſua meza ſeu filho, nora, e parentes; porque os pobres eraõ os do vinculo mais eſtreito: e aſſim eraõ ſervidos pelos criados ſem differença dos mais hoſpedes, com todo o reſpeito; porque ſendo entaõ menos a vaidade, e luxo nas Caſas grandes, era mayor a authoridade do que hoje ſe vê nos grandes Senhores. Para que naõ faltaſſe na meſa o ſaboroſo do eſpirito, havia liçaõ de Vidas de Santos, ou de materias ſemelhantes. Acabada a meſa inſtruîa na Doutrina Chriſtãa aos pobres, enſinando-lhe o modo de ſe confeſſarem, os perſuadia a ſe chegarem repetidas vezes a eſte Sacramento, como remedio infallivel de todas as culpas. Quando eſtava na ſua Quintã, pelo coſtume de enſinar aos pobres, o fazia aos Lavradores, perſuadindo-os aos bons coſtumes, ſerem devotos, naõ retardarem as confiſſoens, e de ſe aproveitarem dos theſouros da Igreja nos Jubileos, que taõ liberalmente lhes diſpenſava. Deſtas, e ſemelhantes praticas naſcia dizerem aquelles ruſticos, que quando todos nas ſuas Quintas perguntavaõ pelas lavouras, e pelos rendimentos dos frutos, D. Leaõ ſó procurava ſaber, que pobres havia no Lugar, e ſe andavaõ ſatisfeitos do anno, e de lhe dar conſelhos eſpirituaes, como quem naõ tinha mais ambiçaõ, que o bem das almas.

Naõ eraõ as eſmolas publicas, e quotidianas dos pobres mendigos, as com que ſatisfazia a ſua ardente charidade; porque as repetia a peſſoas recolhidas, com tal ſegredo, que elle era o meſmo menſageiro, que de noite, e ſem companhia, ſoccorria a peſſoas honradas, mas muy pobres, e neceſſitadas.

Huma

Huma noite eſtando na Praça do Rocio de Lisboa Joaõ de Paiva, Alcaide daquelle bairro, acompanhado da ſua patrulha, vio ir paſſando hum homem a deshoras, com huma trouxa às coſtas; entendendo ſeria furto, paſſou a reconhecello, e chegando de perto diviſou ſer D. Leaõ; larga a vara, e poſto de joelhos dizia: Senhor D. Leaõ, aqui eſtou para o ſervir, e acompanhar; mas elle humilde lhe reſpondeo: Naõ tenho neceſſidade da voſſa companhia; porque donde eu vou, ſó eu poſſo ir; quem me leva me guardará. Com razaõ, porque aos Juſtos aſſiſte mais o auxilio ſoberano, que dirige as ſuas acçõeſ. Depois com eſpanto repetia o Alcaide o caſo, fazendo publico na Corte, na qual já era notorio o conhecimento da ſua humildade. Muitas jornadas ſemelhantes fez D. Leaõ, que ficaraõ eſcondidas no ſilencio funebre da noite, mas muy manifeſtas, e claras na preſença de Deos: aſſim naõ havia quem naõ ſoccorreſſe, veſtindo aos nus, ſuſtentando aos que padeciaõ fome, ſoccorrendo os prezos, e exercitando obras de miſericordia, era a ſua charidade amparo univerſal dos miſeraveis.

A taõ exceſſiva charidade ajuntou muita Oraçaõ. Paſſava as noites em vigias, a mayor parte em vocal, cantando Hymnos, e Pſalmos, poſto de joelhos, e eſta foy a que mais exercitou, de que a Santa Madre Thereſa de Jeſu, dizia, que ou foſſe vocal, ou mental, tudo era o meſmo, quando os ſentidos ſe elevavaõ em Deos. Aſſim ſuccedia a D. Leaõ, que poſto de joelhos (na Igreja de S. Domingos, adonde hia todos os dias) diante do Santiſſimo Sacramento, gaſtava largo tempo orando. Tinha por coſtume entrar no Coro dos Religioſos, e da parte da Epiſtola, na ultima cadeira ſe punha de joelhos, a ſatisfazer as ſuas rezas, com tal devoçaõ, que edificava aos Religioſos mais perfeitos. Depois de ouvir Miſſa, e aſſiſtir aos Officios Divinos, ſe recolhia a ſua Caſa, dando volta pelos arcos do Rocio, ſómente por ver ſe encontrava algum pobre.

Hum dia recolhendo-ſe a Caſa, lhe ſahio ao encontro huma mulher afflicta, e taõ deſconcertadamente ſe queixava, que lhe perguntou D. Leaõ, que a moleſtava? Ella lhe reſpondeo, que eſtava apertada com dores de parto, e que ſendo o ſeu trato viver do ſeu peccado, naõ tinha couſa alguma,

nem

nem adonde parir. Era o ſeu coraçaõ o centro da charidade: compadeceo-ſe do corpo, e ainda mais da alma, e tomando-a pela maõ a levou a ſua Caſa, e chama o Confeſſor, creſcem as dores, e desfalece deſanimada a mulher com ancias mortaes: ſente D. Leaõ o que paſſava, poem-ſe em Oraçaõ a Deos, que lhe allumiaſſe o entendimento, para a integridade, e perfeiçaõ do Sacramento. Eſtando neſta ſupplica pario a mulher, e dalli por diante viveo honeſtamente, e D. Leaõ a ſuſtentava, e favorecia, para a criaçaõ do filho. Naõ foy ſó eſta mulher fruto das ſuas Orações, para a livrar de eſcandaloſa, e torpe vida; a muitos tirou de ſemelhantes vicios, e alguns ſeparou de inveterados, e depravados coſtumes, valendo-lhe com ElRey, para naõ ſerem punidos; e naõ baſtando às vezes a perſuaçaõ para conſeguir a graça do perdaõ, conſeguia com o fruto das ſuas lagrimas inclinar a piedade Real; enternecida de ver, o que cuſtavaõ a D. Leaõ aquellas culpas; e aſſim foraõ perdoados pela interceſſaõ das lagrimas deſte ſanto Varaõ, em cujo animo nunca coube dolo, nem engano; porque com a mais recta intençaõ era ſincéramente bem inclinado, ſem que nunca ſuſpeitaſſe mal do proximo, nem ainda em materia leve.

He admiravel prova daquellas entranhas de charidade, e daquella ſinceridade ſanta, em hum homem de bom juizo, o que paſſou com hum eſcravo ſeu, o qual tinha cuidado de huns carneiros, para provimento dos ſeus amados companheiros os pobres. Parece que tinha vendido alguns; foy ter com o Senhor, e ſentido referia, que lhos furtaraõ: o Servo de Deos, que de nada cuidava mal, lhe reſpondeo: Calate, que naõ furtaraõ, graças a Deos, que quem os levou neceſſitaria delles. Em huma occaſiaõ entrou hum homem em caſa, e naõ vendo gente, entrouxou huma cama de hum pajem, e a levou; houve reparo a tempo na falta, e ſeguindo o cumplice, a poucos paſſos o acharaõ, e pegando delle o trazem a Caſa, chamando-lhe ladraõ; mas o Servo de Deos ſentindo a expreſſaõ por má, diſſe ao criado: Naõ peleijeis muito; porque eſte noſſo irmaõ naõ merece o nome, que lhe dais; he pobre, e eſtá em neceſſidade, e neſte caſo póde no extremo tomar o de que neceſſita. E fallando com o homem dizia: Bem ſey irmaõ, que naõ he ladraõ, como diz eſte moço; porém naõ

torne

torne a fazer ſemelhante couſa, vinde a minha Caſa, eu vos remediarey; e informado de quem era, ſoube a ſua neceſſidade; e tendo a mulher doente, ouvio dizer, que a Caſa de D. Leaõ era dos pobres, donde cada hum levava o que lhe era mais preciſo, e aſſim elle o fizera, e perſuadido da ſua neceſſidade o remediou D. Leaõ. Era a ſua porta franca para todos, e aſſim entravaõ como por ſua caſa propria os pobres neceſſitados. Hum dia eſtando D. Leaõ fóra, entrou hum homem em huma guarda roupa, e naõ vendo ninguem, nem achando que levar, deſarmou hum pano da parede: era a armaçaõ fina; contentou-ſe ſó com hum, ou porque temeo chegaſſe gente, ſahio, e tomou o caminho: neſte tempo houve de caſa quem o vio; dá parte à juſtiça, e deraõ com elle na prizaõ: recolhe-ſe D. Leaõ, daõ-lhe conta do caſo, naõ ſocega, vay ver o homem à prizaõ, para ſe informar; chama o Alcaide, buſca o Miniſtro, difficulta-lhe a ſoltura, recorre à Rainha D. Catharina, que governava na menoridade de ſeu neto ElRey D. Sebaſtiõ, para que lho manda-ſe ſoltar; eſtando neſta pratica entra o valido Miniſtro da Rainha D. Gil Eannes da Coſta, ſogro de ſeu filho, e diz à Rainha, que o homem era ladraõ, e que para exemplo devia ſer caſtigado; porque de outra ſorte ſe atreveriaõ ainda mais afoitamente aos delictos. Sentia D. Leaõ o aperto, em que eſtava o miſeravel, e advogando pelo delinquente dizia ſer neceſſitado; e vendo que naõ era aquelle o caminho para o eximir da pena, recorreo com verdade a que fora prezo no Adro de S. Domingos, e que gozando de immunidade, devia ſer repoſto ao lugar em que o prenderaõ, ſendo huma das couſas, que ſentia da prizaõ daquelle homem, naõ ſatisfazer ao preceito da Igreja, por naõ haver naquelle tempo Miſſa nas cadeyas. Todo o tempo que eſteve prezo o ſuſtentou, compadecido da ſua miſeria, e como ſenaõ fora aggravado o ajudou. Semelhantes beneficios eraõ remunerados pelo Altiſſimo com extraordinarias ſatisfaçõeſ do eſpirito; e além das interiores, permittio, que foſſem publicos, e manifeſtos os merecimentos deſte ſeu fiel Servo.

Depois que D. Leaõ ſe levantou daquella culpa, que referimos, viveo naõ ſó ſantamente, como temos viſto, mas de commum conſentimento em caſtidade com ſua mulher: eraõ irmãos para o amor, eraõ ſantos, e viviaõ como ſantos. Antes

tes deſta heroica reſoluçaõ naſceo deſte eſclarecido conſorcio D. Thomás, que foy unico, e ſeguindo a educaçaõ de taõ virtuoſos pays, foy herdeiro naõ ſó da Caſa, mas da virtude, e como de Varaõ eminente, fica delle feito mençaõ a 15 de Janeiro. Padeceo D. Thomás, já depois de caſado, hum accidente taõ forte, que pareceo ao juizo dos Medicos mortal; deſconfiaraõ da melhora, e todos aſſentaraõ, que morria. Naõ cuidou D. Leaõ nos remedios do Mundo, nem menos ſua mulher, e cheyos de huma confiança, reſignada na vontade Divina, ſahiraõ de Caſa, e vaõ à Igreja de S. Domingos, e poſtos de joelhos na Capella do Bom Jesus, metido cada hum em ſeu canto, perſeveraraõ em Oraçaõ taõ viva, que ſe naõ levantaraõ da preſença Divina, ſenaõ quando correraõ alvoroçados os criados a lhe dizer, que eſtava fóra de perigo ſeu filho. Aſſim ouvia Deos a eſtes bemditos caſados, ſendo as ſuas Orações mais activas, que todos os remedios da Medicina; pois naõ tendo eſta algum, que lhe foſſe util, poderaõ as ſuas humildes ſupplicas alcançarlhe de Deos ſaude. Ainda com mais patentes demonſtrações, moſtrou o Ceo a virtude de D. Leaõ. Eraõ innumeraveis as eſmolas, deu-lhe conta o ſeu Veador, que ſe acabara o trigo no celeiro, a que lhe reſpondeo D. Leaõ: Homem, tem fé, que ſe naõ acabou o trigo. Vay eſte ao celeiro, e naõ podia abrir as portas, carregadas com a caſa chea de trigo. Em outra occaſiaõ por deſcuido do Comprador, faltou a carne para as rações dos pobres, poz o Coſinheiro a panella ao lume ſómente com agua, para eſtar prompta, ou talvez para diſſimular a falta; porque tinha D. Leaõ por coſtume, ir à coſinha ver a comida dos ſeus companheiros, (que aſſim chamava aos pobres,) e chegando à panella a deſcobrio, e vendo-a chea de carne, naõ diſſe nada. Aſſuſtaſe o Coſinheiro, e vendo o ſilencio do amo, vay à panella, e a vê chea de carne; fica admirado, começa a clamar, milagre; acode o Comprador, augmentaõ-ſe as vozes publicando o milagre, confeſſa o ſeu deſcuido. Chega D. Leaõ a elles dizendo-lhe, que ſe callem; porque elle naõ era Santo, para fazer milagres, mas que Deos os aviſava para ſe naõ deſcuidarem do remedio dos pobres. Eſpalharaõ-ſe pela Cidade eſtas maravilhas; era bem acreditado pela ſua exemplar vida, e ninguem duvidou de que o Senhor honraſſe com prodigios a

taõ

taõ fiel Servo. Ainda lhe ſuccedeo outro mais publico, e de grande louvor da ſua virtude. Recolhia-ſe do Paço pela rua nova; pede-lhe hum cego eſmola, deu-lhe huma moeda, dizendo-lhe, Deos vos dé ſaude: depois de a beijar o pobre a poz nos olhos, quando, (caſo maravilhoſo!) eiſque de repente vê, e naõ he cego: grita alvoroçado de contente, dizendo: Vejo, D. Leaõ me deu viſta; mas o Servo de Deos humilde lhe dizia: Calay-vos irmaõ, já que recebeſtes eſta merce de Deos, pela virtude da eſmola, agradecey-lho com todo o coraçaõ. A's vozes do pobre começa a correr gente; vê-ſe D. Leaõ no ajuntamento; mete pernas à mula, e para melhor ſe livrar do concurſo da gente, que ſe hia chegando, toma por detraz de Saõ Juliaõ, e ſe foy eſconder detraz da Igreja de Noſſa Senhora da Conceiçaõ, da Ordem de Chriſto. Em continente ſe divulgou pela Cidade o prodigio, com grande gloria da virtude do Servo de Deos. Ainda naõ tiveraõ fim os publicos dons, concedidos pela ſumma bondade do Altiſſimo, aos merecimentos deſte inſigne Varaõ. Sahia da Igreja do Salvador de Lisboa, em Quinta feira Mayor, e entre os pobres, que eſtavaõ à porta, ſe achava hum aleijado de hum braço, o qual eſtava árido, e encolhido, e delle naõ tinha uſo havia annos, e dizendo: Senhor D. Leaõ, dême eſmola, lhe reſpondeo, que naõ trazia, que lhe dar; mas Deos que póde, vos hade dar ſaude. De improviſo ſe eſtenderaõ os nervos encolhidos, e o braço ſecco ficou com uſo, como ſenaõ tivera padecido taõ grande mal. Era o dia de concurſo, e foy na preſença de muita gente eſte prodigio; correo a voz ao Moſteiro, acodiraõ as Religioſas à grade do Coro, a louvar a Deos em ſeus Santos. D. Leaõ humilde, quando iſto paſſava, dizia ao pobre: Irmaõ, vós me pediſtes eſmola, e eu a naõ trazia para vola dar; Deos vos deu a ſaude, agradecey-lhe tamanho beneficio, com ſeres bom Chriſtaõ. Naõ ſatisfazia o Senhor a charidade de D. Leaõ menos, que com milagres; quando naõ tinha com que fazer eſmola, como ſuccedeo na entrada do Templo em Jeruſalem ao Principe dos Apoſtolos, para verificaçaõ do Evangelho, quando manifeſtou, que com Fé naõ ſó fariaõ as meſmas obras, mas outras ainda mais eſtupendas, e maravilhoſas: aſſim parece o moſtrou Deos com eſte ſeu Servo; pois em huma occaſiaõ,

dando eſmola, deu viſta, e quando naõ tinha que dar, reſtituîo o braço baldado a outro mendigo, e neceſſitado mais da ſaude, do que da miſeria.

A eſte cume de perfeiçaõ taõ elevada chegou D. Leaõ, quando padecia a Cidade de Lisboa aquelle flagello de peſte, de que ainda com horror ſe aſſuſta a memoria na ſua conſideraçaõ: paſſou para a Villa da Arruda, onde tinha algumas fazendas; e como naõ tinha termo a ſua charidade, continuou em ſervir, e ſoccorrer aos pobres. Curou a muitos ſem receyo do mal; porque a ſua charidade ardia com mayor violencia no coraçaõ para a piedade, do que o mal para deſtruîr. Eſtes meſmos effeitos ſe viraõ por muitas vezes praticados no diſcurſo da ſua vida; porque como ſua Caſa era commum Hoſpital para os neceſſitados, teve repetidas occaſioens de exercitar a ſua fervoroſa charidade, ſervindo aos doentes. Havia entre elles hum eſcravo, que fora de ſua irmãa D. Joanna de Caſtro, que tendo paſſado a Caſtella por Dama da Emperatriz D. Iſabel, e naõ tomando eſtado, fundou dous Conventos em a Cidade de Valhadolid, e em hum acabou a vida, e nelle jaz enterrada. Por ſua morte ficaraõ alguns eſcravos, que voltando a Portugal, buſcaraõ abrigo na Caſa de D. Leaõ: eraõ já velhos, e hum delles doente de queixa aſqueroſa, do qual os criados ſe retiravaõ, por ſe naõ atreverem a ſervillo; eſte tomou D. Leaõ entre os da ſua repartiçaõ, e o ſervia com carinho, e tal amor, que lhe adminiſtrava o comer, alimpava-o, e o ſervia de tudo quanto neceſſitava, exhortando-o à paciencia; e eſtes eraõ os empregos da ſua mayor ſatisfaçaõ, moſtrando a alegria do roſto, o que paſſava no coraçaõ, quando neſtas obras ſervia, e imitava ao Rey da Gloria, a quem ſómente deſejou agradar na vida. Contava ſeſſenta e dous annos de idade, quando começou a ſentir huma inchaçaõ no eſtomago, que creſcendo lhe tomava a reſpiraçaõ. Bem conhecia o Servo de Deos, ſerem aquellas moleſtias correyos, que lhe aviſavaõ naõ tardar a morte; porém como Servo vigilante, que tem limpo, e bem arrumado o livro das contas, e naõ receya a hora em que o Senhor lhas peça, continuou no meſmo theor de vida. Hum dia tendo acabado de jantar, ſe recolheo ao ſeu apoſento a orar, como tinha de coſtume; eſtavaõ huns meninos pobres jantando, e os ouvio chorar, e a

hum

hum pajem, que tratava delles, fallar alto, e aſpero, dizendo-lhe, que ſe foſſem; porque naõ acordaſſem ao Senhor D. Leaõ. Naõ dormia eſte, mas vigiava: ſahio fóra pelejando com o demonio, como de ordinario fazia em todas as ſuas adverſidades, como quem conhecia as ſiladas deſte cruel inimigo, e dizia: *Maldito, porque queres affugentar os pobres meninos innocentes da minha Caſa? Vaite della em má hora.* E voltando para dentro, diſſe a hum criado, que foſſe ao Parocho, que lhe trouxeſſe logo a Santa-Unçaõ, porque eſtava chegada a hora. Neſte tempo ſe preparou, e deitou na cama: chega o Parocho, reconcilia-ſe com elle, e devoto, e humilde, recebeo a Sacramento da Unçaõ, eſtando já confortado na manhãa com o Santiſſimo Sacramento da Eucariſtia, e pondo os olhos em huma Imagem de Chriſto crucificado, que tinha nas mãos, repetio eſtas palavras: *Vaite alma a Deos, que te criou*; e aſſim acabou de viver (cerrando-lhe a morte com veneraçaõ os olhos) para a vida preſente, começando a viver na perduravel, que naõ tem fim, nem acaba, neſte dia, do anno de 1572. Deuſelhe ſepultura na Capella do Capitulo de S. Franciſco de Alenquer, jazigo da ſua Caſa.

O P. Antonio Giannone, da Companhia M.

B Em Ximaraba, o glorioſo certame do invencivel Confeſſor de Chriſto o Padre Antonio Giannone, da Companhia de Jesu, que deixando as dilicias de Italia pelos incommodos, e trabalhos do Oriente, onde foy celebre Miſſionario no Reyno de Aryma, em o qual por eſpaço de vinte e quatro annos ſupportou com admiravel conſtancia, trabalhos, e perſeguições, habitando nas brenhas incultas, nas quaes de dia ſe eſcondia, buſcando as grutas mais ſeparadas nos agreſtes boſques, donde ſahia de noite, pizando pedras, e abrolhos, a buſcar as povoações, para confirmar, e confortar aos Chriſtãos, combatidos, e aſſombrados da crueldade dos Tyrannos, que os perſeguiaõ mais ferozes, que as indomitas féras; e como raivoſos brutos, andavaõ tambem em buſca do Padre Antonio Giannone, como a inimigo acerrimo; e aſſim, ſem que lhe valeſſem as ſombras da noite à ſua cuidadoſa diligencia, prenderaõ ao diligente operario, junto a Aryma, e levado publicamente pelos lugares mais publicos, para que foſſe eſcarnecido, e injuriado com afrontas dos Gentios, foy depois coroado glorioſamente com o cruel martyrio da cova, em que eſteve pendurado dous

dias, fazendo admiravel a Fé com ſua paciencia, pela qual mereceo ſer numerado entre os Martyres da Militante Igreja.

Dom Pedro Sueiro, Conег. Regr.

C No Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, trocou a breve vida pela eterna o muito Religioſo Padre D. Pedro Sueiro, Prior daquelle Real Moſteiro, em o qual luzio tanto a obſervancia da Regra de Santo Agoſtinho, praticada pelo zelo de ſeu vigilantiſſimo Prelado, que tanto deſejou parecer ſeu verdadeiro filho, na obſervancia das Conſtituições, e pureza dos coſtumes, com os quaes fazia com o exemplo agradavel o governo aos ſubditos. Depois de bem exercitado em virtudes, terminou ſeus felices dias no de ſeu grande Padre Santo Agoſtinho, a quem teve cordeal devoçaõ, preparandoſe para aquella ditoſa hora com os Sacramentos, como quem havia alguns dias manifeſtara o dia, e hora, em que o Senhor lhe tinha revelado partiria deſta vida: aſſim acabou com grande alegria, naſcida do candor da ſua pura conſciencia.

Fr. Joaõ, e Fr. Xiſto, MM. Franciſc.

D Na India Oriental, o Martyrio de dous Seraficos Religioſos, Fr. Joaõ de Elvas, e Fr. Xiſto, os quaes ſendo cativos no mar pelos Malavares, foraõ glorioſamente mortos em odio da Fé, ſubindo ſuas almas coroadas com palmas à Triunfante Jeruſalem.

Fr. Rodrigo de Somira, Franciſc.

E Em a Villa de Noya, o ditoſo fim de Fr. Rodrigo de Somira, da Ordem de S. Franciſco, Varaõ de grande exemplo, e virtude, taõ dado à contemplaçaõ, que neſte ſanto exercicio ſe inflammava tanto no amor de Deos, que arrebatado em ſuave extaſi, excedia as arvores mais altas, com admiraçaõ dos que viaõ levantado a tanta eminencia aquelle, que profeſſava taõ profunda humildade, em a qual ſe conſervou toda a vida. Era grande Letrado, e todas as ſuas letras naõ dirigia mais, que ao bem das almas dos Fieis, perſuadindo-lhe o exercicio da virtude, que elle tambem ſoube praticar; e aſſim depois de purificados com trabalhos no mar, e na terra, de que a ſua paciencia ſoube lavrar a coroa, com que o Senhor coſtuma premiar aos ſeus Servos, acabou com opiniaõ de Santo.

Sor Luiza de Saõ Miguel, Franciſc.

F No meſmo dia, em o Moſteiro de Noſſa Senhora de Subſerra, na Villa da Caſtanheira, deixou com morte precioſa as prizoens da vida mortal, para a lograr eterna, Sor Luiza de S. Miguel, de exemplar, e admiravel paciencia, com

que

que o Senhor a provou. Dezaſeis annos lhe durou a ultima, com taõ acerbas dores, que ſe lhe deſconjuntaraõ todos os membros do corpo. Naõ ſe lhe viaõ mais que chagas, e entre taõ penoſo trabalho, huma taõ ſingular conformidade, que bem moſtrava ter ſómente no Ceo o ſeu alivio. Coſtumava abraçarſe com a Santiſſima Imagem de Chriſto crucificado, de que recebia admiraveis frutos o ſeu eſpirito, taõ abrazado, que em viſiveis incendios moſtravaõ no roſto as faces, o que ardia no coraçaõ, e a boca em rizos, e gozos da alma, com que ſe deſprezavaõ as penalidades do corpo. Tres dias antes da ſua morte lhe foy declarada a hora pelo Patriarca S. Domingos, de quem era muy devota: e preparando-ſe com grande devoçaõ, pedio o Santiſſimo Viatico, e depois a Santa-Unçaõ; e rogando às Religioſas lhe cantaſſem o Credo, chegando às palavras *Aſcendit ad Cælum*, ſubio a ſua bemdita alma à Gloria, acompanhada das Onze mil Virgens, e de ſeu Serafico Patriarca, como entenderaõ as circunſtantes das ſuas acções.

O P. Manoel Rodrigues, da Cõpanhia.

G Na Caſa Profeſſa da Companhia de Goa eſpera a Reſurreiçaõ univerſal o virtuoſo Padre Manoel Rodrigues, da Companhia, Varaõ taõ admiravel, que logo no ſeu Noviciado deu claras moſtras do ſeu excellente genio; porque com exacta promptidaõ cumpria todas as obrigações do eſtado, que abraçara na obſervancia da Regra, e Conſtituições. Abrazado o ſeu eſpirito no deſejo da ſalvaçaõ das almas, pedio com grandes inſtancias licença para paſſar à India, e conſeguida finalmente, embarcou com muita ſatisfaçaõ. Foy a viagem trabalhoſa, mas nella deu do ſeu eſpirito admiraveis provas no ſerviço temporal, e eſpiritual dos paſſageiros, ajudando a todos com edificaçaõ do ſeu bom exemplo, e nas palavras todas de Deos, e do Ceo, com que os exhortava. Chegou a Goa, e dahi embarcou para Cochim, aonde acabou com applauſo os ſeus eſtudos, e ſe dedicou todo à Miſſaõ de Madurê, em que por eſpaço de vinte e oito annos trabalhou incanſavelmente na nova converſaõ dos infieis, e na conſervaçaõ dos já convertidos. Daqui o tirou a obediencia para os governos: primeiramente para Provincial da ſua Provincia; cargo, que exercitou tres annos com tanta ſatisfaçaõ, que mereceo ſer nomeado Provincial da de Goa duas vezes. Foy Varaõ dotado de hum eſpirito grande, abrazado no amor de Deos, que bem moſtrava

moſtrava nas palavras o effeito, que deſte Senhor conſervava no coraçaõ; taõ penitente, que já mais paſſou dia, eſtando com ſaude, que naõ tomaſſe rigoroſas diſciplinas, ſem que lhe ſerviſſe de embaraço o avançado da idade. Era abſtinente; de ſorte, que ainda nas feſtividades de mayor ſolemnidade apenas aceitava na meſa algum peixe, e ervas, conſervando nos Collegios a meſma auſteridade, que guardava nas Miſſoens. Amava com tanto zelo as Miſſoens, que os primeiros provimentos nos ſeus governos foraõ ſempre os que reſpeitavaõ a ellas, laſtimando-ſe, e ſentindo naõ poucas vezes, de naõ poder ir em peſſoa ſervir aquellas Chriſtandades, taõ faltas de operarios. Nelle ardeo huma charidade verdadeira do proximo, que ſe via nas viſitas, ſendo a primeira dos Collegios a Enfermaria. Nada obrava do ſeu governo, ſem primeiro o conſultar com Deos na Oraçaõ, de que lhe naſcia a rectidaõ com que procedia em tudo, o que determinava, ſem mais objecto, que o bem da Companhia; o que, ſuppoſto era manifeſto, elle o proteſtou na ſua morte, em que ſe vio qual era a ſua pobreza, pois as ſuas alfayas eraõ hum Breviario, hum Diurno, e as Contas porque rezava, diſciplinas, e varios cilicios: mal poderia guardar, quem, como elle, tudo o que adquiria diſtribuîa em obras pias. Finalmente, aos onze mezes do ſeu ſegundo Provincialado, ornado de taõ excelſas virtudes, como verdadeiro filho de Santo Ignacio, ſofrendo com paciencia as terriveis dores da doença, ſe lhe naõ ouviaõ mais palavras, que *Jeſus eſto mihi Jeſu*; e aſſim foy a lograr deſcanço eterno, como piamente ſe deve crer da ſua innocente vida.

D. Luiza Sebaſtiana.

H No Lugar da Cuba, cerrou as clauſulas de huma vida innocente com morte ſanta D. Luiza Sebaſtiana, que havendo naſcido na Cidade de Béja, ſe criou de tenra idade no Moſteiro da Conceiçaõ da dita Cidade. Seus pays por voto a deſtinaraõ para Religioſa do meſmo Moſteiro, por hum trabalho, que ſendo menina de curta idade padecera, e de que entenderaõ livrara por eſpecial favor da Virgem, que com o titulo da Conceiçaõ venera a Univerſal Igreja. Neſta Caſa viveo ſempre D. Luiza, educada com o exemplo de huma tia ſua, em que foraõ admiraveis os progreſſos; porque livre daquelles entretenimentos, que eraõ proprios da ſua idade, os trocava em ſantos exercicios, convidando para elles as outras meninas,

meninas, que chamava para a Oraçaõ, ella lhes lia o ponto, em que haviaõ de meditar, enſinando-lhes a coſtumarem-ſe ao uſo dos cilicios, e diſciplinas, e lhes apontava os dias, que haviaõ jejuar, aſſiſtindo ſempre com muita charidade as doentes. Deſta ſorte creſceo na idade, e na perfeiçaõ, ſendo muy dada à Oraçaõ, à aſſiſtencia do Coro, que muitas vezes lhe ſervia o ſeu pavimento de cama. Eſte rigor de vida em natureza delicada, a debilitou de ſorte, que ſe lhe atêou huma febre continua, que a impoſſibilitou a entrar no Noviciado. Pelo conſelho dos Medicos, obrigando-a, a que mudaſſe de ar, foy para a Cuba, aonde tinha parentes, e augmentando-ſe a queixa, ella conheceo o perigo; aſſim determinou diſtribuîr em eſmolas, e obras pias parte do ſeu dote, que já tinha no Moſteiro da Conceiçaõ, ordenando a enterraſſem na Matriz de S. Vicente, amortalhada no Habito dos Capuchos da Piedade: aſſim acabou ficando flexivel, e com taõ agradavel preſença, que todos a tiveraõ por Predeſtinada.

Commentario ao XXVIII. de Agoſto.

A DOm Henrique de Noronha, Commendador môr da Ordem de Santiago, era filho de D. Pedro de Noronha, Senhor do Cadaval, e Commendador môr de Santiago, neto de D. Affonſo, Conde de Gijon, filho delRey D. Henrique de Caſtella, e da Senhora D. Iſabel, filha de D. Fernando Rey de Portugal, em quem teve principio a Familia de Noronhas. Caſou com ſua prima D. Guiomar de Caſtro, filha de D. Joaõ de Noronha, a quem chamaraõ o Dentes, e de D. Joanna de Caſtro, que vevo a ſer herdeira do Condado, e Caſa de Monſanto, de quem procedem por varonia os Marquezes de Caſcaes. Deſte illuſtriſſimo conſorcio naſceo, entre outros filhos, D. Leaõ de Noronha, de ſangue taõ eſclarecido, que em poucas gerações participava do ſangue Real de Portugal, e Caſtella. Eſte altiſſimo naſcimento de D. Leaõ, naõ ſervio mais, que para fazer mais clara a ſua virtude, pois permittio Deos, que em copioſa deſcendencia ſe conſervaſſe a ſua poſteridade, na Varonia dos Condes dos Arcos, e em alliaças de grande numero de Caſas illuſtres, que tem a gloria, de ter por progenitores a hum taõ ſanto Varaõ. Caſou com D. Branca de Caſtro, verdadeira conſorte de tal eſpoſo, e taõ igual nas virtudes, que acabando ſantamente, deixou de ſua vida virtuoſa memoria. Deſte matrimonio foy unico filho D. Thomás de Noronha, de quem fica feito menção a 15 de Janeiro, e ſe baſta para illuſtrar huma familia hum Varaõ Santo, que ſerá em eſta onde os pays, e o filho eraõ de taõ relevante virtude, como temos viſto?

Foy D. Leaõ de Noronha, além de Santo, muy verſado na liçaõ dos livros, applicado à Theologia, e aſſim eſcreveo varios Tratados de Theologia Myſtica, Eſpeculativa, muy devotos, que ſeriaõ de muito proveito ſe ſe publicaſſem, por ſer de muy elevado eſpirito, como quem era taõ dado à Myſtica, em que gaſtou muito tempo, tendo horas para o eſtudo, na manhãa, e noite, diante de hum Crucifixo, como quem recebia delle, à maneira de Saõ Boaventura, os frutos dos ſeus eſtudos. Teve grande livraria, que paſſava de cinco mil volumes, de que muitos ſe repartiraõ pelos Conventos da Pro-

Provincia da Arrabida, e os de mais levaraõ o fim, que coſtumaõ ſemelhantes alfayas, quando começaõ a paſſar de huns a outros ſucceſſores; os quaes naõ herdando com as Caſas os genios, ſe vem a perder, como temos viſto em outras, com magoa no noſſo tempo. Com os Religioſos da Ordem dos Prégadores, que eraõ ſeus viſinhos, teve grande communicaçaõ: delle dizia aquelle doutiſſimo, e exemplar Varaõ o Padre Fr. Luiz de Sottomayor, que D. Leaõ naõ ſó era Santo, mas douto, e aſſim ajuntava ao reſpeito da peſſoa, mayor ao das virtudes.

Era grave, ſerio, e ſuppoſto que humilde, naõ permittia, que ſe eſtragaſſe o reſpeito das grandes obrigações, com que naſcera: como ſe obſervou em alguns caſos, que lhe ſuccederaõ, que referiremos, por louvor ſeu, e gloria de ſeus deſcendentes. Entrou hum dia no Paço delRey D. Joaõ III. para lhe aſſiſtir à meſa; era hum Porteiro da Cana moderno na occupaçaõ; ao entrar na antecamera lhe atraveſſou a cana na porta, e voltando para elle grave, e ſevero, lhe diſſe: *Tiray a cana, porque fóra do Paço em minha Caſa naõ ſou nada; porém neſte lugar repreſento outra figura.* Naõ eſtimava as honras da Corte, como vaidades do Mundo, antes fogia dellas: Era Santo, ſabio, e entendido: e aſſim quando eſtava no Paço, era preciſo o reſpeito; porque ſe naõ offende a virtude do conhecimento proprio, quando naõ he em deſprezo dos proximos, como elle referio, quando em huma occaſiaõ lhe puzeraõ o pé ſobre o capuz, que era o luto daquelle tempo; devia ſer por malicia, porque voltou, dizendo: *Naõ ſe poem a D. Leaõ o pé, e naõ he peccado conſervar a honra, que Deos me deu, a elle ſejaõ dadas as graças.* Eſtas palavras proferidas com tal modeſtia, e gravidade, cauſaraõ confuſaõ nos circunſtantes. Entrou em outra occaſiaõ pela antecamera delRey, e hindo a tomar lugar o achou occupado, e chegando-ſe D. Leaõ, diſſe para os Fidalgos, que eſtavaõ: *Ambos cabemos*, com tal reſpeito, que os de mais ficaraõ admirados; e ainda mais, porque reparando ElRey, diſſe: *Dem lugar a D. Leaõ, que bem ſabem o parenteſco, que tem com os Reys deſta Coroa.* Taõ honrada expreſſaõ merecia D. Leaõ, pelo ſangue, e muito mais pela virtude, pois mereceo do Rey da Gloria taõ ſingulares diſtincções, como temos referido, acreditando a ſua vida com eſtupendas obras. Foraõ muitas as eſmolas, e ainda que a renda era grande para aquelle tempo, por paſſar de dous contos de reis, vendeo muitas propriedades para beneficio dos pobres; porém o Senhor, que ſabe retribuir com maõ larga a quem o ſerve, naõ ſó eſpiritualmente o fez a D. Leaõ, mas ainda temporalmente a ſua Caſa, dando a ſeu filho D. Thomás hum grande dote, e outras heranças, que veyo a importar o ſeu inventario a ſua nora, quando ficou viuva, mais de cem mil cruzados; porque deſta ſorte ſaõ pagas as eſmolas, que ſe fazem aos pobres; porque eſtas ſaõ as rendas mais certas, que tem que cobrar os ſucceſſores das Caſas grandes, ſe imitarem a D. Leaõ de Noronha, de quem nos temos alargado, por ſatisfazer à promeſſa do Licenciado Jorge Cardoſo no Commentario do dia 15 de Janeiro. O referido achámos em humas Memorias para a ſua Vida, que ſe conſervaõ na ſua Caſa, e nos participou ſeu quarto neto D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, e conforme o que refere Joaõ Franco Barreto na ſua *Bibliotheca*, ſaõ de Jeronymo de Mello; e Eſperança, Parte I. da *Hiſtoria Seraſica*, liv. 1. cap. 36. §. 7. pag. 132; Souſa *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 4. cap. 22. pag. 198. verſ. D. Luiz Lobo no ſeu *Nobiliario*, e todos os de mais deſte Reyno.

B No Reyno de Napoles, na Provincia de Apulha, em as terras de Bari, fica a Cidade de Bitonto, em huma planicie fertil, naõ muy diſtante, ao meyo dia das prayas do mar Adriatico, goza Cadeira Epiſcopal, que he Suffraganea ao Arcebiſpado de Bari. Naquella Cidade naſceo o Padre Diogo Antonio Giannone, Varaõ Santo, e celebre na contemplaçaõ das couſas Divinas, em que ſe encendia o ſeu eſpirito, para deſprezar todas as couſas do Mundo. Teve por advogada a Virgem Santiſſima, que lhe foy protectora, contra todas as tentações, até o fim da morte. As Cartas das Miſſoens do Japaõ, em que lia a ditoſa morte daquelles Religioſos, que mereceraõ a gloria de dar a vida por Chriſto, foy a vocaçaõ, que teve para entrar na Companhia, e depois paſſar a Goa, e Macao, até que entrou no Japaõ, e depois

pois de grandes trabalhos, ſendo já profeſſo do quarto voto, e tendo de idade quarenta e quatro annos, imperando no Japaõ Toxogunſama, e ſendo Prèſidente Nangadotono no anno de 1633, neſte dia, entrou na gloria, coroado de Martyrio. Delle faz mençaõ o *Menelogio da Companhia* m. ſ. Nadaſi *Dierum Memorabilium*, ambos neſte dia; Andrade *Varoens Illuſtres*, tom. 6. pag. 486. Guerreiro *Coroa dos Martyres da Companhia*, cap. 40. pag. 532.

C Succedeo em Prior do Moſteiro de Santa Cruz D. Pedro Sueiro, a D. Joaõ Pires, e foy X. daquella Caſa. Era ſobrinho de D. Pedro Sueiro, ou Soares, Biſpo de Coimbra; de cuja Sé tambem tinha ſido Conego. Devia ſer peſſoa de talento, porque delle fizeraõ grande eſtimaçaõ os Reys do ſeu tempo. ElRey D. Affonſo III. o fez do ſeu Conſelho, e lhe deu as chaves do ſeu theſouro; que ſe guardava em Santa Cruz. ElRey D. Diniz o conſultava nas couſas de importancia, e lhe confirmou todas as rendas, que os Reys ſeus predeceſſores lhe doaraõ, com algumas novas regalias. Foy de animo liberal, e deſintereſſado, e aſſim largou ao Moſteiro a Igreja de S. Thomé de Mira, e para a Enfermaria toda a renda, que poſſuia em Ourem. A ſua morte ſuccedeo no anno de 1284, como refere o Padre D. Nicolao de Santa Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 10. cap. 15. pag. 228.

D Pelos annos de 1560, faz mençaõ Barezzo na *Chronica dos Menores*, liv. 3. cap. 71, de Fr. Joaõ de Elvas, Guardiaõ de Cochim, e Fr. Xiſto, Sacerdotes, que navegando para Goa ao ſeu Capitulo, foraõ cativos dos Malavares, os quaes depois de lhe tirarem as vidas a lançadas os botaraõ ao mar. Delles faz mençaõ Artur no *Martyrologio Franciſcano*, neſte dia; Soledade *Hiſtoria Seraſica*, liv. 5. cap. 14. pag. 533; Gravina *Vox Turturis*, part. 2. cap. 24. pag. 78; Gonzaga na I. Parte *in Sacris Martyribus*; e na IV. Parte na *Provincia de S. Thomé*; Boſſio tom. 1. liv. 12. cap. 22; Daça ann. 1560; Toſſiniano liv. 2. in fine.

E Diſta ſeis legoas da Cidade de Santiago a Villa de Nova, no Revno de Galliza, em huma planicie, na qual fica Islada, com as aguas do Rio Tamar, e S. Juſto, e com hum admiravel porto em huma ria no mar Oceano. Os Eſcritores de Heſpanha fazem della mençaõ, querendo que foſſe fundada antes da vinda de Chriſto. No tempo dos Godos teve Cadeira Epiſcopal. No Moſteiro que a Religiaõ de S. Franciſco tem neſta Villa, faleceo o Padre Fr. Rodrigo de Somira, Gallego de naſcimento, o qual viveo trinta annos em Portugal, edificando com a ſua vida: pelo que nos pareceo razaõ fazermos delle memoria, ſem embargo de que neſte dia do anno de 1492, faleceſſe na ſua Provincia de Santiago. Delle ſe lembra a *Chronica da Provincia de Portugal* de Soledade na 3. part. liv. 4. cap. 20. pag. 458.

F De idade de nove annos entrou no Moſteiro da Caſtanheira Sor Luiza de S. Miguel, que faleceo neſte dia do anno de 1682, tendo de idade trinta e tres, em que padeceo terriveis doenças. He para admirar, que depois de morta ficou o corpo flexivel, o roſto fermoſo, e as chagas, que havia pouco padeceraõ corrupçaõ, exhalaraõ cheiro, com que as circunſtantes engrandeciaõ a Deos admiravel com ſeus Servos, querendo ainda mais acreditar a eſta ſua Eſpoſa, com ſe verem ſobre a Caſa, em que faleceo, repetidas luzes, que manifeſtaraõ a gloria que gozava. Soledade *Hiſtoria Seraſica*, part. 4. liv. 2. cap. 20. pag. 188.

G O Padre Manoel Rodrigues naſceo na Villa de Vianna de Alentejo, no anno de 1621. Contava dezaſeis de idade quando entrou na Companhia: o ſeu eſpirito o levou a trabalhar nas largas Miſſoens, que a ſua Religiaõ tem na India, em que foy hum dos inſignes filhos do grande Patriarca Santo Ignacio, que naquelle Eſtado fez mais brilhante o ſagrado Inſtituto da Companhia. Faleceo no Collegio de S. Paulo de Goa, neſte dia, ſendo ſegunda vez Provincial, no anno de 1694, contando ſeſſenta e nove annos de idade, e cincoenta e tres da Roupeta da Companhia. No ſeguinte dia foy enterrado na Capella mòr da Caſa Profeſſa de Goa com grande aſſiſtencia da Nobreza, e Religioens daquella Cidade. *Memorias da Companhia de Goa*, mandadas à Academia Real da Hiſtoria.

H He Cuba hum Lugar grande na Provincia de Alentejo, na Comarca de Evora, que conforme o Padre Lima na *Geografia Hiſtorica*, tom. 2. pag. 675, tem trezentos e noventa e cinco fogos, e mil e cento e ſeſſenta almas. Querem

alguns curioſos, que tiveſſe principio no viſinho monte do Outeiro, que pertendem nelle tiveſſem Caſtello os Romanos, pelas muitas Medalhas Romanas, que naquelle ſitio ſe tem achado em diverſas occaſioens; e que do ſeu Caſtello ſe vieraõ a ſervir os Mouros, quando no tempo delRey D. Sancho o I. os noſſos a ganharaõ. ElRey D. Affonſo IV. lhe concedeo o privilegio de o ſeu Concelho poder eleger dous homens principaes para Juizes, como nas mais Villas do Reyno, de que ſe lhe paſſou carta, eſtando em Moura, a 13 de Fevereiro de 1355. Tem Caſa de Miſericordia, a quem ElRey D. Filippe II. concedeo os privilegios da Miſericordia de Lisboa, por Alvará de 6 de Dezembro de 1581. O Infante D. Luiz com a inclinaçaõ que tinha à caça, edificou nella huma caſa de campo defronte da rua chamada do Poço. Neſte Lugar faleceo, neſte dia, do anno de 1741, D. Luiza Sebaſtiana, que havia naſcido na Cidade de Béja, a 25 de Abril de 1715, filha de Pedro Dias de Oliveira, Vereador da Cidade de Lagos, no Reyno do Algarve, Juiz dos Direitos Reaes da Caſa do Infantado na Cidade de Béja, e Familiar do Santo Officio do numero da Inquiſiçaõ de Evora; e de ſua mulher D. Maria Bayoa Toſcana, Adminiſtradora da Capella dos Francos, que inſtituîo ſeu terceiro avó Franciſco Luiz Franco, Fidalgo da Caſa do Infante D. Luiz, como refere o Padre Fr. Franciſco de Oliveira, nas Memorias já allegadas, que he irmaõ deſta virtuoſa Donzella.

AGOSTO XXIX.

Santa Baſiliſa, V. M.

AM Braga, o natal de Santa Baſiliſa, Virgem, e Martyr, huma das nove irmãas, filhas de Cayo Atilio, a qual depois de ter milagroſamente eſcapado da cruel determinaçaõ de ſua mãy, e ſer criada com o leite da Religiaõ Chriſtãa, pelo que padeceo muito na perſecuçaõ, que contra os Fieis ſe levantou em Heſpanha, ſendo ſeu pay o cruel executor deſte Edicto. Pelo que a Santa Virgem com ſuas irmãas fogio, por conſelho de hum Anjo, deixando o povoado pelos montes, onde deſamparadas de todo o humano auxilio, ſe acharaõ as delicadas Donzellas afflictas; mas animando-ſe com fervoroſas deprecações ao Ceo, ſe conſolavaõ humas a outras, até que por diſpoſiçaõ Divina illuſtradas, ſe apartaraõ, e começaraõ a ſeguir, e diſcorrer differentes varedas. Baſiliſa, inſpirada de Divina commoçaõ, foy parar à Cidade de Syrmia, onde com jejuns, e Orações, e outros ſantos exercicios, ſe empregava com humilde eſpirito a ſervir ſómente a Deos, que tinha por Eſpoſo, fazendo obras do ſeu agrado. Porém levantada procelloſa tempeſtade na perſeguiçaõ de Adriano, ſendo accuſada por Chriſtãa, foy preza, e examinada no carcere, da Ley, que profeſſava, que conſtante confeſſou ſer a de Jesu Chriſto: pelo que ſendo entregue

aos

aos impios algozes, para que naõ querendo adorar aos falſos Deoſes, foſſe atormentada, até que perdeſſe a vida; ao que conſtantemente reſiſtio: pelo que ſendo cruelmente açoutada, deu no martyrio a alma a ſeu Eſpoſo.

B Na Conceiçaõ de Lagos, reſplandeceo com ſingular innocencia D. Leonor de Menezes, nobre por appellido, e muito mais pela humildade Religioſa com que o deſprezava, ſentindo, que lhe deſſem outro appellido, que o que tomara, quando profeſſara, chamando-ſe Sor Leonor da Piedade. Foy eſta Religioſa de exemplares coſtumes, mereceo deixar na tradiçaõ daquelle Moſteiro louvavel memoria. *D. Leonor de Menezes, Carmelita.*

C Em Ximabara, a felice ſorte do Irmaõ Joaõ Kidera, o qual foy criado no exercicio das virtudes nos Seminarios, e depois recebido à Roupeta da Companhia, onde praticou aquellas meſmas virtudes, que nella venerava naquelles ſantos Religioſos. Foy dado em Firando por Companheiro ao Padre Diogo Antonio, e o foy fiel em os ſeus trabalhos; porque depois de ter padecido por largo tempo eſtreitos carceres, lhe queimaraõ as mãos, e pés, com ferro em braza, e foy expoſto ao rizo, e zombaria da vil plebe, e poſto em hum jumento era levado pelas Cidades, em que ſofreo muitas injurias por amor de Chriſto. Ultimamente condemnado ao tormento das covas, em que perſeverando tres dias vivo, paſſou a gozar realmente às Celeſtes delicias, promettidas aos eſcolhidos de Jesu Chriſto. *Irmaõ Joaõ Kidera, da Comp. M.*

D No meſmo dia ſubio triunfante ao Ceo na Cidade de Nangaſachi Simeaõ, Japaõ, mancebo de dezanove annos, naſcido de pays Chriſtãos, e criado com grande amor na Ley de Jesu Chriſto, que profeſſou com eſpecial devoçaõ. Era terrivel o odio, com que ſe perſeguia aquella Chriſtandade, e naõ podendo Simeaõ entrar na Igreja, ſe exercitava em obras de virtude. Naõ tinha mais que nove annos, quando accommetido de huma mortal doença, eſcapou milagroſamente por interceſſaõ da Virgem Santiſſima; pelo que gratamente foy ſempre ſeu eſpecial devoto. Por ſuas mãos lavrou huma Imagem de Chriſto crucificado, diante da qual rezava tres vezes no dia. Exercitava-ſe em jejuns, e diſciplinas, conſervando taõ pura a alma como o corpo, ſem o deixar contaminar da torpe laſcivia: pelo que os ſeus entenderaõ permanecera nelle *Simeaõ, M. Jap.*

a graça, que recebeo no Santo Bautiſmo. Mandou o Governador prender a ſeu irmaõ mais velho Aleixo, por ſe lhe acharem em caſa veſtimentas Sacerdotaes; ſendo juntamente prezo Simeaõ, e todos os de caſa, eſtiveraõ hum anno no carcere, padecendo extraordinarias neceſſidades. E ordenando o Governador, que foſſem à ſua preſença, deſprezaraõ com animo Chriſtaõ, todas as promeſſas, e ameaços; o qual vendo que os naõ podia vencer com rogos, os mandou atormentar; para o que foraõ levados junto das aguas de Ungem: alli o deſpiraõ, e pondo-lhe huma pedra ao peſcoço, e outra redonda ſobre a cabeça, lhe começaraõ a lançar daquellas ſulfureas, e ardentes aguas, para que as exceſſivas dores o fizeſſem mudar de Religiaõ; depois de bem eſcaldado o pozeraõ ao ardor do Sol. No dia ſeguinte o foy ver ſeu irmaõ, o qual com medo dos tormentos apoſtatou da Religiaõ Chriſtãa: era para ver o valeroſo Soldado de Chriſto, reprehender a ſeu irmaõ de fraco, puſilanime, e de taõ vil animo, que pela vida temporal perdia a eterna! Por eſta conſtante reſoluçaõ o mandou o Governador meter nas aguas de Ungem, e para que duraſſe o tormento, naõ conſentiraõ, que nelle acabaſſe a vida: pelo que o tiraraõ, e recolheraõ em huma cabana, em que eſteve alguns dias, taõ cheyo de chagas corruptas, que da ſua putrefaçaõ naſcia muito máo cheiro, que davaõ por tormento a outros Chriſtãos a ſua companhia. Quizeraõ depois curallo, mas a tempo, que já era impoſſivel o remedio humano. Levaraõno do monte, em que eſteve dezaſeis dias padecendo, para o porto de Mangúi; nelle publicamente manifeſtou ſer Chriſtaõ, e que a Ley de Jesu Chriſto ſó era verdadeira. Alli o deitaraõ em huma colcha de papel, bem contra ſua vontade; porque nenhum alivio humano deſejava. Alguns Chriſtãos o viſitaraõ, admirando com louvores a ſua conſtancia; mandou, que lhe cerraſſem as portas do apoſento, e com hum Chriſto diante com palavras devotas ſe poz nas ſuas mãos com huma fiel reſignaçaõ, e deſta ſorte lhe entregou a ſua ditoſa alma, que foy a deſcanſar eternamente na ſuavidade da Gloria. Seu corpo mandou depois queimar o Tyranno, fazendo com as ardentes chammas mais luzido o ſacrificio deſte venturoſo mancebo.

Thomé, e Catharina, MM. Jap.

E Item na meſma Cidade Thomé, e Catharina, ſua mulher,

lher, os quaes por serem Christãos foraõ queimados vivos; o que sofreraõ com admiravel constancia por amor de JESU Christo; e desta sorte sobiraõ suas bemditas almas ao Ceo, coroadas com a immarcessivel palma dos Martyres.

Antonio, M. Jap.

F Tambem na referida Cidade deu a vida pelo seu Creador, Antonio Canay Suzayemon, Japaõ, o qual de idade de trinta e oito annos recebeo o sagrado Bautismo, e sendo instruîdo pelos Padres da Companhia, vivia taõ virtuosamente empregado no mayor culto de Deos, que por duas vezes na companhia dos Padres fez os Exercicios, que Santo Ignacio começou para tanto bem das almas. Estava resoluto a fazer vida Eremitica, para de todo se dar a Deos sem interpolaçaõ, nem commercio das gentes, e sendo-lhe achado huns Ornamentos Sagrados, depois de hum anno de carcere, no qual firme na santa Fé, que recebera, desprezou os rogos dos amigos, e conhecidos, e os ameaços dos Tyrannos: pelo que mandou o Governador fosse degolado, de que rendendo humildemente a Deos as graças, foy receber o premio eterno, aos sessenta annos da sua idade.

Commentario ao XXIX. de Agosto.

A ESTas nove irmãas, que tanta gloria daõ a Portugal com o seu nascimento, causaõ bastante confusaõ, para se conhecer quaes foraõ os lugares, onde receberaõ a palma do Martyrio. A Santa Basilisa poem o *Martyrologio Romano*, e Baronio, em Smirna, Cidade na Asia Menor. Equilino liv. 11. n. 130, e 132, em Smirna, Cidade de Hespanha na Betica, ao qual segue o Conde de Mora na *Historia de Toledo*, part. 1. pag. 402, que Bivar quer se lêa Sirmo. O *Martyrologio* de Maurolico, diz, Sirmyia, a qual quer Tamayo tambem seja huma Cidade antiga da Betica, seguindo a Dextro. Porém nós que dos Chronicoens naõ temos aquelle conceito, que teve Tamayo, o duvidamos, sendo o motivo ver, que Cellario na sua *Geografia antiga*, naõ faz na Betica mençaõ de tal Cidade, e só se lembra de Sirmia na Panonia inferior, que he na Hungria, de que antigamente foy Metropoli, junto do rio Savo, pouco antes que se meta no Danubio. Os Hungaros lhe chamaraõ *Szreim*; os Alemaens chegando-se mais ao nome antigo *Sirmisch*. Desta Cidade faz mençaõ Antonino Pio no seu *Itenerario*, e Plinio, Ptolomeo; Zosimo, Erudiano, Evagro, Eutropio, sem que nos antigos, e modernos Geografos se ache outra Cidade chamada Sirmia. O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, na I. Parte da *Historia de Braga*, cap. 30, seguindo ao Bispo Sandoval na Igreja de Tuy, pag. 43, allegando o seguinte Hymno do Padre Higuera, em que diz estas Santas nove irmãas ennobrecerãõ as tres partes do Mundo com os seus gloriosos Martyrios; porque em Africa padeceo Santa Germana, Santa Basilisa na Asia, acabando em Syria, e as outras sete na Europa, illustrando a varias Cidades com a sua preciosa morte, e diz assim:

Te Syria Basilia,
Colitque Germanam Africa,
Et Geneveram proxima,
Tudensis urbs Oceano.

Eume-

Eumeliamque Abogriga,
Colit caput Gallaciæ
Cultu frequentans annuo,
Cantu reſultans debito.
O' vos infractæ Martyres,
Et Virgines Caſtiſſimæ
Signum Veſtris Virginibus
Tuliſtis ad martyrium.
Per Africæ, perque Aſiæ,
Europæ per confinia
Diſperſæ nutu cælico
Orbem ſacraſtis ſanguine.

Eſte Hymno, inda que fundado na opiniaõ de Juliano, Arcipreſte de Toledo, ſe conforma à razaõ, pondo o Martyrio da Santa na Aſia, ou ſeja na Syria, ou como quer Baronio, em Smirna. He certo, que eſtas Santas irmãas, conforme a tradiçaõ, e os Breviarios antigos, ſe eſpalharaõ por diverſas Provincias, e como eraõ guiadas por ſuperior inſpiraçaõ, naõ faz duvida a diſtancia. Deſta Santa trataõ os allegados Martyrologios, neſte dia, e Fr. Luiz dos Anjos no *Jardim de Portugal*, pag. 44, e outros muitos Authores, que já deixámos apontados nos dias de ſuas Santas irmãas.

B De D. Leonor de Menezes naõ ſabemos a Patria, e ſaõ taõ curtas as memorias, que temos, que ſe reduzem a falecer em 1653, como ſe tira de huma Relaçaõ, que tenho deſte Moſteiro.

C No anno de 1633, imperando no Japaõ Toxogunſama, cruel perſeguidor dos Chriſtãos, foy coroado de Martyrio o Irmaõ Joaõ Kidera, Japaõ, que ſendo criado pelos Padres da Companhia na Religiaõ Chriſtãa, mereceo ſer aggregado à meſma Companhia, que elle illuſtrou com a palma do Martyrio, fazendo com a ſua conſtancia admiravel a Fé. Delle faz mençaõ Nadaſi *Annus Dierum Memorabilium*, neſte dia; Cardim *Catalogus Occiſorum in odium fidei*, pag. 169.

D Do invencivel Cavalleiro de Chriſto, que neſte dia foy a gozar o premio merecido dos ſeus trabalhos no anno de 1628, imperando Toxogunſama, eſcreve Albergaria no *Triunfo da Nobreza Luſitana*, part. 1. pag. 117. m. ſ. e o Padre Cardim no *Catalogo dos Mortos em odio da Fé*, pag. 307.

E Deſtes venturoſos caſados, que em obſequio da Fé, deraõ goſtoſos as vidas no anno de 1628, trata Albergaria no *Triunfo dos Santos* m. ſ. part. 1. pag. 118, e o Padre Cardim no *Tratado dos Mortos pela Fé*, pag. 307.

F Era Antonio natural de Facata, e taõ firme na Fé, que ſoube com deſprezo do Mundo ſubir pelos golpes da catana ao Ceo, no meſma anno de 1628, como refere Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé*, pag. 307; e Albergaria no *Triunfo dos Santos Luſitanos*, pag. 118. da part. 1. m. ſ.

AGOSTO XXX.

Dedicaçaõ de Sãta Maria de Alcaçova de Santarem.

A famoſa Villa de Santarem, a Dedicaçaõ da antiga Igreja de Santa MARIA de Alcaçova, na qual de tempo innumeravel ſe celebra com Officio Duplex de primeira claſſe, com Oitava, neſte dia.

S. Theotonio, collocaçaõ.

B No Real Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, a Trasladaçaõ da Cabeça de S. Theotonio, Confeſſor, feita no anno de 1620, ſendo Geral da Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho neſte Reyno D. Miguel de Santo Agoſtinho, o qual reveſtido em Pontifical, com os aſſiſtentes com cappas ricas, e doze tochas accezas, abrio

abrio o ſepulchro de S. Theotonio, ſeu Padre, às portas fechadas, ſem mais aſſiſtencia do que os ſeus Religioſos, e com muita devoçaõ tirou a cabeça do Santo inteira, com o queixo debaixo, com todos os dentes, alvos, e fermoſos, a collocou em hum meyo corpo de prata, primoroſamente obrado, e no peito hum criſtal grande, por onde ſe vê a ſanta Reliquia, que no dia de ſua feſta ſe expoem à veneraçaõ publica dos devotos, por cuja interceſſaõ tem obrado o Senhor eſtupendas maravilhas.

C Em Dio, Fortaleza principal, e celebre no Oriente, pelos ſitios que ſofreo, a morte do Padre Franciſco Marques, da Companhia, que paſſando de Lisboa com o Patriarca Affonſo Mendes a Ethiopia, ſoube ſer fiel Companheiro dos ſeus trabalhos, ſofrendo pela Religiaõ Catholica, fomes, frios, e rigoroſas prizões, em que ſe purificava o eſpirito, ſem que o corpo ſe deſanimaſſe, para ſeguir a verdade da Igreja Catholica Romana, que os ſciſmaticos dos erros Alexandrinos impugnavaõ: pelo que padeceo grandes perſeguições, até que pela Divina diſpoſiçaõ, embarcando para Dio, veyo a morrer victima da charidade, em hum mal contagioſo, que na Fortaleza ſe atêou, em que o Padre nas obrigações do ſeu Inſtituto, rendeo a vida mortal, para a gozar eterna, accommetido do meſmo terrivel mal.

O P. Franciſco Marques, da Cõpanhia.

D Na Villa da Feira, no Convento do Eſpirito Santo, floreceo o Padre Manoel da Cruz, Conego Secular da Congregaçaõ de S. Joaõ Evangeliſta, Varaõ eminente em letras, admiravel em virtudes, pobre, penitente, candido, e charitativo. Foy muitas vezes Prelado, até que de commum conſentimento foy eleito Geral, que exercitou com prudencia, e brandura, moderando com a virtude o rigor, ſem que faltaſſe à obſervancia. Deu fim ao ſeu governo, e ſe recolheo a eſta Caſa, abſtrahindo-ſe do commercio das creaturas, dandoſe de todo à Oraçaõ, e outros continuos exercicios de virtude, e de piedade. Neſte caminho da perfeiçaõ ſe achava, paſſando além de oitenta annos de idade, quando acabou a vida deſamparado do calor, e natureza; mas aſſiſtido dos auxilios da Divina graça, foy lograr o premio merecido da ſua religioſa obſervancia.

O P. Manoel da Cruz Conego Secul.

E Em o Moſteiro da Villa de Vianna, Provincia de Alentejo,

Sor Maria da Columna, Jeronyma.

tejo, mudou de Patria a Madre Maria da Columna. Viveo largos annos na Ordem, com boa vida, acompanhada de religioſas, e ſantas obras. Nos actos da obſervancia commua era a primeira. Alimentava o fogo do amor de Deos, que ardia em ſeu peito, com largas horas de Oraçaõ, poſta de joelhos diante do Santiſſimo Sacramento, com tantas lagrimas, e reverencia, que ſe fazia agradavel ao Eſpoſo, e edificava a Communidade. A mayor parte da noite gaſtava em exercicios ſantos, naõ dando repouſo ao corpo ſenaõ já na madrugada, e eſſe breve, e as mais das vezes, tendo por cama huma cortiça. O ſeu corpo era continuamente maltratado de aſperas diſciplinas, cilicios, jejuns, abſtinencias, e vigias, de que debilitada a natureza, contrahio prolixas enfermidades, que deraõ grande merecimento à ſua paciencia. Foy taõ mortificada, que nas doenças cumpria com os actos de devoçaõ, e orando com as mãos poſtas, paſſava a mayor parte do dia, ſendo neceſſario a obediencia, para a obrigarem a ſe encoſtar. Nas ſeſtas feiras guardava ſilencio, exceptuando as occaſiões, em que a Religiaõ a empregava em officios, de que era preciſo dar conta. Deſtituida de forças, gaſtadas das penitencias, e já velha, a levaraõ para a Enfermaria, ao que a ſua obediencia naõ reſiſtio: depois de paſſarem alguns dias, rogou à Prelalada, lhe deſſe licença para voltar à ſua cella; porque deſejava morrer na preſença do Santiſſimo Sacramento: e aſſim veyo a ſucceder; porque depois de confeſſada geralmente, declarando o dia da ſua morte, lhe deu hum accidente junto à cella, e diante do Santiſſimo Sacramento foy ungida, e largando as prizoens do corpo, foy a ſua alma acompanhar o Cordeiro Immaculado, que a eſcolhera para Eſpoſa, em cuja Beatifica Viſaõ, he de crer foy lograr as delicias merecidas da ſua Fé.

André, e Maria, Japoens MM.

F Na Cidade de Vomura o illuſtre triunfo de Maria, e André, ſeu filho, devotos profeſſores da Ley Evangelica, os quaes na procelloſa tormenta, que no anno de 1627, padeceo a Chriſtandade do Japaõ, foraõ degolados em odio da noſſa ſanta Fé, dando por ella o ſangue, e a vida, por illuſtre teſtemunho da crença, com que adoravaõ o Nome de JESU Chriſto, de cuja Real preſença he de crer eſtaõ gozando.

A M. Sor D. Ignez de Albuquerq. Ciſterc.

G Em o antigo Moſteiro de Santa MARIA de Lorvaõ, naõ he menos celebre a Madre Sor D. Ignez de Albuquerque,

Religioſa

Religioſa de vida exemplar, humilde, e temente a Deos, em cuja preſença gaſtava no dia muitas horas, elevada nas ſuaves delicias da Oraçaõ mental, na qual o ſeu eſpirito conſeguia huma taõ doce paz, que inalteravel a todos os contratempos do Mundo, parecia immovel aos trabalhos, com que baſtantemente foy provada a ſua paciencia. Sofria as injurias com humildade, e conſtancia, que dellas tirava augmentarſe na virtude da charidade, perdoando anticipadamente os aggravos. Sendo Abbadeſſa deſta Real Caſa, naõ teve pouco que padecer, e tudo ſofria com vontade pelo amor de ſeu Eſpoſo. Depois que acabou o lugar de Prelada, ſervio ſem repugnancia todos os officios, em que a Religiaõ a occupava, aſſiſtindo às enfermas com grande amor, e charidade, ſervindo-as nos miniſterios mais vís, e abatidos, com grande goſto. Era abſtinente, e taõ inclinada ão precioſo ornato do culto Divino, que tirava o preciſo ſuſtento da boca, arrendando a ſua raçaõ, para com ella, e o mais que grangeava a ſua induſtria, fazer obras na Igreja, de que ainda hoje permanecem teſtemunhos do ſeu zelo, e piedade. Foy muy devota da ſagrada Paixaõ do Noſſo Redemptor, e no culto deſta ſacratiſſima memoria deſpendia os theſouros, que poſſuîa: e parece que augmentava Deos nas ſuas mãos o dinheiro, para o empregar em obras de devoçaõ: pois para os Officios da Semana Santa fez paramentos ricos de téla, com que na ſeſta feira ſanta ſe celebra, e ſe depoſita o Santiſſimo Corpo de Jesu Chriſto. No Clauſtro levantou huma Capella, dedicada à Virgem Santiſſima, com a invocaçaõ dos Remedios, guarnecida de paineis, com os paſſos dos Cantares: nella aſſiſtia todo o tempo, que lhe reſtava das obrigações da Religiaõ. Algumas Religioſas reparando em eſtar ſempre naquelle lugar, lhe reſpondeo, que eſtava acompanhando ſuas Irmãas, que no Clauſtro eſtavaõ ſepultadas, rogando a Deos as livraſſe do Purgatorio. Amou ternamente aos Santos Apoſtolos, com a conſideraçaõ de ſerem Diſcipulos do melhor Meſtre, que teve o Mundo. Sendo Prelada, introduzio no dia de S. Bartholomeu dar de jantar a doze pobres; coſtume que ainda hoje dura, dando-ſelhe no pateo do Moſteiro de jantar, em que ſaõ ſervidos com abundancia, e devoçaõ. Deſta virtuoſa Religioſa ſe refere, que fora o Senhor ſervido por premio da ſua fer

voroſa devoçaõ, imprimirlhe no peito a chaga do ſeu ſacratiſſimo lado, o que ella eſtimava com profunda veneraçaõ, e recatava como indigna de tal favor. Eſtando gravemente enferma, foy preciſo applicarlhe hum remedio, que o Medico tinha determinado; e naõ baſtando todo o ſeu recato, foy viſta da Enfermeira, e outras Religioſas, que lhe aſſiſtiaõ, a quem ella pedio, e às Companheiras ſegredo. Finalmente, gaſtada a vida em obras dignas do agrado de Deos, depois de huma prolongada enfermidade, em que ſe acriſolou a paciencia em huma reſignaçaõ humilde, rendendo as graças ao Senhor por tantos beneficios, recebidos com devoçaõ os Sacramentos, deu a ſua pura alma ao Creador, deixando hum geral ſentimento nas Religioſas, e huma viva ſaudade de taõ excellente Companheira. Acreditou mais o Senhor a memoria de ſua Serva com eſcrever à Abbadeſſa hum Religioſo de Buſſaco, perguntando-lhe, quem fora huma Religioſa, que morrera no dia, que referimos; porque os ſeus merecimentos a pozeraõ na preſença Divina, ornada com duas coroas, huma pela paciencia com que ſupportara as tribulações, e outra pela humildade, e conformidade, com que vivera unida à vontade Divina.

O P. Luiz de S. Joſeph Sacerdote.

H No Convento de Santo Antonio dos Capuchos de Villa-Viçoſa, eſpera a Reſurreiçaõ univerſal o Padre Luiz de S. Joſeph, Presbytero da Ordem de S. Pedro, cujo eſtado ſeguio com grande exemplo; porque fez huma vida penitente, e mortificada. No ſeu principio ſervio ſendo Econemo hum Beneficio na Igreja de Santa MARIA de Béja, e ſem obrigaçaõ era Confeſſor por charidade, ſó por ſervir ao proximo. Eſtas occupações ſatisfazia com cuidado, dando-ſe de mais à Oraçaõ mental, e aſſiſtir voluntariamente aos enfermos, buſcando-os com fervoroſa charidade, para os ajudar a bem morrer, e aſſiſtindo-lhe com verdadeiro amor de Deos. Nunca dormia em cama, e o modo era veſtido ſobre huma cortiça: neſtes, e outros ſantos exercicios vivia com geral edificaçaõ. No anno de 1695, largou o Beneficio, que ſervia, desfazendo-ſe das fazendas que poſſuîa, a favor de ſuas ſobrinhas, que accommodou Religioſas no Moſteiro da Eſperança, e elle paſſou a ſer Companheiro dos Clerigos da Tumina, que naquelle tempo começaraõ a viver em Communidade, com geral

ral edificaçaõ da Provincia de Alentejo, em hum ſitio junto à raya, que lhe deu o nome, e divide o noſſo Reyno do de Caſtella. Aqui aſſiſtia fazendo vida penitente Luiz de S. Joſeph, nome que tomou, quando entrou neſta Congregaçaõ; porque antes ſe chamou Luiz do Monte Soveral: nella perſeverou, até que levantando-ſe contra aquella Caſa huma taõ grande tribulaçaõ, com que afflictos os ſeus habitadores ſe viraõ obrigados a deſamparalla. Foy o caſo, que certos Priores viſinhos capitularaõ aos Congregados perante o Arcebiſpo de Evora D. Fr. Luiz da Sylva, de que reſultou dar conta a ElRey D. Pedro II. que ordenou ao Ouvidor de Béja, que foſſe àquelle lugar, e fizeſſe deſpejar aquella Caſa dos ſeus habitadores, e que lançados fóra, entregaſſe as chaves da Igreja ao Prior de Santo Aleixo. Executou o Miniſtro a Real ordem: ſahiraõ os Padres, e ſahio o Padre Luiz de S. Joſeph; e como os ſeus intentos eraõ ſantos, e livres do trato do Mundo, ſe recolheo à Ermida de Noſſa Senhora de Palhaes, junto ao Caſtello de Noudar. Neſte lugar eſteve até que ElRey bem informado da innocencia dos Padres lhe mandou reſtituîr o Convento com tudo o que lhe pertencia, e voltando para elle os acompanhou o Padre Luiz de S. Joſeph, onde eſteve alguns annos, até que perſuadido de hum amigo, que com eſpirito fervoroſo, mas naõ preſiſtente, teve modo de induzir o Velho, a que foſſe com elle para a Serra de Oſſa, para alli viverem em companhia de certos Eremitas, e que dos bens, que poſſuîaõ, dotariaõ hum Convento, onde ambos acabaſſem a vida. Foraõ para o tal lugar, acharaõ dous Ermitoens, que civil, e ſantamente os recolheraõ: porém o Companheiro durou pouco, porque em breve tempo ſe auſentou. Permaneceo o Padre Luiz de S. Joſeph alguns annos naquelle aſpero ſitio, e vendo-ſe velho com achaques, e incommodado no rigor do Inverno, ſendo-lhe neceſſario paſſar hum ribeiro, para ir dizer Miſſa, mudou de ſitio para a Ermida de S. Pedro do Paraiſo, meya legoa diſtante de Villa-Viçoſa: nella contrahio amiſade com os Religioſos Capuchos da Provincia da Piedade, onde ſe hia a confeſſar, e tratar com os Varoens eſpirituaes daquella Caſa, na qual veyo a adoecer: pedio ao Guardiaõ huma ſepultura no Clauſtro, porque alli queria morrer: preparou-ſe, recebeo o Santiſſimo Sacramento com a

Communidade em Quinta feira Mayor, e foy para a Enfermaria: o Prelado lhe mandou alguns Religioſos, para que lhe aſſiſtiſſem; porém elle os deſpedio, dizendo foſſem aſſiſtir aos Officios Divinos; porque elle naõ morria naquelle dia. No ſeguinte voltaraõ os Religioſos a aſſiſtirlhe, e elle os tornou a deſpedir, ao que elles repugnaraõ; lhes diſſe entaõ, que ſe foſſem, e diſſeſſem ao Padre Guardiaõ, que elle os mandara. O Guardiaõ, naõ obſtante o recado, arguîo aos Religioſos de o deixarem ſó, e foy com elles à Enfermaria, e o acharaõ morto fóra da cama, de joelhos, com as mãos levantadas, como quem agradecia a Deos o beneficio de o levar naquelle dia à Gloria, que piamente cremos eſtá logrando por premio da ſua penitente vida.

Commentario ao XXX. de Agoſto.

A DA inſigne Collegiada de Santa Maria de Alcaçova de Santarem trata o Licenciado Jorge Cardoſo no Commentario do dia 11 de Mayo, letra A, donde póde ver o curioſo a ſua antiguidade. Do tempo em que foy ſagrada naõ achamos outra alguma memoria no ſeu Cartorio, ſenaõ a breve, que ſe lê no livro dos Anniverſarios daquella Igreja, que diz aſſim: *Dedicatio Eccleſiæ anno Domini MCCLVIII.* a qual nos mandou o Conego Joſeph de Queiroz.

B Tem ſido diverſas as Trasladações, que os Religioſos de Santa Cruz tem feito das Reliquias do corpo de ſeu Prior S. Theotonio. A primeira no anno 1163, em que foy tirado da ſepultura raza pelo Biſpo de Coimbra D. Miguel, e poſto em hum ſepulchro levantado. A ſegunda no anno 1530, ſendo Prior môr Commendatario o Cardeal Infante D. Henrique. A terceira no anno 1582, ſendo Prior Geral D. Pedro da Aſſumpçaõ. A quarta ſendo Geral D. Miguel de Santo Agoſtinho no anno 1630, que collocou no ſepulchro, que hoje tem. Eſte meſmo Prelado, foy o que no anno, que temos referido, fez neſte dia a Collocaçaõ da inſigne Reliquia do Santo, para mayor veneraçaõ dos Fieis, de que faz mençaõ D. Niculao de Santa Maria na ſua *Chronica*, liv. 9. cap. 4.

C Em o Reyno de Cambaya, junto ao mar, fica a grande Praça de Dio, que toma da Ilha o nome, taõ conhecida no Oriente por expugnavel, como venerada em Europa pela glorioſa defenſa, com que duas vezes ſeus Capitães a livraraõ do numeroſo poder dos Mouros. A primeira no anno de 1538, governando a India Nuno da Cunha, ſendo Capitaõ môr D. Antonio da Sylveira. A ſegunda no anno de 1554, em o governo de D. Joaõ de Caſtro, ſendo Capitaõ môr D. Joaõ Maſcarenhas: cujos admiraveis feitos eſcrevem as Hiſtorias daquelle Eſtado, naõ ſem admiraçaõ dos Eſtrangeiros, que nos ſeus eſcritos fazem muitos glorioſa memoria de taõ inſignes Capitães. A eſte theatro das glorias Portuguezas chegou o Padre Franciſco Marquez, em companhia do Patriarca de Ethiopia Affonſo Mendes, e o Padre Diogo de Matos, de quem a 4 de Julho fizemos mençaõ; e partindo eſtes para Goa, ficou o Padre Franciſco Marquez, para Procurador da Miſſaõ de Ethiopia, naõ fazendo menos fruto naquella povoaçaõ o ſeu zelo, e charidade, o tempo que lhe durou a vida, os poucos annos que aquelles moradores tiveraõ a ſua companhia, que elle julgou naõ podia durar muito, depois que teve noticia da morte do Padre Diogo de Matos, de quem era taõ amigo, que os Abexins os tinhaõ

tinhaõ por irmãos; naõ ſe enganando, porque o eraõ no eſpirito: e preparando-ſe com penitencias, e lagrimas, ſuccedeo no Inverno atêarem-ſe na Praça humas doenças contagioſas, nas quaes experimentaraõ bem os moradores os effeitos da ſua charidade, acudindo aos Chriſtãos para os confeſſar, e ajudar a bem morrer, e aos Mouros, e Gentios, para os reduzir ao conhecimento do verdadeiro Deos, vevo finalmente a adoecer do meſmo mal, e depois de ſe confeſſar geralmente, e receber o Santiſſimo Viatico, morreo neſte dia, no anno de 1639. Delle fazem mençaõ Telles na *Ethiopia*, liv. 5. cap. 14; Franco na *Imagem da Virtude em o Noviciado de Liſboa*, liv. 3. cap. 13.

D Em a Provincia da Beira, entre os rios Mondego, e Douro, cinco legoas da Cidade do Porto, diſtante do mar Oceano duas, em hum ameno, e fertil valle, fica a Villa da Feira, com hum eminente Caſtello, de obra taõ antiga, que ſe atribue ſer feita pelos Arabes: nelle ſe vê o Palacio dos Condes, que foraõ Senhores deſta Villa: arruinou o tempo a obra antiga, e o reedificou o Conde D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel, ultimo poſſuidor deſta Caſa, que naõ deixando ſucceſſaõ legitima, ſe incorporou na Coroa, e della, e das mais terras pertencentes a eſta antiquiſſima, e grande Caſa, fez o Senhor Rey D. Pedro II. merce a ſeu filho o Infante D. Franciſco, unindo-as à Caſa do Infantado, que poſſuîa. Neſta Villa pelos annos de 1560, ſe edificou o Convento, aonde eſtava huma Ermida do Eſpirito Santo, que ficou dando nome à nova fabrica, que he de excellente architetura, e huma das grandes do Reyno, que à ſua cuſta mandou fazer o Conde da Feira D. Diogo Forjaz, com ſua mulher a Condeſſa D. Anna de Menezes, os quaes ſe mandaraõ enterrar neſte Moſteiro, onde jazem em ſepultura levantada na Capella môr, e nella ſe lê eſte Epitafio:

Sepultura de D. Diogo Forjaz, quarto Conde da Feira, filho do Conde D. Manoel Pereira, e de D. Iſabel de Caſtro, filha de D. Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, Prior do Crato; e de ſua mulher D. Joanna de Vilhena. Foy caſado com D. Anna de Menezes, filha do Regedor Joaõ da Sylva, e ambos os primeiros Fundadores deſte Moſteiro. Lançaraõ a primeira pedra da Igreja em o anno de 1560.

Para eſte lugar fizeraõ trasladar os oſſos de ſeus pays, que eſtaõ em correſpondencia da parte do Evangelho, na meſma Capella, com eſte Epitafio:

Sepultura de Dom Manoel Pereira, terceiro Conde da Feira, e do nome ſegundo, filho do Conde D. Diogo Pereira, e da Condeça D. Britez de Menezes, filha de D. Joaõ de Noronha, irmãa do primeiro Marquez de Villa-Real, e de D. Joanna de Caſtro, Condeça, e Senhora de Monſanto. Faleceo a 4 de Outubro de 1552. Sepultou-ſe na Parroquia de S. Nicolao, com ſua mulher D. Iſabel de Caſtro, donde ſe trasladaraõ para eſte Moſteiro.

Jazem aqui outros Senhores deſta Caſa, que fizeraõ ſempre grande eſtimaçaõ deſte Moſteiro. Por intervençaõ do Conde D. Diogo ſe lhe uniraõ as Igrejas de S. Nicolao, que era Matriz da Villa, e que ſe transferio para a do Eſpirito Santo, de que he Abbade o Reytor do Convento, e o Sacriſtaõ coſtuma ſer Vigario; a de S. Mamede de Travanca, que era annexa à de S. Nicolao, e a de S. Chriſ-

Chriſtovaõ de Nogueira, as quaes todas unio o Papa Pio IV. no anno de 1560. Neſte Moſteiro fez notaveis obras o Padre Manoel da Cruz, no tempo em que foy Geral, como em quaſi todos os Moſteiros da ſua Congregaçaõ; mas nos que mais ſe aventajou foy neſte, e no de Villar. Recolhido ao da Feira, deſembaraçado das couſas do Mundo, ſe deu ſó a Deos. Faleceo no anno de 1622, neſte dia, como eſcreve o Chroniſta da Congregaçaõ; o Padre Franciſco de Santa Maria no *Ceo Aberto*, liv. 4. cap. 29; e o Padre Jorge de S. Paulo, nas Memorias, que deixou m. ſ.

E Tambem paſſou neſte dia ao Ceo no anno de 1680, a Madre Sor Maria da Columna, natural da Villa de Vianna. Seu pay ſe chamava Joaõ Lopes Tourigaõ, da gente principal, e nobre da meſma Villa. No anno de 1575, tendo de idade oito, entrou neſte Moſteiro, no qual veyo a reſidir cento e quinze annos, tendo de idade cento e vinte e dous, como diz o livro da Fundaçaõ, que ſe guarda no dito Moſteiro, o qual nós tivemos em noſſo poder.

F Lembra-ſe de Maria, e André, ſeu filho, Japoens de naſcimento, o P. Antonio Cardim no *Catalogo dos que morreraõ pela Fé naquelle dilatado Imperio.*

G O Moſteiro de Lorvaõ, da Ordem de S. Bernardo, teve entre outras Religioſas inſignes em virtude a D. Ignez de Albuquerque, de quem ignoramos a patria, ainda que ſabemos ſer na Provincia da Beira. He bem de admirar, que ſendo voluntariamente pobre, a ſua induſtria conſeguio, além do que já referimos no Texto, fazer o cofre para o depoſito de Seſta feira ſanta, de páo preto, ornado de bronzes dourados, forrado de tella branca, e hum precioſo pano de tella roxa, com que ſe cobre; a armaçaõ de damaſco, tambem da meſma cor, com que ſe cobre a Capella; hum pallio de tella, guarnecido de franjas de ouro, e tudo o mais conducente a eſta devota ceremonia, ſoube conſeguir a ſua induſtrioſa devoçaõ, que o Senhor retribuîo com taõ ſingular favor, como referimos de lhe imprimir a chaga do lado. Faleceo neſte dia, no anno de 1681, como refere a Relaçaõ já allegada deſte Real Moſteiro.

H Naſceo na Cidade de Béja o Padre Luiz de S. Joſeph. Foraõ ſeus pays Manoel do Soveral, e Domingas Barroſa, Lavradores honrados, que viviaõ no arrebalde de Noſſa Senhora da Graça, Freguezia de Santiago da meſma Cidade. A ſua vida foy rigoroſa, e penitente. Os Religioſos Capuchos de Villa-Viçoſa, querendo ſatisfazer com os ſeus rogos, lhe deraõ ſepultura no Clauſtro do ſeu Convento, havendo paſſado algum tempo; porque falecendo elle a 19 de Abril de 1715, dia em que cahia naquelle anno Seſta feira Mayor, o depoſitaraõ em hum lugar ſeparado, donde no dia 30 de Agoſto do dito anno o trasladaraõ para a ſepultura do Clauſtro, pondo-lhe o Letreiro ſeguinte:

Aqui jaz o P. Luiz de S. Joſeph, Clerigo, natural de Béja.

E por ſer eſte dia da ſua trasladaçaõ, fizemos delle menção, tirando o referido das Memorias que temos, que nos mandou o M. R. P. Fr. Franciſco de Oliveira.

AGOSTO XXXI.

Dedicaçaõ da Igreja de S. Niculao do Porto.

A Cidade do Porto, em a Parochia de S. Niculao, ſe faz a feſta da ſua Dedicaçaõ, cuja ſolemnidade decretou o Biſpo Fernaõ Correa de Lacerda para eſte dia, havendo-a ſagrado em 6 do mez de Setembro, com muita ſoleminade, depoſitando em hum cofre Reliquias do glorioſo S. Niculao, Biſpo, e Confeſſor, de S. Dionyſio,

nyſio, S. Martiniano, e S. Romaõ, Martyres, e foraõ collocadas no Altar mayor, onde permanecem.

B Em o Real Convento de Santa Cruz, Cabeça da Canonica Familia Auguſtiniana neſte Reyno, o Padre D. Pedro Alfarde, hum dos ſeſſenta e dous diſcipulos de S. Theotonio, Varaõ douto, que depois de ſe ter graduado em Theologia na Univerſidade de Pariz, movido do Eſpirito Santo, com o exemplo de D. Joaõ Peculiar, Meſtre Eſcola da Sé de Coimbra, com admiravel reſoluçaõ largando a ſua prebenda, ſe recolheo aos Clauſtros de Santa Cruz. Movido deſte exemplo pedio a S. Theotonio o admittiſſe à ſua companhia, e recebendo de ſuas mãos o Habito, profeſſou a Reformа dos Conegos de Santo Agoſtinho: logo o ſeu exemplo ſe fez digno da attençaõ do ſeu Santo Meſtre; de ſorte, que por promoçaõ de D. Odorio, Prior da Clauſtra, ao Biſpado de Vizeu, foy eleito com grande ſatisfaçaõ dos Companheiros, naquelle lugar. Era homem douto, e applicado: o Santo lhe encommendou eſcreveſſe a Fundaçaõ daquelle Moſteiro; o que fez, de ſorte, que ElRey D. Affonſo Henriques o nomeou por ſeu Chroniſta, annexando eſte lugar aos Priores (que chamavaõ da Clauſtra) em os quaes muitos annos ſe conſervou. Depois promovido à Dignidade de Prior môr, foy eſtimado dos Reys, com grandes privilegios, que teſtemunharaõ o ſeu amor com aquelles eſtimados Religioſos, em que ainda dura a grandeza, e a piedade, com que foraõ tratados os primeiros habitadores deſta Caſa. Foy amante da Patria, e zeloſo do augmento da Fé. Eſte ſanto zelo lhe diminuio a vida. Entrou neſte Reyno o Emperador de Marrocos em demanda delRey D. Sancho, que eſtava em Santarem, e penetrando o interior do Reyno, paſſou o Tejo, tomou a Villa de Torres-Novas, e poz cerco a Thomar. Eſtas noticias chegaraõ a D. Pedro, e as recebeo com tal dor, e ſentimento da Religiaõ Chriſtãa, que adoeceo mortalmente, imitando a Santo Agoſtinho, quando vio os Vandalos em Africa: e aſſim rogava a Deos, que ou lhe tiraſſe a vida, ou livraſſe o Reyno, que era ſeu, dos eſtragos dos Mouros; porém huma, e outra lhe concedeo, livrando o Reyno da barbara invaſaõ dos Mouros, e a elle levou à Gloria, neſte dia.

Dom Pedro Alfarde Coneg. Regr.

C No Real Moſteiro de S. Vicente de Fóra em Lisboa, eſpera

D. Manoel dos Santos, B. de Targa, Coneg. Regr

eſpera a Reſurreiçaõ univerſal o Biſpo D. Manoel dos Santos, da meſma Canonica Familia, em o qual contenderaõ as virtudes em gráo eminente. Foy mandado eſtudar a Pariz, aonde por ſeu engenho, e applicaçaõ ſahio conſummado Theologo. Voltou ao Reyno, entrou no ſeu Moſteiro ao tempo, em que largando o Priorado o Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos para ſe reformar: teve o Padre D. Manoel, como Varaõ de virtude, e letras, grande parte para ſe conſeguir, ſugeitando-ſe a tudo o que os Reformadores diſpunhaõ, e ao ſeu exemplo ſe ſeguio o feliz complemento de naõ haver contradiçaõ nos demais Religioſos. O meſmo D. Fernando, Arcebiſpo de Lisboa, o nomeou ſeu Proviſor, e depois ſeu Biſpo Coadjutor, que teve com o titulo de Targa. Os achaques, que o Arcebiſpo padecia, o obrigaraõ a retirarſe a Santo Antonio do Tojal, Lugar diſtante tres legoas de Lisboa, e deixou o governo ao Biſpo D. Manoel, que exerceo com notavel prudencia, e ſatisfaçaõ do Prelado. Por morte deſte foy aſſumpto à Cadeira Archiepiſcopal de Lisboa o Cardeal Infante D. Henrique, que naõ foy menos eſtimador das ſuas virtudes, e ſe ſervio delle para Proviſor, e tambem o nomeou Inquiſidor da Inquiſiçaõ da meſma Cidade. Em todas eſtas occupaçoens ſe portou como Religioſo, vivendo nos Clauſtros da Religiaõ entre ſeus Irmãos, até que acabou em o Senhor, neſte dia. Seu corpo foy ſepultado ao pé do Altar do Capitulo.

Fr. Diogo Gonçalves Belleago, Dom.

D Em o Convento de Bemfica, da Ordem dos Prégadores, a depoſiçaõ do Padre Fr. Diogo Gonçalves Belleago, hum dos primeiros, e principaes Companheiros de ſeu Veneravel Fundador Fr. Vicente de Lisboa, e o que tomou poſſe da Caſa, quando ElRey D. Joaõ o I. a deu à Ordem. Era velho, e letrado, e ſempre grande zelador da perfeiçaõ da vida Regular. Quando ſe vio em eſte Moſteiro da Obſervancia, e que no nome lhe impunha a obrigaçaõ, determinou ſatisfazella de ſorte, que a ſi meſmo ſe aventajaſſe. Era o mais humilde, o mais charitativo, admirava com o rigor das penitencias, e dava raro exemplo com a devoçaõ, e Oraçaõ. Neſte rigor continuou onze annos, até que a idade vencida do pezo dos annos, e do trabalho, rematando o curſo da vida, ſua alma chea de merecimentos, partio ao eterno deſcanço.

No

Sor Joanna de Jeſu, Dominica.

E No Moſteiro de Santa Catharina da Cidade de Evora, durará ſempre com ſaudoſa memoria o nome da Madre Sor Joanna de Jeſu, Prioreſſa que foy deſta Caſa. Naſceo filha dos Condes de Vimioſo, de que ella para nada ſe lembrava; porque tomando o Habito de S. Domingos fez vida Angelica, ſervindo com charidade as enfermas, e taõ humilde como liberal; porque tudo quanto tinha dava às ſuas Companheiras, e com a meſma igualdade aos pobres; com tal fervor, que hum dia, naõ tendo que dar, arrebatada da charidade, tirou a toalha da cabeça, e a deu de eſmola. Tratou-ſe com extraordinario rigor; porque foraõ aſperas as penitencias, em que perſeverou até a morte. Era muy enferma, e com tudo o inimigo commum naõ pode diſſimular a raiva, que lhe tinha, pela guerra, que com a Serva de Deos experimentava. Em huma noite que ſe diſciplinava, arremeça-ſe a ella, e arrebatou-lhe da maõ as diſciplinas; quando foy manhãa foraõ achadas no tecto da caſa ſobre huma trave, donde ſó de tal maõ podiaõ ſer levadas. Era dotada de prudencia, e entendimento; partes que a antepuzeraõ para o governo da Caſa, ainda mais que pelo illuſtre do naſcimento; ajuntava condiçaõ branda, com tal affabilidade, que era naturalmente amada. Era admiraçaõ a conſtancia, com que zelava a obſervancia da Regra, fazendo que ſe naõ afrouxaſſe, nem hum pequeno ponto da guarda dos Eſtatutos. Reprehendia com tal modo, que naõ eſcandalizava; de ſorte, que nem caſtigando offendia, parecendo de todas verdadeira mãy. Quando mais preciſa para o governo da Caſa, lhe ſobreveyo huma cólica: conheceo logo ſer mortal, pelo grande pavor, que lhe fazia a morte, de que agora ſe achava taõ deſembaraçada de medo, que teve a hora por chegada: pedio, que lhe cantaſſem à arpa o Pſalmo: *Dilecta tabernacula tua Domine.* E aſſim com evidentes ſinaes de Predeſtinada, deixou claros indicios de ſua alma ir gozar o premio da ſua virtuoſa vida.

O Veneravel Fr. Martinho de Valença, Pioſo.

F Em Talmanalco, nas Indias Occidentaes, viverá ſempre ſaudoſa a memoria do Veneravel Fr. Martinho de Valença, a quem o Senhor pela ſua inculpavel vida, pobreza Evangelica, acompanhada de hum ardentiſſimo zelo da ſalvaçaõ das almas, deſtinou para Apoſtolo do novo Mundo, que illuſtrou com a ſua preſença, fazendo com a prégaçaõ do Evangelho, e

com as ſuas admiraveis obras, grande guerra ao Inferno, conduzindo para o rebanho da Igreja innumeraveis almas, tiradas das trévas do Gentiliſmo, e regeneradas com a agua do Bautiſmo. Começou com grande zelo primeiramente a fazer proſtrar por terra aos Templos, onde em Idolos era adorado o demonio: purificando-os, dedicou em Igrejas aquellas caſas de abominaçaõ, e logo em os primeiros dias, elle com os ſeus Companheiros queimou mais de vinte mil Idolos, pondo por terra mais de quinhentos Templos. Parece incrivel o que eſte Santo Varaõ trabalhou; porém como era auxiliado por Deos, nada era difficultoſo. Em poucos annos ſó no Reyno de México ſe bautiſaraõ mais de dezaſeis milhoens de Indios, e aſſim diſcorria por todo aquelle novo Mundo, como ſeára, que o Senhor lhe deſtinara, para o ſeu zelo Apoſtolico. Quando o Santo Varaõ Fr. Martinho paſſou de Heſpanha àquelle novo Eſtado, havia entre os Indios hum abominavel coſtume de ſacrificarem homens em obſequio do pay da mentira, que os trazia taõ cegos, que ſó na Cidade de México, paſſavaõ de vinte mil cada anno os ſacrificados, pela mayor parte meninos, aos quaes tiravaõ os coraçõẽs, que offereciaõ aos ſeus falſos Deoſes. Eſte horroroſo coſtume da ſua barbaridade abolio o Servo de Deos à força de contrariedades, com tanta gloria da Militante Igreja, que cada dia ſe augmentava o ſeu zelo, dilatando-ſe naquelle vaſto Eſtado as verdades da Religiaõ de Jesu Chriſto. Naõ ſe conſeguiaõ taõ abundantes frutos ſem muita Oraçaõ, em que foy ſempre continuo eſte Servo de Deos, retirando-ſe nos Conventos a lugares ſolitarios, buſcando Ermidas nas Cercas, para vagar livremente na Oraçaõ, na qual em ſuaves raptos, recebia do Altiſſimo eſpeciaes favores, recebendo em ſoberanas intelligencias de haver de ver logrado o fruto da ſua Oraçaõ, em a qual pedia a Deos a converſaõ dos infieis. A eſte amor de Deos no proximo ajuntava muitas penitencias, jejuando quaſi ſempre. O ſeu comer era paõ, e legumes, ou huma tijella de caldo, que temperava ſempre com cinza, que comſigo trazia, para que lhe naõ faltaſſe nunca eſte ſazonado regalo da ſua mortificaçaõ. Nunca bebeo vinho, nem quando ſe achava debelitado, das ſuas continuas fadigas, e aſperas penitencias, em que foy rigoroſo, açoutando-ſe grande parte da noite com grande crueldade, de tal ſorte foy com-

ſigo

ſigo tyranno, que já mais fez remedio algum em beneficio do corpo, nem teve outro Medico mais, que o Sagrado Redemptor crucificado. O ſeu Habito era de ſayal, vil, e groſſeiro, curto, e remendado. Naõ uſou nunca de tunica, e em ſeu lugar trazia hum aſpero cilicio, com que o ardor do eſpirito diſſimulava o frio do corpo. A cama foy huma cortiça, ou huma eſteira, e nem as enfermidades o diſpenſaraõ deſta mortificaçaõ. Pelos caminhos fragoſos, e deſabridos andou ſempre deſcalço. De todas eſtas mortificações, com que maltratava o ſeu corpo, naõ afrouxou com a velhice: antes ajuntou outras, parecendo que ao rigor das penitencias queria acabar a vida, a qual deſejou muito ſacrificar em obſequio da Fé, ardendo ſempre em derramar o ſeu ſangue, por ſatisfaçaõ do amor que tinha a quem dera a vida pelo remir. Porém como Deos tinha determinado, que havia de acabar Confeſſor, no tempo que eſtava recolhido em huma Ermida, obra da natureza entre hum penhaſco, ſituada na ladeira de huma alta Serra, onde à maneira de ſeu Serafico Patriarca ſe dava à contemplaçaõ, foy accommetido da ultima enfermidade, e conhecendo o Servo de Deos ſer chegada a hora do deſcanço eterno, diſſe a ſeu Companheiro: *Já ſe acaba.* Naõ percebeo eſte o que lhe queria dizer; e lhe perguntou: *O que, Padre?* A que o Santo Varaõ já naõ reſpondeo. Da Ermida foy levado ao Moſteiro de Talmanalco; e recebidos os Sacramentos com ſumma devoçaõ, e alegria de ſua alma, os Religioſos cuidadoſos da ſua vida, determinaraõ levallo a México para o curarem, e para eſte fim o embarçaraõ, e apenas o tinhaõ poſto na barca, conhecendo elle, que aquella era a ſua ultima hora, pedio aos Companheiros, que o puzeſſem em terra: aſſim o fizeraõ, e olhando para Fr. Antonio Ortiz, que era hum dos que lhe aſſiſtiaõ, diſſe: Irmaõ Fr. Antonio, *Fraudatus ſum à deſiderio meo*, dando a entender ſe naõ ſatisfizera o deſejo do Martyrio. Poſto de joelhos em terra, com as mãos levantadas, os olhos no Ceo, neſta Oraçaõ trocou a vida temporal pela eterna, reclinado nos braços de Fr. Antonio Ortiz, a quem elle havia muitos annos, eſtando ainda em Heſpanha, diſſe, que havia de morrer nos ſeus braços.

G Em Nangaſachi, o Illuſtre Cavalleiro de Chriſto Duarte Correa, que teſtemunhando com a vida a infallivel verdade *Duarte Correa, M.*

do Evangelho, ſofreo depois de muitos tormentos com admiravel conſtancia, acabar a vida a fogo lento, que a barbaridade do Tyranno mandou executar, ſómente para que em cruel martyrio ſe dilataſſem os tormentos; porém o valeroſo Soldado, com coraçaõ impávido dedicado a JESU Chriſto, que o havia dotado de admiravel fortaleza, ſofreo conſtante, para ſobir laureado a gozar da eternidade.

Commentario ao XXXI. de Agoſto.

A Igreja de S. Niculao da Cidade do Porto foy erigida em Parochia pelo Biſpo D. Fr. Marcos de Lisboa, como diz o *Catalogo dos Biſpos deſta Dioceſi* do Illuſtriſſimo Cunha, part. 2. pag. 338, em huma Ermida muy antiga do meſmo Santo, de que ſe acha memoria em huma Carta de venda, feita em Junho de 1247, pela qual os Leproſos venderaõ a Joaõ Pires hum campo chamado a Cortinha, junto do caminho da Ermida: *Per quam veniunt ad Sanctum Nicolaum*, que he o ſitio, em que hoje eſtá a rua nova, e entaõ era campo, como ſe lê na I. Parte da *Hiſtoria de S. Franciſco*, liv. 4. cap. 8, do Meſtre Eſperança; e das Memorias, que vimos, he eſta mais antiga, que a fundaçaõ do Convento de S. Franciſco daquella Cidade. Haviaõ paſſados mais de oitenta annos em deſejos dos Parochianos de edificarem huma Igreja capaz ao numero da gente, que a Freguezia comprehendia, e feitas algumas ſupplicas ao Cabido, Sede Vacante, que entaõ governava, determinou eſte mandalla erigir à cuſta da Mitra. A eſte fim comprou algumas caſas contiguas à dita Ermida, o que naõ teve effeito até o tempo do Biſpo D. Niculao Monteiro, que como natural da meſma Cidade, e bautiſado na dita Freguezia, com religioſa piedade, e animo magnifico, determinou a fabrica della; e aſſim mandou demolir a antiga (depoſitando na Igreja de S. Franciſco, pelo tempo que duraſſe a obra, o Sacrario, e as Imagens.) Comprou muitas caſas foreiras, e com o direito ao Cabido, que logo mandou arrazar, e pondo-ſe tudo em ordem, ſe deu principio à obra. Benzeo a primeira pedra com as ceremonias do Pontifical Romano a 6 de Dezembro do anno de 1671, dia, em que a Igreja feſteja ao meſmo Santo, aſſiſtido do Cabido, e Prelados das Religioens, e de Henrique de Souſa, I. Marquez de Arronches, Governador da Relaçaõ do Porto, e de ſeu filho D. Diogo Lopes de Souſa, Conde de Miranda, que pegando ambos na pedra depois de benta, a lançaraõ no aliceſſe da Igreja. Naõ teve o Biſpo vida para continuar o edificio; porque no Dezembro do ſeguinte anno faleceo. Porém foy tal o zelo, e applicaçaõ fervoroſa, que adiantou tanto a fabrica deſte Templo, que quaſi o deixou acabado, tendo já nelle deſpendido trinta mil cruzados, o que ſeguio ſeu ſucceſſor o Biſpo D. Fernaõ Correa de Lacerda, com generoſo animo, e naõ menos piedade, fazendo trabalhar na obra. Chegou à ultima perfeiçaõ eſte Templo, em que gaſtou doze mil cruzados, o qual ſagrou a 6 de Setembro de 1676, fazendo eſta ſolemnidade com magnifico apparato: para o que mandou levantar hum tabernaculo de madeira fóra da Igreja, defronte da porta principal, muy bem ornado, com hum Altar, em que eſtava hum cofre com as ſantas Reliquias, que referimos no Texto. E no dia 5 ſe cantaraõ as Veſperas da Dedicaçaõ da Igreja pelo Biſpo, reveſtido de Pontifical, aſſiſtido do Cabido, e Clero, e depois as dos Santos, a que ſe ſeguiraõ Matinas, e em outro dia ſe fez a ceremonia da ſagraçaõ, na fórma que diſpoem o Pontifical Romano. O Biſpo depois expendeo em huma Carta Paſtoral, que ſe imprimio no anno de 1676, eſta funçaõ, expondo doutamente às ſuas ovelhas, qual foſſe a cauſa daquella ceremonia. Neſte dia deſpendeo largas eſmolas pelos pobres.

bres. E prudentemente conſiderando, que ſe naõ confundiſſe o Oitavario daquella ſolemnidade, com o da Natividade da Virgem Santiſſima, por Decreto ſeu firmado pela ſua authoridade, aſſinou o dia 30 de Agoſto, para o Anniverſario da Feſta da Dedicaçaõ, o qual mandou meter no cofre das Reliquias. No ſeguinte dia houve Prociſſaõ ſolemne, em que ſe levou o Santiſſimo Sacramento da Igreja do Moſteiro de S. Franciſco, pelo Abbade Hylario da Rocha Calheiros, e as Imagens de Noſſa Senhora da Boa Nova, e S. Nicolao, em andores, e correndo as principaes ruas da Cidade, que eſtavaõ armadas com todo o primor, e com Altares ricamente ornados nos ſitios principaes das ruas, ſe recolheraõ ao novo Templo, cuja Feſta da Dedicaçaõ durou até o dia dez do referido mez, com o Santiſſimo manifeſto, e Sermões. Os Freguezes vendo-ſe de poſſe de hum magnifico Templo, que a devota generoſidade dos referidos Biſpos puzera naquella perfeiçaõ, em taõ poucos annos, o enriqueceraõ com grande zelo, de ornamentos, e prata, tambem ſervida no culto Divino, que he huma das mais polidas Igrejas da Cidade. Ao ſeu Abbade Manoel Mendes Vieira devemos o referido, de hum livro m. ſ. que intitula *Noticias da Erecçaõ deſta Igreja*, cap. 13. Nas Memorias, que com grande curioſidade, trabalho, e averiguaçaõ mandou Antonio de Sequeira Pinto, ao Reverendiſſimo P. D. Manoel Caetano de Souſa, nas Vidas dos referidos Biſpos faz mençaõ deſta Igreja.

B Foy grande a eſtimaçaõ, que os noſſos Reys fizeraõ do Convento de Santa Cruz, pela obſervancia de ſeus Religioſos, como ſe vê das ſucceſſivas Doações, e Privilegios daquella Caſa, de que eſtá cheyo o ſeu Archivo, do qual ſe participaraõ tantas memorias importantes à Hiſtoria do noſſo Reyno, como nella a cada paſſo topamos authoriſadas na guarda do ſeu Cartorio: e ainda ſeriaõ mais, ſe naõ padeceſſe ſobre contraſtes, e deſaſtres do tempo, em os roubos da malicia, que ſe lhe fizeraõ: entre elles foy a primeira Hiſtoria do Reyno, principiada em tempo delRey D. Affonſo I. e mandada eſcrever pelo meſmo Rey: parece, que naõ tem duvida, ainda que padeça algumas a proviſaõ paſſada a Joaõ Camello: he certo, que daquelles tempos ſe acharaõ fragmentos, que fazem provavel a determinaçaõ delRey: quem foſſe o primeiro, que tiveſſe eſta incumbencia, naõ ſe pode ſaber; mas parece que no dito Moſteiro houve a occupaçaõ de eſcrever a Hiſtoria do Reyno, annexa ao Prior Craſteiro, em cujo lugar deſde D. Pedro Alfarde ſe continuou até o anno de 1460, que era o meſmo; que Chroniſta do Reyno; que ElRey D. Affonſo V. deu a Duarte Galvaõ; com baſtante contradiçaõ dos Religioſos de Santa Cruz; porém como o Prior môr era D. Joaõ Galvaõ, ſeu irmaõ, o facilitou para perder a Religiaõ eſta prerogativa, que no diſcurſo de tantos annos nella ſe tinha continuado, perdendo-ſe quaſi ao meſmo tempo todo o trabalho, que eraõ huns livros eſcritos em pergaminho, encadernados com as Armas Reaes; de que naõ achamos outra alguma noticia em nenhum Erudito, que os viſſe; e poderá ſer, que delles ſe valeſſem os Chroniſtas, que depois ſe ſeguiraõ, ſe o tempo os naõ conſumio, como tem feito a muitos, perda que ſempre ſe deve ſentir.

Era D. Pedro Alfarde natural de Coimbra, filho de Joaõ Alfarde, hum dos valeroſos Cavalleiros do ſeu tempo, e de Eſpecioſa, ſua mulher, e delles faz mençaõ o livro dos Obitos de Santa Cruz. Foy eſtimado dos Reys do ſeu tempo, e faleceo neſte dia, no anno de 1190, como refere a *Chronica dos Conegos Regrantes* de D. Nicolao de Santa Maria; part. 2. liv. 9. cap. 9.

C Paſſou deſta vida com fama de virtude, neſte dia, o Biſpo D. Manoel dos Santos, no anno de 1570. Era natural da Cidade de Lisboa, da Freguеſia de Santos. Foraõ ſeus pays Franciſco Rolim, e Luiza Ferreira. Depois de ter eſtudado Grammatica entrou na Congregaçaõ dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, no anno de 1512, dando do ſeu engenho admiraveis noſtras, que em pouco tempo ſoube toda a Biblia; de ſorte, que dava della admiravel noticia. Seguindo a vida Religioſa veyo a occupar os lugares, que temos referido. Delle faz mençaõ a *Chronica dos Conegos Regrantes*, part. 2. liv. 10. cap. 7. pag. 309; e Fr. Antonio de Souſa na *Origem do Tribunal do Santo Officio*, §. 4.

D Era Fr. Diogo Gonçalves Beleago de taõ acreditada virtude, e de taõ grandes

grandes merecimentos na Ordem, que falecendo neſte dia, do anno de 1410, no Convento de Bemfica, e ſendo primeiro ſepultado no Cemiterio commum, entenderaõ aquelles Padres, ſe fazia aggravo em naõ diſtinguirem com ſepultura os oſſos, de quem na vida tanto o fez nas obras; e aſſim alguns annos depois o trasladaraõ ao ſepulchro de ſeu Prelado, e Companheiro Fr. Vicente de Lisboa, (de quem ſe faz mençaõ a cinco de Janeiro,) e lhe puzeraõ o ſeguinte Epitafio:

Aqui jaz Fr. Diogo Gonçalves Belleagoa, Frade da Ordem dos Prégadores, Varaõ approvado em ſciencia, e ante os homens por bons exemplos. Eſte foy o primeiro Padre, e Padroeiro, que corporalmente povoou eſte Moſteiro, e perſeverou em elle até a morte em muita prudença, e maceramento da carne. Obitus ejus fuit anno Domini 1410 ultimo menſis Auguſti.

Quando ſe reedificou a Igreja, e ſe trasladaraõ as Reliquias de Fr. Vicente, no anno de 1630, para o lugar onde hoje ſe vêm, entre a pilaſtra da Capella môr, e porta da Sacriſtia, houve tambem cuidado nos Padres com as de Fr. Diogo ſeu Companheiro, para que em tudo lhe foſſe ſemelhante, lhe puzeraõ eſte Epitafio:

Hic eſt Scyphus devotiſſimi Patris, Zelatoris præcipui noſtræ ſacræ Religionis hujus Conventus, ſcilicet fratris Didaci Belleagoa vita converſatione mirabilis, humilitate inſignis.

Tratãõ deſte Religioſo Padre Souſa na *Hiſtoria de S. Domingos*, part. 2. liv. 2. cap. 6. pag. 65. verſ. Soveges no *Anno Dominico*, neſte dia.

E Na Cidade de Evora havia hum ſitio com huma Ermida de Santa Catharina de Sena, com baſtante campo, para ſe poder edificar hum Moſteiro, era de D. Franciſco de Portugal I. Conde de Vimioſo, que andava com penſamentos de fundar hum Moſteiro para Religioſas da Ordem de S. Domingos. Já na Cidade havia Religioſas Dominicas, que começando Beatas paſſaraõ a profeſſar a Terceira Regra, e depois no anno de 1490 ſe entregaraõ à obſervancia em que vivem, de que já ſe fez mençaõ no II. Tomo do *Agiologio*, a 23 de Março, letra F. Creſcia o numero de Religioſas, e era taõ apertado o Moſteiro de Santa Martha, (que eſte era o Orago da Caſa,) e já nelle tanta a gente, que parecia mais ſepulchro para mortos, que Caſa para vivos, onde he preciſa a commodidade. Neſta affliçaõ paſſavaõ as ſuas habitadoras, quando recorreraõ ao Conde de Vimioſo, que de boa vontade lhe deu a Ermida de Santa Catharina, e o mais ſitio, e com boas eſmolas ajudou a obra, para que contribuîo muito a piedade dos Fieis. E aſſim ſe poz a Caſa capaz de ſervir, e deixaraõ as Religioſas Caſa, e nome de Santa Martha, e começaraõ a poſſuîr a de Santa Catharina, no anno de 1547, com grande goſto, e conſolaçaõ do Conde, ſem que pediſſe mais, que a Capella môr para ſi, e ſeus deſcendentes, com obrigaçaõ de hum Padre Noſſo, e Ave Maria, dito em Communidade depois da Prima, com Oraçaõ dos Defuntos. Porém depois pelo tempo adiante, vendo-ſe as Religioſas com o Moſteiro feito, deraõ o Padroado à Condeſſa D. Joanna de Vilhena, (de quem fizemos mençaõ a 24 de Julho) e ao Conde D. Affonſo, ſeu filho, com dous lugares perpetuos, ſem mais dote, que a quarta parte do ordinario.

Teve o Conde D. Affonſo de Portugal da Condeſſa D. Leonor de Guſmaõ tantos filhos, que chegou a contar dezoito vivos, entre os quaes naſceo a Madre Sor Joanna de Jeſus, de quem fizemos mençaõ, de taõ admiravel vida, e obſervancia da Religiaõ, que naõ he razaõ deixemos de contar della, que quando ardia a Cidade de Evora no anno de 1579 em peſte, deſejou a Condeſſa ſua mãy deſvialla do perigo: conſentio, que a vieſ-

a vieſſem buſcar; veyo à Portaria, fez entrar nas andas ſua irmãa, que ainda naõ tinha o Habito, e mandou aos criados, que a levaſſem, e que diſſeſſem a ſua mãy, que ella do dia, que ſe obrigara pela Profiſſaõ à Clauſura, fora para a naõ largar ſenaõ por morte, a qual foy no anno 1604. *Hiſt. de S. Dom.* part. 3. liv. 3. cap. 23. pag. 269; Lima *Agiol. Dom.* neſte dia; *Hiſt. Geneal. da Caſa Real*, p. 712. do Tom. 10.

F Depois de glorioſamente conſeguida a conquiſta da nova Heſpanha, por aquelle famoſo Capitaõ Fernaõ Cortez, tendo com a reduçaõ da Cidade de México no anno 1521, Metropoli daquelle Reyno, enriquecido a Coroa Caſtelhana, e dado ao Emperador Carlos V. mais dilatados dominios; e porque naquelle grande Monarca naõ luzio menos a Religiaõ, que a heroicidade, ajudava com grande cuidado as Miſſoens daquelle novo Mundo, taõ deſtituido de operarios do Evangelho. A eſte fim nomeou a Provincia de S. Gabriel, na Congregaçaõ, que fez no anno de 1523, a 24 de Outubro no Moſteiro de Belviz, treze Religioſos, e por ſeu Prelado Fr. Martinho de Valença, dando-lhe o nome de Cuſtodia do Santo Evangelho, a qual ſe havia de fundar naquelle Reyno, e depois ſe veyo a conſeguir. O Emperador por cartas ſuas recommendou aos Governadores daquelle Reyno, que os ajudaſſem, e o Papa Adriano VI. nomeou a Fr. Martinho, Vigario Apoſtolico, e ſeu Legado, por Bulla de 10 de Mayo de 1522; e depois por outra lhe concedeo o Officio de Commiſſario Geral da Santa Inquiſiçaõ. Em o anno de 1524, partio para Indias Fr. Martinho com os ſeus Companheiros, onde obrou taes maravilhas, que conſeguio o nome de Apoſtolo do novo Mundo, ſendo taõ prodigioſas as ſuas obras, que conſeguio glorioſo triunfo do ſeu trabalho, bautiſando muitos milhoens de homens. Tinhaõ eſtes Indios por coſtume terem muitas mulheres, as quaes queriaõ conſervar depois de unidos à Igreja. Congregou o Santo Varaõ hum Synodo, no qual como Vigario Apoſtolico preſidio: nelle ſe definio, que todos os que abraçaſſem a Religiaõ Chriſtãa, das mulheres que antes tinhaõ, poderiaõ eſcolher huma ſómente, qual elles quizeſſem, a qual ſeguiria o rito da Igreja Catholica, no Sacramento do Matrimonio, da qual já mais ſe poderiaõ ſeparar. Outras muitas couſas de grande utilidade eſcrevem diverſos Authores do Servo de Deos, que acabou cheyo de merecimentos, no anno 1534. Os ſeus Religioſos o levaraõ para o Moſteiro de Talmanalco, e no meyo da Capella lhe deraõ ſepultura. Depois o Prelado da Cuſtodia do Santo Evangelho, o fez deſenterrar, e pôr em hum caixaõ de madeira: depois abrindo-ſe a ſua ſepultura ſe achou o corpo inteiro, como de peſſoa viva, que eſtava dormindo, lançando de ſi ſingular fragrancia. Depois de trinta annos foy achado na meſma fórma, até que no anno 1567, ſem ſe ſaber o como, deſappareceo do lugar em que eſtava; parecendo iſto ao juizo dos Religioſos, mais ſegredo de Deos, do que furto, por ſe naõ acharem indicios de ſe ter bolido na ſepultura, e por mayores diligencias, a que ſe ajuntaraõ excommunhoens, que ſe publicaraõ ſobre eſte caſo, ſe pode alcançar nada. Fizemos mençaõ do Apoſtolico Varaõ Fr. Martinho de Valença, ſem embargo de ſer Caſtelhano, natural de Valença de D. Joaõ, Biſpado de Leaõ, por ter vivido na Provincia da Piedade deſte Reyno, e o ter promettido o Licenciado Jorge Cardoſo no Commentario do dia 4 de Julho, letra C. E no dia 28 de Mayo fazem delle mençaõ Fr. Manoel de Monforte na *Chronica da Piedade*, liv. 3. cap. 5; Fr. Marcos *Hiſtoria Geral de S. Franciſco*, part. 3. liv. 9. cap. 53; Surio *in Commentario Rerum ann.* 1558. pag. 514; Marieta *Santos de Heſpanha*, liv. 17. cap. 11, e 12. Franciſco Lopes de Gomara, liv. 2. da *Hiſtoria Geral das Indias*, cap. 95. Gravina *in Voce Turturis*, part. 2. cap. 24. pag. 80; Gonzaga part. 4. pag. 251. Wandigo tom. 2. ad ann. 1557. §. 22. Rapineo *Hiſt.* Decad. 4. §. 7. e Decad. 5. part. 1. e 2. Artur no *Martyrologio Franc.* neſte dia, aonde allega outros muitos Authores. Torquemada tom. 1. Fr. Agoſtinho de Avila, da Ordem dos Prégadores, na *Hiſtor. da ſua Provincia de México*, liv. 1. cap. 10. pag. 53.

G Era Duarte Correa, Portuguez, Cidadaõ de Macao, e Irmaõ por Carta dos Religioſos da Companhia de Jeſu: o qual com illuſtre martyrio no anno 1639, deixou taõ eſclarecida memoria, pois naõ cedeo aquella conſtancia à dos inſignes Martyres da primitiva Igreja. Delle ſe lembrou Cardim no *Catalogo dos Mortos pela Fé, no Japaõ*, pag. 330.

PRO-

PROTESTAÇAÕ.

O Author deſta Obra proteſta, que tudo o que nella eſtá eſcrito, e em outras algumas ſuas, ſugeitá à cenſura, e correcçaõ da Santa Madre Igreja Catholica Romana, conformando-ſe com os Decretos, e reſoluçõeſ dos Summos Pontifices, e em eſpecial com os do Santo Padre Urbano VIII. de 13 de Janeiro de 1625, approvados em 25 de Junho de 1634, e a modificaçaõ feita pelo meſmo Pontifice em 5 de Julho de 1631. Porque naõ he ſua tençaõ em muitas couſas, que toca neſta Obra, pelas quaes poderá parecer, que a alguns Varoens de eminente virtude lhes attribue a graça de milagres, ou de eſpirito de profecia, ou titulo de Santidade, ou Martyrio: o que tudo refere como hiſtoria humana, ſem que pertenda referillas com mayor credito; nem quer que ninguem as aceite, como ſe já eſtiveſſem examinadas pela authoridade do Papa: naõ pertendendo a nenhum dos Servos de Deos, de que trata, atribuirlhe culto, ou veneraçaõ alguma, nem accreſcentarlhe para promover a ſua Beatificaçaõ, ou Canonizaçaõ, excepto os que já a Igreja tem declarado, ou com approvaçaõ ſua, ſciencia, ou tolerancia, ou pelos Prelados della eſtaõ canonizados, pelo modo antigo com Imagens, Altares, e continuado culto por muitos ſeculos. O que com mais ſincéro, e reverente affecto publicamente declara, e proteſta naõ ſer outra a ſua tençaõ.

D. Antonio Caetano de Souſa, C.R.

INDEX
DOS
SANTOS, E VARÕES
ILLUSTRES EM VIRTUDE,

Que ſe contém no Texto Agiologico deſte IV. Tomo, pela ordem Alphabetica, com as Patrias a que pertencem. E quando nos Sobrenomes ſe eſpecificaõ, eſcuſaõ-nos tornallas a repetir. O *P*, ſignifica Patriarcado; o *A*, Arcebiſpado; o *B*, Biſpado; e o *M*, Martyr.

A

SOr Acaſſia da Paixaõ, Franciſcana, pertence a Alemquer, pag. 651, letra D.

Santa Adoſinda, pertence ao Porto, pag. 433, letra C.

O Padre Affonſo Cypriano, da Companhia, pertence a Meliapor, pag. 377, letra A.

O Padre Affonſo Gil, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 260, letra D.

Fr. Affonſo de S. Mattheus, Dominico, pertence a Lisboa, pag. 479, letra F.

Agoſtinho, *M.* pertence à India Oriental, pag. 50, letra D.

Fr. Agoſtinho da Expectaçaõ, da Terceira Ordem de S. Franciſco, pertence a Caria, pag. 264, letra L.

O Irmaõ Agoſtinho Otta, da Companhia, e tres Companheiros *MM.* pertencem a Firando, pag. 508, letra K.

O Padre Agoſtinho dos Santos, Conego Secular, pertence a Lisboa, pag. 528, letra C.

O Padre D. Alberto Maria Ambiveri, Clerigo Regular, pertence a Lisboa, pag. 441, letra B.

Aleixo, *M.* pertence à India Oriental, pag. 50, letra D.

O Padre Aleixo Alvares, da Companhia, pertence a Evora, pag. 240, letra E.

Fr. Aleixo Cotrim, da Ordem de Chriſto, pertence a Thomar, pag. 119, letra E.

B. Amadeo, Franciſcano, pertence a Milaõ, pag. 492, letra A.

D. Ambroſio de Mello, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 276, letra E.

André, *M.* pertence a Cachaõ, Reyno da Cochinchina, pag. 309, letra B.

André, *M.* pertence a Deva, pag. 597, letra D.

André, *M.* Japaõ, pertence à Vomura, pag. 696, letra F.

André Givichi, Japaõ, pertence a Miaco, pag. 615, letra B.

O Padre André Joaõ, Clerigo Secular, pertence a Mombaça, pag. 581, letra F.

O Irmaõ André Jorge, da Companhia, pertence a Evora, pag. 534, letra D.

André Labeé, *M.* Japaõ, pertence a Firando, pag. 508, letra K.

Angela da Paixaõ, Terceira Carmelita, pertence à Cuba no Alentejo, pag. 528, letra E.

Anjo Cuſtodio do Reyno, pag. 213, letra A.

Santa Anna, pag. 307, letra A.

D. Anna de Aragaõ, Franciſcana, pertence a Evora, pag. 124, letra E.

Anonyma, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 137, letra F.

Anonymo, Dominico, pertence ao Pegû, pag. 261, letra G. Outros a Goa, pag. 372, letra F. Outros a Nangaſachi, pag. 555, letra L, e pag. 591, letra D.

Anonymo, *M.* pertence ao Japaõ, pag. 600, letra B.

S. Antinogenes, *M.* pertence a Merida, pag. 271, letra A.

Sor Antonia de Jeſus, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 381, letra F.
D. Antonia de Noronha, Franciſcana, pertence a Evora, pag. 399, letra C.
Antonio, *M.* Japaõ, pertence a Nangaſachi, pag. 693, letra F.
Fr. Antonio, Arrabido, pertence a Santarem, pag. 277, letra F.
O Padre Antonio Bellavia, da Companhia, pertence a Pernambuco, pag. 420, letra E.
Fr. Antonio de Chriſto, Eremita Auguſtiniano, pertence a Goa, pag. 513, letra A.
O Padre Antonio de Chriſto, Conego Secular, pertence a Reciaõ, pag. 579, letra D.
Fr. Antonio da Conceiçaõ, Trino, pertence a Lisboa, pag. 255, letra A.
O Padre Antonio Gianone, *M.* da Companhia, pertence a Ximaraba, pag. 683, letra B.
Fr. Antonio de Leucaſtre, da Ordem de Chriſto, pertence a Coimbra, pag. 472, letra F.
Antonio Mendes, *M.* pertence a Marrocos, pag. 49, letra C.
Antonio Mongeyemon, *M.* pertence ao Japaõ, pag. 196, letra C.
Fr. Antonio da Natividade, *M.* Eremita Auguſtiniano, pertence a Mombaça, pag. 628, letra A.
Fr. Antonio da Paixaõ, *M.* Eremita Auguſtiniano, pertence a Mombaça, pag. 628, letra A.
Fr. Antonio de S. Pedro, Mercenario, pertence a Portugal, pag. 360, letra B.
Fr. Antonio Petronio, Franciſcano, pertence à India, pag. 18, letra A.
O Padre Antonio de Sequeira, da Companhia, pertence a Evora, pag. 275, letra D.
Fr. Antonio Soares de Albergaria, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, pag. 515, letra C.
Santo Apollinar, *B. e M.* pertence a Urros, Comarca da Torre de Moncorvo, pag. 642, letra B.
Apparecimento de Chriſto no Campo de Ourique, pag. 280, letra A.
Apparecimento de S. Bernardo no Campo de Aljubarrota, pag. 530, letra A.
Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, pertence a Portugal, pag. 538, letra A. A Aviz, ibid. letra B.
D. Athanaſio, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 53, letra F.
D. Athanaſio, Conego Regrante, pertence a Lisboa, pag. 123, letra C.

B

O Irmaõ Balthazar, da Companhia, pertence a Evora, pag. 349, letra E.
Fr. Balthazar de Alcacer, Piedoſo, pertence a Valverde, pag. 548, letra G.
O Irmaõ Bartholomeu Alvares, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 652, letra A.
O Padre Bartholomeu Dias, da Companhia, pertence a Goa, pag. 629, letra D.
O Irmaõ Bartholomeu Lourenço, da Companhia, pertence a Evora, pag. 546, letra D.
O Veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Arcebiſpo de Braga, Dominico, pag. 189, letra B.
Bartholomeu Nacamura, *M.* Japaõ, pertence a Sumamoto de Fingo, pag. 662, letra B.
Fr. Bartholomeu de Oviedo, Eremita Auguſtiniano, pertence a Lamego, pag. 455, letra D.
Santa Baſiliſa, *V. M.* pertence a Braga, pag. 690, letra A.
Fr. Bautiſta da Trindade, Carmelita Deſcalço, pertence a Lisboa, pag. 504, letra E.
D. Belchior Carneiro, Biſpo da China, pertence a Macao, pag. 599, letra A.
O Padre Belchior de Figueiredo, da Companhia, pertence a Goa, pag. 32, letra C.
O Padre Belchior Nunes Barreto, da Companhia, pertence a Goa, pag. 500, letra B.
S. Bento, Eremita, pertence a Ponte de Lima, pag. 122, letra A.
Fr. Bento de Monſerrate, Benedictino, pertence a Lisboa, pag. 382, letra H.
D. Bernarda, Carmelita, pertence a Lagos, pag. 216, letra E.
S. Bernardo, ſeu Apparecimento no Campo de Aljubarrota, pag. 530, letra A.
O Padre Bernardo Pereira, *M.* da Companhia, pertence a Auça Gurelé, pag. 470, letra C.
S. Bono, *M.* Presbytero, pertence a Roma, pag. 389, letra B.
Sor Branca, Dominica, pertence a Liſboa, pag. 10, letra F.

Sor Branca de S. Franciſco, Dominica, pertence a Moura, pag. 621, letra F.
S. Briſſos, Biſpo de Evora, pertence a Mertola, pag. 109, letra A.
Sor Brites de Chriſto, Dominica, pertence a Abrantes, pag. 252, letra D.
A Veneravel Madre Brites da Columna, Jeronyma, pertence a Vianna na Provincia do Alentejo, pag. 332, letra C.
Sor Brites da Cruz, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 225, letra F.
Sor Brites de S. Franciſco, Dominica, pertence a Evora, pag. 252, letra E.
Sor Brites Leitoa, Dominica, pertence a Aveiro, pag. 405, letra B.
Sor Brites de S. Patricio, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 669, letra B.
Sor Brites Salema, Dominica, pertence a Santarem, pag. 514, letra B.
B. D. Brites da Sylva, Fundadora da Ordem da Conceiçaõ de Toledo, pertence a Portugal, pag. 585, letra B.
Sor Brites Velha, Dominica, pertence a Abrantes, pag. 630, letra E.

C

Catharina, M. Japoa, pertence a Nangaſachi, pag. 692, letra E.
Catharina, e 51 MM. pertencem a Deva, no Japaõ, pag. 326, letra E.
Sor Catharina dos Anjos, Franciſcana, pertence à Caſtanheira, *P.* de Lisboa, pag. 399, letra B.
D. Catharina de Ataide, Dominica, pertence a Aveiro, pag. 503, letra D.
Sor Catharina da Encarnaçaõ, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 20, letra G.
Sor Catharina de Souſa, Dominica, pertence a Aveiro, pag. 66, letra D.
S. Chriſtina, V. M. pertence ao *B.* de Coimbra, pag. 272, letra B.
Fr. Chriſtovaõ Rangel, da Ordem dos Prégadores, pertence a Goa, pag. 8, letra C.
Fr. Chriſoſtomo de Santiago, Dominico, pertence à India, pag. 252, letra F.
Collocaçaõ dos Santos Martyres, pertencem a Chellas, *P.* de Lisboa, pag. 389, letra C.
Collocaçaõ de S. Theotonio, pertence a Coimbra, pag. 694, letra B.
Santa Comba, V. e M. pertence a Lamas de Orelhaõ, *B.* de Miranda, pag. 63, letra A.
Santa Comba, V. e M. pertence a Coimbra, pag. 233, letra B.
D. Conſtança Sanches, pertence a Coimbra, pag. 477, letra B.
Conſtantino, M. e 7 Companheiros Japoens, pertencem a Nangaſachi, pag. 528, letra E.
O Irmaõ Coſme Vaz, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 662, letra C.
Sor Cuſtodia de Jeſus, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 620, letra F.
Fr. Cypriano Pereſtrello, Eremita Auguſtiniano, pertence a Lisboa, pag. 657, letra C.

D

Damiaõ, e outro Companheiro *M.* pertencem a Yemagacki, no Japaõ, pag. 600, letra B.
Fr. Damiaõ da Torre, Arrabido, pertence a Lisboa, pag. 616, letra C.
O Padre Diogo Alvares, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 10, letra C.
Fr. Diogo Gonçalves Beleago, Dominico, pertence a Bemfica, *P.* de Liſboa, pag. 704, letra D.
Fr. Diogo de Lemos, Dominico, pertence a Bemfica, *P.* de Lisboa, pag. 123, letra D.
Fr. Diogo de Santa Maria, Dominico, pertence a Nangaſachi, pag. 591, letra D.
O Padre Diogo de Matos, da Companhia, pertence a Goa, pag. 52, letra E.
O Padre Diogo Miraõ, da Companhia, pertence a Roma, pag. 655, letra B.
Fr. Diogo da Piedade, Arrabido, pertence a Torres Vedras, *P.* de Lisboa, pag. 618, letra D.
Diogo Suzk, e 11 MM. Japoens, pertence a Fococu, pag. 435, letra F.
Fr. Diogo do Torraõ, pertence a Santarem, pag. 170, letra H.
Diogo Ychiyemon, Japaõ, pertence a Miaco, pag. 615, letra B.
Fr. Dionyſio, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, pag. 230, letra C.
Fr. Dionyſio da Aſcenſaõ, Carmelita Deſcalço, pertence a Buſſaco, *B.* de Coimbra, pag. 172, letra L.
Fr. Domingos Erkiza, M. Dominico, pertence a Nangaſachi, pag. 600, letra C.
Fr. Domingos Gomes, Dominico, pertence a Santarem, pag. 261, letra F.

Fr. Domingos do Naſcimento, Eremita, e 152 Companheiros *MM.* pertencem a Mombaça, pag. 628, letra A.
Duarte Correa, *M.* pertence a Nangaſachi, pag. 707, letra G.

E

SOr Elena da Cruz, Franciſcana, pertence a Guimarães, *A.* de Braga, pag. 419, letra D.
Sor Elena do Eſpirito Santo, Franciſcana, pertence a Evora, pag. 662, letra D.
Sor Elena do Paraiſo, Auguſtiniana, pertence a Villa-Viçoſa, *A.* de Evora, pag. 532, letra C.
Sor Elvira da Annunciaçaõ, Dominica, pertence a Monte mór o Novo, *A.* de Evora, pag. 635, letra E.
Sor Elvira da Cruz, Dominica, pertence a Monte mór, pag. 118, letra C.
Embaixadores de Macao, e 57 Compapanheiros *MM.* pertencem a Nangaſachi, pag. 408, letra C.
Sor Eſcolaſtica de Santa Maria, Auguſtiniana Deſcalça, pertence a Lisboa, pag. 125, letra G.
Fr. Eſtevaõ da Cuba, Capucho, pag. 435, letra G.
Fr. Eſtevaõ Eſteves, Dominico, pertence a Azeitaõ, *P.* de Lisboa, pag. 601, letra D.
D. Eſtevaõ Soares, Arcebiſpo de Braga, pag. 669, letra A.
Santa Eufemia, *V. M.* pertence a Galliza, pag. 469, letra A. Sua Trasladaçaõ, pag. 585, letra A.

F

SAõ Fabiaõ, Arcebiſpo de Braga, pag. 642, letra A.
Santa Feliciſſima, *M.* pertence a Alcacer do Sal, *A.* de Evora, pag. 519, letra A.
S. Felix, *M.* pertence a Sulitana, gpa. 387, letra A.
D. Fernando de Annes, da Ordem de Aviz, pag. 521, letra C.
Fr. Fernando Appariſio, Dominico, pertence a Aveiro, pag. 123, letra D.
A Rainha D. Filippa, pertence à Batalha, pag. 220, letra B.
Sor Filippa da Madre de Deos, Dominica, pertence a Evora, pag. 113, letra D.
Sor Filippa Pinto, Benedictina, pertence à Moimenta da Beira, *B.* de Lamego, pag. 547, letra F.
Fr. Filippe de Santo Thomás, Dominico, pertence a Solor na India, pag. 326, letra D.
S. Focato, Biſpo, pertence a Lugo, pag. 142, letra B.
Franciſca das Chagas, Terceira do Carmo, pertence ao Lugar da Cuba, pag. 289, letra G.
Sor Franciſca da Conceiçaõ, Franciſcana, pertence a Guimarães, pag. 434, letra E.
Sor Franciſca da Madre de Deos, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 263, letra I.
Sor Franciſca da Sylva, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 11, letra G.
Franciſco, *M.* pertence ao Japaõ, pag. 208, letra B.
Franciſco, Japaõ, pertence a Miaco, pag. 413, letra F.
Fr. Franciſco dos Anjos, Franciſcano, pertence ao *B.* de Lamego, pag. 621, letra H.
Fr. Franciſco de Santo Antonio, Arrabido, pertence a Loures, *P.* de Lisboa, pag. 224, letra D.
Fr. Franciſco de Bovadilha, Dominico, pertence a Evora, pag. 169, letra G.
O Padre Franciſco de Carriaõ, da Companhia, pertence a Iquizuk, pag. 401, letra F.
Fr. Franciſco da Conceiçaõ, Dominico, pertence a Timor, pag. 380, letra E.
Fr. Franciſco da Cruz, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, pag. 479, letra G.
Fr. Franciſco de Eça, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, pag. 488, letra D.
Franciſco da Eſperança, e ſeus Companheiros *MM.* pertencem a Marrocos, pag. 47, letra B. Sua Trasladaçaõ, pertence a Lisboa, pag. 250, letra A.
Franciſco Fernandes de Abreu, Terceiro Franciſcano, pertence ao Porto, pag. 259, letra C.
O Padre Franciſco Gonçalves, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 372, letra E.
Fr. Franciſco de Lamego, Arrabido, pertence a Lisboa, pag. 230, letra D.
O Padre Franciſco Machado, *M.* da Companhia, pertence a Auça Gurele, pag. 470, letra C.

O Padre Franciſco Marques, da Companhia, pertence a Dio, pag. 695, letra C.
O Padre Franciſco Morando, da Companhia, pertence a Goa, pag. 327, letra F.
Fr. Franciſco de Thomar, Piedoſo, pertence a Lagos, pag. 64, letra C.

G

Gabriel Xinxiró, *M.* Japaõ, pertence a Firando, pag. 508, letra K.
Fr. Gaſpar, *M.* Dominico, pertence à India, pag. 198, letra G.
O Padre Gaſpar Alvares, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 527, letra H.
Fr. Gaſpar da Annunciaçaõ, Arrabido, pertence a Santarem, pag. 507, letra H.
D. Gaſpar do Caſal, Eremita, pag. 486, letra A.
O Padre Gaſpar Fructuoſo, Clerigo Secular, pertence à Ribeira Grande na Ilha de S. Miguel, pag. 647, letra B.
D. Gaſpar de Leaõ, pertence a Goa, pag. 539, letra C.
O Padre Gaſpar Moreira, da Companhia, pertence a Evora, pag. 33, letra D.
S. Fr. Gil, Dominico. Sua Trasladaçaõ pertence a Santarem, pag. 1, letra A.
B. Godinho, Arcebiſpo de Braga, pag. 359, letra A.
Gonçalo, *M.* pertence ao Japaõ, pag. 118, letra B.
Fr. Gonçalo de Almeida, Eremita Auguſtiniano, pertence a Lisboa, pag. 82, letra C.
O Padre Gonçalo Alvares, da Companhia, pag. 250, letra B.
Gonçalo Joaõ da Cuba, pertence à Vidigueira, pag. 603, letra F.
Gonçalo Monteiro de Carvalho, *M.* Embaixador a Macao, pertence a Nangaſachi, pag. 408, letra C.
S. Graciliano, *M.* pertence a Alcacer do Sal, *A.* de Evora, pag. 519, letra A.
Gregorio Lopes, pertence a Mexico, pag. 233, letra C.
S. Gualter, Franciſcano, pertence a Guimarães, *A.* de Braga, pag. 398, letra A.
Sor Guiomar da Trindade, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 99, letra L.

H

SAõ Heladio, *M.* pertence a Padraõ em Galliza, pag. 331, letra B.
Fr. Heitor de Jeſus, Dominico, pertence à India Oriental, pag. 597, letra C.
Hilariaõ, *M.* pertence a Serpa, *A.* de Evora, pag. 228, letra A.
D. Hilariaõ Brandaõ, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 635, letra D.
Hilariaõ, *M.* Japaõ, pertence a Nangaſachi, pag. 528, letra D.
Fr. Hilariaõ de Jeſus, Eremita Auguſtiniano, pertence a Goa, pag. 596, letra A.

I

SOr Jacinta de Jeſus Maria, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 508, letra I.
O Padre Jacobo de Santa Maria, Conego de S. Joaõ Evangeliſta, pertence a Lisboa, pag. 18, letra C.
Fr. Jacome da Aſcenſaõ, Ciſtercienſe, pertence a Arouca, *B.* de Lamego, pag. 66, letra E.
Sor Jeronyma de S. Joaõ, Dominica, pertence a Moura, pag. 242, letra H.
Jeronymo, *M.* Japaõ, pertence a Firando, pag. 597, letra D.
Fr. Jeronymo dos Anjos, Auguſtiniano, pertence a Goa, pag. 523, letra D.
D. Jeronymo Oſorio, Biſpo do Algarve, pertence a Faro, pag. 606, letra A.
Fr. Jeronymo de Padilha, Dominico, pertence a Aveiro, pag. 481, letra H.
Sor Ignacia do Preſepio, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 241, letra F.
Fr. Ignacio, Eremita de Santo Agoſtinho, pertence a Lisboa, pag. 226, letra H.
Ignacio, *M.* pertence a Sinoa no Oriente, pag. 168, letra F.
O Padre Ignacio de Azevedo, e ſeus Companheiros *MM.* pag. 152, letra B.
Ignacio Kiyemon, e 10 Companheiros, *MM.* pertencem a Ximanara, pag. 670, letra C.
A Madre Sor D. Ignez de Albuquerque, pertence a Lorvaõ, *B.* de Coimbra, pag. 696, letra G.

Sor Ignez dos Anjos, Auguſtiniana, pertence a Villa-Viçoſa, *A.* de Evora, pag. 532, letra C.
Sor Ignez da Aſſumpçaõ, Dominica, pertence a Aveiro, pag. 413, letra E.
Fr. Innocencio do Eſpirito Santo, Benedictino, pertence a Lisboa, pag. 22, letra H.
D. Joanna de Albuquerque, Ciſtercienſe, pertence a Lorvaõ, *B.* de Coimbra, pag. 622, letra I.
Sor Joanna Correa, Dominica, pertence a Evora, pag. 636, letra F.
Sor Joanna de Saõ Domingos, Dominica, pertence a Moura, pag. 262, letra H.
Sor Joanna do Eſpirito Santo, Dominica, pertence a Monte môr o Novo, *A.* de Evora, pag. 312, letra D.
Sor Joanna Evangeliſta, Dominica, pertence a Monte môr o Novo, *A.* de Evora, pag. 418, letra B.
Sor Joanna de Jeſus, Dominica, pertence a Evora, pag. 705, letra E.
Sor Joanna dos Santos, Dominica, pertence a Aveiro, pag. 413, letra E.
D. Joanna de Vilhena, Condeſſa de Vimioſo, pertence a Evora, pag. 273, letra C.
Fr. Joaõ, *M.* Minorita, pertence à India Oriental, pag. 643, letra C.
Fr. Joaõ de Barcellos, Piedoſo, pertence ao Porto, pag. 596, letra B.
Fr. Joaõ da Conceiçaõ, da Terceira Ordem de S. Franciſco, pertence a Liſboa, pag. 198, letra F.
Fr. Joaõ da Coſta, Dominico, pertence a Ende, pag. 251, letra C.
Fr. Joaõ de Elvas, *M.* Franciſcano, pertence à India Oriental, pag. 684, letra D.
D. Joaõ Froes, Conego Regrante, pertence a Leaõ, pag. 532, letra B.
Joaõ Gorozayemon, *M.* Japaõ, pertence a Vomura, pag. 351, letra H.
O Irmaõ Joaõ Kidern, *M.* da Companhia, pertence a Ximabara, pag. 691, letra C.
Fr. Joaõ de Santa Martha, Franciſcano, pertence a Miaco, pag. 578, letra A.
Joaõ Matafacú, *M.* Japaõ, pertence a Firando, pag. 508, letra K.
D. Joaõ de Mello, Arcebiſpo de Evora, pag. 458, letra F.
Fr. Joaõ de Padua, Franciſcano, pertence a Lisboa, pag. 350, letra F.
O Veneravel Fr. Joaõ da Povoa, Franciſcano, pertence a Matoſinhos, *B.* do Porto, pag. 347, letra C.
O Padre Joaõ Rebello, da Companhia, pertence a Evora, pag. 142, letra D.
Fr. Joaõ de Soria, Franciſcano, pertentence a Chaul, pag. 657, letra D.
Joaquim, *M.* Japaõ, pertence a Nacatſu, pag. 471, letra E.
Joaquim, *M.* e 12 Companheiros, pertencem a Nangaſachi, pag. 619, letra E.
Joaquim, Japaõ, pertence a Fingo, pag. 662, letra A.
Joaquim Omi, pertence a Deva, pag. 137, letra D.
S. Jordaõ, Biſpo de Evora, pertence a Tourega, pag. 440, letra A.
† *D. Jorge de Almeida*, Biſpo de Coimbra, pag. 288, letra C.
O Padre Jorge de Contreiras, da Companhia, pertence a Coimbra, pag. 240, letra B.
Fr. Jorge da Mota, Dominico, pertence a Malaca, pag. 222, letra B.
O Padre Jorge Rijo, da Companhia, pertence a Coimbra, pag. 171, letra I.
Fr. Jorge dos Santos, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, *P.* de Lisboa, pag. 118, letra D.
Sor Iria de S. Bernardo, Franciſcana, pertence a Angra, pag. 516, letra E.
Santa Iſabel, Rainha de Portugal, pertence a Coimbra, pag. 41, letra A.
Iſabel, Japoa, pertence a Deva, pag. 629, letra C.
Iſabel de Miranda, pertence a Ponta-Delgada, pag. 552, letra I.
Sor Iſabel de Nazareth, Agoſtinha Deſcalça, pertence a Lisboa, pag. 505, letra F.
D. Iſabel de Noronha, Ciſtercienſe, pertence a Lorvaõ, *B.* de Coimbra, pag. 638, letra K.
Sor Iſabel do Paraiſo, Dominica, pertence a Evora, pag. 638, letra I.
Sor Iſabel da Piedade, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 137, letra F.
Sor Iſabel do Preſepio, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 269, letra C.
Sor Iſabel dos Reys, Franciſcana, pertence a Monchique, *B.* do Porto, pag. 10, letra D.
Sor Iſabel de Santa Thereſa, Carmelita, pertence a Lagos, pag. 67, letra F.
Sor Iſabel da Trindade, Franciſcana, pertence a Abrantes, *B.* da Guarda, pag. 209, letra C.

Fr. Juliaõ dos Anjos, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, *P.* de Lisboa, pag. 524, letra E.

L

Leaõ Geroyemon, e 10 irmãos *MM.* Japoens, pertencem a Nacatſu, pag. 289, letra F.
Leaõ Kitá, Japaõ, pertence a Arima, pag. 638, letra H.
D. Leaõ de Noronha, pertence a Alemquer, *P.* de Lisboa, pag. 672, letra A.
Sor Leonor de Santo Angelo, Carmelita, pertence a Lagos, pag. 598, letra E.
D. Leonor de Menezes, Carmelita, pertence a Lagos, pag. 691, letra B.
Sor Leonor do Roſario, Dominica, pertence a Santarem, *P.* de Lisboa, pag. 35, letra E.
Sor Leonor de Souſa, Franciſcana, pertence a Evora, pag. 135, letra C.
D. Leonor de Vaſconcellos, pertence a Coimbra, pag. 590, letra C.
Santa Liberata, *M.* Sua Trasladaçaõ pertence a Siguença, pag. 152, letra A.
Lourenço, e 4 Companheiros *MM.* Japoens, pertencem a Fococu, pag. 435, letra F.
Fr. Lourenço de Brindize, Capucho, pertence a Lisboa, pag. 257, letra B.
Luiz, *M.* Japaõ, pertence a Sumamoto de Fingo, pag. 662, letra B.
Luiz Bava, Cathequiſta, da Ordem Terceira de S. Franciſco, pertence a Vomura, pag. 655, letra A.
O Veneravel Fr. Luiz Beltraõ, e ſeus Companheiros *MM.* pertencem a Vomura, pag. 350, letra G.
O Irmaõ Luiz Bravo, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 349, letra D.
Fr. Luiz de Flores, Dominico, pertence a Nangaſachi, pag. 619, letra E.
D. Luiz de Goes, da Companhia, pertence ao Collegio de S. Paulo de Goa, pag. 288, letra D.
Luiz Guinoiró, *M.* Japaõ, pertence a Vomura, pag. 351, letra H.
O Padre Luiz de S. Joſeph, Sacerdote, pertence a Villa-Viçoia, *A.* de Evora, pag. 698, letra H.
Luiz Kitaró, pertence a Vomura, pag. 312, letra E.
Luiz Pacheco, *M.* Embaixador a Macao, pertence a Nangaſachi, pag. 408, letra C.
Luiz Rodrigues Romano, pertence à Golegãa, *P.* de Lisboa, pag. 534, letra E.
Fr. Luiz Saſſandra, Franciſcano, pertence a Vomura, pag. 655, letra A.
Fr. Luiz Sotello, Franciſcano, pertence a Vomura, pag. 655, letra A.
Luiz Ximbioye, *M.* Japaõ, pertence a Vomura, pag. 351, letra H.
Luiza, *M.* Japoa, pertence a Deva, pag. 662, letra A.
Luiza de Jeſus, Terceira Dominica, pertence a Lisboa, pag. 325, letra C.
Sor Luiza de S. Miguel, Franciſcana, pertence à Caſtanheira, *P.* de Lisboa, pag. 684, letra F.
D. Luiza Sebaſtiana, pertence à Cuba, *A.* de Evora, pag. 686, letra H.

M

A Rainha *D. Mafalda*, Ciſtercienſe. Sua Trasladaçaõ, pertence a Arouca, *B.* de Lamego, pag. 469, letra B.
Magdalena, *M.* Terceira Dominica, pertence ao Japaõ, pag. 591, letra E.
Sor Magdalena Annes, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 56, letra H.
Sor Magdalena das Chagas, Franciſcana, pertence a Monchique, *B.* do Porto, pag. 215, letra C.
Sor Magdalena de Chriſto, Agoſtinha Deſcalça, pertence a Lisboa, pag. 506, letra G.
Sor Magdalena da Reſurreiçaõ, Franciſcana, pertence à Caſtanheira, *P.* de Lisboa, pag. 75, letra C.
Sor Magdalena da Sylva, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 125, letra F.
Fr. Manoel da Aſſumpçaõ, da Ordem de Chriſto, pertence a Thomar, pag. 37, letra G.
O Padre Manoel Borges, *M.* da Companhia, pertence a Nangaſachi, pag. 581, letra G.
Fr. Manoel do Carmo, Eremita Auguſtiniano, pertence a Lisboa, pag. 19, letra F.
Fr. Manoel da Conceiçaõ, Dominico, pertence a Senibay, pag. 371, letra D.
O Padre Manoel da Conſolaçaõ, Conego de S. Joaõ Evangeliſta, pertence a Lisboa, pag. 74, letra B.
O Padre Manoel da Cruz, Conego Secular, pertence à Villa da Feira, *B.* do Porto, pag. 695, letra D.

O Padre Manoel Godinho, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 419, letra C.
Fr. Manoel de Lamnaó, Dominico, pertence à India, pag. 198, letra G.
Manoel de Magalhães, Terceiro de S. Francisco, pertence a Lisboa, pag. 63, letra B.
O Padre Manoel Martins, da Companhia, pertence a Tricherapali na India, pag. 634, letra B.
Fr. Manoel da Resurreiçaõ, Dominico, pertence à India Oriental, pag. 336, letra F.
O Padre Manoel Rodrigues, da Companhia, pertence a Goa, pag. 685, letra G.
O Irmaõ Manoel de Sá, da Companhia, pertence a Goa, pag. 313, letra G.
D. Manoel dos Santos, Bispo de Targa, Conego Regrante, pertence a Lisboa, pag. 703, letra C.
O Padre Manoel de Sequeira, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 652, letra E.
Santa Marciana, *M.* pertence a Braga, pag. 128, letra B.
S. Marcos, *M.* pertence à Antiga Lusitania, pag. 31, letra A.
Santa Margarida, *V. M.* pertence a Braga, pag. 213, letra B.
Sor Margarida dos Anjos, Augustiniana, pertence a Coimbra, pag. 670, letra D.
Sor Margarida Annes, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 56, letra H.
Sor Margarida de S. Miguel, Dominica, pertence a Abrantes, *B.* da Guarda, pag. 637, letra G.
Sor Margarida do Sacramento, Franciscana, pertence a Béja, *A.* de Evora, pag. 226, letra I.
Santa Maria de Alcaçova de Santarem. Sua Dedicaçaõ pertence a Santarem, *P.* de Lisboa, pag. 694, letra H.
A Princeza D. Maria, pertence a Parma, pag. 83, letra A.
Maria, *M.* Japoa, pertence a Nangasachi, pag. 528, letra D.
Maria, *M.* Japoa, pertence a Vomura, pag. 696, letra F.
D. Maria Affonso, Cistercienſe, pertence a Odivellas, *P.* de Lisboa, pag. 134, letra A.
Sor Maria de Santo Agostinho, Agostinha Descalça, pertence a Lisboa, pag. 379, letra C.
Sor Maria dos Anjos, Franciscana, pertence a Lisboa, pag. 390, letra E.
Sor Maria dos Anjos, Jeronyma, pertence a Vianna *A.* de Evora, pag. 19, letra E.
Sor Maria Anna do Evangelista, Franciscana, pertence a Evora, pag. 455, letra E.
Sor Maria Anna do Presepio, Franciscana, pertence a Santa Iria de Thomar, pag. 401, letra E.
Maria Anna do Sacramento, Terceira do Carmo, pertence à Cuba em Alentejo, pag. 143, letra E.
Sor Maria Anna da Soledade, Agostinha Descalça, pertence a Lisboa, pag. 263, letra K.
Sor Maria da Assumpçaõ, Carmelita, pertence a Lagos, pag. 488, letra C.
Sor Maria Bautista, Cistercienſe, pertence a Evora, pag. 54, letra G.
Sor Maria Bautista, Franciscana, pertence a Evora, pag. 370, letra C.
Sor Maria da Columna, Jeronyma, pertence a Vianna, *A.* de Evora, pag. 695, letra E.
Sor Maria da Conceiçaõ, Franciscana, pertence à Castanheira, *P.* de Lisboa, pag. 412, letra D.
Maria da Conceiçaõ, Terceira Carmelita, pertence à Vidigueira, *A.* de Evora, pag. 312, letra F.
Sor Maria da Encarnaçaõ, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 225, letra G.
Sor Maria do Espirito Santo, Augustiniana, pertence a Goa, pag. 549, letra H.
D. Maria Fernandes, Cistercienſe, pertence a Coimbra, pag. 517, letra F.
Sor Maria de Jesus, Dominica, pertence a Lisboa, pag. 209, letra D.
Sor Maria de Jesus, Dominica, pertence a Monte mór o Novo, *A.* de Evora, pag. 478, letra D.
Sor Maria de Jesus, Agostinha Descalça, pertence a Lisboa, pag. 658, letra E.
Sor Maria de S. Joseph, Franciscana, pertence a Monchique, *B.* do Porto, pag. 602, letra E.
Sor Maria de S. Joseph, Carmelita Descalça, pertence a Lisboa, pag. 453, letra C.
A Veneravel Maria do Lado. Sua Trasladaçaõ, pertence ao Louriçal, *B.* de Coimbra, pag. 318, letra A.
Sor Maria Magdalena, Agostinha Descalça,

calça, pertence a Lisboa, pag. 36, letra F.
Sor Maria do Naſcimento, Franciſcana, pertence a Evora, pag. 502, letra C.
Sor Maria Perpetua da Luz, Carmelita, pertence a Béja, pag. 664, letra E.
Sor Maria do Roſario, Dominica, pertence a Elvas, pag. 99, letra B.
Sor Maria do Sepulchro, Franciſcana, pertence à Villa do Conde, *B.* do Porto, pag. 650, letra C.
Sor Maria de Santiago, Dominica, pertence a Moura, *A.* de Evora, pag. 262, letra H.
Marinha, *M.* Terceira Dominica, pertence ao Japaõ, pag. 591, letra E.
S. Marino, *M.* pertence a Lisboa, pag. 171, letra A.
Martim Gomes, *M.* Japaõ, pertence a Nangaſachi, pag. 390, letra D.
Fr. Martinho de Ledeſma, Dominico, pertence a Coimbra, pag 554, letra K.
O Veneravel Fr. Martinho de Valença, Piedoſo, pertence a Talmanalco, pag. 705, letra F.
D. Fr. Martinho de Ulhoa, Biſpo de S. Thomé, da Ordem de Chriſto, pertence a Lisboa, pag. 474, letra A.
Martyres XXXI. pertencem a Deva, pag. 172, letra K.
Martyres IX. pertencem ao Japaõ, pag. 351, letra H.
Martyres XIV. Japoens, pertencem a Yendo no Japaõ, pag. 591, letra F.
Martyres, XXXVII. Japoens, pag. 580, letra E.
D. Fr. Mattheus de Medina, Ciſtercienſe, pertence a Goa, pag. 352, letra I.
Matthias Arak, *M.* pertence a Nangaſachi, pag. 131, letra E.
Fr. Matthias de Azevedo, da Ordem Militar de Chriſto, pertence a Alcacer, em Africa, pag. 422, letra G.
Fr. Matthias da Conceiçaõ, Arrabido, pertence a Lisboa, pag. 224, letra E.
Matthias Xoan, ſua mulher, e 4 Companheiros *MM.* Japoens, pertencem a Zungaru, pag. 421, letra F.
O Padre Mauricio, da Companhia, pertence a Alcacer, em Africa, pag. 422, letra I.
Mecia, *M.* Japoa, pertence a Nangaſachi, pag. 528, letra D.
Sor Mecia, Dominica, pertence a Leiria, pag. 242, letra G.
D. Mendo, Biſpo, Conego Regrante, pertence a Oſma, pag. 482, letra I.
Miguel, Japaõ, pertence a Miaco, pag. 382, letra G.
O Irmaõ Miguel Alvares, da Companhia, pertence a Nangaſachi, pag. 336, letra E.
Fr. Miguel do Beco, Piedoſo, pertence ao Sardoal, *B.* da Guarda, pag. 224, letra C.
Fr. Miguel de S. Boaventura, Franciſcano, pertence a Caria, *B.* de Lamego, pag. 582, letra I.
O Padre Miguel de Carvalho, da Companhia, pertence a Vomura, pag. 655, letra A.
Miguel Caſaria, *M.* pertence a Nangaſachi, pag. 336, letra E.
D. Miguel de Caſtro, Arcebiſpo de Liſboa, pag. 3, letra B.
D. Miguel da Cruz, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 579, letra C.
O Padre Miguel Eſteves, da Companhia, pertence a Lisboa, pag. 479, letra E.
D. Miguel Paes, Biſpo de Coimbra, Conego Regrante, pag. 433, letra D.
S. Muciano, *M.* pertence a Antiga Luſitania, pag. 31, letra A.

N

Nicolao Kean Fucunanga, da Companhia, pertence a Nangaſachi, pag. 378, letra B.
Nove Martyres, do Japaõ, pag. 351, letra H.
O Padre Nuno Ribeiro, *M.* da Companhia, pertence a Amboino, pag. 632, letra A.

O

Otava de S. Pantaleaõ, *M.* pertence ao Porto, pag. 404, letra A.
Organtino, *M.* Japaõ, pertence a Deva, pag. 662, letra A.

P

Saõ Pantaleaõ, *M.* pertence a Nicomedia, pag. 321, letra A. Sua Dedicaçaõ, pertence ao Porto, pag. 404, letra D.
Paula de Antas de Macedo, pertence a Bragança, *B.* de Miranda, pag. 111, letra C.

Sor Paula de Jeſus, Carmelita, pertence a Lagos, *B.* do Algarve, pag. 488, letra C.
Paula do Roſario, pertence a Goa, pag. 253, letra G.
S. Paulo, e ſeus Companheiros *MM.* pertencem à Antiga Luſitania, pag. 31, letra A.
S. Paulo, *M.* pertence a Padraõ, em Galliza, pag. 331, letra B.
Paulo Sairo, *M.* Japaõ, pertence a Firando, pag. 509, letra L.
D. Payo Garcia, Conego Regrante, pag. 621, letra G.
Pedro, *M.* Japaõ, pertence a Miaco, pag. 516, letra D.
D. Pedro Alfarde, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 703, letra B.
O Padre Pedro de Caſſui, da Companhia, pertence ao Japaõ, pag. 81, letra B.
O Irmaõ Fr. Pedro de Figueiredo, Benedictino, pertence a Lisboa, pag. 68, letra G.
Fr. Pedro Lagarto, Arrabido, pag. 336, letra D.
Pedro Leitaõ de Gamboa, e outros *MM.* pertencem a Mombaça, pag. 581, letra F.
O Irmaõ Pedro Marques, da Companhia, pag. 635, letra C.
D. Pedro Seguino, Biſpo Orenſe, pertence a Coimbra, pag. 111, letra B.
D. Pedro Sueiro, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 684, letra C.
Fr. Pedro Vaſques, Dominico, pertence a Vomura, pag. 655, letra A.
Fr. Pedro de Zuniga, Eremita Auguſtiniano, pertence a Nangaſachi, pag. 619, letra E.
Noſſa Senhora de Penha de França, pag. 432, letra A.
Fr. Placido de Villalobos, Benedictino, pertence a Lisboa, pag. 581, letra H.
S. Proculo, *M.* pertence a Serpa, *A.* de Evora, pag. 228, letra A.

Q

Quatorze MM. Japoens, pertencem a Yendo, pag. 591, letra F.

R

O Padre Rodolfo Aquaviva, e ſeus Companheiros *MM.* da Companhia, pertencem a Coculim, na India, pag. 159, letra C.
Fr. Rodrigo de Lisboa, Eremita Auguſtiniano, pag. 423, letra K.
O Irmaõ Rodrigo de Menezes, da Companhia, pertence a Portugal, pag. 487, letra B.
Rodrigo Sanches de Paredes, Embaixador de Macao, *M.* pertence a Nangaſachi, pag. 408, letra C.
Fr. Rodrigo de Somira, Franciſcano, pertence a Villa de Noya, pag. 627, letra E.
Fr. Romano, Ciſtercienſe, pertence a Alcobaça, pag. 527, letra B.

S

FR. Salvador, Arrabido, pertence a Santarem, *P.* de Lisboa, pag. 269, letra B.
Fr. Salvador da Cruz, Arrabido, pertence a Alcacer, em Africa, pag. 422, letra H.
Santiago Apoſtolo, pag. 285, letra B.
Sebaſtiaõ Gomes, *M.* pertence a Arzilla, em Africa, pag. 12, letra H.
D. Sebaſtiaõ de Moraes, da Companhia, Biſpo do Japaõ, pertence a Moçambique, pag. 81, letra A.
D. Sebaſtiana de Albuquerque, Ciſtercienſe, pertence a Lorvaõ, *B.* de Coimbra, pag. 264, letra M.
Santa Serafina, *V.* pertence a Monçaõ, *A.* de Braga, pag. 341, letra A.
Simaõ, e 51 Companheiros *MM.* pertencem a Deva, no Japaõ, pag. 326, letra E.
O Padre Simaõ Rodrigues, Fundador da Companhia em Portugal, pertence a Lisboa, pag. 161, letra D.
Simaõ Sumaya, *M.* Japaõ, pertence a Oxu, pag. 380, letra D.
Simaõ Vaz de Pavia, Embaixador de Macao, pertence a Nangaſachi, pag. 408, letra C.
Simaõ, *M.* pertence a Dinthraõ, na Cochinchina, pag. 142, letra C.
Simaõ, *M.* Japaõ, pertence a Nangaſachi, pag. 691, letra D.
S. Siſenando, *M.* pertence a Béja, pag. 187, letra A.
Sor Siſenanda Bautiſta, Franciſcana, pertence a Béja, pag. 524, letra F.
Santo Stercario, *M.* pertence a Merida, pag. 271, letra A.

T

O *Padre Thomás Arnáo*, da Companhia, pertence a Angra, pag. 477, letra C.

Fr. Thomás da Coſta, Dominico, pertence a Almeirim, *A.* de Evora, pag. 18, letra B.

Thomé, *M.* pertence ao Japaõ, pag. 118, letra B.

Thomé, *M.* pertence a Nangaſachi, pag. 692, letra E.

D. Thomé, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 135, letra B.

Fr. Thomé de Brito, da Ordem Militar de Chriſto, pertence a Alcacer, em Africa, pag. 422, letra G.

O Irmaõ Thomé Nixifori, e 4 Companheiros *MM.* da Companhia, pertencem a Nangaſachi, pag. 261, letra E.

D. Theodoſio, Conego Regrante, pertence a Lisboa, pag. 579, letra B.

Fr. Theodoſio de S. Bento, Benedictino, pertence a Lisboa, pag. 99, letra D.

S. Theotonio. Sua Collocaçaõ, pertence a Vianna, *A.* de Braga, pag. 432, letra B. Sua Trasladaçaõ pertence a Coimbra, pag. 694, letra B.

D. Theotonio, Arcebiſpo de Evora, pag. 341, letra B.

Sor Thereſa de Jeſus, Religioſa da Conceiçaõ, pertence a Braga, pag. 645, letra A.

S. Tholobeu, Arcebiſpo de Braga, pag. 32, letra B.

S. Torcato, Biſpo, e *M.* pertence a Guimarães, *A.* de Braga, pag. 139, letra A.

Trasladaçaõ da Veneravel Maria do Lado, pertence ao Louriçal, *B.* de Coimbra, pag. 418, letra A.

Trasladaçaõ de D. Mafalda, Rainha de Caſtella, Ciſtercienſe, pertence a Arouca, pag. 469, letra B.

Trasladaçaõ da Rainha a Beata Thereſa, pertence a Coimbra, pag. 520, letra B.

Trasladaçaõ de Santa Eufemia, *V. M.* pag. 585, letra A.

Trinta e ſete MM. Japões, pag. 580, letra E.

Trinta e hum MM. pertencem a Deva, pag. 172, letra K.

U

FR. *Vaſco Correa*, Franciſcano, pertence à Carnota, *P.* de Lisboa, pag. 288, letra E.

Vicente, *M.* pertence a Sinoa, no Oriente, pag. 167, letra E.

Fr. Vicente Barqueiro, Franciſcano, pertence a Santa Sita, junto a Thomar, pag. 401, letra D.

O Irmaõ Fr. Vicente da Coſta, Conego Regrante, pertence a Coimbra, pag. 546, letra E.

S. Victor, e dous Companheiros *MM.* pertencem a Merida, pag. 271, letra A.

Vigildo Pires, Ermitaõ, pertence a Reris, pag. 208, letra A.

Sor Violante da Aſcenſaõ, Dominica, pertence a Setuval, *P.* de Lisboa, pag. 215, letra D.

Sor Violante da Coroa, Franciſcana, pertence à Caſtanheira, *P.* de Lisboa, pag. 471, letra D.

Sor Violante de Jeſus, Capucha, pertence a Lisboa, pag. 71, letra A.

Viſitaçaõ de Noſſa Senhora, pertence a Portugal, pag. 17, letra A.

Urſula Maria, Japoa, pertence a Ximabara, pag. 628, letra B.

X

FR. *Xiſto*, *M.* Franciſcano, pertence à India Oriental, pag. 684, letra D.

INDEX
DAS
DEDICAÇOENS DAS IGREJAS,

Que ſe contém no Texto Agiologico deſte IV. Tomo.

Santa Maria de Alcaçova de Santarem, pag. 694, letra A, e pag. 700, letra A.
S. Nicolao, do Porto, pag. 702, letra A, e pag. 708, letra A.
Sé de Braga, pag. 331, letra A.
Sé de Viſeu, pag. 69, letra A.
S. Pantaleaõ, do Porto, pag. 404, letra A.

INDEX
DOS
CONVENTOS DE FRADES.

Noſſa Senhora de Almeirim, da Ordem dos Prégadores, pag. 29, letra B.
Noſſa Senhora da Arrabida, pag. 340, letra D.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ, de Matozinhos, pag. 356, letra C.
Noſſa Senhora da Divina Providencia, de Religioſos Theatinos, de Lisboa, pag. 461, letra B.
Noſſa Senhora de Penha de França, de Religioſos de Santo Agoſtinho, pag. 432, letra A.
Santa Catharina da Carnota, da Ordem de S. Franciſco, pag. 306, letra E.
Santa Cruz de Buſſaco, de Carmelitas Deſcalços, pag. 186, letra L.
S. Domingos, de Azeitaõ, pag. 604, letra D.
S. Domingos, de Santarem, pag. 267, letra F.
Eſpirito Santo, da Ordem da Arrabida, pag. 229, letra D.
S. Franciſco, de Religioſos da Terceira Ordem, em Caria, pag. 268, letra L.
S. Joaõ Evangeliſta, de Reciaõ, na Comarca de Lamego, pag. 583, letra D.
S. Joaõ, de Tarouca, da Ordem de S. Bernardo, pag. 7, letra D.
S. Martinho, de Lievana, da Ordem de S. Bento, pag. 38, letra B.
S. Simaõ, da Junqueira, no Arcebiſpado de Braga, pag. 626, letra G.

INDEX
DOS
CONVENTOS DE FREIRAS.

Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, da Ordem de S. Domingos da Villa de Moura, pag. 249, letra H.
Noſſa Senhora do Bom Succeſſo, de Religioſas Dominicas, pag. 230, letra G.
Noſſa Senhora da Conceiçaõ, de Braga, pag. 652, letra A.
Noſſa Senhora da Madre de Deos, de Monchique, da Ordem de S. Franciſco, pag. 16, letra D.
Noſſa Senhora da Miſericordia, de Recoletas em Lisboa, pag. 25, letra H, e pag. 314, letra A.
Noſſa Senhora das Reliquias, de Carmelitas, na Villa da Vidigueira, pag. 320, letra F.
Santo Agoſtinho, de Deſcalças do meſmo Santo, pag. 39, letra F.

Santo Agoſtinho, de Conegas Regrantes, em Chellas, pag. 392, letra A.
Santa Catharina de Sena, da Ordem de S. Domingos, em Evora, pag. 710, letra E.
Santa Clara, da Ordem de S. Franciſco, em Béja, pag. 231, letra I.
Santa Clara, no Louriçal, pag. 424, letra A.
Santa Clara, em Guimarães, pag. 429, letra D.
O Eſpirito Santo, de Beatas Recoletas, na Vidigueira, pag. 320, letra F.
O Convento de Jeſus, da Ordem de S. Jeronymo, na Villa de Vianna, pag. 338, letra C.
O Convento de Jeſus, de Aveiro, pag. 414, letra B.

INDEX TOPOGRAFICO DAS CIDADES, VILLAS, E LUGARES, Que ſe deſcrevem nos Commentarios deſte IV. Tomo.

A

Alcaçar do Sal, pag. 525, letra A.
Almada, na Eſtremadura, pag. 78, letra A.
Amfilochia, em Galliza, pag. 217, letra B.
Amuy, na India, pag. 254, letra F.
Auça Gurele, no Reyno de Adel, pag. 473, letra C.
Aviz, na Provincia de Alentejo, pag. 558, letra A.
Azeitaõ, na Eſtremadura, pag. 604, letra D.

B

Bija, na Provincia de Alentejo, pag. 199, letra A.
Bengala, na Aſia, pag. 517, letra A.
Bitonto, no Reyno de Napoles, pag. 688, letra B.
Braga, pag. 337, letra A.
Brendiſe, na Provincia de Otranto, Reyno de Napoles, pag. 266, letra B.
Buſſaco, Serra, na Comarca de Coimbra, pag. 186, letra L.

C

Caparra, na Antiga Luſitania, pag. 37, letra A.
Ceſaréa Mauritana, em Africa, pag. 120, letra A.
Chypre, Ilha do Mediterraneo, pag. 314, letra A.
Cochinchina, Reyno no Oriente, pag. 61, letra D.
Cuba, na Provincia de Alentejo, pag. 689, letra H.

D

Dio, no Reyno de Cambaya, pag. 700, letra C.

F

Feira (Villa) na Provincia da Beira, pag. 701, letra D.

G

Guimarães, pag. 482, letra C.

I

Ilha Terceira, pag. 483, letra C.

L

Linhares (Villa) na Provincia da Beira, pag. 246, letra C.
Louriçal, na Provincia da Beira, pag. 424, letra A.

M

Maduré, na India Oriental, pag. 640, letra B.
Marrocos, em Africa, pag. 60, letra B.
Medina del Campo, pag. 404, letra F.
Merida, Cabeça da Antiga Luſitania, pag. 277, letra A.
Mertola, na Provincia de Alentejo, pag. 114, letra A.
Miaco, no Japaõ, pag. 207, letra D.
Moçambique, em Africa, pag. 82, letra A.
Moimenta da Beira, pag. 575, letra F.
Mombaça, na Ethiopia Oriental, pag. 583, letra F.

N

Nicomedia, na Aſia Menor, pag. 327, letra A.
Noya (Villa) no Reyno de Galliza, pag. 689, letra E.

O

Oliveira do Conde, na Provincia da Beira, pag. 70, letra B.
Ormuz, pag. 526, letra D.
Oſma, no Reyno de Caſtella, pag. 485, letra I.
Oſſuna, em Andaluzia, pag. 374, letra B.

P

Padraõ (Villa) no Reyno de Galliza, pag. 338, letra B.
Palma (Cidade) nas Ilhas Canarias, pag. 175, letra B.
Parma, Cidade de Italia, pag. 100, letra A.
Pederneira, no Termo de Alcobaça, pag. 512, letra F.
Pernambuco, pag. 429, letra E.
Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, pag. 577, letra I.
Prado (Villa) na Provincia do Minho, pag. 151, letra D.

R

Reſende, na Provincia da Beira, pag. 661, letra E.

S

Sanuqui, Reyno na Ilha de Xiocu, no Imperio do Japaõ, pag. 206, letra C.
Satam, na Provincia da Beira, pag. 268, letra M.
Serpa, na Provincia de Alentejo, pag. 131, letra A.
Siguença, em Caſtella a Nova, pag. 174, letra A.
Sinoa, no Reyno da Conhinchina, pag. 183, letra E.
Santa Sita, junto a Thomar, pag. 404, letra D.

T

Tanná, no Seyo de Cambaya, pag. 576, letra H.
Timor, Ilha no Oriente, pag. 15, letra C.

U

Vianna, na Provincia de Alentejo, pag. 338, letra C.
Vidigueira, na Provincia de Alentejo, pag. 319, letra F.
Vizeu, Cidade, pag. 270, letra A.
Urros, na Provincia de Tras os Montes, pag. 644, letra B.

FIM.